Sousa, António Caetano de

Historia Genealogica Da Casa Real Portugueza Desde A Sua Origem Até O Presente, com as Familias illustres, que procedem dos Reys, e dos Serenissimos Duques de Bragança ...
Bd.: 11

Lisboa Occidental (1745)

HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA,

DESDE A SUA ORIGEM ATÉ O PRESENTE,
com as Familias illustres, que procedem dos Reys,
e dos Serenissimos Duques de Bragança.

JUSTIFICADA COM INSTRUMENTOS,
e Escritores de inviolavel fé,

E OFFERECIDA A ELREY

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR

POR

D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA,
C. R. Deputado da Junta da Cruzada, e Academico do numero da Academia Real.

TOMO XI.



LISBOA,
Na Regia Officina SYLVIANA, e da Academia Real.
M. DCC. XLV.

Com todas as licenças necessarias.



ADVERTENCIA.

COmo o nosso mayor cuidado foy sempre satisfazer aos curiosos, nos pareceo precisa esta addicçaõ, com que supprimos algumas noticias, ou acontecimentos, que succederaõ depois da impressaõ.

No Livro XI. Capitulo I. pag. 33 se disse, que a Duqueza de Coimbra D. Brites era morta no anno de 1531, por huma conjectura; porém de huma memoria daquelle tempo, de que abaixo faremos mençaõ, consta, que foy em huma quinta feira do mez de Outubro de 1535, estando a Corte em Evora, e que tomaraõ luto os Reys, e Infantes. No Capitulo II. do dito Livro pag. 41 do Duque de Aveiro D. Joaõ, naõ soubemos o seu nascimento, e foy no anno de 1501. No dito Livro Capitulo X. pag. 175 se trata de Dom Gabriel de Lencastre, VII. Duque de Aveiro, sendo vivo, depois morreo em Lisboa a 23 de Junho deste anno de 1745. Jaz em Aveiro no Convento das Religiosas da Ordem do Patriarca S. Domingos. No Capitulo XXIII. pag. 363 D. Joseph de Lencastre, Commendador de S. Joaõ de Trancoso, está concertado a casar com D. Leonor Henriques, filha herdeira de D. Antonio Henriques, VIII. Senhor das Alcaçovas, de quem se fez mençaõ a pag. 858 do Tomo X. e neste a pag. 454.

Em o Livro XII. Capitulo XIII. pag. 569 se disse, que o V. Conde de Atalaya D. Pedro Manoel

nascera

nafcera em Vianna no anno de 1665. Naõ he affim; porque nafceo no anno de 1664 a 13 de Julho, como confta do affento, que temos dos livros dos bautizados daquella Villa.

No Livro XIII. Parte II. Capitulo I. pag. 800 allegamos fendo vivo D. Francifco de Almeida Mafcarenhas, Principal da Santa Igreja de Lisboa, de quem já a pag. 814 do Tomo X. tinhamos feito mençaõ, morreo em Almada a 18 de Outubro defte anno de 1745, onde jaz no Convento de S. Paulo da Ordem dos Prégadores, Varaõ eminente em letras, efclarecido em fangue, ornado de virtudes, com fingular viveza, fublime talento, empregado em continua applicaçaõ, com que confeguio huma vafta, e profunda erudiçaõ: foy hum dos excellentes Socios da Academia Real da Hiftoria Portugueza, que illuftrou com as fuas laboriofas fadigas, as quaes continuando fempre, certamente enriqueceriaõ o Orbe Litterario, fe lhe naõ foffe taõ curta a vida para fatisfazer o que a fua bella idéa tinha delineado, e pofto em execuçaõ nos feus preciofos trabalhos; de forte, que tudo quanto fe póde confiderar digno de fazer recomendavel à pofteridade hum Varaõ grande, concorreo na fua peffoa; porque fobre fabedoria, a vida Ecclefiaftica, que abraçara, feguio fempre, fem fer contaminada, antes praticada com edificaçaõ; de forte, que a fua efclarecida peffoa fe fazia por fciencia, e coftumes, benemerita das mayores Dignidades do Mundo: a fua memoria nos ferá fempre fentida, como pede o trato, e benignidade, com que tanto

nos

nos honrou, fazendonos igualmente participantes do conhecimento de ſuas excellentiſſimas virtudes, e dos ſeus favores, que a noſſa gratidaõ conſervará eternamente em huma ſaudoſa lembrança. A pag. 902 do referido Livro, depois de Varaõ taõ Santo, ſe deve accreſcentar o ſeguinte: Caſou com D. Branca de Caſtro, filha de D. Gonçalo Coutinho, Commendador da Arruda; e deſte eſclarecido matrimonio &c.

E com eſta occaſiaõ ſuppriremos aos curioſos algumas noticias, que deſcobrimos depois que tratámos dos Principes da Caſa de Bragança. No Livro IV. Capitulo VI. pag. 247, donde tratámos da Infanta D. Iſabel, Emperatriz de Alemanha, ſendo bautizada, foy ſeu Padrinho o Duque de Bragança, e Madrinha a Duqueza Dona Iſabel ſua mãy. No Livro VI. *Capitulo* XII. pag. 681 do Tomo V. A Senhora D. Joanna, Marqueza de Elche, que naſceo no anno de 1521, foy no dia 2 de Abril. No Livro VI. Capitulo XIII. pag. 101 do Tomo VI. em que tratámos da Duqueza D. Iſabel de Lencaſtre, e a pag. 55 do Tomo IX. entaõ ignorámos o ſeu naſcimento, que foy em huma ſeſta feira 14 de Agoſto de 1506. No dito Tomo VI. pag. 108 D. Jayme naſceo em Junho de 1560. Eſtas notas, que os curioſos poderáõ accreſcentar em ſeus proprios lugares, tal vez a outros lhes pareceráõ bem deſneceſſarias, com tudo nós nos ſatisfazemos dos que as eſtimarem; porque ſabemos o preço, que val, ſaber huma couſa, que ſe ignora. Oxalá que na meſma parte, onde eſtas ſe conſervaõ eſcritas pelo famoſo Mathematico

Antonio

Antonio Maldonado de Hontiveros, nas margens das Efemerides de Pedro Pitato, e de Joaõ Stoffler, e Jacobo Offaumen, que ſe conſervaõ na Bibliotheca Regia, puderamos ter outras muitas ſemelhantes, com que repareſſemos, o que naõ ſoubemos, nem a noſſa diligencia pode deſcobrir.

INDEX

INDEX
DOS CAPITULOS,
que se contém neste Tomo.

LIVRO XI.

LIVRO XII.

CAP.

LIVRO XIII.

PARTE I.

PARTE II.

HISTO-

HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

LIVRO XI.

CONTÉM

Duques de Aveiro,

Marquezes de Porto Seguro,

Duques de Abrantes,

Commendadores mòres de Aviz,

Condes de Villa-Nova,

Commendadores de Coruche.

13 O Se-

13 O Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra.

14 D. Joaõ, I. Duque de Aveiro. | D. Affonso, Commendador mór de Santiago. | D. Luiz, Commendador mór de Aviz, adiante. | D. Jayme, Bispo de Ceuta.

15 Dom Jorge, II. Duque de Aveiro. | D. Pedro Diniz de Lencastre. | Dom Alvaro, III. Duque de Aveiro.

16 D. Juliana, III. Duqueza de Aveiro. | D. Jorge, I. Duque de Torres-Novas. | D. Affonso, Marquez de Porto Seguro. | D. Pedro, Inquisidor Geral, V. Duque de Aveiro. | D. Luiz Barnabé, Marquez de Malagon. | D. Magdalena, Condessa de Faro. | D. Maria, Marqueza de Gouvea. | D. Violante, Condessa de Basto.

17 D. Raymundo, IV. Duque de Aveiro. | D. Maria de Guadalupe, VI. Duqueza de Aveiro. | Dom Agostinho, Duque de Abrantes. | D. Maria de Lencastre, Condessa de Banhos.

18 D. Gabriel de Lencastre, VII. Duque de Aveiro. | D. Fernando, Duque de Linhares. | D. Manoel, Patriarca de Indias, Duque de Abrantes. | D. Josefa de Lencastre, Condessa de Enjarada. | D. Manoela de Lencastre, Marqueza de Santa Cruz del Viso.

14 D. Luiz de Lencaſtre, Commendador môr de Aviz.

15 D. Luiz de Lencaſtre, Commendador môr de Aviz. | D. Joaõ de Lencaſtre, adiante. | D. Brites de Lencaſtre, Duqueza de Bragança. | D. Maria de Lencaſtre, Condeſſa da Calheta. | D. Magdalena de Granada.

16 D. Franciſco Luiz de Lencaſtre, Commendador môr de Aviz. | D. Magdalena de Lencaſtre, Baroneza de Alvito.

17 D. Pedro de Lencaſtre, II. Conde de Figueiró. | D. Veriſſimo, Cardeal, e Inquiſidor Geral. | D. Joſeph, Biſpo, e Inquiſidor Geral. | D. Marianna de Lencaſtre.

18 D. Joſeph de Lencaſtre, III. Conde de Figueiró. | D. Luiz de Lencaſtre, IV. Conde de Villa-Nova.

19 Dom Pedro de Lencaſtre, V. Conde de Villa-Nova. | D. Maria de Lencaſtre, Marqueza de Caſtello-Novo. | Dona Helena de Lencaſtre, Marqueza de Fronteira. | D. Thereſa de Lencaſtre, Condeſſa de Coculim.

20 Dona Iſabel de Lencaſtre, Herdeira.

21 Dom Joſeph Maria de Lencaſtre.

15 D. Joaõ

15 D. Joaõ de Lencaſtre, Commendador de Coruche.

16 D. Lourenço de Lencaſtre, Commendador de Coruche.

17 D. Rodrigo de Lencaſtre, Commendador de Coruche.

18 D. Lourenço de Lencaſtre, Commendador de Coruche. | Dona Joanna de Lencaſtre, Condeſſa de Unhaõ, e Marqueza de Fontes. | Dom Joaõ de Lencaſtre, do Conſelho de Guerra. | D. Marianna de Lencaſtre.

19 D. Rodrigo de Lencaſtre, Commendador de Coruche. | D. Pedro de Almeida de Lencaſtre. | D. Rodrigo de Lencaſtre. | D. Antonio Principal de Lencaſtre. | D. Ignez de Lencaſtre, Condeſſa das Galveas. | D. Caetana de Lencaſtre.

20 D. Antonio de Lencaſtre. | D. Guiomar de Lencaſtre, Herdeira. | D. Joſeph de Lencaſtre. | D. Joaõ de Lencaſtre. | D. Anna Joachina de Lencaſtre. | D. Lourenço, Prelado da Santa Igreja de Lisboa. | D. Antonio de Lencaſtre.

D. Lourenço de Lencaſtre. | D. Manoel Thadeu Lopes de Carvalho. | D. Joſeph Raymundo de Lencaſtre.

HISTORIA



HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

LIVRO XI.

CAPITULO I.

O Senhor Dom Jorge, Duque de Coimbra.



E nenhuma couſa exalta mais as grandes Familias, do que ſerem alliadas com a Soberana do ſeu Reyno, tambem nenhuma lhe póde dar mayor luſtre, e eſplendor, do que deſcender huma Familia da Caſa Real dos ſeus proprios Soberanos. Já deixamos eſcrito no Livro IV. pag. 145 do Tomo III. a filiaçaõ deſte Prin-

cipe, que ElRey D. Joaõ II. creou com taõ grande amor, como quem deſejou, que lhe ſuccedeſſe na Coroa, vendo-ſe ſem outra ſucceſſaõ.

Chron. do Principe D. Joaõ, cap. 104, e *Chronica delRey Dom Joaõ II.* cap. 112, de Rezende, e Pina dita *Chron.* m.ſ.
Chronic. de S. Domingos, part. 2. liv. 5. cap. 9.
Kitershuſio, part. 2. Tab. 3.
Sainćte Marthe, *Hiſt. Geneal. de Franc.* tom. 2. liv. 28. cap. 61. pag. 760.
P. Anſelme, *Hiſt. Geneal. de la Maiſon de France*, tom. 1. cap. 20, §. XV. pag. 668.
Imhoff, *Stemma Regium Luſit.* Tab. IX.

Naſceo o Senhor D. Jorge na Villa de Abrantes a 12 de Agoſto do anno de 1481, e foy creado no Moſteiro de Aveiro pela Infanta D. Joanna, que naquelle Moſteiro entaõ vivia, e hoje veneramos no Altar com o titulo de Beata, a quem por ter ſido jurada herdeira do Reyno, chamamos communmente a *Princeza Santa Joanna*. De idade de tres mezes ſe creou na ſua companhia, e ainda que Santa, foy com o decóro, que ſe devia a ſer filho delRey ſeu irmaõ. Contava nove annos o Senhor Dom Jorge, quando ſua tia morreo em Aveiro a 12 de Mayo do anno de 1490, e naõ ſendo conveniente, faltando a Princeza, poderſe dilatar naquelle lugar, cuidou ElRey em o transferir para a Corte, para que na ſua preſença foſſe educado: e porque ſuppoſto ſejaõ ſemelhantes filhos eſcandalo do matrimonio, naõ podia ElRey, depois de o haver gerado, diſpenſarſe de o honrar, com as circunſtancias de ſeu filho, eſtando já eſquecidos os diſſabores, que com a Rainha ſua eſpoſa ſobre eſta materia ſe paſſaraõ: naõ quiz ſobre ella reſolver alguma couſa, como ſabio, e politico, ſem que o praticaſſe com a Rainha, pedindolhe no ſeu parecer a approvaçaõ. A Rainha, em quem o exercicio das virtudes era igual ao amor, com que venerava a ElRey ſeu eſpoſo, naõ ſó approuou a determinaçaõ; mas lhe pedio por merce, que lho

dei-

deixasse crear no seu quarto; porque sendo seu filho, o havia de crear como se fora nascido do Real Thalamo; ElRey com vivas expressoens de agradecimento, mostrou na alegria o quanto estimava o beneplacito da Rainha. Em Junho, no dia em que se contavaõ quinze daquelle mez, entrou o Senhor D. Jorge na Corte, que entaõ tinha a sua residencia na Cidade de Evora. Foy seu Conductor o Bispo do Porto D. Joaõ de Azevedo, e outras pessoas de conhecida nobreza, que na jornada o acompanhavaõ, e serviaõ. Sahio o Principe seu irmaõ fóra da Cidade a recebello, e o Duque de Béja, e muitos Senhores grandes, e fidalgos, que o acompanharaõ, além de outra muita gente nobre, que se achou presente; e porque a Corte trazia luto pela Princeza Santa, se naõ fez demonstraçaõ alguma de festa: o Senhor D. Jorge assim que avistou ao Principe, se apeou para lhe beijar a maõ, o que o Principe naõ consentio, que fizesse senaõ a cavallo, e dandolhe a maõ, o abraçou com honra de irmaõ, e se seguio a abraçallo o Duque de Béja, e outros titulos, que se acharaõ presentes, acompanhando ao Principe, e mandados por ElRey a recebello; e tomando o lugar do meyo entre o Principe, e Duque, foraõ ao Paço, em que ElRey entaõ estava naquella Cidade, que eraõ as casas de Joaõ Mendes de Oliveira, Morgado de Oliveira, e beijando a maõ a ElRey seu pay, que mostrou grande contentamento de o ver, e depois de o honrar com aquellas demonstrações devidas à

peſſoa de ſeu filho, paſſou ao Quarto da Rainha a beijarlhe a maõ, que o recebeo com grande alegria, e carinho, fazendolhe eſpeciaes honras, accreſcentando a eſtas outra muito mayor, e mais publica; porque o tomou a ſi para o crear no ſeu Quarto, como a ſeu proprio filho, em tudo o que podia ſer conveniente à vida, e à boa educaçaõ de hum Principe, o que fez com notavel amor todo o tempo, que o Senhor Dom Jorge aſſiſtio na Caſa da Rainha, que foy até o em que morreo o Principe D. Affonſo ſeu irmaõ; porque entaõ ElRey com a politica de tirar diante dos olhos da Rainha ſua eſpoſa, huma viva cauſa de ſe augmentar a ſua magoa com a viſta do Senhor Dom Jorge, o entregou a D. Joaõ de Almeida, II. Conde de Abrantes, que era Guarda môr da peſſoa delRey, em quem concorriaõ virtudes, e merecimentos para a confiança delRey lhe entregar ſeu filho, e eſperar o educaſſe nas virtudes de Principe, deſempenhando o bom conceito, que ElRey juſtamente fazia da peſſoa do Conde, ordenando, que por entaõ naõ foſſe ao Quarto da Rainha. Eſta idéa foy taõ errada, e a Rainha ſe deu por taõ ſentida, que ja mais em quanto ElRey viveo, nem o admittio no ſeu Quarto, nem o vio, ſem embargo de ElRey lho pedir, de que ſe ſeguiraõ alguns domeſticos diſſabores; porque a ElRey ſe lhe fazia dura a ſeparaçaõ, e com mayores penſamentos deſejava ao Senhor Dom Jorge na graça da Rainha, como moſtrou depois o tempo, deſejando legitimar,

e ha-

e habilitar para a Coroa a este filho, o que a Rainha impugnou de sorte, que pode com a sua prudencia vencer toda a grande idéa, e politica de hum Rey verdadeiramente sabio, e astuto.

Pouco depois da morte do Principe D. Affonso impetrou ElRey para o Senhor D. Jorge por especial Bulla do Papa Innocencio VIII. o Mestrado da Ordem de Santiago, e juntamente o governo, e administraçaõ da Ordem de Aviz. Estava ElRey em Lisboa quando chegaraõ as Bullas, e juntas as duas Ordens no Convento de S. Domingos a 12 de Abril do anno de 1492, nellas se vio, que o Papa lhe concedia aquella graça, e tendo precedido Missa solemne, em toda a ceremonia, deraõ obediencia os Commendadores, e Cavalleiros das ditas Ordens ao Senhor Dom Jorge: foy feito este acto com grande pompa, e magestade, a que ElRey assistio com tanto gosto, que bem mostrava o amor, que lhe tinha. Naõ contava o Senhor D. Jorge mais que onze annos, e assim ElRey lhe deu por Ayo a D. Diogo Fernandes de Almeida, pessoa de qualidade, e de merecimentos, depois Prior do Crato na Ordem de Saõ Joaõ. Amou ElRey muito a este filho; e assim foraõ muitos os negociados, com que intentou fazello seu successor na Coroa: porém de todas estas diligencias veyo a ceder; porque reconhecendo indisputavel o direito de seu primo o Duque de Béja, o veyo a nomear successor do Reyno. Naõ perdeo nunca ElRey a memoria de engrandecer, e estimar ao Senhor

Chronica do dito Rey, cap. 136.
Zapater, *Historia das Ordens Militares*, na de Aviz, cap. 6. pag. 559, impr. em 1662.
D. Agostinho Manoel, *Vida delRey D. Joaõ II.* pag. 251.
Pina, Chronica do dito Rey, cap. 48.

nhor Dom Jorge, deſejando, que elle ſuccedeſſe na Coroa, e ainda depois de a ter nomeado em ElRey D. Manoel, lhe ordena, que no caſo de naõ ter filhos, lhe ſucceda elle no Reyno, como diz em eſta verba do ſeu teſtamento: *Outro ſy ao ditto Duque meu muito amado, e prezado Primo, rogo, mando, e encomendo pello muito amor, que lhe ſempre tive, e muito boas obras, que de mjm tem recebidas, que ao dito Dom Jorge, meu muito amado, e prezado filho, receba por ſeu filho, em tal guiza, que naõ lhe dando Noſſo Senhor fijos lidimos, que ajaõ de ſoceder eſtos meus Regnos, e Senhorios, lhe fique ſeu herdeiro, e o faça jurar, e dar obediencia, e menagens, e mandar fazer eſcripturas, que cumprirem com aquellas clauſulas, e ſollemnidade, que para tal auto ſe requerem, e lhe encomendo muito o dito meu filho, e lhe rogo, encomendo, que ſempre ſe queira aver com elle, como eu delle eſpero, e confio, que o fara pello muito amor, que me tem, e lhe eu ſempre tive, e moſtrei niſto, e em outras couzas, que por elle tenho feitas.* Neſte meſmo teſtamento, que foy feito na Villa das Alcaçovas a 29 de Setembro de 1495, lhe fez Doaçaõ da Cidade de Coimbra em Ducado, e tudo o mais que tivera o Infante D. Pedro ſeu avô, da meſma ſorte, que lho dera ElRey D. Joaõ ſeu viſavô pelas ſuas Doações, havendo por revogada a Ley Mental, e outras quaeſquer, com todas as clauſulas eſpecioſas para a ſua validade, recomendandolhe ſupplicaſſe ao Papa o Meſtrado de Chriſto, que o Du-

que

que entaõ tinha para o poder gozar com o de Santiago, e Aviz. E prevendo o casamento de seu filho, lhe declara a sua vontade na clausula seguinte: *Outro sym prazendo a Nosso Senhor, que o dito Duque, meu muito amado, e prezado Primo aja alguma filha, ou filhas, lhe rogo pello muito amor, que lhe tenho, e boas obras, que lhe sempre fiz, que elle caze a mayor que tiver com o dito Dom Jorge meu muito amado, e prezado filho, dando em cazamento aquelle dote, que hê costumado de se dar a semelhantes pessoas.* Todas estas expressoens saõ a mais qualificada prova do amor, que ElRey teve a este filho.

Prova num. 28. do Tomo II. das *Provas*, pag. 167.

Neste mesmo anno faleceo ElRey D. Joaõ na Villa de Alvor, ao tempo que o Senhor D. Jorge se achava em Villa-Nova de Portimaõ no Reyno do Algarve, e depois de depositarem o Real cadaver na Sé de Silves, todos os Senhores, e Fidalgos, que se achavaõ no Algarve, foraõ ver ao Senhor D. Jorge, e dalli partio acompanhado de todos para o Reyno. ElRey D. Manoel o tinha mandado visitar com huma Carta de pezames, que lhe levou Henrique Correa, (meyo irmaõ de sua mãy) Senhor da Torre da Murta, e do Conselho delRey D. Joaõ II. Achava-se ElRey em Montemôr o Novo, onde o Mestre de Santiago foy sem dilaçaõ, e entrando na sua Camera, levando-o pela maõ seu Ayo D. Diogo Fernandes de Almeida, Varaõ dotado de valor, prudencia, e outras virtudes, que fizeraõ recomendavel o seu nome à posteridade, apresentou a ElRey o

Mes-

Meſtre, e em hum bem deduzido diſcurſo, lhe trouxe à memoria as grandes obrigações, em que eſtava a ElRey D. Joaõ II. ſeu primo, pois o havia eſtimado tanto, que o adoptara como filho, naõ havendo couſa, em que naõ engrandeceſſe a ſua peſſoa; motivos, que o obrigavaõ a lhe pedir da parte do meſmo Rey, que lembrando-ſe igualmente do amor, e dos beneficios, eſperava, que o mundo todo viſſe a ſua Real gratidaõ na peſſoa de ſeu filho, que punha aos ſeus pés. O Biſpo D. Jeronymo Oſorio, referindo eſta introducçaõ do Meſtre na preſença delRey, eſcreveo com tanta elegancia, e energia eſta Pratica de D. Diogo, que nos pareceo tranſcrever as ſuas proprias palavras.

Oſorius, *de Rebus Emmanuelis*, lib. 1. pag. 4. Coloniæ 1586.

„ Rex Joannes, qui tibi patruelis frater natura „ fuit, amore autem germanus, mihi ſignificavit mo„ riens, ſe cum animo æquiſſimo è vita diſcedere, „ una tantùm cura ſolicitari, quòd hunc filium in ſo„ litudine, & orbitate relinqueret. Eam tamen ſoli„ tudinem eo ſolatio, quo utebatur, alevari, quòd „ veniret illi in mentem, quàm ſingularis eſſet benig„ nitas tua, quàm gratus animus, & quàm ad omnes „ regiæ virtutis laudes ſtudio, & voluntate propen„ ſus. Præcepit deinde mihi, ut ſuo nomine te ro„ garem, & obſecrarem, ſi is te in filij loco dilexiſ„ ſet, ſi muneribus omnibus, quibus potuit, affeciſ„ ſet, ſi nullum tui ornandi locum prætermiſiſſet, ut „ tam egregiæ in te voluntatis memoriam retineres, „ & parem voluntatem huic ſuo unico filio, quem

„ omni

„omni reliquæ vitæ præsidio destitutum relinquebat,
„redderes, & cogitares, quid ille, si tibi fuissent na-
„ti filij, eis facturus fuisset, si ita accidisset, ut tu
„ante illius obitum è vita migrares. Præterea hoc
„etiam mihi in mandatis dedit, ut hunc illius filium
„frequenter admonerem, ut te semper unicè cole-
„ret, & observaret, tibique in omnibus rebus obtem-
„peraret, in eoque pugnaret, ut à nemine fide, amo-
„re, studio erga te superari posset. Quò enim te
„propiùs sanguine attingebat, eò magis convenire,
„ut observantia, & pietate erga te omnibus antece-
„leret, nec in ullo in amplitudinem tuæ dignitatis of-
„ficio se vinci pateretur. Hæc quidem ille mihi, ut
„facerem, imperavit. Ego, ut officio meo fungar,
„illius filium in hac tam tenera, ut vides, ætate, ta-
„li parente orbatum, tibi nomine illius trado, natu-
„ra, & genere propinquum, casus acerbitate pupil-
„lum, voluntate supplicem, conditione famulum, ut
„eum in fidem tuam recipias, & ornes, & augeas;
„ut sic tandem cognosci ab omnibus possit Regius
„iste animus, in referenda gratia, & beneficiorum
„memoria conservanda diligentissimus. Quodsi, ut
„confidimus, feceris, ab omnibus laudem admodum
„grati, atque magnifici Principis consequeris: mul-
„tòque arctius tibi tuorum omnium voluntates hac
„tam insigni probitatis significatione devincies. „

Ouvio ElRey com taõ benigna attençaõ a D. Diogo, que movido de vehemente compaixaõ, foraõ as lagrimas demonstradoras do affecto, que em-

baraçavaõ as palavras, com que finamente proferio, que a pessoa de D. Jorge estimava tanto, como proprio filho, e que neste lugar o tomava para o attender, satisfazendo-o com tantos beneficios, que fossem dignos de conservar a memoria de hum taõ excellente Rey, como refere o mesmo Author: „ Hac Almeidæ oratione adeo fuit Emmanuelis mæror excitatus, ut cum dare responsum vellet, lachrymis, & singultu spiritus illius impediretur; Itaque brevissima oratione declaravit, se Georgium in loco filij habiturum, tantisque illum beneficijs ornaturum, ut intelligi posset, quantum Joannis nomen, & memoria conservari, atque propagari cuperet. „ Esta benigna, e verdadeiramente Real reposta, foy applaudida dos Senhores, que se acharaõ presentes, que todos beijaraõ a maõ a ElRey, que naõ tardou em satisfazer, o que promettera, como logo diremos. E tendo honrado ao Mestre com especiaes demonstrações, mandou, que ficasse no Paço. Trasladou-se depois o corpo delRey seu pay para o Real Mosteiro da Batalha, onde jaz; o Mestre o foy acompanhar com huma grande comitiva.

Goes, *Chronica delRey Dom Manoel*, part. 1. cap. 28.

No anno de 1498 quando ElRey D. Manoel com a Rainha D. Isabel sua esposa passaraõ a Castella a serem jurados Principes herdeiros daquella Coroa, o Mestre de Santiago os acompanhou; e estando os Reys meya legoa de Toledo, mandaraõ adiantar a D. Jorge, e a outros Senhores, e Grandes, para que se anticipassem em ir receber a ElRey D. Fernando

nando seu sogro, ao qual encontrarão quasi às portas da Cidade, e com muita pressa se apearão, e por ser a gente muita, o Mordomo môr D. João de Menezes, e o Capitão dos Ginetes D. Fernando Martins Mascarenhas, tomarão nos braços ao Mestre por ser de pequena estatura, para assim mais facilmente poder beijar a mão a ElRey, que lha deu; mas fazendo reflexão no modo, com que lho apresentarão, perguntou quem era, e sabendo, que era filho delRey D. João, tirando o chapeo, lhe fez huma grande cortezia, e no mesmo tempo desculpando-se de o não ter conhecido, o mandou montar a cavallo, e poz à sua mão direita, ficando todos, os que com elle hião a pé, até que por sua ordem beijarão a mão a ElRey. Depois quando se celebrarão as Cortes em Toledo, no dia, que os Reys assistirão naquella grande Cathedral à Missa, em que estiverão ElRey D. Manoel, e ElRey D. Fernando, ambos debaixo da cortina da parte do Euangelho, esteve dentro com elles o Senhor D. Jorge, Mestre de Santiago, e as Rainhas ambas da outra parte, em sua cortina.

Querendo ElRey D. Manoel mostrar a grandeza do seu animo na gratidão, com que venerava a memoria delRey D. João seu primo, a 27 de Mayo de 1500 fez huma larga Doação ao Senhor D. Jorge, em que lhe deu as Villas de Montemôr o Velho, de Penella com seus Termos, e o Reguengo de Campores, com outras muitas terras, rendas, e Padroados, como se póde ver na Doação, dando nella fór-

Prova num. 1.

ma à ſucceſſaõ deſta Caſa, para que ſe perpetuaſſe a ſua duraçaõ na meſma grandeza, com que fora inſtituida na peſſoa do Duque Meſtre, em quanto houveſſe deſcendentes ſeus por qualquer linha; e por outra do meſmo dia, e anno, lhe fez Doaçaõ da Villa de Torres-Novas, com todo o ſeu Senhorio, Caſtello, Reguengo, e Padroados das Igrejas, e depois muitas prerogativas, privilegios, e iſenções, que foraõ concedidas à ſua peſſoa, e Caſa. Já o Senhor Dom Jorge era Duque de Coimbra, quando ElRey lhe fez as referidas merces em memoria delRey ſeu pay, e ſe vê da meſma Doaçaõ nas palavras ſeguintes: *E lembrandonos como delle* (falla delRey D. Joaõ) *naõ ficou outro filho ſenaõ Dom Jorge Duque de Coimbra meu muito amado, e prezado ſobrinho &c.* O Chroniſta Damiaõ de Goes refere fora feito Duque a 25 do dito mez de Mayo de 1500; porém he certo, que ſe lhe naõ paſſou Carta ſenaõ muitos annos depois, feita em Evora a 16 de Março de 1509, e nella fazendo memoria dos meſmos motivos, diz: *Lembrandonos como delle naõ ficou outro filho ſenaõ Dom Jorge meu muito amado, e prezado ſobrinho Meſtre Daviz e Santiago &c. e por folgarmos de lhe fazer honra e merce e alevantamento nos prove de lhe dar titulo de Duque e queremos e nos praz que elle ſe chame Duque da noſſa Cidade de Coimbra*; e na meſma Carta lhe faz Doaçaõ da Alcaidaria môr da meſma Cidade, com o Padroado das Igrejas, e mais regalias a ella annexas. Com tudo poderia eſtar feita a merce, e tirar

Prova num. 2.

rar depois a Carta, o que muitas vezes temos visto, ainda que por a data dellas se regula a antiguidade da sua Dignidade, he certo, que o Mestre usou do titulo de Duque antes de se lhe passar; porque ElRey lho chama na primeira Doaçaõ apontada, e no contrato do seu casamento, de que logo faremos mençaõ, se nomea Duque de Coimbra.

No fim do mez de Mayo do anno de 1500 ajustou ElRey D. Manoel, e a Rainha D. Leonor sua irmãa o casamento do Senhor D. Jorge com D. Brites de Vilhena, filha do Senhor Dom Alvaro, cujo Tratado se fez estando elle presente, e sua mulher D. Filippa, e por Procuradores do Duque o Prior do Crato, e o *Bispo* de Tangere. Dotou D. Alvaro sua filha com onze contos, que importavaõ noventa e huma mil e seiscentas e sessenta e seis coroas, e dous terços de coroa, de cento e vinte reis cada coroa, que seriaõ pagos em tres annos, no primeiro cinco contos, e nos outros seguintes, os seis, e que na conta dos cinco contos poderiaõ entrar alfayas, escravos, bestas, e quaesquer outras cousas de casa, e hum conto em joyas de ouro, e de prata, em dinheiro hum conto e seiscentos mil reis, e em pedras, perolas, e aljofar, hum conto, &c. Os Procuradores do Duque se obrigaraõ às arrhas da terça parte do dote, hypothecando a Villa de Torres-Novas para satisfaçaõ do dote, e arrhas, com outras mais clausulas, e condições commuas em taõ grandes pessoas. Foy celebrado este Contrato em Lisboa a 30 de Mayo

Prova num. 3.

Mayo de 1500 nas casas de D. Alvaro, em que foraõ testemunhas o Commendador môr de Aviz D. Pedro da Sylva, o Baraõ de Alvito D. Diogo Lobo, Védor da Fazenda, e Chanceller môr do Reyno, e o Vigario de Thomar Diogo Pinheiro, do Conselho delRey. Neste mesmo dia se celebrou esta voda em Lisboa na presença delRey, e da Rainha D. Leonor sua irmãa, que havia creado a D. Brites no seu Quarto, com grande carinho, desde o tempo delRey D. Joaõ seu esposo; e diz o Chronista Damiaõ de Goes, que lhe queria tanto como se fora sua filha, o que mostrou nesta occasiaõ na grandeza, com que no seu Paço se fez esta funçaõ, nas especiaes honras, com que a tratou, nas ricas joyas, e outras muitas cousas, que lhe deu da sua propria fazenda. Os Reys fizeraõ, que D. Brites renunciasse a Casa, e Condado de Olivença, que com effeito fez, como dissemos no Livro IX. Cap. I. pag. 29 do Tomo X. No mesmo anno em Outubro casou ElRey D. Manoel com a Rainha D. Maria, e a foy esperar ao Crato, onde se achou o Duque acompanhando a ElRey com grande luzimento, e beijou a maõ à Rainha.

Chronica delRey Dom Manoel, part. 1. cap. 45. pag. 33.

Era o Duque dotado de muitas virtudes, e cuidando na obrigaçaõ, em que o punha a Dignidade de Graõ Mestre das Ordens Militares, que governava, as engrandeceo com novos privilegios, isenções, e prerogativas; de sorte, que no seu tempo a Ordem de Aviz conseguio singulares privilegios da Sé Apostolica.

tolica. No anno de 1492 ſe concedeo o poderem caſar os Cavalleiros por graça do Papa Alexandre VI. o que naõ foy concedido aos Commendadores, que entaõ eraõ, ſenaõ aos que de novo foſſem. Depois por Breve do Papa Julio II. ſe concedeo aos Freires poderem teſtar dos ſeus bens, tendo pago meya annata, que vem a ſer ametade dos primeiros tres annos das Commendas. Para o bom governo, e adminiſtraçaõ das Ordens fez diverſos Capitulos, o primeiro foy da Ordem de Santiago na Villa de Palmella, celebrado em Outubro do anno de 1508; nelle foraõ eleitos, por todo o Capitulo, por Definidores Gil Vaz da Cunha, Dom Joaõ de Menezes, Conde de Tarouca, Commendador de Cezimbra, Ruy Telles, Commendador de Ourique, e Gonçalo Figueira, os quaes eraõ do numero dos Treze; porque à maneira da Ordem de Ucles, no ſeu tempo ſe uſou do lugar de Treze; entaõ ſe imprimio a Regra, Eſtatutos, e Definitorios em Setuval no anno de 1509. He memoravel eſte Capitulo, porque nelle ſe deu Ordem à Regra, e Eſtatutos, que ſaõ os que hoje guardaõ os Cavalleiros. Depois o tornou a convocar para o meſmo Convento de Palmella, que ſe fez em Outubro de 1532, e foraõ os Definidores o Duque de Aveiro, D. Joaõ de Lencaſtre ſeu filho, Commendador do Torraõ, Ferreira, e Alhos Vedros, Affonſo Pires Pantoja, Commendador de Santiago de Cacem, Affonſo de Arriaga, Commendador de Alcochete, e Aldea Gallega, o Licenciado Fran-

Francisco Barradas, Commendador de Mouguellas, e Juiz da Ordem, D. Mendo Affonso Prior môr, D. Affonso de Lencastre, Commendador môr, como se vê nos Definitorios, que se imprimiraõ em Lisboa no anno de 1614. Na Ordem de Aviz he celebre o Capitulo, que celebrou em Setuval na Capella do Espirito Santo em Agosto de 1515, em que se ordenaraõ Estatutos, e Definições, por concessaõ da Sé Apostolica, pelo que saõ vulgarmente chamados os *Estatutos do Mestre Dom Jorge*, em que assistiraõ nelle, sendo Definidores, o Doutor Fr. Joaõ Pires das Coberturas, do Conselho, e Desembargo delRey, Commendador de Santa Maria de Béja, Fr. Henrique de Miranda, Commendador de Santa Maria de Portalegre, Alcaide môr de Fronteira, Dom Fr. Alvaro, Prior môr, Alvaro de Sousa, Commendador de Alpedriz, em lugar do Commendador môr, Dom Luiz de Lencastre filho do Mestre. Este Definitorio foy determinado com o conselho de diversos Letrados, que foraõ o dito Joaõ Pires das Coberturas, o Licenciado Francisco Barradas, Chanceller da Ordem de Santiago, e Aviz, Commendador de Mouguellas, e da Coriça, o Bacharel Fernando Gil Cayola, Desembargador, e Procurador do Mestre, e das Ordens, e o Bacharel Fr. Nuno Cordeiro, Capellaõ do Mestre, e Prior de Coruche, como se vê nos Estatutos impressos em Almeirim no anno de 1516. Depois no anno de 1616 a 2 de Outubro se fez Capitulo na Igreja de Nossa Senhora da Graça de Setuval, onde foy

convo-

convocada a Ordem, em que foraõ Definidores Fr. Dom Lopo de Sequeira Pereira, Prior môr, depois Bispo de Portalegre, Fr. Dom Luiz de Lencastre, Commendador môr, Fr. D. Jeronymo Coutinho, do Conselho de Estado, e Commendador de Olivença, e Fr. D. Carlos de Noronha, Commendador de Mouraõ, depois Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens. A qual Regra, e Estatutos se imprimiraõ em Lisboa em 1631. O Papa Leaõ X. no anno de 1515 concedeo a graça dos Priores môres da Ordem de Aviz poderem usar de insignias, e vestiduras Pontificaes; o que o mesmo Papa concedeo tambem aos Priores môres de Palmella; no seu Convento lhe fez hum Quarto o Mestre para assistirem, e outras obras, que honraõ a sua memoria.

Quando ElRey D. Manoel passou a Tavira no anno de 1508, com determinaçaõ de passar à Africa para soccorrer a Praça de Arzila, se achava o Senhor D. Jorge em Setuval, donde logo sahio com muita gente, e navios para acompanhar a ElRey naquella jornada, que naõ tendo effeito, se recolheo à Villa de Setuval, tendo mostrado a grandeza do seu animo, e o desejo, que tinha de servir a ElRey. Depois no dito anno de 1518, achando-se ElRey em Lisboa, mandou chamar aos grandes Senhores, e Fidalgos, que se achavaõ na Corte, e lhes participou o seu terceiro casamento com a Rainha D. Leonor, entaõ Infanta de Hespanha, foy o Duque de Coimbra hum dos que assistiraõ, e entaõ lhe beijaraõ a

Chronica del Rey Dom Manoel, part. 4. cap. 34.

maõ. Depois tambem no anno de 1521 foy hum dos Senhores, que se acharaõ presentes à morte do mesmo Rey, como refere o Chronista Damiaõ de Goes. Sentio o Duque a sua falta justamente, naõ só pelas merces, com que lhe estabeleceo huma Casa, das mais poderosas do Reyno; mas pelas muitas, e especiaes prerogativas, com que tanto a distinguio. Succedeo ElRey D. Joaõ III. na Coroa, e no acto da sua exaltaçaõ ao Throno, o acompanhou o Duque do Paço até S. Domingos, onde foy jurado pelos Tres Estados do Reyno: neste acto hia o Duque adiante a pé com o Duque de Bragança D. Jayme unico do nome: naõ deixou o novo Rey de estimar ao Duque como elle merecia pela grandeza da sua pessoa, e pelo chegado parentesco, que com elle tinha. Costumava ElRey D. Manoel visitar ao Duque nas suas doenças, e succedendo depois adoecer o Duque, ElRey D. Joaõ mandou propor no Conselho, se o havia de visitar, o que o Duque sentio; e quando ElRey D. Joaõ o foy ver à sua casa, succedeo achar dous criados jugando o xadrès na sua presença; retirou-se logo o jogo, e daqui nasceo perguntar ao Duque, se gostava de ver jogar, que lhe respondeo: *Senhor, quando ElRey vosso Pay, que santa gloria haja, me honrava com a sua presença por me divertir nas doenças, elle mesmo com summa benignidade se punha a jogar por me divertir*; querendo na repetiçaõ daquella memoria, que tanto o honrava, mostrar o sentimento, que lhe causara, o ter El-

Dita *Chronica*, part. 4. cap. 83.

Andrade, *Chronic. del-Rey D. Joaõ III.* cap. 8.

Rey

Rey mandado consultar aquella materia no seu Conselho.

Foy o Senhor D. Jorge Mestre da Ordem de Santiago, Administrador da de Aviz, Duque de Coimbra, Senhor da Villa de Montemôr o Velho, com todas as suas rendas do Campo, da Villa de Penella, do Reguengo de Campores, do Lugar de Pereira, da terra de Castro-Novo, Alcacere, da Ponte de Almeara, dos Lugares de Abiul, de Condeixa, da Lousãa, do Casal de D. Alvaro, da terra de Dalboster arriba de Agueda, da Villa de Aveiro, com suas Lizirias, e Ilhas de dentro da Foz, das terras dos Coutos de Avelãas de Cima, de Ferreiros, do Reguengo de Coartella, de Arcos, dos Lugares de Ilhavo, Villa de Milho, dos Casaes de Sá, Pedroso, S. Salvador de Miranda junto a Coimbra, da Villa de Torres-Novas, e outras muitas terras. Teve tambem as Beetrias de Amarante, Honra de Ovelha, de Canavezes, Couto de Tuyas, Honras de Gallegos, Paços de Gozelo, Gondin, e S. Isidro, que vagaraõ por o Principe D. Affonso seu irmaõ; e os moradores das ditas Beetrias, em virtude do privilegio da sua liberdade, o tomaraõ por Senhor no anno de 1491, as quaes eleições sendo apresentadas a ElRey por Ruy de Pina, Escrivaõ da sua Camera, em nome dos Juizes, Vereadores, Procuradores, e Officiaes, Conselhos, e Homens Bons, das referidas Beetrias, lhas confirmou por huma Carta, passada na Villa de Santarem a 7 de Setembro do dito anno. Os Reys

Prova num. 4.

Prova num. 5.

lhe concederaõ grandes privilegios, e regalias, que ſe continuaraõ depois em ſeus ſucceſſores. ElRey D. Manoel lhe concedeo hum Ouvidor na Corte para ſentenciar as cauſas pertencentes à ſua Caſa: foy paſſada a Carta em Lisboa a 26 de Agoſto de 1511.

Liv. 24. pag. 73 verſ. da Chancellaria do dito Rey.

Teve huma grande Caſa ſervida com authoridade, com luzida familia; foy ornado de excellentes virtudes, que correſpondiaõ ao Real ſangue, que lhe dera o ſer, e de tanta generoſidade, que referiremos hum caſo, que lhe ſuccedeo entre outros, que moſtra bem a grandeza do ſeu eſpirito. Succedeo vagar huma Commenda, que devia ſer de grande rendimento; porque hum criado lhe lembrou a déſſe ao Duque ſeu filho, ao tempo, que lha pedia o filho do Fidalgo por quem vagara; a que o Duque com admiravel acordo reſpondeo: os Principes podem viver ſem filhos, mas naõ ſem criados; acçaõ verdadeiramente grande, naõ ſe lê mais generoſa, nas que ſe celebraõ dos Varoens mais deſintereſſados na antiga, e moderna Hiſtoria, e verdadeiramente naſcida de hum coraçaõ taõ admiravel, que tinha por maxima, que muitas vezes repetia, que o Principe poderia negar a merce, que ſe lhe pedia; mas naõ a alegria do ſemblante. Aſſim a ſua Caſa era frequentada da Nobreza mais illuſtre, que obſequioſamente lhe aſſiſtia, e a muitos Fidalgos fez merce de grandes Commendas; porque era muito o quanto comprehendiaõ as Ordens, de que foy Graõ Meſtre; aſſim tambem eraõ muitos os obrigados. Da ſua piedade deixou

deixou hum eterno padraõ no Mosteiro de S. Joaõ de Setuval, da Ordem de S. Domingos, que elle com a Duqueza sua esposa fundaraõ, e se povoou a 24 de Julho do anno de 1529, entrando nelle tres filhas suas. Ao Convento de Aviz favoreceo muito, e naõ menos ao de Palmella, em que se vê, em diversas obras, conservada a sua memoria; porque reedificou o Convento, ornou a Igreja, e nella determinou fazer o seu jazigo, edificando na Igreja huma Capella, ao lado da Capella môr, da invocaçaõ da Annunciaçaõ, para nella ser sepultado, e a Duqueza sua esposa, e seus descendentes, com duas Missas pelas suas almas, e de todos os seus; e para a subsistencia, e fabrica desta Capella, satisfaçaõ das Missas, e outros legados pios, supplicou ao Papa Clemente VII. dizendolhe, que alli se queria sepultar, como se vê da narrativa da mesma Bulla, nas palavras seguintes: *Ipse Georgius monasterium per Priorem gubernari solitum Sancti Jacobi de Palmela Ulisbonensis Diœcesis Caput dictæ Militiæ Sancti Jacobi, illiusque ædificia reparaverit, illiusque Ecclesiam decoraverit, & in Capella majori, Ecclesiæ monasterij hujusmodi ad partem qua Euangelium cantari solet, sepulturam sibi elegerit.* Pedindolhe, que lhe annexasse ao dito Convento de Palmella o rendimento das Igrejas de Santa Maria de Lamas, e S. Salvador de Covellos, no Termo de Aveiro. O Papa satisfez à supplica, concedendolhe a graça por duas Bullas, que estaõ no Cartorio do dito Convento, passadas no anno de

Historia de S. Domingos, part. 3. cap. 9. pag. 120.

1530,

1530, no ſetimo do ſeu Pontificado; e em virtude deſta graça ſe annexaraõ duas partes dos rendimentos das ditas duas Igrejas ao Convento de Palmella, para a ſubſiſtencia dos encargos da referida Capella; e com effeito o Convento tomou poſſe dos rendimentos das taes Igrejas no anno de 1531, cujo auto da poſſe ſe conſerva no referido Cartorio. Paſſado algum tempo morreo a Duqueza D. Brites, e ſe mandou ſepultar no Convento de S. Joaõ de Setuval, que ella com o Duque ſeu marido tinhaõ fundado. Naõ ſe tinha dado ainda principio à Capella no Convento de Palmella; aſſim movido o Duque, ou do amor da Duqueza, ou de outro motivo, mudou de parecer, querendo fazer a Capella da Annunciaçaõ no Moſteiro de S. Joaõ de Setuval, para o que recorreo ao Papa Paulo III. para que annullaſſe a annexaçaõ das ditas duas Igrejas, feita por ſeu anteceſſor, e as paſſaſſe, e annexaſſe à Igreja de S. Joaõ, onde eſtava ſepultada a Duqueza ſua eſpoſa, para que nelle ſe edificaſſe a Capella da Annunciaçaõ, que ſe naõ havia feito em Palmella. Concedeo-lhe o Papa a graça com duas condições: a primeira, que convieſſe neſta deſannexaçaõ o Prior môr, e Convento de Palmella; a ſegunda, que a tal Capella ſeria edificada dentro de dous annos, o que foy no anno de 1545, undecimo do ſeu Pontificado. Porém ainda que lhe foy concedida eſta graça, naõ ſe fez a Capella em Setuval, nem em Palmella, ſem embargo de o Duque o ordenar no ſeu Teſtamento, de que adiante faremos

remos mençaõ, e o que ainda he mais, he haver o Convento de Palmella tomado posse das duas Igrejas, como consta do auto della, e ter cobrado os frutos, e rendimentos dellas, como se refere na supplica, que o mesmo Duque Mestre fez ao Papa Paulo III. com tudo isto o Convento naõ tem, nem cobra o rendimento destas Igrejas, nem nelle se sabe de taes Igrejas; de sorte, que nos Freires naõ ha memoria, nem tradiçaõ alguma, de que as possuiraõ, nem onde eraõ: porém o referido consta das memorias, que temos extrahidas do seu Cartorio pelo Doutor Clemente Rodrigues Montanhes, Freire Conventual, e Prior da Igreja de S. Juliaõ de Setuval, que foy muy douto, com muita intelligencia, e curiosidade, o qual por ordem do Duque de Cadaval, entaõ Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, de quem nos valemos, fez a diligencia com muita exacçaõ, que temos em nosso poder.

He certo, que o Senhor D. Jorge foy ornado de virtudes, e partes de Principe; com tudo depois da morte da Duqueza D. Brites sua esposa, a quem sobreviveo muitos annos, (a qual no anno de 1531 já era falecida) se esqueceo tanto della, como diremos, e naõ menos daquella authoridade, indespensavel à grandeza da sua pessoa, pelo que foy geralmente notado: foy a causa a de se empregar com excesso em pensamentos improprios do respeito, e do caracter, e representaçaõ, de que era revestido, seguindo com demasiada frequencia a conversaçaõ, e galanteo das

Da-

Damas do Paço, ainda que decente no uſo daquelle tempo, com tudo improprio da ſua idade, por ſer já muy avançada em annos, com muitos filhos, para ſe deixar arraſtar de huma paixaõ amoroſa, pois rendido da fermoſura de Dona Maria Manoel, Dama da Rainha D. Catharina, determinou caſar com ella, ſem que precedeſſe a vontade dos Reys, e outras formalidades neceſſarias para o effeituar; de ſorte, que a Rainha ſe eſcandaliſou, ainda antes de ſaber o penſamento do Duque, ſómente pelo modo, e frequencia da ſua aſſiſtencia no ſeu Quarto. Eraõ grandes os exceſſos, e já taõ publicos, que ſeus filhos, o Duque de Aveiro, e D. Jayme de Lencaſtre, Biſpo de Ceuta, naõ podendo diſſimular, o que ſentiaõ, ſe queixavaõ publicamente deſte negoceado, naõ porque naõ reconheceſſem concorria na peſſoa de Dona Maria illuſtre naſcimento; porque era filha de Dom Fernando de Lima, Senhor de Caſtro-Dairo, Commendador de Garſe, Capitaõ de Ormuz, onde morreo, e tinha ſido muy valido delRey D. Joaõ III. e de ſua mulher D. Franciſca de Vilhena, Dama da meſma Rainha; e aſſim nella concorriaõ outras virtudes, que a faziaõ merecedora de huma taõ grande uniaõ; mas a deſproporçaõ, a fazia eſcandaloſa: pelo que dizia, que o Duque Meſtre ſeu pay contava ſetenta annos de idade, e ſómente dezaſeis aquella Dama, naõ ſe eſquecendo dos intereſſes da ſua Caſa, com outras muitas circunſtancias, que ponderadas com razaõ, moſtravaõ a infelicidade, que ſe devia

ſeguir

ſeguir na pouca duraçaõ daquella voda, e com eſtes, e outros motivos, ſe reſolveraõ a reverentemente o fazerem repreſentar ao Duque ſeu pay. Eſta pratica produzio bem differente effeito, do que elles eſperavaõ; porque com ella ſe augmentou o affecto, e amor, que tinha a D. Maria Manoel, e começou a deſagradarſe de ſeus filhos, principalmente do Duque de Aveiro, de quem publicamente ſe queixava. Nada mudava a paixaõ do Duque, e já era taõ publica a ſua vontade, que ſe eſpalhou na Corte, que ſahindo D. Maria Manoel com licença do Paço, para caſa de ſua mãy, nella a recebera o Meſtre por mulher, tendo-o já feito por hum eſcrito, que lhe mandara ao Paço. A Rainha, em quem a authoridade, e virtude, de que ſe adornava, a faziaõ mais ſoberana, ſentida tambem da pouca memoria, que o Duque tinha da grandeza da ſua peſſoa, para tratar ſemelhante negocio por meyos taõ deſproporcionados ao reſpeito, advertio a D. Maria, e lhe eſtranhou o modo, com que ſe tinha havido, que deſiſtiſſe daquella idéa; que naõ lhe pareceſſe, que havia de caſar com o Duque; porque nem a ella lhe convinha ſer por aquelle modo, nem ElRey, nem ella o tinhaõ por ſerviço de Deos, nem ſeu; mas que tomando-a à ſua conta, teria a ſua protecçaõ. Porém D. Maria Manoel, que duvidara muito em dar o conſentimento para o caſamento no principio, eſtava já perſuadida dos ſeus parentes a conſentir nelle, e tambem eſcandaliſada dos filhos do Duque; eſte era o

motivo, porque adiantava o effeito daquella voda; o que certamente se conseguiria, senaõ fora a inadvertencia de huma, e outra parte, de se naõ lembrarem do parentesco de affinidade, que entre ambos havia no terceiro grao, por ser D. Maria Manoel segunda prima da Duqueza D. Brites, mulher do Mestre, a qual D. Brites era neta de Dom Rodrigo de Mello, Conde de Olivença, irmaõ de Manoel de Mello, Alcaide môr de Olivença, de quem era neta D. Maria Manoel, por ser filha de D. Francisca de Vilhena, filha do dito Manoel de Mello, e mulher de D. Fernando de Lima, pelo que se impedio ante o Nuncio, e em Roma. E como este negocio se adiantava, e o Mestre insistia na pretençaõ, ElRey o chamou à sua presença, e naõ só lho estranhou, mas com muitas razoens lhe mostrou os inconvenientes, que delle se seguiaõ à sua Casa, rogandolhe, que apartasse da idéa aquelle negocio com hum total esquecimento. O Mestre, depois de lhe beijar a maõ, lhe rendeo as graças da benignidade, com que o tratava, e do affecto, com que se interessava pelo augmento da sua Casa, e que assim bastava ser conselho seu, para elle o seguir; mas arrastado tanto da paixaõ, que o dominava, passados alguns dias, esquecido do que prometera, publicou sem rebuço, que elle recebera a D. Maria Manoel por palavras de presente, para o que pedira dispensa ao Nuncio. O que sendo presente a ElRey, o tornou a mandar chamar, e lhe perguntou, se era casado, e que se o naõ era, que naõ

naõ era serviço de Deos, nem seu aquelle casamento. O Duque ficou taõ confuso, que lhe respondeo, que se já o naõ tinha feito, o naõ faria; como refere largamente o Chronista Francisco de Andrade. Estas cousas se adiantaraõ tanto, que ElRey sentido do que o Mestre tinha passado com elle, quiz com publica demonstraçaõ mostrar ao Duque o seu desagrado: pelo que mandou ao Doutor Gaspar de Carvalho, do seu Conselho, e seu Desembargador do Paço, que buscasse o Duque, e lhe dissesse lhe ordenava sahisse logo da Corte, e fosse para a Villa de Setuval. Deu o Ministro o recado, que levava por escrito assinado por ElRey, e lendo-o ao Duque, elle lhe pedio huma copia, que Gaspar de Carvalho lhe naõ deu. Obedeceo incontinente o Duque, e passou a Setuval, donde mandou hum criado de authoridade, com hum largo recado por escrito, em que se queixava do aggravo, que se lhe fizera naquella demonstraçaõ, no modo, e no tempo; porque ainda que o Doutor Gaspar de Carvalho fosse do Conselho de Sua Alteza, e seu Desembargador do Paço, com tudo naõ podia deixar de sentir, que fosse o executor da ordem hum Desembargador, por ser costume neste Reyno, serem differentemente tratadas as pessoas da sua cathegoria, e caracter, ainda nas cousas de differente materia, da que se tratava, o que Sua Alteza já com elle mesmo havia praticado; porque quando succedeo o caso da filha do Conde de Marialva, e seu filho o Duque de Aveiro, nas dilatadas dispu-

Andrade, *Chron. del-Rey D. Joaõ III.* part. 4. cap. 43.

tas, que entaõ se trataraõ sobre o seu casamento, ordenara Sua Alteza, que elle sahisse da Corte, e lho mandara participar por Antonio Carneiro seu Secretario, sem que lhe limitasse parte, nem distancia; e dando diversos descargos sobre o caso, que se tratava, com tanta reverencia, e respeito, que acabava pedindolhe perdaõ a ElRey, ajuntando a este papel huma Carta feita em Setuval a 12 de Outubro de 1548; e mandou outra à Rainha, em que lhe pedia fosse sua valedora com ElRey, narrando o motivo da sua razaõ, e a pouca, que tinhaõ seus filhos, a quem Sua Alteza favorecia: foy feita no mesmo dia. ElRey mandou responder por escrito com grande benignidade, dizendo, que sempre tratara de o conservar no seu respeito; e que a queixa de ser aquelle recado por Gaspar de Carvalho, a quem chamava Desembargador, que era do seu Paço, e petições, do seu Conselho, de quem muito confiava em cousas grandes, e de seu serviço, e importancia, pela qualidade dos negocios; respondendo ao mais, concluîa, que o negocio naõ teria effeito; porque nelle naõ havia de consentir: foy feita em Lisboa a 9 de Novembro de 1548. D. Antonio de Lima, que viveo por este tempo, no seu Nobiliario, affirma, que o Duque casara com esta Senhora, e que foraõ muitas as demonstrações del-Rey, e da Rainha, por haverem casado contra a sua vontade; porque era Dona Maria Manoel Dama da Rainha, de quem naõ teve licença, e tambem por se queixar vivamente o Duque de Aveiro, e seus irmãos,

Prova num. 6.

Prova num. 7.

mãos, a quem os Reys quizeraõ favorecer antes, que a D. Maria; e havendo o Nuncio dispensado, lhe tomaraõ a dispensa desabridamente, e o mesmo fizeraõ em Roma, impedindo este negocio, e outras mais cousas, que naõ importaõ ao caso. Com tudo o Duque nunca se despersuadio desta pretençaõ, seguindo constante a paixaõ; e he certo, que o Duque naõ casou com D. Maria Manoel, sem embargo de que D. Antonio de Lima o affirma, e o Chronista Francisco de Andrade o dá tambem a entender; porque temos huma prova evidente do mesmo Duque em huma verba do Testamento, que fez na doença, de que faleceo, em que diz: *Deixo a D. Maria Manoel pella obrigaçaõ, que lhe tenho em lhe prometer de cazar com ella se o sancto Padre dispensar, mil cruzados, da terça do dote, que minha filha Dona Elena me hâ de dar, e assi lhe deixo hum Alvarâ do Duque, meu filho, em que me promette a valia de cem mil reis de renda para minhas obrigaçoens em vida de huma pessoa assi, e da maneira, que no dito Alvarâ contem, que quero, que haja naõ cazando ella, e cazando se destribua em obras pias, como assima digo.* Esta asseveraçaõ do Duque tira toda a duvida, em que nos punhaõ os referidos Authores; porque naõ houve mais, que promessa, e que para esta se verificar, necessitava de dispensa do Papa, como refere o Duque, que he o que esperava, para o poder effeituar, mostrando qual era a sua inclinaçaõ nos legados, que lhe deixou, que tambem naõ tiveraõ effeito

feito conforme à ſua vontade; porque Dona Maria Manoel caſou com Manoel de Souſa da Sylva, Apoſentador môr delRey D. Sebaſtiaõ, Commendador de Villarfrey, e Alfayates, que havia ſido caſado com D. Franciſca de Vilhena ſua ſobrinha, filha de ſua irmãa D. Iſabel de Caſtro, e ambas filhas de D. Fernando de Lima, Senhor de Caſtro-Dairo, Commendador de Garfe, e Capitaõ de Ormuz, e de D. Franciſca de Vilhena ſua mulher, como acima diſſemos; e ſendo taõ apertado o parenteſco, querendo facilitar a diſpenſa, conforme ao que diz D. Antonio de Lima, o meſmo Manoel de Souſa paſſou a Roma a ſolicitalla, e havendo-a conſeguido, voltou ao Reyno a tempo, que D. Maria Manoel havia falecido, rompendo a morte eſte tratado, que o Duque no ſeu Teſtamento acautelado prevenio.

Salazar, *Caſa de Sylva*, tom. 2. liv. 12. cap. 8. pag. 767.

Achava-ſe o Duque na Villa de Setuval neſte tempo, quando adoeceo gravemente, e conhecendo como Chriſtaõ a incerteza da vida, e que poderia ſer aquella a ultima enfermidade, e o termo da ſua vida, ordenou o ſeu Teſtamento com muita piedade, e tanta advertencia, como ſe vê na referida verba; nelle nomeou por Teſtamenteiros a D. Affonſo de Lencaſtre, Commendador môr de Santiago, ſeu filho, ao Prior môr do Convento de Palmella, e a Jorge Pereira, Védor da ſua fazenda, o qual mandou eſcrever por o Doutor Chriſtovaõ Pinto: foy feito na dita Villa a 20 de Julho de 1550. Delle conſta, que ſe mandou enterrar no Convento de Palmella; porque

Prova num. 8.

que em huma verba diz: *Eu elegi minha sepultura no Combento de Santiago na Villa de Palmella, honde mando fazer huma Capella da Invocaçaõ da Annunciaçaõ, a qual he annexa à Igreja do lugar de Lamas com sua annexa Santa Maria de Cavellos: por tanto mando a meus Testamenteiros, que me mandem fazer hum arco de pedraria na Capella môr do dito Convento de Santiago, e à custa, e rendimento das ditas Igrejas a elle annexas, com sua abobeda, e paredes de dentro tudo de pedraria, e seu altar à parte do Evangelho, na qual se gastarâ athe duzentos mil reis, e a sepultura me mandaraõ fazer raza no chaõ dentro no dito arco.* Aqui faz mençaõ das Igrejas, que acima dissemos, de que naõ ha noticia no dito Convento, nem menos se vê nelle a memoria, que elle ordena se puzesse em huma pedra dentro no arco do cruzeiro, e o arco do jazigo, que havia de dizer: *Aqui jaz Dom Jorge, filho de El-Rey Dom Joaõ o II. de Portugal, o qual foi Mestre de Santiago, e Aviz, Duque de Coimbra, e se finou a tantos dias de tal mês, e de tal anno, o qual deixou a este Mosteiro a Igreja de Lamas, e sua annexa, com obrigaçaõ de huma missa quotidiana, segundo esta declarado na escritura do Convento, que fez com este Mosteiro.* Naõ podemos averiguar o motivo, porque se naõ satisfez, o que o Duque Mestre ordenou no seu Testamento, pois nelle antevendo, que naõ poderia estar acabada a Capella, mandou, que por entaõ o puzessem na Capella môr do

dito

dito Convento, à parte direita, em huma Tumba coberta de veludo preto, com huma Cruz branca, em que ſe gaſtaſſe até ſeſſenta mil reis, como diz no ſeu Teſtamento. Faleceo o Duque a 22 de Julho de 1550, o que conſta de hum livro, que eſtá no dito Cartorio, formado de memorias antigas no anno de 1648 por ordem do Prior mór D. Diogo Lobo, onde a pag. 3 diz: *Faleceo o Duque Dom Jorge, filho delRey Dom Joaõ II. Meſtre de Sam Tiago, a 22 de Julho de 1550; eſtá ſepultado na Capella mór deſte Convento no cham ao lado do Evangelho.* Neſte lugar jaz o Duque taõ deſconhecido naquelle Convento, que apenas ſe ſabe por tradiçaõ onde eſtá ſepultado; porque tendo naquelle lugar huma pequena pedra, que o declarava, quando ſe fez a obra do xadrès, haverá ſetenta annos, lha tiraraõ com inadvertencia indiſculpavel, quando deviaõ conſervar com reſpeito a memoria, que declarava o lugar, em que eſtavaõ as cinzas de hum Principe, e de hum tal Meſtre da Ordem, que foy hum dos mais inſignes bemfeitores della, perpetuando aos vindouros com huma inſcripçaõ o ſeu agradecimento. Foy o Duque ornado de excellentes virtudes, magnanimo, generoſo, pio, erudìto, e bem inſtruido na lingua Latina, em que teve por Meſtre o inſigne Cataldo Siculo, que lhe aſſiſtio deſde os ſeus primeiros annos, como ſe vê da Carta, que lhe eſcreveo na occaſiaõ da morte delRey ſeu pay, que anda com outras tambem para o Senhor D. Jorge, nas Epiſtolas deſte excellente

cellente Author, que se imprimiraõ em o anno de 1500, e principia: *Vilius argentum est auro: virtutibus aurum, ait Venusius tuus; ego vero dico; virtus tua sapientiæ admixta est omni argento: omni auro: omni gemma preciosior. Hec mea unque de ingenii tui persunditate fefelit opinio*; e com o elogio de Varaõ taõ insigne damos fim ao deste Principe.

Casou a 31 de Mayo do anno de 1500, como affirma o Chronista Damiaõ de Goes, com a Duqueza D. Brites de Vilhena, filha do Senhor Dom Alvaro, (irmaõ de D. Fernando II. do nome, Duque de Bragança) e de sua mulher D. Filippa de Mello, Condessa de Olivença, como deixamos escrito no Livro IX. Capulo I. pag. 43. do Tomo X. Naõ sabemos quando a Duqueza de Coimbra faleceo; porém dos documentos, que acima apontamos, já no anno de 1531 se achava o Duque viuvo, e delles consta, que a Duqueza jaz em o Mosteiro de S. Joaõ de Setuval. Desta excelsa uniaõ nasceraõ os filhos seguintes:

Goes, *Chronica delRey Dom Manoel*, part. 3. cap. 45. pag. 212.

14 Dom Joaõ de Lencastre, I. Duque de Aveiro, que occupará o Capitulo II.

14 D. Affonso de Lencastre, Commendador môr da Ordem de Santiago, Capitulo IV.

14 D. Luiz de Lencastre, Commendador môr da Ordem de Aviz, como diremos no Capitulo XIV.

14 D. Jayme de Lencastre, que foy o quarto Varaõ na ordem do nascimento, seguio a vida Ecclesiastica, em que teve diversos Beneficios; por-

que no anno de 1538 era Prior de S. Pedro de Torres-Novas, e das quatro Freguefias daquella Villa, como conſta de hum contrato, em que o Prior com os Beneficiados da dita Igreja deraõ huma Ermida, e caſas contiguas ao Provedor, e Irmandade da Miſericordia, o qual contrato foy feito no primeiro de Julho de 1538; e eſta Ermida he a Caſa da Miſericordia daquella Villa, cujo contrato ſe conſerva no Archivo, que foy da Sé de Lisboa, hoje Baſilica de Santa Maria, donde o vimos, nas Memorias, que mandou à Academia Real. No anno de 1545 foy eleito Biſpo de Ceuta, em que ſuccedeo a Dom Fr. Diogo da Sylva, Religioſo da Ordem Serafica, e I. Inquiſidor Geral deſtes Reynos. Saõ muy curtas as noticias, que achamos deſte Prelado; mas em huma memoria vimos, que fora Varaõ de grande virtude, com que fez ainda mayor a ſua peſſoa. A Rainha D. Catharina o fez ſeu Capellaõ môr. Jaz no Moſteiro do Carmo de Lisboa na Capella môr.

Memorias do Cartorio da Sé de Lisboa, &c.

Nobiliario de Goes.

14 D. Helena de Lencastre, que foy Commendadeira do Moſteiro de Santos, da Ordem Militar de Santiago, lugar, em que ſuccedeo a ſua avó D. Anna de Mendoça, o qual governou até depois do anno de 1578, e mais, ſem embargo do que diz o Author da *Hiſtoria Tripartita*, tendo entrado a governar pelos annos de 1550. Foy huma das Princezas, que ſe propuzeraõ, para haverem de caſar com o Infante D. Luiz.

Hiſtor. Tripartita, trat. 3. §. 18.

14 D. Maria de Lencastre, Religioſa no Moſtei-

Mosteiro de S. Joaõ de Setuval, onde se chamou Soror Maria Magdalena, e vivendo na Religiaõ em grande desprezo do Mundo, humildade, e oraçaõ, acabou santamente.

Historia de S. Domingos, part. 3. liv. 2. cap. 10.

14 D. FILIPPA DE LENCASTRE, Religiosa em o referido Mosteiro, de que foy Prioressa.

14 D. ISABEL DE LENCASTRE, tambem Religiosa no dito Mosteiro, onde todas estas Senhoras entraraõ juntas no dia de S. Joaõ Bautista do anno de 1529, em que se deu principio à entrada das Fundadoras, com grande satisfaçaõ do Mestre, e da Duqueza. O Padre Fr. Luiz de Sousa, insigne Chronista da Religiaõ de S. Domingos, com a sua elegancia refere huma pratica, que a Duqueza de Coimbra sua mãy fez a suas filhas nesta occasiaõ, com tanto espirito, e piedade christãa, que enchia de devoçaõ às Noviças, e de espanto às Fundadoras, e até aos Prégadores, que alli assistiaõ, confundio, e enterneceo. Porém esta Senhora passou para o Mosteiro de Santos depois, para que obteve dous Breves, hum do Papa Julio III. e outro de Gregorio X. seria por falta de saude, e naõ poder com o rigor, que naquella Casa entaõ se praticava.

Teve o Mestre fóra do matrimonio os filhos seguintes:

14 DOM JORGE DE LENCASTRE, estudou em Coimbra Canones, em que foy Bacharel: foy Clerigo de bom procedimento. A Universidade de Coimbra o quiz eleger Reytor, e sendo votado no pri-

meiro eſcrutinio, naõ teve effeito. Foy Prior môr da Ordem de Aviz pelos annos de 1547. Delle faz memoria o Duque ſeu pay no ſeu Teſtamento. Devia de viver largo tempo; porque achamos, que no anno de 1617 fez o officio de Capellaõ môr, quando ElRey Filippe III. veyo a eſte Reyno. Teve as Commendas de Villa-Viçoſa, e Ervedal. Jaz em Aviz.

14 D. Jorge de Lencastre, que foy Religioſo da Ordem de S. Jeronymo no Moſteiro de Noſſa Senhora de Guadalupe, como refere o Duque ſeu pay no ſeu Teſtamento.

14 D. Jorge de Lencastre, ficou de tenra idade, quando o Duque ſeu pay faleceo: foy Frade Eremita na Religiaõ de Santo Agoſtinho, onde ſe chamou Fr. Antonio de Santa Maria, e foy Provincial, e depois Biſpo de Leiria, em que já reſidia no anno de 1616. Foy dotado de muita caridade. Achou-ſe no anno de 1623 em Lisboa na entrada del-Rey D. Filippe III. neſte Reyno, e no meſmo anno faleceo em Leiria a 16 de Mayo; e jaz no Convento, que a ſua Ordem tem naquella Cidade, na Capella môr, para onde foy trasladado, junto do Altar de S. Nicolao, onde tinha o ſeguinte Epitafio:

Hic requieſcit Corpus Illuſtriſſimi Domini Antonij à Sancta Maria alias Lencaſtro ex Patre Georgio Joannis II.

Regis

Regis Lusitaniæ Nepotis. Eremitæ August. Dignissimi Episcopi Leiriensis, Amabili, ad omnes benignitate insignis obiit die **16** *Maij Anno salutis* **1623.**

Todos estes filhos tiveraõ o mesmo nome de seu pay, os quaes declarou no seu Testamento, e a filha seguinte:

14 D. JOANNA DE LENCASTRE, que sendo recolhida no Mosteiro das Commendadeiras de Santos, nelle morreo moça sem estado.

Todos estes filhos tiveraõ o mesmo nome [illegible] no seu Testamento, [illegible]

D. JOANNA DE LENCASTRE, que sendo re-
cebida no Mosteiro das Commendadeiras de Santos,
aquelle morreo moça sem estado.

- O Senhor D. Alvaro, ✱ a 4 de Março de 1504.
  - D. Fernando I. do nome, Duque de Bragança, &c. ✱ a 23 de Março de 1478.
    - O Senhor D. Affonſo, Duque de Bragança, &c. ✱ em Dezembro de 1461.
      - ElRey D. Joaõ I. de Portugal, ✱ a 14 de Agoſto de 1433.
        - ElRey D. Pedro I. de Portugal, ✱ em 18 de Janeiro de 1367.
        - Thereſa Lourenço.
      - D. Ignez Pires, Commendadeira de Santos.
        - Pedro Eſteves.
        - Maria Annes.
    - D. Brites Pereira, Condeſſa de Ourem.
      - O Condeſtavel Dom Nuno Alvares Pereira, &c. ✱ em 12 de Mayo de 1432.
        - D. Alvaro Pereira, Prior do Hoſpital.
        - Iria Gonçalves do Carvalhal.
      - D. Leonor de Alvim. H.
        - Joaõ Pires de Alvim.
        - D. Branca Pires Coelho.
  - A Duqueza D. Joanna de Caſtro, ✱ a 14 de Fevereir. 1479.
    - D. Joaõ de Caſtro, Senhor do Cadaval, &c. ✱ em 1428.
      - D. Pedro de Caſtro, Senhor do Cadaval.
        - D. Alvaro Pires de Caſtro, Conde de Arrayolos, ✱ em 1383.
        - A Condeſſa Dona Maria Ponce de Leon.
      - D. Leonor Telles de Menezes.
        - D. Joaõ Affonſo Telles de Menezes, Conde de Ourem, e Barcellos.
        - D. Guiomar de Villa Lobos.
    - D. Leonor da Cunha Giraõ.
      - Martim Vaſques da Cunha, I. Conde de Valença.
        - Vaſco Martins da Cunha, Senhor de Pombeiro.
        - D. Brites Soares de Albergaria.
      - Dona Thereſa Telles Giraõ.
        - Dom Affonſo Telles Giraõ, Rico-Homem, Senhor de S. Romaõ.
        - D. Thereſa Rodrigues de Alarcaõ.
- D. Filippa de Mello, Condeſſa de Olivença, ✱ em 1516.
  - D. Rodrigo Affonſo de Mello, I. Conde de Olivença, Guarda mór da peſſoa delRey, I. Capitaõ de Tangere, ✱ em 25 de Novembro de 1484.
    - Martim Affonſo de Mello, Sen. de Ferreira de Aves, Guarda mór delRey D. Duarte.
      - Martim Affonſo de Mello, Guarda mór delRey, Senhor de Arega.
        - Vaſco Martins de Mello, Senhor da Caſtanheira, e Povos.
        - D. Maria Affonſo de Brito.
      - D. Brites Pimentel.
        - Joaõ Affonſo Pimentel, Senhor de Bragança, I. Conde de Benavente.
        - D. Joanna de Menezes.
    - Dona Margarida de Vilhena. H.
      - Ruy Vaz Coutinho, Meirinho mór do Reyno.
        - Vaſco Fernandes Coutinho, Senhor do Couto de Leomil, &c.
        - Dona Brites Gonçalves de Moura, Aya da Rainha D. Filippa.
      - D. Branca de Vilhena.
        - Dom Henrique Manoel, Conde de Cea, e Cintra.
        - D. Brites de Souſa.
  - A Condeſſa D. Iſabel de Menezes, ✱ a 12 de Agoſto 1482.
    - Ayres Gomes da Sylva, Senhor de Vagos, &c. Regedor, vivia no anno de 1449.
      - Joaõ Gomes da Sylva, Senhor de Vagos, &c. ✱ a 26 de Março de 1444.
        - Gonçalo Gomes da Sylva, Senhor de Vagos, Rico-Homem, Embaixador em Roma, &c. ✱ 1386.
        - D. Leonor Gonçalves Coutinho.
      - D. Margarida Coelho.
        - Egas Coelho, Senhor de Montalvo, Meſtre Salla delRey.
        - D. Mayor Affonſo Pacheco.
    - D. Brites de Menezes.
      - D. Martinho de Menezes, II. Conde de Cantanhede.
        - D. Gonçallo Telles de Menezes, I. Senhor de Cantanhede, Conde de Neiva, e Faria.
        - D. Maria de Albuquerque.
      - D. Thereſa Vaſques Coutinho.
        - Vaſco Fernandes Coutinho, Senhor do Couto de Leomil, &c.
        - D. Brites Gonçalves de Moura.

CAPI-

CAPITULO II.

De D. João de Lencastre I. Duque de Aveiro, e Marquez de Torres-Novas.

14 DO esclarecido thalamo dos Duques de Coimbra, como dissemos no Capitulo precedente, foy o primeiro fruto D. Joaõ de Lencastre, nome, que se lhe deu em memoria de seu Augusto avò ElRey D. Joaõ II. e o appellido por querer renovar a daquella esclarecida Heroîna a Rainha Dona Filippa de Lencastre, de quem D. Joaõ era duas vezes quarto neto, para assim conservarem na grande Casa, que estabeleceraõ, huma distincta Familia, em que se dilatasse a gloria dos successores nos Reaes ascendentes, de que se deduzia; parecendo, que tambem se lembrara o Senhor D. Jorge do exemplo, que lhe deixou seu bisavô o Infante D. Pedro, quando em veneraçaõ da Rainha sua mãy, deu a sua filha D. Filippa de Lencastre o nome, e o appellido, como dissemos no Capitulo II. do Livro III. pag. 80 do Tomo II. Nasceo este grande Senhor no anno de 1501, segundo inferimos de huma Carta sua para a Rainha D. Catharina, sobre particulares seus, da qual ainda nos havemos de valer. Passou no anno de 1513 a primeira vez à Corte com o Duque Mestre seu pay, que apresentando-o a ElRey Dom Manoel, o levou com-

Goes, *Chronica del Rey Dom Manoel*, part. 3. cap. 45.

comsigo a Cintra, quando contava sómente doze annos; e logo começou a servir a ElRey D. Joaõ III. entaõ Principe, como elle diz no referido papel.

ElRey D. Manoel creou a D. Joaõ de Lencastre Marquez de Torres-Novas, estando na Cidade de Evora, de que se lhe passou Carta a 27 de Março de 1520; e a 29 de Mayo do mesmo anno lhe deu de assentamento quatrocentos mil reis, em attençaõ a ser filho do Senhor D. Jorge, as quaes Cartas estaõ no Archivo da Torre do Tombo. Porém parece, que antes de se passarem as Cartas, já lograva da Grandeza de Marquez de Torres-Novas; porque no anno de 1518 quando ElRey D. Manoel casou com a Rainha D. Leonor sua terceira esposa, na occasiaõ, em que chamou a Corte para lhe participar esta noticia, diz o Chronista Damiaõ de Goes, que o Marquez de Torres-Novas lhe beijara a maõ, sendo hum dos Senhores, que estiveraõ presentes nesta occasiaõ. Depois no anno de 1521 se achou tambem na occasiaõ da morte do mesmo Rey.

Livro 6. dos *Mysticos*, pag. 51, e 53.

Goes, *Chronic. del Rey Dom Manoel*, part. 4. cap. 34.

Dita *Chronica* cap. 83.

No Capitulo IX. do Livro IV. a pag. 406 do Tomo II. dissemos como ElRey D. Manoel, antes da sua morte, deixara tratado o casamento de seu filho o Infante D. Fernando com D. Guiomar Coutinho, herdeira dos Condados de Marialva, e Loulé, estando este tratado publico na Corte, esperando, que o Infante cumprisse a idade competente para o thalamo; e sendo recomendado por ElRey a seu filho ElRey Dom Joaõ III. o Marquez de Torres-Novas, sem

sem embargo do que passava, depois da morte delRey, se oppoz sem rebuço pedindo a Condessa D. Guiomar Coutinho; e publicando, que muito tempo antes de se tratar o casamento do Infante com a Condessa D. Guiomar, estava ella clandestinamente recebida com o Marquez: pelo que se via precisado a pôr este negocio no Juizo contencioso, onde fosse sentenciado. Sentio o Conde de Marialva duramente a acçaõ, que intentou o Marquez, e queixou-se vivamente a ElRey, que mandando ver este negocio maduramente pelos mais graves, e authorisados Ministros do Reyno, resultou mandarse prender ao Marquez no Castello de Lisboa, e ao Duque seu pay, que sahisse da Corte; porém o Marquez naõ desistio da sua idéa, antes querendo mostrar a justiça, que tinha, demandou ordinariamente ao Conde de Marialva, o que naõ chegou a sentenciarse; porque a demanda tocava ao Juizo Ecclesiastico, onde durou nove annos, até que no de 1529 mandou ElRey se fizessem novas preguntas a D. Guiomar por Theologos, e Canonistas, e pondo-a na sua liberdade, a interrogaraõ se era casada com o Marquez, o que ella constantemente negou; e como da instrucçaõ do processo se naõ provava juridicamente o contrario, foy sentenciada a causa contra o Marquez de Torres-Novas, e ella casou com o Infante, como deixamos escrito a pag. 412 do Tomo III. e refere muy largamente o Chronista Francisco de Andrade.

Chronica delRey Dom Joaõ III. liv. 1. cap. 12.

Era o Marquez de Torres-Novas ornado de

mui-

muitas virtudes, de valor, bom entendimento, viveza, e promptidaõ nas repostas, e com muita applicaçaõ às bellas letras; de sorte, que na sua grande pessoa brilhavaõ com applauso taõ excellentes partes, e por isso foy mais notado no caso presente, em que parece naõ entrou com toda aquella consideraçaõ, que pedia hum negocio taõ grave, para se naõ deixar persuadir de conductores falsos, e atrevidos, como mostrou o successo, que he só a culpa, que o Marquez neste negoceado parece teve; o que bem se vê na Carta, que deixamos acima allegada, escrita muitos annos depois, em que diz: *Fui prezo, e despoes degradado da Corte por culpas, que se offereceraõ, o que eu naõ confeço, nem Deos tal queira, eraõ alheas, e naõ minhas, nem de Sua Alteza por nossa idade, e disto porque naõ pareça, que allego com testemunhas mortas, ainda poderey mostrar papeis, ou papel, em que mostraria minha innocencia contra quem me culpasse.* De que se vê padeceo engano neste negoceado sem culpa do Marquez, que foy sempre de muy elevados pensamentos, dignos da representaçaõ de hum taõ grande Senhor, como elle foy; de sorte, que esta foy a sua mayor idéa, de que a grandeza da sua Casa naõ fosse assombrada da de Bragança, de que sempre viveo com emulaçaõ, trabalhando por conseguir nellas hum equilibrio, o que era quasi impossivel. Este foy hum dos motivos, porque se apartou da Corte, e passou a viver na Villa de Setuval, donde voltou a seguir a Corte, quando El-

Rey

Rey D. Joaõ III. o creou Duque. Naõ sabemos o anno desta merce, de que entaõ se lhe naõ passou Carta; porque ElRey o fez em vida do Duque Mestre seu pay, por hum Alvará, que se compriria em certo tempo, e passado este por huma Carta missiva a seu pay, o declarou Duque de Aveiro. Muitos annos depois lha passou ElRey D. Sebastiaõ, dandolhe o Ducado de Aveiro a elle, e a todos os seus herdeiros, e descendentes, que succederem na Casa, e terras da Coroa, com a prerogativa, de que se pudesse chamar o successor logo Duque, tanto que falecesse o ultimo possuidor, sem outra mais solemnidade, nem ceremonia: foy passada em Lisboa a 30 de Agosto de 1557.

Prova num. 9.

No anno de 1535 parece, que já era Duque de Aveiro; porque com este titulo o nomeaõ os Chronistas Damiaõ de Goes, e Francisco de Andrade, quando o Infante D. Luiz se ausentou da Corte com a resoluçaõ de passar à Africa na expediçaõ, que seu cunhado o Emperador Carlos V. tinha preparado, e para o que pedio a ElRey D. Joaõ o auxiliasse. Tendo pois noticia o Duque de Aveiro, de que o Infante D. Luiz sahira incognito da Corte para Barcellona, como era dotado de valor, desejando deixar da sua pessoa distincta memoria, se valeo da occasiaõ, que se lhe offerecia: assim sahio de Setuval pela posta a Evora, onde a Corte residia, e pedio com grande instancia licença a ElRey para seguir ao Infante, a qual por muitas razoens, que teve, lha naõ conce-

Goes, *Chronica del-Rey D. Manoel*, part. 1. cap. 10.
Andrade, *Chronic. del-Rey Dom Joaõ III.* part. 3. cap. 15. pag. 21.

deo: aſſim o referem os mencionados Chroniſtas, a quem nós naõ intentamos contrariar; porém o meſmo Duque na Carta, que eſcreveo à Rainha D. Catharina, lhe allega por ſerviço a jornada, que fizera a Barcelona por ordem delRey, dizendo eſtas palavras: *Em quanto andava neſte requerimento me mandou Sua Alteza a Barcellona com o Infante D. Luiz, que Deos tem*; e depois mais adiante torna a fallar na meſma jornada, dizendo: *No meſmo ſeu ſerviſſo* (falla delRey D. Joaõ III.) *e ſeguindo ſua Corte, e indo onde me mandou, e ſervindo niſſo o melhor, que entendi, e o Infante, que Deos tem, e todos os que com elle foraõ, creo, que o poderaõ bem teſtemunhar, mas o Infante melhor por algumas couzas de maes ſegredo, que paſſaraõ antre nós, e quanto maes peſado eu ſeria aos cavallos da poſta, do que fui a elle, e a ſeu ſerviſſo, e taõbem o ſabia ElRey meu Senhor, que Deos tem.* De que ſe colhe, que o Duque foy a Barcelona com o Infante por ordem delRey: naõ ſabemos o que trataraõ; mas que foy na ſua companhia, pela poſta a Barcelona, naõ padece duvida; porque nenhuma peſſoa o podia ſaber melhor, que o Duque, que relata por ſerviço, que tinha feito à Coroa eſta jornada, e o bem, que nella ſervira a ElRey, e ao Infante, allegando por teſtemunhas todos os que foraõ com elle. Devemos entender, como me perſuado, que o Infante tornou depois a Barcelona a verſe com o Emperador ſeu cunhado, quando eſtava de partida para Italia, e que o Duque o acompanhou, como

como refere Dom Luiz Lobo, dizendo: *E quando mandou o Infante D. Luiz seu Irmaõ verse com seu cunhado o Emperador em Barcelona estando de caminho para Italia o Duque o acompanhou, com mui honrado acompanhamento de criados seus, que levou pella posta como tambem hia o Infante, a quem da sua companhia deu tanta satisfaçaõ como deu ao Emperador, e a toda sua Corte pella descriçaõ, e prudencia, que nelle havia, e tornado ao Reyno foy sempre bem visto, e tratado delRey.* He certo, que D. Luiz Lobo soube muito bem a nossa Historia, e naõ fez mençaõ da licença, que ElRey lhe negou, para se unir ao Infante quando sahira da Corte, e fora a Barcelona, para se achar na empreza de Goleta, pois o Duque precisamente o havia de seguir, e acharse naquella facçaõ, que he o que pretendeo, quando pedio a licença para o acompanhar, como referem os Chronistas, que passaraõ em silencio esta segunda jornada a Barcelona; nem o Conde de Vimioso na Vida, que escreveo com tanta elegancia, como exacçaõ, teve noticia della: pelo que nos persuadimos ser distincta huma jornada da outra, ainda que ignoremos o motivo, que ElRey teve para mandar o Infante a verse com o Emperador; ordenando ao Duque de Aveiro o acompanhasse, como elle refere na representaçaõ mencionada, que fez à Rainha Dona Catharina como Regente do Reyno.

D. Luiz Lobo, *Nobil. Histor. da Descendencia da Casa Real* m. s. part. 1.

Conde de Vimioso, *Vida do Infante Dom Luiz.*

Nasceo no anno de 1539, e foy bautizado no Hospital Real de Todos os Santos o Infante D. Antonio,

Andrade, *Chronica delRey D. Joaõ III.* part. 3. cap. 69.

tonio, filho dos ditos Reys, e levaraõ as peſſas, o Duque de Bragança, o Salleiro; o Duque de Aveiro, o Cirio; e o Marquez de Villa-Real, a Offerta. Neſte meſmo anno faleceo em Toledo a Emperatriz D. Iſabel, irmãa delRey D. Joaõ III. o que cauſou grande ſentimento na noſſa Corte, e na de Caſtella, aonde ElRey mandou viſitar ao Emperador Carlos V. ſeu cunhado pelo Duque de Aveiro; querendo na eſcolha de peſſoa taõ grande moſtrar ao Emperador a ſua amiſade, e o quanto fazia publico o ſentimento, com que o acompanhava naquella fatal occaſiaõ. Sahio o Duque de Evora a 14 de Mayo do referido anno pela poſta, ſómente acompanhado de vinte cavallos, em que hiaõ criados ſeus; foy a Toledo, onde entaõ eſtava o Emperador, e ſendolhe inſinuado por ElRey ſe apoſentaſſe em caſa de Dom Franciſco Lobo, Alcaide mór de Campo-Mayor, e ſeu Embaixador naquella Corte, o Duque o naõ pode fazer; porque o Arcebiſpo de Toledo o convidou para ſua caſa com taes expreſſoens, e inſtancias, que offenderia a civilidade, ſenaõ aceitaſſe o ſer ſeu hoſpede. Teve o Duque logo audiencia do Emperador, e feita a viſita da parte delRey ſeu amo, com toda aquella ceremonia devida à Mageſtade, a fez tambem ao Principe D. Filippe ſeu ſobrinho, e às Infantas D. Maria, e D. Joanna ſuas ſobrinhas; e cumprindo prudentemente, com o que lhe ordenara, ſe recolheo ao Reyno, onde ElRey lhe agradeceo o bem, que o havia ſervido. Naõ podemos deixar de reparar

em

em o Chronista Francisco de Andrade depois de nomear o Principe, e Infantas, sobrinhas delRey, fazer mençaõ da Infanta D. Maria; porque naquelle tempo naõ havia mais, que duas Infantas deste nome: a Infanta D. Maria, que foy depois Emperatriz, mulher de Maximiliano II. que ficava incluida nas sobrinhas, e a Infanta D. Maria irmãa do mesmo Rey; porém esta naõ estava em Castella, senaõ em Portugal, tal vez, que a Infanta D. Maria estivesse fóra da Corte, e ElRey a mandasse visitar de caminho pelo Duque.

Dita *Chronica*, pag. 94.

Depois desta missaõ, sendo ainda vivo o Mestre de Santiago seu pay, tratou o Duque de Aveiro de casar com huma filha do Duque de Bragança D. Jayme, e reciprocamente o Duque de Barcellos com sua irmãa Dona Helena de Lencastre; porém ElRey naõ mostrou satisfaçaõ desta pratica, que logo se rompeo, com grande desprazer do de Aveiro, dando-se por taõ sentido, que naõ cuidou mais em vida de seu pay de haver de tomar estado; de sorte, que naõ só se lhe naõ conhecia vontade para elle; mas antes o contrario, que parecia mais, que indifferença, como se vê da já allegada Carta, em que se lembra queixoso de ElRey naõ vir naquelle tratado. Foy o motivo desta Carta o haverse feito Duque de Barcellos ao filho do Duque de Bragança, pelo que pertendia, que a Rainha fizesse o mesmo ao Marquez de Torres-Novas seu filho, e nesta Carta relata toda a sua vida, e serviços, a qual vay lançada nas Provas por inteiro, para satisfaçaõ dos curiosos.

Prova num. 10.

Torre do Tombo liv. 58. *del Rey Dom Joaõ III.* pag. 141.

ſos. Era ElRey muy inclinado ao Duque, a quem ſeu pay, Meſtre da Ordem da Cavallaria de Santiago, havia conferido as Commendas de Aljuſtrel, Arruda, Ferreira, Caſtro-Verde, Barreiro, Santiago de Caſſem, Sines, Cezimbra, Arrabida, Belmonte, e Samora Correa; e ſuppoſto os Commendadores das referidas Commendas eraõ Alcaides môres dellas, ElRey lhe fez merce de lhe dar a juriſdicçaõ de todas aquellas Villas, de que ficou ſendo Senhor, dandolhe mais a Villa de Penella, que vagara pelo ultimo Conde de Penella, em que o Duque entrou, e em outras terras, que foraõ vagando, a que chamavaõ do Infantado, por terem ſido do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, com o mais que herdara do Duque Meſtre ſeu pay. Teve o Duque D. Joaõ huma grande Caſa, diſtincta em rendas, regalias, e iſenções; de ſorte, que era huma das mais poderoſas do Reyno, que elle com a ſua prudencia, e talento, fazia ſer mais eſtimada.

Era o principio do anno de 1547 quando o Duque ſe achava em Evora convalecido de huma doença, e muy longe dos cuidados de tomar eſtado, quando ElRey o mandou chamar a Almeirim, onde entaõ eſtava a Corte, e lhe propoz para eſpoſa a Dona Juliana de Lara, filha de D. Pedro de Menezes, III. Marquez de Villa-Real. O Duque lhe beijou a maõ, agradecendolhe o intereſſarſe tanto na conſervaçaõ da ſua Caſa, e que na eſcolha naõ tinha elle arbitrio, ſenaõ para eſtimar o quanto ſe obrigava da ſua Real memo-

memoria; porque quando sua Alteza elegera esposa para elle, nenhuma lhe podia ser mais convenite, que a que lhe insinuava. Na presença delRey se fez o ajuste do dote, e arrhas, e mais cousas, que de huma, e outra parte eraõ convenientes, de que lhe mandou passar hum Alvarà, assinado da sua propria maõ, feito em Almeirim a 29 de Janeiro do referido anno, que depois se incorporou no mesmo Tratado, que se estipulou em a dita Villa no primeiro de Fevereiro do mesmo anno nas casas em que assistia o Duque, estando elle presente, e D. Nuno Alvares Pereira, como Procurador de seu irmaõ D. Miguel de Menezes, Marquez de Villa-Real, e de sua mãy a Marqueza D. Brites de Lara, como Tutora de seu filho o Marquez, e Procurador de D. Juliana seu tio D. Francisco de Noronha. Foy o dote vinte contos de reis, oito contos pagos logo em padroens de tenças, joyas, ouro, prata lavrada, e dinheiro; doze contos, que o Marquez havia de pagar em seis annos para cumprimento dos vintes contos, que principiariaõ em Janeiro do anno seguinte de 1548, e seriaõ satisfeitos nas rendas do Marquez da Cidade de Tavira, da Villa de Alcoutim, e na Cidade de Leiria, e em a Villa de Chaõ de Couce; e que havendo diminuiçaõ nas rendas, para a quantia dos dous contos de cada hum anno, a satisfaria o Marquez de outra parte. O Duque lhe prometteo de arrhas a terça parte do dote, ou houvesse, ou naõ filhos; para o que o Duque Mestre obrigou os rendimentos das Villas de Monte-

Prova num. 11.

 môr,

môr, e Aveiro, para a satisfaçaõ do dote, e arrhas, no caso da restituiçaõ; determinando-se com convençaõ das partes, que o dito dote seria vinculado em Morgado, como se assentara na presença delRey; porém ainda que o dote fosse vinculado, no caso de sua futura esposa naõ ter filhos, poderia testar de tres contos de reis delle, e tendo-os, sómente de hum conto. Neste Morgado succederiaõ os seus descendentes, e no caso de naõ ter filhos, passaria à Casa de Villa-Real; e succedendo falecer D. Juliana primeiro, que o Duque, deixando filhos, e estes faltassem, o Duque entraria em sua vida na posse do Morgado, no qual se excluiraõ Clerigos, Frades, Freiras, bastardos, espurios, com outras substituições, e clausulas, que se podem ver; e foy feito este Contrato por Pedro Fernandes, Escrivaõ da Camera delRey, que por hum Alvará seu o constituîo Notario para esta Escritura, feita a 30 de Janeiro de 1547; o qual Contrato foy depois confirmado por ElRey, com clausulas especiaes, por huma Carta, em que foy incorporado com tudo o que sobre este negoceado se tratou, e foy passada em Lisboa a 17 de Março do anno de 1548.

Celebraraõ-se as vodas a 22 de Fevereiro do anno de 1547 na Villa de Almeirim, onde estava entaõ a Corte: foy grande a pompa, e mayor as demonstrações da estimaçaõ delRey, que com publicas honras fez mais luzido o acto. Sahiraõ do Paço o Infante Dom Luiz, e o Cardeal Infante, seguidos dos

Arce-

Arcebiſpos de Lisboa, e do Funchal, o Biſpo de S. Thomé, dos Condes de Portalegre, da Caſtanheira, e da Vidigueira, D. Affonſo de Portugal, filho do Conde de Vimioſo, D. Franciſco de Mello, filho do Marquez de Ferreira, e outros muitos Senhores, e foraõ à caſa do Arcebiſpo do Funchal, onde eſtava o Duque de Aveiro, que poſto a cavallo, os Infantes lhe deraõ o lugar entre elles, ficando da parte direita o Infante Cardeal, e da eſquerda o Infante D. Luiz: hia o Duque veſtido de pano preto tozado, pelote, e capa aberta, gorra de veludo com huma eſtampa aberta, e colar, montado em hum cavallo ruço ricamente ajaezado, e paſſando o arco do terreiro, em que eſtá o Paço, encontraraõ a ElRey, que dando ao Duque a maõ eſquerda, foy converſando com elle, e depois ſobindo ao Paço, ElRey tomando o docel, veyo a Rainha com a nova Duqueza, acompanhada das Damas, e o Nuncio, que era o Arcebiſpo do Funchal, os recebeo na fórma do Ceremonial Romano: depois houve ſarão, em que ElRey dançou com a Rainha, o Infante D. Luiz com a Infanta D. Maria, e logo os Duques eſpoſados, e outros muitos Senhores; de ſorte, que durou até às nove horas da noite. Recolhidos os Reys, o Duque voltou para ſua caſa, acompanhado de muitos Senhores, e Fidalgos, e no dia ſeguinte houve na Capella Pontifical, que fez o Arcebiſpo do Funchal. Tanto que ElRey chegou à porta da ſalla, ſahio o Arcebiſpo reveſtido de Pontifical com toda a Capel-

la a lançar agua benta aos Reys, e Principe: ElRey levava da parte eſquerda ao Duque, e a Rainha à Duqueza; e depois de feitas diverſas ceremonias, que entaõ ſe praticavaõ, antes do Concilio de Trento, acabado o acto, o Duque beijou a maõ a ElRey, Rainha, Principe, e Infantes, e a Duqueza o fez à Rainha, e todos os mais parentes fizeraõ o meſmo; e recolhendo-ſe, o Duque teve a honra de jantar com ElRey, e o Infante Dom Luiz, e a Duqueza com a Rainha. Tanto que ElRey acabou de comer, ſe levantou, e foy para o Quarto da Rainha: houve ſaráo, ſegundo o coſtume do Paço, dançaraõ as Damas. A's quatro horas ſahio ElRey a cavallo com os Infantes, e toda a Corte, e levaraõ aos Duques a caſa de ſeu tio D. Nuno Alvares, que ſe lhe tinha preparado, aonde ficaraõ; e depois de ElRey com eſta diſtincta expreſſaõ ter honrado as vodas dos Duques, que elles lhe agradeceraõ com o mais profundo reſpeito, ſe deſpedio, e foy divertirſe ao campo antes de ſe recolher ao Paço, como vimos em huma Carta eſcrita naquelle tempo.

Prova num. 12.

Chronica delRey Dom Joaõ III. part. 4. cap. 95.

Era já o anno de 1552, em que caſou o Principe D. Joaõ; encarregou ElRey ao Duque de Aveiro, junto com o Biſpo de Coimbra D. Fr. Joaõ Soares, foſſe à Raya de Caſtella a tomar entrega da Princeza D. Joanna, futura eſpoſa do Principe. O Duque de Aveiro fez eſta funçaõ com notavel grandeza; porque ſe acompanhou de ſeus irmãos Dom Affonſo de Lencaſtre, Commendador mór de Santiago, e Dom

Luiz

Luiz de Lencastre, Commendador môr de Aviz, Henrique Correa da Sylva, Senhor da Torre da Murta, e outros Fidalgos, Furtados Mendoças, seus parentes, que fariaõ o numero de vinte, que todos com despeza, e luzimento nas suas pessoas, criados, e librés differentes, fizeraõ ainda mais pomposo aquelle dia. Hia tambem com elle Ayres Pires Cabral, Corregedor da Corte, e Casa, com os seus officiaes, para as cousas pertencentes à justiça. O Duque compunha a sua comitiva, entre criados, e Vassallos, de quinhentos homens de cavallo, oitenta Alabardeiros de sua guarda, dous Arautos com suas Cotas de Armas, atabales, trombetas, e charamellas, ao uso daquelle tempo; e toda aquella Familia vestia libré das cores do Duque, que era roxo, amarello, e branco: levava cento e cincoenta azemolas, cubertas com reposteiros, guarnecidos das mesmas cores, custosamente bordados com as suas Armas. O Bispo, e irmãos do Duque eraõ seguidos das suas comitivas, com custosas, e luzidas librés. Chegou o Duque a Elvas com este grande apparato, e tendo noticia, que a Princeza era chegada a Badajoz, determinou logo, de que se fizesse o acto da entrega. Vinhaõ com a mesma commissaõ para a entrega, servindo a Princeza, D. Diogo Lopes Pacheco, Duque de Escalona, com o Bispo de Osma, D. Pedro da Costa, Capellaõ môr, que tinha sido da Emperatriz D. Isabel, em cujo serviço passou de Portugal a Hespanha, e era sobrinho do Cardeal D. Jorge da Costa, e ambos

bos acompanhados de Fidalgos, e gente luzida: acompanhavaõ mais à Princeza Luiz Venegas, Aposentador môr, e Lourenço Pires de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica, que era Embaixador delRey Dom Joaõ ao Emperador, e depois o primeiro Conselheiro de Estado, que houve em Portugal. Assim concorreraõ ambas as Coroas a fazerem mais vistoso aquelle acto, sobre que se moveraõ algumas duvidas no modo da entrega; porém o Duque de Aveiro presistio, em que devia de ser na mesma fórma, que se praticara nas entregas antecedentes, o que encontrava o de Escalona. O Duque de Aveiro, que era dotado de talento, e prudencia, o representou à mesma Princeza, inteirando-a da instrucçaõ, que trazia, fundada nos casos precedentes; o que revestio com tanta persuasaõ, que a Princeza se conformou com o seu parecer, e todos vieraõ a accommodarse, e assim se executou a entrega. Determinado o dia, sahio a Princeza de Badajoz acompanhada da sua Corte, e de Elvas, o Duque de Aveiro com o Bispo de Coimbra, e toda a mais comitiva, que os seguia; e chegando ao lugar determinado, que divide Portugal de Castella, mostrando reciprocamente cada hum dos Duques o seu pleno poder, de que estavaõ revestidos para aquelle acto, se fizeraõ os Instrumentos publicos, de que cada hum tomou, o que lhe tocava. O Duque de Escalona, que tinha de redea a mulla, em que a Princeza estava, a entregou ao Duque de Aveiro, e apartando-se, se houve por entregue

da

da Princeza, e montando a cavallo, lhe foy beijar a maõ, por assim lho ter ordenado ElRey; e compridas as ceremonias, marcharaõ para Elvas, onde foy recebida com notaveis expressoens de gosto, que se continuaraõ por todas as terras, até que chegou ao Barreiro, onde ElRey a esperava, e partiraõ para Lisboa com magestoso, e real apparato, em que se via a grandeza dos Reys, e o amor dos Vassallos. ElRey agradeceo ao Duque o bem, que correspondera à eleiçaõ, que delle fizera, para hum acto de tanta confiança, e estimaçaõ, de que o Duque era merecedor, pela grande representaçaõ da sua pessoa, que ornava de excellentes virtudes; porque foy agradavel, entendido, prudente, e pio.

He fundaçaõ sua o Convento de Nossa Senhora da Arrabida, que deu depois o nome àquella exemplar Provincia, cooperando o seu respeito, e cuidado para a sua erecçaõ; porque elle trouxe a este Reyno ao Veneravel Fr. Martinho, Varaõ Apostolico, ornado de virtude heroica, com a Doaçaõ, que lhe fez da Ermida da Senhora da Arrabida, de cuja Provincia foy Fundador, que teve principio no Convento, que no mesmo sitio o Duque fez fabricar, conforme o rigor da vida, que nelle se havia de praticar, ajudando com zelo, e devoçaõ os bons intentos do Santo Fundador, que em breve tempo se adiantaraõ com universal edificaçaõ, crescendo a huma Provincia, que se fez benemerita, em todas as idades, da attençaõ dos nossos Reys; a qual reconhecendo

Annales Minorum ad an. 1542. tom. XVIII. pag. 41.
Chronica da Provincia da Arrabida, part. 1. liv. 1. cap. 4. e 14.

cendo a obrigaçaõ, em que estavaõ ao seu primeiro Bemfeitor, o elegeo Padroeiro geral, o que elle entaõ muito estimou, e depois se continuou nos successores desta grande Casa. Tambem he fundaçaõ sua o Convento, que a mesma Provincia tem em Torres-Novas, que sendo fundado primeiro em hum lugar fóra da Villa com o titulo de Nossa Senhora do Egypto, depois o mudaraõ para onde existe.

Historia de S. Domingos, part. 1. liv. 3. cap. 5.

O Convento de S. Domingos da Cidade de Coimbra, da Ordem dos Prégadores, que se havia fundado pelos annos de 1242, mudaraõ por justos motivos os seus Religiosos para o lugar, em que se vê naquella Cidade pelos annos de 1546; porém como eraõ curtos os cabedaes, corria taõ lentamente a obra, que parece seria largo prazo o fim, se o Duque de Aveiro generosamente a naõ ajudara, tomando por sua conta parte da obra, e a Capella mór para seu jazigo: pelo que contratou com o Convento algumas cousas, com tal piedade, que redundaraõ em honra, e reputaçaõ da Casa. Foraõ estas instituir tres Missas quotidianas, para o que applicou hum juro de cem mil reis; recomendando mais, que a sete Clerigos pobres se dê todos os annos doze mil reis para poderem estudar, e a treze orfãas dez mil reis para ajuda do seu dote, fazendo Administrador ao Prior do Convento; obras verdadeiramente de animo pio, e generoso; porque naõ eraõ curtas para aquelle tempo. Faleceo a 22 de Agosto do anno de 1571, e jaz na dita Capella.

Foy

Foy o Duque, como temos visto, de animo pio, muy devoto da Virgem Santissima, que venerava com particular culto na sua Igreja da Arrabida, e sempre generoso, e magnifico nas occasioens, que temos referido, em que se distinguio, com applauso do seu nome, e honra da Naçaõ. A sua Casa era servida de numerosa, e luzida familia de criados, de diversos foros, em que dava a conhecer a grandeza da pessoa; de sorte, que sempre, que assistia na Corte, dava mesa a muitos Fidalgos, que comiaõ com elle, e o acompanhavaõ. Era erudîto, com muita applicaçaõ aos estudos, de que nos deixou hum excellente testemunho na Traducçaõ, que fez da lingua Italiana para a Latina do livro, que Tullio Cripoldo Reatino compoz da Paixaõ de Christo Senhor Nosso, tirado dos quatro Euangelistas, de que diz Xysto Senense, que felizmente conseguira o estylo, e idéa do Author, nas palavras seguintes: *Quem Joannes I. Lusitaniæ Regis Nepos, & Averiæ Dux lectione ejus incensus, latinitati donavit, styllum, & mentem auctoris feliciter assecutus.* Este elogio he huma prova do talento do Duque, e do grande conhecimento, que tinha da lingua Latina, para verter nella com tanta propriedade huma Obra escrita na Italiana, de que devia igualmente ter conhecimento. Era discreto, e prompto em dizer com emfaze, e delle se referem repostas muy galantes, como foraõ, o dizerlhe o Duque de Bragança, que dera huma Commenda a hum Musico seu, e que tanto, que a

Xysto Senense, *Biblio. thec.* lit. *M.* in fin. impres. em Colonia 1586.

teve, se ausentara da sua Casa, a que lhe respondeo: Senhor, a semelhantes passaros naõ se dá de comer, senaõ na maõ, como ao gaviaõ. O Marquez de Ayamonte o mandou visitar, e perguntando ao criado, em que se occupava seu amo, lhe disse: Que na caça da volataria, em que gastava toda a sua fazenda; a que o Duque respondeo: Dizey a vosso amo, que huns homens se perdem na terra, outros no mar; mas que o Marquez se perdia no ar. Quando elegeraõ ao Senhor D. Constantino, filho do Duque de Bragança, Vice-Rey da India, disse lhe naõ parecia boa a eleiçaõ; porque se o fizesse bem, naõ havia no Reyno recompensa, que o satisfizesse; e se mal, quem o havia de castigar? No tempo, que o mesmo Duque se andava aprestando para ir receber à Raya de Castella a Princeza D. Joanna, lhe mandaraõ de Setuval hum solho de naõ ordinaria grandeza, e por tal o mandou a ElRey com este recado: Que tambem soubesse a Sua Alteza o solho, como a elle lhe soube a Raya; fundando o dito no equivoco, que formou de ajuntar a palavra, que dá o nome àquelle peixe: outros muitos ditos foraõ celebres naquelle tempo, de que se conhece a agudeza, e promptidaõ, que tinha na conversaçaõ familiar.

Casou com a Duqueza D. Juliana de Lara, filha de D. Pedro de Menezes, III. Marquez de Villa-Real, e da Marqueza D. Brites de Lara sua prima com irmãa, filha de D. Affonso, Condestavel de Portugal, como já deixamos escrito a pag. 514 do Tomo II. donde

donde se deve reparar a equivocaçaõ de lhe chamar Joanna. A sua Arvore se verá adiante. Deste esclarecido consorcio nasceraõ os filhos seguintes:

15 D. JORGE DE LENCASTRE, II. Duque de Aveiro, como se dirá no Capitulo III.

15 D. PEDRO DINIZ DE LENCASTRE, foy o segundo filho desta esclarecida uniaõ. Foy Senhor da Capitanía de Porto-Seguro, por Doaçaõ do Duque seu pay, que estimou a este filho, a quem quiz assim estabelecer hum Estado, o qual comprou com faculdade Real.

Desejava ElRey D. Joaõ III. povoar as dilatadas terras da Costa do Brasil, pelo que fez diversas Doações, e entre ellas foy a Pedro de Campo Tourinho de cincoenta legoas de largo na Costa do Brasil, para elle, e seus descendentes, de juro, e herdade, com jurisdicçaõ Civel, e Crime, de que se formou a Capitanía de Porto-Seguro, a que deu o nome a embocadura de huma Ribeira da parte do Mar do Norte, concedendolhe largas isenções, que nella se contém, e foy passada em Lisboa a 27 de Mayo do anno de 1534. Succedeo nesta Capitanía seu filho Fernaõ de Campo Tourinho, que faleceo sem estado, antes de tirar Doaçaõ, e confirmaçaõ da dita Capitanía; e sendo já mortos seu pay, e mãy, Pedro de Campo Tourinho, e Ignes Fernandes Pinta, e naõ havendo delles outro descendente mais, que sua filha Leonor de Campo, ElRey lha confirmou por successaõ de seu irmaõ, por Carta passada em Lis-

boa a 30 de Mayo de 1556. Depois a mesma Leonor do Campo, com faculdade Real, a vendeo ao Duque de Aveiro, a quem ElRey no mesmo Alvará deu permissaõ, para por sua morte a nomear em seu filho D. Pedro Diniz de Lencastre, dizendo: *E outro sy hei por bem, e me praz, que comprando o dito Duque a dita Capitanìa, elle a possa deixar por seu falecimento a D. Pedro Diniz seu filho segundo, o qual Dom Pedro a herdará, e succederá da mesma maneira, que a dita Leonor do Campo a tem pela dita Doaçaõ, que foy feita a Pedro de Campo seu pay, e a Fernaõ do Campo seu irmaõ, de quem ella a houve por successaõ, &c.* Foy feito em Lisboa a 16 de Julho de 1559. E com esta licença delRey fizeraõ huma escritura publica em 19 de Agosto do mesmo anno, em que Leonor do Campo vendeo, e renunciou no Duque a Capitanía de Porto-Seguro, com toda a sua jurisdicçaõ, Civel, e Crime, &c. para elle, e todos os seus successores, pela quantia de cem mil reis de juro, a razaõ de doze mil e quinhentos reis o milheiro, e seiscentos mil reis em dinheiro, e dous moyos de trigo cada anno em quanto ella vivesse; o que tudo ElRey Dom Sebastiaõ confirmou, e passou huma Carta de Doaçaõ ao Duque, com a faculdade de por sua morte nomear a dita Capitanía de Porto-Seguro em seu filho segundo D. Pedro Diniz, dizendo: *Para elle, e todos os seus filhos, netos, herdeiros, e successores, que apôs elle vierem, assim, e da maneira, que a dita Doaçaõ foy concedida ao dito*

Prova num. 13.

Pedro

Pedro do Campo primeiro Capitaõ della, &c. Foy paſſada em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1560. Aſſim o Duque, que eſtimou muito eſte filho, lhe nomeou no ſeu Teſtamento a dita Capitanía, e juntamente ſeu Teſtamenteiro com o Duque D. Jorge ſeu irmaõ. Depois o meſmo Rey o mandou a Caſtella no anno de 1573 a dar os pezames a ElRey D. Filippe II. da morte da Princeza D. Joanna ſua irmãa, e mãy do meſmo Rey D. Sebaſtiaõ, com quem paſſou a primeira vez à Africa. Teve algumas Commendas na Ordem de Santiago, por merce do Duque Meſtre ſeu avô. Foy Mordomo môr do dito Rey, como affirma D. Antonio de Lima no ſeu Nobiliario. Naõ contava mais, que vinte e ſete annos, quando morreo, deixando grande ſentimento na Corte, por ſer ornado de excellentes partes, que promettiaõ certas eſperanças de ſer hum grande Miniſtro.

Nobiliario de D. Antonio de Lima.

Caſou com D. Filippa da Sylva, que depois foy IV. Condeſſa de Portalegre, Senhora das Villas de Gouvea, S. Romaõ, Cerolico, Valerin, Villa-Nova, Moymenta, e das Ilhas de S. Nicolao, e S. Vicente, em que ſuccedeo a ſeu avô D. Alvaro, III. Conde de Portalegre, por aſſim o determinar ElRey D. Sebaſtiaõ. Era filha de D. Joaõ da Sylva, herdeiro da Caſa de Portalegre, e de ſua ſegunda mulher, e tia D. Margarida da Sylva, Dama da Rainha D. Catharina, filha herdeira de Dom Garcia de Almeida, Commendador de Sebal na Ordem de Chriſto; porém foy pouco ditoſa eſta uniaõ, porque em breve tempo

tempo faleceo Dom Diniz, deixando a filha seguinte:

16 D. JULIANA DA SYLVA, que morreo menina, sobrevivendo pouco a seu pay.

Esta Senhora casou depois segunda vez com D. Joaõ da Sylva, Commendador de Obscria, Gentil-homem de Boca delRey D. Filippe II. de Castella, de quem entaõ se achava Embaixador em Portugal a ElRey D. Sebastiaõ, que preferio este Fidalgo aos mais pretendentes deste matrimonio; porque nelle se restituîa a Casa de Portalegre à varonia de Sylva, por ser filho de D. Manrique da Sylva, Mestre Salla da Emperatriz Dona Isabel, Commendador de Gualdelerça na Ordem de Calatrava, e de D. Brites da Sylveira, Dama da mesma Emperatriz, e neto de D. Joaõ da Sylva e Ribera, I. Marquez de Monte-Mayor, Senhor de Villa Seca, Laganilha, e Aguila, Alcaide môr de Toledo, e Notario mayor daquelle Reyno, e da Marqueza D. Maria de Toledo, Senhora do Estado de Mejorada, como escreve o erudîto D. Luiz de Salazar e Castro naquella estimadissima Obra da Casa de Sylva, onde se póde ver.

Historia da Casa de Sylva, tom. 1. liv. 4. cap. 3. e 16.

Teve o Duque illegitimo

15 D. JOAÕ DE LENCASTRE, que com o Duque seu pay acompanhou a Princeza Dona Joanna, quando veyo para este Reyno; depois tomou o habito da Ordem dos Prégadores, que professou, onde morreo em Castella.

D. Ju-

ana ra, za iro, r do e D.

- D. Pedro de Menezes, III. Marquez de Villa-Real.
  - Dom Fernando de Menezes, II. Marquez de Villa-Real, * em 1523.
    - D. Pedro de Menezes, I. Marquez de Villa-Real, * em 1499.
      - D. Fernando de Noronha, Conde de Villa-Real.
        - Dom Affonso, Conde de Gijon.
        - D. Isabel filha delRey D. Fernando.
      - D. Brites de Menezes, II. Condessa de Villa-Real.
        - D. Pedro de Menezes, I. Conde de Villa-Real.
        - A Condessa D. Margarida de Miranda.
    - A Marqueza Dona Brites.
      - D. Fernando, I. do nome, Duque de Bragança, * a 23 de Março de 1478.
        - D. Affonso, I. Duque de Bragança, * em 1461.
        - A Condessa D. Brites Pereira.
      - A Duqueza D. Joanna de Castro.
        - D. Joaõ de Castro, Senhor do Cadaval.
        - D. Leonor da Cunha.
  - A Marqueza D. Maria Freire. H.
    - Joaõ Freire de Andrade, Senhor de Alcoutim, Aposentador môr.
      - Joaõ Freire de Andrade, Senhor de Bobadella.
        - Gomes Freire de Andrade, Senhor de Bobadella.
        - Dona Leonor Pereira
      - Dona Catharina de Sousa.
        - Martim Affonso de Sousa, Senhor de Mortagua.
        - Dona Maria de Briteiros.
    - D. Leonor da Sylva, segunda mulher.
      - Pedro Gonçalv. Malafaya, Védor da Fazenda delRey Dom Joaõ I.
        - Gonçalo Pires Malafaya, Védor da Fazenda.
        - Maria Annes.
      - Dona Isabel Gomes da Sylva, Dama da Rainha D. Leonor.
        - Joaõ Gomes da Sylva, Senhor de Vagos, Alferes môr.
        - Ignez Lopes.
- D. Brites de Lara sua prima com irmáa.
  - Dom Affonso, Condestavel de Portugal, * em Outubro 1504.
    - D. Diogo, Duque de Viseu, Mestre da Ordem de Christo, Condestavel de Portugal, * a 23 de Agosto de 1484.
      - O Infante Dom Fernando, * em 18 de Setembro de 1470.
        - ElRey Dom Duarte, * a 9 de Setembro de 1438.
        - A Rainha D. Leonor, Infanta de Aragaõ, * a 18 de Fever. 1445.
      - A Infanta D. Brites, * a 30 de Setembro de 1506.
        - O Int. D. Joaõ, Mestre da Ord. de Santiago, * a 18 de Out. 1442.
        - A Infanta D. Isabel, * em 26 de Outubro de 1465.
    - D. Isabel de Sottomayor e Portugal, Marqueza de Villa Hermosa.
      - Dom Joaõ de Sottomayor.
        - D. Fernando de Sottomayor.
        - D. Leonor Yxar.
      - Dona Isabel de Portugal.
        - Dom Fernando de Eça, Senhor de Eça, filho do Infante D. Joaõ.
        - D. Isabel de Avalos.
  - A Condestablessa D. Joanna de Noronha, vivia em 1512.
    - D. Pedro de Menezes, I. Marquez de Villa-Real.
      - D. Fernando, Conde de Villa-Real.
        - D. Affonso, Conde de Gijon.
        - A Senhora D. Isabel acima.
      - D. Brites de Menezes, II. Condessa de Villa-Real.
        - D. Pedro de Menezes, I. Conde de Villa-Real.
        - D. Margarida de Miranda.
    - A Marqueza Dona Brites.
      - Dom Fernando, I. do nome, Duque de Bragança.
        - D. Affonso, I. Duque de Bragança.
        - A Condessa D. Brites Pereira.
      - A Duqueza D. Joanna de Castro.
        - D. Joaõ de Castro, Senhor do Cadaval.
        - D. Leonor da Cunha.

CAPI-

CAPITULO III.

De D. Jorge de Lencastre II. Duque de Aveiro, e Marquez de Torres-Novas.

15 Nasceo Dom Jorge de Lencastre Marquez de Torres-Novas, primogenito da esclarecida uniaõ dos Duques de Aveiro D. Joaõ, e D. Juliana. A memoria de seu excelso avô o Senhor D. Jorge lhe deu o nome, a que elle ajuntou admiraveis virtudes, que praticou com o tempo; porque o sangue, que recebera de Reaes ascendentes, foy estimulo para fazer grande o seu nome. Succedeo por morte do Duque seu pay nos Estados da sua grande Casa, e foy II. Duque de Aveiro, Commendador na Ordem de Santiago nas Commendas, que teve seu pay. Unio à sua pessoa tantos merecimentos, que o faziaõ digno de mais larga vida, que acabou moço; mas coroado de immortal gloria, como veremos.

Nas Cortes, que se celebraraõ em Lisboa no anno de 1562, em que a Rainha D. Catharina entregou o governo do Reyno ao Infante Cardeal Dom Henrique, se achou presente D. Jorge sendo Marquez de Torres-Novas; e tambem no anno de 1568, em que ElRey Dom Sebastiaõ tomou o governo do Reyno; e depois quando o mesmo Rey passou a primeira vez à Africa, o acompanhou o Duque. No anno

anno de 1577, quando paſſou a aviſtarſe em Guadalupe com ElRey D. Filippe II. ſeu tio, o acompanhou neſta jornada o Duque de Aveiro; e tratando eſte aos mais Senhores, que acompanharaõ a ElRey, com eſpeciaes honras, diſtinguio ao Duque de Aveiro, abraçando-o com particular affecto, e o mandou cobrir, e ElRey D. Sebaſtiaõ ao Duque de Alva. Era o fim deſta jornada os ſoccorros para a guerra de Africa; aſſim tanto que ElRey voltou para o Reyno, entrou com grande calor neſta expediçaõ; e tanto que eſteve prompta, ſe poz em execuçaõ eſta infeliz jornada no anno de 1578, para que determinando ElRey dar a Regencia do Reyno ao Cardeal Infante D. Henrique ſeu tio, que elle naõ aceitou, nomeou quatro Fidalgos, em que ficaſſe eſte poder: foraõ o Arcebiſpo de Lisboa D. Jorge de Almeida, D. Joaõ Maſcarenhas, Franciſco de Sá, e Pedro de Alcaçova Carneiro; o que participou por Cartas circulares às Cidades, e Villas principaes do Reyno, e alguns Senhores, conforme o coſtume. Embarcou ElRey na Armada, e logo entraraõ os da Regencia a governar; era o dia 15 de Julho do referido anno: o deſpacho era no Paço com aſſiſtencia do Secretario de Eſtado Miguel de Moura, todos em huma meſa, e ſe ajuntavaõ duas vezes no dia. Seguio o Duque a ElRey com luzida comitiva de Fidalgos, Vaſſallos, e Criados. Chegou finalmente à Africa a Armada, e deſembarcando o Exercito, começou a marchar; e depois de ter feito o quinto alojamento, em

Faria, *Europa Portug.* tom. 3. part. 1. cap. 1. pag. 14.
Hiſtoria Sebaſtica, liv. 2. cap. 27. pag. 340.

huni

hum Sabbado 2 de Agosto, appareceraõ os primeiros inimigos, que sendo vistos dos nossos, elegeo ElRey ao Duque de Aveiro, para que fosse com trezentos cavallos observallos, e reconhecellos, e lhe deu o seu mesmo Guiaõ, favor taõ especial, que o Duque reconhecido a tanta honra, se apeou logo, e lhe beijou a maõ, e o estribo. O Prior do Crato sentio muito a preferencia da eleiçaõ, e naõ menos a merce da honra do Estendarte. Era esta a primeira acçaõ dos nossos, pelo que todos os Cavalleiros pretendiaõ acompanhar ao Duque; porém ElRey mesmo andou ordenando a gente, e nomeou os que foraõ; e voltando o Duque, informou a ElRey de qual era o poder dos inimigos; chamou a Conselho, para se determinar o caminho, que haviaõ de tomar. Seguio-se, passados dous dias, a batalha, e disposta a ordem, ficou ElRey da parte esquerda, à maõ direita dos Aventureiros o Duque de Aveiro com o seu batalhaõ composto de muitos Senhores, Fidalgos, e Cavalleiros, que por ordem delRey o seguiaõ, sem elle ter posto. Algumas Memorias, que vimos, dizem, que ElRey na vespera da batalha o nomeara General da Cavallaria; porém Jeronymo de Mendoça, que se achou na occasiaõ, e escreveo este successo affirma, que naõ tivera o Duque posto. Finalmente travada a batalha, e já na força do conflicto, passou ElRey por onde o Duque estava, e depois de com palavras de muita honra, e estimaçaõ, lhe louvar muito a ordem, em que tinha posto aos seus, lhe en-

Mendoça, *Jornada de Africa*, cap. 6. pag. 15.
Faria, *Europa Portugueza*, tom. 3. part. 1. cap. 1.
Historia Sebastica, liv. 2. cap. 34. pag. 403.

carregou, que daquelle posto senaõ bollisse, sem que elle da sua propria boca lho mandasse; o que foy hum erro taõ grande, que miseravelmente fez perecer este corpo de Cavallaria, que tal vez poderia, senaõ conseguir a vitoria, ao menos com elle salvarse. Vendo o Duque de Aveiro, que ElRey naõ apparecia, e a ordem, que tinha para naõ abalar daquelle lugar, e já tudo com confusaõ perdido, os Mouros taõ perto, que quasi o offendiaõ com as lanças; incitado de alguns Fidalgos, forçado da necessidade, ainda com escrupulo da obediencia, deu rijamente de esporas ao cavallo, e querendo tirar a lança, em que estava arrimado, se lhe havia de tal sorte metido na terra, que a naõ pode tirar, e largando a lança, que parece, que a mesma terra lha arrebatara, levou da espada, e correndo diante do seu esquadraõ, o mandou meter entre os Mouros por Antonio de Vasconcellos, que hia encarregado delle; o que fez taõ arrebatadamente, que alguns o naõ puderaõ seguir com a mesma pressa. Neste mesmo tempo D. Duarte de Menezes, que algum tanto ficava apartado do Duque, com os que o seguiaõ, e o Xarife, deraõ de maneira nos Mouros, com tal coraje, e impeto, que cedendo a multidaõ ao valor, fizeraõ nelles tal estrago, que os puzeraõ em fogida, começando outra vez a divisarse a vitoria da parte dos nossos. Porém como eraõ só dous mil de Cavallo, ainda que taõ valerosos, como o mesmo Marte, naõ puderaõ resistir a quarenta mil Barbaros, com quem

con-

contendiaõ; e naõ podendo já os nossos sofrer o grande pezo, com que os Barbaros os opprimiaõ, depois de ter feito quanto a arte, e o valor podia discorrer, ficaraõ no campo os mais delles mortos; o que vendo o Duque de Aveiro, se retirou de sorte, que os tornou a investir pela parte do Esquadraõ dos Tudescos. Desordenados outra vez, perguntando por El-Rey, com a pouca gente, que já lhe restava do conflicto, a persuadio, que o seguissem; e entrando pelos Mouros terceira vez, depois de ter obrado milagres de valor, em pouco espaço perdeo a vida a 4 de Agosto de 1578; nunca assás satisfeita no estrago, que fez com a sua espada nos Barbaros, ainda que em pequeno espaço de tempo, que nunca podia ser recompensa da perda de hum Principe, em quem as virtudes igualaraõ o animo, que se huma só pudera ter igual, nenhuma fora mayor; porque em tudo foy grande: e assim deixou de seu valor taõ esclarecida memoria, como da sua grande pessoa, que foy ornada de excellentes virtudes, sendo o brilhante o valor, e a generosidade, com grande exercicio na nobre arte da Cavallaria, pelo que era amado da Corte, e com especial inclinaçaõ do mesmo Rey, com quem acabou no mesmo dia. Antes de passar à Africa ordenou o seu Testamento em a Villa de Setuval, approvado em 10 de Julho de 1578. Nelle, na clausula seguinte, declarou a sua vontade sobre o casamento de sua filha, dizendo assim.

Naõ tendo eu filho baraõ cazece Dona Julian-

na minha filha com o Senhor Dom Jorge, meu Primo, como tenho já tratado, com a Duqueza minha mulher, e a ElRey meu Senhor peſſo o haja aſſim por bem, e lhe dê a ella para eſte caſamento tudo, o que eu agora tenho, aſſim de Coroa, como dos Meſtrados, e a merce, que lhe maes parecer pelos meos ſerviſſos, e de meus paſſados, e ficando de mjm filho baraõ, entaõ ſerâ o caſamento de noſſa filha, com quem parecer à Duqueza minha mulher, tomando niſſo licença de ElRey, meu Senhor, e parecer de noſſos parentes, e ſe a Duqueza ficar com alguma ſuſpeita de empreinhidaõ, quando me Deos levar, ſe aguardarâ athe ver, o que paire, e ſendo cazo, que o Senhor D. Jorge de Alencaſtro meu Primo ſeja fallecido, emtaõ ſerâ o dito caſamento de minha filha, com o Irmaõ maes velho, que ficar do dito meu Primo, naõ me ficando de mjm filho baraõ, porque ficando ſerâ entaõ o caſamento, de minha filha, com quem parecer à Duqueza como digo &c.

E porque na meſma batalha de Africa morreo D. Jorge de Lencaſtre, ſe effeituou o caſamento com ſeu irmaõ D. Alvaro de Lencaſtre, como dirá o Capitulo V.

Caſou com D. Magdalena Giron, irmãa do I. Duque de Oſſuna, Dama da Rainha Dona Iſabel de la Paz, e filha de D. Joaõ Telles Giron, IV. Conde de Urenha, Senhor de Oſſuna, Caçalha, Penhafiel, Archidona, Olvera, Briones, e Gumiel de Yzan, Notario mayor de Caſtella, Camareiro mór delRey,

e da

e da Condessa D. Maria de la Cueva sua mulher, Camareira môr da Rainha D. Isabel de la Paz, irmãa de D. Beltraõ de la Cueva, III. Duque de Albuquerque, Cavalleiro do Tusaõ, e filhos de D. Francisco Fernandes de la Cueva, II. Duque de Albuquerque, Marquez de Cuelhar, Conde de Ledesma, e de Huelma, e da Duqueza D. Francisca de Toledo. Desta esclarecida uniaõ nasceo unica

15 D. JULIANA DE LENCATRE, III. Duqueza de Aveiro, Marqueza de Torres-Novas, e Senhora de toda a mais Casa, e Estados do Duque seu pay. Casou com D. Alvaro de Lencastre seu tio, que occupará o Capitulo V.

A Du-

- ...uq. D. ...gdalena ...on, mu... de D. ...ge, II. ...que de ...eiro.
  - D. Joaõ Telles Giron, II. Cond. de Urenha, * em 19 de Mayo de 1558.
    - D. Joaõ Telles Giron, I. Conde de Urenha, * a 21 de Mayo de 1528.
      - D. Pedro Giron, Mestre de Calatrava, * em 2 de Mayo de 1466.
        - Alonso Telles Giron, Senhor de Frechoso, Rico-homem.
          - Martim Vasques da Cunha, Conde de Valença.
          - D. Theresa Telles Giron, filha de Affonso Telles Giron, Senhor de Frechoso.
        - D. Maria Pacheco, Senhora de Belmonte.
          - Dom Joaõ Fernandes Pacheco, Senhor de Belmonte.
          - D. Ignez Telles de Menezes.
      - D. Isabel de las Casas, segunda mulher, de nobre geraçaõ.
        - Alonso de las Casas, Senhor de Gomez Cardena.
          - D. Guilhen de Casaus.
          - D. Maria Fernandes de Fuentes.
        - D. Leonor Fernandes.
          - Diogo Furtado de Mendoça, Senhor del Cerprado.
          - D. Leonor Marmolejo.
    - A Condessa Dona Leonor de la Vega de Velasco, * 1522.
      - D. Pedro Fernandes de Velasco, II. Conde de Haro, * a 6 de Janeiro de 1492.
        - Dom Pedro Fernandes de Velasco, I. Conde de Haro, * a 25 de Fevereiro de 1470.
          - Joaõ de Velasco, Senhor de Medina, &c. Camar. mór, e Tutor delRey D. Joaõ II. de Castel. * 1418.
          - D. Maria Solier, Sen. de Villalpand.
        - A Condessa D. Brites Manrique.
          - D. Pedro Manrique, Senh. de Trevinho, Adiantado mayor de Leaõ.
          - D. Leonor de Castella.
      - A Condessa Dona Maria de Mendoça.
        - D. Inigo Lopes de Mendoça, I. Marquez de Sentilhana, * em 1455.
          - Dom Diogo Furtado de Mendoça, Senhor de Mendoça, Almirante de Castella, * em 1405.
          - D. Leonor de la Vega.
        - A Marqueza D. Catharina Soares de Figueiroa.
          - D. Lourenço Soares de Figueiroa, Mestre de Santiago, * em 1405.
          - D. Maria de Horosco, Senhora de Escamilha, e Santa Olalha.
  - A Cond. D. Maria de la Cueva, * a 19 de Abril de 1566.
    - Dom Francisco de la Cueva, II. Duque de Albuquerque.
      - Dom Beltraõ de la Cueva, I. Duque de Albuquerque, * a 31 de Outubro de 1492.
        - D. Diogo de la Cueva, Visconde de Huelma no anno de 1460.
          - Dom Egidio Martins de la Cueva, Commendador de Santiago, vivia em 1424.
          - D. Branca Fernandes de la Cueva.
        - D. Mayor Affonso de Mercado.
          - Joaõ Affonso de Mercado, Regedor de Ubeda.
          - Maria Sanches de Mollina.
      - A Duqueza Dona Mecia de Mendoça.
        - D. Diogo Furtado de Mendoça, I. Duque do Infantado, * em 1479.
          - D. Inigo Lopes de Mendoça, Marquez de Sentilhana, * em 1458.
          - A Marqueza D. Catharina Soares de Figueiroa, Senhora de Torija.
        - A Duqueza Dona Brianda de Luna e Mendoça.
          - D. Joaõ Furtado de Mendoça, Senhor de Moron, Mordomo mór delRey.
          - D. Maria de Luna.
    - A Duqueza D. Francisca de Toledo.
      - D. Garcia Alvares de Toledo, I. Duque de Alva, * em 1488.
        - D. Fernando Alvares de Toledo, Conde de Alva, creado em 1439.
          - D. Garcia Alvares de Toledo, Senhor de Valdecorneja.
          - D. Constança Sarmento.
        - A Condessa D. Mecia Carrilho de Toledo.
          - D. Pedro Carrilho de Toledo, Copeiro mór delRey.
          - D. Elvira Pallomeque.
      - A Duqueza Dona Maria Henriques.
        - D. Fradique Henriques, II. Almirante de Castella.
          - D. Alonso Henriques, I. Almirante de Castella, vivia em 1405.
          - D. Joanna de Mendoça.
        - D. Theresa de Quinhones.
          - D. Diogo Fernandes de Quinhones, Senhor de Luna, Meirinho mór de Leaõ.
          - D. Maria de Toledo.

CAPITULO IV.

De Dom Affonso de Lencastre, Commendador môr de Santiago.

14 DEixamos escrito no Capitulo I. que dos filhos, que procrearaõ os Duques de Coimbra o Senhor D. Jorge, e sua mulher a Duqueza D. Brites, fora o segundogenito D. Affonso de Lencastre, a quem seu pay fez merce da Commenda mayor de Santiago, e teve as Commendas de Grandola, Arruda, Almodovar, Gravaõ, Castro-Verde, Canha, Aldea-Galega. A sua linha veyo depois a recuperar a Varonía desta esclarecida, e grande Casa, como veremos no Capitulo seguinte. No anno de 1542, em que dissemos fora o Duque de Aveiro a tomar entrega da Princeza D. Joanna, o acompanhou o Commendador môr D. Affonso seu irmaõ, com tanto luzimento, que a sua comitiva se compunha de oitenta Criados a cavallo, quarenta Alabardeiros, vestidos todos das librés de suas cores, e trinta azemolas com reposteiros bordados das mesmas cores. No anno de 1574 foy D. Affonso chamado por ordem da Rainha D. Catharina, para huma das testemunhas da approvaçaõ do seu Testamento. Achouse nas Exequias delRey D. Sebastiaõ, que se celebraraõ na Igreja de Belem, e teve cadeira. Viveo com singu-

Chronica delRey Dom Joaõ III. part. 4. cap. 95.

ſingular modo, huma vida retirada, e quaſi Religioſa nas ſuas caſas de Santos, onde morreo em veſpera de Natal.

Caſou com D. Violante Henriques, filha de D. Joaõ Coutinho, I. Conde de Redondo, Commendador de Almourol, e Golegãa na Ordem de Chriſto, Senhor da Villa de S. Mil, Loriga, Alvoſo, e Concelho de Villa-Pouca, Capitaõ de Arzilla, em que alcançou notaveis vitorias: taõ valeroſo, e deſtro na guerra contra os Mouros, que delle diſſe o Magnanimo Carlos V. ao Infante D. Luiz, quando eſtava ſobre Tunes: *Quien tuviera aqui el Conde de Redondo con ſus dozientos rocines*; tal era a fama do Conde, e a grande reputaçaõ, em que eſtava com o Emperador! e de ſua mulher a Condeſſa D. Violante Henriques, filha de Dom Fernaõ Martins Maſcarenhas, Capitaõ dos Ginetes, Senhor de Lavre, Alcaide môr de Montemôr o Novo, &c. Deſta eſclarecida uniaõ tiveraõ copioſo fruto nos filhos ſeguintes:

15 D. Jorge de Lencastre, que foy o primeiro na ordem do naſcimento; aſſim ſuccedeo a ſeu pay, e foy Commendador môr da Ordem de Santiago, e teve tambem outras Commendas. Naõ caſou, porque acompanhando a ElRey D. Sebaſtiaõ à Africa, acabou na batalha, com eſtranho valor, de hum tiro de huma eſcopeta a 4 de Agoſto de 1578.

Jornada de Africa, liv. 1. cap. 7.

15 D. Alvaro de Lencastre, que foy III. Duque de Aveiro, como ſe verá no Capitulo V.

15 D. Manoel de Lencastre, que no anno de

de 1606 foy mandado por Governador, e Capitaõ General do Reyno do Algarve, que governou com prudencia, e faleceo no de 1614, ſem ter ſido caſado, e teve naturaes,

16 D. JOAÕ DE LENCASTRE, que foy Religioſo dos Eremitas de Santo Agoſtinho, Theologo, e Provincial; e depois da Acclamaçaõ, por pouco fiel à Coroa, padeceo alguns trabalhos.

16 D. MARIA DE LENCASTRE, que foy Religioſa em Madrid.

15 D. BRITES DE LENCASTRE, foy Commendadeira do Moſteiro de Santos da Ordem Militar de Santiago, em que entrou a 20 de Setembro de 1623, tomando o habito de Religioſa, e no ſeguinte profeſſou. Depois a proveo ElRey D. Filippe III. de Portugal no cargo de Prelada daquelle Real Moſteiro, em que ſuccedeo a ſua prima com irmãa D. Anna de Lencaſtre, que governou dez annos, com prudencia, e amor das ſubditas, e morreo no de 1634.

15 D. MARIA DE LENCASTRE,

15 D. FILIPPA DE LENCASTRE,

15 D. ANNA DE LENCASTRE, que foraõ Freiras da Ordem de S. Domingos no Moſteiro de S. Joaõ de Setuval.

15 D. HELENA DE LENCASTRE, que morreo ſem eſtado.

Teve fóra do matrimonio,

15 DOM JERONYMO DE LENCASTRE, que foy Clerigo, e Prior da Igreja de Torres-Novas, Pa-

 droado

droado da Casa de Aveiro; e teve os filhos seguintes:

16 D. LUIZ DE LENCASTRE, que foy Clerigo, e Prior da dita Igreja.

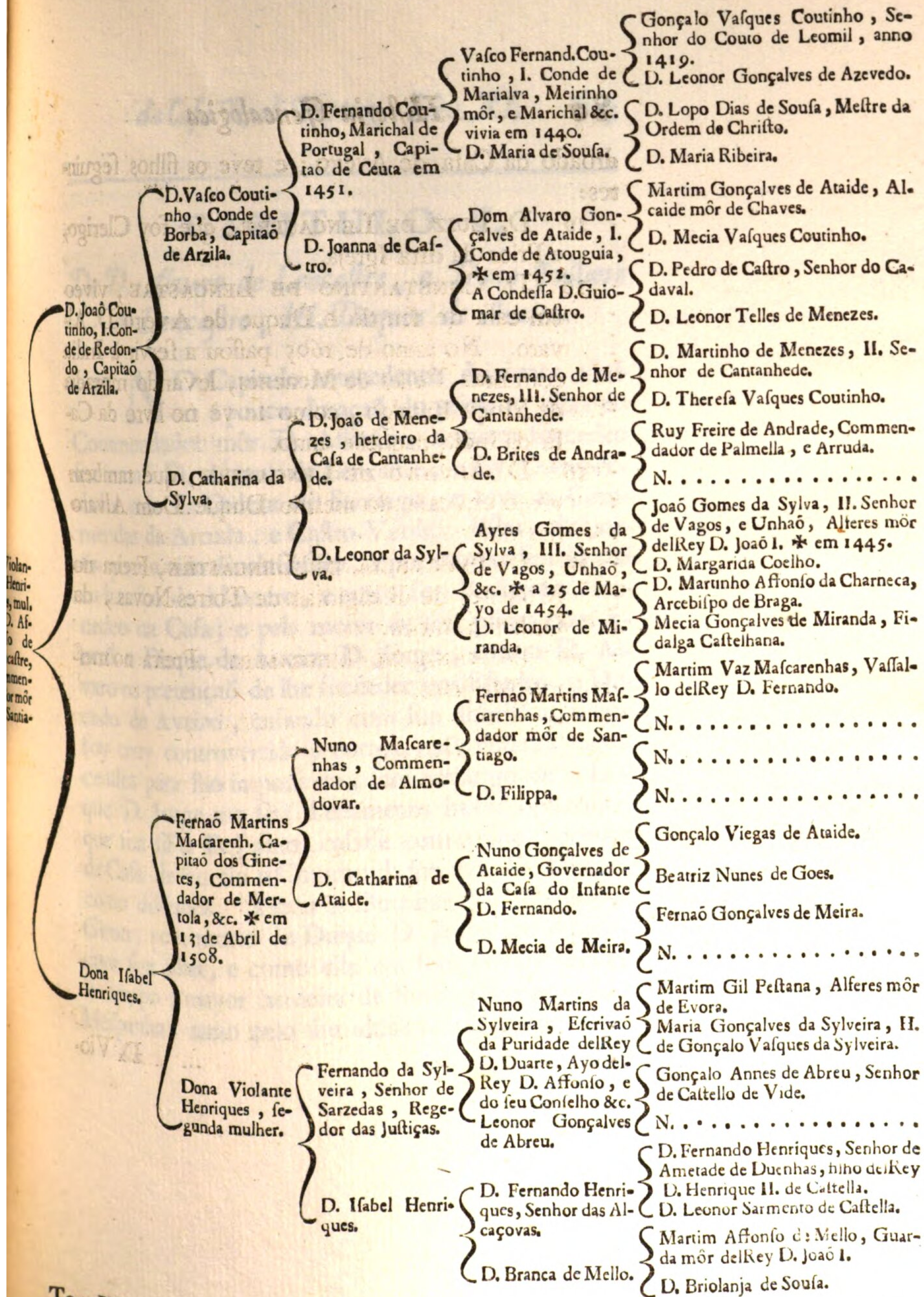
16 D. CONSTANTINO DE LENCASTRE, viveo em casa de seu tio o Duque de Aveiro D. Alvaro. No anno de 1605 passou a servir à India com Braz Telles de Menezes, levando moradia de Moço Fidalgo, como se vê no livro da Casa da India daquelle anno.

16 D. ALVARO DE LENCASTRE, que tambem viveo em casa do mesmo Duque Dom Alvaro seu tio.

16 D. FULGENCIA DE LENCASTRE, Freira no Mosteiro de Religiosas de Torres-Novas, da Ordem Serafica.

16 D. ANNA DE LENCASTRE, Freira no mesmo Mosteiro.

D. Vio-



- Violan- Henri- , mul, D. Af- o de castre, mmen- or môr Santia-
  - D. Joaõ Coutinho, I. Conde de Redondo, Capitaõ de Arzila.
    - D. Vasco Coutinho, Conde de Borba, Capitaõ de Arzila.
      - D. Fernando Coutinho, Marichal de Portugal, Capitaõ de Ceuta em 1451.
        - Vasco Fernand. Coutinho, I. Conde de Marialva, Meirinho mór, e Marichal &c. vivia em 1440.
          - Gonçalo Vasques Coutinho, Senhor do Couto de Leomil, anno 1419.
          - D. Leonor Gonçalves de Azevedo.
        - D. Maria de Sousa.
          - D. Lopo Dias de Sousa, Mestre da Ordem de Christo.
          - D. Maria Ribeira.
      - D. Joanna de Castro.
        - Dom Alvaro Gonçalves de Ataide, I. Conde de Atouguia, ✠ em 1452.
          - Martim Gonçalves de Ataide, Alcaide môr de Chaves.
          - D. Mecia Vasques Coutinho.
        - A Condessa D. Guiomar de Castro.
          - D. Pedro de Castro, Senhor do Cadaval.
          - D. Leonor Telles de Menezes.
    - D. Catharina da Sylva.
      - D. Joaõ de Menezes, herdeiro da Casa de Cantanhede.
        - D. Fernando de Menezes, III. Senhor de Cantanhede.
          - D. Martinho de Menezes, II. Senhor de Cantanhede.
          - D. Theresa Vasques Coutinho.
        - D. Brites de Andrade.
          - Ruy Freire de Andrade, Commendador de Palmella, e Arruda.
          - N. . . . .
      - D. Leonor da Sylva.
        - Ayres Gomes da Sylva, III. Senhor de Vagos, Unhaõ, &c. ✠ a 25 de Mayo de 1454.
          - Joaõ Gomes da Sylva, II. Senhor de Vagos, e Unhaõ, Alferes môr delRey D. Joaõ I. ✠ em 1445.
          - D. Margarida Coelho.
        - D. Leonor de Miranda.
          - D. Martinho Affonso da Charneca, Arcebispo de Braga.
          - Mecia Gonçalves de Miranda, Fidalga Castelhana.
  - Dona Isabel Henriques.
    - Fernaõ Martins Mascarenh. Capitaõ dos Ginetes, Commendador de Mertola, &c. ✠ em 13 de Abril de 1508.
      - Nuno Mascarenhas, Commendador de Almodovar.
        - Fernaõ Martins Mascarenhas, Commendador môr de Santiago.
          - Martim Vaz Mascarenhas, Vassallo delRey D. Fernando.
          - N. . . . .
        - D. Filippa.
          - N. . . . .
          - N. . . . .
      - D. Catharina de Ataide.
        - Nuno Gonçalves de Ataide, Governador da Casa do Infante D. Fernando.
          - Gonçalo Viegas de Ataide.
          - Beatriz Nunes de Goes.
        - D. Mecia de Meira.
          - Fernaõ Gonçalves de Meira.
          - N. . . . .
    - Dona Violante Henriques, segunda mulher.
      - Fernando da Sylveira, Senhor de Sarzedas, Regedor das Justiças.
        - Nuno Martins da Sylveira, Escrivaõ da Puridade delRey D. Duarte, Ayo delRey D. Affonso, e do seu Conselho &c.
          - Martim Gil Pestana, Alferes môr de Evora.
          - Maria Gonçalves da Sylveira, F. de Gonçalo Vasques da Sylveira.
        - Leonor Gonçalves de Abreu.
          - Gonçalo Annes de Abreu, Senhor de Castello de Vide.
          - N. . . . .
      - D. Isabel Henriques.
        - D. Fernando Henriques, Senhor das Alcaçovas.
          - D. Fernando Henriques, Senhor de Ametade de Duenhas, filho delRey D. Henrique II. de Castella.
          - D. Leonor Sarmento de Castella.
        - D. Branca de Mello.
          - Martim Affonso de Mello, Guarda môr delRey D. Joaõ I.
          - D. Briolanja de Sousa.

CAPITULO V.

De D. Alvaro de Lencastre, e Dona Juliana de Lencastre, III. Duques de Aveiro.

N O Capitulo antecedente dissemos, que pela pouca duração do primeiro filho do Commendador mór D. Antonio, a quem succedeo seu irmão D. Alvaro de Lencastre, Commendador mór da Ordem de Santiago, e das Commendas da Arruda, e Castello-Vide. [illegible] de quem a vida faleceo na batalha de Alcacere, e outros [illegible] succedeo na Casa; e pela morte do Duque de Aveiro D. Jorge, [illegible] D. Alvaro na pretenção de seu successor [illegible] casado de Aveiro, casando com sua [illegible] foy muy controvertido [illegible] para sua [illegible] impedirem a sua [illegible] que D. Jorge [illegible] que sua filha D. Juliana casasse com o seu successor da Casa [illegible] D. Affonso como dissemos [illegible] Duqueza D. Juliana [illegible] pela [illegible] do Duque D. Jorge seu avô com sua filha, e como ella era [illegible] naquelle tempo a mayor herdeira de Portugal, e de toda a Hespanha; tanto pelo seu dilatado casamento [illegible]

ito

CAPITULO V.

De D. Alvaro de Lencastre, e Dona Juliana de Lencastre, III. Duques de Aveiro.

15 NO Capitulo antecedente deixamos escrito a pouca duraçaõ do primeiro filho do Commendador môr D. Affonso, a quem succedeo seu irmaõ D. Alvaro de Lencastre, e foy Commendador môr da Ordem de Santiago, e teve as Commendas da Arruda, e Castro-Verde. Estava destinado para a vida Ecclesiastica, e por morrer seu irmaõ na batalha de Alcacere, e outro ser Religioso, succedeo na Casa; e pela morte de seu primo com irmaõ o Duque de Aveiro D. Jorge, entrou D. Alvaro na pretençaõ de lhe succeder nos Estados, e Ducado de Aveiro, casando com sua sobrinha, o que foy muy controvertido; porque naõ faltaraõ negoceados para lho impedirem; sem embargo de o Duque D. Jorge no seu Testamento haver ordenado, que sua filha D. Juliana casasse com o filho successor da Casa de seu tio o Commendador môr D. Affonso, como dissemos. Ficou a Duqueza D. Magdalena Giron, pela morte do Duque D. Jorge seu esposo, com sua filha, e como ella era sem duvida naquelle tempo a mayor herdeira de Portugal, e de toda a Hespanha, tanto pelo seu altissimo nascimento, como

mo pela grandeza da Casa, que representava, em que sobre riqueza, concorriaõ muitas prerogativas, que a faziaõ universalmente respeitada, entrou o Duque de Ossuna na idéa de a pretender para seu filho segundo Dom Pedro Giron; e com grande efficacia persuadio à Duqueza D. Magdalena sua irmãa, que assim seriaõ mais certas delRey D. Filippe II. todas as merces, que pertendessem; porém a Duqueza naõ se deixando vencer das persuasoens, e destrezas do Duque seu irmaõ, resolutamente lha negou, dizendo, que o Duque de Aveiro no seu Testamento havia determinado a pessoa com quem sua filha havia de casar, no que ella naõ podia ter arbitrio para o dispensar. Persistio o Duque de Ossuna nesta pretençaõ com tal empenho, que se persuadio a effeituaria por merce especial delRey, de quem era Camareiro môr, e muy attendido; de sorte, que intentou mandar de Napoles, onde entaõ era Vice-Rey, a Roma o mesmo filho, para pedir a dispensa ao Papa: porém neste tempo, antes de partir, morreo o filho de huma apoplexia, e naõ lhe ficou outro para a pretençaõ; porque com o successor da sua Casa, ainda seria mais ardua a empreza.

Naõ faltava tambem quem pretendesse malquistar com ElRey a Dom Alvaro, lembrandolhe, que quando foraõ as revoluções do Prior do Crato, elle se achara na batalha de Alcantara, o que havia sido certamente huma casualidade rara; porque D. Alvaro naõ tinha amisade com o Prior do Crato, nem

menos

menos ſeguio o ſeu partido, como logo ſe vio. Foy o caſo, que paſſando D. Alvaro por Lisboa para Setuval a buſcar ſuas irmãas, tendo já mandado antes hum recado aos Governadores do Reyno, que viſſem o que queriaõ elle fizeſſe; lhe mandou o Prior do Crato dizer, que ſe deixaſſe ficar em Lisboa; e vendo que ſe naõ podia eſcuſar, cheyo de brio, e honra, por evitar mayor perigo, ſe deteve pouco mais de quinze dias, naõ ſeguindo tal partido; e tanto que pode, ſe recolheo para a caſa de ſua mãy. Aſſim naquella conjunctura, com hum Exercito levantado, era preciſa a diſſimulaçaõ; porque tudo o que obraſſe fóra da prudencia lhe ſeria condemnado: porém naõ fizeraõ damno ás pretenções de D. Alvaro com ElRey taõ feyas ſuggeſtoens; porque bem informado do ſeu procedimento, o eſtimou com attençaõ á ſua peſſoa. Naõ era tambem pequeno outro obſtaculo ás pretenções de D. Alvaro, haverem ſuggerido á ſobrinha, que o excluiſſe, e com effeito ella conſtante dizia o naõ queria por eſpoſo.

He preciſo para mayor clareza referir, que quando morreo em Africa o Duque D. Jorge, deixando por unica herdeira a ſua filha D. Juliana, biſneta do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, e Meſtre de Santiago, ſe achavaõ naquelle tempo vivas duas filhas ſuas D. Elena, Commendadeira de Santos, e D. Iſabel, Freira no meſmo Moſteiro, D. Luiz de Lencaſtre ſeu neto, filho do Commendador mór de Aviz D. Luiz ſeu filho terceiro, e Dom Alvaro de Len-

Lencastre, tambem seu neto, filho do Commendador môr de Santiago D. Affonso, filho segundo do mesmo Duque Mestre; porém a questaõ veyo a ser sómente entre D. Juliana, e seu tio D. Alvaro, primo com irmaõ de seu pay; e foraõ depois muitas as Allegações, que por huma, e outra parte entaõ se fizeraõ, e se apresentaraõ a ElRey.

Havia ficado D. Juliana de Lencastre de curta idade successora desta grande Casa, e supposto naõ entrou na posse dos Estados do Ducado de Aveiro, a teve de outros muitos bens, e riquezas della, na companhia da Duqueza sua mãy; porém quando ElRey D. Filippe II. no anno de 1581 passou a Portugal, e a elle o veyo visitar a Emperatriz D. Maria de Austria, lhe entregou D. Juliana, para que a levasse em sua companhia, e a creasse no seu Paço, em que assistio com grande estimaçaõ. Esta especial honra, com que ElRey distinguio o altissimo nascimento desta Princeza, custou muito à Duqueza sua mãy, o apartarse della, sem embargo de reconhecer a merce, que ElRey nella fazia à sua Casa; assim largando a habitaçaõ do seu Palacio, foy para o Mosteiro de Santos, das Commendadeiras da Ordem de Santiago, donde satisfazia as suas saudades, no cuidado dos interesses da Casa de sua filha. Pedindo a El-Rey o despacho das merces, que gozara o Duque Dom Jorge, a attendeo tanto, que se oppoz aos intentos do Duque de Ossuna seu irmaõ, como fica dito, sómente com a lembrança, de que na Casa de

Avei-

Aveiro havia Senhores para o casamento de sua filha.

Parecenos obrigaçaõ da Historia dar noticia dos fundamentos, com que cada huma destas partes pertendia formar o direito, porque lhe pertencia o Ducado de Aveiro: Dona Juliana mostrava, o que naõ padecia duvida, que era filha unica do Duque Dom Jorge; porque ainda que a Doaçaõ excluîa as filhas do Senhor D. Jorge, Mestre de Santiago, em quanto houvesse filhos varoens, naõ se entendia com ella; porque ella naõ era de linha feminina, senaõ filha do varaõ herdeiro, e possuidor do Ducado de Aveiro; e assim naõ podia haver quem a pudesse preferir, por ser a parenta mais chegada do ultimo possuidor; porque a Doaçaõ da mesma Casa, em defeito de filhos descendentes do Senhor Dom Jorge, Mestre de Santiago, chama à filha mayor expressamente: neste caso se entendia ella como filha do Duque de Aveiro D. Jorge; porque tanto, que huma linha he chamada à successaõ, em quanto ella dura, se entende saõ todas as mais excluidas até à sua total extinçaõ, o que naõ padecia duvida; e assim sendo a primeira linha a chamada, a do Duque D. Joaõ seu avô, a quem succedeo o Duque D. Jorge seu pay, com a posse desta linha ficaraõ excluîdas as dos Irmãos de seu avô.

Porém D. Alvaro tomando differente motivo, infirmava toda a referida allegaçaõ, dizendo, que a elle pertencia o Ducado de Aveiro, tanto que em

Africa

Africa morrera ſeu primo com irmaõ o Duque Dom Jorge, o que era evidente, e ſe moſtrava na Inſtituiçaõ da Caſa; tocandolhe pela meſma Doaçaõ ſucceder no Ducado, e Eſtados da Caſa de Aveiro: ſendo o fundamento o ſer D. Affonſo de Lencaſtre ſeu pay, filho ſegundo do Duque Meſtre, de quem elle era neto, e por iſſo preferia; porque na Doaçaõ, as filhas naõ eraõ chamadas, ſenaõ em defeito dos varoens; porque entaõ de todas as netas, e biſnetas do dito Duque, precederia a mayor, o que era expreſſamente determinado na Doaçaõ; na qual ſe ordenava, que acabada a linha do filho primogenito varaõ do Duque Meſtre, em tal caſo naõ chamava as filhas, nem deſcendentes do ſexo feminino; mas ſim o filho ſegundo depois do primeiro, e a ſua linha maſculina direita, como diziaõ as palavras da meſma Doaçaõ na clauſula ſeguinte: *E aſſim deſcendendo pella dita linha direita lidima, e maſcullina do dito filho baraõ mayor deſcendente, e fiquando outros filhos baroens lidimos, e filha do dito Duque, que por ſemelhavelmente as aja, o outro filho baraõ lidimo, e ſua linha maſculina direita: e naõ havendo hi filho lidimo baraõ do dito Duque, nem neto, e deſcendentes pella guiza ſuſo ſcripta, que antaõ as aja a filha mayor lidima do dito Duque pella maneira, e condições, que dito he.* Eſta vocaçaõ expreſſada na Doaçaõ, ſeguiaõ muitos, e grandes Juriſconſultos nos ſeus pareceres, havendo por ella chamado D. Alvaro à ſucceſſaõ da Caſa, e Eſtados do Ducado de Aveiro; com tudo ſua mãy

D.

D. Violante Henriques, Matrona em quem concorriaõ ſobre illuſtriſſimo naſcimento, prudencia, e gravidade, naõ quiz pôr em pleito a pertençaõ de ſeu filho, querendo, que ſe compriſſe a ultima vontade do Duque D. Jorge, que no ſeu Teſtamento mandava caſar ſua filha com o filho primeiro de D. Affonſo ſeu marido. A eſte fim, quando ElRey D. Filippe II. paſſou a Portugal, lhe fallou diverſas vezes ſobre eſta materia, ſobre a qual agora por hum reverente memorial, lhe repreſentou a juſtiça, e razaõ de ſeu filho, que em ſubſtancia lhe dizia:

Primeiramente lembrava a ElRey, que no meſmo dia, que ſe fora de Lisboa para Caſtella, lhe diſſera as muitas vezes, que lhe tinha fallado, em ſe naõ dilatar o effeito, do que o Duque D. Jorge ordenara no ſeu Teſtamento, mandando caſar ſua filha Dona Juliana com ſeu filho, repreſentandolhe os motivos, que tinha para lhe deferir, e o quanto era a Caſa de Aveiro benemerita da Real attençaõ: e tambem qual fora a delRey D. Manoel na ſua inſtituiçaõ, por ſatisfazer com a recomendaçaõ, e amor, que devia a ElRey D. Joaõ II. ſeu primo: pelo que dera de juro, e herdade ao Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, e Meſtre de Santiago, ſeu ſogro, a Caſa que lhe inſtituira, fóra da Ley mental; querendo que nella ſuccedeſſem ſempre ſeus deſcendentes por linha maſculina, e que no eſtado preſente tinha acabado a primeira de ſeu filho mais velho o Duque D. Joaõ no Duque D. Jorge, neto do Duque Meſtre;

assim devia retroceder ao filho segundo do mesmo Duque Mestre por linha masculina, pois a varonía da primeira linha acabara no Duque D. Jorge, e no seu lugar entrara a do filho segundo do dito Duque Mestre, que era D. Affonso de Lencastre, seu marido, e seus descendentes, os quaes todos foraõ indistinctamente chamados nas Doações. O que era taõ evidente, que o Duque D. Jorge, ultimo possuidor do Ducado de Aveiro, depois de ter consultado os mayores Letrados do Reyno sobre a successaõ da sua Casa, como bom Christaõ, reconhecendo o direito, e justiça de seus filhos; e vendo como prudente, naõ convinha à grandeza de sua Casa, deixar a sua filha D. Juliana hum pleito taõ incerto, determinara casasse seu filho mais velho com a dita sua filha; mostrando nesta determinaçaõ, que a seu filho pertencia a herança, e tambem que a ella lhe naõ convinha outro marido; o que pedia a Sua Magestade fizesse cumprir, por ser aquella a vontade do Duque Dom Jorge: e depois disto, com outras muitas razoens repetidas com respeito, lembrava os serviços da Casa de Aveiro, o Real tronco, de que se dirivava; e finalmente concluía, que ainda que o Duque D. Jorge naõ determinara positivamente o casamento de sua filha, nem seu filho fora revestido de taõ claro direito; Sua Magestade de equidade, e pelo amor, que tinha a ElRey D. Manoel seu avô, obrigado da razaõ, parecia que de rigorosa justiça no caso presente, naõ devia permittir, que a Casa do Duque

de Coimbra, Meſtre de Santiago, filho delRey D. Joaõ II. paſſaſſe a outra peſſoa, que naõ foſſe a de ſeu neto, e do ſeu proprio ſangue. E ultimamente, que ſe era neceſſario ajuntar à memoria, que eſtava taõ preſente da obrigaçaõ, em que a Coroa deſtes ſeus Reynos eſtava à Caſa, de que ella deſcendia, para fazer merces a ſeus filhos, lembrava os grandes ſerviços do Conde de Redondo D. Joaõ Coutinho ſeu pay, e do Conde de Borba ſeu avô; e aſſim eſperava, que Sua Mageſtade lhe deferiſſe com brevidade, como lhe promettera, quando partio de Portugal, por lhe eſcuſar o incommodo, e trabalho de peſſoalmente paſſar à Corte a pedillo a Sua Mageſtade, com a tribulaçaõ, e lagrimas, que pedia a qualidade de hum tal negocio, e da obrigaçaõ de requerer a juſtiça de ſeu filho.

Paſſou D. Alvaro de Lencaſtre à Corte de Madrid por ordem de ſua mãy, a ſeguir eſta pretençaõ, porém difficultava muito o ajuſte deſte negocio D. Juliana de Lencaſtre; porque reſolutamente publicava, que naõ queria caſar com ſeu tio, tal vez fomentada de peſſoas pouco conſideradas. Por fim fizeraõ muitos Letrados diverſos pareceres, em que moſtravaõ nas ſuas Allegações, lhe pertencia de juſtiça o Ducado, e Eſtados da Caſa de Aveiro; e ao meſmo tempo outros a favor de D. Alvaro, como diſſemos. Mandou ElRey conſultar os mayores Juriſconſultos, que entaõ havia, que eraõ muitos, e grandes, em que entrou o inſigne Pedro Barboſa, do

ſeu Conſelho, e ſeu Deſembargador do Paço, que deu por eſcrito o ſeu parecer a favor de D. Alvaro, com que dando-ſe por reſolvida a queſtaõ, entrou El-Rey a dar fim a eſte negocio; e ſabendo da repugnancia de D. Juliana, lhe mandou hum recado, que elle tinha determinado, que caſaſſe com ſeu tio D. Alvaro; porque aſſim era ſerviço de Deos, e ſeu: e que no caſo de ella faltar ao ſeu preceito, o que naõ ſuppunha, lhe dizia, que naõ ſeria Duqueza de Aveiro.

Com eſta declaraçaõ da vontade delRey deſiſtio D. Juliana da pratica, que tinha admittido de caſar com o Duque de Alva, e ficou ajuſtado o caſamento com ſeu tio: e he bem para advertir, que ſendo taõ publica a repugnancia da vontade deſta Princeza, em breve ſe mudou de ſorte, que deixou lugar a entenderſe, como de ordinario ſuccede, naſcer de perverſos conſelhos ſemelhantes demonſtrações; porque os Duques viveraõ ſempre em reciproca, e eſtimavel uniaõ.

ElRey querendo moſtrar a ſatisfaçaõ, com que entrava neſte Tratado, naõ ſó honrou aos novos Duques de Aveiro com a confirmaçaõ de todas as Doações, Privilegios, e prerogativas, que os Reys ſeus anteceſſores lhe haviaõ dado; mas de novo com novas merces, dandolhe o titulo de Duque de Torres-Novas para o filho primeiro, que naſceſſe deſte matrimonio; e de mais o titulo de Duque de Aveiro de juro, e herdade, para todos os ſeus ſucceſſores,

e o

e o de Marquez de Torres-Novas tambem de juro, para os primogenitos da Casa, tirandolhe duas vezes fóra da Ley mental, e lhe deu todas as Commendas da Ordem de Santiago, que vagaraõ pelo Duque Dom Jorge, e as Alcaidarias môres, excepto a Commenda de Noudar, da Ordem de S. Bento de Aviz. Foy feita a Carta em Madrid a 10 de Setembro de 1598.

Prova num. 14.

Publicou ElRey Dom Filippe a Ley chamada *das Cortezias* a 16 de Setembro de 1597, em que regulava os tratamentos, com que os Grandes, e Senhores, haviaõ de ser tratados; e como nella se havia mandado dar Excellencia ao Duque de Bragança D. Theodosio II., sentio muito o Duque de Aveiro esta declaraçaõ, pertendendo, que a elle se lhe devia dar o mesmo tratamento. O insigne D. Luiz de Salazar de Castro, referindo esta pretençaõ, e as allianças, que o Duque D. Alvaro tinha com a Casa Real, diz: *Por esta proximidad de origen en la Casa Real se agraviò D. Alvaro III. Duque de Avero, quando Phelippe II. mandò por Pregmatica de las cortesias, que a Don Theodosio, Duque de Bragança, se hablasse en Portugal de Excelencia, queriendo satisfazer con aquel, y otros honores los derechos, que la Princesa Doña Catalina su madre pretendia tener à la Corona*; e continúa, dizendo: Que o Duque de Aveiro fizera esta representaçaõ a ElRey por huma prudente Carta, em que referia o tratamento igual, que ambas as Casas sempre tiveraõ. Desta Carta vimos

Histor. da Casa de Lara, tom. 2. liv. 8. cap. 17. pag. 222.

mos a copia, e foy feita no anno de 1598, que devendo-ſe conſiderar a origem das Familias Reaes pela varonía, elle era biſneto delRey D. Joaõ II., e o Duque de Bragança lhe ficava mais diſtante delRey D. Joaõ I. progenitor da ſua Caſa; e que ſe atendeſſe, que aquelle Duque era biſneto delRey Dom Manoel, era por linha feminina, e elle eſtava no meſmo grao com ElRey D. Joaõ II. e de melhor qualidade por ſer por varonía. Remetteo ElRey eſta Carta ao Conde de Portalegre D. Joaõ da Sylva, Capitaõ General de Portugal, e do Conſelho de Eſtado, cujo parecer tambem vimos, em que diſcorrendo largamente, foy de parecer, ſe devia conceder ao Duque de Aveiro o meſmo tratamento, concluindo com eſta notavel reflexaõ, em que dizia: *Que a legitimidade da linha materna do Duque de Bragança, e o ſer biſneto delRey D. Manoel, o fazia mais atendivel, pello direito de ſoceder em a Coroa de Portugal.* Naõ entramos a fazer juizo ſobre eſta clauſula, que o Conde interpoz no ſeu parecer: ElRey em quanto viveo naõ deferio ao Duque D. Alvaro; e depois ElRey D. Filippe III. ſeu filho por hum Alvará paſſado a 20 de Junho de 1606 lhe concedeo a permiſſaõ de ſe lhe poder fallar, e eſcrever por Excellencia, que vay lançado no num. 194 do Tomo IV. das *Provas* pag. 301.

Lavanha, *Viagem del-Rey Filippe a Portug.* pag. 7.

No anno de 1619 paſſou a Portugal o meſmo Rey D. Filippe III. e celebrou Cortes em Lisboa. Achava-ſe em Setuval o Duque de Aveiro, e aſſim que

que ElRey chegou a Almada, onde se deteve alguns dias, em quanto se acabava de preparar o magnifico apparato, com que a Cidade de Lisboa o recebeo; sahio de Setuval o Duque D. Alvaro com seus dous filhos, o Duque de Torres-Novas D. Jorge de Lencastre, e D. Affonso de Lencastre, com luzido acompanhamento de parentes, e criados, vestidos de luto aliviado pela morte da Duqueza de Torres-Novas D. Anna Doria Colona, que havia dous mezes falecera. Parou o Duque em huma Quinta, hum quarto de legoa da Villa de Almada, donde no dia seguinte, que se contavaõ 27 de Mayo, foy ao Paço a beijar a maõ a ElRey. Levava vinte e quatro Lacayos em corpo descobertos, vinte moços da Camera à roda do coche, em que hia; seguia-se a liteira de respeito, e tres coches com os Officiaes da sua Casa. ElRey recebeo a ambos os Duques, com as mesmas honras de chapeo, passos, e cadeiras com almofadas de veludo, que costumaõ ser concedidas a esta grande Dignidade no nosso Reyno. A Dom Affonso de Lencastre mandou El-Rey cobrir; porque tambem gozaõ os filhos dos Duques na nossa Corte esta preeminencia pelo seu nascimento, ainda que naõ gozaõ titulo, tem por merce dos Reys as honras de Marquezes com assentamento, e as filhas as honras de Marquezas com almofada. Em o primeiro de Outubro do mesmo anno passou ElRey à Villa de Setuval, onde sendo recebido com as devidas ceremonias da Magestade, o Duque

que de Aveiro, como Alcaide môr da dita Villa, descoberto, meteo de redea o cavallo, como he costume em semelhantes occasioens; e depois se hospedou no Palacio do Duque, que estava ricamente composto.

Assistia o Duque de Aveiro, depois que veyo da Corte de Madrid, o mais do tempo, que lhe durou a vida, na Villa de Setuval, donde conservava grande communicaçaõ com os Religiosos do Mosteiro da Arrabida, Provincia, que os Duques estimaraõ com iguaes demonstrações de affecto, que de veneraçaõ; e assim muitas vezes passava a visitar os Religiosos daquella Serra, com tanta familiaridade, que os acompanhava nos actos de Communidade, rezando com elles no Coro, assistindo à oraçaõ, e disciplina da Communidade. Se algumas vezes chegava a este Convento a tempo, que a Communidade estava na Oraçaõ, naõ consentia, que o Porteiro désse recado ao Guardiaõ; e na Capella de joelhos esperava, que se désse a ella fim. Estimou muito a este Santuario de virtude, querendo que se conservasse naquelle primor do espirito do seu Santo Fundador; e lhe fez levantar na mesma Serra, à entrada do Mosteiro, huma Estatua de marmore, sobre hum grande globo, em que se poz a seguinte Inscripçaõ:

Chronica da Provincia da Arrabida, part. 1. liv. 1. cap. 20.

Effigies

Effigies Fratris Martini à Sancta Maria, qui in hoc Barbarico monte, sancto loco primum Cœnobium hujus Sanctæ Religionis Capucinorum de Arrabida sic fundavit anno 1542.

Et Dominus Alvarus, quartus Dux de Aveyro, & tertius Patronus hujus Sanctæ Provinciæ, ut memoria tanti Viri, & filiorum ejus in posteros permaneat, typum posuit anno Domini 1622.

Attendite ergo filij ad petram unde excisi estis. Isai. 51. v. 1.

Quem escreveo a referida Inscripçaõ se equivocou, chamandolhe IV. Duque de Aveiro, porque foy o terceiro: parecerlhehia, que devia numerar o Ducado do Senhor D. Jorge; mas sendo de Coimbra, naõ se contava por de Aveiro, e he a verdadeira interpretaçaõ, que acho a esta equivocaçaõ.

Foy o Duque taõ zelador da austéra vida deste Mosteiro, querendo que como Cabeça de toda a Provincia, permanecesse nelle a observancia, em que fora edificado, que conseguio do Capitulo, que se celebrou em Loures no anno de 1610, se guardasse nelle perpetua abstinencia de carne: e finalmente em

tudo o que pertencia a eſta Santa, e reformada Provincia, foy o Duque hum acerrimo Patrono; e aſſim por qualquer parte, que paſſava, que havia Convento da Provincia, ainda que ficaſſe diſtante do caminho, que ſeguia, o viſitava, inquirindo tudo, de que podia neceſſitar, ou foſſe do temporal, ou eſpiritual; e coſtumava dizer, que naõ podia eſtar ſem os ſeus Arrabidos. He fundaçaõ ſua o Moſteiro de Santo Antonio de Torres-Novas, para o qual ſe transferio o de Noſſa Senhora do Egypto, deſaccommodado pelo ſitio aos Religioſos, que tinha fundado fóra da Villa o I. Duque de Aveiro, como diſſemos. Em Azeitaõ, junto do Palacio, que alli tem, fez hum Hoſpicio para os Religioſos, que vem da Arrabida à eſmola; ordenando, que da ſua fazenda ſe lhe déſſe tudo o neceſſario para o ſuſtento; o que depois ſeu neto o Duque D. Raymundo eſtabeleceo de ſorte, que ainda hoje ſe conſerva. Naõ podiaõ obras taõ pias, acompanhadas das ſantas orações daquelles Religioſos, deixar de contribuir para huma feliz diſpoſiçaõ; porque na ultima vez, que o Duque viſitou o Santuario da Arrabida, ſe preparou alguns dias para huma confiſſaõ geral; e ajudando à Miſſa ao ſeu Confeſſor, recebeo da ſua maõ a ſagrada Euchariſtia; e depois de ter rendido a Deos as graças, com grande edificaçaõ daquelles Religioſos, eſtando de joelhos na Capella môr, mandou chamar ao Guardiaõ, e Communidade, e lhes diſſe: ***Padres aqui neſte lugar onde eſtou ajoelhado me haveis de enterrar***

rar

rar quando morrer; o que teve effeito dalli a hum mez, e cinco dias, morrendo aos 13 de Setembro de 1626.

Casou no anno de 1588 com a Duqueza D. Juliana de Lencastre, filha herdeira do Duque D. Jorge, como *já* deixamos escrito no Capitulo III.

Quando ElRey D. Filippe III. passou a Portugal, como dissemos, no tempo que assistio na Corte de Lisboa, foy hum dia visitar a Duqueza D. Juliana; e sahindo do Paço com o Principe, Princeza, e Infanta, foraõ ao Mosteiro da Esperança, deposito da Nobreza deste Reyno, e deixando no Mosteiro a Princeza, e Infanta, passou ElRey com o Principe a casa do Duque de Aveiro, que fica defronte do Mosteiro. Esta taõ grande visita sahio a receber o Duque de Aveiro acompanhado de cinco filhos, o Duque de Torres-Novas, D. Affonso, D. Pedro, D. Luiz, e D. Antonio de Lencastre, e de muitos Senhores, e Fidalgos parentes seus, à porta do saguaõ, aonde com seus filhos beijou a maõ a ElRey, e ao Principe. Mandou ElRey cobrir aos quatro filhos do Duque, pela razaõ de seu nascimento. A Duqueza desceo até o primeiro taboleiro da escada, onde beijou a maõ a Sua Magestade, e Alteza; e sendo recebida com benevolencia, e affabilidade, sobiraõ acima, e sentados ElRey, e o Principe em cadeiras postas sobre huma esteira, arrimadas ao docel, mandou ElRey trazer almofada para a Duqueza, que se poz sobre a mesma esteira ao lado de Sua Ma-

Lavanha, *Viagem del-Rey D. Filippe a Port.* pag. 72.
Yañes, *Memorias para la Historia de Don Filipe III. Rey de España*, impr. em 1723.

geſtade, em que ſe aſſentou; e querendo ElRey ver ſuas filhas, Dona Magdalena, e D. Maria, vieraõ acompanhadas do Duque de Torres-Novas, e D. Affonſo de Lencaſtre ſeus irmãos, e beijaraõ a maõ a ElRey, que lhes mandou dar almofadas ſobre a meſma eſteira, em que ſe ſentaraõ, e durou a viſita tempo, em alegre converſaçaõ, e baſtante familiaridade. Na meſma caſa aſſiſtiraõ os Senhores Caſtelhanos, e Portuguezes em pé, e cobertos, os que diante delRey gozavaõ deſta preeminencia. Acabada a viſita, acompanharaõ as filhas da Duqueza a ElRey até a porta da meſma caſa, e a Duqueza ſahio duas caſas mais adiante, donde ElRey naõ conſentio, que paſſaſſe, ainda que ella muito porfiou; e alli honrando muito a Duqueza, ſe deſpedio com extraordinarias moſtras de benevolencia: os Duques, filhos, e mais Senhores, o acompanharaõ até a porta do ſaguaõ, onde entrando ElRey, e o Principe no coche, tornaraõ ao Moſteiro da Eſperança a buſcar a Princeza, e Infanta. No dia ſeguinte foy a Duqueza ao Paço a beijar a maõ à Princeza, e Infanta, acompanhada de todos os Senhores, Fidalgos Caſtelhanos, e Portuguezes, que havia na Corte; Suas Altezas a receberaõ em pé na ſegunda antecamera, e depois de ſentadas, ſe ſentou a Duqueza em huma almofada; alli veyo ElRey, e o Principe, e eſtiveraõ todos juntos em boa pratica, que acabada, ſe deſpedio a Duqueza de Suas Altezas; e fallando às Damas, voltou para ſua caſa com o meſmo acompanha-

panhamento. Depois voltou ao Paço, por assim lho mandarem Suas Altezas, com suas filhas, às quaes se deraõ almofadas, em que se sentaraõ, sobre huma esteira, que se poz junto à em que Suas Altezas, e a Duqueza estavaõ assentadas.

Sobreviveo a Duqueza dez annos ao Duque seu esposo, e empregando o tempo em obras pias, fez saudosa a sua memoria nos pobres, e miseraveis, que soccorria com maõ muy larga, importando esta despeza todos os annos treze mil cruzados, pela folha da Casa; naõ sendo facil de averiguar as particulares, que a Duqueza dispendia, nem a conta das Missas, que mandava dizer pelas almas do Purgatorio, de quem tinha grande compaixaõ; porque à medida da ancia era a despeza, e caridade, com que de continuo as soccorria. Em todas as obras de caridade, que liberalmente empregava com os necessitados, preferia aos Religiosos do Mosteiro da Arrabida, que com notavel affecto estimou. De obras de tanta edificaçaõ piamente se póde crer teria verdadeira recompensa daquelle justissimo remunerador, que tem por proprias, as que se fazem aos pobres. Morreo a 23 de Agosto de 1636, e jaz com o Duque seu esposo na Igreja de Nossa Senhora da Arrabida; e desta excelsa uniaõ houve a copiosa, e esclarecida successaõ, que se segue:

16 Dona Isabel de Lencastre, nasceo em Azeitaõ no anno de 1590, e foy bautizada a 30 de Julho; faleceo menina.

D.

16 D. VIOLANTE DE LENCASTRE nasceo no anno de 1593 em Azeitaõ, foy bautizada a 6 de Abril, e foy Religiosa no Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa, da primeira Regra de Santa Clara.

16 DOM JORGE DE LENCASTRE, I. Duque de Torres-Novas, como se dirá no Capitulo VI.

16 D. IGNEZ DE LENCASTRE nasceo no anno de 1596 em Azeitaõ, e foy bautizada a 19 de Mayo: faleceo de curta idade.

16 D. AFFONSO DE LENCASTRE, Marquez de Porto-Seguro, como se diz no Capitulo XI.

16 D. JOAÕ DE LENCASTRE nasceo em Azeitaõ no anno de 1598, foy bautizado a 8 de Janeiro; foy Religioso da Ordem dos Prégadores, e se chamou Fr. Jacintho; foy Prior do Convento de Setuval.

16 DONA MAGDALENA DE LENCASTRE, casou com D. Diniz de Faro, II. Conde de Faro, como se disse no Capitulo XIII. pag. 676 do Tom. IX. Naõ achamos o anno, em que esta Senhora nasceo; porque naõ está em o assento dos livros do Bautismo de Azeitaõ, nem sua irmãa D. Maria; com tudo entendemos serem primeiro, que suas irmãas; porque ellas se acharaõ na visita delRey D. Filippe, como dissemos.

16 D. LUIZA DE LENCASTRE nasceo em Azeitaõ no anno de 1600; parece foy Religiosa no Mosteiro de S. Joaõ de Setuval.

16 D. MANOEL DE LENCASTRE nasceo no anno

no de 1601 em Azeitaõ, foy bautizado a 6 de Agosto: morreo de tenra idade.

16 D. MARIA DE LENCASTRE casou com D. Manrique da Sylva, I. Marquez de Gouvea, cujo contrato ElRey confirmou por hum Alvará passado no primeiro de Agosto de 1620, que está na Torre do Tombo no livro 30 da Chancellaria do dito anno a pag. 214; e a sua succeslaõ deixamos escrita no Capitulo III. do livro IX. pag. 141 do Tomo X.

16 D. VIOLANTE DE LENCASTRE nasceo no anno de 1604, e foy bautizada a 9 de Março. Casou com Dom Lourenço Pires de Castro, III. Conde de Basto, Alcaide môr de Evora, Commendador de Almodovar, e Garvaõ, na Ordem de Santiago, Gentil-homem da Camera delRey D. Filippe IV. com quem no anno de 1631 entrou nas Canas, que se jogaraõ nas festas, com que applaudia a Canonizaçaõ de Santa Isabel, Rainha de Portugal, sua ascendente, sendo hum dos mais luzidos, que entraraõ naquella Real solemnidade. No tempo que succedeo a Acclamaçaõ delRey Dom Joaõ IV. se achava em Castella, e lá se deixou ficar. Morreo em Catalunha, e desta alliança nasceo unico

17 D. DIOGO DE CASTRO, que morreo menino.

16 D. MARIANA DE LENCASTRE nasceo no anno de 1606 em Azeitaõ, foy bautizada a 17 de Outubro, e foy Religiosa no Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa.

D.

16 D. PEDRO DE LENCASTRE, V. Duque de Aveiro, ſe tratará no Capitulo VIII.

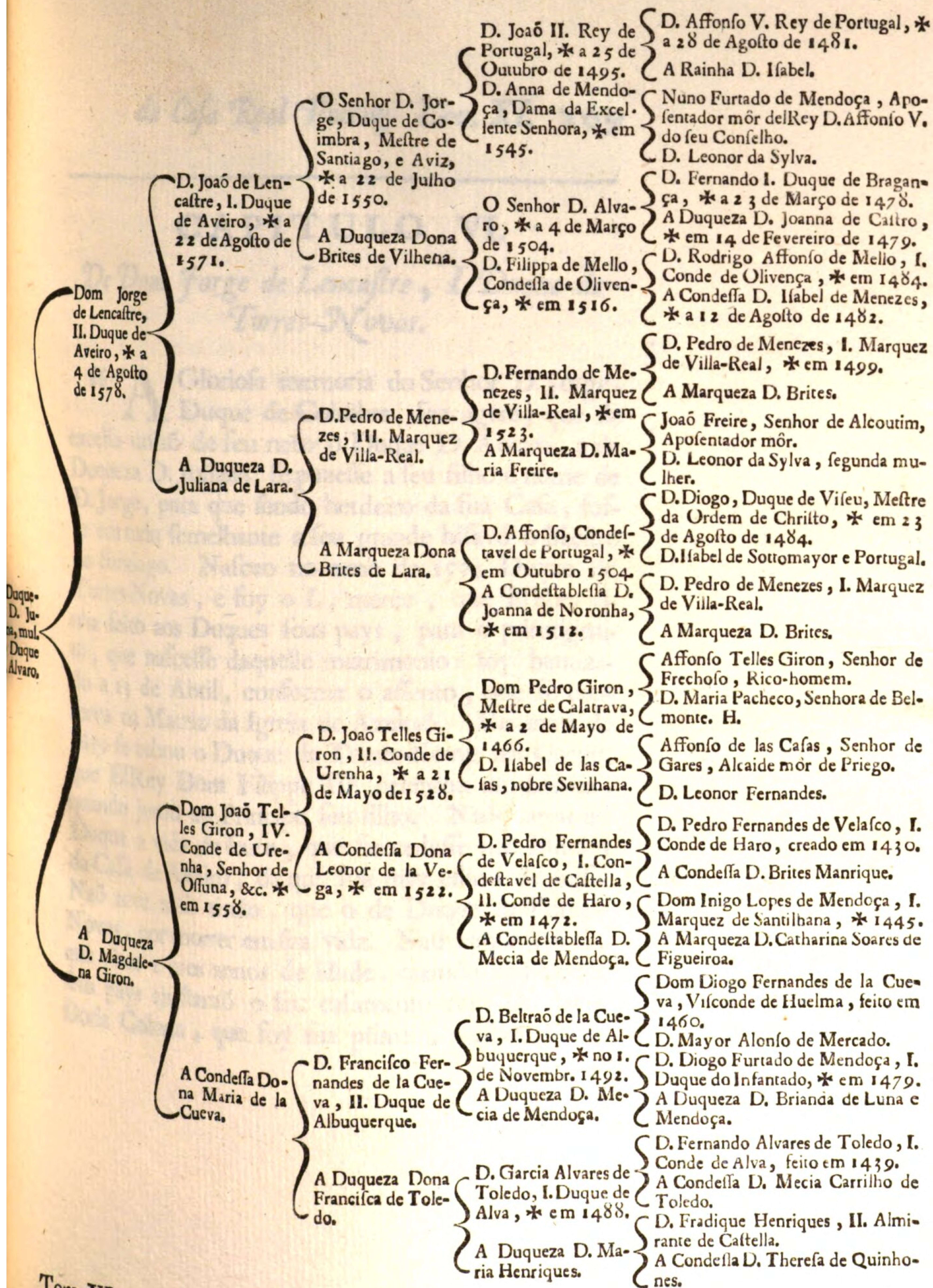
16 D. LUIZ BERNABÈ DE LENCASTRE, Marquez de Malagon, como ſe verá no Capitulo XII.

16 DOM ANTONIO DE LENCASTRE naſceo no anno de 1611 em Azeitaõ, e foy bautizado a 4 de Agoſto. Seguio a vida Eccleſiaſtica, em cujo habito ſempre andou, por ter diverſos Beneficios. Paſſou para Caſtella com a Duqueza ſua cunhada, quando foy mandada ſahir do Reyno, e lá morreo velho, provido em huma Dignidade da Igreja de Santiago. Por morte de ſeu irmaõ D. Luiz, Marquez de Malagon, eſteve ajuſtado a caſar com ſua cunhada a Marqueza de Malagon; e pela grande difficuldade da diſpenſa, teve a protecçaõ delRey de Caſtella, que o mandou repreſentar ao Papa pelo ſeu Embaixador o Cardeal de Aragaõ, o que naõ teve effeito; porque a Marqueza caſou depois, como ſe dirá adiante.

16 D. BRITES DE LENCASTRE, que foy Religioſa no Moſteiro de S. Joaõ de Setuval, da Ordem de S. Domingos, onde ſe chamou Soror Brites de S. Joſeph, donde foy Prioreſſa, dotada de prudencia, e de grande zelo da obſervancia regular, que ella ſatisfazia com pontualidade, a que accreſcentava muitas, e diverſas penitencias, com que ſe affligia. No anno de 1645, em que ElRey Dom Joaõ IV. foy a Setuval, querendo ver o Convento de S. Joaõ, fallou a Soror Brites, e lhe mandou dar almofada para ſe

se sentar; e assim esteve conversando com ElRey largo espaço de tempo, até que se despedio: naõ querendo aquelle grande Rey privalla por Religiosa da honra, que merecia pelo seu nascimento. Faleceo a 23 de Mayo de 1673, observando-se na sua morte notaveis prodigios, como refere a Historia de S. Domingos, onde lhe faz hum merecido elogio à sua virtuosa vida.

Historia de S. Domingos, part. 4. cap. 30. pag. 443.


Duque D. Juliana, mul. Duque D. Alvaro,
Dom Jorge de Lencastre, II. Duque de Aveiro, ✱ a 4 de Agosto de 1578.
D. Joaõ de Lencastre, I. Duque de Aveiro, ✱ a 22 de Agosto de 1571.
O Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, Mestre de Santiago, e Aviz, ✱ a 22 de Julho de 1550.
D. Joaõ II. Rey de Portugal, ✱ a 25 de Outubro de 1495.
D. Affonso V. Rey de Portugal, ✱ a 28 de Agosto de 1481.
A Rainha D. Isabel.
D. Anna de Mendoça, Dama da Excellente Senhora, ✱ em 1545.
Nuno Furtado de Mendoça, Aposentador mór delRey D. Affonso V. do seu Conselho.
D. Leonor da Sylva.
A Duqueza Dona Brites de Vilhena.
O Senhor D. Alvaro, ✱ a 4 de Março de 1504.
D. Fernando I. Duque de Bragança, ✱ a 23 de Março de 1478.
A Duqueza D. Joanna de Castro, ✱ em 14 de Fevereiro de 1479.
D. Filippa de Mello, Condessa de Olivença, ✱ em 1516.
D. Rodrigo Affonso de Mello, I. Conde de Olivença, ✱ em 1484.
A Condessa D. Isabel de Menezes, ✱ a 12 de Agosto de 1482.
A Duqueza D. Juliana de Lara.
D. Pedro de Menezes, III. Marquez de Villa-Real.
D. Fernando de Menezes, II. Marquez de Villa-Real, ✱ em 1523.
D. Pedro de Menezes, I. Marquez de Villa-Real, ✱ em 1499.
A Marqueza D. Brites.
A Marqueza D. Maria Freire.
Joaõ Freire, Senhor de Alcoutim, Aposentador mór.
D. Leonor da Sylva, segunda mulher.
A Marqueza Dona Brites de Lara.
D. Affonso, Condestavel de Portugal, ✱ em Outubro 1504.
D. Diogo, Duque de Viseu, Mestre da Ordem de Christo, ✱ em 23 de Agosto de 1484.
D. Isabel de Sottomayor e Portugal.
A Condestablessa D. Joanna de Noronha, ✱ em 1512.
D. Pedro de Menezes, I. Marquez de Villa-Real.
A Marqueza D. Brites.
A Duqueza D. Magdalena Giron.
Dom Joaõ Telles Giron, IV. Conde de Urenha, Senhor de Ossuna, &c. ✱ em 1558.
D. Joaõ Telles Giron, II. Conde de Urenha, ✱ a 21 de Mayo de 1528.
Dom Pedro Giron, Mestre de Calatrava, ✱ a 2 de Mayo de 1466.
Affonso Telles Giron, Senhor de Frechoso, Rico-homem.
D. Maria Pacheco, Senhora de Belmonte. H.
D. Isabel de las Casas, nobre Sevilhana.
Affonso de las Casas, Senhor de Gares, Alcaide mór de Priego.
D. Leonor Fernandes.
A Condessa Dona Leonor de la Vega, ✱ em 1522.
D. Pedro Fernandes de Velasco, I. Condestavel de Castella, II. Conde de Haro, ✱ em 1472.
D. Pedro Fernandes de Velasco, I. Conde de Haro, creado em 1430.
A Condessa D. Brites Manrique.
A Condestablessa D. Mecia de Mendoça.
Dom Inigo Lopes de Mendoça, I. Marquez de Santilhana, ✱ 1445.
A Marqueza D. Catharina Soares de Figueiroa.
A Condessa Dona Maria de la Cueva.
D. Francisco Fernandes de la Cueva, II. Duque de Albuquerque.
D. Beltraõ de la Cueva, I. Duque de Albuquerque, ✱ no I. de Novembr. 1492.
Dom Diogo Fernandes de la Cueva, Visconde de Huelma, feito em 1460.
D. Mayor Alonso de Mercado.
A Duqueza D. Mecia de Mendoça.
D. Diogo Furtado de Mendoça, I. Duque do Infantado, ✱ em 1479.
A Duqueza D. Brianda de Luna e Mendoça.
A Duqueza Dona Francisca de Toledo.
D. Garcia Alvares de Toledo, I. Duque de Alva, ✱ em 1488.
D. Fernando Alvares de Toledo, I. Conde de Alva, feito em 1439.
A Condessa D. Mecia Carrilho de Toledo.
A Duqueza D. Maria Henriques.
D. Fradique Henriques, II. Almirante de Castella.
A Condessa D. Theresa de Quinhones.

CAPITULO VI.

De Dom Jorge de Lencastre, [illegible] Torres-Novas.

A Gloriosa memoria do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra [illegible] excessa união de seu neto [illegible] Duqueza D. [illegible] D. Jorge, para que sendo herdeiro [illegible] se em tudo semelhante [illegible] de Santiago. Nasceo [illegible] Torres-Novas, e foy o I. [illegible] nha feito aos Duques seus pays [illegible] to, que nascesse daquelle matrimonio [illegible] to a 13 de Abril, conforme o [illegible] ftiva ou Martre da Igreja [illegible] 1519 se achou o Duque [illegible] que ElRey Dom Filippe II. [illegible] quando [illegible] Duque a vida [illegible] da Casa de Aveiro [illegible] Não teve, mais [illegible], que o de Torres-Novas, por morrer em sua vida. Não [illegible] tres annos de idade, quando seus pays ajustarão o seu casamento com D. [illegible] Dona Coloma, que foy sua primeira [illegible]

CAPITULO VI.

De Dom Jorge de Lencastre, I. Duque de Torres-Novas.

16 A Gloriosa memoria do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, fez agora, que da excelsa uniaõ de seu neto o Duque D. Alvaro, e da Duqueza D. Juliana, se puzesse a seu filho o nome de D. Jorge, para que sendo herdeiro da sua Casa, fosse em tudo semelhante a seu grande bisavó o Mestre de Santiago. Nasceo no anno de 1594 Duque de Torres-Novas, e foy o I., merce, que ElRey tinha feito aos Duques seus pays, para o primogenito, que nascesse daquelle matrimonio: foy bautizado a 13 de Abril, conforme o assento, que se conserva na Matriz da Igreja de Azeitaõ. No anno de 1619 se achou o Duque de Torres-Novas nas Cortes, que ElRey Dom Filippe III. celebrou em Lisboa, quando jurou ao Principe seu filho. Naõ durou ao Duque a vida de sorte, que succedesse nos Estados da Casa de Aveiro, de que sua mãy estava de posse. Naõ teve mais titulo, que o de Duque de Torres-Novas, por morrer em sua vida. Naõ contava mais, que vinte e tres annos de idade, quando os Duques seus pays ajustaraõ o seu casamento com D. Anna Doria Colona, que foy sua primeira mulher, filha de

de André Doria, e de Joanna Colona, III. Principes de Melfi, o que se passou depois a hum Tratado de dote, e arrhas; e para segurança delle, alcançaraõ hum Alvará, em que ElRey suppria todos os defeitos deste contrato, concedendolhe, que no caso de naõ bastarem os bens hypothecados, à satisfaçaõ do dote, e arrhas, que eraõ livres, ficassem obrigados os da Casa, e Morgado, e todos os mais que possuîa a Casa de Aveiro, ao complemento, e satisfaçaõ do estipulado na Escritura. Foy passado o Alvará a 8 de Novembro de 1618, o qual vimos na Torre do Tombo na Chancellaria do dito anno no livro 44 pag. 21. Porém delle se naõ tira, o que continha a Escritura do dote, e arrhas, donde estaõ as condições do ajuste, a qual naõ vimos, nem outros papeis, que poderiaõ ser uteis à Historia; os quaes pedimos, e apontámos, para se nos darem do Cartorio da Casa de Aveiro, e naõ se me negando, os naõ tive; e tal vez com prejuizo da memoria dos antigos Senhores della. Foy pio, e devoto, com grande devoçaõ ao Santissimo Sacramento, e quando o levavaõ por Viatico aos enfermos, hia o Duque de Torres-Novas diante, tangendo a campainha; e servia na Irmandade da Misericordia de Setuval, onde residia, a Nossa Senhora: era elle notavel servidor do seu Santo Instituto, acompanhando os enterros, e tomando muitas vezes sobre seus hombros a Tumba. Foy muy inclinado à caça, que seguia com excesso, tanto que se lhe attribue a doença, de que se lhe origi-

nou

nou a morte, ao excessivo calor, com que em o ultimo dia, que foy ao monte, o penetrou de sorte, que o poz no extremo de acabar a vida. ElRey D. Filippe III. com novas merces, que fez à Casa de seu pay, mostrou a grande estimaçaõ, que fazia della, e a satisfaçaõ das suas segundas vodas; porque para as facilitar com Real generosidade, dotou a noiva com extraordinarias merces. Faleceo a 7 de Setembro de 1632: jaz na Capella môr do seu Mosteiro da Arrabida.

Casou duas vezes, a primeira no anno de 1619 com D. Anna Doria Colona, que de Genova conduzio a Portugal Carlos Doria, Duque de Tursis seu tio, com onze Galés; e no dia de S. Lourenço do referido anno deraõ fundo no porto da Villa de Setuval; e antes que desembarcassem, mandou o Duque de Tursis noticiar a sua chegada, por dous parentes seus, Cavalleiros da Ordem de Santiago, e comprimentar aos Duques de Aveiro, e de Torres-Novas, os quaes sem dilaçaõ foraõ a dar as boas vindas à Duqueza de Torres-Novas, e ao Duque Carlos, que os recebeo com todas aquellas demonstrações de gosto, que correspondiaõ a esta grande alliança; e assentando, que no dia seguinte desembarcaria a Duqueza, passaraõ a noite no mar com excellentes musicas, e outros divertimentos, que dissimularaõ a dilaçaõ. No dia seguinte em hum Sabbado, que se contavaõ 11 de Agosto, empavezadas as Galés de festa, com estandartes, e galhardetes, levaraõ ferro, e deraõ fundo

do defronte da ponte, que ſe tinha fabricado ſobre barcos; e dando todas as Galés huma ſalva de artilharia, lhe reſpondeo com outra o Caſtello de S. Filippe, e a eſta ſe ſeguio outra da gente da guarniçaõ da Villa. A Duqueza de Aveiro eſperava na praya em hum coche guarnecido de prata, de grande feitio, e cuſto, acompanhada de ſeus filhos, e parentes, e de muitos criados veſtidos ricamente, e com excellentes librés; apeou-ſe a Duqueza, e foy levada à ponte em cadeira de mãos: a eſte tempo deſembarcou a Duqueza de Torres-Novas, veſtida de ſitim verde, bordado primoroſamente de ouro, com colar, e cinta de rubins, que ſeu eſpoſo lhe mandara; trazia-a pela maõ o Duque de Aveiro, que com ſeu filho o Duque de Torres-Novas, a vieraõ acompanhando na Galé. Aſſim que a Duqueza de Torres-Novas ſe achou em terra, ajoelhando ao Duque ſeu ſogro, lhe quiz beijar a maõ; mas a Duqueza ſua ſogra levando-a nos braços, a meteo no coche, dandolhe o melhor lugar. Neſte tempo ſe repetio outra ſalva de artilharia, e moſquetaria, e começaraõ a caminhar para o Paço do Duque em boa ordem; levavaõ diante os Porteiros da Cana, e Maças, Arautos com ſuas Cotas de Armas, grande numero de Lacayos, trombetas, charamellas, e vinte Alabardeiros, que acompanhavaõ o coche, todos luzidamente veſtidos. O Duque de Torres-Novas hia a cavallo ao eſtribo do coche, veſtido de calças, e coura de ambar, bordado de ouro, ſobre ſitim encarna-

do,

do, cappa negra bordada de ouro, eſpada de ouro, e na gorra penacho rico de diamantes. Seguiaõ-ſe dous coches, e muitos cavallos à maõ: os Senhores hiaõ a cavallo, e tambem os parentes da nova Duqueza. Neſta ordem deraõ hum gyro à Villa. As ruas eſtavaõ todas armadas até chegarem à Praça, em que eſtava formado hum Eſquadraõ da gente da terra, que ao chegar deraõ huma dilatada ſalva. Entraraõ na Igreja de S. Juliaõ, onde eſperava D. Jorge de Mello, Prior môr de Palmella, reveſtido em Pontifical, para a ceremonia das bençoẽs; e feitas todas as que ordena o Ritual Romano, ſe recolheraõ. Levava a falda à Duqueza hum irmaõ de ſeu eſpoſo; e ſeguido eſte luzido acompanhamento de infinito povo, que acodio de Lisboa, e dos Lugares circumviſinhos. Na noite na ſalla grande do ſeu Palacio havia variedade de muſicas, danças, e inſtrumentos, que com o eſtrondo dos fogos de artificio, que ardia na Villa, era tudo hum agradavel, e goſtoſo divertimento; porque no Palacio do Duque eſtavaõ ricos aparadores cheyos de muita prata, magnificas meſas, em que comeraõ os Senhores, ſeparados das Damas, em que ſó foy admittido o Duque de Torres-Novas. Os apoſentos armados com notavel pompa, de diverſas, e differentes cores; camas, e leitos ricos: para hoſpedes tinha o Duque lavrado novo Quarto, em que havia diverſos apoſentos, com quinze leitos todos bem armados; o do Duque de Turſis era de evano com o paramento de téla,

que

que lhe foy levado à Galé, nas quaes houve a mesma abundancia de viandas, e regallos para os Soldados, e Galeotes. O Quarto do Duque de Torres-Novas estava adereçado com a mais primorosa grandeza, que se póde imaginar, assim no rico, como no exquisito. No Domingo houve Touros, em que entrou Dom Jeronymo de Ataide, filho do Conde de Castro-Dairo: na noite illuminada a Praça, ardeo em novos artificios de fogo, sendo tudo magnifico. Na segunda feira o Duque de Tursis se levantou da cama, e sem dizer cousa alguma, se meteo em huma cadeira de mãos, e embarcou na sua Galé, e ao mesmo tempo os Capitães, e pessoas, que o acompanhavaõ, e levaraõ ferro; deixando hum recado, em que dizia, que antes queria passar por ser grosseiro, no modo da despedida, do que ver os effeitos, que havia de causar, que esta era a causa da sua inesperada partida: o que os Duques de Aveiro, e Torres-Novas sentiraõ; e assim acodiraõ às Galés, rogandolhe se detivesse mais alguns dias: o Duque Carlos o festejou, mandando embandeirar as Galés, e com repetidas salvas de artilharia deu à véla. A todos fez o Duque presentes de ricas joyas, e ricas pessas, cheiros, luvas, e coletes de ambar, contadores, e cousas da India, e cavallos, com toda a grandeza, que cabia na estreiteza do tempo, que se fora mais, como se entendia, ainda seria mais publica a generosidade dos Duques. Toda esta alegria, grandeza, e contentamento, com que estas vodas foraõ celebra-

das,

das, se naõ dilatou demasiadamente; porque se seguio, o que costuma succeder no Mundo, durando muito pouco esta excelsa uniaõ, pois naõ viveo a Duqueza D. Anna Doria hum anno; porque no seguinte de 1620 morreo, naõ contando vinte de idade: era de aspecto grave, mas alegre, revestida de brio Romano, mas com muito agrado. Era filha de André Doria, III. Principe de Melfi, Grande de Hespanha, (filho do Principe Joaõ André Doria, General do mar) e da Princeza Joanna Colona, filha de Fabricio Colona, Principe de Paliano, que morreo em vida de seu pay no anno de 1580, e da Princeza Anna Borromeo, irmãa de S. Carlos Borromeo, filha de Gilberto Conde de Arona, e de Margarida de Medicis, neta de Antonio Colona, Duque de Talhacoz, e Paliano, Condestavel de Napoles, Cavalleiro do Tosaõ, Vice-Rey de Sicilia, e da Condestablessa sua mulher Felicia Ursino, irmãa de Paulo Jordaõ Ursino, Duque de Braciano; e assim era a Duqueza de Torres-Novas huma Princeza, animada do mais esclarecido sangue, que se conhecia na Italia.

Casou segunda vez com D. Anna Manrique de Cardenas, Dama da Rainha D. Isabel, primeira mulher delRey D. Filippe IV. sua prima segunda, em cuja attençaõ o dito Rey fez por este casamento merce à Casa de Aveiro do titulo de Duque de Torres-Novas, por tres vidas mais fóra a do Duque D. Jorge; e dos bens da Coroa, e Ordens, por duas vidas

Casa de Lara, tom. 2, liv. 8, cap. 17.

das mais, além das que a Caſa tinha; e declarando titulo de Marquez para o neto, em os tres primeiros caſos, que pudeſſe vir a acontecer; fazendolhe merce tambem das juriſdicções de Santiago de Cacem, e Sines, na meſma fórma, que as demais, que poſſuîa: e à Duqueza D. Anna tres mil ducados de renda em ſua vida, e quatro habitos das Ordens Militares deſte Reyno, para que os repartiſſe por ſeu arbitrio. Depois lhe fez o meſmo Rey merce da adminiſtraçaõ da Commenda de Monaſterio na Ordem de Santiago, de que tirando Bulla Pontificia, tomou poſſe a 6 de Outubro de 1629; e ElRey lhe concedeo mais duas vidas nella, por recompenſa de ter renunciado os tres mil ducados. Por morte de ſeu ſobrinho o Duque D. Franciſco Maria, pertendeo a Duqueza D. Anna ſucceder nas Caſas de Naxera, Maqueda, Trevinho, Valencia, e Belmonte: pelo que poz demanda, em o Conſelho, à Duqueza D. Thereſa Antonia Manrique de Mendoça ſua ſobrinha, filha da Marqueza de Canhete D. Maria de Cardenas Manrique ſua irmãa mais velha, pretendendo como parenta em grao mais proximo, que ſua ſobrinha, do ultimo poſſuidor, lhe houveſſe de ſucceder, e como filha da Duqueza D. Luiza Manrique, e do Duque D. Bernardino, lhe pertenciaõ as ditas Caſas, com tudo o que nellas ſe aggregava: porém antes que ſe pronunciaſſe a final ſentença, morreo a Duqueza em Madrid a 17 de Dezembro de 1660, por ter ſido mandada ſahir deſte Reyno com

ſua

sua filha D. Maria de Guadalupe, e seu cunhado D. Antonio de Lencastre, pela fogida, que o Duque de Aveiro D. Raymundo tinha feito, como se dirá em seu lugar. Era filha de D. Bernardino de Cardenas, III. Duque de Maqueda, Marquez de Elche, Senhor das Villas de Torrijos, S. Sylvestre, Alcabon, el Campilho, Monasterio, Riaza, Crevilhen, e Taha de Marchena, e das Baronías de Axpe, Planes, e Patrax, Adiantado mayor de Granada, Alcaide mór de Toledo, e Alcaide perpetuo de Almeria, Jax, Chinchilha, e de la Mota de Medina de Campo; e da Duqueza D. Luiza Manrique de Lara, V. Duqueza de Naxera, Condessa de Valença, e Trevinho, Senhora de Navarrete, Belmonte, Cevico, Ocon, S. Pedro, Villoslada, Lumbrelas, Ortigosa, Villademor, Fresno, e outras muitas Villas, em que succedeo a seu pay D. Manrique de Lara e Cunha Manoel, IV. Duque de Naxera, V. Conde de Trevinho, VI. Conde de Valença, XIII. Senhor de Amusco, &c. em quem se conservava huma das mais esclarecidas linhas da grande Casa de Lara, como se póde ver naquella estimadissima Obra, que escreveo o Principe das Genealogias do seu tempo, na qual como em precioso thesouro acharáõ todos os professores da Historia, e da Genealogia, com que enriquecer os seus estudos, e luz em muitas materias, que o seu trabalho, e erudiçaõ soube averiguar; e nós já deixamos tocado no Capitulo XII. do Livro V. desta Obra. Jaz no Mosteiro de Guadalupe, em hum

Casa de Lara, tom. 2. liv. 8. cap. 10.

nicho debaixo do arco principal da Capella môr, onde ſua filha a Duqueza de Aveiro lhe mandou pôr a ſeguinte Inſcripçaõ:

Doña Ana Maria de Cardenas, Duqueza que fue de Maqueda, y Torres Novas, yaze en eſta ſepultura que elegio para ſu entierro.
Hæc requies mea in ſæculum &c.
Hic habitabo quoniam elegi eam.

Deſte matrimonio da Duqueza D. Anna, cuja Arvore de Coſtado ſe verá adiante, teve o Duque de Torres-Novas os filhos, que ſe ſeguem.

17 D. Raymundo de Lencastre, IV. Duque de Aveiro, como ſe dirá no Capitulo VII.

17 D. Maria de Guadalupe de Lencastre, VI. Duqueza de Aveiro, como ſe verá no Capitulo IX.

17 D. Luiza Thomasia Gaspara Maria Francisca Raymunda Antonia Manrique de Lencastre naſceo no anno de 1632, e foy bautizada a 6 de Janeiro, e morreo com poucos annos, e ſem eſtado.

17 Dom Joaõ Manrique de Lencastre e Cardenas, que ſendo naſcido poſthumo no anno de 1633, foy bautizado a 26 de Mayo do dito anno, com o nome de Joaõ Mathias Luiz Antonio Gonçalo

çalo Boaventura Melchior Mariano; e foy oppoente às Casas de Naxera, e Maqueda, desde 25 de Outubro de 1656 até que faleceo no anno de 1659; assim alguns o appellidarão Duque de Maqueda.

D. Guiterre de Cardenas, Commendador môr de Leaõ, * em 1493.
D. Theresa Henriques, * a 4 de Março de 1516.

D. Joaõ Pacheco, Marquez de Vilhena, Duque de Escalona, &c.
D. Maria Velasco, filha de D. Pedro Condestavel de Castella.

D. Pedro, II. Conde de Haro, Condestavel de Castella.
D. Maria de Mend. filha de D. Iñigo de Mend. I. Marq. de Santilhana.

D. Luiz de Tovar, Conde de Berlanga.
D. Maria de Gusmaõ, filha de D. Afonso Peres, Cont. mór de Castel.

D. Fernando I. Duque de Bragança, * em 22 de Março de 1478.
D. Joanna de Castr. fil. H. de D. Joaõ de Castro, Sen. do Cadav. * 1489.

O Infante D. Fernando, * a 18 de Setembro de 1470.
A Infante D. Brites, filha do Infante D. Joaõ, * a 30 de Setemb. 1506.

Affonso Furtado de Mendoça, Anadel mór dos Besteiros.
D. Brites de Villaragut, filha de D. Antonio, III. Baraõ de Olacau.

Fernaõ Soares de Albergaria, Senhor de Prado.
D. Maria Gonçalves Alcaçabaõ, filha de Gonçalo Fernandes Alcaç.

D. Pedro Manrique, I. Duque de Naxera, * em Fevereiro de 1515.
D. Guiomar de Castro, * 1506, fil. de D. Alvaro, I. C. de Monsanto.

D. Joaõ de Cardona, I. Duque de Cardona.
D. Aldonça Henriques, filha de D. Fradique, Almirante de Castella.

D. Joaõ da Cunha, Duq. de Valença.
D. Theresa Henriques, filha de D. Henrique Henriques, I. Conde de Alva de Liste.

D. Joaõ Manoel, II. Senhor de Belmonte, e Cervico.
D. Catharina de Castella, filha de D. Diogo de Rojas, Senhor de Poza.

D. Pedro Giron, Mestre de Calatrava, * no 1. de Mayo de 1466.
D. Isabel de las Casas, filha de Affonso de las Casas.

D. Pedro de Velasco, II. Conde de Haro, Condestavel de Castella.
D. Maria de Mendoça, filha de D. Iñigo, I. Marquez de Santilhana.

D. Beltran, I. Duque de Albuquerque, Mestre de Santiago, * 1492.
D. Mecia de Mendoça, filha de D. Diogo, I. Duque do Infantado.

D. Garcia de Toledo, I. Duque de Alva, Marquez de Coria, &c.
D. Maria Henriq. filha de D. Fradique Henriques, Almir. de Castella.

Dom Diogo de Cardenas, I. Duque de Maqueda, * 1542.
A Duqueza D. Alencia Pacheco.

D. Iñigo de Velasco, II. Duque de Frias, Condestavel de Castella.
A Duqueza D. Maria de Tovar, Senhora de Berlanga.

Dom Fernando, II. do nome, Duque de Bragança, * a 21 de Julho de 1481.
A Duqueza D. Isabel de Portug. * 1521.

[illegible] Furtado de Mendoça, Alcaide [illegible]
D. [illegible] Soares de Albergaria.

[illegible] II. Duque de [illegible] * a 13 [illegible] de Dezembro 1535.
D. Joanna de Cardona, * a 21 de Janeiro de 1542.

D. Fradique da Cunha, IV. Conde de Valença.
D. Aldonça Manoel.

D. Joaõ, II. Conde de Urenha, * a 21 de Mayo de 1528.
D. Leonor da Vega, * em 1533.

Dom Francisco de la Cueva, II. Duque de Albuquerque.
D. Francisca de Toledo.

D. Bernardino de Cardenas, II. Duque de Maqueda, * anno de 1560.
A Duqueza Dona Isabel de Velasco.

D. Jayme, segundo do nome, Duque de Bragança, * a 20 de Set. 1511.
A Duqueza D. [illegible] de Mendoça, [illegible] * em 1530.

Dom Manrique de Lara, III. Duque de Naxera, IV. Conde de Trevinho, &c. * a 10 de Janeiro 1563.
D. Luiza da Cunha, V. Condessa de Valença, * a 16 de Outubro de 1570.

D. Joaõ Telles Giron, IV. Conde de Urenha, * a 16 de Mayo de 1536.
A Condessa Dona Maria de la Cueva, * em 19 de Abril de 1566.

Dom Bernardino de Cardenas, Marquez de Elche, * a 2 de Agosto de 1557.
A Marqueza D. Joanna, * a 11 de Outubro de 1588.

Dom Manrique de Lara e Cunha Manoel, IV. Duque de Naxera, Conde de Trevinho, e VI. Conde de Valença, * a 5 de Julho de 1600.
A Duqueza D. Maria Giron, * a 10 de Agosto de 1563.

D. Bernardino de Cardenas, III. Duque de Maqueda, nasc. a 20 de Janeiro de 1553, * em 17 de Dezembro de 1601.

Dona Luiza Manrique de Lara, V. Duqueza de Naxera, nasceo a 8 de Janeiro de 1558, * no anno de 1627.

- ona Anna Maria anrique Cardenas, Duq. Torres-ovas, m. o Duque Jorge.
  - D. Bernardino de Cardenas, III. Duque de Maqueda, nasc. a 20 de Janeiro de 1553, ✠ em 17 de Dezembro de 1601.
    - Dom Bernardino de Cardenas, Marquez de Elche, ✠ a 2 de Agosto de 1557.
      - D. Bernardino de Cardenas, II. Duque de Maqueda, ✠ anno de 1560.
        - Dom Diogo de Cardenas, I. Duque de Maqueda, ✠ 1542.
          - D. Guterre de Cardenas, Commendador môr de Leaõ, ✠ em 1493.
          - D. Theresa Henriques, ✠ a 4 de Março de 1518.
        - A Duqueza D. Mecia Pacheco.
          - D. Joaõ Pacheco, Marquez de Vilhena, Duque de Escalona, &c.
          - D. Maria Velasco, filha de D. Pedro Condestavel de Castella.
      - A Duqueza Dona Isabel de Velasco.
        - D. Inigo de Velasco, II. Duque de Frias, Condestavel de Castella.
          - D. Pedro, II. Conde de Haro, Condestavel de Castella.
          - D. Maria de Mend. filha de D. Inigo de Mend. I. Marq. de Santilhana.
        - A Duqueza D. Maria de Tovar, Senhora de Berlanga.
          - D. Luiz de Tovar, Conde de Berlanga.
          - D. Maria de Gusmaõ, filha de D. Alonso Peres, Cont. môr de Castel.
    - A Marqueza D. Joanna, ✠ a 21 de Outubro de 1588.
      - D. Jayme, unico do nome, Duque de Bragança, ✠ a 20 de Set. 1532.
        - Dom Fernando, II. do nome, Duque de Bragança, ✠ a 21 de Junho de 1481.
          - D. Fernando I. Duque de Bragança, ✠ em 22 de Março de 1478.
          - D. Joanna de Castr. fil. H. de D. Joaõ de Castro, Sen. do Cadav. ✠ 1489.
        - A Duqueza D. Isabel de Portug. ✠ 1521.
          - O Infante D. Fernando, ✠ a 18 de Setembro de 1470.
          - A Infante D. Brites, filha do Infante D. Joaõ, ✠ a 30 de Setemb. 1506.
      - A Duqueza D. Joanna de Mendoça, segunda mulher, ✠ em 1580.
        - Diogo Furtado de Mendoça, Alcaide môr de Mouraõ.
          - Affonso Furtado de Mendoça, Anadel môr dos Besteiros.
          - D. Brites de Villaragut, filha de D. Antonio, III. Baraõ de Olacau.
        - D. Brites Soares de Albergaria.
          - Fernaõ Soares de Albergaria, Senhor de Prado.
          - D. Maria Gonçalves Alcafachaõ, filha de Gonçalo Fernandes Alcaf.
  - Dona Luiza Manrique de Lara, V. Duqueza de Naxera, nasceo a 8 de Janeiro de 1558, ✠ no anno de 1627.
    - Dom Manrique de Lara e Cunha Manoel, IV. Duque de Naxera, Conde de Trevinho, e VI. Conde de Valença, ✠ a 5 de Julho de 1600.
      - Dom Manrique de Lara, III. Duque de Naxera, IV. Conde de Trevinho, &c. ✠ a 29 de Janeiro 1558.
        - D. Antonio Manrique, II. Duque de Naxera, &c. ✠ a 13 de Dezembro 1555.
          - D. Pedro Manrique, I. Duque de Naxera, ✠ em Fevereiro de 1515.
          - D. Guiomar de Castro, ✠ 1506, fil. de D. Alvaro, I. C. de Monsanto.
        - D. Joanna de Cardenas, ✠ a 31 de Janeiro de 1547.
          - D. Joaõ de Cardona, I. Duque de Cardona.
          - D. Aldonça Henriques, filha de D. Fradique, Almirante de Castella.
      - D. Luiza da Cunha, V. Condessa de Valença, ✠ a 10 de Outubro de 1570.
        - D. Henrique da Cunha, IV. Conde de Valença.
          - D. Joaõ da Cunha, Duq. de Valença.
          - D. Theresa Henriques, filha de D. Henrique Henriques, I. Conde de Alva de Liste.
        - D. Aldonça Manoel.
          - D. Joaõ Manoel, II. Senhor de Belmonte, e Cervico.
          - D. Catharina de Castella, filha de D. Diogo de Rojas, Senhor de Poza.
    - A Duqueza D. Maria Giron, ✠ a 10 de Agosto de 1562.
      - D. Joaõ Telles Giron, IV. Conde de Urenha, ✠ a 10 de Mayo de 1558.
        - D. Joaõ, II. Conde de Urenha, ✠ a 21 de Mayo de 1528.
          - D. Pedro Giron, Mestre de Calatrava, ✠ no 1. de Mayo de 1466.
          - D. Isabel de las Casas, filha de Affonso de las Casas.
        - D. Leonor da Veiga, ✠ em 1522.
          - D. Pedro de Velasco, II. Conde de Haro, Condestavel de Castella.
          - D. Maria de Mendoça, filha de D. Inigo, I. Marquez de Santilhana.
      - A Condessa Dona Maria de la Cueva, ✠ em 19 de Abril de 1566.
        - Dom Francisco de la Cueva, II. Duque de Albuquerque.
          - D. Beltran, I. Duque de Albuquerque, Mestre de Santiago, ✠ 1492.
          - D. Mecia de Mendoça, filha de D. Diogo, I. Duque do Infantado.
        - D. Francisca de Toledo.
          - D. Garcia de Toledo, I. Duque de Alva, Marquez de Corea, &c.
          - D. Maria Henriq. filha de D. Fradique Henriques, Almir. de Castella.

CAPI-

CAPITULO VII.

De D. Raymundo de Lencastre, IV. Duque de Aveiro, e II. de Torres-Novas.

NEste Capitulo passaremos [illegible] Novas Dom Raymundo de Lencastre, [illegible] do Duque seu pay, foy [illegible] por Carta passada a 24 de Junho de [illegible] ainda a Duqueza D. Juliana [illegible] Aveiro; e por sua morte succedeo [illegible] de Casa; e foy IV. Duque de Aveiro, e II. de Torres-Novas, Senhor de Penella [illegible] Gavieira, Santiago de Cacem [illegible] das terras, Alcaide mór [illegible] Commendador na Ordem de Santiago [illegible] as grandes Commendas [illegible] dos estes Estados lhe pertencião [illegible] que [illegible] succeder nelles a Duqueza D. Juliana [illegible] avô do Duque Dom Raymundo [illegible] que fizerão [illegible] Jurisconsultos daquelle tempo, Portuguezes, e Castelhanos [illegible] cunda, depois da morte da Duqueza D. Juliana, esse [illegible] sentença o Duque D. Raymundo a seu favor a 8 de Setembro de 1657, ficando excluido seu tio o Marquez de Porto-Seguro.

CAPITULO VII.

De D. Raymundo de Lencastre, IV. Duque de Aveiro, e II. de Torres-Novas.

17 NO Capitulo passado dissemos, que fora o primogenito dos Duques de Torres-Novas Dom Raymundo de Lencastre; por morte do Duque seu pay, foy II. Duque de Torres-Novas por Carta passada a 24 de Junho de 1633, por viver ainda a Duqueza D. Juliana, proprietaria da Casa de Aveiro; e por sua morte succedeo em toda esta grande Casa, e foy IV. Duque de Aveiro, II. de Torres-Novas, Senhor de Penella, Abiul, Condeixa, Cezimbra, Santiago de Cacem, Sines, e outras muitas terras, Alcaide mór de Coimbra, de Setuval, Commendador na Ordem de Santiago, em que teve as grandes Commendas, que seus avós possuiraõ. Todos estes Estados lhe pretendeo tirar seu tio D. Affonso de Lencastre, Marquez de Porto-Seguro, querendo succeder nelles a Duqueza D. Juliana sua mãy, avó do Duque Dom Raymundo, sobre que fizeraõ muitos pareceres insignes Jurisconsultos daquelle tempo, Portuguezes, e Castelhanos: porém correndo a causa, depois da morte da Duqueza D. Juliana, teve sentença o Duque D. Raymundo a seu favor a 18 de Setembro de 1637, ficando excluido seu tio o Marquez de Porto-Seguro.

No

No anno de 1640 da felicissima Acclamaçaõ, em que sobio ao Throno de Portugal ElRey Dom Joaõ IV. se achava fóra da Corte o Duque D. Raymundo debaixo da tutela de sua mãy a Duqueza de Torres-Novas. No anno seguinte no Auto do Juramento, que os Tres Estados do Reyno fizeraõ ao mesmo Rey, em que foy jurado seu filho o Principo D. Theodosio herdeiro do Reyno, jurou o Duque de Aveiro por seu Procurador o Marquez de Villa-Real, com procuraçaõ da Duqueza de Torres-Novas sua mãy, como Tutora, e Administradora da sua pessoa, e Casa, por o Duque naõ ter idade de se poder mancipar. Depois no anno de 1656, em que o mesmo Rey teve a ultima doença, de que morreo, depois de tomar o sagrado Viatico com grande edificaçaõ da Corte, e recolhido interiormente, depois da Communhaõ, lhe disse o Camereiro môr, que estavaõ alli os Duques de Aveiro, e Cadaval, aos quaes já Sua Magestade tinha chamado para junto ao leito; e chegando o de Aveiro, lhe lançou o braço ao pescoço, dizendolhe, que era moço, que se naõ desvanecesse nos annos, na riqueza, nem na Dignidade, pois as mayores naquillo vinhaõ a parar: que vivesse com a morte diante dos olhos, para que vivesse, como convinha: que sempre o amara muito, e desejara vello bem encaminhado; e assim para as lembranças, que já lhe naõ podia fazer, servisse a representaçaõ daquella morte, para que lhe naõ fossem necessarias, e désse em todo o tempo a conta

Auto das Cortes de 1641, impresso no dito anno.

Ultimas acções del Rey D. Joaõ IV. impr. em 1657, pag. 12.

Portugal Restaurado, liv. 12. tom. 1. pag. 895.

conta de si, que Sua Mageſtade eſperava, principalmente quando era neceſſario ao Reyno mayor quietaçaõ, obediencia, e uniformidade. A que o Duque reſpondeo com muitas lagrimas, (que em taes occaſioens ſaõ filhas do mayor valor) que eſperava em Deos tiveſſe Sua Mageſtade muita vida, para que teſtemunhaſſe o quanto em todo o tempo o deſejava ſervir, e obedecer. Aſſim que ElRey faleceo, o Secretario de Eſtado Pedro Vieira da Sylva, por ordem da Rainha Regente, lhe participou a noticia, e que havia de pegar em huma das argollas do caixaõ, em que eſtava o Real cadaver; o que o Duque fez no Paço, e depois o acompanhou a S. Vicente de Fóra, onde foy ſepultado. Determinou a Rainha o juramento delRey D. Affonſo ſeu filho, que ſe celebrou a 15 de Novembro de 1656 com grande pompa; nelle ſe achou no meſmo Auto, acompanhando a ElRey, e nelle lhe deu homenagem, ſendo o que ſe ſeguio a jurar, conforme a antiguidade da Carta da ſua Dignidade, o primeiro depois do Infante D. Pedro.

Havia quaſi vinte annos, que o Duque com fiel ſubordinaçaõ vivia em Portugal, quando entrando em hum negoceado com D. Fernando Telles de Faro, que fora Embaixador aos Eſtados Geraes, aſſentaraõ deixar a Patria, contra que formaraõ affectadas queixas; aſſim D. Fernando largando os negocios da Embaixada, o veyo a fazer, paſſando-ſe ao ſerviço de Caſtella, com abominavel eſcandalo; e o

Duque para o executar se valeo de La Lande, que era hum Francez, Soldado da fortuna, que passou a servir no nosso Reyno com huma Carta de recommendaçaõ do Cardeal Mazarino; e tendo servido tempos nas Campanhas de Alentejo com prestimo, se achou no soccorro de Elvas com o posto de Tenente General da Cavallaria das Tropas Auxiliares. Depois passou à Corte de Lisboa a pretender o mesmo posto na Cavallaria do nosso Exercito; e naõ se lhe deferindo à pretençaõ com a brevidade, que elle queria, resolveo voltar para França: e aproveitandose o Duque da occasiaõ, fez delle confiança, para dispor a jornada de França. Soube La Lande, que em Setuval estava huma Charrua para fazer viagem para Bretanha; ajustou-se com o Mestre, e sahindo daquelle porto, deu fundo na Enseada da Arrabida, onde o Duque de Aveiro embarcou no anno de 1659, e aportou em Brest. Havia já chegado àquelle Reyno o Conde de Soure D. Joaõ da Costa, mandado por Embaixador Extraordinario àquella Corte, Varaõ dotado de valor, prudencia, e sabedoria, que tendo esta noticia, sem embargo, de que lhe era presente chegara anticipadamente Dom Luiz de Haro, Ministro de Castella, para a conclusaõ do Tratado da Paz entre aquellas Coroas; e que La Lande havia passado por Bayona pela posta, e sendo casado naquella Cidade, se naõ detivera em sua casa mais, que o tempo preciso para comer, e mudar de postas, e que com toda a diligencia fora

para

para Madrid, lhe era clara a inferencia, de que o Duque caminhava àquella parte. Com tudo a grandeza da pessoa, e a representaçaõ da Casa do Duque, obrigaraõ ao Conde procurar todos os caminhos de divertillo, ou impedirlhe a jornada. Determinou o Conde escreverlhe, mostrando estar persuadido, que desgostos particulares o levaraõ a França; offereceolhe a sua casa, e servillo naquella Corte, com a fazenda, e com a authoridade do caracter, que representava: que o esperava em Tolosa, onde lhe tinha prevenido hum Quarto; e porque tal vez (lhe dizia) a pressa, com que se embarcara, lhe seria a causa de naõ prevenir os meyos necessarios, lhe remettia hum credito de dous mil escudos.

Naõ havia muitos dias, que o Conde de Soure estava em Tolosa, quando recebeo despachos da sua Corte, que continhaõ a noticia da ausencia do Duque de Aveiro, com instrucçaõ sobre este particular, de que informará a copia da Carta Original da Rainha Regente, que anda na Relaçaõ, que escreveo o Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, entaõ Secretario da Embaixada, e depois Enviado na mesma Corte, e outras, Varaõ prudente, erudîto, e de grande eloquencia, como testemunhaõ as Obras, que vemos suas; diz assim:

Obras de Duarte Ribeiro de Macedo, pag. 4;

„ Dom Joaõ da Costa, Conde de Soure, &c.
„ Muito presente vos he a grande estimaçaõ, que
„ sempre fiz da pessoa do Duque de Aveiro, e de sua
„ Casa, imitando nisto a ElRey meu Senhor, e pay,

„ que Deos tem, que todo o tempo de ſeu governo
„ tratou ao Duque, e ſuas couſas com particular af-
„ feiçaõ. Naõ baſtou iſto para o Duque deixar de
„ ter ſempre queixas, que eu deſejey muito evitar
„ em differentes occaſioens, de que naõ he neceſſa-
„ rio advertirvos por menor. Ultimamente offereceo
„ hum papel ſobre particulares de ſua Caſa em tem-
„ po, que os communs do Reyno naõ davaõ lugar
„ a ſe tratar de outra couſa, ſem embargo, do que
„ lhe mandey logo reſponder; naõ ſe ſatisfez da re-
„ poſta, e eſta foy a ultima queixa, que ouvi tiveſſe
„ no Reyno; taõ pouco juſtificada, que nem eſta,
„ nem as paſſadas, parecem motivo baſtante para hu-
„ ma reſoluçaõ taõ alheya das obrigações, que o
„ Duque me tem a mim, a ſi, e à terra, em que naſ-
„ ceo; deixando-a quando ella tem neceſſidade naõ
„ ſó do mayor, mas do menor Vaſſallo. Eſcreveo-
„ me a Carta, de que ſerá a copia com eſta, e outra
„ a Pedro Vieira para as communicar, de que tam-
„ bem vos vay copia. A primeira, que nem por mim,
„ nem ſey, que por Miniſtro meu algum ſe lhe fez o
„ menor impedimento a haver de caſar; antes ElRey
„ meu Senhor, e eu, depois de ſeu falecimento, lhe
„ concedemos, naõ ſó licença, mas (dizendo elle,
„ que caſava em França) os navios da minha Arma-
„ da, para com mais authoridade, e ſegurança, e me-
„ nos deſpeza ſua poder trazer ſua mulher ao Rey-
„ no. A ſegunda, que deſejando, e procurando eu
„ muito todos os acertos no governo de meus Rey-
„ nos,

„nos, querendo que o Duque tivesse nelles muita
„parte, o fiz do meu Conselho de Estado, que lar-
„gou, naõ só sem causa; mas com desabrimento
„muito differente da boa vontade, com que lhe offe-
„reci aquella occupaçaõ. Encommendeilhe o go-
„verno de minhas armas na mais importante Provin-
„cia, e na mais apertada occasiaõ; e posto que o
„aceitou, o largou logo com o termo, que sabeis,
„pois reguley tudo pelo vosso conselho, e dos mais
„Ministros com quem me podia, e devia aconselhar;
„de maneira, que assim na paz, como na guerra, lhe
„dey toda a occasiaõ, para com seu conselho, eu
„emendar o que fosse necessario.

„Supposto isto me foy taõ estranha a resoluçaõ
„do Duque, sem exemplo, pelo tempo, e occasiaõ,
„que vos naõ posso negar o muito sentimento della,
„e o grande escandalo, e mao exemplo, que deu a
„meus Vassallos, que espero naõ sigaõ. Saõ mui-
„to roins os juizos, que fizeraõ desta acçaõ do Du-
„que, todos em prejuizo seu; e porque convem dar
„satisfaçaõ ao Mundo, e ao Reyno: ao Mundo
„mostrando, que o Duque largou meu serviço sem
„causa, nem motivo justo; e ao Reyno, procuran-
„do saber os intentos, com que vay, e procedimen-
„tos, que tem. Entendereis se o Duque (como
„diz em suas Cartas, e mais em particular na que
„escreveo a sua irmãa) for à vossa casa, e entender-
„des está taõ certo, e taõ prompto a meu serviço, e
„ao bem do Reyno, como he obrigado, deveis dizer
„a Sua

„ a Sua Mageſtade Chriſtianiſſima, meu bom Irmaõ,
„ e Primo, e a ſeus Miniſtros, o que for neceſſario
„ para perſuadir, que ſe lhe naõ deu cauſa por mi-
„ nha parte; e que elle ſe foy disfarçado, por curio-
„ ſidade de ver eſſa Corte, ou de buſcar nella mu-
„ lher a ſeu goſto, ou o que vos parecer baſtante,
„ para com menos offenſa do decóro, que ſe deve ao
„ Duque, ſe ſaber foy eſta acçaõ puramente ſua; e
„ ſe elle naõ for a voſſa caſa, ou entenderdes vay
„ com intentos encontrados às obrigações, com que
„ naſceo, vos queixareis delle a ElRey, e ao Car-
„ deal, procurando encontrallo no que for de prejui-
„ zo ao Reyno; e conforme o ſeu procedimento, ſe-
„ rá a correſpondencia, que com elle tereis. O al-
„ cançar o animo, e intentos do Duque, poſto que
„ ſerá facil a voſſo juizo, e à voſſa diligencia, encom-
„ mendareis em particular a Duarte Ribeiro de Ma-
„ cedo, Secretario da Embaixada; porque fio delle,
„ de ſua induſtria, e prudencia, ſaberá tomar de tu-
„ do a informaçaõ neceſſaria; e de tudo o que alcan-
„ çardes, me aviſareis com toda a particularidade.
„ Deixou o Duque huma Procuraçaõ à ſua irmãa D.
„ Maria, para governar ſua Caſa, e em defeito del-
„ la deixou o meſmo poder a D. Pedro de Alencaſ-
„ tre ſeu tio.

„ Deixou mais ordem para ſe lhe remetterem
„ cincoenta mil cruzados das ſuas rendas, e outras
„ advertencias de menor conſideraçaõ; até agora naõ
„ declarey como ſe havia de haver em cada huma del-
„ las,

„ las, logo que o faça, se vos avisará com os funda-
„ mentos da resoluçaõ, que tomar. Escrita em Lis-
„ boa a 20 de Novembro de 1659.

„ RAINHA.

Desta Carta se vê qual era o cuidado daquella celebre Heroina a Rainha Dona Luiza, e a fatalidade, com que o Duque taõ inconsideradamente fabricou a ruina da sua grande Casa.

Teve o Conde de Soure reposta do Duque em poucas regras, em que lhe agradecia os offerecimentos, dizendo, que fazia jornada a Pariz com o desejo de ver aquella Corte; acabando, dizia: Duvido que nos possamos ver; porque conforme a regra de Euclides: *Duæ lineæ quamquam in infinitum protrahantur, non tanguntur.* Em breve verificou o successo a intelligencia deste lugar; porque parecia entaõ ao Duque, que seguindo o serviço de Castella, e sendo o Conde Ministro de Portugal, se naõ podiaõ encontrar por mais, que caminhassem; e conheceo o Conde, que deixar o Duque escrito em Lisboa, que hia pousar à sua casa, foy prevenirse da contingencia de padecer algum temporal, que o obrigasse a entrar em porto deste Reyno. Declarado assim qual era o destino do Duque, era inutil o exame, que a Rainha recommendava na Instrucçaõ; e só era necessario prevenir a Corte. Despachou o Conde Embaixador hum proprio ao Cardeal, primeiro Ministro, dandolhe conta da jornada do Duque, e das razoens,

que

que o persuadiaõ a entender, que passava ao serviço delRey Catholico. E ultimamente pedia a Sua Magestade Christianissima, lhe negasse passo por França; porque naõ era justo, que hum Vassallo de hum Principe alliado, caminhasse pelos Estados de Sua Magestade, a declararse inimigo da sua Patria, pedindo que fosse retido em França, até declarar a resoluçaõ, que tomava. O Duque de Aveiro ao mesmo tempo mandou hum proprio ao Conde de Cominges, que havia conhecido Embaixador de França em Portugal, e sahira de Lisboa poucos dias antes, que o Duque embarcasse, e lhe pedia lhe quizesse solicitar licença para ir à Corte a fallar a ElRey. Ao tempo que Cominges instava pela licença, recebeo o Cardeal a Carta do Embaixador. A reposta que mandou ao Duque continha: Que se o traziaõ a França negocios particulares de sua pessoa, e Casa, sem embaraço podia fazer a jornada; porque em ElRey seu Senhor acharia acolhimento, e toda a satisfaçaõ, que podesse desejar nos seus particulares; porém que se o intento era differente, que escusasse o trabalho da jornada. Esta resoluçaõ referio o Cardeal na reposta ao Embaixador, escusando-se de passar a outra demonstraçaõ, por ser em todos os seculos naquelle Reyno o passo livre aos Estrangeiros.

Todas as circunstancias deste negoceado declaravaõ com evidencia, que o Duque caminhava a Castella; porém só faltava huma consideraçaõ, que podia entreter a esperança de o persuadir, que refe-

re

re Duarte Ribeiro, que era fundada em saber, se o Duque sahira de Portugal com anticipada communicaçaõ com Castella; porque neste caso a jornada àquella parte era já mais necessaria, que livre. Neste supposto pareceo ao Conde Embaixador continuar a diligencia de persuadir ao Duque. E porque o Enviado Feliciano Dourado se achava de caminho para Portugal, e já despedido da Corte de Pariz; e pelos avisos, que o Conde tinha, sabia, que o Duque havia tomado o caminho de Bordeos, lhe ordenou esperasse naquella Cidade ao Duque, a quem escreveo ouvisse a Feliciano Dourado, e quizesse dar credito a tudo o que da sua parte lhe referisse. Continuou Feliciano Dourado a sua jornada, e achou ao Duque em Bordeos: teve com elle algumas conferencias; participoulhe as ordens, que o Conde Embaixador tinha, para lhe facilitar toda a satisfaçaõ, que quizesse nos seus particulares, em Portugal, e França. Mostroulhe com evidencia a precipitaçaõ, com que caminhava na certeza de perder a sua Casa, e as difficuldades de se restituir a ella; porque o caso, de que a sua idéa se lisongeava de occuparem as Armas de Castella Portugal, naõ era negocio de hum anno, mas de muitos; e entaõ ainda que o conseguisse, havia de ser com a ruina, e desolaçaõ da sua Patria, que elle esperava se defendesse, assim pelo valor, e uniaõ dos seus naturaes, que elle bem conhecia, como porque a inconstancia dos tempos havia de persuadir facilmente à defensa de Portugal os mesmos,

Relaçaõ de Duarte Ribeiro, pag. 47.

que naquella occaſiaõ ſe eſqueciaõ della. A eſtas, e outras razoens proferidas com a eloquencia de Feliciano Dourado, reſpondeo o Duque com indifferença, a que chamava politicas do Conde de Soure; e vendo Feliciano Dourado, que toda a diligencia era infructuoſa, deu conta ao Conde Embaixador, e continuou a jornada para o Reyno, e o Duque a ſua para Madrid. Com a noticia deſte ultimo deſengano, ſe reſolveo o Conde a lhe eſcrever a Carta, de que Duarte Ribeiro diz ſer digna de a obſervar a poſteridade.

Relaçaõ de Duarte Ribeiro, pag.48. *Portugal Reſtaurado*, tom.2. pag.262. Le Clede.

„ Em fim, Senhor Duque, Voſſa Excellencia „ tem tomado a reſoluçaõ de ſe paſſar ao ſerviço d' „ ElRey Catholico; aſſim o tem moſtrado as acções „ de Voſſa Excellencia em França, e as repoſtas, que „ deu às inſtancias, que tenho feito a Voſſa Excel- „ lencia, ſeguindo as ordens d' ElRey meu Senhor, „ e a obrigaçaõ de Miniſtro publico de Portugal. E „ porque me naõ fique nada por fazer em materia taõ „ grave, eſcrevo eſta Carta, que ſerá a ultima, lem- „ brado da confiança, e da amiſade, com que Voſſa „ Excellencia ſempre me honrou. As obrigações, „ que Voſſa Excellencia deve a ſeu naſcimento, cla- „ maõ todas contra eſta reſoluçaõ. O tempo, e a „ occaſiaõ moſtraõ ao Mundo, que Voſſa Excellen- „ cia buſca o partido de Caſtella por mais ſeguro; „ que buſca hum Principe eſtranho por ſe cobrir aos „ perigos, que ameaçaõ o Principe natural; porque „ vê a paz feita, as armas d' ElRey Catholico deſ-

„ occupa-

„ occupadas, os interesses de Portugal desamparados
„ de França, e duvidosa a conservaçaõ de sua Patria.
„ Isto he o que diz o Mundo, e o que dirá da reso-
„ luçaõ de Vossa Excellencia a posteridade!

„ Se Vossa Excellencia teve a causa de Portu-
„ gal por menos justa, como a seguio vinte annos?
„ Como jurou fidelidade àquelles Principes? Como
„ por tantos actos de obediencia os reconheceo? Se a
„ teve por justificada, como a desampara agora? Jul-
„ gue Vossa Excellencia se convem a seu nome a cau-
„ sa, e os motivos, que haõ de dar a esta acçaõ os
„ sentidos?

„ Supponhamos, que apparece hoje no Mundo
„ o Senhor D. Joaõ, avô, e Fundador da Casa de
„ Aveiro, aquelle grande Mestre de reynar, glorio-
„ so Rey de seus filhos, e amoroso Pay de seus Vas-
„ sallos; que vê Portugal em perigo, e a V. Excel-
„ lencia duvidoso. Que dirá a Vossa Excellencia?
„ Que siga hum Principe estrangeiro, neto da Em-
„ peratriz D. Isabel, ou hum Principe natural, neto
„ do Infante Dom Duarte? Quereria que governasse
„ Portugal hum Principe varaõ da Casa de Austria,
„ ou hum Principe do seu sangue? Quereria ver ou-
„ tra vez os seus portos com presidios Castelhanos; os
„ Portuguezes desprezados, e opprimidos? He certo,
„ que Vossa Excellencia dentro em si mesmo diz,
„ que naõ; e segue V. Excellencia maximas encon-
„ tradas a hum grande Monarca, que lhe deu o ser?

„ Será Vossa Excellencia bem recebido em Cas-

„ tella, naõ duvido; mas por quem he? Naõ Se-
„ nhor, ha lá muitos Grandes, que naõ ſuppoem
„ deſigualdade no Duque de Aveiro. Haõ de fazer-
„ lhe a Voſſa Excellencia muita feſta; porque enten-
„ dem, que o exemplo ha de ſer ſeguido; e o ſervi-
„ ço, que Voſſa Excellencia agora lhes faz, ha de
„ ſer util. Se nenhuma deſtas couſas ſucceder; que
„ pezado ha de ſer Voſſa Excellencia! Que impor-
„ tunos haõ de ſer os requerimentos de Voſſa Excel-
„ lencia naquella Corte! que facilmente verá Voſſa
„ Excellencia logo, o que deixa, e o que buſca! Dei-
„ xa Voſſa Excellencia a ſua Patria, onde toda a No-
„ breza o ama com reſpeito, e o reſpeita com amor;
„ e buſca hum Reyno eſtranho, onde ninguem ha
„ de cuidar, que lhe deve amor, e reſpeito?

„ Expoz-ſe Voſſa Excellencia a paſſar os mares
„ em huma pequena barca por buſcar Caſtella; e ſa-
„ he de huma grande nao, onde deixa tantos homens
„ honrados trabalhando com os temporaes. Deixa
„ Voſſa Excellencia de ſe expor às ballas Caſtelhanas
„ por defender a ſua Patria; e virá com os Caſtelha-
„ nos exporſe às ballas Portuguezas pela ſogeitar. Se
„ eſtas razoens perſuadem a Voſſa Excellencia, ain-
„ da tem tempo para ſe reſolver, e amigos para o
„ ſervirem. Se o naõ perſuadem, em paſſando os Py-
„ rineos, buſquenos bem armado; porque todos o
„ havemos de eſperar como inimigo. „ A repoſta
deſta Carta continha poucas regras, e entre ellas di-
zia: *Sempre conheci a Voſſa Excellencia com o acha-*

que

que de zeloso do bem publico, e nesta consideraçaõ lhe prometo fazello meu Alferes mòr quando for Rey de Portugal. O Conde Embaixador sentio a reposta, e levado do ardor do seu espirito, esteve resoluto a desafiar ao Duque, o que parece se desvaneceo pela brevidade, com que sahio de França; porque logo, que mandou a Carta, mandou o Duque hum Capellaõ seu Irlandez, pedindo passaporte para passar a Hespanha, para onde caminhava com o sentimento de se lhe negar a licença de fallar a ElRey. Respondeolhe o Cardeal, mandandolhe o passaporte; e de palavra disse ao Capellaõ, que em quanto naõ soubera a ultima resoluçaõ do Duque, o esperava na Corte com hum Quarto prevenido no seu Palacio; mas como a sua jornada a França tivera só por fim a passagem para Hespanha, deixarlha livre, he quanto podia permittir. Em fim passou o Duque o Rubicon nos Pyrineos: chegou a Madrid, donde já era esperado; porque D. Fernando Telles, que com resoluçaõ mais indigna, e detestavel, largando a Embaixada, passou a Madrid, tinha segurado, e D. Joaõ de Zuniga a ElRey, e a D. Luiz de Haro a resoluçaõ do Duque. Havia sido D. Joaõ de Zuniga prisioneiro na batalha das Linhas de Elvas, e se lhe tinha dado por prizaõ o Castello de Lisboa; e neste tempo contrahio estreita amisade com o Duque de Aveiro, e D. Fernando Telles, de que resultou communicaremlhe o seu segredo, quando sahio da prizaõ, e partio para Castella, o muito que desejavaõ

passar

paſſar ao ſerviço delRey Catholico, concedendolhe certas propoſições, que aſſentaraõ; que Dom Joaõ conferiria com D. Luiz de Haro; e que naõ havendo duvida em ſe lhe permitirem, lho participaſſe, ſendo o aviſo em tal fórma, que nunca ſe pudeſſe penetrar; porque ſe reduzia, a que D. Joaõ lhe mandaria de preſente hum caixaõ de chocolate com tantas arrobas, huma mulla com gualdrapa de veludo verde, guarnecida de paſſamanes de prata, humas eſpingardas, e outras couſas, que cada huma ſignificava cada huma das propoſições, que o Duque, e D. Fernando haviaõ mandado. Foy o Duque recebido delRey D. Filippe IV. com ſingulares favores; porém a pouco tempo do trato da Corte, encontrou muitos pezares; porque trazia os Cocheiros, e Lacayos deſcobertos, huma das prerogativas dos Duques em Portugal; e ordenaraõ-lhe, que os trouxeſſe como os demais. Em huma ſalla do Paço o buſcou hum filho de hum Grande para lhe fallar por Senhoria; reſpondeolhe por merce, de que ſentido lhe diſſe: ***Pues aſim me habla? fuera de Palacio***; tornou o Duque, lhe reſponderey, e foy ſahindo da antecamara, em que eſtava; porém compoz a authoridade delRey eſte deſgoſto; e para que os filhos dos Grandes lhe naõ duvidaſſem do tratamento de Excellencia, lhe fez merce de Duque de Ciudad Real. Eſtes ſucceſſos, e outros ſemelhantes o traziaõ taõ deſgoſtado, que na Primavera do anno de 1661 ſahio da Corte; e por huma Carta deixou pedida licença a ElRey para ſervir

vir na Campanha daquelle anno. Ouvindo ElRey ler a Carta, ordenou que fosse com toda a pressa chamado: porém naõ faltou quem lhe avdertisse a conveniencia de o deixar servir nas Fronteiras de Portugal, a que ElRey respondeo: *No quiero, que su temeridad le exponga a una desgracia, y a mis ojos le corten alla la cabeça.* Desorte que o Duque naquella Corte só a ElRey foy devedor de attenções, devidas ao seu altissimo nascimento; porque os mais o desejavaõ pôr em empenhos, de que ao menos naõ sahisse satisfeito.

Em quanto isto passava na Corte de Madrid, na de Portugal o processaraõ; e foy sentenciado a ser degollado em estatua, e confiscados todos os seus bens, e banida a sua pessoa, em Agosto de 1663, e a 16 de Outubro do dito anno se executou a sentença. Estes successos com os dissabores, que padeceo na Corte, parece lhe causariaõ arrependimento do seu erro, em tempo que já era impossivel o remedio. Seguia o Duque de Aveiro já os interesses de Castella contra a sua Patria, naõ duvidava em querer ser elle o instrumento da sua ruina; e assim aquelle grande projecto, que o Marquez de Carracena expuzera a ElRey Catholico para a guerra de Portugal, o mandou ElRey communicar ao Duque de Aveiro, que o approvou, accrescentando, que para se conseguir qualquer das emprezas imaginadas, era precisa huma poderosa Armada, que ao mesmo tempo operasse com o Exercito, para que dividindo-se o poder de Portu-

Portugal Restaurado, liv. 10. pag. 686.

Portugal, pudeſſe ſer mais facil o bom ſucceſſo. Eſte parecer do Duque mandou ElRey ao Marquez de Carracena, que o julgou muy proprio, e acertado, e aconſelhou a ElRey, que fizeſſe ao Duque de Aveiro executor deſta empreza, nomeando-o General da Armada; porque aſſim conſeguia huma acertada politica: porque no valor, e grande qualidade do Duque, aſſentava bem eſte grande emprego. Seguindo ElRey a idéa, chamou ao Duque, e lhe ordenou paſſaſſe a Cadiz, com huma Patente, em que lhe aſſinalava ampliſſimas juriſdicções para apparelhar trinta Navios, e vinte Galés, em que haviaõ de embarcar oito mil homens, grande numero de munições de guerra, e boca, e inſtrumentos de expugnaçaõ. Partio o Duque a Cadiz, e naõ achando dinheiro algum para o apreſto da Armada, por ſe haver dilatado a frota de Indias, cujo dinheiro ſe tinha conſignado para taõ largas deſpezas, o ſentio o Duque com extremo, naõ ſabendo ter por effeito da Providencia Divina o negarlhe eſte caminho de ſer executor das offenſas da Patria, contra quem chegou a pôr em execuçaõ no anno de 1666 os ſeus deſignios; ſahindo de Cadiz no mez de Junho em huma Armada compoſta de quinze Navios: porém todos os ſeus progreſſos ſe reduziraõ a ganhar na Coſta do Algarve hum pequeno Forte, chamado a *Baleeira*, que tinha ſó tres peſſas, querendo emprender a importante Fortaleza de Sagres, no Cabo de S. Vicente; porém foraõ os Navios taõ rebatidos da artilharia

lharia da Praça, que governava Simaõ Rodrigues Moreira, que se dessuadio do intento do desembarque; e passou a Armada à pequena Ilha de Berlenga, que fica tres legoas da Costa de Peniche; e depois de lhe resistir dous dias a guarniçaõ de trinta Soldados, que defendiaõ hum Forte de taõ pouca importancia, o renderaõ, e desmantelaraõ. Recolheo o Duque de Aveiro a Armada, sem outra operaçaõ, perdendo a gloria, que podera adquirir no serviço da Patria. Neste mesmo anno de 1666 faleceo em Cadiz a 5 de Novembro, e foy depositado no Convento dos Capuchinhos, donde depois foy trasladado para Guadalupe, como diremos. Foy o Duque de Aveiro ornado de muitas virtudes; porque foy valeroso, dotado de talento, bem instruido, com actividade, como mostrou nos cuidados de adiantar as forças maritimas de Castella, em que se occupou com summo acerto, e vigilancia, na applicaçaõ dos meyos, e conveniencia da fazenda Real, sendo amado, e temido igualmente de todos os que lhe obedeciaõ. Estas virtudes, que entaõ foraõ publicas, e geralmente confessaraõ todos, seriaõ sem duvida mais gloriosas ao seu nome, se as executara no serviço da Patria, como depois mostraraõ os successos. Assim acabou o Duque no serviço delRey Filippe IV. de Castella, onde foy por merce do mesmo Rey Duque de Ciudad Real, e Capitaõ General da Armada do Oceano; e oppondo-se aos pleitos da Casa de Naxera, e Maqueda, em 26 de Mayo de 1660, alle-

allegando, que lhe pertenciaõ eſtas Caſas, como neto varaõ legitimo dos Duques D. Bernardino de Cardenas, e D. Luiza Manrique; e naõ ſendo attendido, no que pertencia a Naxera, Trevinho, Valencia, e ſuas dependencias, o Conſelho lhe julgou pertencerlhe a Caſa de Maqueda, de que o metteo de poſſe, e das mais terras, e juriſdicções, que lhe eraõ annexas; e aſſim foy Duque de Maqueda, Marquez de Montemayor, e de Elche, Adiantado mayor do Reyno de Granada, Senhor das Villas de S. Sylveſtre, Torrijos, Alcabon, Monaſterio, el Campilho, Riaza, Penela, Crevilhen, e Taha de Marchena, Baraõ de Axpe, Planes, e Patrax, Alcaide môr de Toledo, de Almerias, Chinchilha, Sax, e la Mota de Medina. Jaz em o Moſteiro de Noſſa Senhora de Guadalupe, debaixo do arco principal da Capella mayor em hum nicho, a quem ſua irmãa a Duqueza D. Maria de Guadalupe mandou pôr eſta Inſcripçaõ.

Don Raymundo de Lancaſter, Duque de Aveiro, que fue, cuyo cadaver yaze en eſta ſepultura, por la heredada piedad de ſu Familia a eſta Santa Caſa, deſcanſando en ella los deſpojos de la mortalidad. Innova dies noſtros ſicut à principio. In pace in id ipſum dormiam. Requieſcat in pace. Amen.

Caſou

Casou com Dona Luiza Clara de Ligne, que depois foy mulher de D. Inigo Velez de Guevara, e Tassis, X. Conde de Onhate, e de Villa Mediana, Grande de Hespanha, &c. e era filha de Claudio Lamoral, Principe de Ligne, de Amblise, e do Sacro Romano Imperio, Grande de Hespanha, &c. Cavalleiro do Tusaõ, Vice-Rey de Sicilia, Governador de Milaõ, do Conselho de Estado, e da Princeza Clara Maria de Nasau sua mulher, e prima com irmãa, filha de Joaõ, Conde de Nasau-Siege, Cavalleiro do Tusaõ, General da Cavallaria de Flandres, e de Ernestina Violante de Ligne, filha de Lamoral, Principe de Ligne, Cavalleiro do Tusaõ, e de Maria de Melun, Marqueza de Rube. Deste matrimonio naõ teve o Duque successaõ.

Teve fóra do matrimonio em D. Joanna

18 Dom Pedro de Lencastre, que passou tambem para Castella, donde servio, e foy morto no anno de 1676 na guerra de Sicilia.

- A Duqueza D. Luiza Clara de Ligne, m. do Duque Dom Raymundo.
  - Claudio Lamoral, Principe do S. R. I. de Ligne, Cavalleiro do Tusaõ, ✱ a 21 de Dez. de 1679.
    - Florencio Principe de Ligne, &c. ✱ em Abril de 1622.
      - Lamoral, I. Principe de Ligne, Cavalleiro do Tusaõ, ✱ em Janeiro de 1624.
        - Filippe Conde de Ligne, &c. Cavalleiro do Tusaõ, ✱ em 1583.
          - Jaques de Ligne, Conde de Fanquemburk, e Ligne, ✱ em 1552.
          - A Condessa Maria, Senhora de Wassenaer.
        - A Condessa Margarida de Lalain.
          - Filippe de Lalain, Conde de Hochstrate.
          - A Condessa Anna de Revensbourg.
      - A Princeza Maria de Melun, ✱ em 1694.
        - Hugo de Melun, Principe de Espinoy, Condestavel de Flandes, ✱ em 13 de Agosto de 1553.
          - Francisco de Melun, Conde de Espinoy, Condest. de Fland. ✱ 1547.
          - Luiza de Foix, irmãa de Joaõ, Rey de Navarra.
        - A Princeza Violante de Barbanzon Werchin.
          - Pedro de Barbanzon, Senhor de Werchin, Cavalleiro do Tusaõ.
          - Hellena de Vergy.
    - A Princeza Luiza de Lorena, ✱ no 1. de Dezembro de 1653.
      - Henrique de Lorena, Marquez de Moy, &c. ✱ em 1601.
        - Nicolao de Lorena, Duque de Mercoeur, ✱ a 4 de Janeiro de 1577.
          - Antonio Duque de Lorena, e Bar, ✱ a 14 de Junho de 1544.
          - A Duqueza Rainera de Bourbon, ✱ em 1539.
        - A Duqueza Catharina de Lorena.
          - Claudio de Lorena, Duque de Aumale.
          - A Duqueza Luiza de Breze.
      - Claudia, Marqueza de Moy, ✱ a 3 de Novembro de 1627.
        - Carlos Marquez de Moy.
          - Antonio Baraõ de Moy.
          - Charlota de Chabanes.
        - A Marqueza Catharina Susanes.
          - Joaõ Jacobo de Susanes, Conde de Cerny.
          - Francisca de la Chambre.
  - A Princ. Clara Maria de Nasau, ✱ a 4 de Setembro de 1695.
    - Joaõ, Conde de Nasau, Cavalleiro do Tusaõ, e da Annunciada, Marquez de Cavelli, ✱ em 1638.
      - Joaõ, Conde de Nasau Dilsembourg, ✱ a 27 de Setembro 1623.
        - Joaõ Conde de Nasau o velho, ✱ a 8 de Outubro 1606.
          - Guilherme Conde de Nasau, e de Dillembourg, ✱ em 1559.
          - A Condessa Juliana de Stolberg.
        - A Condessa Isabel de Leuchtemberg, ✱ em 1579.
          - Jorge Landgrave de Leuchtemberg, ✱ em 1555.
          - A Landgravina Barbara de Brandenbourg, ✱ em 1553.
      - A Condessa Magdalena de Waldeck ✱ em 1599.
        - Samuel, Conde de Waldeck, ✱ 1570.
          - Filippe Conde de Waldeck, ✱ em 1574.
          - A Condessa Margarida de Frisen, ✱ em 1537.
        - A Condessa Anna Maria de Schwarzenburg.
          - Henrique Conde de Schawarzemburg, ✱ em 1538.
          - A Condessa Catharina de Henrnenbourg.
    - A Condessa Ernestina Violante de Ligne.
      - Lamoral, Principe de Ligne.
        - Filippe Conde de Ligne, &c.
          - Jaques Conde de Ligne.
          - A Condessa Maria, Senhora de Wassenaer.
        - A Condessa Margarida de Lalain.
          - Filippe de Lalain, Conde de Hochstrate.
          - A Condessa Anna de Revensbourg.
      - A Princeza Anna Maria de Melun.
        - Hugo de Melun, Principe de Espinoy.
          - Francisco de Melun, Conde de Espinoy.
          - A Condessa Luiza de Foix.
        - A Princeza Violante de Barbanzon.
          - Pedro de Barbanzon, Senhor de Werchin.
          - Helena de Vergy.

CAPITULO VIII.

De Dom Pedro de Lencastre, V. Duque de Aveiro &c. Inquisidor Geral destes Reynos, e Arcebispo de Evora.

NO Capitulo V. deste Livro fica escrita a descendencia da excellente Duqueza D. Juliana de Lencastre, e nella D. Alvaro, que della fora quinto filho. D. Pedro de Lencastre, que nasceo em [illegible] destinado para a vida Ecclesiastica, conforme a sua inclinação; porque foy [illegible] exemplar; com grande gravidade [illegible] que occupou neste Reyno [illegible] dignidade de Cardeal [illegible] Dignidades; de sorte, que [illegible] e Ducado, e Elle [illegible] [illegible] de Ribeira [illegible] dos [illegible] Conselho [illegible] Presid[illegible] Mesa [illegible] a primeira [illegible] D. João IV. [illegible] honras muitas, e [illegible] tendo ElRey [illegible] a sua grande [illegible]

CAPITULO VIII.

De Dom Pedro de Lencaſtre, V. Duque de Aveiro &c. Inquiſidor Geral deſtes Reynos, e Arcebiſpo de Sida.

16 NO Capitulo V. deſte Livro fica eſcrita a fecundidade da excelſa uniaõ da Duqueza D. Juliana de Lencaſtre com ſeu tio o Duque D. Alvaro, que della fora quinto filho varaõ D. Pedro de Lencaſtre, que naſceo no anno de 1608; e ſendo deſtinado para a vida Eccleſiaſtica, elle a ſeguio com inclinaçaõ; porque foy de coſtumes, e vida muy exemplar; com grande gravidade, e authoridade nos lugares, que occupou neſte Reyno. Eſtudou na Univerſidade de Coimbra Direito Canonico, em que foy verſado; de ſorte, que na cauſa, que depois teve ſobre o Ducado, e Eſtado da Caſa de Aveiro, elle meſmo fez os arrezoados, ainda que andaõ em nome de Bibiano Pinto da Sylva. Era muy applicado à liçaõ dos Santos Padres, de ſorte, que de ordinario nas converſações, ſe ſervia das ſuas authoridades, para corroborar o que dizia.

Depois da Acclamaçaõ no anno de 1641 paſſou a primeira vez à Corte a beijar a maõ a ElRey D. Joaõ IV. que o honrou muito, e ſe recolheo a Azeitaõ. ElRey attendendo à ſua grande peſſoa, tanto que

que teve a idade competente, pelo Sagrado Concilio de Trento, o nomeou Bispo da Guarda; depois querendo, que assistisse na Corte, o nomeou no alto emprego do Conselho de Estado no anno de 1648. Esta nomeaçaõ, justamente merecida do alto nascimento de D. Pedro, foy muy disputada pela circunstancia de elle querer preceder aos Condes, que logo lho duvidaraõ; o que D. Pedro representou a ElRey por huma larga petiçaõ bem instruida, dizia: que os filhos dos Duques, quando ElRey lhes fazia a merce de os mandar cobrir, nas honras que lhe permittia, eraõ com muita differença das dos Condes; porque costumava Sua Magestade tirarlhe o chapeo, o que naõ fazia aos Condes; e que D. Affonso de Lencastre nas Exequias delRey D. Sebastiaõ, que se fizeraõ na Igreja de Belém, tivera cadeira: e que os filhos dos Duques venciaõ de assentamento trezentos mil reis, que eraõ quasi tres vezes dobrado da quantia do assentamento dos Condes: que às filhas, e noras dos Duques honravaõ tambem as Magestades com differença das Condessas; porque a estas dava só assento em huma alcatifa, e àquellas se dava almofada; o que se praticou com suas irmãas Dona Magdalena, e D. Marianna, quando ElRey D. Filippe III. foy visitar a Sua Mãy a Duqueza D. Juliana; e Sua Magestade havia feito a mesma honra a sua irmãa Sor Brites de S. Joseph no Mosteiro de S. Joaõ de Setuval; e precedendo assim as filhas dos Duques às Condessas, como queriaõ os Condes preceder

ceder a seus irmãos? O que era taõ certo, como se vira nas Cortes, que convocou a Rainha D. Catharina, e tiveraõ principio a 27 de Setembro de 1562, em que na planta, que fez Miguel de Moura, Secretario de Estado, dizia: ***No banco dos Condes da parte delle, que estiver mais perto dos Marquezes se sentaráõ os irmãos do Duque de Bragança, e junto delle, os irmãos do Duque de Aveiro, e logo Dom Pedro, filho segundo do dito Duque, e após elles os Condes por suas precedencias***; o que era taõ manifesto, que na sua mesma pessoa tinha elle já a precedencia; porque a primeira vez, que tivera a honra de beijar a maõ a Sua Magestade a 9 de Setembro de 1641, lhe dissera o Marquez de Ferreira, por ordem do mesmo Senhor, que havia de ser precedido pelos Marquezes, e que havia de preceder aos Condes; e com effeito entaõ fora precedido do Marquez de Ferreira, e do Marquez de Gouvea, e elle precedeo ao Conde de Penaguiaõ Francisco de Sá de Menezes: e que quando ElRey esteve na Villa de Setuval, precedera em todos os actos aos Condes de Redondo, S. Joaõ, Villa-Nova, Penaguiaõ, Sarzedas, Prado, e Alegrete, que eraõ os que se acharaõ presentes; assim na parede quando ElRey jantava, como no acompanhamento à Capella; e quando Sua Magestade sahia fóra, sem que faltasse nunca D. Pedro, hia elle da parte direita mais chegado a ElRey, e os Condes diante delle; e quando naõ houvera outras taõ evidentes provas a seu favor, os repetidos actos só basta-

Prova num. 15.

baſtavaõ para ficar em poſſe, pela qual ſe regulavaõ as precedencias, quando eſtivera deſtituido de outros motivos, a que ajuntou diverſas atteſtações, que o confirmavaõ na poſſe.

Naõ ſe eſqueceo da Pragmatica das Cortezias, em que fazendo mençaõ dos filhos dos Duques, os preferia; e ultimamente o aſſento da reſoluçaõ del-Rey D. Affonſo V. na ordem, que ſe deu ſobre as precedencias no anno de 1472.

Eſte papel remetteo a 19 de Agoſto do dito anno o Secretario de Eſtado Pedro Vieira ao Conde de Santa Cruz, que era o mais antigo neſta Dignidade, para que o participaſſe aos mais Condes; e que a ſua repoſta, e a ſua enviaſſe às Reaes mãos de Sua Mageſtade no termo de oito dias.

Ajuntaraõ-ſe na Caſa Profeſſa de S. Roque, o Conde de Santa Cruz, o Viſconde de Villa-Nova D. Lourenço de Lima, e o Conde de Abrantes D. Miguel de Almeida, e em huma reverente repoſta concluîaõ, que além das razoens, que já de palavra foraõ apontadas, reſervavaõ outras para pôr por eſcrito, e darem no lugar, onde a acçaõ de D. Pedro de Lencaſtre pertenceſſe, ou Sua Mageſtade ordenaſſe. Foy ElRey ſervido em 2 de Outubro do meſmo anno, que dentro em quinze dias diſſeſſem de Direito, e que nomearia Juizes para determinarem a cauſa.

Os Condes ſe haviaõ com cautella neſte negocio com algumas demoras, ſem embargo do Secretario de Eſtado inſtar. Tomou ElRey a reſoluçaõ, de

que

que huns, e outros papeis se remettessem ao Doutor Francisco de Carvalho, para os ver, communicando-os aos Doutores Jorge de Araujo, e Fernaõ de Mattos de Carvalhosa; porque haviaõ de votar na materia, de que tratavaõ, na presença de Sua Magestade; e que tanto, que os vissem, lhos remettesse. Assim a 11 de Dezembro do mesmo anno de 1648 resolveo ElRey, que sem embargo da reposta dos Condes, em que pertendiaõ, que esta causa corresse ordinariamente, se lhe tornasse vista do papel de D. Pedro de Lencastre, e que respondessem direitamente dentro de oito dias, ajuntando os papeis, e documentos, que fizessem a bem da sua Causa; e que tendo alguma prova de testemunhas, ou requerimento, que fazer, o poderiaõ fazer diante do Doutor Marçal Casado Jacome, do seu Conselho, e Desembargador do Paço, que ElRey nomeava, para preparar este Processo, de que seria Escrivaõ Jacintho Fagundes Bezerra, Escrivaõ da sua Camera; porque na Mesa do Desembargo do Paço se fariaõ os requerimentos, que na presença delRey haviaõ de ser sentenciados. Correo a Causa diversos termos, e incidentes, que passaraõ depois de todos terem apresentado as razoens da sua pretençaõ, em que allegaraõ de facto, e de Direito muy diffusamente: finalmente se tomou assento sobre este negocio na presença delRey, e do Principe D. Theodosio, e foy o seguinte:

„ Em presença de Sua Magestade, e de Sua Al-

„ teza o Principe nosso Senhor, que Deos guarde, „ foraõ vistos os papeis, e os mais appensos tocantes „ à duvida das precedencias de D. Pedro de Lencastre, Presidente da Mesa do Desembargo do Paço, „ e os Condes do Reyno; e votando-se sobre ella, se „ determinou, que D. Pedro, filho dos Duques de „ Aveiro, descendentes da Casa Real, devia preceder aos Condes, de que fiz este assento por mandado de Sua Magestade. Lisboa em 28 de Julho de „ 1651. ≍ Francisco de Andrade Leitaõ. ≍ Thomé „ Pinheiro da Veiga. ≍ Joaõ Pinheiro. ≍ Francisco de Carvalho. ≍ George de Araujo. ≍ Pantaliaõ Rodrigues Pacheco. ≍ Francisco de Almeida. ≍ Fernaõ de Mattos de Carvalhosa. ≍ Pedro Fernandes Monteiro. „

Desta sentença pediraõ vista os Condes, e se lhe deu, e embargaraõ, correndo seus termos, e muitas dilações affectadas, e suspeições de Ministros, de huma, e outra parte; até que finalmente entregues os autos os fez conclusos o Escrivaõ da Camera de Sua Magestade Jacintho Fagundes Bezerra a 9 de Outubro de 1653, e se tomou a resoluçaõ seguinte:

„ Em presença de ElRey nosso Senhor, que „ Deos guarde, se resolveo pelos Desembargadores „ abaixo assinados, que sem embargo dos embargos, „ offerecidos por parte dos Condes, se cumprisse a sentença embargada, e se cumpra como nella se contém. Lisboa 23 de Outubro de 1654. Andradre, „ Casado, Pacheco, Mattos, Francisco Carvalho,

„ Esta-

„ Estaço, Monteiro. „ E no dia seguinte se passou a D. Pedro a sua sentença, a qual elle mandou imprimir. Depois elle, e seu irmaõ D. Antonio de Lencastre, requereraõ a ElRey, que visto se lhe ter julgado a precedencia dos Condes, lha devia S. Magestade mandar dar cadeira abaixo dos Marquezes, assim como suas irmãas tinhaõ almofadas como as Marquezas; a que ElRey naõ deferio, nem respondeo; porque supposto mostraraõ de facto, que as filhas dos Duques tiveraõ sempre almofadas, nunca tiveraõ cadeiras, como os Marquezes, os filhos; e esta preeminencia se concedeo aos filhos segundos da Serenissima Casa de Bragança; porque tiveraõ por merce especial as honras de Marquezes, como se tira do livro IV. dos assentos do Desembargo do Paço sobre as citações para Carta de Camera, pag. 86 vers.

No tempo que correo esta contenda nomeou ElRey Presidente da Mesa do Desembargo do Paço a D. Pedro; e foy eleito Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas; e o tinha sido no anno de 1649 Arcebispo de Evora, em successaõ ao Infante D. Affonso. Exercitou o lugar de Presidente do Desembargo do Paço, de que se lhe passou Carta a 7 de Outubro de 1651, em que diz: *D. Pedro de Lencastre, meu muito amado sobrinho, do meu Conselho de Estado, &c.* Está no livro 21 pag. 120 da Chancellaria do mesmo Rey. Depois foy reconduzido a 28 de Novembro de 1654; nelle se houve com grande authoridade, e naõ menos inteireza, do que proveito dos pretenden-

tes. Eſte lugar largou depois levado de algum particular capricho; porque ainda que Dom Pedro foy dotado de muitas virtudes, como veremos, era de auſtéro natural, naõ facil de moderar pela ſua elevaçaõ, ſem embargo, que era de ſãa conſciencia, e virtuoſo; mas inflexivel nas ſuas maximas: porém ainda que rigidas, naõ ſe oppunhaõ ao brio, antes eraõ ſempre abonadoras da honra. Teve o aſſentamento de filho de Duque por Carta, que eſtá no livro 27 pag. 132 da Chancellaria delRey D. Affonſo VI. e nella ſe diz, que lhe faz merce do aſſentamento de trezentos mil reis, os quaes tiveraõ ſeus irmãos D. Affonſo, antes de ſer Marquez, e D. Antonio, e D. Luiz de Noronha por filho do Duque de Villa-Real, o qual aſſentamento pertencia a D. Pedro por filho do Duque de Aveiro.

Na fatal deſgraça do Duque D. Raymundo, como diſſemos, lhe foy confiſcada a ſua Caſa; tempo tambem, em que com licença, e paſſaporte tinha paſſado para Caſtella ſua irmãa D. Maria de Guadalupe, depois Duqueza de Arcos, na companhia de ſua mãy a Duqueza de Torres-Novas. Entrou o Fiſco Real na poſſe do Ducado, e Eſtado da Caſa de Aveiro, a que ſe oppozeraõ diverſos Senhores, dando hum libello contra o Procurador da Coroa, em que allegavaõ, que a Caſa naõ vagara, nem podia ſer confiſcada, nem ainda na vida do Duque Dom Raymundo, ſem embargo da ſentença, que ſe proferira a favor da Coroa. Foraõ os Oppoentes D. Pedro

dro de Lencastre, sua irmãa D. Magdalena de Lencastre, Condessa de Faro, D. Joaõ da Sylva, I. Marquez de Gouvea, e D. Joseph de Lencastre, Conde de Figueiró; e depois de largas contendas, foy sentenciada no supremo Senado da Relaçaõ a 14 de Mayo de 1668 a D. Pedro de Lencastre, por ser o varaõ mais chegado da linha do Senhor Dom Jorge, Duque de Coimbra, e do ultimo possuidor, que actualmente se achava neste Reyno; porque conforme a instituiçaõ desta Casa, naõ tinha lugar a reprezalia, de que se tinha valído o Procurador da Fazenda, com o motivo de ausentes em Castella. Celebrada a paz entre Portugal, e Castella, inquietaraõ na posse a D. Pedro, movendo huma nova causa, sobre a succeslaõ do mesmo Estado, e Casa de Aveiro, que a gozava neste Reyno com o titulo de Duque, sendo Author Dom Agostinho de Lencastre, Marquez de Valdefuentes, intitulado Duque de Abrantes, e D. Maria de Guadalupe, Duqueza de Maqueda, com seu marido; porém a causa naõ se chegou a sentenciar em vida de D. Pedro de Lencastre, que foy V. Duque de Aveiro, III. Duque de Torres-Novas, Marquez de Montemôr o Velho, Conde de Penella, Senhor das terras, e Villas de Segadaens, e Recardaens, Bronhido, Casal de D. Alvaro, e Bolfear, Abiul, Pereira, Lousãa, Alcaide môr de Coimbra, e da Villa de Setuval, Commendador na Ordem de Santiago, das Commendas das Villas de Sezimbra, Arrabida, Azeitaõ, Barreiro, Çamora Correa, Belmonte,

monte, Motrena, Pinheiro, Torraõ, Ferreira, Caſtro-Verde, Aljuſtrel, e Senhor das referidas Villas, e das de Santiago de Cacem, Sines, e outras.

Na promoçaõ, que no anno de 1671 fez o Principe D. Pedro Regente, de Prelados para todas as Igrejas do Reyno, foy o Duque D. Pedro nomeado Arcebiſpo titular de Sida, e Inquiſidor Geral deſtes Reynos; e ſendo confirmado pelo Papa Clemente X. por Bulla de 26 de Outubro, de que fez aceitaçaõ aos 22 de Dezembro do meſmo anno, na fórma do eſtylo do Santo Officio, tomou poſſe por ſeu Procurador Fr. Pedro de Magalhaens, da Ordem dos Prégadores, do Conſelho de Sua Mageſtade, e do Géral do Santo Officio, em 24 do referido mez. Eſte grande lugar occupou o Duque com aquella authoridade, de que naturalmente era reveſtido, conſervando naõ ſó o Tribunal no reſpeito, que devia; mas aos meſmos Miniſtros, procurando que foſſem cada hum de per ſi o exemplo da Corte, e do Reyno todo; aſſim fazia a eſcolha dos Miniſtros, de que ſe havia de ſervir nas Inquiſições deſtes Reynos dos mais benemeritos em letras, e virtudes; e como ſe adornava de todas aquellas, que ſe podem deſejar em hum perfeito Prelado, as queria nos ſubditos, obſervando o meſmo com a ſua familia, que foy reformadiſſima, como eſcolhida, e creada com o ſeu exemplo, e integridade de coſtumes. Era compaſſivo, e eſmoler com os pobres, e recatado nas ſuas morti ficações; porque tres dias na ſemana ſe caſtigava com diſci-

Souſa, *Catalogo Hiſtorico dos Biſpos Titulares*, pag. 206.

disciplina ; a camiza de que usava era de lãa , e lhe acharaõ quinze por sua morte ; era sobrio , e parco no comer , e às vezes disfarçava com outros motivos a abstinencia rigorosa , que passava ; porque jejuava todas as sestas feiras do anno a paõ , e agua , em quanto lho permittiraõ os seus Confessores ; e depois a paõ , e agua , e ervas nas segundas , quartas , e sextas feiras do Advento , e Quaresma : dormia pouco , porque às quatro horas da manhãa se levantava , e até às oito gastava em oraçaõ , e devoções : teve grande compaixaõ das penas das Almas do Purgatorio ; porquem applicava muitos suffragios. Hum dia lhe disseraõ : Dizem , Senhor , que Vossa Illustrissima tira todos os dias cento e cincoenta Almas do Purgatorio , com as indulgencias , que lhes applica ; respondeo com graça , como burlando : Naõ saõ cento e cincoenta ; mas cento setenta e cinco. Fazia muitas esmolas particulares em segredo pelos seus Confessores : era até no somno mortificado ; porque dormia entre humas mantas sobre huma cortiça , naõ havendo da sua mortificaõ mais testemunhas , que hum Criado confidente deste segredo ; porque a sua Casa era ornada com a magnificencia , e apparato de Principe , de que elle naõ usava mais que pelo caracter , e representaçaõ da sua grande Casa , ao modo de S. Carlos Borromeo , que quando via o seu Palacio adornado , dizia : Esta he a Casa do Cardeal , e quando se recolhia ao aposento interior dos seus exercicios , e mortificações : Esta he a Casa de Carlos Borromeo. Foy de animo

Chronica da Provincia da Arrabida, tom. 1. liv. 1. cap. 21. n. 123. *Oraçaõ Funebre*, impr. no anno 1673.

pio ,

pio, e de Principe: amigo de fazer merces; de forte, que duas horas antes de espirar, esteve assinando merces de officios, e provimentos de Igrejas. Trazia sempre diante dos olhos a morte, repetindo, Huma hora boa: huma hora boa he só o que importa. Do exercicio de tanta piedade, e de heroicas virtudes, he de crer iria ter o premio eterno, para que Deos o chamou a 23 de Abril do anno de 1673; tendo em Roma a nomina de Cardeal Nacional, feita por o Principe Regente D. Pedro. Estimou muito o estado Regular. Teve grande trato com os Religiosos de S. Domingos, e com os Religiosos da sua Provincia da Arrabida; e se mandou sepultar na Igreja da Senhora da Arrabida. A 25 de Mayo se lhe fizeraõ as ultimas honras, em que fez huma Oraçaõ Funebre Fr. Jorge de Castro, da Ordem dos Prégadores, depois Bispo de Angra, e Miranda. No seu Testamento deixou vinte e tres mil Missas pela sua alma, e pelos defuntos, particularmente daquelles das terras, em que viveo. Jaz em sepultura humilde, ao entrar pela porta da Igreja, onde se lê este breve Epitafio:

Este lugar escolheo para sua sepultura Dom Pedro de Lencastro, Duque que foy de Aveiro, e Inquisidor Géral. Faleceo a 23 de Abril de 1673.

CAPI-

CAPITULO IX.

De Dona Maria de Guadalupe de Lencastre, VI. Duqueza de Aveiro.

17 JA deixamos referido no Capitulo precedente como ſuccedeo no Ducado, e Eſtado da Caſa de Aveiro o Duque D. Pedro, por ſer o unico parente mais chegado do ultimo poſſuidor, que ſe achava neſte Reyno; e como depois foy Oppoente à dita Caſa ſua ſobrinha D. Maria de Guadalupe, que ſe achava auſente na Corte de Madrid, cujo direito era indubitavel, por immediata ſucceſſora do Duque D. Raymundo, e ſer a Caſa de juro, e herdade, diſpenſada na Ley Mental para ſempre, pela Doaçaõ delRey D. Manoel. No Capitulo V. diſſemos, que eſta Caſa recahio em Dona Juliana de Lencaſtre; e ElRey Filippe o Prudente a reconhecia indubitavel ſucceſſora, ainda ſuppoſta a obrigaçaõ, que lhe impoz de caſar com ſeu tio Dom Alvaro de Lencaſtre; porque depois do já mencionado Alvará da merce, em que relata os grandes ſerviços do Duque de Aveiro D. Jorge, e acompanhar ao Senhor Rey D. Sebaſtiaõ à Africa, e outros muitos, diz o ſeguinte: *E por Eu folgar muito por todos eſtes reſpeitos fazer toda a honra, e merce, e acreſſentamento a D. Juliana de Lencaſtre, minha muito amada ſobri-*

 nha,

nha, filha do dito Duque, &c. de ſorte, que ainda que lhe poz a condiçaõ de caſar com ſeu tio D. Alvaro por evitar contendas; porque eſte pretendia, que o ſeu direito foſſe o mais eſpecioſo, conforme às vocações, a merce foy feita a ſua ſobrinha, em quem (quebrada a varonía) quiz ElRey, que naõ paſſaſſe a outra, e ſe perpetuaſſe na deſcendencia da Familia de Lencaſtre, como já vimos: agora ſegunda vez quebrada a linha da varonía, ſe continuou nos deſcendentes da Duqueza Dona Maria, como veremos.

No anno de 1630 naſceo primeira filha do Duque de Torres-Novas no ſeu Paço de Azeitaõ, e ſendolhe adminiſtrado o ſagrado Bautiſmo a 11 de Janeiro, lhe foy poſto por nome D. Maria de Guadalupe Luiza Melchiora Antonia Dominica Raymunda Boaventura Egidia Sebaſtiana Margarida de Lencaſtre Cardenas Manrique, appellidos, que uſou pelas Caſas, que poſſuîo. Paſſou com ſua mãy para Caſtella com paſſaporte, e faculdade Real de 6 de Julho do anno de 1660, e juntamente D. Antonio de Lencaſtre ſeu tio.

Por morte do Duque D. Raymundo lhe ſuccedeo D. Maria de Guadalupe Lencaſtre Cardenas e Manrique, entrando logo de poſſe dos Eſtados, que em Caſtella lhe pertenciaõ; aſſim foy Duqueza de Maqueda, Ciudad Real, Marqueza de Elche, Senhora do Adiantamento de Granada, e das Villas de Torrijos, Riaça, S. Sylveſt.e, Alcabon, Monaſterio, e Cam-

Campilho, Penela, Crevilhen, Taha de Marchena, e das Baronías de Axpe, Planes, e Patrax, e da Commenda de Monasterio, que a Duqueza sua mãy nella nomeara por faculdade Real a segunda vida, que desfrutou, e gozou como Administradora, succedendo na pretençaõ do Ducado, e Estados da Casa de Aveiro, que depois lhe foraõ julgados neste Reyno.

Porque assim, que se celebrou o Tratado da Paz entre as Coroas de Portugal, e Castella, tratou a Duqueza D. Maria de Guadalupe de succeder na Casa de Aveiro, mandando a esta Corte por seu Procurador a D. Joaõ Carlos Baçan, insigne Jurisconsulto, que depois morreo Embaixador da Coroa de Castella em Veneza: deu hum libello contra seu tio o Inquisidor Geral, Duque de Aveiro, que se achava de posse do Ducado, e mais Estados, e Commendas da dita Casa; e sendo de novo Oppositores D. Agostinho de Lencastre, Marquez de Valdefuentes seu tio, e D. Joachim Ponce de Leon, filho primogenito da mesma Duqueza, e os Procuradores da Coroa, e Fazenda Real; sentenciou-se a causa a favor da Duqueza D. Maria de Guadalupe a 20 de Outubro do anno de 1679, com a condiçaõ, de que a naõ poderia gozar senaõ voltando para este Reyno, com estas formaes palavras: *Porém naõ tomará posse do dito Estado, e Casa sem primeiro tornar para elle, e assentar seu domicilio com a devida vassallagem ao dito Senhor*; e depois sendo embargada no primeiro

de Março de 1681, ſahio confirmada a ſeu favor; e aſſim eſteve em hum Adminiſtrador nomeado por El-Rey, que tratava da arrecadaçaõ, e adminiſtraçaõ dos Eſtados do Ducado de Aveiro. He certo, que a Duqueza naõ ſó determinou, que eſta Caſa ſenaõ uniſſe com a de ſeu eſpoſo, como declarou nas condições, que ſe capitularaõ no Tratado Matrimonial com D. Manoel Ponce de Leon, ainda naõ Duque de Arcos, a que era immediato ſucceſſor, feito na Villa de Madrid a 17 de Agoſto de 1665 por ſeu Procurador o Doutor Franciſco Lopes de Mena; e entre as condições, que ſe outorgaraõ, foy a ſeguinte: *Que ſi los dichos Señores llegaren a heredar las Caſas de ſus Padres, dexando dos hijos, ſe ayan de dividir entre ellos, en eſta forma: Si el Hijo mayor eligiere vivir en la de Portugal, ha de intitularſe Duque de Aveiro, uſar de ſu apellido, y armas, quedando los de mas Eſtados de Caſtilla, aſſi paternos, como maternos, y ſus Titulos, Apellido, y armas, al Hijo ſegundo; con calidad, que ſe dividan perpetuamente, y ſer incompatibles los de Caſtilla con los de Portugal; a eleccion del mayor, ſiempre que el Hijo ſegundo, o qualquiera de ſus deſcendientes en quien ayan eſtado unidos dichos Eſtados, dexaren dos Hijos, ſi el Hijo mayor eligiere las Caſas de Caſtilla, ha de intitularſe con los titulos de los Eſtados Paternos, y Maternos, como abaxo ſe dirá, y uſar de ſu apellido, y Armas, con la miſma calidad de dividirſe a eleccion del mayor, lo de Caſtilla, a lo de Portugal, entre ſus*

Prova num. 16.

dos

dos hijos, y entre los que le quedaren de qualquiera de sus descendientes, perpetuamente; y en este caso, ha de quedar para el Hijo segundo de los dichos Señores el Estado de Aveiro, con el Titulo, Apellido, y Armas, &c. Deste Contrato se vê a prudencia, com que esta sábia Matrona estimava a conservaçaõ, e divisaõ dos Estados da Casa de Aveiro, de que naõ era entaõ mais que remota successora, por se achar seu irmaõ o Duque Dom Raymundo casado, com cuja approvaçaõ se fizeraõ estes contratos; nem seu marido era mais que immediato successor do Duque de Arcos Dom Francisco, de quem naõ havia esperanças de successaõ. Depois de effeituado o matrimonio com Dom Manoel Ponce de Leon, (que depois veyo a succeder na Casa de seus avós, e foy Duque de Arcos, &c.) morreo o Duque de Aveiro D. Raymundo; e feita a paz entre as Coroas de Portugal, e Castella, pertendeo logo succeder na Casa de seus avós. Com effeito lhe foy julgada, como temos dito: porém como se achava casada em o Reyno de Castella, e como a condiçaõ, e qualidade da Sentença fosse, de que naõ havia de tomar posse do Estado, e Ducado de Aveiro, sem primeiro voltar para Portugal, e assentar neste Reyno o seu domicilio, com a vassallagem devida a seu proprio Rey; teve grandes desejos a Duqueza D. Maria de cumprir a clausula da Sentença, passando a fazer a sua residencia neste Reyno, pois se achava com filhos, em quem se podiaõ verificar as clausulas,

que

que ella previra taõ anticipadamente da incompatibilidade de ſe poderem unir todos os Eſtados da Caſa de ſeus avós com os de ſeu marido, com que naõ deixou de padecer alguns diſſabores, por intentar pôr em execuçaõ o paſſar com ſeu filho para Portugal, de que ſe ſeguio finalmente romper, e quebrar com o Duque de Arcos; de ſorte, que eſtando hum dia à meſa tratou a Duqueza eſte negocio na ultima reſoluçaõ, de que ſe ſeguio o apartarſe do Duque, e viver ſeparada com ſeus filhos, ſem que ſe tornaſſem ajuntar, como ella modeſta, e diſcretamente declara na ceſſaõ, que fez a ſeu filho D. Gabriel Ponce de Leon Lencaſtre e Cardenas em Madrid a 14 de Mayo do anno de 1692, tempo que já ſe achava viuva, onde diz eſtas palavras: *Aun que he deſeado ir a tomar la poſſeſſion efectiva de dicha Caſa, y Eſtado de Aveiro, reduciendo mi domicilio al Reyno de Portugal (como ſe previene en la executoria) de ningun lo pude conſeguir en el tiempo, que durò mi matrimonio con el Excelentiſſimo Señor Don Manuel Ponce de Leon, Duque de Arcos, mi marido, por no avermelo permitido, ſin embargo de las continuas inſtancias, que ſobre ello le hize, y a Su Mageſtad muy repetidamente para que lo mandaſſe, como es notorio. Y deſpues de diſſuelto el matrimonio, ade mas de hallarme cercada de muchas, y graves dependencias, impoſibles de abandonar, haſta fenecerlas, padeciendo tantos, y tan repetidos achaques, (ſobre mi crecida edad) que los Medicos, conſultados uniformemente, me adver-*

Prova num. 17.

advertieron el conocido riesgo a que me expongo en tan dilatado viage, si mi salud no se mejora; y considerando, que cada dia se van augmentando los años con el peligro, y que el immediato subcessor del Estado de Aveiro es mi Hijo Don Gabriel Ponce de Leon Lencastre y Cardenas, por hallarse impedido mi Hijo primogenito, con el goze, y possession de su Casa, y Estado de Arcos en estos Reynos de Castilla, y que en la persona del dicho Don Gabriel mi Hijo, no ay este impedimento, ni embarazo alguno para continuar la subcession, y tomar la possession del Estado, y Casa de Aveiro; desde luego en aquella via, y forma, que mas aya lugar de derecho, cedo, renuncio, y traspasso en dicho Don Gabriel Ponce de Leon Lencastre y Cardenas, mi Hijo segundo genito, todo derecho, y accion, que me esta diferida, y en qualquiera manera toque, y pertenesca a mi Casa, y Estado de Aveiro, y agregados a ella, como su immediato, y invariable subcessor, para como tal, por la representacion de la Casa, y de mi persona, pueda pedir, pida, y aprehenda en el Reyno de Portugal la possession real, actual, &c. Tinha a Duqueza padecido huma grave enfermidade, e de tanto perigo, que os Medicos lhe ordenaraõ, que dispuzesse das suas cousas; e como o seu mayor cuidado era attender à conservaçaõ da Casa de Aveiro, (como ella refere) achando-se convalecida, fez a referida cessaõ em seu filho, que sem duvida entraria na posse da Casa, se naquelle tempo effeituara as clausulas, com que a sua mãy fora

ra ſentenciada; e ſobre que naõ podia haver Oppoentes, por ſer ella a Senhora da Caſa de Aveiro, que actualmente vivia. Deixou a Duqueza neſta ceſſaõ hum irrefragavel teſtemunho, do que amava a ſua Patria, e do quanto o ſeu coraçaõ deſejou voltar a ella, e como em ſeus dias queria ver eſtabelecida a ſucceſſaõ da Caſa de Aveiro no ſeu proprio ſangue. Viveo depois diſto a Duqueza D. Maria de Guadalupe muitos annos. Quando no anno de 1712 a 2 de Julho, por lhe parecer ſer aſſim conveniente, ſeu filho primogenito o Duque de Arcos Dom Joachim, por huma publica Eſcritura, fez ceſſaõ tambem do dito Ducado, e Eſtados de Aveiro em ſeu irmaõ, a qual ratificou depois da morte da Duqueza ſua mãy a 22 de Março do anno de 1715. Deſta ſorte tinha concertado o eſtabelecimento da Caſa de Aveiro a Duqueza D. Maria, quando faleceo a 9 de Fevereiro de 1715. Foy dotada de ſingulares virtudes, de grande entendimento, que cultivou no eſtudo das ſciencias: pelo que no ſeu tempo conſeguio applauſo, e nome nas nações Eſtrangeiras; e para concluir eſta curta memoria, o farey com hum, ainda que breve, elegante Elogio da diſcreta penna do erudîto D. Luiz de Salazar e Caſtro na ſua eſtimadiſſima Obra da Caſa de Lara, onde fallando da Duqueza D. Maria de Guadalupe, que elle muito tratou; porque a communicaçaõ, que ella mais eſtimou, foy ſempre a dos homens erudîtos, e profeſſores de ſciencias, diz aſſim: *Es una de las Princeſas de mayor piedad, y ſabiduria*

Caſa de Lara, tom. 2. liv. 8. cap. 17. §. 2.

biduria de nuestros tiempos ; porque el conocimiento de las sciencias , y las operaciones piadosas , an sido siempre su principal aplicacion , viviendo acia todo lo demas enteramente separada del siglo , y con una llaneza , modestia , y trato sencillo , que desdice de la elevacion de su nacimiento ; a que naõ temos , que accrescentar , mais que dizer , que neste modo perseverou , até que passou à melhor vida , em huma breve doença de cinco dias , confortada com o Santissimo Viatico , e o Sacramento da Extrema-Unçaõ , preparada com notaveis actos de amor de Deos ; e tendo muito anticipadamente guardadas as mortalhas, e tudo o que pertencia àquella occasiaõ ; assim lhe vestiraõ o Habito de S. Bruno , S. Bernardo , e S. Francisco , como ella ordenara. E o Santo Padre Innocencio XI. attendendo às instancias , que a Duqueza de Aveiro lhe fizera pelo Geral da Companhia o Reverendissimo Padre Tyrso Gonçales , concedeo indulgencia plenaria *in articulo mortis* , em huma véla benta , que lhe mandou de Roma , muitos annos antes da sua morte , para nella lhe servir. Jaz no Mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe debaixo do arco principal da Capella môr aos pés do milagroso simulacro daquella prodigiosa Imagem da Virgem Santissima , sitio que ella escolheo em vida , em o nicho do meyo , e nos dos lados estaõ sua mãy , e irmaõ , como dissemos. Deixou dictadas no seu Testamento para Epitafio as palavras seguintes:

Breve Noticia de la enfermedad , muerte , &c. de la Duqueza de Aveiro , impressa no anno de 1715.

Maria de Guadalupe Lencastre y Cardenas, mandô se enterrasse neste lugar debaxo de los pies de la Imagen centro de su amor, y esperança.

In nidulo meo moriar, & sicut &c.

Casou no anno de 1665 com D. Manoel Ponce de Leon, VI. Duque da Cidade de Arcos, Conde de Baylen, e de Casares, Marquez de Zara, e de Elche, Alcaide môr de Sevilha, Senhor de Marchena, Rota, Chipiona, Mayrena, Ilha de Leaõ, de Palacios, Ubrique, de la Serrania, de Villa Longa, Commendador môr de Castella, e Commendador de Carriaõ, e Calatrava a Velha na Ordem de Calatrava, que nasceo em 15 de Setembro de 1633; filho de D. Rodrigo Ponce de Leaõ, IV. Duque de Arcos, Marquez de Zara, Conde de Baylen, e de Casares, do Conselho de Estado delRey Filippe IV. Vice-Rey de Valença, e Napoles, Cavalleiro do Tusaõ, como dissemos no Livro IX. Capitulo II. §. III. pag. 78 do Tomo X. Chefe, e Parente mayor de los Ponces de Leon em Hespanha, e França, huma das mais esclarecidas Familias daquella Monarchia por sua antiguidade, grandeza, e poder: della escreveo Salazar de Mendonça, e o eruditissimo, e Excellentissimo Marquez de Mondejar D. Gaspar Ibanhes de Mendoça hum bem fundado Tratado; e de sua mulher

Salazar de Mendonça, *Chronica de los Ponces de Leon.*
O Marquez de Mondejar, *Memorias Histor. y Genealog. de la Casa de los Ponces de Leon*, m. s.

lher a Duqueza D. Anna Francisca de Aragaõ, filha dos V. Duques de Segorbe, como fica escrito no Livro VIII. Capitulo IV. pag. 280 do Tomo IX. Morreo o Duque Dom Manoel em Madrid a 28 de Novembro de 1693, deixando deste excelso matrimonio os filhos seguintes:

18 D. JOACHIM PONCE DE LEON, VII. Duque de Arcos.

18 D. GABRIEL PONCE DE LEON DE LENCASTRE, Duque de Aveiro, Capitulo X.

18 D. ISABEL ZACARIAS PONCE DE LEON E LENCASTRE casou a 25 de Março de 1688 com D. Antonio Martim de Toledo Beaumont Henriques de Ribera e Manrique, IX. Duque de Alva, de Guesca, e de Galisteo, XI. Conde de Ossorno, de Lerin, e de Salvaterra, Marquez de Villa-Nova del Rio, e de Coria, Senhor de Val de Corneja, la Campana, S. Nicolao, Verlanda, Granada, Sanfelices dos Gallegos, e de outros grandes Estados, Alcaide môr de Carmona, Condestavel, e Chanceller môr de Navarra, Gentil-homem da Camera com exercicio, Embaixador em Roma, e Pariz, onde morreo a 27 de Março de 1711. A successaõ, que tiveraõ fica já referida no Livro VIII. Cap. IV. §. IV. pag. 350 do Tomo IX. Casou segunda vez no anno de 1716 com D. Francisco Gonzaga, Duque de Solforino, Gentil-homem da Camera com exercicio delRey Filippe V. de quem naõ teve successaõ, como já dissemos no Cap. VII. §. III. do Liv. IV. pag. 343 do Tom. III.

Salazar de Castro, Indice de las Glorias de la Casa Farnese, pag. 354, e 364, e no Prologo.

18 D. Joachim de Guadalupe Lencastre e Cardenas Ponce de Leon nasceo a 22 de Julho do anno de 1666. Foy VII. Duque de Arcos, de Maqueda, Marquez de Elche, de Zara, Conde de Baylen, e de Casares, Adiantado mayor do Reyno de Granada, Senhor de Marchena, de la Casa de Villa Gracia, e terras do Infantasgo, das Villas de la Serrania, de Villa Longa, das de Rota, Chipiona, e Ilha de Leaõ, Senhor de la Taha de Marchena, e das Baronías de Axpe, Planes, e Patrax, Alcaide môr da Cidade de Toledo, Alcaide de Saz, Chomhilla, e de la Mota de Medina, e da Fortaleza de Almeria, Alcaide môr perpetuo da Cidade de Sevilha, Commendador môr de Castella na Ordem de Calatrava, Gentil-homem da Camera com exercicio delRey D. Carlos II. e do Conselho de Estado delRey Filippe V. Vice-Rey, e Capitaõ General do Reyno de Valença. Morreo a 18 de Março de 1728.

Casou duas vezes, a primeira em 20 de Mayo de 1688 com Dona Theresa Henriques, irmãa de Joaõ Thomás Henriques, XI. Almirante de Castella, a qual morreo sem successaõ a 5 de Abril de 1716, como já escrevemos no Capitulo III. §. II. do Livro VIII.

Casou segunda vez a 9 de Novembro de 1716 com D. Anna Maria Spinola de Lacerda, irmãa inteira de D. Ambrosio Spinola, V. Marquez de los Balvases, que foy Embaixador Extraordinario na Corte de Lisboa, e he Estribeiro môr da Princeza das Austurias,

de

de quem já fizemos mençaõ no Capitulo VII. do Livro VIII. e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

19 D. JOSEPH PONCE DE LEON E SPINOLA, que nasceo a 9 de Agosto de 1717, e faleceo a 28 de Outubro do mesmo anno.

19 D. JOACHIM PONCE DE LEON, Duque de Arcos, de que adiante se fará mençaõ.

19 D. MANOEL PONCE DE LEON, Duque de Arcos, de quem faremos mençaõ.

19 D. CAETANO PONCE DE LEON SPINOLA nasceo a 25 de Outubro de 1720, e morreo a 14 de Abril de 1722.

19 D. THERESA PONCE DE LEON SPINOLA nasceo a 12 de Outubro de 1721, morreo em Julho de 1723.

19 D. PIO PONCE DE LEON SPINOLA nasceo a 20 de Novembro de 1722, e faleceo a 4 de Julho de 1723.

19 D. FRANCISCO PONCE DE LEON, Duque de Arcos, de que adiante se tratará.

19 D. ANTONIO PONCE DE LEON nasceo a 15 de Outubro de 1726, que seguindo a vida Militar, foy Capitaõ de Dragoens do Regimento de la Reyna, de que he ao presente Coronel, e serve no Exercito delRey Catholico em Italia com a distinçaõ do seu esclarecido nascimento.

19 DOM JOACHIM PONCE DE LEON SPINOLA LENCASTRE CARDENAS MANRIQUE DE LARA E

MANOEL.

MANOEL nasceo a 10 de Janeiro de 1719, foy VIII. Duque de Arcos, IX. de Maqueda, &c. e dos mais Titulos, e Estados, que teve o Duque seu pay. Foy tambem XV. Duque de Naxera, Conde de Trevinho, e Valença, Senhor de Belmonte de Campos, e Cevico de la Torre, &c. em que succedeo ao ultimo Duque de Naxera Dom Joseph Porto-Carrero Manrique, que faleceo de curta idade no anno de 1732. Foy Gentil-homem da Camera delRey Dom Filippe V. com exercicio, Coronel do Regimento de Dragoens de la Reyna, Brigadeiro dos Exercitos delRey Catholico, póstos com que servio no Exercito de Italia, com tanta distinçaõ, como se vio no dia 8 de Janeiro de 1743, em que depois de ter elle cooperado muito a romper a Cavallaria contraria, recebeo huma ferida, que lhe atravessou de parte a parte hum braço; e depois desta acçaõ taõ distincta, o fez ElRey Catholico General de Batalha, passando o Regimento a seu irmaõ D. Antonio: porém a ferida foy maliciosa, que depois de haver padecido com constancia a sua cura, a naõ pode conseguir, morrendo della a 2 de Agosto de 1743 em Bolonha, com universal sentimento; porque as partes, de que se adornava o faziaõ amavel. Casou no anno de 1739 com Dona Theresa da Sylva e Mendoça, (Condessa viuva de Luna) filha de D. Joaõ de Deos, Duque do Infantado, Pastrana, e Lerma, &c. e de sua mulher, e Prima a Duqueza D. Maria Theresa de los Rios Zapata e Sylva, como fica escrito no Capitulo VII.

VII. do Livro VIII. a pag. 488 do Tomo IX. de quem naõ deixou ſucceſſaõ.

19 DOM MANOEL PONCE DE LEON SPINOLA LENCASTRE CARDENAS MANRIQUE DE LARA E MANOEL naſceo a 12 de Dezembro de 1719; pela infelicidade da morte de ſeu irmaõ foy IX. Duque de Arcos, X. de Maqueda, XVI. de Naxera, Marquez de Zahara, e Elche, e de todos os Eſtados, de que ſe compoem eſta grande Caſa, Gentil-homem da Camera delRey Catholico com exercicio, Coronel de Infantaria do Regimento de Cordova, e Brigadeiro actualmente no Exercito delRey Catholico em Saboya, ſendo hum dos Ajudantes do Sereniſſimo Infante D. Filippe; e por ſua ordem trouxe a noticia à Corte de Madrid da entrada, que com o ſeu Exercito tinha feito na Saboya, que ganhou no anno de 1743: pelo que ElRey lhe deu huma Commenda na Ordem de Calatrava. E voltando para o Exercito, conduzio, e mandou os Regimentos de milicias, com que o Exercito ſe augmentou; diſtinguindo-ſe em todas as occaſioens, principalmente na entrada de Pont, e no ataque das trincheiras, ainda que o agreſte, e intratavel do terreno, defendido, e cerrado do rigoroſo tempo do Inverno, o obrigou à retirada, padecendo inevitaveis contratempos com a neve, que carregaraõ muito com os frios, em caminhos aſperos, e embaraçados de Tropas inimigas, moſtrou na conſtancia, com que ſupportou taõ dilatados diſcomodos, o eſclarecido ſangue, de que ſe animava; e tendo licen-

ça

ça para paſſar à Corte a compor algumas dependencias da ſua grande Caſa, continuou com o ſerviço com tanto zelo, que fatigado do trabalho, veyo a morrer no anno de 1744, ſem ter tomado eſtado.

19 D. Francisco Ponce de Leon Spinola Lencastre Cardenas Manrique de Lara e Manoel naſceo a 8 de Dezembro de 1724; foy deſtinado para a vida Eccleſiaſtica, e aſſim aſſiſtio algum tempo em Roma. A pouca duraçaõ de ſeus irmãos os Duques D. Joachim, e D. Manoel, o fizeraõ ſucceſſor da ſua eſclarecida Caſa: he X. Duque de Arcos, XI. de Maqueda, XVII. de Naxera, Marquez de Zahara, e Elche, Conde de Baylen, e Caſares, Senhor de Marchena, &c. Eſtá concertado a caſar com D. Maria do Roſario de Figueiroa, que naſceo no anno de 1732, filha dos XI. Duques de Medina Celi, Segorbe, &c. e VII. Marquez de Aytona, como deixamos eſcrito a pag. 308 do Tomo IX.

CAPI-

CAPITULO X.

De Dom Gabriel de Lencastre, VII. Duque de Aveiro.

NAsceo segundogenito a 9 de Agosto de 1667 do thalamo da Duqueza D. Maria de Guadalupe, D. Gabriel de Lencastre, e desde o berço o destinou sua mãy para lhe succeder na Casa de Aveiro, como temos visto; e porque as contrariedades de seu marido retardaraõ esta resoluçaõ, ElRey D. Carlos II. lhe fez merce de doze mil ducados de prata de renda, que na Cruzada tivera seu tio o Duque de Aveiro D. Raymundo; e creando-o Grande, o fez Duque de Banhos, e lhe deu as Commendas de Carrion, e Calatrava a Velha na Ordem de Calatrava. Foy creado pela sábia direcçaõ de sua esclarecida mãy, e seguindo proveitosos dictames, se ornou de todas aquellas virtudes, dignas de o fazerem recommendavel entre os seus excelsos progenitores, applicando-se à liçaõ dos livros, e estudo das belas letras, e depois à Historia Ecclesiastica, e profana, e se instruhio tambem em algumas partes da Mathematica; desorte, que adquirio huma erudiçaõ estimavel, fazendo-se mais distincta com o uso das linguas Latina, Portugueza, Hespanhola, Franceza, e Italiana, que com propriedade falla, e escreve. Fez algumas Cam-

Salazar, *Historia de la Casa de Lara*, tom. 2. pag. 224.

panhas no Exercito de Catalunha; e depois eſteve em Flandes, na Corte de Pariz, e outras.

Por morte da Duqueza ſua mãy, em virtude dos Contratos Matrimoniaes, que já apontámos, e nova ceſſaõ do Duque de Arcos, (ſuppoſto naõ era neceſſaria) paſſou a Portugal a litigar com os Oppoentes o Ducado, e Eſtado de Aveiro; para o que El-Rey, por obviar demoras, e lhe fazer merce, paſſou hum Decreto a 2 de Agoſto de 1718, que em nove mezes foſſe ſentenciado eſte pleito a quem pertenceſſe; e aſſim lhe foy julgada em hum Sabbado 22 de Fevereiro de 1720: porém ſendo embargada pelos demais Oppoentes, a ſaber: a Marqueza de Unhaõ, Camereira môr, D. Maria de Lencaſtre; o Marquez de Gouvea, Mordomo môr, D. Martinho Maſcarenhas; o Conde de Villa-Nova, Commendador môr de Aviz, D. Pedro de Lencaſtre; e D. Rodrigo de Lencaſtre, Commendador de Coruche, e Claveiro da dita Ordem, lhe foy depois confirmada a Sentença no Juizo da Coroa do Ducado, e Eſtado da Caſa de Aveiro a 10 de Novembro de 1724; e fazendo os Oppoentes Petiçaõ de Reviſta, lhes foy negada pelo ſupremo Tribunal do Deſembargo do Paço a 22 de Março de 1729; ficando aſſim ſentenciada a Caſa à linha dos deſcendentes da Duqueza Dona Maria de Guadalupe. Voltando a eſta Corte chegou a 16 de Fevereiro de 1732; e fazendo acto de Vaſſallagem nas mãos delRey D. Joaõ V. a 2 de Mayo, foraõ ſeus Padrinhos o Conde de Villa-Nova D. Pedro de

Prova num. 18.

Lencaſ-

Lencastre, e D. Rodrigo de Lencastre; e por Real Decreto de 27 de Mayo do dito anno, se lhe mandou dar posse de todos os bens, terras, rendas, e direitos, que se contém nas Doações da dita Casa, na fórma que lhe foraõ julgadas, sem ser necessario requerer pelos meyos ordinarios a execuçaõ della; assim he VII. Duque de Aveiro por Carta passada a 2 de Junho de 1732, Marquez de Torres-Novas, Senhor das Villas de Montemôr o Velho, Aveiro, Torres-Novas, Penella, Abiul, Lousãa, Segadaens, Recardaens, Brunhido, Casal de Alvaro, Pereira, e outras terras, Alcaide môr da Cidade de Coimbra, da Villa de Setuval, Commendador, e Alcaide môr, e Senhor das Villas de Sezimbra, Barreiro, Arrabida, Çamora Correa, Torraõ, Ferreira, Castro-Verde, Aljustrel, Arruda, Santiago de Cacem, Sines, e da do Sal da Villa de Setuval, todas na Ordem de Santiago; succedendo em todas as mais prerogativas, e privilegios, que tiveraõ os seus predecessores, com hum grande Padroado de Igrejas, que dá, e Alcaidarias môres, com as datas dos officios de Justiça, e Fazenda, apresentaçaõ de Ouvidores nas suas terras, para o que tem hum Ouvidor da sua Casa, lugar que occupaõ Ministros Togados de grande litteratura, e he hoje o Doutor Dionysio Esteves Negraõ, Desembargador da Casa da Supplicaçaõ, Procurador do Collegio Patriarcal, Ministro benemerito dos mayores lugares; assim tem huma Casa com luzida familia, conservando a representaçaõ dos seus mayores

naquella magnificencia, e trato devido à sua grande pessoa, em que brilha a religiaõ na devoçaõ, com que frequenta as Igrejas, visitando o Santissimo Sacramento no quotidiano Jubileo do Lausperenne, e a caridade, com que generosamente soccorre aos pobres, e outros actos de piedade, em que louvavelmente se exercita. Naõ casou até o presente.

CAPITULO XI.

De Dom Affonso de Lencastre, Marquez de Porto Seguro, Duque de Abrantes.

16 JA deixamos escrito no Capitulo V. que da excelsa uniaõ dos Duques de Aveiro Dom Alvaro, e D. Juliana de Lencastre foy o segundo filho varaõ D. Affonso de Lencastre, o qual nasceo no anno de 1597 no Palacio de Azeitaõ; porque no livro dos Bautismos se acha, que fora bautizado a 18 de Junho do referido anno. A primeira memoria, que achamos sua foy de se achar presente no anno de 1619, quando ElRey Dom Filippe II. passou a este Reyno; e indo a visitar a Duqueza de Aveiro Dona Juliana sua mãy, ElRey mandou cobrir a D. Affonso, e a seus irmãos, como dissemos. Os Duques seus pays lhe fizeraõ Doaçaõ da Capitanía de Porto Seguro no Estado do Brasil; porém naõ precedeo faculdade Real para a sua validade, conforme

Lavanha, *Viagen del-Rey D. Filippe a Port.* pag. 7.

forme era necessario. No anno de 1625 passou à restauraçaõ da Bahia, que os Hollandezes tinhaõ invadido, com o posto de Capitaõ de Infantaria; e voltantando ao Reyno, sabendo que os Inglezes estavaõ sobre Cadiz, foy em soccorro daquella Cidade, mostrando em toda a occasiaõ o esclarecido sangue, que o animava, para se portar nas emprezas como devia a seu alto nascimento, que o habilitavaõ para os mayores lugares do Reyno, que depois veyo a occupar.

ElRey Dom Filippe IV. o fez Commendador môr da Ordem de Santiago, e o creou Marquez de Porto Seguro no Estado do Brasil, em attençaõ de casar com D. Anna de Sande, Dama da Rainha D. Isabel de Borbon, de que se lhe passou Carta a 8 de Abril de 1627: *E tendo efeito o dito casamento, para elle Dom Affonso, e seus descendentes deste matrimonio da dita D. Anna de Sande de juro, e herdade na fórma da Ley mental.* Pelo mesmo motivo lhe fez merce de Capitaõ General das Galés de Portugal por Carta patente passada no mesmo dia, e anno, em que diz: *Dom Affonso de Lencastro, meu muito amado sobrinho, &c. por estar concertado para casar com D. Anna de Sande, Dama da Rainha, minha sobre todas muito amada, e prezada molher, &c. havendo effeito o dito casamento, &c. do cargo de Capitaõ General das Galés de Portugal, com tres mil cruzados, como teve o ultimo General, &c.* Depois o fez do Conselho de Estado; e morrendo na Corte de Madrid

Torre do Tomb. Chancellaria de 1627. liv. 29 pag. 38 vers.

drid Dom Antonio de Almeida, Senhor do Sardoal, Alcaide môr de Abrantes, no anno de 1633, depois de dezoito annos de pertendente do Condado de Abrantes, que fora de ſeus avós, lhe fez merce dos bens, que vagaraõ por D. Antonio, em tres vidas, por Alvará de 23 de Dezembro de 1635, por equivalente de ſeis mil cruzados, que tinha de renda na Caſa da Contrataçaõ de Sevilha, que largou. A eſta merce ſe oppoz D. Miguel de Almeida, que era o herdeiro deſta Caſa, por biſneto de D. Joaõ de Almeida, II. Conde de Abrantes, o qual elle depois da reſtituiçaõ da Coroa a ElRey D. Joaõ IV. teve a Caſa com o titulo de Conde de Abrantes. Depois no anno de 1636 a 16 de Janeiro lhe deu faculdade para empenhar os ditos bens. No anno de 1639 tirou a Carta da Alcaidaria môr de Abrantes, que foy paſſada a 22 de Dezembro do dito anno.

Faleceo Dom Jorge de Lencaſtre, Duque de Torres-Novas, em vida da Duqueza D. Juliana ſua mãy, proprietaria do Eſtado, e Ducado de Aveiro, de quem era filho ſegundo o Marquez de Porto Seguro, que logo intentou ſuccederlhe por ſua morte, preferindo a D. Raymundo filho do Duque D. Jorge, para o que conſultou muitos Letrados grandes, que fizeraõ pareceres a ſeu favor: porém por morte da Duqueza movendo demanda ao Duque D. Raymundo, que elle queria naõ tiveſſe o beneficio da repreſentaçaõ do Duque ſeu pay para ſucceder a ſua avó, de quem elle ſe achava em grao mais chega-

do,

do, lhe veyo a preferir o Duque D. Raymundo, tendo Sentença a seu favor, proferida a 18 de Setembro de 1637; e he bem para reflectir, que o Marquez procurou o lugar de Regedor das Justiças, para poder melhorar nesta demanda. Todos estes lugares, e titulos, logrou o Marquez em Portugal; e em Castella foy Gentil-homem da Camera do dito Rey, do Conselho de Guerra, Grande de Hespanha, que o fez Duque de Abrantes, e Marquez do Sardoal em Portugal depois da separaçaõ das Coroas, tempo em que o Marquez D. Affonso perdeo tudo o que tinha neste Reyno, por se deixar ficar no de Castella; e sobrevivendo à Marqueza sua mulher, se ordenou Sacerdote, de que se levantou huma questaõ, se sendo Clerigo, devia o Duque de Abrantes gozar das preeminencias da Grandeza, concorrendo na Capella no banco dos Grandes, sobre o que fez muitos papeis, que entaõ imprimio: porém ElRey decidio esta materia, e resolveo, que devia o Duque gozar todas as prerogativas concedidas à Dignidade dos Grandes, excepto de concorrer na Capella ao banco dos Grandes, o que ficou assim decidido para outros semelhantes casos, que depois aconteceraõ. Morreo a 28 de Março de 1654.

Casou a 15 de Julho do anno de 1627 com D. Anna de Sande, II. Marqueza de Val de Fuentes, Condessa de Mejorada, Senhora das Villas de Pinos, Beas, e Valhondo, e dametade de Noves, e Fortaleza, e Vassallos de Mascaraque, a qual tinha sido Dama da Rainha

Casa de Lara, Tom. 2. livro 10. cap. 18. §. 1. pag. 431.

Rainha D. Isabel de Borbon, e morreo a 26 de Janeiro de 1650. Era filha unica, e herdeira de D. Alvaro de Sande, I. Marquez de Val de Fuentes, e III. de la Piovera, Senhor de Valhondo, e da Marqueza D. Marianna de Padilha e Mendoça, Senhora das Villas de Pinos, e Beas, irmãa de D. Antonio de Padilha, I. Conde de Mejorada, que morreo em 18 de Julho de 1627, em cuja Casa tambem succedeo: eraõ filhos de Dom Antonio de Padilha, Senhor de Noves, e Mejorada, e da Casa, e Fortaleza de Mascaraque, Commendador de Val de Penhas, e Casa Rubio, das Casas de Sevilha, e Niebla, na Ordem de Calatrava, Alcaide môr da Cidade de Alhama, morreo a 22 de Outubro de 1591; e de sua mulher D. Joanna de Mendoça e Lacerda, filha de D. Lourenço Soares de Mendoça, IV. Conde da Corunha, Visconde de Torrija, e de D. Catharina de Lacerda, filha de D. Joaõ de Lacerda, II. Duque de Medina-Celi. Era o Marquez D. Alvaro filho de D. Rodrigo de Sande, II. Marquez de la Piovera, Senhor de Val de Fuentes, e da Marqueza D. Ignes Henriques Manrique, IX. Senhora de Vilhalva, Tavera, Castro, Nunhodono, Negrillos, S. Pedro de la Maza, e Mozaraves, (que já tinha sido casada com seu tio D. Henrique Manrique Henriques, Commendador de Penha de Martos) filha de D. Gomes Henriques Manrique, VIII. Senhor de Vilhalva de los Lhanos, Tavera, &c. filho de D. Alonso Henriques de Sevilha, VII. Senhor de Vilhalva de los Lhanos, &c. e de

Dita *Histor.* liv. 5. cap. 13. pag. 429.

de D. Ignes Manrique, filha de Henrique Manrique, Senhor do Morgado de Rielves, e Commendador de Carriosa na Ordem de Santiago, da antiga varonía de Manriques de Lara, como se póde ver na excellente Obra desta Casa, no lugar acima citado. Desta esclarecida uniaõ tiveraõ os Marquezes de Val de Fuentes a successaõ seguinte:

* 17 D. Agostinho de Lencastre, II. Duque de Abrantes, que nasceo juntamente com sua irmãa, como diz Salazar de Castro.

17 D. Maria de Lencastre, que casou em 22 de Outubro de 1692 com D. Pedro de Leiva de Lacerda e de la Cueva, III. Conde de Banhos, Marquez de Ladrada, e Leiva, cuja descendencia fica escrita no Livro VIII. pag. 531 do Tomo IX.

17 D. Alvaro de Lencastre, que morreo menino, que entendemos devia ser o primeiro.

17 D. Luiz de Lencastre, e parece, que tiveraõ outros, que todos morreraõ de tenra idade.

* 17 D. Agostinho de Lencastre Sande Padilha e Bobadilha nasceo em Lisboa a 12 de Dezembro de 1639, e foy bautizado na Freguesia de Santos por seu tio o Reverendissimo Padre Fr. Jacintho de Lencastre, da Ordem dos Prégadores; succedeo a seu pay, e na Casa de sua mãy, e foy segundo Duque de Abrantes, Marquez de Porto Seguro, e Sardoal, III. Marquez de Val de Fuentes, II. de Porto Seguro, e Sardoal, Conde de Mejorada, Senhor de Valhondo, Pinos, Beas, Noves, e Mascara-

que, Padroeiro do Mosteiro da Piedade de Torre Ximeno, e de Nossa Senhora de Frex del Val, que fundou o Adiantado D. Gomes Manrique, seu setimo avô, Senhor de S. Gadea. Foy Cavalleiro da Ordem de Santiago por merce delRey Filippe IV. que o fez Commendador môr da dita Ordem em Portugal, tempo em que já naõ podia ter vigor a tal merce.

Depois da morte do Duque D. Raymundo esperou o Duque de Abrantes tempo para pretender a Casa de Aveiro, como unico varaõ habil para nella succeder; e assim depois da paz celebrada com a nossa Coroa, moveo litigio sobre a successaõ do Ducado, e Estados da Casa de Aveiro contra o Duque Dom Pedro seu tio, em que foy Author, a que se oppoz a Duqueza, entaõ de Maqueda, D. Maria de Guadalupe com seu marido o Duque de Arcos D. Manoel Ponce de Leon, a quem depois da morte do Duque D. Pedro foy sentenciada, como já temos dito. Ficou este Senhor vivendo na Corte de Madrid, onde foy muy estimado dos Reys Carlos II. e Filippe V. e morreo em Fevereiro do anno de 1720. Casou com D. Joanna de Noronha da Sylva, que morreo no principio do mez de Dezembro de 1690, filha de D. Fernando de Noronha, V. Conde, e I. Duque de Linhares, e de sua mulher D. Marianna de Castro, filha de D. Manrique da Sylva, I. Marquez de Gouvea, VI. Conde de Portalegre, Gentilhomem da Camera delRey Filippe IV. com exercicio,

cicio, e Mordomo môr da Casa Real de Portugal, &c. como fica escrito no Livro VI. pag. 216 do Tomo V., e foraõ seus filhos

18 D. Affonso de Lencastre, Marquez de Porto Seguro, que morreo sem casar.

* 18 D. Fernando de Lencastre, que foy IV. Marquez de Val de Fuentes, e III. Duque de Linhares, de quem adiante daremos noticia.

18 D. Joaõ Manoel da Cruz e Lencastre, seguio a vida Ecclesiastica, foy Capellaõ môr da Encarnaçaõ, e Sumilher da Cortina delRey Catholico, Bispo de Cuenca; e por morte do Duque seu pay foy III. Duque de Abrantes, e Linhares, (por naõ deixar successaõ seu irmaõ) e renunciou o titulo de Duque de Linhares em seu sobrinho Dom Joaõ de Carvajal, que se cobrio Grande, e depois veyo a ser seu herdeiro: foy Patriarca de Indias, lugar que occupou pouco tempo, por falecer em o mez de Outubro de 1733.

18 D. Marianna de Lencastre, morreo menina.

* 18 D. Josefa de Lencastre, mulher de D. Bernardino de Carvajal, II. Conde de Enjarada, como diremos adiante.

18 D. Manoela de Lencastre, que foy Dama da Rainha D. Maria Luiza de Orleans, e da Rainha D. Marianna de Baviera, e casou em Madrid a 16 de Outubro de 1690 com D. Joseph Bernardino de Bazan Benavides e Pimentel, Marquez de Santa

 Cruz

Cruz del Viſo, e de Vayona, Grande de Heſpanha, Gentil-homem da Camera delRey, Commendador de Alhambra, e la Solona na Ordem de Santiago, de quem ficou viuva em 27 de Setembro de 1693 ſem filhos. Tomou o habito das Carmelitas Deſcalças no Moſtero de Santa Thereſa de Madrid em Mayo de 1694, onde ſe chamou Soror Maria da Conceiçaõ.

18 D. ANNA AGOSTINHA DE LENCASTRE, Freira no Moſteiro Real da Encarnaçaõ de Madrid, da Ordem de Santo Agoſtinho, donde foy Prioreſſa.

* 18 D. FERNANDO DE LENCASTRE E NORONHA, Marquez de Val de Fuentes, Gentil-homem da Camera delRey Catholico ſem exercicio, Cavalleiro da Ordem de Santiago, e depois IV. Duque de Linhares, Grande de Heſpanha, General da Cavallaria de Milaõ, Governador de Pavia, Meſtre de Campo General dos Exercitos delRey Catholico, Vigario Geral dos pórtos de Toſcana, Vice-Rey de Sardenha, e ultimamente Vice-Rey da Nova Heſpanha, onde morreo.

Caſou em 26 de Janeiro de 1686 com D. Leonor da Sylva, Dama da Rainha Dona Maria Luiza de Orleans, que morreo em o anno de 1692, filha de D. Iſidro da Sylva e Portugal, II. Marquez de Orani, Senhor das Baronías de Monabâr, Mur, e Solona, e das Villas de Penhalver, e Alhondiga, Commendador de Galicuela na Ordem de Alcantara, Gentilhomem da Camera ſem exercicio, e Capitaõ General das Galés de Sardenha; e de D. Agoſtinha Porto-

carrero,

carrero, irmãa do Cardeal D. Luiz Manoel Portocarrero, Arcebiſpo de Toledo, e filhos de D. Luiz André Portocarrero, I. Marquez de Almenara, e da Marqueza Dona Leonor de Guſmaõ: porém deſta uniaõ lhe faltou em breve tempo a ſucceſſaõ, e veyo a ſucceder na Caſa ſua irmãa, como diremos, havendo elle tido os filhos ſeguintes:

19 D. Agostinho de Lencastre,

19 D. Ignacia de Lencastre, que ambos morreraõ de curta idade.

Teve de huma mulher Fidalga, fóra do matrimonio,

19 D. N. . . . . . de Lencastre, que he Cavalleiro da Ordem de Santiago, a quem ſeu pay deixou o que pode para ſe manter conforme o ſeu naſcimento.

* 18 D. Josefa de Lencastre e Noronha, filha primeira do Duque Dom Agoſtinho, caſou no anno de 1686 com D. Bernardino de Carvajal e Sande Vivero e Motezuma, que foy II. Conde de Enjarada, Veador da Rainha D. Marianna de Baviera, filho de D. Joaõ de Carvajal e Sande, I. Conde de Enjarada, Cavalleiro da Ordem de Calatrava, Regedor, e illuſtre Fidalgo de Caceres, e de D. Maria de Vivero e Motezuma ſua mulher, Senhora de Maraz, e S. Joaõ de Encilha, que litigou com o Conde de Montehermoſo a Caſa de Fuen Saldanha, por ſer filha de D. Alvaro de Vivero e Luna, General da Cavallaria do Exercito da Extremadura, (irmaõ inteiro de D. Affonſo Peres de Vivero, III. Conde

de

de Fuen Saldanha, Viſconde de Altamira, Gentil-homem da Camera delRey Filippe IV. do Conſelho de Eſtado, e Guerra, Governador de Flandres, e Milaõ, e da Provincia da Extremadura) e de ſua mulher D. Marianna de Toledo, e Motezuma, Senhora da Caſa, e Morgado de Toledo em Caceres, quarta neta de Motezuma, Emperador de Mexico: o I. Conde de Enjarada era filho de D. Bernardino de Carvajal e Sande, e de D. Iſabel Perero e Carvajal ſua mulher; elle filho de D. Joaõ de Carvajal e Sande, Senhor de Enjarada, (da varonía legitima da Caſa dos Condes de Terrejon) e de D. Luiza de Penha Rol de Lacerda ſua mulher, e ella filha de D. Affonſo Perero, Fidalgo de Caceres, e de D. Leonor de Carvajal, da meſma linha de Enjarada, e tiveraõ os filhos ſeguintes:

Hiſtor. da Caſa de Lara, tom. 1. liv. 7. cap. 16.

* 19 D. JOAÕ DE CARVAJAL E LENCASTRE, IV. Duque de Abrantes, adiante.

19 DOM ALVARO JOSEPH DE CARVAJAL E LENCASTRE, Collegial hoſpede em o Collegio de S. Bartholomeu em Salamanca, Arcediago de Mora na Sé de Cuenca, Alcaide mòr das Fortalezas de Bareja, e Carteza, Sumilher da Cortina delRey Catholico, que ſendo nomeado Biſpo, o recuſou.

19 D. NICOLAO DE CARVAJAL E LENCASTRE, que foy Coronel no Regimento da Coroa, e he Tenente Coronel do Regimento das Guardas de Infantaria, Brigadeiro, e General de Batalha, e Meſtre de Campo General dos Exercitos delRey Catholico,

lico, e Inſpector General da Infantaria do Exercito de Italia.

19 D. JOSEPH DE CARVAJAL LENCASTRE, Collegial hoſpede em o Collegio de S. Bartholomeu em Salamanca, Ouvidor na Chancellaria de Valhadolid, do Conſelho, e Camera de Indias, e ultimamente Governador do meſmo Conſelho, na auſencia, e enfermidades do Preſidente.

19 D. ISIDRO DE CARVAJAL E LENCASTRE, tambem Collegial em S. Bartholomeu de Salamanca, Conego, e Arcipreſte na Sé de Cuenca, nomeado Biſpo de Barcelona, que por ſua virtude, e recolhimento naõ aceitou.

19 D. MARIA MANOELA DE CARVAJAL, Religioſa em o Moſteiro da Encarnaçaõ de Madrid.

19 D. JOANNA DE CARVAJAL, Religioſa no dito Moſteiro, onde ſe chama Maria Agoſtinha.

19 D. THERESA DE CARVAJAL, Religioſa no Moſteiro de Corpus Chriſti de Madrid.

* 19 D. JOAÕ DE CARVAJAL LENCASTRE E NORONHA SANDE PADILHA VIVERO E MOTEZUMA, IV. Duque de Abrantes, e Linhares, III. Conde de Enjarada, e Mejorada, IV. Marquez de Val de Fuentes, e Porto Seguro, &c. Senhor de Pinos, e Beas, e de toda a Caſa de ſeu avô o II. Duque de Abrantes. Foy Coronel do Regimento de la Corona, Brigadeiro, e General de Batalha, e he Meſtre de Campo General dos Exercitos delRey Catholico.

Caſou

Casou no anno de 1735 com D. Francisca de Paula de Zuniga e Cordova, filha de D. Valerio de Zuniga, e de D. Anna Maria Pimentel, VIII. Marquezes de Tavara, como dissemos no Livro VIII. Capitulo IV. §. IV. pag. 359 do Tomo IX. a qual faleceo no anno de 1742, de quem teve

20 D. MARIA SINFOROSA DE CARVAJAL LENCASTRE, que nasceo em Junho de 1738.

20 D. MANOEL BERNARDINO DE CARVAJAL DE LENCASTRE E NORONHA SANDE PADILHA VIVERO E MOTEZUMA, que nasceo no anno de 1739 successor de taõ esclarecidas Casas.

CAPITULO XII.

De D. Luiz de Lencastre, Marquez de Malagon em Castella.

16 ENtre os filhos, que deixamos apontados no Capitulo V. que tiveraõ os Duques de Aveiro D. Alvaro, e Dona Juliana, foy D. Luiz Bernabè de Lencastre, que nasceo em Azeitaõ no anno de 1609, e foy bautizado em 17 de Outubro do referido anno. Seus pays o destinaraõ para a vida Ecclesiastica, e assim o mandaraõ estudar à Universidade de Coimbra: porém elle com differente idéa, deixando aquella profissaõ por seguir as armas, passou a servir em Flandres: e sendo em Portugal acclamado

mado o Senhor Rey D. Joaõ IV. se deixou ficar servindo a Coroa de Castella, e foy Mestre de Campo, e General da Artilharia; e por seu casamento, Marquez de Malagon, Conde de Castelhar, Senhor del Viso, Mariscal, e Alfaqueque môr de Castella. Casou no anno de 1651 com a Marqueza D. Theresa Maria Savedra, filha herdeira de Dom Fernando Arias de Savedra, III. Marquez de Malagon, VI. Conde de Castelhar, Senhor del Viso, Mariscal, e Alfaqueque môr de Castella, e da Marqueza D. Catharina Henriques, filha de D. Rodrigo Henriques de Mendoça, I. Marquez de Valdonquilho, filho terceiro de D. Luiz Henriques de Cabrera, VII. Almirante de Castella; e deste matrimonio naõ teve o Marquez succeſſaõ: e morrendo no anno de 1673, casou esta Senhora segunda vez com Dom Balthasar de la Cueva, irmaõ do Duque de Albuquerque, de quem já temos feito mençaõ.

de 1570 ...
Casou com ...
filha de Do...
IV. Conde ...

val.

Fulgencia.

XVI

Dona Julia... castre, III... de Aveiro, ... Agosto de ... sou no ann... com seu tio ... de Lencastr...

...s-
...D.
...,
...i-
...as
...ez

D. Magdalena de Lencastre, casou com D. Diniz de Faro, II. Conde de Faro.

D. Marianna de Lencastre, Freira na Madre de Deos de Lisboa.

Dona Maria de Lencastre, terceira mulher de D. Manrique da Sylva, I. Marquez de Gouvea, casou a 28 de Abril 1625.

Dona Brites de Lencastre, Freira em S. Joaõ de Setuval.

D. Violante de Lencastre, casou com D. Lourenço Pires de Castro, III. Conde de Basto.

D. Luiza de Lencastre, Freira em S. Joaõ de Setuval.

D. Isabel, D. Ignez, D. Manoel, * de tenra idade.

XVII

II. Dom ... Manrique ... de Aveiro ... Castella D... VII. de M... che, * a ... Casou con... ne, filha d... cipe de Li... cro Rom. ...

De D. Luiz de Lencastre, Commendador mór da Ordem de Aviz.

14 TEndo dado fim nos Capitulos precedentes [illegible] das duas linhas dos descendentes do Duque de Coimbra o Senhor D. Jorge, e da Duqueza D. Brites de Villena, [illegible] vemos illustre de seu terceiro filho D. Luiz de Lencastre, em quem hoje se [illegible] do Duque Mestre: a primeira mercê, que [illegible] lhe fez, foy a Commenda, e Alcaidaria mór de Veiros com o habito da Ordem de Aviz, por [illegible] de 1540. Depois lhe deu [illegible] Commendador mór da Ordem de Aviz [illegible] Abril de 1575, tendo-lhe [illegible] das de Veiros, Coruche, [illegible] droal, e Fronteira, com as preheminencias [illegible] por Alvará de 19 de Julho de 1559. [illegible] as Alcaidarias móres de Veiros [illegible] canete, Benavente, Cabeção [illegible] mente a Commenda de [illegible] Ordem, de sorte, que lhe [illegible] delle ser huma Casa [illegible] seu filho. No anno de [illegible] D. João III. do [illegible]

Chronica del Rey Dom Affonso, part. 4. cap. 45.

Prova num. 18.

Prova num. 19.

CAPITULO XIII.

De D. Luiz de Lencastre, Commendador môr da Ordem de Aviz.

14 TEndo dado fim nos Capitulos precedentes às primeiras duas linhas dos descendentes do Duque de Coimbra o Senhor D. Jorge, e da Duqueza D. Brites de Vilhena, nos resta outra naõ menos illustre de seu terceiro filho D. Luiz de Lencastre, em quem hoje se conserva a varonía do Duque Mestre: a primeira merce, que este lhe fez, foy a Commenda, e Alcaidaria môr de Veiros com o habito da Ordem de Aviz, por Alvará de 27 de Junho de 1540. Depois lhe deu a Dignidade de Commendador môr da Ordem de Aviz, por Alvará de 26 de Abril de 1513, tendolhe já feito merce das Commendas de Veiros, Coruche, Seda, Alcanede, Landroal, e Fronteira, com as apresentações dos officios, por Alvará de 19 de Julho de 1550. Teve tambem as Alcaidarias môres de Veiros, Landroal, Aviz, Alcanede, Benavente, Cabessaõ, e Benavilla, e ultimamente a Commenda de Estremoz, tudo na mesma Ordem; de sorte, que lhe deu rendas, com que pudesse ter huma Casa com o luzimento devido a ser seu filho. No anno de 1531 lhe fez merce ElRey D. Joaõ III. do assentamento, e honras de Marquez por

Chronica delRey Dom Manoel, part. 3. cap. 45.

Prova num. 18.

Prova num. 19.

por ser filho do Duque de Coimbra, com o tratamento de Sobrinho, e lhe fez entre outras merces a de confirmar as que o Duque seu pay lhe havia feito; porque foy ElRey particularmente inclinado a Dom Luiz, por nelle concorrerem virtudes, que no seu esclarecido nascimento se faziaõ ainda mais estimaveis. Na occasiaõ em que a Princeza D. Joanna passou a Portugal no anno de 1552, entre os Senhores, que foraõ nomeados para assistir ao auto da entrega, foy o Commendador mór de Aviz em a companhia de seus irmãos o Duque de Aveiro, e o Commendador mór da Ordem de Santiago, e naõ mostrou menos luzimento nesta occasiaõ; porque levava de sua comitiva sessenta homens a cavallo da sua familia, alguns Alabardeiros, e vinte azemolas, cobertas de reposteiros bordados com suas Armas. ElRey D. Sebastiaõ o mandou por Embaixador Extraordinario a Castella no anno de 1568 a dar os pezames a ElRey D. Filippe II. da morte do Principe D. Carlos seu filho; e tendo cumprido com esta missaõ, succedeo morrer a Rainha D. Isabel de Valoes, terceira mulher do proprio Rey, lhe foy encarregado a visitar a ElRey por aquelle motivo, o que tudo cumprio cabalmente com muita authoridade, e se recolheo ao Reyno. No anno de 1574 confirmou o dito Rey as merces, que o Commendador mór tinha no Alvará, que passou a sua mulher Dona Magdalena de Granada, para nellas succederem seu filho, e neto; e no Alvará diz: *Dom Luiz meu muito amado, e prezado sobrinho, filho*

Chronica del Rey Dom João III, part. 4. cap. 95.

filho do Mestre de Santiago, meu muito amado, e prezado Primo. No anno de 1562 celebrou hum contrato a 29 de Agosto com as Freiras de S. Joaõ de Setuval da compra da Capella mór da sua Igreja para seu enterro, e da sua Casa, pelo valor de dous mil cruzados: foy feita a Escritura por Henrique Nunes, e se conserva no Cartorio da Casa de Villa-Nova. Faleceo, parece, no principio do anno de 1574; porque em Fevereiro já seu filho estava de posse da sua Casa. Jaz na Capella mór da dita Igreja de S. Joaõ de Setuval.

Casou no anno de 1540 com D. Magdalena de Granada, Dama da Rainha D. Catharina, que a estimou muito, a quem os Reys casaraõ com o Commendador mór, fazendolhe muitas merces, segurandolhe as suas arrhas: a Rainha além de muitas joyas lhe deu dezaseis mil cruzados, que se depositaraõ na maõ do Thesoureiro Diogo Salema, e ElRey mandou, que se empregassem em tença de juro a dezaseis o milhar, e depois lhe fez outras merces. Era filha do Infante D. Joaõ de Granada, Governador de Galiza, e de D. Brites de Sandoval sua primeira mulher, filha de D. Joaõ de Sandoval, Senhor de Ayora, e parte de Huessa, e Munhessa, que nas alterações de Castella seguio a fortuna de seu pay: pelo que voltou ao Reyno no principio do Reynado delRey D. Henrique IV. e de sua mulher D. N. . . . de Mendonça, como diz D. Melchior de Teive, do Conselho de Guerra, no Tratado que escreveo da ascendencia,

Fr. Prudencio de Sandoval, *Chron. do Emperador Dom Affonso VII. na descendencia da Casa de Sandoval, Duques de Lerma*, pag. 231.

Teive, *Casa de Sandoval*, m. 1.

dencia, e defcendencia da Cafa de Sandoval; porque os demais Genealogicos naõ lhe expreffaõ o nome, fendo que foy D. Ignes de Leiva, o que nos affiança o douto Salazar na eftimadiffima Obra da Cafa de Lara. Era filho quarto de D. Diogo Gomes de Sandoval, I. Conde de Caftro, e de Denia, Adiantado, e Chanceller môr de Caftella, Mordomo môr da Rainha D. Maria de Navarra, Senhor das Villas de Lerma, Cea, Denia, Gumiel, Portilho, Saldanha, e outras muitas, e da Condeffa D. Brites de Avelhaneda fua primeira mulher, Senhora de Gumieles. Era o Infante D. Joaõ de Granada irmaõ de Mahunad Baudalin, chamado o *Chico*, ultimo Rey de Granada, filhos de Muley Abul-Hayen, Rey de Granada; porém o Infante D. Joaõ da fegunda mulher (que tendo fido Chriftãa, ElRey feu marido a fez tornar Moura) chamada Zoroyra, de quem tambem foy filho D. Fernando, Infante de Granada, que com feu irmaõ receberaõ de fua livre vontade a noffa Santa Fé, que antes fe chamava Cad, e feu irmaõ Nacre, tomaraõ os nomes, o primeiro delRey D. Fernando o Catholico, e o fegundo do Principe D. Joaõ feu filho; e a a Rainha Zoroyra fua mãy reconciliando-fe à Santa Fé, fe chamou D. Ifabel de Solir; e eraõ defcendentes legitimos do primeiro Rey de Granada por linha feminina, e por varonía de Arraez de Malaga Farrachem, valerofo, e muy eftimado, em quem muito antes tinha entrado o fangue Real dos Reys de Granada; porque Muley Abul-Hayen, pay dos ditos Infantes,

Hiftor. da Cafa de Lara, tom. 3. liv. 20. cap. 26. §. 5. pag. 510; e no liv. 8. cap. 4. pag. 56 e pag. 73.

Garibay, *Historia de Efp.* liv. 40. cap. 26. Teive, *Cafa de Sandoval*, pag. 570 muhi.

fantes, que concorreo no tempo delRey D. Henrique IV., foy filho delRey Aben Ismael, que succedeo no Reyno no fim do reynado delRey D. Joaõ II. de Castella; havendo com o seu favor desapossado a ElRey Mahomad Abden Ismael o *Coxo*, seu primo com irmaõ, que eraõ filhos do Infante de Gadix, irmaõ delRey Maohomad o *Esquerdo*, filhos delRey Joseph III. que começou a reynar no anno de 1408, e morreo de huma setta envenenada, era filho de Mahomad, VIII. do nome, X. Rey de Granada, chamado Gadix, pelo muito, que illustrou aquella Cidade; e de sua mulher a Rainha Hadiza, filha delRey de Tunes, e succedeo a seu pay na Coroa de Granada no anno de 1379, chamado ElRey Mohumad o *Velho*, que concorreo com os Reys D. Pedro, e D. Henrique de Castella seu irmaõ; e destruìo Ubeda, e Baeça, chegando-se muito a Cordova; e sendo despojado do Reyno por Mahomad, a quem communmente chamaõ *ElRey Vermelho de Granada*, elle valerosamente o recobrou, lançando-o fóra, buscou o amparo delRey D. Pedro de Castella o *Cruel*, e foy por seu mandado publicamente justiçado em Sevilha, contra o que devia à fé do asylo, que buscara, e a pessoa de hum Rey, ainda que barbaro, merecia diversa attençaõ; mas ElRey D. Pedro pareceo mais barbaro na sua tyrannia, e crueldade, do que era por nascimento, e crença o infiel, e desgraçado. Tinha Mahomad o *Velho* succedido na Coroa a ElRey Juceph Aben-

Amet

Amet ſeu ſobrinho no anno de 1348, que era irmaõ delRey Iſmael; e filho de Tarachem Araez de Malaga, muy conhecido naquelle tempo pelo ſeu valor entre os Mouros, que paſſou à Africa; tomou Ceuta, fez guerra a ElRey de Fez, a quem conquiſtou varias povoações; ElRey Mahomad Abden Alhamar III. o caſou com huma irmãa ſua, filha de Mahaomad Mir Almuz Lemun, II. Rey de Granada, que entrou a reynar no anno de 1263, ſuccedendo a ſeu pay Mahomad Aben Alhamar, Rey I. de Granada, que começou a reynar no anno de Chriſto de 1236; era natural de Arjona, donde primeiro foy levantado Rey, e pouco depois em Granada. Deſorte, que por ſucceſſaõ continuada, ainda que quebrada a varonía, ſe continuou em ſeus deſcendentes a Coroa de Granada até o anno de 1429, em vinte e hum Reys, muy valeroſos, ainda que infieis, e com brios de Heſpanhoes; e por iſſo foraõ os ſeus Reys muy eſtimados dos Principes Chriſtãos, com quem ſe confederavaõ, e ajudaraõ muitas vezes nas ſuas expedições. Pareceo-nos dar conta da aſcendencia do Infante D. Joaõ de Granada, e antes que demos da ſua ſucceſſaõ, daremos conta da de ſeu irmaõ D. Fernando, Infante de Granada, que caſou tambem com outra Senhora da Caſa de Sandoval, prima com irmãa de D. Brites de Sandoval ſua cunhada, chamada D. Mecia de la Vega, filha de Dom Diogo de Sandoval, Senhor do Caſtello de Villa Vega, que morreo no Boſque del Pardo no anno de 1495, era irmaõ

Alonſo Telles de Menezes, *Blazones, e Solares de las Caſas de Eſpaña.*

irmaõ de D. Joaõ, e filhos do Conde D. Diogo Gomes de Sandoval, e de sua mulher D. Leonor de la Vega, Senhora de Tordehumos, e do Castello da Villa Vega, e outros Lugares, filha de D. Gonçalo Rodrigues de la Vega, e de sua mulher D. Mecia Telles de Toledo; era D. Gonçalo filho de D. Diogo Furtado de Mendoça, Senhor de Hita, e Buitrago, Almirante de Castella. Foy D. Mecia de la Vega filha unica, e herdeira da Casa de seus pays, e foy Senhora de Tordehumos &c. e casou quatro vezes, a primeira com D. Pedro de Mendoça, filho de D. Diogo Furtado de Mendoça, I. Duque do Infantado; a segunda com D. Bernardino de Quinhones, Conde de Luna; a terceira com D. Joaõ de Mendoça, filho do Cardeal D. Pedro Gonçalves de Mendoça; e a quarta com D. Fernando, Infante de Granada, pelo que lhe chamaraõ a Infanta D. Mecia; porém de nenhum destes matrimonios teve successaõ. A que teve o Infante D. Joaõ (além de D. Magdalena, que he o motivo porque nos dilatamos) da Infanta D. Brites de Sandoval sua primeira mulher, D. Bernardino de Granada, que foy o primeiro, e servio ao Emperador Carlos V., e casou com D. Francisca de Castella, de quem nasceo D. Joaõ de Granada, que casando em Valhadolid com D. Joanna de Castella, naõ teve filhos. O segundo foy D. Joaõ de Granada, que naõ casou, nem teve successaõ. E D. Isabel de Granada foy Dama da Emperatriz D. Isabel, huma das mais fermosas Senhoras do seu tem-

po; naõ casou, e morreo em Valhadolid, e está enterrada nas Huelgas. D. Filippa de Granada, e D. Magdalena de Granada, que passou a Portugal por Dama da Rainha D. Catharina, irmãa do Emperador Carlos V. D. Melchior de Teive diz, que do Infante D. Joaõ naõ ha mais descendencia legitima, que por sua filha D. Magdalena de Granada. Dom Alonso Telles de Menezes fallando nestes Infantes, diz: *Huvieron generacion, de que ay descendencia de principales Cavalleros.* Fr. Prudencio de Sandoval, que hum pouco confunde esta materia; porque depois de dar a D. Fernando casado com D. Mecia de la Vega, como acima dissemos, declarando ser da Casa Real de Granada, diz: *De la Casa Real de Granada, de cuyos Reys quedaron dos successores, que fueron muy estimados de los Señores Reys Catolicos, y del Emperador nuestro Señor, que fueron D. Pedro de Granada*, (este me parece ser D. Fernando) *que fue del habito de San Tiago, y primer Aguazil mayor de Granada, que servìo mucho en la conquista de aquel Reyno: Don Juan de Granada, que fue del habito de Santiago, y Governador de Galiza*: e pouco adiante fallando dos filhos do I. Conde de Castro, diz: *Don Juan de Sandoval, que tuvo a D. Brites de Sandoval, que bolvìo a casar en la Casa de Granada con D. Juan de Granada*; que he o Infante de Granada, de quem tratamos, de quem foy filha D. Magdalena de Granada, e foraõ seus filhos, e do Commendador môr

D.

15 D. LUIZ DE LENCASTRE, Commendador môr, com quem se continúa no Capitulo XIV.

15 D. JOAÕ DE LENCASTRE, Commendador de Coruche, e a sua descendencia se escreverá no Capitulo XXII.

15 D. BRITES DE LENCASTRE, Duqueza de Bragança, casou com o Duque D. Theodosio I. de quem foy segunda mulher, como se disse no Capitulo XIII. do Livro VI. Tomo VI. pag. 106.

15 D. MARIA DE LENCASTRE, ꝗ. I.

15 D. ANNA DE LENCASTRE, Commendadeira de Santos, donde professando em 10 de Abril do anno de 1579, poucos dias depois foy logo provida no lugar de Commendadeira de Santos, como se vê de huma Provisaõ delRey D. Henrique em que ordenava accrescentar aquelle Mosteiro, assim em numero de Religiosas, como em rendas, e edificios, e provia algumas cousas em observancia da Casa, e dizia: *Dom Henrique por graça de Deos Rey de Portugal, &c. como Governador, e perpetuo Administrador, que sou da Ordem, e Cavallaria de Sam Tiago. Faço saber a vós D. Anna de Lencastre minha muito prezada sobrinha, Commendadeira do Mosteiro de Santos da dita Ordem, e à Vigaria, e maes Dónas, que pella obrigaçaõ, que tenho a esse Mosteiro de prover em tudo, que ao bem delle cumpre, para que Nosso Senhor seja servido, e as couzas da dita Ordem vaõ em crescimento, &c. Feita em Lisboa a 20 de Mayo de 1579.* Estimava ElRey muito a Commendadeira,

Historia Tripartita part. 3. *do Mosteiro de Santos*, §. 17. pag. 439.

ra, assim pelo seu alto nascimento, e parentesco com a Casa Real, como pela sua virtude, e authoridade, com que governava aquelle Real Mosteiro com particular observancia, conforme os seus Estatutos, conservando-o na reputaçaõ, que se devia a huma tal Casa. Com a mudança da Coroa de Portugal à de Castella, experimentou a Commendadeira D. Anna a mesma attençaõ com os Reys Filippe II. e seu filho Filippe III. porque recebeo delles especiaes merces feitas à sua pessoa, com que era esta Senhora rica; porque além das ordinarias de seu lugar, tinha quatro mil cruzados de renda, (naõ pouco naquelle tempo) e tudo gastava em utilidade do Mosteiro, e no culto Divino, de que era muy devota, desejando que tudo se obrasse com perfeiçaõ, e aceyo. Tinha junto hum grande numero de Reliquias insignes, em que entrava o Santo Lenho, a do Santo Sudario, da Columna, e da Esponja, e da Vestidura de Christo Senhor nosso, Véo de Nossa Senhora, de S. Pedro, e outros Apostolos, e de muitos insignes Martyres, que collocou em huma grande Cruz de prata dourarada, obra primorosa, onde no pedestal da mesma Cruz, pela parte de dentro, mandou abrir o letreiro seguinte: *Dona Anna de Lencastro, Commendadeira deste Mosteiro de Santos, deu esta Cruz com as suas Reliquias, para a Igreja do mesmo Mosteiro em honra dos Santos Martyres, anno de 1624*; a qual se costuma expor na Igreja nos dias da Invençaõ, e Exaltaçaõ da Cruz, e no dia do Patraõ de Hespanha o Apos-

o Apostolo Santiago. Além desta insigne memoria, que deixou a Commendadeira D. Anna, fez outra Cruz mais pequena, onde se vem outras Reliquias, e hum Dente do Apostolo Santiago, com tres Ossos dos Santos Martyres Verissimo, Maxima, e Julia. Em tudo se augmentou este Real Mosteiro no seu tempo; assim no espiritual, como no material, e em rendas. ElRey Dom Henrique lhe fez Doaçaõ da Commenda de Canha, annexando-a *in perpetuum* ao Mosteiro; e nesta Doaçaõ faz huma declaraçaõ em grande abono, e estimaçaõ da Communidade, e diz o seguinte: *E assim hey por bem, que haja D. Anna de Lencastro minha muito prezada sobrinha, Commendadeira do dito Mosteiro de Santos, cem mil reis em cada hum anno, em dias de sua vida, para seu ordenado, e ajuda de sua sustentaçaõ, além das suas rações, e rendas, que saõ applicadas ao dito cargo, e dos sessenta e quatro mil e quinhentos, que tem cada anno assentados nas rendas da Mesa Mestral da dita Ordem da Villa de Setuval, que naõ largará, posto que lhe fizessem merce delles, com declaraçaõ que os houvesse, em quanto se naõ annexassem ao dito Mosteiro rendas, em que lhe pudessem ser pagas, &c. Dada em a Villa de Almeirim aos 23 dias do mez de Janeiro. Simaõ Botelho a fez, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de 1580.* E se ainda fora mais dilatado o seu reynado, experimentaria o Mosteiro grandes ventagens nas rendas, e mayor numero de Religiosas, e na grandeza do edificio, que seu succes-

ſucceſſor ElRey Dom Filippe executou neſta parte, comprando ſitio, e concorrendo com a deſpeza para a grandeza do edificio, que permanece, a que ſe deu principio, lançando-ſe a primeira pedra em 9 de Fevereiro de 1609, cuja magnifica obra, ſe foſſe continuada, e ſe acabaſſe, ſegundo a deliniaçaõ da ſua planta, ſeria hum dos ſumptuoſos edificios do Reyno; porque conſtava de dous grandes corpos, e no meyo corria a Igreja, que havia de ſer magnifica, porém toda a obra ficou imperfeita. Tudo quanto podia, diſpendia a Commendadeira no adorno da Igreja; porque a ſua devoçaõ deſejava, que Deos foſſe ſervido com grandeza, e precioſo culto; e aſſim a enriqueceo de peſſas, ricos ornamentos, e alfayas, augmentando o Moſteiro naõ menos nos coſtumes, e na obſervancia, de que foy muy zeloſa; deſejando nas ſuas ſubditas a perfeiçaõ na vida, e que ſe adiantaſſem na virtude; e aſſim teve muitas, que ſe diſtinguiraõ em a obſervancia do eſtado Religioſo. Recebeo vinte e oito Religioſas no ſeu tempo, e ſenaõ todas illuſtres por naſcimento, com as circunſtancias da nobreza, que requer o ſeu Eſtatuto, que naõ he razaõ ſe deva diſſimular, nem quebrar daquelle vigor, com que foy inſtituido aquelle Moſteiro de Santos, e o da Encarnaçaõ, para mulheres de naſcimento Fidalgas. Alguns annos antes da ſua morte pedio a Commendadeira D. Anna de Lencaſtre licença a ElRey, como Meſtre da Ordem, para renunciar o lugar de Commendadeira na peſſoa de ſua prima com

irmãa

irmãa D. Brites de Lencastre, irmãa do Duque de Aveiro, que ElRey lhe concedeo, fazendo-a Coadjutora, e futura successora da Commendadeira Dona Anna, cuja memoria chega até o anno de 1625, em que parece faleceo.

15 D. MAGDALENA DE GRANADA, §. II.

§. I.

15 DONA MARIA DE LENCASTRE casou com João Gonçalves da Camera, II. Conde da Calheta, e VI. Capitaõ Donatario da parte do Funchal da Ilha da Madeira, filho de Simaõ Gonçalves da Camera, primeiro Conde da Calheta, e da Capitanía da Ilha da Madeira da parte do Funchal, como quinto neto de Joaõ Gonçalves Zarco, descobridor da dita Ilha, e primeiro Capitaõ, Governador, e Donatario da parte, que chamaõ o Funchal, que dá nome à Cidade, por merce do primeiro de Novembro de 1450; e tendo servido com ElRey Dom Sebastiaõ em Africa, que attendendo a seus serviços, e merecimentos, o fez Conde da Calheta, Villa sua na Ilha da Madeira, no anno de 1576 com outras merces, dispensando duas vezes na Ley Mental; morreo a 4 de Março de 1580, e jaz sepultado com seus avós em o Mosteiro de Santa Clara do Funchal; e tinha sido casado com D. Isabel de Mendoça, Dama da Rainha D. Catharina, com quem tinha vindo de Castella, filha de Ruy Dias de Mendoça, Senhor de Moron,

Mestre-

Meſtre-Salla dos Reys Catholicos, e de ſua mulher D. Brites de Noronha, filha de Ruy Vaz Pereira o *Velho*; e tiveraõ os ſegundos Condes da Calheta o filho, e filha, que ſe ſeguem:

16 DONA ISABEL DE LENCASTRE, que caſou com D. Luiz da Sylveira, III. Conde da Sortelha, como adiante ſe dirá.

16 SIMAÕ GONÇALVES DA CAMERA, que foy III. Conde da Calheta, e VII. Capitaõ Donatario da parte do Funchal, da Ilha da Madeira. Caſou duas vezes, a primeira com ſua prima com irmãa D. Maria de Lencaſtre, irmãa de ſeu cunhado, e filha dos ſegundos Condes de Sortelha, de quem naõ teve filhos. Caſou ſegunda vez com D. Margarida de Menezes e Vaſconcellos, Dama da Rainha D. Margarida de Auſtria, filha herdeira de Ruy Mendes de Vaſconcellos, I. Conde de Caſtello-Melhor, Senhor de Valhelhas, Almendra, Alcaide môr da Covilhãa, e de Penamacor, e de D. Iſabel de Menezes ſua mulher, de quem teve

17 JOAÕ GONÇALVES DA CAMERA, IV. Conde da Calheta, VIII. Capitaõ da parte do Funchal, da Ilha da Madeira, pelo que foy chamado communmente o *Conde Capitaõ*. Caſou com D. Ignez de Menezes, viuva de D. Lourenço Filippe de Brito Nogueira e Lima, II. Conde dos Arcos, e filha herdeira de D. Antonio de Menezes, que ficando viuva, e ſem ſucceſſaõ, em 27 de Março de 1656, diſtribuindo a ſua fazenda com muita piedade, tomou o ha-

o habito das Carmelitas Descalças no Mosteiro de Santo Alberto, onde foy duas vezes Priora, e viveo com grande exemplo, e opiniaõ de virtuosa.

17 D. Marianna de Lencastre Vasconcellos e Camera, que tinha sido escolhida por seu avô materno, em virtude da faculdade Real, para lhe succeder na Casa, e Condado de Castello-Melhor, com condiçaõ de haver de casar com seu parente Francisco de Vasconcellos e Sousa, Alcaide mòr, e Commendador de Pombal; e por elle morrer antes de se effeituar o matrimonio com esta Senhora, a demandou seu irmaõ Joaõ Rodrigues de Vasconcellos, Alcaide mòr de Pombal, com quem casou, e foy segunda Condessa de Castello-Melhor; e por morte de seu irmaõ, succedeo na Casa da Calheta, sem embargo da demanda, que sobre esta successaõ lhe moveo sua irmãa a Marqueza de Niza, e foy IX. Senhora Donataria da Capitania da parte do Funchal, da Ilha da Madeira; e da sua successaõ temos já dado noticia no Capitulo III. do Livro VIII. pag. 226 do do Tomo IX.

17 D. Ignez de Noronha casou com D. Vasco Luiz da Gama, V. Conde da Vidigueira, e I. Marquez de Niza, Almirante da India, do Conselho de Estado, &c. por morte de seu irmaõ o Conde da Calheta trouxe demanda sobre a successaõ da Casa com sua irmãa a Condessa de Castello-Melhor, por estas Casas se naõ deverem unir na mesma pessoa, conforme a disposiçaõ testamentaria de seu avô ma-

terno o I. Conde de Castello-Melhor, de quem havia sido herdeira, porém teve sentença contra si: a sua descendencia já deixamos escrita no Capitulo IV. do Livro IX. pag. 567 do Tomo X.

§. II.

* 15 D. MAGDALENA DE GRANADA, que foy a quarta filha do Commendador mór Dom Luiz de Lencastre, casou com Dom Joaõ da Sylveira, filho herdeiro de D. Diogo da Sylveira, II. Conde de Sortelha, Guarda mór delRey D. Sebastiaõ, e depois delRey D. Henrique, Senhor de Segadaens, Recardaens, e Brunhido, de Oliveira, do Conde, de Goes, e Cellavica, Carrellos, Pinheiro, Penhalva, S. Giaõ, do Morgado, e Defeza de pedra alçada, Commendador na Ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria de Menezes, filha de Joaõ Rodrigues de Sá, Senhor de Sever, Matosinhos, Paiva, Baltar, e outras terras, Alcaide mór do Porto, que depois de ter servido em Africa com reputaçaõ, foy Embaixador del-Rey D. Manoel a ElRey D. Fernando o Catholico, a cuja morte se achou presente; e voltando ao Reyno, foy mandado por Embaixador a Saboya; e de sua mulher D. Camila de Noronha, filha de D. Martinho de Castellobranco, I. Conde de Villa-Nova de Portimaõ, por Carta delRey D. Manoel, feita a 28 de Mayo do anno de 1504, que vimos; foy Governador da Casa do Civel, Védor da Fazenda dos Reys

D.

D. Affonſo V. D. Joaõ II. e D. Manoel, Camereiro môr delRey D. Joaõ III. e do Conſelho de todos os ditos Reys, Superintendente das Apoſentadorias de Lisboa; e tendo taõ grandes lugares, que o faziaõ reſpeitado, coſtumava dizer, que todo o homem havia de fazer mais por adquirir homens, que dinheiro; porque havia occaſioens, em que valiaõ mais os amigos, do que a fazenda; e aſſim quando o conſolavaõ na morte de ſeu filho primogenito, com o ſucceſſor que lhe ficava, reſpondeo com eſte adagio Portuguez: *Temo que lhe naçaõ malvas à porta; porque naõ conhece, que o theſouro dos prudentes ſaõ os amigos.* Naõ chegou D. Joaõ da Sylveira a ſucceder na Caſa de ſeu pay, por morrer em ſua vida na batalha de Alcacere no anno de 1578, deixando os filhos, que ſe ſeguem:

16 D. Diogo da Sylveira, que ſuccedendo a ſeu avô, teve largas demandas com ſeu tio D. Alvaro da Sylveira, Commendador de Sortelha na Ordem de Chriſto, e tendo-as já vencido, morreo ſolteiro, ſem ter tido ſucceſſaõ.

* 16 D. Luiz da Sylveira, III. Conde de Sortelha, com quem ſe continúa.

16 D. Maria de Lencastre, que caſou com Simaõ Gonçalves da Camera, III. Conde da Calheta, ſeu primo com irmaõ, ſem ſucceſſaõ, como já fica dito.

* 16 Dona Helena de Lencastre, caſou com Martim Affonſo de Oliveira, Senhor do Morgado

gado de Oliveira, de quem adiante se fallará.

* 16 D. LUIZ DA SYLVEIRA, succedeo a seu irmaõ D. Diogo em toda a Casa de seu avô, excepto em os Senhorios de Segadaens, Recardaens, e Brunhido, que se deraõ ao Duque de Aveiro, por serem terras chamadas do *Infantado*, que lhe pertenciaõ. Foy III. Conde de Sortelha, por merce delRey D. Filippe II. e Guarda môr do dito Rey, Commendador na Ordem de Christo, Senhor de Goes, &c. Faleceo no anno de 1617.

Casou duas vezes, a primeira com D. Isabel de Lencastre sua prima com irmãa, filha de Joaõ Gonçalves da Camera, II. Conde da Calheta, e da Condessa D. Maria de Lencastre, de quem teve

17 D. MAGDALENA,

17 D. MARIA, que ambas morreraõ com poucos mezes de vida.

Casou segunda vez com D. Maria de Vilhena, que muitos annos depois de viuva veyo a ser Senhora da Casa, e Condado de Villa-Nova de Portimaõ, filha primeira de D. Manoel de Castellobranco, II. Conde de Villa-Nova, do Conselho de Estado dos Reys D. Filippe II. e D. Filippe III. e seu Escrivaõ da Puridade, e como tal assistio nas Cortes, que se celebraraõ em Lisboa no anno de 1619; o mesmo Rey lhe fez merce da Casa de juro, dispensada da Ley Mental, dandolhe seiscentos mil reis de juro, nos Almoxarifados de Villa-Real, por desistir do direito das madeiras de Lisboa no anno de 1616, dandolhe

mais

mais seiscentos mil reis de tença em duas vidas. Foy Commendador da Ordem de Christo, Senhor do Morgado da Povoa, &c. de Villa-Nova de Portimaõ, Varaõ prudente, e entendido, e muito bom Christaõ, devoto, e pio; e de sua mulher a Condessa D. Branca de Vilhena sua sobrinha, filha de D. Diogo de Castellobranco, e de sua irmãa D. Leonor de Milá, que eraõ filhos de D. Joaõ de Castellobranco, Supertendente das Aposentadorias de Lisboa, e Santarem, (que vendeo ao Aposentador môr Lourenço de Sousa) do Conselho de Estado delRey D. Sebastiaõ, Governador, e Capitaõ General do Algarve, Commendador de Aljesur na Ordem de Santiago, e de sua segunda mulher D. Branca de Vilhena, filha de Nuno Rodrigues Barreto, Alcaide môr de Faro, e Loulé, Védor da Fazenda do Reyno do Algarve; e deste matrimonio da Condessa D. Maria de Vilhena e Castellobranco com o Conde de Sortelha Dom Luiz nasceraõ as duas filhas, que se seguem:

17 D. BRANCA DE VILHENA DA SYLVEIRA, que foy a filha primeira, e succedeo em toda a Casa de Sortelha, porém naõ no titulo do Condado de seu pay, e foy primeira mulher de seu tio, irmaõ de sua mãy, D. Gregorio Thaumaturgo de Castellobranco, III. Conde de Villa-Nova, que faleceo a 11 de Abril do anno de 1662, Senhor da Povoa de Dom Martinho, e do Morgado, e Casa dos Valentes, Guarda môr da pessoa delRey D. Joaõ IV. e o ultimo que teve este officio, que era hum dos mayores

da

da Casa Real, da qual como extincto, naõ será desagradavel a noticia: naõ tiveraõ successaõ, e sua mulher faleceo a 30 de Abril de 1649 no Hospital, sendo o Conde seu marido Provedor actual da Misericordia. Jaz em S. Martinho de Lisboa.

Este officio parece ser o mesmo, que tinhaõ os Reys Godos no tempo da sua Monarchia de Toledo, a que chamaraõ *Comes Spathariorum*, como escreve Garcia de Loaysa no livro sobre os Concilios de Toledo: *Comes Spathariorum, Custodum Corporis Regis Præfectus. Hunc, & Protospatharium appellatum fuisse existimo.* Em hum papel da letra de Gaspar Alvares de Lousada, que conservo, acho que ElRey D. Sancho I. teve Guarda mór da sua pessoa, fundado em huma Escritura, que achou no Cartorio do Mosteiro de Pedroso, annexo ao Collegio da Companhia de Coimbra, feita na Era de Cesar de 1235, que he anno de Christo 1197, feita a hum Affonso Dias, que acaba assim: *Factum tempore Domini nostri Regis Sancij, & uxoris ejus Regina D. Dulcia: & ad hoc autem pervenimus consilio, & auxilio Domini Martini Bracharensis Archiepiscopi, & Dominorum Episcoporum Petri Colimbriensis Episcopi, & Domini Martini Portugalensis Episcopi, Maiordomi Curia, & Gundisalvi Menendi, filij Comitis Menendi, Custodientis Curia*, que entendeo ser Guarda mór da pessoa Real.

Loaysa, *in Concil. Toletano*, pag. 461.

Porém naõ os temos achados seguido senaõ delRey D. Affonso IV. de quem foy Guarda mór Gon-

Gonçalo do Rego ſeu Vaſſallo, de quem faz mençaõ a VII. Parte da *Monarchia Luſitana* do Padre Fr. Manoel dos Santos, Chroniſta deſte Reyno, no Capitulo XIX. e no Capitulo IV. de Gonçalo Vaz de Moura, Senhor de Marmelar, e do Caſtello de Moura, que tambem foy Guarda môr do dito Rey, como tambem tinha eſcrito Salazar de Caſtro na *Caſa de Sylva*, pag. 331 do Tomo II.

DelRey Dom Pedro I. foy Guarda môr Joaõ Lourenço Lubal, e conſta da merce, que o meſmo Rey lhe fez da Alcaidaria, e direitos Reaes da Cidade do Porto, dada em Lisboa a 8 de Junho da Era de 1395, que he anno de 1357, como ſe vê do ſeu regiſto pag. 1 na Torre do Tombo; como tambem no dito livro a pag. 50 eſtá huma Procuraçaõ para ſe tratarem pazes com ElRey de Caſtella, feita a D. Fr. Martinho do Avelar, Meſtre da Ordem de Aviz, na qual diz: *Ordenamos, e eſtabelecemos noſſo Procurador lidimo, &c. ao honrado Religioſo, e honeſto Dom Fr. Martins do Avelar, Meſtre da Cavallaria da Ordem de Aviz, Portador deſta preſente Procuraçaõ, &c. feita em Baleiſaõ, Termo da Villa de Béja, a 6 de Março da Era de 1399*, que he anno 1361; e acaba na fórma ſeguinte: *Teſtemunhas, que preſentes foraõ, os honrados, e Sages Baroens Rodrigo Affonſo de Souſa, Rico-homem, e Joaõ Lourenço Lubal, Cavalleiro, e Guarda môr do dito Senhor Rey, e os honeſtos Religioſos Gonçalo Martins, Cavalleiro da Ordem de Santiogo, Alvaro Gonçalves,*

ves, Cavalleiro da Ordem de Aviz, e Vasco Fernandes Coutinho, e Lourenço Martins Bornes, Escudeiro do dito Senhor Rey, &c. No Instrumento com que o dito Rey mostrou fora casado com D. Ignez de Castro, foy testemunha Joaõ Lourenço Lubal. Os da Familia de Lubal foraõ nobilissimos, naõ inferiores na qualidade, e sangue às grandes Casas, que hoje vemos no Reyno, como advertio Lousada.

No tempo delRey D. Fernando foy seu Guarda môr Gomes Lourenço do Avelar, Senhor de Cascaes, como se vê do Livro I. do Registo do dito Rey a pag. 56, em que está a Doaçaõ do Castello, e Lugar de Cascaes, onde diz: *Escolhemos Gomes Lourenço do Avelar, nosso Cavalleiro, e nosso Guarda môr, e leal Vassallo*; e depois de relatar os serviços, que lhe tinha feito, vay dizendo, como dá ao dito Gomes Lourenço, e seus successores, de juro, e herdade o seu Castello, e Lugar de Cascaes, e que o aparta, e tira da sogeiçaõ da Villa de Cintra, a que até entaõ estava unido. *Dada em Santarem a 8 de Abril da Era 1408*, que he anno de Christo 1370. No mesmo Livro da Chancellaria do dito Rey a pag. 111 lhe confirma a mesma merce, feita em Villa-Nova de Familicaõ a 22 de Agosto da Era de 1410, que he anno 1372. Tambem foy Guarda môr do mesmo Rey, Vasco Martins de Mello, Meirinho môr do Algarve, como se vê do Livro II. do Registo a pag. 90, em que está huma Carta; porque o dito Senhor, nella dá para sempre a Vasco Martins de Mello seu

Guar-

Guarda môr, e Meirinho môr do Reyno do Algarve, todos os bens moveis, e de raiz, de todos os moradores do dito Reyno, que andavaõ com ElRey de Castella em seu serviço: *Dada em Santarem a 15 de de Fevereiro da Era 1420*, que vem a ser no anno 1382.

Em tempo delRey D. Joaõ I. foy seu Guarda môr Joaõ Fernandes Pacheco, Senhor de Ferreira de Aves, Penella, e outros Lugares, que passando-se a Castella, lhe confiscou ElRey os bens, que tinha neste Reyno, como refere na Carta de Doaçaõ de Oliveira do Conde, e seus Termos, de que fez merce a Gomes Martins de Lemos, Ayo de seu filho D. Affonso, depois I. Duque de Bragança, onde diz: *Fazemos saber, que por as maldades, e treiçoens, que Joaõ Fernandes Pacheco cometeo contra nossa pessoa, e contra os nossos Reynos, em contratar com ElRey de Castella nosso imigo, &c. sendo elle natural de nossos Reynos, e nosso Vassallo, e Guarda môr, do nosso Conselho*; e depois de lhe confiscar os bens para a Coroa, diz: *E nós considerando os muitos, e estremados serviços, que nós, e nossos Reynos recebemos, e entendemos receber ao diante de Gomes Martins de Lemos, Ayo de Dom Affonso meu filho*; lhe faz Doaçaõ de juro, e herdade para sempre do Julgado de Oliveira de Conde, com seus Termos, e jurisdicções, da maneira que a teve delle Rey o dito Joaõ Fernandes Pacheco: dada no Porto a 12 de Abril da Era 1436, que he anno 1398. Succedeo-

lhe Martim Affonso de Mello, que foy Guarda môr do mesmo Rey, e do seu Conselho, Alcaide môr de Evora, Olivença, e Campo-Mayor, como refere a Chronica do dito Rey; e no mesmo anno se acha, que era Guarda môr, pela Doaçaõ da Torre da Cerca Velha da Cidade de Evora, passada no Porto a 30 de Agosto da Era 1436, que he o anno referido; e bem se vê por hum Alvará passado a seu filho Joaõ de Mello, que está na Chancellaria delRey D. Affonso V. do anno de 1450 a pag. 90, onde ElRey diz: *Em como ElRey Dom Duarte seu pay tratara o casamento de Joaõ de Mello, Fidalgo, e Cavalleiro de sua Casa, e que agora o he nosso, com D. Isabel da Sylveira, Donzella da Casa da Senhora Rainha minha Madre, &c. e que lhe prometeo duas mil Coroas, e se finou sem haver effeito, &c. assim lhe dá em quanto sua merce for, as rendas da Villa de Redondo, pertencentes à Alcaidaria, assi como as havia Martim Affonso de Mello seu padre, e Guarda môr delRey seu avô, e do seu Conselho, e delle Rey, &c.* E diz mais como lhe dá o Bispo de Evora D. Alvaro, do seu Conselho, tio da dita D. Isabel da Sylveira, seiscentas Coroas de ouro; e Nuno Martins da Sylveira, do seu Conselho, e seu Escrivaõ da Puridade, dá mais à dita sua filha quinhentas Coroas de ouro. Dada em Evora a 18 de Abril de 1450. Este Joaõ de Mello foy Alcaide môr de Serpa, e Copeiro môr delRey D. Affonso V. de quem procedem Casas illustres por varonía, como a dos Porteiros môres,

res, as do Monteiro môr do Reyno, em quem ha pouco se quebrou, e já naõ tem mais que o appellido, com a varonía da de Sylva, e de quem tambem he a dos Senhores de Ficalho com o appellido de Mello, que he antiquissimo, e illustre.

DelRey D. Duarte foy Guarda môr, sendo Infante, e successor da Coroa, Martim Affonso de Mello, filho do sobredito Martim Affonso de Mello, e de sua primeira mulher D. Brites Pimentel, filha de Dom Joaõ Affonso Pimentel, Senhor de Bragança. Consta da Carta do officio, que lhe passou o dito Rey em Almeirim a 8 de Dezembro de 1433.

Em tempo delRey D. Affonso V. foy tambem seu Guarda môr o mesmo Martim Affonso de Mello, por Carta de confirmaçaõ do dito officio, em que vem inserta a de seu pay, e foy dada em Lisboa a 7 de Julho de 1449, que anda na Chancellaria do dito Rey, que começa no anno de 1445 a pag. 168. Depois foy Guarda môr D. Rodrigo de Mello, que foy Conde de Olivença, como se vê da Chancellaria do mesmo Rey do anno de 1464 a pag. 126, em que diz: *Fazemos saber, que nós considerando os muitos, grandes, e continuados serviços, que temos recebido de Ruy de Mello, do nosso Conselho, e nosso Guarda môr, querendolhe dar algum repouzo dos trabalhos, que em nossa Corte, e outras partes levou em nosso serviço, &c.* lhe faz merce de quarenta e cinco mil e seiscentos cada anno: *em satisfaçaõ, e contentamento de toda a moradia, que em nossa Casa havia.*

Dada em Evora a 12 de Julho de 1461; e outra a pag. 216, feita em Tangere a 12 de Setembro de 1471, onde nomea ao dito Ruy de Mello seu Guarda môr, do seu Conselho, e Capitaõ de Tangere.

DelRey D. Joaõ II. foy Guarda môr o mesmo D. Rodrigo de Mello, lugar que devia de largar annos antes da sua morte; porque na Chancellaria do dito Rey do anno de 1482 a pag. 146 nomea ElRey a D. Joaõ de Lima do seu Conselho, e seu Guarda môr, dada em Alvito a 16 de Abril do referido anno. Tambem foy seu Guarda môr, sendo Principe, Ruy de Sousa, Senhor de Sagres, e Biringel, como se diz na Doaçaõ desta Villa, passada no anno de 1471 por ElRey D. Affonso V.

Em tempo delRey D. Manoel foy seu Guarda môr Jorge Moniz, Senhor de Angeja, Bemposta, Pinheiro, e Sequins; consta da mesma Carta do officio, onde diz: *Fazemos saber, que considerando nós na muita bondade, e discriçaõ, e grande lealdade de Jorge Moniz, Fidalgo de nossa Casa, e a limpa linhagem, de que descende; e assim havendo respeito aos muitos, e extremados serviços, que delle recebemos, &c.* o faz seu Guarda môr: dada em Montemôr o Novo no primeiro de Março de 1496. Depois o foy D. Nuno Manoel, Senhor de Salvaterra, por Carta feita em Almeirim a 8 de Fevereiro de 1508, e consta de varios Documentos, como se vê de hum Mandado, que está no armario segundo da escada, que vay para a Casa da Coroa na Torre do Tombo

no

no maço 40, conforme os extractos de Lousada, onde diz: *Mandamos a vós Fernam Dalves, que deis a Dona Lourença filha do Conde de Penella, meu muito amado sobrinho, mulher de D. Nuno Manoel, do nosso Conselho, e nosso Almotacê mòr, e Guarda mòr duzentos e setenta mil reis, que se montaõ nas duas mil e duzentas e sincoenta Coroas, que lhe despachamos para ajuda de seu casamento, &c. em Evora a 22 de Junho de 1520.* E no dito maço se acha outro mandado do anno de 1526 em 31 de Mayo, de que se tira, que tambem foy Guarda môr delRey Dom Joaõ III.

DelRey D. Joaõ III. foy seu Guarda môr D. Luiz da Sylveira, (depois I. Conde de Sortelha) que já o tinha sido quando era Principe, em vida del-Rey seu pay. Em a Chancellaria do dito Rey do anno de 1528 se acha a pag. 103 huma merce feita em Almeirim a 5 de Mayo do dito anno, em que diz: *ElRey o mandou por Luiz da Sylveira, do seu Conselho, e seu Guarda mòr, que hora tem cargo de Védor mòr das obras, terças, residuos, Hospitaes, e Capellas de seus Reynos*; de quem tambem o foy seu filho D. Diogo da Sylveira, II. Conde de Sortelha.

DelRey Dom Sebastiaõ tambem foy Guarda môr D. Diogo da Sylveira, II. Conde de Sortelha.

DelRey D. Henrique foy o mesmo Conde de Sortelha D. Diogo da Sylveira Guarda môr.

Tambem delRey D. Filippe II. quando dominou Portugal, foy o mesmo Conde D. Diogo; e de seu

ſeu filho ElRey Filippe III. e delRey Filippe IV. o foy ſeu neto D. Luiz da Sylveira, III. Conde de Sortelha.

DelRey D. Joaõ IV. foy primeiro nomeado Pedro de Mendoça, Alcaide môr de Mouraõ, entre os officios, de que compoz a ſua Caſa, cargo que ſervio algum tempo; depois o foy em propriedade D. Gregorio Thaumaturgo de Caſtellobranco, III. Conde de Villa-Nova, como herdeiro da Caſa de Sortelha por ſua mulher, e foy o ultimo; porque depois nem de propriedade, nem de ſerventia houve Guarda môr da peſſoa delRey.

Naõ ſabemos, que tiveſſe exercicio eſte officio depois delRey D. Sebaſtiaõ: eraõ muitas as ſuas preeminencias; porque depois delRey ſe deitar na cama, entrava o Guarda môr, antes de ſe lhe correr a cortina, e via a ElRey, e depois corria a cortina o Sumilher, e ſahiaõ ambos para fóra, e o Guarda môr fechava a porta, e com a cabeceira nella ſe lhe fazia a ſua cama, ſem ſer levantada do chaõ, (mas podia ſe quizeſſe tella, e por evitar o deſcommodo o naõ uſava) e pelas ilhargas da caſa, hum pouco afaſtadas da ſua, corriaõ as camas dos Fidalgos da guarda, que dormiaõ no Paço. Pela manhãa quando ElRey chamava, antes de veſtir a camiſa, entrava o Guarda môr com o Sumilher, que levantava a cortina da cama, para moſtrar ao Camereiro môr como lho entregava vivo, e entrava ao veſtir, ſem que lhe foſſe neceſſario licença, ſem a qual naõ podiaõ entrar

entrar os Fidalgos da guarda. Quando ElRey fazia jornada tinha o Guarda môr casa no Paço, como se praticou quando ElRey D. Sebastiaõ passou a Guadalupe. Das Cartas dos officios dos Guardas môres, que os Reys lhe passavaõ do dito officio, naõ constaõ as preeminencias, por quanto nellas se lem sómente aquellas palavras geraes, que dizem, tenhaõ, e possaõ gozar de todos os privilegios, liberdades, e isenções, de que usaraõ seus antecessores; porque na Torre do Tombo naõ ha o livro, que trata dos officios da Casa, e Guerra, que se fez no tempo delRey D. Diniz, que diz Cabedo nas suas Decisoens o vira; o qual já o insigne investigador Gaspar Alvares de Lousada, Escrivaõ daquelle Real Archivo, naõ achou, donde diz se furtaria, como succedeo a muitas cousas de importancia. Na Livraria manuscrita do Marquez de Gouvea, que posso dizer passey toda, achey humas Cartas de Criados delRey D. Sebastiaõ, que serviaõ na sua Guarda-roupa, que era Martim Vaz de Azevedo, que era sobrinho de Lucas de Andrade, casado com huma sua neta; o qual Lucas de Andrade era a pessoa, que mais assistia a ElRey da sua confiança, e o primeiro que entrava na sua Camera com a camisa; mas primeiro o fazia saber ao Guarda môr: a qual Carta era escrita para o Conde de Villa-Nova, que foy muito curioso, feita em 7 de Fevereiro de 1621; e outra de Antonio Viles de Lima, escrita em 27 de Janeiro do dito anno ao mesmo Conde, em que daõ conta

do

do exercicio do Guarda mór, que elles viraõ praticar.

Estes saõ os Fidalgos, que temos apontados, serviraõ aos Reys no officio de Guarda mór, que expenderemos mais largamente, se dermos à luz hum livro, que contém todos os Officiaes, que houve na Casa Real, para que temos junto hum grande peculio, distribuido por todos os officios, com algum trabalho, o qual supposto temos communicado a algumas pessoas, de que sey se serviraõ; porque he grande cousa edificar sem trabalho, sobre fundamentos solidos, naõ deixaremos de o publicar, se tivermos vida.

17 D. MAGDALENA DE LENCASTRE, que foy a segunda filha dos terceiros Condes de Sortelha, casou com seu primo segundo D. Pedro de Lencastre, II. Conde de Figueirò, e a sua Casa se unio por este casamento à de Sortelha, em que succedeo esta Senhora por morte da Condessa D. Branca de Vilhena e Sylveira sua irmãa, e à de Villa-Nova, em que succederaõ seus filhos por morte da Condessa D. Maria sua mãy, como adiante se dirá.

* 16 D. HELENA DE LENCASTRE, segunda filha de D. Joaõ da Sylveira, herdeiro da Casa de Sortelha, e de sua mulher D. Magdalena de Lencastre, como fica dito. Casou com Martim Affonso de Oliveira, X. Senhor dos Morgados de Oliveira, e Patameira, Commendador na Ordem de Christo; celebraraõ-se os contratos matrimoniaes na Cidade de Lisboa

boa a 15 de Setembro de 1598. Foy morto no sitio da Cidade de S. Salvador da Bahia no anno de 1625 de huma balla de artilharia. Era filho de Joanne Mendes de Oliveira e Miranda, Senhor dos mesmos Morgados, que morreo na batalha de Alcacere no anno de 1578, e de sua mulher D. Brites de Vilhena, filha de Luiz Alvares de Tavora, Senhor de Mogadouro, S. Joaõ da Pesqueira, e outras terras, Alcaide môr de Miranda; e de D. Filippa de Vilhena sua mulher, filha de D. Luiz da Sylveira, I. Conde de Sortelha, Alcaide môr, e Senhor das rendas, e reguengos da dita Villa, Alcaide môr de Alenquer, Guarda môr da pessoa del Rey D. Joaõ III. de quem foy muy valído, e seu Embaixador a Castella, a tratar o seu casamento, e o da Infanta D. Isabel sua irmãa: e voltando ao Reyno, se achou descahido da privança; porque na sua ausencia havia tomado grande parte nella D. Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira. Era dotado de grandes partes, galante, e entendido, de nobre condiçaõ, e bom Poeta, para aquelles tempos, em que com o seu estylo fazia plausivel a lingua Portugueza. Jaz na sua Villa de Goes; e na sepultura mandou pòr o seguinte Epitafio, digno de reflexaõ:

Aqui jaz Dom Luiz da Sylveira, primeiro Conde de Sortelha, que em quanto viveo, nunca fallou com Pero Correa.

E deſte matrimonio tiveraõ os filhos ſeguintes:

17 JOANNE MENDES DE OLIVEIRA,

17 ANTONIO MENDES DE OLIVEIRA, que ambos morreraõ moços, ſem ſucceſſaõ.

* 17 LUIZ FRANCISCO DE OLIVEIRA E MIRANDA, com quem ſe continúa.

* 17 D. MAGDALENA DE LENCASTRE caſou com Ruy Fernandes de Almada, Senhor de Carvalhaes.

17 D. BRITES DE LENCASTRE caſou com D. Joaõ de Eça Corte-Real, Senhor dos Morgados dos Eças em Azeitaõ, como diremos adiante em outra parte no Livro XIII.

17 D. ANNA MARIA DE LENCASTRE caſou com Franciſco Serraõ de Almeida, Commendador na Ordem de Chriſto, e filho de Joaõ Gomes Serraõ, Eſcrivaõ da Fazenda, e naõ tiveraõ ſucceſſaõ.

17 D. IGNEZ DE LENCASTRE, que foy Religioſa no Moſteiro da Eſperança de Lisboa, e ſe chamou Soror Ignez do Eſpirito Santo, onde foy Abbadeſſa.

17 D. MARIA ANTONIA DE LENCASTRE foy Religioſa no Moſteiro de Santa Clara de Lisboa, de que foy Abbadeſſa.

17 D. VIOLANTE DE LENCASTRE, que profeſſou no Moſteiro da Eſperança de Lisboa.

17 D. THERESA DE LENCASTRE, Religioſa no Moſteiro das Commendadeiras de Santos, da Ordem Militar de Santiago, que foy oppoente à Caſa de Baſto.

LUIZ

* 17 LUIZ FRANCISCO DE OLIVEIRA E MIRANDA, XI. Senhor dos Morgados de Oliveira, Sobrados, e Patameira, Commendador de Santa Eulalia na Ordem de Chriſto.

Caſou com D. Luiza de Tavora, filha primeira de Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Morgado, e Torre de Caparica, e de D. Maria de Lima ſua mulher, filha de Dom Lourenço de Lima Brito e Nogueira, VI. Viſconde de Villa-Nova da Cerveira, Senhor de Arcos, e outras muitas terras, Alcaide môr de Ponte de Lima, do Conſelho de Eſtado, Preſidente do Paço. Eſta Senhora ficando viuva fundou o Moſteiro da Conceiçaõ dos Cardaes das Religioſas Carmelitas Deſcalças de Lisboa, onde viveo, tendo o habito de Santa Thereſa, ſem profeſſar, para com as rendas da Caſa de Caparica, de que era Senhora, o poder acabar; e deixou o Padroado a ſeu neto D. Joſeph de Menezes, e tiveraõ os filhos ſeguintes:

* 18 D. MARIA DE OLIVEIRA, com quem ſe continúa.

* 18 D. ELENA DE TAVORA, que caſou duas vezes, a primeira com ſeu tio Ruy Lourenço de Tavora, e a ſegunda com Henrique de Carvalho de Souſa, Senhor da Azambujeira, como ſe dirá adiante.

* 18 D. IGNEZ ANTONIA DE TAVORA caſou com Joaõ de Saldanha, como adiante ſe dirá.

18 DONA LEONOR DE LENCASTRE, que foy Freira da Ordem de S. Domingos no Moſteiro do Sacramento de Lisboa.

* 18 D. MARIA DE OLIVEIRA naſceo no anno de 1635, e foy bautizada em Santa Catharina a 22 de Março, primeira filha do Morgado de Oliveira Luiz Franciſco de Oliveira, e de ſua mulher Dona Luiza de Tavora. Caſou com Dom Diogo de Menezes, Commendador da Valada na Ordem de Chriſto, Governador da Torre de S. Sebaſtiaõ, chamada a *Velha*, na barra de Lisboa, que faleceo no anno de 1668: filho de D. Joaõ de Menezes, Commendador da meſma Commenda, ramo da eſclarecida Familia de Menezes da Caſa de Tarouca, de quem deſcendia por varonía, e de D. Magdalena de Tavora ſua ſegunda mulher, filha de Ruy Pires de Tavora, Repoſteiro mòr delRey. Succedeo D. Maria de Oliveira por morte de ſeu pay no Morgado de Patameira, e eſteve de poſſe dos de Oliveira, e Val de Sobrados, que depois lhe tirou por demanda ſeu primo com irmaõ Chriſtovaõ de Almada, Senhor de Carvalhaes, &c. por eſtes Morgados ſerem de maſculinidade, em que naõ podem ſucceder femeas, porém ſim varaõ, poſto que ſeja deſcendente por linha feminina, que ſe achar naſcido, ou gerado ao tempo da morte do ultimo poſſuidor; com que morrendo a eſta Senhora o filho, que tinha quando morreo ſeu pay, ſem lhe ficar outro, paſſaraõ os Morgados à outra linha. Morreo no anno de 1663, e tiveraõ a ſucceſſaõ ſeguinte:

* 19 D. JOSEPH DE MENEZES E TAVORA com quem ſe continúa.

19 D. LUIZA DE TAVORA caſou com Anto-

nio

nio de Saldanha de Oliveira e Sousa seu primo com irmaõ, Senhor do Morgado de Oliveira, de quem adiante se fará mençaõ.

19 D. IGNEZ THOMASIA DE TAVORA casou com Francisco de Mello, Senhor de Ficalho, Commendador de S. Martinho de Pinhel, e S. Pedro de Gouveas, e de Vea, todas na Ordem de Christo, Mestre de Campo General dos Exercitos de Sua Magestade, e Governador das Armas na Provincia da Beira, &c. de quem teve unica

20 D. THERESA JOSEFA DE MELLO, que nasceo a 6 de Abril de 1683, e foy sua herdeira, e casou com Antonio Telles da Sylva, filho dos II. Marquezes de Alegrete, e a sua successaõ deixamos apontada no Capitulo III. do Livro VIII. parte IV. pag. 623 do Tomo IX.

19 D. BRITES MARIANNA DE MENEZES casou com seu tio D. Alvaro da Sylveira, que foy Governador do Rio de Janeiro, e era filho de D. Antonio da Sylveira, Commendador de Santa Maria de Sortelha, e S. Martinho de Lordello na Ordem de Christo, e de D. Catharina de Lima sua mulher, irmãa de D. Luiza de Tavora, avó da dita D. Brites, que morreo sem successaõ.

* 19 D. JOSEPH DE MENEZES E TAVORA, que nasceo no anno de 1662, e foy bautizado em Santa Catharina a 4 de Janeiro de 1663, succedeo na Casa de seu pay, e por sua mãy no Morgado da Patameira, e no da Torre de Caparica, que tambem lhe pertenceo

por

por morte de D. Elena de Tavora ſua prima com irmãa, filha unica de ſeu tio Ruy Lourenço de Tavora. Foy Commendador de Valada, e de Padroens, e Entradas na Ordem de Chriſto, Governador da Torre Velha, Védor da Caſa das Rainhas D. Maria Sofia, e D. Maria Anna de Auſtria. Morreo a 2 de Outubro de 1725.

Caſou no anno de 1678, a 26 de Fevereiro, com D. Brites Franciſca de Mendoça, filha de Henrique de Souſa Tavares, I. Marquez de Arronches, Conde de Miranda, do Conſelho de Eſtado; e da Marqueza D. Marianna de Caſtro, como adiante ſe verá no Livro XIV. e deſte matrimonio tiveraõ a ſucceſſaõ ſeguinte:

* 20 D. DIOGO DE MENEZES, com quem ſe continúa.

20 D. HENRIQUE DE MENEZES naſceo a 17 de Novembro de 1680, foy Porcioniſta do Collegio de S. Pedro de Coimbra, em que foy aceito a 13 de Outubro de 1695. No tempo que era Vice-Rey do Eſtado do Braſil ſeu tio o Marquez de Angeja, paſſou D. Henrique à Bahia, onde eſteve algum tempo, e voltou para o Reyno. Teve alguns Beneficios Eccleſiaſticos, mas ſem Ordens Sacras. Faleceo a 17 de Mayo de 1732. Teve illegitima

21 D. FILIPPA DE MENEZES, que caſou com Bartholhomeu de Vaſconcellos da Cunha, filho de Troillo de Vaſconcellos da Cunha, Secretario da Junta dos Tres Eſtados, Fidalgo deſcendente

cendente dos de seu appellido na linha dos Commendadores do Seixo, de quem naõ tem até o presente successaõ.

20 D. Luiz de Menezes nasceo no primeiro de Novembro de 1682, e morreo menino.

20 D. Carlos Joseph Bento de Menezes nasceo em Lisboa a 21 de Março de 1684; estudou em Coimbra, onde foy Porcionista no Collegio de S. Pedro, em que foy aceito a 5 de Dezembro do anno de 1705; depois passou a Roma, onde residio naquella Curia algum tempo; foy Mestre Escola da Sé de Braga, e teve tres Beneficios Ecclesiastiacos, sem residencia, que todos largou, por casar com sua sobrinha D. Brites Josefa da Cunha e Mendoça em 21 de Janeiro de 1720; e he Védor da Casa da Princeza do Brasil: era filha herdeira de seu cunhado Pedro da Cunha de Mendoça, e de sua irmãa Dona Marianna Josefa de Menezes, como se dirá adiante, a qual morreo a 17 de Junho de 1728, deixando os filhos seguintes:

21 Pedro da Cunha de Mendoça nasceo a 3 de Dezembro de 1720.

21 Tristaõ da Cunha nasceo a 14 de Julho de 1723.

21 N. N. . . . . morreraõ de curta idade.

20 D. Marianna Josefa de Menezes nasceo em Lisboa a 21 de Janeiro de 1686, Dama do Paço, que morreo, sem tomar estado, no anno de 1706.

D.

20 D. Luiza Josefa de Menezes nasceo em Lisboa a 17 de Outubro de 1687, foy tambem Dama do Paço. Casou em 12 de Julho de 1702 com Pedro da Cunha de Mendoça, Senhor da Villa de Valdige, Commendador das Commendas de Santa Maria de Tondella, Bispado de Viseu, Santa Maria de Carresso, S. Pedro de Morufe, S. Salvador do Campo no Arcebispado de Braga, todas da Ordem de Christo: servio na guerra com distinçaõ, e occupou varios póstos, e ultimamente o de General de Batalha; foy nomeado Governador das Minas, que naõ aceitou; foy Veador da Casa da Rainha Dona Maria Anna de Austria, e morreo a 11 de Março de 1731. Era filho de Tristaõ da Cunha, Governador de Angola, Mestre de Campo General da Provincia de Traz os Montes, que governou, e de sua mulher Dona Joanna Luiza de Mendoça, filha de Pedro de Mello, do Conselho de Guerra, Governador do Rio de Janeiro. Ficou Pedro da Cunha viuvo em 25 de Setembro do anno de 1707, e casou segunda vez com D. Josefa de Castro sua prima segunda, filha de Garcia de Mello, Monteiro môr do Reyno, do Conselho de Estado, Presidente do Paço, &c. de quem naõ teve successaõ, e de sua primeira mulher teve a seguinte:

21 D. Brites Josefa da Cunha de Mendoça casou com seu tio D. Carlos Joseph Bento de Menezes, Védor da Casa da Princeza do Brasil, como fica dito.

D.

21 D. THERESA LUIZA DE MENDOÇA, que morreo de curta idade.

20 D. THERESA JOSEFA DE MENEZES nasceo a 2 de Abril de 1689, casou com Manoel Ignacio da Cunha, Senhor do Morgado de Payo Pires, como se disse no Capitulo III. pag. 626 do Tomo X.

20 D. ISABEL JOSEFA DE MENEZES, he Religiosa Carmelita Descalça no Mosteiro da Conceiçaõ dos Cardaes, Padroado da sua Casa.

20 D. DIOGO DE MENEZES E TAVORA nasceo em Lisboa a 19 de Setembro de 1679. Succedeo na Casa por morte de seu pay: he Commendador de Santa Maria de Valada na Ordem de Christo, Alcaide mòr de Silves, foy Veador da Casa da Rainha D. Maria Anna de Austria, e he seu Estribeiro môr: servio em toda a guerra, foy prisioneiro na batalha de Almança, em que recebeo huma ferida de huma balla no braço direito, procedendo sempre como devia ao seu illustre nascimento: foy Tenente das Guardas de seu tio o Conde de Villa-Verde, depois Marquez de Angeja, Capitaõ de Cavallos: foy nomeado Coronel de hum Regimento de Cavallaria, e pela lesaõ do braço, se achou impossibilitado a continuar a vida militar.

Casou em o primeiro de Junho de 1711 com D. Maria Barbara de Breiner, Dama da dita Rainha, com quem passou de Alemanha a Portugal; receberaõ-se em publico no Paço, em que teve as honras de Dama, jantando com os Reys à mesa, ceremonia que havia

muitos annos se naõ praticara, e he de muita estimaçaõ em Hespanha, onde se observava, antes que houvesse Damas casadas: he filha de Filippe Ignacio, Conde de Breiner, e de Maria Isabel, Condessa de Breiner, filha de Ernesto Federico, Conde de Breiner, e de Maria Isabel, Condessa de Nathaffht, de Weremberg, filha de Joaõ Henrique, Conde de Nathaflht, Baraõ de Weremberg, e de Maria Leonor de Zizendorff, filha de Jorge, Senhor de Zizendorff; e neta de Fernaõ Ernesto, Conde de Breiner, e de Clara Cecilia de Nogarola, filha de Fernando, Conde de Nogarola, e da Condessa Anna Maria de Hosemburg, segunda neta de Segefrido Christovaõ, Baraõ de Breiner, Cavalleiro do Tusaõ, e de Anna Isabel, Baroneza de Harrach, filha de Leonardo, Baraõ livre de Harrach, e de Maria Jacoba do Hohenzollern, filha de Carlos, Conde de Hohenzollern, e de Anna Marqueza de Baden, filha de Ernesto Marquez de Baden, que tendo nascido a 7 de Outubro de 1482, lhe coube em partilha Pfortzheim, o Marquezado de Hochberg, com os Senhorios de Susemberg, e Badenweiller, e de Rothelin, e deu principio à linha de Bade-Durlach; abraçou a Religiaõ Protestante, e morreo a 6 de Fevereiro de 1553, (era filho de Christovaõ, Marquez de Baden, e neto de Carlos, Marquez de Baden, e de Anna de Austria, irmãa do Emperador Federico III. filhos de Ernesto, Archiduque de Austria) e de sua primeira mulher Isabel de Brandebourg, filha de Federico, Marquez de Brandebourg, e de sua mulher

Ritthershusio, *Tab. B.* pars I.
Spenero, *Theatrum Nobilitatis*, part. IV. *Tab. XVII.*
Hubner. tom. 3. *Tab.* 829.

mulher Sofia, Princeza de Polonia, filha de Casimiro, Rey de Polonia, que morreo no anno de 1492, e da Rainha Isabel de Austria, filha de Alberto II. Emperador dos Romanos, que morreo no anno de 1505. Desta alliança, que a Casa de Breiner fez com a de Harrach, quizemos produzir huma linha taõ esclarecida, como a que tem os Soberanos de Baden; porque lhe entrou o Real sangue de Austria, em cujo serviço tanto se empregou esta Familia. Deste illustre matrimonio tem os filhos seguintes:

21 D. MARIA JOSEFA DE MENEZES nasceo a 14 de Mayo de 1712, casou com D. Diogo de Faro e Sousa, III. Conde do Vimieiro, como fica escrito no Capitulo X. do Livro VIII. Parte IV. pag. 663 do Tomo IX.

21 DOM JOSEPH DE MENEZES nasceo a 9 de Dezembro de 1713; servio de Moço Fidalgo no Paço, e foy hum dos nomeados para assistir a ElRey D. Joaõ V. no anno de 1729, quando passou à Provincia de Alentejo, na occasiaõ dos reciprocos casamentos das Princezas do Brasil, e Asturias; depois servindo na Infantaria, he Capitaõ em hum dos Regimentos da guarniçaõ da Corte. No anno de 1743 passou à Corte de Vienna com faculdade Real, onde a Rainha de Hungria Maria Theresa de Austria lhe fez especiaes honras, e lá casou a 15 de Abril de 1744 com Luiza Gonzaga, Condessa de Rappach, que nasceo a 21 de Julho de 1723; e voltando a Portugal, a Rainha D. Maria Anna de Austria a fez sua

Dama Camariſta; he filha de Carlos Adolfo, Conde de Rappach, Camereiro da Rainha de Hungria, e Governador da Fortaleza de Kopfſtain no Tirol, e de ſua mulher a Condeſſa Luiza Antonia de Lamberg, irmãa de Franciſco Antonio, que naſceo a 30 de Setembro de 1678, Principe de Lamberg, Cavalleiro de S. Huberto, Camereiro môr, e General ſupremo das Armas do Emperador, Eſtribeiro môr hereditario do Ducado de Carniole, e de Windisch Marck, Camereiro môr, e Caçador môr do Paiz Auſtriaco ſobre o Ens; e de Joſeph Domingos Franciſco Kilian, que naſceo no anno de 1680, Conego de Paſſau, Biſpo de Seckau, e depois Biſpo de Paſſau em 2 de Janeiro de 1723, a quem o Papa mandou o Palio no anno de 1728 a 29 de Outubro, ultimamente Cardeal da Santa Igreja Romana, creado a 20 de Dezembro de 1737, do titulo *de S. Pedro in Montorio*; e filhos de Franciſco Joſeph, Conde de Lamberg, Baraõ de Otteneg, e de Ottenſtein, Senhor de Ancerano, que naſceo no anno de 1637. Foy Cavalleiro do Tuſaõ de Ouro, Conſelheiro de Eſtado do Emperador, Miniſtro das Conferencias, Capitaõ ſupremo da Auſtria Superior, e Principe do S. R. I. feito no anno de 1711, irmaõ de Joaõ Filippe, Conde de Lamberg, que naſceo a 26 de Mayo de 1651, Biſpo de Paſſau, e Cardeal da Santa Igreja Romana, creado pelo Papa Innocencio XII. a 25 de Junho de 1700, Commiſſario principal do Emperador à Dieta Geral do Imperio no anno de 1701. Morreo a 20 de Outu-

Outubro de 1712. Morreo o Principe Francisco Joseph a 2 de Novembro de 1712, havendo casado com a Condessa Anna Maria de Trautmandorff, filha de Adam Mathias, Conde de Trautmandorff, e tendo daquella uniaõ vinte e nove filhos.

21 D. MARIANNA JOSEFA DE MENEZES nasceo a 2 de Mayo de 1715, Religiosa de S. Theresa no Mosteiro dos Cardaes, onde faleceo no anno de 1740.

21 D. THERESA JOSEFA DE MENEZES nasceo a 17 de Novembro de 1716, e tendo cumprido sete annos, tomou o habito de Santa Theresa no Mosteiro dos Cardaes, onde he Religiosa.

21 D. ISABEL JOSEFA DE BREINER E MENEZES nasceo a 14 de Abril de 1717, casou com Francisco de Mello, Senhor de Ficalho, de quem a pag. 627 do Tomo IX. se fez mençaõ.

21 D. MARIA ANTONIA DA CONCEIÇAÕ DE MENEZES nasceo a 8 de Dezembro de 1719. Casou a 10 de Janeiro de 1745 com Fernando de Sousa Coutinho, III. Conde de Redondo, como diremos no Livro XIV.

21 D. FRANCISCO XAVIER JOSEPH DE MENEZES E BREINER nasceo a 28 de Julho de 1724, he Conego da Basilica da Santa Igreja Patriarcal.

21 D. ANTONIO DE MENEZES nasceo a 13 de Julho de 1726, e morreo de tenra idade.

* 18 D. ELENA DE TAVORA, que faleceo em Agosto de 1720, filha segunda do Morgado de Oliveira Luiz Francisco, e de sua mulher D. Luiza de

Tavora.

Tavora. Caſou duas vezes, a primeira com ſeu tio Ruy Lourenço de Tavora, irmaõ de ſua mãy, Senhor do Morgado da Torre de Caparica, Meſtre de Campo do Terço novo de Lisboa, com o qual ſe achou no aſſalto, que os noſſos deraõ a Badajoz, em que foy morto em 19 de Mayo do anno de 1657, e foy ſua ſegunda mulher, e naõ tiveraõ filhos. Caſou ſegunda vez com Henrique Carvalho de Souſa Patalim, Senhor da Azambugeira, Commendador de Santa Maria de Seiva, Santa Eulalia, S. Pedro de Aguiar, Juncal, e Pias, na Ordem de Chriſto, Provedor das Obras delRey, que tendo ſervido na guerra ſendo Capitaõ de Couraças, acabou deſgraçadamente em huma briga, que teve com D. Luiz de Lencaſtre, depois Conde de Villa-Nova, onde foy morto barbaramente por hum Lacayo, eſtando brigando com ſeu Amo. Deſte matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes:

19 Gonçalo Joseph Carvalho Patalim de Sousa, que ſuccedeo nos Morgados, e Caſa de ſeu pay, foy Senhor da Azambugeira, Provedor das Obras dos Paços, e Caſas Reaes, Commendador de S. Pedro de Aguiar na Ordem de Chriſto, Capitaõ de Cavallos na Corte. Morreo de bexigas em 30 de Agoſto de 1698, tendo caſado em França no anno de 1694, a 9 de Agoſto, com Maria Clara de Bretanha, de quem naõ teve ſucceſſaõ; e ella depois de alguns annos de viuva, no anno de 1703 *paſſou* a França, e caſou a 19 de Novembro de 1704 com Carlos

Carlos Roger, Principe de Courtenay, Conde de Cesy, Senhor de Chevillon, de Blencau, de Treuville, e de Briant, descendente por varonía legitima de Pedro de França, Senhor de Courtenay, &c. setimo filho de Luiz o *Grosso*, Rey de França, e da Rainha Adelayda de Saboya. Era filha de Claudio de Bretanha, Marquez de Avaugour, Conde de Vertus, e de Goello, Senhor de Cliffon, de Ingrande, de Chantoce, e de Montfaucon, que morreo a 7 de Março de 1669, e de sua mulher Judith Anna de Lievre, filha de Thomás de Lievre, Marquez de la Grange Fourilhe, e Uriel, primeiro Presidente no Graõ Conselho, e neta de Claudio de Bretanha, Conde de Vertus, Governador de Rennes, descendente por varonía dos Duques Soberanos de Bretanha, cujo Ducado se aggregou à Coroa de França pelo casamento de Anna de Bretanha, (filha de Francisco II. do nome, Duque de Bretanha, que morreo a 9 de Setembro de 1488, e de sua segunda mulher a Duqueza Margarida de Foix, filha de Gastaõ, Conde de Foix) a qual casou duas vezes, a primeira com Carlos VIII. Rey de França, que morreo a 7 de Abril de 1498, sem deixar successaõ, por serem mortos os filhos, que houve deste matrimonio; e a Rainha casou segunda vez com Luiz XII. Rey de França, e foy sua segunda mulher, de quem nasceo Claudia de França, mulher delRey Francisco I. de França, de quem foy filho, e successor ElRey Henrique II. que unio o Ducado de Bretanha para sempre à Coroa,

P. Anselmo, *Hist. Gen.* cap. 17. §. 4. pag. 504. Imhoff, *Excel. Famil. in Galia.* Tab. 7. e 28. O P. Anselmo, *Hist. Gen. de França*, tom. I. cap. 16. §. 2. pag. 472.

Coroa, ſupprimindo todos os Officiaes do Ducado; erigio hum Parlamento, e depois deſte tempo ficou inſeparavel membro do corpo dos Eſtados de França.

19 D. LUIZA FRANCISCA DE TAVORA, que foy Dama da Rainha D. Maria Sofia, e caſou com D. Joaõ Joſeph da Coſta, III. Conde de Soure, e por morte de ſeu irmaõ ſuccedeo em toda a Caſa, e Morgados, que elle teve, ſobre que lhe moveo demanda ſeu tio Lourenço Pires de Carvalho, Commiſſario Geral da Bulla daCruzada, que com a ſua morte deu eſta mal intentada acçaõ fim. A ſucceſſaõ que tiveraõ os Condes de Soure, já temos referido no Capitulo IV. §. IV. do Livro X. pag. 671 do Tomo X.

19 D. MAGDALENA DA GLORIA, Religioſa na Eſperança de Lisboa, muy entendida, diſcreta, e applicada, como teſtemunhaõ as diverſas Obras, que tem compoſto, que a ſua modeſtia imprimio com o nome de D. Leonarda Gil da Gama, a ſaber: *Brados do Deſengano contra o profundo ſono do eſquecimento*, I. e II. Parte. *Aſtro Brilhante em novo Mundo, Novena de Santa Roſa de Santa Maria, Epitome da ſua Vida. Aguia Real, Fenix abrazado, Vida de Santo Agoſtinho. Orbe Celeſte.*

* 18 D. IGNEZ ANTONIA DE TAVORA, filha terceira de Luiz Franciſco, Senhor do Morgado de Oliveira, a qual depois de viuva, foy Dama da Rainha da Grãa Bretanha. Litigou a Caſa de Oliveira em nome de ſeu filho, cuja cauſa durou muitos annos;

nos; e depois de varias ſentenças, melhorou na Reviſta, em que lhe julgaraõ os Morgados de Oliveira, e Val de Sobrados, em nome dos filhos, que ſucceſſivamente lhe foraõ naſcendo, tirando-os a Chriſtovaõ de Almada, a quem foraõ julgados primeiro, e eſtava de poſſe.

Caſou com Joaõ de Saldanha, Senhor do Morgado de Barquerena, e Quinta da Azinhaga, Commendador de S. Martinho de Santarem, da Torre, e Santa Maria de Africa, na Ordem de Chriſto; e tendo ſervido no Paço à Rainha D. Iſabel de Borbon, depois em Africa, achou-ſe na Acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ IV. a quem ſervio na guerra, em que occupou varios póſtos: era Meſtre de Campo na batalha de Montijo; neſta, e em outras occaſioens de honra ſe diſtinguio: foy Tenente General da Cavallaria da Provincia da Beira, que governou, e ultimamente Governador das Armas de Setuval, e Deputado da Junta dos Tres Eſtados. Deſte matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes:

19 FERNAÕ DE SALDANHA morreo de tenra idade.

19 LUIZ DE SALDANHA, que tambem morreo menino.

19 MANOEL DE SALDANHA, que morreo menino.

* 19 ANTONIO DE SALDANHA DE OLIVEIRA E SOUSA, com quem ſe continúa.

19 JACINTHO DE SALDANHA.

19 BERNARDINO DE SALDANHA, que morreo ſem eſtado.

19 D. JOANNA LUIZA DE NORONHA, ſegunda mulher de Manoel de Sampayo, X. Senhor de Villa-Flor, e Chacim, Villas-Boas, e outros Lugares, Alcaide mór de Moncorvo, Commendador na Ordem de Chriſto, de quem naſceo unico

FRANCISCO JOSEPH DE SAMPAYO, XI. Senhor de Villa-Flor, &c. e a ſua ſucceſſaõ já fica referida no Capitulo XIII. do Livro X. pag. 870 do Tomo X.

* 19 D. LUIZA IGNEZ DE TAVORA caſou com Ayres de Saldanha e Souſa, de quem ſe tratará adiante.

19 D. HELENA DE LENCASTRE, foy Religioſa de Santa Thereſa.

19 D. MARIA . . . . foy Religioſa da Ordem de S. Domingos no Moſteiro do Sacramento de Lisboa.

19 FR. DIOGO DE SALDANHA, illegitimo, da Ordem dos Prégadores.

* 19 ANTONIO DE SALDANHA DE OLIVEIRA E SOUSA naſceo em 1658, e foy bautizado a 4 de Setembro, filho quarto: foy o que por morte de ſeus irmãos ſuccedeo na Caſa, e Morgados de Oliveira, e Val de Sobrados, e nas Commendas, e Morgados, que teve ſeu pay. Morreo em o primeiro de Abril de 1706, ſendo Coronel dos Privilegiados da Corte. Caſou com D. Luiza de Tavora ſua prima com irmãa,

mãa, que morreo em 1722, filha de Dom Diogo de Menezes, e de D. Maria de Oliveira, e teve os filhos seguintes:

* 20 JOAÕ PEDRO DE SALDANHA DE OLIVEIRA E SOUSA, como adiante se dirá.

20 DIOGO DE SALDANHA, teve o exercicio de Moço Fidalgo, e depois o accrescentamento a Fidalgo Escudeiro com 2500 reis de moradia, que depois competio a seu filho. Morreo em Julho de 1712. Casou com D. Josefa Maria Margarida Pereira, filha que veyo a ser herdeira de Gaspar de Abreu de Freitas, Desembargador da Casa da Supplicaçaõ, do Conselho de Sua Magestade, e da sua Fazenda, Commendador na Ordem de Christo, que foy Enviado em as Cortes de Hollanda, e Roma, e ultimamente Embaixador na de Inglaterra; e de sua segunda mulher D. Joanna Pereira, irmãa de Antonio de Basto Pereira, que depois de ter servido diversos lugares, foy Secretario de Sua Magestade, e do seu Conselho, e do da Fazenda, e Secretario da Rainha D. Maria Anna de Austria, Juiz da Inconfidencia, Chanceller da Relaçaõ, e servio muitos annos de Regedor; filhos de Luiz Gomes de Basto, Desembargador do Paço, do Conselho delRey: a qual ficando viuva, casou segunda vez com Caetano Cabral de Menezes, irmaõ de Pedralves Cabral, Senhor de Azurara, Alcaide mór de Belmonte, que foy Plenipotenciario na Corte de Castella, de quem naõ ficou successaõ; e ella morreo em Março de

1728. De ſeu primeiro marido teve a ſeguinte:

21 ANTONIO DE SALDANHA DE OLIVEIRA E SOUSA naſceo a 3 de Abril de 1710; ſuccedeo tambem em hum Morgado, que teve ſeu pay, por filho ſegundo da Caſa de ſeus avós.

Caſou em Evora em o primeiro de Mayo de 1730 com D. Franciſca Antonia de Azeredo Corte-Real, onde havia naſcido em Mayo de 1716, filha herdeira de Manoel Correa de Azeredo, Fidalgo da Caſa Real, que depois de viuvo ſeguio a vida Eccesiaſtica, e he actualmente Deaõ da Sé de Evora; e de ſua mulher D. Marianna da Fonſeca Peſtana, de quem tem até ao preſente, além de dous filhos, que morreraõ de curta idade,

22 D. MARIANNA DE SALDANHA DE AZEREDO E TAVORA, que naſceo a 11 de Julho de 1731.

22 D. ANNA JERONYMA DE SALDANHA DE AZEREDO E TAVORA naſceo a 30 de Abril de 1732.

22 D. JOSEFA DE SALDANHA AZEREDO E TAVORA, que naſceo a 4 de Outubro de 1737.

20 JOAÕ PEDRO DE SALDANHA DE OLIVEIRA, foy XIV. Morgado de Oliveira, e Senhor das mais Caſas, e Commendas, que teve ſeu pay, Commendador na Ordem de Chriſto; faleceo a 19 de Julho de 1732.

Caſou a primeira vez em 20 de Agoſto de 1708 com D. Marianna de Noronha, Dama do Paço, e *filha* de Joaõ de Saldanha e Albuquerque, do Conſelho de Guerra, Preſidente do Senado da Camera, Tenente

Gene-

General da Artilharia do Reyno; e de sua mulher D. Catharina Coutinho, filha de D. Pedro Coutinho, Commendador de Almourol; e morreo no anno de 1714 sem successaõ. Casou segunda vez em 3 de Março de 1715 com Dona Ignez Antonia da Sylva, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, filha de Bernardo de Vasconcellos e Sousa, e de D. Maria Magdalena de Portugal sua mulher, como já dissemos no Capitulo IV. do Livro X. pag. 614 do Tomo X. a qual morreo a 9 de Outubro de 1727, deixando os filhos seguintes:

21 ANTONIO DE SALDANHA, com quem se continúa.

21 BERNARDO DE SALDANHA nasceo em 29 de Janeiro de 1718, e morreo no anno de 1724.

21 DOMINGOS DE SALDANHA nasceo no anno de 1719, e faleceo no anno de 1725.

21 D. IGNEZ MARIA DE SALDANHA nasceo a 20 de Janeiro de 1723, Dama do Paço.

21 D. LUIZA DE SALDANHA nasceo a 4 de Junho de 1724.

21 D. DOMINGAS DE SALDANHA nasceo a 16 de Março de 1726.

21 D. FRANCISCA DE ASSIZ DE SALDANHA nasceo em Setembro de 1727.

Casou terceira vez em 19 de Fevereiro de 1730 com D. Maria Antonia Henriques, filha de André Lopes de Lavre, Senhor do Reguengo de Carvoeira, Commendador de Santa Margarida da Matta na Ordem

de

de Christo, Alcaide môr de Serolico, e Secretario do Conselho Ultramarino, e de sua mulher D. Briolanja Henriques, filha de Simaõ da Costa Freire, Senhor de Pancas, de quem naõ teve filhos.

* 21 ANTONIO DE SALDANHA DE OLIVEIRA nasceo em 2 de Dezembro de 1716 mudo, porém com tal advertencia, e viveza, que percebe, e se explica com singularidade. Succedeo na Casa, he Morgado de Oliveira, Commendador de Santa Maria de Africa, de S. Martinho de Santarem, e Santa Maria da Torre na Prelazia de Thomar, todas na Ordem de Christo. Casou em o primeiro de Mayo de 1736 com D. Constança de Portugal sua prima com irmãa, Dama do Paço, filha de Dom Luiz de Portugal, e de D. Ignacia de Rohan, Dama do Paço, como se disse a pag. 242 do Tomo IX. de quem tem

22 D. IGNACIA DE SALDANHA, que nasceo a 29 de Abril de 1741.

22 JOSEPH DE SALDANHA, que nasceo a 15 de Março de 1744.

* 19 D. LUIZA IGNEZ DE TAVORA, filha segunda de Joaõ de Saldanha, e de D. Ignez Antonia de Tavora, foy Dama do Paço.

Casou com Ayres de Saldanha de Menezes e Sousa, que servio na guerra de Alentejo com reputaçaõ, e occupou varios póstos; e sendo Capitaõ de Cavallos, se achou na batalha do Ameixial, e na restauraçaõ de Evora; e depois sendo Mestre de Campo de hum

Terço

Terço de Infantaria, se achou com elle no sitio, e tomada de Valença de Alcantara; e no anno de 1665 na batalha de Montes-Claros, onde com louvavel valor, se naõ quiz retirar, estando taõ mal ferido, que ainda depois de curado padeceo continuo embaraço. Celebrada a paz com Castella, foy Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira; depois dos Reynos de Angola, e do Algarve; e no anno de 1701 Governador das Armas de Setuval, e ultimamente do Conselho de Guerra. Era filho de Luiz de Saldanha, Commendador de Salvaterra, e Alcains na Ordem de Christo, Védor da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ, e de D. Violante de Mendoça sua segunda mulher, filha de Ayres de Sousa de Castro, Commendador de Alpedrinha, e Rio-Mayor na Ordem de Aviz, e de D. Leonor Manrique; e tiveraõ entre outros filhos, que morreraõ de curta idade, os seguintes:

Portugal Restaurado, liv. 10. pag. 724.

* 20 JOSEPH DE SALDANHA DE MENEZES E SOUSA, com quem se continúa.

20 D. IGNEZ JOSEFA DE TAVORA nasceo no anno de 1686, foy bautizada a 9 de Março. Casou com D. Pedro de Almeida de Lencastre, como adiante se verá no Capitulo XXIII.

20 D. VIOLANTE DE TAVORA, que he Religiosa de Santa Theresa no Mosteiro da Conceiçaõ dos Cardaes em Lisboa.

* 20 JOSEPH DE SALDANHA DE MENEZES E SOUSA, succedeo a seu pay, e he Commendador de Santo

Santo Eusebio de Aguiar da Beira na Ordem de Christo, e possuidor de hum Morgado em Lisboa com a Capella do Santo Crucifixo na Igreja da Graça, e de outro em Santarem na Capella da Collegiada da dita Villa.

Casou em 13 de Junho de 1710 com D. Victoria de Lencastre, Dama da Rainha Dona Maria Anna de Austria, filha de D. Bernardo de Noronha, e de D. Maria Antonia de Almada, Senhora de Carvalhaes, Ilhavo, Arcos, &c. filha herdeira de Christovaõ de Almada, Senhor das referidas terras, &c. de quem tem unico

21 AYRES BENTO DE SALDANHA nasceo a 21 de Março de 1711, que he Capitaõ de Infantaria em hum dos Regimentos da Corte. Casou em 13 de Junho de 1737 com D. Maria Herculana Mascarenhas, filha dos II. Condes de Coculim, como dissemos no Capitulo V. do Livro VI. pag. 246 do Tomo V.

* 17 D. MAGDALENA DE LENCASTRE, filha primeira de Martim Affonso de Oliveira, Senhor do Morgado de Oliveira, e de D. Helena de Lencastre, como dissemos.

Casou com Ruy Fernandes de Almada, Senhor de Carvalhaes, Ilhavo, Verdemilho, Avelans, e Ferreiros, com os seus Padroados, Provedor da Casa da India, Commendador de S. Miguel de Rio de Moinhos na Ordem de Christo, Deputado da Junta dos Tres Estados, Presidente do Senado da Camera de Lisboa, Gentil-homem da Camera delRey D. Pedro II. sendo

sendo Infante. Faleceo no anno de 1678. E deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

* 18 CRHISTOVAÕ DE ALMADA, com quem se continúa.

18 MARTIM AFFONSO DE ALMADA, que foy Porcionista no Collegio de S. Pedro na Universidade de Coimbra, em que entrou a 15 de Dezembro de 1653. Foy Conego da Sé de Lisboa. Morreo de bexigas, sendo muito moço.

18 ANTONIO LUIZ DE ALMADA, morreo moço, sem estado.

* 18 CHRISTOVAÕ DE ALMADA, succedeo por morte de seu pay na sua Casa, e foy Senhor de Carvalhaes, e mais terras, Commendador de Rio de Moinhos, Provedor da Casa da India, Gentil-homem da Camera do Infante D. Pedro, depois Rey, Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ, e alguns annos Senhor do Morgado de Oliveira, em virtude da Sentença, que alcançou contra sua prima com irmãa D. Maria de Oliveira; e depois de dilatadas demandas, se lhe tirou por Sentença de Revista, dada no anno de 1671, em que se julgou este Morgado, e o de Val de Sobrados annexo a elle, em virtude das instituições, ao filho varaõ de sua prima Dona Ignez Antonia de Tavora, por ser mais proximo ao ultimo possuidor, e já gerado ao tempo da sua morte. Por morte da Condessa de Vimioso Dona Maria Margarida de Castro e Albuquerque, Senhora da Casa de Basto, pertendeo succeder nella; e depois de

largos annos lhe foy ſentenciada: porém nos Embargos, depois da ſua morte, foy tirada a ſeu neto, e conſervado na poſſe o Marquez de Valença, Conde de Vimioſo D. Franciſco de Portugal, a quem de todo foy ultimamente julgada na denegaçaõ de Reviſta no anno de 1726, como ſe diſſe a pag. 781 do Tomo X. Foy muy cortezaõ, e eſtimado na Corte, verſado nas ceremonias, e etichetas do Paço, que ninguem entendeo no ſeu tempo melhor do que elle, de ſorte que era archivo vivo, para as duvidas, que occorriaõ; muy fino na amiſade, animado de grande coraçaõ, ſem que ſe dominaſſe da ambiçaõ, em extremo aceado, ſem nimiedade, de agradavel converſaçaõ, e em tudo generoſo, e magnifico, em que imitou muito a ſeu pay. ElRey noſſo Senhor fez delle grande eſtimaçaõ, e na ſua doença, paſſando pela ſua porta algumas vezes, hindo a viſitar a ſagrada Imagem da Virgem Santiſſima com o titulo das Neceſſidades, mandava ſaber delle do meſmo coche, com eſpecial benignidade, demonſtradora do muito, que o attendia, e eſtimava; pois elle lhe tinha aſſiſtido deſde o ſeu naſcimento, até que ſobio ao Throno, ſendo Veador da Rainha D. Maria Sofia, e antes da Rainha Dona Maria Franciſca. Finalmente cheyo de annos, no que contava oitenta e hum, morreo a 9 de Agoſto de 1713, e foy enterrado no ſeu Jazigo na Fregueſia de Santa Catharina de Lisboa. Caſou duas vezes, a primeira com D. Luiza de Eça Corte-Real ſua prima com irmãa, Senhora do Morgado

gado dos Eças em Azeitaõ, e de Marim no Algarve, filha herdeira de Dom Joaõ de Eça Corte-Real, Senhor dos referidos Morgados, Commendador na Ordem de Christo, e de D. Brites de Lencastre sua mulher, filha de Martim Affonso de Oliveira, Senhor do Morgado de Oliveira, e tiveraõ os fihos seguintes:

19 RUY LUIZ FERNANDES DE ALMADA E EÇA, que succedeo por morte de sua mãy nos seus Morgados, e na Casa de seu avô materno; porém morreo moço, sem idade de poder tomar estado.

19 D. JOAÕ DE EÇA DE ALMADA,

19 D. BRITES DE LENCASTRE,

19 D. MAGDALENA DE LENCASTRE, que todos morreraõ meninos.

19 D. DIOGO DE EÇA DE ALMADA,

19 LUIZ DE ALMADA,

19 FRANCISCO DE ALMADA, que todos morreraõ tambem em curta idade.

Casou segunda vez no anno de 1667 com D. Filippa Maria de Mello sua sobrinha, filha primeira de Dom Luiz de Almada, Senhor de Pombalinho, &c. e de D. Luiza de Menezes sua mulher, como deixamos escrito no Capitulo IV. do Livro X. pag. 617 do Tomo X. e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

* 19 D. MARIA ANTONIA DE ALMADA, com quem se continúa.

19 D. IGNEZ MARGARIDA DE LENCASTRE casou com D. Vasco Lobo da Sylveira, II. Conde de

Oriola, IX. Baraõ de Alvito, e da ſua ſucceſſaõ ſe dirá adiante.

19 D. ISABEL, ⩵ D. MARGARIDA, ⩵ LUIZ DE ALMADA, ⩵ RUY FERNANDES DE ALMADA, morreraõ todos meninos.

Teve Baſtardos.

19 LUIZ DE ALMADA, havido em Maria Rolim, irmãa de Franciſco Barques Rolim, Cavalleiro na Ordem de Chriſto, e filhos de Joaõ Barques Rolim, e de Maria da Mota; eſtudou em Coimbra, e depois de formado foy Clerigo, e Abbade da Igreja da Alfandega da Fé, e depois Prior de S. Miguel de Oliveira de Barro, ambas do Padroado Real, donde paſſou a Prior de S. Salvador de Ilhavo, Igreja de grande renda, Padroado da Caſa de ſeu pay; a qual renunciou, tirando huma penſaõ de dous mil e quinhentos cruzados cada anno, e teve outros Beneficios Eccleſiaſticos. Foy Deaõ da Capella Real, e Deputado do Santo Officio de Lisboa, em que entrou a 23 de Fevereiro do anno de 1708; e ultimamente nomeado Prior môr de Aviz a 15 de Julho de 1709, e tomou o habito na Igreja da Encarnaçaõ das Religioſas da meſma Ordem a 22 de Junho do anno ſeguinte, que lho lançou o Prior da dita Igreja Fr. Joaõ Baracho, e aſſiſtentes Fr. Miguel Barboſa Carneiro, entaõ Juiz Geral das Ordens, Deſembargador da Relaçaõ, e Deputado do Santo Officio, depois Deputado da Meſa da Conſciencia, e Ordens, e Fr. Bento Guarda Rios, Secretario do Infante D.

Fran-

Francisco. Morreo em Lisboa a 8 de Abril do anno de 1720, tendo governado com prudencia, e tal urbanidade, que deixou entre os seus Freires saudosa memoria.

19 FRANCISCO DE ALMADA, Religioso da Ordem de S. Bernardo no Mosteiro de Alcobaça.

19 D. ANGELA DE ALMADA, Freira em Santa Clara de Coimbra.

19 D. MARIA VICTORIA DE ALMADA, Freira em Santa Clara de Lisboa, onde foy Abbadessa.

19 JOSEPH DE ALMADA, Cavalleiro da Ordem de Christo, passou a servir à India, onde morreo em huma expediçaõ militar.

19 DONA ANTONIA DE ALMADA.

19 DONA MAGDALENA DE ALMADA,

19 JOSEPH DE SOUSA DE ALMADA, que nasceo no anno de 1702, e foy bautizado a 19 de Março na Freguesia de Santos. Faleceo, e outros, que morreraõ meninos, havidos todos estes filhos em diversas mãys.

* 19 D. MARIA ANTONIA DE ALMADA, foy Senhora de Carvalhaes, Ilhavo, Verdemilho, Avelans, Ferreiros, e das mais terras, e Padroados da Casa de seu pay, em que succedeo por sua morte, a qual faleceo em Azeitaõ a 2 de Julho de 1720. Casou com D. Bernardo de Noronha, filho segundo de D. Thomás de Noronha, III. Conde dos Arcos, do Conselho de Estado, Presidente do Conselho Ultramarino, Gentil-homem da Camera do Principe D.

Theo-

Theodosio, Commendador de Santa Maria de Val Longo na Ordem de Christo, e de sua segunda mulher D. Magdalena de Borbon, Dama do Paço, e irmãa do II. Conde dos Arcos, de quem veyo a ser herdeira; e filha de D. Luiz de Lima Brito e Nogueira, I. Conde dos Arcos, feito no primeiro de Novembro de 1619, e VIII. Visconde de Villa-Nova da Cerveira, Alcaide mòr de Ponte de Lima, e Senhor dos Morgados de Santo Estevaõ de Béja, e S. Lourenço de Lisboa, e muitas terras na Provincia do Minho, Gentil-homem da Camera delRey Filippe IV. que morreo a 24 de Julho de 1647. Estudou Canones em Coimbra, e foy Porcionista do Collegio Real de S. Paulo daquella Universidade: naõ seguio as letras por este casamento; e morreo em Lisboa apressadamente a 7 de Março de 1704, deixando a successaõ seguinte:

20 CHRISTOVAÕ DE ALMADA, que morreo menino.

* 20 FRANCISCO DE ALMADA, Senhor de Carvalhaes, &c. com quem se continúa.

20 D. MAGDALENA DE BORBON, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, casou com Joseph de Mello, Porteiro mòr, como se dirá adiante.

20 D. THERESA DE NORONHA, Dama da mesma Rainha. Casou a 17 de Julho de 1714 com Antonio de Mendoça seu sobrinho, filho herdeiro de Tristaõ de Mendoça, Commendador de Avanca na Ordem de Christo, que servio na guerra, sendo Tenente

nente General da Cavallaria; e de sua segunda mulher D. Violante Henriques, filha de D. Lourenço de Almada, Senhor de Pombalinho, e Mestre-Salla de Sua Magestade: porém naõ lhe ficando desta uniaõ filhos, por elle morrer moço, casou depois com Sebastiaõ Joseph de Carvalho e Mendoça, Enviado Extraordinario na Corte de Londres; e ella faleceo a 21 de Março de 1739, tambem sem successaõ deste segundo matrimonio.

20 D. VICTORIA EUFEMIA DE LENCASTRE nasceo em 1690, bautizada a 22 de Abril, que tambem foy Dama da mesma Rainha, e casou com seu primo Joseph de Saldanha, como fica dito.

20 D. LUIZA DE NORONHA nasceo no anno de 1691, foy bautizada em Santos a 3 de Dezembro, Freira no Mosteiro de Santa Clara de Lisboa.

20 D. FILIPPA DE NORONHA morreo menina.

20 D. ANNA DE NORONHA, Freira de Santa Theresa no Mosteiro de Santo Alberto de Lisboa.

20 D. ISABEL DE NORONHA, Freira em Santa Clara de Lisboa, onde professou a 15 de Agosto de 1711.

20 D. ANTONIA DE NORONHA, Freira no mesmo Mosteiro.

20 D. MARIA ANTONIA DE ALMADA, Freira tambem em Santa Clara de Lisboa.

* 20 FRANCISCO DE ALMADA nasceo em Agosto do anno de 1700; por morte de sua mãy herdou a Casa de seu avô, e foy Senhor das Villas de Carvalhaes,

lhaes, Ilhavo, Verdemilho, Avelans, e Ferreiros, e dos ſeus Padroados, Provedor da Caſa da India, Commendador de S. Miguel de Rio de Moinhos, Védor da Caſa da Rainha D. Maria Anna de Auſtria, e Coronel de hum dos Regimentos das Ordenanças de Lisboa; e morreo a 7 de Mayo de 1730. Caſou em 8 de Setembro de 1716 com D. Guiomar de Vaſconcellos, Dama da meſma Rainha, e hoje Senhora de Honor, filha ſegunda de Affonſo de Vaſconcellos e Souſa, Conde da Calheta, e da Condeſſa D. Pelagia Sinfronia de Rohan ſua mulher, como já ſe diſſe, de quem teve

* 21 BERNARDO DE ALMADA, de quem adiante ſe tratará.

21 D. PELAGIA DE ALMADA naſceo em Verdemilho a 28 de Agoſto de 1718. Caſou a 14 de Julho de 1740 com Dom Luiz de Caſtellobranco, IV. Conde de Pombeiro, como diſſemos no Capitulo ultimo do Livro VIII. pag. 706 do Tomo IX.

21 AFFONSO DE ALMADA morreo poucos dias depois de naſcido.

21 JOSEPH DE ALMADA naſceo a 15 de Julho de 1721, morreo de curta idade em Janeiro de 1724.

21 D. MARIA DE NORONHA naſceo em Liſboa a 22 de Dezembro de 1722, morreo em 1728.

21 D. ISABEL DE ALMADA naſceo em 9 de Julho de 1724, e morreo menina.

21 D. FRANCISCO DE NORONHA naſceo a 26 de Março de 1725, e morreo tanto que recebeo a agua do Bautiſmo. D.

*21 D. ANTONIO DE NORONHA nasceo a 26 de Mayo de 1728, e morreo de tenra idade.

21 D. JOSEPH DE NORONHA nasceo em 9 de Julho de 1729, que tambem morreo de curta idade.

* 21 BERNARDO DE ALMADA nasceo a 31 de Julho de 1717. Foy Moço Fidalgo, e com este exercicio foy nomeado para acompanhar a Sua Magestade, quando passou a Alentejo, na occasiaõ dos reciprocos casamentos dos Principes do Brasil, e Asturias: succedeo na Casa de seu pay, e he Senhor de Carvalhaes, Verdemilho, Ilhavo, Avelans, e Ferreiros, menos nos Padroados, Provedor da Casa da India. Casou a 10 de Janeiro de 1740 com D. Magdalena de Almeida, filha dos III. Condes de Assumar, como dissemos no Liv. X. pag. 818 do Tomo X. a qual faleceo a 3 de Março de 1742, sem deixar sucessaõ.

* 20 D. MAGDALENA DE BORBON, foy Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria. Casou a 8 de Setembro de 1719 com Joseph de Mello e Sousa, Porteiro môr de Sua Magestade, Senhor do Morgado de Alcube, Commendador das Commendas de S. Giaõ, S. Salvador de Anciaens, no Arcebispado de Braga, e da de Couro na Guarda, na Ordem de Christo, Alcaide môr das Villas de Tolosa, e Amieira, Donatario da Villa de Caheté no Estado do Brasil: foy Coronel de hum dos Regimentos da guarniçaõ da Corte, posto com que servio na guerra, e Brigadeiro, e he General de Batalha: filho de Manoel de Mello, que foy Porteiro môr, e Capitaõ da Guarda Real,

Alcaide môr de Campo-Mayor, que depois de ter ſervido na guerra, e occupado varios póſtos, até o de Governador da Cavallaria da Provincia de Alentejo, do Conſelho de Guerra, foy Regedor da Caſa da Supplicaçaõ; e depois de viuvo, Graõ Prior do Crato na Ordem de S. Joaõ de Malta neſte Reyno, que morreo a 14 de Abril de 1695, e lhe ſuccedeo no Graõ Priorado o Senhor Infante D. Franciſco; e de ſua mulher, e ſobrinha D. Franciſca de Vilhena, filha herdeira de Alvaro de Souſa, Senhor do Morgado de Alcube, de quem tem

21 MANOEL ANTONIO DE SOUSA E MELLO.

21 D. MARIA ANTONIA THERESA DE MELLO naſceo a 22 de Novembro de 1721.

21 D. FRANCISCA ANTONIA DE MELLO, que faleceo a 16 de Agoſto de 1732, havendo naſcido no primeiro de Dezembro de 1722.

21 MANOEL ANTONIO DE SOUSA E MELLO, que naſceo a 9 de Setembro de 1720, que he o ſeu ſucceſſor. Caſou a 28 de Outubro de 1742 com D. Maria Thereſa Xavier Telles, filha dos IV. Condes de Unhaõ, de quem fizemos mençaõ no Capitulo II. §. I. do Livro VIII. pag. 84 do Tomo IX. e tem

22 D. VICTORIA XAVIER DE MELLO naſceo a 19 de Agoſto de 1743.

22 JOSEPH ANTONIO JOACHIM XAVIER DE SOUSA E MELLO naſceo a 2 de Dezembro de 1744.

D. Fi-

- [Filippa de Mene-]s, mulh. [de] D. Luiz [d]e Lencast. [I.] Cómen[d]ador môr [d]e Aviz,
  - D. Diogo da Sylveira, II. Cond. de Sortelha, Guarda môr del-Rey Dom Sebastiaõ,
    - D. Luiz da Sylveira, I. Conde de Sortelha, Guarda môr dos Reys Dom Manoel, e D. Joaõ III. &c.
      - Nuno Martins da Sylveira, Senhor de Recardaens, &c. Védor das Obras do Reyno, Mordomo môr da Rainha D. Catharina.
        - Diogo da Sylveira, Sen. de Recardaens, Escrivaõ da Puridade delRey D. Affonso V. Coudel môr.
          - Nuno Martins da Sylveira, Escrivaõ da Puridade delRey D. Duarte.
          - Leonor Gonçalves de Abreu.
        - D. Brites de Goes, Senhora de Oliveira do Conde, &c.
          - Fernando Gomes de Lemos de Goes, Senhor de Oliveira do Conde, &c.
          - D. Leonor da Cunha.
      - D. Filippa de Vilhena, Dama do Paço.
        - Fernaõ Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ, * a 10 de Abril de 1477.
          - Ayres Gomes da Sylva, III. Senhor de Vagos, &c. Regedor da Justiça, * a 25 de Mayo de 1454.
          - D. Brites de Menezes.
        - D. Maria de Vilhena, Camereira môr.
          - Martim Affonso de Mello, Alcaide môr de Olivença.
          - D. Margarida de Vilhena.
    - A Condessa Dona Brites Coutinho.
      - D. Fernando Coutinho, Marichal de Portugal.
        - Dom Alvaro Coutinho.
          - D. Fernando Coutinho, Marichal de Portugal, Capitaõ de Ceuta em 1451.
          - D. Joanna de Castro.
        - D. Brites Soares de Mello.
          - Ruy Gomes de Alvarenga, Chanceller môr, Embaixador a Roma.
          - D. Melicia de Mello.
      - D. Maria de Noronha.
        - Joaõ Gonçalves da Camera, II. Capitaõ Donatario do Funchal, * em 1501.
          - Joaõ Gonçalves Zarco, Descobridor da Ilha da Madeira, I. Capitaõ do Funchal.
          - Constança Rodrigues de Sá.
        - D. Maria de Noronha.
          - D. Diogo Henriques de Noronha.
          - D. Maria de Gusmaõ.
  - A Condessa D. Maria de Menezes.
    - Joaõ Rodrigues de Sá, Senhor de Sever, Alcaide môr do Porto.
      - Henrique de Sá de Menezes, Senhor de Sever.
        - Joaõ Rodrigues de Sá, Senhor de Sever, &c.
          - Fernaõ de Sá, Senhor de Sever, Camereiro môr dos Reys D. Joaõ I. D. Duarte, e D. Affonso V.
          - D. Filippa da Cunha.
        - D. Catharina de Menezes.
          - Luiz de Azevedo.
          - D. Aldonça de Menezes, Senhora do Morgado de Valverde.
      - D. Brites de Menezes.
        - D. Joaõ de Menezes, Senhor de Cantanhede.
          - D. Fernando de Menezes, III. Senhor de Cantanhede, Mordomo môr da Rainha D. Isabel.
          - D. Brites de Andrade.
        - D. Leonor da Sylva.
          - Ayres Gomes da Sylva, Senhor de Vagos.
          - D. Leonor de Miranda.
    - Dona Camila de Noronha.
      - Dom Martinho de Castellobranco, I. Conde de Villanova, Camereiro môr delRey Dom Joaõ III. do seu Conselho, &c.
        - Gonçalo Vaz de Castellobranco, Escrivaõ da Puridade, e Védor da Fazenda delRey Dom Affonso V.
          - Lopo Vaz de Castellobranco, Monteiro môr delRey D. Joaõ I. &c.
          - Catharina Vaz Pessanha.
        - D. Brites Valente. H.
          - Martim Affonso Valente, Senhor da Povoa.
          - D. Violante Affonso de Azambuja.
      - A Condessa Dona Mecia de Noronha.
        - Joaõ Gonçalves da Camera, II. Capitaõ do Funchal.
          - Joaõ Gonçalves Zarco, Descobridor da Ilha da Madeira, anno de 1420.
          - Constança Rodrigues de Sá.
        - D. Maria de Noronha.
          - D. Diogo Henriques de Noronha.
          - D. Maria de Gusmaõ.

CAPITULO XIV.

De D. Luiz de Lencastre, II. Commendador mór de Aviz.

HErdou este Senhor a Casa de seu pay no anno de 1574, como se vê de hum Alvará delRey D. Sebastiaõ, em que confirma a Dona Magdalena de Granada o poder succeder nas Commendas seu filho, e neto, dizendo nas Cartas: *Dom Luiz meu muito amado, e prezado Sobrinho, filho do Mestre de Saõ Tiago, meu muito amado, e prezado Primo*: succedeo tambem a seu pay no nome de D. Luiz de Lencastre: foy Commendador mór de Aviz, e Commendador das Commendas de Estremoz, Veiros, Landroal, e Alcaneide, Alcaide mór dos Castellos das Villas de Aviz, Veiros, Landroal, Cabeçaõ, Benavilla, e Alcaneide, por Cartas de 15 de Fevereiro de 1574, todas na Ordem de Aviz, verificando-se nelle a primeira vida do despacho de sua mãy, dandolhe o tratamento de Sobrinho ElRey D. Sebastiaõ, e os Reys que lhe succederaõ. Acompanhou a seu pay nas Embaixadas a Castella, por Carta que lhe mandou escrever ElRey D. Sebastiaõ nas duas expedições, que fez a Africa; na segunda se achou na infelice batalha de Alcacere do anno de 1578, em que depois de ter obrado, como se podia esperar do seu

CAPITULO XIV.

De D. Luiz de Lencastre, II. Commendador mór de Aviz.

15 HErdou este Senhor a Casa de seu pay no anno de 1574, como se vê de hum Alvará delRey D. Sebastiaõ, em que confirma a Dona Magdalena de Granada o poder succeder nas Commendas seu filho, e neto, dizendo nas Cartas: ***Dom Luiz meu muito amado, e prezado Sobrinho, filho do Mestre de Saõ Tiago, meu muito amado, e prezado Primo***; succedeo tambem a seu pay no nome de D. Luiz de Lencastre: foy Commendador mór de Aviz, e Commendador das Commendas de Estremoz, Veiros, Landroal, e Alcanede, Alcaide mór dos Castellos das Villas de Aviz, Veiros, Landroal, Cabeçaõ, Benavilla, e Alcanede, por Cartas de 15 de Fevereiro de 1574, todas na Ordem de Aviz; verificando-se nelle a primeira vida do despacho de sua mãy, dandolhe o tratamento de Sobrinho ElRey D. Sebastiaõ, e os Reys que lhe succederaõ. Acompanhou a seu pay nas Embaixadas a Castella, por Carta que para isso teve. Servio a ElRey D. Sebastiaõ nas duas expedições, que fez à Africa; na segunda se achou na infelice batalha de Alcacere do anno de 1578, em que depois de ter obrado, como se podia esperar do seu

ſeu alto naſcimento, tendo recebido duas feridas, foy cativo, e levado com os mais Senhores à eſcravidaõ, de que ſe reſgatou à ſua cuſta pelo valor de doze mil cruzados, entrando no numero dos oitenta Fidalgos, que ſe eſtipularaõ no contrato, para o que ElRey D. Henrique mandou por Embaixador a D. Franciſco da Coſta. Naõ contava mais, que vinte e ſete annos quando foy nomeado do Conſelho de Eſtado por ElRey D. Henrique, lugar em que ſervio aos Reys D. Filippe II. e III. e do Deſpacho. Quando ſe entendeo, que os Inglezes, fomentados pelo Prior do Crato, intentavaõ alguma operaçaõ militar em a Cidade de Lisboa, que ſe começou a prevenir da irrupçaõ, que ſe temia, o Commendador môr levantou à ſua cuſta huma Companhia de duzentos homens, aos quaes pagava, aſſim aos Officiaes, como aos Soldados, ſuſtentando-os a todos por treze mezes. Nas Cortes de Thomar ſervio o Commendador môr o officio de Guarda môr da peſſoa delRey; devia ſer na menoridade de ſeu ſobrinho o Conde de Sortelha D. Luiz da Sylveira, ou na auſencia do Conde Dom Diogo da Sylveira ſeu pay. Havia D. Luiz de Lencaſtre entrado na moradia de Moço Fidalgo, que ſaõ mil reis por mez, e alqueire e meyo de cevada por dia; e ſendo accreſcentado deſte foro ao de Fidalgo Eſcudeiro com cinco mil e quinhentos de moradia por mez, e alqueire e meyo de cevada por dia; ſendo accreſcentado depois no anno de 1588, no primeiro de Outubro, a Fidalgo Cavalleiro com ſete mil e duzen-

duzentos e cincoenta de moradia, ſendo já do Conſelho de Eſtado: pelo que em attençaõ deſte grande lugar, ElRey lhe houve por bem fazer merce a D. Luiz de Lencaſtre ſeu muito amado, e prezado ſobrinho, pelo haver feito do ſeu Conſelho de Eſtado, dalli em diante nove mil reis de moradia, por Alvará feito a 24 de Setembro de 1591. No anno de 1609 foy nomeado Védor da Fazenda, lugar que exerceo até a morte. No anno de 1611 o eſcolheo ElRey para Preſidente de hum novo Tribunal, que erigia, para reformaçaõ da Caſa do aſſentamento do Reyno. Morreo em Lisboa no primeiro de Junho de 1613, e foy ſepultado na Capella mór de S. Joaõ de Setuval, onde jaz, como ſe vê no Livro dos aſſentos da Freguesia de Santos daquelle anno.

Liv. 3. do Regiſt. das Merces do anno 1588.

Caſou no anno de 1548 com D. Filippa de Menezes, irmãa de ſeu cunhado D. Joaõ da Sylveira, e filha dos II. Condes de Sortelha, como já diſſemos. Celebrou-ſe o Tratado deſte matrimonio em Lisboa no Palacio do Duque de Coimbra ſeu avô, que o aſſinou a 27 de Julho do referido anno. Faleceo a 12 de Março de 1621; e deſte matrimonio teve os filhos ſeguintes:

16 D. Luiz de Lencastre = D. Jorge, = D. Maria, = e D. Jorge de Lencastre, morreraõ de tenra idade.

16 Dom Francisco Luiz de Lencastre, Commendador mór de Aviz, com quem ſe continuará no Capitulo XV.

D.

16 D. Maria de Lencastre morreo menina.

* 16 D. Magdalena de Lencastre casou com D. Joaõ Lobo, VI. Baraõ de Alvito, Senhor da mesma Villa, e das de Oriola, Villa-Nova de Aguiar, e Ribeira de Niza, Provedor das Capellas delRey D. Affonso IV. e Commendador da Repreza na Ordem de Santiago; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

17 D. Rodrigo Lobo, que morreo moço, sem estado, nem geraçaõ, em vida de seu pay.

* 17 D. Luiz Lobo, VII. Baraõ de Alvito, I. Conde de Oriola, como se dirá adiante.

17 D. Francisco Lobo, foy Religioso dos Eremitas de Santo Agostinho.

17 D. Diogo Lobo, estudou em a Universidade de Coimbra Theologia, sendo Porcionista do Collegio de S. Pedro na dita Universidade, em que foy aceito a 9 de Março de 1637; e depois passou a Collegial, eleito a 8 de Dezembro de 1639. Foy Conego da Sé de Lisboa, hoje Basilica de Santa Maria, e Sumilher da Cortina dos Reys D. Joaõ IV. D. Affonso VI. Dom Prior da insigne Collegiada de Santa Maria de Guimaraens, e foy no numero XLIX. e já no anno de 1662 era Prelado desta Igreja; o que consta dos Estatutos, que fez daquella Collegiada, que se guardaõ no seu Archivo. Foy tambem eleito Bispo de Viseu, de que naõ teve Bullas, por ser no tempo, que naõ as concedia a Sé Apostolica a Portugal. Morreo desgraçadamente a 7 de Setembro

Catal. dos Dons Priores de Guimaraens, pag. 68.

bro de 1666, cahindo a varanda das casas, em que morava; e assim ficou juntamente morto, e sepultado nas ruinas.

17 D. LOURENÇO LOBO morreo moço.

17 D. FILIPPA DE LENCASTRE, que morreo, sem ter elegido estado, em Janeiro de 1667.

17 D. BARBARA DE LENCASTRE, que tambem morreo sem ter tomado estado.

* 17 D. MARIA DE LENCASTRE casou com D. Alvaro de Abranches, de quem se dirá adiante.

* 17 D. Luiz Lobo foy VII. Baraõ de Alvito, I. Conde de Oriola, por merce delRey D. Joaõ o IV. em 16 de Setembro de 1653, Provedor das Capellas delRey D. Affonso IV. Commendador da Repreza na Ordem de Santiago, Senhor de Alvito, e outras terras, que seu pay possuîo: servio na guerra contra Castella a ElRey D. Joaõ IV. e foy Governador, e Capitaõ General de Tanger.

Casou com D. Eufrazia Luiza de Tavora, filha de D. Francisco da Gama, IV. Conde da Vidigueira, e da Condessa D. Leonor Coutinho sua segunda mulher; como já se disse no Livro X. Capitulo IV. pag. 566 do Tomo X. e tiveraõ os filhos seguintes:

18 D. JOAÕ LOBO, VIII. Baraõ de Alvito, Senhor das mais terras desta Casa, Commendador da Repreza na Ordem de Santiago. Servio a ElRey D. Joaõ IV. de Moço Fidalgo, e foy seu Pagem da lança quando passou à Alentejo no anno de 1643. Depois na guerra contra Castella, foy Coronel, e Governa-

vernador da Praça de Serpa, e se achou com o seu Regimento no sitio, que o Exercito de Portugal poz à Praça de Badajoz no anno de 1658, onde por levissima causa o Baraõ D. Joaõ se desafiou com D. Vasco da Gama, Capitaõ de Cavallos, e levou por Padrinho a seu irmaõ D. Francisco Lobo, e D. Vasco da Gama a Luiz de Miranda Henriques, Senhor de Ferreiros, e Tendaes, Coronel de Infantaria; assistiaõ no Quartel de S. Gabriel, e todos juntos chegaraõ ao da Corte, e passaraõ o Guadiana; e tendo noticia do desafio Joanne Mendes de Vasconcellos, Governador das Armas, e General, que mandava aquella facçaõ, ordenou a D. Joaõ da Sylva, Tenente General da Cavallaria, fosse prendellos: montou D. Joaõ a cavallo com os primeiros Soldados, que encontrou, e correndo à redea solta, naõ bastou toda a diligencia; porque quando chegou ao lugar do desafio, naõ achou mais que estragos da vingança, vendo mortos, e ainda palpitantes, ao Baraõ de Alvito, a D. Francisco, e a Luiz de Miranda, faltando só D. Vasco, que se tinha retirado com muitas, e perigosas feridas. Este desgraçado successo foy geralmente sentido; porque o Baraõ era dotado de summo valor, de liberalidade, e de outras partes dignas de estimaçaõ. Estava casado com D. Francisca de Gusmaõ, Dama da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ, filha de D. Pedro de Menezes, II. Conde de Cantanhede, &c. e da Condessa D. Constança de Gusmaõ sua mulher, que foy nomeada Aya da Infanta D. Isabel Josefa

Portugal Restaurado, part. 2. liv. 2. pag. 120.

ſeſa, por Carta do Principe Regente de 3 de Novembro de 1673; della ſe tira, que a Baroneza eſtava fóra da Corte, e parece naõ teve effeito. Faleceo a 11 de Março de 1698: jaz em S. Pedro de Alcantara. Deſta uniaõ foy unica

19 D. BERNARDA CAETANA LOBO, que ſuccedeo na Caſa, e foy IX. Baroneza de Alvito, e II. Condeſſa de Oriola, e Senhora das mais terras, que teve ſeu pay, e caſou com ſeu tio D. Vaſco Lobo, como logo ſe dirá.

18 D. FRANCISCO LOBO, que ſendo Capitaõ de Cavallos no Exercito de Alentejo, foy morto juntamente com o Baraõ ſeu irmaõ, no deſafio relatado, no anno de 1658.

18 D. CARLOS LOBO morreo de pouca idade.

* 18 D. VASCO LOBO, Baraõ de Alvito, e Conde de Oriola, com quem ſe continúa.

18 D. LEONOR DE TAVORA, foy Freira no Moſteiro da Eſperança de Lisboa.

* 18 D. VASCO LOBO naſceo em Alvito, foy deſtinado para a Igreja, por ſer filho quarto da ſua Caſa; eſtudou Canones na Univerſidade de Coimbra, e foy Porcioniſta do Collegio de S. Pedro, em que foy aceito a 6 de Dezembro de 1649; e depois paſſou a Collegial, eleito a 31 de Outubro de 1656, e Arcipreſte da Sé de Lisboa, Dignidade que renunciou para caſar com ſua ſobrinha: pelo que foy II. Conde de Oriola, IX. Baraõ de Alvito, Senhor da dita Villa, e da de Oriola, de Villa-Nova de Aguiar,

e Ribeira de Niza, Commendador da Repreza na Ordem de Santiago, e Senhor do officio de Provedor das Capellas delRey D. Affonſo IV. Foy Védor da Caſa das Rainhas D. Maria Franciſca de Saboya, e D. Maria Sofia; depois de Suas Altezas, e Deputado da Junta dos Tres Eſtados. Morreo a 22 de Fevereiro do anno de 1705.

Caſou duas vezes, a primeira em 9 de Setembro de 1666 com ſua ſobrinha D. Bernarda Caetana Lobo, Condeſſa de Oriola, e Baroneza de Alvito, e Senhora de toda a mais Caſa de ſeu pay D. Joaõ Lobo, VIII. Baraõ de Alvito, a qual faleceo a 16 de Março de 1687. Deſta uniaõ naſceo

19 D. Joaõ Lobo da Sylveira, que ſendo baldado das pernas, mas de gentil preſença, morreo moço a 16 de Setembro de 1689, e jaz em S. Pedro de Alcantara com ſua mãy.

Caſou ſegunda vez em 12 de Janeiro de 1692 com D. Ignez Margarida de Lencaſtre, Dama das referidas Rainhas, e da Infanta D. Iſabel, filha de Chriſtovaõ de Almada, Senhor de Carvalhaes, &c. e de ſua ſegunda mulher D. Filippa Maria de Mello; e deſte matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes:

19 D. Luiz Lobo, que morreo antes de cumprir oito annos de idade em o de 1701, dando grandes eſperanças na ſua viveza, e admiravel indole.

* 19 D. Joseph Antonio Francisco Lobo da Sylveira, III. Conde de Oriola, X. Baraõ de Alvito, com quem ſe continúa.

D.

19 D. Christovaõ Joseph Lobo, que nasceo no anno de 1700, e foy bautizado a 10 de Julho; morreo moço a 10 de Junho do anno de 1727.

19 D. Josefa Gabriella de Lencastre nasceo em 1697, foy bautizada a 25 de Março, que até ao presente naõ tem elegido estado.

19 D. Francisco Xavier Joseph Lobo, que nasceo no anno de 1703, foy bautizado a 8 de Setembro; passou a servir à India no anno de 1728, e lá morreo na Armada, que se perdeo no anno de 1729; e tinha hido soccorrer Mombaça.

* 19 D. Joseph Antonio Francisco Lobo, nasceo a 3 de Junho do anno de 1698, e foy bautizado a 13 do dito mez; he III. Conde de Oriola, X. Baraõ de Alvito, Senhor das Villas de Alvito, Oriola, Villa-Nova de Aguiar, e Ribeira de Niza, Commendador da Commenda da Repreza na Ordem de Santiago; he Capitaõ de Cavallos em hum dos Regimentos da guarniçaõ da Corte, Védor da Casa da Rainha D. Maria Anna de Austria, e nomeado para assistir ao Serenissimo Senhor Infante D. Pedro, e Deputado da Junta dos Tres Estados, feito no anno de 1744. Casou em 4 de Março de 1726 com D. Theresa de Assiz Mascarenhas, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, filha de Dom Fernando Mascarenhas, II. Conde de Obidos, Meirinho mòr de Portugal, e de Dona Brites Mascarenhas, Condessa de Sabugal, e Palma, &c. de quem tem os filhos seguintes:

20 D. VASCO JOSEPH LOBO, que naſceo a 30 de Novembro de 1726.

20 D. FERNANDO JOSEPH LOBO naſceo a 21 de Novembro do anno de 1727.

20 D. MARIA JOSEFA LOBO, que naſceo a 8 de Dezembro do anno de 1728.

20 D. FRANCISCO JOSEPH LOBO naſceo a 12 de Abril de 1730, faleceo de tenra idade.

20 D. MANOEL JOSEPH LOBO naſceo a 3 de Mayo de 1731.

20 D. IGNEZ JOSEFA LOBO naſceo a 14 de Abril de 1733.

20 D. JOSEFA LOBO naſceo a 14 de Mayo de 1734, e viveo poucos dias depois de bautizada.

20 DOM JOSEPH LOBO naſceo a 15 de Março de 1736.

20 D. FRANCISCO JOSEPH LOBO naſceo a 19 de Abril de 1737.

20 D. THERESA JOSEFA LOBO naſceo a 30 de Julho do anno de 1738.

Teve o Baraõ Conde illegitima a

20 D. MARIA LOBO, que naſceo no anno de 1717, e foy bautizada em Santos a 4 de Dezembro, havida em Maria Metheer, Franceza.

* 17 D. MARIA DE LENCASTRE, filha de Dom Joaõ Lobo, VI. Baraõ de Alvito. Caſou com D. Alvaro de Abranches, Commendador de S. Joaõ da Caſtanheira na Ordem de Chriſto, que depois de ſe ter achado na reſtauraçaõ da Bahia, e ſer eleito Governador,

vernador, e Capitaõ General de Mazagaõ; foy hum dos Acclamadores delRey D. Joaõ IV. de glorioſa memoria, e do ſeu Conſelho de Eſtado, e Guerra, Governador das Armas da Provincia da Beira, e das de Entre Douro, e Minho, e Cidade do Porto, e ultimamente Meſtre de Campo General da Provincia da Eſtremadura, Senhor do Morgado de Abranches, Almadas, como filho de D. Franciſco Coutinho da Camera, Commendador de S. Joaõ da Caſtanheira; e de ſua mulher Dona Guiomar de Abranches, filha herdeira de D. Joaõ de Abranches, Senhor do dito Morgado, e de Dona Antonia de Souſa ſua ſegunda mulher; e neto de Ruy Gonçalves da Camera, I. Conde de Villa-Franca, &c. e tendo caſado ſegunda vez com D. Ignez de Avila ſua prima, filha de D. Pedro de Menezes, II. Conde de Cantanhede, de quem naõ teve ſucceſſaõ; e morreo em Abril de 1660, deixando de ſua primeira mulher, os filhos ſeguintes:

18 D. Francisco de Abranches, que morreo menino.

18 D. Magdalena de Lencastre e Abranches, que foy ſua herdeira, e ſuccedeo no Morgado, e Caſa de ſeu pay, e caſou com D. Miguel Luiz de Menezes, I. Conde de Valadares, a qual morreo no anno de 1667, deixando a ſucceſſaõ, que deixamos eſcrita no Capitulo VIII. do Livro III. pag. 522 do Tomo II.

* 18 D. Guiomar de Lencastre naſceo em

1631,

1631, que casou com Luiz da Cunha de Ataide, como logo se dirá.

18 D. FILIPPA DE LENCASTRE nasceo em 1632, Religiosa no Mosteiro de Chellas de Conegas Regrantes, junto a Lisboa, onde foy Prioressa.

18 DONA CATHARINA DE LENCASTRE nasceo em 1633.

18 D. FRANCISCA . . . . . nasceo em 1635.

* 18 D. GUIOMAR DE LENCASTRE, filha segunda de D. Alvaro de Abranches, e de sua primeira mulher D. Maria de Lencastre.
Casou com Luiz da Cunha de Ataide, Senhor do Conselho de Povolide, da Villa de Castro-Verde, da Aldea de Paradella, e dos Morgados das Vidigueiras, Atouguia, Goes, e outros, Commendador na Ordem de Christo; e morreo no anno de 1665, havendo tido os filhos seguintes:

* 19 TRISTAÕ DA CUNHA DE ATAIDE, I. Conde de Povolide, com quem se continúa.

19 D. ALVARO DE ABRANCHES, que foy Commendador de S. Mattheus de Soure na Ordem de Christo, e morreo moço.

19 SIMAÕ DA CUNHA morreo tambem moço, sem estado.

19 D. MARIA DE LENCASTRE casou com seu primo com irmaõ D. Carlos de Noronha, II. Conde de Valadares, como já se disse a pag. 524 do Tom. II.

19 NUNO DA CUNHA DE ATAIDE nasceo a 8 de Dezembro de 1664. Foy Porcionista do Collegio

gio Real de S. Paulo de Coimbra, em que entrou a 29 de Outubro de 1681. Estudou Theologia, e deixando esta faculdade, passou à de Canones, em que se graduou, e fez exame privado, que he o mais rigoroso daquella Universidade; foy Conego na Sé de Coimbra, Beneficiado em Coruche, Deputado da Inquisiçaõ daquella Cidade em 2 de Novembro de 1691, e logo Promotor em 29 de Julho de 1692; e em 8 de Abril de 1693 foy promovido a Deputado da Inquisiçaõ de Lisboa, e Inquisidor em 5 de Abril, de 1700; lugares que exerceo com grande applicaçaõ, sendo hum dos mais egregios Inquisidores, assim pela gravidade, como no manejo dos negocios; de quem dizia Luiz Vieira da Sylva, Varaõ digno de memoria, que servio com elle no tempo, em que foy primeira Cadeira, que nascera para presidir, pelo modo, com que em tudo se portava; fortuna que o acompanhou em todas as suas acções, desde os seus primeiros annos: sendo moço, quando seu tio o Conde de Pontevel Nuno da Cunha, Estribeiro môr da Princeza D. Isabel Josefa, e Presidente do Senado da Camera de Lisboa, passava a Inglaterra por Embaixador Extraordinario, com o desejo de ver algumas Cortes, o acompanhou até à de Pariz; e depois por sua morte lhe succedeo na Commenda de Bornes na Ordem de Christo, de que he Commendador. Foy Sumilher da Cortina delRey D. Pedro II. que o fez Deputado da Junta dos Tres Estados, feito a 7 de Março de 1702; e nomeou Bispo de Elvas a 30 de Julho

Julho de 1705, Dignidade que recusou, por naõ se encarregar do pezo da conta das ovelhas, como bem acreditou depois a experiencia; porque naõ houve nenhuma no Reyno, de que se naõ fizesse digno; o seu merecimento fazia facil a sua fortuna na graça do seu Soberano. A Magestade do mesmo Senhor o nomeou seu Capellaõ môr em 14 de Setembro de 1705, Dignidade em que succedeo a D. Fr. Joseph de Lencastre, Bispo Inquisidor Geral, &c. O Papa Clemente XI. o fez Bispo titular de Targa: foy sagrado na Capella Real em 14 de Março de 1706 por seu primo com irmaõ D. Alvaro de Abranches, Bispo de Leiria, e Assistentes D. Antonio de Vasconcellos e Sousa, Bispo Conde, e D. Antonio de Saldanha, Bispo da Guarda. Sobindo ao Throno ElRey D. Joaõ V. a quem já era muito aceito, e tendo no alto conceito de Sua Magestade adquirido aquella reputaçaõ, que depois o tempo testemunhou, com as partes mais essenciaes de hum grande Ministro, desinteresse, recta intençaõ, e grande amor, e zelo do serviço de seu Soberano; virtudes que naõ lhe duvidaraõ, nem ainda os que podiaõ ser emulos da sua gloria; o nomeou a 10 de Março de 1707 do seu Conselho de Estado, e Ministro do seu Despacho, e Inquisidor Geral destes Reynos, e suas Conquistas; e sendo confirmado por Bulla Pontificia, tomou posse desta grande Dignidade a 6 de Outubro de 1707, em que tem luzido a sua prudencia, e benignidade; de sorte, que sendo este Principe creado no

serviço

serviço do Santo Officio, e nos seus estylos, e na pratica eminente, he tal a rectidaõ, com que obra, que tendo inteira liberdade nas materias do Conselho Geral, para as determinar só pelo seu parecer, sempre se conformou com os que os Ministros do seu Conselho venceraõ, ainda nas materias mais leves, que naõ dependiaõ da justiça, e sómente de graça. Observou grande equidade nos provimentos, attendendo sempre aos benemeritos; e com tal cuidado se houve sempre na creaçaõ de novos Ministros para as Inquisições, que escolheo na Universidade os mais doutos, e de louvavel procedimento; de sorte, que no zelo, e vigilancia naõ cedeo em cousa alguma aos mayores Prelados, que occuparaõ este grande lugar, em que a sua memoria será recomendavel aos seculos futuros. O Papa Clemente XI. por nomina de Sua Magestade, o creou Cardeal Nacional a 18 de Mayo de 1712; e em 8 de Outubro recebeo da maõ delRey o Barrete, precedendo Missa no Oratorio do Paço, e depois lhe conferio as honras, que os Reys tem acordado a esta Dignidade. Por morte do Papa Clemente XI. foy chamado ao Conclave, e sahio de Lisboa a 9 de Mayo de 1721 em huma nao de guerra da Coroa, e a 19 do dito mez chegou a Leorne, aonde achou a noticia de ser exaltado à Cadeira de S. Pedro a 8 de Mayo o Cardeal Miguel Angelo Conti, com o nome de Innocencio XIII. Foy recebido do novo Pontifice com especiaes demonstrações de paternal benevolencia, acordando em parti-

culares honras, o trato familiar da boa correſpondencia, que tiveraõ na Corte de Lisboa, quando fora Nuncio da Sé Apoſtolica. A 10 de Junho do meſmo anno lhe deu o Capello com o titulo de *Santa Anaſtaſia*, de que tomou poſſe a 21 de Julho ſeguinte, e o occupou nas Congregações dos Biſpos, e Regulares, de Propaganda Fide, dos Ritos, e da Conſiſtorial, em que deu iguaes moſtras das ſuas letras, que de ſumma prudencia; admirando toda a Curia nelle, naõ menos piedade, do que magnificencia, e grandeza; obrando todo o tempo, que eſteve em Roma, acções dignas da ſua peſſoa, e da Mageſtade Portugueza, de que ſe reveſtia, aſſim no apparato da ſua caſa, como no magnifico cortejo, de que ſe ſervia na pompa das carroças, tudo em fim rico, e magnifico. E para que naquella Curia permaneceſſe da ſua piedade, e religiaõ, hum eterno monumento da ſua grandeza, reſtaurou à ſua cuſta a Baſilica de Santa Anaſtaſia, que ameaçava a ultima ruina, Igreja do ſeu Titulo, com tanta deſpeza, que mais parece ſe lhe deve o nome de Fundador, que de Reparador. No ornamento do portico, ſobre o claro, que faz huma grande janella, ſe lê o nome do ſeu Reſtaurador:

Capello, *Breve noticia de Santa Anaſtaſia.* Creſcimbene, *Hiſt. de Santa Anaſtaſia*, cap. 6. pag. 37. e pag. 190.

Nonius Tit. S. Anaſtaſiæ
Presb. Card. A Cunha.
Anno Dñi M.DCCXXII.

E ſobre o grande arco da nave do meyo, ou presbyterio

terio, se vem as Armas da esclarecida Familia de Cunha, esculpidas em hum globo, que cerca huma serpente, unindo a cabeça com a cauda, symbolo da Eternidade, e com outros ornatos allusivos ao Eminentissimo Cunha. Encarregou o Cardeal esta obra a Carlos Gimach, nobre Cidadaõ de Malta, que foy o director, e inventor da obra, a quem a curiosidade fez hum dos mais insignes professores da Architectura civil, dotado de insignes partes, amante das bellas letras, em cuja morada fizeraõ habitaçaõ as Musas, com taõ suave dominio, que foy hum dos excellentes Poetas do seu tempo, ou fosse na lingua Latina, ou Italiana: em ambas logrou suave explicaçaõ, e igual applauso, como testemunhaõ os que nesta Corte o trataraõ, onde depois de residir, e no Reyno muitos annos, passou por ordem de Sua Magestade à de Roma, com o Marquez de Abrantes, (entaõ de Fontes) Embaixador Extraordinario àquella Corte, de quem foy Gentil-homem da Embaixada; e depois ficando mantido nella à Real despeza, lhe encarregou o Cardeal da Cunha a referida obra, que elle executou com os mayores primores da arte, accomodando-se com o sitio da antiga fabrica, e fazendo diversas allusoens, que primorosamente se vem, ornando a Igreja, em que declara as virtudes, e prerogativas de Santa Anastasia, e as excellencias de seu insigne Bemfeitor: fez a seguinte Inscripçaõ, que deixou gravada na mesma Igreja:

Nonius : S. R. E. Pres. Card. à Cunha
Generalis in Luſitania Inquiſitor
Antiquiſſimam hanc Baſilicam
S. Anaſtaſiæ dicatam
Titulum ſuum
Vetuſtate deformatam
Parietibus, & contignatione
Jam inclinantibus pene collabentem
Novis jactis fundamentis,
Aliiſque operibus adjectis
Firmavit,
Elegantioremque in formam
Reſtituit,
Anno à Nato Chriſto
M. DCCXXII.

Deſta obra trata Joaõ Mario Creſcimbene, Arcipreſte de Santa Maria *in Coſmedin*, e Cuſtode Geral da Arcadia, na *Hiſtoria da Baſilica de Santa Anaſtaſia*, impreſſa em Roma no anno de 1722; e Filippe Capello, Conego da meſma Collegiada, na *Breve noticia do antigo, e moderno eſtado da Igreja Collegiada de Santa Anaſtaſia de Roma*, impreſſa na meſma Cidade no anno de 1722. Agradecido o Cabido deſta inſigne Baſilica à grandeza de tanto beneficio, reſolveo em 22 de Mayo de 1722, que naquella Igreja ſe fizeſſe em todos os annos, até o fim do Mundo, eſpecial memoria de taõ inſigne Bemfeitor; e em teſtemunho da ſua gratidaõ, mandou gravar em hum marmore eſta Inſcripçaõ: *Emi-*

Eminentissimo Principi Nonio à Cunha
Tit. S. Anastasiæ Presbyt. S. R. E. Cardinali,
Omnium Portugalliæ Regis Provinciarum
Inquisitori Generali,
Quod vetustissimam hanc Basilicam
Primis Æræ Christianæ seculis
Ædificatam,
Ac complurium Summorum Pontificum,
Tum etiam Cardinalium Titularium
Piâ curâ multoties restitutam,
Ornatamque
Postremis hisce temporibus
Miserè fatiscentem, & excidio proximam
Resarto tecto, addito laqueari,
Parietibus ad libellam revocatis;
Atque directis,
Utraque laterali navi concaramata,
Pristino antiquis columnis reddito
Nitore,
Novis apertis fenestris,
Novâ itidem interiori extructâ porticu,
Atque Odio super imposito,
Æquato, stratoque pavimento,
Instauratâ fronte, amplificatâ areâ,
Ac universi ædificij squalore deterso
Non tantum ab interitu vindicaverit,
Et adversus ævi damna firmaverit,
Sed elegantiorem insuper,
Splendididoremque in speciem restituerit:

Repa-

Reparatori Munificentissimo
Capitulum, & Canonici
Gratum animum declaraturi,
Missam solemnem ipsis assistentibus,
Et duodecim alias Missas lectas
Eo vivente pro vitæ diuturnitate
Die 21 Julij, qua Tituli possessionem
Assumpsit:
Eo mortuo, die obitus pro animæ suffragio
Perpetuis futuris temporibus
Celebrandas
Unanimi consensu decreverunt,
Et ad posteritatis notitiam
Acceptorum beneficiorum,
Ac simul Capitularis Decreti
Monumentum posuere
Anno sal. M.DCCXXII.

Naõ só este Padraõ da sua piedade deixou em Roma perpetuado nos marmores, outros muitos argumentos da sua grandeza ficaraõ gravados nos coraçóes dos Romanos, em que vivirá eternamente o seu nome na successiva tradiçaõ dos pays aos filhos; e sahindo daquella Curia a 2 de Mayo de 1722, e fazendo jornada por terra, tomou o caminho do Loreto para venerar a sagrada Imagem de Maria Santissima, a quem em memoria da sua devoçaõ deixou duas singularissimas pessas, como saõ huma Cruz de ouro grande com grossas safiras cercadas de diamantes;

tes; e hum preciosissimo ornato de ouro com gero-
glificos, posto sobre lapis lazuli, que cerca o nicho,
em que se adora a Santa Imagem da Virgem, como
lemos na Relaçaõ da Santa Casa do Loreto, que se
imprimio em Lisboa no anno de 1736, tirada de ou-
tra Italiana pelo Padre D. Caetano de Gouvea; che-
gou a esta Corte no fausto dia 22 de Outubro do
mesmo anno: foy recebido do nosso grande Rey,
que Deos guarde, com especial agrado, e satisfaçaõ,
de que se fez merecedor pelo amor do seu serviço, e
digno da sua graça, e da estimaçaõ da Nobreza da
Corte, e do povo de Lisboa, que seguindo-o no co-
che com acclamações, lhe davaõ os parabens da res-
tituiçaõ à Patria; assim como com lagrimas o tinhaõ
saudosamente sentido quando sahira da Corte; ex-
pressaõ poucas vezes experimentada na inconstancia
dos póvos, que de ordinario sem causa se queixaõ
dos Ministros, e he este taõ benemerito, como bem
quisto.

* 19 TRISTAÕ DA CUNHA DE ATAIDE nasceo
no anno de 1655. Foy I. Conde de Povolide por
merce delRey D. Joaõ V. de que teve Carta em 6
de Janeiro de 1709, e Senhor de Povolide, e de Cas-
tro-Verde, e da Aldea de Paradella, dos Morgados
das Vidigueiras, Atouguia, Goes, e outros, e do
Padroado de Santa Maria de Trancoso, e herdeiro
da Casa de seu tio o Conde de Pontevel Nuno da Cu-
nha, Commendador das Commendas de S. Cosme
de Guademar, e Santa Maria de Montalvaõ na Or-
dem

dem de Christo. No anno de 1683 foy na Armada, que a nossa Coroa mandou a Villafranca a buscar ao Duque de Saboya; e foy Coronel de hum dos Regimentos das Ordenanças da Corte, e depois de hum Terço pago de Pinhel, com que servio na guerra. Morreo apressadamente a 8 de Agosto de 1722. Casou com Dona Archangela Maria de Tavora, que morreo a 14 de Agosto de 1709, filha de Miguel Carlos de Tavora, II. Conde de S. Vincente, General da Armada Real, do Conselho de Estado, &c. e da Condessa Dona Maria Caetana da Cunha; e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

* 20 LUIZ VASQUES DA CUNHA DE ATAIDE, II. Conde de Povolide, com quem se continúa.

20 D. MARIA CAETANA DE TAVORA nasceo a 10 de Setembro de 1699, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria. Casou em 25 de Fevereiro de 1732 com D. Braz Balthasar da Sylveira, Mestre de Campo General dos Exercitos delRey, com o Governo das Armas na Provincia da Beira, do Conselho de Guerra, Senhor de S. Cosmade, Commendador de Ranhados, &c. de quem não tem successão; e da de sua primeira mulher daremos conta no Livro XIV.

20 D. GUIOMAR JOACHINA DE LENCASTRE nasceo a 9 de Agosto de 1701, he Religiosa no Mosteiro da Annunciada de Lisboa.

20 MIGUEL CARLOS DA CUNHA nasceo a 18 de Fevereiro de 1703. Foy Porcionista do Collegio Real

Real de S. Paulo na Universidade de Coimbra, Doutor em Canones, em que se graduou a 2 de Julho de 1725, e Conductario, com privilegios de Lente, na dita faculdade; e sendo os seus progressos com tanta distincçaõ, que lhe promettiaõ humas largas esperanças, com notavel resoluçaõ tomou o habito dos Conegos Regrantes em Santa Cruz a 26 de Abril de 1728, onde professou com o nome de Dom Miguel da Annunciaçaõ a 28 de Abril do anno seguinte, de que foy Geral nomeado a 6 de Abril de 1737; e sendo eleito Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, foy sagrado na *Dominica in Albis* a 9 de Abril de 1741 por Dom Fr. Valerio do Sacramento, Bispo de Angra, Assistentes D. Fr. Joaõ do Nascimento, Bispo do Funchal, e D. Fr. Hilario de Santa Rosa, Bispo de Macao, na Igreja do Convento de Santa Cruz de Coimbra.

20 NUNO DA CUNHA nasceo a 8 de Outubro de 1705, entrou na Companhia de Jesus, e professou no anno de 1726.

* 20 LUIZ VASQUES DA CUNHA DE ATAIDE nasceo a 31 de Novembro do anno de 1697, he II. Conde de Povolide, e Senhor da dita Villa, e de Castro-Verde, da Aldea de Paradella, dos Morgados das Vidigueiras, Atouguia, Goes, e do Padroado de Santa Maria de Trancoso, Commendador de S. Cosme de Gundar, e de Santa Maria de Montalvaõ, de Santa Martha de Bornes, e de Santa Maria da Graça de Castello-Novo, Gentil-homem da Camera do Senhor

Infante D. Antonio, e Deputado da Junta dos Tres Estados.

Casou em 11 de Dezembro de 1729 com D. Helena de Castellobranco sua sobrinha, filha de D. Miguel Luiz de Menezes, III. Conde de Valadares, e da Condessa D. Marianna de Castellobranco, de quem tem

21 TRISTAÕ DA CUNHA DE ATAIDE nasceo a 13 de Abril de 1731, faleceo a 26 de Fevereiro de 1739.

21 JOSEPH DA CUNHA DE ATAIDE nasceo a 25 de Junho de 1734.

21 NUNO JOSEPH DA CUNHA nasceo a 21 de Fevereiro de 1737.

21 MIGUEL JOSEPH DA CUNHA nasceo a 2 de Janeiro de 1739, faleceo a 5 de Março de 1744.

21 D. MARIANNA THERESA DA CUNHA nasceo a 5 de Dezembro de 1740.

21 D. MARIA THERESA DA CUNHA nasceo a 15 de Fevereiro de 1743.

21 ANTONIO JOSEPH DA CUNHA nasceo a 26 de Mayo de 1744.

CAPI-

CAPITULO XV.

De D. Francisco Luiz de Lencastre, III. Commendador môr de Aviz.

16 PEla pouca vida, que gozaraõ seus irmãos, veyo a succeder Dom Francisco Luiz de Lencastre na Casa de seu pay, em sua vida foy armado Cavalleiro para receber a Ordem de S. Bento de Aviz, por Alvará de 12 de Agosto de 1600, em que ElRey diz: *Ser filho do Commendador môr D. Luiz, meu muito amado Primo*; a quem depois o mesmo Rey por Carta sua de 15 de Julho de 1614, depois da morte de seu pay, dá o tratamento de sobrinho; e assim foy D. Francisco Luiz III. Commendador môr da Ordem de Aviz, Commendador das Commendas de Estremoz, Veiros, Landroal, Alcanede, e Alcaidarias môres das ditas Villas. Achou-se nas Cortes, que ElRey D. Filippe II. de Portugal celebrou em Lisboa no anno de 1619, em que exerceo o officio de Guarda môr da pessoa delRey, como escreve Joaõ Bautista Lavanha. Estava o Commendador môr D. Francisco em Madrid, quando em Portugal succedeo a feliz Acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ IV. e lá se deixou ficar, podendo com elle mais o receyo da contingencia dos successos, do que o amor da Patria, em que tantos se interessavaõ; lá teve o titulo

Jornada de Filippe II. a Portugal, pag. 65.

de Conde de Alcanede; foy Veador da Rainha D. Maria Anna de Auſtria, e no ſeu ſerviço morreo em Madrid a 17 de Fevereiro de 1667, donde foy traſladado para a Igreja de S. Joaõ de Setuval, enterro da ſua Caſa, onde jaz.

Caſou com D. Filippa de Mendoça, Dama da Rainha D. Margarida de Auſtria, e devia de ſer no anno de 1604; porque em 16 de Fevereiro do referido anno ſe celebraraõ os contratos matrimoniaes, em que foy dotada com humas herdades em Arrayolos, e huma Quinta em Loures, além de joyas, e as merces de Dama, em que por hum Alvará, paſſado a 19 de Novembro do meſmo anno, ſe lhe fez merce de duas vidas mais nas Commendas, que tinha ſeu marido, e na Dignidade de Commendador môr; e ſeu marido lhe prometteo de arrhas quatorze mil cruzados. Faleceo eſta Senhora em Lisboa a 22 de Dezembro de 1651; era irmãa de Franciſco de Vaſconcellos, I. Conde de Figueiró, e filhos ambos de Manoel de Vaſconcellos, Senhor do Morgado do Eſporaõ, e de Villa-Nova de Faſcoa, Commendador de Izeda na Ordem de Chriſto, Preſidente da Camera de Lisboa, Regedor das Juſtiças, e do Conſelho de Eſtado de Portugal em Madrid; e de D. Luiza de Vilhena de Mendoça ſua mulher, que foy Dama da Infanta D. Maria, e filha de Joaõ Nunes da Cunha, Senhor do Morgado da Coutadinha, filho ſegundo do Grande Nuno da Cunha, Governador da India; e deſte matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes:

D.

17 D. Luiz de Lencastre, = D. Manoel de Lencastre, morreraõ de tenra idade.

17 D. Pedro de Lencastre, II. Conde de Figueiró, como se dirá adiante no Capitulo XVIII.

17 D. Antonio de Lencastre, foy Religioso da Ordem Militar de Christo no Mosteiro de Thomar.

17 D. Verissimo de Lencastre, que foy Cardeal, de quem no Capitulo XVI. se fará mençaõ.

17 D. Carlos de Lencastre, que estudou em Coimbra, e foy bom Letrado, morreo louco.

17 D. Joseph de Lencastre, que foy Inquisidor Geral, como se dirá no Capitulo XVII.

17 D. Maria de Lencastre, morreo menina.

* 17 D. Marianna de Lencastre casou com D. Joaõ de Castro, Almirante de Portugal, Senhor de Reriz, Sul, Bem-Viver, Resende, e outras terras &c. filho de D. Simaõ de Castro, Senhor de Reriz, e das mais Villas, e Concelhos; e de D. Bernarda de Menezes, filha de Joaõ de Azevedo, Almirante de Portugal, Commendador de Jurumenha, e Claveiro da Ordem de Aviz, e de D. Joanna de Menezes, como se disse no Livro VI. Capitulo V. §. II. pag. 276 do Tomo V. que foy sua primeira mulher, filha de D. Pedro de Menezes, VIII. Senhor de Cantanhede; e por sua avó materna, veyo a recahir nelle o Almirantado de Portugal, de que lhe fez merce ElRey D. Affonso VI. por morte de sua prima com irmãa

irmãa D. Maria Ignez de Azevedo, Condessa de Vimioso, mulher de D. Luiz de Portugal, VI. Conde de Vimioso, que foy por este casamento Almirante de Portugal; e porque naõ tiveraõ successaõ, succedeo na Casa D. Joaõ de Castro, que do matrinio com D. Marianna de Lencastre teve

18 D. SIMAÕ DE CASTRO morreo menino.

* 18 D. FRANCISCO DE CASTRO, succedeo na Casa a seu pay; foy Almirante de Portugal, Capitaõ da Guarda Real, Senhor de Reriz, Sul, Resende, e Bem-Viver, &c. e morreo a 19 de Agosto de 1693. Casou no anno de 1675 com D. Francisca Josefa de Vilhena, Dama da Rainha D. Maria Francisca de Saboya, filha de Christovaõ de Mello, Alcaide môr de Serpa, Porteiro môr, e Capitaõ da Guarda Real, Commendador de Santa Maria de Algodres na Ordem de Christo, e da de Serpa na Ordem de Aviz, que depois de ter servido em Alentejo com o posto de Capitaõ de Cavallos, com que se achou no soccorro de Elvas no anno de 1659, foy Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ; e de D. Mecia de Vilhena sua mulher, filha de Lourenço Pires Carvalho, Provedor das obras do Paço, Senhor da Azambugeira, e dos Morgados de Patalim, e de Dona Magdalena de Vilhena, filha de Henrique de Sousa, I. Conde de Miranda, Governador do Porto, do Conselho de Estado; e deste matrimonio nasceraõ

18 D. JOSEPH DE CASTRO, que nasceo de hum

hum mesmo ventre com D. MARIANNA, e ambos morreraõ de curta idade.

18 D. JOAÕ JOSEPH DE CASTRO, que nasceo na Cidade do Porto, foy Senhor de Reriz, Resende, e mais terras, Almirante de Portugal, e Capitaõ da Guarda delRey, officio que a respeito da sua menoridade servio por elle Lopo Furtado de Mendoça, I. Conde do Rio Grande; porém morreo moço, sem chegar a casar: jaz em S. Francisco de Xabregas.

* 18 D. LUIZ INNOCENCIO DE CASTRO, veyo a succeder a seu irmaõ, e foy Almirante de Portugal, Capitaõ de huma das Companhias da Guarda delRey D. Joaõ V., Senhor dos Concelhos de Resende, Honras de Gosende, Heiras, Ribadellas, Reriz, Sul, e Bem-Viver, e dametade da Villa de Penella, com Padroados, e datas de officios; e no Estado do Brasil da Capitanía dos Ilheos, e da Villa de Camamu, Boupeba, Cayru, e Itaparica, com cincoenta legoas de terra. Faleceo a 3 de Novembro de 1733. Casou a 12 de Setembro de 1708 com D. Joanna Cecilia de Lencastre, filha de Pedro de Vasconcellos, Estribeiro mór da Princeza do Brasil, e de D. Marianna de Lencastre sua mulher, e prima, como já dissemos no Capitulo III. do Livro VIII. pag. 246 do Tomo IX. de quem teve

19 D. MARIANNA JOSEFA DE LENCASTRE nasceo a 7 de Novembro de 1712.

19 D. FRANCISCA DE LENCASTRE nasceo a 4 de Outubro de 1713.

D.

19 D. Ignez de Lencastre naſceo a 28 de Mayo de 1714, caſou com D. Antonio da Sylveira, como ſe diſſe a pag. 864 do Tomo X.

* 19 D. Antonio Joseph de Castro com quem ſe continúa.

19 D. Maria Isabel de Lencastre naſceo a 25 de Dezembro de 1726.

19 D. Theresa Rita de Lencastre naſceo a 6 de Outubro de 1727.

* 19 D. Antonio Joseph de Castro naſceo a 3 de Julho do anno de 1719, he Almirante de Portugal, e Capitaõ de huma das Companhias da Guarda Real, Senhor da Caſa de Reſende, Donatario do ſeu Conſelho, e das Villas de Bem-Viver, Reriz, Sul, Penella, e Albergaria, das Honras de Heiras, Montaõ, Goſende, Ribellas, do Roguengo de Godim, e dos tres fogos do Rio Douro, Canedo, Lobazim, e Figueira Velha; e no Eſtado do Braſil Senhor da Capitanía dos Ilheos, da Villa de Camamu, Boubepa, Cayru, e Itaparica, e Ribadellas, &c. Caſou a 12 de Fevereiro do anno de 1741 com D. Thereſa de Tavora, filha dos IV. Condes de S. Vicente, como diſſemos no Livro VI. pag. 228 do Tomo V. de quem tem até o preſente

20 D. Isabel Maria de Castro, que naſceo a 14 de Junho de 1742.

20 Dom . . . . . . de Castro naſceo em Agoſto de 1744.

D. Fi-

- . Filippa Mendo- , mu- r de D. ancisco uiz, III. ommen- dor môr Aviz.
  - Manoel de Vasconcellos, Sen. do Morgado de Esporaõ, &c. Cõmendador na Ordem de Christo, Reged. das Justiças, ✠ em 25 de Abril de 1637.
    - Joanne Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado de Esporaõ, Commendador da Ordem de Christo.
      - Alvaro Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado de Esporaõ, Embaixador ao Emperador Carlos V.
        - Joanne Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado de Esporaõ.
          - Alvaro Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado de Esporaõ.
          - D. Leonor Ribeira, Senh. do Morgado de Esporaõ, instituido 1427.
        - D. Joanna de Sousa.
          - Vasco Martins de Sousa Chicorro, Capitaõ dos Ginetes delRey D. Affonso V.
          - D. Isabel Osorio, Fidalga Castelh.
      - Dona Guiomar de Mello.
        - Duarte de Mello.
          - Henrique de Mello.
          - Dona Brites Pereira.
        - D. Isabel de Brito.
          - Gil Vaz Raposo Lobo.
          - D. Ignez de Aboim.
    - D. Antonia de Ataide.
      - Dom Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira, Vedor da Fazenda.
        - D. Alvaro de Ataide, Senhor da Castanheira, e Povos, &c. ✠ em 1505.
          - D. Alvaro Gonçalves de Ataide, I. Conde de Atouguia.
          - A Condessa D. Guiomar de Castro.
        - D. Violante de Tavora, ✠ em 3 de Julho de 1555, segunda mulher.
          - Pedro de Sousa, Senhor do Prado, Alcaide môr de Seabra.
          - D. Maria Pinheira.
      - A Condessa Dona Anna de Tavora.
        - Alvaro Pires de Tavora, Senh. de Mogadouro, Commendador de Castellobranco na Ordem de Christo.
          - Pedro Lourenço de Tavora, Senhor do Mogadouro.
          - D. Ignez de Sousa.
        - D. Joanna da Sylva.
          - Dom Affonso de Vasconcellos, I. Conde de Penella, ✠ em 1480.
          - A Condessa D. Isabel da Sylva.
  - D. Luiza de Vilhena de Mendoça.
    - Joaõ Nunes da Cunha, Senhor do Morgado da Coutadinha.
      - Nuno da Cunha, Governador da India.
        - Tristaõ da Cunha, Camereiro môr do Senhor Dom Diogo, Duque de Viseu, Senhor de Gestaço &c.
          - Nuno da Cunha, Camereiro môr do Infante D. Fernando.
          - D. Catharina de Albuquerque.
        - D. Antonia Paes.
          - Pedro Gonçalves, Secretario delRey D. Affonso V.
          - D. Leonor Paes.
      - D. Isabel de Vilhena, segunda mulher.
        - Nuno Martins da Sylveira, Senhor de Goes, Escrivaõ da Puridade.
          - Diogo da Sylveira, Escrivaõ da Puridade.
          - D. Brites de Goes, Senhora de Olivença do Conde, de Goes, &c.
        - D. Filippa de Vilhena.
          - Fernaõ Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ.
          - D. Maria de Vilhena.
    - Dona Filippa de Mendoça.
      - Manoel Corte-Real, do Conselho delRey, Senhor da Ilha Terceira, e S. Jorge.
        - Vasque Annes Corte-Real, Donatario da Ilha Terceira, &c.
          - Joaõ Vaz Corte-Real, Porteiro môr do Infante D. Fernando, Capitaõ Donatario da Ilha Terceira.
          - D. Maria de Abarca.
        - D. Joanna da Sylva.
          - Garcia de Mello, Alcaide môr de Serpa.
          - D. Filippa Pereira da Sylva.
      - D. Brites de Mendoça, Dama da Rainha D. Catharina.
        - Inigo Lopes de Mendoça, Senhor de Moron.
          - Ruy Dias de Mendoça.
          - N. . . . .
        - D. Maria Branca, Viscondessa de Valduerna.
          - Joaõ Rodrigues de Baçan, Visconde de Valduerna.
          - D. Maria Çapata.

CAPITULO XVI.

De Dom Verissimo de Lencastre, Cardeal da Santa Igreja Romana, Inquisidor Geral de Portugal, Arcebispo Primaz das Hespanhas, do Conselho de Estado.

17 NO anno de 1615 na Cidade de Lisboa nasceo D. Verissimo de Lencastre, e foy bautizado na Igreja Parochial dos Santos Martyres Verissimo, Maxima, e Julia, em cujo obsequio lhe foy posto o nome, a 15 de Novembro, por D. Joaõ da Gama, Bispo de Miranda, como consta do Livro da dita Freguesia pag. 14; e sendo creado no amor de seus esclarecidos pays, a quem deveo muito, e elles às suas virtudes a gloria de hum filho taõ benemerito; porque na vida, que seguio, só lhe faltou a suprema Dignidade do Pontificado, para o que o habilitavaõ o exercicio das virtudes, letras, e alto nascimento, se houvera sahido fóra da Patria. Estudou na Universidade de Coimbra os Sagrados Canones, em que foy Doutor; e seguindo a vida Ecclesiastica, foy sempre desde os seus primeiros annos o exemplar entre os Fidalgos do seu tempo; foy Conego, e Thesoureiro mór da Metropolitana Sé de Evora, e nesta Cidade entrou no serviço do Santo Officio, sendo Deputado, e Promotor, lugar de que tomou pos-

ſe em 19 de Novembro de 1644; foy Inquiſidor da meſma Inquiſiçaõ, em que entrou a 16 de Março de 1649; e correndo todas as tres Cadeiras, paſſou para a primeira da Inquiſiçaõ de Lisboa, de que tomou poſſe em 7 de Junho do anno de 1660; e ſendo promovido a Deputado do Conſelho Geral do Santo Officio, tomou poſſe no primeiro de Abril de 1664. Foy do Conſelho delRey, Sumilher da Cortina delRey D. Pedro II. que o nomeou Biſpo de Lamego, Dignidade, que naõ aceitou. Os ſeus grandes merecimentos o lembraraõ ao meſmo Principe para o eleger Arcebiſpo Primaz, e Senhor de Braga, de que tirando Bullas Apoſtolicas, tomou poſſe por ſeu Procurador em 8 de Julho de 1671, e entrou naquella Auguſta Cidade em 3 de Novembro do meſmo anno, com grandes demonſtrações de goſto de ſeus moradores, que havia tantos annos ſe viaõ ſem Paſtor: logo tratou de viſitar o Arcebiſpado com tanta diligencia, como caridade, adminiſtrando o Sacramento da Confirmaçaõ a innumeraveis peſſoas de hum, e outro ſexo, e conferindo Ordens. O meſmo fez depois na Corte, dando Ordens todos os Domingos, e dias Santos na ſua Capella a todos os que tinhaõ privilegios para as tomar *extra tempora*; o que era grande commodidade dos Ordinandos, naõ ſó deſta Dioceſi, mas de todo o Reyno, e ainda dos viſinhos, donde vinhaõ muitos Heſpanhoes a tomar Ordens a Liſboa; o que elle exercitava com tanta ſatisfaçaõ, que dizia, que naõ fazia favor, mas que o recebia; e da meſma

mesma sorte administrava a todas as pessoas o Sacramento da Confirmaçaõ, depois de acabar de dar Ordens. Satisfez todas as obrigações de hum verdadeiro Prelado; porque foy pay universal daquelles póvos, pela candidez do animo, compaixaõ, e benignidade; nelle virtudes taõ naturaes, que para todos era igual, e sem differença: e tendo renunciado o Arcebispado, e residindo nesta Diocesi até 27 de Março do anno de 1677, em que passou à Corte provido no lugar de Inquisidor Geral destes Reynos, deixando em toda aquella larga Diocesi hum geral sentimento, e huma viva saudade dos beneficios, que delle recebiaõ. E sendo confirmado no lugar de Inquisidor Geral por Bulla do Papa Innocencio XI. de 22 de Novembro do anno de 1676, tomou posse em 9 de Abril do anno seguinte. Neste grande lugar mostrou a sua prudencia, e o seu zelo na escolha dos Ministros; porque os teve excellentes, doutos, e benemeritos de mayores Dignidades, logrando neste emprego occasioens, em que pode luzir o zelo da Fé, entre todas as virtudes moraes, de que foy dotado. ElRey D. Pedro II. que naõ só o estimou grandemente, mas o respeitava, o fez do seu Conselho de Estado, em que servia ao Reyno com tanto amor, como christandade; porque só entaõ he que o Principe he dignamente servido, quando se naõ antepoem a lisonja à saude universal da Republica com tanto risco da consciencia. O mesmo Rey lhe deu a nomina de Cardeal nacional, e foy

 crea-

creado Cardeal da Santa Igreja de Roma pelo Santo Papa Innocencio XI. em 12 de Setembro de 1686. Havia muitos annos, que se naõ via em Portugal esta eminente Dignidade; porque a dominaçaõ estranha, e depois a guerra com Castella, naõ tinha dado lugar a que a Cabeça da Igreja attendesse aos esclarecidos serviços, que a Coroa de Portugal tinha feito em obsequio da Religiaõ, e da Fé: porém esta taõ alta Dignidade nenhuma impressaõ fez no animo deste Principe, em quem a affabilidade era natural, e naõ affectada. Foy Varaõ de excellentes virtudes, em que se uniraõ as partes de perfeito Prelado; porque foy douto, e ainda sendo velho se levantava muito cedo para estudar na sua copiosa Livraria: pelo que foy taõ versado no Direito Canonico, que em nenhuma materia lhe allegavaõ Author algum, que elle naõ accrescentasse a allegaçaõ com outros muitos: foy muy curioso dos estudos Genealogicos, de que escreveo livros, que deixou com outros no secreto do Santo Officio. Da sua letra, que era excellente, vimos varios papeis, e annotações a livros de Familias; e assim foy elle hum dos bons Genealogicos do nosso Reyno, e com todos os professores deste estudo mantinha communicaçaõ. Era casto, virtuoso, e com entranhas de piedade, consolando aos afflictos, animando aos pretendentes, por quem obrava quanto em si estava pelos servir, principalmente em materias de honra, ainda nas mayores circunstancias. Foy geralmente honrador dos homens: era de animo

Sousa, *Catalogo dos Summos Pontifices, e Cardeaes, &c. da Collecçaõ da Academia do anno de 17*

animo brando, benigno, favorecedor dos pretendentes, que com elle tinhaõ entrada, por prompto em fallar às partes; de ſorte, que todos conſeguiaõ, ſem trabalho, ter delle audiencia, com a certeza de que os naõ havia de eſcandalizar. Foy muy devoto, e todo o anno viſitava as Igrejas, em que eſtava o Santo Lauſperenne; e ſendo taõ virtuoſo, naõ era invencioneiro, antes de animo alegre, e jovial, goſtando das galantarias, e graças, com que entretinha a converſaçaõ naquellas horas, que ſerviaõ de entretenimento à cortezãa civilidade, dos que o viſitavaõ. Eſtas, e outras admiraveis virtudes o fizeraõ amado, e reſpeitado de todos os Eſtados do Reyno, em que vive com ſaudoſa memoria; porque os Grandes, e Fidalgos, os Eccleſiaſticos, e Seculares, os Religioſos, a Nobreza, e o povo, todos lhe eraõ ou inclinados, ou obrigados; porque elle a todos correſpondia com igual affabilidade. Conſervou em idade larga, ſaude robuſta, até que finalmente aſſaltado de violentos achaques, ſe rendeo à cama, e em poucos dias de doença, deu muitos exemplos de piedade, e de todas as virtudes. Neſte tempo ſe achava em Liſboa o Reverendiſſimo Padre Fr. Joaõ de Alvim, Miniſtro Geral de toda a Religiaõ dos Menores, que tinha vindo a viſitar as Provincias deſte Reyno, Varaõ verdadeiramente ſucceſſor de S. Franciſco, e de ſanta vida; e viſitando ao Cardeal, o recebeo com as mais vivas expreſſoens de humildade chriſtãa, que pudera fazer o menor ſubdito daquelle Prelado. Neſta

ta doença continuou aquelles actos de christandade, que tanto exercitava; e com constancia de animo recebeo todos os ultimos Sacramentos, com tal piedade, que edificou a toda a Corte, que universalmente sentia, e ouvia com pezar a sua molestia. As Religioens desta Cidade, que tanto estimara, com preces publicas pediaõ a Deos pela vida do Cardeal; testemunhando desta sorte o seu agradecimento, e o quanto todos necessitavaõ da vida deste Principe, que cheyo de annos, e merecimentos, morreo santamente a 13 de Dezembro de 1692 às sete horas da manhãa; a sua morte foy taõ sentida, como elle amado. ElRey D. Pedro se recolheo os dous dias seguintes, naõ sahindo fóra, nem dando audiencia; e o mesmo fez a Rainha D. Maria Sofia. O seu corpo foy venerado como de Varaõ Santo; porque o povo concorria em grande numero ao seu Palacio, e todos o pertendiaõ ver, tocando, como podiaõ, cada qual o seu Rosario, sendo huma só a voz, que se ouvia em toda a parte, appellidando-o *Santo*, espalhandose por todo o Reyno este sentimento; porque as suas virtudes a toda a parte chegaraõ, ainda dos que o naõ conheceraõ. O seu corpo foy levado com magnificencia devida à sua pessoa, e ao seu caracter, ao Mosteiro de S. Pedro de Alcantara da Provincia da Arrabida, que elle muito estimou, e de que foy insigne Bemfeitor, por entre duas alas de Religiosos de todas as Ordens da Corte, com cirios accesos, e principiando do seu Palacio, acabava à porta do Mosteiro;

teiro; e acompanhava as andas, da parte esquerda, o referido Geral. Entre as disposições pias do seu Testamento ordenou, que lhe fizessem huma Capella no Adro da Igreja de S. Pedro de Alcantara, e que nella se dissessem quatro Missas quotidianas perpetuas, deixando por cada huma oitenta mil reis de esmola ao Sacerdote, que a dissesse, e de fabrica o mesmo. Mandou-se sepultar no Adro da Igreja, à entrada da porta, em sepultura raza, onde jaz, e tem o seguinte Epitafio:

Latet hic, & tacet, quem fama loquitur & prodit
Eminentissimus D. D. *Verissimus de Lancastro.*
Genus si quaris?
His friget in cineribus, qui olim juvenis caluit,
Lusitanorum, imò & totius Europa Regum sanguis.
Si Sapientiam?
Quam in utraque Regni hausit, & exhausit Academia,
In commune Ecclesia bonum perenni effudit scaturigine.
Si honorum gradus?
Sacris initiatus tuenda, augendaque Fidei partes suscepit:
Decursis sacro Areopago, ordine suo minoribus subselijs,
In supremam tandem Generalis Inquisitoris erectus selam.
Fabio maior Maximo, & felicior
Catholicam nobis cunctando restituit rem.
Ex Hispaniarum Primate, factus Ecclesia Princeps purpuratus,
Petri Claves, & si non obtinuit, virtutibus meruit, quibus claruit.
Ex una omnes disce Humilitate,
Quam in vulgaris tumuli lapide, ceu in speculo poteris contemplari,
De Æterna scilicet animi mansione magis,
Quam de Mausoleo cadaveris sollicitus.
Sua nihil interesse duxit humi ne an sublime putresceret.
Regnum Cœlorum, si venditur, eleemosinis emit.
Verissimus citra adulationem, pauperum Pater.
Cœlo charus, & solo.
Vixit justissime annos 76 *Obijt piissime* 12 *Decembris* 1692.
Quiescit placidissime ad diem soli Deo notam.

Na

Na Capella do mesmo Cardeal, que fica no atrio da mesma Igreja, se vem as duas Inscripções seguintes:

Da parte do Euangelho.

D. Fr. Josephus de Lancastro, Inquisitor Generalis, & D. Ludovicus de Lancastro, Villæ novæ Comes, Avisijque Maximus Commendatarius, Eminentissimi Dñi D. Verissimi de Lancastro frater, & ex Fratre nepos ejus Testamentarij sacellum hoc ipsius tumulo contiguum cum ducentis aureis pro fabrica, ut quater in illo pro ejusdem anima quotidie Sacrum celebretur, additis ad sepulchrum responsorijs cum donatione ducentorum aureorum pro quolibet Sacrificio erigere jusserunt.

Da parte da Epistola.

E tumulo huc oculos ad parvum flecte sacellum
Contracta in spatium stat breve sacra domus.
Scilicet hæc humili respondet parva sepulchro,
Illud & exigui est arca plana soli.
Nam qui mente humilis contempsit vivus honores,
Hic quoque summa fugit mortuus, ima cupit.
Ergo purpurei qui stemmata sacra galeri
Addit ad titulos tot sibi jure datos.
Cum foret evectus summa ad fastigia solum,
Sensit onus, renuit quidquid honoris erat.

CAPI-

CAPITULO XVII.

De D. Fr. Joseph de Lencastre, Bispo de Miranda, e Leiria, Inquisidor Geral destes Reynos, Capellaõ môr delRey Dom Pedro II e do Conselho de Estado.

17 NAõ se costumaõ herdar com o sangue as virtudes, nem menos serem taõ igualmente praticadas nos irmãos, que se naõ differencem hum do outro: porém agora veremos, depois do que temos referido no Capitulo precedente, que nada cedeo a seu irmaõ o Cardeal D. Verissimo no exercicio das virtudes D. Joseph de Lencastre. Nasceo na Cidade de Lisboa a 19 de Março do anno de 1621, e foy tambem bautizado na Parochial Igreja de Santos. Apenas tinha cumprido quinze annos, quando com generosa resoluçaõ, sem ter dado parte a seus pays, tomou o habito dos Carmelitas Descalços no Mosteiro de Evora em 12 de Março de 1636, donde sendo mandado a continuar o noviciado em Lisboa, professou no Mosteiro de Nossa Senhora dos Remedios a 22 de Março de 1637: vida aspera em compreiçaõ debil, lhe originaraõ algumas enfermidades; de sorte, que por mitigar o rigor da Regra na Reforma, naõ mudando da Religiaõ, passou para a Provincia do Carmo Calçada, e entrou no Mosteiro

de Setuval a 13 de Outubro de 1645. Nesta Religiaõ foy Socio, e Secretario da Provincia, sendo Provincial o Padre Mestre Fr. Gaspar dos Reys; e depois deste emprego, no anno de 1656, o mandou a Provincia a Roma, a tratar da Beatificaçaõ do Veneravel Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Foy graduado Presentado, e Mestre em Theologia, graos para que os seus estudos o habilitaraõ com distincçaõ. A sua grande pessoa lembrou ao Papa Alexandre VII. que por motu proprio o nomeasse Prior de S. Martinho *in Montibus*, hum dos Mosteiros, que a sua Religiaõ tem na Curia Romana, que elle regeitou. Depois no Capitulo, que a Religiaõ celebrou em Roma a 5 do mez de Julho de 1666, foy eleito Assistente Geral das Provincias de Portugal, e Hespanha, com o titulo de Provincial de Dacia. Restituîo-se à sua Provincia no anno de 1669, de que foy nomeado Commissario Geral pelo seu Reverendissimo Padre Geral Fr. Mattheus Orlando, à sua instancia o Papa Clemente X. (com quem tivera trato no tempo, que esteve em Roma, e era Cardeal) o fez por motu proprio Provincial desta Provincia, que naõ aceitou, dizendo ser prejudicial à Religiaõ semelhantes exemplos. Porém o Geral o encarregou do governo da Provincia com o titulo de Vigario Provincial; e finalmente foy eleito Provincial no Capitulo de 28 de Abril de 1674, celebrado em Lisboa, com todos os votos, que governou com acerto; porque foy sempre observante da sua Regra,

Sá, *Memorias dos Arcebispos, e Bispos do Carmo*, pag. 266.

mos-

moſtrando em tudo o que obrava a eſtimaçaõ, que fazia de a profeſſar, andando a pé, ſem entrar em carruagem, nem uſar de mais diſtincçaõ, do que a Religiaõ permittia aos demais filhos; nem comeo fóra do Convento, nem ainda em caſa de ſeu irmaõ. Eſta vida exemplar, que ſempre obſervou, o fazia benemerito de grandes Dignidades, que ſobre o ſeu grande naſcimento naõ podia eſquecer ao vigilante cuidado delRey D. Pedro II. (entaõ Principe Regente) com que cuidava na eleiçaõ dos Prelados para as Igrejas; elle o nomeou Biſpo de Miranda, de que ſendo confirmado pelo Santiſſimo Padre Innocencio XI. lhe foraõ expedidas Bullas a 26 do mez de Abril de 1677: foy ſagrado no Moſteiro do Carmo de Lisboa por ſeu irmaõ D. Veriſſimo, Arcebiſpo Primaz, em 25 de Junho do meſmo anno, aſſiſtentes D. Eſtevaõ Brioſo de Figueiredo, Biſpo de Pernambuco, e depois do Funchal, e D. Fr. Chriſtovaõ de Almeida, Biſpo Titular de Martyria. Foy elle hum dos Biſpos, que em Coimbra aſſiſtiraõ à primeira Traſladaçaõ, que ſe fez do Corpo da Rainha Santa Iſabel por ordem do Senhor Rey D. Pedro. Aſſim que entrou no ſeu Biſpado o viſitou peſſoalmente, em que fez todas as obrigações de hum verdadeiro Paſtor. Dentro no Palacio Epiſcopal erigio hum Collegio com o titulo de S. Joſeph, de que foy muy devoto, com renda para doze Collegiaes pobres, com ſeu Meſtre de Grammatica; e no meſmo Palacio tinha claſſe publica de Latim para todos os moradores

Catalogo dos Biſpos de Miranda na Collecçaõ da Academia do anno de 1721.

Corograf. Portug. tom. I. pag. 480.

da ſua Dioceſi, que regeo com admiravel prudencia, zelo do ſerviço de Deos, e amor das ſuas ovelhas; porque era muy compaſſivo, e liberal com os pobres, que com ſaudade ſentiraõ o ſer promovido ao Biſpado de Leiria, de que tirando Bullas Apoſtolicas, tomou poſſe a 2 de Agoſto de 1681. Neſta Igreja exercitou o officio de Paſtor com toda a propriedade, apaſcentando com as eſmolas, e com a doutrina, prégando, com grande edificaçaõ da ſua Dioceſi, por muitas vezes na ſua Sé, viſitando o Biſpado, arrancando abuſos, e plantando ſantos coſtumes, que fortificava com os Operarios Euangelicos, que continuamente andavaõ trabalhando naquella Dioceſi. ElRey D. Pedro, que tinha alto conceito das virtudes deſte Prelado, por morte de ſeu irmaõ o nomeou Inquiſidor Geral, de que lhe paſſou Bullas o Papa Innocencio XII. em o primeiro de Julho de 1693, de que tomou poſſe em 20 de Outubro do meſmo anno; e depois em o anno de 1702 o fez ſeu Capellaõ môr, de que lhe mandou paſſar Carta a 17 de Janeiro do referido anno; e ultimamente o nomeou o meſmo Rey a 31 de Mayo de 1704 do ſeu Conſelho de Eſtado, na promoçaõ que fez de Miniſtros de Eſtado, achando-ſe em Santarem. Foy o Biſpo D. Fr. Joſeph de Lencaſtre ornado de grandes virtudes; em todas eſtas grandes occupações ſe portou com modeſtia religioſa. Todos os dias celebrava o Santo Sacrificio da Miſſa, o que fazia com devoçaõ, e copioſas lagrimas; depois da qual rezava o Terço do

Catalogo dos Biſpos de Leiria da Collecçaõ da Academia do anno de 1722.

Roſa-

Rosario com a sua familia. Nunca quiz deixar de satisfazer com as obrigações de Religioso; pelo que jejuava os jejuns da Regra Carmelitana: naõ havia dia algum, que naõ tivesse oraçaõ, e na semana tres vezes disciplina, nas segundas, quartas, e sextas feiras; porém de sorte acautelado, que naõ se percebia; a que ajuntava outras muitas particulares mortificações, e penitencias. Era a sua familia muy reformada, e modesta, com quem sempre comeo em tinello, tendo hum pobre mendigo à sua maõ direita, a quem elle servia os pratos: a sua casa limpa, mas sem ostentaçaõ; porque naõ tinha de valor mais que livros, cortinas de lãa, nem elle vestio nunca outra cousa, que naõ fosse lãa; em tudo mostrava, que era Religioso, e reformado: dormia em huma barra pobre de pinho, e tinha hum leito concertado com o paramento de serafina roxa, e a colcha rica era de huma palha fina de Angola. ElRey D. Pedro nos dias, que hia ao Palacio da Inquisiçaõ, por adorar a Santissima Imagem do Senhor chamado *dos Passos*, na Procissaõ da segunda sexta feira da Quaresma, tinha a curiosidade de ver o pobre ornato daquella cama de estado, de que muito se edificava, da qual naõ se servia, se naõ nas occasioens, que por molestia havia de receber visitas. Teve grande talento para os negocios politicos, que comprehendia com admiravel percepçaõ, votando singularmente nas materias de Estado; de sorte, que o seu voto era de grande ponderaçaõ aos demais Ministros: a hum, sem controver-

sia

ſia grande em tudo daquelle tempo, que foy o Duque de Cadaval D. Nuno, o ouvi muitas vezes. Era de animo compaſſivo, e taõ eſmoler, que a reſerva, que fez do Biſpado de Leiria, quando o renunciou para ſer Inquiſidor Geral, ficava no meſmo Biſpado em ordinarias, e eſmolas, com que ſoccorria viuvas honradas, recolhidas, e a outras peſſoas nobres, e neceſſitadas. Finalmente nelle concorreraõ todas as virtudes de hum grande Prelado, e de hum grande Senhor, como elle foy, com coraçaõ candido, mas prudente, com notavel conſtancia, e naõ menos affabilidade, Letrado, e virtuoſo, de que foy piamente receber o premio eterno, fortalecido com os Sacramentos, que recebeo com grande devoçaõ; cheyo de annos, e merecimentos, faleceo a 13 de Setembro de 1705. Aberto o ſeu Teſtamento ſe achou cheyo de diſpoſiçōes pias, e devotas, ordenando que foſſe enterrado, ſem pompa alguma, na Capella do Noviciado dos Carmelitas Deſcalços de Lisboa, para deſcançar eternamente com aquelles, que tanto amara na vida, e donde aprendera as virtudes, que tanto ſoube exercitar. Jaz em ſepultura raza no meyo da Capella, onde em huma pedra lhe puzeraõ o ſeguinte Epitafio:

Aqui deſcança o Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Dom Fr. Joſeph de Lancaſtro, Religioſo profeſſo Carmelita

ta

ta Descalço neste Santo Noviciado de Nossa Senhora dos Remedios, e depois de muitos annos passado à Familia dos Observantes. Foy Provincial, e Commissario Geral, de donde sahio para Bispo de Miranda, e de Leiria, e ultimamente Inquisidor Geral, e Capellaõ môr delRey D. Pedro II. e do seu Conselho de Estado. Faleceo em 13 de Setembro de 1705.

CAPITULO XVIII.

De Dom Pedro de Lencastre, II. Conde de Figueiró, &c.

17 NAõ succedeo D. Pedro de Lencastre na Casa, e na Dignidade de Commendador môr de Aviz; porque anticipando-selhe a morte, acabou a vida primeiro, que seu pay: porém succedeo na de seu tio Francisco de Vasconcellos, I. Conde de Figueiró, que morreo em Madrid no anno de 1653, como neto de Manoel de Vasconcellos, Regedor das Justiças, do Conselho de Estado em Madrid, Commendador de Izeda na Ordem de Christo, Senhor do Morgado de Esporaõ em Evora. Foy D. Pedro

Pedro recebido à moradia de Moço Fidalgo por Alvará de 7 de Fevereiro de 1625, em que ElRey diz: *A Dom Joaõ da Silva, meu Mordomo môr, hey por bem fazer merce a D. Pedro de Lencaſtre, filho de D. Franciſco Luiz de Lencaſtre, meu muito amado, e prezado Sobrinho, de o tomar por Moço Fidalgo, com o foro, e moradia, que pelo dito ſeu pay lhe pertence, &c.* Sem embargo de D. Pedro naõ ſucceder na Caſa de Figueiró, que era da Condeſſa Dona Anna de Menezes e Vaſconcellos, mulher de ſeu tio o I. Conde, lhe ſuccedeo no Condado por merce del-Rey D. Joaõ IV. attendendo à grande qualidade de D. Pedro, de que lhe paſſou Carta a 19 de Mayo do anno de 1654, e foy Senhor de Villa-Nova de Faſcoa, e do Morgado de Eſporaõ. No anno em que o meſmo Rey, como diſſemos, inſtituîo o Tribunal da Junta dos Tres Eſtados, foy o Conde de Figueiró hum dos primeiros Miniſtros, que nelle houve: e pelo ſeu caſamento foy Senhor de Goes, e do Condado de Sortelha. Morreo a 21 de Julho de 1658. Foy depoſitado na Igreja de Noſſa Senhora dos Remedios dos Carmelitas Deſcalços, donde foy trasladado para a Capella môr de S. Joaõ de Setuval, enterro da ſua Caſa.

Caſou em vida de ſeu pay em 16 de Fevereiro de 1630 com a Condeſſa D. Magdalena de Lencaſtre, que faleceo em 5 de Dezembro de 1649, e jaz na Igreja do Moſteiro da Eſperança de Lisboa. Era filha ſegunda de D. Luiz da Sylveira, III. Conde de Sorte-

Sortelha, e Guarda môr da pessoa delRey, e de sua mulher Dona Maria de Vilhena, Condessa de Villa-Nova; veyo a Condessa D. Magdalena a herdar a Casa de seu pay por morte de sua irmãa mais velha a Condessa de Villa-Nova D. Branca de Vilhena da Sylveira; succedeo nas terras, Morgados, e mais Senhorios da Casa de Sortelha; e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

18 D. JOSEPH DE LENCASTRE, III. Conde de Figueiró, como se verá no Capitulo XIX.

18 D. LUIZ DE LENCASTRE, IV. Conde de Villa-Nova, Capitulo XX.

18 D. MARIA DE LENCASTRE, a quem a natureza dotou de fermosura, e sem ter elegido estado, acabou na flor da idade em o primeiro de Outubro de 1657; e jaz com sua mãy no Mosteiro da Esperança de Lisboa.

CAPITULO XIX.

De D. Joseph Luiz de Lencastre, III. Conde de Figueiró, Commendador môr de Aviz.

18 NAsceo na Cidade de Evora, e foy bautizado na Cathedral daquella Cidade em 27 de Agosto do anno de 1639, sendo seu Padrinho seu tio D. Verissimo de Lencastre, e Madrinha sua avó D. Filippa de Mendoça: succedeo na Casa de seu pay, e foy III. Conde de Figueiró, de que se lhe passou Carta a 29 de Setembro de 1658; declarando-se ser a terceira vida, com que esta merce fora feita a Manoel de Vasconcellos seu visavô, sendo a primeira seu filho Francisco de Vasconcellos; e que nas outras duas entrariaõ seus descendentes, ou as pessoas, que em falta delles succedessem na Casa. Teve a Dignidade de Commendador môr da Ordem de Aviz, de que tirou Carta a 17 de Outubro de 1673, e as mais Commendas, e Alcaidarias móres, que possuhio seu avô: e tendo succedido por morte da Condessa sua mãy na Casa de Sortelha, veyo por morte de sua avó materna a succeder no Condado de Villa-Nova de Portimaõ; e engrossando em rendas a sua grande Casa, por recahirem nella duas taõ illustres, veyo a ser huma das mais ricas, e poderosas do Reyno. Foy Deputado da Junta dos Tres Estados, e Presidente do

do Senado da Camera; e morreo em Lisboa a 11 de Dezembro de 1687. A devoçaõ o fez deixar o enterro dos seus mayores, mandando-se sepultar na sua Parochia de Santos, na Capella de Nossa Senhora da Saude, onde jaz.

Casou em 31 de Julho de 1664 com a Condessa D. Filippa de Vilhena, huma das Senhoras mais magnificas no trato, e grandeza da Casa, que teve a Corte: faleceo a 15 de Dezembro de 1688. Era filha de Joaõ Rodrigues de Sá, Conde de Penaguiaõ, Camereiro mór, e do Conselho de Estado delRey D. Joaõ IV. e de sua mulher a Condessa D. Luiza Maria de Faro: porém desta esclarecida uniaõ naõ tiveraõ filhos. E jaz na dita Capella da Igreja de Santos com o Conde seu marido, onde se conserva esta memoria:

Nesta Capella se mandaraõ enterrar D. Joseph de Lencastre, Conde de Figueiró, e a Condessa D. Filippa de Vilhena sua mulher, pela singular devoçaõ, que sempre tiveraõ a esta Santa Imagem da Virgem Senhora nossa.

CAPI-

CAPITULO XX.

De D. Luiz de Lencastre, IV. Conde de Villa-Nova de Portimaõ, Commendador môr de Aviz.

18 DA esclarecida uniaõ de D. Pedro de Lencastre, e D. Magdalena de Lencastre, II. Condes de Figueiró, foy o segundo filho D. Luiz de Lencastre, que nasceo em Azeitaõ em hum Sabbado do mez de Mayo de 1644. ElRey D. Affonso VI. por seu Alvará de 17 de Setembro de 1666, accrescentando-o do foro de Moço Fidalgo, diz: *Faço merce de Fidalgo Escudeiro, e Fidalgo Cavalleiro a D. Luiz de Lencastre com a moradia, que teve seu Avô Dom Francisco Luiz, meu muito amado Sobrinho, filho de D. Luiz de Lencastre, meu muito amado Sobrinho.* Este tratamento de parentesco com a Casa Real, expressaraõ os Reys ainda em seu avó, como referimos.

Naõ teve successaõ, como temos visto no Capitulo precedente, o Conde de Figueiró seu irmaõ: pelo que D. Luiz lhe succedeo em toda a Casa, e Morgados, que por elle vagaraõ, menos os bens da Coroa, que eraõ muitos; porque nestes, em huns lhe faltavaõ as vidas, e outros eraõ incluidos na Ley Mental; e sómente se lhe conservou o Senhorio de Villa-

Nova

Nova de Fascoa por ser de juro, e ter huma vida fóra da Ley Mental, de que se lhe passou Carta a 5 de Novembro de 1688 por merce delRey D. Pedro; pela qual foy tambem IV. Conde de Villa-Nova de Portimaõ, Commendador môr da Ordem de Aviz, e das Commendas, e Alcaidarias móres, de que se lhe passaraõ Cartas a 27 de Agosto de 1688, em que diz: *Por aver respeito às duas vidas, em que sua Avó foy despachada, e estar huma por verificar.* Morreo em o primeiro de Janeiro de 1704, e jaz na Parochia de Santos, na mesma Capella do Conde seu irmaõ.

Casou em 15 de Fevereiro de 1694 com D. Magdalena Theresa de Noronha, Dama da Rainha D. Maria Sofia, filha de D. Estevaõ de Menezes, Senhor da Casa de Tarouca, e de D. Helena de Noronha sua mulher; e deixando a successaõ, que diremos, morreo a 26 de Dezembro de 1701; e foy sepultada na mesma Capella da Igreja de Santos, onde está seu marido. Foraõ seus filhos

19 D. Pedro de Lencastre, que nasceo, e morreo em 23 de Março de 1696.

19 D. Pedro de Lencastre, V. Conde de Villa-Nova, como se verá no Capitulo XXI.

19 D. Maria de Lencastre nasceo a 17 de Abril de 1698, casou em 25 de Fevereiro de 1715 com D. Pedro de Almeida, III. Conde de Assumar, e I. Marquez de Castello-Novo, Vice-Rey, e Capitaõ General do Estado da India, para onde partio

a 29

a 29 de Março de 1744; e da sua successaõ já demos noticia em seu proprio lugar a pag. 818 do Tomo X.

19 D. Francisco Joseph de Lencastre nasceo a 14 de Agosto de 1699, em quem defeituosa a natureza, o fez incapaz de trato, por ser enfermo no juizo.

19 D. Helena de Lencastre nasceo a 25 de Outubro do anno de 1700, e casou em 13 de Agosto de 1713 com D. Joaõ Mascarenhas, III. Marquez de Fronteira, e IV. Conde da Torre, como em outra parte fica dito a pag. 472 do Tomo IX. de quem nasceo D. Maria a 23 de Setembro de 1738, que faleceo de tenra idade.

19 D. Theresa de Lencastre, que foy a ultima, nasceo a 10 de Dezembro do anno de 1701, e casou em 24 de Setembro de 1719 com D. Francisco Mascarenhas, III. Conde de Coculim, como já temos em outra parte escrito a pag. 246 do Tomo V.

A Con-

- ...ondes- ...D. Mag- ...n. The- ... de No- ...h. mul, D. Luiz ... Lencas- ..., IV. ...nde de ...lla-No-...
  - Dom Estevaõ de Menezes, Senh. da Casa de Tarouca, Deputado da Junta dos Tres Estados.
    - Dom Duarte de Menezes, III. Conde de Tarouca.
      - D. Luiz de Menezes, II. Conde de Tarouca, Governador de Tangere, ✱ em Outubro de 1614.
        - D. Duarte de Menezes, Senhor da Casa de Tarouca, Vice-Rey da India, nasceo em Tangere a 6 de Dezembro 1537.
          - D. Joaõ de Menezes, XVII. Governador de Tangere, Cõmendador de Albufeira da Ordem de Santiago.
          - D. Luiza de Castro.
        - D. Leonor da Sylva.
          - Diogo da Sylva, Senhor de Vagos, Regedor das Justiças.
          - D. Antonia de Vilhena.
      - D. Lourença Henriques, segunda mulher.
        - Vasco Martins Moniz, IV. Senhor de Angeja, &c.
          - Jorge Moniz, Senhor de Angeja, &c.
          - D. Leonor Henriques.
        - D. Violante de Menezes.
          - D. Fernando de Noronha, Capitaõ de Azamor.
          - D. Joanna de Menezes.
    - A Condessa D. Luiza de Castro.
      - D. Estevaõ de Faro, I. Conde de Faro, do Conselho de Estado, ✱ a 12 de Fevereiro de 1628.
        - Dom Diniz de Faro, Commendador de Moras na Ordem de Christo, ✱ a 12 de Dezembro de 1574.
          - D. Fernando de Faro, Senh. do Vimieiro, Mordomo môr da Rainha D. Catharina, ✱ a 9 de Jan. 1552.
          - D. Isabel de Mello, ✱ em 1563.
        - D. Luiza Cabral.
          - Joaõ Alvares Caminha.
          - D. Isabel Cabral.
      - A Condessa Dona Guiomar de Castro, ✱ a 7 de Outubro de 1620.
        - D. Joaõ Lobo, IV. Baraõ de Alvito, do Conselho de Estado, Vêdor da Fazenda.
          - D. Rodrigo Lobo, II. Baraõ de Alvito, do Conselho delRey D. Joaõ III. e Vêdor da Fazenda.
          - Dona Guiomar de Castro.
        - A Baroneza D. Leonor Mascarenhas.
          - D. Joaõ Mascarenhas, Capitaõ dos Ginetes delRey D. Manoel, Senhor de Lavre.
          - D. Margarida Coutinho.
  - D. Helena de Noronha.
    - D. Thomás de Noronha, III. Conde dos Arcos.
      - D. Marcos de Noronha.
        - D. Thomás de Noronha.
          - D. Leaõ de Noronha.
          - D. Branca de Castro.
        - D. Helena da Sylva.
          - D. Gil Eannes da Costa, Vêdor da Fazenda, do Conselho de Estado, e Despacho.
          - D. Joanna da Sylva.
      - D. Maria Henriques.
        - D. Francisco da Costa, Embaixador a Marrocos, anno de 1579.
          - D. Duarte da Costa, Armeiro môr, Governador do Brasil, Presidente do Senado da Camera.
          - D. Maria de Mendoça.
        - Dona Joanna Henriques.
          - Gonçalo Pinto, Senhor de Ferreiros, e Tendaes.
          - D. Violante Henriques.
    - A Condessa D. Magdalena de Borbon, segunda mulher.
      - D. Luiz de Brito, Visconde de Villa-Nova de Cerveira, I. Conde dos Arcos, ✱ a 24 de Junho de 1647.
        - D. Lourenço de Brito Nogueira e Lima, VII. Visconde de Villa-Nova da Cerveira, do Conselho de Estado.
          - Luiz de Brito, IV. Visconde de Villa-Nova da Cerveira.
          - A Viscondessa D. Ignez de Lima.
        - A Viscondessa Dona Luiza de Tavora.
          - Luiz de Alcaçova Carneiro, Senhor de Figueiró.
          - D. Antonia de Tavora.
      - A Condessa Vitoria de Cardaillac.
        - Francisco de Cardaillac, Baraõ de la Chapelle.
          - Antonio de Cardaillac, Baraõ de la Chapelle, &c.
          - A Baroneza Victoria de Aquino.
        - A Baroneza Magdalena de Borbon.
          - Henrique de Borbon, Visconde de Laveden.
          - A Viscondessa Francisca de Mirimont.

CAPITULO

D. Pedro de Lencastre, V. Duque, e VI. Commendador mór de Aviz.

NO anno de 1697 a 4 de Outubro nasceo D. Pedro de Lencastre Sylva, e Alcaide Castellobranco Vasconcellos Barreto e Menezes, em quem a obrigação de tantos Morgados uniu tantos e taõ illustres appellidos. Succedeo em toda a Casa de seu pay, quando ainda naõ tinha annos, ficando por seu tutor aquelle Arcebispo do o Bispo Inquisidor Geral seu tio, que lhe trata da tratou o seu casamento, nomeando por seu tutor a seu futuro sogro, debaixo de cujas prudentes maximas foy educado. He V. Conde de Alvito por Carta de 5 de Fevereiro de , VI. Commendador mór da Ordem de Aviz na sua Casa, e Commendador das Commendas de Santiago, Bismoz, Vera , todas na dita Ordem, e Alcaide mór de , Alenquer, Cabeçaõ, Benavente, Alcaide, Senhor das Villas de Gouvea, Sabrosa, Villa de , e das Casas de Villa-Nova de Portimaõ, e de , Senhor dos Morgados da Povoa, de , Oliveira do Conde, Góes, Marvilla, Alvalade, Algarve, Alcacere, etc.

CAPITULO XXI.

De D. Pedro de Lencastre, V. Conde de Villa-Nova, e VI. Commendador môr de Aviz.

19 NO anno de 1697 a 4 de Abril nasceo D. Pedro de Lencastre Sylveira Valente Castellobranco Vasconcellos Barreto e Menezes, em quem a obrigaçaõ de tantos Morgados unio tantos, e taõ illustres appellidos. Succedeo em toda a Casa de seu pay, quando ainda naõ tinha cumprido sete annos, ficando por seu tutor aquelle virtuoso Prelado o Bispo Inquisidor Geral seu tio, que em sua vida tratou o seu casamento, nomeando por seu tutor a seu futuro sogro, debaixo de cujas prudentes maximas foy educado. He V. Conde de Villa-Nova por Carta de 5 de Fevereiro de 1704, VI. Commendador môr da Ordem de Aviz na sua Casa, e Commendador das Commendas de Alcanede, Estremoz, Veiros, e Landroal, todas na dita Ordem, e Alcaide mòr dos Castellos de Aviz, Veiros, Landroal, Cabeçaõ, Benavilla, Alcanede, e Pernes, Senhor das Villas de Goes, Salriza, Villa-Nova de Fascoa, e das Casas de Villa-Nova de Portimaõ, e de Sortelha, Senhor dos Morgados da Povoa, de Esporaõ, Oliveira do Conde, Goes, Pedra-Alçada, Marvilla, Valverde, Algarve, Alcochete, e Ma-

ſra, e Senhor dos Padroados das Igrejas de Sampayo de Villa-Verde, S. Thomé de Cabella, S. Salvador de Ruivaens, Santa Margarida de Colzada, Santiago de Tremes, S. Vicente de Souſa, Santa Maria de Idens, e da Collegiada, e Vigairarias de Santa Maria de Goes, Santa Maria de Correllos, S. Pedro da Varzea, S. Pedro de Oliveira de Conde, S. Chriſtovaõ de Cabanas. A Providencia Divina, que o fez Senhor de huma taõ grande Caſa, deixou que a natureza próvida lhe déſſe huma gentil, e agradavel preſença, de corpo agigantado; mas com proporçaõ taõ armonioſa, que o faz biſarro, a que unio partes de grande Senhor, magnificencia no trato da ſua Caſa, e prudencia em dirigir as ſuas acções; goſtando dos exercicios, que ſaõ preciſos, e como neceſſarios, nas peſſoas do ſeu alto naſcimento; uſando do manejos dos cavallos, da caça, e outros exercicios, a que o leva mais que o divertimento, a ſatisfaçaõ da amiſade, do que o genio mais dado à liçaõ dos livros: principalmente da Hiſtoria, que leo com goſto, he a parte Genealogica a mais favorecida; e em huma, e outra he bem inſtruido; porque com memoria prompta ſe ſabe ſervir das occaſioens, em que brilha com modeſtia. No anno de 1729, quando as Mageſtades Portuguezas paſſaraõ à Provincia de Alentejo para ſe verem no Caya com as Mageſtades Catholicas, foy o Conde hum dos Senhores, que ſe acharaõ neſta mageſtoſa juncçaõ com magnifico trem, e acompanhado de luzida familia. No anno de 1744 foy

foy feito Deputado da Junta dos Tres Eſtados, que exercita com preſtimo; e pontualidade; porque concorrem nelle partes de vir a ſer hum grande Miniſtro.

Caſou em 29 de Outubro de 1711 com D. Maria Sofia de Lencaſtre, filha de D. Rodrigo Pedro Eannes de Sá, Marquez de Abrantes, e de Fontes; e da Marqueza Dona Iſabel de Lorena ſua mulher: deſta eſclarecida uniaõ teve

* 20 D. ISABEL DE LENCASTRE, com quem ſe continúa.

20 D. MAGDALENA DE LENCASTRE naſceo a 25 de Junho de 1714.

20 D. ANNA DE LENCASTRE naſceo a 26 de Setembro de 1716, caſou em 8 de Outubro de 1737 com ſeu primo com irmaõ Dom Fernando Maſcarenhas, filho dos III. Marquezes de Fronteira, de quem teve D. MARIA, que naſceo a 23 de Setembro de 1738, e viveo poucos mezes; e ſua mãy faleceo a 6 de Setembro de 1739.

20 D. IGNEZ ANDREZA DE LENCASTRE naſceo a 4 de Fevereiro do anno de 1717, e morreo em Agoſto do anno ſeguinte.

* 20 D. ISABEL DE LENCASTRE naſceo a 2 de Abril de 1713: caſou, como preſumptiva herdeira deſta grande Caſa, com Manoel Rafael de Tavora, Capitaõ de Cavallos na Provincia de Alentejo, filho dos II. Condes de Alvor, a qual faleceo a 26 de Fevereiro de 1742; e deſta eſclarecida uniaõ he unico

21 D. Joseph Maria Gregorio Francisco Xavier de Lencastre nasceo a 15 de Fevereiro do referido anno de 1742, que he presumptivo herdeiro da Casa de seu avô.

A Con-

- A Condessa D. Maria Sofia de Lencastre, mulher de D. Pedro, V. Conde de Villa-Nova.
  - Rodrig. Eannes de Sá e Menezes, III. Marquez de Fontes, I. de Abrant. Gentil-homem da Camera delRey D. Joaõ V. seu Védor da Fazenda, Embaixad. a Roma, e Madrid, ✻ a 30 de Abril de 1733.
    - Francisco de Sá de Menezes, I. Marq. de Fontes, IV. Conde de Penaguiaõ, Camereiro môr delRey D. Affonso VI. ✻ em 1677.
      - Joaõ Rodriguez de Sá, III. Conde de Penaguiaõ, Camereiro môr delRey Dom Joaõ IV. do Conselho de Estado, &c. ✻ em 1658.
        - Francisco de Sá e Menezes, II. Conde de Penaguiaõ, Camereiro môr, ✻ em 15 de Agosto 1647.
          - Joaõ Rodriguez de Sá, I. Conde de Penaguiaõ, e Camereiro môr delRey D. Filippe II.
          - A Condessa D. Isabel de Mendoça.
        - A Condessa D. Joanna de Castro.
          - Joaõ Gonçalves da Camera, Conde de Atouguia, ✻ em Abril de 1628.
          - A Condessa D. Maria de Castro, ✻ a 25 de Mayo de 1632.
      - A Condessa Dona Luiza de Faro.
        - D. Luiz de Ataide, Conde de Atouguia, Senhor de Piniche, ✻ em 1639.
          - Joaõ Gonçalves de Ataide, Conde de Atouguia.
          - A Condessa D. Maria de Castro.
        - A Condessa D. Filippa de Vilhena.
          - D. Jeronymo Coutinho, do Conselho de Estado, ✻ em 22 de Julho de 1630.
          - D. Luiza de Faro.
    - A Marqueza D. Joanna de Lencastre.
      - Dom Rodrigo de Lencastre, Commendador de Coruche na Ordem de Aviz, ✻ em 1657.
        - D. Lourenço de Lencastre, Commendador de Coruche.
          - D. Joaõ de Lencastre, Commendador de Coruche.
          - D. Paula da Sylva.
        - D. Ignez de Noronha.
          - Ruy Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ.
          - D. Marianna da Sylveira.
      - D. Ignez de Noronha.
        - Joaõ da Sylva Tello, I. Conde de Aveiras, XI. Senhor de Vagos, ✻ em 1651.
          - Diogo da Sylva, X. Senhor de Vagos.
          - D. Margarida de Menezes.
        - A Condessa D. Maria de Castro.
          - Ruy Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ.
          - D. Marianna da Sylveira.
  - A Marqueza D. Isabel de Lorena, ✻ a 26 de Nov. de 1699.
    - Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, I. Duque do Cadaval, IV. Marquez de Ferreir. V. Conde de Tentugal, do Conselho de Estado, &c. ✻ em 29 de Janeiro de 1727.
      - Francisco de Mello, III. Marquez de Ferreira, IV. Conde de Tentugal, do Conselho de Estado, &c. ✻ a 17 de Março de 1645.
        - D. Nuno Alvares Pereira de Mello, III. Conde de Tentugal, ✻ a 28 de Fevereiro de 1597.
          - Francisco de Mello, II. Marquez de Ferreira, e Conde de Tentugal, ✻ em Dezembro de 1588.
          - A Senhora D. Eugenia.
        - A Condessa D. Marianna de Castro, ✻ a 20 de Jan. 1626.
          - D. Rodrigo de Moscoso Osorio, V. Conde de Altamira.
          - N. . . . .
      - A Marqueza Dona Joanna Pimentel, ✻ a 11 de Setembro de 1657.
        - D. Antonio Pimentel, IV. Marquez de Tavera, Vice-Rey de Valença, ✻ a 28 de Março de 1627.
          - D. Henrique Pimentel, III. Marquez de Tavera.
          - A Marqueza Dona Joanna de Toledo.
        - A Marqueza D. Isabel de Moscoso.
          - D. Lopo de Moscoso, VI. Conde de Altamira, &c. ✻ a 15 de Dezembro de 1636.
          - A Condessa D. Leonor de Sandoval.
    - A Duqueza D. Maria Angelica Henriqueta de Lorena, ✻ a 7 de Julho 1674.
      - Francisco de Lorena, Conde de Harcourt, de Rieux, &c. ✻ em 27 de Junho de 1694.
        - Carlos de Lorena, Duque de Elbeuf, Cavalleiro das Ordens delRey, &c. ✻ a 5 de Nov. 1675.
          - Carlos de Lorena, I. do nome, Duque de Elbeuf, &c. ✻ em 1605.
          - A Duqueza Margarida Chabot, ✻ a 29 de Setembro de 1652.
        - A Duqueza Henriqueta, legitimada de França.
          - Henrique IV. Rey de França, ✻ a 14 de Mayo de 1610.
          - Gabriella de Estreés, Duqueza de Bocaufort.
      - Anna de Ornano, Condessa de Montsor, ✻ em Setemb. de 1695.
        - Henrique Francisco Affonso de Ornano, Marquez de Maubec, &c.
          - Affonso Corse de Ornano, Marichal de França.
          - Margarida Luiza de Grasse, Senhora de Flassans.
        - A Marqueza Margarida de Montsor.
          - Luiz Raymundo, Conde de Montsor.
          - A Condessa Maria de Maugiron.

menino.

XVII Dom Luiz de Lencaſtre, ✠ menino.

D. Ma[illegible] de Le[illegible] tre, ✠ nino.

D. Fr. Joſeph de Lencaſtre, Frade Carmelita, Biſpo de Miranda, e de Leiria, Inquiſidor Geral de Portugal, do Conſelho de Eſtado, Capellaõ môr del-Rey D. Pedro II. ✠ a 13 de Setembro de 1706.

Dona Marianna de Lencaſtre caſou com Dom Joaõ de Caſtro, Almirante de Portugal, Senhor de Reris.

XVIII Dom Joſeph Luiz de [illegible] lha, e Villa-Nova de [illegible] zembro de 1687. Ca[illegible] de Joaõ Rodrigues de [illegible] de Dezembro de 1688.

Commendador môr da [illegible] oes, &c. ✠ em o pri- [illegible] D. Magdalena Thereſa [illegible] ca, ✠ em 26 de De-

Dona Maria de Lencaſtre, ✠ na flor da idade ſem eſtado no primeiro de Outubro de 1657.

XIX Dom Pedro de Lencaſtre, naſ-

Lencaſtre, naſceo a

D. Thereſa de Lencaſtre, naſceo a

CAPITULO XXI.

De D. Pedro de Lencastre, V. Conde de Villa-Nova, e VI. Commendador môr de Aviz.

19 NO anno de 1697 a 4 de Abril nasceo D. Pedro de Lencastre Sylveira Valente Castellobranco Vasconcellos Barreto e Menezes, em quem a obrigaçaõ de tantos Morgados unio tantos, e taõ illustres appellidos. Succedeo em toda a Casa de seu pay, quando ainda naõ tinha cumprido sete annos, ficando por seu tutor aquelle virtuoso Prelado o Bispo Inquisidor Geral seu tio, que em sua vida tratou o seu casamento, nomeando por seu tutor a seu futuro sogro, debaixo de cujas prudentes maximas foy educado. He V. Conde de Villa-Nova por Carta de 5 de Fevereiro de 1704, VI. Commendador môr da Ordem de Aviz na sua Casa, e Commendador das Commendas de Alcanede, Estremoz, Veiros, e Landroal, todas na dita Ordem, e Alcaide mòr dos Castellos de Aviz, Veiros, Landroal, Cabeçaõ, Benavilla, Alcanede, e Pernes, Senhor das Villas de Goes, Salriza, Villa-Nova de Fascoa, e das Casas de Villa-Nova de Portimaõ, e de Sortelha, Senhor dos Morgados da Povoa, de Esporaõ, Oliveira do Conde, Goes, Pedra-Alçada, Marvilla, Valverde, Algarve, Alcochete, e Ma-

CAPITULO XIX.

De D. Joseph Luiz de Lencastre, III. Conde de Figueiró, Commendador môr de Aviz.

18 NAsceo na Cidade de Evora, e foy bautizado na Cathedral daquella Cidade em 27 de Agosto do anno de 1639, sendo seu Padrinho seu tio D. Verissimo de Lencastre, e Madrinha sua avó D. Filippa de Mendoça: succedeo na Casa de seu pay, e foy III. Conde de Figueiró, de que se lhe passou Carta a 29 de Setembro de 1658; declarando-se ser a terceira vida, com que esta merce fora feita a Manoel de Vasconcellos seu visavô, sendo a primeira seu filho Francisco de Vasconcellos; e que nas outras duas entrariaõ seus descendentes, ou as pessoas, que em falta delles succedessem na Casa. Teve a Dignidade de Commendador môr da Ordem de Aviz, de que tirou Carta a 17 de Outubro de 1673, e as mais Commendas, e Alcaidarias móres, que possuhio seu avô: e tendo succedido por morte da Condessa sua mãy na Casa de Sortelha, veyo por morte de sua avó materna a succeder no Condado de Villa-Nova de Portimaõ; e engrossando em rendas a sua grande Casa, por recahirem nella duas taõ illustres, veyo a ser huma das mais ricas, e poderosas do Reyno. Foy Deputado da Junta dos Tres Estados, e Presidente do

de Setuval a 13 de Outubro de 1645. Neſta Religiaõ foy Socio, e Secretario da Provincia, ſendo Provincial o Padre Meſtre Fr. Gaſpar dos Reys; e depois deſte emprego, no anno de 1656, o mandou a Provincia a Roma, a tratar da Beatificaçaõ do Veneravel Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira. Foy graduado Preſentado, e Meſtre em Theologia, graos para que os ſeus eſtudos o habilitaraõ com diſtincçaõ. A ſua grande peſſoa lembrou ao Papa Alexandre VII. que por motu proprio o nomeaſſe Prior de S. Martinho *in Montibus*, hum dos Moſteiros, que a ſua Religiaõ tem na Curia Romana, que elle regeitou. Depois no Capitulo, que a Religiaõ celebrou em Roma a 5 do mez de Julho de 1666, foy eleito Aſſiſtente Geral das Provincias de Portugal, e Heſpanha, com o titulo de Provincial de Dacia. Reſtituîo-ſe à ſua Provincia no anno de 1669, de que foy nomeado Commiſſario Geral pelo ſeu Reverendiſſimo Padre Geral Fr. Mattheus Orlando, à ſua inſtancia o Papa Clemente X. (com quem tivera trato no tempo, que eſteve em Roma, e era Cardeal) o fez por motu proprio Provincial deſta Provincia, que naõ aceitou, dizendo ſer prejudicial à Religiaõ ſemelhantes exemplos. Porém o Geral o encarregou do governo da Provincia com o titulo de Vigario Provincial; e finalmente foy eleito Provincial no Capitulo de 28 de Abril de 1674, celebrado em Lisboa, com todos os votos, que governou com acerto; porque foy ſempre obſervante da ſua Regra, moſ-

Sá, *Memorias dos Arcebiſpos, e Biſpos do Carmo*, pag. 266.

mostrando em tudo o que obrava a estimaçaõ, que fazia de a professar, andando a pé, sem entrar em carruagem, nem usar de mais distincçaõ, do que a Religiaõ permittia aos demais filhos; nem comeo fóra do Convento, nem ainda em casa de seu irmaõ. Esta vida exemplar, que sempre observou, o fazia benemerito de grandes Dignidades, que sobre o seu grande nascimento naõ podia esquecer ao vigilante cuidado delRey D. Pedro II. (entaõ Principe Regente) com que cuidava na eleiçaõ dos Prelados para as Igrejas; elle o nomeou Bispo de Miranda, de que sendo confirmado pelo Santissimo Padre Innocencio XI. lhe foraõ expedidas Bullas a 26 do mez de Abril de 1677: foy sagrado no Mosteiro do Carmo de Lisboa por seu irmaõ D. Verissimo, Arcebispo Primaz, em 25 de Junho do mesmo anno, assistentes D. Estevaõ Brioso de Figueiredo, Bispo de Pernambuco, e depois do Funchal, e D. Fr. Christovaõ de Almeida, Bispo Titular de Martyria. Foy elle hum dos Bispos, que em Coimbra assistiraõ à primeira Trasladaçaõ, que se fez do Corpo da Rainha Santa Isabel por ordem do Senhor Rey D. Pedro. Assim que entrou no seu Bispado o visitou pessoalmente, em que fez todas as obrigações de hum verdadeiro Pastor. Dentro no Palacio Episcopal erigio hum Collegio com o titulo de S. Joseph, de que foy muy devoto, com renda para doze Collegiaes pobres, com seu Mestre de Grammatica; e no mesmo Palacio tinha classe publica de Latim para todos os moradores

Catalogo dos Bispos de Miranda na Collecçaõ da Academia do anno de 1721.

Corograf. Portug. tom. 1. pag. 480.

ſe em 19 de Novembro de 1644; foy Inquiſidor da meſma Inquiſiçaõ, em que entrou a 16 de Março de 1649; e correndo todas as tres Cadeiras, paſſou para a primeira da Inquiſiçaõ de Lisboa, de que tomou poſſe em 7 de Junho do anno de 1660; e ſendo promovido a Deputado do Conſelho Geral do Santo Officio, tomou poſſe no primeiro de Abril de 1664. Foy do Conſelho delRey, Sumilher da Cortina delRey D. Pedro II. que o nomeou Biſpo de Lamego, Dignidade, que naõ aceitou. Os ſeus grandes merecimentos o lembraraõ ao meſmo Principe para o eleger Arcebiſpo Primaz, e Senhor de Braga, de que tirando Bullas Apoſtolicas, tomou poſſe por ſeu Procurador em 8 de Julho de 1671, e entrou naquella Auguſta Cidade em 3 de Novembro do meſmo anno, com grandes demonſtrações de goſto de ſeus moradores, que havia tantos annos ſe viaõ ſem Paſtor: logo tratou de viſitar o Arcebiſpado com tanta diligencia, como caridade, adminiſtrando o Sacramento da Confirmaçaõ a innumeraveis peſſoas de hum, e outro ſexo, e conferindo Ordens. O meſmo fez depois na Corte, dando Ordens todos os Domingos, e dias Santos na ſua Capella a todos os que tinhaõ privilegios para as tomar *extra tempora*; o que era grande commodidade dos Ordinandos, naõ ſó deſta Dioceſi, mas de todo o Reyno, e ainda dos viſinhos, donde vinhaõ muitos Heſpanhoes a tomar Ordens a Liſboa; o que elle exercitava com tanta ſatisfaçaõ, que dizia, que naõ fazia favor, mas que o recebia; e da

meſma

mesma sorte administrava a todas as pessoas o Sacramento da Confirmaçaõ, depois de acabar de dar Ordens. Satisfez todas as obrigações de hum verdadeiro Prelado; porque foy pay universal daquelles póvos, pela candidez do animo, compaixaõ, e benignidade; nelle virtudes taõ naturaes, que para todos era igual, e sem differença: e tendo renunciado o Arcebispado, e residindo nesta Diocesi até 27 de Março do anno de 1677, em que passou à Corte provido no lugar de Inquisidor Geral destes Reynos, deixando em toda aquella larga Diocesi hum geral sentimento, e huma viva saudade dos beneficios, que delle recebiaõ. E sendo confirmado no lugar de Inquisidor Geral por Bulla do Papa Innocencio XI. de 22 de Novembro do anno de 1676, tomou posse em 9 de Abril do anno seguinte. Neste grande lugar mostrou a sua prudencia, e o seu zelo na escolha dos Ministros; porque os teve excellentes, doutos, e benemeritos de mayores Dignidades, logrando neste emprego occasioens, em que pode luzir o zelo da Fé, entre todas as virtudes moraes, de que foy dotado. ElRey D. Pedro II. que naõ só o estimou grandemente, mas o respeitava, o fez do seu Conselho de Estado, em que servia ao Reyno com tanto amor, como christandade; porque só entaõ he que o Principe he dignamente servido, quando se naõ antepoem a lisonja à saude universal da Republica com tanto risco da consciencia. O mesmo Rey lhe deu a nomina de Cardeal nacional, e foy

creado Cardeal da Santa Igreja de Roma pelo Santo Papa Innocencio XI. em 12 de Setembro de 1686. Havia muitos annos, que ſe naõ via em Portugal eſta eminente Dignidade; porque a dominaçaõ eſtranha, e depois a guerra com Caſtella, naõ tinha dado lugar a que a Cabeça da Igreja attendeſſe aos eſclarecidos ſerviços, que a Coroa de Portugal tinha feito em obſequio da Religiaõ, e da Fé: porém eſta taõ alta Dignidade nenhuma impreſſaõ fez no animo deſte Principe, em quem a affabilidade era natural, e naõ affectada. Foy Varaõ de excellentes virtudes, em que ſe uniraõ as partes de perfeito Prelado; porque foy douto, e ainda ſendo velho ſe levantava muito cedo para eſtudar na ſua copioſa Livraria: pelo que foy taõ verſado no Direito Canonico, que em nenhuma materia lhe allegavaõ Author algum, que elle naõ accreſcentaſſe a allegaçaõ com outros muitos: foy muy curioſo dos eſtudos Genealogicos, de que eſcreveo livros, que deixou com outros no ſecreto do Santo Officio. Da ſua letra, que era excellente, vimos varios papeis, e annotações a livros de Familias; e aſſim foy elle hum dos bons Genealogicos do noſſo Reyno, e com todos os profeſſores deſte eſtudo mantinha communicaçaõ. Era caſto, virtuoſo, e com entranhas de piedade, conſolando aos afflictos, animando aos pretendentes, por quem obrava quanto em ſi eſtava pelos ſervir, principalmente em materias de honra, ainda nas mayores circunſtancias. Foy geralmente honrador dos homens: era de animo

Souſa; *Catalogo dos Summos Pontifices, e Cardiaes, &c. da Collecçaõ da Academia do anno de 17.*

animo brando, benigno, favorecedor dos pretendentes, que com elle tinhaõ entrada, por prompto em fallar às partes; de sorte, que todos conseguiaõ, sem trabalho, ter delle audiencia, com a certeza de que os naõ havia de escandalizar. Foy muy devoto, e todo o anno visitava as Igrejas, em que estava o Santo Lausperenne; e sendo taõ virtuoso, naõ era invencioneiro, antes de animo alegre, e jovial, gostando das galantarias, e graças, com que entretinha a conversaçaõ naquellas horas, que serviaõ de entretenimento à cortezãa civilidade, dos que o visitavaõ. Estas, e outras admiraveis virtudes o fizeraõ amado, e respeitado de todos os Estados do Reyno, em que vive com saudosa memoria; porque os Grandes, e Fidalgos, os Ecclesiasticos, e Seculares, os Religiosos, a Nobreza, e o povo, todos lhe eraõ ou inclinados, ou obrigados; porque elle a todos correspondia com igual affabilidade. Conservou em idade larga, saude robusta, até que finalmente assaltado de violentos achaques, se rendeo à cama, e em poucos dias de doença, deu muitos exemplos de piedade, e de todas as virtudes. Neste tempo se achava em Lisboa o Reverendissimo Padre Fr. Joaõ de Alvim, Ministro Geral de toda a Religiaõ dos Menores, que tinha vindo a visitar as Provincias deste Reyno, Varaõ verdadeiramente successor de S. Francisco, e de santa vida; e visitando ao Cardeal, o recebeo com as mais vivas expressoens de humildade christãa, que pudera fazer o menor subdito daquelle Prelado. Nesta

ta doença continuou aquelles actos de christandade, que tanto exercitava; e com constancia de animo recebeo todos os ultimos Sacramentos, com tal piedade, que edificou a toda a Corte, que universalmente sentia, e ouvia com pezar a sua molestia. As Religioens desta Cidade, que tanto estimara, com preces publicas pediaõ a Deos pela vida do Cardeal; testemunhando desta sorte o seu agradecimento, e o quanto todos necessitavaõ da vida deste Principe, que cheyo de annos, e merecimentos, morreo santamente a 13 de Dezembro de 1692 às sete horas da manhãa; a sua morte foy taõ sentida, como elle amado. ElRey D. Pedro se recolheo os dous dias seguintes, naõ sahindo fóra, nem dando audiencia; e o mesmo fez a Rainha D. Maria Sofia. O seu corpo foy venerado como de Varaõ Santo; porque o povo concorria em grande numero ao seu Palacio, e todos o pertendiaõ ver, tocando, como podiaõ, cada qual o seu Rosario, sendo huma só a voz, que se ouvia em toda a parte, appellidando-o *Santo*, espalhando-se por todo o Reyno este sentimento; porque as suas virtudes a toda a parte chegaraõ, ainda dos que o naõ conheceraõ. O seu corpo foy levado com magnificencia devida à sua pessoa, e ao seu caracter, ao Mosteiro de S. Pedro de Alcantara da Provincia da Arrabida, que elle muito estimou, e de que foy insigne Bemfeitor, por entre duas alas de Religiosos de todas as Ordens da Corte, com cirios accesos, e principiando do seu Palacio, acabava à porta do Mosteiro;

teiro; e acompanhava as andas, da parte esquerda, o referido Geral. Entre as disposições pias do seu Testamento ordenou, que lhe fizessem huma Capella no Adro da Igreja de S. Pedro de Alcantara, e que nella se dissessem quatro Missas quotidianas perpetuas, deixando por cada huma oitenta mil reis de esmola ao Sacerdote, que a dissesse, e de fabrica o mesmo. Mandou-se sepultar no Adro da Igreja, à entrada da porta, em sepultura raza, onde jaz, e tem o seguinte Epitafio:

Latet hic, & tacet, quem fama loquitur & prodit
Eminentissimus D. D. Verissimus de Lancastro.
Genus si quaris?
His friget in cineribus, qui olim juvenis caluit,
Lusitanorum, imò & totius Europa Regum sanguis.
Si Sapientiam?
Quam in utraque Regni hausit, & exhausit Academia,
In commune Ecclesia bonum perenni effudit scaturigine.
Si honorum gradus?
Sacris initiatus tuenda, augendaque Fidei partes suscepit:
Decursis sacro Areopago, ordine suo minoribus subselijs,
In supremam tandem Generalis Inquisitoris erectus selam.
Fabio maior Maximo, & felicior
Catholicam nobis cunctando restituit rem.
Ex Hispaniarum Primate, factus Ecclesia Princeps purpuratus,
Petri Claves, & si non obtinuit, virtutibus meruit, quibus claruit.
Ex una omnes disce Humilitate,
Quam in vulgaris tumuli lapide, ceu in speculo poteris contemplari,
De Æterna scilicet animi mansione magis,
Quam de Mausoleo cadaveris sollicitus.
Sua nihil interesse duxit humi ne an sublime putresceret.
Regnum Cœlorum, si venditur, eleemosinis emit.
Verissimus citra adulationem, pauperum Pater.
Cœlo charus, & solo.
Vixit justissime annos 76 Obijt piissime 12 Decembris 1692.
Quiescit placidissime ad diem soli Deo notam.

Na

Na Capella do meſmo Cardeal, que fica no atrio da meſma Igreja, ſe vem as duas Inſcripções ſeguintes:

Da parte do Euangelho.

D. Fr. Joſephus de Lancaſtro, Inquiſitor Generalis, & D. Ludovicus de Lancaſtro, Villæ novæ Comes, Aviſijque Maximus Commendatarius, Eminentiſſimi Dñi D. Veriſſimi de Lancaſtro frater, & ex Fratre nepos ejus Teſtamentarij ſacellum hoc ipſius tumulo contiguum cum ducentis aureis pro fabrica, ut quater in illo pro ejuſdem anima quotidie Sacrum celebretur, additis ad ſepulchrum reſponſorijs cum donatione ducentorum aureorum pro quolibet Sacrificio erigere juſſerunt.

Da parte da Epiſtola.

E tumulo huc oculos ad parvum flecte ſacellum
Contracta in ſpatium ſtat breve ſacra domus.
Scilicet hæc humili reſpondet parva ſepulchro,
Illud & exigui eſt arca plana ſoli.
Nam qui mente humilis contempſit vivus honores,
Hic quoque ſumma fugit mortuus, ima cupit.
Ergo purpurei qui ſtemmata ſacra galeri
Addit ad titulos tot ſibi jure datos.
Cum foret evectus ſumma ad faſtigia ſolum,
Senſit onus, renuit quidquid honoris erat.

CAPI-

CAPITULO XVII.

De D. Fr. Joseph de Lencastre, Bispo de Miranda, e Leiria, Inquisidor Geral destes Reynos, Capellaõ môr delRey Dom Pedro II e do Conselho de Estado.

17 NAõ se costumaõ herdar com o sangue as virtudes, nem menos serem taõ igualmente praticadas nos irmãos, que se naõ differencem hum do outro: porém agora veremos, depois do que temos referido no Capitulo precedente, que nada cedeo a seu irmaõ o Cardeal D. Verissimo no exercicio das virtudes D. Joseph de Lencastre. Nasceo na Cidade de Lisboa a 19 de Março do anno de 1621, e foy tambem bautizado na Parochial Igreja de Santos. Apenas tinha cumprido quinze annos, quando com generosa resoluçaõ, sem ter dado parte a seus pays, tomou o habito dos Carmelitas Descalços no Mosteiro de Evora em 12 de Março de 1636, donde sendo mandado a continuar o noviciado em Lisboa, professou no Mosteiro de Nossa Senhora dos Remedios a 22 de Março de 1637: vida aspera em compreiçaõ debil, lhe originaraõ algumas enfermidades; de sorte, que por mitigar o rigor da Regra na Reforma, naõ mudando da Religiaõ, passou para a Provincia do Carmo Calçada, e entrou no Mosteiro

de Setuval a 13 de Outubro de 1645. Nesta Religiaõ foy Socio, e Secretario da Provincia, sendo Provincial o Padre Mestre Fr. Gaspar dos Reys; e depois deste emprego, no anno de 1656, o mandou a Provincia a Roma, a tratar da Beatificaçaõ do Veneravel Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Foy graduado Presentado, e Mestre em Theologia, graos para que os seus estudos o habilitaraõ com distincçaõ. A sua grande pessoa lembrou ao Papa Alexandre VII. que por motu proprio o nomeasse Prior de S. Martinho *in Montibus*, hum dos Mosteiros, que a sua Religiaõ tem na Curia Romana, que elle regeitou. Depois no Capitulo, que a Religiaõ celebrou em Roma a 5 do mez de Julho de 1666, foy eleito Assistente Geral das Provincias de Portugal, e Hespanha, com o titulo de Provincial de Dacia. Restituìo-se à sua Provincia no anno de 1669, de que foy nomeado Commissario Geral pelo seu Reverendissimo Padre Geral Fr. Mattheus Orlando, à sua instancia o Papa Clemente X. (com quem tivera trato no tempo, que esteve em Roma, e era Cardeal) o fez por motu proprio Provincial desta Provincia, que naõ aceitou, dizendo ser prejudicial à Religiaõ semelhantes exemplos. Porém o Geral o encarregou do governo da Provincia com o titulo de Vigario Provincial; e finalmente foy eleito Provincial no Capitulo de 28 de Abril de 1674, celebrado em Lisboa, com todos os votos, que governou com acerto; porque foy sempre observante da sua Regra, mos-

Sá, *Memorias dos Arcebispos, e Bispos do Carmo*, pag. 266.

mostrando em tudo o que obrava a estimaçaõ, que fazia de a professar, andando a pé, sem entrar em carruagem, nem usar de mais distincçaõ, do que a Religiaõ permittia aos demais filhos; nem comeo fóra do Convento, nem ainda em casa de seu irmaõ. Esta vida exemplar, que sempre observou, o fazia benemerito de grandes Dignidades, que sobre o seu grande nascimento naõ podia esquecer ao vigilante cuidado delRey D. Pedro II. (entaõ Principe Regente) com que cuidava na eleiçaõ dos Prelados para as Igrejas; elle o nomeou Bispo de Miranda, de que sendo confirmado pelo Santissimo Padre Innocencio XI. lhe foraõ expedidas Bullas a 26 do mez de Abril de 1677: foy sagrado no Mosteiro do Carmo de Lisboa por seu irmaõ D. Verissimo, Arcebispo Primaz, em 25 de Junho do mesmo anno, assistentes D. Estevaõ Brioso de Figueiredo, Bispo de Pernambuco, e depois do Funchal, e D. Fr. Christovaõ de Almeida, Bispo Titular de Martyria. Foy elle hum dos Bispos, que em Coimbra assistiraõ à primeira Trasladaçaõ, que se fez do Corpo da Rainha Santa Isabel por ordem do Senhor Rey D. Pedro. Assim que entrou no seu Bispado o visitou pessoalmente, em que fez todas as obrigações de hum verdadeiro Pastor. Dentro no Palacio Episcopal erigio hum Collegio com o titulo de S. Joseph, de que foy muy devoto, com renda para doze Collegiaes pobres, com seu Mestre de Grammatica; e no mesmo Palacio tinha classe publica de Latim para todos os moradores

Catalogo dos Bispos de Miranda na Collecçaõ da Academia do anno de 1721.

Corograf. Portug. tom. 1. pag. 480.

da ſua Dioceſi, que regeo com admiravel prudencia, zelo do ſerviço de Deos, e amor das ſuas ovelhas; porque era muy compaſſivo, e liberal com os pobres, que com ſaudade ſentiraõ o ſer promovido ao Biſpado de Leiria, de que tirando Bullas Apoſtolicas, tomou poſſe a 2 de Agoſto de 1681. Neſta Igreja exercitou o officio de Paſtor com toda a propriedade, apaſcentando com as eſmolas, e com a doutrina, prégando, com grande edificaçaõ da ſua Dioceſi, por muitas vezes na ſua Sé, viſitando o Biſpado, arrancando abuſos, e plantando ſantos coſtumes, que fortificava com os Operarios Euangelicos, que continuamente andavaõ trabalhando naquella Dioceſi. ElRey D. Pedro, que tinha alto conceito das virtudes deſte Prelado, por morte de ſeu irmaõ o nomeou Inquiſidor Geral, de que lhe paſſou Bullas o Papa Innocencio XII. em o primeiro de Julho de 1693, de que tomou poſſe em 20 de Outubro do meſmo anno; e depois em o anno de 1702 o fez ſeu Capellaõ môr, de que lhe mandou paſſar Carta a 17 de Janeiro do referido anno; e ultimamente o nomeou o meſmo Rey a 31 de Mayo de 1704 do ſeu Conſelho de Eſtado, na promoçaõ que fez de Miniſtros de Eſtado, achando-ſe em Santarem. Foy o Biſpo D. Fr. Joſeph de Lencaſtre ornado de grandes virtudes; em todas eſtas grandes occupações ſe portou com modeſtia religioſa. Todos os dias celebrava o Santo Sacrificio da Miſſa, o que fazia com devoçaõ, e copioſas lagrimas; depois da qual rezava o Terço do Roſa-

Catalogo dos Biſpos de Leiria da Collecçaõ da Academia do anno de 1722.

Rosario com a sua familia. Nunca quiz deixar de satisfazer com as obrigações de Religioso; pelo que jejuava os jejuns da Regra Carmelitana: naõ havia dia algum, que naõ tivesse oraçaõ, e na semana tres vezes disciplina, nas segundas, quartas, e sextas feiras; porém de sorte acautelado, que naõ se percebia; a que ajuntava outras muitas particulares mortificações, e penitencias. Era a sua familia muy reformada, e modesta, com quem sempre comeo em tinello, tendo hum pobre mendigo à sua maõ direita, a quem elle servia os pratos: a sua casa limpa, mas sem ostentaçaõ; porque naõ tinha de valor mais que livros, cortinas de lãa, nem elle vestio nunca outra cousa, que naõ fosse lãa; em tudo mostrava, que era Religioso, e reformado: dormia em huma barra pobre de pinho, e tinha hum leito concertado com o paramento de serafina roxa, e a colcha rica era de huma palha fina de Angola. ElRey D. Pedro nos dias, que hia ao Palacio da Inquisiçaõ, por adorar a Santissima Imagem do Senhor chamado *dos Passos*, na Procissaõ da segunda sexta feira da Quaresma, tinha a curiosidade de ver o pobre ornato daquella cama de estado, de que muito se edificava, da qual naõ se servia, se naõ nas occasioens, que por molestia havia de receber visitas. Teve grande talento para os negocios politicos, que comprehendia com admiravel percepçaõ, votando singularmente nas materias de Estado; de sorte, que o seu voto era de grande ponderaçaõ aos demais Ministros: a hum, sem controver-

sia

ſia grande em tudo daquelle tempo, que foy o Duque de Cadaval D. Nuno, o ouvi muitas vezes. Era de animo compaſſivo, e taõ eſmoler, que a reſerva, que fez do Biſpado de Leiria, quando o renunciou para ſer Inquiſidor Geral, ficava no meſmo Biſpado em ordinarias, e eſmolas, com que ſoccorria viuvas honradas, recolhidas, e a outras peſſoas nobres, e neceſſitadas. Finalmente nelle concorreraõ todas as virtudes de hum grande Prelado, e de hum grande Senhor, como elle foy, com coraçaõ candido, mas prudente, com notavel conſtancia, e naõ menos affabilidade, Letrado, e virtuoſo, de que foy piamente receber o premio eterno, fortalecido com os Sacramentos, que recebeo com grande devoçaõ; cheyo de annos, e merecimentos, faleceo a 13 de Setembro de 1705. Aberto o ſeu Teſtamento ſe achou cheyo de diſpoſições pias, e devotas, ordenando que foſſe enterrado, ſem pompa alguma, na Capella do Noviciado dos Carmelitas Deſcalços de Lisboa, para deſcançar eternamente com aquelles, que tanto amara na vida, e donde aprendera as virtudes, que tanto ſoube exercitar. Jaz em ſepultura raza no meyo da Capella, onde em huma pedra lhe puzeraõ o ſeguinte Epitafio:

Aqui deſcança o Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Dom Fr. Joſeph de Lancaſtro, Religioſo profeſſo Carmelita

ta Descalço neste Santo Noviciado de Nossa Senhora dos Remedios, e depois de muitos annos passado à Familia dos Observantes. Foy Provincial, e Commissario Geral, de donde sahio para Bispo de Miranda, e de Leiria, e ultimamente Inquisidor Geral, e Capellaõ môr delRey D. Pedro II. e do seu Conselho de Estado. Faleceo em 13 *de Setembro de* 1705.

CAPITULO XVIII.

De Dom Pedro de Lencastre, II. Conde de Figueiró, &c.

17 NAõ succedeo D. Pedro de Lencastre na Casa, e na Dignidade de Commendador môr de Aviz; porque anticipando-selhe a morte, acabou a vida primeiro, que seu pay: porém succedeo na de seu tio Francisco de Vasconcellos, I. Conde de Figueiró, que morreo em Madrid no anno de 1653, como neto de Manoel de Vasconcellos, Regedor das Justiças, do Conselho de Estado em Madrid, Commendador de Izeda na Ordem de Christo, Senhor do Morgado de Esporaõ em Evora. Foy D. Pedro

ta doença continuou aquelles actos de chriſtandade, que tanto exercitava; e com conſtancia de animo recebeo todos os ultimos Sacramentos, com tal piedade, que edificou a toda a Corte, que univerſalmente ſentia, e ouvia com pezar a ſua moleſtia. As Religioens deſta Cidade, que tanto eſtimara, com preces publicas pediaõ a Deos pela vida do Cardeal; teſtemunhando deſta ſorte o ſeu agradecimento, e o quanto todos neceſſitavaõ da vida deſte Principe, que cheyo de annos, e merecimentos, morreo ſantamente a 13 de. Dezembro de 1692 às ſete horas da manhãa; a ſua morte foy taõ ſentida, como elle amado. ElRey D. Pedro ſe recolheo os dous dias ſeguintes, naõ ſahindo fóra, nem dando audiencia; e o meſmo fez a Rainha D. Maria Sofia. O ſeu corpo foy venerado como de Varaõ Santo; porque o povo concorria em grande numero ao ſeu Palacio, e todos o pertendiaõ ver, tocando, como podiaõ, cada qual o ſeu Roſario, ſendo huma ſó a voz, que ſe ouvia em toda a parte, appellidando-o *Santo*, eſpalhandoſe por todo o Reyno eſte ſentimento; porque as ſuas virtudes a toda a parte chegaraõ, ainda dos que o naõ conheceraõ. O ſeu corpo foy levado com magnificencia devida à ſua peſſoa, e ao ſeu caracter, ao Moſteiro de S. Pedro de Alcantara da Provincia da Arrabida, que elle muito eſtimou, e de que foy inſigne Bemfeitor, por entre duas alas de Religioſos de todas as Ordens da Corte, com cirios acceſos, e principiando do ſeu Palacio, acabava à porta do Moſteiro;

teiro; e acompanhava as andas, da parte esquerda, o referido Geral. Entre as disposições pias do seu Testamento ordenou, que lhe fizessem huma Capella no Adro da Igreja de S. Pedro de Alcantara, e que nella se dissessem quatro Missas quotidianas perpetuas, deixando por cada huma oitenta mil reis de esmola ao Sacerdote, que a dissesse, e de fabrica o mesmo. Mandou-se sepultar no Adro da Igreja, à entrada da porta, em sepultura raza, onde jaz, e tem o seguinte Epitafio:

Latet hic, & tacet, quem fama loquitur & prodit
Eminentissimus D. D. Verissimus de Lancastro.
Genus si quaris?
His friget in cineribus, qui olim juvenis caluit,
Lusitanorum, imò & totius Europæ Regum sanguis.
Si Sapientiam?
Quam in utraque Regni hausit, & exhausit Academia,
In commune Ecclesiæ bonum perenni effudit scaturigine.
Si honorum gradus?
Sacris initiatus tuendæ, augendæque Fidei partes suscepit:
Decursis sacro Areopago, ordine suo minoribus subselijs,
In supremam tandem Generalis Inquisitoris erectus selam.
Fabio maior Maximo, & felicior
Catholicam nobis cunctando restituit rem.
Ex Hispaniarum Primate, factus Ecclesiæ Princeps purpuratus,
Petri Claves, & si non obtinuit, virtutibus meruit, quibus claruit.
Ex una omnes disce Humilitate,
Quam in vulgaris tumuli lapide, ceu in speculo poteris contemplari,
De Æterna scilicet animi mansione magis,
Quam de Mausoleo cadaveris sollicitus.
Sua nihil interesse duxit humi ne an sublime putresceret.
Regnum Cœlorum, si venditur, eleemosinis emit.
Verissimus citra adulationem, pauperum Pater.
Cœlo charus, & solo.
Vixit justissime annos 76 Obijt piissime 12 Decembris 1692.
Quiescit placidissime ad diem soli Deo notam.

Na

19 D. Ignez de Lencastre nasceo a 28 de Mayo de 1714, casou com D. Antonio da Sylveira, como se disse a pag. 864 do Tomo X.

* 19 D. Antonio Joseph de Castro com quem se continúa.

19 D. Maria Isabel de Lencastre nasceo a 25 de Dezembro de 1726.

19 D. Theresa Rita de Lencastre nasceo a 6 de Outubro de 1727.

* 19 D. Antonio Joseph de Castro nasceo a 3 de Julho do anno de 1719, he Almirante de Portugal, e Capitaõ de huma das Companhias da Guarda Real, Senhor da Casa de Resende, Donatario do seu Conselho, e das Villas de Bem-Viver, Reriz, Sul, Penella, e Albergaria, das Honras de Heiras, Montaõ, Gosende, Ribellas, do Roguengo de Godim, e dos tres fogos do Rio Douro, Canedo, Lobazim, e Figueira Velha; e no Estado do Brasil Senhor da Capitanía dos Ilheos, da Villa de Camamu, Boubepa, Cayru, e Itaparica, e Ribadellas, &c. Casou a 12 de Fevereiro do anno de 1741 com D. Theresa de Tavora, filha dos IV. Condes de S. Vicente, como dissemos no Livro VI. pag. 228 do Tomo V. de quem tem até o presente

20 D. Isabel Maria de Castro, que nasceo a 14 de Junho de 1742.

20 Dom . . . . . . de Castro nasceo em Agosto de 1744.

D. Fi-

- ilippa Mendo- mu- de D. ncisco , III. Commen- or môr Aviz.
  - Manoel de Vasconcellos, Sen. do Morgado de Esporaõ, &c. Comendador na Ordem de Christo, Reged. das Justiças, ✱ em 25 de Abril de 1637.
    - Joanne Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado de Esporaõ, Commendador da Ordem de Christo.
      - Alvaro Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado de Esporaõ, Embaixador ao Emperador Carlos V.
        - Joanne Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado de Esporaõ.
          - Alvaro Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado de Esporaõ.
          - D. Leonor Ribeira, Senh. do Morgado de Esporaõ, instituido 1427.
        - D. Joanna de Sousa.
          - Vasco Martins de Sousa Chicorro, Capitaõ dos Ginetes delRey D. Affonso V.
          - D. Isabel Osorio, Fidalga Castelh.
      - Dona Guiomar de Mello.
        - Duarte de Mello.
          - Henrique de Mello.
          - Dona Brites Pereira.
        - D. Isabel de Brito.
          - Gil Vaz Raposo Lobo.
          - D. Ignez de Aboim.
    - D. Antonia de Ataide.
      - Dom Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira, Vedor da Fazenda.
        - D. Alvaro de Ataide, Senhor da Castanheira, e Povos, &c. ✱ em 1505.
          - D. Alvaro Gonçalves de Ataide, I. Conde de Atouguia.
          - A Condessa D. Guiomar de Castro.
        - D. Violante de Tavora, ✱ em 3 de Julho de 1555, segunda mulher.
          - Pedro de Sousa, Senhor do Prado, Alcaide môr de Seabra.
          - D. Maria Pinheira.
      - A Condessa Dona Anna de Tavora.
        - Alvaro Pires de Tavora, Senh. de Mogadouro, Commendador de Castello-branco na Ordem de Christo.
          - Pedro Lourenço de Tavora, Senhor do Mogadouro.
          - D. Ignez de Sousa.
        - D. Joanna da Sylva.
          - Dom Affonso de Vasconcellos, I. Conde de Penella, ✱ em 1480.
          - A Condessa D. Isabel da Sylva.
  - D. Luiza de Vilhena de Mendoça.
    - Joaõ Nunes da Cunha, Senhor do Morgado da Coutadinha.
      - Nuno da Cunha, Governador da India.
        - Tristaõ da Cunha, Camereiro môr do Senhor Dom Diogo, Duque de Viseu, Senhor de Gestaço &c.
          - Nuno da Cunha, Camereiro môr do Infante D. Fernando.
          - D. Catharina de Albuquerque.
        - D. Antonia Paes.
          - Pedro Gonçalves, Secretario delRey D. Affonso V.
          - D. Leonor Paes.
      - D. Isabel de Vilhena, segunda mulher.
        - Nuno Martins da Sylveira, Senhor de Goes, Escrivaõ da Puridade.
          - Diogo da Sylveira, Escrivaõ da Puridade.
          - D. Brites de Goes, Senhora de Olivença do Conde, de Goes, &c.
        - D. Filippa de Vilhena.
          - Fernaõ Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ.
          - D. Maria de Vilhena.
    - Dona Filippa de Mendoça.
      - Manoel Corte-Real, do Conselho delRey, Senhor da Ilha Terceira, e S. Jorge.
        - Vasque Annes Corte-Real, Donatario da Ilha Terceira, &c.
          - Joaõ Vaz Corte-Real, Porteiro môr do Infante D. Fernando, Capitaõ Donatario da Ilha Terceira.
          - D. Maria de Abarca.
        - D. Joanna da Sylva.
          - Garcia de Mello, Alcaide môr de Serpa.
          - D. Filippa Pereira da Sylva.
      - D. Brites de Mendoça, Dama da Rainha D. Catharina.
        - Inigo Lopes de Mendoça, Senhor de Moron.
          - Ruy Dias de Mendoça.
          - N. . . . .
        - D. Maria Branca, Viscondessa de Valduerna.
          - Joaõ Rodrigues de Baçan, Visconde de Valduerna.
          - D. Maria Çapata.

dem de Christo. No anno de 1683 foy na Armada, que a nossa Coroa mandou a Villafranca a buscar ao Duque de Saboya; e foy Coronel de hum dos Regimentos das Ordenanças da Corte, e depois de hum Terço pago de Pinhel, com que servio na guerra. Morreo apressadamente a 8 de Agosto de 1722. Casou com Dona Archangela Maria de Tavora, que morreo a 14 de Agosto de 1709, filha de Miguel Carlos de Tavora, II. Conde de S. Vincente, General da Armada Real, do Conselho de Estado, &c. e da Condessa Dona Maria Caetana da Cunha; e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

* 20 LUIZ VASQUES DA CUNHA DE ATAIDE, II. Conde de Povolide, com quem se continúa.

20 D. MARIA CAETANA DE TAVORA nasceo a 10 de Setembro de 1699, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria. Casou em 25 de Fevereiro de 1732 com D. Braz Balthasar da Sylveira, Mestre de Campo General dos Exercitos delRey, com o Governo das Armas na Provincia da Beira, do Conselho de Guerra, Senhor de S. Cosmade, Commendador de Ranhados, &c. de quem não tem successão; e da de sua primeira mulher daremos conta no Livro XIV.

20 D. GUIOMAR JOACHINA DE LENCASTRE nasceo a 9 de Agosto de 1701, he Religiosa no Mosteiro da Annunciada de Lisboa.

20 MIGUEL CARLOS DA CUNHA nasceo a 18 de Fevereiro de 1703. Foy Porcionista do Collegio Real

Real de S. Paulo na Universidade de Coimbra, Doutor em Canones, em que se graduou a 2 de Julho de 1725, e Conductario, com privilegios de Lente, na dita faculdade; e sendo os seus progressos com tanta distincçaõ, que lhe promettiaõ humas largas esperanças, com notavel resoluçaõ tomou o habito dos Conegos Regrantes em Santa Cruz a 26 de Abril de 1728, onde professou com o nome de Dom Miguel da Annunciaçaõ a 28 de Abril do anno seguinte, de que foy Geral nomeado a 6 de Abril de 1737; e sendo eleito Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, foy sagrado na *Dominica in Albis* a 9 de Abril de 1741 por Dom Fr. Valerio do Sacramento, Bispo de Angra, Assistentes D. Fr. Joaõ do Nascimento, Bispo do Funchal, e D. Fr. Hilario de Santa Rosa, Bispo de Macao, na Igreja do Convento de Santa Cruz de Coimbra.

20 Nuno da Cunha nasceo a 8 de Outubro de 1705, entrou na Companhia de Jesus, e professou no anno de 1726.

* 20 Luiz Vasques da Cunha de Ataide nasceo a 31 de Novembro do anno de 1697, he II. Conde de Povolide, e Senhor da dita Villa, e de Castro-Verde, da Aldea de Paradella, dos Morgados das Vidigueiras, Atouguia, Goes, e do Padroado de Santa Maria de Trancoso, Commendador de S. Cosme de Gundar, e de Santa Maria de Montalvaõ, de Santa Martha de Bornes, e de Santa Maria da Graça de Castello-Novo, Gentil-homem da Camera do Senhor

Julho de 1705, Dignidade que recusou, por naõ se encarregar do pezo da conta das ovelhas, como bem acreditou depois a experiencia; porque naõ houve nenhuma no Reyno, de que se naõ fizesse digno; o seu merecimento fazia facil a sua fortuna na graça do seu Soberano. A Magestade do mesmo Senhor o nomeou seu Capellaõ môr em 14 de Setembro de 1705, Dignidade em que succedeo a D. Fr. Joseph de Lencastre, Bispo Inquisidor Geral, &c. O Papa Clemente XI. o fez Bispo titular de Targa: foy sagrado na Capella Real em 14 de Março de 1706 por seu primo com irmaõ D. Alvaro de Abranches, Bispo de Leiria, e Assistentes D. Antonio de Vasconcellos e Sousa, Bispo Conde, e D. Antonio de Saldanha, Bispo da Guarda. Sobindo ao Throno ElRey D. Joaõ V. a quem já era muito aceito, e tendo no alto conceito de Sua Magestade adquirido aquella reputaçaõ, que depois o tempo testemunhou, com as partes mais essenciaes de hum grande Ministro, desinteresse, recta intençaõ, e grande amor, e zelo do serviço de seu Soberano; virtudes que naõ lhe duvidaraõ, nem ainda os que podiaõ ser emulos da sua gloria; o nomeou a 10 de Março de 1707 do seu Conselho de Estado, e Ministro do seu Despacho, e Inquisidor Geral destes Reynos, e suas Conquistas; e sendo confirmado por Bulla Pontificia, tomou posse desta grande Dignidade a 6 de Outubro de 1707, em que tem luzido a sua prudencia, e benignidade; de sorte, que sendo este Principe creado no

serviço

serviço do Santo Officio, e nos seus estylos, e na pratica eminente, he tal a rectidaõ, com que obra, que tendo inteira liberdade nas materias do Conselho Geral, para as determinar só pelo seu parecer, sempre se conformou com os que os Ministros do seu Conselho venceraõ, ainda nas materias mais leves, que naõ dependiaõ da justiça, e sómente de graça. Observou grande equidade nos provimentos, attendendo sempre aos benemeritos; e com tal cuidado se houve sempre na creaçaõ de novos Ministros para as Inquisições, que escolheo na Universidade os mais doutos, e de louvavel procedimento; de sorte, que no zelo, e vigilancia naõ cedeo em cousa alguma aos mayores Prelados, que occuparaõ este grande lugar, em que a sua memoria será recomendavel aos seculos futuros. O Papa Clemente XI. por nomina de Sua Magestade, o creou Cardeal Nacional a 18 de Mayo de 1712; e em 8 de Outubro recebeo da maõ delRey o Barrete, precedendo Missa no Oratorio do Paço, e depois lhe conferio as honras, que os Reys tem acordado a esta Dignidade. Por morte do Papa Clemente XI. foy chamado ao Conclave, e sahio de Lisboa a 9 de Mayo de 1721 em huma nao de guerra da Coroa, e a 19 do dito mez chegou a Leorne, aonde achou a noticia de ser exaltado à Cadeira de S. Pedro a 8 de Mayo o Cardeal Miguel Angelo Conti, com o nome de Innocencio XIII. Foy recebido do novo Pontifice com especiaes demonstrações de paternal benevolencia, acordando em parti-

vernador da Praça de Serpa, e se achou com o seu Regimento no sitio, que o Exercito de Portugal poz à Praça de Badajoz no anno de 1658, onde por levissima causa o Baraõ D. Joaõ se desafiou com D. Vasco da Gama, Capitaõ de Cavallos, e levou por Padrinho a seu irmaõ D. Francisco Lobo, e D. Vasco da Gama a Luiz de Miranda Henriques, Senhor de Ferreiros, e Tendaes, Coronel de Infantaria; assistiaõ no Quartel de S. Gabriel, e todos juntos chegaraõ ao da Corte, e passaraõ o Guadiana; e tendo noticia do desafio Joanne Mendes de Vasconcellos, Governador das Armas, e General, que mandava aquella facçaõ, ordenou a D. Joaõ da Sylva, Tenente General da Cavallaria, fosse prendellos: montou D. Joaõ a cavallo com os primeiros Soldados, que encontrou, e correndo à redea solta, naõ bastou toda a diligencia; porque quando chegou ao lugar do desafio, naõ achou mais que estragos da vingança, vendo mortos, e ainda palpitantes, ao Baraõ de Alvito, a D. Francisco, e a Luiz de Miranda, faltando só D. Vasco, que se tinha retirado com muitas, e perigosas feridas. Este desgraçado successo foy geralmente sentido; porque o Baraõ era dotado de summo valor, de liberalidade, e de outras partes dignas de estimaçaõ. Estava casado com D. Francisca de Gusmaõ, Dama da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ, filha de D. Pedro de Menezes, II. Conde de Cantanhede, &c. e da Condessa D. Constança de Gusmaõ sua mulher, que foy nomeada Aya da Infanta D. Isabel Josefa

Portugal Restaurado, part. 2. liv. 2. pag. 120.

sesa, por Carta do Principe Regente de 3 de Novembro de 1673; della se tira, que a Baroneza estava fóra da Corte, e parece naõ teve effeito. Faleceo a 11 de Março de 1698: jaz em S. Pedro de Alcantara. Desta uniaõ foy unica

19 D. Bernarda Caetana Lobo, que succedeo na Casa, e foy IX. Baroneza de Alvito, e II. Condessa de Oriola, e Senhora das mais terras, que teve seu pay, e casou com seu tio D. Vasco Lobo, como logo se dirá.

18 D. Francisco Lobo, que sendo Capitaõ de Cavallos no Exercito de Alentejo, foy morto juntamente com o Baraõ seu irmaõ, no desafio relatado, no anno de 1658.

18 D. Carlos Lobo morreo de pouca idade.

* 18 D. Vasco Lobo, Baraõ de Alvito, e Conde de Oriola, com quem se continúa.

18 D. Leonor de Tavora, foy Freira no Mosteiro da Esperança de Lisboa.

* 18 D. Vasco Lobo nasceo em Alvito, foy destinado para a Igreja, por ser filho quarto da sua Casa; estudou Canones na Universidade de Coimbra, e foy Porcionista do Collegio de S. Pedro, em que foy aceito a 6 de Dezembro de 1649; e depois passou a Collegial, eleito a 31 de Outubro de 1656, e Arcipreste da Sé de Lisboa, Dignidade que renunciou para casar com sua sobrinha: pelo que foy II. Conde de Oriola, IX. Baraõ de Alvito, Senhor da dita Villa, e da de Oriola, de Villa-Nova de Aguiar,

e Ribeira de Niza, Commendador da Repreza na Ordem de Santiago, e Senhor do officio de Provedor das Capellas delRey D. Affonſo IV. Foy Védor da Caſa das Rainhas D. Maria Franciſca de Saboya, e D. Maria Sofia; depois de Suas Altezas, e Deputado da Junta dos Tres Eſtados. Morreo a 22 de Fevereiro do anno de 1705.

Caſou duas vezes, a primeira em 9 de Setembro de 1666 com ſua ſobrinha D. Bernarda Caetana Lobo, Condeſſa de Oriola, e Baroneza de Alvito, e Senhora de toda a mais Caſa de ſeu pay D. Joaõ Lobo, VIII. Baraõ de Alvito, a qual faleceo a 16 de Março de 1687. Deſta uniaõ naſceo

19 D. Joaõ Lobo da Sylveira, que ſendo baldado das pernas, mas de gentil preſença, morreo moço a 16 de Setembro de 1689, e jaz em S. Pedro de Alcantara com ſua mãy.

Caſou ſegunda vez em 12 de Janeiro de 1692 com D. Ignez Margarida de Lencaſtre, Dama das referidas Rainhas, e da Infanta D. Iſabel, filha de Chriſtovaõ de Almada, Senhor de Carvalhaes, &c. e de ſua ſegunda mulher D. Filippa Maria de Mello; e deſte matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes:

19 D. Luiz Lobo, que morreo antes de cumprir oito annos de idade em o de 1701, dando grandes eſperanças na ſua viveza, e admiravel indole.

* 19 D. Joseph Antonio Francisco Lobo da Sylveira, III. Conde de Oriola, X. Baraõ de Alvito, com quem ſe continúa.

D.

19 D. Christovaõ Joseph Lobo, que nasceo no anno de 1700, e foy bautizado a 10 de Julho; morreo moço a 10 de Junho do anno de 1727.

19 D. Josefa Gabriella de Lencastre nasceo em 1697, foy bautizada a 25 de Março, que até ao presente naõ tem elegido estado.

19 D. Francisco Xavier Joseph Lobo, que nasceo no anno de 1703, foy bautizado a 8 de Setembro; passou a servir à India no anno de 1728, e lá morreo na Armada, que se perdeo no anno de 1729; e tinha hido soccorrer Mombaça.

* 19 D. Joseph Antonio Francisco Lobo, nasceo a 3 de Junho do anno de 1698, e foy bautizado a 13 do dito mez; he III. Conde de Oriola, X. Baraõ de Alvito, Senhor das Villas de Alvito, Oriola, Villa-Nova de Aguiar, e Ribeira de Niza, Commendador da Commenda da Repreza na Ordem de Santiago; he Capitaõ de Cavallos em hum dos Regimentos da guarniçaõ da Corte, Védor da Casa da Rainha D. Maria Anna de Austria, e nomeado para assistir ao Serenissimo Senhor Infante D. Pedro, e Deputado da Junta dos Tres Estados, feito no anno de 1744. Casou em 4 de Março de 1726 com D. Theresa de Assiz Mascarenhas, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, filha de Dom Fernando Mascarenhas, II. Conde de Obidos, Meirinho môr de Portugal, e de Dona Brites Mascarenhas, Condessa de Sabugal, e Palma, &c. de quem tem os filhos seguintes:

20 D. VASCO JOSEPH LOBO, que naſceo a 30 de Novembro de 1726.

20 D. FERNANDO JOSEPH LOBO naſceo a 21 de Novembro do anno de 1727.

20 D. MARIA JOSEFA LOBO, que naſceo a 8 de Dezembro do anno de 1728.

20 D. FRANCISCO JOSEPH LOBO naſceo a 12 de Abril de 1730, faleceo de tenra idade.

20 D. MANOEL JOSEPH LOBO naſceo a 3 de Mayo de 1731.

20 D. IGNEZ JOSEFA LOBO naſceo a 14 de Abril de 1733.

20 D. JOSEFA LOBO naſceo a 14 de Mayo de 1734, e viveo poucos dias depois de bautizada.

20 DOM JOSEPH LOBO naſceo a 15 de Março de 1736.

20 D. FRANCISCO JOSEPH LOBO naſceo a 19 de Abril de 1737.

20 D. THERESA JOSEFA LOBO naſceo a 30 de Julho do anno de 1738.

Teve o Baraõ Conde illegitima a

20 D. MARIA LOBO, que naſceo no anno de 1717, e foy bautizada em Santos a 4 de Dezembro, havida em Maria Metheer, Franceza.

* 17 D. MARIA DE LENCASTRE, filha de Dom Joaõ Lobo, VI. Baraõ de Alvito. Caſou com D. Alvaro de Abranches, Commendador de S. Joaõ da Caſtanheira na Ordem de Chriſto, que depois de ſe ter achado na reſtauraçaõ da Bahia, e ſer eleito Governador,

vernador, e Capitaõ General de Mazagaõ; foy hum dos Acclamadores delRey D. Joaõ IV. de gloriosa memoria, e do seu Conselho de Estado, e Guerra, Governador das Armas da Provincia da Beira, e das de Entre Douro, e Minho, e Cidade do Porto, e ultimamente Mestre de Campo General da Provincia da Estremadura, Senhor do Morgado de Abranches, Almadas, como filho de D. Francisco Coutinho da Camera, Commendador de S. Joaõ da Castanheira; e de sua mulher Dona Guiomar de Abranches, filha herdeira de D. Joaõ de Abranches, Senhor do dito Morgado, e de Dona Antonia de Sousa sua segunda mulher; e neto de Ruy Gonçalves da Camera, I. Conde de Villa-Franca, &c. e tendo casado segunda vez com D. Ignez de Avila sua prima, filha de D. Pedro de Menezes, II. Conde de Cantanhede, de quem naõ teve successaõ; e morreo em Abril de 1660, deixando de sua primeira mulher, os filhos seguintes:

18 D. FRANCISCO DE ABRANCHES, que morreo menino.

18 D. MAGDALENA DE LENCASTRE E ABRANCHES, que foy sua herdeira, e succedeo no Morgado, e Casa de seu pay, e casou com D. Miguel Luiz de Menezes, I. Conde de Valadares, a qual morreo no anno de 1667, deixando a successaõ, que deixamos escrita no Capitulo VIII. do Livro III. pag. 522 do Tomo II.

* 18 D. GUIOMAR DE LENCASTRE nasceo em

1631,

1631, que casou com Luiz da Cunha de Ataide, como logo se dirá.

18 D. FILIPPA DE LENCASTRE nasceo em 1632, Religiosa no Mosteiro de Chellas de Conegas Regrantes, junto a Lisboa, onde foy Prioressa.

18 DONA CATHARINA DE LENCASTRE nasceo em 1633.

18 D. FRANCISCA . . . . . nasceo em 1635.

* 18 D. GUIOMAR DE LENCASTRE, filha segunda de D. Alvaro de Abranches, e de sua primeira mulher D. Maria de Lencastre.

Casou com Luiz da Cunha de Ataide, Senhor do Conselho de Povolide, da Villa de Castro-Verde, da Aldea de Paradella, e dos Morgados das Vidigueiras, Atouguia, Goes, e outros, Commendador na Ordem de Christo; e morreo no anno de 1665, havendo tido os filhos seguintes:

* 19 TRISTAÕ DA CUNHA DE ATAIDE, I. Conde de Povolide, com quem se continúa.

19 D. ALVARO DE ABRANCHES, que foy Commendador de S. Mattheus de Soure na Ordem de Christo, e morreo moço.

19 SIMAÕ DA CUNHA morreo tambem moço, sem estado.

19 D. MARIA DE LENCASTRE casou com seu primo com irmaõ D. Carlos de Noronha, II. Conde de Valadares, como já se disse a pag. 524 do Tom. II.

19 NUNO DA CUNHA DE ATAIDE nasceo a 8 de Dezembro de 1664. Foy Porcionista do Collegio

gio Real de S. Paulo de Coimbra, em que entrou a 29 de Outubro de 1681. Estudou Theologia, e deixando esta faculdade, passou à de Canones, em que se graduou, e fez exame privado, que he o mais rigoroso daquella Universidade; foy Conego na Sé de Coimbra, Beneficiado em Coruche, Deputado da Inquisiçaõ daquella Cidade em 2 de Novembro de 1691, e logo Promotor em 29 de Julho de 1692; e em 8 de Abril de 1693 foy promovido a Deputado da Inquisiçaõ de Lisboa, e Inquisidor em 5 de Abril, de 1700; lugares que exerceo com grande applicaçaõ, sendo hum dos mais egregios Inquisidores, assim pela gravidade, como no manejo dos negocios; de quem dizia Luiz Vieira da Sylva, Varaõ digno de memoria, que servio com elle no tempo, em que foy primeira Cadeira, que nascera para presidir, pelo modo, com que em tudo se portava; fortuna que o acompanhou em todas as suas acçoes, desde os seus primeiros annos: sendo moço, quando seu tio o Conde de Pontevel Nuno da Cunha, Estribeiro môr da Princeza D. Isabel Josefa, e Presidente do Senado da Camera de Lisboa, passava a Inglaterra por Embaixador Extraordinario, com o desejo de ver algumas Cortes, o acompanhou até à de Pariz; e depois por sua morte lhe succedeo na Commenda de Bornes na Ordem de Christo, de que he Commendador. Foy Sumilher da Cortina delRey D. Pedro II. que o fez Deputado da Junta dos Tres Estados, feito a 7 de Março de 1702; e nomeou Bispo de Elvas a 30 de

Julho

Julho de 1705, Dignidade que recuſou, por naõ ſe encarregar do pezo da conta das ovelhas, como bem acreditou depois a experiencia; porque naõ houve nenhuma no Reyno, de que ſe naõ fizeſſe digno; o ſeu merecimento fazia facil a ſua fortuna na graça do ſeu Soberano. A Mageſtade do meſmo Senhor o nomeou ſeu Capellaõ môr em 14 de Setembro de 1705, Dignidade em que ſuccedeo a D. Fr. Joſeph de Lencaſtre, Biſpo Inquiſidor Geral, &c. O Papa Clemente XI. o fez Biſpo titular de Targa: foy ſagrado na Capella Real em 14 de Março de 1706 por ſeu primo com irmaõ D. Alvaro de Abranches, Biſpo de Leiria, e Aſſiſtentes D. Antonio de Vaſconcellos e Souſa, Biſpo Conde, e D. Antonio de Saldanha, Biſpo da Guarda. Sobindo ao Throno ElRey D. Joaõ V. a quem já era muito aceito, e tendo no alto conceito de Sua Mageſtade adquirido aquella reputaçaõ, que depois o tempo teſtemunhou, com as partes mais eſſenciaes de hum grande Miniſtro, deſintereſſe, recta intençaõ, e grande amor, e zelo do ſerviço de ſeu Soberano; virtudes que naõ lhe duvidaraõ, nem ainda os que podiaõ ſer emulos da ſua gloria; o nomeou a 10 de Março de 1707 do ſeu Conſelho de Eſtado, e Miniſtro do ſeu Deſpacho, e Inquiſidor Geral deſtes Reynos, e ſuas Conquiſtas; e ſendo confirmado por Bulla Pontificia, tomou poſſe deſta grande Dignidade a 6 de Outubro de 1707, em que tem luzido a ſua prudencia, e benignidade; de ſorte, que ſendo eſte Principe creado no

ſerviço

serviço do Santo Officio, e nos seus estylos, e na pratica eminente, he tal a rectidaõ, com que obra, que tendo inteira liberdade nas materias do Conselho Geral, para as determinar só pelo seu parecer, sempre se conformou com os que os Ministros do seu Conselho venceraõ, ainda nas materias mais leves, que naõ dependiaõ da justiça, e sómente de graça. Observou grande equidade nos provimentos, attendendo sempre aos benemeritos; e com tal cuidado se houve sempre na creaçaõ de novos Ministros para as Inquisições, que escolheo na Universidade os mais doutos, e de louvavel procedimento; de sorte, que no zelo, e vigilancia naõ cedeo em cousa alguma aos mayores Prelados, que occuparaõ este grande lugar, em que a sua memoria será recomendavel aos seculos futuros. O Papa Clemente XI. por nomina de Sua Magestade, o creou Cardeal Nacional a 18 de Mayo de 1712; e em 8 de Outubro recebeo da maõ delRey o Barrete, precedendo Missa no Oratorio do Paço, e depois lhe conferio as honras, que os Reys tem acordado a esta Dignidade. Por morte do Papa Clemente XI. foy chamado ao Conclave, e sahio de Lisboa a 9 de Mayo de 1721 em huma nao de guerra da Coroa, e a 19 do dito mez chegou a Leorne, aonde achou a noticia de ser exaltado à Cadeira de S. Pedro a 8 de Mayo o Cardeal Miguel Angelo Conti, com o nome de Innocencio XIII. Foy recebido do novo Pontifice com especiaes demonstrações de paternal benevolencia, acordando em parti-

culares honras, o trato familiar da boa correſponden-cia, que tiveraõ na Corte de Lisboa, quando fora Nuncio da Sé Apoſtolica. A 10 de Junho do meſmo anno lhe deu o Capello com o titulo de *Santa Anaſtaſia*, de que tomou poſſe a 21 de Julho ſeguinte, e o occupou nas Congregações dos Biſpos, e Regulares, de Propaganda Fide, dos Ritos, e da Conſiſtorial, em que deu iguaes moſtras das ſuas letras, que de ſumma prudencia; admirando toda a Curia nelle, naõ menos piedade, do que magnificencia, e grandeza; obrando todo o tempo, que eſteve em Roma, acções dignas da ſua peſſoa, e da Mageſtade Portugueza, de que ſe reveſtia, aſſim no apparato da ſua caſa, como no magnifico cortejo, de que ſe ſervia na pompa das carroças, tudo em fim rico, e magnifico. E para que naquella Curia permaneceſſe da ſua piedade, e religiaõ, hum eterno monumento da ſua grandeza, reſtaurou à ſua cuſta a Baſilica de Santa Anaſtaſia, que ameaçava a ultima ruina, Igreja do ſeu Titulo, com tanta deſpeza, que mais parece ſe lhe deve o nome de Fundador, que de Reparador. No ornamento do portico, ſobre o claro, que faz huma grande janella, ſe lê o nome do ſeu Reſtaurador:

Capello, *Breve noticia de Santa Anaſtaſia.* Creſcimbene, *Hiſt. de Santa Anaſtaſia*, cap. 6. pag. 37. e pag. 190.

Nonius Tit. S. Anaſtaſiæ
Presb. Card. A Cunha.
Anno Dñi M.DCCXXII.

E ſobre o grande arco da nave do meyo, ou presbyterio

terio, se vem as Armas da esclarecida Familia de Cunha, esculpidas em hum globo, que cerca huma serpente, unindo a cabeça com a cauda, symbolo da Eternidade, e com outros ornatos allusivos ao Eminentissimo Cunha. Encarregou o Cardeal esta obra a Carlos Gimach, nobre Cidadaõ de Malta, que foy o director, e inventor da obra, a quem a curiosidade fez hum dos mais insignes professores da Architectura civil, dotado de insignes partes, amante das bellas letras, em cuja morada fizeraõ habitaçaõ as Musas, com taõ suave dominio, que foy hum dos excellentes Poetas do seu tempo, ou fosse na lingua Latina, ou Italiana: em ambas logrou suave explicaçaõ, e igual applauso, como testemunhaõ os que nesta Corte o trataraõ, onde depois de residir, e no Reyno muitos annos, passou por ordem de Sua Magestade à de Roma, com o Marquez de Abrantes, (entaõ de Fontes) Embaixador Extraordinario àquella Corte, de quem foy Gentil-homem da Embaixada; e depois ficando mantido nella à Real despeza, lhe encarregou o Cardeal da Cunha a referida obra, que elle executou com os mayores primores da arte, accomodando-se com o sitio da antiga fabrica, e fazendo diversas allusoens, que primorosamente se vem, ornando a Igreja, em que declara as virtudes, e prerogativas de Santa Anastasia, e as excellencias de seu insigne Bemfeitor: fez a seguinte Inscripçaõ, que deixou gravada na mesma Igreja:

Nonius : S. R. E. Pres. Card. à Cunha
Generalis in Lusitania Inquisitor
Antiquissimam hanc Basilicam
S. Anastasiæ dicatam
Titulum suum
Vetustate deformatam
Parietibus, & contignatione
Jam inclinantibus pene collabentem
Novis jactis fundamentis,
Aliisque operibus adjectis
Firmavit,
Elegantioremque in formam
Restituit,
Anno à Nato Christo
M.DCCXXII.

Desta obra trata Joaõ Mario Crescimbene, Arcipreste de Santa Maria *in Cosmedin*, e Custode Geral da Arcadia, na *Historia da Basilica de Santa Anastasia*, impressa em Roma no anno de 1722; e Filippe Capello, Conego da mesma Collegiada, na *Breve noticia do antigo, e moderno estado da Igreja Collegiada de Santa Anastasia de Roma*, impressa na mesma Cidade no anno de 1722. Agradecido o Cabido desta insigne Basilica à grandeza de tanto beneficio, resolveo em 22 de Mayo de 1722, que naquella Igreja se fizesse em todos os annos, até o fim do Mundo, especial memoria de taõ insigne Bemfeitor; e em testemunho da sua gratidaõ, mandou gravar em hum marmore esta Inscripçaõ: *Emi-*

Eminentissimo Principi Nonio à Cunha
Tit. S. Anastasiæ Presbyt. S. R. E. Cardinali,
Omnium Portugalliæ Regis Provinciarum
Inquisitori Generali,
Quod vetustissimam hanc Basilicam
Primis Æræ Christianæ seculis
Ædificatam,
Ac complurium Summorum Pontificum,
Tum etiam Cardinalium Titularium
Piâ curâ multoties restitutam,
Ornatamque
Postremis hisce temporibus
Miserè fatiscentem, & excidio proximam
Resarto tecto, addito laqueari,
Parietibus ad libellam revocatis;
Atque directis,
Utraque laterali navi concaramata,
Pristino antiquis columnis reddito
Nitore,
Novis apertis fenestris,
Novâ itidem interiori extructâ porticu,
Atque Odio super imposito,
Æquato, stratoque pavimento,
Instauratâ fronte, amplificatâ areâ,
Ac universi ædificij squalore deterso
Non tantum ab interitu vindicaverit,
Et adversus ævi damna firmaverit,
Sed elegantiorem insuper,
Splendididoremque in speciem restituerit:

Repa-

Reparatori Munificentissimo
Capitulum, & Canonici
Gratum animum declaraturi,
Missam solemnem ipsis assistentibus,
Et duodecim alias Missas lectas
Eo vivente pro vitæ diuturnitate
Die 21 Julij, qua Tituli possessionem
Assumpsit:
Eo mortuo, die obitus pro animæ suffragio
Perpetuis futuris temporibus
Celebrandas
Unanimi consensu decreverunt,
Et ad posteritatis notitiam
Acceptorum beneficiorum,
Ac simul Capitularis Decreti
Monumentum posuere
Anno sal. M.DCCXXII.

Naõ só este Padraõ da sua piedade deixou em Roma perpetuado nos marmores, outros muitos argumentos da sua grandeza ficaraõ gravados nos coraçóes dos Romanos, em que vivirá eternamente o seu nome na successiva tradiçaõ dos pays aos filhos; e sahindo daquella Curia a 2 de Mayo de 1722, e fazendo jornada por terra, tomou o caminho do Loreto para venerar a sagrada Imagem de Maria Santissima, a quem em memoria da sua devoçaõ deixou duas singularissimas pessas, como saõ huma Cruz de ouro grande com grossas safiras cercadas de diaman-

tes;

tes; e hum preciosissimo ornato de ouro com gerogLificos, posto sobre lapis lazuli, que cerca o nicho, em que se adora a Santa Imagem da Virgem, como lemos na Relaçaõ da Santa Casa do Loreto, que se imprimio em Lisboa no anno de 1736, tirada de outra Italiana pelo Padre D. Caetano de Gouvea; chegou a esta Corte no fausto dia 22 de Outubro do mesmo anno: foy recebido do nosso grande Rey, que Deos guarde, com especial agrado, e satisfaçaõ, de que se fez merecedor pelo amor do seu serviço, e digno da sua graça, e da estimaçaõ da Nobreza da Corte, e do povo de Lisboa, que seguindo-o no coche com acclamações, lhe davaõ os parabens da restituiçaõ à Patria; assim como com lagrimas o tinhaõ saudosamente sentido quando sahira da Corte; expressaõ poucas vezes experimentada na inconstancia dos póvos, que de ordinario sem causa se queixaõ dos Ministros, e he este taõ benemerito, como bem quisto.

* 19 TRISTAÕ DA CUNHA DE ATAIDE nasceo no anno de 1655. Foy I. Conde de Povolide por merce delRey D. Joaõ V. de que teve Carta em 6 de Janeiro de 1709, e Senhor de Povolide, e de Castro-Verde, e da Aldea de Paradella, dos Morgados das Vidigueiras, Atouguia, Goes, e outros, e do Padroado de Santa Maria de Trancoso, e herdeiro da Casa de seu tio o Conde de Pontevel Nuno da Cunha, Commendador das Commendas de S. Cosme de Guademar, e Santa Maria de Montalvaõ na Ordem

dem de Christo. No anno de 1683 foy na Armada, que a nossa Coroa mandou a Villafranca a buscar ao Duque de Saboya; e foy Coronel de hum dos Regimentos das Ordenanças da Corte, e depois de hum Terço pago de Pinhel, com que servio na guerra. Morreo apressadamente a 8 de Agosto de 1722. Casou com Dona Archangela Maria de Tavora, que morreo a 14 de Agosto de 1709, filha de Miguel Carlos de Tavora, II. Conde de S. Vincente, General da Armada Real, do Conselho de Estado, &c. e da Condessa Dona Maria Caetana da Cunha; e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

* 20 LUIZ VASQUES DA CUNHA DE ATAIDE, II. Conde de Povolide, com quem se continúa.

20 D. MARIA CAETANA DE TAVORA nasceo a 10 de Setembro de 1699, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria. Casou em 25 de Fevereiro de 1732 com D. Braz Balthasar da Sylveira, Mestre de Campo General dos Exercitos delRey, com o Governo das Armas na Provincia da Beira, do Conselho de Guerra, Senhor de S. Cosmade, Commendador de Ranhados, &c. de quem não tem successão; e da de sua primeira mulher daremos conta no Livro XIV.

20 D. GUIOMAR JOACHINA DE LENCASTRE nasceo a 9 de Agosto de 1701, he Religiosa no Mosteiro da Annunciada de Lisboa.

20 MIGUEL CARLOS DA CUNHA nasceo a 18 de Fevereiro de 1703. Foy Porcionista do Collegio Real

Real de S. Paulo na Universidade de Coimbra, Doutor em Canones, em que se graduou a 2 de Julho de 1725, e Conductario, com privilegios de Lente, na dita faculdade; e sendo os seus progressos com tanta distincçaõ, que lhe promettiaõ humas largas esperanças, com notavel resoluçaõ tomou o habito dos Conegos Regrantes em Santa Cruz a 26 de Abril de 1728, onde professou com o nome de Dom Miguel da Annunciaçaõ a 28 de Abril do anno seguinte, de que foy Geral nomeado a 6 de Abril de 1737; e sendo eleito Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, foy sagrado na *Dominica in Albis* a 9 de Abril de 1741 por Dom Fr. Valerio do Sacramento, Bispo de Angra, Assistentes D. Fr. Joaõ do Nascimento, Bispo do Funchal, e D. Fr. Hilario de Santa Rosa, Bispo de Macao, na Igreja do Convento de Santa Cruz de Coimbra.

20 NUNO DA CUNHA nasceo a 8 de Outubro de 1705, entrou na Companhia de Jesus, e professou no anno de 1726.

* 20 LUIZ VASQUES DA CUNHA DE ATAIDE nasceo a 31 de Novembro do anno de 1697, he II. Conde de Povolide, e Senhor da dita Villa, e de Castro-Verde, da Aldea de Paradella, dos Morgados das Vidigueiras, Atouguia, Goes, e do Padroado de Santa Maria de Trancoso, Commendador de S. Cosme de Gundar, e de Santa Maria de Montalvaõ, de Santa Martha de Bornes, e de Santa Maria da Graça de Castello-Novo, Gentil-homem da Camera do Senhor

Infante D. Antonio, e Deputado da Junta dos Tres Estados.

Casou em 11 de Dezembro de 1729 com D. Helena de Castellobranco sua sobrinha, filha de D. Miguel Luiz de Menezes, III. Conde de Valadares, e da Condessa D. Marianna de Castellobranco, de quem tem

21 TRISTAÕ DA CUNHA DE ATAIDE nasceo a 13 de Abril de 1731, faleceo a 26 de Fevereiro de 1739.

21 JOSEPH DA CUNHA DE ATAIDE nasceo a 25 de Junho de 1734.

21 NUNO JOSEPH DA CUNHA nasceo a 21 de Fevereiro de 1737.

21 MIGUEL JOSEPH DA CUNHA nasceo a 2 de Janeiro de 1739, faleceo a 5 de Março de 1744.

21 D. MARIANNA THERESA DA CUNHA nasceo a 5 de Dezembro de 1740.

21 D. MARIA THERESA DA CUNHA nasceo a 15 de Fevereiro de 1743.

21 ANTONIO JOSEPH DA CUNHA nasceo a 26 de Mayo de 1744.

CAPI-

CAPITULO XV.

De D. Francisco Luiz de Lencastre, III. Commendador môr de Aviz.

16 PEla pouca vida, que gozaraõ seus irmãos, veyo a succeder Dom Francisco Luiz de Lencastre na Casa de seu pay, em sua vida foy armado Cavalleiro para receber a Ordem de S. Bento de Aviz, por Alvará de 12 de Agosto de 1600, em que ElRey diz: *Ser filho do Commendador môr D. Luiz, meu muito amado Primo*; a quem depois o mesmo Rey por Carta sua de 15 de Julho de 1614, depois da morte de seu pay, dá o tratamento de sobrinho; e assim foy D. Francisco Luiz III. Commendador môr da Ordem de Aviz, Commendador das Commendas de Estremoz, Veiros, Landroal, Alcanede, e Alcaidarias môres das ditas Villas. Achou-se nas Cortes, que ElRey D. Filippe II. de Portugal celebrou em Lisboa no anno de 1619, em que exerceo o officio de Guarda môr da pessoa delRey, como escreve Joaõ Bautista Lavanha. Estava o Commendador môr D. Francisco em Madrid, quando em Portugal succedeo a feliz Acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ IV. e lá se deixou ficar, podendo com elle mais o receyo da contingencia dos successos, do que o amor da Patria, em que tantos se interessavaõ; lá teve o titulo

Jornada de Filippe II. a Portugal, pag. 65.

de Conde de Alcanede; foy Veador da Rainha D. Maria Anna de Auſtria, e no ſeu ſerviço morreo em Madrid a 17 de Fevereiro de 1667, donde foy traſladado para a Igreja de S. Joaõ de Setuval, enterro da ſua Caſa, onde jaz.

Caſou com D. Filippa de Mendoça, Dama da Rainha D. Margarida de Auſtria, e devia de ſer no anno de 1604; porque em 16 de Fevereiro do referido anno ſe celebraraõ os contratos matrimoniaes, em que foy dotada com humas herdades em Arrayolos, e huma Quinta em Loures, além de joyas, e as merces de Dama, em que por hum Alvará, paſſado a 19 de Novembro do meſmo anno, ſe lhe fez merce de duas vidas mais nas Commendas, que tinha ſeu marido, e na Dignidade de Commendador mòr; e ſeu marido lhe prometteo de arrhas quatorze mil cruzados. Faleceo eſta Senhora em Lisboa a 22 de Dezembro de 1651; era irmãa de Franciſco de Vaſconcellos, I. Conde de Figueiró, e filhos ambos de Manoel de Vaſconcellos, Senhor do Morgado do Eſporaõ, e de Villa-Nova de Faſcoa, Commendador de Izeda na Ordem de Chriſto, Preſidente da Camera de Lisboa, Regedor das Juſtiças, e do Conſelho de Eſtado de Portugal em Madrid; e de D. Luiza de Vilhena de Mendoça ſua mulher, que foy Dama da Infanta D. Maria, e filha de Joaõ Nunes da Cunha, Senhor do Morgado da Coutadinha, filho ſegundo do Grande Nuno da Cunha, Governador da India; e deſte matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes:

D.

17 D. LUIZ DE LENCASTRE, = D. MANOEL DE LENCASTRE, morreraõ de tenra idade.

17 D. PEDRO DE LENCASTRE, II. Conde de Figueiró, como ſe dirá adiante no Capitulo XVIII.

17 D. ANTONIO DE LENCASTRE, foy Religioſo da Ordem Militar de Chriſto no Moſteiro de Thomar.

17 D. VERISSIMO DE LENCASTRE, que foy Cardeal, de quem no Capitulo XVI. ſe fará mençaõ.

17 D. CARLOS DE LENCASTRE, que eſtudou em Coimbra, e foy bom Letrado, morreo louco.

17 D. JOSEPH DE LENCASTRE, que foy Inquiſidor Geral, como ſe dirá no Capitulo XVII.

17 D. MARIA DE LENCASTRE, morreo menina.

* 17 D. MARIANNA DE LENCASTRE caſou com D. Joaõ de Caſtro, Almirante de Portugal, Senhor de Reriz, Sul, Bem-Viver, Reſende, e outras terras &c. filho de D. Simaõ de Caſtro, Senhor de Reriz, e das mais Villas, e Concelhos; e de D. Bernarda de Menezes, filha de Joaõ de Azevedo, Almirante de Portugal, Commendador de Jurumenha, e Claveiro da Ordem de Aviz, e de D. Joanna de Menezes, como ſe diſſe no Livro VI. Capitulo V. §. II. pag. 276 do Tomo V. que foy ſua primeira mulher, filha de D. Pedro de Menezes, VIII. Senhor de Cantanhede; e por ſua avó materna, veyo a recahir nelle o Almirantado de Portugal, de que lhe fez merce ElRey D. Affonſo VI. por morte de ſua prima com

irmãa

irmãa D. Maria Ignez de Azevedo, Condessa de Vimioso, mulher de D. Luiz de Portugal, VI. Conde de Vimioso, que foy por este casamento Almirante de Portugal; e porque naõ tiveraõ successaõ, succedeo na Casa D. Joaõ de Castro, que do matrinio com D. Marianna de Lencastre teve

18 D. Simaõ de Castro morreo menino.

* 18 D. Francisco de Castro, succedeo na Casa a seu pay; foy Almirante de Portugal, Capitaõ da Guarda Real, Senhor de Reriz, Sul, Resende, e Bem-Viver, &c. e morreo a 19 de Agosto de 1693. Casou no anno de 1675 com D. Francisca Josefa de Vilhena, Dama da Rainha D. Maria Francisca de Saboya, filha de Christovaõ de Mello, Alcaide môr de Serpa, Porteiro môr, e Capitaõ da Guarda Real, Commendador de Santa Maria de Algodres na Ordem de Christo, e da de Serpa na Ordem de Aviz, que depois de ter servido em Alentejo com o posto de Capitaõ de Cavallos, com que se achou no soccorro de Elvas no anno de 1659, foy Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ; e de D. Mecia de Vilhena sua mulher, filha de Lourenço Pires Carvalho, Provedor das obras do Paço, Senhor da Azambugeira, e dos Morgados de Patalim, e de Dona Magdalena de Vilhena, filha de Henrique de Sousa, I. Conde de Miranda, Governador do Porto, do Conselho de Estado; e deste matrimonio nasceraõ

18 D. Joseph de Castro, que nasceo de hum

hum mesmo ventre com D. Marianna, e ambos morreraõ de curta idade.

18 D. Joaõ Joseph de Castro, que nasceo na Cidade do Porto, foy Senhor de Reriz, Resende, e mais terras, Almirante de Portugal, e Capitaõ da Guarda delRey, officio que a respeito da sua menoridade servio por elle Lopo Furtado de Mendoça, I. Conde do Rio Grande; porém morreo moço, sem chegar a casar: jaz em S. Francisco de Xabregas.

* 18 D. Luiz Innocencio de Castro, veyo a succeder a seu irmaõ, e foy Almirante de Portugal, Capitaõ de huma das Companhias da Guarda delRey D. Joaõ V., Senhor dos Concelhos de Resende, Honras de Gosende, Heiras, Ribadellas, Reriz, Sul, e Bem-Viver, e dametade da Villa de Penella, com Padroados, e datas de officios; e no Estado do Brasil da Capitanía dos Ilheos, e da Villa de Camamu, Boupeba, Cayru, e Itaparica, com cincoenta legoas de terra. Faleceo a 3 de Novembro de 1733. Casou a 12 de Setembro de 1708 com D. Joanna Cecilia de Lencastre, filha de Pedro de Vasconcellos, Estribeiro mór da Princeza do Brasil, e de D. Marianna de Lencastre sua mulher, e prima, como já dissemos no Capitulo III. do Livro VIII. pag. 246 do Tomo IX. de quem teve

19 D. Marianna Josefa de Lencastre nasceo a 7 de Novembro de 1712.

19 D. Francisca de Lencastre nasceo a 4 de Outubro de 1713.

D.

19 D. Ignez de Lencastre naſceo a 28 de Mayo de 1714, caſou com D. Antonio da Sylveira, como ſe diſſe a pag. 864 do Tomo X.

* 19 D. Antonio Joseph de Castro com quem ſe continúa.

19 D. Maria Isabel de Lencastre naſceo a 25 de Dezembro de 1726.

19 D. Theresa Rita de Lencastre naſceo a 6 de Outubro de 1727.

* 19 D. Antonio Joseph de Castro naſceo a 3 de Julho do anno de 1719, he Almirante de Portugal, e Capitaõ de huma das Companhias da Guarda Real, Senhor da Caſa de Reſende, Donatario do ſeu Conſelho, e das Villas de Bem-Viver, Reriz, Sul, Penella, e Albergaria, das Honras de Heiras, Montaõ, Goſende, Ribellas, do Roguengo de Godim, e dos tres fogos do Rio Douro, Canedo, Lobazim, e Figueira Velha; e no Eſtado do Braſil Senhor da Capitanía dos Ilheos, da Villa de Camamu, Boubepa, Cayru, e Itaparica, e Ribadellas, &c. Caſou a 12 de Fevereiro do anno de 1741 com D. Thereſa de Tavora, filha dos IV. Condes de S. Vicente, como diſſemos no Livro VI. pag. 228 do Tomo V. de quem tem até o preſente

20 D. Isabel Maria de Castro, que naſceo a 14 de Junho de 1742.

20 Dom . . . . . . de Castro naſceo em Agoſto de 1744.

D. Fi-

- Filippa Mendo-ça, mu-lher de D. [Fra]ncisco ...z, III. Commen-dador môr [de] Aviz.
  - Manoel de Vasconcellos, Sen. do Morgado de Esporaõ, &c. Cõmendador na Ordem de Christo, Reged. das Justiças, ✱ em 25 de Abril de 1637.
    - Joanne Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado de Esporaõ, Commendador da Ordem de Christo.
      - Alvaro Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado de Esporaõ, Embaixador ao Emperador Carlos V.
        - Joanne Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado de Esporaõ.
          - Alvaro Mendes de Vasconcellos, Senhor do Morgado de Esporaõ.
          - D. Leonor Ribeira, Senh. do Morgado de Esporaõ, instituido 1427.
        - D. Joanna de Sousa.
          - Vasco Martins de Sousa Chicorro, Capitaõ dos Ginetes delRey D. Affonso V.
          - D. Isabel Osorio, Fidalga Castelh.
      - Dona Guiomar de Mello.
        - Duarte de Mello.
          - Henrique de Mello.
          - Dona Brites Pereira.
        - D. Isabel de Brito.
          - Gil Vaz Raposo Lobo.
          - D. Ignez de Aboim.
    - D. Antonia de Ataide.
      - Dom Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira, Vedor da Fazenda.
        - D. Alvaro de Ataide, Senhor da Castanheira, e Povos, &c. ✱ em 1505.
          - D. Alvaro Gonçalves de Ataide, I. Conde de Atouguia.
          - A Condessa D. Guiomar de Castro.
        - D. Violante de Tavora, ✱ em 3 de Julho de 1555, segunda mulher.
          - Pedro de Sousa, Senhor do Prado, Alcaide môr de Seabra.
          - D. Maria Pinheira.
      - A Condessa Dona Anna de Tavora.
        - Alvaro Pires de Tavora, Senh. de Mogadouro, Commendador de Castello-branco na Ordem de Christo.
          - Pedro Lourenço de Tavora, Senhor do Mogadouro.
          - D. Ignez de Sousa.
        - D. Joanna da Sylva.
          - Dom Affonso de Vasconcellos, I. Conde de Penella, ✱ em 1480.
          - A Condessa D. Isabel da Sylva.
  - D. Luiza de Vilhena de Mendoça.
    - Joaõ Nunes da Cunha, Senhor do Morgado da Coutadinha.
      - Nuno da Cunha, Governador da India.
        - Tristaõ da Cunha, Camereiro môr do Senhor Dom Diogo, Duque de Viseu, Senhor de Gestaço &c.
          - Nuno da Cunha, Camereiro môr do Infante D. Fernando.
          - D. Catharina de Albuquerque.
        - D. Antonia Paes.
          - Pedro Gonçalves, Secretario delRey D. Affonso V.
          - D. Leonor Paes.
      - D. Isabel de Vilhena, segunda mulher.
        - Nuno Martins da Sylveira, Senhor de Goes, Escrivaõ da Puridade.
          - Diogo da Sylveira, Escrivaõ da Puridade.
          - D. Brites de Goes, Senhora de Olivença do Conde, de Goes, &c.
        - D. Filippa de Vilhena.
          - Fernaõ Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ.
          - D. Maria de Vilhena.
    - Dona Filippa de Mendoça.
      - Manoel Corte-Real, do Conselho delRey, Senhor da Ilha Terceira, e S. Jorge.
        - Vasque Annes Corte-Real, Donatario da Ilha Terceira, &c.
          - Joaõ Vaz Corte-Real, Porteiro môr do Infante D. Fernando, Capitaõ Donatario da Ilha Terceira.
          - D. Maria de Abarca.
        - D. Joanna da Sylva.
          - Garcia de Mello, Alcaide môr de Serpa.
          - D. Filippa Pereira da Sylva.
      - D. Brites de Mendoça, Dama da Rainha D. Catharina.
        - Inigo Lopes de Mendoça, Senhor de Moron.
          - Ruy Dias de Mendoça.
          - N. . . . .
        - D. Maria Branca, Viscondessa de Valduerna.
          - Joaõ Rodrigues de Baçan, Visconde de Valduerna.
          - D. Maria Çapata.

CAPI-

CAPITULO XVI.

De Dom Verissimo de Lencastre, Cardeal da Santa Igreja Romana, Inquisidor Geral de Portugal, Arcebispo Primaz das Hespanhas, do Conselho de Estado.

171 NO anno de 1615 na Cidade de Lisboa nasceo D. Verissimo de Lencastre, e foy baptizado na Igreja Parochial dos Santos Martyres Verissimo, Maxima, e Julia, [illegible] da Gama, Bispo de Miranda, como consta do Livro da dita Freguesia, pag. 141. e sendo [illegible] de tão esclarecidos pays, [illegible] elles [illegible] porque [illegible] suprema Dignidade do Pontificado [illegible] na Universidade de Coimbra, [illegible] em que foy Doutor [illegible] foy sempre [illegible] entre os Fidalgos do seu tempo [illegible] e Thesoureiro mór da Metropolitana Sé de Evora, e nesta Cidade entrou no serviço do Santo Officio, sendo Deputado, e Promotor [illegible]

CAPITULO XVI.

De Dom Verissimo de Lencastre, Cardeal da Santa Igreja Romana, Inquisidor Geral de Portugal, Arcebispo Primaz das Hespanhas, do Conselho de Estado.

17 NO anno de 1615 na Cidade de Lisboa nasceo D. Verissimo de Lencastre, e foy bautizado na Igreja Parochial dos Santos Martyres Verissimo, Maxima, e Julia, em cujo obsequio lhe foy posto o nome, a 15 de Novembro, por D. Joaõ da Gama, Bispo de Miranda, como consta do Livro da dita Freguesia pag. 14; e sendo creado no amor de seus esclarecidos pays, a quem deveo muito, e elles às suas virtudes a gloria de hum filho taõ benemerito; porque na vida, que seguio, só lhe faltou a suprema Dignidade do Pontificado, para o que o habilitavaõ o exercicio das virtudes, letras, e alto nascimento, se houvera sahido fóra da Patria. Estudou na Universidade de Coimbra os Sagrados Canones, em que foy Doutor; e seguindo a vida Ecclesiastica, foy sempre desde os seus primeiros annos o exemplar entre os Fidalgos do seu tempo; foy Conego, e Thesoureiro môr da Metropolitana Sé de Evora, e nesta Cidade entrou no serviço do Santo Officio, sendo Deputado, e Promotor, lugar de que tomou pos-

ſe em 19 de Novembro de 1644; foy Inquiſidor da meſma Inquiſiçaõ, em que entrou a 16 de Março de 1649; e correndo todas as tres Cadeiras, paſſou para a primeira da Inquiſiçaõ de Lisboa, de que tomou poſſe em 7 de Junho do anno de 1660; e ſendo promovido a Deputado do Conſelho Geral do Santo Officio, tomou poſſe no primeiro de Abril de 1664. Foy do Conſelho delRey, Sumilher da Cortina del-Rey D. Pedro II. que o nomeou Biſpo de Lamego, Dignidade, que naõ aceitou. Os ſeus grandes merecimentos o lembraraõ ao meſmo Principe para o eleger Arcebiſpo Primaz, e Senhor de Braga, de que tirando Bullas Apoſtolicas, tomou poſſe por ſeu Procurador em 8 de Julho de 1671, e entrou naquella Auguſta Cidade em 3 de Novembro do meſmo anno, com grandes demonſtrações de goſto de ſeus moradores, que havia tantos annos ſe viaõ ſem Paſtor: logo tratou de viſitar o Arcebiſpado com tanta diligencia, como caridade, adminiſtrando o Sacramento da Confirmaçaõ a innumeraveis peſſoas de hum, e outro ſexo, e conferindo Ordens. O meſmo fez depois na Corte, dando Ordens todos os Domingos, e dias Santos na ſua Capella a todos os que tinhaõ privilegios para as tomar *extra tempora*; o que era grande commodidade dos Ordinandos, naõ ſó deſta Dioceſi, mas de todo o Reyno, e ainda dos viſinhos, donde vinhaõ muitos Heſpanhoes a tomar Ordens a Liſboa; o que elle exercitava com tanta ſatisfaçaõ, que dizia, que naõ fazia favor, mas que o recebia; e da

meſma

mesma sorte administrava a todas as pessoas o Sacramento da Confirmaçaõ, depois de acabar de dar Ordens. Satisfez todas as obrigações de hum verdadeiro Prelado; porque foy pay universal daquelles póvos, pela candidez do animo, compaixaõ, e benignidade; nelle virtudes taõ naturaes, que para todos era igual, e sem differença: e tendo renunciado o Arcebispado, e residindo nesta Diocesi até 27 de Março do anno de 1677, em que passou à Corte provido no lugar de Inquisidor Geral destes Reynos, deixando em toda aquella larga Diocesi hum geral sentimento, e huma viva saudade dos beneficios, que delle recebiaõ. E sendo confirmado no lugar de Inquisidor Geral por Bulla do Papa Innocencio XI. de 22 de Novembro do anno de 1676, tomou posse em 9 de Abril do anno seguinte. Neste grande lugar mostrou a sua prudencia, e o seu zelo na escolha dos Ministros; porque os teve excellentes, doutos, e benemeritos de mayores Dignidades, logrando neste emprego occasioens, em que pode luzir o zelo da Fé, entre todas as virtudes moraes, de que foy dotado. ElRey D. Pedro II. que naõ só o estimou grandemente, mas o respeitava, o fez do seu Conselho de Estado, em que servia ao Reyno com tanto amor, como christandade; porque só entaõ he que o Principe he dignamente servido, quando se naõ antepoem a lisonja à saude universal da Republica com tanto risco da consciencia. O mesmo Rey lhe deu a nomina de Cardeal nacional, e foy

creado Cardeal da Santa Igreja de Roma pelo Santo Papa Innocencio XI. em 12 de Setembro de 1686. Havia muitos annos, que ſe naõ via em Portugal eſta eminente Dignidade; porque a dominaçaõ eſtranha, e depois a guerra com Caſtella, naõ tinha dado lugar a que a Cabeça da Igreja attendeſſe aos eſclarecidos ſerviços, que a Coroa de Portugal tinha feito em obſequio da Religiaõ, e da Fé: porém eſta taõ alta Dignidade nenhuma impreſſaõ fez no animo deſte Principe, em quem a affabilidade era natural, e naõ affectada. Foy Varaõ de excellentes virtudes, em que ſe uniraõ as partes de perfeito Prelado; porque foy douto, e ainda ſendo velho ſe levantava muito cedo para eſtudar na ſua copioſa Livraria: pelo que foy taõ verſado no Direito Canonico, que em nenhuma materia lhe allegavaõ Author algum, que elle naõ accreſcentaſſe a allegaçaõ com outros muitos: foy muy curioſo dos eſtudos Genealogicos, de que eſcreveo livros, que deixou com outros no ſecreto do Santo Officio. Da ſua letra, que era excellente, vimos varios papeis, e annotações a livros de Familias; e aſſim foy elle hum dos bons Genealogicos do noſſo Reyno, e com todos os profeſſores deſte eſtudo mantinha communicaçaõ. Era caſto, virtuoſo, e com entranhas de piedade, conſolando aos afflictos, animando aos pretendentes, por quem obrava quanto em ſi eſtava pelos ſervir, principalmente em materias de honra, ainda nas mayores circunſtancias. Foy geralmente honrador dos homens: era de animo

Souſa, *Catalogo dos Summos Pontifices, e Cardeaes, &c. da Collecçaõ da Academia do anno de 17*..

animo brando, benigno, favorecedor dos pretendentes, que com elle tinhaõ entrada, por prompto em fallar às partes; de ſorte, que todos conſeguiaõ, ſem trabalho, ter delle audiencia, com a certeza de que os naõ havia de eſcandalizar. Foy muy devoto, e todo o anno viſitava as Igrejas, em que eſtava o Santo Lauſperenne; e ſendo taõ virtuoſo, naõ era invencioneiro, antes de animo alegre, e jovial, goſtando das galantarias, e graças, com que entretinha a converſaçaõ naquellas horas, que ſerviaõ de entretenimento à cortezãa civilidade, dos que o viſitavaõ. Eſtas, e outras admiraveis virtudes o fizeraõ amado, e reſpeitado de todos os Eſtados do Reyno, em que vive com ſaudoſa memoria; porque os Grandes, e Fidalgos, os Eccleſiaſticos, e Seculares, os Religioſos, a Nobreza, e o povo, todos lhe eraõ ou inclinados, ou obrigados; porque elle a todos correſpondia com igual affabilidade. Conſervou em idade larga, ſaude robuſta, até que finalmente aſſaltado de violentos achaques, ſe rendeo à cama, e em poucos dias de doença, deu muitos exemplos de piedade, e de todas as virtudes. Neſte tempo ſe achava em Liſboa o Reverendiſſimo Padre Fr. Joaõ de Alvim, Miniſtro Geral de toda a Religiaõ dos Menores, que tinha vindo a viſitar as Provincias deſte Reyno, Varaõ verdadeiramente ſucceſſor de S. Franciſco, e de ſanta vida; e viſitando ao Cardeal, o recebeo com as mais vivas expreſſoens de humildade chriſtãa, que pudera fazer o menor ſubdito daquelle Prelado. Neſ-

ta

ta doença continuou aquelles actos de christandade, que tanto exercitava; e com constancia de animo recebeo todos os ultimos Sacramentos, com tal piedade, que edificou a toda a Corte, que universalmente sentia, e ouvia com pezar a sua molestia. As Religioens desta Cidade, que tanto estimara, com preces publicas pediaõ a Deos pela vida do Cardeal; testemunhando desta sorte o seu agradecimento, e o quanto todos necessitavaõ da vida deste Principe, que cheyo de annos, e merecimentos, morreo santamente a 13 de Dezembro de 1692 às sete horas da manhãa; a sua morte foy taõ sentida, como elle amado. ElRey D. Pedro se recolheo os dous dias seguintes, naõ sahindo fóra, nem dando audiencia; e o mesmo fez a Rainha D. Maria Sofia. O seu corpo foy venerado como de Varaõ Santo; porque o povo concorria em grande numero ao seu Palacio, e todos o pertendiaõ ver, tocando, como podiaõ, cada qual o seu Rosario, sendo huma só a voz, que se ouvia em toda a parte, appellidando-o *Santo*, espalhandose por todo o Reyno este sentimento; porque as suas virtudes a toda a parte chegaraõ, ainda dos que o naõ conheceraõ. O seu corpo foy levado com magnificencia devida à sua pessoa, e ao seu caracter, ao Mosteiro de S. Pedro de Alcantara da Provincia da Arrabida, que elle muito estimou, e de que foy insigne Bemfeitor, por entre duas alas de Religiosos de todas as Ordens da Corte, com cirios accesos, e principiando do seu Palacio, acabava à porta do Mosteiro;

teiro; e acompanhava as andas, da parte esquerda, o referido Geral. Entre as disposições pias do seu Testamento ordenou, que lhe fizessem huma Capella no Adro da Igreja de S. Pedro de Alcantara, e que nella se dissessem quatro Missas quotidianas perpetuas, deixando por cada huma oitenta mil reis de esmola ao Sacerdote, que a dissesse, e de fabrica o mesmo. Mandou-se sepultar no Adro da Igreja, à entrada da porta, em sepultura raza, onde jaz, e tem o seguinte Epitafio:

Latet hic, & tacet, quem fama loquitur & prodit
Eminentissimus D. D. Verissimus de Lancastro.
Genus si quaris?
His friget in cineribus, qui olim juvenis caluit,
Lusitanorum, imò & totius Europæ Regum sanguis.
Si Sapientiam?
Quam in utraque Regni hausit, & exhausit Academia,
In commune Ecclesiæ bonum perenni effudit scaturigine.
Si honorum gradus?
Sacris initiatus tuendæ, augendæque Fidei partes suscepit:
Decursis sacro Areopago, ordine suo minoribus subselijs,
In supremam tandem Generalis Inquisitoris erectus selam.
Fabio maior Maximo, & felicior
Catholicam nobis cunctando restituit rem.
Ex Hispaniarum Primate, factus Ecclesiæ Princeps purpuratus,
Petri Claves, & si non obtinuit, virtutibus meruit, quibus claruit.
Ex una omnes disce Humilitate,
Quam in vulgaris tumuli lapide, ceu in speculo poteris contemplari,
De Æterna scilicet animi mansione magis,
Quam de Mausoleo cadaveris sollicitus.
Sua nihil interesse duxit humi ne an sublime putresceret.
Regnum Cœlorum, si venditur, eleemosinis emit.
Verissimus citra adulationem, pauperum Pater.
Cœlo charus, & solo.
Vixit justissime annos 76 Obijt piissime 12 Decembris 1692.
Quiescit placidissime ad diem soli Deo notam.

Na

Na Capella do meſmo Cardeal, que fica no atrio da meſma Igreja, ſe vem as duas Inſcripções ſeguintes:

Da parte do Euangelho.

D. Fr. Joſephus de Lancaſtro, Inquiſitor Generalis, & D. Ludovicus de Lancaſtro, Villæ novæ Comes, Aviſijque Maximus Commendatarius, Eminentiſſimi Dñi D. Veriſſimi de Lancaſtro frater, & ex Fratre nepos ejus Teſtamentarij ſacellum hoc ipſius tumulo contiguum cum ducentis aureis pro fabrica, ut quater in illo pro ejuſdem anima quotidie Sacrum celebretur, additis ad ſepulchrum reſponſorijs cum donatione ducentorum aureorum pro quolibet Sacrificio erigere juſſerunt.

Da parte da Epiſtola.

E tumulo huc oculos ad parvum flecte ſacellum
Contracta in ſpatium ſtat breve ſacra domus.
Scilicet hæc humili reſpondet parva ſepulchro,
Illud & exigui eſt arca plana ſoli.
Nam qui mente humilis contempſit vivus honores,
Hic quoque ſumma fugit mortuus, ima cupit.
Ergo purpurei qui ſtemmata ſacra galeri
Addit ad titulos tot ſibi jure datos.
Cum foret evectus ſumma ad faſtigia ſolum,
Senſit onus, renuit quidquid honoris erat.

CAPI-

CAPITULO XVII.

De D. Fr. Joseph de Lencastre, Bispo de Miranda, e Leiria, Inquisidor Geral destes Reynos, Capellaõ mór delRey Dom Pedro II e do Conselho de Estado.

17 NAõ se costumaõ herdar com o sangue as virtudes, nem menos serem taõ igualmente praticadas nos irmãos, que se naõ differencem hum do outro: porém agora veremos, depois do que temos referido no Capitulo precedente, que nada cedeo a seu irmaõ o Cardeal D. Verissimo no exercicio das virtudes D. Joseph de Lencastre. Nasceo na Cidade de Lisboa a 19 de Março do anno de 1621, e foy tambem bautizado na Parochial Igreja de Santos. Apenas tinha cumprido quinze annos, quando com generosa resoluçaõ, sem ter dado parte a seus pays, tomou o habito dos Carmelitas Descalços no Mosteiro de Evora em 12 de Março de 1636, donde sendo mandado a continuar o noviciado em Lisboa, professou no Mosteiro de Nossa Senhora dos Remedios a 22 de Março de 1637: vida aspera em compreiçaõ debil, lhe originaraõ algumas enfermidades; de sorte, que por mitigar o rigor da Regra na Reforma, naõ mudando da Religiaõ, passou para a Provincia do Carmo Calçada, e entrou no Mosteiro

de Setuval a 13 de Outubro de 1645. Nesta Religiaõ foy Socio, e Secretario da Provincia, sendo Provincial o Padre Mestre Fr. Gaspar dos Reys; e depois deste emprego, no anno de 1656, o mandou a Provincia a Roma, a tratar da Beatificaçaõ do Veneravel Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Foy graduado Presentado, e Mestre em Theologia, graos para que os seus estudos o habilitaraõ com distincçaõ. A sua grande pessoa lembrou ao Papa Alexandre VII. que por motu proprio o nomeasse Prior de S. Martinho *in Montibus*, hum dos Mosteiros, que a sua Religiaõ tem na Curia Romana, que elle regeitou. Depois no Capitulo, que a Religiaõ celebrou em Roma a 5 do mez de Julho de 1666, foy eleito Assistente Geral das Provincias de Portugal, e Hespanha, com o titulo de Provincial de Dacia. Restituîo-se à sua Provincia no anno de 1669, de que foy nomeado Commissario Geral pelo seu Reverendissimo Padre Geral Fr. Mattheus Orlando, à sua instancia o Papa Clemente X. (com quem tivera trato no tempo, que esteve em Roma, e era Cardeal) o fez por motu proprio Provincial desta Provincia, que naõ aceitou, dizendo ser prejudicial à Religiaõ semelhantes exemplos. Porém o Geral o encarregou do governo da Provincia com o titulo de Vigario Provincial; e finalmente foy eleito Provincial no Capitulo de 28 de Abril de 1674, celebrado em Lisboa, com todos os votos, que governou com acerto; porque foy sempre observante da sua Regra,

Sà, *Memorias dos Arcebispos, e Bispos do Carmo*, pag. 266.

mos-

mostrando em tudo o que obrava a estimaçaõ, que fazia de a professar, andando a pé, sem entrar em carruagem, nem usar de mais distincçaõ, do que a Religiaõ permittia aos demais filhos; nem comeo fóra do Convento, nem ainda em casa de seu irmaõ. Esta vida exemplar, que sempre observou, o fazia benemerito de grandes Dignidades, que sobre o seu grande nascimento naõ podia esquecer ao vigilante cuidado delRey D. Pedro II. (entaõ Principe Regente) com que cuidava na eleiçaõ dos Prelados para as Igrejas; elle o nomeou Bispo de Miranda, de que sendo confirmado pelo Santissimo Padre Innocencio XI. lhe foraõ expedidas Bullas a 26 do mez de Abril de 1677: foy sagrado no Mosteiro do Carmo de Lisboa por seu irmaõ D. Verissimo, Arcebispo Primaz, em 25 de Junho do mesmo anno, assistentes D. Estevaõ Brioso de Figueiredo, Bispo de Pernambuco, e depois do Funchal, e D. Fr. Christovaõ de Almeida, Bispo Titular de Martyria. Foy elle hum dos Bispos, que em Coimbra assistiraõ à primeira Trasladaçaõ, que se fez do Corpo da Rainha Santa Isabel por ordem do Senhor Rey D. Pedro. Assim que entrou no seu Bispado o visitou pessoalmente, em que fez todas as obrigações de hum verdadeiro Pastor. Dentro no Palacio Episcopal erigio hum Collegio com o titulo de S. Joseph, de que foy muy devoto, com renda para doze Collegiaes pobres, com seu Mestre de Grammatica; e no mesmo Palacio tinha classe publica de Latim para todos os moradores

Catalogo dos Bispos de Miranda na Collecçaõ da Academia do anno de 1721.

Corograf. Portug. tom. I. pag. 480.

da ſua Dioceſi , que regeo com admiravel prudencia , zelo do ſerviço de Deos , e amor das ſuas ovelhas ; porque era muy compaſſivo , e liberal com os pobres , que com ſaudade ſentiraõ o ſer promovido ao Biſpado de Leiria , de que tirando Bullas Apoſtolicas , tomou poſſe a 2 de Agoſto de 1681. Neſta Igreja exercitou o officio de Paſtor com toda a propriedade , apaſcentando com as eſmolas , e com a doutrina , prégando , com grande edificaçaõ da ſua Dioceſi , por muitas vezes na ſua Sé , viſitando o Biſpado , arrancando abuſos , e plantando ſantos coſtumes , que fortificava com os Operarios Euangelicos , que continuamente andavaõ trabalhando naquella Dioceſi. ElRey D. Pedro , que tinha alto conceito das virtudes deſte Prelado , por morte de ſeu irmaõ o nomeou Inquiſidor Geral , de que lhe paſſou Bullas o Papa Innocencio XII. em o primeiro de Julho de 1693 , de que tomou poſſe em 20 de Outubro do meſmo anno ; e depois em o anno de 1702 o fez ſeu Capellaõ môr , de que lhe mandou paſſar Carta a 17 de Janeiro do referido anno ; e ultimamente o nomeou o meſmo Rey a 31 de Mayo de 1704 do ſeu Conſelho de Eſtado , na promoçaõ que fez de Miniſtros de Eſtado , achando-ſe em Santarem. Foy o Biſpo D. Fr. Joſeph de Lencaſtre ornado de grandes virtudes ; em todas eſtas grandes occupações ſe portou com modeſtia religioſa. Todos os dias celebrava o Santo Sacrificio da Miſſa , o que fazia com devoçaõ , e copioſas lagrimas ; depois da qual rezava o Terço do Roſa-

Catalogo dos Biſpos de Leiria da Collecçaõ da Academia do anno de 1722.

Rosario com a sua familia. Nunca quiz deixar de satisfazer com as obrigações de Religioso; pelo que jejuava os jejuns da Regra Carmelitana: naõ havia dia algum, que naõ tivesse oraçaõ, e na semana tres vezes disciplina, nas segundas, quartas, e sextas feiras; porém de sorte acautelado, que naõ se percebia; a que ajuntava outras muitas particulares mortificações, e penitencias. Era a sua familia muy reformada, e modesta, com quem sempre comeo em tinello, tendo hum pobre mendigo à sua maõ direita, a quem elle servia os pratos: a sua casa limpa, mas sem ostentaçaõ; porque naõ tinha de valor mais que livros, cortinas de lãa, nem elle vestio nunca outra cousa, que naõ fosse lãa; em tudo mostrava, que era Religioso, e reformado: dormia em huma barra pobre de pinho, e tinha hum leito concertado com o paramento de serafina roxa, e a colcha rica era de huma palha fina de Angola. ElRey D. Pedro nos dias, que hia ao Palacio da Inquisiçaõ, por adorar a Santissima Imagem do Senhor chamado *dos Passos*, na Procissaõ da segunda sexta feira da Quaresma, tinha a curiosidade de ver o pobre ornato daquella cama de estado, de que muito se edificava, da qual naõ se servia, se naõ nas occasioens, que por molestia havia de receber visitas. Teve grande talento para os negocios politicos, que comprehendia com admiravel percepçaõ, votando singularmente nas materias de Estado; de sorte, que o seu voto era de grande ponderaçaõ aos demais Ministros: a hum, sem controver-

sia

sia grande em tudo daquelle tempo, que foy o Duque de Cadaval D. Nuno, o ouvi muitas vezes. Era de animo compassivo, e taõ esmoler, que a reserva, que fez do Bispado de Leiria, quando o renunciou para ser Inquisidor Geral, ficava no mesmo Bispado em ordinarias, e esmolas, com que soccorria viuvas honradas, recolhidas, e a outras pessoas nobres, e necessitadas. Finalmente nelle concorreraõ todas as virtudes de hum grande Prelado, e de hum grande Senhor, como elle foy, com coraçaõ candido, mas prudente, com notavel constancia, e naõ menos affabilidade, Letrado, e virtuoso, de que foy piamente receber o premio eterno, fortalecido com os Sacramentos, que recebeo com grande devoçaõ; cheyo de annos, e merecimentos, faleceo a 13 de Setembro de 1705. Aberto o seu Testamento se achou cheyo de disposiçoes pias, e devotas, ordenando que fosse enterrado, sem pompa alguma, na Capella do Noviciado dos Carmelitas Descalços de Lisboa, para descançar eternamente com aquelles, que tanto amara na vida, e donde aprendera as virtudes, que tanto soube exercitar. Jaz em sepultura raza no meyo da Capella, onde em huma pedra lhe puzeraõ o seguinte Epitafio:

Aqui descança o Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor Dom Fr. Joseph de Lancastro, Religioso professo Carmelita

ta Descalço neste Santo Noviciado de Nossa Senhora dos Remedios, e depois de muitos annos passado à Familia dos Observantes. Foy Provincial, e Commissario Geral, de donde sahio para Bispo de Miranda, e de Leiria, e ultimamente Inquisidor Geral, e Capellaõ môr delRey D. Pedro II. e do seu Conselho de Estado. Faleceo em 13 de Setembro de 1705.

CAPITULO XVIII.

De Dom Pedro de Lencastre, II. Conde de Figueiró, &c.

17 NAõ succedeo D. Pedro de Lencastre na Casa, e na Dignidade de Commendador môr de Aviz; porque anticipando-selhe a morte, acabou a vida primeiro, que seu pay: porém succedeo na de seu tio Francisco de Vasconcellos, I. Conde de Figueiró, que morreo em Madrid no anno de 1653, como neto de Manoel de Vasconcellos, Regedor das Justiças, do Conselho de Estado em Madrid, Commendador de Izeda na Ordem de Christo, Senhor do Morgado de Esporaõ em Evora. Foy D. Pedro

Pedro recebido à moradia de Moço Fidalgo por Alvará de 7 de Fevereiro de 1625, em que ElRey diz: *A Dom Joaõ da Silva, meu Mordomo mòr, hey por bem fazer merce a D. Pedro de Lencastre, filho de D. Francisco Luiz de Lencastre, meu muito amado, e prezado Sobrinho, de o tomar por Moço Fidalgo, com o foro, e moradia, que pelo dito seu pay lhe pertence, &c.* Sem embargo de D. Pedro naõ succeder na Casa de Figueiró, que era da Condessa Dona Anna de Menezes e Vasconcellos, mulher de seu tio o I. Conde, lhe succedeo no Condado por merce del-Rey D. Joaõ IV. attendendo à grande qualidade de D. Pedro, de que lhe passou Carta a 19 de Mayo do anno de 1654, e foy Senhor de Villa-Nova de Fascoa, e do Morgado de Esporaõ. No anno em que o mesmo Rey, como dissemos, instituìo o Tribunal da Junta dos Tres Estados, foy o Conde de Figueiró hum dos primeiros Ministros, que nelle houve: e pelo seu casamento foy Senhor de Goes, e do Condado de Sortelha. Morreo a 21 de Julho de 1658. Foy depositado na Igreja de Nossa Senhora dos Remedios dos Carmelitas Descalços, donde foy trasladado para a Capella mòr de S. Joaõ de Setuval, enterro da sua Casa.

Casou em vida de seu pay em 16 de Fevereiro de 1630 com a Condessa D. Magdalena de Lencastre, que faleceo em 5 de Dezembro de 1649, e jaz na Igreja do Mosteiro da Esperança de Lisboa. Era filha segunda de D. Luiz da Sylveira, III. Conde de Sorte-

Sortelha, e Guarda môr da pessoa delRey, e de sua mulher Dona Maria de Vilhena, Condessa de Villa-Nova; veyo a Condessa D. Magdalena a herdar a Casa de seu pay por morte de sua irmãa mais velha a Condessa de Villa-Nova D. Branca de Vilhena da Sylveira; succedeo nas terras, Morgados, e mais Senhorios da Casa de Sortelha; e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

18 D. JOSEPH DE LENCASTRE, III. Conde de Figueiró, como se verá no Capitulo XIX.

18 D. LUIZ DE LENCASTRE, IV. Conde de Villa-Nova, Capitulo XX.

18 D. MARIA DE LENCASTRE, a quem a natureza dotou de fermosura, e sem ter elegido estado, acabou na flor da idade em o primeiro de Outubro de 1657; e jaz com sua mãy no Mosteiro da Esperança de Lisboa.

CAPITULO XIX.

De D. Joſeph Luiz de Lencaſtre, III. Conde de Figueiró, Commendador mór de Aviz.

18 NAſceo na Cidade de Evora, e foy bautizado na Cathedral daquella Cidade em 27 de Agoſto do anno de 1639, ſendo ſeu Padrinho ſeu tio D. Veriſſimo de Lencaſtre, e Madrinha ſua avó D. Filippa de Mendoça: ſuccedeo na Caſa de ſeu pay, e foy III. Conde de Figueiró, de que ſe lhe paſſou Carta a 29 de Setembro de 1658; declarando-ſe ſer a terceira vida, com que eſta merce fora feita a Manoel de Vaſconcellos ſeu viſavô, ſendo a primeira ſeu filho Franciſco de Vaſconcellos; e que nas outras duas entrariaõ ſeus deſcendentes, ou as peſſoas, que em falta delles ſuccedeſſem na Caſa. Teve a Dignidade de Commendador mór da Ordem de Aviz, de que tirou Carta a 17 de Outubro de 1673, e as mais Commendas, e Alcaidarias móres, que poſſuhio ſeu avô: e tendo ſuccedido por morte da Condeſſa ſua mãy na Caſa de Sortelha, veyo por morte de ſua avó materna a ſucceder no Condado de Villa-Nova de Portimaõ; e engroſſando em rendas a ſua grande Caſa, por recahirem nella duas taõ illuſtres, veyo a ſer huma das mais ricas, e poderoſas do Reyno. Foy Deputado da Junta dos Tres Eſtados, e Preſidente

do

do Senado da Camera; e morreo em Lisboa a 11 de Dezembro de 1687. A devoçaõ o fez deixar o enterro dos ſeus mayores, mandando-ſe ſepultar na ſua Parochia de Santos, na Capella de Noſſa Senhora da Saude, onde jaz.

Caſou em 31 de Julho de 1664 com a Condeſſa D. Filippa de Vilhena, huma das Senhoras mais magnificas no trato, e grandeza da Caſa, que teve a Corte: faleceo a 15 de Dezembro de 1688. Era filha de Joaõ Rodrigues de Sá, Conde de Penaguiaõ, Camereiro môr, e do Conſelho de Eſtado delRey D. Joaõ IV. e de ſua mulher a Condeſſa D. Luiza Maria de Faro: porém deſta eſclarecida uniaõ naõ tiveraõ filhos. E jaz na dita Capella da Igreja de Santos com o Conde ſeu marido, onde ſe conſerva eſta memoria:

Neſta Capella ſe mandaraõ enterrar D. Joſeph de Lencaſtre, Conde de Figueiró, e a Condeſſa D. Filippa de Vilhena ſua mulher, pela ſingular devoçaõ, que ſempre tiveraõ a eſta Santa Imagem da Virgem Senhora noſſa.

CAPI-

CAPITULO XX.

De D. Luiz de Lencastre, IV. Conde de Villa-Nova de Portimaõ, Commendador môr de Aviz.

18 DA esclarecida uniaõ de D. Pedro de Lencastre, e D. Magdalena de Lencastre, II. Condes de Figueiró, foy o segundo filho D. Luiz de Lencastre, que nasceo em Azeitaõ em hum Sabbado do mez de Mayo de 1644. ElRey D. Affonso VI. por seu Alvará de 17 de Setembro de 1666, accrescentando-o do foro de Moço Fidalgo, diz: *Faço merce de Fidalgo Escudeiro, e Fidalgo Cavalleiro a D. Luiz de Lencastre com a moradia, que teve seu Avô Dom Francisco Luiz, meu muito amado Sobrinho, filho de D. Luiz de Lencastre, meu muito amado Sobrinho.* Este tratamento de parentesco com a Casa Real, expressaraõ os Reys ainda em seu avó, como referimos.

Naõ teve succeſſaõ, como temos visto no Capitulo precedente, o Conde de Figueiró seu irmaõ: pelo que D. Luiz lhe succedeo em toda a Casa, e Morgados, que por elle vagaraõ, menos os bens da Coroa, que eraõ muitos; porque nestes, em huns lhe faltavaõ as vidas, e outros eraõ incluidos na Ley Mental; e sómente se lhe conservou o Senhorio de Villa-

Nova

Nova de Fascoa por ser de juro, e ter huma vida fóra da Ley Mental, de que se lhe passou Carta a 5 de Novembro de 1688 por merce delRey D. Pedro; pela qual foy tambem IV. Conde de Villa-Nova de Portimaõ, Commendador môr da Ordem de Aviz, e das Commendas, e Alcaidarias móres, de que se lhe passaraõ Cartas a 27 de Agosto de 1688, em que diz: *Por aver respeito às duas vidas, em que sua Avó foy despachada, e estar huma por verificar.* Morreo em o primeiro de Janeiro de 1704, e jaz na Parochia de Santos, na mesma Capella do Conde seu irmaõ.

Casou em 15 de Fevereiro de 1694 com D. Magdalena Theresa de Noronha, Dama da Rainha D. Maria Sofia, filha de D. Estevaõ de Menezes, Senhor da Casa de Tarouca, e de D. Helena de Noronha sua mulher; e deixando a successaõ, que diremos, morreo a 26 de Dezembro de 1701; e foy sepultada na mesma Capella da Igreja de Santos, onde está seu marido. Foraõ seus filhos

19 D. Pedro de Lencastre, que nasceo, e morreo em 23 de Março de 1696.

19 D. Pedro de Lencastre, V. Conde de Villa-Nova, como se verá no Capitulo XXI.

19 D. Maria de Lencastre nasceo a 17 de Abril de 1698, casou em 25 de Fevereiro de 1715 com D. Pedro de Almeida, III. Conde de Assumar, e I. Marquez de Castello-Novo, Vice-Rey, e Capitaõ General do Estado da India, para onde partio

a 29

a 29 de Março de 1744; e da sua successaõ já demos noticia em seu proprio lugar a pag. 818 do Tomo X.

19 D. FRANCISCO JOSEPH DE LENCASTRE nasceo a 14 de Agosto de 1699, em quem defeituosa a natureza, o fez incapaz de trato, por ser enfermo no juizo.

19 D. HELENA DE LENCASTRE nasceo a 25 de Outubro do anno de 1700, e casou em 13 de Agosto de 1713 com D. Joaõ Mascarenhas, III. Marquez de Fronteira, e IV. Conde da Torre, como em outra parte fica dito a pag. 472 do Tomo IX. de quem nasceo D. MARIA a 23 de Setembro de 1738, que faleceo de tenra idade.

19 D. THERESA DE LENCASTRE, que foy a ultima, nasceo a 10 de Dezembro do anno de 1701, e casou em 24 de Setembro de 1719 com D. Francisco Mascarenhas, III. Conde de Coculim, como já temos em outra parte escrito a pag. 246 do Tomo V.

A Con-

- Condes- D.Mag- len.The- a de No- nh. mul, D. Luiz Lencas- e, IV. onde de illa-No- .
  - Dom Estevaõ de Menezes, Senh. da Casa de Tarouca, Deputado da Junta dos Tres Estados.
    - Dom Duarte de Menezes, III. Conde de Tarouca.
      - D. Luiz de Menezes, II. Conde de Tarouca, Governador de Tangere, ✠ em Outubro de 1614.
        - D. Duarte de Menezes, Senhor da Casa de Tarouca, Vice-Rey da India, nasceo em Tangere a 6 de Dezembro 1537.
          - D. Joaõ de Menezes, XVII. Governador de Tangere, Cõmendador de Albufeira da Ordem de Santiago.
          - D. Luiza de Castro.
        - D. Leonor da Sylva.
          - Diogo da Sylva, Senhor de Vagos, Regedor das Justiças.
          - D. Antonia de Vilhena.
      - D. Lourença Henriques, segunda mulher.
        - Vasco Martins Moniz, IV. Senhor de Angeja, &c.
          - Jorge Moniz, Senhor de Angeja, &c.
          - D. Leonor Henriques.
        - D. Violante de Menezes.
          - D. Fernando de Noronha, Capitaõ de Azamor.
          - D. Joanna de Menezes.
    - A Condessa D. Luiza de Castro.
      - D. Estevaõ de Faro, I. Conde de Faro, do Conselho de Estado, ✠ a 12 de Fevereiro de 1628.
        - Dom Diniz de Faro, Commendador de Moras na Ordem de Christo, ✠ a 12 de Dezembro de 1574.
          - D. Fernando de Faro, Senh. do Vimieiro, Mordomo môr da Rainha D. Catharina, ✠ a 9 de Jan. 1552.
          - D. Isabel de Mello, ✠ em 1563.
        - D. Luiza Cabral.
          - Joaõ Alvares Caminha.
          - D. Isabel Cabral.
      - A Condessa Dona Guiomar de Castro, ✠ a 7 de Outubro de 1620.
        - D. Joaõ Lobo, IV. Baraõ de Alvito, do Conselho de Estado, Védor da Fazenda.
          - D. Rodrigo Lobo, II. Baraõ de Alvito, do Conselho delRey D. Joaõ III. e Védor da Fazenda.
          - Dona Guiomar de Castro.
        - A Baroneza D. Leonor Mascarenhas.
          - D. Joaõ Mascarenhas, Capitaõ dos Ginetes delRey D. Manoel, Senhor de Lavre.
          - D. Margarida Coutinho.
  - D. Helena de Noronha.
    - D. Thomás de Noronha, III. Conde dos Arcos.
      - D. Marcos de Noronha.
        - D. Thomás de Noronha.
          - D. Leaõ de Noronha.
          - D. Branca de Castro.
        - D. Helena da Sylva.
          - D. Gil Eannes da Costa, Védor da Fazenda, do Conselho de Estado, e Despacho.
          - D. Joanna da Sylva.
      - D. Maria Henriques.
        - D. Francisco da Costa, Embaixador a Marrocos, anno de 1579.
          - D. Duarte da Costa, Armeiro môr, Governador do Brasil, Presidente do Senado da Camera.
          - D. Maria de Mendoça.
        - Dona Joanna Henriques.
          - Gonçalo Pinto, Senhor de Ferreiros, e Tendaes.
          - D. Violante Henriques.
    - A Condessa D. Magdalena de Borbon, segunda mulher.
      - D. Luiz de Brito, Visconde de Villa-Nova de Cerveira, I. Conde dos Arcos, ✠ a 24 de Junho de 1647.
        - D. Lourenço de Brito Nogueira e Lima, VII. Visconde de Villa-Nova da Cerveira, do Conselho de Estado.
          - Luiz de Brito, IV. Visconde de Villa-Nova da Cerveira.
          - A Viscondessa D. Ignez de Lima.
        - A Viscondessa Dona Luiza de Tavora.
          - Luiz de Alcaçova Carneiro, Senhor de Figueiró.
          - D. Antonia de Tavora.
      - A Condessa Vitoria de Cardaillac.
        - Francisco de Cardaillac, Baraõ de la Chapelle.
          - Antonio de Cardaillac, Baraõ de la Chapelle, &c.
          - A Baroneza Victoria de Aquino.
        - A Baroneza Magdalena de Borbon.
          - Henrique de Borbon, Visconde de Laveden.
          - A Viscondessa Francisca de Mirimont.

CAPI-

CAPITULO XXI.

De D. Pedro de Lencastre, V. Conde de Villa-Nova, e VI. Commendador môr de Aviz.

19 NO anno de 1697 a 4 de Abril nasceo D. Pedro de Lencastre Sylveira Valente Castellobranco Vasconcellos Barreto e Menezes, em quem a obrigaçaõ de tantos Morgados unio tantos, e taõ illustres appellidos. Succedeo em toda a Casa de seu pay, quando ainda naõ tinha cumprido sete annos, ficando por seu tutor aquelle virtuoso Prelado o Bispo Inquisidor Geral seu tio, que em sua vida tratou o seu casamento, nomeando por seu tutor a seu futuro sogro, debaixo de cujas prudentes maximas foy educado. He V. Conde de Villa-Nova por Carta de 5 de Fevereiro de 1704, VI. Commendador môr da Ordem de Aviz na sua Casa, e Commendador das Commendas de Alcanede, Estremoz, Veiros, e Landroal, todas na dita Ordem, e Alcaide mòr dos Castellos de Aviz, Veiros, Landroal, Cabeçaõ, Benavilla, Alcanede, e Pernes, Senhor das Villas de Goes, Salriza, Villa-Nova de Fascoa, e das Casas de Villa-Nova de Portimaõ, e de Sortelha, Senhor dos Morgados da Povoa, de Esporaõ, Oliveira do Conde, Goes, Pedra-Alçada, Marvilla, Valverde, Algarve, Alcochete, e Ma-

fra, e Senhor dos Padroados das Igrejas de Sampayo de Villa-Verde, S. Thomé de Cabella, S. Salvador de Ruivaens, Santa Margarida de Colzada, Santiago de Tremes, S. Vicente de Soufa, Santa Maria de Idens, e da Collegiada, e Vigairarias de Santa Maria de Goes, Santa Maria de Correllos, S. Pedro da Varzea, S. Pedro de Oliveira de Conde, S. Christovaõ de Cabanas. A Providencia Divina, que o fez Senhor de huma taõ grande Cafa, deixou que a natureza próvida lhe déffe huma gentil, e agradavel prefença, de corpo agigantado; mas com proporçaõ taõ armoniofa, que o faz bifarro, a que unio partes de grande Senhor, magnificencia no trato da fua Cafa, e prudencia em dirigir as fuas acções; goftando dos exercicios, que faõ precifos, e como neceffarios, nas peffoas do feu alto nafcimento; ufando do manejos dos cavallos, da caça, e outros exercicios, a que o leva mais que o divertimento, a fatisfaçaõ da amifade, do que o genio mais dado à liçaõ dos livros: principalmente da Hiftoria, que leo com gofto, he a parte Genealogica a mais favorecida; e em huma, e outra he bem inftruido; porque com memoria prompta fe fabe fervir das occafioens, em que brilha com modeftia. No anno de 1729, quando as Mageftades Portuguezas pafſaraõ à Provincia de Alentejo para fe verem no Caya com as Mageftades Catholicas, foy o Conde hum dos Senhores, que fe acharaõ nefta mageftofa juncçaõ com magnifico trem, e acompanhado de luzida familia. No anno de 1744 foy

foy feito Deputado da Junta dos Tres Estados, que exercita com prestimo, e pontualidade; porque concorrem nelle partes de vir a ser hum grande Ministro.

Casou em 29 de Outubro de 1711 com D. Maria Sofia de Lencastre, filha de D. Rodrigo Pedro Eannes de Sá, Marquez de Abrantes, e de Fontes; e da Marqueza Dona Isabel de Lorena sua mulher: desta esclarecida uniaõ teve

* 20 D. ISABEL DE LENCASTRE, com quem se continúa.

20 D. MAGDALENA DE LENCASTRE nasceo a 25 de Junho de 1714.

20 D. ANNA DE LENCASTRE nasceo a 26 de Setembro de 1716, casou em 8 de Outubro de 1737 com seu primo com irmaõ Dom Fernando Mascarenhas, filho dos III. Marquezes de Fronteira, de quem teve D. MARIA, que nasceo a 23 de Setembro de 1738, e viveo poucos mezes; e sua mãy faleceo a 6 de Setembro de 1739.

20 D. IGNEZ ANDREZA DE LENCASTRE nasceo a 4 de Fevereiro do anno de 1717, e morreo em Agosto do anno seguinte.

* 20 D. ISABEL DE LENCASTRE nasceo a 2 de Abril de 1713: casou, como presumptiva herdeira desta grande Casa, com Manoel Rafael de Tavora, Capitaõ de Cavallos na Provincia de Alentejo, filho dos II. Condes de Alvor, a qual faleceo a 26 de Fevereiro de 1742; e desta esclarecida uniaõ he unico

21 D. Joseph Maria Gregorio Francisco Xavier de Lencastre nasceo a 15 de Fevereiro do referido anno de 1742, que he presumptivo herdeiro da Casa de seu avô.

A Con-

- A Condessa D. Maria Sofia de Lencastre, mulher de D. Pedro, V. Conde de Villa-Nova.
  - Rodrig. Eannes de Sá e Menezes, III. Marquez de Fontes, I. de Abrant. Gentil-homem da Camera delRey D. Joaõ V. seu Védor da Fazenda, Embaixad. a Roma, e Madrid, * a 30 de Abril de 1733.
    - Francisco de Sá de Menezes, I. Marq. de Fontes, IV. Conde de Penaguiaõ, Camereiro môr delRey D. Affonso VI. * em 1677.
      - Joaõ Rodriguez de Sá, III. Conde de Penaguiaõ, Camereiro môr delRey Dom Joaõ IV. do Conselho de Estado, &c. * em 1658.
        - Francisco de Sá e Menezes, II. Conde de Penaguiaõ, Camereiro môr, * em 15 de Agosto 1647.
          - Joaõ Rodriguez de Sá, I. Conde de Penaguiaõ, e Camereiro môr delRey D. Filippe II.
          - A Condessa D. Isabel de Mendoça.
        - A Condessa D. Joanna de Castro.
          - Joaõ Gonçalves da Camera, Conde de Atouguia, * em Abril de 1628.
          - A Condessa D. Maria de Castro, * a 25 de Mayo de 1632.
      - A Condessa Dona Luiza de Faro.
        - D. Luiz de Ataide, Conde de Atouguia, Senhor de Piniche, * em 1639.
          - Joaõ Gonçalves de Ataide, Conde de Atouguia.
          - A Condessa D. Maria de Castro.
        - A Condessa D. Filippa de Vilhena.
          - D. Jeronymo Coutinho, do Conselho de Estado, * em 22 de Julho de 1630.
          - D. Luiza de Faro.
    - A Marqueza D. Joanna de Lencastre.
      - Dom Rodrigo de Lencastre, Commendador de Coruche na Ordem de Aviz, * em 1657.
        - D. Lourenço de Lencastre, Commendador de Coruche.
          - D. Joaõ de Lencastre, Commendador de Coruche.
          - D. Paula da Sylva.
        - D. Ignez de Noronha.
          - Ruy Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ.
          - D. Marianna da Sylveira.
      - D. Ignez de Noronha.
        - Joaõ da Sylva Tello, I. Conde de Aveiras, XI. Senhor de Vagos, * em 1651.
          - Diogo da Sylva, X. Senhor de Vagos.
          - D. Margarida de Menezes.
        - A Condessa D. Maria de Castro.
          - Ruy Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ.
          - D. Marianna da Sylveira.
  - A Marqueza D. Isabel de Lorena, * a 26 de Nov. de 1699.
    - Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, I. Duque do Cadaval, IV. Marquez de Ferreir. V. Conde de Tentugal, do Conselho de Estado, &c. * em 29 de Janeiro de 1727.
      - Francisco de Mello, III. Marquez de Ferreira, IV. Conde de Tentugal, do Conselho de Estado, &c. * a 17 de Março de 1645.
        - D. Nuno Alvares Pereira de Mello, III. Conde de Tentugal, * a 28 de Fevereiro de 1597.
          - Francisco de Mello, II. Marquez de Ferreira, e Conde de Tentugal, * em Dezembro de 1588.
          - A Senhora D. Eugenia.
        - A Condessa D. Marianna de Castro, * a 20 de Jan. 1626.
          - D. Rodrigo de Moscoso Osorio, V. Conde de Altamira.
          - N. . . . .
      - A Marqueza Dona Joanna Pimentel, * a 11 de Setembro de 1657.
        - D. Antonio Pimentel, IV. Marquez de Tavera, Vice-Rey de Valença, * a 28 de Março de 1627.
          - D. Henrique Pimentel, III. Marquez de Tavera.
          - A Marqueza Dona Joanna de Toledo.
        - A Marqueza D. Isabel de Moscoso.
          - D. Lopo de Moscoso, VI. Conde de Altamira, &c. * a 15 de Dezembro de 1636.
          - A Condessa D. Leonor de Sandoval.
    - A Duqueza D. Maria Angelica Henriqueta de Lorena, * a 7 de Julho 1674.
      - Francisco de Lorena, Conde de Harcourt, de Rieux, &c. * em 27 de Junho de 1694.
        - Carlos de Lorena, Duque de Elbeuf, Cavalleiro das Ordens delRey, &c. * a 5 de Nov. 1675.
          - Carlos de Lorena, I. do nome, Duque de Elbeuf, &c. * em 1605.
          - A Duqueza Margarida Chabot, * a 29 de Setembro de 1652.
        - A Duqueza Henriqueta, legitimada de França.
          - Henrique IV. Rey de França, * a 14 de Mayo de 1610.
          - Gabriella de Estreés, Duqueza de Bocaufort.
      - Anna de Ornano, Condessa de Montsor, * em Setemb. de 1695.
        - Henrique Francisco Affonso de Ornano, Marquez de Maubec, &c.
          - Affonso Corse de Ornano, Marichal de França.
          - Margarida Luiza de Grasse, Senhora de Flassans.
        - A Marqueza Margarida de Montsor.
          - Luiz Raymundo, Conde de Montsor.
          - A Condessa Maria de Maugiron.

menino.

XVII Dom Luiz de Lencaſtre, ✱ menino. | D. Ma[...] de Le[...] tre, ✱ nino. | D. Fr. Joſeph de Lencaſtre, Frade Carmelita, Biſpo de Miranda, e de Leiria, Inquiſidor Geral de Portugal, do Conſelho de Eſtado, Capellaõ mór del-Rey D. Pedro II. ✱ a 13 de Setembro de 1706. | Dona Marianna de Lencaſtre caſou com Dom Joaõ de Caſtro, Almirante de Portugal, Senhor de Reris.

XVIII Dom Joſeph Luiz de [...] lha, e Villa-Nova de [...] zembro de 1687. Ca[...] de Joaõ Rodrigues de S[...] de Dezembro de 1688. [...] Commendador mór da [...]oes, &c. ✱ em o pri[...] D. Magdalena Thereſa [...]ca, ✱ em 26 de De- | Dona Maria de Lencaſtre, ✱ na flor da idade ſem eſtado no primeiro de Outubro de 1657.

XIX Dom Pedro de Lencaſtre, naſ- | Lencaſtre, naſceo a | D. Thereſa de Lencaſtre, naſceo a

CAPITULO XXII.

De Dom João de Lencastre, Commendador de Coruche na Ordem de Aviz.

15 ENtre os filhos, que teve o Commendador môr Dom Luiz de Lencastre de sua mulher D. Magdalena de Granada, como dissemos no Capitulo XIII. foy o segundo genito D. João de Lencastre, a quem o Duque Mestre fez merce da Commenda de Coruche, e Alcaidaria môr de Aviz, de cuja Ordem he a dita Commenda, bastante patrimonio naquelle tempo para estabelecer huma grande Casa, por ser muy rendosa esta Commenda; e assim com mais huma linha do seu proprio sangue dilatava a sua posteridade, que o tempo depois tanto restringio na linha masculina, de que são hoje já muy poucos; porque esta se extinguio em parte, como logo diremos. No anno de 1578 passou à Africa com ElRey D. Sebastião, e foy hum dos Senhores, que ficarão cativos naquella infeliz batalha; e foy resgatado no numero dos oitenta Fidalgos, como escreve Jeronymo de Mendoça. ElRey D. Filippe II. que reconhecia a sua grande qualidade, e os seus merecimentos, no anno de 1597 o fez do seu Conselho com nove mil reis por mez de Conselheiro. Fundou o Convento de Religiosos Capuchos de S. João da Villa

Jornada de Africa, liv. 2. cap. 8. pag. 77.

Chronica da Provincia da Arrabida, pag. 705.

Villa de Santarem, em que lhe lançou a primeira pedra a 24 de Junho de 1589, e o aceitou o Padre Fr. André de S. Paulo. Morreo no anno de 1614, e jaz no dito Convento.

Casou duas vezes, a primeira com D. Paula da Sylva, filha de Lourenço Pires de Tavora, Governador da Torre de Caparica, e Senhor do Morgado, que elle naquelle lugar instituìo, Commendador das Commendas de Requiaõ, de Salvaterra, e das Pias, na Ordem de Christo. Foy Embaixador a ElRey de Fez no anno de 1541 sobre a guerra, que ElRey Dom Joaõ queria mover ao Xarife; Capitaõ môr da Armada, que no anno de 1546 passou à India, Embaixador ao Emperador Carlos V. no anno de 1548, e depois a Inglaterra no anno de 1553 na exaltaçaõ da Rainha D. Maria por morte delRey Duarte VI. e no de 1559 passou por Embaixador a Roma a dar obediencia ao Papa Pio IV.; Varaõ prudente, valeroso, entendido, generoso, e luzido, a quem os Reys tiveraõ tanta attençaõ, que pareceo respeito aos seus grandes merecimentos. Finalmente com licença, que pedio a ElRey para descançar em sua casa, livre de negocios politicos, morreo em a sua Quinta de Caparica em 15 de Fevereiro de 1573; e jaz no Mosteiro dos Arrabidos, que fundou naquelle mesmo sitio. Foy casado com D. Catharina de Tavora, filha de Ruy Lourenço de Tavora, Commendador de Mirandella, seu primo segundo. Deste esclarecido matrimonio de D. Joaõ de Lencastre

com

com Dona Paula da Sylva nasceraõ os filhos seguintes:

16 D. LUIZ DE LENCASTRE, que succedendo na Commenda de Coruche, morreo moço, sem ter tomado estado.

* 16 DOM LOURENÇO DE LENCASTRE, com quem se continúa.

16 D. JORGE DE LENCASTRE, servio na India com satisfaçaõ; e voltando ao Reyno, passou segunda vez à India, despachado com o governo da Capitanía de Ormuz, em companhia de Ruy Lourenço de Tavora, Vice-Rey da India, no anno de 1608; e levava de moradia de Fidalgo Cavalleiro por mez sete mil duzentos e cincoenta reis, e faleceo na viagem; naõ foy casado, nem teve geraçaõ.

* 16 D. CATHARINA DE LENCASTRE, adiante.

Casou segunda vez com D. Filippa de Castro, filha de D. Affonso de Castellobranco, Meirinho môr, e de sua segunda mulher D. Isabel de Menezes, filha de D. Duarte de Menezes; e era viuva de Joaõ Pereira Marramaque, de quem naõ teve successaõ.

* 16 D. CATHARINA DE LENCASTRE casou com Dom Fernaõ Martins Mascarenhas, Senhor de Lavre, e Commendador de Mertola na Ordem de Santiago, de quem foy segunda mulher, e tiveraõ os filhos seguintes:

* 17 D. LUIZ MASCARENHAS DE LENCASTRE, adiante.

* 17 D. PEDRO MASCARENHAS, adiante.

D.

17 D. Maria de Lencastre,

17 D. Aldonça de Lencastre, Freiras no Mosteiro de Montemôr o Novo, da Ordem de S. Domingos.

* 17 D. Luiz Mascarenhas de Lencastre, succedeo em hum Morgado, que seu pay se obrigou a instituir, quando casou com sua mãy D. Catharina de Lencastre, para o filho primeiro daquelle matrimonio; porém seu irmaõ mais moço se meteo de posse, sem que D. Luiz soubesse tratar do direito, que tinha; porque foy Fidalgo com pouco talento. Casou com D. Brites de Menezes, filha de Damiaõ Dias de Menezes, Commendador na Ordem de Christo, Secretario das Confirmações delRey; e de D. Anna de Castro sua mulher, de quem teve

18 D. Catharina de Lencastre recolhida no Mosteiro de Odivellas, onde morreo moça.

18 D. Fernaõ Martins Mascarenhas, passou a servir à India, e foy Cavalleiro da Ordem de Christo; e tendo occupado póstos naquelle Estado, foy Governador da India, em que succedeo a D. Miguel de Almeida a 9 de Janeiro de 1691, junto com Luiz Gonçalves Cota, Clerigo do habito de S. Pedro, Secretario de Estado, que naõ governou mais que quatro mezes; e ficou governando a India D. Fernando, até que em Setembro chegou o Arcebispo Primaz D. Agostinho da Annunciaçaõ, Religioso da Ordem Militar de Christo, que era nomeado na Via; e ambos governaraõ o Estado até 13

de

de Mayo de 1693, que entrou em Goa o Conde de Villa-Verde D. Pedro Antonio de Noronha; e D. Fernando voltou para o Reyno. E no anno de 1703 foy mandado por Governador de Pernambuco, e depois do Rio de Janeiro.

Casou na India com D. Maria Manoel de Albuquerque, filha de D. Joaõ Manoel de Albuquerque, Capitaõ de Dio, filho natural de D. Jorge Manoel de Albuquerque, Commendador de S. Mamede de Trovisco na Ordem de Christo, Senhor do Morgado do Grande Affonso de Albuquerque, de quem naõ teve successaõ.

* 17 D. PEDRO MASCARENHAS, foy Conego, e Arcediago na Sé de Lisboa, que renunciou pela vida de Soldado; e servio na guerra contra Castella, depois da Acclamaçaõ; occupou os póstos de Capitaõ de Cavallos, e Mestre de Campo no Exercito da Provincia de Alentejo. Foy Commendador de S. Pedro Fins de Ferreira na Ordem de Christo, e Governador do Rio de Janeiro.

Casou duas vezes, a primeira com D. Brites de Tavora e Mendoça, filha de Christovaõ de Almada, Provedor da Casa da India, e de sua mulher D. Luiza de Mello, Senhora de Carvalhaes, Ilhavo, e Verdemilho, &c. filha herdeira de André Pereira de Miranda, Senhor das ditas Villas. E a segunda com D. Maria da Sylva e Camoens, Senhora do Morgado da Camoeira, viuva de Antonio Magalhaens de Menezes, Senhor da Ponte da Barca, e filha de An-

tonio Vaz de Camoens, Senhor do dito Morgado; e de D. Francisca de Menezes, filha de D. Alvaro da Sylveira, Commendador de Sortelha na Ordem de Christo, filho de D. Diogo da Sylveira, II. Conde de Sortelha; porém de nenhum destes matrimonios teve successaõ.

* 16 D. LOURENÇO DE LENCASTRE, filho segundo de D. Joaõ de Lencastre, e de sua mulher D. Paula da Sylva, foy Commendador de Coruche na Ordem de Aviz, Senhor da Casa de seu pay.

Casou com D. Ignez de Noronha, que faleceo a 2 de Novembro de 1651, irmãa do primeiro Conde de Unhaõ, filha de Ruy Telles de Menezes, VIII. Senhor de Unhaõ, Cepaes, Meinedo, Gestaço, Commendador de Ourique; e de D. Marianna da Sylveira sua mulher, filha herdeira de D. Vasco da Sylveira, Commendador de Arguim na Ordem de Christo, e de D. Ignez de Noronha sua mulher, como dissemos no Livro VI. Capitulo V. §. III. pag. 317 do Tomo V. e teve

17 D. JOAÕ DE LENCASTRE, E D. RODRIGO DE LENCASTRE, morreraõ meninos.

17 D. LUIZ DE LENCASTRE, servio em Mazagaõ, sendo Capitaõ daquella Fronteira Joaõ da Sylva, desde o anno de 1631 até o de 1636; e morreo sem successaõ.

* 17 D. RODRIGO DE LENCASTRE, Commendador de Coruche, com quem se continúa.

17 D. PEDRO DE LENCASTRE, foy Capitaõ de

de Cavallos no Exercito da Provincia de Alentejo, e Capitaõ môr da Armada, em que no anno de 1657 passou à India com seu tio Antonio Telles de Menezes, I. Conde de Villa-Pouca, que a Rainha Regente tinha mandado por Vice-Rey daquelle Estado; e ficando na India, governou o Estado juntamente com Luiz de Mendoça; e voltando para o Reyno no anno de 1664, morreo na Bahia; tendo casado com D. Margarida de Tavora sua prima com irmãa, filha do I. Conde de Unhaõ, com quem se tinha recebido hum mez antes de partir para a India.

Portugal Restaur. tom. 2. liv. 2. pag. 82.

17 D. MARIANNA DE LENCASTRE casou com D. Gregorio Thaumaturgo de Castellobranco, III. Conde de Villa-Nova, de quem foy terceira mulher; e por sua morte casou segunda vez com seu primo com irmaõ Luiz da Sylva Tello, II. Conde de Aveiras, Senhor de Vagos, Regedor das Justiças, de quem foy segunda mulher; e de nenhum destes matrimonios teve successaõ.

* 17 D. RODRIGO DE LENCASTRE, succedeo a seu pay na sua Casa, e foy Commendador de Coruche na Ordem de Aviz; e sendo nomeado Governador, e Capitaõ General da Cidade de Tangere, entrou nesta Praça em Janeiro do anno de 1653, em que mostrou grande valor, e prudencia, mayor do que promettiaõ os seus poucos annos, mas sim o seu esclarecido sangue; dando nos primeiros exercicios da sua occupaçaõ differente idéa, da que tinhaõ recebido os Cavalleiros daquella Praça da sua pouca

Conde da Ericeira D. Luiz, *Portug. Restaur.* tom. 1. liv. 12. pag. 811.

Conde da Ericeira D. Fernando, *Historia de Tangere*, liv. 3.

idade; tendo tido ſucceſſos proſperos, com utilidade dos Tangerinos, era o ſeu governo feliz por todas as circunſtancias; achando-ſe em muitas occaſioens, em que dando do ſeu valor naõ vulgares moſtras, adquirio reputaçaõ à ſua peſſoa, e às noſſas Armas. Na Cidade fez algumas obras publicas, de que a mais importante foy a do Miradouro, que eſtava arruinado, levantando o muro dos fundamentos; reformou o Caes para as embarcações, aſſiſtindo ao trabalho; reparou os Vallos, ou Tranqueiras, todas as vezes, que tiveraõ damno: do Reyno lhe mandaraõ trinta cavallos, com que ſe refez a Cavallaria; em tudo moſtrou tanta prudencia, que podia o ſeu governo ſervir de exemplo; aos ſubditos tratou com amor, e benignidade, ſem offender o reſpeito, que fez guardar com ſeveridade quando convinha; e aſſim foy Dom Rodrigo naõ ſó amado dos ſubditos, mas dos inimigos. E ſuccedendolhe no Governo D. Fernando de Menezes, II. Conde da Ericeira, ſe embarcou para o Reyno, e chegou a ſalvamento a Lisboa em o anno de 1656: porém no tempo, que os ſeus merecimentos enchiaõ a Republica de huma larga expectaçaõ, morreo moço no anno de 1657 a 21 de Fevereiro. Jaz nos Capuchos de Santarem.

Caſou com D. Ignez de Noronha ſua prima com irmãa, filha de Joaõ da Sylva Tello, I. Conde de Aveiras, e de ſua mulher a Condeſſa D. Maria de Caſtro, de quem teve eſclarecida ſucceſſaõ nos filhos ſeguintes:

D.

* 18 D. LOURENÇO DE LENCASTRE, Commendador de Coruche, com quem se continúa.

18 D. PEDRO DE LENCASTRE nasceo em Lisboa no anno de 1653 sendo bautizado na Parochia de Santiago a 22 de Mayo: foy Monge no Real Mosteiro de Alcabaça, e seguindo a vida Monastica, com fervor, se fez benemerito pelos merecimentos proprios da attençaõ dos seus: ao mesmo tempo que elle com louvavel desenteresse naõ pertendia cousa alguma, foy momeado Secretario do Geral no anno de 1687, e acabando, o quizeraõ fazer Abbade do Desterro, que recusou entaõ, dizendo, que era preciso o merecello, e rogou lhe dessem a occupaçaõ de Sachristaõ de Alcobaça, e foy a unica cousa que em sua vida pedio; e se entendeo, que era sómente para assistir à fabrica da Ermida da Virgem do Desterro, que foy motivo de ter que sofrer no modo com que se houveraõ com elle sobre esta Capella, que elle prudente, e devoto mostrou, que o que só queria era o culto da Senhora, e dos seus Campanheiros do Desterro, sem que se queixasse talvez da desattençaõ com que o trataraõ. No anno de 1693, foy eleito D. Abbade do Desterro, onde emprendeo dar principio à Igreja, sobre o que naõ padeceo poucas tribulações com os mesmos Religiosos, que naõ podendo entaõ impedir a fabrica, veyo o tempo a satisfazellos, naõ se continuando. Poucos mezes tinha de Abbade, quando achando-se com queixas graves o Padre Fr. Luiz Coutinho, para poder conti-

continuar com a occupaçaõ de Esmoler môr, a que se ajuntavaõ muitos annos: pelo que fez deixaçaõ do lugar, e sendo nomeado para este honorifico emprego de Official da Casa Real, o Abbade Fr. Pedro de Lencastre, lhe mandou ElRey passar Carta a 5 de Outubro de 1693, lugar que exerceo com louvavel piedade, e seguindo-se o Capitulo Geral, lhe propunhaõ alguns o modo de poder ser eleito D. Abbade Geral, que elle com animo desinteressado desprezou. Neste Capitulo, que foy no anno de 1696, lhe acordaraõ voto perpetuo, com todas as preeminencias, que gozaõ os que tem logrado o lugar de Geral da sua Congregaçaõ.

No anno de 1699 succederaõ na Congregaçaõ de Cister algumas domesticas perturbações sobre o governo da Religiaõ, em que Fr. Pedro se mostrou naõ só imparcial; mas com zelo do serviço de Deos, e desinteresse do temporal, mostrou a sua recta intençaõ, sincero, e candido animo, que mereceo delRey novos louvores a sua prudencia, edificando-se sempre do seu desinteresse. Estava no anno de 1700 a Corte em Salvaterra, quando propoz a Sua Magestade os meyos de se evitarem vagabundos, e mendicantes pelas portas, que ElRey mandou conferisse aquelle negocio com o seu Confessor, o Padre Sebastiaõ de Magalhães, que assentando fizesse hum papel sobre aquella materia, o fez; porém ou a occurrencia dos negocios, ou outro motivo, naõ deixou executar huma obra taõ necessaria, com que se evitavaõ

tavaõ muitas desordens. Depois lhe fez ElRey a merce de declarar, que havia de gozar o foro de Capellaõ Fidalgo, com a moradia, que lhe pertencia; de que lhe passou Alvará a 22 de Novembro de 1702. Neste mesmo anno foy Fr. Pedro de Lencastre eleito D. Abbade Geral da Congregaçaõ de Cister, que governou com zelo, e prudencia, onde deixou monumentos, que faraõ perduravel à sua memoria. ElRey D. Pedro o nomeou Bispo de Elvas, por promoçaõ de D. Antonio Pereira da Sylva, para o Algarve, que elle com naõ pouca repugnancia aceitou mais por attender a persuaçaõ de seu irmaõ D. Joaõ de Lencastre, e ao Marquez de Fontes, depois de Abrantes, seu sobrinho, do que por satisfaçaõ propria; porque nada desejava fóra da Cogûla de S. Fernando, amando a vida Monastica, naõ queria outra. Foy confirmado pelo Papa Clemente XI. e passandolhe Bulla, foy Sagrado, e tomou posse a 17 de Abril do anno de 1706. Passou a Alcobaça a despedirse dos Claustros daquelle Mosteiro, que tanto estimava, e dia de seu Santo Patriarcha, fez Pontifical, e crismou grande multidaõ de pessoas, e deu Ordens a alguns dos seus Religiosos; e depois de assistir alguns dias naquella Casa, se despedio da sua Religiosa familia, sendo reciprocas as demonstrações da saudade; e voltando a Lisboa partio para o seu Bispado. No anno seguinte veyo à Corte, e hindo ao Mosteiro do Desterro, com saudosa memoria da vida Monastica, disse a seu sobrinho Fr. Verissimo de Lencastre,

Lencastre, que lhe havia succedo no lugar de Esmoler môr, que de boa vontade trocara com elle, e com pouca assistencia da Corte voltou para a sua Diocesi, donde já mais sahio, a qual governou com notavel exemplo, e edificando com o seu modo de vida, porque andava a pé pela Cidade, acompanhava os seus Conegos no Coro, administrava os Sacramentos, e se exercitava em obras de caridade, em utilidade do proximo, a quem soccorria quanto alcançavaõ as suas rendas, por serem curtas sempre, e muito mais no tempo de guerra, que durou todo o tempo da sua vida, occupada em todas as virtudes de hum verdadeiro Pastor: acabou religiosamente com universal sentimento de toda a Cidade a 27 de Septembro de 1713; jaz na Cathedral na Capella das Chagas.

18 D. JOAÕ DE LENCASTRE, Capitulo XXIII.

18 D. ANTONIO DE LENCASTRE, foy para a India, e lá morreo solteiro.

18 D. JOANNA LUIZA DE LENCASTRE, que casou duas vezes, a primeira com Ruy Telles de Menezes, II. Conde de Unhaõ; e ficando viuva, casou segunda vez com Francisco de Sá e Menezes, I. Marquez de Fontes, como já temos dito no Livro VIII. Capitulo V. pag. 475 do Tomo IX. e a pag. 385 do Tomo X. e de ambos se conserva esclarecida descendencia.

18 D. MARIA DE LENCASTRE, morreo moça, sem ter elegido estado.

18 D. MARIANNA DE LENCASTRE casou com Luiz Cesar de Menezes, Alferes môr de Portugal, &c. e da sua successão já em outro lugar temos dado conta a pag. 75 do Tomo IX.

18 D. RODRIGO DE LENCASTRE nasceo posthumo, foy Religioso da Santissima Trindade, e foy Provincial eleito no anno de 1693, e depois foy a Redempçaõ no anno de 1696 a Argel, em que mostrou muito zelo, e caridade; morreo a 23 de Março de 1700.

* 18 D. LOURENÇO DE LENCASTRE, succedeo na Casa a seu pay; foy Cavalleiro da Ordem de Aviz, Commendador de Coruche da mesma Ordem, Veador da Infanta D. Isabel, e depois da Rainha D. Maria Sofia, e por sua morte ficou servindo a Suas Altezas; e tambem foy Veador da Rainha D. Maria Anna de Austria. Quando seu pay passou por Governador de Tangere o acompanhou, sendo de muy curta idade; e quando àquella Praça chegou o Conde da Ericeira, para lhe succeder no governo, o mandou visitar por elle a bordo. Foy tambem Coronel de hum dos Regimentos das Ordenanças da Corte, e hum dos Oppositores à Casa de Aveiro. Faleceo a 20 de Dezembro de 1715.

Portugal Restaurado, tom. 1. pag. 886.

Casou com Dona Isabel de Menezes, filha de Dom Antonio Luiz de Menezes, I. Marquez de Marialva, Conde de Cantanhede, do Conselho de Estado, &c. e da Marqueza D. Catharina Coutinho; e desta esclarecida uniaõ tiveraõ os filhos seguintes:

* 19 D. Rodrigo de Lencastre, Commendador de Coruche, com quem ſe continúa.

19 D. Antonio Luiz de Lencastre, morreo de curta idade.

19 D. Joaõ de Lencastre, paſſou a ſervir na India, e lá morreo.

19 D. Joseph de Lencastre, morreo de poucos annos.

19 D. Verissimo de Lencastre, tomou a Cogulla de S. Bernardo no Moſteiro de Alcobaça; e eſtando com patente de Meſtre para ir ler Theologia ao ſeu Collegio de Coimbra, foy nomeado para ſucceder a ſeu tio no lugar de Eſmoler môr por ElRey D. Pedro; e depois ſe lhe paſſou a Carta a 7 de Fevereiro de 1707. ElRey lhe fez a merce de gozar a moradia de Capellaõ Fidalgo. He Eſmoler môr de Sua Mageſtade, e foy Dom Abbade do Moſteiro de Noſſa Senhora do Deſterro de Lisboa.

19 D. Catharina de Lencastre, que morreo na flor da idade.

* 19 D. Rodrigo de Lencastre ſuccedeo na Caſa, e foy Commendador de Coruche na Ordem de Aviz, e de S. Romaõ de Mouriz na de Chriſto, Alcaide môr de Coruche, e de Benavente, Gentilhomem da Camera do Senhor Infante D. Franciſco. Servio na paz, embarcando nas Armadas, que ſahiaõ a guardar a Coſta deſte Reyno: foy Coronel de hum Regimento de Infantaria, com que ſe achou na Campanha da Beira do anno de 1704, onde ElRey D.

Pedro

Pedro II. o fez General de Batalha, posto que exercitou na guerra com distincçaõ. Faleceo a 26 de Julho de 1725.

Casou duas vezes, a primeira com D. Vincencia de Menezes sua prima com irmãa, que faleceo a 28 de Março de 1703. Era filha de D. Rodrigo de Menezes, do Conselho de Estado do Principe Regente D. Pedro, seu Gentil-homem da Camera, e Estribeiro mór; e de D. Guiomar de Menezes sua sobrinha, e mulher, de quem teve a successaõ, que logo se dirá. Casou segunda vez em 23 de Mayo do anno de 1720 com D. Anna de Vasconcellos, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, Camerista da Infanta D. Maria, e filha de Affonso de Vasconcellos e Sousa, Conde da Calheta, Reposteiro mór; e da Condessa D. Pelagia Sinfrosa de Rohan: e deste matrimonio naõ teve successaõ; e do primeiro teve os que se seguem:

20 DOM ANTONIO DE LENCASTRE casou em vida de seu pay com D. Maria da Porta de Lencastre, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, filha unica de D. Christovaõ da Gama, Veador da Casa da dita Rainha, irmaõ do III. Marquez de Niza; e de D. Marianna de Lencastre, filha de Simaõ de Vasconcellos e Sousa: porém esta uniaõ durou pouco tempo, por elle morrer do terrivel mal de bexigas, em Março do anno de 1719.

20 D. GUIOMAR DE LENCASTRE, por morte de seu pay succedeo na Casa, e Commenda de

Co-

Coruche, a qual faleceo sobre parto a 23 de Novembro de 1735. Casou em Dezembro do anno de 1725, com D. Affonso de Noronha, Védor da Casa da Rainha, nossa Senhora, e Capitaõ de Mar, e guerra, irmaõ do V. Conde dos Arcos, como se disse no Capitulo V. do Livro VI. pag. 235, do Tom. V. e desta uniaõ teve.

21 D. RODRIGO DE LENCASTRE, que morreo menino, no anno de 1733.

21 DONNA N. . . . . que nasceo a 13 de Fevereiro de 1733, e faleceo de tenra idade.

21 D. LOURENÇO DE LENCASTRE, que nasceo a 5 de Fevereiro de 1735.

21 D. JOANNA DE LENCASTRE E NORONHA, que faleceo em Mayo de 1744.

D.

- D. Paula da Sylva, mulher de D. Joaõ de Lencastre, Cõmendador de Coruche.
  - Lourenço Pires de Tavora, Governador da Torre de Caparica, Embaixador ao Emperador Carlos V. do Conselho de Estado, ✠ a 15 de Fev. de 1573.
    - Christovaõ de Tavora, Mordomo môr do Infante D. Fernando, Commend. da Conceiçaõ de Lisboa na Ordem de Christo, Capitaõ de Sofala, Senhor de Ranhados.
      - Lourenço Pires de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica.
        - Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Mogadouro.
          - Pedro Lourenço de Tavora, Senh. do Mogad. e da Casa de Tavora.
          - Brites Esteves, Aya delRey D. Affonso IV.
        - D. Leonor da Cunha, segunda mulher.
          - Alvaro da Cunha, Senhor de Pombeiro.
          - D. Brites de Mello.
      - D. Maria Telles.
        - D. Gonçalo Coutinho, II. Conde de Marialva.
          - D. Vasco Coutinho, I. Conde de Marialva.
          - D. Maria de Sousa.
        - A Condessa D. Brites de Mello.
          - Martim Affonso de Mello, Guarda môr da pessoa delRey D. Joaõ I.
          - D. Briolanja de Sousa.
    - D. Francisca de Sousa.
      - Fernando de Sousa, o da *Botelha*, Senhor de Rossas.
        - Alvaro Gonçalves Camello, Senhor de Bayaõ, &c.
          - Alvaro Gonçalves Camello, Meirinho môr, Marichal do Reyno, e Prior do Crato.
          - N. . . . .
        - D. Ignez de Sousa.
          - Martim Affonso de Sousa, Senhor de Mortagua.
          - D. Maria de Briteiros.
      - D. Ignez de Sottomayor.
        - D. Leonel de Lima, I. Visconde de Villa-Nova.
          - Fernando Eannes de Lima, Senhor dos Arcos de Valdeves, &c.
          - D. Theresa da Sylva.
        - A Viscondessa D. Filippa da Cunha.
          - Alvaro da Cunha, Senhor de Pombeiro.
          - D. Brites de Mello.
  - D. Catharina de Tavora.
    - Ruy Lourenço de Tavor. Trinchante delRey Dom Joaõ III. Vice-Rey da India.
      - Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Mogadouro, Commendador de Santa Maria de Castello-Branco.
        - Pedro Lourenço de Tavora, Senhor do Mogadouro.
          - Alvaro Pires de Tavora, Senhor de Mogadouro, &c.
          - D. Leonor da Cunha, segunda mulher.
        - D. Ignez de Sousa.
          - Fernaõ de Sousa Camello, Senhor de Rossas.
          - D. Joanna Maria de Sousa de Alvim.
      - D. Joanna da Sylva.
        - D. Affonso de Vasconcellos, I. Conde de Penella.
          - D. Fernando de Vasconcellos, Senhor da Enxara.
          - D. Isabel de Menezes.
        - A Condessa D. Isabel da Sylva.
          - D. Lopo de Almeida, I. Conde de Abrantes.
          - A Condessa D. Brites da Sylva.
    - D. Joanna Ferrer, Dama da Rainha D. Catharina.
      - Dom Jayme Ferrer, Governador de Valença, Senhor de Sor.
        - D. Luiz Ferrer, Governador de Valença.
          - N. . . . .
          - N. . . . .
        - N. . . . .
          - N. . . . .
          - N. . . . .
      - D. Maria de Robles, Dama da Rainha Catholica D. Isabel, Senhora de Oteros.
        - Joaõ de Robles, Senhor de Villarmontero, &c.
          - Guterre de Robles, III. Senhor de Val de Trigueiros, do Conselho dos Reys Catholicos, ✠ em Nov. 1479.
          - D. Maria de Guevara.
        - D. Anna da Cunha.
          - N. . . . .
          - N. . . . .

CAPI-

CAPITULO XXIII.

D. Joaõ de Lencastre, do Conselho de Guerra.

18 NO Capitulo XX. dissemos, que da esclarecida uniaõ de D. Rodrigo de Lencastre, Commendador de Coruche, e de D. Ignez de Noronha, sua mulher; nasceo na Villa de Aveiras D. Joaõ de Lencastre, que foy o segundo, bautizado a 3 de Mayo do anno 1646. Seus pays o inclinaraõ à Religiaõ de S. Domingos, em que teve o habito de pupillo algum tempo; porém tendo mais vocaçaõ às armas, que às letras, seguio a vida de Soldado, em que occupou grandes póstos: servio na guerra contra Castella, que tinha principiado no anno de 1640; e foy Capitaõ de Cavallos, e com este posto se achou na batalha do Ameixeal, e na de Montes Claros, sendo Capitaõ das Guardas do Marquez de Marialva, General daquelle Exercito: em ambas estas occasiões procedeo com valor devido ao seu alto nascimento, adquirindo depois em diversas occasiões naquella guerra reputaçaõ, e honra, em que recebeo duas feridas de espada, com que deixou com o seu esclarecido sangue segura a occasiaõ, e illustrado o seu nome. Feita a paz com Castella, no anno de 1668, se recolheo à Corte aonde occupou o posto de Commissario Geral da Cavallaria.

Portugal Restaur. tom. 1. liv. 8. pag. 547.

ria. No anno de 1683 na Armada, que foy a Saboya, lhe foy encarregado o governo da Capitania, S. Francisco de Assis, e depois Mestre de Campo do Terço da Armada, e Governador, e Capitaõ General do Reyno de Angola, de que se lhe passou Carta patente a 23 de Março de 1688.

Chancel. delRey D. Pedro liv. 34. pag. 58.

No anno de 1694 foy mandado a governar o Estado do Brazil com Patente de Capitaõ General de mar, e terra: no seu tempo descobrio as Minas de Salitre, e nelle começaraõ a apparecer as de ouro: e nove annos assistio na Cidade da Bahia com este posto, com grande satisfaçaõ delRey D. Pedro II. que o estimou muito, e attendia com particular attençaõ, por ser elle hum daquelles Senhores, com quem o dito Rey se havia creado, muito da sua confiança; de sorte, que D. Joaõ de Lencastre foy hum dos mais favorecidos do seu tempo, porque ElRey o distinguio com tal affecto, que naõ sendo Criado da Casa Real, em que naõ tinha officio: nas audiencias tomava a parede dos Criados; o que nenhum lhe disputou pela sua grande pessoa, ainda sem a prerogativa de titulo; e ElRey o approvava tanto, que dizia: D. Joaõ de Lencastre naõ he Criado da Casa Real; mas he meu Criado. No anno de 1704 os Generaes, que ElRey entaõ nomeou para a Campanha, foy D. Joaõ, General da Cavallaria da Provincia de Alentejo, e do Conselho de guerra, e depois Governador, e Capitaõ General do Reyno do Algarve, por Carta patente de 8 de Julho do an-

no

no de 1705, que está no Livro 30 pag. 126 da Chancelaria. Foy Commendador da Ordem de Christo, em que teve as Commendas de S. Joaõ de Trancoso, S. Pedro de Lardosa, e S. Braz da Figueira, e Alcaidaria môr desta mesma Villa. Era dotado de excellentes partes, com generosidade natural, bondade de coraçaõ, agradavel, amigo de prestar, e servir; virtudes todas de hum grande Senhor, como elle era. Delle escreve o Padre D. Joseph Barbosa, no Elogio de seu filho, com a sua singular eloquencia, fallando na grande distincçaõ, com que a Magestade do Senhor Rey D. Pedro o tratava, estas palavras: *Nunca lhe pedio despacho algum, nem ainda que verificasse nelle o Decreto, que o mesmo Senhor sendo Regente destes Reynos, a 2 de Dezembro de 1667, passara a favor de seu sogro D. Pedro de Almeida, confirmando a merce delRey D. Affonso VI. feita no anno antecedente, em que lhe dava hum Titulo para quem casasse com sua filha herdeira, sem mais condiçaõ, que a de ter em segredo esta merce, pelo espaço de tres annos, julgando o pedir por injuria do merecimento. Naõ sey se corre no Mundo hoje esta moeda, com a mesma estimaçaõ.* Morreo em Lisboa em Fevereiro, do anno de 1707.

Chancel. delRey D. Pedro liv. 14. pag. 58.

Casou com D. Maria Thereza de Portugal, que morreo a 28 de Março do anno de 1703, dotada de muitas virtudes, filha herdeira de D. Pedro de Almeida, que foy Governador de Pernambuco, e de D. Luiza de Portugal, filha de Miguel de Quadros, e Tavora,

vora, Provedor das Vallas de Santarem, officio, que depois de D. Pedro de Almeida o ſervir, o vendeo; e de ſua mulher D. Catharina de Purtugal, filha de Antonio Pereira de Berredo, Commendador de Arganil, e da Caſtanheira, na Ordem de Chriſto, Almirante das Armadas da Coſta, Governador da Ilha da Madeira, e de Tangere, e General do mar; e de ſua mulher, D. Maria de Portugal, filha de D. Diogo de Caſtro: e deſte matrimonio teve os filhos ſeguintes.

19 D. Luiza Antonia de Lencastre, que naſceo no anno de 1675, e faleceo.

* 19 D. Pedro de Almeida de Lencastre, com quem ſe continua.

* 19 D. Rodrigo de Lencastre, de quem ſe dirá adiante.

19 D. Antonio de Lencastre naſceo a 11 de Julho do anno de 1678. Eſtudou em Coimbra, onde ſe formou em Canones: foy Deaõ da Capella Ducal de Villa Viçoſa, e he ao preſente Principal da Santa Igreja Patriarchal, onde entrou a 17 de Outubro de 1719.

19 D. Lourenço de Lencastre, Monge de S. Bernardo, que foy D. Abbade do Moſteiro de Noſſa Senhora do Deſterro de Lisboa, e teve outros cargos na Religiaõ.

19 D. Ignez de Lencastre naſceo a 14 de Dezembro, do anno de 1680. Foy Dama do Paço. Caſou com Antonio de Melo de Caſtro III. Conde das

das Galveas, Commendador de Santa Maria de Torradeira, S. Christovaõ de Nogueira, e S. Pedro de Monsarás, todas na Ordem de Christo, e da dos Collos, e Mouguellas na Ordem de Santiago, e da das Galveas, na Ordem de Aviz, Couteiro môr da Casa de Bragança, de quem até ao presente naõ tem successaõ, como se disse no Livro X. pag. 861 do Tomo X.

19 D. CECILIA DE LENCASTRE nasceo a 8 de Septembro de 1682. Freira na Encarnaçaõ.

19 D. JOANNA VITORIA DE LENCASTRE nasceo a 15 de Junho de 1683. Foy Freira no mesmo Mosteiro, e morreo em Junho de 1723.

19 D. TERESA MARGARIDA DE LENCASTRE nasceo a 14 de Janeiro de 1684. Freira no mesmo Mosteiro, e morreo em Junho de 1723.

19 D. MARIANNA DE LENCASTRE nasceo a 26 de Março do anno de 1686, religiosa no Mosteiro da Esperança de Lisboa, onde trocando o appellido da sua esclarecida Casa, pelo humilde da Religiaõ, se chamou das Estrellas; e foy Abbadessa do dito Mosteiro tres annos, que acabaraõ em Mayo de 1729, com grande saudade daquella Religiosa Casa, em que luzindo o seu talento, entre taõ esclarecida observancia, deixou da sua singular attençaõ, e prudencia, feliz memoria: pelo que foy segunda, e terceira vez eleita Abbadessa, e o seria sempre, se as Leys o naõ encontraraõ, e ella naõ desejasse unirse à obediencia de subdita.

19 D. ISABEL DE LENCASTRE nasceo a 16 de Outubro de 1687.

19 D. CAETANA ALBERTO DE LENCASTRE nasceo a 7 de Agosto do anno de 1693. Foy educada no Mosteiro da Esperança, donde seus pays a casaraõ em 10 de Janeiro de 1706, com Francisco Pereira da Sylva, Senhor de Britiandos, Coronel do Regimento do Algarve, e Brigadeiro dos Exercitos de Sua Magestade, de quem até agora naõ tem tido successaõ.

* 19 D. PEDRO BALTHASAR DE ALMEIDA DE LENCASTRE nasceo a 6 de Janeiro de 1676: succedeo no Morgado de sua mãy, e foy Commendador de S. Joaõ de Trancoso, S. Pedro de Lardosa, no Bispado de Viseo, na Ordem de Christo, Alcaide môr da Figueira. Desde os seus primeiros annos, foy inclinado à virtude, de sorte, que com o tempo se adiantou tanto, que pode com o seu modo de vida fazer mais esclarecido o seu nome entre os de seus Illustrissimos Progenitores: sempre interiormente seguio a vida de hum verdadeiro Christaõ, ainda que dentro nos limites do seu nascimento, seguindo a Corte, e usando das gallas proprias da sua pessoa; e achando-se na idade de trinta e oito annos, se resolveo a tomar estado, e no anno de 1714 casou com D. Ignez Josepha de Tavora, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, em quem concorriaõ sobre qualidade illustre, virtudes, que fizeraõ felicissimo este Consorcio; porque a natureza a dotou de fer-

mosura,

mosura, e discriçaõ, que ella com singular engenho pollio com a liçaõ dos livros, applicando-se com tanto gosto, que soube perfeitamente a Geografia, e a lingua Franceza com propriedade. Esta venturosa uniaõ se dissolveo com poucos annos de casados, morrendo D. Ignez, deixando hum unico filho, como logo veremos.

Penetrado D. Pedro taõ altamente da saudade, como movido interiormente de hum desprezo do Mundo, desenganado do caduco, assentou comsigo entrar a viver no Deserto de Bussaco, onde em vida contemplativa vagasse sómente a Deos, e sem mais memoria dos parentes, e amigos acabasse escondido das vaidades do Mundo: persuadido de prudente conselho, se naõ resolveo a pollo em execuçaõ; porém assentando comsigo acabar com o Mundo, determinou, naõ sahindo da Corte, nem da sua propria casa, viver sómente para Deos, sem trato, nem commercio com as pessôs da sua alta esfera; porque humilhando-se por amor de Deos, seguio hum raro modo de vida. Andou sempre a pé, vestido honestamente, sem adorno; mas com limpeza, sem criado, nem companhia de pessoa alguma com quem conversasse, e só admittia algum mendigo, a quem soccorria com esmola. Naõ entrou mais nunca no Paço, nem a solicitar algumas dependencias importantes: naõ contemporizou com os amigos, e se privou de toda a sua communicaçaõ; e dos parentes sómente via nos Sabbados, em que levado da sua

devoçaõ hia visitar a milagrosa Imagem da Senhora da Piedade, da Igreja das Chagas, e depois de cumprida a sua devoçaõ, passava a ver sua irmãa, a Condessa das Galveas, e sendo já de noite, se recolhia na carruagem com seu irmaõ, o Principal Lencastre: e neste rigoroso modo de vida só conservou com attençaõ a correspondencia de seu cunhado Joseph de Saldanha, que visitava nas occasiões de molestias; porém em tempo, que estivesse sem visitas, porque sabendo estava com alguma, satisfazia com lhe deixar hum recado.

Escolheo-o a Rainha para seu Veador, e naõ houve persuaçaõ, que o pudesse vencer; porque tendo determinado no seu coraçaõ servir sómente a Deos, naõ admittio o que era honra, e vaidade do Mundo, vivendo taõ abatido na humildade, como se vê de hum caso, que lhe succedeo na Igreja da Trindade, que entrando para ouvir hum Sermaõ, se sentou em hum banco, em que estavaõ outros homens, que no trato das pessoas se pareciaõ, com o que elle representava; e entrando hum moço luzido no vestido, e imprudente no modo, se quiz assentar junto a D. Pedro; e como naõ houvesse lugar, lho cedeo D. Pedro, hindo para o degráo de pedra de huma Capella; porém naõ faltou quem lhe dissesse quem era, o que se levantara para elle se assentar, e corrido o moço passou a darlhe satisfaçaõ. Confuso D. Pedro, lhe agradeceo a attençaõ com taes palavras, que bem mostrou naõ estar agravado,

vado, e fogindo dos que testemunhavaõ o caso, se retirou buscando parte mais occulta, porque de nenhuma sorte pudesse ter lugar a vaidade. Em outras occasiões lhe succederaõ semelhantes lances, em que mostrou qual era a paz interior, de que se adornava, como quem naõ tinha mayor satisfaçaõ, que o abatimento da sua pessoa. Como a sua vida era perfeita, toda se empregava em devoções, e santos exercicios. Naõ faltava a visitar o santissimo Lausperenne, buscando as horas de menos concurso, e a parte mais retirada, onde em larga oraçaõ vagava a Deos com edificaçaõ do proximo. Soccorria aos pobres, e sempre estes acharaõ nelle amparo, exercitando-se nesta virtude com admiravel caridade, sendo continuadas as esmolas, que fazia pela sua propria maõ, sendo certas nas quintas, e Sabbados; e já mais se chegou na rua a elle pobre, a quem naõ désse esmola: na mesa reservava todos os dias do melhor dos pratos para os seus pobres, aos quaes tratava com tanto amor, e caridade, que elle os servia, dandolhes a comer, e algumas vezes metendolhes o comer na boca, vencendo com a virtude a natural repugnancia do estado de semelhantes pessoas, a quem venerava com taõ ardente amor de proximo, que por muitas vezes lhes deu a camisa, e occasiaõ houve, em que lhe deu o capote, que trazia aos hombros.

A sua vida como se regulava pela observancia da Ley de Deos, se augmentava na perfeiçaõ de todas

das as ſuas obras; porque com admiravel methodo tinha diſtribuido o tempo: aſſim todos os dias ſahia de caſa às nove horas, tendo já cumprido com a Oraçaõ mental, e outros exercicios, em que gaſtava aquelle tempo; paſſava à Igreja a ouvir Miſſas, e dar eſmolas até o meyo dia, em que ſe recolhia: as tardes, que naõ ſahia fora, ſe fechava até às nove horas da noite lendo livros, e paſſando o tempo em exercicios eſpirituaes: era abſtinente, ſatisfazendo com devoçaõ os jejuns da Igreja, a que accreſcentava o de todas as quartas feiras do anno. Na Quareſma naõ comia doce, nem fruta, e em memoria da Paixaõ na ſemana ſanta era o jejum taõ rigoroſo, que deſde Quinta feira mayor, até o Sabbado de Alleluia paſſava ſem alimento algum: dormia em hum enxergaõ, e nas ſeſtas feiras naõ uſava de cama, e dormia ſobre humas taboas, e ſempre meyo veſtido: os cilicios, e diſciplinas eraõ continuos, porém debaixo da obediencia do ſeu Director, que no eſpaço de vinte annos continuados, com pouca interrupçaõ de outros Confeſſores, o governou, e affirmava, que nunca em todo aquelle largo tempo de annos tivera culpa alguma mortal.

Neſte theor de vida paſſava D. Pedro, quando acometido de huma doença, que elle affirmou ſeria a ultima, em que teve a ſua paciencia naõ pouco exercicio no ſofrimento com que tolerou remedios violentos; e preparando-ſe com os Sacramentos da Igreja, que recebeo com grande edificaçaõ da Cor-

te,

te, que testemunhava a sua fervorosa devoçaõ, e a sua resignada paciencia, acabou placidamente a 20 de Septembro de 1740, para viver na eternidade, e lograr o premio, que Deos tem preparado para os que bem o serviraõ. Mandou, que fosse enterrado sem pompa no Convento de S. Pedro de Alcantara, e que o seu corpo fosse em hum caixaõ curberto de burel, levado por oito pobres, sem outro algum apparato funebre; o que seu irmaõ o Principal Lencastre, em cuja companhia elle sempre esteve com muita amisade, como seu Testamenteiro fez executar. O Padre D. Joseph Barbosa fez à sua memoria hum Elogio, que imprimio no anno de 1741, aonde se pódem ver largamente, e em elegante estylo, muitos actos de virtude heroica, em que D. Pedro se exercitou, e que nós no estylo, que seguimos succintamente referimos.

Casou a 2 de Septembro de 1714, com D. Ignez Josepha de Tavora, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, que morreo a 7 de Julho de 1718, filha de Ayres de Saldanha de Menezes e Sousa, do Conselho de Guerra, Commendador de Santo Eusebio de Aguiar da Beira, e de sua mulher D. Luiza Ignez de Tavora, Dama do Paço, como fica dito: e desta uniaõ foy unico.

20 D. JOSEPH DE LENCASTRE, que nasceo a 15 de Dezembro de 1716, e he Commendador de S. Joaõ de Trancoso, S. Pedro de Lardosa, na Ordem de Christo, e Alcaide mór da Figueira.

D.

D. Marianna Luiza de Valladares; de quem tem

21 D. MANOEL THADEU GONÇALO ANTONIO LOPES DE CARVALHO FONSECA CAMÕES DE LENCASTRE, que nasceo a 7 de Fevereiro de 1744.

21 D. PEDRO DE LENCASTRE nasceo a 8 de Dezembro de 1722, he Conego na Basilica da Santa Igreja Patriarchal.

21 D. FRANCISCO DE LENCASTRE nasceo a 17 de Janeiro de 1723, e falleceo a 24 de Septembro do referido anno.

21 D. VERISSIMO DE LENCASTRE, que nasceo a 14 de Mayo de 1728, servio no Regimento da Marinha, e he Cavalleiro de Malta.

21 D. LUIZ DE LENCASTRE nasceo a 15 de Janeiro de 1722, e morreo poucos dias depois de nascido.

21 D. FRANCISCO DE LENCASTRE nasceo a 25 de Outubro de 1729, e assiste no Algarve, onde serve na Infantaria.

21 D. RITA DA GRAÇA DE LENCASTRE, que nasceo a 23 de Novembro de 1734.

TA

, filha de Fernaõ Telles, I. Conde de ... Nova. II. com Luiz da Sylva Tello, II. Conde de Aveiras, S. G.

XVIII

D. Pedro de Lencastre, Frade de S. Bernardo, Esmoler mór, e Geral da Ordem de Cister, Bispo de Elvas, ✱ a 27 de Setembro de 1713.

D. Rodrigo de Lencastre, Frade da Ordem da Santissima Trindade, de que foy Provincial.

D. Marianna de Lencastre casou com Luiz Cesar de Menezes, Alferes mór de Portugal.

Dona Maria de Lencastre, ✱ moça.

XIX

...ren- ...Len- ...Fra- ...Or- ...e S. ...do.

D. Luiza Antonia, ✱ menina.

D. Ignez de Lencastre, Dama de Palacio, nasceo a 14 de Dezembro de 1680. Casou com Antonio de Mello de Castro, III. Conde das Galveas.

D. Joanna de Lencastre, nasceo em 1681, ✱ em 1723. D. Cecilia de Lencastre, nasceo a 8 de Setembro de 1682. D. Theresa de Lencastre, nasceo em 1684, ✱ em Junho de 1723, todas tres Freiras na Encarnaçaõ de Lisboa.

D. Marianna de Lencastre, Freira no Mosteiro da Esperança de Lisboa, nasceo no anno de 1686. Foy Abbadessa.

D. Caetana de Lencastre nasceo no anno de 1693. Casou com Francisco Pereira da Sylva, Senhor de Britiandos.

XX

19 D. Rodrigo de Lencastre, filho ſegundo de D. Joaõ de Lencaſtre, naſceo a 31 de Janeiro do anno de 1677: acompanhou a ſeu pay à Bahia, donde em hum ſoccorro, que mandava à India, embarcou D. Rodrigo, e lá ſervio naquelle Eſtado; e voltando ao Reyno, ſervio na guerra, e foy Capitaõ de Cavallos, e Commiſſario geral da Cavallaria, Poſto que com as novas Ordenanças ſe ſupprimio. Caſou no anno de 1713, com D. Iſabel de Caſtro, viuva de Luiz Franciſco Correa de Lacerda, e filha de Joaõ Correa de Lacerda, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e Capitaõ de Cavallos da Guarniçaõ da Corte, e de D. Luiza Fontoura teve

20 D. Joaõ de Lencastre naſceo a 3 de Dezembro de 1713.

20 D. Anna Joachina de Lencastre naſceo a 26 de Abril de 1715. Caſou com Gonçallo de Almeida Souſa e Sá, Senhor do Morgado da Cavallaria, de quem tem os filhos ſeguintes, que naſceraõ na Cidade do Porto. ⵌ D. Margarida Isabel de Lencastre naſceo a 20 de Agoſto de 1730. Caſou a 10 de Fevereiro de 1745, com Franciſco de Souſa da Sylva, Senhor da antiga Quinta de Sylva. ⵌ D. Joachina Rosa de Lencastre naſceo a 27 de Outubro de 1731. ⵌ Manoel de Almeida de Sousa e Sá, que naſceo a 15 de Março de 1733, que he o ſucceſſor. ⵌ Rodrigo de Almeida de Sousa naſceo a 8 de Dezembro de 1736, aceito na Religiaõ de Malta. ⵌ D. The-

RESA

RESA XAVIER DE LENCASTRE nasceo a 6 de Mayo de 1737. = ANTONIO DE ALMEIDA DE SOUSA nasceo a 15 de Agosto de 1739. = LOURENÇO DE ALMEIDA nasceo a 30 de Agosto de 1740. = D. MARIA DO VALLE DE LENCASTRE nasceo a 13 de Novembro de 1741. = D. RITA JOSEPH DE LENCASTRE nasceo a 14 de Junho de 1743. = DUARTE = AYRES, = e VITORIA, que morreraõ de tenra idade.

20 D. LOURENÇO DE LENCASTRE nasceo a 10 de Junho de 1716, depois de estudar em Coimbra com aproveitamento, he Prelado da Santa Igreja de Lisboa.

20 D. JOSEPH DE LENCASTRE nasceo a 8 de Fevereiro de 1719, he Religioso Eremita de Santo Agostinho.

20 D. ANTONIO DE LENCASTRE nasceo no 1 de Junho de 1721. Casou com D. Guiomar Anacleta de Carvalho Fonseca e Camões, filha herdeira de Thadeu Luiz Antonio de Carvalho Fonseca e Camões, Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade, VII. Senhor, e Capitaõ môr hereditario dos Coutos de Abbadim, e Negrellos, com jurisdicçaõ Civel, e Crime em todas as suas povoações, Senhor das Torres, e Solares de Camões, Landim Torneiros, Montelongo, e Padroeiro das suas Igrejas, Cavalleiro da Ordem de Christo; e de sua mulher D. Francisca Rosa de Menezes, filha de D. Francisco Furtado de Mendoça, e de sua mulher

HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

LIVRO XII.

CONTÉM

Condes da Atalaya,

Commendadores da Arrifana,

Commendadores da Idanha.

11 D. Joaõ Manoel, Bispo da Guarda, Capellaõ môr

12 D. Joaõ Manoel, Camereiro môr. — D. Nuno Manoel, Guarda môr.

13 D. Bernardo Manoel, Camereiro môr. — D. Joanna, mulher de D. Affonso Pacheco. — D. Fradique, Senhor de Atalaya. — D. Leonor, mulh. de Nuno Barreto, Alcaide môr de Faro. — D. Maria, mulher de D. Alvaro de Cordova, Senhor de Valençuela. — D. Jorge Manoel, Cômend. de S. Vicente. — Dona Joanna, mulh. de Ruy Barreto, Senhor da Quarteira. — D. Affonso, Commendador de S. Christina. — D. Joaõ, Cômendador da Idanha.

14 D. Mecia, mulher de D. Pedro, Senhor de Fermoselhe. — D. Joaõ Manoel. — Dom Antonio, Commendador de Ortalagoa. — D. Nuno Manoel, Senh. de Atalaya. — D. Leonor, mulher de Luiz Carneiro, Sen. da Ilha do Principe. — D. Joaõ Manoel, Commendador da Arrifana. — D. Diogo, Esmoler môr. — D. Jeronymo, Cômmendador de S. Mamede. — D. Maria, mulh. de D. Henrique, Sen. das Alcaç. — Dom Jeronymo Manoel. — D. Maria, mul. de Pedro Lopes Giraõ.

15 D. Francisco, I. Conde de Atalaya. — D. Pedro, II. Conde de Atalaya. — D. Joaõ Manoel, Arcebisp. Vice-Rey de Portug. — Dona Francisca, mul. de D. Manoel Mascarenh. — D. Antonio Manoel, Capitaõ de Malaca. — D. Jorge, Commendador de S. Mamede. — Dona Antonia, mulh. de Pedro de Mendoça. — D. Jeronymo, Capitaõ de Dio. — D. Tristaõ Manoel.

16 Dom Antonio Manoel, III. Conde de Atalaya. — Dom Alvaro Manoel, Senhor de Atalaya. — D. Francisca de Ataide. — D. Mart. Affonso Manoel. — D. Catharina, mulher de Manoel de Sampayo. — D. Francisco Manoel. — D. Maria Manoel, mulh. de Fernaõ Martins Mascarenhas. — D. Antonio Manoel.

17 D. Luiz Manoel, IV. Conde de Atalaya. — D. Maria Magdalena, Marqueza das Minas.

18 Dom Pedro Manoel, V. Conde de Atalaya. — D. Mecia, mulher de D. Francisco de Sousa. — Dom Joaõ Manoel, VI. Conde de Atalaya. — D. Joseph, Principal Decano. — D. Theresa, Condessa de Vimieiro. — D. Diogo Manoel, Coronel da Cavallaria. — D. Francisco Manoel, da Congregaç. do Oratorio. — D. Ignez Manoel, Freira.

19 D. Luiz Manoel. — D. Constança, Manoel. — D. Maria Manoel. — D. Francisca Manoel, Freira.

HISTO-



HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

LIVRO XII.

CAPITULO I.

D. Fr. Joaõ Manoel Bispo da Guarda, Capellaõ môr.



NO Capitulo VII. do Livro III. pag. 495 do Tom. II. deixamos escrito ser D. Fr. Joaõ Manoel filho delRey D. Duarte, que o teve de D. Joanna Manoel, sem embargo de nos faltarem as memorias daquelle tempo taõ claras, como deviaõ ser; porém a confusaõ, e descuido dos antigos naõ deve ser em prejuizo de huma

ma taõ illustre familia, principalmente quando temos motivos verosimeis, que no lo persuadem, accusando a falta, que experimentamos da individuaçaõ; pois o mesmo succedeo a outras grandes familias, em que a falta da noticia dos antigos as deixaraõ sem a certeza do seu principio, que os modernos com o seu trabalho puderaõ descobrir, e chegar à sua origem.

Naõ póde deixar de sentirse o damno de hum semelhante descuido, por se pôr em duvida huma materia, que, ainda que verdadeira, padeceo contradiçaõ no silencio das Chronicas daquelle tempo; porém a falta, que nellas observamos em outros pontos importantes, nos naõ embaraça a seguirmos esta filiaçaõ accostado ao que logo referiremos. Durou pouco o governo delRey D. Duarte, e naõ pretendemos entrar na averiguaçaõ do motivo, porque creando incognito este filho, o naõ declarou. He certo, que depois do Santo Condestavel se recolher no Convento do Carmo, o tomou a si, e o creou com grande estimaçaõ asseverando ser filho delRey, D. Duarte. Huma Chronica antiga, escrita na lingua Gallega, no lo persuade, ainda que confusamente prova a nossa opiniaõ, pois fallando delRey D. Duarte, diz estas palavras, que achamos ser preciso transcrevellas, e saõ as seguintes: *Oube em Sembra huma gentil femea por amiga de Loucois do airos a nella se fallava ca ElRey oubera hum Baron a el foy Frade dos Carmellos, a Bispo da Guarda a ella cahira*

hira femea de prol a filha dum Conde de Sintra hermon da Reina Constança , ca era morto , y ella se tanchou Freira a morreu recolhida a bom viver. Outra prova igualmente antiga se conserva na Livraria do Real Mosteiro de Alcobaça, em hum livro das Obras de S. Fulgencio, encadernado com outro de Paulo Orosio , escrito em pergaminho , no fim do qual tinha as Armas dos Manoeis , que eraõ as do Bispo D. Joaõ Manoel, no qual se lê esta memoria: *Hunc librum dedit Monasterio de Alcobatia Dominus Joannes Episcopus Egitanensis , filius naturalis Domini Regis Eduardus.* Esta memoria temos achado allegada em diversos livros. Deste se refere, que tinha as Armas, de que usou, que foraõ as dos Manoeis, e no Mosteiro de Jesus de Setuval havia huns reposteiros antigos com as Armas dos Manoeis, que era verosimel , como refere Affonso de Torres , os desse a Justa Rodrigues , fundadora daquelle Mosteiro.

Seguio-se o Reynado delRey D. Affonso V. que principiando em tenra idade, debaixo da tutella do Infante D. Pedro, em todo elle logrou huma especial distincçaõ D. Joaõ Manoel, com tantas circunstancias, e expressões, que vereficaõ bem o parentesco, ainda que era tacito tratamento ; porque a ElRey naõ competia declarar hum irmaõ com o devido tratamento, que lhe pertencia por filho delRey, quando elle talvez por motivos particulares o occultara, e naõ quizera fazer publico; porque sómente

ao

ao pay compete ſemelhante declaraçaõ, e naõ o tendo feito, mal podia ElRey D. Affonſo V. conferirlhe aquella honra, que ſeu pay lhe naõ dera: ſupposto em muitas occaſiões depois confeſſou o parenteſco, de que referiremos algumas tiradas de memorias dignas de fé. Succedeo, que voltando o Biſpo de Ceuta, onde fora a tomar poſſe daquella Igreja, lhe preguntou ElRey novas do Infante D. Fernando, e naõ lhas dando taõ individuaes, como elle queria, lhe diſſe: ***Por certo, Biſpo, que ſe a mim como Rey me toca ſabellas, no mais igual obrigaçaõ tinheis vós***; lembrandolhe aſſim o parenteſco. Em outra occaſiaõ ſe praticava na preſença delRey, e fallando-ſe no valor, e esforço das nações em geral, o Biſpo acodio pela Caſtelhana com muitas expreſſões, de ſorte que ElRey lho eſtranhou, dizendo: Biſpo, que tendes vós com Caſtella? A que lhe reſpondeo: ***Senhor eſtimo Caſtella, porque nunca me negou o parenteſco, que com ella tenho***, a que ElRey tornou: ***Deixay vós os amores***, (iſto alludia a divertimentos do Biſpo) ***que nem eu vos negarey o parenteſco, que comigo tendes***; e paſſada a porfia, em que ElRey ſe moſtrara ſevero, ſatisfez ao Biſpo com particular carinho. Eſtava ElRey no Paço de Alcaçova, em huma ſeſta, converſando com o Principe D. Joaõ, e entrou o Biſpo a ver ElRey, que recebendo-o com eſpecial acolhimento, o Principe lhe fez taõ pouco, que o Biſpo ſahio ſentido; o que ElRey percebeo, e diſſe ao Principe eſtas palavras:

Deſa-

Desagravay ao Bispo, que he vosso tio; e querendo satisfazer logo com o que ElRey lhe mandava, sahio da casa, e chegou ao alto da escada, por onde o Bispo descia, e o chamou; e voltando chegou ao Principe, que o abraçou, dizendolhe em voz, que todos ouviraõ: *Perdoay, Bispo, que naõ estar informado com certeza duas razões, que entre nós havia, me fez tratarvos com menos favor, do que a vossa pessoa merecia.* O Bispo que era dotado de talento, e discriçaõ, lhe respondeo: *Senhor, a quem seu pay encobrio o real sangue, que lhe dera a natureza, bem he, que Vossa Alteza lhe negue o que por elle merece.* Estes factos, que referimos juntos com a tradiçaõ antiquissima derivada sem interrupçaõ no Mosteiro do Carmo de Lisboa, que constantemente referem os Authores desta gravissima Ordem que relataremos, nos fortifica mais o nosso parecer, com a authoridade de antigos, e insignes Genealogicos, Gaspar Barreiros no seu Nobiliario, que viveo no tempo delRey D. Joaõ III. e Fr. Francisco de Lisboa, da Ordem de S. Francisco, que viveo no mesmo tempo; o Arcebispo D. Fernando de Vasconcellos, no Nobilliario, que escreveo, e se conservava na casa de Villa Verde; Affonso de Torres, D. Antonio de Noronha I. Conde de Villa Verde, Diogo Gomes de Figueiredo, Tenente General da Artelharia do Reyno, que temos da sua propria maõ; Manoel Alveres Pedrosa; o Bispo do Funchal D. Joseph de Sousa de Castello-Branco, e seu irmaõ Antonio

tonio Vaz de Caſtello-Branco, Secretario do Infante D. Franciſco; e outros muitos eſcritos por peſſoas de boa liçaõ da Hiſtoria.

Dos livros impreſſos, que ſeguem eſta opiniaõ tem o primeiro lugar Damiaõ de Goes, que ainda que tacimente o confeſſa, quando diz: *D. Joaõ Biſpo da Guarda, homem que por ſua doutrina, e geraçaõ valleo muito*; de que ſe tira ſer de claro naſcimento, ainda que o naõ quiz declarar: Pedro de Mariz, que foy Eſcrivaõ da Torre do Tombo, e com muita intelligencia da Hiſtoria o affirma; e o Doutor Fr. Bernardo de Brito, inſigne profeſſor da Hiſtoria, que ſoube com erudiçaõ; Rodrigo Mendes Sylva, o Padre Antonio de Vaſconcellos, Manoel de Souſa Moreira, no Theatro Genealogico da Caſa de Souſa, que neſta parte merece muita attençaõ; porque no que pertence à Genealogia, foy approvada pelo inſigne Joſeph de Faria, e muita parte adminiſtrada; o Padre Fr. Manoel de Sá nas Memorias do Carmo, e outros muitos, que o eſcreveraõ, cuja allegaçaõ naõ faz mais força a noſſa opiniaõ do que os referidos. Que ElRey tiveſſe eſte filho em D. Joanna Manoel, Senhora de illuſtre naſcimento; tambem o aſſeveraõ Authores de grande nome, e credito na Hiſtoria.

Chronica delRey D. Manoel, part. 1. cap. 5.

Vaſconcellos *Anacephal.*

Mariz *Dial.* 4. cap. 5.

Brito *Elogios dos Reys de Portugal.* *Chronica de Ciſter*, part. 1. liv. 6. cap. 36. D. Antonio Alvares da Cunha *Obelliſco.* Barbud. *Emprezas Militares*, pag. 67. Alvaro Ferreira de Vera, hum dos Commentadores do Conde D. Pedro, *nas Linhas Reaes.* Rodrigo Mendes Sylva, *Catalogo Real.*

Seguem uniformemente eſta opiniaõ os irmãos, Scevola, e Luiz de Santa Martha, e o Padre Anſelmo na Hiſtoria Genealogica da Caſa Real de França, e Jacobo Wilhelmo Imhoff na Familia de Manoeis;

Sainƈte Marth. *Hiſt. Geneal. de la Maiſon Royal de France* tom. 2 liv. 21. cap. 13. pag. 682.

noeis; dizendo ser filho de D. Joanna Manoel da esclarecida familia do seu appellido; sendo o que mais confirma o nascimento, e filiaçaõ desta Dama, escrever o insigne, e douto D. Joseph de Pellicer, Chronista môr de Castella, no memorial de D. Francisco Manoel de Vilhena, Senhor de Chelles, impresso no anno de 1660, que de D. Fernando Manoel, Senhor de Belmonte, e de sua mulher D. Mecia da Fonseca, nasceo D. Joaõ Manoel, segundo Senhor de Belmonte, de que segue aquella linha, e D. Joanna Manoel, que passou a Portugal, e deu o appellido à Casa de Manoel neste Reyno, a qual era terceira neta do Infante D. Manoel, e de sua segunda mulher a Infanta D. Brites de Saboya, filha de Amadeo IV. Conde de Saboya, e filho de S. Fernando III. Rey de Castella, e Leaõ, e de sua primeira mulher a Rainha D. Brites de Suevia, filha de Filippe Emperador. D. Luiz Salazar de Castro antegonista de Pellicer, nas Advertencias Historicas nega, que D. Fernando fosse Senhor de Belmonte, e naõ affirmando esta filiaçaõ, tambem a naõ nega, ainda que diga, que lhe naõ conste mais, que do Varaõ. Certo Author produzio a seu favor a Salazar de Castro, nas Advertencias Historicas, e bem mostra, que o naõ tinha visto, o que succede a muitos, que por ostentar liçaõ, allegaõ o que naõ viraõ, nem sabem. Naõ podemos duvidar o muito, que Salazar vio, e o quanto me seria agradavel a sua asseveraçaõ; porém elle nesta parte naõ quiz negar

P. Anselm. *Hist. Geneal. de la Maison Royale de France* tom. 1. §. 19. pag. 680.

Salazar de Castro *Advert. Hist.* pag. 56.

esta filiaçaõ de D. Joanna Manoel, e sómente, que D. Fernando naõ fora I. Senhor de Belmonte, porque as escrituras lhe naõ daõ mais nome, que D. Fernando Manoel de Vilhena. Este D. Fernando Manoel de Vilhena, que morreo pelos annos de 1419, tinha servido em Portugal, e depois voltando a Castella se achou na batalha de Aljubarrota, por parte delRey de Castella: os nossos Nobilliarios o intitulaõ Senhor de Belmonte, Zebico, de Torre. Imhoff insigne nas Genealogias do Norte, e naõ menos instruido nas de Hespanha, segue o mesmo: e assim se vê, que naõ era filha de D. Henrique Manoel, Conde de Cea, e Cintra, mas neta, e irmãa de D. Fernando Manoel Senhor de Chelles, e filha de D. Fernando, e de sua mulher D. Maria Rodrigues da Fonseca, filha de Pedro Rodrigues da Fonseca. Naõ faltou quem do contrato, que fez D. Joaõ Manoel, filho do Bispo, com o Convento do Carmo, se persuadisse, que naõ fora o Bispo filho delRey; porém padeceraõ engano, porque delle senaõ produz prova, que possa infirmar a nossa opiniaõ, como logo veremos; porque a equivoçaõ, que muitos Genealogicos tiveraõ em trocarem o Bispo D. Joaõ por outro Religioso da mesma Ordem, chamado Fr. Joaõ Sobrinho, naõ tem lugar, porque se oppoem totalmente a nossa Historia; porque D. Fr. Joaõ Manoel foy Provincial, e Bispo, e Fr. Joaõ naõ foy Provincial da Religiaõ do Carmo; nem concorriaõ outras circunstancias, que em D. Joaõ Manoel, supposto foy Reli-

Imhoff *Stematis Desederiani Stirps. VII. Emanuelensis ad Tab. XXIII.*

Faria *Europ. Port.* tom. 2. part. 3. cap. 2. pag. 354.

Religioso de grande vida, e santos costumes.

Saõ constantes as memorias, que do seu talento deixou o Bispo D. Joaõ Manoel, que se diz nascer na Cidade de Lisboa, e que tendo-se recolhido no Mosteiro do Carmo, o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira o tomara a si, e o creara com estimações, e que asseverava ser filho delRey D. Duarte, e de D. Joanna Manoel, Senhora de qualidade, que querem, que passasse a Portugal com a Rainha D. Leonor, mulher do referido Rey; porém naõ póde ser, porque encontra ao tempo, e idade, que tinha o Bispo, como logo veremos, porque ElRey casou em o anno de 1428. Eu me persuado com os que dizem, que esta Senhora fora Dama da Rainha D. Filippa, e que teria vindo com seu pay a Portugal, e ficara no serviço do Paço, como seu irmaõ servio a esta Coroa, e delle descendem os Manoeis de Cheles, que ha neste Reyno, o que naõ padece contradiçaõ: e sendo educado em virtuosos principios, e instruido nas bellas letras, tomou o habito Carmelitano, que professou, e seguindo os estudos sahio bom letrado, e hum dos mais benemeritos filhos da Provincia de Portugal, de que foy Provincial, nomeado no anno de 1441 pelo Geral da Ordem, Fr. Joaõ Facci, por commissaõ, que tinha do Capitulo Geral, que no anno antecedente se celebrara. Por este tempo governava a Igreja o Papa Eugenio IV. e lhe mandou huma Bulla, de que faz mençaõ o Annalista Carmelitano, em que o consti-

Lezana tom. 4. *dos Ann.* pag. 856. num. 4.

tue

tue Vigario Geral, Provincial, e Prior do Convento do Carmo, lugares, que affirmaõ conſervou ainda depois de Biſpo, delegando em Prelados, que conſtituia na ſua auſencia, o que conſta de eſcrituras, que ſe conſervaõ no Archivo do Carmo, de que depois o Papa Sixto IV. o mandou abſolver por hum Breve paſſado a 31 de Outubro de 1476, com que veyo a governar ſucceſſivamente a Provincia, como eſcreve o Padre Fr. Manoel de Sá nas Memorias Hiſtoricas dos Arcebiſpos, e Biſpos da dita Provincia.

Bullar. do Carmo tom. 1. pag. 318.
Sá *Mem. Hiſt. dos Arcebiſp. e Biſpos da Provincia* pag. 216.

Era D. Joaõ Manoel ſobre letrado de huma natural eloquencia, com entendimento ſublime, e claro, e muy prompto; de ſorte, que o ſeu diſcurſo era tambem fundado, que previa os acontecimentos, pelo que referem, era dotado de eſpirito profetico, e ainda a naõ ſer taõ alto o ſeu naſcimento, ſe fazia neceſſario, e eſtimado. ElRey D. Affonſo V. fez delle grande confiança, fiando do ſeu conſelho, e execuçaõ os negocios da mayor ſuppoziçaõ; e aſſim tambem com os Infantes daquelle tempo teve muito trato, e correſpondencia. Teve grande eſtimaçaõ do Infante D. Fernando, que fez delle a mayor confiança, que conſervou com toda a ſua Caſa: pelo que foy encarregado de varias commiſſões. Já era Provincial, quando foy mandado a Roma com Ruy da Cunha, Prior de Guimarães, com huma Embaixada ao Papa Eugenio IV. de que voltaraõ no anno de 1440. Era o negocio della mais importante a diſpenſa delRey D. Affonſo V. para caſar com

Chronica de D. Affonſo V. cap. 10.

com sua prima a Senhora D. Isabel, filha do Infante D. Pedro, Regente do Reyno: o Papa a concedeo *vivæ vocis oraculo*, porque entaõ naõ quiz expedir Bulla, por assim dissimular com as instancias dos Reys de Castella, Navarra, e Aragaõ, a quem a Rainha D. Leonor sua irmãa fizera encontrar esta supplica, por se vingar do Infante D. Pedro Regente; assim o Papa a concedeo entaõ em segredo, e depois a seu tempo mandou a Bulla da dispensa por Fernaõ Lopes de Azevedo, Commendador môr da Ordem de Christo, que depois lhe succedeo por Embaixador na Curia. Foy o outro ponto da Embaixada de D. Joaõ, a exempçaõ dos Mestrados de Santiago, e Aviz das Ordens de Ucles, e Calatrava, que tambem o mesmo Papa lhe concedeo, sem embargo das contradições dos Reys de Castella, que tanto o impediaõ nos Reynados antecedentes: negocio taõ importante, que o Infante Regente o estimou tanto como a dispensa para o casamento de sua filha, porque nem ElRey D. Joaõ seu pay, nem ElRey D. Duarte seu irmaõ, puderaõ conseguir cabalmente esta isençaõ, pelas contradições dos Reys de Castella. Neste tempo, que D. Joaõ Manoel assistio em Roma, dizem alguns Authores da sua Religiaõ, fora eleito Bispo Titular de Tiberiades, como consta da nomeaçaõ do mesmo Papa: *Fr. Joannes electus Tiberiadensis transfertur ad Ecclesiam Ceptensem, per obitum Adamari decimotertio Kalendas Augusti anno* 1443; e que logo, que chegara

Speculum Carmelitan.

Memorias do Carmo pag. 277. *Catalogo da Guarda* num. 24. *da Collecçaõ da Academia* do anno 17.

gara a Roma, fora nomeado em primeiro Biſpo de Ceuta; o que ſe vê he equivocaçaõ, porque D. Joaõ naõ foy o primeiro Biſpo daquella Igreja: materia que naõ neceſſita de prova, e muito mais com a memoria allegada por o meſmo Author: *Per obitum Adamari*: que no tempo, que veyo de Roma da Embaixada naõ era Biſpo, o diz a Chronica del-Rey D. Affonſo V. neſtas palavras: *Neſte tempo* (que era o anno de 1440) *chegaraõ de Roma Ruy da Cunha, Prior de Santa Maria de Guimarães, e Fr. Joaõ, Provincial do Carmo, que depois foy Biſpo de Ceita, e da Guarda, que haviaõ hido com Embaixada ao Papa Eugenio.* Deve-ſe ſaber, que D. Fr. Joaõ foy duas vezes a Roma, a primeira ſendo Provincial, e a ſegunda ſendo já Biſpo; a primeira o refere o Deſembargador Duarte Nunes na ſua Chronica, como temos dito; a ſegunda conſta de hum Documento da Torre do Tombo, da Chancellaria delRey D. Affonſo V. que affirma ſer Biſpo de Ceuta D. Joaõ; e que fora mandado a Roma, no anno de 1443, conſta da Quitaçaõ deſta Embaixada, donde ſe faz mençaõ de hum Alvará feito em Cintra a 16 de Julho do referido anno, em que El-Rey lhe dá faculdade para as deſpezas deſta jornada. He digna de reparo eſta Quitaçaõ; e aſſim tranſcreveremos o mais ſubſtancial, que ella contém, para que os curioſos vejaõ as differenças do tempo. Diz ElRey, que mandara ao Biſpo de Ceuta D. Joaõ à Corte de Roma a couſas de ſeu ſerviço, e que

Torre do Tombo, Chancellaria do anno 1446. pag. 54.

que recebera lá mil e setecentos e cincoenta cruzados de cambio por letras de Mercadores de Genova, e Florença: *Em que entraõ alguns dinheiros, que lhe foraõ dados em Guarda no tempo delRey, meu Senhor, e Padre, cuja alma Deos haja.* Desta clausula se vê, que o Bispo já tinha estimaçaõ no tempo delRey D. Duarte, e que era da sua confiança, e que nelle concorriaõ as circunstancias, que temos referido para este trato, ainda que por algum motivo, o naõ tratasse por filho. Continúa a Quitaçaõ, dizendo, que despendera na dispensa, e annexaçaõ, do Mestrado de Santiago, mil e trezentos e cincoenta cruzados, e que despendera na dispensaçaõ do casamento do Infante D. Fernando seu irmaõ quinze cruzados, que dera por letra, e para o seu mantimento, e despezas de tres cavalgaduras, conforme a ordem, que ElRey lhe dera pelo Alvará, que acima apontámos desde 8 de Dezembro do dito anno 1443, em que chegara a Burgos, até 8 de Dezembro do anno de 1444, em que partio de Roma, *a razaõ de meyo cruzado por dia para a sua pessoa, e tres terços de cruzado para as cavalgaduras a terço de cruzado por cada huma por dia*: e que embarcara em huma carraca em Savona, donde veyo a Cadiz, no que gastara quatro mezes e meyo, e entrara por Castro Marim a 20 de Mayo do anno seguinte: foy passada esta Quitaçaõ em Abrantes a 3 de Junho de 1445. Tambem consta de memorias do Archivo do Carmo, que o Bispo antes de o ser,

no tempo do mesmo Rey fora mandado com huma Embaixada a Hungria.

Succedeo D. Fr. Joaõ no Bispado de Ceuta a D. Fr. Aymaro, Religioso da Ordem de S. Francisco, Varaõ Apostolico; o mesmo Papa o fez no anno de 1444 Primaz de Africa, assinandolhe para se sustentar a administraçaõ de Valença do Minho, e de Olivença em Alentejo, sendo desta sorte immediato à Sé Apostolica. Naõ sabemos, que fosse residir àquella Cidade, porque sendo Bispo de Ceuta, foy nomeado Capellaõ mòr: no anno de 1451, parece já exercitava esta dignidade, porque algumas memorias dizem, que naquelle solemne acto, que fez ElRey D. Affonso, levando à Sé a Infante D. Leonor, Emperatriz de Alemanha sua irmãa em 26 de Outubro do referido anno, lhe disse a Missa o Bispo de Ceuta, e lhe lançou a bençaõ; porém a sua Chronica diz, que o Arcebispo de Lisboa. No anno de 1455 bautizou ao Principe D. Joaõ, a que mais se inclina Damiaõ de Goes nestas palavras: *Porque a Chronica antiga diz, que foy D. Joaõ Bispo de Ceuta, que depois foy da Guarda; e Garcia de Rezende, que foy o Arcebispo de Braga, que naõ nomea.* E como estes actos sejaõ do Capellaõ mòr, parece, que devo suppor, de que Resende se enganou: e se naquelle tempo vemos os Escritores com equivocaçaõ, no que escreviaõ, naõ he muito, que nos faltem agora memorias taõ antigas; porém o Desembargador Duarte Nunes de Leaõ, na Chronica

Chronica delRey D. Affonso V. cap. 24.

Goes Chronic. do Principe D. Joaõ cap. 2.

Dita Chronica delRey D. Affonso V. cap. 26.

nica delRey D. Affonso V. diz: *O Principe D. Joaõ, o qual aos oito dias foy bautisado na Sé pelo Bispo de Ceuta D. Joaõ*; com que se tira a duvida. Neste mesmo anno assistio em Lisboa às Cortes delRey D. Affonso V. como se vê da Concordata feita entre o mesmo Rey, e os Ecclesiasticos. Vagou o Bispado da Guarda, e absoluto do vinculo de Ceuta, foy transferido à Igreja da Guarda em Janeiro de 1459, como refere esta memoria: *Joannes Episcopus Ceptensis provisus est Episcopus Egitanensis per obitum Ludovici decimo octavo Kalendis Februarii anno primo Pii Secundi, idest anno* 1459: isto he, que succedeo a D. Luiz da Guerra, Bispo desta Igreja, que morreo no anno antecedente. Na Chancellaria delRey D. Affonso V. achamos huma Carta, em que concede ao Bispo da Guarda a faculdade de poder mandar abrir em certas partes minas de prata, ouro, cobre, e estanho; foy passada em Lisboa no anno de 1462. Governou a sua Igreja até o anno de 1476, em que a renunciou em tempo já do Papa Sixto IV. por Bulla passada em Narni aos 24 do mez de Julho do dito anno, e lhe succedeo D. Joaõ Ferrás, seu particular amigo, que tambem lhe tinha succedido na de Ceuta. Naõ durou muito o Bispo D. Fr. Joaõ depois da demissaõ do Bispado, porque parece faleceo no mesmo anno de 1476, sem embargo de alguns Authores lhe darem mais larga vida. Mandou-se sepultar na Igreja do Carmo de Lisboa na Capella dos Reys: pelo que seu filho D. Joaõ Manoel contratou com

Chancellaria delRey D. Affonso V. liv. 1. pag. 101.

o Prior, e mais Religiosos de ter esta Capella; e no contrato diz: *Por quanto D. Joaõ, que foy Bispo da Guarda, e Provincial daquelle Mosteiro, se mandou alli enterrar, lhe davaõ a Capella dos Reys para elle Bispo, e que nella senaõ enterrariaõ, senaõ o dito D. Joaõ, e seu irmaõ D. Nuno, e os que delles descendessem, salvo Leonor Pires, mulher, que foy de Pedro Annes Escudeiro, e morador em Valverde, para o que o dito D. Joaõ Manoel dava tal renda ao Mosteiro, para lhe dizerem certo numero de Missas pelas almas do Bispo seu pay, e seu pay, e mãy delle Bispo, que estavaõ enterrados da banda de fóra da dita Capella, junto com o primeiro esteyo, em direito do pulpito de gesso, &c.* Foy feita esta instituiçaõ a 5 de Julho de 1488. Esta Escritura referem alguns Genealogicos, para negarem, que o Bispo naõ era filho delRey D. Duarte; porém ella naõ produz, quanto a mim, a força, que se lhe attribue; primeiramente, porque o Bispo sendo criado incognitamente havia de ser entregue a algumas pessoas, que o tratassem como proprio filho; o que he ordinario em semelhantes casos, até que o Principe, ou algum outro Senhor, que tem filho semelhante, entregue a pessoa de sua confiança, o declara, e o poem no trato, que corresponde ao seu caracter, e qualidade; o que naõ succedeo com o Bispo D. Joaõ, porque seu pay o naõ declarou, e o condestavel, que o tomou a si depois de Religioso, participava, como em segredo, o seu nascimento, pois

Liv. 1. *dos Tombos do Carmo* pag. 27.

pois achamos em alguns Nobiliarios, que o affirmava, e Fr. Simaõ Coelho da mesma Ordem. E o Bispo, que foy pessoa de grande juizo, e no tempo, que era Religioso, e Provincial do Carmo, mandaria sepultar aquellas pessoas, a quem chamava pay, e mãy, naquelle lugar; pois ainda que já soubesse o naõ eraõ, a criaçaõ lhe faria ser mayor o agradecimento para os conservar nessa posse; demais, que era o Bispo de taõ grande juizo, que se fossem verdadeiramente seus pays, os havia de mandar enterrar dentro da mesma Capella, que elle escolhia para seu jazigo, e da sua familia: nem as honras, que o Bispo recebeo, e as que se verificaraõ em seus filhos, podiaõ deixar de cahir sobre alto nascimento, que o Bispo naõ declarava, nem tambem negava no trato de seus filhos, a quem deu o appellido de Manoel, que tivera por sua mãy; mostrando desta sorte, que elle estabelecia huma familia sua, sem mais tronco, do que os seus merecimentos, e grandes partes; e que havendo de ter appellido, e armas fossem as dos Manoeis de Castella, com cuja familia elles se tratavaõ como parentes, nas occasiões, que se encontraraõ naquelle Reyno, como dizem memorias antigas: de que se vê, que o silencio dos nossos naõ foy mais, que descuido, e de outros ignorancia, equivocando a D. Joaõ Bispo, com Fr. Joaõ Sobrinho, Religioso, e Mestre da mesma Ordem, Varaõ virtuoso, que nem foy Provincial, nem Bispo de Igreja alguma pertencente à Coroa Portugueza, e sem controversia, que

o Fra-

o Frade de quem Justa Rodrigues teve os filhos, e foy depois Bispo de Ceuta, e da Guarda, foy D. Joaõ Manoel; com que sobre a equivocaçaõ, que alguns dos nossos Nobiliarios padeceraõ em terem a Fr. Joaõ Sobrinho por Progenitor dos Manoeis, he erro, e engano manifesto por ser totalmente distincto hum do outro, o que consta evidentemente dos monumentos, da mesma Ordem, das Bullas de Bispo, e da historia daquelle tempo; de sorte, que esta materia naõ necessita de nella se gastar tempo, por ser certo, que o Bispo D. Fr. Joaõ Manoel foy o Progenitor desta familia. Sendo moço teve trato com Justa Rodrigues Pereira, de que depois muito se sentia, tomando por divisa esta letra: *Justa fue mi perdicion.* Era irmãa de Maria Rodrigues Pereira, mulher nobre, de quem D. Antonio de Lima, diz ser huma Dona, de bons parentes, a qual se escreve ser segunda mulher de Gonçalo Cardoso, Senhor do Morgado da Taipa, Vedor da Fazenda do Infante D. Fernando, à qual alguns Nibiliarios deraõ o appellido de Pereira, e outros o de Cardosa, quanto a mim com equivocaçaõ pelo cunhado. Eraõ irmãas de Fernaõ Rodrigues Pereira, que era criado do Infante D. Fernando, que quando casou sua filha, a Senhora D. Isabel, com o Duque D. Fernando passou a servilla, e foy Vedor da dita Senhora, que servio com grande fineza, acompanhando a Castella seu filhos, depois da tragica morte do Duque D. Fernando, e vindo a Portugal foy prezo por ordem

Fr. Manoel Coelho, *Chronica do Carmo. Nobiliarios* de Diogo Gomes de Figueiredo, e Manoel Alvares Pedrosa, Affonso de Torres.

dem delRey, e por naõ entregar a carta, que trazia daquelles Senhores para sua mãy, com notavel advertencia a comeo, assegurando nella hum merecido elogio à sua pessoa; o que ElRey reconheceo tanto, que alludindo à alcunha, com que era chamado *o Passaro* disse: *Daquelle Passaro creara elle os filhos*: e tendo-o prezo largo tempo, depois antes de morrer, como recompensandolhe o damno, lhe fez merce de huma tença de quarenta mil reis, com a Ordem de Christo. ElRey D. Manoel o mandou depois a Castella a servir ao Duque D. Jayme, de quem foy Veador da sua Casa, e algumas memorias dizem, que Camareiro môr: foy Alcaide môr de Borba, e de Monforte, e Commendador de Parada em Santarem. Era filho de Joaõ Pereira Criado do Infante D. Fernando, e seu avô Joaõ Rodrigues Pereira tinha servido ao Infante D. Joaõ: esta distincçaõ da qualidade de Justa Rodrigues, parece, que foy o motivo de o Infante D. Fernando a aceitar para ama de seu filho ElRey D. Manoel, pois na qualidade da ama se seguravaõ no leite os requisitos, que entaõ se buscavaõ nas amas dos Principes. Foy esta de grande estimaçaõ; pois quando o dito Senhor D. Manoel, naõ sendo ainda Rey, foy a Castella para as Terciarias, que era de curta idade, foy na sua companhia, como quem necessitava de ama para o educar: e quando naõ foraõ tantas as noticias que temos, esta bastava só para verificar a nobreza da sua pessoa, e as do seu talento

se

se confirmaõ com dizerem, que o dito Principe sendo já Rey, a mandara a Castella a tratar alguns negoceos secretamente com os Reys Catholicos, habilitando-a para tudo o seu talento, e discriçaõ, e o honesto modo de vida, com que se portou assim que entrou a criar a ElRey D. Manoel como diz a sua Chronica: *A todo o genero de mulheres dava exemplo de virtude*; crescendo nella de sorte o desejo da perfeiçaõ, que fundou à sua custa, o Mosteiro de Jesus de Setuval, que foy o primeiro, que se fundou em Hespanha da primeira Regra de Santa Clara, a que deu principio no anno de 1489, e a favor desta fundaçaõ, passou hum Breve o Papa Innocencio VIII. à sua instancia a 17 de Julho de 1490, e acabado o material da Casa a 22 de Agosto de 1492. Disse a primeira Missa na nova Igreja D. Diogo Ortis de Vilhegas, Bispo de Tanger, que depois o foy de Viseo. Em este Mosteiro se recolheo, tomou o habito, e viveo alguns annos com total esquecimento das cousas do Mundo, e com tanta virtude, que servia de admiraçaõ às demais Religiosas; e desta sorte lavando com a sua penitencia os delirios de outro tempo, acabou santamente, deixando do seu ditoso fim louvavel memoria. O seu corpo foy sepultado no meyo do Capitulo desta Casa, onde jaziaõ os ossos de sua mãy, que de Abrantes fez trasladar, onde falecera Priora do Mosteiro da Graça daquella Villa.

Chronica delRey D. Manoel, cap. 5. part. I.

Agiologio tom. I. Com. *letra* d pag. 114.

As Armas de que o Bispo usou, saõ as que se vêm

vêm no principio esculpidas dos Manoeis de Castella, pelas razões, que já deixamos referidas, e por serem as de que usaraõ seus filhos, que haviaõ de ser sem duvida as mesmas, que as de seu pay, em cuja vida parece as deviaõ de usar. Foraõ seus filhos os seguintes.

12 D. JOAÕ MANOEL Capitulo II.

12 D. NUNO MANOEL Capitulo IV.

O Licenciado Jorge Cardoso entendeo ser filho do Bispo D. Fr. Joaõ Manoel, Fr. Joaõ de Portugal, Religioso da Ordem de S. Francisco, que morreo em Chalon de Borgonha com grande fama de santidade a 14 de Junho de 1525, fundando-se em que alguns Authores da Historia de Borgonha, e outros da sua Ordem, fazem a este virtuoso Religioso do sangue Real Portuguez; porém com taõ inverosimeis circunstancias, que fica sendo huma fabulosa Historia, para total opposiçaõ à verdade, e nesta confusaõ o adopta por filho do Bispo D. Joaõ Manoel, sendo o motivo da sua inferencia hum risco, que diz tinha em seu poder da sepultura deste Religioso, que constava de huma figura vestida no habito de S. Francisco, com Capello piramydal, mãos postas, e à parte direita as Armas Reaes de Portugal, e à esquerda as de Manoeis, com este disthico, que lhe sahe do coraçaõ.

Pauper erat tenues genitrix dum misit in auras
Ipsa licet fuerit regia progenies.

Porém he taõ debil eſte fundamento , que naõ me parece ſer baſtante para entrar neſte lugar : demais, que nenhuma memoria antiga fez mençaõ : mais que dos dous filhos mencionados.

CAPITULO II.

D. Joaõ Manoel Camareiro môr delRey D. Manoel.

12 SAõ os grandes lugares a mayor prova da eſtimaçaõ dos Reys, e com elles ſe qualifica a nobreza , pois ſem eſta he quaſi impoſſivel chegallos a conſeguir, por ſer a pratica univerſal em todas as Cortes , e o diſtinctivo da cathegoria das peſſoas, de quem o tempo, e o deſcuido naõ deixou individual noticia da grandeza do naſcimento, como muitas vezes ſuccede na Hiſtoria, naõ ſó Portugueza, mas nas de outros Reynos da Europa. A notavel diſtincçaõ com que D. Joaõ Manoel, e ſeu irmaõ, D. Nuno foraõ criados, he huma evidente prova da grandeza do ſeu naſcimento; porque a naõ ſer taõ notorio aos Principes daquelle tempo, naõ podiaõ caber nas ſuas peſſoas as honras a que haviaõ de aſpirar as primeiras peſſoas do Reyno; as quaes razões, com as circunſtancias, que temos referido no Capitulo precedente, foraõ as que parece inſtigaraõ a ElRey a augmentar eſta familia com lugares taõ gran-

grandes. No anno de 1475 legitimou ElRey D. Affonso V. a D. Joaõ Manoel, e a seu irmaõ, declarando, que eraõ filhos de D. Joaõ Bispo da Guarda, do Conselho delRey, havidos em Justa Rodrigues, mulher solteira. ElRey D. Joaõ o II. lhe fez merce de que podessem usar de Dom, merce de grande distincçaõ naquelle tempo, e nos que se seguiraõ, que naõ recahia senaõ em qualidade, e grandes merecimentos. No anno de 1490, acompanhou D. Joaõ Manoel ao mesmo Rey nas Justas, que fez em Evora, nas festas, com que celebrou o casamento do Principe D. Affonso: nellas entrou por aventureiro, levando por divisa, e tençaõ no seu Escudo hum Sol, e huma letra, que dizia.

Torre do Tombo liv. 1. delRey D. Affonso V. pag. 291.

Chronica delRey D. Joaõ II. Capitulo 128.

Sobre todos resplandece
Mi dolor;
Porque es el, que es mayor.

No Reynado delRey D. Manoel, com quem se havia criado, e por quem já os merecimentos da pessoa de D. Joaõ Manoel eraõ attendidos, porque tambem por sua mãy eraõ seus avós Fidalgos da Casa dos Infantes D. Fernando, e D. Joaõ, e naõ falta quem diga, que sua mãy era parenta do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira; o que he certo, que nenhum Author duvidou a nobreza de sua mãy; alguns imaginaraõ, que estes Fidalgos tomaraõ o appellido de Manoel, em attençaõ ao nome delRey, e

por ferem feus collaços, o que quanto a mim he fem fundamento, porque lhe daria ElRey differentes Armas, das que ella ufaraõ, que faõ as da familia dos Manoeis de Caftella, de cujos fidalgos, elle, e feu irmaõ eraõ tratados de parentes, o que confirma fer fua avó daquella cafa. Demais, que fó hum deftes irmãos foy o collaço delRey, e naõ fe havia de participar ao irmaõ o mefmo appellido, e as mefmas honras, as quaes fentavaõ no mefmo, que fenaõ publicava, e feu pay, fuppofto o que temos dito, reconhecendo o feu nafcimento, e que efte ficara occulto, quiz ufaffem do appellido de Manoel, e das mefmas Armas, como de huma taõ efclarecida familia, como a dos Manoeis, que teve principio em o Infanre D. Manoel, filho de S. Fernando III. Rey de Caftella, e da Rainha D. Brites de Suevia, e affim no trato de huns parentes illuftres moftraffem ao Mundo o mefmo, que fenaõ expreffava.

Foy D. Joaõ Manoel Camareiro môr delRey D. Manoel, Alcaide môr de Santarem, e Embaixador a Caftella a tratar o cafamento do mefmo Principe, no anno de 1497, com a Princeza D. Ifabel, viuva do Principe D. Affonfo, e deu feliciffimo, e breve fim a efte negoceado, com grande fatisfaçaõ delRey, como refere o Chronifta Damiaõ de Goes, e em virtude da procuraçaõ delRey, teve a honra de receber em feu nome a Rinha Princeza fua mulher. Depois voltou ao Reyno, e quando eftes Reys paffaraõ a Caftella a fe iurarem

Goes *Chronica delRey D. Manoel* cap. 22, 24. e 26.

Princi-

Principes herdeiros daquella Monarchia, os acompanhou D. Joaõ Manoel, como seu Camareiro môr, sendolhe sempre grata a sua pessoa, como mostrou depois da morte da Rainha D. Isabel, que havendo de passar a segundas vodas, voltou D. Joaõ Manoel a Castella com o mesmo caracter de Embaixador a tratar o casamento da Infanta D. Maria, filha dos mesmos Reys Catholicos, que foy sua segunda mulher; e naõ tendo acabado os negocios da Embaixada, morreo D. Joaõ na Corte dos Reys Catholicos, no anno de 1500. Sentio ElRey muito a sua morte, por haver criado a este Fidalgo, cuja pessoa estimava muito pelas partes, que nelle concorriaõ, de que diz o Choronista Damiaõ de Goes: *De que ElRey fora muito enojado, e sentio muito sua morte, pela boa vontade, que lhe tinha, e criaçaõ, que nelle fizera.* Concorreraõ nelle grandes partes para conseguir estimaçaõ, porque teve admiravel talento para os negocios, que manejava com prudencia: foy bem instruido nas bellas letras, e versado na Latinidade, e assim teve grande trato com o famoso Cataldo Siculo, e no livro, que imprimio das suas Epistolas, se achaõ algumas para D. Joaõ Manoel, o qual, e seu irmaõ D. Nuno usaraõ desta letra, que devia ser de alguma empreza.

Goes *Chronica del Rey D. Manoel* cap. 46. part. 1.

Esta espada he de Millaõ
Banhada em sangue Real,
Sua ventura foy tal,
Que medrou com gran razaõ.

Ca-

Salazar de Castro *Historia da Casa de Sylva*, tom. 2. liv. 6. Capitulo 26.

Casou com D. Isabel de Menezes, filha de D. Affonso Telles de Menezes III. Alcaide môr de Campo mayor, e Ouguela, Capitaõ General de Alcacer Ceguer, esclarecido ramo da illustrissima familia de Sylva; e de D. Joanna de Azevedo, filha de Luiz Gonçalves Malafaya, Vedor da Fazenda delRey D. Affonso V. e seu Embaixador em Roma a dar obediencia ao Papa Calixto III. e desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes.

13 D. Bernardo Manoel Capitulo III.

Haro tom. 2. liv. 9. Capitulo 26. Imhoff *Corpus Historiæ Genealogicæ Italiæ, & Hispaniæ* pag. 114. Tab. IV.

13 D. Joanna Manoel, que casou em Castella com D. Affonso Pacheco Portocarreiro, irmaõ de D. Joaõ Portocarreiro, I. Marquez de Villa nova del Fresno, e de D. Affonso de Cardenas I. Conde de la Puebla del Maestre, filhos de D. Pedro Portocarreiro, chamado o Surdo, Senhor de Moguere, e Villa-Nova de Barcarrota, e de D. Joanna de Cardenas, Senhora de la Puebla, filha de D. Affonso de Cardenas, ultimo Mestre da Ordem de Santiago, e netos de D. Joaõ Pacheco, Marquez de Vilhena, e I. Duque de Escalona; porém deste casamento naõ teve successaõ, pelo que D. Affonso Pacheco casou segunda vez com D. Brites de Noronha, filha de D. Alvaro de Castro, Governador da Casa do Civel, Senhor do Paúl de Boquilobo, com descendencia.

13 N. N. e outros filhos, que morreraõ de curta idade.

CAP-

CAPITULO III.

D. Bernardo Manoel Camereiro môr delRey D. Manoel, Alcaide môr de Santarem.

13 SUccedeo a D. Joaõ Manoel seu filho, primogenito D. Bernardo Manoel, naõ só na Alcaidaria môr de Santarem, e na sua Casa; mas no grande lugar de Camereiro môr; porém com hum genio taõ elevado, que elle foy causa de se perder, deixando a Patria como adiante veremos. Animava-se de espiritos heroicos, e de maximas taõ severas, que nenhuma cousa estimava mais, que os merecimentos proprios, querendo que estes o eternizassem com glorioso nome, conseguido nos duros trabalhos da guerra, para poder entrar no Templo da Heroicidade. Naõ contava mais de vinte annos, fazendo reflexaõ na idade delRey D. Manoel, de quem seu pay havia sido colaço, quando começou a exercer o Officio de Camereiro môr, que parece, que por taõ chegado à Real pessoa, nenhum o excede; porém elle mostrou, que o desprezava sómente por seguir a guerra, em que finalmente veyo a cabar.

Era Africa celebre theatro da guerra naquelle tempo, em que a Nobreza Portugueza com prodigiosas acções por tantas vezes se distinguio, e coroou de immortaes louros; de que incitado D. Bernardo

nardo conseguio licença delRey para servir na guerra de Africa, e passou à Praça de Çafim, onde no grande sitio, que no anno de 1510, sustentou com immortal gloria o insigne Capitaõ Nuno Fernandes de Ataide, Senhor de Penacova, se achou D. Bernardo Manoel, defendendo huma estancia, que lhe fora encarregada, com tanto valor, e acordo, que deu della admiravel conta. Depois no anno seguinte acompanhou ao mesmo Governador da Praça, Nuno Fernandes de Ataide, na entrada que fez nos Aduares de Almedina, onde D. Bernardo pelejou com tanto valor, que sahio deste encontro taõ mal ferido, que poz em risco a vida, mas segura a reputaçaõ nos louvores dos mais Soldados. Achou-se com o Duque de Bragança D. Jayme na tomada de Azamor, donde passou a Çafim, acompanhando ao Governador Nuno Fernandes, na entrada, que fez nas Aldeas de Benacofiz, mostrando nesta occasiaõ igual esforço, que prudencia; achando-se em muitas occasiões de grande honra, como foy sobre Tafut, que entrou, e saqueou. Depois naquella grande expediçaõ, que intentou o mesmo Governador Nuno Fernandes, mandou a D. Bernardo Manoel ir sobre a Cidade de Tednest, logrando assim por muitas occasiões gloriosos successos. No anno de 1515, foy com D. Antonio de Noronha ao rio Mamora, em que naõ foy menor o perigo, que nas demais occasiões, nem menos a reputaçaõ, que pelo seu valor conseguio; satisfazendo desta sorte com as obriga-

Faria, *Africa Portugueza* cap. 7. pag. 92. e pag. 95.

Historia Genealogica tom. V. pag. 509.

çoes

ções do seu nascimento, e a expectação, que os demais Soldados tinhaõ do seu valor, de que deu constantes provas em diversas facções, que succederaõ no tempo, que assistio naquelle theatro da guerra: ou fosse na defensa das Praças, ou na Campanhá, em toda à parte se distinguia com applausos dos Soldados, e louvor dos Cabos. No anno de 1514 exercitava o officio de Camereiro môr, como consta de huma verba, que está na Torre do Tombo, no maço 47 do armario segundo da escada, que vay para a Casa da Coroa, conforme as memorias de Lousada, em que lhe manda pagar trinta e nove mil reis de moradia de Cavalleiro, a razaõ de 6500 reis por mez dos primeiros seis mezes deste anno, que fez certo por servir em Azamor, feita a 18 de Julho de 1514, lugar, que achamos occupou até o anno de 1520; com que venho a entender, que em quanto durou a vida delRey D. Manoel, foy seu Camereiro môr; pois Lousada diz: na Torre do Tombo, no maço 3 no armario junto à escada da Coroa, está hum mandado, que diz: *Mandamos a vós Fernaõ Alvares Thesoureiro de nossas moradias, que do dinheiro de nossas rendas do Reyno deste anno de 1520 deis a D. Bernardo, nosso Camereiro mòr, trinta e sete mil reis, que o dito anno ha de haver de tença, e ordenado com a dita Camera. Em Evora ao derradeiro de Agosto de* 1520. Naõ basta o valor para dirigir as mais operações de huma pessoa grande, quando a fortuna se oppoem ao mesmo merecimento:

to: naõ individuaõ as memorias antigas, nem os Nobiliarios, quaes foraõ os motivos, que obrigaraõ a D. Bernardo Manoel a deixar a Patria para acabar desterrado della; quanto a nós, parece, que o brio, e a honra se interessaraõ nesta resoluçaõ. Antonio de Castilho, Choronista môr do Reyno, e do Conselho delRey D. Sebastiaõ no Elogio delRey D. Joaõ III. que imprimio o Chantre Manoel Severim de Faria o nomeya entre os deservidores delRey, dizendo: *D. Bernardo malsinado por offerecer à Excellente Senhora hum Galleaõ.* Esta expressaõ, que naõ expressa a causa do seu delicto, o viemos depois achar em D. Luiz Lobo, Senhor de Sarzedas; dizendo, que havendo D. Bernardo servido com tanta gloria do seu nome, como do Reyno na guerra, como referem as Historias daquelle tempo, eraõ ainda de mayor elevaçaõ as suas idéas, porque intentou tirar a Excellente Senhora do Castello de Lisboa, onde estava, e levalla por mar a França, onde a poderia casar com algum Principe do sangue Real daquella Coroa, que he de crer tivesse já determinado para entrar com ella a conquistar o Reyno de Castella, de que era Rainha: pelo que vindo-se nesta idéa à Excellente Senhora se poz mayor resguardo; e D. Bernado vendo frustradas as suas idéas, naõ cabendo seu elevado espirito nos limites da Patria, a deixou espontaneamente, e incognito passou briosamente a servir na guerra de Italia, que entaõ havia entre Espanhoes, Italianos, e Francezes, sobre

Severim, *Noticias de Portugal, Disc.* 8. pag. 297.

a de-

a defensa, e occupaçaõ do Estado de Milaõ, donde passou depois à guerra de Napoles, e nella morreo de huma balla de arcabuz, no assalto de hum Castello, acabando briosamente a vida, ainda que naõ em serviço da Patria; com tudo mereceo muita gloria o seu nome, porque havendo comprido com as obrigações do seu nascimento, conseguio honrada memoria.

Casou com D. Francisca de Noronha, filha de D. Martinho de Castello Branco I. Conde de Villa-Nova de Portimaõ, Camereiro môr delRey D. Joaõ III. Governador da Justiça, Vedor da Fazenda dos Reys D. Affonso V. D. Joaõ II. e D. Manoel, e do seu Conselho; e de D. Mecia de Noronha sua mulher, filha de Joaõ Gonçalves da Camera, II. Capitaõ Donatario da Ilha da Madeira, e de D. Maria de Noronha sua mulher, filha de D. Joaõ Henriques, neto do Conde de Gijon, e Noronha, D. Affonso; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes.

* 14 D. Mecia de Noronha, que casou com D. Pedro de Menezes Senhor de Fermoselhe, e da sua descendencia se dirá no §. I.

14 D. Joanna Manoel, que escolhendo o estado de Religiosa, foy Freira no Mosteiro da Esperança de Lisboa.

Casou segunda vez com D. Maria de Bobadilha, a quem ElRey D. Manoel deu para seu casamento cinco mil e trezentas coroas, como consta de hum

Torre do Tombo.

mandado passado em Evora no 1 de mayo de 1520, que está no armario debaixo, das mercês, e moradias junto à escada, que vay para à Casa da Coroa na Torre do Tombo, que refere Lousada. Era filha herdeira de Affonso de Bobadilha, Commendador de Horta lagoa, na Ordem de Santiago, e Instituidor do Morgado do Valle em Santarem, e de D. Leonor de Figueiredo sua mulher, filha de Henrique de Figueiredo, Escrivaõ da Fazenda dos Reys D. Affonso V. e D. Joaõ II. que o mandou por Embaixador a Castella, e de sua mulher Catherina Alvares; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes.

14 D. JOAÕ MANOEL, a quem por ser muy alvo, e louro, chamaraõ o *Alabastro*, e com este renome o daõ a conhecer as Historias da India, onde procedeo taõ valerosamente, que merecia mais dilatada vida. Servia na Corte delRey D. Manoel de Moço Fidalgo, no anno de 1518, como se vê de huma verba do livro das Moradias dos Criados da Casa Real. Passou a servir à India em companhia do Vice-Rey D. Garcia de Noronha no anno de 1538, por dissabores, que teve na Corte; porque foy de taõ elevado espirito, como seu pay. No anno seguinte era D. Joaõ Manoel, Capitaõ de huma das Galés da Armada, que mandava D. Alvaro de Noronha, filho do Vice-Rey, quando foy a estabelecer a paz com o Çamorim, como escreve o Chronista Diogo do Couto. Depois governando à In-

Decada 5. liv. 6. cap. 7.

à India, o grande D. Joaõ de Caſtro, era D. Joaõ Manoel, Capitaõ de hum dos Galeões da Armada, com que paſſou a ſocorrer Dio, que valeroſamente tinha defendido D. Joaõ Maſcarenhas do formidavel poder delRey de Cambaya. No dia 11 de Novembro, em que o Governador D. Joaõ de Caſtro ſahio da Praça a buſcar aos inimigos, que ſitiavaõ Dio, que foy o anno de 1546, foy D. Joaõ Manoel hum dos Capitães da Vanguarda, acabando neſte dia com morte illuſtre por hum eſtranho caſo, que fará memoravel o ſeu nome entre os ambicioſos da honra. Eſtava D. Joaõ Manoel deſavindo com Joaõ Falcaõ, Fidalgo valeroſo, que na ſua peſſoa deſempenhou o appellido dos ſeus antepaſſados, que na guerra de Africa conſeguiraõ reputaçaõ: era a cauſa da deſconfiança leve, porém daquellas, que no juizo dos homens pezaõ aquillo em que ſe eſtimaõ. Deſafiaraõ-ſe em Goa nas veſperas, que o Governador eſtava para ſe embarcar; e vendo, que em occaſiaõ de tanta neceſſidade era neceſſario pouparem-ſe para ſervir a ElRey, e concertando-ſe entre ſi, com o parecer de Juizes, deferiraõ o deſafio para a Campanha, onde o primeiro, que com mayor valor ſobiſſe o muro dos inimigos, ficaſſe por melhor reputado na ſingular, e na commua batalha; ſendo deſta ſorte inventores de deſafios ſem culpa, em que as mortes, ainda que laſtimoſas, cauſavaõ inveja aos valeroſos. Deſta ſorte ſe ajuſtaraõ, e cada hum dos contendores com brio

Decada 6. liv. 3. cap. 10.

Decada 6. liv. 4. cap. 1.

brio admiravel ſe valeo de amigos, e parentes, para lhe terem as eſcadas no aſſalto; e aſſim adiantando-ſe a todos, arrimadas as eſcadas ao muro, começaraõ a ſobir ao meſmo tempo. D. Joaõ Manoel, lançando a maõ direita para aſſerrar o muro já em cima, lha cortaraõ os Mouros, e accodindo com a eſquerda, tambem lhe foy cortada, e vendo-ſe ſem mãos, naõ ſentindo o furor do ſeu brio a perda dellas, com os cotos dos braços ſe quiz ſuſpender para ganhar o muro, e eſtando quaſi em cima com hum golpe de alfange lhe levaraõ a cabeça, atalhando deſta ſorte a morte, huma das mais honradas opiniões, que o Mundo vio em homens valeroſos, e naõ temerarios. Joaõ Falcaõ acometeo ao meſmo tempo, chegando à borda do muro, foy morto às cutilladas, e lançadas, acabando ambos com tanto brio, como eſtranhas demonſtrações de valor, pois em beneficio de honra, e do Eſtado deraõ as vidas glorioſamente. Alguns dos noſſos Nobiliarios equivocaõ a D. Joaõ Manoel, com outro do meſmo nome, primo com irmaõ de ſeu pay, filho de D. Nuno Manoel; porém o Chroniſta Diogo de Couto, nos tira a duvida nos lugares, que deixamos apontado, dizendo ſer o que chamaraõ o Alabaſtro; que era filho de D. Bernardo Manoel, e de D. Maria de Bobadilha, ſua ſegunda mulher, e naõ da primeira, como refere, o Chroniſta Diogo de Couto, pois ſaõ uniformes os Nobiliarios deſte Reyno, de Damiaõ de Goes, D. Antonio de Lima, Affonſo de Torres,

Nobiliarios, Goes, Lima, Torres, Figueiredo, Pedroſa.

Torres, Diogo Gomes de Figueiredo, e Manoel Alvares Pedrosa, pois naõ teve D. Bernardo Manoel do seu primeiro matrimonio mais successaõ, que as ditas filhas, que deixamos escrito.

14 D. LEONOR MANOEL morreo menina.

14 D. ANTONIO MANOEL foy Commendador de Horta lagoa, na Ordem de Santiago, que tinha sido de seu avô materno. No anno de 1538 a 9 de Setembro, lhe fez merce ElRey D. Joaõ o III. de lhe dobrar a moradia, que tinha na Casa Real, e da mesma sorte a seu irmaõ.

Casou com D. Brites Mexia, filha de Affonso Mexia, Escrivaõ da Fazenda do mesmo Rey, Capitaõ de Cochim, e Vedor da Fazenda da India, e de Brites Carreira de Almada, filha de Bartholomeu Gomes de Almada, de quem naõ teve geraçaõ.

14 D. TRISTAÕ MANOEL, de quem os Nobiliarios naõ fazem mençaõ; porém D. Luiz Lobo, Senhor de Sarzedas, o nomea entre os filhos de D. Bernardo Manoel, e que casara com D. Margarida de Almeida, e tivera a D. Antonio Manoel, e a D. Maria Manoel, que casou duas vezes, a primeira com Francisco de Aguiar, e a segunda com Francisco da Sylveira.

14 D. ANTONIO MANOEL passou à India no anno 1585, lá morreo havendo casado com D. Maria viuva de Joaõ de Brito Patalim, de quem naõ teve filhos.

§. I.

14 D. Mecia Noronha, filha de D. Bernardo Manoel, e de ſua primeira mulher D. Franciſca de Noronha.

Caſou com D. Pedro de Menezes, Senhor de Fermoſelhe, filho ſegundo de D. Jorge de Menezes, VI. Senhor de Cantanhede, de Atalaya, Tancos, e Cinceira, e de ſua mulher D. Leonor Manoel, filha de D. Joaõ de Sotomayor, Senhor de Alconchel, irmaõ do IV. Conde de Belalcaçar, e de D. Mecia Manoel, filha de D. Lourenço Soares de Figueiroa; e havendo pretendido por demanda, a Caſa de Alconchel, a veyo a vencer ſeu filho: teve deſte matrimonio os ſeguintes filhos.

Haro part. 1. liv. 5. cap. 10. pag. 412.

* 15 D. Jorge de Menezes, com quem ſe continúa.

15 D. Fernando de Menezes, que tendo ſido Religioſo da Companhia, largando a roupeta, foy Prior do Santo Milagre de Santarem, e depois de Santa Maria de Obidos.

15 D. N. . . . . que ſendo Dama do Paço, tomou o habito nas Capuchas da Madre de Deos de Lisboa.

15 D. Anna Manoel, caſou com Jorge de Mello Coutinho, Commendador de Torrados, na Ordem de Chriſto, e outras; achou-ſe na batalha de Alcacere, no anno de 1578, e naõ ſe ſoube delle mais,

mais, e deste matrimonio teve o filho, e filha seguintes.

16 Jeronymo de Mello Coutinho, que foy successor da sua Casa, Commendador de Punhete, e Dizimos do Paul do Algarve; e casando com D. Maria de Noronha, filha de D. Thomaz de Noronha, Senhor, e Administrador do Convento do Salvador de Lisboa, e de sua mulher D. Helena da Sylva, filha de D. Gil Eannes da Costa, do Conselho de Estado: naõ teve della successaõ.

16 D. Maria de Menezes, que casou com Pedro de Alcaçova de Vasconcellos, Senhor de Figueiró, e Pedrogaõ, filho de Luiz de Alcaçova, Summilher delRey D. Sebastiaõ, com quem morreo na batalha de Alcacere; e de sua mulher D. Joanna de Vasconcellos, filha de Ruy Mendes de Vasconcellos, Senhor de Figueiró, e Pedrogaõ, a quem succedeo nesta Casa: foy Alcaide môr de Penamacor, Commendador na Ordem de Christo; e deste matrimonio nasceo unica.

17 D. Anna de Vasconcellos e Menezes, que foy Senhora de Figueiró, e Pedrogaõ, e casou com Francisco de Vasconcellos I. Conde de Figueiró, Senhor do Morgado do Esporaõ, Mordomo da Rainha D. Isabel de Borbon, mulher delRey Filippe IV. que morreo em Madrid, no anno de 1653, naõ deixando successaõ.

* 15 D. Jorge de Menezes Sotomayor, foy Senhor de Fermoselhe em Portugal, e de Alconchel,

Historia da Casa de Sylva, tom. 2. pag. 412

em Castella, em que succedeo por morte de D. Fradique de Zuniga, primo de seu pay, que deu principio à demanda, que elle veyo a conseguir. Foy hum dos quatro Sumilheres delRey D. Sebastiaõ. Casou com D. Guiomar da Sylva, filha de Antaõ de Faria, Alcaide môr de Palmella, Commendador de Alcaria-Ruiva, e de Alcacer do Sal, e de sua mulher D. Leonor de Vilhena, filha de Sancho de Tovar, primeiro Capitaõ de Sofalla, (irmaõ de D. Francisco de Tovar, Senhor de Sevico) e de sua mulher D. Guiomar da Sylva, de quem teve os filhos seguintes.

* 16 D. ANTONIO DE MENEZES E SOTOMAYOR, com quem se continua.

* 16 D. MARIA DA SYLVA com a successaõ, que logo diremos.

16 D. FERNANDO DE MENEZES, illegitimo, que morreo estudando na Universidade de Coimbra.

* 16 D. MARIA DA SYLVA, casou com D. Fernando Martins Mascarenhas, Commendador de Santa Maria de Mascarenhas na Ordem de Christo, e era filho segundo de D. Francisco Mascarenhas, I. Conde de Santa Cruz, Vice-Rey da India, do Conselho de Estado, Presidente do Conselho da India, que se instituio entaõ, em que teve principio o Conselho Ultramarino, e hum dos Governadores de Portugal na ausencia do Cardeal Archiduque, e faleceo a 4 de Setembro de 1607; e de sua mulher D.

Leo-

Leonor de Ataide, filha de Martim Affonso de Oliveira; Morgado de Oliveira, e Patameira, e deste matrimonio teve.

* 17 D. JORGE MASCARENHAS.

17 D. MANOEL MASCARENHAS, que faleceo de curta idade.

17 D. GUIOMAR DA SYLVA, casou com D. Lopo de Azevedo, Almirante de Portugal, Commendador de Jurumenha, de quem teve ⊐ D. ANTONIO DE AZEVEDO, que succedeo na Casa, e morreo servindo de Moço Fidalgo a ElRey D. Joaõ o IV. ⊐ D. MARIA IGNEZ DE AZEVEDO, que veyo a ser herdeira da Casa de seu irmaõ, e casou com D. Luiz de Portugal, V. Conde de Vimioso, de quem naõ teve successaõ, como dissemos no Capitulo IX. do Livro X. pag. 768. do tom. X. pelo que a Casa, e Officio de Almirante, passou a D. Joaõ de Castro, Senhor de Reriz, e Bemviver, por ser filho de D. Bernarda de Menezes, irmãa do Almirante D. Lopo de Azevedo, a qual casou com D. Simaõ de Castro Senhor de Reriz, em cujos descendentes se conserva o Officio de Almirante de Portugal.

17 D. ANTONIO MASCARENHAS, illegitimo, que foy Almirante da Armada, que no anno de 1664 passou à India, onde servio com distincçaõ, e lá casou com D. Clara de Mello, filha de Luiz de Freitas de Macedo, Védor da Fazenda da India, cuja successaõ naõ chegou à nossa noticia.

* 17 D. JORGE MASCARENHAS, que foy Com-

mendador de Santa Maria de Maſcarenhas, caſou duas vezes: a primeira com D. Joanna de Noronha, filha de Conſtantino de Sá, Commendador de S. Pedro de Folgoſinho na Ordem de Chriſto, hum dos mais inſignes Varões, que teve a India, como moſtrou, ſendo General da gente de guerra, em Ceilaõ, onde depois de ter conſeguido muitas victorias dos inimigos do Eſtado, morreo em huma batalha. D. Agoſtinho Manoel de Vaſconcellos ſeu genro, lhe eſcreveo a vida, que ſe conſerva manuſcrita, e era caſado com D. Luiza da Sylva, filha de Duarte de Mello, Senhor de Povolide, mas naõ teve D. Jorge deſta uniaõ filhos. Caſou ſegunda vez com D. Joanna de Menezes, filha de D. Vaſco da Gama, Capitaõ de Chaul, Commendador na Ordem de Chriſto, e de ſua mulher D. Branca da Gama, filha de Luiz da Gama Pereira, Deſembargador do Paço, Commendador da Ordem de Chriſto; e tiveraõ os filhos ſeguintes.

* 18 D. Fernando Martins Mascarenhas.

18 D. Branca Mascarenhas, que teve a merce da Commenda da Ilha para ſeu dote, e morreo ſem eſtado.

* 18 D. Fernando Martins Mascarenhas, que foy herdeiro da Caſa, e teve a Commenda de Santa Maria de Maſcarenhas, e a de Santa Maria da Ilha, que foy de ſua irmãa: viveo junto a Palhaes, em huma Quinta da banda de além de Liſboa: naõ caſou, e teve illegitimos em Maria Rodrigues, natural

tural de Palhaes, filha de Simaõ Vieira, e de Maria Rodrigues.

* 19 D. PEDRO MASCARENHAS.

19 D. BRANCA DA SYLVA MASCARENHAS casou com Francisco Botelho da Sylva Telles Chacon da Sylveira, Fidalgo da Casa de Sua Mageſtade, Senhor de hum morgado, filho de Damiaõ Botelho Chacon da Sylveira, Fidalgo da Casa de Sua Mageſtade, e de sua segunda mulher D. Joanna da Sylva de Menezes, filha de André da Sylva de Menezes, Capitaõ môr de Alegrete, Senhor do morgado de Xevora, por casar com sua prima D. Brites da Sylva, filha de Antonio da Sylva de Menezes, e tiveraõ a

20 FERNANDO BOTELHO MASCARENHAS CHACON DA SYLVEIRA.

20 N. . . . . Freira em Santa Clara de Lisboa.

20 DAMIAÕ BOTELHO CHACON DA SYLVEIRA.

* 19 D. PEDRO MASCARENHAS, foy Senhor do morgado de Runa, e dos mais bens, que teve seu pay: faleceo em Mayo do anno de 1742, havendo casado com D. Leonor de Vilhena, filha de D. Lourenço de Sotomayor, e de sua mulher D. Ignez de Vilhena, de quem naõ teve successaõ.

* 16 D. ANTONIO DE MENEZES SOTOMAYOR, foy Senhor de Alconchel, e Fermoselhe, casou com D. Cecilia de Mendoça, filha de D. Fernando de Menezes, Commendador de Castello-Branco, e de sua

ſua mulher D. Filippa de Mendoça, de quem teve:

17 D. PEDRO DE MENEZES, que foy ſeu herdeiro, e ſe achou nas Cortes, que ſe celebraraõ em Lisboa no anno de 1619, e morreo moço ſem caſar.

* 17 D. JORGE DE MENEZES, com quem ſe continúa.

17 D. LUIZ DE MENEZES, que morreo moço.

17 D. MIGUEL DE MENEZES, que tambem morreo moço, ambos ſem eſtado.

* 17 D. ANTONIO DE MENEZES adiante.

17 D. MARIA DE MENDOÇA, que caſou com D. Pedro da Fonſeca, Marquez de Orelhana.

Caſa de Sylva, tom. 2. pag. 413.

* 17 D. JORGE DE MENEZES E SOTOMAYOR, foy Senhor de Alconchel, e Fermoſelhe, Gentilhomem delRey D. Filippe IV. e Mordomo da Rainha D. Maria Anna de Auſtria, e pelo ſeu caſamento, II. Marquez de Caſtro-Forte, e Senhor de Caſtro-Falha. No anno de 1643, eſtava em Alconchel, quando os noſſos ganharaõ eſta Praça aos Caſtelhanos, e ſahio rendido por concerto.

Caſou com D. Andrea Pacheco Sarmento Dama da Rainha D. Iſabel de Borbon, filha herdeira de D. Pedro Pacheco, I. Marquez de Caſtro-Forte, e de ſua mulher D. Franciſca Sarmento Barba, Senhora de Caſtro-Fuerte, e de Caſtro-Falha, filha de D. Luiz Sarmento de Mendoça e Barba, Senhor de Caſtro-Fuerte, e de Caſtro-Falha, e de ſua mulher D. Iſabel de Caſtilha, e Manrique, filha de D. Antonio Peſſoa e Caſtilha, Commendador de la Fuente del Maeſtre,

Salazar, *Caſa de Lara*, tom. 1. pag. 581.

tre, e de Paraçuellos, e de D. Antonia Manrique de Castro, filha de D. Fernando Ninho de Castro, Meirinho môr, e Regedor de Valhadolid, Padroeiro da Igreja de S. Lourenço daquella Cidade, e Cavalleiro da Ordem de Alcantara; e de sua mulher D. Antonia da Cunha, irmãa de D. Fernando, Senhor de Vilhafañe, e filhos de D. Martim da Cunha, Senhor de Matadion, irmaõ inteiro de D. Henrique da Cunha, IV. Conde de Valença; e tiveraõ os filhos seguintes.

18 D. ANTONIO DE SOTOMAYOR E MENEZES, II. Marquez de Castro-Fuerte, Commendador de Hinojoza, e Mestre de Campo em Milaõ, que faleceo sem casar.

18 D. IGNEZ DE CASTRO, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, casou com D. Francisco de Carvajal, e Menezes, I. Visconde de Salinas, Senhor de Huerta, e Sobrinos, e foy sua primeira mulher, de quem naõ teve filhos.

Historia da Casa de Sylva, tom. 1. pag. 490.

* 18 D. FRANCISCO DE SOTOMAYOR PACHECO MENEZES E BARBA, foy III. Marquez de Castro-Fuerte, Visconde de Castro-Falha, Senhor de Alconchel, e Fermoselhe, Commendador de Hinojosa, na Ordem de Santiago, Mordomo da Casa Real, Gentil-homem da Camera delRey D. Carlos II. e de sua mulher D. Francisca Chacon, e a sua successaõ deixamos referida no Capitulo II. §. II. do Liv. VIII. pag. 93. do Tom. IX.

* 17 D. ANTONIO DE MENEZES, filho ultimo de

de D. Antonio de Menezes e Sotomayor, Senhor de Fermoselhe, e Alconchel, e de sua mulher D. Cecilia de Mendoça.

Casou com D. Maria da Sylva, filha de Gonçalo Gomes da Sylva, que foy Cavalleiro da Ordem de Christo, e se achou na batalha de Alcacer, em que foy cativo; e de sua mulher D. Francisca da Sylva, o qual era filho de Antonio da Sylva, que servio na India, e chamaraõ *de Soure*, donde era herdado de fazendas, que nella tiveraõ seus ascendentes, Alcaides môres daquella Villa, e de sua segunda mulher D. Leonor de Villalobos Queimado, filha de Vasco Queimado; e neto de Lisvarte da Sylva, e de sua mulher D. Filippa de Lordello, filha de Lopo Dias de Lordello, Provedor das Capellas delRey D. Affonso IV. e segundo neto de Gonçalo Gomes da Sylva, Alcaide môr de Soure. O insigne D. Luiz Salazar faz a Antonio da Sylva, filho de Gaspar da Sylva; porém Diogo Gomes de Figueiredo segue na fórma referida, dizendo, que Antonio da Sylva casou duas vezes, a primeira com D. Maria das Povoas, de quem naõ teve successaõ, e a segunda com D. Leonor de Villalobos Queimado; e aquelle Antonio da Sylva, filho de Diogo da Sylva he differente, porque aquelle servio em Africa, onde o mataraõ os Mouros, e casou com D. Guiomar de Faria, filha de Lourenço do Faria, e de D. Luiza Pires, e o outro servio na India; e deste matrimonio tiveraõ os filhos seguintes.

Historia da Casa de Sylva, tom. 2. pag. 790. e 784.

Nobiliario de Diogo Gomes.

D.

* 18 D. Antonio de Menezes.

18 D. Gonçalo de Menezes, de quem naõ ha geraçaõ.

18 D. Francisca de Mendoça, que casou com Sebastiaõ de Macedo de Menezes, que vivia em Alenquer, e por sua morte casou com Joaõ Gomes de Carvalho, sobrinho de seu primeiro marido; e falecendo casou terceira vez com Francisco Freire de Andrade, que foy do Conselho de guerra, e Governador das Armas da Provincia de Tras os Montes, de quem foy primeira mulher; e de nenhum destes maridos teve successaõ.

* 18 D. Antonio de Menezes, que foy Alcaide mór de Cintra Commendador da Redinha, que trocou com o Conde de Castello-Melhor, Luiz de Sousa, pelas de S. Sylvestre de Requiaõ, e S. Miguel de Alvarães, e trezentos e cincoenta mil reis de tença, teve mais a Commenda de S. Mamede de Sortes. Todas na Ordem de Christo, e faleceo a 7 de Fevereiro de 1719.

Casou com D. Angela Maria de Albuquerque, filha herdeira de André de Albuquerque Ribafria, Alcaide mór de Cintra, Commendador de Sortaõ na Ordem de Christo, General da Cavallaria de Alentejo, onde servio com grande valor, e reputaçaõ, de sorte, que mereceo universalmente ser tido por hum dos insignes Generaes daquelle tempo, em valor, e sciencia Militar: acabou infelizmente de huma balla de artelharia na batalha das Linhas de El-

vas a 14 de Janeiro de 1659, deixando na noſſa Hiſtoria glorioſo o ſeu nome: foy havida eſta filha em D. Catherina Lobo de Monroy, natural de Olivença; porém deſte matrimonio naõ ficou geraçaõ.

Caſou ſegunda vez com D. Antonia Magdalena de Vilhena, filha de Pedro Jaques de Magalhães, I. Viſconde de Fonte Arcada, do Conſelho de guerra, e General da Armada Real; e de ſua ſegunda mulher D. Maria de Vilhena, filha de Antonio Correa Baharem, Senhor da Ponte do Soro, Commendador de S. Bartholomeu de Alfange da Ordem de Chriſto, e de ſua ſobrinha D. Antonia de Vilhena, filha de ſeu primo Antonio Correa Baharem, Senhor do Morgado da Marinha: tiveraõ os filhos ſeguintes.

* 19 D. MARIA THERESA DE VILHENA, de quem ſe trata adiante.

* 19 D. MARIANA IGNACIA DE MENEZES, como diremos adiante.

19 D. CECILIA ANTONIA DE VILHENA naſceo a 20 de Dezembro de 1687, morreo de curta idade.

19 D. MARIANNA JOSEFA DE VILHENA naſceo a 18 de Abril de 1689, faleceo de tenra idade.

* 19 D. JORGE FRANCISCO DE MENEZES, adiante.

19 D. PEDRO JOAÕ DE DEOS DE MENEZES, Principal da Santa Igreja de Lisboa, naſceo no anno de 1692, e foy bautizado a 4 de Fevereiro.

19 D. FRANCISCO NICOLAO DE MENEZES, tambem Principal da Santa Igreja de Lisboa, naſceo

a 4

a 4 de Janeiro no anno de 1693, e foy bautizado a 23 de Abril.

19 D. JOSEPH AFFONSO DE MENEZES, Prelado na mesma Santa Igreja de Lisboa, nasceo no anno de 1696, e foy bautizado a 25 de Março.

19 D. JOAQUIM DE MENEZES, que faleceo de curta idade.

Teve illegitimos.

19 D. JOSEPH DE MENEZES FREIRE Conventual de Palmella da Ordem de Santiago.

19 D. JOAÕ DE MENEZES, que passou a servir à India, e lá tomou o Habito da Ordem dos Prégadores.

19 D. MARIANNA ANTONIA DE MENEZES, que naõ tomou estado.

* 19 D. MARIA THEREZA DE VILHENA nasceo a 12 de Setembro de 1684. Casou duas vezes, a primeira com Sancho de Mello da Sylva e Azambuja, e a segunda com D. Pedro Alvares da Cunha, Trinchante da Casa Real, como se dirá no Livro XIII. Capitulo XVII. §. II. e de seu primeiro marido teve os filhos seguintes.

20 HENRIQUE DE MELLO DA SYLVA, com quem se continúa.

20 D. ANTONIA JOSEPHA DE VILHENA, que faleceo a 10 de Setembro no anno de 1736. Casou em Junho de 1726 com Francisco de Sousa da Sylva Alcaforado Rabello, Senhor da Quinta da Sylva na Provincia do Minho, de quem naõ teve successaõ.

20 D. BRITES THERESA DE MENEZES casou em 19 de Mayo de 1720, com Thadeu Luiz Antonio de Carvalho e Camões, Senhor de Abbadim, &c. a qual morreo em Novembro do anno seguinte, sem deixar succeſſaõ; e elle casou segunda vez, como se dirá adiante no Livro XIII. Capitulo IV.

* 20 HENRIQUE DE MELLO DA SYLVA nasceo no anno de 1706: succedeo na Casa de seu pay, e he Capitaõ de Infantaria no Regimento de Cabeço de Vide. Casou em Agosto de 1728, com D. Eugenia Josefa de Menezes, filha de Francisco Furtado de Mendoça e Menezes, e de D. Marianna Luiza de Valladares e Amaral, e tiveraõ os filhos seguintes. ⁐ SANCHO DE MELLO DA SYLVA E AZAMBUJA, que nasceo o 1 de Abril de 1731. ⁐ FRANCISCO DE MELLO nasceo a 12 de Outubro de 1732. ⁐ VASCO MARTINS DE MELLO nasceo a 15 de Janeiro de 1734. ⁐ D. ANNA JOAQUINA DE MENEZES nasceo a 18 de Janeiro de 1736. ⁐ JOSEPH JOAQUIM DE MELLO nasceo a 28 de Abril de 1737. ⁐ D. ANTONIA JOSEFA DE VILHENA nasceo a 11 de Junho de 1738. ⁐ JOAQUIM JOSEPH DE MELLO nasceo a 11 de Agosto de 1739. ⁐ JOAÕ DE MELLO nasceo a 14 de Dezembro de 1740. ⁐ D. MARIANNA LUIZA DE MENEZES nasceo a 7 de Março de 1744.

* 19 D. MARIANNA IGNACIA DE MENEZES nasceo a 14 de Agosto de 1686, e faleceo a 18 de Janeiro de 1745. Casou com Joaõ Jaquez de Magalhães, que foy Governador, e Capitaõ General de

Maza-

Mazagaõ, e o he ao presente do Reyno de Angola, e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

20 D. Antonia Joaquina de Menezes adiante. = Henrique Jaques nasceo a 23 de Agosto de 1720, que morreo menino a 20 de Setembro de 1722. = Antonio Jaques de Magalhaens, que nasceo no anno de 1716. = D. Pedro Fortunato de Menezes Baharen, que nasceo em 1717, e he Prelado da Santa Igreja de Lisboa. = D. Joseph Martinho de Menezes nasceo a 14 de Novembro de 1722, e morreo menino. = D. Lourença Antonia de Menezes nasceo a 26 de Outubro de 1725, recolhida no Mosteiro de Maravila. = D. Francisco de Paula de Menezes nasceo a 6 de Abril de 1727.

20 D. Antonia Joaquina de Menezes nasceo a 20 de Setembro de 1714, casou em 26 de Julho de 1729 com Manoel Caetano Lopes de Lavre, Senhor Donatario do Reguengo da Carvoeira, Alcaide môr das Villas de Torres-Novas, e Serolico da Beira, Commendador de Santa Margarida da Matta na Ordem de Christo, e da de la Gualva na de Santiago, Secretario, e Conselheiro do Conselho Ultramarino, de quem tem até ao presente os filhos seguintes. = Joachim Miguel Lopes de Lavre, que nasceo a 26 de Setembro de 1730. = D. Antonia policena Isabel de Menezes nasceo a 10 de Setembro de 1731. = e D. Marianna Isabel de Menezes, que nasceo a 10 de Novembro de 1732, e faleceo de tenra idade.

D.

* 19 D. JORGE FRANCISCO DE MENEZES, Senhor do Paul do Reguengo da Badeira no Algarve, Commendador de S. Sylveſtre de Requiaõ, e S. Miguel de Alvarães, no Arcebiſpado de Braga, e S. Mamede de Soro no Biſpado de Miranda, todas na Ordem de Chriſto. Faleceo a 25 de Setembro de 1735, havendo naſcido no anno de 1690, e ſido bautizado a 15 de Outubro.

Caſou com D. Luiza Clara de Portugal, Dama da Rainha D. Maria Anna de Auſtria, filha de Bernardo de Vaſconcellos, e de D. Maria Magdalena de Portugal, como ſe diſſe à pag. 240 do Tomo IX. e tiveraõ os filhos ſeguintes. ⌶ D. ANTONIO DE MENEZES naſceo a 6 de Mayo de 1723, e he ſucceſſor da Caſa, e Commendas de ſeu pay. ⌶ D. BERNARDO DE MENEZES naſceo ao 1 de Outubro de 1726, Porcioniſta no Collegio da Purificaçaõ de Evora. ⌶ D. JOSEPH DE MENEZES naſceo a 11 de Agoſto de 1728, Porcioniſta no dito Collegio. ⌶ D. MARIA RITA DE PORTUGAL naſceo a 22 de Mayo de 1731, recolhida no Moſteiro de Santos.

CA-

CAPITULO IV.

D. Nuno Manoel, Guarda môr delRey D. Manoel, Almotacé môr, Senhor de Salvaterra de Magos, &c.

12 DOs filhos que deixamos dito, que teve o Bispo D. Joaõ de Justa Rodigues, foy o segundo D. Nuno Manoel, a quem ElRey D. Affonso V. legitimou no anno de 1475, como se vê no Archivo Real da Torre do Tombo. Concorria sobre a sua pessoa ter sido collaço delRey D. Manoel, de quem naõ foy menos estimado, do que seu irmaõ D. Joaõ; pois a circunstancia de se haver criado no seu serviço, e os proprios merecimentos o habilitaraõ para o lugar da mayor confiança delRey, de quem foy Guarda môr da sua pessoa, lugar taõ grande na Corte de taõ estimaveis preeminencias, como temos referido no Capitulo XIII. do Livro XI. Exercitou D. Nuno Manoel o posto de Guarda môr, de que tirou Carta feita em Almeirim a 12 de Março de 1515 todo o tempo, que durou a vida a ElRey, como se vê de hum Mandado do anno de 1520. Passou ElRey no anno 1498, a jurarse Principe herdeiro da Coroa de Castella: nesta jornada o acompanhou D. Nuno, a quem o mesmo Rey vendeo a herdade de Paõ na Villa de Mon- çarás,

Torre do Tombo liv. 3. *dos Mist.* pag. 32.

Prova, num. 1.

Liv. 1. *Mist.* pag. 298.

çarás, que houvera de Diogo da Azambuja, e Franciſco de Miranda, com a azenha que eſtá no rio Odiana, pelo preço de 152U: foy feita a Carta em Lisboa a 4 de Março de 1498; e já neſte anno era Almotacé môr, porque com eſte lugar o nomea ElRey na dita Carta. Depois no anno de 1502; quando o meſmo Rey fez a romaria a Santiago, o acompanhou D. Nuno. Delle refere Affonſo de Torres, que vindo à Corte de Lisboa certo Embaixador de França, que fora taõ aceito a ElRey, que o armara Cavalleiro no anno de 1516, e que D. Nuno lhe calçara as eſporas. Depois no anno de 1518, foy elle hum dos Senhores, que lhe beijaraõ a maõ na occaſiaõ da declaraçaõ do ſeu caſamento, com a Rainha D. Leonor ſua terceira mulher. Quando o meſmo Rey teve a doença, de que faleceo em Lisboa, lhe aſſiſtio D. Nuno; e refere o Choroniſta, que a Rainha D. Leonor ſe achava em Salvaterra, donde tendo eſta noticia, voltou logo com o Principe D. Joaõ, e a Infanta D. Iſabel, e que aggravando-ſe a doença no ſeteno, o Guarda môr D. Nuno, vendo, que os Medicos deſconfiavaõ, lhe pareceo apartar daquelle lugar a Rainha para huma caſa contigua da Camera, em que ElRey eſtava; e repreſentantandolhe, que naõ era conveniente, que ſuas Altezas alli eſtiveſſem, fez o meſmo ao Principe, paſſando-o para outro Quarto: tanto foy o amor, e zelo, com que ſervia, e naõ menor a authoridade, que conſeguio com os Principes do ſeu tempo. No Reyna-

Goes *Chronic. delRey D. Manoel*, part. 4. cap. 83.

Reynado delRey D. Joaõ o III. foy ſeu Guarda mòr, como ſe tira de hum Mandado, que eſtá no maço quarto do armario ſegundo da eſcada, que vay para a Caſa da Coroa, como refere Gaſpar Alvares de Louſada no ſeu Extracto da Torre do Tombo, de que temos copia, já muitas vezes allegada, onde o Conde Prior, Mordomo mòr, diz: *Mando a vós Gonçalo Vaz Tratador das moradias, que pagueis a D. Fradique, e a D. Joaõ, e a D. Franciſco, e a D. Affonſo, e a D. Jorge, Moços Fidalgos do dito Senhor, e filhos de D. Nuno Manoel, Almotacé mòr, e Capitaõ da Guarda da Camera, vinte e tres mil e cento e noventa reis de ſua moradia, a razaõ de mil reis por mez, &c. e alqueire e meyo de cevada, por dia, do primeiro quartel deſte anno, por ſerem preſentes na Corte, &c. Lisboa o derradeiro de Mayo de* 1528. De que ſe vê, que já eraõ paſſados annos do Reynado delRey D. Joaõ, em que exercitava o dito officio: nem nos parece ſer differente, por dizer Capitaõ da Guarda da Camera, porque entendemos ſer o meſmo, porque o Guarda mòr mandava a tal Guarda da Camera, e muitas vezes o achamos aſſim nomeado; porque o lugar de Capitaõ da Guarda com eſte nome, naõ teve principio ſenaõ no Reynado delRey D. Sebaſtiaõ. Foy tambem Almotacé mòr dos referidos Reys, como conſta de diverſos Mandados do meſmo tempo. As prerogativas deſte Officio declara o ſeu Regimento, que anda incorporado na Ordenaçaõ do Reyno Livro I. Tit. 8.

Foy Senhor de Salvaterra de Magos, que comprou a Pedro Correa. ElRey D. Manoel lhe fez merce, e doaçaõ de todos os direitos, e rendas da dita Villa, e seu termo, com a Leziria do Romaõ, da mesma sorte, que a tivera Rodrigo Affonso, e Pedro Correa seu filho, em duas vidas, e foy passada em Thomar a 27 de Março de 1507. Depois o mesmo Rey lhe deo a jurisdicçaõ de juro, e herdade, e de todas as rendas, e direitos, que nella, e seu termo lhe pertenciaõ: foy feita a Carta em Almeirim a 8 de Fevereiro de 1508; o que tudo està incorporado na Carta, que passou ElRey D. Joaõ III. a seu filho D. Fradique, no contrato, de que adiante faremos mençaõ; e já ElRey D. Manoel lhe havia feito a merce do Paul de Magos em Salvaterra: foy a Carta passada em Abrantes a 8 de Julho de 1507. No anno de 1510, o fez ElRey do seu Conselho, e lhe deu huma sesmaria no termo de Coruche, que por sua morte comprou o Conde da Castanheira. Foy tambem Senhor das Aguias, e da Erra, que comprou a André do Campo, no anno de 1520. Foy Commendador, e Alcaide mór de Idanha a Nova, Jaz em magnica sepultura, na Capella mór da parte do Euangelho, da Igreja de Nossa Senhora de Jesus, Cabeça da Provincia da Ordem Terceira de S. Francisco, onde tem o seguinte Epitafio.

Torre do Tombo Chancel. delRey D. Joaõ III. pag. 96.

Liv. 5. *Misticos*, pag. 37.

Pri-

Primog. mort. S.
H. S. E.
D. Nonius Manoel Eduardi Portug. Regis, & Dominæ Joannæ Manoel nepos. D. Joannis Manoel, & Justæ Rodrigues Pereriæ Clariss. fæminæ filius: Eman. Regi intimus de sinu, Cubiculari custodiæ præfectus: Ædilis maxi: cum uxore sua Domina leonora de Millam Comitis Albaidæ f. Joannis II. Aragoniæ Regis pronepte. D. Joannes Manoel Collimbr. Episcop. comes Argan. Pronepos pro Avis suis.
B. M. M. T.

Casou duas vezes, a primeira com D. Leonor de Milá, a segunda com D. Lourença de Ataide, filha de D. Joaõ de Vasconcellos e Menezes, II. Conde de Penella, e da Condessa D. Maria de Ataide, de quem naõ teve successaõ. Era D. Leonor de Milá, filha de D. Jayme de Milá, Conde de Albayda, e da Condessa D. Leonor de Aragaõ, com quem casou no anno de 1477, e filha de D. Affonso de Aragaõ, Mestre de Calatrava, e Duque de Villa-hermosa, e de D. Maria Junquers, Donzella nobre Catalãa, que elle estimou muito, e a

Zurita, tom. 4. liv. 2. cap. 64. pag. 339. e liv. 18. cap. 56. pag. 198.

quem entregou o cuidado de ſeus filhos, a qual fazendo o ſeu Teſtamento, eſcrito na lingua Catalãa, de que temos huma copia antiga, e que communicamos a Varões ſabios, e eruditos na Hiſtoria, como foy o Duque, Senhor de Sottomayor, e D. Gregorio Mayans e Siſcar, que no lo traduzirao da lingua Catalãa, e com grande exacçaõ, e pontuallidade, de ſorte, que de huma, e outra copia, e traducçaõ, ſe reconhece qual he o talento de ambos, e a ſemelhança, que tem o trabalho dos Sabios, porque naõ differem em materia eſſencial, e ſó em algumas poucas palavras, que ſignificaõ o meſmo. Nelle diſpoem dos ſeus bens, e de huma verba conſta, que tinha filhos, e filhas; porque diz aſſim: *Y quando Dios nueſtro Senhor de mi ordene, que yo deva de ſalir deſta vida preſente, para ir a ſu Reyno Celeſtial, que entre mis hijos y hijas, y otros parientes, no ſe pueda mover, ni ſuſcitar queſtion alguna ſobre los bienes, que Dios me ha encomendado, deſeando ir a la gloria del Paraiſo.* Nomea por Teſtamenteiros ao Prior, que era, e ao depois foſſe de Santa Maria de Linas da Villa de Benavarre, e a Bartholomeu Burro, Procurador que era do Condado de Ribagorza. Deixa por herdeira a ſua filha D. Leonor, como ſe vê da clauſula ſeguinte: *Dexo por heredera univerſal a D. Leonor de Aragon, mi hija y del muy Illuſtriſſimo Senhor D. Alonſo de Aragon, Conde de Ribagorza, con tal empero, y no de otra manera, que no haya de pertender nadie de*

Prova num. 2.

los

los bienes, que de mi Padre a mi podran pertenecer en el dicho Mas de Ostales. Foy feito este Testamento no lugar de Camus a 2 de Outubro do anno de 1481. Sobreviveo depois muitos annos, como se vê de certo Contrato entre ella, e D. Leonor de Aragaõ sua filha, feito em Ilerda a 4 de Dezembro de 1491, e veyo depois a falecer a 15 de Mayo do anno de 1506; e jaz em Nossa Senhora de Linhares na Capella môr do Mosteiro de S. Domingos, como refere Fr. Francisco Diago, na Historia de S. Domingos da Provincia de Aragaõ. Era filha do Mosen Gregorio Junquers Castelaõ de Rosses em Catalunha, e depois Tenente do Capitaõ das Armadas, sendo Generalissimo Mosen D. Joaõ de Villa-marin, e Embaixador delRey D. Joaõ II. de Aragaõ ao Duque de Milaõ; o que consta de differentes escrituras, que estaõ no Archivo Real da Coroa de Aragaõ; o qual era filho de Mosen Bernardo Junquers, que tambem foy Castellaõ do dito Castello, que servio ao dito Rey em as alterações de Lerida, causadas por o Visconde de Narbona, e D. Federico Doria, e em as de Sicilia. Foy Senhor dos lugares de Rocafort, e Mazacaios, por merce delRey D. Joaõ o I. como se vê das Doações Regias, e neto de Bernardo Junquers, Secretario do Despacho universal do dito Rey D. Joaõ I. que lhe fez merce das dizimas, e direitos Reaes, em os lugares de Rocafort, e Mazacaios no Principado de Catallunha, feita em 4 de Fevereiro de 1390, e em 22 de

Prova num. 3.

Diago, *Histor. de S. Domingos*, liv. 2. cap. 9. à pag. 270.

Prova num. 4. 5. 6. 7. 8. 9.

Prova num. 10. 11. 12. 13. 14.

de Dezembro do referido anno lhe concedeo de tença quinhentos florins de ouro, em remuneraçaõ dos especiaes serviços, que com cavallos, e armas à sua custa executara contra o Conde de Armagnac, que lhe tinha feito huma invasaõ nos seus Dominios: e no anno de 1393 lhe fez nova merce, aggregando-lhe o tercio decimo dos fructos da Cidade de Valença, manifestando nesta graça, que servira Bernardo Junquers de menino, na Casa Real, e que ao seu conselho, e industria se devia, que se fertilizassem muitas terras do Reyno de Valença. Neste Reyno o nomeou Administrador, e Governador perpetuo da Real Capella, que ElRey à instancia da sua devoçaõ mandara fabricar à Virgem Maria, em a porta nova de Barcellona, (que hoje está derribada) e foy Ministro de talento, de prudencia, e discriçaõ, como manifestou a estimaçaõ do dito Rey, e delRey D. Pedro IV. e Bisneto de Mosen Guilherme Junquers, Cidadaõ de Barcellona, como se vê do seu Testamento approvado na dita Cidade, a 24 de Julho do anno de 1355, pelo Notario Francisco de Podio, em que nomea por seu herdeiro a seu filho Bernardo; e em falta da sua linha, e da de Valentina Junquers sua filha, manda, que depois da morte de sua mulher Bartholomea, a quem naõ dá appellido, se dispendaõ os seus bens em Missas, e obras pias: o que tudo consta de Instrumentos authenticos, que vaõ lançados por extenso no Tomo das Provas, e de que se tira naõ ser D. Maria Junquers,

Prova num. 15.

quers, mulher ordinaria, e de naſcimento eſcuro, como alguns mal inſtruidos entenderaõ; o que naõ affirmamos, ſenaõ com documentos authenticos, e Authores de grande eſtimaçaõ na Hiſtoria, que allegamos, e ſe pódem ver, como he o Licenciado Gaſpar Eſcolano na Hiſtoria de Valença, fallando de D. Leonor de Milá, diz: *Una hija, que ſe llamò D. Leonor, la qual huvo en D. Maria Junquers Dama Catalana hija del Senhor del Mas, ò Caſa Junquers del lugar de S. Chriſtoval de Planes, en el Val de Oſtules, eſta casò com D. Jayme de Milan, Conde de Albayda, ſin que de D. Maria huvieſſe tenido mas hijo, ni hija, que la D. Leonor: como de todo lo dicho dan fé, el Teſtamento de D. Maria y las Capitulaciones de matrimoniales con el Conde de Albayda.* Alguns fazem a D. Leonor Condeſſa de Albayda, irmãa inteira de D. Joaõ de Aragaõ, Conde de Ribagorza, Duque de Luna. Era D. Carlos de Gurrea e Aragaõ, Duque de Villa-hermoſa, e falecendo em 13 de Agoſto de 1691, pleitearaõ eſta Caſa, como deſcendentes della D. Antonio Joaõ de Gurrea Aragaõ e Benavides, Marquez de Caſtro Pinos, como filho de D. Helena de Gurrea e Aragaõ, Marqueza de Caſtro Pinos, que caſou com D. Joaõ de Benavides de Lacerda, o qual litigou com ſua Prima comirmãa D. Franciſca Joſefa de Gurrea, menor de idade, filha de D. Franciſco Luiz de Gurrea, e Aragaõ, Governador do Reyno de Aragaõ, (irmaõ inteiro da dita Marqueza de Caſtro Pinos)

Eſcollano, *Hiſtoria de Val.* part. 2. liv. 8. cap. 7.

Pinos) e de ſua mulher D. Joſefa de Gurrea e Zerda: e na Arvore, que ſe imprimio, e ajuntou dos parenteſcos, deduzida de D. Affonſo de Aragaõ, Meſtre de Calatrava, Duque de Villa-hermoſa, e de D. Maria Junquers, ſe produz por filho a D. Joaõ de Aragaõ Junquers, Conde de Ribagorza, irmaõ inteiro de D. Leonor de Aragaõ, Condeſſa de Albayda. He certo, que a Condeſſa D. Leonor no contrato do ſeu matrimonio, e no ſeu Teſtamento diz ſer filha unica do Meſtre, e de D. Maria Junquers: bem ſe vê, que he por differença de outras irmans, que ſeu pay haveria tido, e por iſſo declara ſer filha unica; porém tambem ſem ſe contradizer poderia ter irmãos maſcullinos, e ſer filha unica, porque naõ teve outra ſua mãy; mas iſto ſe oppoem a authoridade de Eſcolano, contra a qual eſtá o Teſtamento da dita D. Maria Junquers, no qual falla em filhos, e filhas, como acima apontamos, e poderiaõ tambem morrer: porém aquelles Fidalgos, quando litigaraõ aquella Caſa, e finalmente ſe julgou a hum dos oppoentes, preciſamente haviaõ de provar a dita filiaçaõ. ElRey D. Joaõ eſtimou muito a eſta neta, intervindo com a ſua authoridade, quando ſe eſtipulou o contrato do ſeu caſamento com D. Jayme de Milá, a quem creou Conde da ſua Villa de Albayda, e lhe concedeo muitos privilegios, e prerogativas: entre os quaes foy, que qualquer peſſoa, que caſaſſe com filha, ou neta ſua, ficaria nobre; e he de ſaber, que eſta conceſſaõ, que em todo o

tempo

tempo seria notavel, e muy singular, naquelle ainda era mais, pois queria dizer Rico-homem, e em estes Grande: assim o vi em hum papel da Condessa de Cerbellon muy esclarecida em sangue, do Reyno de Aragaõ, e muy versada na Historia, e nos estylos antigos das escrituras, e doações.

Era D. Affonso Mestre de Calatrava, filho delRey D. Joaõ II. de Aragaõ, havido em D. Leonor de Escovar, filha de Affonso Rodrigues, Alcaide môr da terra delRey D. Joaõ de Navarra, em Castella, da Casa de Escovar, de quem procedem illustres Casas, como escreve Jeronymo Zurita, Rades de Andrade, e Salazar de Castro, e D. Jayme de Milá, ou Milaõ, como alguns differaõ, de illustre, e antiga Casa no Reyno de Valença, donde vieraõ à sua Conquista os seus mayores, já Cavalleiros conhecidos, que deduziaõ a sua familia de França, da Provincia de Languedoc, donde residia com o titulo de Conde. Era filho de D. Joaõ Luiz de Milá, Cardeal da Santa Igreja Romana, do titulo dos Santos quatro Coroados, creado no anno de 1456 Bispo de Lerida, e Segorbe, havido em huma Dama de qualidade, chamada Angelina Ramas; e o dito Cardeal era irmaõ inteiro de D. Pedro de Milá, Camereiro mor delRey D. Affonso V. de Aragaõ, e filhos de D. Joaõ, ou Luiz de Milá, e de D. Catherina de Borja, irmãa do Papa Calixto III. e de D. Isabel de Borja, mãy do Papa Alexandre VI. em quem teve principio a Casa dos Duques de Gandia, em quem já

Zurita tom. 3. *Anales de Aragon*, liv. 15. cap. 29.

Rades, *Chronica de Calatrava*, pag. 71. col. 3.

Salazar, *Casa de Lara*, tom. 3. liv. 19. cap. 12. §. 1. pag. 336.

Escolano, *Historia de Valencia*, part. 2. liv. 9. cap. 34.

Zurita, *An. tom.* 4. liv. 20. cap. 64.

já a nobreza era taõ eſclarecida, que Godofredo de Borja, marido de Iſabel de Borja, era deſcendente por Varonia de D. Ramiro, I. Rey de Aragaõ, como eſcreve D. Joſeph de Pellicer em o ſeu Seyano Germanico, e o Padre Abarca nos Annaes de Aragaõ, e outros. Deſta eſclarecida uniaõ naſceraõ os filhos ſeguintes.

Abarca, *An. de Aragon.* part. 1. col. 4. pag. 18.
Rades de Andrade, *Chronic. de Calatrava* pag. 71.
Zapater, *Anal. de Aragon.* lib. 4. pag. 123.

13 D. FRADIQUE MANOEL, Senhor de Salvaterra, &c. Capitulo V.

13 D. JOAÕ MANOEL foy Commendador da Idanha a Velha na Ordem de Chriſto. Caſou por palavras de preſente com D. Leonor de Vilhena, filha de D. Luiz da Sylveira, I. Conde de Sortelha, Guarda môr da peſſoa delRey D. Joaõ III. e ſeu Embaixador a Caſtella, &c. e de D. Brites Coutinho ſua mulher, filha de D. Fernando Coutinho, Marechal do Reyno, a qual antes de conſumar o matrimonio, buſcou o eſtado de Religioſa, e foy Freira: pelo que elle tornou a caſar com D. Maria de Noronha, filha de D. Antonio de Almeida, Contador môr do Reyno, Officio em que entrou no anno de 1527, e era de ſua mulher; e foy Provedor dos Armazens de India, e Mina, de que lhe fez merce ElRey D. Joaõ o III. no anno de 1522; e de D. Maria Paes, filha de Joaõ Rodrigues Paes, Contador môr do Reyno; de quem naõ teve geraçaõ. Houve Baſtardos em Helena Gonçalves, de quem D. Antonio de Lima refere, que alguns dizem, que a recebera à hora da morte, os filhos ſeguintes.

Nobiliario de Lima.

D.

= D. JORGE MANOEL, que morreo em Africa nabatalha de Alcacere a 4 de Agoſto de 1578, tendo caſado com D. Maria de Figueiredo, de quem teve. = D. MARIA MANOEL, mulher de D. Affonſo Barrantes Caſtelhano, de quem foraõ filhos. = D. PEDRO BARRANTES MANOEL, Governador de Villa-Nova de Serem em Caſtella. = D. ISABEL DE ARAGAÕ, mulher de ſeu tio Joaõ Peſſoa de Aragaõ, que viveo em Thomar. = D. TRISTAÕ MANOEL, de quem os Nobiliarios naõ fazem mençaõ, conſta da Chancellaria delRey D. Sebaſtiaõ do anno de 1558, em que lhe fez merce de trinta mil reis de tença pelos ſerviços de ſeu pay. = D. JERONYMA MANOEL, que foy Freira. = D. MARIA MANOEL, de quem Diogo Gomes de Figueiredo diz, que caſara com Pedro Peſſoa, filho de Franciſco Peſſoa, Feitor em Flandres, e de Iſabel Teixeira, de quem naſceo. = FRANCISCO PESSOA, que viveo em Thomar, onde caſou. = JOAÕ PESSOA, que tambem viveo na dita Villa, e nella caſou.

* 13 D. FRANCISCO MANOEL DE ARAGAÕ, foy Moço Fidalgo delRey D. Manoel, e debaixo deſte titulo ſe acha na Matricula do anno de 1518: paſſou ao ſerviço do Emperador Carlos V. e militou em Italia. Morreo fóra de Portugal, e caſou em Milaõ, e teve. = D. FELIX DE ARAGAÕ, que ſervio com valor naquelle Eſtado, ſendo esforçado Cavalleiro: achou-ſe na derrota de D. Filippe Eſtrozzi, voltou a eſte Reyno com ElRey Filippe II. e de-

pois se achou na Armada do Marquez de Santa Cruz, sobre a Ilha Terceira, onde da peleija tirou honradas feridas, e foy Governador de Piombino.

* 13 D. Jorge Manoel, de quem se fará mençaõ no §. II.

13 D. Affonso Manoel, que foy Commendador de Santa Christina de Tife, na Ordem de Christo, no Arcebispado de Braga, de que lhe fez merce ElRey D. Joaõ III. no anno de 1551. Casou, dizem os Nobiliarios uniformemente, como naõ devera à sua pessoa, sem nomearem a mulher, e que della tivera. = D. Maria Manoel de Aragaõ, que casou com Pedro Lopes Giraõ de Santarem. = D. Catharina de Aragaõ, Religiosa no Mosteiro de Odivellas. = D. Jeronymo Manoel, que passou com ElRey D. Sebastiaõ a Africa, e foy cativo na batalha de Alcere, e morreo sem casar, e teve bastardos a = D. Tristaõ Manoel, que passou à India no anno de 1564, com o Vice-Rey D. Antonio de Noronha, com moradia de Fidalgo Escudeiro de 1666 reis por mez, e teve. = D. Antonio Manoel, que passou à India no anno de 1584, como o Vice-Rey D. Duarte de Menezes, com a mesma moradia; e tendo servido no anno de 1585 de Capitaõ de huma Fusta com Ruy Gonçalves da Camera, foraõ ao Estreito, e no anno seguinte passou a Melinde por Capitaõ de huma Náo com Martim Affonso de Mello, e foy Capitaõ de Damaõ no anno de 1598, sendo Vice-Rey o Con-

Liv. 2. *das merces del-Rey D. Joaõ o III.* pag. 212.

Couto, *Dec. X.* liv. 7. cap. 7. e liv. 8.

Conde da Vidigueira, e depois se achou na guerra de Cunhale, e foy dos Capitães, que ficaraõ guardando a Costa, como escreve Diogo de Couto.

* 13 D. LEONOR DE MILLAÕ casou com Nuno Barreto, Alcaide môr de Faro, como se verá no §. III.

13 D. MARIA DE ARAGAÕ casou com D. Alvaro de Cordova, Senhor de Vallençuella §. IV.

13 D. JOANNA DE ARAGAÕ casou com Ruy Barreto de Mello, a quem outros daõ o appellido de Mascarenhas: foy Senhor do Morgado da Quarteira, e do de Ludo, filho de Joaõ de Mello, e de D. Mecia de Noronha; o qual era filho quarto de Nuno Barreto, Alcaide môr de Faro, e de D. Leonor de Mello, filha de Joaõ de Mello Alcaide môr de Serpa, Copeiro môr delRey D. Affonso V. porém deste matrimonio naõ houve succeſſaõ.

Casou D. Nuno segunda vez no anno de 1519, com D. Lourença de Ataide, a quem ElRey D. Manoel segurou as suas arras, no referido anno, e era filha de D. Joaõ de Vasconcellos, Conde de Penella, e da Condeſſa D. Maria de Ataide, e desta uniaõ naõ teve filhos.

§. II.

13 D. JORGE MANOEL, filho quarto de D. Nuno Manoel, Senhor de Salvaterra, e de D. Leonor de Milá sua primeira mulher, foy Commendador

dador de S. Vincente na Ordem de Chriſto. No anno de 1551 lhe fez merce ElRey D. Joaõ o III. da Capitanía, e governo da Mina. No de 1556 o deſpachou para a India, onde paſſou no anno de 1562, por Capitaõ môr da Armada, que foy àquelle Eſtado; porém infelizmente na volta para a Reyno ſe perdeo.

Caſou com D. Leonor de Brito, filha de Gaſpar de Brito, Trinchante do Cardeal Infante D. Affonſo, e de D. Branca Freire, filha de Luiz de Antas, Alcaide môr do Landroal; de quem teve os filhos ſeguintes.

14 D. PEDRO MANOEL DE ARAGAÕ, que paſſou com ſeu pay à India, e pereceo no meſmo naufragio.

14 D. ESTEVAÕ MANOEL, que acompanhando a ElRey D. Sebaſtiaõ a Africa, morreo na batalha a 4 de Agoſto de 1578, depois de ter ſervido nas Armadas da Coſta, e em Tanger, e teve a Commenda de S. Romaõ na Ordem de Chriſto.

* 14 D. JERONYMO MANOEL, com quem ſe continúa.

14 D. ANTONIO MANOEL, de que naõ ſabemos mais, que delle fazer mençaõ Affonſo de Torres.

* 14 D. MARIA DE ARAGAÕ caſou com D. Henrique Henriques, Senhor das Alcaçovas, com a ſucceſſaõ, que adiante ſe dirá. = D. VIOLANTE MANOEL. = D. JERONYMA MANOEL. = D. ANNA MANOEL. = D. MAGDALENA MANOEL,

todas

todas quatro Freiras. ⩶ D. ANTONIA. ⩶ D. CATHARINA morrerаõ meninas.

* 14 D. JERONYMO MANOEL, a quem chamaraõ de alcunha o Bacalhao, foy Commendador de S. Mamede de Traviſco, da Ordem de Chriſto, no Arcebiſpado de Braga, e Capitaõ môr da Armada da India do anno de 1614. deſpacho, que teve pelos ſerviços de ſeu pay, e irmaõ, que acabaraõ a vida, como temos dito, no ſerviço da Coroa. Chegado a Goa, eſtando para partir para o Reyno, em 27 de Janeiro de 1626, lhe deu hum temporal, em que varou a Náo na barra de Goa; porém como era baïxamar, naõ recebeo mais damno a Náo, que cortaremlhe os maſtros. Paſſada a monçaõ, partio no anno ſeguinte, e chegando à Ilha das Flores, pelejou com quatro Coſſarios, e foy em demanda da Ilha Terceira, onde chegou a 18 de Julho de 1617. Foy Copeiro mòr do Cardeal Archiduque Alberto, que ſervia às ſemanas com Franciſco de Souſa Mancias, e teve a merce de Porteiro môr por morte de Chriſtovaõ de Mello: e pelo ſeu caſamento andou em demanda ſobre ſucceder no morgado do ſegundo Affonſo de Albuquerque, com o Senhor da Caſa de Villa Verde, a quem ſe ſentenciou. ElRey D. Sebaſtiaõ lhe deu a Commenda de S. Martinho da Amoreira, na Ordem de Chriſto, pelos ſerviços, que lhe tinha feito em Africa.

Caſou com D. Maria de Mendoça e Albuquerque, filha e que veyo a ſer herdeira por morte de ſeus irmãos,

irmãos de Manoel Telles Barreto, Commendador de Aveiro na Ordem de Aviz, Vereador de Lisboa, e Gorvernador do Brasil, onde morreo; e de sua mulher D. Joanna da Sylva, (segunda neta de Fernaõ de Albuquerque) filha de Pedro Barreto, Commendador de Almada na Ordem de Santiago, que era filho de Jorge Barreto, Commendador de Castro Verde da Ordem de Santiago, e de D. Joanna da Sylva, filha de Fernaõ de Albuquerque IV. Senhor de Villa-Verde: e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes. = D. JORGE MANOEL DE ALBUQUERQUE, com quem se continúa. = D. LOURENÇO MANOEL, que morreo sem geraçaõ. = D. ANTONIA DE MENDOÇA adiante.

* 14 D. ANTONIA DE MENDOÇA casou com Pedro de Mendoça, Alcaide môr de Mouraõ, Commendador de Santiago de Cassem, hum dos principaes Acclamadores delRey D. Joaõ o IV. a quem servio algum tempo de Guarda môr da sua pessoa, que lhe deo a Commenda de Villa-Franca, que fora da Casa de Villa-Real, e foy sua segunda mulher, de quem teve os filhos seguintes. = LUIZ DE MENDOÇA, que servio na Provincia de Alentejo com reputaçaõ, passou quatro vezes à India, duas por Capitaõ môr das Armadas, e a terceira por General dos Galleões de alto bordo, na regencia da Rainha D. Luiza, e governou o Estado por successaõ; e no anno de 1668. voltou ao Reyno, e foy mandado por Vice-Rey da India, e foy o trigesimo setimo,

ſetimo, que teve eſte titulo. ElRey D. Pedro II. ſendo Regente o creou entaõ Conde de Lavradio, e lhe deu a Commenda de Beringel, pelos ſeus ſerviços; e entrando em Goa no anno de 1671, governou aquelle Eſtado ſete annos, e vinte dias, e embarcando para o Reyno, morreo na Bahia no anno de 1677, ſem ter caſado, nem deixar ſucceſſaõ, por ſe dizer delle, que fora caſto. A ſua fazenda deixou repartida em legados pios, e grande parte à Miſericordia de Lisboa, onde ſe continúa em dotes annuaes a ſua diſpoſiçaõ, e o remaneſcente deixou a ſeus irmãos. ☰ JERONYMO DE MENDOÇA, Cavalleiro de Malta, naõ profeſſou: ſervio na guerra de Alentejo, e foy Capitaõ de Cavallos, e Meſtre de Campo de hum Terço da Guarniçaõ de Lisboa, o qual largou, e ſe achou como particular na batalha do Canal, de que foy mandado com a nova a ElRey D. Affonſo VI. que lhe deo o governo de Pernambuco; porém neſte ſe houve de ſorte, que amotinado o povo, veyo prezo para Lisboa, e da prizaõ fogio para Caſtella; e voltando ao Reyno, foy culpado em crime de leſa Mageſtade contra ElRey D. Pedro, entaõ Regente: pelo que foy ſentenciado à morte, e confiſcaçaõ dos bens, e perdoandolhe a piedade do Principe a perda da vida, foy degradado toda a vida para a India, onde morreo. ☰ JOAÕ DE MENDOÇA, que foy Religioſo da Ordem de S. Bernardo. ☰ NUNO DE MENDOÇA, foy Conego em Evora *in minoribus*, e fazendo huma entrada em Caſtella

no tempo da guerra, foy prizioneiro, e restituido na paz; renunciou a Conesia para succeder na Casa, e fazenda, que lhe deixou seu irmaõ o primeiro Conde de Lavradio. Casou com D. Magdalena de Tavora, Dama do Paço, viuva de D. Joaõ de Castello-branco, a quem ElRey fez merce do titulo de Conde de Redondo, em successaõ a seu primo com irmaõ D. Joaõ de Castello-branco, VII. Conde de Redondo, e em attençaõ ao despacho de sua mulher ter sido Dama da Rainha D. Maria Francisca de Saboya; porém naõ chegou a cobrirse, por seu pay se lhe oppor, e embargar a merce, dizendo lhe pertencia. Era filha de Antonio de Mendoça, Commendador de Avanca, e de D. Filippa de Tavora sua mulher, filha de D. Joaõ de Menezes, Commendador da Vallada, e de sua segunda mulher D. Magdalena de Tavora, filha do Reposteiro môr Ruy Pires de Tavora, e naõ tiveraõ geraçaõ.

16 D. MARIA JOSEFA DE MENDOÇA, irmãa do Conde de Lavradio, foy Dama da Rainha D. Luiza, casou com Pedro Guedes de Miranda X. Senhor de Murça, Brunhaes, Agua Revés, e Torre de Donachama, Commendador das Commendas de Cabeço de Vide, Alter Poderoso, do Hospital, e Granja na Ordem de Aviz, Estribeiro môr delRey D. Joaõ IV. de quem teve os filhos seguintes. ⩶ JOAÕ GUEDES DE MIRANDA, que morreo de dez annos. ⩶ LUIZ GUEDES DE MIRANDA HENRIQUES, com quem se continúa ⩶ D. ANTONIA DE MENDOÇA, Frei-

Freira no Mosteiro de Salvador de Lisboa, da Ordem de S. Domingos. ⵎ D. JOANNA DE MENDOÇA casou com D. Antonio Joseph de Mello adiante. ⵎ LUIZ GUEDES DE MIRANDA HENRIQUES foy Senhor de Murça, e teve as Commendas de seu pay; foy hum Fidalgo de notaveis paradoxos, que degeneravaõ em loucuras: pelo que esteve prezo diversas vezes. Casou com D. Maria de Ataide, Dama da Rainha D. Luiza, filha de Nuno de Mendoça, II. Conde de Val de Reys, do Conselho de Estado; e a sua illustre successaõ deixamos escrita no Liv. X. Capitulo IV. pag. 687 do Tom. X.

* 17 D. JOANNA, irmãa de Luiz Guedes, casou em o 1 de Dezembro de 1672 com D. Antonio Joseph de Mello, filho de D. Pedro Joseph de Mello Homem, Governador do Maranhaõ, e de D. Maria de Mendoça sua mulher, irmaõ de D. Joaõ de Mello, Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, Prelado muy exemplar, e que acabou com opiniaõ de virtuoso; e tiveraõ a ⵎ D. PEDRO JOSEPH ANTONIO DE MELLO HOMEM, Vedor da Casa da Rainha D. Maria Anna de Austria, e casou com D. Maria Antonia de Borbon: a sua successaõ deixamos referida no Livro X. Capitulo XIV. pag. 858 do Tom. X. a que só ajuntaremos, que D. Marianna Josefa de Borbon, Dama do Paço, sua filha, casou com D. Miguel de Mello Abreu Soares e Vasconcellos, seu primo segundo, e a ⵎ D. MARIA DE TAVORA, Freira na Encarnaçaõ de Lisboa.

* 18 D. MAGDALENA LUIZA DE MENDOÇA, filha de D. Antonio Joſeph, caſou a 3 de Julho de 1690 com D. Antonio Eſtevaõ da Coſta, Armeiro môr, Commendador de S. Vicente da Beira na Ordem de Aviz, que naſcendo a 25 de Dezembro de 1671, faleceo em Janeiro de 1724; filho de D. Luiz da Coſta, Tenente General da Cavallaria da Provincia de Alentejo, onde ſervio na guerra com valor, e reputaçaõ, como eſcreve o Conde da Ericeira no Portugal Reſtaurado, achando-ſe em muitas occaſiões de credito; depois foy hum dos Vereadores de Lisboa, no tempo em que ſerviaõ Fidalgos de qualidade, e morreo a 5 de Dezembro de 1681; e de ſua mulher D. Maria de Noronha, filha herdeira de D. Pedro da Coſta, Armeiro môr, e Commendador de S. Vincente da Beira: e tiveraõ os filhos ſeguintes. ⩨ D. LUIZ DA COSTA naſceo a 7 de Setembro de 1691, e morreo em 13 de Julho de 1693. ⩨ D. ANTONIO DA COSTA naſceo em 5 de Mayo de 1693; e morreo a 5 de Novembro de 1697. ⩨ D. JOSEPH DA COSTA naſceo a 22 de Julho, do anno de 1694, com quem ſe continúa. ⩨ D. JOANNA JOSEFA DE MENDOÇA naſceo a 13 de Agoſto de 1695, he Relioſa no Moſteiro da Conceiçaõ na Luz. ⩨ D. LUIZ DA COSTA naſceo em o 1 de Dezembro de 1699; morreo no anno ſeguinte a 23 de Abril. ⩨ D. PEDRO JOSEPH DA COSTA naſceo em 30 de Dezembro de 1697, he Prelado da Santa Igreja de Lisboa. ⩨ D. MANOEL JOSEPH

DA

da Costa nasceo a 2 de Abril de 1694; morreo a 8 de Julho de 1701. ⁐ D. João Joseph da Costa e Mendoça nasceo em 21 de Julho de 1700; he Prelado da Santa Igreja de Lisboa. ⁐ D. Maria Josefa de Noronha nasceo em 25 de Fevereiro de 1702, Religiosa no Mosteiro do Sacramento de Lisboa da Ordem de S. Domingos. ⁐ D. Francisco da Costa nasceo em 22 de Agosto de 1703, Religioso Professo da Ordem de S. Jeronymo. ⁐ D. Rodrigo da Costa nasceo em 17 de Novembro de 1704, Religioso da Ordem de Cister. ⁐ D. Martinho da Costa nasceo em 11 de Novembro de 1706, Religioso tambem de Cister. ⁐ D. Violante de Noronha nasceo em 7 de Novembro de 1707, Religiosa no Mosteiro da Conceição da Luz. ⁐ D. Theresa de Mendoça nasceo em 23 de Mayo de 1709; morreo de tenra idade. ⁐ D. Luiza de Mendoça e D. Catharina de Mendoça, que ambas nascerão da hum parto, em 14 de Setembro de 1711, Religiosas no Mosteiro do Sacramento de Lisboa. ⁐ D. Marianna Josefa de Mendoça nasceo em 6 de Janeiro de 1714, Religiosa no dito Mosteiro. ⁐ D. Isabel de Mendoça nasceo o 1 de Março de 1715, morreo menina. ⁐ D. Antonio Joseph da Costa e D. Simão nascerão gemeos a 28 de Outubro de 1717, o qual viveo pouco tempo; e D. Antonio passou a servir a India, e lá casou com sua parenta D. Antonia Rosa de Mello, filha de D. Christovão de

de Mello, que foy Védor da Fazenda da India, e Governador do Estado; e de sua mulher D. . . . . e tiveraõ D. ANTONIO DA COSTA, que nasceo a 23 de Novembro de 1734 na Cidade de Goa.

* 19 D. JOSEPH DA COSTA nasceo em 22 de Julho de 1694: succedeo nos Morgados, e Casa de seu pay; he Armeiro môr, e Commendador de S. Vicente da Beira, na Ordem de Aviz.
Casou em 24 de Outubro com D. Maria de Noronha, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, filha de D. Thomás de Noronha, V. Conde dos Arcos, e da Condessa D. Magdalena Bruna de Castro, e até ao presente naõ tem successaõ.
Teve D. Jeronymo Manoel illegitimos.

14 D. JORGE MANOEL, que foy Religioso da Ordem de S. Domingos, e D. JERONYMO MANOEL, que servio na India, e foy Capitaõ de Dio, e vindo para o Reyno se perdeo na Nào de Bartholomeu de Vasconcellos, e lá casou com D. N. . . . . . filha de Lourenço Carvalho, Cidadaõ de Goa, sogro de Manoel Corte Real, de quem teve D. JERONYMO MANOEL, de quem naõ sabemos successaõ, e a D. MARIA MANOEL DE ALBUQUERQUE, que casou com Fernaõ Martins Mascarenhas, e já o tinha sido com Manoel de Mello.

* 14 D. JORGE MANOEL DE ALBUQUERQUE, filho primeiro de D. Jeronymo Manoel, succedeo na Casa, e foy Commendador de S. Mamede de Tavicoso na Ordem de Christo, e por sua mãy teve o mor-

morgado dos Albuquerques, de que he cabeça huma grande Quinta em Azeitaõ. Servio a Commenda em Tanger no tempo, que governou esta Praça D. Fernando Mascarenhas, depois I. Conde da Torre, que começou a governar em 18 de Junho de 1628, e entre as occasiões, que no seu tempo houve, foy huma em dia de S. Gonçalo, em que com formidavel poder os Mouros a combateraõ. Nesta occasiaõ se achou D. Jorge Manoel, e desempenhou as obrigações de seu sangue; porque metendo-se entre os Mouros, e fazendo nelles estrago, lhe cahio morto o cavallo, e saltando delle pelejou com o traçado, até que foy soccorrido por hum Cavalleiro chamado Christovaõ da Fonseca, que o obrigou a sobir no seu cavallo, com que livrou do perigo, chegando a risco de se perder. Era de genio inquieto, e revoltoso, e naõ lizo nos seus procedimentos: pelo que tendo commettido alguns crimes, foy degradado para a Praça de Mazagaõ, donde tambem o Governador D. Gonçalo Coutinho o prendeo: mas nas occasiões, que no seu tempo houve com os inimigos, se achou D. Jorge Manoel, como refere D. Gonçalo Coutinho, no livro que escreveo do tempo, que governou esta Praça. No anno de 1640, quando se executou felizmente a Acclamaçaõ delRey D. Joaõ o IV. se achava em Madrid; ElRey D. Filippe lhe deo o titulo de Conde de Lavradio, merce, que se lhe naõ guardou, por ser feita em tempo, que naõ devia. Voltando depois ao Reyno, e com o desgosto

Conde da Eric. *Hist. de Tanger*, liv. 3.

gosto de naõ se lhe cumprir, viveo retirado na sua Quinta de Azeitaõ. Casou com D. Theresa Maria Coutinho, filha de D. Francisco da Gama, IV. Conde da Vidigueira, Almirante da India, e da Condessa D. Leonor Coutinho sua segunda mulher, como se disse no Livro X. Capitulo IV. pag. 566 do Tomo X. e deste matrimonio nasceraõ D. JERONYMO MANOEL DE ALBUQUERQUE morreo sem geraçaõ. = D. FRANCISCO MANOEL DE ALBUQUERQUE, que succedeo na Casa, e morgados de seu pay: servio na Provincia de Alentejo, e se achou na restauraçaõ de Evora. Depois passou à India no anno de 1666, em companhia do Vice-Rey Joaõ Nunes da Cunha I. Conde de S. Vicente, e morreo naquelle Estado em breve tempo, sem ter casado, nem deixar successaõ.

Teve fóra do matrimonio a D. MARIA DE ALBUQUERQUE, Freira em Odivellas.

* 15 D. MARIA DE ARAGAÕ, filha de D. Jorge Manoel, como fica dito, casou com D. Henrique Henriques, IV. Senhor das Alcaçovas, e foy sua segunda mulher, e tiveraõ os filhos seguintes: D. JORGE HENRIQUES, adiante. = D. PEDRO HENRIQUES. = D. LEAÕ HENRIQUES, que tomou a Roupeta, e foy Religioso de grande virtude, e letras, e delle faz mençaõ entre os Varões illustres de Santidade o Agiologio Lusitano a 8 de Abril. = D. FRANCISCA DE ARAGAÕ, que casou duas vezes, a primeira com Lourenço de Brito, filho de Luiz

Luiz de Brito, e neto de Gaspar de Brito, Trinchante delRey D. Manoel, e tiveraõ a LUIZ DE BRITO, que acabou infelizmente na India, sendo degolado pela entrega de Ormuz: e a D. GUIOMAR MANOEL, que casou com Simaõ Guedes IX. Senhor de Murça, que faleceo no anno de 1619, sem deixar successaõ. Casou segunda vez com Manoel Correa de Lacerda, e tiveraõ

* 16 FRANCISCO CORREA DE LACERDA, que herdou o morgado de seu pay, e faleceo a 27 de Fevereiro de 1682, havendo casado com D. Isabel Maria de Castro, filha de Antonio Gonçalves da Camera, Commendador na Ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria de Castro; e era neta de Pedro Gonçalves da Camera, Caçador môr delRey D. Sebastiaõ, e Commendador de Bobadella na Ordem de Christo; e de sua mulher D. Lourença de Faria, filha de Balthazar de Faria, Almotacé môr, como diremos adiante; e tiveraõ os filhos seguintes: MANOEL CORREA DELACERDA, que casou com D. Luiza de Portugal, e naõ Maria, que faleceo em Abril de 1707, cuja successaõ fica referida a pag. 854 do Tomo. X. = JOAÕ CORREA DE LACERDA, adiante. = HENRIQUE CORREA DE LACERDA, que servio na India, e lá casou com D. Margarida de Moraes, filha de Francisco de Sousa Falcaõ, Secretario do Estado, e de D. Branca de Moraes, de quem naõ teve successaõ. = ANTONIO GONÇALVES DA CAMERA, de quem naõ sabemos

mos geraçaõ. ⵌ D. FRANCISCA DE ARAGAÕ, filha de Francisco Correa, casou com Pedro de Sousa de Brito, de quem teve a MANOEL ANTONIO DE SOUSA E BRITO, e a FRANCISCO DE SOUSA DA CAMERA, adiante. ⵌ MANOEL ANTONIO DE SOUSA E BRITO, foy Alcaide môr de Arrayollos, Commendador de Santa Maria de Antime, e de Santa Maria de Rio frio de Carragosa, e suas annexas na Comarca de Braga, e de Santa Eulalia da Palmeira de Faro, todas na Ordem de Christo, Donatario da Aldea de Redemoinhos no termo de Estremoz, Capitaõ de Cavallos na Provincia de Alentejo, e Procurador da Cidade de Braga nas Cortes, que se celebraraõ em Lisboa no anno de 1697. Casou na dita Cidade com D. Joanna Carrilho, de quem teve PEDRO ANTONIO DE SOUSA, que morreo moço. ⵌ THOME JESEPH DE SOUSA, adiante. ⵌ ANTONIO XAVIER DE SOUSA. ⵌ D. IGNEZ, Freira no Salvador de Braga. ⵌ THOME JOSEPH DE SOUSA estava destinado para a Igreja, e foy Arcediago de Penella, na Sé de Coimbra, e teve outros beneficios, que largou por succeder na sua Casa, pela morte de seu irmaõ, e he Commendador de Santa Maria de Antime, e de Santa Marinha de Rio frio de Carragosa na Ordem de Christo, e Senhor da Aldea de Redemoinhos no termo de Estremoz. Casou a 26 de Mayo de 1728, com D. Maria Prospera de Menezes, filha de D. Francisco Furtado de Mendoça, como se dirá no Capitulo IV. e

tem

tem até o presente: MANOEL ANTONIO DE SOUSA DE MENEZES nasceo no anno de 1730. ⩶ FRANCISCO DE SOUSA PEREIRA DE MENEZES nasceo no anno de 1732, Porcionista no Collegio da Purificação de Evora. ⩶ ANTONIO DE SOUSA nasceo no anno de 1740, faleceo de tenra idade. ⩶ D. JOANNA VIOLANTE DE MENEZES nasceo no anno de 1734, recolhida em Santa Clara de Coimbra. ⩶ D. IGNEZ DE TAVORA DE MENEZES nasceo no anno de 1736. ⩶ D. MARIANNA CONSTANÇA DE MENEZES nasceo no anno de 1737. ⩶ PEDRO DE SOUSA, e D. ISABEL morrerão de curta idade. ⩶ JOSEPH DE SOUSA DE BRITO DE MENEZES. ⩶ LUIZ DE SOUSA DE MENEZES nasceo no anno de 1741. ⩶ JOACHIM DE SOUSA DE MENEZES nasceo no anno de 1742. ⩶ JOAÕ DE SOUSA DE BRITO DE MENEZES nasceo no anno de 1744. ⩶ FRANCISCO DE SOUSA DA CAMERA, filho segundo de Pedro de Sousa de Brito, que casou com D. Maria Antonia de Lemos, filha de Manoel de Andrade de Brito, Alcaide môr de Portel, e de D. Margarida de Lemos de Castellobranco, de quem teve os filhos seguintes: XAVIER PEDRO DE SOUSA, que casou em Portalegre. ⩶ MANOEL DE ANDRADE E BRITO PEREIRA casou no Reyno do Algarve com D. Ignez de Alaras Pimentel, irmãa de seu cunhado D. Pedro de Alaras, e morreo no anno de 1744 sem successaõ. ⩶ JOAÕ FRANCISCO DE SOUSA DA CAMERA. ⩶ D. ANTONIA LUIZA FRAN-

cisca de Aragaõ, sem estado. = D. Francisca Xavier Caetana de Aragaõ e Castro casou com D. Pedro Alaras da Fonseca Pimentel, Fidalgo da Casa Real, e Cavalleiro da Ordem de Christo, de quem naõ teve successaõ; filho de Sebastiaõ da Fonseca Pimentel, meyo irmaõ de Luiz da Franca Pimentel, Desembargador dos Aggravos, e Ministro de grande inteireza, e estimaçaõ, descendente das mais nobres do Reyno do Algarve, mas naõ tiveraõ successaõ.

17 D. Maria Antonia de Castro casou com Reymaõ Pereira de Lacerda, Senhor do Morgado de Baleizaõ no termo de Béja, e tiveraõ D. Maria, e D. Leonor, das quaes naõ sabemos estado. = Ruy Dias Pereira, adiante. = Nuno Pereira Freire, com quem se continúa, e Gomes Freire. = Ruy Dias Pereira de Lacerda casou com sua prima com irmãa D. Isabel Brazia de Portugal, filha de Manoel Correa de Lacerda, e de D. Luiza de Portugal, naõ tiveraõ successaõ. = Nuno Pereira Freire casou com D. Brites Josefa de Brito Godins, filha de Ruy de Brito Godins, e de D. Margarida Palha Leitaõ, e tiveraõ Reymaõ Pereira, que morreo de curta idade. = D. Margarida Antonia Pereira de Lacerda, adiante, e D. Isabel Brazia de Castro Coutinho, recolhida no Mosteiro da Conceiçaõ de Béja. = D. Margarida Antonia Pereira de Lacerda, por morte

te

te de seu tio Ruy Dias Pereira, herdou o morgado de Baleizaõ, e casou com Joaõ Grein de Monseclard, Francez, natural de Leaõ, filho de Claudio Grein de Monseclard, Thesoureiro Geral da dita Cidade, e tem a NUNO ANTONIO PEREIRA DE LACERDA. CLAUDIO GREIN DE MONSECLARD, e D. BRITES MARIA DE BRITO.

17 D. ANTONIA IGNACIA COUTINHO DE CASTRO, foy terceira mulher de Francisco Freire de Andrade, que servio com grande valor, e distincçaõ na guerra da Acclamaçaõ: foy Almirante, e General da Armada da Companhia do Commercio, em que embarcou muitas vezes para o Brasil, e restauraçaõ de Pernambuco, e teve varios combates com os Hollandezes, em que conseguio reputaçaõ. Teve o governo das Armas da Beira, em que conseguio ventajosos successos às nossas armas. Depois teve o governo das Armas da Provincia de Tras os Montes, e ultimamente foy Governador da Fortaleza de S. Juliaõ da Barra de Lisboa, e do Conselho de Guerra, e tiveraõ os filhos, que se seguem JOSEPH GASPAR FREIRE DE ANDRADE E SOUSA, Capitaõ de Infantaria, casou a 30 de Dezembro de 1702, com D. Joanna Coutinho de Noronha filha de D. Marcos de Noronha, Mestre Sala da Casa Real, e faleceo moço sem successaõ. ⁝⁝ BERNARDO FREIRE, com quem se continúa. ⁝⁝ D. MARIA MAGDALENA FREIRE DE CASTRO, mulher de Christovaõ Correa Freire, adiante. ⁝⁝ D. JOAN-

NA

NA LUIZA DE CASTRO, recolhida no Mosteiro das Commendadeiras de Santos. = BERNARDO FREIRE DE ANDRADE E SOUSA, por morte de seu irmaõ succedeo nos morgados da Casa de seu pay; servio na Marinha, foy Capitaõ de Mar, e Guerra, e Coronel do mar, Commendador de S. Joaõ de Couceiro, na Comarca de Viana, e de S. Miguel de Caparrosa na de Vizeu, na Ordem de Christo. Faleceo em Abril de 1743, tendo casado duas vezes, a primeira no anno de 1698, com D. Francisca Ignacia de Noronha, que faleceo a 5 de Fevereiro de 1730, filha herdeira de D. Marcos de Noronha, Mestre Sala da Casa Real, Governador de Mazagaõ, do Conselho delRey, Deputado da Junta dos Tres Estados, e ultimamente Governador da Fortaleza de S. Juliaõ da Barra de Lisboa, e de sua mulher D. Isabel Coutinho; porém deste matrimonio naõ teve successaõ; e casou segunda vez com D. Antonia Rosa de Castro sua sobrinha, filha de Christovaõ Correa Freire, e de sua irmãa D. Maria Magdalena Freire, de quem tambem naõ teve successaõ. = D. MARIA MAGDALENA FREIRE DE CASTRO casou no anno de 1701 com seu primo Christovaõ Correa Freire, General de Batalha, Gonernador das Praças de Estremoz, e Peniche, donde faleceo, e teve D. JOACHINA ISABEL FREIRE DE CASTRO, que nasceo a 3 de Outubro de 1706, e casou a 8 de Julho de 1722, com Jeronymo de Castilho, como diremos no Capit. XXIV. §. II. do Livro XIII. = D. ANTONIA ROSA DE CAS-

CASTRO, que nasceo a 23 de Setembro de 1708, e casou com seu tio Bernardo Freire, como acima se disse. ⁝⁝ D. ANNA DE CASTRO, que nasceo a 11 de Agosto de 1713.

* 17 JOAÕ CORREA DE LACERDA, servio na guerra, foy Capitaõ de Cavallos, e depois Mestre de Campo, e ultimamente Governador do Castello de Outaõ na Praça de Setuval. Casou com D. Luiza Fontoura Carneiro, Açafata da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, filha de Diogo Carneiro Fontoura, Porteiro da Camera delRey D. Pedro II. e de D. Catharina Fontoura sua mulher, e prima, e teve a D. ISABEL DE CASTRO, que casou primeira vez em 30 de Agsto de 1704, com seu primo com irmaõ Luiz Francisco Correa de Lacerda, e a sua successaõ fica escrita, a pag. 835 do Tom. X. Casou segunda vez com D. Rodrigo de Lencastre, como se disse no Capitulo XX. do Liv. XI. donde se póde ver a sua descendencia. ⁝⁝ D. FRANCISCA DE CASTRO nasceo a 10 de Dezembro, de 1689, esteve recolhida no Mosteiro de Santos, e casou com D. Francisco Estevaõ Xavier da Camera, como dissemos a pag. 585 do Tom. X. e D. CATHARINA, que nasceo a 15 de Dezembro de 1690, e faleceo sem estado.

* 15 D. JORGE HENRIQUES, filho de D. Henrique Henriques, e de D. Maria de Aragaõ, succedeo a seu pay, e foy V. Senhor das Alcaçovas, por morte de seu meyo irmaõ D. Joaõ Henriques. Casou

duas

duas vezes, a primeira com D. Catharina Brandoa, filha de Antonio Velho Tinouco, Governador de Cabo-Verde, Commendador da Conceiçaõ de Lisboa na Ordem de Christo, e de sua mulher D. Valentina Brandoa; e a segunda com D. Maria de Menezes, filha de D. Alvaro da Sylveira, e de sua mulher D. Brites Mexia, de quem naõ teve geraçaõ: e de sua primeira mulher teve a D. Henrique Henriques, com quem se continúa. ⫶ D. Valentina, Freira em o Mosteiro de Sacavem da primeira Regra de Santa Clara. ⫶ D. Anna, na Madre de Deos de Lisboa, tambem da primeira Regra de Santa Clara. ⫶ D. Henrique Henriques, foy VI. Senhor das Alçovas, casou com D. Maria Luiza Pereira de Menezes e Faria, filha de Braz Pereira de Miranda, e de D. Juliana de Menezes sua mulher, e tiveraõ D. Jorge Henriques, VII. Senhor das Alcaçovas, que casou com D. Magdalena de Borbon, e a sua descendencia fica escrita a pag. 855 do Tom. X. ⫶ D. Juliana Henriques, que morreo moça. ⫶ D. Antonia Caetana Henriques, recolhida na Encarnaçaõ de Lisboa, onde morreo a 16 de Abril de 1738. ⫶ D. Valentina Henriques, Freira no dito Mosteiro.

§. III.

13 D. Leonor de Milá, primeira filha de D. Nuno Manoel, Senhor de Salvaterra, e de D. Leo-

Leonor de Milá sua primeira mulher. Casou com Nuno Rodrigues Barreto, Alcaide môr de Faro, e Védor da Fazenda do Reyno do Algarve, filho de Ruy Barreto, Alcaide môr de Faro, e Védor da Fazenda do Algarve, Senhor da Quarteira, irmaõ de D. Isabel de Mello Barreto, mãy de D. Leonor de Castro, Marqueza de Lombay, mulher do Marquez D. Francisco de Borja, IV. Duque de Gandia, e III. Geral da Companhia, a quem a Igreja venera Santo com gloriosa, e esclarecida posteridade; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes: * 14 RUY BARRETO, com quem se continúa. = GONÇALO NUNES BARRETO, que foy Alcaide môr de Loulé, e Commendador de Mejaõ-Frio na Ordem de Christo, Senhor do Morgado da Quarteira; acompanhou a ElRey D. Sebastiaõ a Africa, e morreo na batalha de Alcacer a 4 de Agosto de 1578. Casou com D. Margarida de Mendoça, filha de D. Francisco de Sousa, Senhor das Quintas de Calhariz, e Monfalim, e de D. Brites de Mendoça, filha herdeira de Francisco de Mendoça, Alcaide môr de Mouraõ, Capitaõ de Ormuz, e de sua mulher D. Leonor de Almeida, que depois foy mulher de D. Rodrigo de Mello, I. Marquez de Ferreira, e filha do grande D. Francisco de Almeida, I. Vice-Rey da India; e tiveraõ NUNO RODRIGUES BARRETO, que sendo moço mataraõ em Madrid sem ter casado. = D. BRITES DE ARAGAÕ, Dama da Rainha D. Margarida de Austria: foy muy discreta; naõ casou, e costumava dizer, que

o naõ fazia por naõ ter ſofrimento para ſofrer hum homem. Fundou duas Cellas com renda para dous Monges nos Cartuxos de Laveiras. ⵗ D. LEONOR, Freira em Santa Clara de Coimbra. ⵗ FRANCISCO BARRETO morreo na batalha de Alcacer em Africa no anno de 1578, ſendo muy moço, e de grandes eſperanças. ⵗ D. FRANCISCA DE ARAGAÕ, Dama da Rainha D. Catharina, que caſou com D. Joaõ de Borja, como ſe verá adiante. ⵗ D. JOANNA DE ARAGAÕ caſou com Joaõ de Mendoça, e a ſua ſucceſſaõ ſe dirá adiante. ⵗ D. BRITES DE ARAGAÕ, que foy ſegunda mulher de Ayres Telles de Menezes, que na India foy Capitaõ de Dio, e ſe achou depois na batalha de Alcacer com ElRey D. Sebaſtiaõ no anno de 1578, onde foy cativo, e pouco depois de reſgatado, morreo; e era filho de André Telles da Sylva, Alcaide môr da Covilhãa, Mordomo môr do Infante D. Luiz, Commendador na Ordem de Chriſto, Embaixador em Caſtella, e de D. Brites Coutinho, filha de Ruy Dias de Souſa, chamado o Cid, Commendador, e Capitaõ General de Alcacer Seguer; porém deſte matrimonio naõ houve ſucceſſaõ. ⵗ D. BRANCA DE VILHENA caſou com D. Joaõ de Caſtello-Branco, e a ſua deſcendencia ſe verá adiante. ⵗ D. MARIA DE ARAGAÕ caſou com D. Joaõ da Coſta, Commendador da Ordem de Aviz, e Padroeiro do Collegio de Santo Antaõ, da Ordem de Santo Agoſtinho, de quem foy terceira mulher, e naõ houveraõ ſucceſſaõ. ⵗ D. JERONYMA DE ARAGAÕ caſou

Caſa de Sylva, tom. 2. liv. 9. cap. 25. pag. 394.

casou com seu primo com irmaõ Ruy Barreto, Commendador de Rodaõ na Ordem de Christo, de quem foy segunda mulher sem successaõ.

* 14 Ruy Barreto foy Alcaide môr de Faro, Senhor da Quarteira. Casou com D. Brites de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, Capitaõ de Tangere, onde foy morto em hum combate com os Mouros, e de D. Branca de Vilhena sua mulher, e prima, filha de seu tio D. Henrique de Menezes, Capitaõ de Tangere, Governador da Casa do Civel, irmaõ de seu pay D. Duarte de Menezes, Senhor da Casa de Tarouca, Capitaõ de Tangere, e V. Governador da India, filhos de Dom Joaõ de Menezes, I. Conde de Tarouca, e Prior do Crato, &c. e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes: Nuno Rodrigues Barreto succedeo na Casa de seu pay: foy Alcaide môr de Faro, e Senhor do Morgado da Quarteira; e por ser de pouco juizo, passou o Morgado a seu irmaõ: naõ casou, nem teve filhos. = D. Branca de Vilhena, que morreo sem estado. = Francisco Barreto foy Senhor do Morgado da Quarteira, e da mais Casa de seus avós, em que succedeo a seu irmaõ. Quando seu primo Dom Fernando de Borja passou por Vice-Rey de Perú, foy na sua companhia, e naquelle Reyno foy Governador de Calhao: naõ casou, e teve de huma mulher principal natural da Nova Espanha a

16 Francisco Barreto de Menezes, Commendador na Ordem de Christo, e de huma das da

Casa da India nos Direitos da Avintena de Sofala, que depois de ter servido na guerra de Alentejo, foy por Mestre de Campo General ao Estado do Brasil, e restaurou a Capitanìa de Pernambuco do poder dos Hollandezes, de quem alcançou gloriosas vitorias, lançando-os fóra daquella Capitanìa no anno de 1649. Estes relevantes serviços tiveraõ por despacho, entre outras merces, a do titulo de Conde, que se verificou em sua filha. Foy do Conselho de Guerra, e Presidente da Junta do Commercio: morreo a 24 de Janeiro de 1688. Casou duas vezes; a primeira em 13 de Julho de 1665 com D. Maria Francisca de Sá, viuva de D. Antonio de Castro, Senhor da Casa de Basto: foy Senhora de Honor da Rainha D. Luiza, e filha de D. Francisco de Sá e Menezes, II. Conde de Penaguiaõ, Camereiro môr, &c. e da Condessa D. Brites de Lima sua segunda mulher, filha de D. Luiz Lobo, Senhor de Sarzedas; a qual era viuva de Nuno Alvares Botelho, Governador da India, de quem teve

Portugal Restaurado, tom. 1. *Castrioto Lusitano*. *Historia da America*, liv. 5. pag. 322. e 333.

17 D. ANTONIA MARIA FRANCISCA BARRETO DE SA', que foy Senhora da Casa de seu pay, I. Condessa do Rio Grande, Senhora em quem concorreraõ grandes virtudes, e gravidade; porque mereceo respeito, e estimaçaõ entre as mesmas Senhoras de seu tempo. Casou em Outubro de 1684 com Lopo Furtado de Mendoça, Commendador de Loulé, e por sua mulher Conde do Rio Grande. Começou a servir desde a idade de treze annos na Praça de Mazagaõ, que governava seu tio Christovaõ de Almada com

com tanto fervor, que do ſeu deſtemido animo deu naquella Praça repetidas provas com grande louvor dos Cavalleiros exercitados naquelle modo de guerra com os Mouros. Depois continuando o ſerviço na paz, foy Meſtre de Campo dos Terços do Algarve, Setuval, e do da Armada Real, com que embarcou muitas vezes nas Armadas, com que ſahia a guardar a Coſta; e ultimamente Almirante da Armada Real, feito no anno de 1702. Rota a guerra com Caſtella no anno de 1704, naõ ſofrendo o animo do Conde deixar de ſe achar na Campanha, aonde as occaſiões eraõ infalliveis, e no mar naõ tinha exercicio pela graduaçaõ do ſeu poſto, alcançou licença delRey D. Pedro II. para ſervir na terra; e para ter exercicio na Campanha lhe deu o poſto de General de Batalha na Provincia de Alentejo, retendo o de Almirante: ſervio na guerra, e achando-ſe em occaſiões de honra, em que o ſeu valor ſe diſtinguio, foy depois nomeado Conſelheiro de Guerra. No anno de 1716, em que ElRey D. Joaõ V. movido das inſtancias do Papa Clemente XI. mandou em ſoccorro da Igreja huma Eſquadra ao Levante, embarcou o Conde do Rio por General da Eſquadra, como Almirante da Armada Real; mas quando chegou àquelles mares, já ſe tinha retirado a Armada do Turco; porém no ſeguinte anno de 1717 tornou a meſma Eſquadra, e combatendo com a Armada do Turco com grande fortuna no Cabo de Matapan, conſeguio o Conde naõ menos gloria pela diſpoſiçaõ com que ordenou

o

o combate da ſua Eſquadra, do que pelo valor com que a ſua náo peleijou com grande reputaçaõ das noſſas Armas, e perda dos Turcos, como diſſemos no Capitulo VI. do Livro VI. O Papa por hum Breve lhe agradeceo com muitas expreſſoens o que havia obrado em ſerviço da Igreja. Recolhido o Conde a Lisboa com a ſua Eſquadra inteira, em que ſe viaõ os ſinaes da peleija, e da vitoria, ElRey o honrou muito, como merecia huma taõ ſinalada occaſiaõ, e lhe fez merce por gratificaçaõ da Commenda de Borba da Ordem de Aviz. Havia ſervido o Conde alguns annos de Capitaõ da Guarda de S. Mageſtade na menoridade de D. Luiz Innocencio de Caſtro, naõ havendo tempo, em que naõ ſe empregaſſe em o ſerviço da Coroa com grande reputaçaõ ſempre. Faleceo a 20 de Novembro de 1730. Mandou-ſe ſepultar por devoçaõ na Igreja das Chagas. Foy o Conde ſobre valeroſo, muito bizarro, deſembaraçado, e galante; muy aceito, e favorecido delRey D. Pedro II. que o eſtimou muito, ſendo hum dos Senhores da ſua confiança. Havia naſcido no anno de 1661, e a 7 de Fevereiro ſe lhe puzeraõ os Santos Oleos na Fregueſia de Santa Catharina, como ſe vê no livro dos aſſentos dos bautizados. Deſte matrimonio foy unico

18 JOSEPH ANTONIO BARRETO FURTADO DE MENDOÇA E MENEZES, que naſceo em o anno de 1688; e ſentando Praça no Regimento da Armada, foy Capitaõ de Infantaria, e depois de Cavallos na

Pro-

Provincia de Alentejo, posto com que servio na guerra juntamente com seu pay, a quem começando a seguir no ardor Militar, morreo na flor da idade em 2 de Agosto de 1707. Casou segunda vez Francisco Barreto de Menezes com D. Margarida Juliana de Tavora, que ficando viuva, foy mulher de Pedro Mascarenhas, depois Conde de Sandomil, filha de Francisco Botelho de Tavora, I. Conde de S. Miguel, e de sua mulher D. Cecilia de Tavora, de quem teve entre outros filhos, que morrerão de curta idade a 17 D. Cecilia de Menezes, que com heroica resolução deixando a Casa de seus pays, foy pedir o Habito das Descalças da Madre de Deos da primeira Regra de Santa Clara, e foy Abbadessa daquelle Real Mostèiro. 17 D. Theresa, recolhida no Mosteiro da Encarnação de Lisboa, onde faleceo; e D. Isabel, que tambem faleceo sem Estado.

* 14 D. Francisca de Aragaõ, Dama da Rainha D. Catharina, e primeira filha de Nuno Rodrigues Barreto, Alcaide môr de Loulé, e de D. Margarida de Mendoça sua mulher; casou com D. Joaõ de Borja, de quem foy segunda mulher, Conde de Ficalho em Portugal, que foy Védor da Fazenda, Commendador de Azuaga, e Treze da Ordem de Santiago em Hespanha, Embaixador a Alemanha, do Conselho de Estado, Mordomo môr da Emperatriz Maria, mulher do Emperador Maximiliano II. e da Rainha D. Maria, mulher delRey Filippe III. de Castella. Era segundo filho de S. Francisco de Borja, Preposito

fito Geral da efclarecida Companhia de JESUS, Duque de Gandia, Marquez de Lombay, Commendador de la Reyna, Vice-Rey de Catalunha, Eftribeiro mòr da Emperatriz D. Ifabel; e morrendo no primeiro de Outubro de 1572, foy beatificado pelo Papa Urbano VIII. a 24 de Novembro de 1624, e depois canonizado por Clemente X. em 12 de Abril de 1671; e de fua mulher D. Leonor de Caftro, Dama da Emperatriz D. Ifabel, que morreo Marqueza de Lombay a 27 de Março de 1546. Era filha de D. Alvaro de Caftro, Senhor do Morgado do Torraõ, e de D. Ifabel de Mello fua mulher, filha de Nuno Rodrigues Barreto, Alcaide mòr de Faro. Defta uniaõ de D. Joaõ de Borja, e de D. Joanna de Aragaõ fua fegunda mulher, nafceraõ os filhos feguintes:

14 D. Francisco de Borja e Aragaõ, Conde de Mayalde, Commendador de Azuaga, Vice-Rey do Perú, que morreo em 25 de Outubro de 1658, havendo cafado com D. Anna Borja e Aragaõ, V. Princeza de Efquilache, Condeffa de Simari, filha de D. Pedro de Borja e Aragaõ, IV. Principe de Efquilache, Conde de Simari, e da Princeza Dona Ifabel Pinhatello fua primeira mulher, filha de Dom Heytor Pinhatello, II. Duque de Monteleaõ, III. Conde de Borrelo, e de fua fegunda mulher a Duqueza Emilia Vintimiglia; e defte matrimonio nafceraõ D. Joaõ de Borja, Conde de Simari, morreo moço. = D. Maria de Borja e Aragaõ, VI.

Prin-

Princeza de Eſquilache, &c. caſou com ſeu tio Dom Fernando de Borja, Commendador mòr de Monteſa, de quem adiante ſe dirá. = D. FRANCISCA MARIA DE BORJA E ARAGAÕ, que foy bautizada a 12 de Abril de 1611, e caſou com D. Franciſco Caſtelvi, II. Marquez de Laconi ſem ſucceſſaõ.

* 15 D. CARLOS DE BORJA, II. Conde de Ficalho, adiante.

* 15 D. FERNANDO DE BORJA, Commendador môr de Monteſa: caſou com a Princeza de Eſquilache D. Maria de Borja e Aragaõ, como ſe dirá adiante; o qual teve natural a D. Franciſco de Borja, Capellaõ môr das Deſcalças de Madrid, eleito Biſpo de Badajoz, e Oſma, e morreo a 16 de Fevereiro de 1685.

15 D. ANTONIO DE BORJA, que ſeguio a vida Eccleſiaſtica. Foy Collegial de S. Bartholomeu de Salamanca, Chantre da Igreja de Toledo, Sumilher da Cortina delRey Filippe III. e morreo em o anno de 1615.

* 15 D. CARLOS DE BORJA, II. Conde de Ficalho, filho ſegundo, foy pelo ſeu caſamento Duque de Villa-Hermoſa, Conde de Ribagorça, do Conſelho de Eſtado, e Preſidente do Conſelho de Portugal em Madrid. Caſou com D. Maria Luiza de Aragaõ, VII. Duqueza de Villa-Hermoſa, Condeſſa de Ribagorça, filha herdeira de D. Fernando de Aragaõ, VI. Duque de Villa-Hermoſa, Conde de Ribagorça, &c. que faleceo a 6 de Novembro de 1592, havendo

vendo casado com Dona Joanna Wernstein, filha de Vratislao, Baraõ Livre de Wernstein, Cavalleiro do Tosaõ, Graõ Chanceller de Bohemia; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes: D. FERNANDO DE BORJA E ARAGAÕ, VIII. Duque de Villa-Hermosa, com quem se continúa. ≖ D. CARLOS DE BORJA E ARAGAÕ morreo menino. ≖ D. FRANCISCO DE BORJA E ARAGAÕ, Cavalleiro da Ordem de Santiago, e do Conselho de Ordens. ≖ SOROR JOANNA DO ESPIRITO SANTO. ≖ SOROR MARIA DA CONCEIÇAÕ, ambas Freiras nas Descalças de Madrid. ≖ D. JOAÕ DE BORJA E ARAGAÕ, que foy General da Cavallaria de Flandres, Gentil-homem da Camera de S. Magestade Catholica. Casou com D. Theresa Antonia Manrique de Mendoça, VII. Marqueza de Canhete; e depois de celebrada esta uniaõ IX. Duqueza de Naxera, e Maqueda, Condessa de Trevinho, e de Valença, Marqueza de Elche, e de Belmonte; a qual era viuva, já havia casado duas vezes; a primeira com D. Fernando de Faro, VI. Senhor de Vimieiro, como fica escrito a pag. 152. e 639. do Tom. IX. e a segunda com D. Joaõ Antonio de Torres e Portugal, III. Conde de Villardompardo, Senhor de Escanhuela, e de Fuensomera, Alferes môr de Jaen: e havendo-se celebrado este terceiro casamento por procuraçaõ, e estando seu esposo occupado no serviço de S. Magestade Catholica, morreo esta Senhora a 17 de Fevereiro de 1657, antes de que pudessem viver juntos, e elle faleceo depois. Era filha

Casa de Lara, tom. 2. liv. 8. cap. 16.

lha de D. Joaõ Furtado de Mendoça, e de D. Maria Manrique de Cardenas, V. Marquezes de Canhete: antes tinha havido D. Joaõ de Borja fóra de matrimonio a D. CARLOS DE BORJA E ARAGAÕ, Gentilhomem da Camera de S. Mageſtade Catholica ſem exercicio, que caſou com D. Antonia de Navarra e Velaſco, Marqueza de Cabrega, Senhora de Coſcorita, e Silanes, viuva de D. Joſeph de Gurrea, Marquez de Navarres, Veador da Caſa delRey; a qual era filha de Dom Pedro de Navarra, I. Marquez de Cabrega, Viſconde de Vilhalva, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Gentil-homem da boca delRey D. Filippe IV. de Caſtella, e Veador da Rainha Dona Maria Anna de Auſtria, e de D. Brites de Velaſco Oſorio, Senhora de Coſcorita; porém de nenhum deſtes matrimonios teve ſucceſſaõ, e D. Carlos mudando de eſtado, ſe fez Clerigo de Miſſa.

* 16 D. FERNANDO DE GURREA ARAGAÕ E BORJA, filho primogenito de D. Carlos, Conde de Ficalho, e da Duqueza de Villa-Hermoſa, ſuccedeo nos Eſtados de ſua mãy, e na Caſa de ſeu pay, e foy VIII. Duque de Villa-Hermoſa, Grande de Heſpanha, Conde de Ficalho, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Gentil-homem da Camera de Sua Mageſtade Catholica. Caſou duas vezes, a primeira com Dona Luiza de Aragaõ, Condeſſa de Luna, filha de Dom Franciſco Gurrea, Conde de Luna; e ſegunda vez com D. Maria da Sylva, viuva de D. Gaſpar Ladron de Villa-Nova e Ferrer, III. Conde de Sinarcas, Viſ-

Caſa de Sylva, tom. 2. liv. 10. cap. 1,

conde de Chelva, Senhor das Baronîas de Sot, e Quartell: era filha de D. Diogo da Sylva Mendoça e Portugal, I. Marquez de Orani, &c. porém deste matrimonio naõ teve successaõ; e de sua primeira mulher teve os dous filhos seguintes: D. MANOEL DE GURREA ARAGAÕ E BORJA, Conde de Luna, que morreo primeiro, que seu pay sem successaõ no anno de 1653, havendo casado com sua prima Dona Francisca de Borja e Aragaõ, Princeza de Esquilache.

= D. CARLOS DE ARAGAÕ BORJA ALAGON E GURREA, IX. Duque de Villa-Hermosa, Conde de Luna, de Sastago, e Ficalho, Senhor das Baronîas de Pedrola, Ersa, e Pina, Cavalleiro do Tosaõ de Ouro, Gentil-homem da Camera delRey, do Conselho de Estado, Vice-Rey de Catalunha, e Governador de Flandres, que morreo sem successaõ a 14 de Agosto de 1692, sendo casado com D. Maria Henriques de Gusmaõ, que morreo em Julho de 1695, filha de D. Luiz, IX. Conde de Alva de Liste, e da Condessa D. Hypolita de Cordova; e deixando por seus herdeiros universaes aos Padres da Companhia, se lhe oppuzeraõ os parentes com hum pleito, que correo no Conselho Real de Aragaõ, cujo successo ignoramos.

* 16 D. MARIA DE BORJA E ARAGAÕ, filha de D. Francisco de Borja, Principe de Esquilache, Conde de Mayalde, e da Princeza Anna de Borja, como fica dito. Foy VI. Princeza de Esquilache, Condessa de Mayalde, e de Simari. Casou com seu tio D. Fernando

nando de Borja, Commendador môr da Ordem de Montesa, e por este matrimonio Principe de Esquilache. Foy Vice-Rey de Valença, e Aragaõ, Estribeiro môr delRey Filippe IV. e da Rainha, Sumilher de Corps do Principe D. Balthasar, e morreo a 28 de Novembro de 1665; e tendo havido filhos de hum, e outro sexo, veyo a ser herdeira sua filha.

17 D. FRANCISCA DE BORJA E ARAGAÕ, que foy VII. Princeza de Esquilache, Condessa de Mayalde, e de Simari, que morreo a 23 de Novembro de 1695. Casou duas vezes, a primeira com D. Manoel de Aragaõ, Conde de Luna seu sobrinho sem successaõ. Casou segunda vez com D. Francisco Idiaquez Butron, e Moxica, IV. Duque de Ciudad Real, Conde de Aramayona, Marquez de S. Damiaõ, Vice-Rey de Catalunha, e Capitaõ General do Mar Oceano, que morreo a 30 de Setembro de 1687, tendo havido deste matrimonio o filho, e filha seguintes:

18 D. FRANCISCO IDIAQUEZ DE BORJA BUTRON E MOXICA, IV. Duque de Ciudad Real, VIII. Principe de Esquilache, Conde de Aramayona, Simari, e Mayalde. Casou em 19 de Julho de 1682 com Dona Francisca de Gusmaõ, Condessa de Villa Umbrosa, filha de D. Pedro de Gusmaõ, III. Marquez de Montealegre, e de D. Maria Petronilha Ninho de Porres Henriques e Gusmaõ, III. Condessa de Villa Umbrosa, e Castro-Novo, Marqueza de Quintana; a qual casou segunda vez com D. Diogo Fernando de Cordova, Marquez de Santilhan, irmaõ do

do VIII. Duque de Seſſa: porém o Duque D. Franciſco morreo ſem ſucceſſaõ, e lhe ſuccedeo nos ſeus Eſtados ſua irmãa.

18 D. Joanna Maria Idiaquez de Borja, IX. Princeza de Eſquilache, V. Duqueza de Ciudad Real, Condeſſa de Simari, de Aramayona; a qual morreo em 12 de Agoſto de 1712, havendo caſado duas vezes, a primeira a 21 de Mayo de 1685 com D. Antonio Pimentel de Ibarra, IV. Marquez de Tarracena, que morreo a 18 de Fevereiro de 1686 com a ſucceſſaõ ſeguinte. Caſou ſegunda vez a 24 de Fevereiro de 1692 com D. Manoel Pimentel, IV. Marquez de Malpica, e de Piovar, e Mirabel, de quem já fizemos memoria no Capitulo II. do Liv. IX. pag. 92. do Tom. X. ſem ſucceſſaõ; e de ſeu primeiro marido teve

19 D. Maria Antonia Pimentel de Borja, X. Princeza de Eſquilache, VI. Duqueza de Ciudad Real, V. Marqueza de Tarracena, e S. Damiaõ, Condeſſa de Simari, e de Aramayona, que naſceo em Agoſto de 1686, e caſou no anno de 1701 com D. Luiz de Borja, Commendador de Sagra, e Canet Caſtellaõ de Anvers, filho dos IX. Duques de Gandia, como fica eſcrito no Capitulo II. do Livro IX. §. III. pag. 79. do Tom. X.

Salazar de Caſtro, *Caſa de Lara*, tom. 1. liv. 2. cap. 13. pag. 106. e *Caſa Farneſe*, pag. 567.

* 14 D. Joanna de Aragaõ, filha ſegunda de Nuno Rodrigues Barreto, Senhor da Quarteira, e de Dona Leonor de Milá ſua mulher. Caſou com Joaõ de Mendoça, que no anno de 1548 foy por Capitaõ

pitaõ môr da Armada da India com o despacho de Malaca, e depois foy Governador da India no anno 1564 por successaõ das Vias, que lhe durou poucos mezes. Era filho quarto de Antonio de Mendoça, Commendador das Commendas de Veiros, Cano, e Serpa na Ordem de Aviz, descendente por varonia da antiquissima Familia de Mendoça, sexto neto de Fernaõ Furtado, ou Fernaõ Iniguez de Mendoça (como lhe chama o Principe da Genealogia) que passou a Portugal, filho de D. Inigo Lopes de Mendoça, Senhor desta Casa, e IV. de Lodio, e Zaiteguini, Rico-homem, que se achou na batalha das Navas; e de sua mulher D. Leonor Furtado, Senhora de Mendivil, filha de Fernaõ Peres de Lara, chamado *Furtado*, Rico-homem, Senhor de Escarrona, &c. Mordomo môr delRey D. Sancho o Desejado, irmaõ uterino delRey D. Affonso VII. o Emperador, como filho da Rainha D. Urraca de Castella, e de D. Pedro Gonçalves de Lara, Senhor desta Casa, Conde de Lara, de Medina de la Torre, e de Mormojon, Duenhas, e Tariego: cuja filiaçaõ refere D. Luiz de Salazar, afiançada em Authores graves, e naõ vulgares fundamentos: naõ era menos esclarecido o nascimento de Fernaõ Furtado por seu pay, pois era quinto neto do Conde D. Inigo Lopes, VI. Senhor Soberano de Viscaya, donde se derivou a illustre Familia de Mendoça. Deste matrimonio nasceo unico

15 NUNO DE MENDOÇA, I. Conde de Val de Reys, Commendador das Commendas de S. Lourenço

renço da Villa de Covo, Santo André de Trazela, e S. Miguel de Armamar, Governador de Tangere, Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, eleito Vice-Rey da India, que naõ aceitou, e ultimamente Governador de Portugal com D. Antonio de Ataide, Conde de Castro Dairo. Casou com D. Giomar da Sylva, filha de Luiz da Sylva Telles e Menezes, Senhor de Lamarosa, Commendador de N. Senhora de Campanhãa na Ordem de Christo, e de D. Isabel Pereira de Miranda e Berredo, filha de Francisco Pereira de Miranda e Berredo, Capitaõ de Chaul; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes: JOAÕ DE MENDOÇA, que tomou o Habito dos Eremitas de Santo Agostinho, onde acabou a vida. ⁐ LOURENÇO DE MENDOÇA, com quem se continúa. ⁐ LUIZ DE MENDOÇA, que foy Commendador na Ordem de Christo: servio na India, e morreo no combate do grande Nuno Alvares Botelho no anno de 1626. Casou naquelle Estado com Dona Anna de Mendoça, filha de Luiz Falcaõ, e de D. Isabel de Azevedo; de quem teve MANOEL DE MENDOÇA, que tendo casado com D. Antonia de Castro, que depois foy mulher de D. Pedro Henriques, naõ teve geraçaõ, e a D. CATHARINA DE MENDOÇA, que casou com André Telles de Menezes. ⁐ ANTONIO DE MENDOÇA estudou Canones em Coimbra, e foy Porcionista do Collegio Real de S. Paulo, em que entrou a 13 de Novembro de 1616, Deputado do Santo Officio da Inquisiçaõ de Lisboa, e da de Coimbra,

bra, em que tomou juramento a 23 de Abril de 1626, Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, Sumilher da Cortina, Commissario Geral da Cruzada, de que tomou posse a 6 de Março de 1635, lugar que occupou trinta e seis annos, Bispo nomeado de Lamego pelo Senhor Rey Dom Joaõ IV. que o fez Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, em que entrou a 20 de Abril de 1654; e lhe deu a administraçaõ do Morgado da Quarteira, que era de seu avô, por ficar em Castella Dom Fernando de Borja, Principe de Esquilache, seu primo com irmaõ, em quem recahira a Casa dos Barretos. Na Regencia da Rainha Dona Luiza foy hum dos Deputados da Junta dos Tres Estados, e eleito Arcebispo de Braga. ElRey D. Affonso VI. o fez seu Conselheiro de Estado, e Ministro do Despacho: e succedendo na Regencia do Reyno o Principe Dom Pedro, o conservou na mesma occupaçaõ, e o nomeou Arcebispo de Lisboa em Setembro de 1668, de que tirando Bullas Apostolicas, tomou posse em 27 de Junho de 1669 por seu Procurador o Doutor Estevaõ Brioso de Figueiredo, Vigario Geral de Lisboa, e depois Bispo de Pernambuco, e do Funchal. Governou a Metropolitana Igreja de Lisboa com grande zelo; e pela jurisdicçaõ della teve vigorosas contendas com o Capellaõ mòr Luiz de Sousa, a quem depois dizia, que elle lhe havia de succeder na mesma Igreja; e que todas aquellas contendas, de que fora vencedor, eraõ, e redundavaõ em seu pro-

veito. Foy Ministro integerrimo, e de grande authoridade, como mostrou em todos os grandes lugares, que occupou. Morreo de quasi oitenta annos em 14 de Fevereiro de 1675. Nas suas Exequias prégou D. Fr. Luiz da Sylva, Bispo de Titiopoli, que depois o foy de Lamego, e da Guarda, e ultimamente Arcebispo de Evora. = FRANCISCO DE MENDOÇA, que seu pay teve fóra do matrimonio, e foy Religioso Eremita de Santo Agostinho, em quem concorreraõ muitas partes, que o fizeraõ merecedor de ser Prégador da Magestade delRey D. Joaõ IV.

* 16 LOURENÇO DE MENDOÇA, foy Commendador de Fuzello na Ordem de Christo; morreo em vida de seu pay. Casou com Dona Maria de Ataide de Noronha, filha de D. Francisco Luiz de Noronha e Albuquerque, VIII. Senhor de Villa-Vircude, e de D. Catharina de Sousa sua sobrinha, filha herdeira de D. Manoel de Sousa e Tavora, e de D. Brites de Noronha, filha de D. Pedro de Noronha, VII. Senhor de Villa-Verde; de quem teve, entre outros, a NUNO DE MENDOÇA, II. Conde de Val de Reys; e a sua successaõ deixamos escrita no §. IV. Capitulo IV. do Livro X. pag. 677 do Tomo X.

* 18 D. BRANCA DE VILHENA filha de D. Leonor de Milá, e de Nuno Rodrigues Barreto, Alcaide môr de Faro. Casou com D. Joaõ de Castellobranco, Commendador de Aljesur na Ordem de Santiago, e Senhor da Aposentadoria de Lisboa, e Santarem, que vendeo ao Aposentador môr Lourenço de

de Sousa da Sylva seu sobrinho: foy Governador do Algarve, e do Conselho de Estado delRey D. Sebastiaõ. Era filho terceiro de D. Martinho de Castellobranco, I. Conde de Villa-Nova de Portimaõ, Védor da Fazenda dos Reys D. Affonso V., D. Joaõ II. e D. Manoel, Camereiro mòr delRey D. Joaõ III. e Regedor das Justiças, &c. e da Condessa D. Mecia de Noronha. Tinha sido D. Joaõ de Castellobranco casado outra vez com D. Catharina Barreto; e a segunda com D. Branca de Vilhena, de quem teve os filhos seguintes: D. MANOEL DE CASTELLOBRANCO, II. Conde de Villa-Nova, adiante. ⵘ D. LUIZ DE CASTELLOBRANCO, que morreo menino. ⵘ D. MARIA DE ARAGAÕ, que morreo sem estado. ⵘ D. ANTONIA, e D. JERONYMA, que morreraõ meninas. ⵘ D. LEONOR DE MILÀ, de que logo se farà mençaõ. ⵘ D. MAGDALENA DE MILÀ, Religiosa no Mosteiro da Esperança de Lisboa, da Ordem Serafica, onde foy tres vezes Abbadessa. ⵘ D. BRITES DE MILÀ, ⵘ D. FRANCISCA DE MILA, duas vezes Abbadessa, ⵘ DONA ANNA DE MILÀ, todas Religiosas na Esperança de Lisboa. ⵘ D. JOANNA DE MILÀ, Freira em o Mosteiro de Odivellas, da Ordem de S. Bernardo.

15 D. LEONOR DE MILÀ, que casou com seu primo com irmaõ D. Diogo de Castellobranco, que morreo no anno de 1578 na infelice batalha de Alcacere com ElRey D. Sebastiaõ: era filho segundo de Dom Francisco de Castellobranco, Senhor da

Caſa de Villa-Nova de Portimaõ, e Camereiro mòr delRey D. Joaõ III. lugar que largou a ſeu cunhado Joaõ Rodrigues de Sá, Senhor de Sever, quando entendeo, que o dito Rey lhe diminuìa o favor, que lhe fazia, e naõ goſtava da ſua peſſoa; o qual era irmaõ inteiro de D. Joaõ de Caſtellobranco acima; e deſte matrimonio naſceraõ eſtes filhos: 16 D. Francisco de Castellobranco, e D. Mecia, que morreraõ de tenra idade. = D. Branca de Vilhena, que foy herdeira da Caſa de Villa-Nova, e caſou com ſeu tio D. Manoel de Caſtellobranco, II. Conde de Villa-Nova, como logo ſe dirá. = D. Maria de Vilhena, Freira em o Moſteiro de Odivellas. = D. Maria de Vilhena, Freira em o Moſteiro da Eſperança. = D. Maria de Milà, que morreo ſem ter elegido eſtado.

* 15 D. Manoel de Castellobranco, que foy II. Conde de Villa-Nova, do Conſelho de Eſtado, e Eſcrivaõ da Puridade; e como tal aſſiſtio nas Cortes, que ſe celebraraõ em Lisboa no anno de 1619. ElRey Filippe II. lhe fez merce do titulo de Conde de juro, diſpenſando huma vez na Ley Mental: Varaõ erudìto, prudente, e Chriſtaõ, com grande applicaçaõ às Mathematicas, e Genealogia, de que eſcreveo livros; e imprimio no anno de 1623 hum livro de Arvores de Coſtados dos Titulos, que entaõ havia neſte Reyno, que conſervamos entre outros. Caſou com ſua ſobrinha D. Branca de Vilhena, que veyo a ſer herdeira do Morgado da Povoa,

voa, e Casa de Villa-Nova, filha de D. Diogo de Castellobranco, e de sua irmãa D. Leonor de Milá, de que acima tratamos; e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes: * 16 D. GREGORIO THAUMATURGO DE CASTELLOBRANCO, III. Conde de Villa-Nova, adiante. = D. MARTINHO DE CASTELLOBRANCO, que foy Conego da Sé de Lisboa, e depois Carmelita Descalço, donde se mudou para o Carmo Calçado. = DOM DIOGO DE CASTELLOBRANCO, que passou à India no anno de 1624; e morreo solteiro, sem geração. = D. MARIA DE VILHENA, que veyo a ser herdeira da Casa; e foy segunda mulher de D. Luiz da Sylveira, III. Conde de Sortelha, como deixamos escrito no Capitulo XIII. do Livro XI. §. II. pag. 212, onde se continúa a sua successão. = D. FRANCISCA DE ARAGÃO, Freira no Mosteiro da Esperança de Lisboa, onde se chamou D. Francisca da Conceição, Religiosa de virtude, e exemplar vida. = D. LEONOR DE ARAGÃO, Freira no dito Mosteiro, onde se chamou Leonor do Presepio. = D. BRANCA, e outros, que morrerão de tenra idade.

* 16 D. GREGORIO THAUMATURGO DE CASTELLOBRANCO, foy III. Conde de Villa-Nova de Portimão, e Senhor de toda a Casa de seu pay, e mãy; e por sua mulher Senhor da Casa de Sortelha, e Goes, e Guarda mòr da pessoa delRey, e foy o ultimo, que teve este grande officio no tempo do Senhor Rey D. João IV. Faleceo a 11 de Abril de 1662.

Casou

Casou com sua sobrinha D. Branca de Vilhena da Sylveira, que faleceo a 30 de Abril de 1649, herdeira da Casa de Sortelha, filha de D. Luiz da Sylveira, III. Conde de Sortelha, Guarda môr delRey; e de sua mulher a Condessa D. Maria de Vilhena sua irmãa, de quem naõ teve successaõ. Casou segunda vez com D. Guiomar de Castro, filha segunda de D. Francisco de Faro, VII. Conde de Odemira; e da Condessa D. Maria da Sylveira, Livro VIII. Capitulo XII. pag. 686 do Tomo IX. de quem naõ teve successaõ. Casou terceira vez com D. Marianna de Lencastre, filha de D. Lourenço de Lencastre, Commendador de Coruche; e de D. Ignes de Noronha, como fica dito no Capitulo XXII. Livro XI. pag. 335, de quem naõ teve successaõ.

Teve illegitimo

17 D. GREGORIO DE CASTELLOBRANCO, a quem seu pay nomeou a Commenda de S. Miguel de Tres Minas da Ordem de Christo, de grande rendimento, que por sua morte foy unida ao Estado da Casa de Bragança, por hum contrato, que Sua Magestade fez com o Principe, como Duque de Bragança, em recompensa de certas Igrejas, que se desuniraõ daquelle Padroado. Viveo no Porto, e casou com D. Francisca de Sousa e Ataide, filha de Diogo de Moura Coutinho, e de D. Anna de Sousa Guedes, e naõ tiveraõ geraçaõ.

§. IV.

§. IV.

13 D. MARIA DE ARAGAÕ, filha segunda de D. Nuno Manoel, Senhor de Salvaterra, e de D. Leonor de Milá sua primeira mulher. No anno de 1525 lhe fez ElRey D. Joaõ III. merce de humas Saboarias em Traz os Montes. Casou com D. Alvaro de Cordova, Senhor de Valençuela, Commendador de Havanilha em a Ordem de Calatrava, depois de Mora na de Santiago, Estribeiro môr delRey D. Filippe II. sendo Principe; e era filho de D. Diogo Fernandes de Cordova, III. Conde de Cabra, Visconde de Ysnagar, Senhor de Baena, Rute, Albendins, Alcaide môr de Alcalá a Real, e Governador de Castella no anno de 1490; e de sua segunda mulher D. Francisca de Zuniga e Lacerda, filha de D. Diogo de Zuniga, Commendador de Bastimentos em a Ordem de Santiago, e de D. Joanna de Lacerda e Castanheda, IV. Senhora de Vilhoria, e Valtablado, Ventosilha, la Palma, San Lucar, e Traspinedo, como escreve D. Luiz de Salazar; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

Haró, liv. 5. cap. 4. pag. 361.

Histor. da Casa de Lara, liv. 3. cap. 8. §. 3. pag. 191 do tom. 1.

* 14 D. ANTONIO DE CORDOVA E ARAGAÕ, com quem se continúa.

14 D. JOAÕ DE CORDOVA E ARAGAÕ, que foy Gentil-homem da Boca delRey Filippe II. e seu Embaixador em França; o qual teve, como escreve Haro, em D. Maria de Izaguirre, e Oquendo, donzella

zella principal, natural da Villa de Malagon, a D. ELENA MARIA DE ARAGAÕ E CORDOVA, que caſou com D. Franciſco Chiriboga e Horaa, Senhor da Caſa, e Solar de Chiriboga, em o Termo da Villa de Zeitona na Provincia de Guipuzcoa, como em outra parte diremos.

14 D. ALVARO DE CORDOVA, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Camereiro delRey D. Filippe II. Caſou duas vezes, a primeira com Dona Hippolyta de Cardona, de quem teve D. HIPPOLYTA DE CARDONA, mulher de D. Luiz Henriques, II. Conde de Villa-Flor, IX. de Alva de Liſte, Vice-Rey de Indias, ſem ſucceſſaõ. Caſou ſegunda vez com D. Ignes de Alagon, de quem teve a D. CHRISTOVAÕ DE CORDOVA, Gentil-homem da Boca delRey Catholico.

* 14 D. JOANNA DE CORDOVA caſou em Italia com Claudio Landi, III. Principe de Valditaro, como adiante veremos.

14 D. MARIANNA DE CORDOVA caſou com N. . . . . Conde de Hollanda.

14 D. LEONOR DE MILÀ E CORDOVA caſou com D. Alvaro de Portugal, II. Conde de Gelves, cuja illuſtriſſima ſucceſſaõ deixamos eſcrita no Livro IX. Parte II. Capitulo II. pag. 456 do Tomo X.

14 D. MARIA DE ARAGAÕ, que foy Dama da Rainha D. Maria de Inglaterra, ſegunda mulher delRey Filippe o *Prudente*, e depois da Rainha D. Iſabel de la Paz ſua terceira mulher, e ultimamente

da

da Rainha D. Anna de Auſtria; e ſendo dotada de admiraveis partes, que faziaõ mais agradaveis a belleza do ſeu corpo, que com qualidade illuſtre, e riqueza a faziaõ pretendida de muitos, e grandes Senhores: porém naõ dando ouvidos a ſemelhantes praticas, por ter eſcolhido mais alto Eſpoſo, tendo-ſe conſagrado a perpetua caſtidade, fundou em Madrid o Collegio dos Agoſtinhos, dedicado a Noſſa Senhora da Encarnaçaõ, que commummente he chamado de D. Maria de Aragaõ, fabrica nobre, em que ſe vêm as ſuas Armas.

Quintanaduen. *Grandez. de Madrid*, cap. 100. pag. 426.

14 D. FRANCISCA DE CORDOVA E ARAGAÕ, mulher de D. Joaõ da Cunha, VI. Conde de Buendia, ſem ſucceſſaõ. ⵈ D. GONÇALO FERNANDES DE CORDOVA, que morreo ſem geraçaõ. ⵈ DOM FILIPPE DE CORDOVA. ⵈ D. DIOGO DE CORDOVA.

* 14 D. ANTONIO DE CORDOVA E ARAGAÕ, Senhor de Valençuela, Eſtribeiro mòr delRey D. Filippe II. de Caſtella, Commendador de Mora, dos Barrios, e Corral de Almaguer na Ordem de Santiago. Caſou com Dona Policena de Unganada, e teve os filhos ſeguintes:

* 15 D. ANTONIO FERNANDES DE CORDOVA E ARAGAÕ, I. Marquez de Valençuela, com quem ſe continúa. ⵈ DOM PEDRO DE CORDOVA E CASTELLA. ⵈ DONA MAGDALENA DE CORDOVA, Freira em Saõ Domingos o Real de Madrid.

* 15 D. ANTONIO FERNANDES DE CORDOVA E ARAGAÕ, I. Marquez de Valençuela, Senhor de Taha de Orgiva, e Lugar de Busquitar, Cavalleiro da Ordem de Calatrava. Casou tres vezes, a primeira com D. Luiza de Ayala, filha de D. Athanasio de Ayala, II. Conde de Salvaterra, de Alava, e Ampudia; e de sua segunda mulher D. Isabel Rodrigues de Zevallos, de quem teve: ⵌ * 16 D. ALVARO LUIZ, II. Marquez de Valençuela, adiante. ⵌ D. POLICENA, e D. LUIZA, Freiras. Casou segunda vez com D. Anna Maria de Cordova, de quem teve

Haro, part. 2. liv. 6. cap. 16,

* 16 D. URSULA DE CORDOVA, que casou com D. Gaspar de Teive Tello e Gusmaõ, I. Marquez de la Fuente, adiante. Casou terceira vez com D. Antonia Bracamonte, irmãa de D. Joaõ, I. Marquez de Fuente el Sol, filhos de Mosen Rubin de Bracamonte, VI. Senhor de Fuente el Sol, e V. de Cespedosa, Commendador de Villa-Rubia, Alcaide mór de Calatrava; e de sua mulher D. Joanna Zapata de Mendoça, irmãa do Cardeal Zapata, Inquisidor Geral de Hespanha, e filhos de D. Francisco Zapata de Cisneros, Conde de Barajas, de quem teve a D. JOANNA DE CORDOVA, que casou com Dom Joaõ Alvares de Toledo, filho primogenito de Dom Eugenio Alvares de Toledo Ponce de Leon e Luna, II. Conde de Cedilho, Notario mayor do Reyno de Granada, Senhor de Mancanequa, Moratalz, e Tozenaque; e da Condessa D. Luiza Maria de Mendoça

Casa de Lara, tom. 1. liv. 4. cap. 9. pag. 265.

ça e Salazar; porém morreo em vida de seu pay, sem deixar successaõ.

* 16 D. ALVARO LUIZ FERNANDES DE CORDOVA E AYALA, II. Marquez de Valençuela, Senhor de Taha de Orgiva, e Lugar de Busquitar. Casou com D. Anna de Castella, filha de D. Diogo de Castella, VIII. Senhor de Gor, Herrera, e Boloduy; e de sua segunda mulher D. Elvira de la Cueva; de cujos esclarecidos ascendentes faz mençaõ Salazar de Castro na Casa de Lara; e deste matrimonio nasceo

Histor. da Casa de Lara, liv. 10. cap. 4. pag 679.

* 17 D. ANTONIO DOMINGOS FERNANDES DE CORDOVA E AYALA, III. Marquez de Valençuela, Senhor de Taha de Orgiva, Commendador de Estremera, e Valdaracere na Ordem de Santiago, que casou com D. Joanna Lasso de Castella, irmãa, e herdeira de D. Joseph Lasso de Castella, II. Conde de Villa-Manrique, Commendador de Almazan na Ordem de S. Joaõ de Malta, filhos de D. Francisco Lasso de Castella, I. Conde de Villa-Manrique do Tejo, Commendador dos Barrios na Ordem de Santiago, Védor da Casa delRey; e da Condessa Dona Maria de Villaroel e Peralta, filha de D. Joseph de Villaroel e Peralta, Visconde de la Frontera, de quem faz memoria Salazar na Casa de Lara, e no lugar acima citado da esclarecida ascendencia do Conde de Villa-Manrique, sexto neto delRey D. Pedro de Castella, o *Cruel*; e desta esclarecida uniaõ tiveraõ

* 18 D. ANNA DE CORDOVA E CASTELLA,

IV. Marqueza de Valençuela, adiante. ⩶ D. LUIZA FERNANDES DE CORDOVA E CASTELLA casou no anno de 1685 com D. Egas Salvador Venegas de Cordova, III. Conde de Luque, Senhor de Benahavis, Daidin, Salobral, e do Valle, Alferes môr de Granada, e Gibraltar; e naõ tiveraõ filhos. ⩶ D. MARIA JOSEFA DE CORDOVA. ⩶ D. FRANCISCA DE CORDOVA, cujo estado ignoramos.

* 18 D. ANNA DE CORDOVA E CASTELLA, IV. Marqueza de Valençuela, e herdeira da mais Casa de seu pay. Casou em Granada a 12 de Fevereiro de 1685 com D. Joseph Venegas de Cordova e Vilhegas, Senhor de la Torre de los Barrios, e Regedor de Preeminencias de Gibraltar; e tiveraõ DOM FRANCISCO ANTONIO DE CORDOVA, V. Marquez de Valençuela. ⩶ D. MANOEL JOSEPH. ⩶ D. JOANNA MARGARIDA, Marqueza de Alhedin. ⩶ D. MARIA ANTONIA. ⩶ D. ANTONIA.

* 16 D. URSULA DE CORDOVA filha do I. Marquez de Valençuela D. Antonio, e de sua segunda mulher a Marqueza D. Anna Maria de Cordova, que morreo no anno de 1642. Casou com D. Gaspar de Teive Tello e Gusmaõ, I. Marquez de la Fuente, Conde de Benazuza, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Acimilero mayor de Filippe IV. e seu Gentil-homem da Camera, Alcaide môr, e Escrivaõ môr do Julgado de Sevilha, Embaixador em Veneza, França, e Alemanha, do Conselho, e Camera de Indias, e dos de Estado, e Guerra, de quem foy primeira

meira mulher. Era filho de D. Francisco Tello de Gusmaõ, e de D. Antonia de Teive, filha de D. Belchior de Teive, do Conselho da Camera de Castella, e do Conselho de Guerra, que escreveo a Casa de Sandoval com notavel applicaçaõ; (era filho de D. Gaspar de Teive, Cavalleiro da Ordem de Christo, Estribeiro môr da Princeza de Portugal D. Joanna; e de D. Anna de Brito) e de sua mulher Dona Maria Tello de Gusmaõ, Senhora de Lerena, e da Alcaidaria môr de Sevilha, e Escrivaõ do seu Julgado; filha de D. Pedro Tello de Gusmaõ, Senhor de Lerena, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Alcaide môr de Sevilha, e Escrivaõ môr do seu Julgado; e a sua ascendencia escreve D. Luiz de Salazar na Casa de Lara; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes: ⩶ D. Gaspar de Teive Tello, que foy II. Marquez de la Fuente, Conde de Benazuza, Gentil-homem da Camera do Emperador, e Embaixador em França, que morreo sem successaõ; havendo casado com D. Luiza Osorio, filha dos II. Condes de Vilhalva. ⩶ D. Ignez Maria de Teive, Dama da Rainha D. Isabel, que casou com o Marquez de Florencia, Fidalgo Milanez, de quem teve o Marquez D. Jeronymo de Florencia, que succedeo nestas Casas por merce de seu tio Dom Gaspar, II. Marquez de la Fuente. ⩶ D. Gaspar. ⩶ D. Joaõ de Teive, que foy Menino Fidalgo da Rainha, e Conego de Sevilha; e D. Theresa de Teive, que sendo Dama da Rainha, morreo em Palacio a 8 de Outubro de 1684.

Casa de Lara, liv. 20 cap. 23. pag. 491.

D.

Principes de Valditaro.

* 14 D. JOANNA DE CORDOVA, primeira filha de D. Alvaro de Cordova, Senhor de Valençuela; e de sua mulher D. Maria de Aragaõ, deixou esclarecida descendencia. Casou com Claudio Landi, III. Principe de Valditaro, da illustre Familia de seu appellido de Placencia, que produzio esclarecidos ramos, como escreveo Joaõ Pedro de Crescenzi em os seus livros, que intitulou: *Corona de la Nobilità de Italia*; e deste matrimonio nasceraõ: ⩶ * 15 D. FEDERICO LANDI, IV. Principe de Valditaro, adiante. ⩶ * 15 D. MARIA LANDI, mulher de D. Hercules Grimaldi, Principe de Monaco, adiante. ⩶ * 15 D. FEDERICO LANDI, que foy IV. Principe de Valditaro, Cavalleiro do Tosaõ de Ouro, &c. Casou com Placida Espinola, Dama principalissima de Liguria; e deste matrimonio nasceo

Nobil. de Ital. part. I. Nar. 12. cap. 4.

Principes de Melfi.

16 D. HIPPOLYTA MARIA LANDI, V. Princeza de Valditaro, e herdeira universal desta Casa. Casou com Pagaõ, depois Joaõ André Doria, V. Principe de Melfi, Marquez de Torriglia, Conde de Lovano, Cavalleiro do Tosaõ de Ouro, filho de André Doria, III. Principe de Melfi; e da Princeza D. Joanna Colona, filha de Fabricio Colona, Principe de Paliano; e de Anna Borromeo, irmãa de S. Carlos; e desta esclarecida uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: ⩶ * 17 ANDRE' DORIA, VI. Principe de Melfi, &c. com quem se continúa. ⩶ FEDERICO DORIA. ⩶ PAGAN DORIA. ⩶ JUANETIN DORIA. ⩶ D. FILIPPE DORIA, Commendador das Casas de

Glor. da Casa Farnese, pag. 356.

de Talavera na Ordem de Calatrava. ⵡ FRANCISCO DORIA. ⵡ D. CARLOS DORIA.

* 17 ANDRÈ DORIA, VI. Principe de Melfi, e de Valditaro, &c. Casou com Violante Lomelin; e tiveraõ * 18 JOAÕ ANDRÈ DORIA, VII. Principe de Melfi, e de Valditaro, &c. que casou com N. . . . . Pamfilio, filha de Camillo, Principe de Rosano, e S. Martin; e teve os dous filhos seguintes: ⵡ ANDRÈ DORIA, Marquez de Bardi, que casou com D. Livia Centurion, e Palavesin; e a CAMILLO DORIA.

Principes de Monaco.

* 15 D. MARIA LANDI, filha de Claudio Landi, Principe de Valditaro, e do Sacro Romano Imperio; e da Princeza D. Joanna de Cordova, e Aragaõ. Casou no anno de 1595 com Hercules Grimaldi, I. do nome, Principe de Monaco, que morreo no anno de 1624; e tiveraõ: ⵡ * 16 HONORATO, II. do nome, Principe de Monaco, com quem se continúa. ⵡ * 16 JOANNA GRIMALDI casou com Joaõ Jacobo Theodoro Trinvulce, Principe de Mosoco, adiante. ⵡ MARIA CLAUDIA GRIMALDI, Religiosa Carmelita em Genova.

P. Anselme, *Hist. Geneal. de Franc.* tom. 4. pag. 497.

* 16 HONORATO GRIMALDI, II. do nome, Principe de Monaco, Duque de Valentinois, Par de França, Conde de Carladez, Baraõ de Clavinet, de Beaux, e de Buis, &c. pelo seu valor, e de seu filho Hercules Marquez de Beaux, lançou fóra da Cidado de Monaco a guarniçaõ Hespanhola, que havia algum tempo occupava Monaco; depois a tomou o

Mar-

Marquez de Campagna, Conde de Canouſe, Cavalleiro do Toſaõ de Ouro; e no anno de 1641 tomou o Principe a protecçaõ delRey Luiz XIII. que o recebeo com as condições, que ſe trataraõ em Perona a 8 de Julho de 1641, que ſe reduziaõ a que os Eſtados, que tinha em Napoles, e Milaõ, ſe os Heſpanhoes lhos confiſcaſſem, lhe daria em outros hum equivalente em França. Depois erigio o Ducado de Valentinois a ſeu favor, com outras merces, e o creou Cavalleiro das ſuas Ordens no Campo de Perpinhaõ a 22 de Mayo de 1642; havendo elle antes reſtituido o Colar do Toſaõ de Ouro a ElRey de Heſpanha, Graõ Meſtre daquella Ordem; e lhe deu o Ducado de Valentinois, e o Condado de Carladez em Auvergne, e a Baronía de Clavinet na meſma Provincia, e a Baronía de Beaux na Provença, e a de Buis no Delfinado. Foy eſte Principe ornado de bellas partes; e eſcreveo Taboas Genealogicas da ſua Caſa Grimaldi, publicadas por Carlos de Venaſque ſeu Secretario no anno de 1647. Morreo a 10 de Janeiro de 1662. Caſou com a Princeza Hippolyta Trivulce, filha de Theodoro Carlos Trivulce, Conde de Melce; e de Catharina Gonzaga, que morreo no anno de 1638, de quem naſceo = * 17 HERCULES GRIMALDI, II. do nome, Marquez de Beaux, Cavalleiro da Ordem de Alcantara, que elle largou; e foy deſtinado para as delRey de França, quando elle tiveſſe idade. Morreo deſgraçadamente deſparando-ſe huma eſpingarda inopinadamente da maõ de huma

huma das suas guardas, atirando ao alvo, no anno de 1651, naõ contando mais que vinte e sete annos de idade. Casou no anno de 1641 com Maria Aurelia Espinola, filha herdeira de Lucas Espinola, Senhor de Molfete, que morreo a 29 de Setembro de 1670; e tiveraõ a successaõ seguinte: ⩵ * 18 LUIZ GRIMALDI, Principe de Monaco, com quem se continúa. ⩵ CARLOS LUIZ FRANCISCO GRIMALDI, que morreo moço no anno de 1652. ⩵ MARIA HIPPOLYTA GRIMALDI, que nasceo a 8 de Mayo de 1644; e casou em 1656 com Carlos Manoel Feliberto de Simiane, Marquez de Livorno, de Roato, &c. Cavalleiro da Ordem da Annunciada, de quem fizemos mençaõ no Tomo III. desta Historia, pag. 353, de quem teve, além dos dous filhos, que naquelle lugar referimos, que morreraõ sem successaõ, a N. . . . DE SIMIANE, que casou em Genova, de quem naõ temos noticia. ⩵ Sua irmãa JOANNA MARIA GRIMALDI nasceo a 4 de Junho de 1645, e casou com André Imperiali, I. Principe de Tranqueville, sobrinho do Cardeal Imperiali; e por sua morte com Ambrosio Marquez Doria. ⩵ DEVOTA MARIA REYNALDA GRIMALDI nasceo a 4 de Setembro de 1646, Religiosa Dominica em Genova, onde se chamou Theresa Maria. ⩵ THERESA MARIA GRIMALDI nasceo no anno de 1648, e casou no de 1671 com Segismundo Francisco de Este, Marquez de S. Martine de Lanzo, de quem já deixamos feita memoria no Tomo III. desta Obra, pag. 351.

⩶ E foy a ultima HIPPOLITA MARIA GRIMALDI, Religiosa Carmelita Descalça em Genova, e se chamou Theresa Maria de S. Joseph.

* 18 LUIZ GRIMALDI, Principe de Monaco, Duque de Valentinois, Par de França, Marquez de Beaux, Conde de Carladez, &c. nasceo a 25 de Julho de 1642. Achou-se na batalha naval, dada no Texel pelos Hollandezes contra os Inglezes a 11 de Julho de 1666, em que se distinguio; foy Cavalleiro do Santo Espirito: seguindo o partido de França, foy Embaixador de Luiz XIV. na Corte de Roma no anno de 1698, onde em virtude das ordens de seu Amo, conferio a Ordem do Espirito Santo aos dous Principes de Sobieski, filhos de Joaõ Sobieski, Rey de Polonia. Morreo a 3 de Janeiro de 1701 em Roma, donde foy trasladado a Monaco. Casou em 30 de Março de 1660 com a Princeza Catharina Charlota de Gramont, que morreo de idade de trinta e nove annos a 4 de Junho de 1678, filha de Antonio, Duque de Gramont, Par, e Marichal de França, Soberano de Bidache, Conde de Guiche, e de Louvigni, Vice-Rey de Navarra, e de Bearne, Governador de Bayona, e Cavalleiro da Ordem do Santo Espirito, hum dos grandes Generaes do seculo passado, que morreo a 12 de Julho de 1678; e de sua mulher Francisca Margarida de Chivrè, filha de Heitor de Chivrè, Senhor de Du Plessis, e de Fraze, e de Rabestan, e de Maria de Conan sua mulher, de quem teve os filhos seguintes: ⩶ * 19 ANTONIO GRI-

GRIMALDI, Principe de Monaco, adiante. = HONORATO GRIMALDI, que nasceo a 31 de Dezembro de 1669, e foy Cavalleiro de Malta, que largou; e depois foy Abbade de Saõ Maixant em Poitou, Conego de Strasbourg, e Arcediago de Besançon, e depois Arcebispo desta Igreja, e sagrado a 4 de Fevereiro de 1725. = MARIA THERESA GRIMALDI nasceo a 24 de Fevereiro de 1662, Religiosa da Visitaçaõ em Monaco. = ANNA HIPPOLYTA GRIMALDI nasceo em 1667, e casou a 18 de Janeiro de 1696 com Monf. Joaõ Carlos Crussol, Duque de Uzez, primeiro Par de França, Principe de Soyon, Governador de Xaintonge, e Angoumois; a qual morreo sobre parto a 23 de Julho de 1700, de quem teve MARGARIDA CRUSSOL, que nasceo no anno de 1699; morreo menina: e ANNA CHARLOTA DE CRUSSOL, que morreo a 15 de Março de 1706. = JOANNA MARIA GRIMALDI, Religiosa na Visitaçaõ de Monaco, depois Coadjutora da Abbadia Real junto de Compiegne no anno de 1716. = AMALIA GRIMALDI, ultima filha do Principe Luiz Grimaldi, chamada Mademoisele de Beaux.

* 19 ANTONIO GRIMALDI, Principe Soberano de Monaco, Duque de Valentinois, Par de França, Marquez de Beaux, Conde de Carrades, Livre Baraõ de Buys, e Calvinet, Senhor del Remigio, e Cavalleiro da Ordem de Santo Espirito, &c. nasceo a 27 de Janeiro de 1667, e morreo a 21 de Fevereiro de 1731. Casou em 13 de Junho de 1688 com a Prin-

ceza Maria de Lorena, e morreo a 30 de Outubro de 1724, irmãa da Duqueza do Cadaval D. Margarida; e filhas de Luiz Conde de Armagnac, Eſtribeiro môr delRey de França, e de Madama Catharina de Neufville Ville-Roy; e deſte eſclarecido matrimonio naſceraõ: ⵜ CATHARINA ANTONIA GRIMALDI naſceo a 7 de Outubro de 1690, que morreo a 18 de Junho de 1696. ⵜ * 20 LUIZA HIPPOLYTA GRIMALDI, Duqueza Soberana de Monaco, &c. com quem ſe continúa. ⵜ MARGARIDA CAMILLA GRIMALDI naſceo ao primeiro de Mayo de 1700. Caſou a 16 de Abril de 1720 com Luiz de Gand Mero de Montmorency, Principe de Iſenghien, e Maſmines, Cavalleiro das Ordens delRey, Meſtre de Campo General em Lila, de quem foy terceira mulher.

* 20 LUIZA HIPPOLYTA GRIMALDI naſceo a 10 de Novembro de 1697, Princeza Soberana de Monaco, Duqueza de Valentinois &c. e morreo a 29 de Dezembro de 1731. Caſou a 20 de Outubro de 1715 com Jaques Franciſco Leonor de Goyon, Senhor de Matignon, Conde de Thorigny, Par de França, Meſtre de Campo General em Normandia, Senhor de Eſtouteville, que naſceo a 22 de Novembro de 1689, filho de Jaques, Senhor de Matignon, de la Roche-Goyon, Senhor do Ducado de Eſtouteville, Conde de Thorigny, de Gournay, de la Ferte, e de Montmartin, Caſtellaõ de Condê em Noireau, e de Hambie, Baraõ de Le, de Moyon, de la Roche-Teſſon,

Teſſon, e de Gatteville, Cavalleiro das Ordens del-Rey; e de Charlota de Matignon ſua ſobrinha, filha de ſeu irmaõ Henrique, Senhor de Matignon, Marquez de Lonray; e de ſua mulher Maria Franciſca Tellier, filha herdeira de Franciſco le Tellier, Marquez de Luthumiere, e de Charlota de Bec. Foy Jaques Franciſco Leonor de Matignon por eſte caſamento Duque de Valentinois, Par de França, de que lhe paſſou ElRey Luiz XV. novas Cartas de erecçaõ em Dezembro de 1715; ſendo o contrato deſte caſamento, que nem elle, nem os ſeus deſcendentes uſariaõ ſenaõ deſte titulo, com as Armas de Grimaldi, ſem que nem elle, nem ſeus deſcendentes pudeſſem ajuntar outro appellido ao de Grimaldi, nem eſquartelar o Eſcudo com outras Armas. Por morte de ſeu ſogro ſuccedeo na Soberanía do Principado de Monaco. Deſte matrimonio tem havido os filhos ſeguintes: ☲ 21 ANTONIO CARLOS MARIA GRIMALDI, que naſceo a 16 de Dezembro de 1717 Marquez de Beaux; e morreo em Fevereiro de 1718. ☲ 21 CHARLOTA GRIMALDI, Damoiſelle de Monaco, naſceo em Mayo de 1719. ☲ 21 HONORATO CAMILLO LEONOR GRIMALDI naſceo em Pariz a 10 de Setembro de 1720. He Principe Soberano de Monaco, de Menton, e de Requebrune, Duque de Valentinois, Par de França, Marquez de Beaux, Conde de Carladez, Baraõ de Buys, e de Calvinet, Senhor de S. Remi, &c. em que ſuccedeo a ſua mãy no anno de 1731 neſta Soberanía, e mais Eſtados.

Hiſt. Geneal. de France, tom. 5.

Geneal. Hiſt. des Roys, Empereurs, et les Maiſons Souveraines, tom. 2. pag. 401. impr. em 1736.

dos. ⩶ 21 Marianno Carlos Augusto Grimaldi, Marquez de Carladez, nasceo no primeiro de Janeiro de 1722, Senhor do Ducado de Estouteville. ⩶ 21 N. . . . Grimaldi nasceo a 9 de Junho de 1723; morreo pouco depois de ter nascido. ⩶ 21 Francisco Carlos Magdaleno Joseph Grimaldi, Conde de Estouteville, nasceo a 5 de Fevereiro de 1726. ⩶ 21 Carlos Mauricio Grimaldi, chamado o *Cavalleiro de Monaco*, nasceo a 14 de Mayo de 1727; he Cavalleiro de Malta. ⩶ 21 Maria Francisca Theresa Grimaldi, Madamoiselle de Valentinois, nasceo a 20 de Julho de 1728. ⩶ 21 Luiza Maria Grimaldi, chamada *Madamoiselle de Beaux*, nasceo a 21 de Julho de 1724; morreo a 15 de Setembro seguinte.

* 16 A Princeza Joanna Grimaldi, filha de Hercules Grimaldi, Principe de Monaco, e da Princeza Maria Landi, morreo de parto no anno de 1620. Casou com Joaõ Jacobo Theodoro Trivulce, I. Principe do Sacro Romano Imperio, e de Mosoco, Grande de Hespanha da primeira classe, Conde de Melfi; nasceo no anno de 1595: mandou a Cavallaria delRey Filippe em Milaõ, e foy Commissario do Emperador em Italia, a quem servio muito. Depois da morte de sua mulher seguio a vida Ecclesiastica; e foy Clerigo da Camera do Papa Urbano VIII. que o creou Cardeal no anno de 1629, e foy Vice-Rey de Aragaõ, e depois de Sicilia, e Sardenha, Embaixador Extraordinario delRey Catholico em Roma; morreo

morreo em Milaõ a 3 de Agosto de 1657. Era filho de Carlos Manoel Theodoro Trivulce, Conde de Melfi, e da illustre Familia Trivulce de Milaõ; e de Catharina Gonzaga, filha de Affonso Gonzaga, Marquez de Solfrino. Deste matrimonio nasceraõ: ⵌ * 19 Hercules Theodoro Trivulce, Principe de Mosoco, adiante. ⵌ * 19 Octavia Trivulce, que casou com Tolomeu Gallio, Duque de Alvito, adiante.

* 19 Hercules Theodoro Trivulce, Principe do Imperio, e de Mosoco, Grande de Hespanha, Cavalleiro do Tosaõ de Ouro; nasceo no anno de 1620: morreo na flor da idade no de 1644. Casou com Ursina Esforcia, filha de Joaõ Paulo Esforcia, Marquez de Caravagio, General da Cavallaria de Milaõ, que morreo nomeado Vice-Rey de Aragaõ; e de Maria Aldobrandina, irmãa de Margarida, Duqueza de Parma, e filhas de Joaõ Francisco Aldobrandino, Principe de Rossano, General da Igreja; e de Olimpia Aldobrandino, Duqueza de Carpineto sua mulher, filha de Pedro Aldobrandino, eleito Capitaõ General da Igreja por seu irmaõ o Papa Clemente VIII. e desta esclarecida uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: ⵌ 20 Antonio Theodoro de Trivulce, Principe do Sacro Romano Imperio, e de Mosoco, Cavalleiro do Tosaõ: morreo a 26 de Julho de 1678, sem deixar successaõ, havendo sido casado com D. Maria Josefa de Guevara, filha de D. Beltraõ, e de D. Catharina de Guevara,

IX.

IX. Condessa de Onhate. ⩶ 20 JOANNA TRIVULCE, Freira, e se chamou Hercula Maria. ⩶ 20 MARIA TRIVULCE casou em 1671 com Joseph Serra, Duque de Cassano em o Reyno de Napoles. ⩶ 20 CATHARINA TRIVULCE casou no anno de 1673 com D. Joseph de Ayerbe, e Aragaõ, Duque de Alesano, III. Principe de Cassano, que morreo no anno de 1698, filho de Dom Feliberto de Ayerbe e Aragaõ, II. Principe de Cassano, Duque de Alesano, Senhor de Aguara, e de Laura Guarino, Duqueza de Alesano descendente dos Senhores de Ayerbe, que ajuntaraõ por appellido ao de Aragaõ, de cuja Real Casa descendem por varonía de D. Pedro de Aragaõ, filho delRey Dom Jayme I. de Aragaõ; e deste esclarecido matrimonio nasceraõ os filhos seguintes: ⩶ 21 D. NICOLAO MIGUEL DE AYERBE E ARAGAÕ, IV. Principe de Cassano, Duque de Alesano. ⩶ D. FELIX DE AYERBE E ARAGAÕ, Cavalleiro de Malta. ⩶ D. HERCULES. ⩶ D. FELIBERTO. ⩶ D. EMILIO. ⩶ D. SANCHA DE AYERBE E ARAGAÕ, que casou com D. Martim Caracholo, Marquez de S. Erasmo.

* 19 OCTAVIA TRIVULCE, filha do Principe Joaõ Jacobo Trivulce, e da Princeza Joanna Grimaldi, nasceo em 1618, e morreo em 1671. Casou com Tolomeu Gallio, Duque de Alvito, Governador de Pavia; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 20 FRANCISCO GALLIO, Duque de Alvito, adiante. ⩶ FLAMINIA GALLIA, que casou com Gregorio Boncompagno,

pagno, Duque de Sora, Marquez de Vignole, depois Principe de Piombino, de quem foy primeira mulher; a qual morreo no anno de 1679, de quem naõ ficou geraçaõ; e a

20 CAETANO ANTONIO GALLIO TRIVULCE, Principe do Sacro Romano Imperio, de Mosoco, e de Valle-Misolcina, Conde de Melfi; Estados em que succedeo pela morte de seu tio o Principe Antonio Theodoro: foy Coronel de hum Regimento de Cavallaria, Mestre de Campo General da Cavallaria, e Governador de Pavia. Faleceo a 28 de Julho de 1707, havendo casado com Lucrecia Maria Borromeo, irmãa de Carlos Borromeo, Conde de Arone, Vice-Rey de Napoles, Cavalleiro do Tosaõ, e Commissario do Emperador em Italia, e do Cardeal Gilberto Borromeo, filhos de Reynaldo Borromeo, Conde de Arona, e de Julia de Areso, filha de Bartholomeu Conde de Areso; e desta uniaõ teve estes filhos: = 21 ANTONIO THEODORO GALLIO TRIVULCE, que casou com Maria Archinto, filha de Carlos Archinto, Cavalleiro do Tosaõ, que teve o tratamento de Grande de Hespanha, a qual tinha sido casada com o Marquez Clerici, Grande de Hespanha, que morreo em Hungria, Capitaõ de Granadeiros; e teve de seu segundo marido huma unica filha, que morreo menina. = 21 OCTAVIO, que morreo de curta idade. = 21 OCTAVIA TRIVULCE, que casou na Casa de S. Secundo, e morreo sem successaõ. = 21 JUSTINA TRIVULCE, Reli-

giosa, que foy no Mosteiro da Visitaçaõ de Arona.

* 20 FRANCISCO GALLIO, Duque de Alvito, nasceo a 31 de Julho de 1709. Casou a 22 de Fevereiro de 1733 com Maria Catharina Rospigliosi, que nasceo a 24 de Janeiro de 1716, filha de Clemente Domingos, Principe de Rospigliosi, Duque de Zagarolo, e de sua mulher Justina Borromea, filha de Carlos Borromeo, de quem tem dous filhos:

21 N. . . . . . ROSPIGLIOSI.

21 N. . . . . . ROSPIGLIOSI.

CAPITULO V.

De Dom Fradique Manoel, I. Senhor de Atalaya, Tancos, e Cinceira, Alcaide môr de Marvaõ, &c.

13 NO Capitulo IV. deixamos referido, que do fecundo thalamo de Dom Nuno Manoel, e D. Leonor de Milá fora o primogenito D. Fradique Manoel, que lhe succedeo na Casa. No anno de 1518 servia de Moço Fidalgo a ElRey D. Manoel, como se tira da Matricula dos moradores da Casa Real daquelle tempo. Depois foy do Conselho delRey D. Joaõ III. que no anno de 1528 lhe confirmou a sua Casa, e a compra que do Castello de Alegrete fez a Ruy de Mello. Foy Senhor de Salvaterra de Magos, Aguias, e Erra, em que succedeo

Matricula do anno de 1518, pag. 41. vers.

Torr. do Tomb. Chancellaria delRey D. Joaõ III. do anno de 1528, pag. 96, e 97, e dos annos de 1548.

deo a seu pay. Depois cedeo ao mesmo Rey Salvaterra de Magos; porque quiz esta Villa para o Infante D. Luiz seu irmaõ. Foy celebrado este Contrato em Lisboa a 14 de Setembro de 1542 no Paço do dito Infante, sendo Procurador delRey o Doutor Christovaõ Esteves de Esparragosa, do seu Conselho, e Desembargador do Paço, e Petições. Nelle se outorgou ceder, e trocar D. Fradique a ElRey a Villa de Salvaterra de Magos, com todos os seus Termos, com a renda da barca de Escoropim, o Paul, Cortes, Lizeiriaõ, Romaõ grande, e pequeno, e outras cousas, de que lhe deu por equivalente as Villas de Tancos, Atalaya, Cinceira, com os seus Termos, e Aldeas, com jurisdicções Civel, e Crime, mero, e mixto imperio, &c. a Alcaidaria môr do Castello, e Fortaleza da Villa de Marvaõ, com tributos, rendas, e tudo o que nella lhe pertencia, que o Infante possuhia; e cedeo a ElRey para esta troca, e certa quantia de dinheiro de juro, o Casal de Santa Martha no Termo de Santarem, com todas as suas casas, terras, matos, montes, e fontes, e outras cousas, tudo de juro, reguladas pela Ley Mental, em que foraõ testemunhas o Licenciado Antaõ Soares, Desembargador do Infante D. Luiz, Pedro Carneiro, Cavalleiro Fidalgo da Casa do dito Infante, e Joaõ Lopes seu Moço da Camera, e Henrique Nunes, Tabelliaõ que o escreveo. Depois a 16 do dito mez de Setembro na casa de D. Fradique Manoel, estando elle presente, e sua mulher Dona Maria de

Ataide, e o Doutor Christovaõ Esteves, como Procurador delRey, se vio o dito Contrato, e o approvaraõ, e confirmaraõ, e ratificaraõ, e mutuamente o aceitaraõ, como nelle se continha, e foy junto ao mesmo Contrato, de que foraõ testemunhas o Licenciado Antaõ Soares, Alvaro do Tojal, Cavalleiro Fidalgo da Casa delRey, e Juiz da balança da Casa da India, e Rodrigo Arnao, Capellaõ do dito Dom Fradique. Este Contrato se passou, e incorporou em huma Carta, pela qual ElRey o approvou, e confirmou, dispensando as Ordenações, e Leys em contrario, de certa sciencia, motu proprio, e poder Real, e absoluto, com que supprio qualquer defeito, ou nullidade de Direito. Foy feita esta Carta em Lisboa a 22 de Setembro de 1542. Jaz na Capella môr do Mosteiro de Nossa Senhora de Jesus, onde em magnifica sepultura tem o seguinte Epitafio:

Prim. mort. S.
Hic jacet
D. Fredericus Manoel Nonij, & Leonoræ F. cum optima conjuge, D. Maria de Ataide magni Nonij Frz de Ataide hærede. D. Joannes Manoel Colimbr. Episc. Comes Argan. Nepos Avis suis. Opt. mer. P.

Casou com D. Maria de Ataide, viuva de D. Affonso

ſo de Noronha, filho herdeiro do III. Conde de Odemira, como deixamos eſcrito no Livro VIII. Capitulo VIII. pag. 567 do Tomo IX. e era filha herdeira de Nuno Fernandes de Ataide, Senhor de Penacova, e de D. Joanna de Faria ſua mulher; e deſte matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes:

14 D. Nuno Manoel, como ſe verá no Capitulo VII.

14 D. Joaõ Manoel, Commendador de S. Martinho de Mazares, Capitulo VI.

14 D. Diogo Manoel de Aragaõ ſeguio a vida Eccleſiaſtica; foy Clerigo, Eſmoler môr, e Deaõ da Capella da Rainha D. Catharina, e depois VII. Prior môr da Ordem de Santiago neſte Reyno, a que vulgarmente chamaõ de *Palmella*, por neſta Villa reſidir o ſeu Convento: foy muy magnifico, porque tinha grande renda em penſoens, que naõ eraõ da Ordem. Dotou a Capella de Noſſa Senhora da Conceiçaõ do Moſteiro de S. Domingos de Setuval, que eſcolheo para ſua ſepultura. Achava-ſe doente no ſeu Moſteiro de Palmella, e conhecendo ſer mortal a doença, mandou abrir em vida a ſepultura na Capella môr da Igreja; e eſtando ouvindo os golpes, com que ſe abria, com grandes demonſtrações de verdadeiro Chriſtaõ faleceo; e ſendo neſte lugar depoſitado, foy depois trasladado para a ſua Capella de Setuval, onde jaz em huma urna de pedra; e na parede das eſcadas da parte do Euangelho, tem o ſeguinte letreiro:

Aqui

Aqui jaz D. Diogo Manoel de Aragaõ, Prior mór que foy da Ordem de Santiago.

Entre outras memorias, que deixou ao ſeu Convento de Palmella, foraõ quatro repoſteiros com as Armas da ſua Caſa, e huma armaçaõ de panos de Arraz, que lhe deu a Rainha D. Catharina ſua Ama.

14 D. ALVARO MANOEL, paſſou à India no anno de 1562, como refere o livro da Emmenta da Caſa da India daquelle anno a fol. 42 na Armada, de que era Capitaõ mór ſeu tio D. Jorge Manoel. Na Armada que no anno de 1565 mandou o Vice-Rey D. Antaõ de Noronha ao Malavar à ordem de Gonçalo Pereira Marramaque, foy D. Alvaro Manoel hum dos Capitaens Fidalgos, que nella embarcaraõ; porém naõ pode naquella empreza conſeguir a meſma fortuna, que os outros do ſeu appellido conſeguiraõ naquelle Eſtado, por falecer na viagem; delle diz o Chroniſta Diogo do Couto, que foy hum dos mais galhardos, e gentis mancebos, que entraraõ na India; e que fora filho de D. Jorge Manoel; no que padeceo equivocaçaõ, tal vez por erro de quem copiou a Relaçaõ da India; porque da Emmenta da Caſa da India conſta ſer filho de Dom Fradique Manoel, no que vaõ conformes todos os Nobiliarios.

Couto, *Decada* 8. liv. 1. cap. 1.

Nobiliarios de D. Luiz da Sylveira, e Diogo Gomes de Figueiredo.

14 D. MANOEL MANOEL, de quem naõ ſabemos outra noticia, de que fazer delle mençaõ, entre os

os filhos de D. Fradique Manoel, Diogo Gomes de Figueiredo nos ſeus livros de Familias.

* 14 D. LEONOR DE ARAGAÕ caſou com Luiz Carneiro, Senhor da Ilha do Principe, adiante.

14 D. ANNA DE ARAGAÕ, Dama da Rainha D. Catharina, a qual vivia nos Paços de Xabregas; e foy denunciada de ſe cartear com o Senhor D. Antonio, Prior do Crato, que eſtava entaõ em Inglaterra: foy recluſa no Caſtello de Lisboa, e ſentenciada, e degradada para Toledo; cuja reſoluçaõ pareceo demaſiada, pois recolhida em hum Moſteiro, quando houveſſe cauſa, podia ficar ſatisfeito o receyo do trato com o Prior do Crato, ſe eſte ſe adiantava a crime de leſa Mageſtade.

* 14 D. LEONOR DE ARAGAÕ, filha primeira de D. Fradique Manoel. Caſou com Luiz Carneiro, Senhor da Ilha do Principe, Governador, e Alcaide môr della, Donatario de Santa Maria, Capitaõ môr da Capitanía da Conceiçaõ de Finacin, S. Vicente, Santos, S. Paulo, Parnaguá, Tapias, Cananea, Grazipe, Britoga, no Eſtado do Braſil, Senhor das Villas de Alvares, e Sylvares, Commendador de Folques, e do Conſelho delRey; e deſte matrimonio tiveraõ os filhos ſeguintes: = * 15 FRANCISCO CARNEIRO, com quem ſe continúa. = MANOEL CARNEIRO, que foy Cavalleiro da Ordem de S. Joaõ de Malta, Commendador de Bouro, e Governador do Priorado do Crato pelo Principe de Piamonte Victor Amadeo, depois Duque de Saboya, a quem

Senhores da Ilha do Principe.

a quem ElRey havia conferido esta Dignidade, que teve dez annos. ⩵ 15 Fradique Carneiro, que depois de se achar na Armada, de que foy General o Marquez de Santa Cruz, em que se distinguio com tanto valor, que deu occasiaõ a dizer D. Lopo de Figueiroa, que mandava o Galeaõ, em que elle hia, que já mais vira Carneiro tornarse em Leaõ. Passou depois a servir à India, e foy Capitaõ mòr da Armada do Estado, onde casou com D. Melicia Paes, filha de Francisco Paes de Albernos, Védor da Fazenda da India, Cavalleiro da Ordem de Christo; e de sua mulher D. Isabel Ferreira, filha de Joaõ Esteves Chacim, e de Gracia Ferreira, filha de Joaõ Francisco, natural de Castello de Vide, e neta de Nicolao Esteves, e de Maria Rodrigues. Francisco Paes de Albernos era filho de Antonio Rodrigues Albernos, natural de Viseu, e de Catharina Paes de Barros, filha de Gomes Paes de Barros; e de sua mulher Maria Carneiro, natural do Porto; e neto de Ruy Pires de Albernos, que vivia na sua Quinta junto a Viseu; e tiveraõ ⩵ Antonio Carneiro, que casando naõ teve successaõ, ⩵ e D. Isabel de Aragaõ, que foy sua herdeira, e casou com D. Lourenço da Cunha; e da sua illustre descendencia se fará mençaõ no Capitulo XVII. §. II. do Liv. XIII. ⩵ Martim Affonso Carneiro, que *passou* à India, onde servio. ⩵ Joaõ Carneiro, Cavalleiro de Malta. ⩵ Diogo Carneiro, que servio na India. ⩵ Filippe Carneiro. ⩵ Nuno Fernan-

DES CARNEIRO, Religioso da Companhia de Jesus; ⩶ * 15 e D. MARIA DE ARAGAÕ, casou com Alexandre de Sousa, de quem adiante diremos sua successaõ.

* 15 FRANCISCO CARNEIRO, foy Senhor da Ilha do Principe, e das mais Villas, que seu pay teve, e Commendador de Cem Soldos na Ordem de Christo. Casou com D. Lourença Mascarenhas, filha de D. Fernando Mascarenhas, Senhor de Gocharia, e Torre, Commendador de Rosmaninhal; e de D. Filippa da Sylva, filha de Dom Gil Eannes da Costa, Vêdor da Fazenda, e do Conselho de Estado delRey D. Sebastiaõ, e Embaixador delRey D. Joaõ III. ao Emperador Carlos V.; e desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: ⩶ 16 LUIZ CARNEIRO, I. Conde da Ilha do Principe, que casou com D. Marianna de Faro; e a sua succeshaõ fica escrita no Capitulo VII. do Livro VIII. pag. 647 do Tomo IX. ⩶ ANTONIO CARNEIRO MASCARENHAS, sem geraçaõ. ⩶ D. MICHAELLA DE ARAGAÕ, ⩶ DONA LEONOR DE ARAGAÕ, Freiras em Chellas.

* 15 D. MARIA DE ARAGAÕ casou com Alexandre de Sousa, Commendador na Ordem de Aviz, que depois de ter servido na India com reputaçaõ, achando-se no cerco de Chaul, e na tomada de Honor; foy Capitaõ de Chaul; e voltando ao Reyno, foy Capitaõ môr de huma Armada no anno de 1586: e sua mulher ficando viuva, tomou o habito no Mosteiro de Santa Martha de Lisboa, e se chamou Soror

Maria do Sacramento; e tiveraõ o filho seguinte: ⩶ 16 LUIZ FREIRE DE SOUSA, que foy Commendador de Alfayates na Ordem de Christo. Casou duas vezes, a primeira com D. Maria de Ayala, filha de Christovaõ de Mello, Alcaide môr de Serpa, Porteiro môr delRey D. Filippe II. e de D. Maria de Calatayud, filha de Joaõ de Calatayud, Porteiro môr delRey D. Joaõ III. e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 17 ALEXANDRE DE SOUSA, com quem se continúa. ⩶ 17 CHRISTOVAÕ DE MELLO FREIRE, que foy Collegial do Collegio Real de S. Paulo de Coimbra, de que tomou posse a 25 de Junho de 1638. Foy Doutor em Theologia, e depois passou para a faculdade de Canones; foy Desembargador da Relaçaõ do Porto, e da Casa da Supplicaçaõ de Lisboa, e Vereador do Senado da Camera de Lisboa, onde morreo em Janeiro de 1667; e teve natural a Fr. LUIZ DE MELLO, Religioso da Ordem de S. Bernardo, a quem no seu Testamento declarou, deixando-o por seu herdeiro. ⩶ 17 ANTONIO DE SOUSA DE MELLO, a que chamaraõ o *Loyo*, por ter tido o habito dos Conegos de S. Joaõ Euangelista. Casou com D. Josefa Antonia de Moura, filha herdeira do Doutor Valentim da Costa de Lemos, Desembargador dos Aggravos; e de sua mulher D. Maria de Caceres, irmãa do Doutor Luiz Vicente de Caceres, Lente de Canones na Universidade de Coimbra, filhos de Jorge de Caceres; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 18 D. MARIA THERE-

SA

SA DE AYALA, mulher de Sylverio da Sylva, Alcaide mòr de Alfeizeraõ, de quem nasceo ⊐ 19 PEDRO DA SYLVA DA FONSECA, que casou com D. Angela Maria de Portugal, filha de D. Luiz de Almeida, como já escrevemos no Livro X. Capitulo XLV. §. II. pag. 825 do Tomo X. ⊐ 18 D. IGNEZ DE AYALA, segunda mulher de Joaõ Saraiva de Sampayo, Capitaõ mòr de Montemòr o Velho. ⊐ 18 D. CAETANA MARGARIDA DE ARAGAÕ, casou com Damiaõ Botelho Chacon da Sylveira. ⊐ 18 D. LUIZA, Freira em Alenquer. ⊐ 18 D. CECILIA, D. LEONOR, e D. ISABEL, das quaes ignoramos o estado. Foraõ mais irmãos de Alexandre de Sousa. ⊐ 17 MANOEL DE SOUSA, foy Frade Eremita de Santo Agostinho, e morreo moço. ⊐ 17 LUIZ CARNEIRO, que morreo no assalto de Nigumbo. ⊐ 17 D. MARIA, e D. N. . . . Freiras em Santa Martha de Lisboa, ⊐ 17 D. BRITES, Freira em Santa Clara de Coimbra. ⊐ 17 D. IGNEZ DE AYALA, filha de Luiz Freire, casou com Sancho de Faria, Alcaide mòr de Palmella, Capitaõ mòr da primeira Armada, que no anno de 1641 o Senhor Rey D. Joaõ IV. mandou à India: foy sua segunda mulher, e naõ tiveraõ geraçaõ; e ella ficando viuva esteve concertada para ser segunda mulher de Luiz da Sylva Tello, II. Conde de Aveiras, o que naõ teve effeito. Casou segunda vez Luiz Freire com D. Joanna de Tavora, viuva de D. Luiz Thomé de Castro, Governador da Mina, filha de Bernardim de Tavora Tavares, Com-

mendador na Ordem de Chriſto; e de Dona Mecia Maſcarenhas ſua mulher: o qual era filho de Franciſco Tavares, Senhor de Mira, e outras terras, e de D. Joanna de Tavora ſua ſegunda mulher, Senhora de grande virtude; a qual, depois de enterrado o ſeu corpo, ſe achou brando, flexivel, com cheiro, lançando ſangue, como refere o Padre Fr. Luiz de Souſa na *Hiſtoria de S. Domingos*, part. 2. pag. 203. Era filha de Bernardim de Tavora, Repoſteiro môr dos Reys Dom Joaõ III., D. Sebaſtiaõ, e D. Filippe II.; e deſte matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes: ⩶ * 17 BERNARDIM DE TAVORA, adiante. ⩶ 17 D. MECIA, D. MARGARIDA, D. LUIZA, Freiras em Santa Martha de Lisboa.

* 17 ALEXANDRE DE SOUSA FREIRE, (que diſſemos ſer filho do primeiro matrimonio de Luiz Freire de Souſa) ſervio em Tangere, e foy Commendador na Ordem de Chriſto: no anno de 1663 governou a Cidade de Béja; ſervio na guerra de Alentejo; foy Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ, e do Eſtado do Braſil, Védor da Caſa da Rainha D. Maria Franciſca de Saboya, e do Conſelho de Guerra. Caſou com D. Joanna de Lima, filha terceira de Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica; e de D. Maria de Lima ſua mulher, de quem teve unica herdeira: ⩶ * 18 D. MARIA DE SOUSA, que caſou com ſeu tio Bernardim de Tavora, como ſe verá adiante. ⩶ 18 JOAÕ DE SOUSA FREIRE, baſtardo, que paſſou à India a ſervir; e ca-

ſou

ſou em Goa com D. Luiza de Mendoça, filha de D. Filippe de Souſa, Capitaõ môr de Dio, e de D. Anna de Lencaſtre ſua mulher; e tiveraõ: ⩶ 19 ALEXANDRE DE SOUSA, D. ANNA, e D. MARIA, cujos eſtados naõ chegaraõ à noſſa noticia.

* 17 BERNARDIM DE TAVORA E SOUSA, filho primeiro do ſegundo matrimonio de Luiz Freire, e de ſua mulher D. Joanna de Tavora, ſervio na guerra na Provincia de Traz os Montes, onde occupou diverſos póſtos. Foy Senhor de Mira, Commendador na Ordem de Chriſto, Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ, e depois do Reyno de Angola, onde morreo. Caſou com ſua ſobrinha D. Maria de Souſa, filha herdeira de ſeu irmaõ Alexandre de Souſa, e de D. Joanna de Lima ſua mulher, de quem teve: ⩶ * 18 MANOEL DE SOUSA TAVARES, com quem ſe continúa. ⩶ * 18 ALEXANDRE DE SOUSA FREIRE.

* 18 MANOEL DE SOUSA TAVARES, ſervio com ſeu pay em Africa, foy Commendador da Ordem de Chriſto, Coronel de Infantaria de hum Regimento no Reyno do Algarve, Governador, e Capitaõ General da Praça de Mazagaõ, e ultimamente de Pernambuco, onde morreo. Caſou com D. Maria Joſefa de Noronha, filha ſegunda de Joaõ da Sylva Tello, III. Conde de Aveiras; e da Condeſſa D. Juliana de Noronha, como ſe diſſe no Capitulo V. do Livro VI. pag. 334; e deſte matrimonio naſceraõ eſtes filhos: ⩶ 19 D. JULIANA MARIA DE NORO-

NHA,

NHA, que naſceo a 15 de Agoſto de 1708; e caſou com Chriſtovaõ da Coſta de Ataide e Souſa, como ſe dirá em outra parte. ⵗ 19 D. JOANNA ELEUTHERIA DE NORONHA naſceo a 20 de Fevereiro de 1710, ſem eſtado. ⵗ * 19 BERNARDINO FRANCISCO DE SOUSA E TAVORA, com quem ſe continúa. ⵗ 19 D. ANNA RITA DE NORONHA naſceo a 3 de Abril de 1714, Freira no Moſteiro da Encarnaçaõ de Lisboa.

* 19 BERNARDINO FRANCISCO DE SOUSA TAVARES E TAVORA naſceo a 4 de Outubro de 1710, que ſuccedeo na Caſa de ſeu pay. Caſou com D. Vicencia Luiza de Menezes, que faleceo de ſobre parto a 3 de Outubro de 1741, filha de Felix Joſeph Machado da Sylva Eça e Caſtro, Alcaide mór de Mouraõ, &c. e de D. Eufrazia de Menezes ſua mulher, como ſe diſſe no Livro X. pag. 602 do Tomo X. de quem teve os filhos ſeguintes: ⵗ 19 MANOEL JOSEPH DE SOUSA TAVARES, que naſceo a 18 de Fevereiro de 1739. ⵗ FELIX DE SOUSA TAVARES, que naſceo a 24 de Agoſto de 1640. ⵗ JOAÕ DE SOUSA TAVARES, que naſceo a 24 de Setembro de 1741.

* 18 ALEXANDRE DE SOUSA FREIRE, filho ſegundo de Bernardim de Tavora; foy deſtinado para a Igreja, e eſtudou em Coimbra, e foy Meſtre em Artes, Doutor em Theologia, e Collegial do Real Collegio de S. Paulo, em que entrou em 28 de Janeiro de 1697; e ſeguindo depois a vida militar, paſ-

ſou

sou à Bahia, onde foy Soldado, e Mestre de Campo de hum Terço, Cavalleiro da Ordem de Christo, Governador, e Capitaõ General do Maranhaõ, para onde foy no anno de 1729; e faleceo em Novembro de 1741. Casou na Bahia com D. Leonor Maria de Castro, filha herdeira de André de Brito de Castro, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Provedor da Bahia, (officio que servio seu genro alguns annos, e depois vendeo a Domingos da Costa, que actualmente o serve) Senhor de muitas terras, e Engenhos naquelle Estado; e de D. Francisca Maria sua mulher; e teve os filhos seguintes: ⁒ 19 LUIZ DE SOUSA FREIRE, morreo na Bahia no anno de 1743. ⁒ 19 ANTONIO JOSEPH FREIRE, que he herdeiro, e até o presente naõ tem estado. ⁒ * 19 D. MARIA PERIGRINA VICENCIA, adiante. ⁒ 19 DONA FRANCISCA MARIA DE SOUSA, ⁒ e D. JOACHINA DE SOUSA.

* 19 D. MARIA PERIGRINA VICENCIA DE LIMA E TAVORA casou a 17 de Novembro de 1736 com Antonio Joseph Pereira Coutinho, que nasceo a 13 de Dezembro de 1710, filho de Giraldo Pereira Coutinho, Lente de Prima de Canones; e tem os filhos seguintes: ⁒ 20 D. LEONOR COUTINHO PEREIRA DE SOUSA nasceo a 28 de Outubro de 1737. ⁒ 20 D. IGNEZ RITA DE LACERDA E TAVORA nasceo a 21 de Setembro de 1739. ⁒ 20 D. ANNA JOACHINA DE LIMA nasceo a 30 de Outubro de 1744.

19 D.

⸗ 19 D. FRANCISCA MARIA DE SOUSA E CASTRO, que nasceo no anno de 1720. Casou com Nicolao Pereira Coutinho de Menezes, e até ao presente naõ tem filhos. ⸗ 19 D. JOACHINA JOSEFA DE SOUSA E CASTRO casou com Miguel Joseph Salema de Saldanha, como se dirá no Capitulo XVII. do Liv. XIII. §. III. Teve illegitimos em Josefa Maria, que depois foy Freira em Santa Clara de Lisboa, ⸗ D. MARIA, e D. JOANNA, Religiosas no Mosteiro das Flamengas de Alcantara de Lisboa: de outra Maria de Sousa, que vive no Recolhimento da Misericordia da Bahia, ⸗ D. ISABEL DE SOUSA, que morreo sem estado; e de D. Leonor de Brito teve ⸗ D. MARGARIDA MAGDALENA DE SOUSA, Moça do Coro no Mosteiro de Santos de Lisboa. ⸗ DONA URSULA, que morreo Moça do Coro no mesmo Mosteiro. ⸗ BERNARDINO VENANCIO DE SOUSA.

D. Ma-

-). Maria e Ataide, nulher de Dom Fra- ique Ma- oel, Se- hor de Atalaya.
  - Nuno Fernandes de Ataide, Senhor de Penacova, Alcaide môr de Alvor, Capitaõ de Çafim, do Conselho delRey, e Camereiro môr do Principe D. Joaõ, ✱ em 1517.
    - Alvaro de Ataide, Alcaide môr de Alvor.
      - Joaõ Gonçalves de Ataide, Senhor de Penacova, Camereiro môr do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra.
        - Gonçalo Viegas de Ataide.
          - Egas Moniz de Ataide.
          - N. . . . .
        - Beatriz Nunes de Goes.
          - Nuno Martins de Goes, Prior do Crato.
          - Branca do Avelar.
      - Maria Nunes de Cordovellos.
        - Nuno Fernandes de Cordovellos, Senhor de Penacova.
          - N. . . . .
          - N. . . . .
        - N. . . . .
          - N. . . . .
          - N. . . . .
    - Dona Maria da Sylva.
      - Pedro Gonçalves Malafaya, Védor da Fazenda, Embaixador a Castella.
        - Gonçalo Pires Malafaya, Senhor de Bellas, Védor da Fazenda, e Regedor das Justiças.
          - Pedro Annes Fafiaõ, Senhor da Honra de Malafaya.
          - D. Sancha Gil do Avelar.
        - Maria Annes.
          - N. . . . .
          - N. . . . .
      - D. Isabel Gomes da Sylva.
        - Joaõ Gomes da Sylva, II. Senhor de Vagos, Alferes môr, ✱ a 26 de Março de 1445.
          - Gonçalo Gomes da Sylva, I. Senhor de Vagos, &c. ✱ a 10 de Dezembro de 1424.
          - D. Leonor Gonçalves da Fonseca.
        - N. . . . .
          - N. . . . .
          - N. . . . .
  - D. Joanna de Faria.
    - Antaõ de Faria, Alcaide môr de Palmella, Senhor de Evora-Monte.
      - Lourenço de Faria, Monteiro môr delRey Dom Joaõ II. Alcaide môr de Portel, Senhor de Evora-Monte.
        - Alvaro de Faria, Comendador do Casal da Ordem de Aviz; achou-se nas Cortes de Coimbra 1385.
          - Joaõ Alvares de Faria.
          - D. Mecia Telles.
        - D. Isabel da Sylva.
          - N. . . . .
          - N. . . . .
      - D. Guiomar da Sylva.
        - Diogo da Sylva.
          - Diogo da Sylva.
          - N. . . . .
        - N. . . . .
          - N. . . . .
          - N. . . . .
    - Leonor Gonçalves de Oliveira.
      - Joaõ Gonçalves de Oliveira.
        - N. . . . .
          - N. . . . .
          - N. . . . .
        - N. . . . .
          - N. . . . .
          - N. . . . .
      - N. . . . .
        - N. . . . .
          - N. . . . .
          - N. . . . .
        - N. . . . .
          - N. . . . .
          - N. . . . .

CAPI-

Diogo Ximeñ de Avila.

N. . . . .

Dona Maria de Faro, Filha de [illegible]

Gomes de Avila.

N. . . . .

N. . . . .

N. . . . .

N. . . . .

D. Luiz Annes Falbaõ, Senhor da Honra de Malhayo.

D. Sancha Gil de Avila.

N. . . . .

N. . . . .

Gonçalo Gomes da Sylva, I. Senhor de Vagos, &c. ✠ a 10 de Dezembro de 1434.

D. Leonor Gonçalves da Fonseca.

N. . . . .

N. . . . .

Joaõ Alvares de Faria.

D. Mecia Telles.

N. . . . .

N. . . . .

Diogo da Sylva.

N. . . . .

N. . . . .

N. . . . .

N. . . . .

N. . . . .

N. . . . .

N. . . . .

N. . . . .

N. . . . .

N. . . . .

Nuno Fernandes de Ataide, Senhor da [illegible]

N. . . . .

Gonçalo Pires Malafaya, Senhor de [illegible], Vedor da Fazenda, e Regedor da Justiça.

Mecia Annes.

Joaõ Gomes da Sylva, II. Senhor de Vagos, Alcaide mór, ✠ a 26 de Março de 1465.

N. . . . .

Alvaro de Faria, Commendador no Casal da Ordem de Aviz, [illegible] nas Cortes de Coimbra 1385.

D. Isabel da Sylva.

Diogo da Sylva.

N. . . . .

N. . . . .

N. . . . .

N. . . . .

N. . . . .

Pedro Gonçalves Malafaya, Vedor da Fazenda, Embaixador a Castella.

D. Isabel Gomes da Sylva.

Lourenço de Faria, Monteiro mór delRey Dom Joaõ II. Alcaide mór de Palmella, Senhor de Evora-Monte.

D. Guiomar da Sylva.

Joaõ Gonçalves de Oliveira.

N. . . . .

Dona Maria da Sylva.

Antaõ de Faria, Alcaide mór de Palmella, Senhor de Evora-Monte.

Leonor Gonçalves de Oliveira.

Nuno Fernandes de Ataide, Senhor de Penacova, Alcaide mór de Alvito, [illegible] ✠ em 1517.

D. Joanna de Faria.

CAPITULO VI.

D. João Manoel, Commendador de S. Martinho de Mozares na Ordem de Christo.

14 FOy filho segundo de Dom Fradique Manoel, Senhor de Atalaya, &c. e de Dona Maria de Ataide sua mulher D. Joaõ Manoel; servio de Moço Fidalgo todo o tempo, em que naõ podia cingir espada, como he costume nas pessoas da sua qualidade. ElRey D. Joaõ III. lhe fez merce da Commenda de S. Martinho de Mozares da Ordem de Christo, no Arcebispado de Braga, em 20 de Outubro de 1556, como se vê do livro VI. do Registo das merces do referido Rey, Escrivaõ Sebastiaõ Dias. Na infelice jornada, que ElRey D. Sebastiaõ fez segunda vez à Africa, se achou na batalha de Alcacere, em que foy morto a 4 de Agosto de 1578. Casou com D. Iria de Siqueira, filha de Gonçalo de Siqueira, e de D. Genebra Nole, filha de Joaõ Nole, Fidalgo da Casa do Mestre de Santiago; e de D. Maria da Fonseca. Era Gonçalo de Siqueira irmaõ de Fernaõ Vaz de Siqueira, Senhor da Torre de Palma, e de Joaõ Palha de Siqueira, de quem foy filho Balthasar de Siqueira, que passou ao Algarve por ordem delRey D. Manoel com a superintendencia do Mosteiro das Freiras de Santa Clara, hoje da Ordem

Jornada de Africa, pag. 45. vers.

de S. Bernardo, como consta de hum Alvará do anno de 1512, que se conserva na Camera da Cidade de Tavira, onde foy Vereador em os annos de 1523, 1533, e 1537, de quem foy filho Balthasar de Siqueira, Fidalgo honrado, Cavalleiro da Ordem de Christo, e Juiz da Alfandega de Tavira, que casando com D. Catharina de Oliva, foraõ pays de Lopo de Siqueira, que viveo tambem em Tavira, e casou com D. Marianna de Lacerda sua sobrinha, filha de Roque Pereira de Berredo de Siqueira, de quem nasceo D. Jeronyma de Lacerda, mulher de Diogo de Mendoça Corte-Real; cuja antiga varonía de Madeiras se alliou com os Mendoças, e Cortes-Reaes, e se conservaraõ com esplendor, e luzimento no Reyno do Algarve; recahindo depois nelles o antigo Morgado de Marim, que foy de seus avós, que agora só tocamos esta parte, pelo que toca aos Siqueiras, Senhores da Torre de Palma. Teve D. Joaõ Manoel de sua mulher os filhos seguintes:

15 D. VALENTIM MANOEL, que foy Religioso da Provincia da Arrabida.

* 15 D. ISABEL MANOEL casou com Constantino de Magalhaens, VII. Senhor da Ponte da Barca, de que adiante faremos mençaõ.

Casou segunda vez com Dona Brites de Abranches, viuva de Vicente de Almada, Commendador de Santo André de Vitorinho na Ordem de Christo, filha de Diogo Pessanha, e de sua mulher D. Simoa Correa, e neta de Alvaro Pessanha, e de sua mulher D. Isabel

Isabel de Abranches, filha de D. Alvaro Vaz de Almada, I. Conde de Abranches; e era bisneta de Micer Carlos, Almirante de Portugal; e delle faz mençaõ D. Luiz de Gongora Alcasar na *Real Grandeza da Serenissima Republica de Genova*, escrita em Italiano, e Hespanhol; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

Gongora, *Grand. de la Repub. de Genov.* pag. 24.

* 15 D. ANTONIO MANOEL, com quem se continúa. ⩶ 15 D. ANNA MANOEL, Freira no Mosteiro da Annunciada de Lisboa, da Ordem de S. Domingos. ⩶ 15 D. MARIA DE ABRANCHES, Freira em o Mosteiro de Jesus de Setuval, da primeira Regra de Santa Clara.

15 D. JOAÕ FRANCISCO MANOEL passou com ElRey D. Sebastiaõ à Africa, e morreo na batalha de Alcacer no anno de 1578 sem ter sido casado, nem deixar geraçaõ.

* 15 D. ANTONIO MANOEL, foy Cavalleiro da Ordem de Christo. Passou a servir na India no anno de 1592 na Armada, de que foy Capitaõ môr Francisco de Mello; e levava de moradia de Fidalgo Cavalleiro por mez tres mil e novecentos reis. Achouse na tomada de Cunhale, servindo de Capitaõ môr no anno de 1596, sendo Vice-Rey o Conde Almirante; e no tempo do Vice-Rey Dom Jeronymo de Azevedo foy Capitaõ de Cranganor, e do Paço de Santiago da Ilha de Goa; e por estes serviços o despachou ElRey Filippe II. com a Capitanía de Malaca no anno de 1605, e com huma viagem da China,

Emmenta da Casa da India do an. de 1592. pag. 200.

Livr. 22 do Registo da Casa da India, pag 376, liv. 26. pag. 211, e liv. 27. pag. 204.

e o habito de Christo com huma tença. E tendo servido com grande satisfaçaõ, e muito, vindo de Choromandel para Goa, foy morto peleijando com os Hollandezes, sendo Capitaõ môr Fernaõ de Albuquerque. Casou na India com D. Francisca de Lacerda, filha de Manoel de Lacerda Pereira, Capitaõ de Chaul, e de D. Anna de Castilho Salazar sua mulher, de quem teve = 16 D. Carlos Manoel, que servio na India pelos annos de 1630, e morreo sem estado. = * 16 D. Martim Affonso Manoel, adiante. = 16 Dom Fradique Manoel. = 16 D. Joaõ Manoel, de quem naõ sabemos. = 16 D. Catharina Manoel, mulher de Antonio de Mello de Sampayo, filho de Gaspar de Mello de Sampayo.

* 16 D. Martim Affonso Manoel, que servio na India, e lá casou duas vezes, a primeira com Dona N. . . . . . filha herdeira de André de Vasconcellos, e de D. Domingas Tavares sua mulher, de quem teve = 17 D. Antonio Manoel, que casando com D. N. . . . . . filha de Joaõ Pinheiro de Gamboa, morreo sem geraçaõ. Casou segunda vez tambem na India com D. Maria de Andujar, de quem naõ teve geraçaõ. E casou terceira vez em Baçaim com D. N. . . . . de quem teve = 17 D. Francisco Manoel, de quem naõ temos noticia.

* 15 D. Isabel Manoel, filha de D. Joaõ Manoel, casou com Constantino de Magalhaens, VII. Senhor da Ponte da Barca, Commendador de Pinheiro

nheiro na Ordem de Christo, de quem teve o filho, e filha seguintes: ⌸ 16 ANTONIO DE MAGALHAENS, que foy VIII. Senhor da Ponte da Barca, e da mais Casa de seus avós; e casou com D. Maria da Sylveira, filha de Antonio Vaz de Camoens, Senhor do Morgado da Camoeira, de quem naõ teve geraçaõ; e ella depois casou com D. Pedro Mascarenhas, irmaõ de D. Joaõ Mascarenhas, III. Conde de Santa Cruz, e de Dom Vasco Mascarenhas, I. Conde de Obidos.

16 D. JOANNA MANOEL DE MAGALHAENS, que veyo a ser herdeira, e foy IX. Senhora da Ponte da Barca, Souto, Rebordãos, terra, e Castello da Nobrega, Torre, e Morgado de Fonte-Arcada. Casou com D. Affonso de Menezes, Mestre Salla do Senhor Rey D. Joaõ IV. Commendador de Izeda na Ordem de Christo, Capitaõ môr de Monsaõ; e por o seu casamento Senhor da Ponte da Barca, &c. Faleceo em o anno de 1656. Irmaõ de D. Francisco de Menezes, Conego Doutoral da Sé de Evora, Deputado da Junta dos Tres Estados, douto, e muy dado ao estudo Genealogico, que escreveo varios livros com muita exacçaõ, de quem no *Apparato* desta Obra, num. 23, se faz mençaõ; e eraõ filhos de D. Fradique de Menezes, hum dos Oppositores da Casa de Alconchel; e de sua mulher D. Isabel Henriques, filha de Fernaõ Nunes Barreto, Senhor do Couto de Freiris, Santiago de Lostoca, e Santa Marinha de Estromil, Commendador de Santo Adriaõ

na

na Ordem de Christo; e netos de D. Pedro de Menezes, VII. Senhor de Cantanhede, e de sua mulher D. Ignez de Zuniga. Desta sorte passou a Casa da Ponte da Barca à antiga, e illustre varonía de Menezes; deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

* 17 D. Fradique, com quem se continúa.

17 D. Joseph de Menezes, que nasceo no anno de 1642; foy Doutor em Canones, Porcionista do Collegio de S. Paulo de Coimbra, em que entrou a 29 de Fevereiro de 1656, Desembargador da Relaçaõ do Porto, e da Casa da Supplicaçaõ de Lisboa, da Mesa dos Aggravos, Deputado da do Santo Officio da Inquisiçaõ de Lisboa, de que tomou posse a 14 de Novembro de 1674, da Junta dos Tres Estados, e da Mesa da Consciencia, e Ordens, de que tomou posse a 13 de Janeiro de 1670, Visitador dos Mosteiros das Ordens Militares de Aviz, e Palmella, Sumilher da Cortina delRey Dom Pedro II. sendo Principe Regente, Dom Prior de Guimaraens, Reytor, e Reformador da Universidade de Coimbra, por Provisaõ de 15 de Outubro de 1675; e sendo nomeado Bispo de Miranda, naõ teve effeito, por vagar no mesmo tempo a Cadeira da Cathedral do Algarve, em que foy nomeado pelo Principe Regente, tirando Bullas Apostolicas, tomou posse a 14 de Julho de 1680. Naõ esteve nesta Igreja muito tempo; porque ElRey D. Pedro o promoveo a 3 de Março de 1685 para o Bispado de Lamego; e sendo absoluto do vinculo do Algarve, em 14 de Mayo tomou

Barbosa, *Catalogo do Colleg. Real de S. Paulo.*

tomou posse da Cadeira de Lamego a 25 de Agosto do mesmo anno. Ultimamente foy nomeado Arcebispo de Braga, Primaz de Hespanha, de que tirando as Bullas Apostolicas, tomou posse a 22 de Mayo de 1692. No anno de 1693, estando em Lisboa o Arcebispo Primaz, o nomeou ElRey D. Pedro, por Carta de 6 de Abril do referido anno, Inquisidor Geral destes Reynos, o que naõ aceitou. Faleceo a 16 de Fevereiro de 1696, acabando nelle hum grande Prelado; porque foy douto, entendido, e prompto em resolver, zelador da immunidade Ecclesiastica, caritativo com os pobres; e àquelles a que se ajuntava a nobreza, attendia com cuidado, recolhendolhe as filhas nos Mosteiros para Religiosas, e aos filhos, que eraõ capazes de estudar, assistia em a Universidade de Coimbra com mezadas. Na justiça mostrou zelo, e distribuiçaõ nos Beneficios; nas Igrejas de concurso, naõ permittia entrassem os seus Capellaens, para que se naõ persuadissem os pretendentes, podia haver soborno. Com estas, e outras acções, e virtudes mostrou a grandeza do seu animo, a inteireza de hum verdadeiro Pastor da Igreja. Jaz na Sé de Braga na Capella de S. Pedro de Rates, onde por sua ordem tem este Epitafio:

Aqui jaz Joseph.
O mais indigno Arcebispo de Braga.

* 17 D. JOAÕ MANOEL DE MENEZES, de quem se fará mençaõ adiante.

D.

* 17 D. Fradique de Menezes, X. Senhor da Ponte da Barca. Casou no anno de 1671 com D. Jeronyma Maria de Sá sua prima segunda, filha herdeira de Fernaõ Nunes Barreto, Senhor dos Coutos de Freiris, e Penagate, e dos Padroados de Freiris, Santiago de Lostoca, e Santa Marinha de Estromil; e de D. Joanna de Sá sua prima segunda, filha de Sebastiaõ de Sá de Miranda, de quem teve

* 18 D. Affonso de Menezes, adiante.

18 D. Joseph de Menezes, que foy Mestre Escola da Sé de Coimbra, e he Principal da Santa Igreja de Lisboa. ⵆ 18 D. Joaõ de Menezes, que até o presente naõ tomou estado, havendo succedido na Casa a seu irmaõ. ⵆ 18 D. Maria de Menezes, faleceo menina. ⵆ 18 D. Joanna de Menezes, e D. Isabel Manoel de Aragaõ, Freiras em Santa Clara de Coimbra. ⵆ 18 D. Anna de Menezes casou em 27 de Janeiro de 1704 com Simaõ da Costa Freire, Senhor de Pancas, e da Villa de Atalaya na Beira, de quem ficou viuva a 19 de Junho de 1728, sem successaõ.

* 18 D. Affonso de Menezes, foy XI. Senhor da Ponte da Barca, &c. Faleceo em Coimbra em Fevereiro de 1739. Casou com D. Antonia de Borbon, filha de D. Antonio de Almeida, II. Conde de Avintes, do Conselho de Estado; e da Condessa D. Maria Antonia de Borbon, de quem naõ teve successaõ; e da sua Casa fez ElRey merce a D. Joaõ de Menezes seu irmaõ, exceptuando os Padroados das Igrejas.

D.

* 17 D. JOAÕ MANOEL DE MENEZES, filho terceiro de D. Affonſo de Menezes, e de D. Joanna Manoel de Magalhaens, IX. Senhora da Villa da Ponte da Barca: ſervio na guerra na Provincia do Minho, e depois no anno de 1679 ſe achou nas Cortes, que ſe celebraraõ em Lisboa, ſendo Procurador. Caſou com D. Franciſca Luiza de Mendoça, filha herdeira de Franciſco Ferreira Furtado de Mendoça, e de D. Maria de Mendoça ſua mulher, de quem teve unico

18 D. FRANCISCO FURTADO DE MENDOÇA, adiante. E fóra do matrimonio teve illegitimo a

18 D. AFFONSO MANOEL DE MENEZES, que naſceo no anno de 1672, e foy bautizado a 2 de Outubro: eſtudando na Univerſidade de Coimbra com aproveitamento, ſeguio a vida Eccleſiaſtica, e ſendo Beneficiado da Collegiada de Freixo de Eſpada à Cinta, paſſou para Arcediago do Bago da Santa Igreja de Braga; e depois de ter recebido o grao de Licenciado na Univerſidade de Coimbra, foy Deputado da Inquiſiçaõ da dita Cidade, em que entrou a 30 de Janeiro de 1697, donde paſſou a ſervir o meſmo lugar na Inquiſiçaõ de Lisboa a 6 de Dezembro de 1704, ſendo já Deſembargador da Relaçaõ do Porto, em que tinha entrado a 29 de Agoſto de 1703, donde paſſou no anno ſeguinte a ſervir na Caſa da Supplicaçaõ, e de que tomou poſſe a 27 de Novembro do dito anno, e ultimamente entrou na Meſa dos Aggravos de propriedade a 5 de Julho de 1710. À viveza natural, a que a natureza ajuntou hum engenho

ſublime com continuada applicaçaõ ao eſtudo da Juriſprudencia, o diſtinguiraõ na ſua profiſſaõ, e fará celebre o ſeu nome, ſe ſahir à luz para beneficio da Republica das letras a ſua vaſta Obra, que tem quaſi acabada, com o titulo *Commentaria ad Ordinationem Luſitanam*, que divide em cinco tomos, Obra em que brilhaõ igualmente os apices da Juriſprudencia, que os primores da erudiçaõ, a qual nos fez mercê de moſtrar, e vimos com grande goſto; della já faz mençaõ o Abbade de Sever na *Bibliotheca Luſitana*, que ſe imprimio em 1741. Naõ ſó a profiſſaõ lhe levou o cuidado, porque com muito ſe applicou à Hiſtoria, e à Genealogia, como diſſemos no *Apparato* deſta Obra.

* 18 D. FRANCISCO FURTADO DE MENDOÇA naſceo a 22 de Setembro de 1681, ſuccedeo nos Morgados de Argenſol, Freiria, e Canidello, foy Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e morreo a 14 de Outubro de 1741. Caſou com D. Marianna Luiza de Valladares e Amaral, que faleceo a 15 de Agoſto de 1739, havendo naſcido no anno de 1678, filha herdeira de João de Valladares do Amaral Carneiro, Senhor da Caſa dos Valladares do Porto; e de D. Margarida Machado da Sylva e Menezes, filha de Ruy Pereira Sottomayor, Alcaide môr de Caminha, Senhor de Barbeita, de quem teve os filhos ſeguintes:

19 D. FRANCISCO ANTONIO DE MENEZES naſceo a 10 de Mayo de 1699, e morreo a 28 de Março de 1704. ⌶ * 19 D. LEONOR MARIA MI-

CHAELLA

CHAELLA MANOEL DE MENEZES, adiante. ⩶ 19 D. MARIANNA PLACIDA DE MENEZES, de quem se faz mençaõ. ⩶ D. FRANCISCA ROSA MARIA DE MENEZES nasceo a 2 de Outubro de 1701, e casou a 3 de Mayo de 1725 com Thadeo Luiz Lopes de Carvalho e Camoens, VII. Senhor, e Capitaõ môr hereditario dos Coutos de Abbadim, e Negrellos, &c. como se dirá no Capitulo VI. do Livro XIII. e fica referido a pag. 365 do Livro XI. ⩶ * 19 D. JOANNA THERESA DE MENEZES, adiante. ⩶ * 19 D. JOAŌ MANOEL DE MENEZES, com quem se continúa. ⩶ * 19 D. MARIA PROSPERA DE MENEZES, de quem adiante se falla. ⩶ * 19 D. MARGARIDA CECILIA DE MENEZES, de quem abaixo se fará mençaõ. ⩶ 19 D. EUGENIA JOSEFA DE MENEZES nasceo a 12 de Janeiro de 1710. Casou com Henrique de Mello de Azambuja, como dissemos no Capitulo IV. §. II. deste Livro. ⩶ 19 D. ISABEL DE ARAGAŌ nasceo em o primeiro de Abril de 1711, e morreo a 9 de Novembro do mesmo anno. ⩶ * D. LUIZA CAETANA DE MENEZES, de que adiante se trata.

* 19 D. LEONOR MARIA MICHAELLA MANOEL DE MENEZES nasceo a 28 de Setembro de 1700, casou no anno de 1716 com D. Antonio Jacintho, Senhor de Lyra, e da Casa do Porto no Reyno de Galliza, e tem ⩶ 20 D. RODRIGO TRANCOSO DE LYRA, que nasceo em 1717. ⩶ D. JOAŌ DE LYRA TRONCOSO E SOTTOMAYOR, que nasceo a 12 de

Abril de 1721. ⩶ D. MARIA QUITERIA DE LYRA E MENEZES, que foy bautizada a 21 de Agosto de 1723, e casou a 10 de Abril de 1735 com Pedro Lopes de Calheiros e Benavides, Senhor da Casa, e Solar de Calheiros; e tem até o presente: ⩶ 21 FRANCISCO LOPES DE CALHEIROS, que nasceo a 21 de Junho de 1737, ⩶ e a D. MARIA ROSA DE MENEZES, que nasceo a 16 de Outubro de 1741. ⩶ 20 D. PAULA LEONOR DE MENEZES, que foy bautizada a 17 de Janeiro de 1727. ⩶ 20 D. LUIZA ANTONIA DE LYRA nasceo a 26 de Agosto de 1728.

* 19 D. MARIANNA PLACIDA DE MENEZES nasceo a 5 de Outubro de 1702. Casou a 7 de Setembro de 1727 com Manoel de Sá Pereira, Mestre de Campo de Infantaria Auxiliar da Comarca de Coimbra, a qual faleceo em Julho de 1739, deixando a successaõ seguinte: ⩶ 20 D. MARIANNA ANTONIA DE SA' E MENEZES nasceo a 30 de Agosto de 1728. ⩶ D. JOACHINA LOURENÇA DE SA' E MENEZES nasceo em 1729, foy bautizada a 23 de Agosto. ⩶ JOAÕ ANTONIO DE SA' PEREIRA nasceo a 13 de Junho de 1730. ⩶ JOSEPH VICTORINO DE SA' E MENEZES nasceo em 1731, foy bautizado a 4 de Dezembro. ⩶ FRANCISCO DE SA' foy bautizado a 29 de Março de 1731; he Cavalleiro de Malta. ⩶ D. ANNA DE SA', foy bautizada a 20 de Fevereiro de 1735. ⩶ D. LUIZA VICTORIA DE SA' nasceo em 1736, e foy bautizada a 23 de Janeiro. ⩶ D. PEDRO DE MENEZES nasceo a 4 de Março de 1738.

D.

* 19 D. JOANNA THERESA DE MENEZES nasceo a 15 de Fevereiro de 1704, e casou a 28 de Novembro de 1728 com Joaõ Bernardo Pereira Coutinho de Vilhena, Senhor da Casa de Penedono; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 20 BELCHIOR LUIZ PEREIRA COUTINHO DE VILHENA nasceo em 1729, e foy bautizado a 28 de Novembro. ⩶ LUIZ MANOEL DE MENEZES nasceo em 1731, e foy bautizado a 25 de Abril. ⩶ D. DELFINA FELICIANA BARBARA DE MENEZES E ZUNIGA nasceo em 1732, e foy bautizada a 16 de Mayo. ⩶ FRANCISCO MANOEL DE MENEZES nasceo em 1733, e foy bautizado em Novembro. ⩶ D. ANTONIA LUIZA DE ZUNIGA E MENEZES nasceo em 1735, e foy bautizada no primeiro de Mayo. ⩶ LOPO CESAR DE MENEZES nasceo em 1737, e foy bautizado a 23 de Mayo. ⩶ MIGUEL CARLOS nasceo em 1738, e foy bautizado a 20 de Julho. ⩶ D. LEONOR GERTRUDES DE MENEZES nasceo em 1740, e foy bautizada a 2 de Abril. ⩶ D. JOANNA FELICIA DE ZUNIGA MENEZES DE VILHENA nasceo em 1742, e foy bautizada a 31 de Março.

* 19 D. MARIA PROSPERA DE MENEZES nasceo a 2 de Novembro de 1706, casou a 26 de Mayo de 1728 com Thomé Joseph de Sousa e Brito, Commendador da Ordem de Christo, de quem fizemos mençaõ no §. II. do Capitulo IV. deste Livro.

* 19 D. MARGARIDA CECILIA DE MENEZES nasceo a 9 de Novembro de 1708, casou a 19 de Outubro

tubro de 1727 com D. Affonſo Bautiſta de Aguilar, Monroy da Gama, irmaõ de D. Rodrigo de Aguilar, Cavalleiro de Malta, de D. Antonio de Aguilar, Prelado da Santa Igreja de Lisboa; e de Dona Filippa Catharina de Aguilar da Gama, mulher de Gonçalo Joſeph da Sylveira Preto, Alcaide môr de Monçaõ, e Commendador deſta Villa, irmaõ de Antonio Ignacio Falcaõ, Prelado da dita Santa Igreja de Lisboa, e filhos de Joſeph Vaz de Carvalho, do Conſelho de Sua Mageſtade, ſeu Deſembargador do Paço, Chanceller môr do Reyno, Juiz da Coroa, Secretario do Infante D. Manoel, Miniſtro de grande inteireza, e litteratura, e merecimentos, que o fazem benemerito da attençaõ do ſeu Soberano; e da referida uniaõ tem até o preſente os filhos ſeguintes: ⵘ 20 D. JOSEPH DE AGUILAR naſceo a 2 de Junho de 1736. ⵘ D. MARIANNA JOSEFA DE MENEZES naſceo a 12 de Junho de 1737. ⵘ D. FRANCISCO ANTONIO DE MENEZES naſceo em 12 de Junho de 1739. ⵘ D. JOAÕ DE AGUILAR naſceo a 16 de Junho de 1740. ⵘ D. ANNA JOACHINA DE MENEZES naſceo a 13 de Setembro de 1741. ⵘ DOM FRANCISCO DE AGUILAR naſceo a 27 de Junho de 1743. ⵘ D. JOACHIM DE AGUILAR, naſceo em 11 de Outubro de 1744.

* 19 D. LUIZA CAETANA DE MENEZES naſceo a 15 de Dezembro de 1713. Caſou a 23 de Julho de 1732 com ſeu primo ſegundo Manoel Carlos Bacellar, de quem tem ⵘ 20 MARCOS CAETANO BACELLAR,

CELLAR, que nasceo a 25 de Abril do anno de 1733. ⩶ D. MARIA LUIZA DE MENEZES nasceo a 16 de Mayo de 1734, e morreo a 27 de Outubro de 1742. ⩶ D. MARIA ROSA DE MENEZES nasceo a 3 de Mayo de 1735. ⩶ D. LUIZA IGNACIA DE MENEZES nasceo no primeiro de Junho de 1736, e morreo em 1740. ⩶ SEBASTIAÕ CARLOS BACELLAR nasceo a 21 de Fevereiro de 1739, e morreo em Outubro de 1742. ⩶ D. ANNA MARIA DE MENEZES nasceo a 3 de Agosto de 1741. ⩶ D. LUIZA MARIA DE MENEZES, que nasceo a 2 de Setembro de 1743.

* 19 D. JOAÕ MANOEL DE MENEZES nasceo a 25 de Junho de 1705; he successor da Casa de seus pays. Casou a 25 de Fevereiro de 1726 com D. Maria Rosa de Menezes, filha de Joaõ Gonçalves da Camera Coutinho, Almotacé môr do Reyno; e de sua mulher D. Luiza de Menezes, como dissemos a pag. 606 do Tomo X. de quem tem até o presente:

20 D. MARIANNA LUIZA DA TRINDADE DE MENEZES nasceo a 8 de Junho de 1727.

20 D. MARIA URSULA DE MENEZES nasceo a 21 de Outubro de 1737.

CAPI-

CAPITULO VII.

De Dom Nuno Manoel, II. Senhor de Atalaya, Tancos, e Cinceira, Alcaide môr de Marvaõ, &c.

14 NAsceo primogenito entre os filhos de D. Fradique Manoel, como dissemos no Capitulo V., D. Nuno Manoel, que foy successor da sua Casa, e Senhor das Villas de Atalaya, Tancos, Cinceira, Aguias, e mais Estados desta Casa, Alcaide môr de Marvaõ. Pelos annos de 1574 achamos passara por Embaixador a França a comprimentar a ElRey Henrique II. pela sua exaltaçaõ ao Throno daquella Monarchia pela morte de seu irmaõ ElRey Carlos IX. Naquella Corte ficou residindo o Embaixador D. Nuno algum tempo; depois voltando ao Reyno, acompanhou a ElRey D. Sebastiaõ a segunda vez, que passou à Africa, e com elle o mataraõ os Mouros na batalha de Alcacer a 4 de Agosto do anno de 1578. Casou com D. Joanna de Ataide, filha de D. Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira, e da Condessa D. Anna de Tavora; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

15 D. FRADIQUE MANOEL, que naõ chegou a herdar a Casa, por morrer na batalha de Alcacer, aonde tinha passado juntamente com seu pay. Seu corpo

corpo resgatou sua mãy D. Joanna de Ataide com generosa piedade.

15 D. FRANCISCO MANOEL, I. Conde de Atalaya, Capitulo IX.

15 D. ANTONIO MANOEL passou a servir à India no anno de 1584 com o Vice-Rey D. Duarte de Menezes, levando de moradia de Fidalgo Cavalleiro por mez tres mil e novecentos, conforme a Emmenta da Casa da India. Assim que chegou ao Estado foy occupado; porque no anno de 1585 servio de Capitaõ de huma Fusta da Armada, com que Ruy Gonçalves da Camera foy ao Estreito de Meca, donde passou contra os Niquillos com Pedro Homem Pereira, huma das mais arriscadas emprezas, que naquelle tempo houve na India; e assim nella acabou D. Antonio Manoel a vida, peleijando com admiravel valor.

Emmenta da Casa da India do an. de 1584. pag. 35 vers.

Couto, *Decad.* 10. liv. 7. cap. 7. e 8.

15 D. PEDRO MANOEL, II. Conde de Atalaya, Capitulo X.

15 DOM JOAÕ MANOEL, Arcebispo de Lisboa, Vice-Rey de Portugal, que occupará o Capitulo VIII.

* 15 D. FRANCISCA DE ATAIDE casou com D. Manoel Mascarenhas, Commendador do Rosmaninhal na Ordem de Christo, §. I.

15 D. MARIA DE ATAIDE, Religiosa do Mosteiro de Santa Clara da Castanheira, de que foy Abbadessa, acabando a vida com sinaes de grande virtude.

15 D. MAGDALENA DE ATAIDE, D. ANNA DE ATAIDE, D. CATHARINA DE ATADE, Freiras no dito Moſteiro. = 15 D. EUFRAZIA DE ATAIDE, Freira em Jeſus de Setuval, onde ſe chamou Soror Eufrazia de Santa Catharina, Religioſa de exemplar vida.

15 D. VIOLANTE DE ARAGAÕ, Freira no Moſteiro de Vialonga, de que foy Abbadeſſa duas vezes.

§. I.

* 15 D. FRANCISCA DE ATAIDE caſou com D. Manoel Maſcarenhas, Commendador do Roſmaninhal, Senhor da Gocharia, que ſe achou com ElRey Dom Sebaſtiaõ no anno de 1578 na batalha de Alcacer, em que foy cativo; e ſendo reſgatado, voltou para o Reyno, e foy Governador, e Capitaõ General da Praça de Mazagaõ; e tiveraõ os filhos ſeguintes: = * 16 D. FERNANDO MASCARENHAS, com quem ſe continúa. = 16 D. JOAÕ MASCARENHAS, que ſervindo na India, morreo queimado, com grande valor, na empreza de Surrate. = 16 D. PEDRO MASCARENHAS, que foy Religioſo da Ordem de S. Franciſco. = 16 D. FRANCISCO MASCARENHAS, que ſervio na India, onde em huma acçaõ dos noſſos, foy morto pelos Mouros. = 16 D. NUNO, morreo menino. = 16 D. DIOGO MASCARENHAS, que paſſou a ſervir à India; e tomando depois o habito de S. Franciſco, morreo Religioſo. = 16 D.

FILIPPE

Filippe Mascarenhas, passou a servir à India, em que continuou com reputaçaõ; foy Governador de Ceilaõ, e depois Vice-Rey do Estado, por Patente de 10 de Abril de 1644; e tendo feito grandes serviços à Coroa, em que as nossas Armas conseguiraõ gloriosos successos, voltou para o Reyno muito rico. Morreo em Angola no anno de 1651. Havia casado na India com D. Maria Coutinho, filha de Dom Diogo Coutinho, e de sua mulher D. Ignez Freire: naõ teve successaõ; e estava segunda vez contratado com sua sobrinha Dona Helena, filha de seu irmaõ, que veyo a ser seu herdeiro. ⵘ 16 Dom Antonio Mascarenhas, que morreo servindo na India. ⵘ 16 D. Joanna, D. Filippa, e D. Maria, Religiosas no Mosteiro da Castanheira. ⵘ 16 D. Magdalena de Ataide, casou com D. Antonio de Almeida, Commendador de Lardosa, Soalheiro, e Bemposta, na Ordem de Christo; e a sua illustre posteridade deixamos escrita no Tomo X. pag. 833. ⵘ 16 D. Catharina, D. Margarida, e D. Leonor, Religiosas no Mosteiro de Santa Clara de Santarem.

* 16 D. Fernando Mascarenhas, succedeo na Casa, e foy Commendador da Torre, de Fonte Arcada, e do Rosmaninhal, na Ordem de Christo, e Senhor do Morgado da Gocharia; foy Governador, e Capitaõ General de Ceuta, e Tangere, onde servio com reputaçaõ, soccorrendo sete vezes a Mamora, Larache, e Pinhaõ, que estiveraõ em aperto;

ſerviço porque ElRey D. Filippe IV. o creou Conde da Torre, por Carta de 26 de Julho do anno de 1638, ſendo já do ſeu Conſelho de Eſtado, e o nomeou Capitaõ General de Mar, e Guerra, das Armadas de Portugal, e Caſtella, para a recuperaçaõ da Capitanía de Pernambuco, e mais Praças, que no Eſtado do Braſil tinhaõ tomado os Hollandezes; e foy o unico Portuguez, que na dominaçaõ Caſtelhana teve o cargo de ambas as Armadas, mas infelizmente; porque ſobrevindo huma tempeſtade grande, eſtando a Armada pouco diſtante de terra, ſe perderaõ muitos dos principaes navios, e outros foraõ derrotados a Indias. Eſta deſgraça baſtou para ſe julgar por culpa, effeito ordinario nas calamidades grandes: aſſim ElRey D. Filippe o mandou prender na Fortaleza de S. Juliaõ da Barra, e o privou da grandeza do Titulo. Porém ſuccedendo neſte tempo a Acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV. para que tambem cooperou, perſuadindo a D. Fernando de la Cueva, Governador da Torre referida, em que elle eſtava prezo, a que a entregaſſe, conſeguio com felicidade o negoceado, ainda que a pezar do Governador. ElRey o reſtituío às honras, de que o tinha privado a ſiniſtra informaçaõ dos ſeus emulos; e foy aſſim I. Conde da Torre, e o creou do ſeu Conſelho de Eſtado, e Preſidente do Senado da Camera de Lisboa, e Reformador das Fronteiras. Caſou com D. Maria de Noronha, irmãa de D. Rodrigo da Sylveira, I. Conde de Sarzedas, filhos de Dom Luiz Lobo da

Sylvei-

Sylveira, Senhor de Sarzedas, e Sovereira Fermosa, insigne na Historia, e na Genealogia; e de sua mulher D. Joanna de Lima; e desta illustre uniaõ nascerão os filhos seguintes: ⵏ 17 D. MANOEL MASCARENHAS, que servio na guerra na Provincia de Alentejo. Foy morto por D. Diogo de Eça, por o achar em sua casa fallando com sua irmãa D. Helena, e por recusar recebella logo: galanteyo que havia tempos durava, e de que D. Diogo havia dias, que tinha a suspeita. ⵏ * 17 DOM JOAŌ MASCARENHAS, II. Conde da Torre, e I. Marquez de Fronteira. ⵏ 17 D. PEDRO MASCARENHAS, morreo de pouca idade. ⵏ 17 D. JOANNA DE NORONHA, faleceo na flor da idade. ⵏ 17 D. FRANCISCA MASCARENHAS, Dama do Paço em Madrid, onde faleceo sem estado. ⵏ 17 D. EUFRAZIA DE LIMA, que foy segunda mulher de D. Francisco de Sousa, II. Conde do Prado, e I. Marquez das Minas, como se verá no Liv. XIV. ⵏ 17 D. HELENA DA SYLVEIRA E NORONHA, que casou com D. Francisco Luiz Balthasar da Gama, VI Conde da Vidigueira, e II. Marquez de Niza, como deixamos escrito no Tomo X. pag. 570, e foy sua primeira mulher. ⵏ 17 D. MARGARIDA ANDRÈ DE NORONHA, Dama da Rainha D. Luiza. Casou com D. Pedro de Almeida, I. Conde de Assumar; e a sua esclarecida posteridade deixamos escrita no Tomo X. pag. 809 desta Historia.

* 17 D. JOAŌ MASCARENAS, pela morte de seu irmaõ

irmaõ veyo a ſucceder na Caſa. Foy II. Conde da Torre, I. Marquez da Fronteira, Senhor dos Lugares de Coculim, e Verodá na India, Commendador das Commendas de Santiago de Fonte Arcada, Roſmaninhal, S. Nicolao de Carrazedo, S. Joaõ de Caſtellãos, S. Martinho de Cambres, e S. Martinho de Pindo, todas na Ordem de Chriſto, do Conſelho de Eſtado, e Guerra do Principe Regente D. Pedro, ſeu Gentil-homem da Camera, e Vèdor da ſua Fazenda, Meſtre de Campo General da Provincia da Eſtremadura, e Graõ Prior do Crato da inſigne Ordem de S. Joaõ de Malta. Servio na guerra de Alentejo com diſtincçaõ, e valor, e paſſou àquella Provincia no anno de 1657 com o poſto de Meſtre de Campo, dando as primeiras moſtras do ſeu esforço no aſſalto de Badajoz, empreza de Valença de Alcantara, e recuperaçaõ de Mouraõ: continuou com o meſmo valor no ſitio de Badajoz, e defenſa da Cidade de Elvas. Paſſou depois por Meſtre de Campo General à Provincia do Minho; e tendo exercitado nella o ſeu poſto, voltou por General da Cavallaria da Provincia de Alentejo; e com eſte poſto ſe achou na Campanha do anno de 1662. Foy Governador da importante Praça de Campo-Mayor, donde baixou ao ſoccorro de Evora. Achou-ſe na batalha do Canal no anno de 1663, governando huma das linhas do Exercito, ſendo o ſeu valor, e diſpoſiçaõ grande parte para ſe conſeguir taõ glorioſa vitoria. No anno de 1665 ſe achou na famoſa batalha de Montes-Claros, diſtin-

distinguindo-se em todas as occasioens. Conseguio na nossa Historia gloriosa memoria, como se póde ver na estimada Obra de *Portugal Restaurado.* Foy o Marquez valeroso, altivo, magnifico: conservou respeito, e authoridade na Corte, e grande estimaçaõ do Principe Regente, a quem foy grata a sua pessoa, e com muito valimento. Morreo a 16 de Setembro de 1681, havendo muy poucos dias, que lograva o grande emprego de Graõ Prior do Crato, que teve, sendo já viuvo.

Port. Restaur. tom. 2.

Casou com D. Magdalena de Castro, que faleceo a 10 de Setembro de 1673, filha de Francisco de Sá e Menezes, III. Conde de Penaguiaõ, Camereiro mór dos Reys D. Filippe IV. e D. Joaõ IV. Senhor de Sever, e Alcaide mór do Porto; e da Condessa D. Joanna de Castro, filha de Joaõ Gonçalves de Ataide, VI. Conde de Atouguia, e da Condessa D. Maria de Castro, Dama da Emperatriz, filha herdeira de Martim Affonso de Miranda, Camereiro mór do Infante Cardeal D. Henrique; e teve os filhos seguintes: ⩶ 18 D. Fernando Mascarenhas, II. Marquez de Fronteira, III. Conde da Torre, de quem fizemos mençaõ no Tomo IX. pag. 467, e da sua posteridade. ⩶ 18 D. Filippe Mascarenhas, que estando nomeado para successor de seu tio Dom Filippe Mascarenhas, morreo a 7 de Setembro de 1665. ⩶ 18 D. Francisco Mascarenhas, I. Conde de Coculim, que casou com Dona Maria de Noronha; e a sua descendencia fica tratada no Tomo

mo X. pag. 577, e no Tomo V. pag. 246. ⵌ 18 D. Joanna de Castro, que faleceo de curta idade. ⵌ D. Isabel de Castro, que caſou com ſeu primo D. Joaõ de Almeida, II. Conde de Aſſumar; e a ſua eſclarecida poſteridade já deixamos referida no Tomo IX. pag. 810. ⵌ 18 D. Francisca de Castro, Religioſa Carmelita Deſcalça no Moſteiro dos Cardaes, onde foy Priora.

D. Jo-

- Joanna Ataide, lher de m Nu- Manoel Senhor Atalaya.
  - Dom Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira, do Conselho de Estado, Védor da Fazenda.
    - Dom Alvaro de Ataide, Senhor da Castanheira, Povos, &c. * em 1505.
      - D. Alvaro Gonçalves de Ataide, I. Conde de Atouguia, Ayo delRey D. Affonso V. * em 1452.
        - Martim Gonçalves de Ataide, Alcaide môr de Chaves.
          - Gil Moniz de Ataide.
          - Dona N. . . . Vasques.
        - D. Mecia Vasques Coutinho, Aya dos Infantes, filhos delRey D. Joaõ I.
          - Vasco Fernandes Coutinho, Sen. do Couto de Leomil, Meirinho môr.
          - Brites Gonçalves de Moura, Aya da Rainha D. Filippa.
      - A Condessa Dona Guiomar de Castro.
        - D. Pedro de Castro, Senhor do Cadaval.
          - D. Alvaro Pires de Castro, Conde de Arrayollos, e Vianna de Caminha, I. Condestavel.
          - A Cond. D. Maria Ponce de Leaõ.
        - D. Leonor Telles de Menezes.
          - D. Joaõ Affonso Tello de Menezes, Conde de Ourem.
          - A Condessa D. Guiomar Lopes Pacheco.
    - D. Violante de Tavora.
      - Pedro de Sousa, Senhor de Prado, Alcaide môr de Seabra.
        - Martim Affonso de Sousa, Senhor de Mortagua.
          - Martim Affonso de Sousa, Senhor de Mortagua.
          - D. Aldonça Rodrigues de Sá.
        - D. Violante Lopes de Tavora.
          - Pedro Lourenço de Tavora, Senhor de Mogadouro.
          - D. Brites Annes de Albergaria.
      - D. Maria Pinheira.
        - O Doutor Pedro Esteves, Ouvidor da Casa de Bragança.
          - Braz Esteves.
          - N. . . . .
        - Isabel Pinheira.
          - Martim Gomes Lobo, Ouvidor da Casa de Bragança.
          - Môr Esteves Pinheira.
  - D. Anna de Tavora.
    - Alvaro Pires de Tavora, Senhor de Mogadouro, Cômendador de Santa Maria de Castello-Branco.
      - Pedro Lourenço de Tavora, Senhor de Mogadouro, &c.
        - Alvaro Pires de Tavora, Senhor de Mogadouro, &c.
          - Pedro Lourenço de Tavora, Reposteiro môr delRey D. Joaõ I.
          - Brites Annes, Aya delRey D. Affonso IV.
        - D. Leonor da Cunha, primeira mulher.
          - Alvaro da Cunha, Senhor de Pombeiro.
          - D. Brites de Mello.
      - D. Ignez de Sousa.
        - Fernaõ de Sousa, Senhor de Rossas.
          - Alvaro Gonçalves Camello, Senhor de Bayaõ.
          - Dona Ignez de Sousa.
        - D. Maria de Sousa de Alvim.
          - Pedro de Sousa de Alvim.
          - N. . . . .
    - Dona Joanna da Sylva.
      - D. Affonso de Vasconcellos, I. Conde de Penella, * em 1480.
        - D. Fernando de Vasconcellos, Senhor de Mafra, Enxara dos Cavalleiros.
          - D. Affonso, Senhor de Cascaes.
          - D. Maria de Vasconcellos.
        - D. Isabel Coutinho, Senhora de Mafra.
          - D. Pedro de Menezes, I. Conde de Villa-Real, e II. de Vian. * 1437.
          - A Condessa Dona Brites Coutinho, 3. mulher, Senhora de Mafra, &c.
      - A Condessa D. Isabel da Sylva.
        - D. Lopo de Almeida, I. Conde de Abrantes, * a 16 de Setemb. de 1486.
          - Diogo Fernandes de Almeida, Alc. môr de Abrantes, e Punhete, &c. * em 5 de Janeiro de 1450.
          - D. Brites Sanches.
        - A Condessa D. Brites da Sylva.
          - Pedro Gonçalves Malafaya, Védor da Fazenda.
          - D. Isabel Gomes da Sylva.

- D. Jo[anna] ... [ide], ... [r de] Nu... [nel] ... [hor] ... [lhya].
  - Dom Antonio de Ataide, II. Conde da Castanheira, do Conselho de Estado, Védor da Fazenda.
    - Dom Alvaro de Ataide, Senhor da Castanheira, Povos, &c. ✝ em 1505.
      - D. Alvaro Gonçalves de Ataide, I. Conde de Atouguia, Ayo del Rey D. Affonso V. ✝ em 1452.
        - Martim Gonçalves de Ataide, Alcaide mór de Chaves.
          - Gil Martins de Ataide.
          - Dona N. . . . Vasques.
        - D. Mecia Vasques Coutinho, Aya dos Infantes, filhos del Rey D. João I.
          - Vasco Fernandes Coutinho, Senhor do Couto de Leomil, Meirinho mór.
          - Brites Gonçalves de Moura, Aya da Rainha D. Filippa.
      - A Condessa Dona Guiomar de Castro.
        - D. Pedro de Castro, Senhor do Cadaval.
          - D. Alvaro Pires de Castro, Conde de Arrayolos, e Vianna do Castello, I. Condestavel.
          - A Cond. D. Maria Ponce de Leão.
        - D. Leonor Tello de Menezes.
          - D. João Affonso Tello de Menezes, Conde de Ourem.
          - A Condessa D. Guiomar Lopes Pacheco.
    - D. Violante de Tavora.
      - Pedro de Sousa, Senhor de Prado, Alcaide mór de Seabra.
        - Martim Affonso de Sousa, Senhor de Mortagua.
          - Martim Affonso de Sousa, Senhor de Mortagua.
          - D. Aldonça Rodrigues de Sá.
        - D. Violante Lopes de Tavora.
          - Pedro Lourenço de Tavora, Senhor de Mogadouro.
          - D. Brites Annes de Albergaria.
      - D. Maria Pinheira.
        - O Doutor Pedro Esteves, Ouvidor da Casa de Bragança.
          - Braz Esteves.
          - N. . . . .
        - Isabel Pinheira.
          - Martim Gomes Lobo, Ouvidor da Casa de Bragança.
          - Mór Esteves Pinheira.
  - D. Anna de Tavora.
    - Alvaro Pires de Tavora, Senhor de Mogadouro, Commendador de Santa Maria de Castello-Branco.
      - Pedro Lourenço de Tavora, Senhor de Mogadouro, &c.
        - Alvaro Pires de Tavora, Senhor de Mogadouro, &c.
          - Pedro Lourenço de Tavora, Reposteiro mór del Rey D. João I.
          - Brites Annes, Aya del Rey D. Affonso IV.
        - D. Leonor da Cunha, primeira mulher.
          - Alvaro da Cunha, Senhor de Pombeiro.
          - D. Brites de Mello.
      - D. Ignez de Sousa.
        - Fernão de Sousa, Senhor de Rossas.
          - Alvaro Gonçalves Camello, Senhor de Bayão.
          - Dona Ignez de Sousa.
        - D. Maria de Sousa de Alvim.
          - Pedro de Sousa de Alvim.
          - N. . . . .
    - Dona Joanna da Sylva.
      - D. Affonso de Vasconcellos, I. Conde de Penella, ✝ em 1480.
        - D. Fernando de Vasconcellos, Senhor de Mafra, Enxara dos Cavalleiros.
          - D. Affonso, Senhor de Cascaes.
          - D. Maria de Vasconcellos.
        - D. Isabel Coutinho, Senhora de Mafra.
          - D. Pedro de Menezes, I. Conde de Villa-Real, e II. de Viana ✝ 1437.
          - A Condessa Dona Brites Coutinho, 2. mulher, Senhora de Mafra, &c.
      - A Condessa D. Isabel da Sylva.
        - D. Lopo de Almeida, I. Conde de Abrantes, ✝ a [illegible] de Setembro de 1486.
          - Diogo Fernandes de Almeida, Alcaide mór de Abrantes, e Punhete, ✝ em 2 de Janeiro de 1450.
          - D. Brites Sanches.
        - A Condessa D. Brites da Sylva.
          - Pedro Gonçalves Malafaya, Védor da Fazenda.
          - D. Isabel Gomes da Sylva.

CAPITULO VIII.

De D. João Manoel, Arcebispo de Lisboa, e Vice-Rey de Portugal.

15 NO Capitulo precedente dissemos fora filho quinto de D. Nuno Manoel, Senhor de Atalaya, e de sua mulher D. Joanna de Ataide, D. Joaõ Manoel, que seguio a vida Ecclesiastica; estudou na Cidade de Coimbra, e foy Porcionista do Collegio de S. Pedro, em que entrou no anno de 1596, Doutor em Theologia, e Conego da Sé de Lisboa, provido pelo Arcebispo D. Miguel de Castro, de que tomou posse a 28 de Junho de 1607, e Esmoler môr delRey D. Filippe II. por nomeaçaõ do Abbade de Alcobaça, a quem he annexo este lugar, e entaõ o occupava como Commendatario D. Jorge de Ataide, Bispo Capellaõ môr, seu tio, que vagara por morte de D. Sebastiaõ da Fonseca, Bispo de Targa, Deaõ da Capella Real: depois foy nomeado Bispo de Viseu pelo mesmo Rey no anno de 1609, que vagou por morte de D. Joaõ de Bragança, tirando Bullas de confirmaçaõ; foy sagrado a 21 de Março de 1610 pelo dito Bispo, que tinha sido de Viseu, Dom Jorge de Ataide, Capellaõ môr, na Igreja de Nossa Senhora da Graça de Lisboa; e entrando no seu Bispado a 25 de Abril do referido anno, lhe fez

Catalogo dos Bispos de Viseu, que anda na Collecçaõ da Academia Real do anno de 1722.

Conſtituições, e ornou a ſua Cathedral com precioſos ornamentos, e outras peſſas de valor. E vagando o Biſpado da Guarda por promoçaõ de D. Affonſo Furtado de Mendoça à Cadeira Primacial de Braga, foy nomeado pelo meſmo Rey na da Guarda, que naõ aceitou. No anno de 1625 foy transferido para a de Coimbra, em que entrou em 26 de Mayo do meſmo anno. No de 1626 ſe achou em Thomar na Junta dos Biſpos, que ElRey D. Filippe mandara fazer, em que eſtiveraõ os mais Prelados do Reyno, para ſe ajuſtarem varios negocios Eccleſiaſticos, ſendo o principal conſultarem o remedio, que poderia haver para a extincçaõ da gente de naçaõ Hebrea; e depois aſſiſtio em Madrid em hum Conſelho, em que ſe tratou da deſiſtencia, que ElRey fazia dos ſubſidios Eccleſiaſticos. Eſtando neſta Corte, os grandes merecimentos de D. Joaõ Manoel conhecidos no governo das Igrejas, que occupara, o fizeraõ taõ lembrado delRey D. Filippe, que vagando o Arcebiſpado de Lisboa por morte de D. Affonſo Furtado de Mendoça, o nomeou neſta Archiepiſcopal Cadeira no anno de 1632, e ao meſmo tempo Vice-Rey de Portugal, de que tomou poſſe em Abril de 1633, e lhe foy mandado o Regimento do que havia de fazer, paſſado em Madrid a 26 de Março do meſmo anno; nelle ſe lhe ordenava, que em quanto foſſe Vice-Rey, naõ viſitaria peſſoa alguma; que os Officiaes da Caſa venceriaõ ſeus ordenados dos ſeus officios móres, e o acompanhariaõ quando foſſe em publico

Catalogo dos Biſpos da Guarda na dita Collecçaõ.

Catalogo dos Biſpos de Coimbra da Collecçaõ da dita Academia do anno de 1724.

blico

blico à Capella, Relaçaõ, e outras partes, a que fosse como Vice-Rey. Depois sendo confirmado na Dignidade de Arcebispo de Lisboa pela Sé Apostolica, tomou della posse por seu Procurador D. Gaspar do Rego, Conego da dita Sé, e Bispo de Targa, em 13 de Mayo de 1633. Destas grandes Dignidades, a que o elevaraõ as suas virtudes, e grande talento, logrou taõ pouco tempo, que o naõ teve de lhe chegar o Pallio, senaõ depois da sua morte, causada de huma hydropesia, que foy a 4 de Julho de 1633 no Palacio delRey, donde residia como Vice-Rey. Logo succedeo o Conselho de Estado no governo, e ElRey depois o mandou continuar, para que se vissem os negocios, que naõ sofriaõ dilaçaõ, e que se lhe houvessem de consultar, ordenando, que para isso se ajuntaria o Conselho todas as manhãas, e as mais vezes que fossem necessarias; advertindo aos Conselheiros, que naõ faltassem a se acharem presentes. Depois nomeou a D. Diogo de Castro, Conde de Basto, o qual tomou posse a 22 de Julho do referido anno. O seu enterro, ordenado na fórma que convinha ao seu eminente posto, foy acompanhado da Capella Real, e levado aos hombros dos Conselheiros de Estado, na Tumba da mesma Capella Real, por ser Vice-Rey deste Reyno. Foy sepultado na Capella mòr da Igreja de Nossa Senhora de Jesus dos Religiosos Terceiros de S. Francisco da Cidade de Lisboa, a qual Capella mandou elle edificar, sendo ainda Bispo de Viseu, para seu jazigo, e dos Con-

des de Atalaya, com o titulo de Padroeiro da Provincia, e ſe tinha acabado a 20 de Junho do referido anno de 1633, quatorze dias antes, e a dotou de ricos ornamentos, e magnificas peſſas. Jaz no carneiro da dita Capella, onde no meyo do pavimento ſe lhe poz eſte ſuccinto Epitafio:

Sepultura de D. João Manoel, Biſpo que foy de Viſeu, e de Coimbra, Arcebiſpo de Lisboa, e Vice-Rey de Portugal. Faleceo a 4 de Julho de 1633.

CAPITULO IX.

De D. Franciſco Manoel, I. Conde de Atalaya.

15 DEixamos eſcrito no Capitulo VII. que anticipando-ſe a morte de D. Fradique Manoel para a ſucceſſaõ da Caſa de ſeu pay D. Nuno Manoel, com quem morrera na infelice batalha de Alcacer, ſuccedera nella ſeu irmaõ Dom Franciſco Manoel, que foy Senhor das Aguias, Erra, Atalaya, Tancos, e Cinceira, Alcaide môr de Marvaõ, com tudo o que ſe comprehendia no Contrato, que diſſemos fizera ſeu avô D. Fradique com ElRey D. Joaõ III. e depois por hum Alvará feito a 2 de Setembro de 1582 tirou ElRey para ſempre a D. Joanna de Ataide,

Torre do Tomb. Chancellaria do dito Rey, liv. 4. pag. 242.

Ataide, mulher de D. Nuno Manoel, para os seus successores, fóra da Ley Mental, o que se verificou logo na Carta, que se passou por successaõ a seu filho D. Francisco, em que ElRey confirmou tudo o que se ajustara no dito Contrato, tirandolhe para sempre da Ley Mental, e dandolhe de juro, e herdade, para todos os seus successores, as ditas Villas, e o mais contheudo no Contrato, de que se lhe passou Carta em Lisboa a 22 de Outubro de 1582. Era D. Francisco Manoel ornado de tantas virtudes, e brilharaõ com tanta efficacia os merecimentos dos seus esclarecidos ascendentes, que ElRey D. Filippe II. o creou Conde de Atalaya, de que se lhe passou Carta feita a 17 de Junho de 1583. Foy tambem Commendador de S. Martinho de Ranhados na Ordem de Christo. Nas Cortes, que ElRey D. Filippe III. celebrou na Cidade de Lisboa no anno de 1619, em que jurou por herdeiro desta Monarchia ao Principe D. Filippe seu filho, foy o Conde hum dos Senhores, que assistiraõ a este acto. Faleceo no anno de 1624. Casou com D. Eyria de Brito, que era viuva do Conde da Feira D. Diogo Pereira: era filha, e de quem veyo a ser herdeira, de Joaõ de Brito, e de D. Antonia de Ataide sua mulher, irmãa de D. Luiz de Ataide, III. Conde de Atouguia, Vice-Rey da India; e ficando viuva, fundou o Mosteiro do Bom-Successo junto a Belem, de Religiosas da Ordem de S. Domingos, para a naçaõ Irlandeza, donde entraõ sem dotes. Jaz na Igreja em huma bem lavrada

Auto das Cortes, impr. em 1619, pag. 6.
Lavanha, *Viagem del-Rey D. Filippe a Portugal*, pag. 19.

lavrada ſepultura da parte do Euangelho, onde tem eſte Epitafio:

Aqui deſcanſaõ os oſſos de D. Iria de Brito, Condeſſa, que foy da Feira, e viuva ſegunda vez do primeiro Conde de Atalaya D. Franciſco Manoel, de cada Conde deſtes, lhe levou Deos hum filho, e em ſeu lugar lhe deu toda a Nobreza do Reyno de Irlanda por filhas; para ellas fundou eſte Convento, e deu ſua fazenda com larga maõ. Nomeou Noſſa Senhora do Bom Succeſſo por Padroeira; em 13 de Novembro de 1639 ſe diſse a primeira Miſſa, e em 26 de Janeiro do anno de 1640 a levou Deos com todos os Sacramentos, a gozar os premios da ſua devoçaõ.

Pater Noſter.

Deſte matrimonio foy unico

16 D. Nuno Manoel, que tendo cumprido treze annos, faleceo da queda de hum cavallo no de 1659 em vida de ſeu pay. Jaz no Moſteiro do Bom-Succeſſo, onde tem eſte Epitafio:

Aqui

Aqui nesta dura pedra descansaõ os ossos de D. Nuno Manoel de treze annos, unico filho dos primeiros Condes de Atalaya D. Francisco Manoel, e D. Iria de Brito, sua esperança da posteridade, e maes amado por suas partes, que pela successaõ, que delle esperavaõ, de que a morte os desenganou no anno de 1659. Pater Noster.

CAPITULO X.

De D. Pedro Manoel, II. Conde de Atalaya.

15 NAsceo D. Pedro filho quarto de D. Nuno Manoel, Senhor de Atalaya, e de D. Joanna de Ataide sua mulher, como fica dito no Capitulo VII. e havendo de seguir a vida de Soldado, passou a servir à India no anno de 1591 na Armada, de que era Capitaõ mòr Fernaõ de Mendoça, em que deu singulares mostras do valor, que herdara de seus mayores. No anno de 1593, em que foy cercada a Praça de Chaul, em tempo do Vice-Rey Mathias de Albuquerque, se achou D. Pedro já fazendo as obrigações de Soldado, já as de Capitaõ, defendendo com grande esforço huma das estancias dos muros,

muros, que lhe fora encarregada, de que deu admiravel conta, como nas mais occasioens daquelle sitio; o que bem mostrou no dia, que os nossos sahindo ao campo tiveraõ hum desputado encontro com os inimigos sobre a ponte, de que D. Pedro Manoel sahio ferido na cabeça de huma bala de espingarda: era a ferida perigosa, e o fez retirar o Cabo; porém depois de convalecido, tornou à sua estancia, e nella residio em quanto se naõ levantou o sitio, mostrando que desprezava os perigos.

Governava a India o Conde da Vidigueira, seu primo com irmaõ, no anno de 1592, em que D. Pedro servio de Capitaõ de Columbo. Depois no anno de 1600 foy Capitaõ môr de huma Armada de doze navios, com que sahio de Goa, e andou na Costa do Canará, e nos Rios de Cota, e Coulaõ, livrando aquelles mares infestados dos Paraos dos inimigos, donde andou, até que chegou a Goa o Vice-Rey Ayres de Saldanha. Foy tambem Capitaõ de Sofala, e tendo na India servido com reputaçaõ bastantes annos, voltou para o Reyno. Tinha acabado o governo da Praça de Tangere em Africa o Conde de Redondo, quando lhe deraõ por successor a D. Pedro Manoel; no anno de 1617 em o primeiro de Julho começou a governar com inteira satisfaçaõ, fazendo aos Mouros guerra, e aos Fronteiros, que tivessem cavallos promptos, conforme o seu Regimento, e fazendo outras advertencias uteis ao serviço delRey, tendo ordenado tudo conforme a disciplina

Conde da Ericeir. *Historia de Tanger.* liv. 3. pag. 128.

plina militar, fez algumas ſahidas, em que teve bom ſucceſſo. No anno de 1618 mandou a Gonçalo de Souſa, herdeiro do Senhor de Gouvea, ſobre a Aldea de Algeris, donde ſe recolheo com huma boa preza. No anno ſeguinte em 23 de Agoſto mandou fazer outra ſortida, de que tirou muitos cativos, e novecentas cabeças de gado. Era já o mez de Novembro, quando no dia de S. Martinho lhe vieraõ os Mouros correr a Cidade; ſahio Dom Pedro Manoel com a gente, que lhe pareceo neceſſaria, e dando ſobre os Mouros com tal força, que os poz em fogida, e tomandolhes tres bandeiras, ficaraõ muitos mortos; e tendo no ſeu governo tido proſperos ſucceſſos, e nenhum adverſo, que he a mayor felicidade, dos que ſervem na guerra; e na qual tendo a ſua peſſoa conſeguido reputaçaõ, e as Armas Portuguezas reſpeito dos Mouros, voltou ao Reyno, deixando naquella Praça muy louvavel memoria, e exemplo de valor, e prudencia para imitaçaõ dos ſeus ſucceſſores. Naõ eſteve muito tempo, ſem que os ſeus merecimentos o lembraſſem para Governador, e Capitaõ General do Reyno do Algarve, em que entrou no anno de 1621; e tendo exercitado eſte poſto com prudencia, ſe reſtituìo à ſua Caſa, onde eſtava no anno de 1626, quando temendo-ſe, que os inimigos deſta Coroa intentaſſem alguma operaçaõ nas noſſas Coſtas, lhe foy encarregado huma boa parte da defenſa, a que ſatisfez com grande cuidado, e naõ menos deſpeza.

Veyo D. Pedro Manoel a ſer herdeiro da Caſa de ſeus avós pela morte de ſeu irmaõ, e foy II. Conde de Atalaya por merce delRey D. Filippe IV. de que tirou Carta, paſſada a 14 de Novembro de 1626, e Senhor das Aguias, Atalaya, Tancos, e Cinceira, &c. Commendador da Dizima velha do peſcado de Lagos na Ordem de Santiago. Morreo em Madrid a 26 de Julho do anno de 1628.

Caſou com D. Maria de Ataide, ou Menezes, filha de D. Alvaro de Menezes, Alcaide môr de Arronches, que foy Pagem da Campainha delRey D. Sebaſtiaõ; e de ſua mulher D. Violante de Ataide, filha de D. Vaſco da Gama, III. Conde da Vidigueira, Almirante do mar da India; e da Condeſſa Dona Maria de Ataide ſua mulher: era D. Alvaro filho de D. Aleixo de Menezes, Ayo do dito Rey, Alcaide môr de Arronches, Mordomo môr da Rainha Dona Catharina, Embaixador ao Emperador Carlos V.; e de D. Luiza de Noronha ſua ſegunda mulher, filha de D. Alvaro de Noronha, Capitaõ de Azamor, filho de D. Fernando de Noronha, Governador da Caſa da Excellente Senhora, biſneto delRey D. Henrique II. de Caſtella, e delRey D. Fernando de Portugal; e deſte illuſtre matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes:

16 D. Antonio Manoel, que lhe ſuccedeo, e foy III. Conde de Atalaya, e Senhor de toda a mais Caſa de ſeu pay: faleceo em 1643. Caſou com D. Maria de Tavora de Menezes, filha de D. Joaõ de

Menezes

Menezes, Commendador de Valada na Ordem de Christo; e de D. Magdalena de Tavora sua mulher, filha de Ruy Pires de Tavora, Reposteiro mór: porém esta uniaõ se logrou pouco, porque ambos acabaraõ na flor da idade, sem terem geraçaõ.

16 D. ALVARO MANOEL Capitulo XI.

16 D. FRANCISCA DE ATAIDE, de quem naõ sabemos o estado.

da Casa Real Portug. Liv. XII. 519

Menezes, Commendador [illegible] na Ordem de Christo, e do Conselho [illegible] filha de [illegible], Reposteiro [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] teremos o estado.

Tom. XI. Sss ii


D. Maria de Menezes, mulher de D. Pedro Manoel, II. Conde de Atalaya.
D. Alvaro de Menezes, Alcaide môr de Arronches.
Dom'Aleixo de Menezes, Alcaide môr de Arronches, Mordomo môr da Rainha D. Catharina, e da Princeza D. Joanna, Ayo delRey D. Sebastiaõ.
D. Pedro de Menezes, I. Conde de Cantanhede, Alferes môr delRey D. Manoel.
Dom Joaõ Tello de Menezes, herdeiro da Casa de Cantanhede.
D. Fernando de Menezes, III. Senhor de Cantanhede.
D. Brites de Andrada, Dama da Rainha D. Filippa.
D. Leonor da Sylva.
Ayres Gomes da Sylva, Senhor de Vagos.
D. Leonor de Miranda, primeira mulher.
D. Brites Soares de Mello.
Ruy Gomes de Alvarenga, Chanceller môr.
Gomes Martins de Alvarenga, Chanceller môr.
Catharina Teixeira.
D. Milicia de Mello.
Estevaõ Soares de Mello, VI. Senhor de Mello.
D. Theresa de Novaes.
D. Luiza de Noronha, segunda mulher.
D. Alvaro de Noronha, Capitaõ de Cochim.
D. Fernando de Noronha, do Conselho delRey D. Affonso V. e D. Joaõ II. Governador da Casa da Excellente Senhora.
D. Pedro de Noronha, Arcebispo de Lisboa.
D. Isabel Perestrello.
Dona Constança de Castro.
Gonçalo de Albuquerque, Senhor de Villa-Verde.
D. Leonor de Menezes.
D. Mecia da Sylveira.
Diogo da Sylveira, Vedor da Casa do Senhor D. Jorge.
Fernaõ da Sylveira, Senhor de Sarzedas, Regedor das Justiças.
D. Isabel Henriques.
D. Maria de Tavora, segunda mulher.
Pedro Lourenço de Tavora, Senhor de Mogadouro.
D. Ignez de Sousa.
D. Violante de Ataide.
D. Vasco da Gama, III. Conde da Vidigueira, Almirante da India, Estribeiro môr delRey D. Joaõ III.
Dom Francisco da Gama, II. Conde da Vidigueira, e Almirante da India.
D. Vasco da Gama, I. Almirante, e Descobridor da India, Conde da Vidigueira.
Estevaõ da Gama, Alcaide môr de Sines.
D. Isabel Sodré.
A Condessa D. Catharina de Ataide.
Alvaro de Ataide, Senhor de Penacova.
D. Maria da Sylva.
A Condessa Dona Guiomar de Vilhena.
D. Francisco de Portugal, I. Conde de Vimioso.
D. Affonso, Bispo de Evora.
Filippa de Macedo.
A Condessa D. Brites de Vilhena.
Ruy Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ.
D. Guiomar de Noronha.
A Condessa D. Maria de Ataide.
Dom Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira.
D. Alvaro de Ataide, Senhor da Castanheira, Povos, &c. * em 1505.
D. Alvaro Gonçalves de Ataide, I. Conde de Atouguia.
A Condessa Dona Guiomar de Castro.
D. Violante de Tavora.
Pedro de Sousa, Alcaide môr de Seabra.
D. Maria Pinheiro.
D. Anna de Tavora.
Alvaro Pires de Tavora, Senhor de Mogadouro.
Pedro Lourenço de Tavora, Senhor de Mogadouro.
D. Ignez de Sousa.
D. Joanna da Sylva.
Dom Affonso de Vasconcellos, I. Conde de Penella.
A Condessa D. Isabel da Sylva.

CAPI-

CAPITULO XI.

De Dom Alvaro Manoel, Senhor de Atalaya, Tancos, Aguias, e Cinceira.

16 NO Capitulo X. vimos a pouca duraçaõ de D. Antonio Manoel, III. Conde de Atalaya: pelo que lhe veyo a ſucceder em toda a Caſa ſeu irmaõ D. Alvaro Manoel, porém naõ no titulo de Conde. Foy Senhor de Atalaya, Aguias, Tancos, Cinceira, e Erra, Alcaide môr de Marvaõ, e dos mais Eſtados deſta Caſa. Naõ ſabemos o motivo, que teve, para viver eſte Senhor fóra do Reyno; porque paſſou à Italia, reſidio muitos annos em Veneza; e no anno de 1665 voltou a Portugal, e fez a ſua habitaçaõ na ſua Villa de Aguias, onde faleceo em 9 de Fevereiro de 1686; e ſendo depoſitado na Igreja de Noſſa Senhora das Brotas, Termo daquella Villa, foy trasladado para a Capella môr de Noſſa Senhora de Jeſus, jazigo da ſua Caſa.
Caſou com D. Ignez de Tavora e Lima, filha de Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica, e de D. Maria de Lima ſua mulher; e deſte eſclarecido matrimonio naſceraõ

17 D. Luiz Manoel de Tavora, IV. Conde de Atalaya, Capitulo XII.

17 D. Maria Magdalena de Lima caſou com

com Dom Antonio Luiz de Sousa, II. Marquez das Minas, IV. Conde do Prado, &c. de quem em seu lugar faremos mençaõ no Livro XIV.

D. Ignez

- Ignez ... Tavo- ... mulher ... D. Al- ... Ma- ... , V. ... hor de ... aya,
  - Alvaro Pires de Tavora, Sen. do Morgado de Caparica, ✠ a 7 de Julho de 1640.
    - Ruy Lourenço de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica, Governador de Tangere, Vice-Rey da India, do Conselho de Estado, ✠ a 29 de Junho 1616.
      - Lourenço Pires de Tavora, Embaixador a Roma, e ao Emperador Carlos V. Commendador na Ordem de Christo.
        - Christovaõ de Tavora, Capitaõ de Sofalla, Sen. da Villa de Ranhados, do Cons. delRey D. Manoel.
          - Lourenço Pires de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica.
          - D. Maria Telles.
        - D. Francisca de Sousa.
          - Fernando de Sousa, o da *Botelha*, Senhor de Rossas.
          - D. Mecia de Brito, segunda mulher.
      - D. Catharina de Tavora.
        - Ruy Lourenço de Tavora, Vice-Rey da India, Trinchante delRey Dom Joaõ III.
          - Alvaro Pires de Tavora, Senhor de Mogadouro, &c.
          - D. Joanna da Sylva.
        - Dona Joanna Ferret, Dama da Rainha D. Catharina.
          - D. Jayme Ferret, Governador de Valença de Aragaõ.
          - D. Maria de Robles, Dama da Rainha D. Joanna de Castella.
    - D. Maria Coutinho.
      - D. Diogo de Almeida, Capitaõ de Dio, Commendador de Paincalvos na Ord. de Christo, do Conselho delRey D. Sebastiaõ.
        - Dom Antonio de Almeida, Provedor dos Armazens da Casa da India, e Mina, Contador môr.
          - D. Joaõ de Almada, II. Conde de Abrantes, ✠ a 9 de Outub. 1512.
          - A Condessa D. Ignez de Noronha, ✠ a 27 de Abril de 1445.
        - D. Maria Paes, H.
          - Joaõ Rodrigues Paes, Contador môr.
          - Catharina Leme.
      - D. Leonor Coutinho.
        - Dom Filippe Lobo, Trinchante delRey D. Joaõ III. Embaixador a Castella.
          - D. Diogo Lobo, II. Baraõ de Alvito.
          - A Baroneza D. Ignez de Noronha.
        - D. Joanna Coutinho.
          - D. Luiz Coutinho, Commendador na Ordem de Christo.
          - D. Leonor de Mendanha.
  - D. Maria de Lima.
    - Dom Lourenço de Brito Lima, VII. Visconde de Villa-Nova da Cerveira do Conselho de Estado, e Presidente do Desembargo do Paço.
      - Luiz de Brito e Nogueira, Senhor dos Morgados de Santo Estevaõ, e S. Lourenço, VI. Visconde de Villa-Nova da Cerveira.
        - Lourenço de Brito, Senhor dos Morgados de S. Lourenço de Lisboa, e Santo Estevaõ de Béja.
          - Estevaõ de Brito, Senhor dos Morgados de S. Lourenço, e Santo Estevaõ.
          - D. Isabel da Costa, segunda mulh.
        - D. Antonia da Sylva.
          - Joaõ da Sylva, Senhor de Lagos, Regedor das Justiças, ✠ em 11 de Agosto de 1577.
          - D. Joanna de Castro.
      - Dona Ignez de Lima, VI. Viscondessa, H.
        - D. Francisco de Lima, V. Visconde de Villa-Nova da Cerveira.
          - D. Joaõ de Lima, IV. Visconde de Villa-Nova da Cerveira, do Conselho delRey.
          - D. Ignez de Noronha.
        - D. Brites de Alcaçova.
          - Pedro de Alcaçova Carneiro, Conde das Idanhas.
          - D. Catharina de Sousa.
    - A Viscondessa Dona Luiza de Tavora.
      - Luiz de Alcaçova, Carneiro, Senhor de Figueiró, Sumilher delRey D. Sebastiaõ, ✠ em 1578 em Africa.
        - Pedro de Alcaçova Carneiro, Conde das Idanhas, Védor da Fazenda delRey D. Sebastiaõ, ✠ em 12 de Mayo de 1593.
          - Antonio Carneiro, Secretario delRey D. Manoel, e delRey D. Joaõ III. Senhor da Ilha do Principe, &c.
          - D. Brites de Alcaç. Dama do Paço.
        - Dona Catharina de Sousa.
          - D. Diogo de Sousa, Alcaide môr de Thomar.
          - D. Isabel de Brito.
      - Dona Antonia de Tavora, segunda mulher.
        - Lourenço Pires de Tavora.
          - Christovaõ de Tavora, Senhor de Ranhados, e do Morgado de Caparica.
          - D. Francisca de Sousa.
        - D. Catharina de Tavora.
          - Ruy Lourenço de Tavora, Vice-Rey da India.
          - D. Joanna Ferret.

CAPITULO XII.

D. Luiz Manoel de Tavora, IV. Conde de Atalaya, &c. do Conselho de Estado, [illegible] Guerra, Governador das Armas da Provincia do Alentejo.

17 NAõ cedeo em nada ás virtudes dos seus mayores Dom Luiz Manoel de Tavora, que nasceo no anno de 1647 a 28 de [illegible] ao varaõ do consorcio de seus illustres pays, e a quem succedeo na sua Casa, e foy IV. Conde de Atalaya, e Senhor das Aguias, e mais [illegible]. Come-çou a servir muy moço na guerra da Provincia do Minho, de que era Governador [illegible] o Marquez das Minas D. Francisco de [illegible] logo; e foy Capitaõ de Cavallos, e [illegible] de Campo de hum Terço de [illegible] em que se achou em muitas [illegible] nas occasioens [illegible] Ponte da [illegible] seu Terço [illegible] que no anno de 1668 se fez a reformaçaõ [illegible] e a paz com Castella [illegible] achandose [illegible] de Alentejo

CAPITULO XII.

De D. Luiz Manoel de Tavora, IV. Conde de Atalaya, &c. do Conselho de Estado, e Guerra, Governador das Armas da Provincia do Minho.

17 NAõ cedeo em nada às virtudes dos seus mayores Dom Luiz Manoel de Tavora, que nasceo no anno de 1645 a 28 de Dezembro, unico varaõ do consorcio de seus illustres pays, a quem succedeo na sua Casa, e foy IV. Conde de Atalaya, e Senhor das Aguias, e mais Estados della. Começou a servir muy moço na guerra da Provincia do Minho, de que era Governador das Armas o Marquez das Minas D. Francisco de Sousa seu sogro; e foy Capitaõ de Cavallos, e Mestre de Campo de hum Terço de Infantaria naquella Provincia, em que se achou em muitas occasioens, em que deu singulares mostras do seu valor, como foy no rendimento do Forte da Villa do Guardaõ, em que occupou com o seu Terço os póstos de mayor risco; depois foy Tenente General da Cavallaria, até que no anno de 1668 se fez a reformaçaõ geral dos Exercitos. Feita a paz com Castella, residio o Conde na Corte; e achando-se sem emprego no anno de 1670, em que o Marquez

Marquez das Minas D. Francisco de Sousa foy por Embaixador Extraordinario a dar obediencia ao Papa Clemente IX. o acompanhou o Conde de Atalaya na sua entrada publica com muito luzimento; e foy esta huma das magnificas Embaixadas, que vio a Corte de Roma. No anno de 1675, em que o Principe Regente mandou em soccorro da Praça de Oraõ huma poderosa Armada, como referimos a pag. 673 do Tomo VII. donde, trocando-se os numeros, se poz anno 1677, devendo ser o que acima referimos, embarcou o Conde de Atalaya governando o Galeaõ S. Pedro; e era General da Armada Pedro Jaques de Magalhaens, I. Visconde de Fonte-Arcada. Achava-se a Praça sitiada pelos Mouros, e sendolhe introduzido o soccorro, com o qual os Hespanhoes triunfaraõ da barbara multidaõ, que os opprimia, pelo auxilio da nossa Armada, se apartou o Conde de Atalaya, a quem o mesmo Principe Regente havia nomeado por seu Embaixador Extraordinario à Corte de Turim, a dar os pezames à Madama Real Maria Joanna Bautista de Saboya; e depois de ter naquella Corte desempenhado as obrigações do seu caracter, e da sua pessoa, que em tudo foy magnifica, e luzida, embarcou em Niza para o Reyno no mesmo Galeaõ S. Pedro, sem embargo da noticia, que teve, de que os Argelinos, sabendo da sua partida, armaraõ seis navios dos melhores, que tinhaõ, para o esperarem, fiando-se no numero. Esta noticia, que correo na Corte de Turim, e fez huma grande impres-

saõ,

saõ, pelo receyo de que lhe pudesse acontecer algum mao successo, a desprezou o Conde, dizendo, que nenhum receyo lhe causava a tal noticia; porque a huma Nao de guerra do Principe seu amo, nenhum pavor lhe podia causar todo o poder maritimo de Argel. O Conde que foy dotado de hum grande valor, era prudente para se saber prevenir; assim secretamente tomou os melhores Artilheiros, que pode achar, pagando-os à sua custa; deu à véla, e seguindo a sua viagem, encontrou com seis navios de Argel na altura do Cabo de S. Vicente, que fiados no numero, investiraõ com muito ardor com o nosso, que os maltratou bastantemente; de sorte, que os Mouros, sendo muitos, se naõ atreveraõ abordallo, e combateraõ vigorosamente com a artilharia; e vendo-se já muy maltratados, e com grande perda de gente, pelo muito fogo do nosso, se retiraraõ depois de hum porfiado combate, e se puzeraõ em fogida: o Conde os seguio, e se houve com tanto valor, como acordo, dispondo tudo acertadamente, ainda que à custa do seu illustre sangue; porque foy ferido no conflicto de huma perigosa balla, que o seu valor desprezou, ordenando o puzessem ao pé do mastro grande, donde dava as suas ordens ao mesmo tempo, que o curavaõ; e conseguindo a vitoria, chegou à barra de Lisboa; e occultando o estado, em que se achava, naõ entrou para dentro; mas escreveo ao Secretario de Estado, dizendolhe, que tivera noticia, de que ainda as frotas naõ estavaõ todas recolhidas,

e que por eſſa cauſa ficava de fóra para as ſegurar: porém conſtando ao Principe Regente por diverſas partes, que o Conde ſe achava com algumas feridas, lhe ordenou que logo ſe recolheſſe: aſſim entrando no porto de Lisboa, deu fundo em Belem; e logrando applauſos de vencedor, o Principe Regente lhe fez a honra de o viſitar a bordo da meſma Nao, e depois lhe repetio a meſma honra varias vezes em ſua caſa, porque eſteve gravemente enfermo; ſendolhe taõ grata a ſua peſſoa, que o diſtinguio no ſeu favor, que lhe continuou muitos annos; e entaõ attendendo aos ſeus merecimentos, e continuados ſerviços, lhe concedeo varios deſpachos, entre os quaes foy a de Governador da Torre de Belem, com a qual lhe fez merce do ſoldo de General, como conſta de hum Decreto paſſado a 7 de Setembro do anno de 1688. No anno de 1680, em que foy o atentado, que os Caſtelhanos fizeraõ na Nova Colonia, e ElRey D. Pedro tinha reſoluto fazer guerra a Heſpanha, para o que tinha já nomeada, mas naõ publicada, a promoçaõ dos Generaes, foy o Conde empregado em General da Cavallaria da Provincia do Minho, e Traz os Montes. Foy Conſelheiro de Guerra, lugar que exercitou muitos annos, com notavel equidade, e com ſatisfaçaõ dos pretendentes; porque era naturalmente favorecedor dos benemeritos. Em o anno de 1694 ſe achou no bautizado do Senhor Infante D. Antonio, e foy elle hum dos Senhores, que levaraõ as varas do Pallio. No anno de 1701, quan-

do

do ElRey D. Pedro mandou guarnecer a Marinha de Lisboa, foy o Conde hum dos Generaes a quem se encarregou a sua defensa, assinando-selhe por estancia, da Ribeira até Xabregas. Depois na promoçaõ de Conselheiros de Estado, que no anno de 1704 fez em Santarem, foy o Conde hum dos Senhores, que nella foraõ nomeados. Já a este tempo havia ElRey entrado na liga da Grande Alliança, e se rompeo a guerra contra Castella; sendo o Conde Governador das Armas da Provincia do Minho, se unio com a gente do seu partido ao Exercito, que mandava o Marquez das Minas na Provincia da Beira; achando-se sempre aos Conselhos, que se faziaõ na presença delRey Dom Pedro, e delRey Carlos III. Depois de recolhido à sua Provincia, e de ter feito os preparamentos necessarios para a guerra, e de se ter achado em varias Campanhas, veyo com o seu partido a unirse com o Exercito de Alentejo, que mandava o Marquez das Minas; e se achou no sitio de Badajoz no anno de 1705 quando os inimigos soccorreraõ aquella Praça; e posto na testa dos Dragoens Hollandezes, fez precipitar alguns Esquadroens dos inimigos no rio Xevora, recebendo nas armas, que levava, duas balas de mosquete. Seguio-se a grande Campanha, em que o nosso Exercito entrou por Castella; e nesta Campanha morreo do tiro de huma bala a 16 de Abril do anno de 1706, hindo reconhecer a fortificaçaõ da Praça de Alcantara, quando o nosso Exercito estava sobre ella, e depois a rendeo. Foy o

Histor. Genealogica da Casa Real Portugueza, liv. 7. cap. 5. pag. 617.

Conde D. Luiz Manoel ornado de excellentes virtudes, de grande valor, generoſo, muy luzido, de fina amiſade com os amigos; de ſorte, que conſervou na Corte grande eſtimaçaõ, e reſpeito; aſſim foy a ſua morte univerſalmente ſentida.

Caſou com D. Maria Magdalena de Noronha, Dama da Rainha D. Luiza, filha de D. Franciſco de Souſa, I. Marquez das Minas, e da Marqueza Dona Eufrazia Filippa de Lima: da ſua eſclarecida aſcendencia daremos noticia no Livro XIV.; e deſte matrimonio naſceraõ os filhos ſeguintes:

18 D. PEDRO MANOEL, V. Conde de Atalaya, Capitulo XIII.

18 D. FRANCISCO MANOEL, que eſtudou na Univerſidade de Coimbra, e foy Arcediago da Sé de Lisboa. Morreo moço.

18 D. EUFRAZIA DE NORONHA, Freira na Madre de Deos de Lisboa, da primeira Regra de Santa Clara. Faleceo em Junho de 1724.

Caſou ſegunda vez com D. Franciſca de Mendoça, em quem teve effeito o dote, que a ſua avó a Condeſſa D. Maria Coutinho ſe tinha feito pelo ſerviço de Dama do Paço, que conſtava de quatro mil cruzados de renda em duas vidas, que ElRey D. Pedro lhos fez effectivos. Era filha de D. Manoel da Camera, Conde da Ribeira Grande, Capitaõ Donatario da Ilha de S. Miguel; e da Condeſſa D. Mecia de Mendoça, filha de Diogo Lopes de Souſa, II. Conde de Miranda, do Conſelho de Eſtado, &c. de quem teve

18 D. Mecia de Mendoça nasceo a 26 de Agosto de 1678. Casou no anno de 1707 com seu primo com irmaõ D. Francisco de Sousa, Védor da Casa delRey, de quem faremos memoria no Livro XIV.

18 D. Joaõ Manoel, VI. Conde de Atalaya, Capitulo XIV.

18 D. Manoel da Camera nasceo a 21 de Fevereiro de 1680; estudou em Coimbra, e foy Porcionista do Collegio de S. Pedro; e estando graduado Doutor em Canones, e despachado em huma Conducta na mesma faculdade, com privilegio de Lente naquella Universidade, faleceo a 9 de Março de 1706.

18 D. Ignez Manoel nasceo a 20 de Fevereiro de 1682, faleceo no seguinte, contando dezaseis mezes de idade.

18 D. Maria Manoel nasceo a 20 de Fevereiro de 1683, faleceo menina.

18 D. Joseph Manoel nasceo a 25 de Dezembro de 1686; passou a estudar a Coimbra, e foy Porcionista do Collegio de S. Pedro daquella Universidade; e depois de graduado, foy Sumilher da Cortina, Deaõ da insigne Collegiada de S. Thomé na Capella Real, Deputado da Junta dos Tres Estados, e do Santo Officio, em que entrou a 7 de Setembro de 1715, e ultimamente Principal Decano da Santa Igreja de Lisboa.

18 D. Theresa de Mendoça nasceo a 27

de Mayo de 1688. Casou com D. Sancho de Faro, Conde de Vimieiro, como fica dito no Capitulo IX. do Livro VIII. pag. 658 do Tomo IX.

18 D. Miguel Manoel nasceo a 29 de Setembro de 1689, e faleceo no de 1696.

18 D. Filippe Manoel nasceo a 16 de Janeiro de 1692; morreo de quatro mezes.

18 D. Leonor Manoel nasceo a 29 de Julho do anno de 1693, Religiosa nas Capuchas da Madre de Deos, da primeira Regra de Santa Clara.

18 D. Diogo Manoel nasceo ao primeiro de Mayo de 1694; tomou o habito de S. Joaõ de Malta, e depois de ter feito as caravanas, servio no nosso Exercito em Catalunha com distincçaõ, e foy Coronel de Cavallaria; e depois de feita a paz da nossa Coroa com a de Castella, passou a servir à Alemanha ao Emperador Carlos VI. com o mesmo posto. Morreo em Vienna a 8 de Março de 1738. Era de gentil figura, desembaraçado, e valeroso.

18 D. Antonio Manoel nasceo a 28 de Dezembro de 1695, foy creado de curta idade na Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri; e depois de muitos annos de Roupeta, a largou por motivo de seus achaques, e morreo Clerigo a 7 de Dezembro de 1726.

18 D. Francisco da Camera nasceo a 9 de Outubro de 1697, que tambem estudou em Coimbra, e foy Porcionista do Collegio de S. Pedro; e sendo Conego da Santa Igreja Patriarcal, largou esta

ta Dignidade, e com grande edificaçaõ da Corte, ſe recolheo no anno de 1724 no Oratorio de S. Filippe Neri, na Congregaçaõ de Lisboa, onde com exemplar vida, ſeguindo as obrigações do Inſtituto, que abraçou, continúa ſem diminuiçaõ da ſua vocaçaõ. Teve illegitimos

18 D. NUNO MANOEL, que naſceo no anno de 1669; foy Religioſo da Ordem dos Prégadores; leo Filoſofia, e Theologia, depois foy Meſtre da ſua Ordem, Examinador das Tres Ordens Militares. Faleceo em Mayo de 1743; havido em Ignez Luiza dos Serafins.

18 D. JOAÕ MANOEL, foy Monge da Ordem de S. Bernardo, Doutor em Theologia na Univerſidade de Coimbra, em que foy Lente. Faleceo em Novembro de 1738.

D. Maria

ta Dignidade, e com grande eſtimaçaõ da Corte, ſe recolheo ao Convento do Eſpirito Santo de S. Filippe Neri, na Congregaçaõ de Lisboa, onde viveo por vida, ſeguindo as obrigaçoens do Inſtituto, que abraçou, e continuou com admiraçaõ da ſua vocaçaõ. Teve os ſeguintes

15 D. Nuno Manoel, que naſceo no anno de [illegible], foy Religioſo da Ordem dos Prègadores, Leytor, e Theologo, depois foy Meſtre da ſua Ordem, e Examinador das tres Ordens Militares. Faleceo em Mayo de [illegible]; havido em Ignez Luiza [illegible].

16 D. Joaõ Manoel, foy Monge da Ordem de S. Bernardo, Doutor em Theologia na Univerſidade de Coimbra, em que foy Lente. Faleceo em Novembro de 1758.

D. Maria


D. Maria Magdalena de Noronha, I. mulher de Dom Luiz Manoel, IV. Conde de Atalaya.
D. Francisco de Sousa, I. Marquez das Minas, III. Conde do Prado, VI. Senh. de Beringel, do Conselho de Estado, &c. * em 23 de Junho 1674.
D. Antonio de Sousa, Cõmendador de Santa Martha de Vianna na Ordem de Christo.
Dom Francisco de Sousa, Governador do Brasil, Capitaõ General das Minas, * no anno de 1608.
D. Pedro de Sousa, III. Senhor de Beringel, e do Prado, vivia em 1563.
D. Francisco de Sousa, herdeiro da Casa do Prado, e Beringel.
D. Maria de Noronha.
D. Violante Henriques.
Simaõ Freire, Senhor de Bobadella.
D. Leonor Henriques.
D. Joanna de Castro.
D. Rodrigo de Castro, Senhor do Torraõ.
D. Alvaro de Castro, Senhor do Morgado do Torraõ.
D. Isabel de Mello.
D. Anna de Eça.
Estevaõ de Castro.
Dona Filippa de Eça.
Dona Maria de Menezes.
D. Joaõ Tello de Menezes.
Dom Jorge Tello de Menezes.
D. Joaõ Tello de Menezes.
N. . . . .
D. Isabel Henriques.
D. Manoel Mascarenhas, Governador de Arzilla.
D. Leonor Henriques, Senhora da Gocharia.
D. Catharina de Menezes.
Bernardo Corte-Real Alcaide môr de Tavira.
Vasco Annes Corte-Real, Veador da Casa delRey D. Manoel.
D. Joanna da Sylva.
D. Maria de Menezes.
Gabriel de Brito, Alcaide môr de Aldea-Gavinha.
D. Magdalena de Menezes.
A Marqueza Dona Eufrazia de Lima, * em 6 de Mayo 1656.
Dom Fernando Mascarenhas, I. Conde da Torre, do Conselho de Estado, Presidente da Camera, &c.
D. Manoel Mascarenhas, Senhor da Gocharia, Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ.
D. Fernando Mascarenhas, herdeiro da Casa, * na batalha de Alcacer.
D. Manoel Mascarenhas, Senhor da Gocharia, Commendador do Rosmaninhal, Govern. de Arzilla.
D. Luiza Henriq. Sen. da Gocharia.
D. Filippa da Sylva.
D. Gil Eannes da Costa, Veador da Fazenda, do Conselho de Estado.
D. Joanna da Sylva.
Dona Francisca de Ataide.
D. Nuno Manoel, Senhor de Atalaya, Tancos, &c.
D. Fradique Manoel, Senhor de Atalaya, e Tancos.
D. Maria de Ataide, Senhora de Pena-Cova.
D. Joanna de Ataide.
D. Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira.
A Condessa D. Anna de Tavora.
A Condessa Dona Maria de Noronha.
Dom Luiz Lobo, Senhor de Sarzedas, e Sovereira Fermosa, Commendador de Santa Eulalia.
D. Rodrigo Lobo, Senhor de Sarzedas, Commendador da Ordem de Christo.
D. Luiz Lobo.
D. Maria Coutinho.
D. Maria de Noronha, Senhora de Sarzedas.
Fernaõ da Sylveira, Senhor de Sarzedas.
D. Grimaneza Mascarenhas.
D. Joanna de Lima.
D. Diogo de Lima, Cõmendador de Vitorinho, Camereiro môr do Infante D. Luiz.
D. Antonio de Lima, Mordomo môr do Infante D. Duarte.
Dona Maria Bocanegra, Dama da Rainha D. Catharina.
D. Maria Coutinho.
Martim Affonso de Sousa, Senhor de Gouvea.
D. Joanna de Tovar.

CAPI-

D. Fernando de Sousa, Senhor da Casa do Prado, e Beringel.
D. Maria de Noronha.
Simaõ Freire, Senhor de Bobadella.
D. Leonor Henriques.
D. Alvaro de Castro, Senhor do Morgado do Torrão.
D. Isabel de Mello.
Estevaõ de Castro.
Dona Filippa de Eça.
D. Joaõ Tello de Menezes.
N. . . . .
D. Manoel Mascarenhas, Governador de Arzilla.
D. Leonor Henriques, Senhora de Castello.
Vasco Annes Corte-Real, Veador da Casa del-Rey D. Manoel.
D. Joanna da Sylva.
Gabriel de Brito, Alcaide mór de Alter-Calvão.
D. Guiomar de Calvaens.
D. Manoel Mascarenhas, Senhor da Torre [illegible], Commendador de [illegible], Capitão de Arzilla.
D. Diogo Henriques, Senhor da [illegible].
D. Christovão de Castro, Veador da Fazenda, do Conselho de Estado.
D. Joanna da Sylva.
D. Fradique Manoel, Senhor de [illegible].
D. Maria de Athaide, Senhora de [illegible].
D. Affonso de [illegible], I. Conde da Castanheira.
A Condessa D. Anna de Tavora.
D. Luiz Lobo.
D. Maria Coutinho.
[illegible] da Sylveira, Senhor de Sarzedas.
D. [illegible] Mascarenhas.
D. [illegible] de Lima, [illegible] D. Joanna D. [illegible].
[illegible] D. Catharina.
[illegible] Senhor
[illegible] de Tavora.

D. Pedro de Sousa, [illegible] Senhor da [illegible] [illegible], e [illegible] 1635.
D. Violante Henriques.
D. Henrique de Castro, Senhora [illegible].
D. Anna de Eça.
Dom Jorge Tello de Menezes.
D. Isabel Henriques.
Bernardo Corte-Real, Alcaide mór de Tavira.
D. Maria de Mello.
D. Fernando Mascarenhas, Senhor de [illegible] Cade, &c. na Batalha de [illegible].
D. Filippa da Sylva.
D. Nuno Manoel, Senhor de [illegible] &c.
D. Joanna de Athaide.
D. Henrique Lobo, Senhor de Sarzedas, Commendador [illegible].
D. Maria de Castro.
D. Maria de Noronha, Senhora de Sarzedas.
D. [illegible], Senhor de [illegible].

Dom Francisco de Sousa, Governador do Brasil, Capitaõ General das Minas, & no anno de 1608.
D. Joanna de Carvalho.
D. Joaõ Tello de Menezes.
D. Catharina de Menezes.
D. Manoel Mascarenhas, Senhor de [illegible], Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ.
Dona Francisca de Sande.
Dom Luiz Lobo, [illegible] Senhor de [illegible].

D. Antonio de Sousa, Commendador de Santa Martha de Vianna na Ordem de Christo.
Dona Maria de Menezes.
Dom Fernando Mascarenhas, I. Conde da Torre, do Conselho de Estado, Governador da Catalunha, &c.
[illegible] D. [illegible] [illegible] Conde [illegible] [illegible].

D. Francisco de Sousa, I. Marquez das Minas, III. Conde do Prado, VI. Senh. de Beringel, do Conselho de Estado, &c. & em 24 de Junho 1674.
A Marqueza Dona Eufrasia de Lima, & em 6 de Mayo 1676.

D. Maria [illegible] [illegible] de No[illegible] [illegible] I. [illegible] Senhor de [illegible] Dom Luiz [illegible] Manoel, [illegible] V. Conde [illegible].

CAPITULO XIII.

De D. Pedro Manoel, V. Conde de Atalaya, Grande de Heſpanha.

18 FOy o primeiro fruto da uniaõ do Conde D. Luiz Manoel com a Condeſſa D. Maria Magdalena de Noronha ſua primeira mulher, D. Pedro Manoel, que naſceo na Villa de Vianna do Minho em o anno de 1665, e foy V. Conde de Atalaya em vida do Conde ſeu pay; e por ſua morte ſuccedeo na ſua Caſa, e foy Senhor das Villas de Atalaya, Tancos, Cinceira, Villa-Nova da Erra, Aguias, e dos Lugares da Mouta, Barquinha, Baguinhas, Roda, Nihaceira, e Santa Martha, Alcaide môr de Marvaõ, Commendador de S. Pedro de Val de Nogueira na Ordem de Chriſto, de Alpendris na Ordem de Aviz, e do Peſcado meudo do Tino da Villa de Setuval na Ordem de Santiago, e Governador da Torre de Belem. No anno de 1676 acompanhou ao Conde ſeu pay, quando foy por Embaixador Extraordinario à Corte de Turim, e ſe achou depois com elle no combate, que no mar teve com ſeis Naos de Argel, como diſſemos, ſendo de muy pouca idade. Servio na paz, e foy Capitaõ de Infantaria, poſto que largou, levado do brio, mas naõ de ſervir; porque embarcou como voluntario em

algumas Armadas, que sahiraõ a guardar a Costa. Depois no anno de 1694 succedendolhe acharse com seu primo o Conde de Prado na fatal desgraça da morte do Corregedor do Bairro Alto Ignacio Sanches, se ausentaraõ do Reyno, e passaraõ a França; e achando-se na Corte de Pariz, fizeraõ voluntarios algumas Campanhas no Exercito, que mandava o Marichal Duque de Ville-Roy, sogro do Conde de Prado. Naquella Corte receberaõ especiaes honras delRey Luiz o *Grande*, que com particulares attenções mostrou a estimaçaõ, que fazia das suas pessoas, interessando-se na sua restituiçaõ à Patria, com especiaes instancias a ElRey D. Pedro, a quem tambem sua irmãa a Rainha da Grãa Bretanha o havia feito; e naõ produzindo entaõ effeito, depois de varias peregrinações, voltou finalmente a Portugal o Conde D. Pedro, donde andava incognito: porém sem embargo disso, incitado do ardor do seu elevado espirito, briosamente se meteo a bordo da Armada, que estàva surta no porto de Lisboa, defronte de Belem, de que era General o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, a que se havia unido a de França, que mandava o seu General o Conde de Chaternau, quando no anno de 1701 se armou a nossa Marinha, por receyo de algum insulto dos Inglezes, como deixamos referido em seu proprio lugar; querendo o Conde antes exporse ao risco de poder ser prezo, do que deixar de se achar em huma facçaõ, que podia ser muy importante.

Nō

No anno de 1704, com a declaraçao da guerra da Grande Alliança contra Castella, passou o Conde D. Pedro a servir com o Conde seu pay, Governador das Armas da Provincia de Entre Douro, e Minho, e se aggregou voluntario ao Terço, de que era Mestre de Campo seu irmaõ Dom Joaõ Manoel de Noronha, depois VI. Conde de Atalaya, que estava naquella Provincia; e com elle marchou para a da Beira, onde se formou o Exercito, que mandava o Marquez das Minas, em que ElRey Dom Pedro se achou; e logo no principio da Campanha perdoou aos Condes de Atalaya, e Prado, com tanta generosidade, que se esqueceo totalmente das Reaes instancias, que tanto os recomendavaõ, e se lembrou sómente da inclinaçaõ, que tinha às suas pessoas; declarandolhes, que nada obrigara a sua clemencia, mais que o affecto, com que estimava a huns Vassallos de tanta distincçaõ, filhos de outros, taõ benemeritos pelas pessoas, como pelos serviços. Nomeou logo ElRey Ajudantes para lhe assistirem às suas ordens, e entre elles foy hum o Conde D. Pedro, e depois o promoveo a Tenente General da Cavallaria do Minho: com este posto se achou naquella Campanha, do referido anno, da Beira, em que se começou a distinguir o seu prestimo, e valor, para brilhar depois com tanto credito seu, como da Naçaõ. Na memoravel Campanha do anno de 1706 se achou o Conde no Exercito, que mandava o Marquez das Minas seu tio, com quem entrou na Corte de Ma-

drid; elle o mandou a Toledo a comprimentar a Rainha Catholica D. Marianna de Baviera, viuva delRey Carlos II. com hum corpo de Cavallaria para a ſua guarda. O Conde com grande acerto, e luzimento ſatisfez eſta commiſſaõ; porque mereceo eſpeciaes honras da Rainha. Depois continuando no meſmo Exercito a larga marcha até Catalunha, reſidio naquelle Principado todo o tempo, que nelle aſſiſtiraõ as Tropas dos Alliados. No anno de 1707 ſe achou na batalha de Almança no lado eſquerdo da primeira linha com a Cavallaria das Provincias do Minho, e Tras os Montes. A qui poz por tres vezes em deſordem a Cavallaria dos inimigos do lado direito da ſua primeira linha, e foy obrigado a ceder deſta ventagem, por naõ ſer ſuſtido da Infantaria, que para eſte fim fora enterſachada com a Cavallaria do lado eſquerdo do noſſo Exercito, havendo recebido duas grandes feridas na cabeça. Depois no Principado de Catalunha, quando voltou para Portugal o Marquez das Minas, ficou Pedro Maſcarenhas, depois Conde de Sandomil, ſubſtituindo a ſua falta, o que foy por pouco tempo; porque tambem ſe retirou para Porugal, e lhe ſuccedeo o Conde D. Pedro no governo das Tropas Portuguezas, que eraõ Auxiliares; o que fez com tanto acerto, que delRey Carlos III. mereceo muy diſtinctos favores; de ſorte, que o creou Grande de Heſpanha da primeira claſſe; honra que naõ aceitou, ſem primeiro conſultar a Corte; e com permiſſaõ de ſeu Rey ſe cobrio Gran-

de

de de Hespanha; assim era igualmente louvado, naõ só dos seus, mas dos Estrangeiros, principalmente do Marichal de Staremberg, com quem teve intima amisade; com elle se achou a 20 de Agosto de 1710 na batalha de Çaragoça, mandando as Tropas Portuguezas, que obraraõ com tanta distincçaõ, e gloria do seu General, que neste dia conseguiraõ hum nome immortal. No mesmo anno a 10 de Dezembro se achou na batalha de Villa-Viçosa, devendo-se à sua prudencia, e de outros Generaes, a vitoria, como refere o Marichal de Staremberg na Carta, em que deu conta a ElRey Catholico D. Carlos III. e anda impressa nas Memorias de Lamberty. Assim continuou o governo das Tropas Portuguezas até o anno de 1713, em que ajustado o Tratado da suspensaõ de Armas entre a nossa Corte, e a de Madrid, sahiraõ as Tropas a 7 de Janeiro de Barcellona, onde elle ficou por falta de saude; entregando a Dom Pedro de Almeida, depois Conde de Assumar, General de Batalha, o mando dellas, para as conduzir a Portugal. Melhorou o Conde, e vendo que a guerra de Portugal se havia acabado, naõ se accommodando o seu genio, sem haver de servir, passou à Alemanha, e entrou no serviço do Emperador Carlos VI. que logo o empregou, dandolhe o governo de Castello-Novo de Napoles, e juntamente o posto de General da Cavallaria. Depois o nomeou Vice-Rey de Sardenha, que occupou com authoridade, e vigilancia; de sorte, que depois de acabado o seu tempo,

Lamberty, *Memoires pour servir l' Hist. du XVIII. siecle*, tom. 6. pag. 170.

tempo, occuparaõ os Caſtelhanos aquelle Reyno. O Emperador o nomeou do ſeu Conſelho de Eſtado, e fez delle ſempre muy diſtincta eſtimaçaõ, devida ao ſeu merecimento, e peſſoa; e empregado no ſeu ſerviço, morreo em Vienna a 19 de Setembro de 1722. Foy dotado de huma ſingular viveza, e de huma natural graça, diſcreto, e prompto nas repoſtas, e de hum talento ſublime; de ſorte, que em toda a occaſiaõ era applaudido, porque fallava com eloquencia. Era curioſo da liçaõ dos livros, com feliciſſima memoria, com goſto da Poeſia, a que era inclinado por genio, em que compoz com propriedade algumas Obras jocoſas; mas com tanto recato, que nunca ſe faziaõ publicas, e paſſavaõ ſó entre aquelles erudîtos da ſua confiança. Na memoria dos ſeus amigos, e parentes ſe conſervaõ muitas repoſtas diſcretas, e ditos agudos, e com enfaze, que repetem com ſaudade; porque o Conde Dom Pedro unio à ſua peſſoa excellentes partes, porque foy valeroſo, luzido, generoſo, e de fina amiſade; de ſorte, que elle ſobre o ſeu eſclarecido naſcimento, ſe ſoube diſtinguir por virtudes proprias, em que brilhou a meſma grandeza.

Caſou a 20 de Novembro do anno de 1689 com D. Margarida Coutinho, Dama da Rainha D. Maria Sofia, que faleceo a 19 de Novembro de 1695, filha primeira de Manoel Telles da Sylva, I. Marquez de Alegrete, II. Conde de Villar-Mayor, do Conſelho de Eſtado, Gentil-homem da Camera delRey Dom

Pedro

Pedro II. e seu Védor da Fazenda, Embaixador à Alemanha; e da Marqueza D. Luiza Coutinho, de quem teve unico

19 D. LUIZ MANOEL, nasceo em Lisboa a 28 de Outubro de 1691; servio na guerra com seu pay em Catalunha, e foy Coronel da Cavallaria; e voltando para o Reyno, passado algum tempo, o mataraõ desgraçadamente por erro, sem o conhecerem, na noite de 12 de Outubro de 1716. Naõ casou, seu pay tinha tratado o seu casamento com sua prima segunda D. Maria Theresa de Neuville, filha de seu tio D. Joaõ de Sousa, III. Marquez das Minas; e tendo vindo a dispensa de Roma, naõ chegou a ter effeito.

CAPITULO XIV.

De D. Joaõ Manoel de Noronha, VI. Conde de Atalaya, Governador das Armas da Provincia de Alentejo.

18 NO anno de 1679 nasceo a 6 de Março D. Joaõ Manoel de Noronha, primeiro filho da segunda uniaõ do Conde D. Luiz com a Condessa D. Francisca de Mendoça, como dissemos no Capitulo XII. e sendo creado com particular inclinaçaõ do Conde seu pay, o destinou logo à vida militar, que elle abraçou com genio; e como na heroicidade de

de ſeu pay tinha o exemplar mais perfeito para a imitaçaõ, o ſeguio ſempre; de ſorte, que pode equivocar a copia com o original: pelo que a Providencia o veyo a fazer com o tempo ſucceſſor da ſua Caſa, aſſim como o era das virtudes. No anno de 1698 o contratou para caſar com D. Marianna Barbara de Noronha, filha de D. Franciſco Maſcarenhas, e de ſua mulher D. Joanna Coutinho; e com permiſſaõ delRey lhe dotou as Commendas de Santa Maria de Alcacer da Ordem de Santiago, e a de S. Nicolao de Cabeceira de Baſto da Ordem de Chriſto: por ſua eſpoſa teve, entre outras couſas, em dote a Commenda de Santa Maria da Deveza de Caſtello de Vide, eſtabelecendo neſta fórma huma nova linha à eſclarecida Caſa de Atalaya; porém naõ durou muito eſta uniaõ, nem D. Joaõ paſſou às ſegundas vodas, ſenaõ depois de muitos annos, como veremos. Aſſentou praça de Soldado a 30 de Mayo de 1697. Foy Capitaõ de Infantaria do Terço da Armada, embarcando em muitas, das que todos os annos ſahiaõ a correr a Coſta, até que no anno de 1702 foy provido em Meſtre de Campo do Terço da Praça de Caminha na Provincia do Minho, onde ſe achava, quando o Conde ſeu pay foy nomeado Governador das Armas daquella Provincia, e o acompanhou com as Tropas do ſeu partido no anno de 1704, depois de rota a guerra com Caſtella, quando paſſou à Beira a unirſe com o Exercito, que mandava o Marquez das Minas; neſta Campanha ſe achou D. Joaõ Manoel,

em

em que deu naõ vulgares mostras do seu valor, actividade, e talento militar, que o exercicio polìo, e elevou para dar na sua pessoa hum excellente General. Achou-se em diversas occasioens naquella Campanha, no choque de Monsanto, e no assalto em que se recuperou a Praça de Salvaterra, e outras, em que distinguindo-se no valor, se fazia ainda mais distincto pelos seus poucos annos.

Mudado o theatro da guerra da Provincia da Beira para a de Alentejo, se achou no sitio de Badajoz, sendo já General de Batalha; e depois no Exercito, que no anno de 1706 mandava o Marquez das Minas, no sitio de Alcantara, e Ciudad Rodrigo, em que foy ferido; achando-se em outras muitas occasioens, que se offereceraõ em toda aquella gloriosa Campanha, desde que o nosso Exercito sahio de Alentejo, até se alojar junto da Corte de Madrid, para cujo fim o Marquez das Minas o mandou do Lugar de Espinal, com hum destacamento de dous mil Infantes, e quinhentos Cavallos, occupar o posto de Guadarrama, e pôr o caminho capaz de marchar a artilharia, o que tudo executou com actividade; de sorte, que desde aquella Corte até entrar no Reyno de Valença, naõ houve occasiaõ de risco, que os nossos tivessem, em que se naõ achasse Dom Joaõ Manoel, sendolhe muitas encarregadas, de que deu excellente conta.

Entrou o nosso Exercito no Reyno de Valença, e depois de huma dilatada, e bem ordenada mar-

cha, foraõ metidas as Tropas em Quarteis; encarregou o Marquez das Minas ao General de Batalha D. Joaõ Manoel o governo daquella Fronteira. Foy grande o trabalho, e mayor o risco, que por muitas vezes expoz a sua pessoa em diversas occasioens, que teve com os inimigos, que observava com vigilancia, até que o nosso Exercito sahio em Campanha, e se formou a 6 de Abril de 1707 no Campo de Valhada; e depois de haver procurado atacar aos inimigos em Montalegre, vendo que se retiraraõ, foy D. Joaõ Manoel sobre elle, o deu a sacco, e fez queimar; e retrocedendo para o seu Campo, determinaraõ os Generaes de sitiar Vilhena, e lhe foy encarregada a abertura da trincheira, que na noite de 19 do referido mez, o conseguio debaixo do fogo do seu Castello; de sorte, que na manhãa do dia seguinte se começou a bater em brecha: porém tendo-se determinado no Conselho dos nossos Generaes, e os da Grande Alliança, buscar o Exercito delRey D. Filippe, que se acampara em Almança, se desvaneceo o sitio, e marchou o nosso no dia 24, e foy acampar a Caudete. Ao General de Batalha D. Joaõ Manoel mandou o Marquez das Minas passar mostra a toda a Infantaria Portugueza, de cujo governo já estava encarregado desde o principio daquella Campanha. Seguio-se no dia seguinte, 25 do mesmo mez, a batalha no Campo de Almança, que infelizmente se perdeo, como já dissemos. Achava-se D. Joaõ Manoel mandando a direita da primeira linha de Infantaria no cor-

po

po da batalha; e havendolhe tirado dous Regimentos para postarem entre a Cavallaria do lado direito, com tres Portuguezes, que lhe ficaraõ sómente, unido com cinco Inglezes, e quatro Hollandezes, investiraõ taõ vigorosamente os inimigos, que puzeraõ em derrota a sua Infantaria, que os excedia em numero; e atacando o flanco direito, logo ficou separado por hum grande intervallo, com o primeiro movimento, que se havia feito; porém neste tempo lhe puzeraõ em desordem o Regimento do Coronel Joseph Delgado, que fazia a direita, que D. Joaõ Manoel tornou a formar, e pôr em ordem, sendolhe necessario para o conseguir porse a pé diante do mesmo Regimento, e com os outros dous continuou o ataque de modo, que poz em total derrota a dez batalhoens Francezes, que lhe ficavaõ diante, levando-os até o centro das suas bagagens; de tal sorte, que quando se declarou a vitoria pelos contrarios, por terem derrotado totalmente a nossa direita, e esquerda, e a mayor parte da Infantaria da segunda linha, se achou D. Joaõ Manoel com a sua linha com a ventagem referida. Vendo porém que naõ podia conservarse na ventagem, que ganhara, por já naõ existirem as duas alas, que o amparavaõ; unido com os Regimentos Hollandezes, e Inglezes, que dissemos, e mais hum Hollandes da segunda linha, com advertencia admiravel, e constancia heroica, determinaraõ retirarse por entre os esquadroens inimigos, pelo mesmo campo, em que principiara a batalha, adonde

as duas alas da Cavallaria inimiga, já desembaraçadas das nossas, intentaraõ derrotar este corpo, que com incrivel bizarria, por tres vezes resistio, e rechaçou aos seus contrarios, sem que estes os pudessem romper pela boa ordem, e constancia da sua marcha, havendo-os seguido duas legoas, até que metendo-se a noite, suspenderaõ os inimigos perseguillos; os nossos fizeraõ alto, porque os Soldados fatigados do trabalho, cançados do caminho, e faltos de munições de guerra, naõ poderaõ marchar de noite; no outro dia se acharaõ bloqueados, e capitularaõ taõ honradamente, como se estiveraõ em huma Praça Real; e ficando prisioneiros, foy D. Joaõ Manoel mandado para Almança, e depois com os mais Officiaes Portuguezes, que elle naõ quiz largar, para S. Clemente da Mancha, onde repetindo-se a molestia, que padecia, e desprezara antes da batalha, se aggravou de sorte, que esteve em perigo de vida. Deste sitio foraõ mudados para Arganda, donde passou a Madrid, e com licença de quatro mezes à nossa Corte, e ajustando-se neste tempo o ser trocado, ficou na sua liberdade.

Restituido D. Joaõ Manoel à Corte, passou logo a servir na Provincia de Alentejo, já com o posto de Mestre de Campo General; e na Primavera do anno de 1708 sahio o nosso Exercito à Campanha, mandado pelo Marquez de Fronteira D. Fernando Mascarenhas, Governador das Armas da Provincia, e foy D. Joaõ Manoel encarregado do governo da artilharia,

ria, que a poz prompta para servir no Exercito, como logo servio na bateria, que plantou sobre o Xevora, que com bastante damno impedio os designios dos inimigos. No fim da Campanha o mandou o Governador das Armas com hum destacamento de quatro Regimentos de Infantaria, e dous de Cavallaria a demolir a Praça de Valença de Alcantara; e naõ obstante a visinhança dos inimigos o conseguio, naõ só com trabalho, mas com industria, pois em tres dias ficou demolida a Praça, fazendo conduzir a artilharia, e munições de guerra para a de Castello de Vide; e mandando os Regimentos para os Quarteis, que se lhe tinhaõ destinado, se recolheo a Elvas, e ficou governando a Provincia na ausencia do Marquez de Fronteira, que com licença fora para a Corte.

Neste tempo emprendeo D. Joaõ Manoel armar a Cavallaria de Badajoz, para o que no mez de Agosto sahio huma noite de Elvas com a Cavallaria daquella Praça, e unindo-se no Guadiana com a de Olivença, se emboscou junto a Telena, donde mandou duas partidas rebanhar os gados de Badajoz, com ordem, que tanto, que sahisse daquella Praça a Cavallaria, se fossem retirando para a parte, em que estava a emboscada; o que naõ conseguio por hum Capitaõ se descobrir mais cedo, do que requeria a ordem, que lhe havia dado; porém sem embargo disso ainda atropelou a Cavallaria dos inimigos, que se puzeraõ logo em retirada para Badajoz, com perda

da de oitenta Cavallos, dous Capitaens, dous Tenentes, e hum Alferez, que ficaraõ prisioneiros, sendo muito mayor o numero dos mortos, e feridos, que ficaraõ no campo; e recolhendo-se D. Joaõ Manoel a Elvas, sem embargo, que vitorioso, naõ satisfeito de naõ lograr a acçaõ, como a meditara, continuou no governo das Armas até o mez de Setembro, que o entregou ao Marquez da Fronteira, que voltou da Corte. No Outono sahio o nosso Exercito, e o dos Castelhanos, e depois de alguns movimentos se retiraraõ, e meteraõ em Quarteis de Inverno. Acabada a Campanha, mandou o Marquez à Corte a D. Joaõ Manoel a tratar algumas cousas pertencentes à Provincia, e à futura Campanha. Tanto que chegou à Corte, deu conta da sua commissaõ; porém no tempo, que estava tratando estes negocios, se lhe recommendaraõ outros, para que se necessitava de prompta expediçaõ; e foy por ordem delRey à Provincia da Beira a fazer as reconduções, levas de Soldados para a Infantaria, e Cavallaria, e compra de Cavallos para a sua Remonta; e tendo adiantado na Beira com grande efficacia, o que se lhe tinha ordenado, foy mandado à Provincia do Minho à mesma diligencia, declarandolhe que visitasse primeiro a Praça de Almeida. Chegou à Provincia no principio de Fevereiro, e taõ activa foy a diligencia, que a 10 de Março marchou com as Tropas daquelle partido para a Beira, onde com vigilante cuidado tinha as desta Provincia em estado de marcharem à primeira ordem;
porém

porém pela que elle teve, passou pela posta à Provincia de Alentejo, para se achar no Exercito, que em poucos dias sahiria à Campanha: em vinte e quatro horas chegou a Estremoz; o Marquez de Fronteira, e mais Generaes o receberaõ com alvoroço; o Marquez lhe entregou huma Carta firmada da Real maõ de Sua Magestade, feita a 11 de Abril de 1709, em que com particulares expressoens honrava a sua pessoa, e louvava o seu zelo, e actividade, com que cumprira as suas ordens, e que ao seu cuidado se devia acharemse os Regimentos da Provincia do Minho, e Beira completos; chegaraõ depois estas Tropas à Alentejo, como elle tinha disposto.

Determinado o dia 7 de Mayo para se pôr em marcha o nosso Exercito, passou o Caya a buscar aos inimigos, e sem embargo, que D. Joaõ Manoel estava encarregado, por ordem da Corte, do governo da artilharia, o Marquez de Fronteira lhe ordenou, dizendolhe, que sem embargo, que o governo da artilharia o escusava de outro algum, elle lhe assinava na ordem de batalha, o lugar da esquerda da Infantaria da primeira linha, por ser preciso, que elle occupasse aquelle lugar. Duvidou D. Joaõ Manoel com a obrigaçaõ da artilharia, e pela ordem, que tinha do seu governo; porém o Marquez, e Milord Gallovay, com razoens muy vivas o persuadiraõ, e ultimamente lhe ordenaraõ positivamente o fizesse; porque naquellas occasioens naõ devia replicar, e sómente fazer tudo, o que entendia era mais conveniente ao serviço

viço de Sua Mageſtade. Deſta ſorte houve de obedecer ao que ſe lhe ordenou, poſtando primeiro a artilharia nas partes neceſſarias, foy para a eſquerda da Infantaria da primeira linha; e ſeria mais infeliz aquelle dia, ſe os Meſtres de Campo Generaes D. Joaõ Manoel, D. Joaõ Diogo de Ataide, Affonſo Furtado de Mendoça, e outros Officiaes, naõ conſervaraõ impenetravel aquella linha, como em outra parte diſſemos. Dom Joaõ Manoel, que tomou o lado, que ſe lhe havia determinado, em que tambem eſtava o Brigadeiro D. Joaõ Hogan, vendo que ao primeiro ataque ſe puzera em fogida a Cavallaria do lado eſquerdo, ficando deſamparado, e totalmente expoſto o flanco da Infantaria da primeira, e ſegunda linha, poſto na teſta dos Regimentos Inglezes, e Hollandezes, que faziaõ o lado da primeira, ſe oppuzeraõ ao furioſo impeto, com que a Cavallaria dos inimigos procurou derrotar aquelle lado, que os Inglezes deſampararaõ, retirando-ſe deſordenadamente por entre a primeira, e ſegunda linha: entaõ occupou o ſeu lugar com a Brigada da Infantaria Portugueza, que ſe lhe ſeguia, e paſſou à ſegunda a prevenir os Officiaes da Brigada, que fechava o lado della, em que eſtava o Coronel Thomàs da Sylva Telles, depois Viſconde de Villa-Nova da Cerveira, a quem participou o movimento, que intentava, que elle devia communicar aos outros Officiaes; e voltando para o ſeu lugar, mandou aviſar a todos os Coroneis da primeira linha, que ſeguiſſem os movimentos

tos da esquerda; assim, tanto que lhe pareceo tempo, fazendo que marchava em batalha para os inimigos, que com a mayor parte da Cavallaria se estavaõ pondo em ordem para tornarem a acometer a nossa Infantaria, os fez com este movimento suspender; e aproveitando-se de occasiaõ taõ opportuna, fez hum quarto de conversaõ com a Brigada do lado esquerdo, que facilitando-se com o movimento, que para este mesmo fim fez a esquerda da segunda linha, pela prevençaõ, que havia feito, conseguio fechar o intervallo de huma, e outra, para o que concorreraõ os demais Officiaes, Generaes, e Subalternos, com grande diligencia para este fim, e se poz em retirada a Infantaria, que já neste tempo se achava desamparada da nossa Cavallaria de hum, e outro lado, sem embargo do acordo do Marquez de Fronteira, que fez tudo quanto cabia no valor, e na arte, por evitar a desordem, que experimentou na occasiaõ. Marchou a Infantaria em boa ordem, chegou a Campo-Mayor, e depois se continuou a Campanha, como já dissemos; e tendo aviso o Marquez de Fronteira a 18 do referido mez de Elvas, que os inimigos intentavaõ sitiar aquella Praça, ordenou a D. Joaõ Manoel se fosse meter nella para a defender; e no mesmo instante, acompanhado de huma partida de quinze Cavallos, se introduzio na Praça, naõ sem bastante risco, por se achar cercada de varias partidas, e guardas do Exercito dos inimigos. Dispoz logo tudo, o que era preciso para a defensa, principi-

ando por evitar a deſordem, que começava haver na Praça; viſitou os póſtos, e ſe poz em eſtado de ſe defender, e obſervando aos inimigos, que fizeraõ a 23 do meſmo mez varios deſtacamentos para a ponte de Olivença, que paſſaraõ para outra parte do Guadiana com todo o ſeu Exercito, deixando nella hum deſtacamento, e foraõ campar junto à Praça de Olivença. D. Joaõ Manoel vendo, que Elvas naõ podia ter receyo de ſer ſitiada, voltou para o Campo de Jurumenha, adonde o noſſo Exercito ſe conſervava, e continuou a Campanha com o governo da Artilharia com ſingular preſtimo; porque havendo os inimigos feito voar a ponte de Olivença, era preciſo fazer huma diverſaõ para a parte de Badajoz ao bloqueo, que o ſeu Exercito fazia àquella Praça, para o que ſe poz o noſſo Exercito em marcha, foy acampar a Torre-Alagada com a eſquerda entre a ribeira de Ubeda, e Atalaya da Terrinha, e a direita junto ao Guadiana; e vendo que os inimigos tinhaõ occupado o vao do rio de Abreu, com huma trincheira guarnecida de Infantaria, e dez Eſquadroens de Cavallaria; mandou o Marquez de Fronteira a D. Joaõ Manoel avançar aquelle poſto com duzentos Granadeiros, e com alguma Cavallaria, e quatro peças de artilharia para deſalojar os inimigos, o que conſeguio com pouca reſiſtencia delles, que ficando com a ſua Cavallaria a tiro de canhaõ, receberaõ baſtante damno da noſſa artilharia, que laborou, até que ſe apartaraõ para lugar, em que naõ recebeſſem damno; e

depois

depois de diverſos movimentos, e operações, em que a noſſa artilharia laborou com felicidade, pelo cuidado de ſeu General D. Joaõ Manoel, naõ ſe receando já o bloqueo de Olivença, de que ficou livre no primeiro de Julho, ſe retirou hum, e outro Exercito, e aquartelaraõ as ſuas Tropas, e naõ houve no Outono Campanha.

Determinou com licença o Marquez de Fronteira paſſar à Corte, e Dom Joaõ Manoel ficou com o governo até o fim de Março de 1710. Achava-ſe o Marquez de Fronteira com algumas moleſtias impedido para continuar no governo das Armas daquella Provincia, e lhe ſuccedeo no poſto o Conde de Villa-Verde, depois Marquez de Angeja, a quem Dom Joaõ Manoel entregou o governo, e ficou exercitando o ſeu poſto de Meſtre de Campo General daquelle Exercito; e achando-ſe mal convalecido de huma doença, que havia pouco padecera, ſahio com o Exercito a Campanha no principio de Abril; e a 28 de Mayo, eſtando o noſſo Exercito no Campo de Cançaõ, teve a mayor parte da noſſa Cavallaria huma eſcaramuça com a dos inimigos da outra parte do Guadiana, a que aſſiſtio D. Joaõ Manoel, ſendo elle o que andou guarnecendo os reductos, que ſe haviaõ feito da outra parte do rio, e poſtando varios corpos de Infantaria para ſuſtentar a noſſa Cavallaria. Foy grande o trabalho, e exceſſivo o calor daquelle dia, o corpo mal convalecido; de ſorte, que rendido do mal, adoeceo com huma malina, com a qual, de-

pois de dous dias, foy para Elvas, adonde esteve em perigo da vida. Chegou a noticia à Corte, ElRey lhe fez a honra de mandar saber delle por huma Carta de 3 de Junho do dito anno, em que o Secretario de Estado Diogo de Mendoça Corte-Real dizia o grande cuidado, que a Sua Magestade causara aquella noticia, e que para se livrar delle, despachara aquelle Postilhaõ, pelo qual esperava saber, que estava melhorado; e para mostrar o quanto o estimava Sua Magestade, ordenara ao Doutor Francisco Xavier Leitaõ, Medico da sua Camera, lhe fosse assistir; e continuandolhe a mesma honra, lhe mandou dizer o Secretario de Estado por outra de 11 do referido mez, o quanto tinha sido agradavel a Sua Magestade a noticia da sua melhora, pelo que estimava a sua pessoa, a quem dava licença para poder passar a convalecer à Corte, o que participava ao Governador das Armas Conde de Villa-Verde, para que lhe concedesse a licença.

No principio de Julho passou D. Joaõ Manoel à Corte, naõ por convalecer com os ares patrios; mas para render graças a ElRey pelas repetidas occasioens, com que a sua clemencia tanto o honrara; e ainda que estava livre da grande molestia, que padecera, naõ estava totalmente restabelecido à sua robustez. Neste tempo se ordenou, que todos os Militares se recolhessem às suas Provincias; e supposto se lhe mandou declarar, que naõ era comprehendido naquella ordem; porque Sua Magestade estava certo,

certo, de que quando elle estivesse capaz se recolheria, sem que fosse necessario nenhuma advertencia. Porém Dom Joaõ Manoel excitado da viveza do seu espirito, e do desejo de servir, logo pela posta foy para Estremoz, e começou a cumprir as obrigações, que pertenciaõ ao seu posto de Mestre de Campo General, pondo em execuçaõ tudo o que se lhe encarregara para aquella Campanha. A 24 de Setembro sahio o Exercito, que mandava o Conde de Villa-Verde, Governador das Armas, acompanhado dos Mestres de Campo Generaes Dom Joaõ Diogo de Ataide, D. Joaõ Manoel, o Marquez das Minas D. Joaõ de Sousa, a quem estava encarregado o governo da Cavallaria, e a Bernardim Freire de Andrade o da Artilharia, e foy acampar no primeiro de Outubro no Campo de Barca-Rota, cujo Castello estava guarnecido de setenta Infantes, hum Capitaõ, hum Tenente, e hum Alferes; mandoulhe o Conde de Villa-Verde dizer se rendesse, porque se naõ podia defender de hum Exercito: o Commandante mandou por reposta, que determinava defenderse; e naõ cedendo às diligencias, que se fizeraõ, por lhe evitarem a ultima ruina, ordenou o Conde de Villa-Verde a D. Joaõ Manoel dispuzesse o modo de o atacar, o que logo principiou a cumprir; do que tendo noticia D. Joaõ Diogo de Ataide, pretendeo, que a elle lhe tocava aquella operaçaõ, dizendo, que naõ continuaria mais no exercicio do seu posto, se se lhe fizesse huma tal injustiça; a qual naõ era outra mais, que a

que

que lhe ideava o ſeu genio, naturalmente deſconfiado, ſuppoſto que valeroſo, e com excellentes partes. D. Joaõ Manoel, que o tratava com amiſade, querendo evitarlhe a deſconfiança, mandou com generoſo animo dizer ao Conde de Villa-Verde, que elle naõ tinha duvida, para que D. Joaõ Diogo foſſe executar o que eſtava diſpoſto: porém o Governador das Armas ordenou foſſe D. Joaõ Manoel, que ao romper da manhãa inveſtio o Caſtello, e em pouco tempo o rendeo, ficando a guarniçaõ priſioneira de guerra. No dia 4 deſte mez chegou o Exercito a Xeres, e na meſma noite começou D. Joaõ Manoel a abrir a trincheira com tal cuidado, que ao romper da manhãa do dia ſeguinte ſe acabaraõ de formar as baterias, que começaraõ a bater a Cidade, que foy rendida, e a guarniçaõ priſioneira de guerra; e depois de lhe tirarem todas as muniçóes de guerra, e boca, fizeraõ com minas voar a ſua fortificaçaõ, e deſmantelada, ſe recolheo o Exercito a Portugal com baſtante trabalho, pelo rigor do Inverno.

Eſtava Dom Joaõ Manoel na Praça de Eſtremoz, quando teve ordem para paſſar à Provincia do Minho; e partindo logo, chegou a Vianna a 2 de Janeiro de 1711; e eſtando cumprindo o que ſe lhe encomendara das levas, reconducçóes, e compra de cavallos, lhe foy mandado, que paſſaſſe, ſem demora, à Provincia de Traz dos Montes, a encarregarſe do governo das Armas, e que viſſe ſe ſeria poſſivel recuperar a Praça de Miranda; e tendo deixado diſpoſto tudo,

tudo, o que lhe fora encomendado fizesse no Minho, partio para Traz dos Montes, chegou a Bragança no primeiro de Fevereiro. Naõ achou elle a Provincia em estado de poder emprender cousa alguma, se o seu ardor se naõ animara da actividade da sua diligencia, que foy taõ efficaz, que poz as cousas em estado, que avisou à Corte, que poderia emprender sitiar Miranda.

Determinado recuperar a Cidade de Miranda, de que no anno antecedente se tinhaõ apoderado os Castelhanos pela detestavel perfidia de hum Official, se entregou esta empreza ao Mestre de Campo General D. Joaõ Manoel, que elle dispoz com admiravel providencia, e com tanta actividade, que poz aos sitiados em consternaçaõ, que sahindo a campo no dia 10 de Março, lhe cortou as communicações; e depois de pôr em termos a bateria, a 13 começou a acanhoar a Cidade com tanto vigor, que em pouco lhe desmontou quatro peças, que atiravaõ sobre o ataque. Os inimigos vendo-se sem uso da sua artilharia, fizeraõ huma bateria sobre o ramal esquerdo da obra cornea, com que poderiaõ offender o nosso ataque; mas a singular viveza do General D. Joaõ Manoel, com grande acordo, tomou a resoluçaõ de a mandar atacar com a espada na maõ, tanto que fosse noite, por duzentos e cincoenta Granadeiros, e duzentos Infantes, entregues à ordem do Brigadeiro Thomás da Sylva Telles, (depois Visconde de Villa-Nova da Cerveira) que executou com tanto vigor,

Histor. Genealogica da Casa Real, tom. 8. pag. 119.

gor, que os inimigos abandonaraõ a obra cornea, e com tanta felicidade, que naõ perdemos nem hum ſó Soldado, ſó o Capitaõ dos Granadeiros ficou ferido de hum moſquete em huma perna. Abrio-ſe a brecha na Cidade, o que vendo os ſitiados, tocaraõ a chamada na manhãa de 15 de Março, e mandaraõ hum Tenente, pedindo tres dias para ſe reſolverem; porém o General D. Joaõ Manoel em poucas palavras reſoluto lhe reſpondeo, que a guarniçaõ havia de ſer priſioneira de guerra, e que lhe dava meya hora para ſe reſolverem; e pelo que reſpeitava aos Officiaes, ſe lhes fariaõ todas as permittidas honras. Para ajuſtar eſte Tratado da entrega com o Governador, mandou ao Brigadeiro Thomás da Sylva, que detendo-ſe pouco na Praça, voltou dizendo, que os Officiaes naõ queriaõ conſentir em ficarem priſioneiros de guerra, e pediaõ alguma moderaçaõ naquelle artigo. O General D. Joaõ Manoel naõ deu outra repoſta a eſta propoſiçaõ mais que com a viveza, e deſembaraço, de que ſe animava, mandar bater vigoroſamente a Praça, paſſando ordem para hum aſſalto geral com todos os Granadeiros, e alguns Regimentos; o que obſervado dos ſitiados, tocaraõ ſegunda vez a chamada: voltou à Praça Thomas da Sylva, capitulou com o Governador ficar a guarniçaõ priſioneira de guerra à merce do Meſtre de Campo General D. Joaõ Manoel; e a 15 de Março de 1711 aſſinou as Capitulações o Brigadeiro Thomás da Sylva, e o Tenente de Rey, Governador da Praça, D.

D. Antonio de Mendoça e Sandoval, e a ratificou o General D. Joaõ Manoel, que naõ concedeo aos prisioneiros mais que ficarem com a sua roupa. No dia 16 sahio a guarniçaõ da Praça, em que se achou grande quantidade de munições de guerra, e boca. A actividade, e singular espirito, com que o General se lançou sobre a Cidade, tomandolhe a communicaçaõ, foy o motivo de pôr em tal desconfiança aos sitiados, que se renderaõ com a brevidade referida; fazendo assim mais gloriosa a empreza, conseguida igualmente pelo valor, do que pela sciencia militar. Depois mandou D. Joaõ Manoel demolir por inutil Alcaniças, e tirandolhe cinco pessas de artilharia, com as munições de guerra, que nella havia, as mandou para a Puebla de Senabria, que poz em estado de se defender, e Carvajales, Praças que eraõ dos Castelhanos. ElRey lhe mandou por huma Carta muy honrada agradecer o muito, que tinha obrado nesta expediçaõ pelo seu serviço; e que aos Officiaes, e Soldados, da sua parte dissesse a satisfaçaõ, que tivera do bem, com que se haviaõ portado. Tratou logo D. Joaõ de pôr toda a diligencia nas levas, e remontas; de sorte, que se acharaõ na Campanha daquelle anno no Exercito de Alentejo, que mandava o Conde de Villa-Verde, e sahio à Campanha a 21 de Mayo. Continuou D. Joaõ Manoel o exercicio do seu posto, e entrando por Castella, chegou a Safra, donde voltou pela noticia, de que o Exercito dos Castelhanos tinha tambem entrado no nosso Rey-

no, e eſtava em Borba, de donde ſe retirou com a noticia da marcha do noſſo Exercito; e aſſim depois de varios movimentos, ſem acçaõ memoravel, ſe conſervaraõ, até que no primeiro de Julho ſe meteraõ em Quarteis, como já diſſemos; e acabada a Campanha, paſſou à Corte o Conde de Villa-Verde; e foy mandado a D. Joaõ Manoel continuaſſe com o governo das Armas, dizendolhe o Secretario de Eſtado, que o preſtimo, acerto, e valor, com que ſervia, era a cauſa de nunca ter deſcanço; e exercendo o governo com acerto, ſatisfaçaõ da Corte, e louvor dos Militares até o principio de Outubro, entregou o governo ao Meſtre de Campo General Pedro Maſcarenhas.

Os merecimentos de D. Joaõ Manoel eraõ taõ notorios, que paſſando no referido mez à Corte, achou que ElRey lhe havia feito a merce de o nomear Governador, e Capitaõ General do Reyno de Angola, e ao meſmo tempo do ſeu Conſelho de Guerra; e ſahindo de Lisboa a 21 de Setembro de 1712, chegou a 21 de Fevereiro do anno ſeguinte: tomou poſſe do governo, e levado do ardor de hum generoſo, e activo eſpirito, poz as Praças, e Coſtas daquelle importante Reyno em defenſa, conſeguindo reſpeito, e ventagens dos viſinhos: ſoube caſtigar o orgulho do Principe de Caconda, viſinho do Paiz de Benguella, que commetteo algumas hoſtilidades contra o Preſidio, que naquelle territorio conſerva a Coroa Portugueza, a que ſe oppoz o Governador delle;

delle ; e dando conta ao Capitaõ General D. Joaõ Manoel, com a sua natural actividade, lhe mandou logo hum tal soccorro, que com a gente da guarniçaõ formou hum corpo, e marchou contra o inimigo. e dando sobre elle com grande calor, o derrotou, e obrigou a pedirlhe a paz, que D. Joaõ Manoel lhe concedeo. Finalmente tendo deixado o Reyno pacifico, reduzido o militar a methodo, evitado para o futuro as desordens, e descaminhos da fazenda Real, com meyos importantes à sua arrecadaçaõ, e à utilidade do commercio; com zelo da Religiaõ Christãa, fez que as Missoens servissem de edificaçaõ, para o que ajudou aos Missionarios Capuchinhos da Naçaõ Italiana, que tanto se tem distinguido na Africa, e na America, nas nossas Conquistas, sustentando-os à sua custa. Dissipou abusos escandalosos, por meyos proporcionados ao negocio mais importante, que he o da reducçaõ, e conservaçaõ de tantas almas, no conhecimento do verdadeiro Deos, e no horror das abominaveis superstições do Gentilismo; havendo todo o tempo do seu governo, mostrado a generosidade do seu animo, no luzimento do trato da sua Casa; e deixado da sua prudencia, desinteresse, e Religiaõ naquelle Reyno honrada memoria. Voltou para o Reyno no anno de 1717 depois de ter padecido na viagem naõ pequenos incomodos: naõ deixou de experimentar outros na ousadia, com que se pertendeo, com affectadas queixas, naõ manchar a inteireza; porque esta foy sempre de sorte, que naõ hou-

Historia Genealogica, tom. 8. pag. 211.

ve emulaçaõ, que o emprendesse; mas sim arguillo de rigoroso em algumas deliberações, como se naõ fosse a justiça attributo de taõ grande importancia, como o he a piedade: porém o tempo deu hum pleno conhecimento do seu recto procedimento, e justa intençaõ; de sorte, que foy assim julgado em o Supremo Senado da Relaçaõ de Lisboa, para mais evidente testemunho da sua rectidaõ, naõ bastando o mais ajustado procedimento, para que algumas vezes se naõ interprete sinistramente; porque sempre se encontraõ descontentes, naõ com razaõ, mas pelo que naõ conseguem.

No Capitulo precedente vimos como no anno de 1722 morrera sem deixar successaõ o Conde D. Pedro Manoel, pelo que recahio a sua Casa em D. Joaõ Manoel de Noronha, que he VI. Conde de Atalaya, Senhor das Aguias, da Atalaya, Tancos, Sinceira, Villa-Nova da Erra, e dos Lugares da Mouta, Barquinha, Baguinha, Roda, Ninhachira, e Santa Martha, Alcaide môr de Marvaõ, Governador da Torre de Belem, e Commendador de S. Pedro de Val de Nogueira na Ordem de Christo, de Alpedriz na de S. Bento de Aviz, e do pescado meudo do Tino da Villa de Setuval da Ordem de Santiago, tendo antes sido Commendador de Santa Maria da Devesa de Castello de Vide, de S. Nicolao de Cabeceira de Basto na Ordem de Christo, e de Santa Maria de Alcacer na Ordem de Santiago. Neste tempo já tinha o Conde casado com sua prima com

irmãa Dona Mecia de Rohan, como adiante se verá.

Era Graõ Mestre da insigne Ordem Militar de S. Joaõ de Malta D. Antonio Manoel de Vilhena, que no anno de 1728 mandou à nossa Corte por Embaixador Extraordinario a Fr. Wenceslao, Conde de Harrach, Ballio, e Commendador da mesma Ordem, e actual General das Galés da Religiaõ: foy nomeado o Conde de Atalaya, entaõ Mestre de Campo General dos Exercitos de Sua Magestade, e do seu Conselho de Guerra, para seu Conductor, o que fez com magnifica comitiva, e com muito luzimento, e despeza, convidando-o a jantar, e a todos os Cavalleiros, que vieraõ na Esquadra, que era de quatro Naos de Guerra, que o Conde tratou com grande policia, grandeza, e profusaõ, por ser de hum genio generoso, e agradavel; de sorte, que a todos deixou satisfeitos da attençaõ, com que mostrou estimar aquella benemerita Religiaõ. Depois foy elle hum dos Senhores, que acompanharaõ as Magestades, quando passaraõ à Provincia de Alentejo, para se avistarem com os Reys Catholicos pela occasiaõ dos reciprocos casamentos dos Serenissimos Principes do Brasil, e das Asturias, e se effeituou a 19 de Janeiro de 1729, em que o Conde de Atalaya foy hum dos que se acharaõ presentes naquelle solemne acto. No anno de 1735 pela occasiaõ, que já deixamos referido, foy nomeado Governador das Armas da Provincia de Alentejo, e Director da Infantaria de todo o Reyno;

Dito livro pag. 264.

Historia da Casa Real, tom. 8. pag. 305.

o Reyno; eleiçaõ, que foy univerſalmente applaudida, que elle fez mais eſtimavel pela ſua ſumma actividade: pelo que geralmente era louvado, vendo o modo, com que fez exercitar as Tropas, com que diſpoz hum acantonamento em Alentejo, outro no Riba-Tejo, entregue ao Viſconde de Villa-Nova da Cerveira Thomás da Sylva Telles, Meſtre de Campo General. Aſſim continuou nos ſeus acertos, e diſpoſições, e na exacta diſciplina dos Soldados, de quem ſe ſoube fazer taõ amado, como reſpeitado, pelo luzimento, generoſidade, e outras virtudes, com que ſe fez amavel. Finalmente ſerenadas as deſconfianças politicas, que ſe haviaõ levantado entre as duas Coroas de Portugal, e Caſtella, ficando gozando o noſſo Reyno da ſaboroſa tranquilidade da paz, ficou o Conde exercendo na meſma Provincia o ſeu poſto; ſatisfazendo às partes, e eſtimando os Soldados, e benemeritos, para os adiantar; de ſorte, que ſerá glorioſo o ſeu nome na noſſa Hiſtoria; porque he ornado de excellentes virtudes, valor, actividade, promptidaõ no reſolver, gravidade, e fineza na amiſade, ſendo o brilhante de taõ luzidas partes, huma generoſidade, que o fará memoravel.

Caſou duas vezes, a primeira em 16 de Novembro do anno de 1698 com D. Marianna Bernarda de Noronha, filha de D. Franciſco Maſcarenhas, (irmaõ do IV. Conde de Santa Cruz) que depois de ter ſervido na guerra da Acclamaçaõ, ſendo Capitaõ de Cavallos, e Meſtre de Campo na Provincia de Alentejo,

tejo, foy do Conselho delRey D. Pedro II. Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira, Estribeiro môr das Rainhas D. Maria Francisca, e Dona Maria Sofia; e de sua mulher D. Joanna Coutinho, filha herdeira de Dom Pedro Coutinho, Senhor, e Commendador de Almourol, e de D. Marianna de Noronha, irmãa do I. Conde de Armamar Ruy de Mattos de Noronha, e tiveraõ

19 D. JOANNA MANOEL, que nasceo a 20 de Julho de 1699, e morreo de tenra idade.

19 D. FRANCISCA MANOEL, que tambem faleceo de tenra idade.

Casou segunda vez a 23 de Janeiro de 1719 com D. Mecia de Rohan, Dama da Rainha Dona Maria Anna de Austria, filha de D. Joseph Rodrigo da Camera, II. Conde da Ribeira, e da Condessa D. Constança Emilia de Rohan, como deixamos referido no Tomo X. pag. 588. E desta esclarecida uniaõ tiveraõ os filhos seguintes:

19 D. CONSTANÇA MANOEL nasceo a 30 de Outubro de 1719, que he presumptiva herdeira desta grande Casa. Está contratado o seu casamento com seu tio D. Duarte da Camera, V. Conde de Aveiras.

19 D. LUIZ MANOEL nasceo em Dezembro de 1720, morreo menino.

19 D. FRANCISCA MANOEL, he Religiosa no Mosteiro do Bom Successo de Religiosas Dominicas junto a Belem.

D.

19 D. Maria Manoel nasceo a 8 de Dezembro de 1723.

D. Me-

- D. Mecia de Rohan, 2. mulher de D. Joaõ Manoel, VI. Conde de Atalaya.
  - Dom Joſeph Rodrigo da Camera, II. Conde da Ribeira, &c. ✱ a 7 de Março de 1722.
    - D. Manoel Balthaſar Luiz da Camera, I. Conde da Ribeira Grande, ✱ a 29 de Dezembro de 1673.
      - D. Rodrigo da Camera, III. Conde de Villa-Franca, &c. ✱ 1672.
        - D. Manoel da Camera, II. Conde de Villa-Franca, VI. Capitaõ Donatario da Ilha de S. Miguel.
          - Ruy Gonçalves da Camera, I. Conde de Villa-Franca, V. Capitaõ Donatario da Ilha de S. Miguel.
          - A Condeſſa D. Joanna de Blaſuet.
        - A Condeſſa D. Leonor de Vilhena.
          - D. Fradique Henriques, Commendador môr de Alcantara, Mordomo môr.
          - D. Guiomar de Vilhena.
      - A Condeſſa Dona Maria Coutinho, ſegunda mulher.
        - D. Franciſco da Gama, IV. Conde da Vidigueira, Almirante da India.
          - D. Vaſco da Gama, III. Almirante da India, Eſtribeiro môr do Principe D. Joaõ.
          - A Condeſſa D. Maria de Ataide.
        - A Condeſſa D. Leonor Coutinho, ſegunda mulher.
          - Ruy Lourenço de Tavora, Vice-Rey da India, ✱ a 29 de Julho de 1616.
          - D. Maria Coutinho.
    - A Condeſſa D. Mecia de Mendoça.
      - Diogo Lopes de Souſa, II. Conde de Miranda, ✱ em 24 de Mayo de 1654.
        - Henrique de Souſa, I. Conde de Miranda.
          - Vaſco de Souſa, em quem veyo a recahir a Caſa de Souſa.
          - D. Guiomar da Sylva.
        - A Condeſſa D. Mecia de Vilhena.
          - Fernaõ da Sylva, Commendador de Alpalhaõ.
          - D. Brites de Vilhena.
      - A Condeſſa Dona Leonor de Mendoça.
        - Joaõ Rodrigues de Sá, I. Conde de Penaguiaõ, Camereiro môr delRey D. Filippe II.
          - Sebaſtiaõ de Sá de Menezes, Capitaõ de Sofala, ✱ em 1578.
          - D. Luiza Henriques.
        - A Condeſſa D. Iſabel de Mendoça.
          - D. Joaõ de Almeida, Alcaide môr de Abrantes, Senhor do Sardoal.
          - D. Leonor de Mendoça.
  - A Condeſſa D. Conſtança Emilia de Rohan, ✱ a 18 de Setembro de 1709.
    - Franciſco de Rohan, Principe de Soubiſe, Duque de Fontenay, Par de França, &c. ✱ a 24 de Agoſto de 1712.
      - Hercules de Rohan Duque de Montbazon, Par, e Caçador de França, ✱ a 16 de Outubro de 1654.
        - Luiz de Rohan, Principe de Guemené, Conde de Montbazon, Seneſchal de Anjou.
          - Luiz de Rohan, Senhor de Guemené, &c.
          - Margarida de Laval, Senhora de Perrier.
        - A Princeza Leonor de Rohan, Senhora de Verger, &c.
          - Franciſco de Rohan, Senhor de Verger, e de Gyem.
          - Catharina de Sillyla-Rocheguion, Condeſſa de Rochefort.
      - A Duqueza Maria de Avaugour de Bretagne, ✱ a 28 de Abril de 1657.
        - Claudio de Bretagne, Conde de Vertus, e Goello, ✱ a 6 de Agoſto de 1637.
          - Carlos de Avaugour, Conde de Vertus, &c. ✱ em 1608.
          - A Condeſſa Filippa de S. Amadour, Viſcondeſſa de Guiguen.
        - A Condeſſa Catharina Fouquet de la Varenne, ✱ em 1670.
          - Guilherme Fouquet, Marquez de la Varenne.
          - A Marqueza Catharina de Pouſſart.
    - A Princeza Anna Chabot Rohan, ✱ a 4 de Fever. de 1709.
      - Henrique Chabot de Rohan, Par de França, ✱ a 27 de Fev. de 1655.
        - Carlos Chabot, Senhor de Sainte Aulaye.
          - Leonoro Chabot, Baraõ de Farnac, Senhor de S. Gelais, ✱ em 1605.
          - Margarida de Durfort.
        - Henriqueta de Lour.
          - Miguel de Lour, Senhor de Longa.
          - Maria Raguier de Eſternay.
      - Margarida Duqueza de Rohan, Princeza de Leaõ, ✱ a 9 de Abril de 1684.
        - Henrique Duque de Rohan, Par de França, Principe de Leaõ, ✱ a 13 de Abril de 1638.
          - Reyner Viſconde de Rohan, ✱ em 1586.
          - Catharina de Parthenay, Senhora de Soubiſe.
        - A Princeza Margarida de Bethune.
          - Maximiliano de Betune, Duque de Sully, Par, e Marichal de França.
          - Rachel de Cochefilet.

lha de D. Martinho ente.
Dona Maria de Bo *Taboa XVIII.*
dador de Ortolega.

Christo. *Taboa XVIII.*

drigues Barreto, Alcaide môr de Faro.

lençuela, filho de D. Pedro de Cordova, Conde de Cabra.

nhor do Morgado da Quarteira.

XIV

I. D. Mecia de Noronha casou com D. Pedro de Menezes, Senhor de Fermozelhe.

el, Esmoler a Capella da arina, Prior de Santiago.

D. Alvaro Manoel passou à India no anno de 1569, lá servio, e * S. G.

D. Manoel Manoel, * S. G.

Dona Leonor de Aragaõ casou com Luiz Carneiro, Senhor da Ilha do Principe.

D. Anna de Aragaõ, Dama da Rainha D. Catharina, * sem estado.

XV

D. Fradique Manoel, * em Africa a 4 de Agosto de 1578.

D. F Senh tinh Iria Conc

Manoel casnoel Mascahor da Gommendador nhal.

Dona Maria de Ataide, Abbadessa do Mosteiro da Castanheira.

Dona Magdalena de Ataide, Freira no dito Mosteiro da Castanheira.

D. Anna de Ataide, Freira no referido Mosteiro.

Dona Eufrasia de Santa Maria, Freira em Jesus de Setuval.

D. Violante de Aragaõ, Abbadessa do Mosteiro de Villa-Longa.

XVI

, Tancos, e Sinceira, &c. Casou
ha de Alvaro Pires de Tavora, Se-

Dona Francisca de Ataide, * sem estado.

N. . . . .
N. . . . .
* meninos.

XVII

Sinceira, Erra, Aguias, &c. do Conselho
Praça de Alcantara a 20 de Abril do anno
Marquez das Minas. II. com D. Francisca

D. Maria Magdalena de Noronha casou com seu primo D. Antonio Luiz de Sousa, II. Marquez das Minas, IV. Conde de Prado.

HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

LIVRO XIII.

CONTÈM

O Infante D. João.

D. Fernando, Senhor de Eça.

Alcaides môres de Villa-Viçosa.

Alcaides môres de Muja.

D. Affonso, Senhor de Cascaes.

Condes de Monsanto.

HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

LIVRO XIII.

CONTÉM

O Infante D. João.

D. Fernando, Senhor de Eça.

Alcaides móres de Villa-Viçosa.

Alcaides móres de Moura.

D. Affonso, Senhor de Cascaes.

Condes de Monsanto.

9 O Infante D. Joaõ.

10 D. Fernando Senhor de Eça. — D. Maria de Portugal, Condessa de Valença. — D. Fernando, Senhor de Bragança. — D. Pedro da Guerra. — D. Affonso, Senhor de Cascaes, adiante. (:)

11 D. Fernando, Alcaide môr de Villa-Viçosa. — D. Isabel de Portugal. — D. Leonor, Senhora de Ota. — D. Brites, Abbadessa de Cellas. — D. Garcia, Alcaide môr de Muja. — D. Joaõ de Eça. — D. Duarte de Eça. — Dom Pedro, Senhor de Aldea-Galega, adiante. * — D. Branca de Eça.

12 Dom Joaõ, Alcaide môr de Villa-Viçosa. — D. Maria de Eça. — D. Leonor de Eça. — D. Jorge, Alcaide môr de Muja. — D. Francisco, Embaixador a Castella. — D. Christovaõ de Eça. — D. Jeronymo de Eça. — D. Maria de Eça.

13 D. Vasco, Capitaõ de Cochim. — D. Duarte de Eça. — D. Margarid. de Eça. D. Guiom. de Eça. Dona Brites de Eça. — Dom Garcia, Alcaide mór de Muja. — D. Garcia de Eça. — D. Joanna de Eça.

14 D. Duarte, Capitaõ de Goa. — D. Joaõ de Eça. — D. Francisco de Eça. — D. Jorge de Eça. — D. Maria de Eça. — D. Garcia de Eça. — D. Joanna de Eça.

15 D. Antonio de Eça. — D. Duarte de Eça. — D. Paulo de Eça. — D. Filippa de Eça. D. Bernardo de Eça. D. Antonia de Eça. — D. Helena de Eça. — Dona Isabel de Eça.

16 D. Duarte de Eça. — D. Antonio de Eça.

17 D. Manoel de Eça. — D. Francisco de Eça.

18 D. Bernardo de Eça. — D. Christovaõ de Eça. — D. Francisco de Eça.

10 (:) D. Affonso, Senhor de Cascaes.

11 D. Isabel da Cunha, Senhora de Cascaes, Condessa de Monsanto.
Dom Fernando de Vasconcellos, Senhor de Mafra. *Tom. XII.*

11 * D. Pedro, Senhor de Aldea-Galega.

12 D. Rodrigo, Alcaide môr de Moura.
Dom Francisco de Eça.
D. Isabel de Eça.
D. Joaõ de Eça.

13 Dom Jorge de Eça.
D. Joanna de Eça.
D. Bernarda de Eça.

14 D. Francisco de Eça.
D. Antonia de Eça.
Dom Joaõ de Eça.

HISTO-



HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

PARTE I.

CAPITULO I.

Do Infante D. Joaõ.



NO Capitulo VI. do Livro II. pag. 380 do Tomo I. desta Historia deixamos escrito, que entre os filhos do Real consorcio delRey D. Pedro com a Rainha D. Ignez de Castro, foy o primeiro o Infante Dom Joaõ, que nasceo na Cidade de Coimbra no Paço antigo, que fora da Rainha Santa Isabel sua gloriosa avó; deu-

deulhe por Aya a Constança Garcia, mulher de Gomes Rodrigues, Fidalgo de conhecida nobreza; e depois lhe deu por Ayo a Gonçalo Garcia de Figueiredo, Alcaide môr do Castello da Villa da Feira, outro Fidalgo principal daquelle tempo, que casando com Constança Rodrigues, (viuva de Diogo Affonso de Figueiredo, Senhor da Quinta de Santo André, de quem naõ teve succeffaõ) procedem delles os Figueiredos deste Reyno. Estando ElRey seu pay em Elvas com a occasiaõ das Cortes, que alli se celebraraõ, fez huma larga Doaçaõ ao Infante das Villas de Porto de Moz, Cea, e outras terras, com consentimento do Infante Dom Fernando seu irmaõ, de que transcreveremos as palavras da propria Doaçaõ, que vimos no Archivo Real, e diz assim: *Damos, e outorgamos por titulo de Doaçaõ antre vivos ao Infante D. Joaõ sobredito, e a todos seus successores de linha lidima por nacença descendentes, a Villa de Porto de Mos, e a Villa, e terra, e julgado de Cea, e as terras, e julgado de Lafoens, de Gulfar, e de Çatam, de Penalva, e de Redemoinhos, de Besteiros, de Sever, de Fonte Arcada, de Bemviver, de Moimenta, de Armamar, de Panha, de Riba de Vizela, e de Figueiredo, e de Aguiar da Beira, e da Adeganha, e os Prestimos de Sequim, Ulveira de Conde, e de Vulveira do Barro, &c.* Foy feita em Elvas a 24 de Mayo da Era de 1398, que he anno de 1360. He de reflectir nas clausulas desta Doaçaõ, no modo que manda guardar nos descendentes do Infante o direito

Torre do Tombo, liv. 1. delRey D. Pedro, pag. 86.

da

da reprefentaçaõ, e a prerogativa da melhor linha, de que fe vê quam antigo he efte modo de fucceder no noffo Reyno. No Teftamento que a Rainha Dona Brites fua avó fez eftando em Alenquer a 9 de Dezembro de 1396, que he no anno de 1358, entre os legados, que deixa aos netos, fe lembra do Infante com o feguinte: *Item ao Infante D. Joaõ meu neto a minha copa de prata efmaltada, que me deu ElRey. Item lhe leixo duas taças das minhas de prata das per que bevo. Item lhe leixo outra copa de prata dourada, das que eu ouver ao tempo do meu faimento.* Tambem ElRey feu pay no feu Teftamento, feito no anno de 1367, fe lembra delle com a verba feguinte: *Item mandamos ao Infante Dom Joaõ noffo filho vinte mil libras.* Os irmãos Luiz, e Scevola Santa Martha na *Hiftoria Genealogica da Cafa Real de França*, a quem feguio o Padre Anfelmo na que efcreveo da mefma Cafa Real, de que a Portugueza fe deriva, trataõ de illegitimos ao Infante D. Joaõ, e feus irmãos: porém nefte erro os fizeraõ cahir alguns Authores noffos, que naõ examinaraõ efte ponto; e das verbas do Teftamento referidas delRey feu pay, fe prova a validade do cafamento delRey D. Pedro, e com o mais que no Tomo I. defta Obra fica efcrito a pag. 367, e 377, fe verifica a fua legitimidade, a qual lhe naõ duvidaraõ naquelle tempo, o que já feguio o infigne Jacobo Guilhelmo Imhoff.

Tom. I. das *Provas da Hiftoria da Cafa Real*, liv. 2. n. 26. pag. 232.

Dito tomo pag. 281.

Sainčte Marthe tom. 2. cap. 8. pag. 670.

P. Anfelme, *Hift. Geneal. de France*, tom. 1. §. 20. pag. 682.

Imhoff, *Stemma Reg. Luf. ftirps quart.* Tab. XII. e XIII.

Succedeo no Throno de Portugal feu irmaõ ElRey D. Fernando, com quem viveo o Infante Dom

Joaõ

Joaõ em boa armonia, ſendo delle favorecido, e eſtimado; (até o tempo da ſua deſgraça) porque era de gentil preſença, de eſtatura grande, bem proporcionado, e ornado de excellentes partes, benigno, attento, cortezaõ, com natural agrado, e attençaõ com os Fidalgos do Reyno, e Eſtrangeiros, com quem ſe moſtrava generoſo; de ſorte, que a todos obrigava; porque tudo quanto elle poſſuîa liberalmente dava, ſatisfazendo a huns, conforme o genio, com dadivas precioſas, ou galantes, e a outros com dinheiro. Com ſeu irmaõ o Meſtre de Aviz vivia com amiſade, e reciproca correſpondencia, ſatisfazendo ao que ElRey ſeu pay lhe ordenara, que acompanhaſſem ſempre ambos, e foſſem juntos à Corte; e elles o obſervaraõ com tal amiſade, que já mais ſe ſeparavaõ, ſem que ſe viſſe hum ſem outro, ou foſſe na montaria, na caça, na meſa, ou na converſaçaõ. Refere o Chroniſta Fernaõ Lopes, que foy o Infante o mais inſigne Cavalleiro de toda a Heſpanha no manejo dos cavallos; porque era deſembaraçado, robuſto, com tal arte, que domava ao mais feroz bruto; aſſim foy nos jogos das Juſtas, e Torneos diſtincto, ſendo incançavel neſtes exercicios, e no da caça, ou foſſe na da volataria, ou da groſſa no monte, em toda ſoportava o trabalho com goſto, porque era deſtimido; e aſſim affoito, naõ temia os perigos, e deſaſtres, que ſuccedem acontecer em ſemelhantes occaſioens, livrando de muitos, que lhe ſuccederaõ com deſembaraço, ſem que lhe ſerviſſem de receyo

Fernaõ Lopes, *Chron. delRey D. Fernando*, cap. 99.

para

para continuar os meſmos exercicios, em que tambem acompanhava a ElRey, que o amava, e favorecia, ſendo igualmente eſtimado da Rainha D. Leonor Telles de Menezes; porque o ſeu modo o fazia grato às Mageſtades, a quem naõ deſgoſtara na occaſiaõ do ſeu caſamento, beijando a maõ à Rainha, o que ſeu irmaõ naõ ſó duvidou, mas naõ fez, como adiante diremos.

Naõ podia ſer mayor naquelle tempo a felicidade do Infante, quando no Paço vio a Dona Maria Telles de Menezes, irmãa da Rainha, viuva de Alvaro Dias de Souſa, Rico-homem, de quem lhe ficara unico D. Lopo Dias de Souſa, Meſtre da Ordem da inſigne Cavallaria de Chriſto, que ella como ſua Tutora adminiſtrava; e da ſua eſclarecida deſcendencia ſe tratará no Livro XIV. Ficou o Infante taõ cegamente namorado deſta viſta, que tratou de a ſervir, e ſolicitar com taõ deſordenadas attenções, que foraõ tratadas como ſacrilegios da gravidade, com que eſta Senhora ſe portava; ſuppoſto que no principio, ſendo differentes os penſamentos, ſe naõ deſagradara menos do Infante. Era D. Maria Telles de Menezes irmãa da Rainha D. Leonor reynante, viuva, moça, fermoſa, e engraçada, com gentil diſpoſiçaõ, honeſta, diſcreta, e rica, que mantinha grande caſa com numeroſa familia, e apparato, conſervada na gravidade de grande Senhora, que o moſtrava na liberalidade, e preſtimo; porque regulava as ſuas acções, com a memoria do ſeu eſclarecido naſcimento;

Nunes de Leaõ, *Chronica delRey Dom Fernando*, pag. 181, impreſſa em 1677.

mento; e naõ ſe conſiderava com menores partes para occupar o thalamo de huma peſſoa Real, do que ſua irmãa para conſeguir, o que lograva delRey D. Fernando. Aſſim reveſtida deſta louvavel memoria, aſſentou comſigo, naõ dar attençaõ às vozes do Infante, ſem que o matrimonio pudeſſe fazer decente a ſua companhia; e aſſim lho fez a ſaber por Alvaro Pereira, hum Fidalgo, de quem o Infante confiava muito, o qual, ſuppoſto vivia inteiramente cativo da fermoſura de D. Maria, duvidava recebella por mulher: porém ella com a meſma honeſtidade o venceo, ainda que com deſtreza, como refere o Chroniſta Fernaõ Lopes, e o Infante a recebeo por palavras de preſente, com condiçaõ que ficaſſe em ſegredo aquelle Sacramento; e aſſim ſe effeituou, vivendo alguns annos em reciproca conformidade, havendo deſta taõ eſclarecida uniaõ hum filho, de quem logo trataremos.

Dita *Chronica*, cap. 101.

Devendo ſer o ſegredo inviolavelmente obſervado, raramente ſuccede, que o tempo o naõ venha a eſtragar; aſſim naõ paſſou muito, ſem que a Rainha entraſſe na ſuſpeita deſte matrimonio, e tambem ſe certificaſſe, de que ſe effeituara. E como nella dominava a ambiçaõ, com deteſtavel politica intentou diſſolvello, perdendo a ambos; porque diſcorria aſtuta, que daquelle conſorcio ſe podia ſeguir huma grande felicidade a ſua irmãa, pelo indubitavel direito, que o Infante ſeu eſpoſo tinha à Coroa na falta dos filhos delRey D. Fernando, ou que ainda no

caſo

caso de os ter, se poderia questionar a validade do seu matrimonio, como com effeito depois nas Cortes de Coimbra succedeo, excluindo a Infanta Dona Brites, por naõ ser valido o matrimonio da Rainha sua mãy. Assim preoccupada de hum ambicioso desejo de reynar, considerando já Rainha de Portugal a sua irmãa, foy desmedida a paixaõ, que degenerou em detestavel odio, ordindo huma tramoya, que lhe naõ pudesse faltar; e com dissimulado artificio se mostrou ignorante do successo, e affectou no trato, e palavras com sua irmãa, e com o Infante, que naõ era sabedora do casamento; e com huma perniciosa sagacidade, se valeo de huma affectada politica, fazendo conveniencia do Reyno a dissimulaçaõ da sua detestavel industria.

Havia ElRey D. Fernando prometido a Infanta D. Brites sua filha a D. Fradique Duque de Benavente, filho natural delRey D. Henrique II. de Castella; de que se seguia, que faltando ElRey D. Fernando, havia de ser chamado para ser participante com a Infanta da Coroa de Portugal; e mostrando-se a Rainha de contrario parecer, revestida do amor da Patria, discorria com as pessoas, que lhe assistiaõ, os inconvenientes daquelle consorcio, e a felicidade, que se seguia de a Infanta sua filha casar no Reyno com o Infante D. Joaõ seu tio, no que ella teria a mayor satisfaçaõ pelas partes, de que elle se adornava; e que estando deliberada em o insinuar a ElRey, se naõ resolvera a communicallo, por lhe haverem dito, que o

Infante eſtava caſado; e que ſendo aſſim, naõ podia ter effeito huma idéa taõ juſtamente ponderada, em que ella intereſſava o goſto, e a felicidade à Patria. Eſta pratica induſtrioſamente eſpalhada pela Rainha, ſe adiantou com dizer a ſeu irmaõ o Conde D. Joaõ Affonſo, que a participaſſe ao Infante como couſa ſua; mas com tal cuidado, que pareceſſe ſómente effeito do ſerviço, que lhe pretendia fazer; porque o Infante fazendo reflexaõ ſobre o eſtado enfermo delRey, e da pratica da Rainha, ſe accendeſſe dos deſejos de reynar. Ouvio o Infante a pratica do Conde, e no ſeu coraçaõ produzio o effeito, que a Rainha meditara; porque reflectindo na acceleraçaõ do ſeu caſamento, ſe arrependeo; porque elle ſómente lhe ſervia de obſtaculo para poder conſeguir o da Infanta D. Brites. Aſſim veyo aparar todo o amor, e armonia, em que viviaõ, em aborrecimento, naõ ſabendo qual poderia ſer o modo de ſe libertar de hum taõ pezado jugo. Deſta ſorte, por hum engano, vivia em hum continuo cuidado; porém a Rainha, que ſolicita pertendia dar fim a eſte negocio, porque o tempo naõ vieſſe a perder a ſua induſtria, tratou com ſeu irmaõ adiantar eſta machina, para o que chamaraõ a Diogo Affonſo de Figueiredo, Védor da Caſa do Infante, e a Garcia Affonſo de Sobrado, Commendador de Elvas, que era do ſeu Conſelho, e moſtrando a eſtimaçaõ, e confiança, que delles faziaõ, pela fidelidade, com que ſerviaõ a ſeu amo, fingindo ſentimento, lhe participaraõ a eſtranha noticia,

ticia, de que a Infanta havia infielmente violado o thalamo de ſeu eſpoſo, como naõ devera, e que maldade taõ enorme merecia juſtamente morte violenta; e que deſembaraçado aſſim o Infante, poderia em ſegundas vodas com a Infanta D. Brites, perpetuar na ſua deſcendencia a Coroa dos ſeus predeceſſores. Eſta aleivoſa ordidura formada contra a honeſta, e virtuoſa Matrona, como uniformemente referem os Authores, que eſcreveraõ eſte tragico ſucceſſo, produzio terrivel effeito; porque o Infante com as diſpoſições das primeiras vozes, que ſe eſpalharaõ, andava vacilando, pois por eſte caſamento perdera a Coroa; agora ſe perſuadio da aleivoſia da innocente eſpoſa, por parecer naõ podia ter duvida a verdade do facto, quando era affirmado pelos intereſſados da ſua honra, ſeus dous irmãos, a Rainha, e o Conde, que foraõ os que levantaraõ falſamente aquelle enorme delicto, pelo qual a matou o Infante pelas ſuas proprias mãos.

Foy Coimbra o theatro deſta laſtimoſa tragedia, onde prevaleceo a perfidia à innocencia; porque havendo o Infante paſſado por Thomar, reſidencia ordinaria de D. Lopo Dias de Souſa, Meſtre da Ordem de Chriſto, mandou eſte cumprimentar ao Infante, rogandolhe foſſe ſeu hoſpede, como coſtumava, o que elle naõ aceitou; de que inferio o Meſtre ſobre alguns indicios, que já eraõ notorios, o perverſo animo do Infante; aſſim ſem dilaçaõ aviſou a ſua mãy, para que ſe puzeſſe em ſalvo: porém a Infanta

fanta reveſtida do reſpeito, e confiada na ſua propria innocencia, naõ ſe deu por entendida; e podendo acolherſe ao Caſtello da Cidade, de que era Alcaide mór ſeu tio Gonçalo Mendes de Vaſconcellos, ſe deixou ficar em ſua propria caſa, onde entrou o Infante na madrugada acompanhado de alguns criados, e ſem ſer ſentido chegou à porta da Camera, em que a Infanta eſtava deſcuidada dormindo, e achando-a fechada, com violencia a forçaraõ; ao eſtrondo acordou a deſgraçada Infanta atemoriſada, e vendo o marido lhe fallou, e a poucas palavras, que lhe diſſe, levou de hum punhal, e com duas feridas a matou; e deixando neſte ſucceſſo hum horror a toda a Cidade, que acreditando nas vozes a honeſtidade da eſpoſa, abominava o deteſtavel procedimento da ambiçaõ do Infante, que montando a cavallo ſahio da Cidade, temendo ao Alcaide mór, e outros parentes, e paſſou a hum Lugar chamado Sampayo, diſtante ſeis legoas de Coimbra, e dahi ſe alargou ao interior da Provincia da Beira, onde andou eſperando a ſatiſfaçaõ das promeſſas da Rainha. Eſte ſucceſſo correo por todo o Reyno com eſcandalo; de ſorte, que o Infante ſe vio preciſado a querer de algum modo ſatisfazer, ainda que apparentemente, ao Mundo. Eſcreveo a ſeu tio o Conde de Arrayolos D. Alvaro Pires de Caſtro, com expreſſoens muy vivas, quaes foraõ as cauſas de elle tomar aquella reſoluçaõ; e na meſma fórma eſcreveo tambem ao Prior do Hoſpital D. Alvaro Gonçalves Pereira, a Ayres Gomes da

Sylva

Sylva o *Velho*, Senhor de Vagos, justificando-se, os rogava, para que fallando a ElRey, e à Rainha da sua parte, lhe alcançassem hum seguro para livremente poder voltar à Corte. A Rainha affectou estar preoccupada de sentimento da morte de sua irmãa, e que em tal materia se naõ fallasse: porém como o sentimento era fingido, quando lhe pareceo tempo de dar fim à tramoya, em que metera ao Infante, se fez medianeira; e alcançando delRey o perdaõ com grande satisfaçaõ dos parentes, que se tinhaõ interessado na sua restituiçaõ; o Infante tendo conseguida a sua supplica veyo da Beira a Santarem, acompanhado com cento e cincoenta homens a cavallo, por se recear do filho, e parentes da infelice Infanta.

Estava ElRey em Salvaterra, e o Infante mandou saber, se seria do seu agrado entrar na Corte com a guarda, que trazia, ou sómente a sua pessoa. ElRey, que totalmente ignorava aquelle perverso negociado do casamento de sua filha a Infanta D. Brites, respondeo sincero, que o fizesse na maneira, que lhe parecesse; e chegando à sua presença a beijarlhe a maõ, o tratou sem differença, do que costumava: assim era admitido aos divertimentos da caça, e occasioens, que se offereciaõ de assistir, e acompanhar a ElRey; experimentando tambem na Rainha os mesmos agrados: porém passando-se dias, o Infante se vio impaciente do silencio, em que estava o seu casamento com a Infanta D. Brites; de sorte, que

que elle ſe reſolveo a fallar claramente à Rainha, e ao Conde D. Joaõ Affonſo; porque hum, e outro lho havia promettido, e aſſeverado; mas foraõ tantas as difficuldades, e as circunſtancias, que ponderaraõ, que elle conheceo claramente fora enganado. A Rainha, querendo-ſe ver totalmente livre do Infante, o reduzio a termos, de que elle foſſe o meſmo, que ſe viſſe obrigado a largar o Reyno. Finalmente perdidas as eſperanças, que taõ ambicioſamente o precipitaraõ, vendo-ſe deſattendido dos Reys, ſe paſſou à Cidade do Porto, e conhecendo o engano, entrou a ſentir irremediavelmente a injuſta morte da eſpoſa; e naõ ſe ſatisfazendo daquella aſſiſtencia, foy parar a Riba-Coa, onde paſſou, vivendo mal aſſiſtido, e com grande deſcommodo, ſem meyos de ſe poder manter conforme lhe era devido. Quando teve noticia, de que o Meſtre de Chriſto D. Lopo Dias de Souſa, e o Conde D. Gonçalo Telles o buſcavaõ com quinhentas lanças para vingar a morte de ſua mãy, e irmãa; e vendo que lhe naõ podia reſiſtir, de noite ſe poz em ſeguro, paſſando a S. Felice de los Galhegos, lugar do Reyno de Leaõ, ao manhecer, acompanhado ſómente de ſeis homens de cavallo. Já naquelle tempo ſe achava viuva a Infanta D. Brites ſua irmãa, de D. Sancho, Conde de Albuquerque, que alcançandolhe a protecçaõ delRey D. Henrique II. o recebeo com particulares demonſtrações, e o caſou com ſua filha D. Conſtança, dandolhe Valença de Campos, a Villa de Tormes, e outras terras, que naõ

Monarchia Luſit. part. 8. liv. 22. cap. 34. pag. 254.
Garibay, lib. 33. de lo *Comp. de los Reys de Portug.* cap. 36. pag. 837.

naõ eraõ bastantes para manter huma Casa com o estado devido à sua pessoa: porém refere-se, que muitos Senhores, e Fidalgos, lhe assistiaõ, em attençaõ do seu caracter, que eraõ Dom Joaõ filho de Dom Tello, irmaõ delRey Dom Henrique, que trazia huma numerosa comitiva, o Marquez de Vilhena, Pedro Fernandes de Velasco, Joaõ Duque, e Ruy Duque seu irmaõ, e outros Fidalgos da Casa delRey, que o cortejavaõ. Servio na guerra, que o dito D. Henrique II. teve com ElRey D. Fernando; e segundo o estylo daquelle tempo se desnaturalisou, fazendo as ceremonias costumadas naquelle acto, em huma Aldea de Riba-Coa, a que chamaõ *Val de la Mula*. Entrou em Portugal, e foy sobre Trancoso, e depois sobre Elvas, pelo que lhe foraõ confiscados os seus Estados neste Reyno. ElRey D. Joaõ I. de Castella, conforme a Alonso Lopes de Haro, o creou Duque de Valença de Campos, pelo que depois se chamou *Valença de D. Joaõ*, e foy o quarto Duque, que houve naquelle Reyno; e este titulo diz deraõ ao Infante para elle, e seus descendentes no anno de 1387; porém elle se naõ continuou na sua descendencia, senaõ com o titulo de Conde. O mesmo Haro poem a sua hida para Castella no reynado delRey D. Joaõ; porém as Chronicas uniformemente dizem ser no delRey D. Henrique seu pay, e que elle o casara com a dita sua filha.

Haro, lib. 9. cap. 23.

Pela morte delRey D. Fernando entrou a defender o Reyno seu irmaõ o Mestre de Aviz, de que

ſe ſeguio ElRey de Caſtella mandar prender ao Infante por receyos, que ſe paſſaſſe a Portugal, donde os póvos o deſejavaõ, perdendo aſſim o direito, que tinha ao Reyno, onde ſeria acclamado Rey: porém o meſmo deſejo, que teve de reynar, foy a cauſa de o naõ conſeguir, como juſto caſtigo de o procurar por meyos illicitos, e que naõ devera, ſenaõ ſe preoccupara de huma taõ deteſtavel ambiçaõ, que o perdeo. O Meſtre de Aviz, tanto que foy eleito Defenſor do Reyno, buſcou meyos de o participar ao Infante D. Joaõ ſeu irmaõ, dizendolhe, que o fazia por libertar a Patria, eſperando, que elle por algum modo eſcapaſſe para a dominar; e generoſamente diſſe, que elle tomara o nome de Defenſor do Reyno em nome do Infante D. Joaõ ſeu irmaõ, e o mandou pintar nas bandeiras, prezo em ferros, como eſtava em Caſtella: porém mudadas as couſas nas Cortes de Coimbra, em que ſe tratou da ſucceſſaõ do Reyno, tomou o nome de Rey. Naõ achamos noticias particulares do Infante depois da prizaõ, em que alguns dizem morrera no Caſtello de Almonacid; porém ainda viveo no tempo delRey D. Henrique III. a quem ſervio, como ſe vê dos privilegios do meſmo Rey concedidos à Igreja de Palencia, em que confirma com o titulo de Duque de Valença, juntamente com o Infante D. Fernando, Senhor de Lara, Duque de Penhafiel: foy feita no anno de 1402, como refere Haro no lugar citado, e he a ultima memoria, que temos ſua. Morreo em Salamanca, onde

Ericeira, *Vida delRey D. Joaõ I.* liv. 1. pag. 79.

jaz

jaz no Convento de Santo Estevaõ da Ordem dos Prégadores.

Casou com a Infanta D. Maria Telles de Menezes, irmãa da Rainha D. Leonor Telles de Menezes, e filhas de Martim Affonso Tello de Menezes, Rico-homem, Mordomo môr da Rainha D. Maria, mulher delRey Dom Affonso XII. de Castella; e de sua mulher D. Aldonça de Vasconcellos, como dissemos a pag. 425 do Tomo I. desta Obra, donde se póde ver a sua illustre Arvore de Costadôs: desta excelsa uniaõ nasceo unico

* 10 D. FERNANDO, Senhor de Eça, que occupará o Capitulo III.

Casou segunda vez com a Infanta D. Constança, filha delRey D. Henrique II. de Castella, havida em D. Elvira Inigues de la Vega; e tiveraõ esclarecida successaõ nas filhas seguintes:

* 10 D. MARIA DE PORTUGAL, com quem se continúa no Capitulo II.

10 D. BRITES DE PORTUGAL casou com D. Pedro Ninho, I. Conde de Buelna, Senhor de Cigales, que servio aos Reys D. Henrique III. e D. Joaõ II. de Castella, o qual outorgou o seu Testamento em Cigales a 29 de Dezembro de 1453, e em Janeiro do anno seguinte hum Codicilio; e deste matrimonio, além dos filhos, que morreraõ, teve duas filhas, D. MARIA NINHO DE PORTUGAL, que casou com Garcia Gonçalves de Herrera, Senhor de Pedraza, Mariscal de Castella, de quem nasceo D. BRANCA

Haro, liv. 4. cap. 8. pag. 209.

DE HERRERA, Senhora de Pedraza, primeira mulher de Bernardino Fernandes de Velaſco, II. Conde de Haro, e Condeſtavel de Caſtella, de quem teve unica D. ANNA DE VELASCO E HERRERA, Senhora daquelle Eſtado, e caſou com D. Alonſo Pimentel, V. Conde de Benavente, com eſclarecida ſucceſſaõ; diffundindo-ſe eſta Real linha em illuſtriſſimas Caſas daquella Coroa. D. LEONOR NINHO, que foy a ſegunda, caſou com D. Diogo Lopes de Zuniga, I. Conde de Neiva, tambem com illuſtriſſima poſteridade.

10 D. JOANNA DE PORTUGAL, que alguns Nobiliarios fazem primeira mulher de Lopo Vaz da Cunha, Senhor de Buendia; porém he certo, que elle ſó caſou com D. Thereſa Carrilho de Albernoz, irmãa do Cardeal D. Alonſo Carrilho, Biſpo de Siguença, como eſcrevem Haro, Salazar de Caſtro, e Imhoff.

Haro, *Nobil.* lib.6.cap. 2. pag.8. Salazar, *Caſa de Lara*, tom.2. pag.343. Imhoff, *Com. Italiæ, & Hiſpaniæ*, Tab. X. pag.126.

Teve o Infante illegitimos os filhos ſeguintes:

10 DOM AFFONSO, Senhor de Caſcaes, de quem ſe fará mençaõ na Parte II. deſte Livro, Capitulo I.

10 D. PEDRO, a quem chamaraõ *o da Guerra*, paſſou com o Infante ſeu pay a Caſtella; e voltou para Portugal depois da batalha de Aljubarrota. Caſou, com grande diſſabor do Infante, com D. Thereſa Andeiro, filha de Joaõ Fernandes Andeiro, Conde de Ourem, Embaixador delRey D. Fernando a Inglaterra; e de ſua mulher Joanna Bezerra, filha de Fernan-

Monarchia Luſitana, part.8. pag.53.

Fernando Bezerra, Cavalleiro da Corunha, donde tambem era o Conde, e teve

11 D. Fernando da Guerra, a quem El-Rey D. Joaõ seu tio estimou muito, e elle lho mereceo, sendo grande servidor seu. Foy Chanceller môr do Reyno, e o I. Regedor das Justiças, que nelle houve, lugar que conservou toda a vida. Foy Bispo do Porto; e por morte de D. Martinho Affonso Pires da Charneca, Arcebispo de Braga, que foy a 25 de Março de 1416, lhe succedeo D. Fernando sendo o XXXIX. dos Arcebispos, que occuparaõ a Primacial Igreja de Braga; e foy confirmado pelo Papa Martinho V. no principio do anno de 1418, teve logo hum Breve para converter em Igrejas seculares muitos Mosteiros de Religiosos, entre os quaes foraõ da Ordem Benedictina, S. Salvador de Fonte-Arcada, que fez Arcediagado, S. Martinho de Sande, e Santa Maria de Adaufe, que fez Parochias, em que tambem converteo Santa Maria de Cerzedo, Santa Maria de Gundar, S. Salvador de Guilhofrey, Santa Maria de Valboa, S. Pedro de Morufe, Santa Maria de Ermello, todos Mosteiros da mesma Ordem. Da dos Conegos Regrantes, os de S. Salvador de Barbar, Santa Maria de Souto, e S. Sylvestre de Requiaõ. O antigo Mosteiro de S. Salvador de Villar de Frades, tambem da Ordem de S. Bento, deu aos Conegos da Congregaçaõ de S. Joaõ Euangelista, que entaõ teve principio em Portugal pelo Mestre Joaõ, Bispo de Viseu, com a Regra, e Estatutos dos

Cunha, *Histor. de Braga*, part. 2. cap. 54, pag. 222.

dos de S. Jorge em Alga. E deixando na ſua Dioceſi glorioſa memoria, que governou quarenta e nove annos, jaz na Sé de Braga, onde tem eſte Epitafio.

Aqui jaz o muito nobre Senhor D. Fernando, Arcebiſpo de Braga, e Biſneto delRey D. Pedro, e finou a XXVI. de Setembro de M. CCCCLVII.

Catalogo dos Biſpos da Guarda da Collecçaõ da Academia do anno de 1722.

11 DOM LUIZ DA GUERRA foy Deaõ na Sé de Braga; eſtudou em Pariz Direito Canonico, e foy laureado em Roma, onde o Papa Martinho V. à inſtancia delRey D. Joaõ I. ſeu tio, o proveo no Biſpado da Guarda a 22 de Fevereiro de 1427. Depois de recolhido ao Reyno, e ter governado a ſua Igreja, no de 1433 eſtava em Lisboa, e acompanhou o corpo delRey, quando foy levado a ſepultar ao Convento da Batalha. E governando ElRey D. Duarte, aſſiſtio nas Cortes do anno de 1437 em Lisboa, em que ſe tratou do reſgate do Infante D. Fernando. Depois no reynado delRey Dom Affonſo V. aſſiſtio nas Cortes, que ſe fizeraõ em Lisboa no anno de 1455, por ſeu Procurador Fernando Alvares Cardoſo, como ſe vê da Concordata entre elle, e ElRey. E tendo governado trinta e hum annos, faleceo na Villa de Abrantes no de 1458.

11 D. IGNEZ DA GUERRA caſou com Alvaro Pires de Tavora, Senhor de Mogadouro, de cujo matrimonio naſceo D. ISABEL DA GUERRA, que

caſou

caſou com Gonçalo Vaz Coutinho, e elle a matou injuſtamente, tendo havido della a D. Joanna da Guerra Coutinho, que caſou com Joaõ Fernandes de Souſa, Senhor de Bayaõ, e outras terras, ſem ſucceſſaõ. E caſou ſegunda vez o dito Gonçalo Vaz Coutinho com Dona Joanna de Caſtro, filha de D. Joaõ de Noronha, Alcaide môr de Obidos, a quem elle tambem matou ſem cauſa; e por eſtes crimes, ſendo convencido, foy degollado em Santarem.

10 D. Fernando, ultimo filho do Infante D. Joaõ, foy Senhor de Bragança, e do Caſtello de Outeiro. Na Chancellaria delRey D. Joaõ I. eſtá huma Carta de Doaçaõ, em que ElRey deu, em quanto foſſe ſua merce, a D. Fernando ſeu ſobrinho, que havia pouco caſara com Leonor Vaſques Coutinho, as terras de Cea, Santa Marinha, S. Romaõ, Folhadal, Penalva, Folhadoſa, Villa-Nova, Varazim, que eraõ no Almoxarifado de Viſeu, com ſuas juriſdicções, da maneira, que as tivera D. Pedro ſeu irmaõ: foy feita em Santarem a 10 de Janeiro da Era de 1445, que he anno de 1407. Do meſmo Rey ſe acha outra Carta, em que dava de tença, em quanto foſſe ſua merce, a D. Fernando ſeu ſobrinho, as terras de Gomey, Neſpereira, e Povolide, com o Preſtamo de Folgueſela, e do de Caſtello, que eſtavaõ no Almoxarifado de Viſeu: foy paſſada a Carta em Alcacere a 30 de Dezembro da Era de 1448, que he anno de 1410. Caſou com Leonor Vaſques Coutinho, filha de Vaſco Fernandes Coutinho, VI. Senhor

Torre do Tombo, liv. 3. delRey Dom Joaõ I. pag. 92.

nhor do Couto de Leomil, ao qual lhe deu ElRey D. Fernando jurisdicção Civel, e Crime, no anno de 1373. Foy Meirinho mòr da Provincia da Beira, Senhor de Penella, Povoa, Paredes, Riodades, e Nogueira, com suas jurisdicções, e Termo, com mero, e mixto imperio, salva a Appellação, e Correição, o que lhe deu o dito Rey no anno de 1372 de juro, e herdade para elle, e seus descendentes. Depois no anno de 1375 lhe fez Doação das terras, e Lugares de Ferreiros, e Tendaes, Ribeiro de Balsem, Velaens, Queimada, Aldea-Nova, Orta, Villa-Nova de Fascoa, com todo o seu Termo, e rendas, com o encargo de o servir com certas lanças; e em pagamento de outras se lhe mandou entregar a seus herdeiros a 8 de Julho de 1386 a terra de Nomaõ no Almoxarifado de Lamego. Estas merces teve Vasco Fernandes Coutinho delRey D. Fernando, a quem fez grandes serviços, e foy hum dos mayores Senhores do seu tempo. Consta ser morto no anno de 1486; porque a 19 de Mayo deu ElRey D. Joaõ I. a Brites Gonçalves de Moura, que havia sido sua mulher, a terra dos Regos, e Tracem, para descendentes legitimos, a qual foy Aya, ou Camereira mòr da Rainha D. Filippa: era filha de Gonçalo Vasques de Moura, que tinha a herdade de Aspras no Termo de Moura; e sendolhe tomada por dividas, ElRey D. Fernando no anno de 1371 a deu a seu genro. Foy Alcaide mòr de Moura, Guarda mòr delRey D. Affonso IV. com quem se achou na batalha do

do Salado, e seu Embaixador a Castella, que fundou o Morgado de Marmelal no anno de 1346, cuja Igreja elle tinha fundado, e dotado no anno antecedente; e de sua mulher D. Ignez Alvares, filha de Alvaro Gonçalves de Siqueira, e de sua mulher Dona Brites Fernandes de Cambra, e tiveraõ

11 D. DUARTE, Senhor de Bragança, e do Castello de Outeiro, e parece que de todas as mais terras, que teve seu pay; e morreo em Evora, sem casar, no anno de 1442; e por naõ ter successaõ, vagaraõ os seus Estados para a Coroa, e foy dada Bragança com outras terras ao Senhor D. Affonso, I. Duque de Bragança, como dissemos no Tomo V. pag. 39 desta Historia.

O Padre Fr. Jeronymo Roman padeceo huma grande equivocaçaõ em dar mais por filho a D. Fernando, Senhor de Bragança, a D. Fernando, que casou com a filha de Fernaõ Lopes de Saldanha; porque este D. Fernando he o que diremos no Cap. IV.

Roman, *Chron. da Casa de Bragança*, cap. 9. na Vida do Duque D. Affonso m. s.

CAPITULO II.

De D. Maria de Portugal, e sua successaõ.

* 10 SUccedeo nos Estados, que o Infante seu pay teve em Castella, D. Maria de Portugal. Casou com Martim Vasques da Cunha, Ricohomem, Senhor de Tavoa, Gulfar, Lafoens, Besteiros,

ros, Penalva, Louſada, Pinheiro, Angeja, Bempoſta, e dos Morgados de Eutropio, Santa Barbara, &c. que perdeo por ſe paſſar para Caſtella, (onde foy creado I. Conde de Valença) quando ElRey D. Joaõ I. eſtava tratando da liberdade da Patria, como refere a ſua Chronica, ſendo hum dos grandes Senhores daquelle tempo, e ter ſervido o Reyno com valor; tinha ſido caſado primeira vez com D. Thereſa Giraõ, filha de Affonſo Telles Giraõ, Rico-homem, Senhor de S. Romaõ; e de ſua mulher D. Thereſa Rodrigues de Alarcaõ, filha de Fernaõ Martins de Alarcaõ, VI. Senhor deſta Caſa, e I. da Villa de Valverde; e de ſua mulher Brites Fernandes Pecha, filha de Pedro Fernandes Pecha, Chanceller mór de Caſtella, e Camereiro mór delRey D. Affonſo XI. e de ſua mulher Elvira Martins, Camereira mór da Rainha D. Maria, mulher do dito Rey. Jeronymo de Aponte, Bernardo Jeronymo Gudiel, e Alvaro Lopes de Haro, ſuppoſto affirmaõ, que Affonſo Telles Giraõ caſara, naõ nomeaõ quem foſſe ſua mulher; e ſe deve, com outros muitos pontos importantes da Hiſtoria, ao incanſavel eſtudo do erudito D. Joſeph Pellicer, cuja authoridade ſeguimos, referida por D. Antonio Soares de Alarcaõ, nas *Relações Genealogicas*, que eſcreveo com muito acerto. Hum Author naõ achando o nome deſta illuſtre Senhora, a teve por amiga de Affonſo Telles, fazendo a ſua filha D. Thereſa illegitima, mulher de Martim Vaſques da Cunha, no que ſe enganou, como ſuccede a grande parte,

Aponte, *Nobiliar. m.ſ.* Gudiel *Compend. de los Girones*, cap. 21. pag. 75. Haro tom. I. cap. 5. pag. 140.

Relaciones Genealogic. pag. 165, e pag. 224.

parte, dos que querem illustrar os seus estudos com esta parte da Historia; e naõ sabendo, mendigaõ noticias, e muitas vezes cahem em absurdos; porque como naõ conhecem as pessoas, as confundem. Deste matrimonio de Martim Vasques da Cunha, e de sua primeira mulher D. Theresa Telles Giraõ nasceo D. Affonso Telles Giraõ, Senhor de Frechoso, que casou com D. Maria Pacheco, Senhora de Belmonte, filha de Joaõ Fernandes Pacheco, de quem em Castella procedem por varonía illustrissimas, e poderosas Casas, como saõ os Marquezes de Vilhena, Duques de Escalona, Marquezes de Villa-Nova del Fresno, de Alcalá, da Alameda, Condes de Montijo, de la Puebla, de la Torre, de las Sirgadas, de Montalvaõ, Duques de Useda, de Ossuna, e outras esclarecidas em Hespanha; e em Portugal a dos Condes de S. Vicente, Povolide, Pontevel, e outras naõ menos illustres, ainda que sem a prerogativa da grandeza de se cobrirem. De sua segunda mulher Dona Maria de Portugal teve Martim Vasques da Cunha os filhos seguintes:

Imhoff, *Corpus Hist. Geneal. Italiæ, & Hispaniæ.* Taboa II. pag. 111. & seq.

* 11 D. Pedro da Cunha, II. Conde de Valença, de quem adiante trataremos. = 11 D. Henrique da Cunha, Senhor de Vilhalva, de quem Salazar de Castro diz ser progenitor dos Senhores de Xema, e dos Marquezes de Escalona. = 11 Dom Fradique da Cunha. = 11 D. Diogo da Cunha, Religioso da Ordem de S. Jeronymo. = 11 D. Joaõ Coutinho, Religioso da Ordem dos Prégadores.

dores. ⩶ 11 D. Firnando da Cunha, Senhor de Pajares, e a sua succellaõ se verá no §. II. ⩶ 11 D. Brites da Cunha e Portugal casou com Dom Pedro de Quinhones, V. Senhor de Luna, Meirinho mayor de Leaõ, e Asturias.

* 11 D. Pedro da Cunha e Portugal, II. Conde de Valença, servio a ElRey D. Joaõ II. de Castella com grande distincçaõ; achou-se com o mesmo Rey na famosa empreza de la Vega de Granada no anno de 1431, como refere a sua Chronica. Foy muy estimado, e hum dos principaes Senhores daquelle tempo.

Aponte, Haro, lib. 3. cap. 5. pag. 143.

Casou duas vezes, a primeira com Dona Leonor de Quinhones, filha de D. Diogo Fernandes de Quinhones, Meirinho môr de Leaõ, Senhor da Casa de Luna, e de D. Maria de Toledo sua mulher; e jazem ambos no Mosteiro de S. Domingos de Valença; e tiveraõ o filho seguinte: ⩶ * 12 D. Joaõ da Cunha, III. Conde de Valença.

Imhoff, Tab. II. pag. 3.

Casou segunda vez com D. Joanna de Zuniga, de quem teve ⩶ 12 D. Maria da Cunha mulher de Joaõ de Robles, Senhor de Vilharmentero. ⩶ 12 D. Leonor da Cunha, Abbadessa de Santa Clara de Valhadolid.

* 12 D. Joaõ da Cunha e Portugal, III. Conde de Valença, Gijon, e Pravia, e depois Duque de Valença, creado por ElRey Dom Henrique IV. de Castella no anno de 1465, a quem foy muy aceito: porém o titulo de Duque se naõ continuou

em

em ſeus deſcendentes, nem o de Conde de Gijon, e Pravia, como diz Haro. Caſou com D. Thereſa Henriques, filha de D. Affonſo Henriques, I. Conde de Alva de Liſte; e da Condeſſa D. Maria de Guſmaõ ſua mulher, e procrearaõ os filhos ſeguintes:

* 13 D. HENRIQUE DA CUNHA, IV. Conde de Valença, com quem ſe continúa. ☰ 13 D. MARTINHO DA CUNHA, Senhor de Matadion, caſou com D. Joanna da Cunha, filha de D. Joaõ de Vivero, Viſconde de Altamira, e de ſua mulher D. Maria da Cunha; e tiveraõ eſtes filhos: ☰ 14 D. ANTONIO DA CUNHA, Senhor de Matadion. ☰ DOM FERNANDO DA CUNHA, Senhor de Villa-Fanhe. ☰ D. ANTONIA DA CUNHA, que caſou com D. Fernando Ninho de Caſtro, Meirinho mór de Valhadolid, ☰ e D. IGNEZ DA CUNHA. ☰ 13 D. AFFONSO HENRIQUES DA CUNHA, Senhor de Alcoetas, caſou com D. Maria Cabeça de Vaca, filha de Pedro de Oblear, Senhor de Alcoetas, e de D. Thereſa de Guſmaõ. ☰ 13 D. JOANNA DA CUNHA caſou com D. Pedro Velez de Guevara, Senhor de Salinilhas. ☰ 13 D. LEONOR DA CUNHA, Freira em Santa Catharina de Sena de Valhadolid.

* 13 D. HENRIQUE DA CUNHA E PORTUGAL, IV. Conde de Valença, Senhor de las Villas del Freſno, Cavanhas, Vilhademor, Carvajal, S. Milan, Zuares, Algaefe, Santa Marinha, Cubilhas, Segoſos, Cabreros, e Campo de Vilhavidel, Alcaide das Torres de Leaõ, e hum dos grandes Senhores daquelle

quelle Reyno. Casou tres vezes, a primeira com D. Maria de Ayala, irmãa de D. Pedro, Conde de Salvaterra, de quem teve ⩶ 14 D. JOAÕ DA CUNHA, que morreo menino. Casou segunda vez com D. Maria Giron, filha de Dom Joaõ Telles Giron, V. Conde de Urenha, de quem teve ⩶ 14 D. ANTONIA DA CUNHA, que morreo vivendo seu pay. Casou terceira vez com D. Aldonça Manoel, filha de D. Joaõ Manoel, II. Senhor de Belmonte, e Zivico, Cavalleiro do Tosaõ, do Conselho de Estado, grande valido delRey D. Filippe I. de Castella; e de sua mulher Dona Catharina de Castella; e desta uniaõ nasceo unica successora ⩶ 14 D. LUIZA DA CUNHA E PORTUGAL, V. Condessa de Valença, e successora unica de todos os Estados do Conde seu pay. Casou com D. Manrique de Lara, III. Duque de Naxera, IV. Conde de Trevinho, e de Valença, XII. Senhor de Amusco, &c. Cavalleiro do Tosaõ de Ouro, como escreve D. Luiz de Salazar de Castro na estimadissima Obra da *Casa de Lara*, capitulo IX. lib. VIII. pag. 184, donde se póde ver a sua esclarecida descendencia.

§. II.

11 D. FERNANDO DA CUNHA, foy I. Senhor de Pajares, casou com D. Maria Cabeça de Vaca, de quem teve D. PEDRO DA CUNHA, D. JOAÕ, D. MARTIM, e D. BRIANDA DA CUNHA, a quem

naõ

naõ daõ estado. ⧖ 12 D. Pedro da Cunha, foy II. Senhor de Pajares, Regedor de Toro, Alcaide da Casa, e Fortaleza de Benavente. Casou duas vezes, a primeira com D. Maria de Sousa Portocarrero, filha de Martim de Sousa, Regedor de Toro; e de D. Catharina de Vilhalpando. E a segunda vez com D. Maria de Bazan, filha de Dom Fernando de Bazan, Senhor de Ceynos; e deste matrimonio teve a D. Fernando, e a D. Francisca da Cunha, que casou com Joaõ Davia, Senhor de Cespedosa. E do primeiro matrimonio teve ⧖ 13 a D. Joaõ da Cunha Portocarrero, III. Senhor de Pajares, e das partes das Terças de Toro, Cavalleiro da Ordem de Santiago, e depois Commendador de Malagon na de Calatrava, Mestre Salla de Filippe II. sendo Principe, Castellaõ de Perpinhan, e Governador da Fronteira de Roselhon, que morreo em Fevereiro de 1553. Casou duas vezes, a primeira com D. Branca Manrique, filha do Senhor de Valdescaray, de quem teve ⧖ 14 D. Maria Manrique da Cunha, que casou com Dom Antonio da Sylva, de quem teve a successaõ, que escreve D. Luiz de Salazar na *Casa de Sylva*. Casou segunda vez com D. Anna de Roxas, VI. Senhora de Requena, filha de D. Joaõ Rodrigues de Roxas, IV. Senhor de Requena, viuva de Dom Pedro de Velasco, Senhor do Morgado de Carrion, irmaõ de D. Joaõ de Velasco, I. Conde de Siruella, com successaõ; e do segundo marido teve ⧖ * 14 D. Joaõ da Cunha Portocarrero

Salazar, *Casa de Sylva*, liv. 7. cap. 5. pag. 148. do tom. 2.

E

e Roxas, IV. Senhor de Pajares, adiante. ⩶ D. Diogo da Cunha, Cavalleiro de Alcantara, que morreo a 19 de Mayo de 1583. ⩶ D. Pedro da Cunha, Abbade de Santo Isidoro de Leaõ. ⩶ D. Francisco, que morreo moço. ⩶ D. Isabel de Roxas da Cunha, que casou com D. Gonçalo de Gusmaõ, Senhor de Toral, Aviados, Valle de Curenho, e Montanhas de Bonar; o qual já havia sido casado com D. Isabel de Zuniga, filha de D. Alvaro de Zuniga, II. Duque de Bejar, de quem naõ teve successaõ. E de sua segunda mulher D. Isabel de Roxas teve a que se póde ver em D. Luiz de Salazar. ⩶ D. Magdalena da Cunha, ultima filha, foy Freira no Mosteiro de Santa Anna de Toro, da Ordem de S. Francisco, fundaçaõ dos Senhores de Pajares seus pays.

Histor. da Casa de Lara, tom.2. pag. 569.

* 14 D. Joaõ da Cunha Portocarrero e Roxas, foy preferido por sua mãy D. Anna de Roxas para a successaõ da sua Casa: foy IV. Senhor de Pajares, VII. Senhor de Requena, e da parte das Terças de Toro, Padroeiro dos Mosteiros de Vilhafilos, e Santa Anna de Toro, Regedor daquella Cidade, Gentil-homem de Boca do Emperador Carlos V. Commendador del Pozuelo, na Ordem de Calatrava, Capitaõ General da Provincia de Guipuscoa, e Alcaide de Fuente Rabia, que faleceo em Toro a 29 de Setembro de 1582. Casou com D. Isabel de Ulhoa, filha de D. Joaõ de Ulhoa Sarmento, III. Senhor de Vilhalonso, e Vilhafraces; e de D. Guiomar

mar Tavera sua mulher, filha de Diogo Pardo Tavera, Marischal de Castella, irmaõ do Cardeal D. Joaõ Tavera, Arcebispo de Toledo; e tiveraõ os filhos seguintes: ⌶ * 15 D. PEDRO DA CUNHA, V. Senhor de Pajares, com quem se continúa. ⌶ D. JOAÕ DA CUNHA E ULHOA, Commendador de Fardel na Ordem de Santiago, em que teve outras Commendas: morreo no anno de 1614. ⌶ * 15 D. DIOGO DA CUNHA, adiante. ⌶ DOM FRANCISCO DA CUNHA, Conego, e Chantre de Toledo, que morreo no primeiro de Julho de 1622. ⌶ D. ANTONIO DA CUNHA, que foy Religioso da Ordem de S. Francisco, Guardiaõ do Convento de Leaõ. ⌶ 15 D. ANNA DA CUNHA, que casou com D. Diogo de Aguila, Senhor de Villa-Viçosa, Solosancho, Robledilho, e Baterna, Cavalleiro da Ordem de Santiago, e foy sua segunda mulher, de quem teve ⌶ 16 D. DIOGO GABRIEL DE AGUILA, Senhor de Villa-Viçosa, Progenitor dos Marquezes de Aguila. ⌶ D. JOAÕ DA CUNHA, a quem Salazar ignorou o estado. ⌶ D. ANTONIA DE AGUILA, que casou em 1593 com D. Bernardino Manrique, VI. Senhor de las Amayuelas, que faleceo no anno de 1641, e de quem procedem os Condes de las Amayuelas, de que Salazar de Castro tratou como Varoens da Casa de Lara no Capitulo VI. e seguintes do Livro XIII. desta estimadissima Obra; e D. ISABEL DE ULHOA, Freira no Mosteiro de Santa Maria de Jesus de Avila. ⌶ 15 D. GUIOMAR DA CUNHA, e D. ISABEL

Salazar, *Casa de Lara*, tom. 2. pag. 700.

DA CUNHA, Religiosas no Mosteiro do Santo Espirito de Toro, da Ordem de S. Domingos. ⸬ D. FRANCISCA DA CUNHA, e D. MARIA DA CUNHA, Freiras no Mosteiro de Santa Clara de Toro, ⸬ e D. MARIANNA DA CUNHA, Freira em Santa Catharina de Toro.

* 15 D. PEDRO DA CUNHA, V. Senhor de Pajares, e Requena, Regedor de Toro, Commendador de Poçuelo na Ordem de Calatrava, e successor de toda a Casa de seu pay: faleceo a 4 de Setembro de 1592. Casou com D. Anna de Urries, filha de D. Joaõ Urries, Vice-Rey de Malhorca no anno de 1572; e de Dona Joanna de Urries sua mulher, que eraõ da illustre, e antiga Casa do seu appellido do Reyno de Aragaõ, e tiveraõ ⸬ * 16 D. JOAÕ DA CUNHA, VI. Senhor de Pajares. ⸬ D. MARIA DA CUNHA. ⸬ D. JOANNA DA CUNHA, Freira da Ordem de S. Domingos em Toro. ⸬ D. ANNA DA CUNHA, que casou com seu tio D. Diogo da Cunha, como adiante diremos. ⸬ D. LUIZA DA CUNHA, Freira em Santa Clara de Toro. ⸬ D. GUIOMAR DA CUNHA, e D. ISABEL DA CUNHA, de quem Imhoff diz serem Freiras; porém Salazar de Castro lhe ignorou o estado.

* 16 D. JOAÕ DA CUNHA E ROXAS, VI. Senhor de Pajares, e Requena, e dos Morgados da sua Casa, foy Regedor de Toro, Capitaõ da gente de Armas das guardas de Castella, Commendador de Poçuelo na Ordem de Calatrava, I. Visconde de la

Villa

Villa de el Barrio, e Conde de Requena. Faleceo em Toro a 7 de Junho de 1631. Casou duas vezes, a primeira com D. Josefa da Cunha no anno de 1606, filha de D. Joseph da Cunha, Senhor de Villafanhe, Matalana, &c. Commendador de Lobon, e de Horcajo, e Treze de Santiago, Castellaõ de Milaõ, Embaixador de Filippe II. a Carlos Manoel, Duque de Saboya, Mordomo môr da Duqueza sua mulher D. Catharina Michaela de Austria, Infanta de Hespanha, filha delRey D. Filippe II. e da Rainha D. Isabel de Valois; e de sua mulher D. Joanna da Cunha Pimentel sua prima com irmãa, Senhora de Matadion, Fuentes, e outras terras, ambos quartos netos por varonía de Martim Vasques da Cunha, I. Conde de Valença; e de sua segunda mulher a Condessa D. Brites de Portugal, que he o motivo da continuaçaõ desta linha; e deste matrimonio teve ⵘ 17 a D. JOAÕ DA CUNHA, Senhor de Castro de Vega, e outras terras, que faleceo de idade de dez annos. Casou segunda vez com D. Isabel Bravo da Cunha, filha herdeira de D. Luiz Bravo da Cunha, Cavalleiro da Ordem de Calatrava, dos Conselhos de Guerra, e Fazenda, Embaixador a Veneza, Governador de Cadiz, Vice-Rey de Navarra, Guipuscoa, e Gentil-homem da Camera do Infante Cardeal, de quem teve por filho ⵘ 17 a D. ANTONIO MANOEL DA CUNHA, II. Conde de Requena, Visconde del Barrio, VII. Senhor da Villa de Pajares, &c. o qual naõ casou, nem teve successaõ.

* 15 D. DIOGO DA CUNHA , filho terceiro de D. Joaõ da Cunha e Roxas , IV. Senhor de Pajares; e de sua mulher D. Isabel de Ulhoa: foy Commendador de Hornos na Ordem de Alcantara , Capitaõ General da Ilha de S. Domingos , e Presidente da sua Audiencia: faleceo a 11 de Outubro de 1635 , havendo casado com sua sobrinha D. Anna da Cunha , filha de seu irmaõ D. Pedro , V. Senhor de Pajares , e Requena ; e deste matrimonio teve ☰ * 16 D. JOAÕ JOSEPH DA CUNHA , com quem se continúa. ☰ D. ISABEL MARIA DA CUNHA , que casou com seu primo D. Diogo Gabriel de Aguila , I. Marquez de Villa-Viçosa , e naõ tiveraõ successaõ. Teve natural a D. JOAÕ DA CUNHA , Cavalleiro da Ordem de Santiago , que foy Capitaõ de Cavallos , e Couraças , em Flandres , e Italia.

* 16 D. JOAÕ JOSEPH DA CUNHA , foy Senhor da Casa de seu pay , Senhor das Villas de Tabladilho, e Totanes , Commendador de Castellanos na Ordem de Calatrava , que faleceò a 4 de Novembro de 1645. Casou com D. Brianda Vela da Cunha e Carrilho , filha primeira de D. Antonio Filippe Vela da Cunha, Senhor de Tabladilho , e Totanes , Regedor de Avila ; a qual ficando viuva , casou segunda vez com D. Manoel Giron de Salcedo , IV. Marquez de Sofraga , com successaõ , que naõ pertence aqui ; e de seu primeiro marido teve ☰ * 17 DOM DIOGO , III. Conde de Requena , com quem se continúa. ☰ D. ANTONIA DA CUNHA casou com D. Joaõ Gaetan de

de Ayala, e Gusmaõ, Conde do S. R. I. e tiveraõ ☰ D. JOAÕ FRANCISCO GAETAN DE AYALA, Conde do S. R. I. ☰ D. MANOEL GAETAN, ☰ e D. ANTONIA, Religiosa Recoleta de Santo Agostinho no Mosteiro de Santa Isabel de Madrid. ☰ 17 D. BRIANDA DA CUNHA, filha de Dom Joaõ Joseph, morreo antes de tomar estado.

* 17 D. DIOGO FERNANDES DA CUNHA ROXAS VELA E CARRILHO, foy III. Conde de Requena, Visconde del Barrio, VIII. Senhor de Pajares, &c. Védor da Casa delRey Catholico D. Carlos II. seu Gentil-homem da Camera, sem exercicio. Casou no anno de 1668 com D. Gaspara Maria da Fonseca, e Medrano, III. Marqueza de la Pilha, Senhora das Villas de Fuen-Mayor, e Almarca, e da Casa da Fonseca, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, que morreo a 30 de Abril de 1684; e filha de D. André Felix Velez de Medrano, Senhor de Fuen-Mayor, e Almarca, e de sua mulher Dona Maria Filippa da Fonseca, II. Marqueza de la Pilha; porém naõ ficando successaõ deste matrimonio, o Conde naõ tornou a casar.

CAPI-

CAPITULO III.

De Dom Fernando, Senhor de Eça.

10 NEnhuma Familia teve mais esclarecido principio, do que a de Eça; e devendo continuar no esplendor, e grandeza da sua origem, para que fosse respeitada, infelizmente foy sempre em huma total decadencia; de sorte, que quasi se veyo a extinguir.

No Capitulo I. dissemos, que fora unica producçaõ do thalamo do Infante D. Joaõ, e da Infanta D. Maria Telles de Menezes, D. Fernando, o qual seguindo a desgraça de seu pay por outros motivos, se ausentou do Reyno, e viveo muito tempo em Galiza; lá foy Senhor da Villa de Eça, por lha dar em prestimo, ou tença o Duque de Arjona D. Fradique de Castro seu primo segundo; e por este Senhorio lhe chamaraõ D. Fernando de Eça, que veyo a ficar por appellido dos seus descendentes. No Conde D. Pedro, titulo pag. se acha memoria do appellido Deça, que assim escreviaõ os nossos antigos Eça: porém como he muy diversa Familia, e naõ tem correlaçaõ com esta, mais que na semelhança do nome, he escusado fazer mençaõ, do que elle refere. Os Nobiliarios uniformemente dizem, que D. Fernando fora homem de larga consciencia, e de taõ escandalosa

losa vida, que casara com muitas mulheres, sendo vivas ao mesmo tempo. Naõ souberaõ quaes ellas foraõ, mas todos nomeaõ a D. Isabel de Avallos por sua mulher; e o Desembargador Duarte Nunes de Leaõ affirma ser a ultima; e de todas veyo a ter quarenta e dous filhos, de que muitos morreraõ de tenra idade. Os que achamos nomeados, saõ os seguintes. De huma, a quem se naõ sabe o nome, teve

Leaõ, *Chronica del Rey D. Pedro I.* pag. 150.

11 D. Fernando de Eça, de quem se fará mençaõ no Capitulo IV.

11 D. Garcia de Eça, de quem se trata no Capitulo VII.

11 D. Leonor da Guerra casou com Galiote Leitaõ, Senhor da Torre de Ota. D. Antonio Soares de Alarcaõ diz, que naõ casara; porém Xysto Tavares, Damiaõ de Goes, D. Luiz Lobo, e D. Antonio de Lima, e outros, affirmaõ este casamento. E de outra mulher teve

Nobiliarios, Xysto Tavares, Damiaõ de Goes, D. Antonio de Lima, D. Luiz Lobo, Affonso de Torres, Diogo Gomes de Figueiredo, e outros.

11 D. Joaõ de Eça, que foy Commendador de Cardiga na Ordem de Christo, que servio em Africa no tempo do Conde de Tarouca D. Duarte de Menezes, e na sua Chronica se faz mençaõ delle; e morreo no Palanque de Tangere: porém como teve outro irmaõ do mesmo nome, se entra na duvida qual seria o que naquella occasiaõ foy morto. Diogo Gomes entende ser este, que naõ casou, nem teve geraçaõ.

Teve mais de outra mulher

11 D. Diogo de Eça casou com D. Joanna

da

da Sylva, filha de Pedro da Sylva, Doutor em Direito, filho de Joaõ Gomes da Sylva, chamado o *Moço*, Senhor de Vagos, legitimado em 1462, havido em Catharina Alvares, de quem naõ teve geraçaõ, e por ſua morte caſou com Gonçalo Mendes Zacoto, de quem foy primeira mulher.

11 D. Diogo, outro, conforme Alarcaõ.

De outra mulher teve os filhos ſeguintes:

11 D. Antaõ de Eça, que foy Monge da Ordem de S. Bernardo, a que daõ appellido dos *Mouros*.

11 D. Maria de Portugal, de que ſe refere, que ſendo eſpoſada tres vezes, e por lhe morrerem os maridos, deſenganada do Mundo, tomou o habito de Religioſa em Santa Clara do Porto.

11 D. Ignez de Portugal, que caſou em Aragaõ com D. Joaõ de Xara, ou de Hijar.

11 D. Isabel de Portugal caſou com D. Joaõ de Sottomayor, como diz D. Antonio Soares de Alarcaõ, de quem naſceo = 12 D. Leonor de Sottomayor, Dama da Rainha Catholica D. Iſabel, que caſou com D. Affonſo de Aragaõ, Duque de Villa-Hermoſa, Meſtre da Ordem de Calatrava, irmaõ delRey D. Fernando o Catholico, com eſclarecida ſucceſſaõ.

Alarcaõ, *Relaçaõ Genealog.* lib. 4. pag. 404. Abarca, *Hiſtoria de Aragaõ*, part. 2. col. 4. pag. 304. Eſcolano, *Hiſtoria de Valença*, lib. 8. cap. 7. pag. 724, impreſſa em 1611.

11 D. Brites de Eça, Abbadeſſa do Convento de Cellas de Coimbra, da Ordem de S. Bernardo, de quem o Biſpo de Viſeu D. Joaõ de Abreu teve filhos antes de o ſer.

D.

11 D. BRITES, outra, que refere Alarcaõ sem estado.

De D. Isabel de Avalos, em cujo poder elle morreo, como referem muitos Authores, era filha de D. Pedro Lopes de Avalos, Adiantado mayor de Murcia, filho de Ruy Lopes de Avalos, II. Condestavel de Castella; e desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes:

* 11 D. PEDRO DE EÇA, de quem adiante se tratará no Capitulo XI.

* 11 D. JOAÕ DE EÇA, de quem se fará tambem mençaõ no Capitulo XIII.

* 11 D. DUARTE DE EÇA, com geraçaõ, que se verá adiante no Capitulo XIV.

* 11 D. BRANCA DE EÇA, que foy segunda mulher de Vasco Fernandes de Lucena; e ficando viuva, casou segunda vez com Joaõ Rodrigues de Azevedo, como se dirá no Capitulo XV.

11 D. IGNEZ DE EÇA casou com Garcia de Sousa Chichorro.

11 D. CATHARINA DE EÇA, que foy Abbadessa perpetua de Lorvaõ, da Ordem de S. Bernardo, que governou muitos annos, onde deixou diversas memorias, que fazem memoravel o seu governo. Vivia no anno de 1515, como se vê de huma escritura allegada pelo Chronista Fr. Manoel dos Santos.

Monarchia Lusit. part. 8. liv. 22. cap. 35. pag. 255.

11 D. CATHARINA, outra, tambem Freira no dito Mosteiro, conforme Dom Antonio Soares de Alarcaõ.

Naõ se póde seguir verdadeiramente a ordem

destes filhos, porque os Authores a variaõ; porém quasi todos affirmaõ, que D. Fernando perseverou até a morte na uniaõ de D. Isabel de Avalos, e que tivera quarenta e dous filhos; e que antes de morrer, aos que estiveraõ presentes dera a sua bençaõ, dizendolhes que fossem servir ao seu Rey, que era o de Portugal. Morreo na sua Villa de Eça em Galliza, que depois se encorporou na Coroa. Refere-se, que nos ultimos annos da sua vida, arrependido da escandalosa, em que vivera, fizera devidas demonstrações de Christaõ, e de penitencia, e se vestira no habito de S. Francisco, e no theor desta vida acabara; a que allude o Escudo das Armas, que formou, em que poz o Cordaõ daquelle Santo com os Escudetes das Reaes, de que usaraõ seus descendentes, na fórma que se vêm no principio esculpidas, que o celebre Joaõ Rodrigues de Sá descreveo nas Coplas seguintes:

Os que num Cordaõ com nós
Tem labeo de Armas Reaes,
E os pontos trazem maes
Das quinas tem por Avós
Infantes, e Reys seus Paes,
E que andem sem estado,
Quejando foy o passado
Rezam naõ será, que esqueça
O Real sangue dos de Eça,
Posto que o tempo he mudado.

CAPI-

CAPITULO IV.

De Dom Fernando de Eça, Alcaide môr de Villa-Viçosa.

11 SUpposto que referimos no Capitulo precedente a diversidade de casamentos de D. Fernando, Senhor de Eça, se ignoraõ naõ só as Familias, mas os nomes das mulheres, que teve; assim naõ he facil de poder assentar de qual de seus filhos se deduz a primeira linha: porém seguindo os Nobiliarios de mayor authoridade, damos a ella principio em D. Fernando de Eça, appellido de que usaraõ os desta Familia, por seu pay ser Senhor de Eça, como deixamos referido. Servio a Serenissima Casa de Bragança, que lhe deu a Alcaidaria môr de Villa-Viçosa; depois passou à India no anno de 1501 por Capitaõ de hum Galeaõ em companhia do Vice-Rey D. Francisco de Almeida, para haver de ficar naquellas partes na guarda da Costa. Com o mesmo Vice-Rey se achou na empreza da Cidade de Quiloa, e Mombaça, sendo dos primeiros, que peleijaraõ com os Mouros valerosamente, onde foy morto a 15 de Agosto. Era D. Fernando já Soldado destro na guerra de Africa, em que havia militado, sendo Fronteiro em Arzila no tempo de Diogo Lopes de Siqueira. O Padre Fr. Jeronymo Roman padeceo huma gran-

Nobiliarios, Xysto Tavares, Damiaõ de Goes, D. Antonio de Lima, D. Luiz Lobo, Affonso de Torres, Diogo Gomes de Figueiredo.

Barros, Dec. 1. liv. 8. cap. 3. pag. 151. e cap. 8. pag. 163.

Roman, *Chronica da Casa de Bragança*, cap. 9. na *Vida do I. Duque*, e na do *Marquez de Villa-Viçosa*, m. s.

grande equivocaçaõ com D. Fernando de Eça; porque o faz filho de D. Fernando, Senhor de Bragança, seu tio, que naõ teve mais filho, que D. Duarte, como dissemos no Capitulo I.

Casou com D. Joanna de Saldanha, filha de Fernando Lopes de Saldanha, Contador môr de Castella; e tiveraõ os filhos seguintes:

* 12 D. JOAÕ DE EÇA, Capitulo V.

12 D. MARIA DE EÇA casou em Aragaõ com D. Fernando de Bolea, que vivia em Çaragoça.

12 D. LEONOR DE EÇA, que casou com Inigo de Morales, ou de Mora, Castelhano, Estribeiro môr do Duque de Bragança.

Teve fóra do matrimonio.

12 D. HENRIQUE DE EÇA, que no tempo do grande Affonso de Albuquerque, foy morto às lançadas, quando os moradores de Goa se levantaraõ contra os nossos, que conforme o tempo era este; e havia sido casado na Cidade de Lagos no Reyno do Algarve com D. Violante Jaques, filha de Gomes Gil Jaques, de quem teve a D. FERNANDO DE EÇA, que casou em Lisboa com D. N. . . . . . filha de Ruy Ferreira Fragoso, Contador dos Contos; e naõ tiveraõ successaõ.

CAPI-

CAPITULO V.

De Dom João de Eça, Alcaide môr de Villa-Viçosa.

12 NO Capitulo passado dissemos ser D. João de Eça filho de D. Fernando, a quem succedeo na Alcaidaria môr de Villa-Viçosa, continuando o serviço da Casa de Bragança no tempo dos Duques D. Fernando II. do nome, e de D. Jayme, ao qual acompanhou na empreza de Azamor no anno de 1513. D. Luiz Lobo, VII. Senhor de Sarzedas, na Obra, que intitulou: *Nobiliario Historico, que contém as descendencias, e acções dos Serenissimos Reys deste Reyno de Portugal*, da qual se conserva o mesmo Original na Casa de Sarzedas, attribue a este D. João muitas acções, que observando a Chronologia, não póde ser este, senão outro do mesmo nome, com o qual se equivocou, dizendo que passára à Africa com o Infante D. Fernando, sendo hum dos primeiros, que sobirão o muro, e que tendo peleijado com valor, fora cativo; (esta mal succedida empreza de Tangere foy no anno de 1437) e voltando ao Reyno acompanhara a ElRey D. Affonso V. na segunda vez, que passou à Africa, a qual foy no anno de 1463; depois se achou na batalha de Touro com o mesmo Rey, que foy no anno de 1475. Desorte,

ſorte, que ſem contar os annos, que preciſamente devia de ter no anno de 1437, quando ſe achou na malograda facçaõ de Tangere, no de 1513, em que foy à de Azamor, ſe paſſaraõ ſetenta e ſeis annos; neſta fórma quando foy acompanhar ao Duque para o ſervir, e na guerra, tinha mais de noventa annos. Com que eſte entendemos ſer ſeu tio D. Joaõ Commendador de Cardiga, de que no Capitulo III. fizemos memoria.

Caſou com D. Maria de Mello, filha de Vaſco Martins de Mello, Alcaide môr de Caſtello de Vide, e de Dona Iſabel Pereira ſua mulher; e teve os filhos ſeguintes:

* 13 D. Vasco de Eça, de quem ſe tratará no Capitulo VI.

* 13 D. Francisco de Eça, §. II.

13 D. Pedro de Eça, que foy Religioſo da Ordem de S. Jeronymo.

13 D. Fernando de Eça, que paſſou a ſervir à India no tempo do Governador Nuno da Cunha, com quem ſe achou em muitas occaſioens, em que adquirio honra, ſendo Capitaõ de hum Galeaõ, com o qual foy tambem com Simaõ da Cunha ſobre Adem; e na Armada de Antonio de Saldanha a deſtruir a Coſta de Cambaya, e com o meſmo Governador ſobre Baçaim, na qual occaſiaõ governava D. Fernando hum dos tres Eſquadroens, em que ſe repartio a gente de guerra. Naõ caſou, nem delle achamos geraçaõ.

D.

13 D. JOAÕ DE EÇA passou à India no anno de 1527 por Capitaõ de Cananor, lá morreo sem geraçaõ.

* 13 D. BRITES DE EÇA casou com Estevaõ Ferreira, Senhor do Morgado de Cavalleiros, de quem adiante daremos noticia; e por sua morte casou com Fernando de Magalhaens, de quem Affonso de Torres naõ dá successaõ.

* 13 D. GUIOMAR DE EÇA casou com Lopo Vaz de Sampayo, Governador da India, adiante.

* 13 D. MARGARIDA DE EÇA casou com Joanne Mendes de Vasconcellos, Senhor de Alvarenga. Teve illegitimos.

* 13 D. DUARTE DE EÇA, adiante §. III.

13 D. MANOEL DE EÇA, que passou à India no anno de 1548.

* 13 D. BRITES DE EÇA casou com Estevaõ Ferreira, Senhor do Morgado de Cavalleiros, de quem nasceo ⵘ * 14 D. JERONYMA DE EÇA, que foy herdeira. ⵘ 14 D. MARIA DE EÇA, que casou com Joaõ Marinho de Lobeira; e ficando viuva casou com Christovaõ de Mello, Porteiro môr delRey D. Joaõ III. sem successaõ. ⵘ * 14 D. JERONYMA DE EÇA succedeo no Morgado de Cavalleiros, e casou com Antonio Pereira; e tiveraõ: * 15 ESTEVAÕ FERREIRA DE EÇA, adiante. ⵘ 15 FRANCISCO FERREIRA DE EÇA, que casou com D. Antonia de Mello, de quem teve ⵘ 16 ESTEVAÕ FERREIRA DE EÇA, que servio na India; e teve illegitimo FRANCISCO

cisco Ferreira de Eça, que casou, e naõ sabemos com quem, nem da sua succeſſaõ. ≍ 15 Duarte de Mello Pereira, Cavalleiro de S. Joaõ de Malta. ≍ 15 Antonio Pereira de Mello, tambem Cavalleiro de Malta. ≍ 15 Martim Pereira, Clerigo, que foy Abbade de Cunha. ≍ 15 Estevaõ Ferreira de Eça seu irmaõ succedeo no Morgado de Cavalleiros, e casou duas vezes: da primeira naõ teve succeſſaõ; e de sua segunda mulher D. Brites Pereira, filha de Manoel Pereira da Sylva, teve a D. Jeronyma de Eça, que foy herdeira, e Senhora do Morgado dos Cavalleiros, que casou com Manoel Machado de Miranda, e tiveraõ ≍ * 16 Gregorio Ferreira de Eça, adiante. ≍ 16 Estevaõ Ferreira de Eça, que teve huma Abbadia simples. ≍ * 16 Joaõ Machado de Eça, que seguindo a vida Ecclesiastica a largou; e casou com D. Ignez Maria de Alarcaõ, viuva de Gonçalo Cardoso Pereira, Governador da Comarca de Lamego, adiante: ≍ 16 Martim Pereira de Eça, Cavalleiro de Malta, Commendador Balio, e Recebedor da sua Religiaõ neste Reyno. ≍ 16 Francisco Machado de Miranda, que passou à India, e lá morreo. ≍ 16 Fernando Rebello, que tambem servio na India; lá casou, e morreo, sem deixar succeſſaõ. ≍ * 16 Joaõ Machado teve de sua mulher D. Ignez Maria de Alarcaõ os filhos seguintes: ≍ 17 Manoel Machado, que morreo moço. ≍ 17 D. Magdalena de Eça, Abbadessa

sa de Vairaõ duas vezes, faleceo no anno de 1743. ⁒ 17 D. ANTONIA DE EÇA, Freira no dito Convento; morreo no anno de 1734. ⁒ 17 D. JERONYMA DE EÇA DE ALARCAÕ casou com seu primo Filippe de Sousa de Carvalho, Alcaide mór de Villa-Pouca, Senhor do Reguengo de Avinhaõ, Coronel de hum Regimento de Dragoens, e Brigadeiro dos Exercitos de Sua Magestade; póstos que servio na guerra com distincçaõ, conseguindo em muitas occasioens recomendavel memoria. Era filho segundo de Balthasar de Sousa Ferreira, Alcaide mór de Villa-Pouca de Aguiar, Senhor do Reguengo de Avinhaõ; servio na guerra da Acclamaçaõ, sendo Mestre de Campo de Infantaria, e se distinguio valerosamente em diversas occasioens; e de sua mulher D. Isabel Pereira de Carvalho, filha herdeira de Manoel Pereira da Sylva, Senhor do Morgado de Carvalho de Guimaraens; e tiveraõ ⁒ 18 BALTHASAR, JOAÕ, e LUIZ DE SOUSA, todos sem geraçaõ. ⁒ 18 ANTONIO DE SOUSA, Conego da Congregaçaõ de S. Joaõ Euangelista. ⁒ 18 D. IGNEZ DE ALARCAÕ casou com Antonio de Barros de Almeida, Senhor do Morgado de Real, sem geraçaõ. ⁒ 18 D. ISABEL CECILIA DE CARVALHO, que casou com Francisco de Barros, que por morte de seu irmaõ herdou o Morgado de Real, e foy Commendador, e Alcaide mór da Villa do Cano na Ordem de Aviz, Senhor das Saboarias da Comarca de Portalegre; e tiveraõ a LOPO DE BARROS DE ALMEIDA, de que em outra parte

ſe fará mençaõ, MANOEL DE BARROS DE ALMEIDA, FILIPPE DE BARROS, Cavalleiro de S. Joaõ de Malta, D. JERONYMA, D. MARIA, e D. ANNA, Freiras em Santa Clara de Villa do Conde. ⩶ 18 CAETANO BALTHASAR DE SOUSA DE CARVALHO, ſuccedeo na Caſa, he Alcaide mỏr de Villa-Pouca de Aguiar, &c. Servio com ſeu pay na guerra ſendo Tenente de Cavallos da ſua Companhia, e he Meſtre de Campo de Auxiliares do Terço da guarniçaõ de Chaves; e até o preſente naõ caſou. ⩶ 18 JOSEPH DE SOUSA DE CARVALHO. ⩶ 18 D. VIOLANTE DO CEO, Freira em Santa Clara de Guimaraens. ⩶ 18 MANOEL MACHADO, Doutor na Univerſidade de Coimbra, onde foy oppoſitor ás Cadeiras; e deixando eſta vida, em que a ſua litteratura, e naſcimento lhe ſeguravaõ os adiantamentos, tomou o habito de Capucho na Provincia da Soledade no eſtado de Leigo. ⩶ 18 JOAÕ MACHADO DE EÇA, Doutor na Univerſidade de Coimbra, onde foy oppoſitor; he Conego da inſigne Collegiada de Guimaraens, e Deputado do Santo Officio da Inquiſiçaõ de Lisboa. ⩶ * 16 GREGORIO FERREIRA DE EÇA, filho de D. Jeronyma de Eça, foy Senhor do Morgado de Cavalleiros. Caſou com Dona Margarida de Alarcaõ, irmãa de D. Joſeph de Barros de Alarcaõ, Deputado do Santo Officio, e Biſpo do Rio de Janeiro; e filha de Franciſco de Barros, Senhor do Morgado de Santa Iria, e Eſcrivaõ da Fazenda; e tiveraõ ⩶ * 17 MANOEL FERREIRA DE

EÇA,

EÇA, com quem se continúa. = 17 D. JERONYMA DE EÇA, que foy primeira mulher de Gonçalo Lopes de Carvalho, Donatario de Abbadim, e Negrellos, de quem teve successaõ. = 17 D. CATHARINA, D. ANTONIA, e D. JOANNA, das quaes naõ sabemos o estado. = * 17 MANOEL FERREIRA DE EÇA, foy Senhor do Morgado de Cavalleiros. Casou com D. Francisca Benta de Tavora; e a sua successaõ fica escrita a pag. 639 do Tom. X. e se deve accrescentar, que seu neto Antonio Pereira Pinto de Eça, que casou com D. Antonia Maria de Sousa Montenegro, tem os filhos seguintes: = D. CATHARINA DE EÇA, que nasceo em Outubro de 1735. = MARTINHO PEREIRA DE EÇA nasceo a 20 de Setembro de 1736. = DIOGO DE EÇA nasceo em Fevereiro de 1738, morreo menino. = D. MARIA MICHAELLA nasceo a 13 de Novembro de 1739. = D. Francisca Damiana de Tavora, irmãa do dito Antonio Pereira Pinto, de quem no mesmo lugar fizemos mençaõ, dizendo casara com André de Carvalho, deve ser Gonçalo André de Carvalho, a qual havendo casado em Agosto de 1739, morreo em Abril de 1741 sem successaõ; e elle casou segunda vez em 1742 com D. Luiza Clara de Vilhena, filha de Sebastiaõ Joseph de Carvalho Rangel, e de sua mulher D. Maria Theresa da Fonseca, filha de Luiz Pinto de Sousa, Senhor do Morgado de Balsemaõ.

* 13 D. GUIOMAR DE EÇA casou com Lopo Vaz de Sampayo, Commendador na Ordem de Christo,

que ſervio em Africa com reputaçaõ, e na India, como refere o Chroniſta Diogo do Couto. Foy Governador do Eſtado por ſucceſſaõ, muy mal ſuccedido, pelo que veyo prezo para o Reyno; e ſendo ſentenciado, reſpondeo aos cargos, e ElRey D. Joaõ III. lhe perdoou por interceſſaõ do Duque de Bragança. Morreo no anno de 1534, jaz no Moſteiro da Trindade de Lisboa; e deſte matrimonio teve os filhos ſeguintes: ⩶ 14 DIOGO LOPES DE SAMPAYO, que morreo moço. ⩶ 14 GASPAR DE SAMPAYO, que foy ſeu herdeiro, e Mordomo môr da Infanta D. Iſabel, mulher do Infante D. Duarte; e caſou com D. Antonia Henriques, filha de Henrique de Miranda Henriques, Alcaide môr da Fronteira, Commendador da Alcaçova de Evora na Ordem de Aviz; e de ſua mulher D. Maria de Souſa, filha de Ruy de Souſa, Alcaide môr de Elvas, ſem ſucceſſaõ. ⩶ 14 D. MARIA DE EÇA caſou com D. Antonio da Sylveira, illuſtre defenſor do grande ſitio de Dio no anno de 1537, que na Hiſtoria da India tem larga, e glorioſa memoria; e deſte matrimonio naõ teve ſucceſſaõ.

* 13 D. MARGARIDA DE EÇA caſou com Joanne Mendes de Vaſconcellos, Senhor de Alvarenga; e deſte matrimonio naſceo ⩶ 14 BERNARDO DE VASCONCELLOS, que foy ſeu herdeiro, e Senhor de Alvarenga. Caſou com D. Violante de Almeida, filha de Chriſtovaõ Palha de Almeida, de quem naſceo ⩶ 15 D. GUIOMAR DE VASCONCELLOS, que foy herdeira do ſeu Morgado, e caſou com Miguel da

da Franca Moniz, Senhor do Couto de Serzedello, e Corregedor da Comarca do Porto, de quem houve = 16 D. ANTONIA DE VASCONCELLOS, mulher do Doutor Pedro Barbosa de Luna, que foy Collegial do Collegio de S. Paulo de Coimbra, insigne Jurisconsulto; occupou grandes lugares, e foy ultimamente Desembargador do Paço, e Chanceller mór. Faleceo a 16 de Junho de 1606; e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes: = * 17 MIGUEL DE VASCONCELLOS DE BRITO, adiante. = 17 PEDRO BARBOSA, que foy Conego de Evora, Prior mór da Ordem Militar de Aviz, e depois Bispo de Leiria, sagrado na Igreja de S. Francisco de Xabregas a 7 de Setembro de 1636. = 17 LUIZ DE MELLO, que depois de ter sido Religioso da Companhia, foy Deaõ da Sé de Braga, e do Conselho Geral do Santo Officio. = 17 D. MARIA DE EÇA, que casou com Diogo Soares, Secretario de Estado em Madrid, e foy sua segunda mulher, de quem teve D. LEONOR SOARES, mulher de Diogo Soares, filho do Secretario Miguel de Vasconcellos, sem geraçaõ. = 17 D. MARIA ANTONIA, mulher de Pedro de Macedo Leite, que foy Governador em huma Praça no Reyno do Perú, de quem teve D. MARIA DE EÇA, de quem naõ sabemos estado. = 17 MIGUEL DE VASCONCELLOS E BRITO, foy Secretario de Estado, e o era na Acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ IV. em cujo dia acabou desgraçadamente no anno de 1640. Casou com D. Catharina de Macedo Leite, filha

filha de Diogo Leite Pacheco, Commendador na Ordem de Christo, de quem teve ⩶ 18 PEDRO DE VASCONCELLOS DE BRITO. ⩶ 18 DIOGO DE VASCONCELLOS, de quem naõ ha successaõ, ⩶ 18 e a D. ANTONIA DE MELLO, que veyo a ser sua herdeira, e foy terceira mulher de Diogo Soares, Secretario de Estado, Commendador de Nossa Senhora de Pereiro, e Santa Maria de Crasco na Ordem de Christo, e Senhor das Villas de Punhete, Serem, Prestimo, Moreira, e Pinhel, Alcaide mòr de Marialva, de quem teve ⩶ 19 ANTONIO SOARES DE MELLO, que morreo sem successaõ. ⩶ * 19 MIGUEL SOARES DE MELLO, adiante. ⩶ 19 JOAÕ ALVARES SOARES, ⩶ 19 e a PEDRO SOARES, que casou com D. Barbara Pacheco de Mello, filha de Manoel Pacheco de Mello, e de sua mulher Dona Isabel da Sylva, de quem teve D. ISABEL JULIANA SOARES DE MELLO, que casou com Luiz Manoel de Castanheda e Moura, Fidalgo da Casa Real, Contador mòr do Reyno, Commendador das Commendas de S. Salvador de Sarazes, Sampayo de Oliveira de Frades, e S. Joaõ do Pinheiro na Ordem de Christo, Alcaide mòr da Villa de Basto; e desta uniaõ naõ houve successaõ. ⩶ * 19 MIGUEL SOARES DE MELLO E VASCONCELLOS, succedeo nos Morgados de Fonteboa, e Serzello, de seu avô materno, e casou com D. Joanna Maria Pacheco de Mello, que ficando viuva casou com Paulo Carneiro de Araujo, Fidalgo da Casa Real, do Conselho del-Rey,

Rey, e da sua Fazenda, e Chanceller da Casa da Supplicaçaõ, de quem teve successaõ; e era filha herdeira de Manoel Pacheco de Mello, que servio na guerra da Acclamaçaõ com valor, e distincçaõ; depois foy Governador de Cabo Verde, e do Conselho Ultramarino; e de sua mulher D. Isabel da Sylva, de quem teve a D. ISABEL MARIA SOARES DE MELLO, que nasceo a 20 de Mayo de 1686; e casou no anno de 1702 com D. Joaõ de Mello, como se verá no Capitulo X. §. I.

§. II.

* 13 D. FRANCISCO DE EÇA servio em Africa, e o mataraõ os Mouros na occasiaõ, em que D. Joaõ de Menezes, e Nuno Fernandes de Ataide foraõ peleijar com os Mouros de Fez, havendo casado com D. Cecilia Pereira, filha de Fernando Rodrigues Pereira, conhecido pelo *Passaro*, Camereiro mòr do Duque de Bragança D. Jayme, Alcaide mòr de Borba, Commendador de Paraderna da Ordem de Christo; e de sua mulher D. Helena Patalim de Brito, filha de Duarte Pereira Patalim, Commendador de Castelaos, seu primo, de quem teve ⩶ 14 D. HELENA DE EÇA, que casou com Fernaõ de Castro, Alcaide mòr de Melgaço; e teve os filhos seguintes: ⩶ * 15 PEDRO DE CASTRO, adiante. ⩶ 15 ANTONIO DE MELLO, que foy Maltez, e morreo na India. ⩶ 15 D. CECILIA, que casou com o Desembar-

embargador Jorge Machado Boto; e por ſua morte caſou com Luiz Ceſar, adiante. ⊏ 15 D. ISABEL DE EÇA, Freira na Cidade de Faro. ⊏ 15 D. MARIA DE EÇA, que foy Freira no Moſteiro de Chellas de Lisboa. ⊏ * 15 PEDRO DE CASTRO, foy Alcaide môr de Melgaço, e Veador da Sereniſſima Caſa de Bragança, Commendador da Ordem de Chriſto. Achou-ſe na batalha de Alcacere no anno de 1578, donde ſe naõ ſoube mais delle; havendo caſado a primeira vez com D. Anna da Maya, filha de Jeronymo Landim, e de ſua mulher D. Maria da Maya ſua parenta, filha de André Pires Landim, Eſcrivaõ da Camera delRey, e depois da ſua Fazenda, de quem teve ⊏ * 16 FERNAÕ DE CASTRO, com quem ſe continúa. ⊏ * 16 JERONYMO DE CASTRO, adiante. ⊏ 16 FRANCISCO DE MELLO, ſervio na India, caſou em Baçaim com D. Catharina, filha de Alvaro Pinto, e de D. Catharina Fagundes, de quem naõ teve ſucceſſaõ. ⊏ * 16 D. BRANCA DE CASTRO caſou com Nuno de Mello da Sylva, adiante. ⊏ * 16 FERNANDO DE CASTRO, foy tambem Alcaide môr de Melgaço, Senhor do Reguengo de Triſtaõ junto de Guimaraens. Caſou duas vezes, e de ſua ſegunda mulher D. Luiza de Lacerda, Dama da Senhora D. Catharina, irmãa do Biſpo de Portalegre D. Diogo Correa, e filhos de Franciſco Vaz Tello, Alcaide môr de Braga, e Erveredo; e de ſua mulher Catharina Correa, ſobrinha do Veneravel D. Fr. Bartholameu dos Martyres, Arcebiſpo

de

de Braga, Primaz de Hespanha; e tiveraõ ⫶ 17 PEDRO DE CASTRO, que faleceo moço. ⫶ * 17 JERONYMO DE CASTRO, adiante. ⫶ 17 PAULO DE MELLO, que foy Religioso da Ordem dos Prégadores. ⫶ 17 FRANCISCO DE MELLO, Religioso da Ordem de Christo em Thomar; e sahindo da Religiaõ, foy Abbade de S. Bade, e Prior da Collegiada de Ourem no anno de 1672, Deaõ da Capella Real, e ultimamente Prior môr da Ordem de Aviz. ⫶ 17 D. MARIA DE CASTRO, e D. JOANNA DE MELLO, Religiosas no Mosteiro de Cellas de Coimbra, da Ordem de S. Bernardo. ⫶ * 17 JERONYMO DE CASTRO, succedeo na Casa de seu pay. Casou com sua prima com irmãa D. Catharina Salema, irmãa de Ruy Correa Lucas, do Conselho delRey, e o primeiro Tenente General da Artilharia do Reyno, Deputado da Junta dos Tres Estados, Commendador de S. Pedro de Torres Vedras; o qual casando com D. Milicia da Sylveira, teve unica a D. GUIOMAR DA SYLVEIRA, que casou com Henrique Henriques de Miranda: faleceo dentro de sete mezes, sem successaõ; e elle empregando os seus bens em obras pias, fundou o Collegio de Clerigos Pobres de Lisboa no Bairro Alto, junto a S. Pedro de Alcantara; e eraõ filhos de Bartholameu Rodrigues Lucas, Cavalleiro da Ordem de Christo, Corregedor da Corte, e Juiz dos Cavalleiros; e de sua mulher D. Leonor Correa, filha de Francisco Vaz Tello, Alcaide môr de Braga.

* 16 Jeronymo de Castro, filho ſegundo de Pedro de Caſtro, e de ſua mulher D. Anna da Maya, paſſou a ſervir à India, e lá o mataraõ os Mouros em Malaca; havendo caſado com D. Maria da Sylva, filha de Antonio de Mello da Sylva, e de Ignez Brites Leitoa, de quem teve = * 17 Pedro de Castro, adiante. = 17 D. Joanna da Sylva, Freira em Santa Clara de Lisboa. = * 17 Pedro de Castro, foy Deſembargador, e Provedor da Alfandega de Lisboa, lugar que occupou até à morte. Caſou com D. Lourença da Coſta, filha de Sebaſtiaõ da Coſta Homem; e de ſua mulher D. Iſabel Pereira; e tiveraõ = 18 Jeronymo de Castro, que ſendo Capitaõ de Infantaria, o mataraõ na empreza de Valverde no anno de 1642. = 18 Fernaõ de Castro, que foy Religioſo da Companhia, donde ſahio, e depois Deaõ da Capella de Villa-Viçoſa. = 18 Lourenço de Castro, que foy Religioſo da Ordem dos Prégadores, Meſtre em Theologia, Biſpo de Angra no anno de 1671; e depois promovido para a Igreja de Miranda no anno de 1681. Faleceo a 13 de Agoſto de 1684. = 18 Sebastiaõ de Castro, Religioſo da Ordem da Santiſſima Trindade. = 18 D. Maria de Castro, mulher de Antonio Cavide, que ſervio a ElRey D. Joaõ IV. com grande confiança, e foy ſeu Eſcrivaõ da Camera Extravagante, para ſervir no Deſembargo do Paço, além dos outros, de que ſe lhe paſſou a Carta a 24 de Dezembro de 1640. Era Commendador de

S.

S. Pedro de Babe na Ordem de Christo, e foy seu Mantieiro.

* 16 D. BRANCA DE CASTRO casou com Nuno de Mello da Sylva; viveo em Bucellas, lugar pouco distante de Lisboa, onde tinha hum Morgado, que havia instituido seu pay Antonio de Mello da Sylva, Capitaõ da Mina no anno de 1573. Servio a ElRey D. Sebastiaõ em Africa, e foy Capitaõ de huma das Galés do Reyno. Achou-se com o mesmo Rey na batalha de Alcacere no anno de 1578, onde sendo cativo, morreo em Fez. Deste matrimonio nasceo ⌶ 17 ANTONIO DE MELLO DA SYLVA, que foy seu herdeiro, e Commendador de S. Pedro de Cassia, que seu pay servio em Africa. Casou com D. Anna de Mello, filha de Manoel de Mello, a quem chamaraõ o *Salmonete*; e de sua terceira mulher D. Luiza de Tavora, filha de Luiz Pires Crespo, de quem teve ⌶ * 18 NUNO DE MELLO, adiante. ⌶ 18 JOAÕ DE MELLO, que morreo sem estado. ⌶ 18 D. CATHARINA DE MELLO, mulher de Florestaõ Lobo Cabral, de quem naõ sabemos geraçaõ. ⌶ * 18 D. MARIA DE TAVORA, que casou com Fernando Gomes de Quadros, adiante. ⌶ 18 N. N. Freiras no Mosteiro de Villa-Longa. ⌶ 18 NUNO DE MELLO DA SYLVA, foy Commendador da Ordem de Christo na Commenda, que teve seu pay; morreo no naufragio da Armada, de que era General D. Manoel de Menezes, no anno de 1627, tendo casado com D. Maria Pita, filha herdeira de Anto-

nio Gonçalves Pita, Commendador de Santa Maria do Porto de Moz na Ordem de Chriſto, Ouvidor Geral do Braſil, e Governador de Angola, por acclamaçaõ do povo; e de ſua mulher D. Antonia de Madureira, e tiveraõ ⵂ * 19 ANTONIO DE MELLO DA SYLVA, com quem ſe continúa. ⵂ * 19 LUIZ DE MELLO, adiante. ⵂ 19 SEBASTIAÕ DE MELLO, que morreo ſervindo na India. ⵂ * 19 NUNO DE MELLO DA SYLVA, adiante. ⵂ * 19 ANTONIO DE MELLO DA SYLVA, teve o Morgado de Bucellas, e outro. Caſou com D. Ignacia Henriques, filha do Deſembargador Luiz de Goes de Mattos, e de ſua mulher Dona Catharina Henriques; e tiveraõ ⵂ 20 LUIZ DE MELLO DA SYLVA, que caſou com N. . . . . filha de Franciſco Correa da Sylva, Theſoureiro da Caſa da India, naõ teve ſucceſſaõ. ⵂ * 20 MANOEL DE MELLO DA SYLVA, adiante. ⵂ * 20 JOSEPH DE MELLO. ⵂ 20 FRANCISCO DE MELLO, Religioſo Eremita de Santo Agoſtinho. ⵂ 20 NUNO DA SYLVA, Religioſo na dita Ordem. ⵂ 20 D. JOSEFA DE MELLO, primeira mulher de Antonio Tavares da Cunha. ⵂ 20 MANOEL DE MELLO DA SYLVA, ſuccedeo nos Morgados a ſeu irmaõ. Caſou com D. Marianna do Couto, filha de Joaõ Machado do Couto, Capitaõ em Bucellas, e de D. Domingas de Faria; e tiveraõ ⵂ 21 MANOEL DE MELLO DA SYLVA. ⵂ 21 JOAÕ DE MELLO. ⵂ 21 JERONYMO DE MELLO. ⵂ 21 D. THERESA GERARDA DE MELLO, mulher de Antonio Cor-

rea

rea da Cunha ; e tiveraõ ⊏⊐ 22 JOSEPH CORREA DA CUNHA, que caſou com D. Iſabel Thereſa Henriques, filha de Luiz Garces Palha, e de ſua mulher D. Ignez Maria Luiza Teixeira ; e tiveraõ as filhas ſeguintes : ⊏⊐ 23 D. THERESA DA CUNHA E MELLO , D. ISABEL DE MELLO , e a D. FILIPPA DE MELLO. ⊏⊐ 21 D. MARIA , D. IGNEZ , D. MONICA , e D. GUIOMAR , todas irmãas da dita D. Thereſa Gerarda.

* 20 JOSEPH DE MELLO , irmaõ ſegundo de Manoel de Mello da Sylva, caſou com D. Brites Antonia Coutinho , filha herdeira de Manoel Soares Coutinho , de quem teve ⊏⊐ 21 LUIZ DE MELLO DA SYLVA. ⊏⊐ 21 * NICOLAO DE MELLO DA SYLVA, e a D. MARIA JOSEFA DE MENEZES. ⊏⊐ * 21 NICOLAO DE MELLO DA SYLVA E MENEZES caſou com D. Maria Franciſca de Menezes, filha de Luiz Garces Palha de Almeida , e de D. Ignez Maria Luiza Teixeira ; e tiveraõ os filhos ſeguintes : ⊏⊐ 22 MANOEL FELIX DE MELLO , que naſceo no anno de 1715 , e morreo no meſmo dia. ⊏⊐ 22 D. RITA ISABEL DE MENEZES naſceo a 4 de Julho de 1717, morreo na flor da idade , cumprindo doze annos. ⊏⊐ 22 JOSEPH VICENTE DE MELLO DA SYLVA E MENEZES , que naſceo a 23 de Outubro de 1718 , e he ſeu herdeiro. ⊏⊐ 22 LUIZ GARCES PALHA naſceo a 14 de Dezembro de 1719. ⊏⊐ 22 D. ANNA JACINTHA DE MELLO naſceo a 12 de Fevereiro de 1721 , morreo menina. ⊏⊐ 22 VICENTE DE MELLO

DE

DE CASTRO nasceo em o primeiro de Abril de 1722; passou a servir à India, onde morreo no anno de 1739 em huma batalha com o Maratá. ⩵ 22 D. MARIA FRANCISCA HENRIQUES DE MENEZES nasceo a 17 de Setembro de 1723. ⩵ 22 D. BRITES LUIZA DE MELLO E CASTRO nasceo a 11 de Mayo de 1725. ⩵ 22 FRANCISCO AGOSTINHO DE MELLO LOBO nasceo a 28 de Agosto de 1726. ⩵ 22 MANOEL ANTONIO DE MELLO nasceo a 28 de Novembro de 1727, morreo com poucos dias de nascido. ⩵ 22 MATHIAS FELIX DE MELLO COUTINHO nasceo a 24 de Fevereiro de 1732, morreo no anno de 1740.

* 19 LUIZ DE MELLO DA SYLVA, filho segundo de Nuno de Mello, e de sua mulher D. Maria Pita. Casou com D. Maria Camilla de Lemos, filha de Martim Monteiro, do Conselho da Fazenda, e Juiz das Justificações, e de sua mulher D. Camilla de Lemos; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩵ * 20 LUIZ DE MELLO DA SYLVA, adiante. ⩵ 20 FRANCISCO DE LEMOS, Religioso Eremita de Santo Agostinho. ⩵ 20 NUNO DE MELLO DA SYLVA, que no anno de 1698 tomou o habito de Monge da Cartuxa, onde faleceo. ⩵ * 20 LUIZ DE MELLO DA SYLVA, foy Alcaide mòr da Villa de Porto de Moz, e Commendador de Santa Maria da mesma Villa na Ordem de Christo, Chanceller da Relaçaõ da Bahia; e voltando ao Reyno foy do Conselho Ultramarino. Faleceo em Lisboa no mez de Fevereiro de 1725 sem ter casado, deixou duas filhas Freiras no Mosteiro do Salvador da mesma Cidade.

D.

* 18 D. Maria de Tavora caſou, como diſſemos, com Fernando Gomes de Quadros, Senhor da Liziria de Buarcos, de quem teve ≍ * 19 Pedro Lopes de Quadros, adiante. ≍ 19 Manoel de Quadros, paſſou a ſervir ao Braſil, lá caſou com D. Maria de Vargas, filha de Paulo Cardoſo de Vargas, e de Maria Diniz; e tiveraõ a D. Maria de Mello de Quadros, que caſou com Joaõ Cardoſo Piſſarro, irmaõ de ſua mãy. ≍ * 19 Pedro Lopes de Quadros, Senhor da Liziria de Buarcos e Tavarede. Caſou com D. Maria Telles, Dama da Rainha D. Luiza, filha de D. Alvaro Pereira Coutinho, e de ſua terceira mulher D. Juſtina de Faria; e tiveraõ: ≍ * 20 Fernaõ Gomes de Quadros, adiante. ≍ 20 Pedro Lopes de Quadros, Religioſo da Ordem de S. Franciſco. ≍ 20 Alvaro Telles, Religioſo de S. Bernardo. ≍ 20 D. Isabel de Menezes, que foy primeira mulher de Joſeph de Souſa Pereira, do Conſelho da Fazenda, e Secretario da Embaixada do Arcebiſpo de Braga D. Luiz de Souſa a Roma no anno de 1675; depois foy nomeado Enviado à dita Corte, que naõ aceitou por ſe lhe naõ dar o titulo de Embaixador; e deſte matrimonio naõ houve ſucceſſaõ. ≍ 20 D. Marianna, e D. Luiza, Freiras em Santa Clara de Coimbra. ≍ 20 D. Bernarda Telles caſou com Antonio de Caſtellobranco, de quem naõ teve filhos; e ficando viuva tomou o habito em Lorvaõ, donde foy tres vezes Abbadeſſa. ≍ * 20 Fernaõ Gomes de

Qua-

QUADROS, que foy Senhor da Casa de seus avós, ficando viuvo, se fez Frade de S. Francisco no Seminario de Varatojo. Casou com D. Brites Maria de Albuquerque, filha de Antonio de Almeida de Albuquerque Coelho, do Conselho delRey, Commendador da Paraiba, e Governador do Maranhaõ; e de sua segunda mulher D. Ignez Maria Coelho, filha de Antonio Coelho de Carvalho, Desembargador do Paço, do Conselho delRey, e Embaixador na Corte de França, de quem teve ⵘ * 21 PEDRO LOPES DE QUADROS, adiante. ⵘ 21 ANTONIO DE QUADROS, foy Conego Regrante de Santo Agostinho. ⵘ 21 ANTONIO COUTINHO DE QUADROS, Prior de S. Martinho de Salrea. ⵘ 21 MANOEL DE MELLO PEREIRA, Capitaõ de Cavallos; morreo na tomada de Ciudad Rodrigo. ⵘ 21 FRANCISCO TELLES DE MENEZES, Freire da Ordem de S. Bento de Aviz. ⵘ 21 D. MARIANNA COUTINHO, D. IGNEZ SOARES, e D. LEONOR, todas Freiras em Lorvaõ. ⵘ * 21 PEDRO LOPES DE QUADROS, Senhor das Lizirias de Tavarede, e Buarcos, Commendador de S. Pedro das Alhadas na Ordem de Christo. Casou com D. Magdalena Maria Henriques de Menezes, filha de Garcia Lobo Brandaõ de Almeida, Senhor do Couto de Castello Viegas; e de D. Lourença Leitoa de Castellobranco; e tiveraõ ⵘ * 22 FERNANDO GOMES DE QUADROS, adiante. ⵘ 22 JOSEPH CAETANO DE QUADROS, que reside em Roma. ⵘ 22 GARCIA LOBO, que

passou

passou a servir à India, e lá morreo. = 22 ANTONIO DE QUADROS, Religioso Eremita de Santo Agostinho. = 22 FR. AYRES DE SANTA ANNA, e FR. AMARO DE SANTA RITA, Religiosos da Ordem de S. Francisco. = 22 ALVARO TELLES DE MENEZES E QUADROS, sem estado. = 22 CAETANO, e D. LOURENÇA, morreraõ meninos. = 22 D. MARIA TELLES DE MENEZES, que morreo em Vianna, havendo casado com Gaspar Malheiro Reymaõ de Sousa, Fidalgo da Casa Real; e teve = 23 VENTURA PEDRO, que morreo menino, D. PASCHOA, e D. BERNARDA TELLES. = 22 D. ISABEL IGNACIA, Freira em Lorvaõ. = 22 D. BRITES MAGDALENA HENRIQUES DE MENEZES casou em Coimbra com Antonio Xavier Zuzarte Cardoso, Fidalgo da Casa Real, Correyo môr de Coimbra; e tem até o presente = 23 FRANCISCO PEDRO, D. MAGDALENA, D. MARIANNA, D. LUIZA, e D. PAULA. = * 22 FERNANDO GOMES DE QUADROS E SOUSA, he Fidalgo da Casa Real, e successor da sua Casa. Casou no anno de 1731 com D. Brites Josefa da Sylva e Castro, filha de Antonio Leite de Sousa, e de sua mulher Dona Joanna da Sylva e Castro, filha de Joaõ Telles da Sylva, Fidalgo da Casa Real, Védor da Fazenda da India, e Conselheiro Ultramarino, de quem tem os filhos seguintes. = 23 PEDRO JOACHIM DE CASTRO, ANTONIO LEITE DE QUADROS, e a D. IGNACIA.

§. III.

* 13 D. DUARTE DE EÇA, filho illegitimo de D. Joaõ de Eça, paſſou a ſervir à India, e lá foy Capitaõ de Maluco. Caſou com D. Leonor de Faria, filha de Pedro de Faria, Capitaõ de Malaca, e Goa; e teve os filhos ſeguintes: ⫘ * 14 D. JOAÕ DE EÇA, adiante. ⫘ 14 D. DUARTE DE EÇA, que ſervio na India, e foy Capitaõ de Goa; e vindo para o Reyno, morreo queimado na Nao Chagas. ⫘ * 14 D. FRANCISCO DE EÇA, adiante. ⫘ 14 D. MARIA DE EÇA, Freira no Moſteiro das Carmelitas Deſcalças de Santo Alberto de Lisboa. ⫘ 14 D. ANTONIA DE EÇA, Religioſa no meſmo Moſteiro, onde foy por diverſas vezes Priora. ⫘ * 14 D. JOAÕ DE EÇA, viveo na Villa de Obidos, onde ſeu pay ſe recolheo depois de vir da India, e caſou com D. Catharina Bernardes, filha de Antonio Vaz Bernardes, Senhor da Quinta da Foz junto a Obidos; e tiveraõ ⫘ 15 D. DUARTE DE EÇA, que morreo moço. ⫘ 15 D. MANOEL DE EÇA, que tambem naõ teve ſucceſſaõ. ⫘ * 15 D. ANTONIO DE EÇA, com quem ſe continúa. ⫘ 15 D. FILIPPA, D. MARIA, e D. JOANNA DE EÇA, que foraõ Religioſas da Ordem de S. Domingos no Moſteiro das Dónas de Santarem.

* 15 D. ANTONIO DE EÇA, que foy o que veyo a herdar a Caſa de ſeu pay, caſou em Lisboa com Dona

Dona Clara de Villasboas, filha de Nuno Bernardes Monteiro, e de sua mulher Isabel de Villasboas, e tiveraõ ⚏ 16 D. JOAÕ DE EÇA, que morreo moço. ⚏ * 16 D. DUARTE DE EÇA, adiante. ⚏ 16 D. FRANCISCO DE EÇA, que tambem naõ teve estado. ⚏ * 16 D. DUARTE DE EÇA casou com Maria de Oliveira, filha de Joaõ Pinto de Oliveira, natural da Lourinhãa; e de Elena Fernandes, natural do Samoco, Lugar da outra banda do Tejo; e tiveraõ ⚏ * 17 D. MANOEL DE EÇA, adiante. ⚏ 17 D. ISABEL DE EÇA, que faleceo sem estado. ⚏ 17 D. BERNARDA DE EÇA, que morreo sem estado. ⚏ * 17 D. MANOEL DE EÇA E FARIA, que foy o herdeiro, e casou com D. Isabel Antonia de Macedo, filha de Vicente da Costa, Almoxarife da Casa das Carnes; e de sua mulher D. Isabel Miles de Macedo; e tiveraõ ⚏ 18 D. BERNARDO DE EÇA, que até o presente naõ tem estado. ⚏ 18 D. ANTONIO DE EÇA, que passou ao Brasil. ⚏ 18 D. MARIA DE EÇA, e D. ISABEL DE EÇA, morreraõ sem estado. ⚏ 18 D. CLARA DE EÇA, e D. VICTORIA DE EÇA, que naõ tem até o presente estado.

* 14 D. FRANCISCO DE EÇA, filho segundo de D. Duarte de Eça, passou a servir à India, o que fez com muita distincçaõ; foy Commendador da Ordem de Christo. Casou duas vezes, a primeira com D. Catharina de Sottomayor, filha de Bartholomeu Gonçalves Carneiro Valdés, e de sua mulher Hilaria de Sottomayor, e teve os filhos seguintes; e ficando viu-

vo passou à India com o Vice-Rey D. Joaõ Coutinho, Conde de Redondo, na Armada do anno de 1617, sendo Capitaõ da Nao do Vice-Rey. ⵈ * 15 D. DUARTE DE EÇA, de que adiante se tratará. ⵈ 15 D. MANOEL DE EÇA, que tendo estudado com aproveitamento, sendo muy versado nas bellas letras, bom Filosofo, e Theologo, foy despachado com huma Commenda da Ordem de Christo, com a clausula de servir certo tempo no Estado do Brasil, onde morreo na guerra com os Hollandezes, sem ter casado.

Casou segunda vez com D. Margarida Coutinho, viuva de Joaõ Henriques Mascarenhas, filha de Luiz Machado de Gouvea, do Conselho delRey, e Desembargador do Paço, de quem naõ teve successaõ.

* 15 D. DUARTE DE EÇA, morreo hindo para a India com seu pay; havendo tido em Domingas Fernandes Leitoa, moça honrada, e solteira, como diz Diogo Gomes de Figueiredo, a ⵈ 16 D. ANTONIO DE EÇA, que viveo em Obidos, onde casou com D. Maria da Veiga, filha de Luiz do Quental Botelho; e tiveraõ ⵈ 17 D. DUARTE DE EÇA, que parece naõ casou. ⵈ * 17 D. FRANCISCO DE EÇA, adiante. ⵈ 17 D. THERESA EUGENIA DE EÇA. ⵈ 17 D. LUIZA MARIA DE EÇA. ⵈ 17 D. ISABEL HENRIQUES, que viveraõ com seu irmaõ D. Duarte de Eça, de quem naõ sabemos estado.

* 17 D. FRANCISCO DE EÇA, servio na guerra da Acclamaçaõ contra Castella na Provincia da Beira; e ca-

e casou com D. Marcella de Andrade da Gama, filha de Rodrigo de Andrade da Gama, e de sua mulher D. Marianna de Andrade Freire; e tiveraõ a
= 18 D. CRHISTOVAÕ DE EÇA. = 18 D. ANTONIO DE EÇA, que servia no Regimento da Praça de Almeida no anno de 1702, de quem naõ temos outra noticia.

CAPITULO VI.

De Dom Vasco de Eça.

13 DEixou o serviço da Casa de Bragança D. Vasco de Eça, que teve seu pay, e avô, e passou a servir a ElRey D. Manoel na India, e se achou em Cananor, quando morreo D. Henrique de Menezes. Depois sendo Governador do Estado Lopo Vaz de Sampayo, foy Capitaõ de Cochim, e teve a Commenda de S. Salvador na Ordem de Christo. Foy Aposentador môr do Infante D. Luiz, como consta da Carta, que se lhe passou, feita em Lisboa a 21 de Julho de 1521, que vi no Archivo Real da Torre do Tombo.
Casou duas vezes, a primeira com D. Guiomar da Sylva, filha de Duarte de Azevedo, Senhor do Morgado de Olivaes; e de sua mulher D. Maria da Sylva, como se verá no Capitulo XV. e deste matrimonio tiveraõ

D.

* 14 D. DUARTE DE EÇA.

14 D. JOAÕ DE EÇA, paſſou à India no anno de 1538, lá ſervio, e foy Capitaõ de Cochim; e morreo em hum deſafio, que teve com D. Antonio de Noronha, a quem chamaraõ o *Catarraz.*

14 D. MARIA DA SYLVA DE EÇA, que caſou com Joaõ Fernandes Pacheco, Commendador do Banho.

Caſou ſegunda vez com D. Luiza do Rego, filha de Fernando do Rego, de quem naõ houve ſucceſſaõ. E teve illegitimo ⩶ 14 D. PEDRO DE EÇA, que paſſou a ſervir à India no anno de 1533, e lá morreo ſem geraçaõ.

* 14 D. DUARTE DE EÇA, ſervio na India, lá morreo ſolteiro, havendo tido em Catharina Mendes de Azevedo ⩶ 15 a D. GUIOMAR DE EÇA, que caſou com Pedro Peixoto da Sylva, Senhor de Penhafiel, Adail môr do Reyno, Commendador de Canedo na Ordem de Chriſto, do Conſelho delRey D. Joaõ III. e tiveraõ ⩶ 16 a MANOEL PEIXOTO DA SYLVA, que herdou a ſua Caſa: foy Adail môr do Reyno, Senhor de Penhafiel; e caſou com Dona Iſabel de Macedo, filha de Antonio Gomes de Carvalho, e de ſua mulher Briolanja de Macedo; e tiveraõ ⩶ * 17 PEDRO PEIXOTO DA SYLVA, que lhe ſuccedeo na Caſa. ⩶ * 17 D. GUIOMAR DE EÇA, mulher de Fernando Rebello de Almeida, de quem adiante diremos. ⩶ * 17 PEDRO PEIXOTO DA SYLVA, foy Adail môr do Reyno, Senhor de Penhafiel, Com-

Commendador na Ordem de Christo. Casou com D. Luiza de Sottomayor, filha de Joaõ Fuzeiro de Sande, Senhor de hum Morgado, que tem Capella no Mosteiro de S. Francisco de Evora; (instituido no anno de 1449 por seu terceiro avô Lourenço Rodrigues Fuzeiro) e de sua mulher Ignez de Valladares, irmãa de Mem da Motta, do Conselho de Portugal em Madrid, de quem teve filhos, de que naõ ficou successaõ.

* 17 D. GUIOMAR DE EÇA casou, como se disse, com Fernando Rebello de Almeida, Senhor do Morgado dos Almeidas de Guimaraens; e tiveraõ ∺ 18 FRANCISCO REBELLO DE ALMEIDA, que casou com D. Vicencia Barbosa, filha herdeira de Antonio Barbosa, Morgado de Aborim, de quem naõ teve filhos. ∺ 18 GASPAR DE CARVALHO, que servio na guerra da Acclamaçaõ no Minho, em que morreo. ∺ * 18 GONÇALO PEIXOTO, com quem se continúa, e a

18 D. ANNA DA SYLVA DE ALARCAÕ, que casou com Luiz Lopes de Carvalho, Senhor de Negrellos, e Abbadim, e outras terras na Provincia do Minho, de quem teve ∺ 19 GONÇALO LOPES DE CARVALHO, Senhor de Negrellos Abbadim, &c. que casando com sua prima com irmãa D. Guiomar Bernarda da Sylva, que faleceo a 31 de Agosto de 1732, tiveraõ ∺ * 20 THADEU LUIZ ANTONIO DE CARVALHO CAMOENS E FONSECA, que nasceo a 21 de Fevereiro de 1692, que he Senhor de Abbadim,

dim, adiante. ⵘ 20 D. PAULA JERONYMA DE CASTRO E EÇA, que nafceo no anno de 1693 a 29 de Setembro, e cafou a 17 de Novembro de 1727 com Manoel de Brito Barreto da Cofta e Caftro, Fidalgo da Cafa de Sua Mageftade, Capitaõ môr das Villas de Avo, e fuas annexas, Senhor dos Morgados de Pumares, e de Gallizes, a qual faleceo a 27 de Março de 1741; e elle ficando viuvo feguio o eftado Ecclefiaftico, e he Deaõ da Sé de Coimbra, tendo tido de fua mulher os filhos feguintes: ⵘ 21 FRANCISCO XAVIER DE BRITO BARRETO DA COSTA E CASTRO, que nafceo em Guimaraens a 10 de Dezembro de 1728. ⵘ 21 D. GUIOMAR JOACHINA DE CASTRO E EÇA, e D. THERESA MARIA PEIXOTO DA SYLVA E ALARCAÕ, que nafceraõ gemeas a 22 de Fevereiro de 1731. ⵘ 21 PEDRO GONÇALO PEIXOTO nafceo a 29 de Junho de 1732. ⵘ 21 D. FRANCISCA ROSA nafceo a 19 de Mayo de 1734. ⵘ 21 D. MARIA DO PILAR nafceo a 28 de Novembro de 1735. Teve Gonçalo Lopes de Carvalho illegitimos ⵘ 21 D. GENEBRA DE EÇA, que morreo de treze annos, FRANCISCO DE CASTRO E EÇA, que nafceo a 4 de Mayo de 1674, e foy formado na Univerfidade de Coimbra; Conego na Collegiada de Guimaraens, que faleceo a 17 de Julho de 1739.

* 20 THADEU LUIZ ANTONIO DE CARVALHO FONSECA E CAMOENS nafceo a 21 de Fevereiro de 1692, he VII. Senhor, e Capitaõ môr hereditario dos Coutos de Abbadim, e Negrellos, com jurifdicçaõ Civel,

Civel, e Crime, em todas as ſuas povoações, Senhor das Torres, e Solares de Camoens, Landim, Torneiros, Monte-Longo, e Padroeiro das ſuas Igrejas, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e Academico Supranumerario da Academia Real da Hiſtoria, e Academico dos Arcades. Caſou duas vezes, a primeira em 19 de Mayo de 1720 com D. Brites Thereſa de Menezes, que faleceo de ſobreparto, filha de Sancho de Mello da Sylva, e de ſua mulher D. Maria Thereſa de Vilhena e Menezes, filha de D. Antonio de Menezes, como diſſemos no Livro XII. Capitulo III. §. I. pag. 417, de quem teve a ANTONIO, que naſceo a 20 de Novembro de 1721; e vivendo poucas horas, foy ſepultado no dia ſeguinte com ſua mãy. Caſou ſegunda vez a 10 de Julho de 1725 com D. Franciſca Roſa Maria de Mendoça e Menezes, filha de D. Fernando Furtado de Mendoça e Menezes, e de ſua mulher D. Maria Luiza de Valadares; e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⩶ 21 GONÇALO JOSEPH THOMAS, que naſceo a 7 de Março de 1726. ⩶ 21 FRANCISCO XAVIER naſceo a 5 de Março de 1727, e ambos morreraõ de bexigas a 12 de Dezembro de 1727. ⩶ 21 ANTONIO LOPES DE CARVALHO naſceo a 3 de Agoſto de 1728, e morreo a 19 de Outubro do dito anno. ⩶ 21 D. GUIOMAR MARIANNA ANACLETA DE CARVALHO FONSECA CAMOENS E MENEZES, que naſceo a 13 de Julho de 1729, e caſou em 2 de Abril de 1742, como preſumptiva herdeira, com D. Antonio de Lencaſtre,

como dissemos no Capitulo XXI. pag. 365 do Livro XI.; e além do filho, que lhe nomeamos, tem D. JOSEPH RAYMUNDO DE LENCASTRE, que nasceo a 14 de Março deste anno de 1745. ⊏ 21 D. MARIANNA LUIZA DE CARVALHO E MENEZES, que nasceo a 30 de Dezembro de 1731. ⊏ 21 D. ANNA JOACHINA DE CARVALHO E MENEZES, que nasceo ao primeiro de Janeiro de 1732, e a JOSEPH BERNARDO DE CARVALHO, illegitimo, que nasceo a 15 de Junho de 1714; he Conego na Real Collegiada de Santa Maria de Guimaraens.

* 18 GONÇALO PEIXOTO DA SYLVA DE ALMEIDA MACEDO E CARVALHO, foy Donatario do Reguengo de Penhafiel de Sousa, e Senhor dos direitos Reaes, e honras delle, e dos Morgados de Almeidas, Macedos de Alenquer, Lagiosa, da Taipa, e outros, Padroeiro dos Padroados de S. Miguel da Lagiosa, S. Vicente do Pinheiro, S. Martinho de Avenedes, S. Joaõ de Luzim, S. Romaõ de Villa-Cova, e do Mosteiro da Conceiçaõ das Freiras de Alenquer. Casou no anno de 1667 com D. Paula Maria Cardoso, filha herdeira de Gonçalo Cardoso Pereira de Vasconcellos, Governador de Lamego; e de sua segunda mulher Dona Ignez Maria de Alarcaõ, filha de Francisco de Barros de Vasconcellos, Escrivaõ da Fazenda, e de sua mulher D. Paula de Vilhena, filha de D. Paulo de Alarcaõ, que se achou na batalha de Alcacer no anno de 1578 com seu pay D. Lopo de Alarcaõ, que morreo junto a ElRey D. Sebastiaõ;

bastiaõ; e tiveraõ os filhos seguintes: ⁒ * 19 João Peixoto da Sylva, com quem se continúa. ⁒ 19 D. Ignez Theresa Francisca da Sylva, que nasceo a 21 de Setembro de 1668. ⁒ 19 D. Guiomar Bernarda da Sylva e Alarcaõ nasceo no anno de 1669, casou com seu primo Gonçalo Lopes de Carvalho, Senhor de Abbadim, &c. como fica dito. ⁒ 19 D. Margarida Luiza Peixoto da Sylva nasceo em 1670, morreo sem estado a 8 de Agosto de 1741. ⁒ 19 Fernando Peixoto da Sylva nasceo no anno de 1672: seguio a vida Ecclesiastica, e foy Abbade da Lagiosa, e de S. Vicente do Pinheiro, que renunciou com pensoens. ⁒ 19 D. Isabel Francisca da Sylva nasceo no anno de 1674, e morreo sem estado a 23 de Abril de 1733. ⁒ 19 D. Anna Josefa Peixoto da Sylva nasceo no anno de 1675, sem estado. ⁒ 19 Joseph Peixoto nasceo no anno de 1676, foy Cavalleiro de S. Joaõ de Malta, Commendador de Ansemil, e outras, Graõ Canciler da Religiaõ, Balio de Negro-Ponte, e de Acre, e ultimamente de Lessa; morreo a 31 de Mayo de 1744. ⁒ 19 Manoel Peixoto nasceo no anno de 1678, Cavalleiro de Malta, Commendador de Oleiros. Faleceo em Malta em Março de 1725. ⁒ 25 D. Luiza Antonia de Castro e Eça nasceo em 1682; morreo em Abril de 1732 sendo Religiosa no Mosteiro de Santa Clara da Cidade do Porto. ⁒ 19 D. Maria Joanna nasceo em 1684, casou com Fernando de Pina, e Lemos, e até

o presente naõ tem successaõ. ⩶ 19 D. Joanna Ignez de Castro nasceo no anno de 1686; faleceo sem estado a 2 de Janeiro de 1735. ⩶ 19 D. Bernarda Francisca da Sylva nasceo no anno de 1688, he Religiosa no Mosteiro de S. Salvador de Vairaõ. ⩶ 19 Francisco Xavier Cardoso de Alarcaõ nasceo a 25 de Dezembro de 1690. Casou com D. Margarida Antonia da Sylveira e Noronha, filha de Antonio Luiz Pinto Coelho Pereira, Senhor de Fermedo, e de D. Marianna da Sylveira sua segunda mulher, como se disse a pag. 876 do Tomo IX.

* 19 Joaõ Peixoto da Sylva Almeida Macedo e Carvalho nasceo no anno de 1671; succedeo na Casa, Morgados, e Padroados de seu pay; foy Donatario do Reguengo de Penhafiel, &c. Casou com D. Isabel Barbara Henriques de Menezes, filha de Henrique Jaques de Magalhaens, General da Armada, que foy ao soccorro de Mombaça, e lá morreo no anno de 1700; e de sua mulher D. Lourença Antonia de Menezes. Faleceo a 10 de Mayo de 1725, deixando os filhos seguintes: ⩶ * 20 Gonçalo Thomas Peixoto da Sylva, com quem se continúa. ⩶ 20 Henrique Joseph Jaques de Magalhaens, he Freire Conventual da Ordem de Aviz. ⩶ 20 Joseph Pedro de Magalhaens, he Cavalleiro de Malta. ⩶ 20 Pedro Peixoto da Sylva, tambem Cavalleiro de Malta. ⩶ 20 Joaõ Pedro Jaques de Magalhaens nasceo em Agosto

to de 1725. ⩵ 20 D. LOURENÇA VICTORIA DE MENEZES, Religiosa no Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa. ⩵ 20 D. PAULA JOSEFA DE MENEZES casou no anno de 1740 com D. Filippe de Alarcaõ Mascarenhas; foy Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira; he Brigadeiro dos Exercitos de Sua Magestade, e Coronel de Infantaria da Praça de Campo-Mayor, e já tinha servido na guerra com distincçaõ; e tem a ⩵ 21 D. ANNA QUITERIA DE ALARCAÕ MASCARENHAS, que nasceo a 28 de Junho de 1741. ⩵ 20 D. ANTONIA POLICENA DE MENEZES, Religiosa no Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa. E teve illegitimos ⩵ 20 LUIZ PEIXOTO DA SYLVA, Abbade da Lagiosa, e a D. ANNA MARGARIDA LUIZA, Freira em Vairaõ.

* 20 GONÇALO PEIXOTO DA SYLVA ALMEIDA MACEDO E CARVALHO, succedeo nos Morgados de seu pay, casou com D. Magdalena Luiza de Borbon, filha de D. Joaõ de Almeida, Védor da Casa da Rainha D. Maria Anna de Austria, Governador da Fortaleza da Barra de Setuval; e de sua mulher D. Joanna Cecilia de Noronha, como deixamos escrito a pag. 850 do Tomo X. e tem os filhos seguintes: ⩵ 21 JOAÕ THOMAS PEIXOTO DA SYLVA ALMEIDA MACEDO E CARVALHO, que nasceo a 2 de Fevereiro do anno de 1734. ⩵ 21 D. ANNA ISABEL DE BORBON nasceo a 5 de Mayo de 1735, e morreo de tenra idade. ⩵ 21 D. ISABEL THERESA DE BORBON nasceo a 14 de Outubro de 1736.

D.

⵷ 21 D. Joanna Rita de Borbon nasceo a 25 de Outubro de 1739. ⵷ 21 D. Antonio Peixoto da Sylva e Almeida nasceo a 2 de Julho de 1741. ⵷ 21 D. Joachim Manoel Peixoto da Sylva e Almeida nasceo a 15 de Agosto de 1742. ⵷ 21 D. Fernando da Sylva Peixoto e Almeida nasceo a 15 de Novembro de 1743.

CAPITULO VII.

De Dom Garcia de Eça Alcaide môr de Muja.

11 NO Capitulo III. deixamos apontado entre os filhos de D. Fernando, o *Velho*, Senhor de Eça, a D. Garcia de Eça, que foy Alcaide môr de Muja, e Commendador da Cardiga na Ordem de Christo. Casou duas vezes, a primeira com D. Joanna de Albergaria, filha de Vasco Martins de Albergaria, que foy Camereiro môr do Infante Dom Henrique, com quem passou a Ceuta, e morreo das feridas, que naquella empreza recebeo em Dezembro de 1433, como refere o Epitafio da sua sepultura, que se achou quando se reformou o Mosteiro de S. Domingos de Bemfica; e de sua mulher Maria Nogueira, que foy Aya delRey D. Duarte, filha de Affonso Annes Nogueira, Senhor de Mondim, Atei, e Ferrarias, Alcaide môr de Lisboa, e Se-

e Senhor do Morgado de S. Lourenço da mesma Cidade, onde jaz, e faleceo a 5 de Março de 1426; e de sua mulher Joanna Vaz de Almeida; e tiveraõ os filhos seguintes:

12 D. JORGE DE EÇA, Capitulo VIII.

* 12 D. FRANCISCO DE EÇA, §. I.

* 12 D. JERONYMO DE EÇA, §. II.

* 12 D. CHRISTOVAÕ DE EÇA, §. III.

12 D. JOAÕ DE EÇA, foy Clerigo, e teve huma Abbadia.

* 12 D. MARIA DE EÇA, mulher de Joaõ Fogaça, Védor da Casa delRey D. Joaõ II. adiante §. IV. Casou segunda vez com D. Catharina Coutinho, filha de D. Gonçalo Coutinho, II. Conde de Marialva, de quem naõ teve geraçaõ; e ella depois casou com Affonso Pereira, Alcaide mór de Santarem.

§. I.

* 12 D. FRANCISCO DE EÇA, filho terceiro de D. Garcia de Eça; foy Embaixador delRey D. Manoel a Castella no anno de 1509, sobre os desgostos de D. Pedro Giraõ, e D. Joaõ de Gusmaõ, Duque de Medina Sidonia, seu cunhado, com ElRey D. Fernando o *Catholico*, pelo que se passaraõ a este Reyno. Tambem se refere, que foy a Jerusalem a visitar os Santos Lugares. Casou com D. Grimaneza Casco, filha herdeira de Nuno Casco, morador em Evora; e de sua mulher Genebra de Macedo; e deste matrimonio

monio naſceo ⵌ 13 D. PEDRO DE EÇA; que foy ſeu herdeiro; e por ſua mãy teve o Morgado de ſeu avô, Fidalgo de muito brio, e honra, liberal, e luzido: fez huma Capella em S. Franciſco de Xabregas, onde jaz, e mandou pôr nella o Epitafio ſeguinte:

Aqui jaz Dom Pedro de Eça, quarto Neto delRey Dom Pedro, ſem baſtardia.

Caſou com D. Maria da Sylva, filha de Vaſque Annes Corte-Real, Alcaide môr de Tavira, e Capitaõ Donatario da Ilha Terceira, Védor da Caſa delRey D. Manoel, e do ſeu Conſelho; e de ſua mulher D. Joanna da Sylva; e tiveraõ ⵌ * 14 D. DIOGO DE EÇA, adiante. ⵌ 14 D. JOANNA DA SYLVA DE EÇA, que foy Dama da Rainha D. Catharina, e caſou com D. Jeronymo de Ataide, Commendador de Villa-Franca, que faleceo no anno de 1568, filho dos primeiros Condes da Caſtanheira; e apartando-ſe, ella ſe fez Freira no Moſteiro da Caſtanheira, donde paſſou para o da Eſperança de Lisboa, e elle foy Religioſo da Ordem de S. Bernardo. ⵌ 14 D. N. . . e D. N. . . . . Freiras na Caſtanheira.

* 14 D. DIOGO DE EÇA foy herdeiro da Caſa de ſeu pay: foy hum Fidalgo ornado de boas partes, entendido, e cortezaõ. No reynado delRey D. Sebaſtiaõ, diſſaboreado de algumas cauſas, que teve com os ſeus validos, paſſou para Caſtella, e viveo muitos

muitos annos em Sevilha; depois voltou ao Reyno, e se recolheo à sua Quinta de Azeitaõ, onde acabou, fazendo vida de Filosofo antigo. Casou com Dona Leonor de Castro, filha de D. Jeronymo de Noronha, Governador da Casa do Civel, a quem chamaraõ o *Bacalhao*; e de sua mulher D. Joanna de Castro, irmãa do grande D. Joaõ de Castro, IV. Vice-Rey da India; e tiveraõ ⩶ * 15 D. Pedro de Eça, adiante. ⩶ 15 D. Francisco de Eça, morto na batalha de Alcacere no anno de 1578. ⩶ * 15 D. Maria de Eça, que casou com Diogo de Mendoça Arraes, adiante. ⩶ 15 D. Brites de Noronha, que foy Religiosa, e Abbadessa do Mosteiro de Almoster da Ordem de S. Bernardo. Casou segunda vez com D. Luiza Henriques, irmãa de seu genro, que era viuva de D. Vasco de Ataide, e filha de Joaõ Arraes de Mendoça, de quem naõ teve filhos. Teve illegitimos Dom Diogo, conforme D. Luiz Lobo, os filhos seguintes: ⩶ 15 Dom N. . . de Eça. ⩶ 15 D. Jeronyma de Eça, Freira no Mosteiro de Almoster. ⩶ * 15 D. Pedro de Eça, passou com ElRey D. Sebastiaõ a segunda vez, que foy à Africa, e foy cativo na batalha de Alcacere no anno de 1578; e vindo para o Reyno, passou muy doente; e havendo casado com D. Isabel de Mendoça, filha de Joaõ de Mendoça, morreo sem deixar successaõ.

* 15 D. Maria de Eça, que veyo a ser herdeira da Casa de seus pays, casou com Diogo de Men-

doça Arraes Henriques, Commendador de Salmonete, e depois de Arrifana de Sousa. Acompanhou a ElRey D. Sebastiaõ à Africa, e se achou na batalha de Alcacere no anno de 1578, onde foy cativo; tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 16 D. Diogo de Eça, adiante. ⩶ * 16 D. Joaõ de Eça, de quem logo se tratará. ⩶ 16 Pedro de Mendoça, que morreo servindo na Praça de Tangere. ⩶ 16 Luiz de Mendoça, Religioso da Companhia de Jesus. ⩶ 16 D. Bernarda, Religiosa no Mosteiro de Tavira, da Ordem de S. Bernardo. ⩶ * 16 D. Diogo de Eça Mendoça Henriques, succedeo tambem na Casa de sua mãy; foy Gentil-homem da Boca delRey D. Filippe IV. Commendador na Ordem de Christo. Casou com D. Branca da Sylva, filha de Ruy Mendes de Vasconcellos, I. Conde de Castello-Melhor, Mordomo môr da Rainha D. Margarida de Austria, Capitaõ General de Tangere, e da Condessa D. Isabel de Menezes: porém este matrimonio se dissolveo, naõ havendo successaõ; e sua mulher se recolheo em Odivellas, e D. Diogo passou a Flandres, onde servio algum tempo; e morrendo, sua mulher D. Branca casou com Diogo Rangel de Castellobranco. ⩶ * 16 D. Joaõ de Eça de Mendoça Henriques, que era filho segundo, chamou-se no tempo, que naõ era herdeiro, Joaõ de Mendoça Arraes; estudou em Coimbra, e por morte de seu irmaõ succedeo em toda a Casa. Casou com D. Brites de Lencastre, filha de Martim Affonso de Olivei-

ra,

ra, Senhor do Morgado de Oliveira, e Patameira, e de sua mulher D. Elena de Lencastre; e deste matrimonio teve os filhos seguintes: ⩶ 17 D. DIOGO DE EÇA, que tendo succedido na Casa, e Morgados de seu pay, o mataraõ huma noite na Calçada do Combro de hum tiro; e se entendeo ser vingança da morte de D. Manoel Mascarenhas, que elle matara, como já dissemos em outra parte. ⩶ 17 D. ELENA DE LENCASTRE, que foy a causa da morte de Dom Manoel Mascarenhas, foy Freira no Mosteiro da Esperança de Lisboa. ⩶ 17 D. LUIZA DE EÇA CORTE-REAL, que por morte de seu irmaõ foy herdeira, e casou com seu primo com irmaõ Christovaõ de Almada, Senhor de Ilhavo, Verdemilho, Arcos, Ferreiros, Provedor da Casa da India, Commendador de S. Miguel de Redemoinhos na Ordem de Christo, Gentil-homem da Camera do Infante D. Pedro; e tendo tido desta uniaõ oito filhos, todos faleceraõ de tenra idade. Por morte de sua mãy veyo a dividirse a sua Casa, e passar a diversos possuidores. ⩶ 17 D. ANTONIA DE EÇA, Religiosa de Santa Clara de Lisboa, onde foy tres vezes Abbadessa.

§. II.

* 12 D. JERONYMO DE EÇA, foy filho quarto de D. Garcia de Eça; foy do Conselho delRey Dom Manoel no anno de 1514. Casou com D. Maria Tibao, filha de Affonso Martins Tibao; e tiveraõ ⩶

13 DOM GARCIA, e D. FERNANDO DE EÇA, que morrerão meninos. ⩶ * 13 D. ISABEL DE EÇA, adiante. ⩶ 13 D. CATHARINA DE EÇA, Freira em Lorvaõ. ⩶ 13 D. JOANNA DE EÇA, Freira na Esperança de Lisboa.

* 13 D. ISABEL DE EÇA casou com Lourenço de Sousa da Sylva, Aposentador môr delRey Dom Joaõ III. Commendador na Ordem de Christo, que tinha acompanhado a Infanta Dona Brites a Saboya, &c. Viveo até o reynado delRey D. Sebastiaõ, e faleceo no anno de 1576; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 14 RUY DE SOUSA, morreo moço. ⩶ * 14 MANOEL DE SOUSA, com quem se continúa. ⩶ 14 MARTIM VAZ DE SOUSA, que servio ao Principe D. Joaõ, pay delRey D. Sebastiaõ; e estando servindo em Mazagaõ, o mataraõ os Mouros, em hum sitio, que puzeraõ àquella Praça. ⩶ 14 D. MARIA, e D. LOURENÇA, Religiosas no Mosteiro da Esperança.

Salazar, *Casa de Sylva*, tom. 2. pag. 763.

* 14 MANOEL DE SOUSA DA SYLVA, que foy o segundo filho, succedeo a seu pay na sua Casa, por a anticipada morte de Ruy de Sousa seu irmaõ. Foy Aposentador môr delRey D. Sebastiaõ, e Commendador de Villafrey, e Alfayates, na Ordem de Christo. Acompanhou a ElRey D. Sebastiaõ à Africa; estando ao seu lado, o mataraõ na batalha no anno de 1578. Casou tres vezes, a primeira com D. Francisca de Vilhena, filha primeira de Jorge de Lima, Capitaõ de Chaul, que se achou no sitio de Calecut, em

em que teve grande parte. Foy Commendador de Villa-Cova na Ordem de Christo, Alcaide môr, e Commendador de Pena-Garcia; e de Dona Isabel de Castro sua mulher, de quem teve ⫨ 15 D. MARIA MANOEL, Senhora de grandes virtudes, cuja vida escreveo Fr. Luiz de Mertola da Ordem do Carmo. Teve grande caridade com os pobres, e faleceo com opiniaõ de virtude a 8 de Abril de 1635; e della faz mençaõ o *Agiologio Lusitano*. Casou com Manoel de Mello de Magalhaens, Governador de Malaca, Commendador de S. Salvador do Campo de Neiva na Ordem de Christo, do Conselho dos Reys D. Sebastiaõ, D. Henrique, D. Filippe II. e D. Filippe III. de quem teve os filhos seguintes: ⫨ 16 SIMAÕ DE MELLO, que teve a Casa de seu pay, e foy Commendador da mesma Commenda, que elle teve, e Coronel de hum dos Terços de Lisboa; servio de Aposentador môr na menoridade de seu primo com irmaõ Aleixo de Sousa, quando no anno de 1619 passou a Portugal ElRey D. Filippe III., havendo casado com D. Anna de Vilhena sua prima, que ficando viuva, casou com D. Luiz de Almada, e era filha de D. Bernardim de Menezes, e de sua mulher D. Lourença de Vilhena, de quem naõ teve successaõ. 16 D. N. N. . . . Freiras na Esperança, conforme Salazar de Castro. ⫨ 16 D. FRANCISCA DE VILHENA, que foy herdeira de seu irmaõ Simaõ de Mello, e herdou os Morgados de seu pay. Casou com D. Jorge Mascarenhas, I. Marquez de Montalvaõ, por Carta

Agiolog. Lusitan. tom. 2, pag. 575.

Carta de 18 de Abril de 1640, Conde de Castello-Novo, Commendador de S. Salvador de Villa-Cova, de Santo Estevaõ de Aldroens, Santiago de Torres-Vedras, S. Joaõ de Brito, e S. Salvador de Neiva, Veador da Casa delRey D. Filippe III.; servio em Africa, e nas Armadas, sendo Mestre de Campo; foy Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ; e voltando para o Reyno, o cativaraõ os Mouros com sua mulher, e filhos, o que sofreo com constancia. Depois de resgatado foy Governador, e Capitaõ General do Reyno do Algarve, e ultimamente Vice-Rey, e Capitaõ General do Estado do Brasil. Achava-se na Cidade da Bahia, quando em Lisboa foy acclamado ElRey D. Joaõ IV. que fez reconhecer naquelle Estado; e voltando ao Reyno, foy Védor da Fazenda, Presidente do Conselho de Ultramar, do Conselho de Estado, e hum dos Ministros do Despacho. Entre taõ grandes lugares, e huma fortuna prospera, veyo a padecer os seus terriveis revézes, com que ella costuma perseguir ainda os grandes merecimentos, como foraõ os do Marquez: foy prezo por indicios de suspeitosa fidelidade, de que foy solto, e restituido à sua antiga honra, que ElRey fez mais brilhante com hum Decreto, em que declarava a sua innocencia. Porém sendo segunda vez, pelo mesmo motivo, prezo, acabou a vida no Castello de Lisboa, dando fim à inconstancia da sua fortuna, que elle com animo superior soube constante dominar, no prospero, e adverso; porque ornado de excellentes virtudes,

des, prudencia, cortezania, valor, e ſciencia militar, foy Varaõ famoſo; naõ o elevou a vaidade no auge da ſua fortuna, nem deſmayou na adverſidade dos trabalhos; de ſorte, que o ſeu ſingular eſpirito merecia mais glorioſo fim, ainda que naõ cooperou nunca para a infelicidade, que padeceo, de que ſeus filhos, e mulher tiveraõ culpa. Deſte matrimonio teve os filhos ſeguintes: = 17 D. FRANCISCO MASCARENHAS, que ſervio nas Armadas com ſeu pay, e em Mazagaõ, e Tangere. ElRey Filippe IV. o fez Veador da ſua Caſa, por Carta paſſada a 26 de Março de 1626, lugar em que ſuccedeo a ſeu pay, e em ſua vida. Foy II. Conde de Caſtello-Novo, por Carta feita em Madrid a 23 de Dezembro de 1633; e por caſar com D. Luiza Antonia de Velaſco, viuva do Conde de Salazar, filha de Dom Joaõ Altamirano, Conde de Saſtago, e da Condeſſa D. Marianna de Velaſco. Foy nomeado Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ, e a Condeſſa ſua mulher o acompanhou; e eſtando neſta Praça fez huma ſahida, em que foy morto pelos meſmos Mouros no anno de 1640, pela traiçaõ de outros, de que ſe tinha ſervido. Com a ſua morte, desbaratados os noſſos Cavalleiros, ſe recolheraõ à Praça, e a Condeſſa, com animo varonil, tanto que teve a noticia, e que os Mouros intentavaõ ſurprendella, mandou fechar as portas, e tomando o baſtaõ do General, ſahio de ſua caſa, foy às muralhas, que fez guarnecer, e jogar a artilharia ſobre os inimigos com admi-

Torre do Tomb. Chancellaria do dito anno, liv. 17, pag. 105. E livro 29, pag. 295.

admiravel acordo, e valor, livrou a Praça do perigo, e a governou em quanto naõ chegou a ella o successor. Desta esclarecida uniaõ naõ teve successaõ. ⁝⁝ 17 D. MANOEL MASCARENHAS, que foy Religioso da Companhia de Jesus. ⁝⁝ 17 D. JOAÕ MASCARENHAS, foy Cavalleiro de S. Joaõ de Malta, e foy morto pelos Mouros, quando cativaraõ a seu pay. ⁝⁝ 17 D. PEDRO MASCARENHAS, servio nas Armadas, e achou-se com seu pay em Mazagaõ, e Tangere. Teve sete Commendas, a saber: S. Pedro de Rates, S. Juliaõ, S. Salvador de Villa-Cova, Santo Estevaõ de Aldroens, Santiago de Torres-Vedras, S. Joaõ de Brito, e S. Salvador do Campo de Neiva, na Ordem de Christo: era successor da sua Casa, e Veador da Casa delRey D. Joaõ IV. a quem servia, e passou para Castella, onde o fizeraõ II. Marquez de Montalvaõ, e III. Conde de Castello-Novo, do Conselho de Guerra. Casou com D. Maria Zapata Sylva e Gusmaõ, filha de D. Antonio Zapata Soares de Mendoça, e de D. Maria da Sylva, a qual ficando viuva no anno de 1676 sem filhos, foy V. Condessa de Barajas, Marqueza de Alameda. ⁝⁝ * 17 D. FERNANDO MASCARENHAS, I. Conde de Serem, adiante. ⁝⁝ 17 D. JERONYMO MASCARENHAS estudou na Universidade de Coimbra, e foy Collegial do Collegio de S. Pedro, eleito a 20 de Outubro de 1630: foy Theologo, Conego Magistral da Sé de Coimbra, e Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, o qual tambem passou, como seu irmaõ, para Castella, aonde

de foy accommodado no Conſelho de Ordens, Cavalleiro, e Definidor Geral da Ordem de Calatrava, Eſmoler môr da Rainha D. Marianna de Auſtria, Sumilher da Cortina delRey D. Filippe IV. que o nomeou Dom Prior de Guimaraens, e Biſpo de Leiria, e ultimamente Biſpo de Segovia, onde faleceo no anno de 1671, nomeado de Aſtorga. Foy douto, e muy erudîto, e applicado à Hiſtoria, como ſe vê nas Obras, que delle correm impreſſas, com merecida eſtimaçaõ, ſendo a menor parte dos ſeus Eſcritos. Delle fazemos mençaõ no *Apparato* da *Hiſtoria Genealogica*, num. 132. ⩶ 17 D. SIMAÕ MASCARENHAS, que tinha ſido Cavalleiro de S. Joaõ de Malta, foy Conde de Penedono, e Gentil-homem da Camera do Infante Cardeal D. Fernando, Tenente Coronel do Regimento da Guarda delRey; ſervio na guerra de Catalunha, e foy General da Artilharia, e Governador de Belaguer, Praça que ſitiou, e ganhou o Conde de Harcourt no anno de 1645 aos Francezes; e D. Simaõ pouco depois faleceo. ⩶ 17 D. MARIA MANOEL DE VILHENA, que foy primeira mulher de D. Franciſco de Souſa, I. Conde de Prado, e I. Marquez das Minas, de quem naõ teve ſucceſſaõ. ⩶ 17 D. JERONYMA DE CASTRO morreo menina. ⩶ 17 D. JERONYMA DE CASTRO, Religioſa no Moſteiro da Eſperança de Liſboa, onde foy Abbadeſſa; e pela falta de ſuas irmãas, foy Adminiſtradora da Caſa de Montalvaõ. ⩶ 17 D. ANTONIA DE VILHENA, Freira no meſmo Moſteiro.

Chancellaria do anno de 1639, liv. 36. pag. 130.

17 D. FERNANDO MASCARENHAS, foy Marichal do Reyno, por Carta feita em Madrid a 2 de Setembro de 1639. Era filho quinto do Marquez de Montalvaõ D. Jorge, que o acompanhou, quando foy por Vice-Rey do Estado do Brasil, com o posto de Mestre de Campo; e quando succedeo a Acclamaçaõ, o mandou a Portugal com a nova, de que ElRey D. Joaõ ficava reconhecido Senhor daquelle Estado. ElRey o fez Mestre de Campo de Infantaria, e lhe deu a Villa de Serem com o titulo de Conde daquella Villa, de que tirou Carta a 20 de Outubro de 1643; fazendolhe merce tambem da Villa de Albergaria, que tinha sido de Diogo Soares, Secretario de Estado, que ficou em Madrid, e lhe confirmou o officio de Marichal, e fez outras merces. Depois foy General da Provincia da Beira, e do Conselho de Guerra: nesta Provincia servio com reputaçaõ, credito, e fidelidade. Morreo em Outubro de 1649 de huma febre, originada de huma quéda, com sentimento universal, por ser ornado de virtudes, que o fizeraõ amado. Casou com D. Leonor de Menezes, filha herdeira de Dom Fernando de Menezes, Commendador, e Alcaide mòr de Castello-Branco; e de sua mulher D. Joanna de Toledo, filha de Dom Manoel da Camera, II. Conde de Villa-Franca; e ficando viuva, casou com D. Jeronymo de Ataide, VI. Conde de Atouguia, com esclarecida posteridade, como se póde ver a pag. 462 do Tomo IX. e de seu primeiro marido teve ⵘ 18 D. JORGE MASCARENHAS,

RENHAS, que foy II. Conde de Serem, Senhor desta Villa, e da de Albergaria, do Morgado de Airaõ, &c. e morreo sem estado, nem deixar geraçaõ.

Casou segunda vez o Aposentador môr Manoel de Sousa da Sylva com D. Maria Manoel, Dama do Paço, filha de Dom Fernando de Lima, Senhor de Castro-Dairo, e de sua mulher D. Francisca de Vilhena; e porque pelo parentesco, que havia de affinidade com a primeira mulher de Manoel de Sousa, que era sobrinha de D. Maria Manoel, irmãa de sua mãy D. Joanna de Castro, ficava impedido este matrimonio, passou Manoel de Sousa a Roma a buscar a dispensa; e quando voltou com ella era a tempo, que D. Maria era morta, como já dissemos no Cap. I. do Liv. XI. do Duque de Coimbra o Senhor D. Jorge, pag. 24, com quem sem duvida esteve esposada; naõ teve successaõ, ainda que algum Nobiliario, com menos averiguaçaõ, diga, que tiveraõ a D. Antonia, que foy Abbadessa em Villa do Conde, e outro, de que faz mençaõ Salazar, que vira na Livraria do Conde de Oropeza, que diz, que tivera huma filha, que casou com Mathias de Albuquerque, Vice-Rey da India; o que elle com razaõ refuta, pois os Nobiliarios daquelle tempo o naõ souberaõ.

Casou terceira vez com D. Anna de Vilhena, que ficando viuva, casou com D. Gabriel Ninho de Mendoça, Governador da Fortaleza de S. Giaõ, Mestre de Campo General neste Reyno; e era filha de Luiz Alvares de Tavora, Senhor do Mogadouro, Miran-

della, S. Joaõ da Pesqueira, e outras terras, de quem teve os filhos seguintes: = * 15 Lourenço de Sousa da Sylva, Aposentador môr, adiante. = 15 D. Filippa de Vilhena casou com seu tio Mathias de Albuquerque, Capitaõ de Malaca, e Ormuz, e Vice-Rey, e Capitaõ General do Estado da India no anno de 1591; e naõ tendo successaõ, sua mulher mudando de estado, foy Religiosa no Mosteiro da Esperança de Lisboa; e elle deixou por seu herdeiro a Mathias de Albuquerque, que depois foy Conde de Alegrete, filho segundo de Jorge de Albuquerque Coelho, Senhor de Pernambuco. = 15 D. Lourença de Vilhena casou com D. Bernardino de Menezes, Commendador, e Alcaide môr de Proença na Ordem de Christo, e da Commenda de Moncorvo, Governador, e Capitaõ General de Tangere, de quem teve estes filhos: = * 16 D. Francisca de Sà de Menezes, adiante. = 16 D. Anna de Menezes casou com Simaõ de Mello de Sampayo, Commendador de S. Salvador de Neiva na Ordem de Christo, de quem ficando viuva, e sem successaõ, casou com D. Luiz de Almada, Senhor de Pombalinho, de quem foy primeira mulher, de quem tambem naõ teve successaõ. = * 16 D. Francisco de Menezes, a quem chamaraõ por alcunha o *Barrabás*, Commendador de Proença, e de Moncorvo, que depois da Acclamaçaõ, se passou para Castella, e lá morreo no anno de 1659, havendo casado com D. Filippa de Mello, filha de Christovaõ de

de Almada, Provedor da Casa da India, Commendador na Ordem de Christo; e de sua mulher D. Luiza de Mello, Senhora das Villas de Carvalhaes, Ilhavo, Verdemilho, Ferreiros, Avelans, e outras, com os seus Padroados, filha herdeira de André Pereira de Miranda; e tiveraõ ⩶ 17 D. LUIZA DE MENEZES, que foy sua herdeira, e segunda mulher de D. Luiz de Almada, Senhor de Pombalinho, que era viuvo de sua tia D. Anna de Vilhena; e a sua posteridade deixamos escrita no Tom. X. pag. 616. ⩶ 17 D. FRANCISCO DE MENEZES, e D. FILIPPA DE MENEZES, e D. SERAFINA DE MENEZES, ambas Religiosas em Madrid, e D. LOURENÇA DE VILHENA, todos illegitimos, que casou com André Nualtas em Bruxellas, de quem naõ temos outra noticia.

* 15 LOURENÇO DE SOUSA DA SYLVA, foy Aposentador mór, Commendador de Santiago de Biduido, &c. Casou com D. Luiza de Menezes, como dissemos no Tomo X. pag. 593, donde se póde ver a sua descendencia.

§. III.

* 12 D. CHRISTOVAÕ DE EÇA, filho quarto de D. Garcia de Eça, foy Clerigo, e teve illegitimos ⩶ * 13 D. GARCIA DE EÇA, adiante. ⩶ 17 D. JOANNA DE EÇA casou com Lopo Barriga, Adail de Çafim, Commendador da Ordem de Christo, que servio em Africa com grande reputaçaõ, pelos glo-

riosos

riosos successos, que conseguio contra os Mouros, em tempo que governava aquella Praça Nuno Fernandes de Ataide, como refere a Historia daquelle tempo; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 14 PEDRO BARRIGA, adiante. ⩶ 14 D. FRANCISCA DE VILHENA, mulher de D. Vicente Coutinho, cuja descendencia ignoramos. ⩶ * 14 D. BRITES DE VILHENA casou com D. Gastaõ Coutinho, de quem logo se tratará. ⩶ * 14 PEDRO BARRIGA, foy Commendador da Ordem de Christo; servio em Africa, e na India muitos annos; foy Alcaide môr, e Guarda môr da Moeda, officio que ElRey extinguio, e lho satisfez em tença, com a clausula, de que já mais haveria a tal occupaçaõ em outra pessoa, que naõ fosse a sua. Casou com D. Margarida Landim, filha de André Pires Landim, Escrivaõ da Fazenda delRey D. Manoel, e de D. Filippa da Maya sua mulher, de quem teve entre outros filhos, que morreraõ, ⩶ 15 a JOAÕ ALVARES LANDIM, que estando em Italia, passou ao Reyno pela posta para se achar com ElRey D. Sebastiaõ em Africa, e para morrer na infelice batalha de Alcacere no anno de 1578; tendo casado com D. Isabel de Barros, filha de Francisco de Medeiros, Escrivaõ da Casa da India, e de Dona Elena de Barros Pereira sua mulher, de quem teve, entre outros filhos, que morreraõ, ⩶ 16 a LUIZ ALVARES BARRIGA, que casou com D. Francisca Barreto, filha de Belchior Barreto, natural de Arrayolos, e de D. Leonor Froes; e tiveraõ, entre

entre outros filhos, que morreraõ, ⩶ 17 a PEDRO BARRIGA, Cavalleiro de Malta, Commendador, e Graõ Cruz na Religiaõ, e a LOPO BARRIGA, que passou a servir à India, e lá casou com D. Ignez de Castro, que depois de viuva, casou com Francisco Sodré Pereira, e era filha de Manoel Homem Mascarenhas, de cuja successaõ naõ temos noticia.

* 14 D. BRITES DE VILHENA casou com D. Gastaõ Coutinho, e nos seus descendentes anda o Morgado do famoso Lopo Barriga, de quem teve ⩶ 15 D. DIOGO COUTINHO, que foy Commendador de Caldellas na Ordem de Christo. Casou com D. Catharina de Castro, filha de Diogo Soares de Castro, e de D. Briolanja de Alvim, de quem teve ⩶ * 16 D. HENRIQUE COUTINHO, adiante. ⩶ 16 D. GASTAÕ COUTINHO, que morreo na India, onde servio com dinstinçaõ; foy Commendador do Paço da Ordem de Christo. Casou naquelle Estado com D. Guiomar de Castro, filha de Pedro Vaz de Carvalho, Cidadaõ nobre de Goa; e de D. Anna Soares, de quem naõ teve geraçaõ. ⩶ 16 D. FILIPPA DE CASTRO, e D. BRIOLANJA DE CASTRO, Religiosas em Villa do Conde da Ordem de S. Francisco. ⩶ 16 D. BRITES COUTINHO, Freira em Santa Clara de Lisboa. ⩶ * 16 D. MARIA COUTINHO, mulher de Francisco Cardoso, adiante. ⩶ * 16 DOM HENRIQUE COUTINHO, foy Commendador na Ordem de Christo. Casou com D. Joanna de Brito, filha de Nuno de Brito, Senhor da Quinta do Carvalhal,

lhal, e de ſua mulher D. Violante Pacheco; e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⵛ 17 D. Gastaõ Coutinho, Commendador na Ordem de Chriſto, hum dos famoſos Acclamadores da liberdade da Patria, que no dia primeiro de Dezembro de 1640 reſtituiraõ ao Throno ao Senhor Rey D. Joaõ IV. a quem ſervio com grande fidelidade. Foy Governador das Armas da Provincia do Minho, onde conſeguio reſpeito, e temor dos inimigos, com glorioſos ſucceſſos, que eternizaráõ o ſeu nome na poſteridade, como ſe vê na eſtimadiſſima Obra de *Portugal Reſtaurado*. Morreo a 27 de Janeiro de 1653. ⵛ 17 D. Diogo Coutinho, que morreo moço. ⵛ * 17 D. Filippa Coutinho, caſou com Franciſco Gonçalves da Camera, adiante. ⵛ 17 D. Violante, D. Catharina, D. Brites, e D. Joanna Coutinho, todas Freiras no Moſteiro de Villa do Conde.

* 17 D. Filippa Coutinho caſou com Franciſco Gonçalves da Camera, Senhor da Ilha Deſerta, que havia paſſado à India com o Vice-Rey Conde de Redondo no anno de 1617; e tiveraõ ⵛ 18 D. Marianna, e D. Joanna, que morreraõ moças, ſem eſtado. ⵛ 18 Luiz Gonçalves da Camera Coutinho, foy Senhor da Ilha Deſerta, e herdeiro de ſeu tio D. Gaſtaõ Coutinho. Caſou com D. Iſabel de Noronha, filha que veyo a ſer herdeira de Diogo de Saldanha de Sande, Commendador de Caſevel, e Governador da Torre de Belem, Senhor do Morgado de Punhete; e de D. Catharina Pereira,

Senhora

Senhora do Morgado de Taipa, filha de D. Manoel Pereira, Governador de Angola, Senhor do Morgado de Taipa, e de D. Maria de Tavora sua mulher, de quem teve ⩶ 19 GASTAÕ JOSEPH DA CAMERA COUTINHO, que foy unico, e successor da sua Casa, de quem tratámos a pag. 819 do Tomo X. onde vay a sua successaõ.

* 16 D. MARIA COUTINHO, filha de D. Gastaõ Coutinho, casou com Francisco Cardoso Correa, filho de Pedro Cardoso, que passou à India no anno de 1586, e foy Senhor do Morgado dos Olhos de Agua, e de outros em Loures; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 17 PEDRO CARDOSO COUTINHO. ⩶ 17 DIOGO COUTINHO, que foy Religioso da Ordem dos Prégadores. ⩶ 17 HENRIQUE COUTINHO, Religioso Trino. ⩶ * 17 D. JOANNA COUTINHO, que casou com D. Manoel Pereira, adiante. ⩶ 17 D. BRIOLANJA COUTINHO, mulher de Estevaõ Gomes da Sylveira. ⩶ * 17 PEDRO CARDOSO COUTINHO, succedeo na sua Casa, e casou com D. Guiomar de Miranda, filha de Antonio de Miranda, que vivia no Sardoal; e de sua mulher D. Isabel Correa de Brito, de quem teve, entre outros filhos, ⩶ 18 ANTONIO LUIZ COUTINHO, que lhe succedeo na Casa, e casou com sua prima D. Maria de Castro, filha de Estevaõ Gomes da Sylveira, e de D. Briolanja Coutinho, de quem teve, entre filhas, que naõ tiveraõ estado ⩶ 18 LUIZ PEDRO COUTINHO CARDOSO BARRIGA DA SYLVEIRA, Senhor do Morgado de Lou-

Loures, que faleceo solteiro em Novembro de 1714. Teve de D. Dorothea Sebastiana Botelho de Lemos, filha do Capitaõ Antonio Botelho de Lemos, a PEDRO CHRISTOVAÕ COUTINHO BARRIGA, que herdou parte da Casa de seu pay. FILIPPE COUTINHO, e D. LUIZA MAGDALENA DE CASTRO.

* 17 D. JOANNA COUTINHO, que casou com D. Manoel Pereira, filho de D. Henrique Pereira, e de sua mulher D. Joanna Ximenes; e era neto de Dom Joaõ Pereira, Commendador do Pinheiro, Embaixador em Castella, e de D. Guiomar de Castro, filha de Dom Pedro de Noronha, Senhor de Villa-Verde, de quem teve ⵘ 18 HENRIQUE COUTINHO, que foy Religioso da Ordem de S. Jeronymo. ⵘ 18 D. JOANNA COUTINHO, que foy sua herdeira, casou com D. Antonio Jorge de Mello, Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira, e naõ tiveraõ successaõ. ⵘ 18 D. LUIZA COUTINHO, que casou com Thomás Ximenes de Aragaõ, Fidalgo da Casa Real, que foy successor dos Morgados de seus avós; e teve os filhos seguintes: ⵘ 19 INIGO CAETANO XIMENES COUTINHO, que veyo a herdar o Morgado dos Coutinhos Ximenes: naõ casou, e teve a FERNANDO XIMENES. * FRANCISCO IGNACIO, adiante, e a LUIZ ANTONIO XIMENES COUTINHO. * FRANCISCO IGNACIO XIMENES COUTINHO ARAGAÕ E VEIGA por morte de seu irmaõ succedeo na sua Casa, e foy Senhor das Villas de Caravanha, Orosco, e Val de Leche em Castella, e dos Morgados de Ximenes,

menes, e Veigas, Padroeiro do Collegio de S. Patricio de Lisboa, e da Capella de Santa Catharina de Sena no Convento de S. Domingos. Morreo a 28 de Junho de 1744. Casou com Ursula de Paiva, e teve a RODRIGO XIMENES DE ARAGAÕ, que foy herdeiro de todos os seus Morgados, e das referidas Villas.

* 13 D. GARCIA DE EÇA, filho de D. Christovaõ de Eça, servio na guerra de Africa com reputaçaõ, principalmente na de Çafim, sendo Fronteiro do insigne Capitaõ Nuno Fernandes de Ataide, no memoravel cerco, que os Mouros puzeraõ à Praça no anno de 1510, onde com valor, e acordo defendeo hum lanço de muro da porta da Almedina, em que conseguio applauso; e naõ menos no anno de 1511, quando acompanhou ao mesmo Capitaõ naquella celebre entrada, que fez nas terras de Almedina, em que peleijou com distincçaõ. Depois no anno de 1515 se achou tambem D. Garcia na facçaõ, que intentou sobre Marrocos Nuno Fernandes de Ataide, o qual voltando para o Reyno, lhe succedeo no governo da Praça D. Nuno Mascarenhas, a quem D. Garcia fez o obsequio de ficar com elle; e continuando a guerra, o feriraõ os Mouros em huma entrada, que nas suas terras fez no anno de 1519, que elle vingou no estrago, que nelles fez. No anno de 1520 se achou com Dom Rodrigo de Noronha, quando destruìo, e desbaratou os Mouros de Abida. Destas, e de outras occasioens da guerra de Africa,

Chronica delRey Dom Manoel, part. 3. cap. 12, e 13.

Dita *Chronica*, part. 4. cap. 44, 56, e 74.

em que foy muito experimentado, e intelligente, lhe adquiriraõ a alcunha de *Çoleima*, como o nomea o Chronista Damiaõ de Goes. Casou com D. Joanna da Sylva, filha de Francisco de Sousa, hum Cavalleiro honrado da mesma Praça, de quem teve ⩶ 14 a D. CHRISTOVAÕ DE EÇA, que passou a servir à India: no anno de 1530 teve o Alvará de Fidalgo Cavalleiro com dous mil quatrocentos e sessenta e seis reis de moradia. Naõ casou, nem teve successaõ. ⩶ * 14 D. GARCIA DE EÇA, adiante. ⩶ 14 D. JOANNA DE EÇA, que foy segunda mulher de Dom Vasco Coutinho. ⩶ * 14 D. GARCIA DE EÇA, servio tambem em Africa, e ficou vivendo em Çafim; e pelos seus serviços lhe deu ElRey D. Sebastiaõ no anno de 1560 a Commenda de S. Vicente da Figueira de Riba de Coa da Ordem de Christo. Casou duas vezes, a primeira, na dita Praça, com D. Leonor de Almeida, filha de Vicente Ribeiro de Almeida, de quem teve ⩶ 15 D. JOAÕ, e D. PEDRO DE EÇA, que morreraõ meninos, e a D. GUIOMAR, e D. JOANNA DE EÇA, sem estado. Casou segunda vez com D. Maria Coutinho, filha de Lourenço Coutinho de Castellobranco, de quem teve as filhas seguintes: ⩶ 15 D. ISABEL DE EÇA, que casou com Francisco de Moraes Cogominho, de quem teve ⩶ 16 a CHRISTOVAÕ DE MORAES, de quem naõ sabemos estado, e a D. MARIA COUTINHO, ou EÇA, que casou com Francisco de Mesquita, filho de Diogo Correa, e de Isabel de Vera de Mesquita; e tiveraõ ⩶ 17 a DIO-

GO

GO CORREA, Senhor da Quinta de Chaqueda em Penella, que casou com Brites de Moraes Cabral, de quem teve duas filhas, ⩶ * 18 D. MARIA DE EÇA, mulher de Heitor de Sá, adiante, e a D. LUIZA DE EÇA, primeira mulher de Antonio Pimentel de Moraes, de quem naõ sabemos geraçaõ. ⩶ * 18 D. MARIA DE EÇA casou com Heitor de Sá, Couteiro môr da Comarca de Coimbra, Cavalleiro da Ordem de Christo, de quem nasceo ⩶ 19 D. JOANNA DE SÀ COUTINHO, que casou com seu primo segundo Joaõ de Sá Pereira, Capitaõ môr da Comarca de Coimbra, e Commendador na Ordem de Christo; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 20 MANOEL DE SÀ PEREIRA, adiante. ⩶ 20 D. LUIZA ANTONIA DE MELLO, D. MARIANNA DE SÀ, e D. VIOLANTE DE SÀ DE MENEZES, todas Freiras em Coimbra. ⩶ 20 D. MARIA IGNEZ DE SÀ E MELLO, que casou com Lourenço Ayres de Sá, Senhor do Prazo da Anadia, e foy sua segunda mulher, de quem tem ⩶ 21 AYRES DE SÀ E MELLO, ⩶ 21 D. JOANNA, D. SEBASTIANA, e D. IGNEZ. ⩶ * 20 MANOEL DE SÀ PEREIRA casou duas vezes, a primeira com D. Maria Manoel, filha de Manoel de Ulhoa de Vasconcellos, Capitaõ môr de Thomar, de quem teve, entre outros filhos, que morreraõ de curta idade, a D. JOANNA DE SÀ. Casou segunda vez com D. Maria Placida de Menezes, filha de D. Francisco Furtado de Mendoça.

15 D. ELENA COUTINHO, que foy a segunda filha

filha de D. Garcia de Eça, casou com D. Manoel de Noronha, de quem nasceo ⩶ 16 D. BARTHOLOMEU DE NORONHA, Senhor da Quinta da Perlada no Porto, que casou com D. Maria Pessoa de Vasconcellos, filha de Simaõ Ribeiro Pessoa, e de Dona Antonia de Vasconcellos; e teve os filhos seguintes: ⩶ * 17 D. MANOEL DE NORONHA, com quem se continúa. ⩶ 17 D. PEDRO DE NORONHA, Clerigo, Abbade de S. Miguel de Villella. ⩶ * 17 D. GARCIA DE NORONHA, adiante. ⩶ * 17 D. MANOEL DE NORONHA, viveo no Porto, casou com D. Leonor de Mello, filha de Garcia de Mello Pereira, e de D. Victoria Villaça; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 18 D. ANTONIO, e D. N. . . . DE NORONHA, sem estado. ⩶ * 18 D. GARCIA DE NORONHA, com quem se continúa. ⩶ 18 D. FRANCISCO DE NORONHA, Conego de Braga. ⩶ 18 D. LUIZA DE NORONHA, primeira mulher de Alvaro Leite Pereira, sem geraçaõ. ⩶ * 18 D. GARCIA DE NORONHA, succedeo na Casa de seu pay, e no Morgado de sua mãy. Casou com D. Brites Josefa de Abreu Soares de Brito, filha de Diogo Soares Falcaõ, e de Dona Anna de Magalhaens de Azevedo, e tem os filhos seguintes: ⩶ 19 D. ANTONIO DE NORONHA E MENEZES DE MESQUITA MALHEIRO SOARES DE BRITO. ⩶ 19 D. JOSEPH DE NORONHA E MENEZES. ⩶ 19 D. MANOEL DE NORONHA. ⩶ 19 D. ANNA DE NORONHA DE MENEZES. ⩶ * 17 D. GARCIA DE NORONHA, filho terceiro de D. Bar-

tholomeu

tholomeu de Noronha, casou no Porto com D. Marianna Francisca de Barros, de quem teve ⩶ 18 D. BARTHOLOMEU DE NORONHA. ⩶ 18 D. LUIZ DE NORONHA, Arcediago de Penella na Sé de Coimbra, e Beneficiado em Béja. ⩶ 18 D. MANOEL DE NORONHA, Arcediago na Sé do Porto. ⩶ 18 D. PEDRO DE NORONHA. ⩶ 18 D. ISABEL FRANCISCA DE NORONHA, mulher de Joaõ Correa de Mesquita, que vive em Villa-Real.

§. IV.

* 12 D. MARIA DE EÇA, filha de D. Garcia de Eça, Alcaide mór de Muja, casou com Joaõ Fogaça, Védor da Casa delRey D. Joaõ II. Almoxarife da Alfandega de Lisboa, e Provedor da Aposentadoria da mesma Cidade, Commendador de Canha, e Cabrella da Ordem de Santiago, e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 13 TRISTAÕ FOGAÇA, que servindo em Azamor, o mataraõ os Mouros, sem ter tido estado. ⩶ * 13 SIMAÕ FOGAÇA, com quem se contínua. ⩶ * 13 D. JOANNA DE EÇA, casou com Pedro Gonçalves da Camera, adiante. ⩶ 13 N. N... Freiras em Santos.

* 13 SIMAÕ FOGAÇA, succedeo na Casa por morte de seu irmaõ, casou com D. Guiomar de Menezes, filha de Duarte Galvaõ, irmaõ do Arcebispo de Braga D. Joaõ Galvaõ, Alcaide mór de Leiria, do Conselho delRey D. Joaõ II. e delRey D. Manoel,

Manoel, Embaixador a França, e à Corte de Ethiopia, que chamaõ *Preste Joaõ*; e de D. Catharina de Albuquerque, filha de Fernaõ de Sousa, Alcaide môr de Leiria, que havia dado em dote a sua filha a dita Alcaidaria, e depois venderaõ ao Marquez de Villa-Real; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 14 JOAÕ FOGAÇA, que em hum desafio matou a Dom Hilario Coutinho, pelo que se ausentou para Castella, e lá morreo sem estado. ⩶ 14 D. JOANNA, Religiosa do Mosteiro das Conegas de Chellas. ⩶ 14 D. MARIA DA SYLVEIRA casou com Fernando da Sylveira, Senhor de Sarzedas; porém annullando-se o matrimonio, se separaraõ; e ella recolhendo-se em o Mosteiro de Chellas, foy Prioressa perpetua, e a ultima, que teve aquella Casa.

* 13 D. JOANNA DE EÇA, Dama da Rainha D. Leonor de Portugal, casou com Pedro Gonçalves da Camera, filho terceiro de Joaõ Gonçalves da Camera, Capitaõ Donatario da Ilha da Madeira da parte do Funchal, a qual ficando viuva, foy Camereira môr da Rainha D. Catharina de Austria; e reedificou o Mosteiro da Esperança de Lisboa, onde teve suas filhas. Fundou a Ermida da Senhora do Loreto, no Arco da Calheta da Ilha da Madeira, aonde se vem as ruinas de humas nobres casas, e na Ermida o seu retrato; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 14 JOAÕ GONÇALVES DA CAMERA, que tendo passado à India, faleceo sem geraçaõ. ⩶ 14 JOAÕ FOGAÇA DE EÇA, que succedeo no Morgado de Eça, que instituîo

Nobiliario da Madeira de Henrique Henriques.

tuío sua mãy, com a obrigaçaõ do Appellido, e Armas de Eça; servio na guerra de Africa com distincçaõ, levando os soccorros, que foraõ da Ilha da Madeira, como refere o Chronista Francisco de Andrade, dizendo: *Joaõ Fogaça de Eça, filho da Camareira mór D. Joanna de Eça.* ⵘ 14 Vasco Martins de Albergaria, que naõ teve successaõ. ⵘ * 14 Antonio Gonçalves da Camera, adiante. ⵘ 14 Francisco de Noronha, Sebastiaõ de Noronha, e Manoel de Noronha, que tambem naõ tiveraõ successaõ. ⵘ 14 D. Maria, D. Filippa, e D. Elena, Freiras em Santa Clara do Funchal, donde vieraõ para a Esperança de Lisboa, das quaes a ultima foy Abbadessa.

Chronica delRey Dom Joaõ III. part. 2. cap. 81. pag. 110.
Historia de S. Domingos, part. 1. lib. 1. cap. 26, e liv. 6. cap. 3.
Alarcaõ, *Relaçaõ Genealogica*, pag. 413.

* 14 Antonio Gonçalves da Camera, foy Caçador mór delRey D. Joaõ III.; servio na guerra de Africa com reputaçaõ, e estando em Portugal, sabendo que na Ilha da Madeira andavaõ Corsarios Francezes, se embarcou em huma Caravella, armada à sua custa, e foy para a Ilha, e lá faleceo. Casou duas vezes, a primeira no anno de 1531 com D. Isabel de Abreu, filha de Joaõ Fernandes de Andrade, chamado o do *Arco*; e de Beatriz de Abreu sua mulher, a qual tirou por violencia da casa de sua irmãa Agueda de Abreu, que se queixou à Corte, que mandou hum Corregedor com Alçada devaçar do caso, como refere Gaspar Fructuoso no seu livro: *Descripçaõ das Ilhas*; mas desta uniaõ naõ teve successaõ. Casou segunda vez com D. Margarida de Noronha,

Dama da Rainha D. Catharina, filha de D. Pedro de Noronha, Senhor de Villa-Verde, Mordomo môr da dita Rainha, do Conſelho de Eſtado, e Védor da Fazenda; e de Dona Violante de Caſtro ſua mulher; e tiveraõ os filhos ſeguintes: = * 15 PEDRO GONÇALVES DA CAMERA, com quem ſe continúa. = * 15 JOAÕ FOGAÇA DE EÇA, adiante. = 15 FRANCISCO DA SYLVEIRA, e MANOEL DE NORONHA, que morreraõ ſem eſtado. = 15 D. VIOLANTE DE NORONHA, Dama da Rainha D. Catharina, que eſteve contratado o ſeu caſamento com D. Franciſco Gomes de Sandoval, Marquez de Denia, Embaixador em Portugal, que depois foy Duque de Lerma; e naõ tendo effeito, caſou com Manoel Telles de Menezes, filho herdeiro de Fernaõ Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ, Cepaes, Geſtaço, Meinedo, e da Ribeira de Soas, Commendador de Ourique; e de ſua mulher D. Maria de Caſtro: e paſſando com ElRey D. Sebaſtiaõ à Africa, morreo na infelilice batalha de Alcacere no anno de 1578, deixando unica = 16 D. MARIA DE NORONHA DA SYLVA, que pleiteou com ſeu tio Ruy Telles de Menezes a Caſa de Unhaõ, que naõ obteve: depois ſe recolheo com ſua mãy no Moſteiro da Eſperança de Lisboa, e ſe paſſaraõ para o do Calvario, tambem da Ordem de Santa Clara, que fundaraõ em Alcantara junto a Lisboa. = 15 D. CATHARINA DE NORONHA, Dama da meſma Rainha. Caſou com D. Joaõ de Menezes e Vaſconcellos, Senhor da Enxara

dos

dos Cavalleiros, de quem adiante se tratará no Capitulo XXVI. ⩶ 15 D. JOANNA DE EÇA, Religiosa no Mosteiro de Chellas, donde foy Prioressa, e se chamou D. Maria da Gloria.

* 15 PEDRO GONÇALVES DA CAMERA, foy Commendador de Bobadella na Ordem de Christo, Caçador môr delRey D. Sebastiaõ, e do seu Conselho, officio que vendeo a D. Joaõ Coutinho, Conde de Redondo. Casou com Dona Lourença de Faria, filha de Balthasar de Faria, Desembargador do Paço, Embaixador em Roma, e Almotacé môr do dito Rey; e de D. Isabel Brandoa sua mulher; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 16 ANTONIO GONÇALVES DA CAMERA, com quem se continúa. ⩶ 16 JOAÕ GONÇALVES DA CAMERA, que seguio a vida Ecclesiastica, e foy Chantre na Cathedral de Coimbra. ⩶ 16 MANOEL DA CAMERA, que foy servir à India, onde casou com D. Marianna de Sousa, filha de Fradique Lopes de Sousa, de cuja descendencia naõ temos noticia. ⩶ 16 BALTHASAR DA CAMERA, que tambem servio na India. ⩶ 16 D. JOANNA DE NORONHA, Religiosa no Mosteiro da Esperança de Lisboa.

* 16 ANTONIO GONÇALVES DA CAMERA, foy Commendador na Ordem de Christo, casou com D. Maria de Castro, filha que veyo a ser herdeira de Ambrosio de Aguiar Coutinho, Commendador de Santa Maria de Béja na Ordem de Aviz, Senhor da Capitanía do Espirito Santo, Governador das Ilhas dos Açores; e de sua mulher D. Joanna da Sylva; e

tiveraõ os filhos seguintes: ⸗ 17 PEDRO GONÇALVES DA CAMERA, que morreo moço. ⸗ * 17 AMBROSIO DE AGUIAR COUTINHO, adiante. ⸗ 17 D. ISABEL MARIA DE CASTRO, que casou com Francisco Correa de Lacerda, e a sua descendencia fica escrita no Livro XII. Capitulo IV. §. III. pag. 447. ⸗ 17 D. JOANNA DA SYLVA, Religiosa no Mosteiro do Calvario de Lisboa da Ordem de Santa Clara.

* 17 AMBROSIO DE AGUIAR COUTINHO, Senhor da Capitanía do Espirito Santo no Estado do Brasil, casou duas vezes, a primeira com D. Cecilia de Noronha, filha de D. Joaõ Soares de Alarcaõ, Alcaide mór de Torres Vedras, Commendador de S. Pedro da mesma Villa, Mestre Salla da Casa Real; e de sua mulher D. Isabel de Castro: porém tendo unica a D. MARIA, morreo de tenra idade; e falecendo sua mulher, casou segunda vez com D. Filippa de Menezes, filha do Aposentador mór Lourenço de Sousa da Sylva, como escrevemos a pág. 603 do Tomo X. donde se póde ver a sua successaõ.

CAPITULO VIII.

De D. Jorge de Eça Alcaide mór de Muja.

12 FOy successor de seu pay Dom Garcia de Eça, como se vê no Capitulo VII., D. Jorge de Eça, Alcaide mór de Muja, a quem no anno

no de 1484 ElRey D. Joaõ II. deu o Paul de Muja, e confirmaçaõ da Alcaidaria mór. Depois no anno de 1497 lha confirmou ElRey D. Manoel, e o fez do seu Conselho no anno de 1511; e por isso vencia de moradia, de Fidalgo Cavalleiro, cinco mil e quinentos reis; e foy hum dos Fidalgos, que se acharaõ presentes, e lhe beijaraõ a maõ, quando casou com a Rainha D. Leonor. Casou duas vezes, a primeira com D. Brites da Sylva, filha de Vasco Fernandes de Sampayo, III. Senhor de Villa-Flor, Chacim, Villasboas, Paradade, Pinhaõ, Frechas, Bemposta, e Moz, e seus Castellos; e de sua mulher D. Mecia de Mello: e segunda vez com Dona Filippa de Abreu, viuva de D. Pedro de Ataide, Senhor da Castanheira, Póvos, e Cheleiros, que sendo culpado na conjuraçaõ do Duque de Viseu, foy degollado em Setuval, como se refere na Chronica delRey D. Joaõ II. e era filha de Gonçalo Vaz de Castellobranco, Governador da Casa do Civel, Senhor de Villa-Nova de Portimaõ, e outras terras, Escrivaõ da Puridade dos Reys Dom Affonso V. e D. Joaõ II. Védor das obras do Reyno, e Monteiro mór, e Testamenteiro do primeiro; e de sua mulher D. Brites Valente, Senhora do Morgado da Povoa: porém deste matrimonio naõ houve successaõ; e de sua primeira mulher teve os seguintes: ⵘ 13 D. GARCIA DE EÇA, Capitulo IX. ⵘ 13 D. MARIA DE EÇA, D. MECIA DE EÇA, ambas Religiosas no Mosteiro de Santos de Lisboa, da Ordem de Santiago.

CAPI-

CAPITULO IX.

De D. Garcia de Eça, Alcaide môr de Muja.

13 NO Capitulo antecedente se disse ser Dom Garcia de Eça successor de D. Jorge seu pay, e o foy tambem da Alcaidaria môr de Muja, e do Conselho delRey D. Manoel: pelo que no anno de 1518 achamos ter de moradia de Cavalleiro do Conselho quatro mil e novecentos reis. Casou com D. Antonia da Cunha, filha de Jorge de Mello, Messtre Salla delRey D. Manoel; e de sua mulher D. Isabel Pereira, viuva de D. Guterre Coutinho, Commendador de Cezimbra, (filho do Marichal D. Fernando Coutinho) o que morreo no Castello de Palmella prezo pela conjuraçaõ do Duque de Viseu; e tiveraõ os filhos seguintes:

14 D. Jorge de Eça, Capitulo X.

14 Dom Pedro da Guerra, que servio na India, e voltando ao Reyno, se recolheo a huma Quinta junto a Bemfica, onde morreo sem estado. ⵏ 14 D. Francisco de Eça, tambem servio muitos annos na India, onde morreo, sendo Capitaõ de Malaca. Teve natural hum filho, que foy Monge da Ordem de S. Bernardo. ⵏ 14 D. Jeronymo de Eça, seguio a vida Ecclesiastica, e foy Clerigo. ⵏ 14 D. Manoel de Eça, passou à India a servir, e

lá

lá morreo. ⸬ * 14 D. MARIA DE EÇA casou com Simaõ de Mello de Magalhaens, Capitaõ de Malaca, adiante. ⸬ 14 D. FILIPPA DE EÇA, Religiosa no Convento de Santos de Lisboa. ⸬ 14 D. JERONYMA, e D. MECIA DE EÇA, que foraõ Religiosas no Mosteiro da Esperança de Lisboa.

* 14 D. MARIA DE EÇA casou, como dissemos, com Simaõ de Mello de Magalhaens, que servio muitos annos na India, e foy Capitaõ de Malaca; e voltando para o Reyno, foy Almirante da Armada, de que era General Antonio de Saldanha, que ElRey Dom Joaõ III. mandou em soccorro do Emperador Carlos V. seu cunhado, quando passou a Tunes; e era filho de Pedro de Magalhaens, e de sua mulher D. Isabel de Sousa, filha de Diogo de Sampayo, Senhor de Anciaens, e Villarinho, e de D. Briolanja de Mello sua mulher; e tiveraõ estes filhos ⸬ 15 GARCIA DE MELLO, ⸬ 15 FRANCISCO DE MELLO, que ambos morreraõ no anno de 1578 na batalha de Alcacere em Africa. ⸬ 15 PEDRO DE MELLO, morreo moço. ⸬ * 15 MANOEL DE MELLO DE SAMPAYO, adiante. ⸬ 15 D. ISABEL DE MELLO casou com Alvaro Pires de Tavora, Reposteiro môr delRey D. Sebastiaõ, que tinha sido Capitaõ de Damaõ, e morreo com o dito Rey na batalha de Alcacere, tendo tido por filha a D. MARIA DE TAVORA, que casou com D. Affonso de Lencastre, Commendador môr da Ordem de Christo, Senhor de Selir do Porto, Alcaide môr de Obidos; e desta uniaõ naõ

tiveraõ

tiveraõ filhos, como se disse a pag. 68 do Tomo IX.

* 15 MANOEL DE MELLO DE SAMPAYO, foy Commendador de S. Salvador de Neiva da Ordem de Christo, Capitaõ de Malaca, e do Conselho dos Reys D. Sebastiaõ, D. Henrique, D. Filippe II. e D. Filippe III. Casou com D. Maria Manoel, filha de Manoel de Sousa da Sylva, Aposentador môr, e de D. Francisca de Vilhena sua primeira mulher; e teve a ⁝⁝ 16 SIMAÕ DE MELLO, que lhe succedeo na Casa, e a D. FRANCISCA DE VILHENA, mulher de D. Jorge Mascarenhas, I. Marquez de Montalvaõ, como dissemos no §. II. do Capitulo VII. deste Livro. E teve, no tempo que servio na India, illegitimo a SEBASTIAÕ DE SOUSA DE MELLO, que servio ao Estado, e lá casou com D. Andreza da Costa, filha de Manoel da Costa Caçaõ, e tiveraõ successaõ.

CAPITULO X.

De D. Jorge de Eça, Alcaide môr de Muja.

14 FOy successor da Casa de seus pays D. Jorge de Eça, e teve de moradia tres mil e oitocentos reis de Fidalgo Cavalleiro. ElRey D. Joaõ III. no anno de 1530 lhe confirmou a Alcaidaria môr de Muja, que tiveraõ seu pay, e avós. Passou a servir à India no anno de 1531 na Armada, de que era Capitaõ môr Martim Affonso de Sousa. Depois no anno

anno de 1547 foy Capitaõ de hum Navio da Armada, com que o Governador D. Joaõ de Castro foy ao Norte em soccorro da Praça de Dio, em que gloriosamente triunfou dos inimigos do Estado. Depois quando o Governador Dom Garcia de Eça foy a Baçaim a jurar as pareas com os Embaixadores delRey de Cambaya, o acompanhou D. Jorge: acabada esta funçaõ, foy por Capitaõ do Choromandel, onde faleceo. Casou duas vezes, a primeira com D. Maria Pereira, filha de Antonio Pereira, Capitaõ de Choromandel, como refere Affonso de Torres, a quem seguimos, ainda que Diogo Gomes de Figueiredo lhe chama D. Isabel Lamprea, filha de Pedro Lamprea, a qual he a que casou com outro Fidalgo do mesmo nome, e appellido, de quem fazemos mençaõ adiante; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 17 D. Paulo de Eça, servio na India, e lá casou com D. Maria de Sousa, filha de Pedro Alvares da Nobrega, e de D. Paula de Sousa sua madrasta, e naõ teve successaõ. 15 D. Francisco de Eça, que servio na India, e lá casou, como refere Diogo Gomes de Figueiredo. 15 D. Garcia de Eça, da Ordem dos Prégadores. 15 D. Bernarda de Eça, que casou com D. Pedro de Menezes, Capitaõ de Malaca, e Dio, onde servio com reputaçaõ, como refere Couto, Decada X. pag. 56, e foy sua segunda mulher, de quem naõ sabemos descendencia. ⩶ 15 D. Antonia de Eça, primeira mulher de Jorge da Sylva, filha de Ruy Pereira da Sylva, Alcaide môr de Silves, sem successaõ.

Nobiliario de Diogo Gomes.

Couto, Decad. X, pag. 56.

* 15 D. FILIPPA DA GUERRA, que caſou com Franciſco de Almeida de Ornellas, adiante. Caſou ſegunda vez com D. Paula de Souſa, viuva de Pedro Alvares da Nobrega, e irmãa de Pedro de Souſa Camello, ſem ſucceſſaõ.

* 15 D. FILIPPA DA GUERRA caſou com Franciſco de Almeida de Ornellas, hum Fidalgo da Ilha Terceira, Adminiſtrador do Morgado das Fontainhas na dita Ilha; ſervio na India com diſtincçaõ. ElRey D. Joaõ III. lhe fez merce entre outras do habito da Ordem de Chriſto, com o dizimo do ſeu Morgado, e as viagens de Ceilaõ, e Orixa; e tiveraõ os filhos ſeguintes: = * 16 MANOEL DE SOUSA DE ORNELLAS, adiante. = 16 RUY DE SOUSA DE GUSMAÕ, que ſervio com reputaçaõ muitos annos na India, e morreo no cerco de Chaul. = 16 D. ISABEL DE SOUSA caſou com Eſtevaõ Pereſtrello de Antas, Senhor da Ilha, e Fortaleza de Camaruja na India. = 16 D. PAULA DE SOUSA caſou com André Pereſtrello de Antas, que era filho do dito Eſtevaõ Pereſtrello, e naõ ſabemos a ſua deſcendencia. = 16 D. ANNA DE SOUSA caſou com Manoel Fernandes Peſtana, e por ſua morte com Alvaro de Carvalho; e de nenhum deſtes matrimonios teve ſucceſſaõ. =

* 16 MANOEL DE SOUSA DE ORNELLAS, teve o Morgado das Fontainhas, foy Cavalleiro da Ordem de Chriſto; ſervio tambem na India. Caſou na Ilha Terceira com ſua parenta D. Franciſca da Camera, filha de Joaõ Vaz Fagundes, e de D. Catharina de Ornellas

Ornellas Savedra, filha de Diogo Paim, e de D. Catharina da Camera; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 17 FRANCISCO DE ORNELLAS DE SOUSA, GONÇALO DE SOUSA DE ORNELLAS, e RAFAEL DE ORNELLAS DE SOUSA, todos morreraõ sem descendencia. ⩶ 17 D. FILIPPA DA GUERRA, Religiosa no Mosteiro da Luz da Villa da Praya, da Ordem de S. Francisco, na dita Ilha. ⩶ 17 D. IGNEZ DE SOUSA, que tambem morreo no dito Mosteiro. ⩶ 17 D. ISABEL DE SOUSA DE ORNELLAS, que veyo a ser herdeira do Morgado das Fontainhas, e casou com Francisco da Camera Paim, Capitaõ môr da Villa da Praya, com successaõ.

CAPITULO XI.

De D. Pedro de Eça, Alcaide môr de Moura.

11 NO Capitulo III. dissemos, que entre os filhos, que tivera D. Fernando de Eça, fora D. Pedro de Eça, a quem alguns Nobiliarios fazem o terceiro na ordem do nascimento: porém nós lhe damos outra ordem, que na confusaõ de semelhantes memorias, todas ficaõ duvidosas; mas naõ de que fora seu filho, e de sua mulher Dona Isabel de Avallos, em que todos os Nobiliarios vaõ conformes. Servio D. Pedro em Africa com reputaçaõ, sendo muito tempo Fronteiro do Conde de Tarouca Dom

Duarte de Menezes; e se achou nos apertados cercos, que os Mouros puzeraõ à Villa de Alcacere no anno de 1458, e na entrada, que o mesmo Conde fez até Canhete, em que obrou D. Pedro acções de tanta distincçaõ, e valor, que o Conde o armou Cavalleiro, conforme o uso daquelle tempo; e tendo merecido applausos nesta occasiaõ, ainda foraõ de mayor gloria sua, quando o Conde deu sobre Tangere a segunda vez, que lá passou ElRey Dom Affonso V. em que os feitos de D. Pedro se distinguiraõ de sorte, que pareceraõ milagres de valor. No anno de 1462 achámos vencia a moradia de Fidalgo Cavalleiro tres mil e oitocentos reis. Quando o Senhor D. Pedro, Condestavel de Portugal, foy chamado pelos Catalaens para succeder na Coroa de Aragaõ no anno de 1464, o acompanhou D. Pedro de Eça, sendo o principal Capitaõ naquella conquista, a quem o Condestavel, já intitulado Rey, encarregou a defensa da Cidade de Lerida, como a Praça mais principal depois de Barcelona, daquelle Principado, e que estava mais exposta à offensa dos inimigos, em que D. Pedro deu mostras de valor, e sciencia militar, sofrendo hum sitio até à ultima extremidade, em que conseguio gloria pelas sortidas, que fez sobre os inimigos, e pelo com que se houve em todo elle. Este entendemos ser o que no anno de 1475 se achou na batalha de Touro, de que faz mençaõ Jeronymo Zurita nos seus Annaes. ElRey D. Affonso V. estimou a sua pessoa, naõ só pelo seu es-

Zurita, *Annal. de Aragon*, liv. 17. cap. 55. da Impressaõ de 1610.

Zurita, *Annales*, liv. 19. cap. 44. pag. 255.

clarecido naſcimento; mas lhe era mais inclinado pelas virtudes, com que ſe ornava de prudencia, e valor, ſendo os ſeus merecimentos, e acções taõ diſtinctas, que eraõ muy gratas àquelle valeroſo Rey; e naõ menos a ſeu filho ElRey D. Joaõ II. que querendo remunerar os ſeus ſerviços, lhe fez merce no anno de 1482 das rendas de Aldea-Galega da Merciana, e o fez tambem Alcaide môr de Moura; e no anno de 1484 do ſeu Conſelho, com a moradia de Fidalgo Cavalleiro de cinco mil reis por mez; e era tanta a confiança, que o meſmo Rey delle fazia, que foy hum dos tres confidentes, que eſcolheo para lhe aſſiſtirem, quando matou ao Duque de Viſeu, ſeu cunhado, no anno de 1483, pela conſpiraçaõ, que contra a ſua Real peſſoa havia determinado. Foy Dom Pedro de Eça juſtamente attendido dos Reys pelas ſuas virtudes; era Alcaide môr de Moura, e como tinha eſta merce ſó em ſua vida, eſtando para morrer, mandou a ElRey as chaves do Caſtello, como refere Garcia de Rezende na ſua Chronica nas palavras ſeguintes: *Era Dom Pedro Deça Alcaide môr de Moura, muito bom Cavalleiro, homem que ElRey eſtimava muito, eſtando para morrer mandou por Antaõ de Faria entregar as chaves do ſeu Caſtello a ElRey, o qual lhas tornou outra vez a mandar, dizendo, que a taes Cavalleiros, como elle era, naõ coſtumava a tirar o ſeu a ſeus filhos, e que para elles lhas dava, &c.* e com eſta honroſa expreſſaõ delRey daremos fim a eſta breve memoria.

Torre do Tombo liv. 9. da Extremadura, pag. 228.

Rezende, *Chronica del-Rey D. Joaõ II.* cap. 52.
D. Agoſtinho Manoel na Vida do dito Rey, pag. 145.

Dita *Chronica*, capitulo 138. pag. 92 verſ.

Caſou

Caſou com D. Leonor de Camoens, Senhora de huma grande herdade em Moura, cujos privilegios ElRey Dom Manoel lhe confirmou no anno de 1497. Era filha de Ruy Caſco, Alcaide môr de Aviz, e de D. Aldonça Annes de Camoens ſua mulher; e tiveraõ os filhos, que ſe ſeguem:

12 D. RODRIGO DE EÇA, Capitulo XII.

* 12 D. FERNANDO DE EÇA, §. I.

12 D. FRANCISCO DE EÇA, §. II.

12 D. CRISTOVAÕ DE EÇA, ſervio no anno de 1474 de Moço Fidalgo a ElRey D. Affonſo V. e no de 1484 a ElRey D. Joaõ II. Paſſou à India no principio dos ſeus deſcobrimentos, e lá morreo.

12 D. ISABEL DE EÇA caſou duas vezes, a primeira com Chriſtovaõ Moniz, Commendador de Garvaõ na Ordem de Santiago, irmaõ do I. Senhor de Angeja Jorge Moniz, de quem teve ⌶ 13 VASCO MARTINS MONIZ, que morreo ſem caſar. ⌶ 13 D. ALDONÇA DE EÇA, que caſou com D. Pedro Lobo, filho ſexto de D. Diogo Lobo, II. Baraõ de Alvito, e de ſua mulher D. Joanna de Noronha, filha dos II. Condes de Abrantes, de quem teve ⌶ 14 D. DIOGO LOBO, que paſſou a ſervir à India, e lá morreo na guerra dos Malavares, ⌶ 14 e a D. RODRIGO LOBO, que morreo hindo para a India; e ſua mãy D. Aldonça de Eça caſou ſegunda vez com D. Bernardo de Eça, como ſe dirá em ſeu lugar. D. Iſabel de Eça ficando viuva, caſou ſegunda vez com Chriſtovaõ Correa, Commendador dos Collos de Alvalade

valade na Ordem de Santiago, Védor da Casa da Rainha D. Maria, mulher delRey D. Manoel, e da Rainha D. Catharina de Austria, e foy sua terceira mulher, de quem naõ teve successaõ.

Teve illegitimos: ⩶ 12 D. JOAÕ DE EÇA, §. III. 12 D. JORGE DE EÇA, §. IV. ⩶ 12 D. HENRIQUE DE EÇA, que em hum choque o mataraõ os Mouros na India. ⩶ * 12 D. CATHARINA DA GUERRA casou com Alvaro de Carvalho, Senhor do Morgado de Carvalho, Capitaõ de Tangere, de quem adiante se tratará no §. V. ⩶ D. FILIPPA DE EÇA, que foy Freira, e Abbadessa de Val de Madeiras.

§. I.

* 12 D. FERNANDO DE EÇA passou a servir à India no anno de 1528 com o Governador Nuno da Cunha, sendo Capitaõ de huma Nao da Armada, e levava a moradia de Fidalgo Cavalleiro de tres mil e oitocentos reis por mez; padeceo tormentas na viagem, e arribou a Moçambique; e passando a Goa, foy com Belchior de Sousa por Capitaõ de huma Nao a meter de posse de Baharem ao Aguazil delRey de Ormuz. No anno de 1531 se achou com o mesmo Governador em Dio, sendo hum dos Capitaens da sua Armada, e na tomada da Ilha dos Mortos; acabada a Fortaleza de Dio, se fez na volta do Estreito com Antonio de Saldanha: peleijou com os inimigos, que o maltrataraõ bastantemente. Depois já no anno de

Decada 4. liv. 3. cap. 1. 6. e 16. Liv. 4. cap. 12. 19. 20. 22. e 24.

de 1533, em que o Governador Nuno da Cunha fez a Fortaleza de Baçaim, o acompanhou nesta empreza, e se achou na vanguarda ao acometer a Cidade; e tambem na segunda, em que o Governador se avistou com ElRey de Cambaya em Dio. ElRey D. Joaõ lhe fez merce da Fortaleza de Cochim com quatrocentos mil reis de ordenado. Casou com D. Guiomar Pacheco, a quem ElRey D. Manoel deu no anno de 1518 vinte mil reis de tença; era filha de Pedro Homem, Estribeiro môr do dito Rey, e de Violante Pacheco sua mulher; e tiveraõ duas filhas, ⩶ * 13 D. Maria de Eça, com quem se contintúa. ⩶ * D. Anna de Eça, adiante.

* 13 D. Maria de Eça casou com Manoel de Sousa, que foy Capitaõ de Chaul, que passou à India no anno de 1550 com o Vice-Rey D. Affonso de Noronha, e se achou no cerco de Ormuz com D. Alvaro de Noronha, em que teve a seu cargo hum baluarte, que defendeo com valor. Morreo voltando da India na viagem, e teve os filhos seguintes: ⩶ 14 D. Margarida de Eça, recolhida no Mosteiro do Salvador de Evora, que casou com D. Francisco Pereira, filho segundo de D. Alvaro Pereira, o qual morreo na batalha de Alcacer em Africa no anno de 1578 sem successaõ; e ficando viuva Dona Margarida de Eça, casou segunda vez com Luiz de Goes Perdigaõ, e foy sua segunda mulher, de quem nasceo ⩶ 14 D. Magdalena de Mendoça, que foy herdeira, Senhora do Morgado de Perdigaõ em Alentejo

Alentejo, casou com D. Antonio da Costa, Commendador na Ordem de Christo, Senhor do Morgado de Mutella; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 15 D. ALVARO, e D. FRANCISCO DA COSTA, que morreraõ sem estado. ⩶ 15 D. JOAÕ DA COSTA, que succedeo nos Morgados da sua Casa, foy Commendador na Ordem de Christo; servio nas Armadas da Guarda Costa no tempo delRey D. Joaõ IV., foy Capitaõ de Infantaria, e morreo sem casar. Teve illegitimos ⩶ 16 FR. JOAÕ DA COSTA, Frade do Carmo, e a D. ANTONIA, Freira em Santa Clara de Coimbra. ⩶ * 15 D. LUIZ DA COSTA, com quem se continúa. ⩶ * 15 D. MARIA DE MENDOÇA, que casou com Dom Pedro Joseph de Mello, adiante. ⩶ 15 D. FILIPPA, e D. JOANNA, Religiosas no Mosteiro de Santa Clara de Coimbra. ⩶ * 15 D. LUIZ DA COSTA foy Commendador na Ordem de Christo; por morte de seus irmãos succedeo nos Morgados da sua Casa: servio na guerra contra Castella até que se fez a paz; foy Tenente General da Cavallaria da Provincia de Alentejo, e se achou em gloriosas acções, em que se distinguio, como refere o Conde da Ericeira Dom Luiz de Menezes no II. Tomo do seu *Portugal Restaurado*. No anno de 1681 foy hum dos Vereadores do Senado da Camera, no tempo que o foraõ pessoas de qualidade, e merecimentos. Faleceo a 5 de Dezembro do referido anno, havendo casado com D. Maria de Noronha, filha herdeira de D. Pedro da Costa, Commendador de S. Vicente da

Beira na Ordem de Aviz, Armeiro mór delRey D. Joaõ IV. e de sua mulher D. Violante de Noronha, Dama da Rainha D. Luiza, filha de D. Francisco de Noronha, hum dos Acclamadores do Senhor Rey D. Joaõ IV. Senhor do Morgado instituido por seu tio D. Henrique de Noronha para os filhos segundos daquella Casa, que faleceo a 28 de Fevereiro de 1668; e teve a D. ANTONIO ESTEVAÕ DA COSTA, Armeiro mór, de quem fizemos mençaõ no §. II. Capitulo IV. do Livro XII. pag. 442, e a Dona VIOLANTE DE NORONHA, que morreo de tenra idade; e illegitimos a D. JOANNA, Freira no Paraiso de Evora, D. LUIZA, Freira na Esperança de Villa-Viçosa, D. PEDRO, e D. LUIZ DA COSTA, dos quaes naõ sabemos estado.

* 15 D. MARIA DE MENDOÇA, filha de D. Antonio da Costa, e de sua mulher D. Magdalena de Mendoça, casou, como dissemos, com Dom Pedro Joseph de Mello, (irmaõ de D. Joaõ de Mello, Bispo de Elvas, e de Viseu, que tendo regido estas Igrejas como bom Pastor, foy promovido à de Coimbra, e foy Conde de Arganil, Prelado muy exemplar, grande esmoler, amado de todo o Reyno pelas suas singulares virtudes, que acabou com opiniaõ de santidade a 28 de Junho de 1704) foy Governador, e Capitaõ General do Maranhaõ; e desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: ☰ 16 D. JORGE DE MELLO, que moreo na batalha de Montes-Claros. ☰ 16 D. ANTONIO JOSEPH DE MELLO, que succedeo na Casa;

sa; e da sua successaõ tratámos no Livro XII. Capitulo IV. §. II. deste Tomo. ⩶ 16 D. Luiz de Mello, Commendador na Ordem de Malta, que foy na guerra Governador de Evora. E teve bastardo em Maria Arnau ⩶ 17 a D. Christovaõ de Mello, que foy servir à India, o que fez com tanta distincçaõ, e occupou os mayores póstos do Estado, e foy Védor da Fazenda, e Governador do Estado, onde casou com D. Lucrecia Pascoella de Mendoça, filha de Dom Joaõ Chrysostomo de Castro, e de sua mulher D. Luiza Francisca de Mendoça, natural de Baçaim, de quem teve hum filho, e huma filha: ⩶ * 18 D. Joaõ Joseph de Mello, adiante, ⩶ 18 e a D. Joanna de Mello e Mendoça, que casou com D. Lourenço de Noronha, filho dos IV. Condes dos Arcos D. Marcos de Noronha, e D. Maria Josefa de Tavora, filha dos primeiros Marquezes de Tavora, de quem teve D. N. . . . . . ⩶ * 18 D. Joaõ Joseph de Mello, Commendador da Ordem de Christo, casou com D. Ignacia Leonor de Vilhena, filha do General D. Francisco de Sottomayor, e de sua mulher D. Maria Telles de Menezes, filha de Manoel de Sousa de Mello, de quem tem ⩶ 19 D. Christovaõ de Mello, D. Francisco de Mello, e D. N. . . . ⩶ 16 D. Joseph de Mello, que seguio a vida Ecclesiastica, e foy Conego na Cathedral de Coimbra, e Deputado da Junta dos Tres Estados. ⩶ * 16 D. Francisco de Mello, adiante. ⩶ 16 D. Joaõ de Mello, sem estado.

* 16 D. Francisco de Mello foy destinado para a Religiaõ de Malta, cujo habito teve; e depois de estar algum tempo no serviço da Religiaõ, a largou, e casou com D. Joanna de Abreu e Mello, filha herdeira de Joaõ de Abreu e Mello, e de sua mulher D. Maria Brandoa, de quem teve os filhos seguintes: ⵎ 17 D. Maria Josefa de Mendoça, que nasceo a 9 de Janeiro de 1677, Religiosa de S. Bernardo no Mosteiro de Lorvaõ, de que foy Abbadessa. ⵎ 17 D. Josefa de Mendoça nasceo a 5 de Novembro de 1680, Freira no Sacramento de Lisboa, da Ordem de S. Domingos, e se chama Sor Maria Magarida. ⵎ 17 D. Marianna Josefa de Mendoça nasceo a 11 de Dezembro de 1681, recolhida no Mosteiro de Lorvaõ, onde faleceo. ⵎ * 17 D. Joaõ de Mello, adiante. ⵎ 17 D. Luiza de Mendoça nasceo a 17 de Julho de 1686, que casou com Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, Commendador de Santa Maria de Cea, e de Villa-Cova na Ordem de Christo, e do Couto de Outil, Alcaide mòr de Sines, Donatario das Capitanías de Santo Antonio de Alcantara, de Santa Cruz de Camuta com cincoenta legoas de Costa, cada huma no Estado do Maranhaõ, de que foy Governador, e Capitaõ General, e depois das Minas Geraes, e ultimamente do Reyno de Angola, onde faleceo no anno de 1725, de quem nasceo unico ⵎ 18 Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, que foy seu successor, e casou com D. Theresa

Theresa de Lencastre, como escrevemos a pag. 634 do Tomo X. ⩶ * 17 D. JOAÕ DE MELLO E ABREU nasceo a 20 de Janeiro de 1685, succedeo nos Morgados de sua mãy. Casou a 6 de Agosto de 1702 com D. Isabel Bernarda de Vasconcellos, que faleceo a 20 de Janeiro de 1741, filha herdeira de Miguel Soares de Vasconcellos, como dissemos no Capitulo V. deste Livro; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes: ⩶ 18 D. FRANCISCO nasceo em Outubro de 1703, e faleceo logo. ⩶ 18 D. JOANNA BERNARDA DE VASCONCELLOS nasceo a 10 de Setembro de 1705, que sendo Moça do Coro do Mosteiro da Encarnaçaõ, passou para o do Sacramento de Lisboa, e se chama Joanna de Jesu. ⩶ 18 D. JERONYMA nasceo a 30 de Setembro de 1706, e morreo a 3 de Setembro de 1716. ⩶ 18 D. FRANCISCO nasceo a 19 de Outubro de 1707, e morreo de tres annos. ⩶ 18 D. MIGUEL DE MELLO ABREU SOARES DE VASCONCELLOS nasceo a 20 de Setembro de 1709, Senhor dos Morgados de sua mãy. Casou a 4 de Outubro de 1744 com sua prima segunda Dona Marianna Josefa de Bourbon, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, filha de D. Pedro Joseph de Mello, Védor que foy da Casa da mesma Rainha; e de D. Maria Antonia de Bourbon, de quem fizemos mençaõ a pag. 858 do Tomo X. ⩶ 18 D. JOSEPH DE MELLO, que nasceo a 26 de Dezembro de 1711, e morreo a 22 de Abril de 1712. ⩶ 18 D. MAGDALENA LUIZA DE VASCONCELLOS nasceo a 5 de

de Julho de 1713, Moça do Coro da Encarnaçaõ de Lisboa. ☵ 18 D. Pedro, que nasceo a 15 de Agosto de 1714, faleceo em 1736. ☵ 18 D. Luiza nasceo no primeiro de Novembro de 1714, morreo em 1718. ☵ 18 D. Anna nasceo a 23 de Julho de 1716, com tres mezes faleceo. ☵ 18 D. Antonio de Mello nasceo a 18 de Mayo de 1718, Monge de Cister, morreo em Setembro de 1741. ☵ 18 D. Maria nasceo a 20 de Janeiro de 1720, morreo em 1725. ☵ 18 D. Bernardo Joseph de Mello nasceo a 28 de Abril de 1721; estuda em a Universidade de Coimbra. ☵ 18 D. Joaõ nasceo a 2 de Novembro de 1723, faleceo em 1731. ☵ 18 D. Violante de Mello nasceo a 26 de Dezembro de 1724, Moça do Coro da Encarnaçaõ de Lisboa.

* 13 D. Anna de Eça, filha segunda de Dom Fernando de Eça, e de sua mulher D. Guiomar Pacheco. Casou com D. Ayres Correa, filho quinto de Simaõ Correa, Capitaõ de Azamor, Estribeiro mór da Infanta D. Brites, Duqueza de Saboya, a quem acompanhou com este cargo à sua Corte, e lá foy Conde de Lins; e de sua mulher D. Theresa de Brito, filha de Ruy Casco. Acompanhou a Infanta a Saboya D. Ayres, e foy seu Pagem: era Cavalleiro de Malta; porém annullou a profissaõ, e o Papa aceitou as suas escusas; e deste matrimonio nasceraõ ☵ 14 Pedro Alvares Correa, que servindo em Tangere huma Commenda, foy morto pelos Mouros. ☵ * 14 D. Simaõ de Eça, adiante. ☵ 14 D.

Maria

Maria de Eça, que casou com Christovaõ Falcaõ de Sousa, Commendador de Nossa Senhora dos Casaes na Ordem de Christo, e Governador da Ilha da Madeira, de quem naõ teve successaõ, e foy sua segunda mulher. = * 14 D. Simaõ de Eça, foy Commendador de Santa Martha, junto a Villa-Real, da Ordem de Christo. Casou com D. Maria da Sylva, filha de Manoel Drago da Sylva, e de sua mulher D. Leonor de Sampayo; e tiveraõ os filhos seguintes: = 15 D. Manoel de Eça, a quem naõ sey estado. = 15 D. Antonio de Eça, que foy Monge de S. Bernardo. = 15 D. Pedro de Eça, a quem tambem naõ sabemos estado. = 15 D. Leonor, e D. Anna de Eça, Freiras no Mosteiro de Santa Anna da Villa de Vianna. = 15 D. Maria, D. Guiomar, D. Ignez, e D. Francisca, que naõ tiveraõ estado.

§. II.

12 D. Francisco de Eça, filho terceiro de D. Pedro de Eça, Alcaide môr de Moura, casou com Dona Maria de Ataide, filha de Jorge Barreto, Commendador de Castro-Verde na Ordem de Santiago, e de sua mulher D. Joanna da Sylva, filha de Fernaõ de Albuquerque, Senhor de Villa-Verde, a qual ficando viuva, casou segunda vez com D. Alvaro de Lima; e de seu primeiro marido teve os filhos seguintes: = 13 D. Pedro de Eça passou a servir à India no anno de 1538 com o Vice-Rey D. Garcia

Emmenta da Casa da India do anno de 1538 pag. 136.

Garcia de Noronha, e levava de moradia de Fidalgo Escudeiro quatro mil e quatrocentos reis, sendo Governador o grande D. Joaõ de Castro. No anno de 1548 era Capitaõ de hum Navio da Armada, que mandava D. Alvaro de Castro, filho do Governador, quando foy a Adem. Depois já sendo Governador Francisco Barreto, quando passou ao Norte, o acompanhou com hum Navio à sua custa no anno de 1556. ElRey D. Joaõ III. lhe deu a Capitanía das Naos, que vaõ de Goa para Banda. Naõ casou, e faleceo na India. ⁝ * 13 D. Jorge de Eça, com quem se continúa. ⁝ 13 D. Rodrigo de Eça, foy Religioso Carmelita, e Mestre em Theologia, como refere Affonso de Torres. ⁝ 13 D. Antonio de Eça, servio na India, e morreo cativo em poder dos Mouros em Adem. ⁝ 13 D. Joanna de Eça casou com Estevaõ de Esparragosa e Sousa, e tiveraõ ⁝ 14 Christovaõ de Esparragosa, que passando à India, morreo valerosamente no cerco de Chaul, no tempo de D. Luiz de Ataide. ⁝ 14 Jorge de Sousa de Eça, Commendador da Ordem de Christo, que morreo sem deixar geraçaõ legitima, e teve ⁝ 15 D. Joanna de Sousa, que casou com Luiz de Goes de Aragaõ, Desembargador dos Aggravos, e tiveraõ ⁝ 16 D. Branca de Eça casou com Henrique de Menezes da Sylveira, sem successaõ. ⁝ 14 D. Catharina de Eça casou com Manoel Barreto Rolim, que no anno de 1605 passou à India por Capitaõ de huma Nao, e voltando, se perdeo na barra

Decada 6. liv. 6. cap. 4.

Decada 7. liv. 3. cap. 9.

ra de Lisboa, defronte de S. Giaõ; e escapando com vida, tornou à India por Capitaõ de outra Nao, e morreo na viagem; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 15 RUY BARRETO, adiante. ⩶ 15 JORGE BARRETO casou em Béja com D. Jeronyma de Brito, filha de Joaõ Bocarro, sem successaõ. ⩶ 15 D. ISABEL, D. VICENCIA, e D. GUIOMAR, Freiras em Coz, da Ordem de S. Bernardo, onde a primeira foy Abbadessa, e outras em Santa Clara de Béja. ⩶ * 15 RUY BARRETO ROLIM, servio na India, e depois na restauraçaõ da Bahia; foy Commendador de Castro Laboreiro, e casou com Dona Catharina, de quem nasceo ⩶ 16 MANOEL BARRETO ROLIM, sem geraçaõ, e D. IGNEZ DE EÇA, mulher de Jeronymo da Sylveira, e depois de Martim Soares Teixeira, de quem teve ⩶ 17 FRANCISCO SOARES DE ESPARRAGOSA, que viveo na India. ⩶ 14 D. ISABEL DE EÇA, Abbadessa do Mosteiro de Coz, da Ordem de S. Bernardo, ⩶ 14 e D. ANNA DE EÇA, que foy a ultima filha de Estevaõ de Esparragosa, esteve desposada com D. Joaõ de Sousa.

* 13 D. JORGE DE EÇA passou à India em companhia de seu irmaõ D. Pedro no anno de 1538, e nelle se verificou a viagem de Banda, de que ElRey tinha feito merce a seu irmaõ, que elle foy fazer, sendo Vice-Rey D. Pedro Mascarenhas, no anno de 1554, tendo já passado a Maluco por Capitaõ da viagem no anno de 1542: ficou servindo depois de Capitaõ môr do mar de Maluco, sendo Capitaõ da

Decada 6. liv. 10. cap. 8.

Decada 7. liv. 1. cap. 7. liv. 5. cap. 3.

Chronica delRey Dom João III. part. 4. cap. 126.

Fortaleza D. Duarte de Eça, a quem a Nobreza, e povo, pelas ſuas deſordens, tirava o governo, e o dava a D. Jorge, que o naõ quiz aceitar. Sobre o ſeu caſamento fallaõ com variedade os Nobiliarios: porém Affonſo de Torres affirma, que caſara com D. Antonia de Menezes, filha de Bernardim da Sylva, Amo delRey D. Joaõ III. que creara ao Infante D. Antonio, de quem teve ⁐ 14 D. Paulo de Eça, que ſervio na India, e lá caſara com huma enteada de ſua madraſta, ſem ſucceſſaõ. ⁐ 14 D. Jeronyma de Menezes, que naõ teve eſtado. ⁐ 14 D. Bernarda, a quem outros chamaõ D. Guiomar de Eça, mulher de Bento de Lemos; e depois de Manoel de Miranda na India, como affirma Torres. Caſou ſegunda vez com D. Iſabel Lamprea, filha de Pedro Lamprea, a quem Affonſo de Torres dá os filhos ſeguintes: (Diogo Gomes de Figueiredo naõ lhe dá mais, que huma filha da dita D. Iſabel, que naõ tem por ſua mulher, o que ſeguem outros Nobiliarios) D. Isabel Lamprea caſada com Fernaõ Peres de Andrade. ⁐ 14 D. Francisco de Eça naſceo na India, onde ſervio com reputaçaõ; no anno de 1584 foy Capitaõ da Armada, em que o Vice-Rey D. Franciſco Maſcarenhas, Conde de Orta, foy ao Norte. No anno de 1599, ſendo Vice-Rey o Conde Almirante, fez Dom Franciſco huma viagem à China; depois foy deſpachado com a Capitanía de Damaõ, e em quanto naõ entraſſe nella, com o Forte de Gaſpar Dias, na Ilha de Goa. Caſou

Torres, *Nobiliario* em titulo de *Eças.*

ſou com Dona Joanna de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, a quem chamaraõ o *Ruivo*; era viuva de Gaſpar Velho, de quem naõ teve filhos. ☱
14 D. Antonia, que caſou com Jorge da Sylva na India.

§. III.

* 12 D. Joaõ de Eça, filho illegitimo de Dom Pedro de Eça, ſervio alguns annos em Africa, ſendo Fronteiro em Tangere; no anno de 1518 vencia de moradia de Fidalgo Cavalleiro dous mil quinhentos e trinta e quatro reis. Paſſou à India no anno de 1512 por Capitaõ de huma Nao da Armada, de que era Capitaõ môr Jorge de Mello Pereira, e lá ſervio com diſtincçaõ em tempo de Affonſo de Albuquerque, com quem ſe achou na tomada do Caſtello de Beneſtarim, e aſſalto da Cidade de Adem no Eſtreito; e ſendo Capitaõ de hum Navio, ſalvou com muita diligencia na Ilha do Camaraõ a Affonſo de Albuquerque, que nelle ſe perdia. No anno de 1515 foy Capitaõ de Goa, e acabado o ſeu tempo, voltou para o Reyno com D. Garcia de Noronha; e no de 1535 tornou à India deſpachado para a Fortaleza de Goa, em companhia do meſmo D. Garcia, quando foy por Vice-Rey; e em quanto naõ entraſſe, venceſſe duzentos mil reis de entertenimento; e juntamente o fez ElRey D. Joaõ III. do ſeu Conſelho: e quando o meſmo Vice-Rey paſſou ao Norte

a fazer a paz com o Çamorim, o acompanhou, sendo Capitaõ de huma Nao da Armada; e no anno de 1541 voltou ao Reyno por Capitaõ môr. Casou com D. Mecia Mecejana, filha de Affonso Mendes Mecejana, hum Cavalleiro de Tangere; e teve estes filhos: ⵘ * 13 D. BERNARDO DE EÇA, adiante. ⵘ 13 D. FILIPPA DE EÇA. ⵘ 13 D. JOANNA DE EÇA casou com Joaõ Pereira de Antas, Embaixador em França, sem successaõ. E teve illegitimos. ⵘ 13 D. AFFONSO DE EÇA, que passou à India no anno de 1537. ⵘ 13 D. ANTONIO DE EÇA, que no anno de 1535 passou a servir à India, sendo Capitaõ môr Fernaõ Peres de Andrade, levando de moradia de Fidalgo Escudeiro dous mil duzentos e sessenta e cinco reis; e voltando ao Reyno, tornou segunda vez à India com o Grande D. Joaõ de Castro, Governador do Estado, a quem acompanhou no soccorro de Dio, sendo Capitaõ de hum Navio da Armada. Naõ casou.

Emmenta da Casa da India do anno de 1535 pag. 73.

* 13 D. BERNARDO DE EÇA teve huma Commenda na Ordem de Christo, de que lhe fez merce ElRey D. Sebastiaõ no anno de 1562. Casou duas vezes, a primeira com D. Aldonça de Eça sua prima, filha de Christovaõ Moniz, Commendador de Panojas, e de sua mulher Dona Isabel de Eça; e teve os filhos seguintes: ⵘ 14 D. JOAÕ DE EÇA, que passou a servir à India, o que fez com tanta distincçaõ, até que os Mouros o mataraõ no assalto de Mangalor no anno de 1568, acompanhando ao Vice-

Rey Dom Antaõ de Noronha. Havia casado, no anno em que passou à India, com Dona Elena da Costa, filha de Salvador Correa da Sylva, e de D. Violante da Costa, que depois casou com o Chronista môr do Reyno Francisco de Andrade; porém naõ tiveraõ successaõ. ⩶ 14 D. ALDONÇA, e D. CATHARINA, Freiras em Lorvaõ, da Ordem de S. Bernardo. Casou segunda vez Dom Bernardo de Eça com D. Violante da Costa, que havia sido casada com Salvador Correa da Sylva, e era filha de Gomes da Costa, e de sua mulher D. Leonor Camella, que alguns dizem ser irmaõ de D. Alvaro da Costa, de quem naõ teve successaõ.

§. IV.

* 12 D. JORGE DE EÇA, filho illegitimo de D. Pedro de Eça, casou com D. Isabel de Almada, filha de Fernaõ Rodrigues de Almada, hum dos primeiros Capitaens da Conquista da India, e de Catharina Carreira de Almada sua mulher; e tiveraõ estes filhos: ⩶ * 13 D. FERNANDO DE EÇA, adiante. ⩶ 13 D. PEDRO DE EÇA servio na India alguns annos, e faleceo sem estado. ⩶ 13 D. TRISTAÕ DE EÇA passou no anno de 1538 à India com o Vice-Rey D. Garcia de Noronha, e levava moradia de Moço Fidalgo. Havia sido casado com D. Cecilia Cardiga, filha de Jorge Cardiga, homem honrado de Almada, de quem naõ teve filhos. ⩶ 13 D. CHRISTOVAÕ

Emmenta da Casa da India do anno de 1538 Pag. 136.

TOVAÕ DE EÇA, que naõ teve eſtado. ⧖ 13 D. CATHARINA, e D. LEONOR, Religioſas em Lorvaõ, da Ordem de S. Bernardo.

* 13 D. FERNARDO DE EÇA paſſou por cauſa de hum omiſio à India no anno de 1537 com Diogo Lopes de Souſa, e voltando ao Reyno, foy Trinchante do Infante Cardeal D. Affonſo. Caſou com D. Leonor de Guſmaõ, filha de Joaõ de Teive, da Ilha Terceira, e de D. Brites de Horta ſua mulher, e tiveraõ ⧖ 14 a D. MARIA DE EÇA, primeira mulher de Joaõ Rodrigues Peſſanha, Capitaõ da Mina, e naõ tiveraõ ſucceſſaõ, ⧖ 14 e a D. N. . . . . .

§. V.

* 12 D. CATHARINA DA GUERRA, ultima filha de Dom Pedro de Eça, caſou com Alvaro de Carvalho, Senhor do Morgado de Carvalho, e Capitaõ de Alcacer Ceguer, e teve os filhos ſeguintes: ⧖ * 13 PEDRO ALVARES DE CARVALHO, com quem ſe continúa. ⧖ 13 FRANCISCO CARVALHO, DIOGO SOARES, FRANCISCO SOARES, e JOAÕ SOARES, que todos morreraõ ſem eſtado. ⧖ * 13 D. FRANCISCA DA GUERRA, que foy primeira mulher de D. Franciſco Pereira, adiante. ⧖ * 13 D. IGNEZ DA GUERRA caſou com Chriſtovaõ de Mello, Senhor de Povolide, de quem logo trataremos. ⧖ 13 D. BRIOLANJA, que naõ teve eſtado.

* 13 D. FRANCISCA DA GUERRA caſou com D. Fran-

Francisco Pereira, Commendador do Pinheiro, Escrivaõ da Puridade, e Védor da Fazenda do Infante D. Luiz, foy Embaixador a Castella, e a Flandres, Fidalgo em quem concorreraõ boas partes; porque foy prudente, entendido, como mostrou na pratica, que fez a ElRey D. Henrique da parte do Senhor D. Antonio sobre a successaõ do Reyno; e tiveraõ os filhos seguintes: ⵘ * 14 D. JOAÕ PEREIRA, com quem se continúa. ⵘ 14 D. ANNA DA GUERRA, Dama da Rainha D. Catharina, casou com Pedro Lopes de Sousa, Senhor de Alcoentre, e Tagarro, Alcaide môr de Rio Mayor, Donatario das Capitanías de Santa Anna, e S. Vicente, no Estado do Brasil, Embaixador delRey D. Sebastiaõ em Castella, e com elle morreo na batalha de Alcacere no anno de 1578; e da sua illustre posteridade se tratará no Livro XIV. desta Obra.

* 14 D. JOAÕ PEREIRA foy Commendador do Pinheiro, e Embaixador a Castella, com tres mil cruzados de ordenado: morreo no anno de 1578 na infelice batalha de Alcacere. Casou com D. Guiomar de Castro, filha de D. Pedro de Noronha, Senhor de Villa-Verde, que por sua morte casou com Antonio de Saldanha, e de sua mulher D. Anna de Castro; e tiveraõ os filhos seguintes: ⵘ 15 D. FRANCISCO PEREIRA, que casou com D. Mecia de Noronha, e a sua posteridade deixamos escrita a pag. 223 do Tomo IX. ⵘ * 15 D. HENRIQUE PEREIRA, adiante. ⵘ 15 D. MARGARIDA, Freira em Santa Clara de

Jornada de Africa, cap. 6. pag. 443.

de Santarem, e D. MARIA DE CASTRO em Santa Martha de Lisboa. ⵘ * 15 D. Henrique Pereira, que foy o filho segundo de D. Joaõ Pereira, Commendador do Pinheiro, casou com D. Joanna Ximenes de Aragaõ, filha de Thomás Ximenes de Aragaõ, e de sua mulher Theresa de Elvas, e tiveraõ os filhos seguintes: ⵘ 16 D. MANOEL PEREIRA, que casou com D. Joanna Coutinho; e a sua successaõ fica referida no §. III. Capitulo VIII. deste Livro. ⵘ 16 D. JOAÕ PEREIRA, que mataraõ em Lisboa, e naõ teve successaõ. ⵘ 16 D. LUIZ PEREIRA, que morreo menino. ⵘ 16 D. GUIOMAR, e D. MARIA, Religiosas no Mosteiro da Esperança de Lisboa.

* 13 D. IGNEZ DA GUERRA, filha de D. Catharina da Guerra, e de Alvaro de Carvalho, Senhor do Morgado de Carvalho, casou com Christovaõ de Mello, Senhor de Povolide; e tiveraõ os filhos seguintes: ⵘ * 14 DUARTE DE MELLO, adiante. ⵘ 14 FELICIANO DA SYLVA, seguio a vida Ecclesiastica, foy Abbade de Povolide, e de Trancoso. ⵘ 14 ALVARO DE CARVALHO, que morreo hindo servir a Mazagaõ. ⵘ 14 PEDRO LOURENÇO DE MELLO, que morreo de huma balla, servindo na dita Praça. ⵘ 14 NUNO DE MELLO, que tambem servindo na India foy morto. ⵘ 14 ANTONIO DE MELLO, morto pelos Mouros, estando servindo na Praça de Mazagaõ; e de todos estes irmãos nenhum casou, nem deixou successaõ, ⵘ 14 e D. MARIA DA

GUERRA

GUERRA casou com Francisco de Barros de Paiva, filho de Joaõ de Barros de Azevedo, Contador môr do Reyno, e de sua segunda mulher Filippa de Paiva, filha de Gil Eannes de Magalhaens, a quem chamaraõ o *Cavalleiro*, por dizerem o fora da Jarretiere em Inglaterra, e outros affirmaõ o fora do Tosaõ: porém nos Catalogos, que correm dos Cavalleiros das referidas Ordens, naõ o achamos; he certo, que foy elle hum Cavalleiro dos benemeritos daquelle tempo, e Embaixador duas vezes ao Emperador Maximiliano; e de sua mulher Isabel de Paiva. Servio Francisco de Barros na India, foy Commendador da Ordem de Christo, Contador môr do Reyno, e Capitaõ da Mina, onde morreo. Acompanhou à Alemanha no anno de 1540 ao Embaixador D. Gil Eannes da Costa seu primo, com quem voltou desavindo, por em hum banquete lhe preferirem outros Cavalleiros nos lugares da mesa; e teve os filhos seguintes: ⩶ 15 JOAÕ DE BARROS, que morreo na batalha de Alcacere no anno de 1578. ⩶ 15 JOAÕ DE BARROS DA SYLVA, foy Commendador da Ordem de Christo, viveo fóra da Corte em huma Quinta sua em Pontevel. Casou com D. Maria de Menezes, filha de D. Francisco de Sousa, Commendador de Borba da Montanha na Ordem de Christo, Capitaõ da Guarda dos Reys D. Henrique, e D. Filippe II.; e de D. Luiza de Menezes sua mulher, e tiveraõ, entre outros filhos, que morreraõ, ⩶ 16 FRANCISCO DE BARROS DA SYLVA, que casou com D. Catharina

Lobo, filha de Antonio de Sousa Lobo, e teve, entre outros filhos, dos quaes naõ houve successaõ, ⩶ 16 Jorge de Barros da Sylva, que morreo moço, havendo sido casado com D. Branca da Sylva, filha de Jeronymo Rodrigues Solis, e de D. Elena da Sylva, e tiveraõ os filhos seguintes, dos quaes naõ sabemos successaõ: ⩶ 17 Diniz de Barros da Sylva. ⩶ 17 D. Filippa da Sylva, e D. Isabel de Barros.

* 15 Duarte de Mello, filho de D. Ignez da Guerra, e de Christovaõ de Mello, foy Senhor de Povolide; morreo na batalha de Alcacere no anno de 1578. Casou com D. Margarida de Mendoça, filha de Dom Duarte da Costa, Armador mór delRey, Commendador de S. Vicente da Beira na Ordem de Aviz, Governador, e Capitaõ General do Estado do Brasil, e Presidente do Senado da Camera de Lisboa; e de Dona Maria de Mendoça, filha de Francisco de Mendoça, Alcaide mór de Mouraõ, irmaõ da Duqueza de Bragança D. Joanna de Mendoça; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 16 D. Ignez de Mello, que foy herdeira, com quem se continúa. ⩶ * 16 D. Luiza da Sylva, adiante. ⩶ 16 D. Maria de Mendoça, Religiosa no Mosteiro de Lorvaõ, da Ordem de Cister. ⩶ * 16 D. Ignez de Mello, Senhora de Povolide, e herdeira da mais Casa de seu pay, casou com Simaõ da Cunha, Senhor dos Morgados de Atouguia, e Goes, e pelo seu casamento Senhor de Povolide; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶

* 17

* 17 Tristaõ da Cunha, com quem se continúa. ⩶ 17 Duarte de Mello, que morreo moço, sem estado. ⩶ 17 D. Margarida de Mello casou com D. Simaõ de Castro, Senhor de Reriz, Bemviver, e Rezende, e outras terras, de quem foy segunda mulher; e tiveraõ ⩶ 18 a D. Pedro de Castro, que foy Clerigo, e Prior de Cheleiros, e a D. Filippa de Castro, que morreo na flor da idade.

* 17 Tristaõ da Cunha foy Senhor de Povolide, e Commendador de S. Cosme de Gundar na Ordem de Christo. Casou com D. Antonia de Vasconcellos, filha herdeira de Damiaõ de Aguiar Ribeiro, do Conselho delRey, Desembargador do Paço, e Chanceller môr do Reyno, Commendador na Ordem de Christo, Alcaide môr do Cadaval, filho de Joaõ de Aguiar, e de sua mulher D. Antonia Ribeiro, filha de Gonçalo Ribeiro, e neta de Gonçalo Ribeiro, Senhor de Villarinho; e Damiaõ de Aguiar era neto de Pedro Fernandes de Aguiar, que viveo em tempo delRey D. Joaõ II. e acompanhou ao Senhor D. Alvaro, irmaõ do Duque de Bragança D. Fernando, II. do nome, quando sahio do Reyno; e voltando depois a elle, foy com os primeiros Portuguezes ao descobrimento da India, tendo sido casado com D. Maria da Grãa; o qual Pedro Fernandes de Aguiar era filho de Joaõ Fernandes de Aguiar, e de Dona Iria Gonçalves de Aboim sua mulher, o qual era filho de Roberto Fernandes de Aguiar, que viveo junto aos Arcos de Valdevez em huma nobre Quinta com a sua Torre, de

que ainda duraõ as ruinas, que herdara de ſeu pay, e foy caſado com Dona Thereſa Calheiros; o qual foy filho de Joaõ Fernandes de Aguiar Sottomayor, que de Galliza paſſou a Portugal em tempo delRey Dom Fernando, e ſe eſtabeleceo junto aos Arcos de Valdevez, e foy caſado com D. Conſtança Eannes de Moſcoſo. Foy Damiaõ de Aguiar hum dos Varoens grandes do ſeu tempo por letras, e prudencia, a que ajuntava conhecida nobreza em ſeus progenitores. Morreo a 27 de Julho de 1618, havendo ſido caſado com D. Franciſca de Mendoça e Vaſconcellos, que faleceo a 21 de Setembro de 1650, e jazem em Santo Antonio dos Capuchos de Lisboa; e era filha herdeira de Manoel Mendes de Vaſconcellos, Senhor do Morgado das Vidigueiras, deſcendente por varonía da antiga, e illuſtre familia de Vaſconcellos; e de ſua mulher D. Catharina de Mendoça; e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⌶ 18 Luiz da Cunha de Ataide, Senhor de Povolide, que caſou com D. Guiomar de Lencaſtre, e a ſua illuſtre poſteridade eſcrevemos no Livro XI. Capitulo XIV. deſte Tomo. 18 Nuno da Cunha de Ataide, que foy Conde de Pontevel pelo ſeu caſamento; ſervio na guerra da Acclamaçaõ, foy Preſidente do Senado da Camera de Lisboa, e da Junta do Commercio, do Conſelho de Guerra, Eſtribeiro mór da Infanta D. Iſabel, e Embaixador para conduzir de França a Portugal a Rainha da Grãa Bretanha D. Catharina. Caſou com D. Elvira de Mendoça, Condeſſa de Pontevel, Dama

ma da Rainha D. Luiza, e da Rainha da Grãa Bretanha, a quem acompanhou a Inglaterra; e ficando viuva, fundou a Igreja de Nossa Senhora da Encarnaçaõ de Lisboa, que dotou pia, e generosamente. ⌶ * 18 D. Francisca Luiza de Vasconcellos, adiante. ⌶ 18 Fr. Manoel da Cunha, Religioso Trino. ⌶ 18 Fr. Pedro da Cunha, Religioso da mesma Religiaõ, de que foy Provincial: faleceo a 16 de Novembro de 1725. ⌶ 18 D. Isabel de Menezes, Freira na Encarnaçaõ de Lisboa, da Ordem de S. Bento de Aviz, de que foy Commendadeira. ⌶ 18 E outras, que foraõ Religiosas, duas em Santa Martha, e outra na Madre de Deos de Lisboa.

* 18 D. Francisca Luiza de Vasconcellos e Mendoça casou com D. Manoel Chil de Rolim, XV. Senhor de Azambuja, e Montargil, e tiveraõ a D. Francisco Rolim de Moura, que foy XVI. Senhor da Azambuja, e Senhor da Casa de seu pay: morreo moço em Janeiro de 1677, sem ter casado; e teve natural a D. Manoel Rolim de Moura, que foy Governador do Maranhaõ, e Capitaõ General de Mazagaõ, e de Pernambuco. Faleceo a 11 de Julho de 1738, tendo sido casado duas vezes, a primeira com D. Marianna de Vasconcellos, filha de Lourenço Garcez Palha, e de D. Francisca Maria Coutinho de Menezes. E a segunda vez com D. Maria Antonia Henriques, viuva de Joaõ Pedro de Saldanha, Morgado de Oliveira, filha de André Lopes da Lavre, Donatario da Carvoeira, Secretario do

Conse-

Conselho Ultramarino, Commendador da Ordem de Christo, e Alcaide môr de Serolico, e de sua mulher D. Briolanja Henriques: porém de nenhum destes matrimonios teve successaõ. ⩶ 19 D. JOAÕ ROLIM DE MOURA DA SYLVEIRA succedeo a seu irmaõ na Casa, e foy XVII. Senhor da Azambuja. Casou com D. Antonia Mauricia da Sylva, Dama do Paço, filha de Martim Correa da Sylva, Alcaide môr de Tavira, Commendador de Pena-Mayor, e de D. Violante de Albuquerque sua mulher, de quem naõ teve successaõ; elle morreo em Fevereiro de 1718, e o seu Morgado passou a Nuno de Mendoça, IV. Conde de Val de Reys, e o Senhorio da Azambuja a D. Antonio Rolim de Moura, filho terceiro do dito Conde, que he XVIII. Senhor da Azambuja.

* 12 PEDRO ALVARES DE CARVALHO, filho de D. Catharina da Guerra, e de Alvaro de Carvalho, succedeo na sua Casa, foy Senhor do Morgado de Carvalho, e Capitaõ de Alcacer Ceguer em Africa. Casou com D. Maria de Tavora, filha de D. Martinho de Tavora, que foy Capitaõ de Alcacer Ceguer, onde os Mouros o mataraõ, e de D. Isabel Pereira, filha de Ruy Dias de Sampayo, Senhor de Anciaens, e Villarinho, e de D. Constança Pereira, sobrinha do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 13 ALVARO DE CARVALHO, com quem se continúa. ⩶ 13 GIL FERNANDES DE CARVALHO, Commendador na Ordem de Christo, que servio na India com grande reputaçaõ, e morreo voltan-

voltando para o Reyno. ⩶ * 13 BERNARDIM DE CARVALHO, Commendador da Facha na Ordem de Christo, Capitaõ de Tangere no anno de 1554, onde conseguio gloriosos successos naquella guerra, em que he memoravel a derrota do Alcaide Seros, que matou com grande parte da sua gente; governou dez annos com prudencia, e acerto, como refere o Conde da Ericeira. Casou com D. Violante de Mendoça, filha de Diogo Lopes de Sousa, Capitaõ de Dio, e tiveraõ ⩶ 14 DIOGO LOPES DE CARVALHO, Capitaõ de Mazagaõ, Commendador da Facha na Ordem de Christo, onde teve outra Commenda. Morreo estando contratado para casar com huma filha de Tristaõ da Cunha. ⩶ 14 ANDRE' DE CARVALHO, que morreo na India. ⩶ 14 D. ISABEL DE MENDOÇA, mulher de Gil Fernandes de Carvalho, Senhor de Carvalho. ⩶ 14 D. MARIA, e D. BERNARDINA, Religiosas no Convento de Santa Clara de Lisboa. ⩶ 14 ALVARO DE CARVALHO, que foy Capitaõ de Malaca, onde o mataraõ os Hollandezes. ⩶ 14 PEDRO ALVARES DE CARVALHO, sem estado. ⩶ 13 MARTIM DE TAVORA, e ANDRE' DE CARVALHO, foraõ Religiosos da Companhia. ⩶ 13 ANTONIO DE CARVALHO, e CHRISTOVAÕ DE CARVALHO, que morreraõ sem deixar geraçaõ. ⩶ * 13 D. CONSTANÇA DE TAVORA, adiante. ⩶ 13 D. CATHARINA, Freira no Paraiso de Evora, ⩶ 13 e RUY DE SOUSA DE CARVALHO, que foy o oitavo filho na ordem do nascimento: foy Governador de Maza-

Ericeira, *Historia de Tangere*, liv. 2. pag. 76.

Historia de Tangere, liv. 2. pag. 79.

Mazagaõ na ausencia de seu irmaõ; e no seu tempo lhe puzeraõ os Mouros sitio à Praça, reynando El-Rey D. Sebastiaõ, que elle prevenio, e rebateo valerosamente, em quanto naõ chegou seu irmaõ Alvaro de Carvalho. Depois o foy de Tangere no anno de 1574, sendo hum dos insignes Capitaens, que governaraõ aquella Praça, donde sahindo ao campo, correraõ os Mouros com grande poder; e tendo peleijado valerosamente com os Mouros, morreo em Mayo de 1575, deixando com o seu sangue, e de muitos nobres Cavalleiros, esclarecida a sua illustre pessoa. Casou com D. Maria da Sylveira, filha de Belchior Serraõ, Secretario de Estado da India, e depois Desembargador dos Aggravos, e de D. Margarida de Sousa, e tiveraõ ⩶ * 14 PEDRO ALVARES DE CARVALHO, adiante. ⩶ 14 D. MARGARIDA DA SYLVEIRA, mulher de Tristaõ da Cunha, Alcaide môr de Terena, e foy sua segunda mulher, de quem procrearaõ os filhos seguintes: ⩶ * 15 PEDRO DA CUNHA, adiante. ⩶ 15 NUNO DA CUNHA, que faleceo moço. ⩶ 15 LUIZ DA CUNHA, que depois de ter sido Conego Secular de S. Joaõ Euangelista, foy Abbade de Cadanesses. ⩶ 15 ESTEVAÕ DA CUNHA, que seguio tambem a vida Ecclesiastica; foy Prior de S. Jorge de Lisboa, Conego na Sé do Algarve, Deputado do Santo Officio, e Bispo eleito de Miranda, e morreo no anno de 1666; e sendo moço, teve a PEDRO DA RESSURREIÇAÕ, Conego da Congregaçaõ de S. Joaõ Euangelista. ⩶ 15 D. MARIA, Freira,

Freira na Esperança de Lisboa. ≍ 15 D. Guiomar, e D. Catharina, que naõ tiveraõ estado, e viveraõ com singular recolhimento, e virtude. ≍ * 15 Pedro da Cunha, foy Alcaide môr de Terena, Commendador de S. Salvador de Sanguinhedo na Ordem de Christo. Casou com D. Catharina de Menezes, filha de Gonçalo Pires Carvalho, do Conselho del-Rey, Provedor das obras do Paço, e Commendador de S. Pedro de Aguiar da Beira na Ordem de Christo, e de D. Camilla de Noronha sua mulher; e tiveraõ os filhos seguintes: ≍ 16 Gonçalo Vaz da Cunha, que foy Alcaide môr de Terena, e servio na guerra da Acclamaçaõ com valor, e distincçaõ: foy Capitaõ de Cavallos, e Mestre de Campo na Provincia do Minho: morreo moço sem casar no anno de 1665. ≍ 16 Tristaõ da Cunha, que desgraçadamente mataraõ huma noite em Lisboa, depois de valerosamente resistir aos inimigos. ≍ 16 D. Camilla de Noronha. ≍ 16 Gil Vaz da Cunha illegitimo, que morreo na India no assalto de Negumbo no anno de 1644, sem successaõ, havendo casado na Beira com D. Filippa de Azevedo. ≍ 16 D. Margarida de Santo Antonio, tambem illegitima, Religiosa Capucha no Mosteiro de Sacavem.

* 13 D. Constança de Tavora, filha de Pedro Alvares de Carvalho, casou com Joaõ de Sepulveda, que foy Capitaõ de Sofalla; e voltando ao Reyno, o mandou ElRey D. Joaõ III. no anno de 1532 a Saboya a visitar a Infanta D. Brites sua irmãa,

Duqueza de Saboya; e tiveraõ os filhos seguintes:
⊏ 14 Diogo de Sepulveda, servio em Mazagaõ, onde parece morreo. Pedro Alvares de Sepulveda, que passou com ElRey D. Sebastiaõ à Africa, e morreo na batalha de Alcacer no anno de 1578. D. Maria de Tavora, que foy herdeira, e casou com seu primo com irmaõ Pedro Alvares de Carvalho, de quem adiante se tratará.

* 13 Alvaro de Carvalho, Senhor de Carvalho, Commendador de Santa Maria de Senhorim na Ordem de Christo, taõ valeroso, e prudente, como os seus mayores, como se vio no apertado sitio, que no tempo que era Governador de Mazagaõ lhe puzeraõ os Mouros no anno de 1562. Na Regencia da Rainha D. Catharina achava-se em Lisboa, e governava na sua ausencia seu irmaõ Ruy de Sousa de Carvalho, que destemidamente se preparou a receber o Exercito do Xarife Muley Abdala, que se compunha de cento e sessenta mil combatentes, em que havia muitos Turcos, e Granadinos, mandando reparar com admiravel acordo as partes precisas das muralhas. Chegando a noticia à Corte, mandou logo a Rainha Regente com hum bom soccorro ao Governador Alvaro de Carvalho a meterse na Praça, donde os nossos se defenderaõ com admiravel valor dos ardîs, e machinas de taõ numeroso Exercito, que cegando o fosso, levantaraõ hum monte de terra, em que chegaraõ a peleijar os nossos da muralha, como se estivessem na Campanha, peito a peito, lança a lança,

Faria, *Africa Portug.* tomo unico, cap. 12. pag. 206.

lança, e eſpada a eſpada, onde obraraõ os noſſos milagres do valor, naõ ſendo menor o dos inimigos. Tinhaõ já paſſado ſeis ſemanas, em que de parte a parte ſe fizeraõ acções memoraveis. Era já adiantado o mez de Abril, quando a 23 dia de S. Jorge, Patraõ de Portugal, que contra os ſeus inimigos lhe deu ſempre vitorias, quando o Xarife reſolveo inveſtir a Praça com todo o ſeu Exercito; deraõ o aſſalto com grande ardor, e fizeraõ eſtrago nos noſſos, que valeroſamente lhe reſiſtiraõ com tanta conſtancia, que em fim ſe retiraraõ corridos. Na noite feſtejaraõ os noſſos a vitoria com inſtrumentos, e vivas, que os inimigos ouviraõ com tal ſilencio, que os noſſos entenderaõ haviaõ largado o poſto, que occupavaõ. Depois continuaraõ o ſitio, até que no primeiro de Mayo deraõ os Mouros o ultimo aſſalto, em que ſe peleijou com taõ denodado brio, e valor de huma, e outra parte, como ſe fora a primeira vez, que vieſſem às mãos; depois de muitas mortes de ambas as partes, a noite os dividio, e o dia moſtrou, que os Barbaros deſiſtiraõ da empreza, retirando-ſe da Praça. He memoravel eſte ſitio pela diſpoſiçaõ do Governador, e pela conſtancia, e valor dos Soldados, que obraraõ taõ repetidas, e diverſas acções de Cavallaria, que todos os que nelle ſe acharaõ, merecem huma glorioſa memoria na noſſa Hiſtoria. Caſou com D. Maria de Guſmaõ, irmãa de ſeu cunhado, filha de Diogo de Sepulveda, que foy Capitaõ de Sofalla, e havia paſſado a eſte Reyno com a Rai-

nha D. Catharina de Auſtria, e faleceo a 10 de Março de 1545, e jaz no Eſpinheiro de Evora, havendo caſado neſte Reyno com D. Conſtança de Tavora, filha de D. Martinho de Tavora, e de D. Iſabel Pereira ſua mulher; e deſta uniaõ naſceraõ os filhos ſeguintes: = * 14 PEDRO ALVARES DE CARVALHO, adiante. = * 14 GIL FERNANDES DE CARVALHO, com quem ſe continúa. = 14 BERNARDIM DE CARVALHO, que paſſou a ſervir à India, e lá morreo deſgraçadamente, morto por huma Onça. = 14 D. CONSTANÇA, que morreo menina. = 14 D. JOANNA DE GUSMAÕ caſou com Dom Fernando de Faro Henriques, e a ſua ſucceſſaõ deixamos referida no Capitulo IV. do Livro VIII. pag. 631 do Tomo IX.

* 14 PEDRO ALVARES DE CARVALHO foy Senhor do Morgado de Carvalho, Commendador de Valladares na Ordem de Chriſto, e Governador da Praça de Mazagaõ, onde ſervio com a memoria, e honra dos ſeus mayores. Caſou com D. Maria de Tavora ſua prima com irmãa, filha de Joaõ de Sepulveda, e de D. Conſtança de Tavora, como fica referido; e deſte matrimonio naſceo unica = 15 D. CONSTANÇA DE CARVALHO, que foy ſua herdeira; mas naõ do Morgado de Carvalho, por excluſaõ do ſexo, em que ſuccedeo ſeu tio Gil Fernandes de Carvalho. Caſou com D. Antonio de Menezes, Commendador de Santa Maria de Caſtellobranco na Ordem de Chriſto, de quem teve = * 16 D. FERNANDO DE MENEZES, com quem ſe continúa. = 16 D.

PEDRO

Pedro de Menezes, que servio nas Armadas, e morreo desgraçadamente de hum tiro. ⁐ 16 Dom Diogo de Menezes, que naõ teve estado.

* 16 D. Fernando de Menezes, succedeo na Casa de seu pay, e foy Commendador, e Alcaide mòr da Commenda de Castello-Branco. Casou com D. Jeronyma de Toledo, filha de D. Manoel da Camera, II. Conde de Villa-Franca, Capitaõ hereditario da Ilha de S. Miguel; e da Condessa D. Leonor de Vilhena, filha de D. Fradique Henriques, Commendador mòr de Alcantara, Mordomo mòr delRey D. Filippe II. e de sua mulher D. Guiomar de Vilhena; e desta esclarecida uniaõ nasceo unica ⁐ 17 D. Leonor de Menezes, que foy sua herdeira, e administradora da Commenda de Castello-Branco; e morreo no anno de 1664, havendo casado duas vezes, a primeira com D. Fernando Mascarenhas, I. Conde de Serem, Marichal de Portugal, como se disse no §. II. do Capitulo VII. deste Livro; e a segunda vez com D. Jeronymo de Ataide, VI. Conde de Atouguia, de quem foy segunda mulher, como fica referido a pag. 461 do Tomo IX.

* 14 Gil Fernandes de Carvalho foy por morte de seu irmaõ Senhor do Morgado de Carvalho, em que succedeo, por ser varaõ chamado pelo Instituidor: foy Governador da Praça de Mazagaõ. Casou com sua parenta D. Maria de Mendoça, filha de Bernardim de Carvalho, como se disse; e tiveraõ os filhos, que se seguem: ⁐ 15 Alvaro de Carvalho

VALHO casou com D. Maria da Sylveira, filha illegitima de Pedro Alvares de Carvalho, de quem naõ teve successaõ. ⩶ 15 BERNARDIM DE CARVALHO foy Commendador de Santo André de Sever na Ordem de Christo. Casou com D. Isabel de Mendoça, viuva de André de Carvalho, filha de Fernando de Miranda, Commendador na Ordem de Santiago, e de D. Maria de Menezes sua mulher, e tiveraõ ⩶ 16 GIL FERNANDES DE CARVALHO, que morreo moço. ⩶ 16 ALVARO DE CARVALHO, que depois de servir nas Armadas de guarda Costa, e nas Campanhas do Reyno, e no Estado do Brasil, donde vindo por Capitaõ de Mar, e Guerra, se perdeo no anno de 1651 na Costa deste Reyno.

CAPITULO XII.

De Dom Rodrigo de Eça, Alcaide mór de Moura.

12 SUccedeo na Alcaidaria mór de Moura D. Rodrigo de Eça a seu pay, como dissemos, por merce delRey D. Joaõ II., e foy tambem Senhor da Portagem da dita Villa, que ElRey D. Manoel lhe confirmou no anno de 1497, e o fez do seu Conselho, e o foy do delRey D. Joaõ III. que lhe confirmou os privilegios da herdade, que fora de sua mãy. Quando o Duque de Bragança D. Jayme no

Torre do Tombo liv. 5. de Odiana, pag. 273. *Chronica delRey Dom Manoel*, part. 3. cap. 46.

no anno de 1513 passou à Africa, elle foy hum dos Fidalgos, que o acompanharaõ, e se achou na tomada de Azamor. Foy D. Pedro juntamente com sua mulher Padroeiros do Convento do Carmo da Villa de Moura, pelo que os Religiosos lhe deraõ a Capella môr com obrigaçaõ de certos encargos pios, que os Padroeiros lhe puzeraõ, e os Religiosos aceitaraõ por huma Escritura, feita na dita Villa a 17 de Mayo de 1526. Jaz na dita Capella môr em sepultura raza, onde se vem esculpidas as suas Armas, com as da Casa, de que descendia sua mulher, donde se lhe vê este letreiro:

Sepultura de D. Rodrigo Deça, Capitaõ, e Alcaide môr desta Villa.

Casou com D. Guiomar de Noronha, filha de Dom Martinho de Castellobranco, Conde de Villa-Nova, e da Condessa D. Mecia de Noronha; e tiveraõ

13 D. Ignez de Eça, que juntamente com sua mãy instituiraõ hum Morgado, que obrigaraõ à dita Capella de Moura por huma Escritura, feita em Evora a 17 de Março de 1539. Morreo sem chegar a ter estado.

13 D. Bartholeza de Eça, que tambem faleceo sem estado: pelo que sua mãy vendo-se sem marido, nem filhos, instituîo hum Morgado dos seus bens, e dos que foraõ de D. Rodrigo seu marido em Moura, de duzentos moyos de trigo de renda na dita Villa,

Villa, chamada a cabeça delle de *Montalvaõ*, que nomeou em D. Affonso de Castellobranco, Meirinho mór do Reyno seu irmaõ.

CAPITULO XIII.

De Dom João de Eça.

11 ENtre os muitos filhos, que relatámos no Capitulo III. tivera D. Fernando, Senhor de Eça, foy D. Joaõ de Eça segundo do mesmo nome, e oitavo entre seus irmãos; servio em Africa com distincçaõ, sendo Fronteiro do Conde de Vianna D. Duarte de Menezes no anno de 1458, a quem acompanhou em todas as occasioens, em que o Conde sahio da Praça, como foy na de Canhete, em que o armou Cavalleiro; sendo os proprios merecimentos de D. Joaõ, os que obrigaraõ, e lembraraõ ao Conde aquella distincçaõ. Depois quando ElRey Dom Affonso V. passou à Africa no anno de 1464 sobre Tangere, o acompanhou, e donde seu irmaõ, do mesmo nome, morreo valerosamente no assalto daquella Praça; e este nos parece ser o de que faz mençaõ Zurita, que se achou na batalha de Touro com D. Pedro de Eça seu irmaõ no anno de 1475, como dissemos no Capitulo XI. deste Livro. Casou com D. Leonor Xira Aragoneza, de quem naõ teve successaõ; e teve illegitimos os filhos seguintes: = 12 D. FERNANDO

NANDO DE EÇA, que morreo ſem eſtado. ⩶ 12 D. GUIOMAR DE EÇA, Religioſa no Moſteiro de Lorvaõ, da Ordem de Ciſter. ⩶ 12 D. AFFONSO DE EÇA, que caſou com D. Brites de Faria, filha de Alvaro de Faria, Commendador do Seixo, e do Caſal, na Ordem de Aviz, de quem naõ teve filhos.

CAPITULO XIV.

De Dom Duarte de Eça.

11 NO Capitulo III. ſe diſſe, que D. Duarte de Eça fora filho de D. Fernando de Eça, o qual foy Clerigo; mas naõ daquelles coſtumes annexos à obrigaçaõ do eſtado, que abraçara; porque teve o filho ſeguinte:

12 D. GOMES DE EÇA, que caſou com Dona Iſabel Peſſanha, filha de Joaõ Peſſanha, Senhor do Morgado de Santa Cruz de Alenquer, e de D. Violante Zapata ſua mulher; e teve ⩶ 13 D. ANTONIA DE EÇA, que caſou duas vezes, a primeira com Fernando Martins Euangelho, de quem teve ⩶ 14 D. ANTONIA DE EÇA, que caſou com Antonio da Fonſeca Pinto, de quem naõ temos noticia. Caſou ſegunda vez com Paulo Ferreira de Guſmaõ, de quem naſceo ⩶ 14 D. BERNARDA DE EÇA, mulher de Duarte Paim da Camera, e tiveraõ ⩶ 15 ANTONIO PAIM DA CAMERA, que caſou com Brites Car-

reira, filha de Balthaſar Pinto, de quem naſceo ⊏⊐ 16 Agostinho Paim da Camera, que foy Clerigo. Teve illegitimos D. Gomes de Eça os dous filhos ſeguintes: ⊏⊐ * 13 D. Duarte de Eça. ⊏⊐ * 13 D. Henrique de Eça. ⊏⊐ * 13 D. Duarte de Eça caſou em Setuval com Dona Joanna de Caſtro, filha de Martim Neto, natural daquella Villa, de quem teve ⊏⊐ 14 D. Gomes de Eça, que paſſou à India a primeira vez no anno de 1537, e depois no anno de 1546 por Capitaõ de huma Nao da Armada, de que era Capitaõ môr Ruy Lourenço de Tavora; e no meſmo anno acompanhou ao Governador D. Joaõ de Caſtro, quando ſoccorreo a Praça de Dio. Naõ caſou, nem teve ſucceſſaõ. ⊏⊐ * 14 D. Jeronymo de Eça, adiante. ⊏⊐ * 14 D. Francisco de Eça, de quem logo trataremos, e a D. Brites de Eça, que caſou com Franciſco Ferreira, da Ilha terceira. ⊏⊐ * 14 D. Jeronymo de Eça paſſou à India com o Governador D. Joaõ de Caſtro no anno de 1545, e levava de moradia mil e novecentos reis; lá foy Capitaõ de hum Navio da Armada, de que era Capitaõ môr D. Manoel de Lima. Depois acompanhou ao Governador, quando foy ſoccorrer Dio. Caſou com D. Iſabel de Brito, filha de Alvaro de Madureira, e de D. Mecia de Faria; e tiveraõ ⊏⊐ 15 a D. Alvaro de Eça, que morreo menino, ⊏⊐ 15 e a D. Mecia de Eça, que caſou com Luiz Lopes de Carvalho, Senhor de Negrellos, e Abbadim, Chanceller da Caſa da Supplicaçaõ, que teve

Emmenta da Caſa da India do anno de 1537 pag. 158.

Couto, decada 6. liv. 3. cap. 9.

teve os filhos seguintes: = 16 Gaspar, e Affonso de Carvalho, que morreraõ moços. = * 16 Diogo Lopes de Carvalho, com quem se continúa. = 16 D. Isabel de Eça, Freira em S. Bento do Porto, e outras no dito Mosteiro. = * 16 Diogo Lopes de Carvalho foy Donatario dos Coutos de Negrellos, Abbadim, &c. e casou com D. Anna de Castro, filha de Lopo Vaz de Camoens, Senhor do Morgado da Camoeira de Evora, e de sua mulher Dona Maria da Fonseca; e tiveraõ os filhos seguintes: * 17 Luiz Lopes de Carvalho, adiante. = 17 D. Maria de Castro, Freira em S. Bento de Evora. = 17 D. Mecia, Freira em Santa Clara de Evora. = 17 D. Constança de Castro, mulher de Manoel de Valladares Carneiro no Porto, de quem nasceo Joaõ de Valladares, que morreo em 1666, sem successaõ. = * 17 Luiz Lopes de Carvalho foy Senhor dos Morgados da sua Casa, e Donatario dos Concelhos de Negrellos, e Abbadim, e casou com D. Anna da Sylva, filha de Fernaõ Rebello, e de sua mulher D. Guiomar da Sylva; e a sua descendencia fica referida no Capitulo VI. pag. 677 deste Livro.

* 14 D. Francisco de Eça, segundo filho de D. Duarte de Eça, casou com D. Antonia de Mello, filha de Francisco de Mello Peixoto, e de Dona Ignez Coelho, e procrearaõ os filhos, que se seguem: = * 15 D. Duarte de Eça, com quem se continúa. = * 15 D. Jorge de Eça, de quem adi-

ante ſe tratará. ⩵ 15 D. Joanna de Mello, que caſou com Martim Affonſo de Souſa, Senhor do Morgado de Montijo, ſem ſucceſſaõ. ⩵ 15 Dona Francisca da Guerra caſou com Luiz Pinto de Caſtro, cuja ſucceſſaõ naõ chegou à noſſa noticia. ⩵ * 15 D. Duarte de Eça, que foy Capitaõ de Damaõ, paſſou a ſervir à India no anno de 1578 na Armada, de que foy Capitaõ môr D. Jorge da Sylva, e lá ſe achou em diverſas occaſioens, quando o Vice-Rey mandou ſoccorrer a Fortaleza de Damaõ, que o Mogor tinha ſitiado, foy por Capitaõ de hum Navio; depois com Martim Affonſo de Mello ſe achou na deſtruiçaõ, que fizeraõ à Armada delRey de Zereta, procedendo ſempre com tal diſtincçaõ, que ElRey lhe fez merce da Capitanía de Damaõ. Caſou com D. Maria Coutinho, filha de Miguel Rodrigues Coutinho, valeroſo Soldado na India, e de ſua mulher Iſabel da Coſta, natural de Cintra; e deſte matrimonio naſceo unica ⩵ 16 D. Isabel de Eça, que caſou com D. Alvaro da Coſta, que paſſou a ſervir à India, filho terceiro de D. Franciſco da Coſta, Embaixador à Marrocos, e de ſua mulher Dona Joanna da Sylva, e naõ tiveraõ ſucceſſaõ. ⩵ * 15 D. Jorge de Eça, filho ſegundo de D. Franciſco, no anno de 1578 paſſou à India com a moradia de Moço Fidalgo, onde depois de quatro annos voltou ao Reyno, e tornou a embarcar no anno de 1582 na Armada, de que era Capitaõ môr Antonio de Mello de Caſtro. Caſou em Portugal duas vezes, a primeira com

Emmenta da Caſa da India, anno 1578. Couto, decada 10, liv. 6, cap. 15.

com D. Luiza de Castro, que faleceo a 11 de Novembro de 1602; era filha de Gomes Borges de Castro, Commendador dos Collos de Alvallade da Ordem de Santiago, Senhor da Quinta de Colmieira, e de sua mulher D. Maria Pinto; e a segunda com D. Isabel da Sylva, filha de Duarte Peixoto da Sylva, que era viuva de Dom Jeronymo Pereira, de quem naõ teve filhos. E de sua primeira mulher teve ☷

16 D. FRANCISCO DE EÇA, que depois de servir nas Armadas, passou a Flandres, e foy Capitaõ de Cavallos, e se achou em diversas occasioens de honra. Foy casado com D. Maria da Sylveira, filha de Manoel Cirne da Sylva, Senhor dos Concelhos de Refoyos, sem successaõ.

* 13 D. HENRIQUE DE EÇA foy Capitaõ de Cananor, passou a servir à India, onde se achava no anno de 1522; e depois acompanhou a Dom Pedro de Castro na destruiçaõ, que fez em Quirimba. Quando por morte do Governador D. Henrique de Menezes se abriraõ na Sé de Goa as Vias para as successoens, foy hum dos Fidalgos, que se acharaõ presentes àquelle acto, e seguio o partido de seu parente Lopo Vaz de Sampayo. E vindo ao Reyno, voltou à India despachado por merce delRey D. Joaõ III. com a Fortaleza de Cananor. Teve em D. Angela, mulher nobre da Ilha da Madeira ☷ 14 a D. DUARTE DE EÇA, que servio na India, aonde passou no anno de 1564 com o Vice-Rey D. Antonio de Noronha, levando de moradia de Fidalgo Escudeiro dous

Emmenta da Casa da India do anno de 1564

dous mil duzentos e ſeſſenta e ſeis reis ; e voltando ao Reyno, o mataraõ em Lisboa. ⩶ 14 D. MAGDALENA DE EÇA, que caſou com muita deſigualdade, de quem os Nobiliarios naõ daõ outra noticia.

CAPITULO XV.

De D. Branca de Eça, e ſua deſcendencia.

11 ENtre os muitos filhos de D. Fernando, Senhor de Eça, que relatamos no Capitulo III. teve a D. Branca de Eça, que caſou duas vezes, a primeira com o famoſo Doutor Vaſco Fernandes de Lucena, que foy com o Embaixador o Senhor D. Affonſo, I. Marquez de Valença, ao Concilio de Baſiléa, e foy ſua ſegunda mulher, de quem teve ⩶ 12 a D. N. . . . . DE EÇA, que foy Abbadeſſa de Cellas de Coimbra, da Ordem de Ciſter. Caſou ſegunda vez com Joaõ Rodrigues de Azevedo, a quem daõ a conhecer os Nobiliarios por a alcunha de *Eloy*, foy Senhor do Morgado dos Olivaes, que chamaõ a *Fonte de Louro*, de quem teve os filhos ſeguintes : * 12 DUARTE DE AZEVEDO, adiante. ⩶ 12 D. JOANNA DE EÇA, que foy depois Abbadeſſa de Cellas de Coimbra : houve de Vaſco Gomes de Abreu, que foy por Capitaõ de huma Nao na Armada, em que paſſou à India por Vice-Rey o grande D. Franciſco de Almeida, os filhos ſeguintes:

tes: ⵘ * 13 DIOGO SOARES DE ABREU, adiante. ⵘ 13 LOURENÇO SOARES DE ABREU, de quem se naõ sabe geraçaõ. ⵘ 13 PEDRO GOMES DE ABREU, que foy Clerigo. ⵘ 13 D. FILIPPA DE ABREU, de quem Xysto da Cunha teve a LUIZ ALVARES DA CUNHA. ⵘ 13 JORGE DE MELLO, que morreo solteiro. ⵘ 13 CHRISTOVAÕ DE MELLO foy Commendador na Ordem de Christo, casou com D. Guiomar, filha do Doutor Joaõ Pires; e tiveraõ ⵘ 14 a DIOGO GOMES DE MELLO, que morreo na batalha de Alcacere em Africa; havendo casado com Dona Isabel de Eça, filha de seu primo Lourenço Soares de Abreu, e naõ tiveraõ filhos; e ella entrou por Religiosa no Mosteiro de Cellas de Coimbra. ⵘ 14 VASCO GOMES DE ABREU, irmaõ do sobredito, casou com D. N. . . . . . . filha de Torralva, que fez o Cruzeiro da Igreja de Belem; e teve ⵘ 15 a CHRISTOVAÕ SOARES DE MELLO, de quem se naõ sabe descendencia, ⵘ 15 e a D. GUIOMAR DE EÇA, que casou com Francisco Pereira de Miranda, irmaõ de André Pereira de Miranda, Senhor de Ilhavo, Carvalhaes, &c. e foy sua segunda mulher, sem successaõ.

* 13 DIOGO SOARES DE ABREU, filho primeiro de D. Joanna de Eça, foy Commendador de Baldigem na Ordem de Christo. Casou com Dona Isabel Coutinho, filha de Pedro Lopes de Azevedo, filho segundo de Diogo de Azevedo, Senhor de Aguiar, Pena, S. Joaõ de Rey, e outras terras; e tiveraõ ⵘ

14 VAS-

= 14 VASCO GOMES DE ABREU, que os Mouros mataraõ em Tangere com o inſigne Luiz de Loureiro, ſem ter ſido caſado. = 14 JOAÕ SOARES, que morreo na India em huma empreza. = * 14 LOURENÇO SOARES DE ABREU, adiante. = 14 MANOEL DE ABREU, de quem naõ temos noticia. = 14 D. JOANNA, Freira em Lorvaõ, e D. JERONYMA, Freira em Cellas. = * 14 LOURENÇO SOARES DE ABREU caſou com D. Maria Soares de Ciſneros, filha de Gaſpar de Ciſneros, Almoxarife do Peſcado do Duque de Bragança; e tiveraõ = * 15 LOURENÇO DE MELLO, adiante. = 15 D. MARIA COUTINHO caſou com Leonel de Moura, de quem teve = 16 a FRANCISCO DE MOURA, Commendador de Val de Telhas na Ordem de Chriſto, e Capitaõ de Chaul, que caſou com D. Ignez Fragoſo, ſem geraçaõ. = 16 LOURENÇO DE MOURA, que foy morto na tomada de Ormuz. = 16 D. GUIOMAR, D. IGNEZ, Freiras em Lorvaõ, e D. FRANCISCA em Semide, da Ordem de S. Bento. = 16 D. ISABEL DE EÇA, mulher de Diogo de Mello, ſem geraçaõ. = 16 D. CATHARINA DE VILHENA, mulher de Antonio de Brito Tavares. = 16 D. ANNA DE VILHENA, que foy ſegunda mulher de Manoel Godinho de Caſtellobranco, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, Eſcrivaõ da Camera delRey, de quem naõ ficou ſucceſſaõ. = 15 LOURENÇO DE MELLO, que foy o filho de Lourenço Soares de Mello, ſervio na India, e lá caſou com D. Leonor de Lacerda; e tiveraõ

veraõ a D. DIONYSIA COUTINHO, que casou na India com D. Alvaro Pires de Castro, filho natural de D. Joaõ de Castro, Senhor de Reriz; e naõ tiveraõ filhos.

* 12 DUARTE DE AZEVEDO, filho de D. Branca de Eça, e de Joaõ Rodrigues de Azevedo, foy Senhor do Morgado dos Olivaes, e casou com Dona Maria da Sylva, filha de Pedro da Sylva, e de sua mulher Isabel Paes, filha de Gonçalo Rodrigues Paes; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 13 RUY DIAS DE AZEVEDO, adiante. ⩶ * 13 D. BRANCA DE EÇA, mulher de Diogo de Miranda, adiante. ⩶ * 13 D. ISABEL DA SYLVA, mulher de Duarte Peixoto, de quem logo se tratará. ⩶ 13 D. GUIOMAR DA SYLVA, mulher de D. Vasco de Eça, como se disse no Capitulo VI. deste Livro.

* 13 D. BRANCA DE EÇA casou com Diogo de Miranda, Commendador de Cabeço de Vide, e Pedroza, na Ordem de Aviz, que era filho de Francisco de Miranda, Commendador da Espada de Elvas, e de D. Cecilia de Azambuja, a quem ElRey Dom Joaõ II. e a Rainha sua mulher assistiraõ ao seu casamento com toda a Corte, honrando-os com aquellas festas, que naquelle tempo se costumavaõ; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 14 FRANCISCO DE MIRANDA, com quem se continúa. ⩶ * 14 MARTIM AFFONSO DE MIRANDA, adiante. ⩶ 14 FERNANDO DE MIRANDA, que passou à India, onde casou com D. Joanna de Azevedo, filha de Mem Rodrigues de Aze-

Rezende, *Chronica del-Rey D. Joaõ II.* cap. 46. pag. 58.

Azevedo, e de Florença da Ponte, de quem teve ⁐ 15 D. Branca de Eça, que casou com Luiz de Mesquita, de quem teve ⁐ 16 Gonçalo, e Fernando de Mesquita, sem estado. ⁐ 16 Francisco de Mesquita, que succedeo na Casa, e casou com D. Maria Mexia, filha de Pedro Mexia, irmaõ de D. Martim Affonso Mexia, Bispo de Coimbra, e Governador de Portugal, que faleceo a 30 de Agosto de 1623: porém naõ tiveraõ filhos. ⁐ 16 D. Maria, Freira em S. Domingos de Elvas.

14 D. Anna de Eça, ou Henriques, casou com Fernando de Mendoça, Commendador de Serpa na Ordem de Aviz, de quem teve unica ⁐ 15 D. Branca de Mendoça, que casou com Luiz da Sylveira, filho de Antonio da Sylveira, a quem chamaraõ o *Avicena*, e de sua mulher Dona Brites de Mendoça; e tiveraõ os filhos seguintes: ⁐ 16 Antonio de Mendoça, que morreo moço. ⁐ 16 D. Anna de Mendoça, que foy a herdeira, e casou duas vezes, a primeira com Francisco de Tavora, Reposteiro môr delRey D. Sebastiaõ, Commendador de Olivença na Ordem de Aviz, e hum dos Coroneis, que se acharaõ na batalha de Alcacere com o dito Rey, onde morreo, sem deixar successaõ; e sua mulher casou segunda vez com Dom Joaõ de Sousa, Commendador, e Alcaide môr de Thomar; e a sua descendencia se tratará no Livro XIV.

* 14 Martim Affonso de Miranda, foy filho segundo de Diogo de Miranda foy Commendador

do

do Seixo, e Casal na Ordem de Aviz; servio na India com reputaçaõ, e foy Capitaõ de Dio, e Capitaõ môr do Malavar; e morreo da ferida, que recebeo em huma perna no porto de Coulete no anno de 1569. Casou na India com D. Maria Gomes, filha de Manoel Gomes, a qual depois de viuva casou com D. Joaõ de Almeida, filho do Contador môr; e de seu primeiro marido teve ⩶ 15 DIOGO DE MIRANDA, que casou com D. Catharina Maria Jaques, filha de Alvaro Jaques, e de sua mulher D. Angela de Mello, sem successaõ. ⩶ * 15 FRANCISCO DE MIRANDA, adiante. ⩶ 15 D. CECILIA HENRIQUES, ou DA SYLVA, que casou com Francisco de Miranda, irmaõ de Henrique Henriques de Miranda, Estribeiro môr; e tiveraõ ⩶ 16 MARTIM AFFONSO, e RODRIGO DE MIRANDA, que morreraõ sem successaõ. ⩶ 16 D. MARIA HENRIQUES, que foy terceira mulher de D. Jorge de Castellobranco, que servio na India, e foy Capitaõ do Norte, e Malavar, hum dos valerosos Capitaens do seu tempo: achouse no cerco de Chaul, e na guerra de Coulaõ, onde venceo em batalha vinte mil Mouros; e tiveraõ ⩶ 17 D. LUIZ DE CASTELLOBRANCO, que casou na India com D. Luiza de Sousa, filha de D. Filippe de Sousa, de quem nasceo D. CECILIA DE MENDOÇA, mulher de D. Diogo Pereira, filho de D. Manoel Pereira, sem successaõ. ⩶ 17 D. CATHARINA HENRIQUES, que casou com Francisco da Sylveira, Claveiro da Ordem de Christo, e Commendador de

Montalvaõ, e foy ſua primeira mulher, de quem teve ⁝ 18 D. MARIA DA SYLVEIRA, ſem eſtado, ⁝ 18 e D. ANNA DA SYLVEIRA, que foy a primeira na ordem do naſcimento, e caſou duas vezes, a primeira com Franciſco de Brito de Almeida, Capitaõ de Damaõ; e ſegunda vez com D. Braz de Caſtro, que foy Governador da India, donde voltando prezo, morreo na viagem no anno de 1655, de quem tambem foy ſegunda mulher, de quem teve ⁝ 19 a D. JOANNA MARIA DE CASTRO, que faleceo a 24 de Dezembro de 1736, mulher de Ayres Telles de Menezes, filho de Antonio Telles de Menezes, I. Conde de Villa-Pouca, do Conſelho de Eſtado, General da Armada Real, Vice-Rey da India; morreo na viagem no anno de 1657, havendo já ſervido naquelle Eſtado, que foy hum dos mais valeroſos, e excellentes Soldados daquelle ſeculo. Havialhe ElRey feito a merce de Marquez para elle, que gozaria, tanto que chegaſſe à India; e para eſte filho a de Conde de Villa-Pouca, que naõ ſe verificou; o qual havia tido em D. Maria de Landrove, filha do Capitaõ Franciſco de Landrove, e de Fauſtina de Roxas. Da uniaõ de Ayres Telles naſceraõ os filhos ſeguintes: ⁝ * 20 ANTONIO TELLES, adiante. ⁝ 20 D. ANNA ELENA DE CASTRO, que caſou com Manoel Telles de Faro, como ſe diſſe a pag. 636 do Tomo IX. ⁝ * 20 D. FRANCISCA THOMASIA DE MENEZES, de quem logo ſe tratará. ⁝ 20 D. MARIA DE CASTRO, Freira em S. Bento do Porto. ⁝

Salazar, *Caſa de Sylva*, tom. 2. pag. 352.

20 D.

* 20 D. Elena de Castro, que casou na Ilha da Madeira com Christovaõ Esmeraldo da Camera.

* 20 D. Francisca Thomasia de Menezes casou duas vezes, a primeira com Henrique Correa de Sousa de Lacerda; e a segunda com Luiz Alvares da Cunha de Eça, como se verá adiante: de seu primeiro marido teve ⁐ 21 D. Joanna Maria de Castro, que morreo a 7 de Setembro de 1734, havendo casado com Estevaõ de Mello, XVI. Senhor da Villa de Mello; e tiveraõ entre outros filhos, que morreraõ de curta idade ⁐ 22 a Luiz de Mello, XVII. Senhor de Mello, como se verá no Capitulo XVII. §. II. deste Livro. ⁐ 21 D. Leonor Thomasia de Menezes, que casou duas vezes, a primeira a 8 de Fevereiro de 1710 com Joaõ Luiz de Elvas, Fidalgo da Casa Real, Senhor de diversos Morgados, e Padroeiro da Capella de S. Francisco Xavier de S. Roque, de quem teve unico a Pedro Joachim de Elvas e Menezes, que nasceo a 29 de Junho de 1719, e morreo no berço. Casou segunda vez a 17 de Setembro de 1726 com seu tio Antonio Telles de Menezes, como logo se dirá.

* 20 D. Elena Theresa Luiza de Castro e Sylveira casou na Ilha da Madeira com Christovaõ Esmeraldo de Atouguia e Camera, de quem teve ⁐ 21 Luiz Antonio Esmeraldo, que casou com Dona Leonor, filha de Francisco Luiz de Vasconcellos. ⁐ 21 Ayres Telles de Menezes. ⁐ 21 Antonio Telles de Menezes, que passou a

servir

ſervir à India , e lá morreo , havendo caſado com N. . . . . de quem naõ temos outra noticia , nem ſe teve geraçaõ. ⵜ 21 D. JOANNA THERESA, D. ISABEL, que morreo no anno de 1740, D. MARIA SEBASTIANA, todas Freiras no Moſteiro de Santa Clara do Funchal.

* 20 ANTONIO TELLES DE MENEZES, foy ſucceſſor da Caſa de ſeu pay, Commendador das Commendas de S. Joaõ de Béja, S. Salvador de Villa-Pouca de Aguiar, e S. Vicente de Pereiro na Ordem de Chriſto. Pertendeo o titulo de Conde de Villa-Pouca, de que ElRey havia feito merce a ſeu avô, quando paſſou por Vice-Rey à India, para ſeu pay, e naõ tivera effeito: pelo que demandou a Coroa, e teve Sentença a ſeu favor; porém embargando-a o Procurador da Coroa, naõ chegaraõ a ſentencearemſe os Embargos; e elle faleceo a 31 de Janeiro de 1745. Caſou duas vezes, a primeira no anno de 1708 com D. Thereſa de Portugal, Dama do Paço, filha de D. Pedro de Almeida, como diſſemos a pag. 873 do Tomo X. A ſegunda a 17 de Setembro de 1726 com ſua ſobrinha D. Leonor Thomaſia de Menezes, e teve unico ⵜ 21 a AYRES TELLES DE MENEZES, que morreo a 7 de Setembro de 1733 de curta idade; e deixou illegitimo AYRES TELLES DE MENEZES.

* 15 FRANCISCO DE MIRANDA, que foy ſegundo filho de Martim Affonſo de Miranda, ſervio na India, e voltou depois para o Reyno, onde caſou com D. Maria Coutinho, filha de Pedro de Andrade Cami-

Caminha, Camereiro do Senhor Dom Duarte, filho do Infante D. Duarte, Commendador da Ordem de Christo, Fidalgo de estimaçaõ do seu tempo, excellente na Poesia, como se vê nas Obras de Diogo Bernardes; e de sua mulher D. Pascoella de Gusmaõ, filha de D. Vasco Coutinho; e tiveraõ ⩵ 16 MARTIM AFFONSO DE MIRANDA, a quem matou Dom Gil Eannes de Noronha. ⩵ 16 D. PASCOELLA DE GUSMAÕ, Dama da Duqueza de Bragança. ⩵ 16 D. MARIA COUTINHO, que casou duas vezes, a primeira com D. Balthasar de Castro, que servio na India, filho de D. Joaõ de Castro, Governador do Algarve, e Presidente do Senado da Camera de Lisboa, Commendador de S. Thomé da Covilhãa; e de D. Maria da Sylveira sua mulher, de quem naõ sabemos successaõ. Casou segunda vez com Antonio de Sousa Coutinho; e tiveraõ ⩵ 17 FRANCISCO DE MIRANDA HENRIQUES, que servio na India com valor, e distincçaõ, e o mataraõ em hum combate, sendo General do Malavar, em tempo do Vice-Rey Dom Francisco Coutinho, III. Conde de Redondo.

* 14 FRANCISCO DE MIRANDA foy Commendador de Cabeço de Vide, e Commendador, e Alcaide mór de Alter Pedroza. Casou com D. Ignez Henriques, Dama do Paço, filha de D. Joaõ de Lima, Commendador de Andufe na Ordem de Christo; valeroso Soldado na India, que defendeo Calecut; e de sua mulher D. Briolanja Henriques; e tiveraõ os filhos, que se seguem. ⩵ 15 DIOGO DE MIRANDA,

Chronica delRey Dom Manoel, part. 2. cap. 22.

JOAÕ

JOAÕ GONÇALVES DE MIRANDA, e DUARTE DE MIRANDA, que todos morreraõ, ſem deixar ſucceſ-ſaõ. ⵘ * 15 D. BRIOLANJA HENRIQUES, adiante. ⵘ * 15 D. BRANCA DE EÇA caſou com Alvaro da Sylveira, Claveiro da Ordem de Chriſto, e Commendador de Montalvaõ; que foy cativo na batalha de Alcacere, e reſgatado nos oitenta Fidalgos. Deſ-te caſamento naõ ſe conſerva ſucceſſaõ.

* 15 D. BRIOLANJA HENRIQUES caſou com Henrique Henriques de Miranda, que foy Camereiro môr do Infante D. Henrique Cardeal, e depois de Rey foy ſeu Eſtribeiro môr, e o foy delRey D. Filippe II. e Commendador de Cabeço de Vide, e Serpa, na Ordem de Aviz; e deſte matrimonio teve os filhos ſeguintes: ⵘ * 16 LUIZ DE MIRANDA HENRIQUES, Eſtribeiro môr, com quem ſe continúa. ⵘ 16 FRANCISCO DE MIRANDA, que foy Religioſo de Noſſa Senhora do Carmo. ⵘ 16 JOAÕ DE MIRANDA HENRIQUES, Cavalleiro de S. Joaõ de Malta. ⵘ * 16 D. BRANCA DE EÇA, adiante. ⵘ 16 D. MARIA, e D. VIOLANTE, Freiras no Salvador de Evora. 16 D. IGNEZ em S. Joaõ de Eſtremoz. ⵘ 16 D. JOANNA em Jeſus de Setuval. ⵘ 16 NICOLAO PEREIRA illegitimo, ſervio na India, e foy Capitaõ da Fortaleza do Camorim; e ſendo caſado, naõ teve ſucceſſaõ, e voltou para o Reyno: tomou o Habito de S. Jeronymo no Convento de Belem, e ſe chamou Fr. Nicolao Henriques.

* 16 D. BRANCA DE EÇA caſou com Gonçalo

Rodri-

Rodrigues de Sousa Tavares; e tiveraõ, entre outros filhos, que morreraõ, ⫶ * 17 a FERNAÕ DA SYLVA E SOUSA, adiante. ⫶ 17 ANTONIO DE MIRANDA HENRIQUES, que foy Conego na Sé de Lisboa. ⫶ * 17 FERNAÕ DA SYLVA herdou os Morgados de seus avós; servio na guerra da Acclamaçaõ, e foy Capitaõ de Cavallos, e casou duas vezes, a primeira com D. Maria de Castro, filha de D. Francisco Pereira, de Santarem, de quem naõ teve successaõ; e a segunda com D. Guiomar de Mello, filha de Joaõ Homem da Sylva, Commendador da Freiria de Evora da Ordem de Aviz, e de sua mulher D. Brites de Mello; e delles nasceo ⫶ 18 JOSEPH DE SOUSA DA SYLVA, que foy seu successor, e casou com D. Catharina de Mendoça, filha de Pedro de Mello, Governador do Rio de Janeiro, e do Conselho de Guerra; e de sua mulher D. Catharina de Mendoça; e tiveraõ os filhos seguintes: ⫶ 19 FERNANDO DE SOUSA, que morreo menino. ⫶ 19 PEDRO DE SOUSA DA SYLVA, que succedeo na sua Casa, e he casado com D. Francisca de Vilhena, filha de Pedro de Castilho, e de sua mulher D. Maria Maximiliana de Castro, e até ao presente naõ tem successaõ. ⫶ 19 ANTONIO DE MIRANDA HENRIQUES, que servio na guerra da Grande Aliança do anno de 1704 com distincçaõ, e valor, e foy Coronel da Cavallaria; depois passou a servir à Alemanha, e teve o mesmo posto, e lá morreo. Teve illegitima de huma Dama de qualidade, estando em Catalunha, a Dona

Catharina do Pilar de Mendoça, que nasceo a 25 de Novembro de 1712, e casou com Joseph de Mendoça, que faleceo em Junho de 1744; e era filho herdeiro de Tristaõ de Mendoça, Commendador de Avanca, &c. e de sua mulher D. Violante Henriques, de quem teve N. . . . . ⩶ 19 Francisco de Sousa da Sylva, tambem servio na guerra em Catalunha, e foy Capitaõ de Cavallos, e morreo sem estado. ⩶ 19 Fernando da Sylva e Sousa, que nasceo no anno de 1687; foy Conego Regrante de Santo Agostinho, donde sahio para Prior de S. Braz, Termo de Faro no Algarve. ⩶ 19 Raymundo de Sousa, Cavalleiro de Malta, Commendador de Oleiros, e de Oliveira do Hospital, e Graõ Cruz de Negro-Ponto. ⩶ 19 D. Maria, Freira no Salvador de Evora, nasceo no anno de 1683, e foy bautizada a 24 de Novembro. ⩶ 19 D. Theresa de Mendoça nasceo em 1677, e foy bautizada em 9 de Setembro. ⩶ 19 D. Theresa nasceo em 1684, e foy bautizada em 30 de Novembro na Freguesia de Santa Engracia, e todos os demais seus irmãos.

* 16 Luiz de Miranda Henriques, que succedeo na Casa de seu pay, foy Commendador de Cabeço de Vide, Alter-Pedrozo, e do Hospital, da Granja, Estribeiro môr dos Reys D. Filippe III. e IV., e ultimamente do Senhor Rey Dom Joaõ IV. Faleceo a 3 de Abril de 1645, havendo casado com D. Joanna de Tavora, filha que veyo a ser herdeira de Pedro Guedes, VIII. Senhor de Murça, Commendador

mendador na Ordem de Christo, Governador da Casa do Civel do Porto, Presidente do Senado da Camera de Lisboa, Védor da Fazenda delRey D. Filippe III.; e de sua mulher D. Luiza de Tavora, filha de Francisco Tavares de Sousa, Senhor de Mira; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes: ⌶ 17 PEDRO GUEDES DE MIRANDA, de quem tratamos no Livro XII. Cap. IV. §. II. pag. 440 ⌶ 17 FRANCISCO DE MIRANDA, que servio no Estado do Brasil, e morreo sem successaõ, tendo sido casado com D. Maria Lobo, viuva de Jorge Pereira da Sylva, e filha de Fernaõ Lobo da Gama. ⌶ 17 D. LUIZA DE TAVORA, que casou com Aleixo de Sousa da Sylva, Aposentador môr; e a sua successaõ fica escrita a pag. 594 do Tomo X.

* 13 D. ISABEL DA SYLVA, filha de Duarte de Azevedo, casou com Duarte Peixoto da Sylva, Senhor de Penhafiel, do Conselho dos Reys D. Manoel, e D. Joaõ III. e foy sua segunda mulher, de quem teve ⌶ * 14 DUARTE PEIXOTO DA SYLVA. ⌶ 14 PEDRO PEIXOTO DA SYLVA casou com D. Guiomar de Eça, com a successaõ, que se disse no Cap. VI. deste Livro pag. 676. ⌶ 14 BERNARDIM PEIXOTO, que naõ casou; e quatro filhas Freiras em Lorvaõ. ⌶ * 14 DUARTE PEIXOTO DA SYLVA foy Capitaõ de S. Thomé, e Commendador de S. Martinho dos Lagares na Ordem de Christo. Casou com D. Francisca Henriques, filha do Doutor Henrique Luiz, Corregedor em S. Thomé; e foraõ seus filhos ⌶ 15 ANTONIO

TONIO PEIXOTO DA SYLVA, que foy Donatario de Salvaterra de Magos, e casou com D. Isabel de Gusmaõ, filha illegitima de D. Affonso Henriques; e tiveraõ quatro filhos, que naõ casaraõ. ⵘ 15 FRANCISCO PEIXOTO casou com D. Angela Coutinho, filha de Ruy Mendes, Capitaõ da China, e de Dona Francisca Coutinho; e tiveraõ ⵘ 16 DUARTE PEIXOTO DA SYLVA, que casou em Damaõ com Dona Luiza da Sylva, filha de Jorge da Sylva, de quem nasceo unica D. FRANCISCA, que casou em Baçaim com Fernaõ Telles de Menezes. ⵘ 16 JOAÕ DA SYLVA PEIXOTO, e JERONYMO PEIXOTO, que serviraõ na India, sem geraçaõ. ⵘ 16 D. FRANCISCA, mulher de Martim Vaz de Sampayo. ⵘ 16 DONA IGNEZ DE CASTRO casou com Bartholomeu de Andrade, filho de Nicolao de Andrade, e de D. Violante de Almeida, com geraçaõ, que naõ chegou à nossa noticia. ⵘ 15 PEDRO PEIXOTO, irmaõ de Antonio Peixoto, servio bem na India; teve as terras de Penhafiel. Casou com D. Catharina de Barros, filha de Lopo de Barros, filho do insigne Historiador Joaõ de Barros, Author das Decadas da India, que foy Capitaõ môr do Cabo de Comori, sem successaõ. ⵘ 15 DIOGO DA SYLVA, o ultimo de seus irmãos, que morreo moço. ⵘ 15 D. ISABEL DA SYLVA, segunda mulher de Jorge Pereira, e depois de D. Jorge de Eça. ⵘ 15 D. FILIPPA, e D. BRIOLANJA, Freiras em Lorvaõ.

* 13 RUY DIAS DE AZEVEDO, filho de Duarte de

de Azevedo, foy Senhor do Morgado dos Olivaes. Casou com D. Joanna de Lima, filha de D. Fernando de Lima, que morreo na India, havendo casado com D. Leonor Boto, filha do Doutor Ruy Boto, Chanceller mór do Reyno, e de D. Mecia Machado sua mulher, de quem teve ⫶ 14 D. JERONYMA DE EÇA, Dama da Infanta D. Isabel, que casou duas vezes, a primeira com Luiz de Antas, Alcaide mór de Landroal, sem successaõ: e casou segunda vez com Luiz Alvares da Cunha; e tiveraõ os filhos seguintes: ⫶ * 15 DUARTE DA CUNHA DE AZEVEDO, Morgado dos Olivaes, adiante. ⫶ 15 RUY DIAS DA CUNHA, que passou a servir à India, no tempo dos Vice-Reys Mathias de Albuquerque, pelos annos de 1591, e no de seu successor o Conde da Vidigueira Dom Francisco da Gama, onde se achou em diversas occasioens, em que se distinguio, e conseguio reputaçaõ, e bom nome. Casou com Dona Maria do Amaral, filha de Gaspar do Amaral, a qual depois ficando viuva, casou com D. Vasco da Gama, e foy sua segunda mulher; e teve ⫶ * 16 RUY DIAS DA CUNHA. ⫶ 16 D. JOANNA DA CUNHA, que casou na India com D. Francisco de Portugal, a qual era filha de sua madrasta D. Maria do Amaral, de quem teve dous filhos, que morreraõ, vindo para o Reyno, no tempo de seu parente o Vice-Rey Conde da Vidigueira. ⫶ * 16 RUY DIAS DA CUNHA casou com Dona Brites da Sylva, filha de Jorge Coelho de Andrade, Escrivaõ da Camera da Ordem de

Christo

Christo, e de D. Isabel Pereira, de quem teve MANOEL DA CUNHA, que casou com sua prima com irmãa Dona Elena de Castro, filha de seu tio Francisco Coelho de Castro, Commendador da Ordem de Christo, e Escrivaõ da Camera da dita Ordem, e Alcaide môr de Palmella, e de D. Marianna de Figueiredo sua mulher.

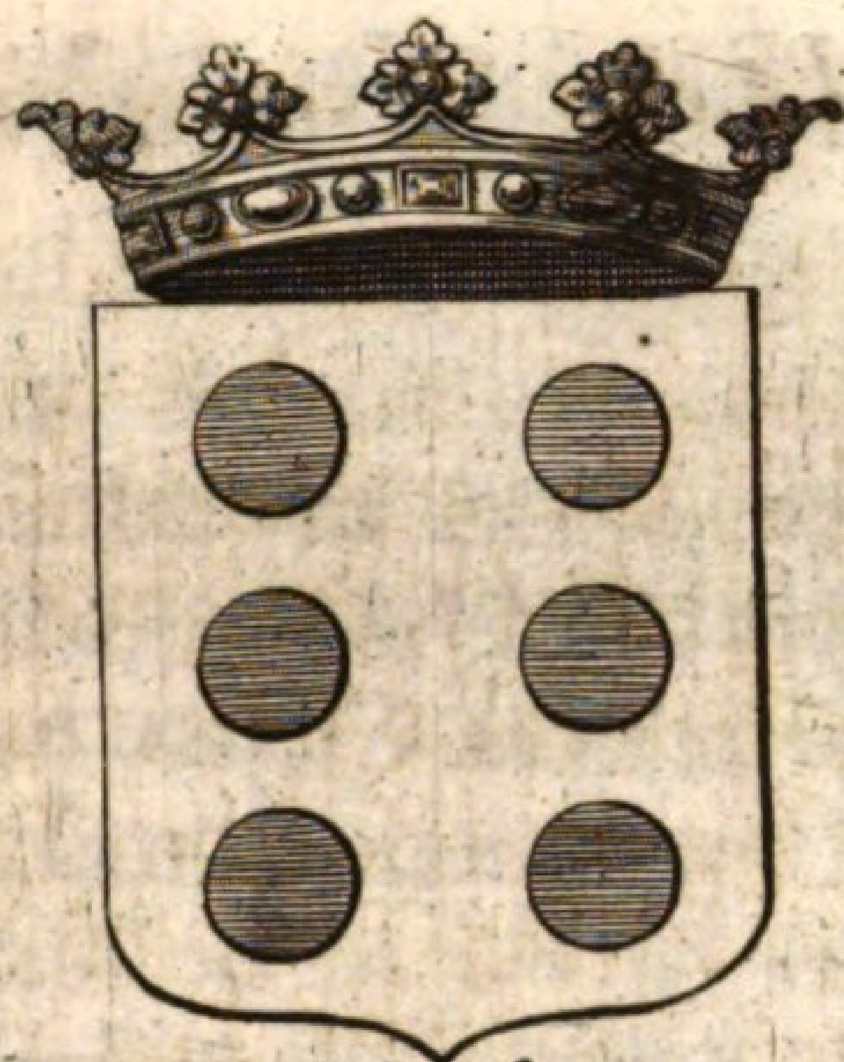
* 15 DUARTE DA CUNHA DE AZEVEDO E EÇA, teve o Morgado dos Olivaes, casou com D. Luiza da Sylva, filha do Desembargador Gomes da Sylva, e de D. Catharina Botelho, filha de Estevaõ de Andrade; e teve os filhos seguintes: ⵗ * 16 LUIZ ALVARES DA CUNHA DE EÇA, com quem se continúa. ⵗ 16 GOMES DA SYLVA, que desgraçadamente mataraõ na India. ⵗ 16 PEDRO DA SYLVA, que foy Governador da Ilha da Madeira. ⵗ 16 RUY DIAS DA CUNHA, que foy Capitaõ de Chaul, e casou com D. Brites da Sylva, de quem naõ sabemos descendencia. ⵗ 16 NUNO DA CUNHA DE EÇA, que foy Collegial de S. Paulo na Universidade de Coimbra, Doutor em Canones, Doutoral na Sé de Lisboa; foy Ecclesiastico grave, douto, e conseguio muita estimaçaõ na Corte. ElRey D. Pedro o nomeou Bispo de Portalegre, que naõ aceitou: morreo ao primeiro de Janeiro de 1695. ⵗ 16 JERONYMO DA CUNHA, que foy Religioso de S. Francisco. ⵗ 16 HENRIQUE DA SYLVA, sem estado. ⵗ 16 D. MARIA, e D. ELENA DE EÇA, Freiras no Mosteiro da Encarnaçaõ de Lisboa da Ordem Militar de S. Bento de Aviz.

Aviz. ⫶ * 16 LUIZ ALVARES DA CUNHA DE EÇA succedeo no Morgado dos Olivaes, casou com D. Maria de Sousa de Ataide, filha de Luiz Botelho de Andrade; e tiveraõ estes filhos: ⫶ 17 DUARTE DA CUNHA, que morreo servindo em Africa. ⫶ * 17 FRANCISCO DA CUNHA DE EÇA, adiante. ⫶ 17 D. JERONYMA DE EÇA, que casou com Joaõ Vieira Matoso, Fidalgo da Casa Real, sem geraçaõ. ⫶ 17 D. BRITES DA SYLVA, que naõ teve estado. * 17 FRANCISCO DA CUNHA DE AZEVEDO E EÇA, que por morte de seu irmaõ succedeo no Morgado dos Olivaes. Casou duas vezes, a primeira em Villa-Viçosa com D. Anna de Mello, filha de Antonio Pereira de Lacerda, sem successaõ. E a segunda com D. Isabel Vicencia de Mello, filha de Luiz Godinho de Sousa, e de Dona Catharina de Mello, filha de Joaõ de Brito de Mello, de quem teve unico ⫶ 18 LUIZ ALVARES DA CUNHA DE EÇA, Senhor do Morgado dos Olivaes, Cavalleiro da Ordem de Christo, que faleceo a 22 de Setembro de 1741, havendo casado em 17 de Fevereiro de 1700 com D. Francisca Thomasia de Menezes, que morreo a 12 de Julho de 1724. Era filha de Ayres Telles de Menezes, e de D. Joanna de Castro sua mulher, filha de D. Braz de Castro, Governador da India, tendo havido os filhos seguintes: ⫶ * 19 JOAÕ XAVIER DA CUNHA DE EÇA, adiante. ⫶ 19 FRANCISCO DA CUNHA DE EÇA. ⫶ 19 D. MARIANNA ISABEL DE MENEZES, que casou com Manoel Lobo da Sylva

va

va da Fonſeca, Senhor da Quinta do Mogadouro. ☰ 19 D. THERESA CLARA DE MENEZES, e D. MARIA ROSA DE MENEZES, Moças do Coro no Moſteiro de Santos, da Ordem Militar de Santiago. ☰ * 19 JOAÕ XAVIER DA CUNHA DE EÇA, vive em Alcacer do Sal, onde caſou com D. Luiza Coutinho Salema, filha de Filippe de Reboredo Salema, Fidalgo da Caſa Real, Adminiſtrador de diverſos Morgados; e de ſua mulher D. Maria de Brito Salema, irmãa de Franciſco Carvalho de Figueiredo, Fidalgo da Caſa Real, Eſtribeiro do Infante D. Antonio.

HISTO-



HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

PARTE II.

CAPITULO I.

De D. Affonso Senhor de Cascaes, Lourinhãa, &c.



1 Já no Capitulo I. deste Livro deixamos nomeado entre os filhos do Infante D. Joaõ a Dom Affonso, a quem universalmente chamaraõ D. Affonso de Cascaes, por ser Senhor desta Villa, e seu Termo, Reguengo de Oeiras, Lourinhãa, e outras terras, Alcaide môr de Lisboa, o que tudo teve por ElRey D. Joaõ I. o

casar no anno de 1388 com Dona Branca da Cunha, Senhora daquelles Estados. Saõ muy curtas as memorias, que as Historias nos deixaraõ suas; porque a que achamos mais antiga, he que na Armada, que ElRey D. Duarte mandou a Ceuta, fora D. Affonso por Capitaõ de huma Galé. Succedeo por sua morte no Throno ElRey D. Affonso V., e nas contendas, que entaõ houve, seguio D. Affonso o partido da Rainha D. Leonor contra o do Infante D. Pedro, a quem foy entregue a regencia, e o Povo de Lisboa descubertamente favorecia: pelo que persuadio a D. Affonso lhe entregasse o Castello da Cidade, de que era Alcaide môr, o que elle naõ quiz fazer; assim porque era tio da Rainha, primo com irmaõ de sua mãy, por ser ella filha da Rainha D. Leonor, filha de D. Sancho, Conde de Albuquerque, e da Infanta D. Brites, filha delRey D. Pedro I., e D. Ignez de Castro, irmãa do Infante D. Joaõ seu pay, como por brio, e honra; porque dizia elle, que à Rainha D. Leonor nomeara ElRey D. Duarte seu esposo por Tutora, na menoridade delRey seu filho, e como a tal havia feito homenagem do Castello; e assim o naõ devia entregar: porém depois de varios negociados com o Infante D. Joaõ, a quem D. Maria de Vasconcellos, com quem já era segunda vez casado D. Affonso, tratou por vezes a sua entrega, e o naõ pode conseguir; porque se lhe oppoz seu filho D. Fernando de Vasconcellos, que persuadia ao pay a naõ ceder, do que tinha determinado. Vendo-se já

Ruy de Pina, *Chronica delRey D. Affonso V.* cap. 42.

já falto de viveres para poder subsistir, naõ querendo entregar o Castello ao Povo de Lisboa, o fez ao Infante D. Joaõ; e com seu filho, mulher, e familia, foy para a Rainha, que estava em Alenquer, e dalli a acompanhou a Cintra, e depois a Almeirim, onde sabendo, que a Rainha partira para o Crato, sem embargo do escandalo de lho naõ participar, merecendolho a sua pessoa, pelo parentesco, e fineza, com que abraçara o seu partido, determinou de a seguir, e acompanhar; o que fez, conforme refere a mesma Chronica, taõ violentado das persuasoens de sua mulher, e filho, que com ternura se apartou da Patria, abraçando-se com a terra, como tambem conta a Chronica daquelle tempo; e passou ao Crato, e daquelle lugar para Castella, com a Rainha, onde durou muy pouco; e morreo, sendo muy velho, em Çamora em Agosto do anno de 1442; e por este procedimento lhe foraõ confiscados seus bens, e os deu ElRey D. Affonso V. ao Conde de Ourem D. Affonso, como se vê na sua Chancellaria.

Chronica dita cap. 66.

Liv. 3. dos Myst. pag 152.

Casou duas vezes, a primeira no anno de 1388 com D. Branca da Cunha, filha herdeira do Doutor Joaõ das Regras, Chanceller mòr do Reyno, Cavalleiro da Casa delRey D. Joaõ I. do seu Conselho, e Privado; e de sua mulher D. Leonor da Cunha, que depois foy mulher de D. Joaõ de Castro, Senhor do Cadaval, mãy de D. Joanna de Castro, Duqueza de Bragança, como deixamos escrito no Tomo V. Capitulo III. pag. 169; e se deve reparar o que alli se

disse, seguindo os nossos Nobiliarios, que era viuva de Dom Joaõ de Castro, o que naõ he assim, como se verá abaixo por hum Documento, que mostra ser D. Branca a filha mais velha de D. Leonor da Cunha, a qual foy filha de Martim Vasques da Cunha, Rico-homem, Senhor do Pinheiro, e outras terras, e dos Morgados de Santo Eutropio, Santa Barbara, e Albergarias de Payo Delgado; e de sua mulher D. Theresa Telles Giraõ, como dissemos no Cap.II. deste Livro, Parte I. pag. 632. He este Morgado de Santo Eutropio muy antigo, como se vê dos encargos delle, sendolhe já unido o de S. Mattheus pelo Doutor Joaõ das Regras. Foy instituido por D. Joaõ Soares Alaõ, Bispo de Silves, como se vê do seu Testamento, feito em Lisboa a 30 de Agosto do anno de 1308 na Igreja de S. Bartholomeu de Lisboa na Capella de Santo Eutropio, e hum Hospital nas suas proprias casas, a quem annexou todos os bens, que tinha na mesma Cidade, e nomeou para Administrador a Gonçalo Mendes seu neto. Neste Morgado de Santo Eutropio veyo depois a succeder Martim Vasques, como se vê de huma Carta de Doaçaõ del-Rey D. Joaõ I. feita no Porto a 20 de Setembro da Era de 1424, que he o anno de 1386, em que fazendolhe a dita Doaçaõ, diz: *Pela hida para Castella, terra de nossos imigos Catalina Dias, e Orraca Fernandes sua Madre, que o dito Morgado, e Espital tinhaõ.* Devia depois o mesmo Martim Vasques da Cunha mostrar lhe pertencia; porque ElRey lhe fez merce

Prova num. 1.

Prova num. 2.

Prova num. 3.

merce para elle, e seus descendentes, do mesmo Morgado, que vagara por Catharina Dias, filha de Diogo Soares, por se passarem para Castella, e acaba assim: *Dante na Ponte da Barca a 14 de Outubro; ElRey o mandou, Alvaro Gil a fez, Era de 1424*, que he o mesmo anno de 1386. Era Diogo Soares Senhor da Albergaria de Payo Delgado, em que succedeo a seu sobrinho Affonso Soares, que morreo moço, sem ter casado, filho de seu irmaõ Lopo Soares, Senhor da dita Albergaria, e primeiro filho de Estevaõ Soares o *Moço*, Senhor da dita Albergaria, que foy casado com D. Maria Lourenço, filha de Lourenço Martins de Soalhaens, de quem tambem foy filha D. Brites Lopes, mulher de Vasco Martins da Cunha, de quem nasceo Martim Vasques da Cunha, a quem por esta linha, no defeito da outra, tocavaõ os ditos Morgados; os quaes ElRey D. Affonso V. confirmou depois a sua neta D. Isabel da Cunha, Condessa de Monsanto, mulher do Conde D. Alvaro de Castro: foy feita em Lisboa a 8 de Setembro do anno de 1463. Sobre o Morgado de Santo Eutropio moveo depois demanda Martim Vasques da Cunha, sendo Author, contra Gonçalo Annes, filho de Joaõ Affonso, Provedor que era do Hospital de Santo Eloy, mostrando ser neto de Lopo Soares, possuidor, e herdeiro do dito Morgado; e se concertaraõ por huma transacçaõ, e amigavel composiçaõ, em que foraõ testemunhas o Doutor Joaõ das Regras, do Conselho delRey, Alvaro Peres, Bacharel em

Prova num. 4.

Prova num. 5

em Leys, e Conego na Sé de Lisboa, e do Desembargo delRey, Gil Annes, Corregedor da Corte, Joaõ Lourenço, Corregedor da Beira, e Joaõ de Alpoim da Cidade de Coimbra, o que foy julgado por Sentença, e passada por huma Carta de Confirmaçaõ delRey, feita em Lisboa a 17 de Março de 1427, que he anno de 1389.

Estava Martim Vasques da Cunha Senhor dos referidos Morgados, e de outros muitos Estados, com que tinha huma rica Casa; porque elle era huma das primeiras pessoas do Reyno, quando depois de ter seguido a ElRel D. Joaõ I. se passou para Castella, e lá casou segunda vez; e tem larga, e esclarecida descendencia, como fica dito. E sendo por esta causa dados por vagos, e confiscados para a Coroa, o mesmo Rey fez Doaçaõ ao Doutor Joaõ das Regras, para elle, e todos os seus successores, de todos os bens patrimoniaes, que Martim Vasques seu sogro, e seus filhos, que com elle foraõ para Castella, possuhiaõ em Portugal, assim moveis, como de raiz; e tambem lhe fez merce dos Hospitaes, e Albergarias de Payo Delgado, Santa Barbara, e Santo Eutropio, com tudo o que lhe pertencia, dizendo na Doaçaõ as seguintes palavras: *Fazemos saber, que nòs concirando os muitos serviços, que do Doutor Joaõ das Regras, do nosso Conselho, recebemos em nos aconselhar bem, e verdadeiramente em regimento dos ditos nossos Regnos como em nos servir em defensom delles contra nosso adversario, lhe fazemos livre, e pura*

Prova num. 6.

e pura Doaçom para todo sempre para elle, e todos seus successores, que depos delle beerem, &c. Foy feita em Santarem a 22 de Julho de 1435, que he anno de 1397. Por morte de Joaõ das Regras confirmou ElRey os ditos bens a sua mulher D. Leonor da Cunha por nova Carta, por naõ estarem expressados na antecedente; e tambem porque seu marido lhos havia nomeado para gozar em sua vida; e que por sua morte succedesse nelle sua unica filha D. Branca, o que pedio a ElRey confirmasse: o que ElRey remetteo ao Arcebispo de Lisboa, a Alvaro Gonçalves, e Bento Esteves, seus Chancelleres, para que com os Doutores Lourenço Annes, e Gil Martins, e outros Letrados do seu Desembargo, se informassem, e inteirassem deste requerimento, e delle tomassem pleno conhecimento: o que elles fizeraõ, e acordaraõ por Sentença, pertenciaõ a D. Leonor, por ella ser de linhagem dos Instituidores; o que tudo ElRey confirmou por huma Carta feita em Lisboa a 19 de Junho da Era de 1442, que he anno de 1404. Desta sorte ficou D. Leonor da Cunha por largos annos com a administraçaõ dos referidos Morgados; porque no anno de 1466 a 21 de Dezembro declarou por huma Escritura, que os Morgados de S. Mattheus, Santo Eutropio, e Santa Barbara, que tinha na Cidade de Lisboa, pertenciaõ ao filho varaõ, que tivesse por sua morte; e que sendo a sua tençaõ de os deixar a seu neto, filho mayor do Conde de Arrayolos; (he o Duque de Bragança D. Fernando I.) porém que vendo

Prova num. 7.

Prova num. 8.

vendo as Eſcrituras, achara pertenciaõ ao filho da filha mayor; e como D. Branca era ſua filha mayor, e tinha treſpaſſado o direito por ſua morte a D. Iſabel ſua filha, e a ſua neta, e a ſeu marido D. Alvaro de Caſtro, lhos nomeava, e logo metia de poſſe delles, ficando ella ſómente em ſua vida com o uſufruto, e rendimento dos taes Morgados, a quem El-Rey D. Affonſo V. os confirmou, como temos dito, e na ſua deſcendencia ſe conſervaõ.

Naõ trataraõ as Chronicas, nem os Nobiliarios fizeraõ mençaõ dos pays do Doutor Joaõ das Regras, que parece ſer Affonſo Annes das Regras, Cidadaõ de Lisboa, de cuja governança haviaõ ſido os ſeus progenitores peſſoas de diſtincçaõ, como conſta de diverſas Eſcrituras, e Documentos, de que adiante faremos mençaõ. Foy caſado com Sentil Eſteves, a qual ſem duvida foy mãy do Doutor Joaõ das Regras; e depois caſou ſegunda vez com o Doutor Alvaro Paes, de quem as noſſas Chronicas fazem honrada memoria, que foy Chanceller dos Reys D. Pedro, e D. Fernando; e do Teſtamento de ſua mulher a dita Sentil Eſteves conſta, que foy Védor mór da Chancellaria do meſmo Rey, o qual já tinha ſido caſado com Leonor Giraldes, e foy ſeu filho Diogo Alvares; mas naõ dizem os Nobiliarios, de qual deſtes matrimonios naſceo eſte filho, que foy Meſtre-Salla delRey D. Joaõ I. e D. Duarte, e o ſeu Morgado ſe ajuntou ao dos Almadas Abranches, que hoje poſſuem os Condes de Valladares ſeus deſcendentes,

Fernaõ Lopes, *Chron. delRey D. Joaõ I.* cap. 6. pag. 10.

tes, e o saõ outras Familias illustres. Morreo Sentil Esteves em vida deste segundo marido, como se vê do seu Testamento, feito a 9 de Julho da Era de 1428, que he anno de 1390, que está no Cartorio da Parochia da Magdalena de Lisboa, donde ella morava, e nelle nomea por seu herdeiro ao Doutor Joaõ das Regras, e por seu Testamenteiro, e a seu marido Alvaro Paes; e no Codicillo, que fez tres dias depois, diz: *Mando, e rogo ao Doutor Joaõ das Regras, meu filho, que tome por Capellaõ da Capella dos Avoos delle, & por my Sancho Martins, Priol de Pereira, criado do dito Alvaro Paes, & meu em quanto viver*; e dispondo mais suffragios pela sua alma, e outros encargos, como se póde ver no dito Testamento, que vay inteiro nas Provas. Foy sepultada na Igreja da Magdalena na sepultura de seu pay, em hum moimento de pedra, metido na parede, junto à sepultura de Martim Alho, que era Doutor em Degredos, e Conego na Sé de Lisboa, pessoa de muita authoridade, e respeito, de quem fazem mençaõ as Chronicas daquelle tempo; e tinha huma rua sua por detraz da dita Igreja, a quem davaõ, e ainda hoje daõ, o seu proprio nome. Consta mais da Visita, que à Igreja da Magdalena fez Affonso Annes, Chantre, e Conego da Sé de Lisboa, Vigario Geral do Arcebispo D. Pedro, e de Joaõ de Elvas, Vigario Geral, o Capitulo seguinte: *Item achamos, que na dita Igreja havia outra Capella de Sentil Esteves, Madre do Doutor Joaõ das Regras, e que fora man-*

Prova num. 9.

dado na visitaçaõ do anno passado ao dito Prior, e Raçoeiros, que soubessem presto a quem pertencia a administraçom della, e que elles procuraraõ, e D. Affonso de Cascaes, para lhe perguntarem pelos bens da dita Capella. Desta memoria, e do Testamento consta indubitavelmente, que o Doutor Joaõ das Regras, ou Joaõ Affonso, que assim lhe chama sua mãy no Testamento, ainda que elle naõ usou do patronymico de Affonso, era sem duvida filho de Sentil Esteves, que parece ser filha de Gonçalo Esteves, e de sua mulher Anna Vasques. Era Gonçalo Esteves morador em Cintra, o qual fez o seu Testamento na dita Villa a 20 de Dezembro, Era de 1388, que he anno 1350, e se mandou enterrar na Igreja da Magdalena, donde estava seu pay; e instituìo huma Capella perpetua na dita Igreja pela sua alma, e de seu pay, e mãy, e hum Anniversario na Igreja de S. Martinho de Cintra. Deixou a Fernando Annes seu sogro o *pellote, outro a Lourenço Esteves seu sobrinho, à Sylvestra* (he a Sentil) *a saya, e courame do virado amarello, outro pellote a Joaõzinho seu neto,* (entendo ser o Doutor Joaõ das Regras) e por Testamenteiro a Pero Esteves seu irmaõ, e que se pague o que constar deverse a ElRey. Era Sentil Esteves neta de Estevaõ Peres, irmaõ de Lourenço Peres, e pela materna de Fernando Annes, e apparentava com os Almadas, Fogaças, Lobatos, Camellos, pessoas de conhecida nobreza, e distincçaõ na Cidade de Lisboa. Foy casada Sentil Esteves, como

como se disse, com Affonso Annes das Regras, e foy seu cunhado Lopo Affonso das Regras, o que naõ padece duvida, pelo Documento, que logo apontaremos, em que se mostra ser tio do Doutor Joaõ das Regras, e naõ pay, como entendeo o Chronista Fr. Manoel dos Santos. Tambem neste tempo achamos a Joaõ Affonso das Regras, que parece ser irmaõ dos sobreditos, pessoa de distincçaõ, e letras, que viveo no reynado delRey D. Fernando, Doutor em Leys, e foy D. Prior da Collegiada de Santa Maria de Guimaraens, como se vê da Carta seguinte: *Carta porque a dita Rainha* (he Dona Leonor) *apresentou a Igreja de Santa Maria de Guimaraens a Joham Affonso das Regras, Doutor em Leys, e Clerigo. Dada em Lisboa a 7 dias de Dezembro da Era 1421*, que he anno 1383. Lopo Affonso das Regras viveo na Freguesia da Magdalena, onde todos os desta Familia moraraõ, como se vê no Livro I. dos Emprazamentos da antiga Sé de Lisboa, hoje Basilica de Santa Maria, a pag. 28, como refere o Chronista o Padre Fr. Manoel dos Santos; e tambem do Livro I. do Hospital do Conde D. Pedro de Barcellos, que se conserva no Senado da Camera de Lisboa, onde se lê, que em hum Congresso, que se fez na Camera do mesmo Senado em 8 de Dezembro da Era de 1402, que he anno de 1364, assinou entre os Fidalgos, que nelle concorreraõ, Lopo Affonso das Regras. Foy casado com Sancha Pires Palhavãa, filha de Pedro Annes Palhavãa, e neta de Joaõ Annes Palhavãa,

Torre do Tomb. Chancellaria delRey D. Fernando, liv. 2. pag. 111.

Monarchia Lusitana, part. 8. pag. 702.

lhavãa, Cidadaõ honrado de Lisboa, e de Sancha Pires ſua mulher, Inſtituidores do Morgado, e da Capella, que fizeraõ na Igreja de S. Domingos da dita Cidade, cuja inſtituiçaõ eſtá no Cartorio do dito Moſteiro, de que temos a copia nos extractos já muitas vezes allegados do Licenciado Gaſpar Alvares de Louzada, onde no Tomo II. pag. 406 refere, que Joanne Annes com ſua mulher inſtituiraõ a dita Capella, e diz: *Que conſiderando o muito bem, e prol, que receberaõ de Dom Martins Pires Palhavam, e de Dona Maria Soares ſua mulher, e de Dona Tereja ſua filha, já morta*; os quaes fizeraõ huma ſepultura para ſi, e para ſeus deſcendentes na Capella, que a dita D. Maria Soares mandara fazer no meſmo Moſteiro, para o que houveraõ licença do Prior delle Fr. Fernando de Caſtro, e lhe annexaraõ os bens de Setuval, Palmella, Azambuja, e as caſas de Setuval, que foraõ de D. Sueiro; e deixaraõ a adminiſtraçaõ a ſeu filho mayor, e na falta delle aos outros, e que ande na ſua deſcendencia, e extincta, ſucceda o dito Moſteiro nella, com obrigaçaõ de darem ao dito Moſteiro cem livras, com encargo de huma Miſſa officiada todas as ſeſtas feiras. Foy feita eſta Eſcritura em Lisboa a 24 de Agoſto da Era 1344, que he anno de 1306, por Vicente Annes, Tabelliaõ.

Que Lopo Affonſo das Regras foſſe tio, e naõ pay do Doutor Joaõ das Regras, conſta do referido Cartorio de S. Domingos, onde eſtá o ſeu Teſtamento, feito por Pedro Eſteves, Tabelliaõ delRey,

e prin-

e principia: *Em nome de Deos virem, que eu Lopo Affonso das Regras, morador em Lisboa à Freguesia da Magdalena, &c.* Foy feito a 9 de Agosto da Era de 1427, que he anno de 1389; e tambem está junto hum Auto, em que a 13 de Outubro da Era 1433, que he anno de 1395, feito em Lisboa perante Vasco Diniz, Escolar em Direito, e Juiz dos Feitos Civeis, presente o Tabelliaõ Gonçalo Martins, refere, que appareceraõ Joaõ Martins, Procurador do numero nas Audiencias da dita Cidade, e Fr. Joaõ, Frade de S. Domingos, de huma parte, e Gonçalo Gil, Veador da Casa do Doutor Joaõ das Regras, contra quem da parte do Mosteiro se allegou sobre o Testamento de Sancha Pires, mulher que fora de Lopo Affonso das Regras, tio do dito Doutor Joaõ das Regras; e porque elle era Testamenteiro de seu tio, e em seu poder tinha os seus bens como seu herdeiro; e porque no Testamento de Sancha Pires, de quem seu marido fora Testamenteiro, lhe deixaraõ em humas casas na rua das Esteiras, que elles possuiraõ, quarenta livras cada anno para certos encargos; de sorte, que destes papeis, que a incançavel curiosidade de Gaspar Alvares ajuntou, viemos no conhecimento da nobreza do Doutor Joaõ das Regras, que naõ se póde duvidar: porém do referido naõ podemos tirar certeza do nome de seu pay; mas só ser irmaõ de Lopo Affonso das Regras. Tambem naõ pudemos deduzir a serie dos seus progenitores, ainda que este appellido he antigo, e nobre,

como

como ſe vê das occupações das peſſoas, que delle uſaraõ. Na Torre do Tombo, na Caſa da Coroa, gaveta 13, maço 1. achámos hum Original feito no reynado delRey D. Affonſo IV., do qual conſta de huma troca, que o Senado da Camera da Cidade de Lisboa fez com o meſmo Rey, de que ſe vê ſer Cidadaõ de Lisboa, e do governo da Cidade Joaõ Affonſo das Regras, que o aſſinou: foy feita em 9 de Novembro de 1390, que he anno de 1352. O Chroniſta o Padre Fr. Manoel dos Santos refere, que a Familia de Regras he antiga, e o moſtra; porque na Era de 1252, que he anno de 1214, no reynado delRey Dom Affonſo II. ſe achava confirmado huma Doaçaõ com eſte appellido, em Lisboa aos tres das Calendas de Abril.

Foy o Doutor Joaõ das Regras de taõ conhecida nobreza, como fica referido, e ſe vê claramente do Teſtamento de ſua mãy, quando lhe diz, tome por Capellaõ da Capella, que era de ſeus avós, a Sancho Martins, Prior de Pereira ſeu criado: porém o ſeu grande talento, e letras brilhou de ſorte no reynado delRey D. Joaõ I. que aos ſeus conſelhos, e dictames ſe deveo huma grande parte da felicidade daquelle tempo, que ElRey gratificou na muita confiança, que delle fez, e com muitas merces, e honras, juſtamente merecidas dos ſeus relevantes ſerviços, naõ ſó politicos para a conſervaçaõ do Reyno; mas tambem de o acompanhar na guerra, porque era inſeparavel do ſeu lado. Teve o foro de Cavalleiro

da

da Casa delRey, que era o mayor, que tinhaõ os Fidalgos naquelle tempo, até que ElRey D. Affonso V. que com singular idéa reduzio a Nobreza a diversas classes, distinguindo o primeiro grao da Nobreza na ordem de Moço Fidalgo com seus accrescentamentos, que ElRey D. Sebastiaõ no Regimento, que fez no anno de 1572, ordenou fosse o accrescentamento Fidalgo Escudeiro, e o ultimo Fidalgo Cavalleiro. E a segunda ordem, que começando em Escudeiro Fidalgo passa a Moço da Camera, e este ao accrescentamento de Cavalleiro Fidalgo. Foy do seu Conselho, e Despacho, e teve o grande lugar de Privado delRey, e por isso se assinava com este titulo, como se vê na Escritura da Doaçaõ, que ElRey D. Joaõ I. fez de muitas Igrejas à Ordem de Aviz no anno de 1394; e refere o Chronista Fr. Francisco Brandaõ, onde assinou assim: *O Doutor Joaõ das Regras, Privado delRey*; de que claramente se vê, que Privado era occupaçaõ, e naõ valído, como alguns entenderaõ, e nós suppomos ser Ministro do Despacho; porque no mesmo lugar refere Brandaõ huma Doaçaõ, que ElRey Dom Affonso III. fez a Joaõ Soares Coelho da Villa de Souto, assinaraõ assim: *Dom Mem Soares, Privado delRey confirma; Dom Egas Lourenço da Cunha, Privado delRey confirma*; com que bem se deixa ver naõ ser Privado nome de valído, senaõ occupaçaõ de Ministro do Despacho, a que por ser privadamente o seu exercicio chamariaõ Privados delRey. Parece que depois do Doutor

Brandaõ, V. Parte da *Monarchia Lusitana*, liv. 16. cap. 2. pag. 4. vers.

Doutor Joaõ das Regras naõ se encontra em outra alguma pessoa este titulo. Foy Senhor da Lourinhãa, Pereira, Cascaes, e seu Termo, do Reguengo de Oeiras, de Castello-Rodrigo, das Dizimas das Sentenças, e condemnações da Cidade de Evora, por Carta feita no anno de 1386; da jurisdicçaõ da Lourinhãa, e das rendas da Portagem de Evora, por Carta feita no anno de 1388; Senhor de Tarouca, e Baldigem, e outras terras, de que lhe fez merce o mesmo Rey, e tambem de lhe tirar de huma sua fazenda o foro, que pagava à Coroa, e lhe isentou huma herdade, que tinha na Vallada, que herdara de sua mãy: deulhe os Morgados de S. Mattheus, Santo Eutropio, ainda que estes, como temos visto, pertenciaõ a sua mulher, por ser do sangue dos Instituidores. Jaz no Mosteiro de S. Domingos de Bemfica, onde em huma sepultura grande de marmore com a sua Estatua, e Armas, assentada sobre quatro Leoens, tem este Epitafio:

Aqui jaz Joaõ das Regras, Cavalleiro, Doutor em Leys, Privado delRey D. Joaõ, Fundador deste Mosteiro: Finou tres dias de Mayo, Era 1442.

Assim o traz o Padre Fr. Luiz de Sousa na *Historia de S. Domingos*, e naõ podemos deixar de reparar, que este insigne Escritor diga o seguinte: *Por Varaõ insigne, grande Bemfeitor, e devoto da Religiaõ nos merece*

Historia de S. Domingos, part. 1. liv. 2. cap. 17. pag. 93.

merece memoria, e agradecimento neſtes Eſcritos o Doutor João de Aregas, (e não das Regras, como erradamente lhe chamaõ alguns) devemoslhe beneficios, &c. Naõ entramos em averiguar naõ lhe chamar Fundador, quando no Epitafio, que refere, poſto na ſua Igreja naquelle tempo, o declara Fundador daquelle Moſteiro, e elle ſó tem por Bemfeitor; mas ſómente no dizer, que erradamente lhe chamaõ das Regras, depois de no Capitulo II. do dito Livro a pag. 51 ter tranſcrito a Carta ſeguinte:

Dom Joaõ por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, &c. A quantos eſta minha Carta virem fazemos ſaber, que nós por amor de Deos, e rogo do Doutor Joaõ das Regras, do noſſo Conſelho, damos, e doamos, e fazemos livre, e pura Doaçaõ deſte dia para ſempre à Ordem de S. Domingos dos noſſos Paços de Bemfica a par da Cidade de Lisboa, com todos os ſeus pumares, ho das entradas, e ſahidas, para ſe fazer hum Moſteiro, e eſtarem ahi Frades a ſerviço de Deos, &c. e acaba. *Dada em Lisboa a 22 dias de Mayo. ElRey o mandou, Gonçalo Caldeira o fez, Era 1437,* que he o anno de 1399. Naõ dá aquelle inſigne Eſcritor a razaõ porque deve ſer Aregas, e naõ Regras. Eſta opiniaõ ſeguio, e apoyou com varios Documentos, com que verdadeiramente ſe equivocou o erudîto Joſeph Freire de Montarroyo Maſcarenhas em hum titulo, que fez deſta Familia, que chama *Aregas*; e na verdade ſendo trabalhado com as ſuas largas noticias, e vaſta liçaõ da

Hiſtoria, naõ nos podemos accommodar com a ſua opiniaõ; porque em taõ repetidos Documentos, como temos allegado, todos differentes, já mais ſe achou ſenaõ Regras, e entre elles o Codicillo de ſua mãy Sentil Eſteves, que tivemos em noſſo poder o Original, que vimos com muito cuidado, aſſiſtido da diligencia, viveza, e admiravel erudicçaõ de D. Franciſco de Almeida, hoje Principal da Santa Igreja de Lisboa, e digniſſimo por letras, ſangue, e virtudes, das mayores Dignidades da Chriſtandade, que por ſatisfazer à noſſa curioſidade, os teve do Prior da Magdalena Joſeph Rodrigues Leal, Juiz da Legacia, e ambos juntos os copiamos da minha propria maõ, e da ſua o fez elle ao Codicillo, que he o meſmo, que temos allegado, e os conferimos com exacçaõ; e para cumprir, como coſtumamos com a noſſa ſincera gratidaõ, devemos declarar, que o deſcobridor deſte importante achado foy o Doutor Manoel Moreira de Souſa, entaõ Collegial de S. Paulo, digno Prelado da Santa Igreja de Lisboa, Varaõ ornado de grande litteratura, e erudicçaõ, e de genio vivo, e indagador de antiguidades, que com perda da Republica das letras morreo a 17 de Abril deſte preſente anno de 1745; o qual em hum papel, que nos mandou de Coimbra, da ſua propria maõ, nos dava noticia, de que no Cartorio da Magdalena eſtava o Teſtamento referido da mãy do Doutor Joaõ das Regras, que poderia pedir ao Prior da dita Igreja, o qual como douto, e curioſo, nos ſatisfez na fórma

referida.

referida. Depois de taõ repetidos Instrumentos Originaes, que temos produzido, e outros, que vimos na Torre do Tombo, se tira, que o appellido desta Familia era das *Regras*, e naõ de *Aregas*; e por isso o Doutor Joaõ das Regras se assinava em Latim *Joannis de Regulis*, como affirma o Chronista Fr. Manoel dos Santos; e concluiremos, ainda que sem necessidade, com o Chronista Fernaõ Lopes, que na Chronica delRey Dom Joaõ lhe chama repetidas vezes Joaõ das Regras, o qual viveo no mesmo tempo, e o conheceo, como se tira da mesma Historia. Outras muitas Escrituras authenticas, e Originaes, poderiamos mostrar, em que se lê o appellido de Regras na mesma pessoa, e em outras da sua Familia.

Fernaõ Lopes, *Chronica delRey D. Joaõ I.* part. 1. cap. 28. e nos cap. 162, 167, 184, e 185.

Saõ de taõ alta esféra os descendentes do Doutor Joaõ das Regras, e elle Varaõ taõ grande, que quando naõ tivesse nobreza nos seus progenitores, elle a qualificou em si pelos seus merecimentos, e grandes empregos: porém como a natureza o dotou com mais este accidente, nos pareceo alargarmonos para satisfaçaõ dos curiosos.

Casou com D. Leonor da Cunha, de quem teve unica a D. Branca da Cunha, como dissemos, mulher de D. Affonso, chamado de *Cascaes*; e desta esclarecida uniaõ teve

12 D. Isabel da Cunha, que casou com D. Alvaro de Castro, I. Conde de Monsanto, que occupará o Capitulo II.

12 D. IGNEZ, e D. VIOLANTE, das quaes se naõ sabe, que tivessem estado.

Casou D. Affonso segunda vez com Dona Maria de Vasconcellos, filha de Joanne Mendes de Vasconcellos, Senhor dos Morgados de Freiriz, e do de Soalhaens, e outras terras, e de sua mulher D. Leonor Pereira, filha de D. Alvaro Pereira, Prior do Crato, de quem teve = 12 D. FERNANDO DE VASCONCELLOS, Senhor de Mafra, como se verá no Capitulo I. Parte III. do Livro XIII. Tomo XII.

CAPITULO II.

De D. Isabel da Cunha, Condessa de Monsanto, mulher do Conde D. Alvaro de Castro.

12 SUccedeo D. Isabel da Cunha na Casa de seu pay, e foy Senhora de Cascaes, Lourinhãa, e outras terras; teve os Morgados de S. Matheus, e Santo Eutropio, com todas as suas dependencias, o Reguengo de Oeiras, e outras muitas rendas; e pelo seu casamento foy Condessa de Monsanto. Casou com Dom Alvaro de Castro, que neste Reyno foy hum grande Senhor pela representaçaõ da Casa de Castro, e por outras prerogativas, que concorriaõ na sua pessoa; porque era filho de D. Fernando de Castro, Senhor de Ançaã, e S. Lourenço do Bairro, Alcaide môr da Covilhãa, e Senhor do Paul

Paul de Boquilobo, Governador da Casa do Infante D. Henrique, que com elle, e seus irmãos passou a Tangere; e depois hindo para Ceuta a tratar da troca do Infante D. Fernando, faleceo em Abril do anno de 1441; e de sua mulher D. Isabel de Ataide, filha de Dom Martim Gonçalves de Ataide, Alcaide môr de Chaves: e era neto de D. Pedro de Castro, Senhor do Cadaval, Peral, &c. e de sua mulher D. Leonor Telles de Menezes, filha de D. Affonso Tello de Menezes, Conde de Ourem, e da Condessa D. Guiomar Lopes Pacheco, a quem os nossos Nobiliarios daõ o appellido de Villalobos; e segundo neto de D. Alvaro Pires de Castro, que passando de Castella a este Reyno, se estabeleceo nelle com estimaçaõ dos Reys de seu tempo, que attendendo à representaçaõ da sua pessoa, lhe fizeraõ especiaes honras, e merces. ElRey D. Pedro I. lhe deu os Lugares de Unhaõ, Faaes, Villacasata, Bulhoens, e Regilde, Entre Douro, e Minho, que foraõ de Dom Affonso Sanches; e na Era de 1409, que he anno de 1371, o creou ElRey D. Fernando Conde de Vianna da Foz do Lima, e que tivesse este Condado, e o de Caminha. Consta de huma Carta de venda de certos bens a D. Maria Telles, feita em 5 de Dezembro da Era de 1410, que he anno de 1372, que vimos na Torre do Tombo na Casa da Coroa, gaveta 3. maço 11. Foy tambem Conde de Arrayolos, (e com este titulo he universalmente tratado) Senhor das Villas de Caminha, Aldea-Gallega junto a Alenquer, com

Pina, *Chronica delRey D. Duarte*, cap. 16.

Chronica delRey Dom Affonso V. cap. 50.

Torre do Tombo liv. 1. delRey D. Pedro, pag. 126.

Chancellar. delRey D. Fernando, liv. 1. pag. 73.

com toda a ſua juriſdicçaõ; e já na Era de 1406, que he anno de 1368, lhe havia o meſmo Rey feito Doaçaõ das Villas da Caſtanheira, Póvos, Cheleiros, Carvoeira, e lhe confirmou a terra de Souſa Entre Douro, e Minho, tudo de juro, e herdade, com os Padroados Reaes. Deulhe por pagamento de certas quantias na Era de 1409, que he anno de 1371, as terras de Arroyolos, e de Pavía, mandandolhe no anno ſeguinte entregar os Direitos Reaes de Alfemara, e Malveira. Depois na Era de 1413, que he anno de 1375, lhe fez merce das Quintas, e Caſaes de Vinhaes, Avila do Porto, e Odemira, que foraõ do Almirante Lançarote Peſſanha, e o Reguengo de Cantanhede pelos Reguengos de Campores, e Rabaçal, que lhe tinha dado. Deulhe tambem os bens, que foraõ de Joaõ Moreira na Era de 1415 a 10 de Julho, que he anno de 1377, e nella diz: Faço Doaçaõ para ſempre a Alvaro Pires de Caſtro, Conde de Arrayolos, meu Vaſſallo. E dava-ſe ElRey por taõ ſatisfeito, e agradado dos ſeus ſerviços, que fazendo delles memoria, lhe fez de novo Doaçaõ da terra de Ferreira de Aves, que havia poſſuido Diogo Lopes na Era de 1418, que he anno de 1380. Deſorte, que com eſtas, e outras merces foy D. Alvaro hum dos mais ricos, e poderoſos Senhores do ſeu tempo; porque elle foy Alcaide môr de Lisboa, e o I. Condeſtavel deſte Reyno, lugar que ſe creou para a ſua peſſoa, que he huma das que aponta a Chronica do meſmo Rey, que acompanharaõ à Infanta D. Brites,

Livro 2. do dito Rey, pag. 21.

Brites, quando casou com ElRey D. Joaõ I. de Castella em 2 de Abril do anno de 1383, referindo-os nesta ordem: *Primeiramente a Rainha Dona Leonor, mãy da Infante, o Mestre de Aviz, irmaõ delRey, o Conde Dom Alvaro Pires de Castro, Condestavel de Portugal, D. Gonçalo Telles, Conde de Neiva, D. Joaõ, Conde de Vianna, D. Joaõ Fernandes, Conde de Ourem, Dom Fernando Affonso de Albuquerque, Mestre de Santiago, Dom Lopo Dias de Sousa, Mestre de Christo, Dom Fr. Pedro Alvares Pereira, Prior do Hospital, Misser Lançarote Pessanha, Almirante, Fernaõ Gonçalves de Sousa, Gonçalo Vasques de Azevedo, Gonçalo Mendes, e Joaõ Mendes de Vasconcellos, Alvaro Fernandes de Moura, Alvaro Vasques de Goes, e outros muitos Fidalgos principaes.* Casou com D. Maria Ponce, como elle refere no seu Testamento, feito em Lisboa nos seus Paços a 7 de Julho da Era de 1422, que he anno de 1384. Era filha de D. Pedro Ponce, Rico-homem, Senhor de Marchena, e de sua mulher D. Brites Xerica. Jaz em S. Domingos de Lisboa com a Condessa D. Maria sua mulher.

Prova num. 10.

Salazar de Castro, *Glorias de la Casa Farnese*, pag. 574.

Foy o Condestavel D. Alvaro filho de D. Pedro Fernandes de Castro, que pelas suas gloriosas emprezas mereceo ser chamado o da *Guerra*, Rico-homem, Senhor de Lemos, e Sarria, Mordomo mór delRey D. Affonso XI. de Castella; e de sua segunda mulher D. Aldonça Soares de Valladares, como deixamos escrito no Livro VIII. Capitulo I. pag. 46

do

do Tomo IX., ſendo a Familia de Caſtro huma das tres Familias de Heſpanha, deſcendentes dos Condes Soberanos de Caſtella, como referem as Hiſtorias antigas daquelle Reyno. Na delRey D. Henrique II. ſe lê o ſeguinte: *Y ſiempre contaron en Caſtilla tres Caſas grandes de Señorios, a ſaber, Lara, Viſcaya, y Caſtro, de las quales eſtas ſon las primeras, y principales.* Eſta aſſeveraçaõ diz D. Luiz de Salazar, que he o teſtemunho de mayor authoridade, que podia haver para a Caſa de Lara, de quem tratava, quando a Condeſſa de Alançon pedia ao dito Rey os Senhorios de Lara, e Biſcaya.

Hiſtoria de la Caſa de Lara, lib. 1. cap. 1. pag. 3. tom. 1.

Era D. Alvaro de Caſtro Senhor de Caſtello-Mendo, Povoa delRey, Villa-Franca, Bouſa, Cova, S. Lourenço do Bairro, com ſeus Padroados, do Reguengo delRey, Fronteiro, e Alcaide mór de Lisboa, e da Covilhãa, &c. e pelo ſeu caſamento Senhor de Caſcaes, Lourinhãa, &c. Foy Camereiro mór delRey D. Affonſo V. que o creou I. Conde de Monſanto, e fazendolhe Doaçaõ da meſma Villa em Lisboa a 21 de Mayo de 1460. Servio na guerra de Africa com tanto valor, e diſtincçaõ, que ſerá eterna a ſua memoria, acabando na tomada de Arzilla a 24 de Agoſto de 1471; havendo tido de ſua mulher a Condeſſa D. Iſabel da Cunha os filhos ſeguintes:

Livro 3. dos Miſt. pag. 230.

Chronica delRey Dom Affonſo V. cap. 40. pag. 141.

13 D. JOAÕ DE CASTRO, II. Conde de Monſanto, e Senhor da grande Caſa de ſeus avós, em que ſuccedeo, menos na Alcaidaria mór da Covilhãa, que

que deu a ſeu irmaõ D. Rodrigo. ElRey D. Affonſo V. lhe fez merce de lhe accreſcentar o aſſentamento, dizendo: *Que havendo reſpeito aos grandes ſerviços, que tenho recebido, aſſim neſtes Reynos, como em outras muitas partes, de D. Joaõ de Caſtro, Conde de Monſanto, meu muito amado ſobrinho*: foy feita em Çamora a 21 de Outubro de 1475, e nella lhe deu 130U. reaes brancos; que havendo caſado com a Condeſſa D. Maria de Menezes, filha de D. Duarte de Menezes, III. Conde de Vianna, Alferes mór de Portugal, Capitaõ de Alcacer, que acabou glorioſamente a 20 de Janeiro de 1464 em huma peleija com os Mouros; e de ſua mulher D. Iſabel de Mello, filha de Martim Affonſo de Mello, Guarda mór del-Rey D. Joaõ I.: porém deſta eſclarecida uniaõ naõ houve filhos.

Chancellar. do anno de 1475, pag. 42.

13 D. Joanna de Castro, que veyo a ſer herdeira, de quem faremos mençaõ no Capitulo III.

* 13 D. Leonor de Castro caſou com Dom Pedro de Menezes, Senhor de Cantanhede, adiante §. II.

13 D. Guiomar de Castro, que foy Duqueza de Naxera, mulher de D. Pedro Manrique de Lara, chamado o *Forte*, I. Duque de Naxera, II. Conde de Trevinho, X. Senhor de Amuſco, Navarrete, e outras terras, Adiantado, e Notario mayor do Reyno de Leaõ, Capitaõ General das Fronteiras de Aragaõ, Navarra, e Jaen, &c. que morreo no primeiro de Fevereiro de 1515, ſobrevivendo à Duque-

za sua mulher, que faleceo em Março de 1505. D. Antonio de Lima no seu Nobiliario, e outros, que o seguiraõ sem averiguaçaõ, em que entra Damiaõ de Goes, naõ daõ esta filha à Condessa D. Isabel da Cunha, tendo-a por illegitima: porém D. Luiz de Salazar na sua estimadissima Historia da Casa de Lara, mostra com a sua costumada madureza convencer o erro daquelles Genealogicos, deixando com evidencia provada esta filiaçaõ, donde se póde ver, e a sua esclarecida successaõ.

Historia de la Casa de Lara, tom. 2. lib. 8. cap. 6, pag. 141.

* 13 D. Rodrigo de Castro, §. III.

13 D. Magdalena de Castro, que foy Freira no Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, e Abbadessa mais de vinte annos.

§. II.

* 13 D. Leonor de Castro casou com D. Pedro de Menezes, I. Conde de Cantanhede, feito por ElRey D. Affonso V., quando voltou de Castella, no anno de 1479 estando em Évora, Senhor das Villas de Cantanhede, Tancos, Tanquinhos, Atalaya, Cinceira, e outras, Alferes môr de Portugal, de que se lhe passou Carta em Lisboa a 5 de Mayo de 1512. Servio em Africa com reputaçaõ; achou-se na batalha de Touro, em que o seu valor, prudencia, e authoridade conduzio muito para a uniaõ dos nossos. Morreo velho na sua Villa de Cantanhede. Foy D. Leonor sua primeira mulher, de quem teve estes filhos:

lhos: ⁐ 14 D. JORGE DE MENEZES, adiante. ⁐ 14 D. JOAÕ DE MENEZES, que casando com Dona Guiomar Coutinho, filha de Ruy Lopes Coutinho, morreo desgraçadamente em Africa, ferido de hum Leaõ. ⁐ 14 D. MANOEL DE MENEZES, que tambem acabou infelizmente, cahindo ao mar, hindo na Armada, em que o Conde Prior do Crato D. Joaõ de Menezes hia em soccorro dos Venezianos. ⁐ 14 D. MARIA DE MENEZES, que casou com Dom Henrique de Menezes, filho do Marquez de Villa-Real, cuja esclarecida uniaõ deixamos referida no Capitulo V. do Livro VI. §. III. pag. 310 do Tom. V.

* 14 D. JORGE DE MENEZES, foy VI. Senhor de Cantanhede, Atalaya, Cinceira, &c. Casou com D. Leonor Manoel, filha de D. Joaõ de Sottomayor, Senhor de Alconchel, (e de D. Joanna Manoel sua mulher, filha de D. Lourenço Soares de Figueiroa, e de D. Maria Manoel, Condes de Feria) e era irmaõ inteiro de D. Alonso de Sottomayor, IV. Conde de Belalcaçar, de quem fizemos mençaõ, por casar com D. Isabel de Castro, filha do Senhor D. Alvaro, no Capitulo II. do Livro IX. pag. 47 do Tomo IX., e tiveraõ os filhos, que se seguem. ⁐ 15 D. JOAÕ DE MENEZES, VII. Senhor de Cantanhede, que casou com D. Margarida da Sylva, filha de D. Antonio de Noronha, e D. Joanna de Ayala, primeiros Condes de Linhares; e a sua esclarecida posteridade escrevemos no Liv. VI. Cap. V. §. II. do Tom. V. pag. 271. ⁐ 15 D. PEDRO DE MENEZES, que

Aponte, *Luzero de la Nobleza*, m. s.

foy Senhor de Fermoſelhe, que caſou com D. Mecia de Noronha, com a illuſtre ſucceſſaõ, que referimos no Livro XII. Capitulo III. pag. 406, §. I. ⩶ 15 D. Manoel de Menezes, viveo em Almada; foy Governador, e Camereiro môr do Senhor Dom Duarte, filho do Infante D. Duarte. ElRey Dom Joaõ III. o mandou a França a viſitar a ElRey Henrique II. pela morte delRey Franciſco I. ſeu pay. Caſou com D. Brites de Vilhena, filha herdeira de Joaõ de Mello da Sylva, Capitaõ de Ceilaõ, que voltando ao Reyno no anno de 1526, ſe perdeo; e de ſua mulher D. Leonor Fogaça, filha de Joaõ Vaz de Almada, Corregedor da Corte; e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⩶ * 16 D. Joaõ de Menezes, adiante. ⩶ 16 D. Pedro de Menezes, ſervio na India com reputaçaõ, e valor, foy Capitaõ de Malaca, e Dio, e caſou duas vezes, a primeira com D. Luiza Coutinho, viuva de Luiz Freire, filha de D. Manoel Coutinho; e a ſegunda com D. Bernarda de Eça, filha de D. Jorge de Eça, Alcaide môr de Muja, como ſe diſſe no Cap. X. pag. 719 deſte Tomo. ⩶ 16 D. Domingos, D. Miguel, e D. Francisco de Menezes, ſem ſucceſſaõ. ⩶ 16 D. Filippa de Vilhena, Freira na Eſperança de Lisboa. ⩶ 16 D. Leonor de Vilhena no Moſteiro da Madre de Deos de Lisboa, donde foy para Fundadora do Moſteiro de Sacavem. ⩶ 16 D. Joanna Manoel, que caſou com D. Joaõ de Mendoça, que na India foy Capitaõ de Chaul, e no Reyno Védor da Caſa da Infanta

ſanta Dona Maria, Governador de Mazagaõ, onde morreo no anno de 1561, e foy ſua primeira mulher, de quem teve ⩶ 17 ANTONIO DE MENDOÇA, Religioſo de S. Franciſco da Provincia dos Algarves. ⩶ 17 NUNO DE MENDOÇA, Eremita de Santo Agoſtinho, ⩶ 17 e MANOEL DE MENDOÇA, que morreo no anno de 1578, na batalha de Alcacere em Africa. ⩶ * 16 D. ANNA DE MENEZES, que caſou com D. Pedro da Cunha, adiante. ⩶ 16 D. MARIA DE VILHENA caſou com Bernardim Ribeiro Pacheco, Commendador de Villa-Cova na Ordem de Chriſto, de quem teve ⩶ 17 LUIZ RIBEIRO PACHECO, Commendador de Villa-Cova, que caſou com D. Catharina de Ataide, viuva de Fernaõ Gomes da Grãa, Guarda mòr das Naos da India, e filha de D. Franciſco de Portugal, Commendador da Fronteira na Ordem de Aviz, Eſtribeiro mòr delRey D. Sebaſtiaõ, com quem morreo na batalha de Alcacere, de quem naõ teve ſucceſſaõ; e pela naõ ter tambem ſeu irmaõ MANOEL PACHECO, foy ſua herdeira D. MARIA DE MENEZES ſua irmãa, caſada com Triſtaõ da Cunha, Senhor do Morgado de Payo Pires; e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⩶ 18 TRISTAÕ DA CUNHA, que foy ſeu herdeiro, e caſou com D. Antonia da Sylva; e a ſua illuſtre poſteridade deixamos eſcrita a pag. 622 do Tomo X. ⩶ D. CATHARINA DE MENEZES, Freira no Convento da Eſperança de Lisboa. ⩶ 16 D. IGNEZ DE MENEZES caſou com Bernardo de Carvalho, Guarda-Roupa delRey D. Joaõ III. que

que foy cativo na batalha de Alcacere; e tendo filhos, naõ sabemos, que tivessem successaõ. ⩶ 16 D. CATHARINA DE MENEZES, que foy segunda mulher de Affonso de Albuquerque, filho do Grande Affonso de Albuquerque, Governador da India, onde morreo a 16 de Dezembro de 1515, de quem naõ teve successaõ; e ficando viuva, casou com D. Joaõ Coutinho, Alcaide môr de Santarem, e Almeirim, Senhor de Alvayazere; e desta uniaõ nasceraõ duas filhas ⩶ 17 D. LUIZA. ⩶ * 17 D. JOANNA COUTINHO, adiante. ⩶ 17 D. LUIZA COUTINHO, que foy herdeira, e faleceo a 31 de Janeiro de 1639, e casou com D. Francisco de Castellobranco, II. Conde de Sabugal, Meirinho môr do Reyno; e teve, além dos filhos, que morreraõ sem estado, as filhas seguintes: ⩶ 18 D. BRITES DE MENEZES DE CASTELLOBRANCO, que veyo a ser herdeira, e casou duas vezes; e da sua esclarecida successaõ tratámos a pag. 343 do Tomo V. ⩶ 18 D. MARIA COUTINHO casou com Luiz Freire, Senhor de Bobadella, sem posteridade, ⩶ 18 e D. ISABEL DE CASTELLOBRANCO, que casou com D. Francisco de Castellobranco, VIII. Conde de Redondo, Commendador da Espada de Elvas, que faleceo no anno de 1686, e foy sua primeira mulher, de cuja uniaõ nasceo ⩶ 19 D. JOAÕ DE CASTELLOBRANCO, herdeiro da Casa de Redondo, que casou com D. Magdalena de Tavora, Dama do Paço, por cujo serviço ElRey lhe fez merce do titulo de Conde, que seu pay lhe encontrou, com o motivo

de

de elle ser ainda vivo: porém desta uniaõ naõ ficou descendencia. = 17 D. JOANNA COUTINHO, segunda filha de D. Joaõ Coutinho, casou com Francisco Moniz, V. Senhor de Angeja, Bemposta, Figueiredo, Pinheiro, e Sequins, que no anno de 1638 passou na Armada do Conde da Torre a Pernambuco; e succedendo depois a Acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV. ficou em a Corte de Madrid, e lá morreo, sem deixar successaõ.

* 16 D. JOANNA DE MENEZES, que foy a segunda filha de D. Manoel de Menezes, primeira mulher de D. Pedro da Cunha, Commendador de S. Martinho de Bornes na Ordem de Christo, General das Galés, Capitaõ General da Cidade de Lisboa, e Costa do Algarve, do Conselho de Estado delRey D. Sebastiaõ, que quando passou à Africa, o deixou por Capitaõ môr de Lisboa, que havia servido com reputaçaõ sempre; de sorte, que mereceo tanto pelo illustre nascimento, como pelas virtudes, com que se distinguia; porque D. Pedro toda a vida servio, principiando no anno de 1532, em que passou a Tangere, sendo Capitaõ daquella Praça Dom Alvaro de Abranches, e depois Gonçalo Mendes Zacoto, tempo em que aquella Praça sentio por seis mezes o terrivel mal da peste. No anno de 1534 se achou no soccorro de Azamor, quando os Mouros a intentaraõ sitiar, donde passou a servir na Praça de Mazagaõ. E no anno de 1538 passou à India com o Vice-Rey D. Garcia de Noronha, e com elle se achou no soccorro

ro de Dio, e em todas as emprezas do ſeu governo, e do Governador do Eſtado Dom Eſtevaõ da Gama, em que houve acções de eterna memoria; e tendo reſidido na India cinco annos, voltou ao Reyno; e no anno de 1544 tendo-ſe receyo, que o atrevido, e celebre Coſſario Barba-Roxa, invadiſſe algumas das noſſas Praças de Africa, mandou ElRey muitos Fidalgos a ſoccorrellas, e D. Pedro foy para Alcacere. No anno de 1550 havendo-ſe de reformar a Armada das Galés, que quaſi eſtavaõ abandonadas, nomearaõ a D. Pedro Capitaõ môr dellas, que elle preparou naõ ſó com muito trabalho ſeu, e de ſeu irmaõ Dom Vaſco da Cunha, Cavalleiro de Malta, que naquelle ſerviço ſe havia creado, as apreſtaraõ, mas com deſpeza propria, porque as apparelhou com muita policia; e conſeguindo varias occaſioens de reputaçaõ, porque com quatro Galés peleijou com oito de Turcos, e Mouros, que desbaratou, e poz em fogida, tomandolhe huma com oitenta Turcos. Depois peleijou com o celebre Xa Amete Azayas, Capitaõ môr de huma Eſquadra de oito embarcações, com tanto vigor, e furia, que lhe mataraõ cento e vinte e ſete homens, e feriraõ cento e cincoenta: porém com mayor perda dos inimigos, porque lhe rendeo tres Galés, cativou noventa Turcos, com o meſmo Capitaõ môr, matandolhe mais de cento e cincoenta, e reſgatando cento e vinte Chriſtãos do ſeu poder; de ſorte, que ſete annos, e tres mezes teve o governo das Galés D. Pedro da Cunha, em que cativou entre

Turcos,

Turcos, e Mouros, trezentos e oitenta, tomandolhe onze embarcações, no que naõ só teve trabalho, mas despeza da sua fazenda. No anno de 1572, estando despachado para a India, o mandou ElRey por Capitaõ, e Governador de Ceuta, donde esteve quasi cinco annos, logrando em toda a parte reputaçaõ de valeroso, e prudente; de sorte, que os Capitaens, que estavaõ nas Praças visinhas da Coroa de Hespanha, se aconselhavaõ com elle, com tanto proveito, que ElRey D. Filippe II. lho agradeceo com honradas Cartas. Ultimamente sendo Capitaõ mór de Lisboa, quando o mesmo Rey entrou em Portugal, lhe mandou dizer, que o faria Marquez de Alenquer, se abraçasse o seu partido, que elle honradamente recusou, por seguir o Senhor D. Antonio; e parecendolhe mais brioso acompanhallo na batalha, do que na fogida, foy prezo pelo Duque de Alva, e mandado para a Torre de Belem, onde prezo com grilhoens aos pés acabou a vida; e deixando gloriosa memoria, a fez ainda mais celebre a expressaõ, com que entaõ o amor, e zelo da Patria o fez declarar, dizendo, que amaldiçoava seus filhos, e netos, se puzessem pedra sobre pedra no seu Morgado, em quanto Portugal fosse sugeito à Coroa de Hespanha. Teve de sua primeira mulher D. Anna ⩶ 17 a D. LUIZ DA CUNHA, que morreo moço. ⩶ 17 D. MANOEL DA CUNHA, que foy Commendador de Dornes, e de Almagens, na Ordem de Christo, Visitador da mesma Ordem, e Senhor de Taboa, em que

ſuccedeo por morte de ſeu primo com irmaõ D. Manoel da Cunha; e depois de ter ſervido com valor; ſendo cativo na batalha de Alcacere, ſe achou depois na Armada do Marquez de Santa Cruz, quando foy às Ilhas dos Açores. Acabou com opiniaõ de virtuoſo, ſendo caſto toda a ſua vida, pelo que naõ tomou eſtado. = 17 D. MARIA DE MENEZES, que caſou com Jorge de Albuquerque Coelho, Senhor de Pernambuco, que ſe achou com ElRey D. Sebaſtiaõ na batalha de Alcacere; e depois de perdida, deu a ElRey o ſeu Cavallo, para que ſe ſalvaſſe; e depois de ter recebido nove feridas, foy cativo, como refere Miguel Leitaõ de Andrade na ſua *Miſcellanea*; porém deſte matrimonio naõ houve ſucceſſaõ. Caſou ſegunda vez D. Pedro da Cunha com D. Maria da Sylva, filha de Ruy Pereira da Sylva, Alcaide môr de Sylves, Senhor do Morgado de Monchique, Guarda môr do Principe D. Joaõ, com o Privilegio das entradas da camiſa, como o Camereiro môr Franciſco de Sá; e de ſua mulher D. Iſabel Coutinho; e deſta uniaõ naſceraõ os filhos ſeguintes:

Andrade, *Miſcellanea*, pag. 199 até 203.

17 D. LUIZ DA CUNHA, Commendador de S. Thomé da Correlhãa na Ordem de Chriſto, ſervio em Tangere; embarcou nas Galés de Caſtella, e na Armada de D. Joaõ Fajardo; e morreo em Caſa-Rubios, ſeis legoas de Madrid, hindo a negocios àquella Corte: naõ caſou nem teve ſucceſſaõ.

17 D. RODRIGO DA CUNHA naſceo em Lisboa em Setembro de 1577, e ſendo deſtinado para a vida

Eccleſi-

Ecclesiastica, passou à Universidade de Coimbra, e foy Porcionista do Collegio de S. Paulo, e Doutor em Canones, Deputado do Santo Officio da Inquisiçaõ de Lisboa, em que entrou a 6 de Agosto de 1608; e no de 1615 a 9 de Fevereiro foy feito Inquisidor da mesma Inquisiçaõ, aqui compoz o Tratado de *Confessionis solicitantibus*, que imprimio em 1611, e depois se reimprimio em 1620, e 1632. Os seus merecimentos, com illustre nascimento, o elevaraõ depois às mayores Dignidades, e lugares do Reyno; assim no anno de 1615 foy nomeado Bispo de Portalegre, e nesta Cidade entrou a 15 de Fevereiro de 1616. Começou logo a luzir o zelo, e letras do Pastor no cuidado do seu rebanho, no augmento do Culto Divino, na reformaçaõ dos costumes, e na caridade com os pobres; e tendo assistido nesta Igreja tres annos, escreveo o Tratado da *Explicaçaõ dos Jubileos*, que imprimio em 1622, e depois se traduzio em lingua Castelhana, Franceza, e Latina, e se imprimio. E sendo promovido à do Porto, sahio de Portalegre com geral sentimento dos pobres, e de todas as suas ovelhas: entrou no Porto a 14 de Abril de 1619, e neste mesmo anno passou às Cortes, que havia convocado em Lisboa ElRey D. Filippe III. em que foy jurado Principe D. Filippe seu filho. Recolhido à sua Igreja, lhe mandou o mesmo Rey offerecer o Bispado de Viseu, de que com justos motivos se escusou: entaõ escreveo o Catalogo dos Bispos do Porto, que se imprimio naquella Cidade no anno de 1623. Pela mudan-

ça de D. Affonso Furtado de Mendoça para Lisboa ficou vago o Arcebispado de Braga, em que ElRey o nomeou; e passandolhe as Bullas o Papa Urbano VIII. a 27 de Janeiro de 1627, tomou o Pallio no Porto da maõ de D. Fr. Antonio dos Santos, Bispo de Nicomedia, a 13 de Mayo; e entrou na Primacial Igreja de Braga a 10 de Junho, onde os seus naturaes com extraordinario gosto o festejaraõ pelos oito dias seguintes, com varias invenções de jogos, e outras festas, em que se vio a grandeza, e apparato dos animos dos seus moradores, sempre luzidos, e generosos: destas festas se imprimiraõ duas Relações, huma em Braga, e outra no Porto. O sublime talento do Prelado, e o zelo, o empregaraõ logo na reforma do Breviario Bracarense, que era muito antigo, assistindo pessoalmente com Capitulares doutos a este trabalho. Compoz tambem hum livro, que imprimio no anno de 1629: *Super primam partem Decreti Gratiani Commentarium*; e por ordem delRey D. Filippe II. fez o livro de *Primatu Bracharensis Ecclesiæ*, que imprimio em Braga em 1632. E como nenhuma cousa estimava mais, que a gloria da sua Igreja, escreveo a *Historia Ecclesiastica de Braga, com as Vidas de seus Arcebispos, e Varoens Santos, e eminentes do Arcebispado*, em dous volumes, que se imprimiraõ em 1634, e 1635. Com a continua applicaçaõ dos seus estudos illustrou a Igreja Primacial, sendo acerrimo Defensor das suas preeminencias, e ao mesmo tempo hum insigne Pastor, que suavemente

te

te soube apascentar hum taõ dilatado rebanho, brilhando entre muitas virtudes a caridade nas esmolas, e compaixaõ dos pobres. Tres vezes o mandou o mesmo Rey a Vianna a prevenir a defensa daquella Villa, pelo receyo, que teve, de que a Armada Ingleza, entrando naquelles mares, fizesse algum desembarque naquella Villa.

No anno de 1635 vagando o Arcebispado de Lisboa por morte do Arcebispo Dom Joaõ Manoel, nomeou o mesmo Rey ao Arcebispo Dom Rodrigo para o Arcebispado de Lisboa, com a especialidade de o fazer ao mesmo tempo do Conselho de Estado, e Adjunto à Princeza Margarida de Mantua, que entaõ governava o Reyno, para lhe assistir ao despacho ordinario. Tomou posse desta Igreja por seu Procurador D. Antonio de Castro, Deaõ da mesma Sé, no primeiro de Mayo de 1636; e da maõ do Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro recebeo o Pallio na Igreja de S. Bento a 10 de Agosto do referido anno; e fez a sua entrada publica, sahindo da Igreja de S. Luiz pelas Portas de Santo Antaõ com todo o apparato de Ordens, e Nobreza, com o Senado da Camera, na fórma disposta no Ceremonial Romano. E principiando pelo bem, e reforma da sua Igreja, acodio a tudo, o que era preciso para evitar os abusos, arrancando vicios, e reformando costumes; de sorte, que vendo a necessidade, que havia para o bom governo do seu rebanho, convocou Synodo Diocesano, que havia quasi sessenta annos se naõ havia celebrado,

brado, que fez na Sé de Lisboa a 30 de Mayo de 1640; e as *Constituições do Arcebispado de Lisboa*, que se acabaraõ de imprimir por ordem do Deaõ, e Cabido Sede Vacante no anno de 1656. Mandou ElRey D. Filippe IV. fazer huma Junta de varios Ministros Castelhanos, e nella foy o Arcebispo o unico obstaculo, para naõ conseguirem o que intentatavaõ nos tributos, e violaçaõ dos fóros, e liberdades da Coroa. Foy chamado a Madrid no anno de 1638, e outros Prelados, e muitos Fidalgos seculares; e antes de partir fez o seu Testamento, e a 16 de Mayo se foy despedir do seu Cabido. Entrou em Madrid, donde foy a admiraçaõ dos mayores Ministros da Corte, vendo a constancia, e liberdade, com que sustentou, e defendeo os fóros da Patria: revestido de zelo desprezou o Capello de Cardeal, que lhe offereciaõ, se mudasse do seu parecer; porque constante amava a justiça, e naõ se preoccupou já mais de ambiçaõ. Merece que naõ nos esqueçamos de referir hum caso, que lhe succedeo em Madrid, que he huma evidente prova do caracter deste grande Prelado. Pertenderaõ naquella Corte darlhe juramento de segredo, sendo perguntado, o que sentia sobre as cousas de Portugal, a que revestido de hum santo zelo, respondeo o Arcebispo: *Amim ninguem me póde dar juramento, senaõ o Summo Pontifice, a que sou immediato, ou ElRey nas Cortes.* Esta reposta mostra qual era a grandeza do seu coraçaõ, que já mais o alterou caso algum, ou prospero, ou infelice; porque

que inalteravel a huns, e outros, os recebia com animo ſereno, e como bom Paſtor ſentia a auſencia do ſeu amado rebanho: pelo que pedio licença para ſe reſtituir à ſua Igreja, proteſtando as penas, em que incorriaõ os que injuſtamente eraõ a cauſa de faltar ao governo da ſua Igreja, a que finalmente ſe reſtituîo a 21 de Mayo de 1639. Sendo recebido com inexplicavel ſatisfaçaõ, e goſto, o acompanhou todo o Clero, e Religioens da Cidade debaixo do Pallio com o Santo Lenho, vindo da Miſericordia em Prociſſaõ até à Sé. E para que foſſe hum glorioſo triunfo deſte virtuoſo Prelado, cauſou huma grande edificaçaõ, ver nella a todos os pobres da Cidade com canas verdes na maõ, acompanhando ao ſeu Bemfeitor. Foy o concurſo extraordinario, e naõ menos as demonſtrações, com que feſtejaraõ todos a vinda do ſeu Prelado, com luminarias, e outras expreſſoens, com que teſtemunhavaõ a ſua alegria.

Executou-ſe no primeiro de Dezembro de 1640 a feliciſſima Acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV. em que o Arcebiſpo teve grande parte; porque o ſeu reſpeito authoriſou a reſoluçaõ dos Acclamadores; porque vendo hum Varaõ ornado de virtude, que perſuadia com o exemplo, e com a eloquencia, a ſeguiraõ logo todos os ſeus illuſtres parentes, e todos os Eccleſiaſticos, que lhe obedeciaõ, ſendo a primeira peſſoa de cujo conſelho, e direcçaõ ſe valeraõ. Naquelle meſmo dia foy ao Paço, e deſenganou à Princeza Governadora, do que a Nobreza, e Povo tinhaõ executado;

ecutado, e foy eleito por Governador do Reyno até que chegasse ElRey, que estava em Villa-Viçosa, sendo taõ universal a sua authoridade, que segurou, e facilitou a entrega das Praças, e Fortalezas Ultramarinas à obediencia delRey, o veremse as ordens assinadas pelo Arcebispo Dom Rodrigo, a quem o zelo, verdade, e Religiaõ tinhaõ constituido já Pay da Patria, pelo amor, e desinteresse, com que a servia. Depois no Auto do Juramento, que a 15 de Dezembro de 1640 se fez, assistio o Arcebispo, e na sua Sé, onde revestido em Pontifical com o Santo Lenho, recebeo a ElRey, que o nomeou para o Despacho de todos os dias, em que lhe assistio, em quanto lhe durou a vida; e fazendolhe merce do Graõ Priorado do Crato, elle o naõ quiz aceitar; porque o seu coraçaõ só servia ao amor com zelo, e naõ ao interesse. Quando no dia 28 de Janeiro do anno de 1641 se ratificou pelos Tres Estados do Reyno o Juramento, que se havia feito a ElRey, e ao Principe, foy elle o primeiro Prelado, que o ratificou; e assistindo nas Cortes no dia seguinte, foy a primeira testemunha dellas: e tendo-se distinguido nas obrigaçoes de verdadeiro Prelado, foy hum dos insignes, que illustraraõ as Igrejas, que occupou, pelo zelo da Religiaõ, e caridade com o proximo, com quem despendia todas as suas grossas rendas, naõ só em esmolas publicas; mas em muitas, que com larga maõ fazia occultas; de sorte, que o seu mayor cuidado foraõ o Culto Divino, e o sustento dos pobres. Nelle

se

se vio innocencia de vida, admirando-se desde a flor da idade huma virginal modestia, que conservou toda a vida, naõ sofrendo, que na sua presença se proferisse palavra, que sendo jocosa, fosse menos modesta; de sorte, que em tudo seguio huma vida exemplar; porque passava noites inteiras sem dormir, gastando muita parte em orar, e outras estudando, como se vê dos seus estimaveis Escritos. Ultimamente compoz *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, de que só se imprimio o primeiro volume no anno de 1643. Jejuava todas as sestas feiras, e Sabbados do anno, a que accrescentava hum aspero cilicio, que ordinariamente trazia, além de frequentes disciplinas, e outras mortificações; porque foy parco em tudo. Naõ teve baixellas, nem ornatos no seu Palacio; porque tudo deu aos pobres, e por elles se fez pobre, e vivendo pobremente, morreo pobre; de sorte, que a cama, em que morreo, naõ era sua, nem se lhe achou dinheiro algum para os gastos do funeral, que foy preciso vender os poucos moveis, que tinha no seu Palacio, vereficando-se o que elle muitas vezes repetia: *Se quando eu morrer me acharem seis vintens, naõ quero, que me enterrem em sagrado.* Finalmente cheyo de merecimentos acabou em o Senhor a 3 de Janeiro de 1643, com universal sentimento da Corte, e Povo de Lisboa; porque foy D. Rodrigo hum dos esclarecidos Prelados, que occuparaõ a sua Cadeira, Varaõ grande, illustre por nascimento, de vida inculpavel, com sublime talento

nos negocios politicos, que manejou com sãa consciencia; de sorte, que mereceo por acclamaçaõ universal o amoroso nome de ***Pay da Patria.*** Vigilante Prelado; porque com o exemplo regeo as suas ovelhas, apascentando-as com a doutrina, e com esmolas, com hum animo manço, e pacifico, douto nas sciencias, e erudìto na Historia, como testemunhaõ as suas Obras. O Padre D. Manoel Caetano de Sousa lhe faz hum bem merecido Elogio no ***Catalogo Historico dos Pontifices, Cardeaes, Arcebispos, e Bispos Portuguezes***, que se imprimio na ***Collecçaõ da Academia da Historia Portugueza***, donde se póde ver mais largamente, e de que nós nos valemos para esta curta memoria, merecendo-a muy dilatada Varaõ taõ grande; à qual daremos fim com referir, que no anno de 1702, para satisfazer, com o que elle havia ordenado, seu sobrinho Dom Pedro Alvares da Cunha, Trinchante da Casa Real, fez trasladar o seu corpo da Igreja de Santa Catharina de Monte Sinay para o lugar, que elle por humildade tinha escolhido ao pé dos degraos da porta travessa, a que chamaõ ***do Ferro***, da sua Sé, hoje na Basilica de Santa Maria, onde se lê este Epitafio:

Dom Rodrigo da Cunha,
Pay da Patria,
Collegial do Collegio Real,
Doutor nos Sagrados Canones,
Escritor insigne, *In-*

Inquisidor,
Bispo de Portalegre, e do Porto,
Arcebispo Primaz, e de Lisboa,
Cardeal nomeado,
Que naõ aceitou por libertar a Patria,
Governador do Reyno,
Conselbeiro de Estado.
Faleceo em 3 de Janeiro de 1643,
de idade de 65 annos.

Tresladou-se no anno de 1702 por D. Pedro Alvares da Cunha, Trinchante môr de Sua Magestade. Pede-se hum Padre nosso, e huma Ave Maria.

* 17 D. Lourenço da Cunha, de que adiante faremos mençaõ.

17 D. Isabel da Sylva casou com Antonio da Gama, de quem teve = 18 Antonio da Gama, que morreo em hum desafio no anno de 1619: pelo que herdou a sua Casa sua irmãa D. Maria da Sylva, que morreo a 7 de Novembro de 1625, havendo casado com Luiz de Saldanha, Commendador de Salvaterra, e Alcains, na Ordem de Christo, Védor da Casa da Rainha Dona Luiza, e foy sua primeira mulher; e tiveraõ os filhos seguintes: = 19 Joaõ de Saldanha da Gama, de quem fize-

mos mençaõ a pag. 358 do Tomo V. ⩶ 19 ANTONIO DE SALDANHA, que ſendo Conego, renunciou a vida Eccleſiaſtica pela militar, e ſe achou na batalha de Montijo no anno de 1644: foy Capitaõ de Cavallos, e depois entrou na Religiaõ da Companhia; paſſou à India, onde morreo. ⩶ 19 D. RODRIGO DA CUNHA DE SALDANHA, que foy Chantre na Sé de Lisboa. ⩶ 19 MANOEL DE SALDANHA, que ſervio na guerra, e ſe achou em diverſas occaſioens: foy Capitaõ de Cavallos, Meſtre de Campo, e Governador de Olivença, que governava no anno de 1657, em que os Caſtelhanos a ſitiaraõ; e depois de mez e meyo de ſitio, ſe rendeo no ultimo de Mayo, em que o culparaõ; e ſendo prezo, foy mandado para a India, e lá ſervio, e caſou, e delle naõ ficou deſcendencia. ⩶ 19 BARTHOLOMEU DE SALDANHA achouſe na Acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ IV.; ſervio em Alentejo, e foy morto na batalha de Montijo, ſendo Capitaõ de Infantaria no anno de 1644. ⩶ 19 D. ISABEL DA SYLVA, que caſou com Ayres de Saldanha de Albuquerque, Commendador de Savacheira, &c. e a ſua deſcendencia fica referida a pag. 354 do Tomo V. ⩶ 19 D. LEONOR DE MENEZES, que ſendo Dama da Rainha D. Luiza, morreo no Paço. ⩶ 19 D. VICENCIA DE CASTRO, que ſendo Dama da meſma Rainha, foy Freira Carmelita Deſcalça no Moſteiro de Carnide. ⩶ 19 D. MARIA, e D. MAGDALENA, que morreraõ meninas.

* 17 D. LOURENÇO DA CUNHA paſſou a ſervir à India

India no anno de 1594. Foy Capitaõ môr do Norte, de Goa, e de Malaca, servindo com tanta distincçaõ, como se vio no largo espaço de trinta e nove annos, em diversas occasioens, em que adquirio reputaçaõ, achando-se na empreza de Cunhalle no anno de 1599. Depois, sendo Capitaõ de huma Nao de guerra, foy a Cochim no anno de 1600 acompanhar ao Vice-Rey Ayres de Saldanha; e na occasiaõ, que teve com sete Naos Hollandezas, que surgiraõ na barra de Goa, que com muitos Soldados pagos à sua custa, defendeo felizmente; e outras vezes com naõ pouca despeza servio ao mesmo Estado, mostrando o seu zelo, e desinteresse. Sendo mandado por Capitaõ môr do Cabo de Camorim, se recolheo a Goa com a Cafila do Sul; e voltando depois oito Navios Hollandezes a impedir a barra de Goa, acodio D. Lourenço com hum Navio guarnecido de Soldados à sua custa, para defender a Capital do Estado, como já generosamente havia em outra occasiaõ feito. Era taõ desinteressado, que sendo provido na Capitanía de Goa, naõ recebeo os soldos, nem emolumentos daquelle posto, todo o tempo, que o servio. Sendo provido em Mestre de Campo do Terço, que se levantou em Goa, e Ilhas adjacentes, e terras de Bardês, e Salsete, assistio pessoalmente às levas da gente, correndo todas as Freguesias, e Aldeas, sempre à sua propria despeza; porque já mais quiz a oppressaõ dos Póvos. Foy do Conselho de Estado, que assiste ao governo da India; e ultimamente Governador da India por morte

morte do Bispo D. Fr. Luiz de Brito, em Julho de 1629, lugar que occupou até o entregar ao Vice-Rey Dom Miguel de Noronha, Conde de Linhares. O insigne Manoel de Faria, fallando de D. Lourenço, o numera entre os Governadores do Estado ser o primeiro, dizendo: *Despues de la muerte de su Padre passò muchacho à la India, adonde serviò con la desgracia de los benemeritos, porque despues de trinta e sinco años de servicio llegò al gobierno en una vacacion de pocos meses, aviendole merecido para muchos siglos. Fue alto de cuerpo, blanco, rubio, y ojos azules.* E com este Elogio damos fim à sua memoria. Morreo no anno de 1633, havendo casado com Dona Isabel de Aragaõ, filha de Fradique Carneiro, Capitaõ môr da Armada do Estado da India, e de sua mulher D. Milicia Paes; o qual era filho de Luiz Carneiro, Senhor da Ilha do Principe, como dissemos no Capitulo V. do Livro XII. pag. 502; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 18 D. PEDRO, D. FRADIQUE, e D. JOAÕ DA CUNHA, que morreraõ de curta idade. ⩶ * 18 D. ANTONIO ALVARES DA CUNHA, com quem se continúa. ⩶ 18 D. MILICIA, D. MARIA, D. LEONOR, e D. LUIZA, Freiras em Santa Monica de Goa, de que sua mãy foy grande bemfeitora, e donde depois tambem se recolheo, quando mandou para o Reyno seu filho a succeder na Casa de seus avós. ⩶ * 18 D. ANTONIO ALVARES DA CUNHA nasceo na Cidade de Goa no primeiro de Mayo de 1626, onde o mandou buscar seu tio o Arcebispo

Faria, *Asia Portugueza*, tom. 3. part. 4. cap. 7. pag. 454.

cebispo Dom Rodrigo da Cunha, para succeder na Casa de seus avós, que contando huma larga serie de illustres ascendentes na varonía de Cunha, he huma das mais antigas de Portugal, e Hespanha, donde em esclarecidas Casas se conservaõ muitas, que della trazem a origem. Dom Luiz de Salazar de Castro, Principe dos Genealogicos, a deduz de D. Fruella, II. Rey de Leaõ, sendo o principio o mesmo, que a dos Sylvas, como elle mostra com naõ vulgares fundamentos, que se podem ver na estimadissima Casa de Sylva, que se imprimio no anno de 1685; e seria ainda com mais extensaõ, se imprimira a da Casa de Cunha, que este insigne Author escreveo. Esta opiniaõ havia já seguido D. Belchior de Teive, do Conselho de Guerra, muy erudîto, e versado na Historia, no seu livro Genealogico da Casa de Sandoval, de que tenho huma exacta copia, que conservo com a estimaçaõ devida a huma taõ excellente Obra. Conserva-se nesta Casa o Senhorio de Taboa, taõ antigo, que desde o principio do Reyno anda nesta Familia. Alguns dos nossos Escritores padeceraõ equivocaçaõ, em entenderem ser o primeiro Senhor de Taboa D. Joaõ Lourenço da Cunha, o que seguio D. Luiz de Salazar: porém nesta parte o naõ podemos seguir; porque temos Documento, que naõ padece duvida, que nos mostra o contrario, que está na Torre do Tombo, que he huma Inquiriçaõ, feita em tempo delRey D. Affonso III. na Era de 1266, que he anno de 1228, em que já era este Concelho da Familia

Salazar de Castro, *Historia de la Casa de Sylva*, tom. I. lib. 2. pag. 86.

D. Belchior de Teive, *na Casa de Sandoval.*

Salazar, *Glorias de la Casa Farnese*, p. 593.

Prova num. 11.

Familia de Cunha, pelo haver dado a Rainha Dona Thereſa a D. Fernando Paes da Cunha, que foy o I. Senhor, e Padroeiro de S. Simaõ da Junqueira, Soato, e Villella, que ſe achou na tomada de Lisboa no anno de 1147; e como eſte foy avô de D. Joaõ Lourenço da Cunha, bem ſe vê, que o herdara de ſeu pay D. Lourenço Fernandes da Cunha, que a poſſuîo, como conſta da meſma Inquiriçaõ, e foy o II. Senhor. A equivocaçaõ, ao que nos parece, naſceo do Teſtamento de D. Joaõ Lourenço, do qual faz mençaõ o Conde D. Pedro no ſeu Nobiliario. Eſte Fidalgo foy muy rico, e comprou no dito Concelho algumas terras, que vinculou em Morgados para os deſcendentes de ſeu irmaõ Martim Lourenço da Cunha, e outro para os de ſeu irmaõ D. Egas Lourenço da Cunha. Eſta digreſſaõ nos pareceo preciſa por naõ defraudarmos aos Senhores de Taboa de huma taõ eſtimavel antiguidade.

Conde D. Pedro, titulo 55, pag. 311.

Paſſou D. Antonio Alvares da Cunha ao Reyno contando onze annos; creou-ſe na caſa do Arcebiſpo ſeu tio: aprendeo as linguas Latina, Franceza, e Italiana, e foy herdeiro dos ſeus ſerviços; porque naõ teve outros bens, que lhe deixar; e ſeguindo as maximas Chriſtãas, em que o havia creado, foy hum dos mais applaudidos Fidalgos do ſeu tempo; porque elle verdadeiramente era idéa de hum perfeito Cortezaõ. Achou-ſe na Acclamaçaõ delRey D. Joaõ, ſendo hum dos quarenta Fidalgos, de quem ſe fiou eſta glorioſa empreza. Servio na guerra, e foy

Capitaõ

Capitaõ de Cavallos couraças na Provincia de Alentejo, e Governador da Cidade de Evora. Depois no anno de 1682 embarcou na Armada, que havia de conduzir a este Reyno o Duque de Saboya. A sua prudencia, e authoridade fez, que por duas vezes, que foy preciso passar a tomar os banhos das Caldas a Senhora D. Maria, irmãa delRey D. Pedro II. o encarregou do governo da sua familia, e Casa; e na mesma fórma a D. Maria Manoel sua mulher, que acompanhou a dita Senhora. Foy Trinchante dos Reys D. Affonso VI. e D. Pedro II., Deputado da Junta dos Tres Estados, XVII. Senhor do Morgado de Taboa, e da Villa de Ouguella, Commendador de Santa Maria de Carrazedo, e S. Miguel de Nogueira na Ordem de Christo, Coronel de hum dos Regimentos das Ordenanças da Corte, e Guarda môr da Torre do Tombo, com o titulo de Reformador daquelle Real Archivo, lugar a que o levou o genio, e a curiosidade de poder examinar, e adiantar a Historia, e a Genealogia, a que foy summamente applicado, e naõ menos à Poesia; porque na sua casa habitaraõ as Musas por muitos annos, na celebre Academia dos Generosos, que se compunha dos illustres, e singulares engenhos, que concorreraõ naquelle tempo. Em todas estas profissoens escreveo muito, sendo taõ celebre a sua erudiçaõ, que a Academia das Sciencias de Londres o nomeou por hum dos Academicos daquella sábia Sociedade: sendo tanta a sua applicaçaõ, que naõ tratando por agora das Obras

Genealogicas, de que fizemos mençaõ no *Apparato* desta Obra, no num. 160, que anda no Tomo I.; he Obra sua o *Supplemento* do segundo Tomo, ou terceira Parte da *Historia Ecclesiastica de Lisboa*, que deixou principiada o Arcebispo seu tio, em que escreveo a Vida do mesmo Arcebispo. Este Livro se conserva entre os mais manuscritos da Livraria do Cardeal de Sousa, a quem o mesmo D. Antonio o deu. Escreveo *Atlas Lusitanus*, que comprehende a Historia, e Geografia do nosso Reyno; Obra estimavel pela erudiçaõ, e exacçaõ, que tambem se naõ imprimio; e outras muitas, que se podem ver na Bibliotheca do Abbade Barbosa, onde lhe faz hum elegante, e merecido elogio.. Faleceo a 26 de Mayo de 1690. Casou com D. Maria Manoel de Vilhena, filha de D. Christovaõ Manoel, Commendador de S. Paulo de Maçãas na Ordem de Christo, Senhor do Morgado de Alcarapinha, e de sua mulher D. Anna de Faria; e tiveraõ os filhos seguintes:

19 D. JOANNA DE VILHENA nasceo em 29 de Mayo de 1649, que foy Condessa de Villa-Flor, por ser segunda mulher de seu tio D. Sancho Manoel, I. Conde de Villa-Flor, do Conselho de Estado, e Guerra, Governador das Armas da Provincia da Beira, e Alentejo, onde no anno de 1663 a 8 de Julho ganhou a famosa batalha do Ameixial, com total derrota do Exercito, que mandava D. Joaõ de Austria: foy Commendador das Commendas de S. Nicolao de Cabeceiras de Basto, Santo Adriaõ de Penhafiel,

fiel, e de Santa Maria de Marmeleiro, nà Ordem de Christo, Governador do Porto, da Torre de Belem, e Elvas, que defendeo dos Castelhanos no anno de 1659, nomeado Vice-Rey do Brasil: faleceo a 5 de Fevereiro de 1665; e ficando viuva a Condessa D. Joanna, foy Senhora de Honor das Rainhas D. Maria Francisca, e D. Maria Sofia. Desta illustrissima uniaõ nasceraõ D. Manoel de Vilhena Manoel, e D. Rodrigo de Vilhena Manoel, que ambos, sendo de gentil presença, morreraõ moços. ⩶ 19 D. Isabel Margarida nasceo no anno de 1650, entrou de nove annos no Mosteiro de Santa Clara de Lisboa, onde professou no de 1666: foy duas vezes Abbadessa daquelle Mosteiro, onde acabou louvavelmente. ⩶ 19 D. Joaõ Lourenço da Cunha nasceo a 18 de Março de 1652. Tres vezes passou à India, sendo Capitaõ de Mar, e Guerra de huma das Naos da Armada daquella monçaõ; e voltando ao Reyno, embarcou para a India outra vez com o Vice-Rey Francisco de Tavora, I. Conde de Alvor, no anno de 1681, sendo Capitaõ môr; e chegando a Goa, foy nomeado Almirante do Estreito de Ormuz, onde acabou a vida em huma peleija com os Barbaros daquella Costa. ⩶ 19 D. Manoel da Cunha nasceo a 15 de Dezembro de 1653, e faleceo a 22 de Março de 1660. ⩶ 19 D. Christovaõ da Cunha nasceo ao primeiro de Abril de 1655, e morreo a 29 de Março de 1660. ⩶ 19 D. Rodrigo da Cunha nasceo a 26 de Agosto de 1656, e

morreo a 26 de Janeiro de 1660. ⵌ * 19 D. Pedro Alvares da Cunha, com quem se continúa. ⵌ 19 D. Luiz da Cunha nasceo em Lisboa a 23 de Janeiro de 1662: estudou em Coimbra com tanto aproveitamento, que seguindo as letras, ElRey D. Pedro II., attendendo à sua qualidade, lhe deu, logo que se graduou na Universidade, o lugar da Relaçaõ do Porto, de que tomou posse no anno de 1686, para o que fez exame vago, e leo de *Jure aperto* com applauso: seguindo esta vida, passou para a Relaçaõ de Lisboa; e depois estando já fóra do Reyno no serviço delRey, seguindo a sua antiguidade, foy feito Desembargador dos Aggravos, e ultimamente Desembargador do Paço, de que he o Decano. O seu talento o distinguio de sorte, que o mesmo Rey o nomeou Enviado Extraordinario à Corte de Londres no anno de 1696; e desde entaõ largando a Patria, vive occupado no serviço delRey com tanta gloria sua, como satisfaçaõ do seu Soberano. Naquella Corte esteve até o anno de 1712, em que foy mandado por Plenipotenciario, e Embaixador Extraordinario ao Congresso da Paz de Utrecht, em que no anno de 1715 assinou o Tratado entre a nossa Corte, e a de França, e de Hespanha. Depois residio com o mesmo caracter de Embaixador Extraordinario em a Corte de Londres a felicitar a ElRey Jorge I. da sua elevaçaõ ao Throno daquelle Reyno, a quem acompanhou a Hanover; e voltando, teve ordem de passar à Corte de Madrid com o mesmo caracter, o que executou

ecutou sem dilaçaõ. Estando nesta Corte, foy nomeado Plenipotenciario ao Congresso de Cambray, o que naõ tendo effeito, ficou em Pariz; até que succedendo na nossa Corte algumas differenças com o Abbade de Livri, Embaixador de França, para residir na de Lisboa, que voltando para França, foy D. Luiz da Cunha mandado sahir daquella Corte, o que fez para Brussellas, donde se deteve algum tempo, por causa de huma molestia, que padeceo. Desta Cidade, sem caracter, passou à Haya, onde esteve até que foy mandado a Pariz, tendo já na Haya tratado, e ajustado com o Marquez de Fenelon, Ministro de França, a differença que entre a nossa Corte, e a de Pariz havia; e sendo revestido do caracter de Embaixador Extraordinario, concluîo huma amigavel composiçaõ da desconfiança, que se havia originado do attentado, que em Madrid se fizera a Pedro Alvares Cabral, Ministro da nossa, com que ficaraõ compostas as differenças, que poderiaõ ser de perniciosas consequencias. Desde entaõ reside naquella Corte. O sublime talento, e as excellentes virtudes, com que se ornou, lhe conseguiraõ universal estimaçaõ, e respeito entre todos os Ministros Estrangeiros, com quem tem concorrido de todas as Cortes de Europa; de sorte, que elle mereceo ser Oraculo de todos, e as suas missoens applaudidas por as circunstancias, com que a sua grande prudencia brilhou no trato, e manejo dos negocios politicos, em taõ largo numero de annos; e em todas

as

as Cortes logrou a attençaõ dos Soberanos, e universal estimaçaõ das gentes. O seu nome fará sempre gloriosa a sua memoria na tradiçaõ das Gentes, e depois a Historia. Naõ o apartaraõ as negociações, e occupações indispensaveis do seu Ministerio, da liçaõ dos livros, a que sempre o acharaõ applicado. Escreveo em seis grandes volumes todas as suas negociações, memorias, e tratados da Europa, que offereceo depois à magnifica Livraria delRey D. Joaõ V., donde os vimos excellentemente escritos na materia, e na fórma, com admiraveis reflexoens para a Historia do seu tempo, Obra de singular estimaçaõ. Outras sabemos tem escrito, que se sahirem ao publico, enriqueceráõ a Republica das Letras, e seraõ de grande aproveitamento para a instrucçaõ dos curiosos. Foy Arcediago da Sé de Evora, que o Papa Clemente XI. lhe conferio no anno de 1701, que elle largou, e he Commendador de Santa Maria de Almendra na Ordem de Christo, do Conselho delRey, e seu Desembargador do Paço.

19 D. CLARA DA CUNHA nasceo a 17 de Agosto de 1663, e faleceo no mesmo anno; ∺ 19 e D. CATHARINA DE MENEZES nasceo em Novembro de 1666, Religiosa no Mosteiro de Santos, da Ordem de Santiago, onde ficando viuva sua mãy, tambem se recolheo.

* 19 D. PEDRO ALVARES DA CUNHA nasceo a 13 de Janeiro de 1658, succedeo na Casa, foy Trinchante dos Reys Dom Pedro II. e Dom Joaõ V.,

XVIII.

XVIII. Senhor de Taboa, e Administrador do antigo Morgado de Bulhaco, Senhor da Villa de Ouguella, &c. Commendador de S. Miguel de Nogueira na Ordem de Christo. Servio na guerra sendo Coronel de hum Regimento do Algarve, e depois Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira. Morreo a 18 de Janeiro de 1728. Casou duas vezes, a primeira em 31 de Agosto de 1698 com D. Ignez Maria de Mello, que faleceo de sobreparto no primeiro de Novembro de 1704. Era viuva de D. Joaõ Lobo, e filha de Christovaõ da Costa Freire, Senhor de Pancas, e Atalaya, e de sua mulher D. Francisca Theresa de Sottomayor; e desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: ⫩ 20 D. Lourença Francisca de Mello nasceo a 10 de Agosto de 1699: foy Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, e casou a 10 de Agosto de 1720 com seu primo segundo D. Sancho Manoel, Commendador de Santa Maria de Pernes, e de Santa Maria da Povoa na Ordem de Christo, Senhor da Villa de Zibreira, Alcaide mór de Alegrete, Coronel de hum Regimento de Cavallaria na Provincia de Alentejo; e tem tido os filhos seguintes: 21 D. Christovaõ Manoel, que nasceo em Mayo de 1721. ⫩ 21 Dom Pedro Manoel nasceo em 1722, he Cavalleiro de Malta, e Commendador na dita Ordem. ⫩ 21 D. Antonio Manoel nasceo em 1723, he tambem Cavalleiro de Malta, e Commendador. ⫩ 21 Dom Joaõ Manoel nasceo em 1724, Cavalleiro de Malta. ⫩ 21 D. Ignez Manoel,

noel, sem estado. ⁝ 21 D. N. . . . . e D. Maria, ambas recolhidas no Mosteiro da Castanheira. ⁝ 21 D. Henrique Manoel nasceo em 1733, Cavalleiro de Malta.

* 20 D. Antonio Alvares da Cunha, adiante. ⁝ 20 D. Christovaõ da Cunha nasceo no anno de 1702, e morreo de curta idade. ⁝ 20 D. Luiz da Cunha, foy bautizado no primeiro de Agosto de 1703: estudou em Coimbra, onde foy graduado; he muy applicado à liçaõ dos livros, e ornado de erudiçaõ: foy Academico da Academia Real da Historia, e he Prelado da Santa Igreja de Lisboa, em que entrou no anno de 1739, e do Conselho de Sua Magestade. ⁝ 20 D. Isabel Thadeu de Menezes nasceo no anno de 1704, he Freira no Mosteiro de Santos, da Ordem de Santiago de Lisboa.

Casou segunda vez D. Pedro Alvares da Cunha com D. Maria Theresa de Menezes, viuva de Sancho de Mello e Azambuja, como dissemos no Livro XII. Capitulo III. §. I. pag. 417, filha de D. Antonio de Menezes, Alcaide môr de Cintra, Commendador de S. Sylvestre de Requiaõ, e S. Miguel de Alvaraens, e de sua segunda mulher D. Antonia Magdalena de Vilhena; e tiveraõ os filhos seguintes: ⁝ 20 D. Anna Joachina de Menzes nasceo a 30 de Novembro de 1710, casou a 26 de Janeiro de 1728 com D. Antonio de Azevedo Ataide e Brito, que nasceo a 23 de Setembro de 1688, filho de Dom Antonio de Azevedo e Ataide, e de sua mulher D. Theresa da Sylva,

Sylva, e neto de D. Francisco de Azevedo, Senhor das Honras de Barbosa, &c. Mestre de Campo General; e de sua mulher D. Maria de Brito, e Alcaçova, em cuja Casa elle veyo a succeder, e he Senhor das Honras de Barbosa, Ataide, Paredes, e das Villas de Augieria, e Mourisca, antigo Senhorio nos seus mayores, que anda nelles desde o principio do Reyno, sendolhes concedidos muitos privilegios, e isenções, como consta da Doaçaõ, que vimos, Commendador de S. Juliaõ de Punhete na Ordem de Christo: servio na guerra contra Castella com distincçaõ, em que recebeo honradas feridas, sendo Capitaõ de Cavallos, e he Governador da Praça de Castello de Vide; e tem até o presente os filhos seguintes: ⌶ 21 D. MANOEL DE ATAIDE DE AZEVEDO E BRITO, que nasceo a 27 de Fevereiro de 1729, e foy Moço Fidalgo com exercicio. ⌶ 21 D. MARIA ROSA DE ATAIDE nasceo a 16 de Abril de 1731. ⌶ 21 D. BARBARA MICHAELLA DE ATAIDE nasceo a 24 de Dezembro de 1733, Moça do Coro no Mosteiro das Commendadeiras de Santos de Lisboa. ⌶ 21 D. PEDRO JOSEPH DE ATAIDE nasceo a 3 de Julho de 1734. ⌶ 21 D. LUIZ ANTONIO DE ATAIDE nasceo a 14 de Setembro de 1735. ⌶ 21 DONA FRANCISCA ISABEL DE ATAIDE nasceo a 3 de Outubro de 1736, Pupilla no Religioso Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa. ⌶ 21 D. LUIZA ANTONIA DE ATAIDE nasceo a 15 de Fevereiro de 1738, e morreo a 30 de Setembro de 1742. ⌶ 21 D. THE-

RESA FRANCISCA DE ATAIDE nasceo a 29 de Agosto de 1740, e faleceo a 7 de Setembro de 1742. ⩶ 21 D. MIGUEL LUIZ DE ATAIDE nasceo a 29 de Setembro de 1742. ⩶ 21 DONA GERTRUDES FELICIA DE ATAIDE, nasceo a 23 de Abril de 1744. ⩶ 20 D. CATHARINA DE MENEZES nasceo a 20 de Janeiro de 1712, Religiosa no Convento das Commendadeiras de Santos de Lisboa, onde faleceo em Abril de 1738. ⩶ 20 D. THOMASIA RITA DE MENEZES nasceo a 29 de Dezembro de 1712, he Religiosa no dito Mosteiro. ⩶ 20 D. LOURENÇO VASQUES DA CUNHA nasceo a 19 de Fevereiro de 1713, he Cavalleiro Professo da Ordem do Hospital de S. Joaõ de Malta. ⩶ 20 D. THERESA ELEODORA DE MENEZES nasceo a 3 de Julho de 1716, casou em 13 de Julho de 1737 com Antonio Pereira Sodré, Senhor da Villa de Aguas Bellas, que nasceo a 25 de Junho de 1708, filho de Duarte Sodré Pereira, Senhor de Aguas Bellas, do Conselho de Sua Magestade, Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira, da Praça de Mazagaõ, e da Capitanía de Pernambuco, que morreo a 19 de Setembro de 1738; e de sua mulher D. Maria de Almeida, que morreo a 19 de Setembro de 1740, viuva de Joaõ da Sylva de Sousa, Sargento mór do Regimento da Armada, filho de Joaõ da Sylva de Sousa, Governador de Angola; e ella era filha de D. Antonio de Almeida, filho illegitimo de D. Luiz de Almeida, I. Conde de Avintes, de quem a pag. 837 naõ fizemos mençaõ deste filho; e tem

e tem até o presente os filhos seguintes: ⩶ 21 D. MARIA ANTONIA XAVIER SODRÈ PEREIRA DE MENEZES, que nasceo a 26 de Setembro de 1738, ⩶ 21 e D. ANNA XAVIER, que nasceo a 14 de Janeiro de 1741. ⩶ 20 D. JOSEPH VASQUES DA CUNHA nasceo a 20 de Março de 1724, he Cavalleiro de Malta. ⩶ 20 D. JULIANA LUIZA DE MENEZES nasceo a 23 de Junho de 1727, casou a 26 de Setembro de 1740 com Luiz de Mello, XVIII. Senhor de Mello, que morreo a 18 de Junho de 1743 de trinta e seis annos; e tiveraõ DONA N. . . . . e a ESTEVAÕ SOARES DE MELLO, que nasceo posthumo em Setembro de 1743.

* 20 D. ANTONIO ALVARES DA CUNHA nasceo em Janeiro de 1701, Senhor de Taboa, e da Villa de Ouguella, Commendador de S. Miguel de Nogueira na Ordem de Christo, Trinchante da Casa Real. Seguindo o exemplo dos seus mayores, tomou a vida Militar, foy Capitaõ de Infantaria do Regimento da Armada, em que embarcou diversas vezes, fazendo largas viagens. No anno de 1729, que os nossos Reys passaraõ à Alentejo, os acompanhou, e exerceo o officio de Mestre-Salla no serviço da Serenissima Princeza do Brasil; Governador, e Capitaõ General da Praça de Mazagaõ, para onde partio a 29 de Junho de 1745, havendo casado no primeiro de Março do dito anno com D. Leonor Josefa Caetana de Noronha, Dama da Rainha nossa Senhora, filha de Luiz Gonçalves da Camera Coutinho, Senhor das

Ilhas Desertas, Védor da Casa da Rainha, e de sua mulher D. Isabel de Mendoça, filha dos IV. Condes de Val de Reys, como se disse a pag. 821 do Tomo X.

* 16 D. JOAÕ DE MENEZES, filho de D. Manoel de Menezes, herdou a sua Casa: morreo no anno de 1578 na batalha de Alcacere, havendo casado com Dona Magdalena da Sylva, filha de Luiz da Sylva, que sendo Capitaõ de Tangere, muy valeroso, foy morto em huma peleija com os Mouros; e de sua mulher D. Maria Brandaõ: elle era filho de Ruy Gomes da Sylva, Alcaide môr de Campo-Mayor, e Ouguella, Senhor do Morgado de Xevora; e teve os filhos seguintes: ☰ * 17 D. MANOEL DE MENEZES, adiante: ☰ 17 D. JOANNA, e D. FILIPPA DE MENEZES, Freiras em S. Joaõ de Estremoz. ☰ 17 D. BRITES em Santarem. ☰ * 17 D. MANOEL DE MENEZES, Senhor do Reguengo de Maya, Gentil-homem da Boca delRey D. Filippe III. e General da Armada Real, &c. de quem fizemos distincta mençaõ a pag. 390 do Tomo V., e de sua segunda mulher D. Maria de Castro: havia sido primeiro casado com D. Luiza de Moura, filha herdeira de D. Francisco de Moura, Estribeiro môr do Senhor Dom Duarte, filho do Infante D. Duarte, que morreo na batalha de Alcacere, e de sua mulher D. Maria do Rio, filha de Diogo de Castro do Rio; e deste matrimonio teve, entre outros filhos, ☰ 18 D. JOAÕ DE MENEZES. ☰ 18 D. MARIA DE MENEZES,

ZES, e D. MAGDALENA DE MENDOÇA, Freira no Bom Succeſſo junto a Lisboa. ⵈ 18 D. VICENCIA, Freira em Sacavem, da primeira Ordem de Santa Clara. ⵈ 18 D. JOAÕ DE MENEZES ſuccedeo na Caſa de ſeu pay, e foy Commendador das Commendas de S. Martinho de Frexedas, e S. Salvador das Vargeas, na Ordem de Chriſto: ſervio em Flandres, foy Governador da Ilha da Madeira. Achava-ſe em Madrid no anno de 1640, quando foy a reſtituiçaõ do Reyno de Portugal a ElRey D. Joaõ IV.; e intentando reſtituirſe à Patria, foy prezo, e entregue a D. Marcellino de Faria de Guſmaõ, com cuja filha D. Dorothea de Guſmaõ caſou D. Joaõ, e com ella fogio para Portugal, e foy do Conſelho de Guerra del-Rey D. Joaõ IV., a quem ſervio com ſatisfaçaõ, como ſe vio na defenſa da Praça de Olivença, quando o Marquez de Laganhes pertendeo levalla por entrepeza, e a defendeo com valor, e acordo, recebendo tres feridas: foy depois Governador do Porto, e eſtando nomeado Embaixador a Hollanda, morreo em Lisboa, naõ deixando deſta uniaõ filhos. E ſua mulher caſou depois com Joanne Mendes de Vaſconcellos, Commendador da Ordem de Chriſto, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, Tenente General da peſſoa delRey D. Affonſo VI., do ſeu Conſelho de Guerra, Varaõ grande por talento, valor, e ſciencia militar: porém naõ tiveraõ ſucceſſaõ.

§. III.

§. III.

13 D. Rodrigo de Castro, filho do Conde D. Alvaro de Castro, foy hum dos esforçados Cavalleiros do seu tempo, e conhecido pelo nome de Monsanto: servio em Africa com valor, e fortuna; foy Capitaõ da Praça de Arzilla, onde teve occasioens com os Mouros, em que conseguio vitoria, e applausos: foy Senhor de Valhelhas, Famelicaõ, e Almendra, Alcaide môr da Covilhãa, que lhe deu o Conde seu pay, e Embaixador delRey D. Manoel ao Papa Alexandre VI. Teve grande estimaçaõ; porque era dotado de singular talento, entendimento, e prudencia; de sorte, que elle foy hum dos dous Fidalgos, por quem o Grande D. Francisco de Almeida, Vice-Rey da India, dizia, que só se podia fallar, D. Rodrigo, e o Prior do Crato seu irmaõ. Casou com D. Maria Coutinho, filha de D. Fernando Coutinho, Marichal de Portugal, Alcaide môr de Pinhel, e de sua mulher D. Joanna de Castro; e desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: = 14 D. Francisco de Castro, a quem os Mouros mataraõ em Africa, quando seu pay governava Arzilla. = 14 D. Antonia Coutinho casou com D. Joaõ Lobo, filho primeiro de D. Diogo Lobo da Sylveira, II. Baraõ de Alvito, e foy pelo seu casamento Senhor de Valhelhas, Almendra, e Famelicaõ, Alcaide môr da Covilhãa. Naõ chegou a succeder na Casa do Baraõ seu pay,

pay, por falecer em sua vida; tinha servido por elle de Védor da Fazenda delRey D. Manoel. Achou-se na facçaõ do Duque de Bragança D. Jayme, quando tomou a Cidade de Azamor; e voltando depois a esta Praça na occasiaõ, que se temeo, que os Mouros a sitiassem, nella morreo da quéda de hum cavallo; e desta illustre uniaõ nasceo unico ⸬ 15 D. Diogo Lobo ee Castro, que foy Senhor de Valhelhas, Almendra, e Famelicaõ, Alcaide môr da Covilhãa, que por morte do Baraõ D. Diogo Lobo seu avô, pertendendo succeder na sua Casa, e lho disputou seu tio D. Rodrigo Lobo; e correndo a demanda, se sentenceou contra D. Diogo, que foy Fidalgo de excellentes partes, e por isso respeitado na Corte. Casou com D. Jeronyma da Sylva, filha de Fernaõ Peres de Andrade, do Conselho delRey D. Joaõ III. Commendador da Ordem de Christo, Provedor dos Armazens, Capitaõ môr das Naos da India, hum dos valerosos Capitaens daquelle tempo, de quem faz honrada memoria a Historia da India, e foy o primeiro, que entrou na China: morreo a 6 de Julho de 1552; e de sua mulher D. Maria de Menezes, filha de Gonçalo da Sylva, Senhor de Abiul: porém deste matrimonio naõ houve successaõ. ⸬ * 14 D. Joanna de Castro, que casou com Joaõ Fernandes Cabral, Senhor de Azurara, de quem adiante se tratará. ⸬ * 14 D. Guiomar de Castro casou com Joaõ Fernandes de Vasconcellos, Senhor de Figueiró, adiante. ⸬ 14 D. Isabel de Castro casou

com

com D. Fernando de Caſtro, Senhor das terras de Lanhoſo, Santa Cruz, Sinfaens, Alcaide môr do Sabugal, e Alfayates, Capitaõ da Cidade de Evora: foy morto pelos Mouros em hum combate em Arzilla; e tiveraõ eſtes filhos: ⵌ 15 D. ALVARO DE CASTRO, que morreo moço. ⵌ 15 D. DIOGO DE CASTRO, que veyo a ſucceder na Caſa, caſou com D. Filippa de Ataide, filha de Affonſo de Ataide, Senhor de Atouguia, Alcaide môr de Coimbra; e naõ tiveraõ ſucceſſaõ.

Teve illegitimos ⵌ * 14 D. RODRIGO DE CASTRO, adiante. ⵌ 14 D. CHRISTOVAÕ DE CASTRO, que foy Clerigo, e teve alguns filhos, de que ſe naõ conſerva deſcendencia. ⵌ 14 D. JORGE DE CASTRO, que ſervio na India, e lá caſou, e naõ teve deſcendencia. ⵌ 14 D. HENRIQUE DE CASTRO, que foy Religioſo de S. Franciſco, e Provincial da ſua Religiaõ. ⵌ 14 D. FRANCISCO DE CASTRO, que caſou, e teve cinco filhos, que todos paſſaraõ à India, e caſaraõ: porém delles naõ ſabemos ſe ſe conſerva ſucceſſaõ.

* 14 D. JOANNA DE CASTRO caſou com Joaõ Fernandes Cabral, Senhor de Azurara, Alcaide môr de Belmonte; e tiveraõ ⵌ * 15 FERNANDO CABRAL, com quem ſe continúa. ⵌ 15 JORGE CABRAL, Governador da India, que caſou naquelle Eſtado; e teve, entre outros filhos, de que naõ ha deſcendencia, a D. JOANNA DE CASTRO, mulher de ſeu primo Fernando Cabral. ⵌ * 15 FERNANDO CABRAL ſucce-

deo

deo na Casa de seu pay : foy Alcaide môr de Belmonte, Senhor de Azurara. Casou com D. Maria de Castellobranco, filha de D. Joaõ de Castellobranco, Senhor de Antas, Alcaide môr de Castellobranco, e de sua mulher D. Leonor de Sousa, filha de Affonso Vaz de Brito, Caçador môr delRey D. Joaõ II.; e tiveraõ, entre outros filhos, que morreraõ sem successaõ, ⵘ * 16 a NUNO FERNANDES CABRAL, adiante, ⵘ 16 e a D. FILIPPA DE CASTRO, que casou com Manoel de Sousa, filho herdeiro de Simaõ de Sousa Ribeiro, Commendador, e Alcaide môr de Pombal; e teve, entre outros filhos, ⵘ * 17 a SIMAÕ DE SOUSA RIBEIRO, que succedeo na sua Casa. ⵘ 17 D. CATHARINA DE CASTRO, mulher de Miguel Telles de Moura, Alcaide môr de Muja, Governador de S. Thomé; e tiveraõ unica D. MARIANNA DE CASTRO, que casou com D. Antonio da Costa, Commendador na Ordem de Santiago, com quem esteve casado sómente vinte dias, e faleceo; e ella casou segunda vez com Dom Miguel de Almeida, que depois foy Conde de Abrantes, de quem tambem naõ teve filhos. ⵘ 17 D. JOANNA DE CASTRO, Dama da Infante D. Isabel, casou com Pedro de Castro, Alcaide môr de Melgaço, Commendador da Ordem de Christo, Védor da Casa de Bragança, e foy sua segunda mulher, sem successaõ. ⵘ * 17 SIMAÕ DE SOUSA RIBEIRO, foy Alcaide môr, e Commendador de Pombal, que morreo na batalha de Alcacere no anno de 1578. Casou com D. Catharina

de Noronha, filha de D. Gomes de Mello, Alcaide môr de Lamego; e deſta uniaõ tratámos a pag. 224 do Tomo IX., donde ſe póde ver a ſua illuſtre poſteridade.

* 16 Nuno Fernandes Cabral foy Senhor de Azurara, Alcaide môr de Belmonte, &c. Caſou com D. Maria de Noronha, filha de D. Henrique de Noronha, Commendador môr de Santiago, e de ſua mulher D. Guiomar de Caſtro; e tiveraõ = * 17 a Fernaõ Cabral, adiante. E entre outras filhas, que foraõ Freiras, = 17 a D. Angela de Noronha, que caſou com Antonio Lobo de Mello, Commendador de Santa Maria da Alagoa na Ordem de Chriſto, que morreo na batalha de Alcacere, deixando, entre outros filhos, = * 18 a Luiz Lopes Lobo, de quem adiante ſe tratará. = 18 Diogo Lopes Lobo, ſem geraçaõ. = 18 Francisco Lobo de Mello, Conego na Sé de Evora. = 18 Fernando Lobo de Mello, Alcaide môr de Monſarás, que caſando duas vezes, naõ deixou geraçaõ. = 18 Nuno Fernandes Cabral, que paſſou a ſervir à India, e morreo no Cunhale. = 18 Antonio Lobo, Religioſo Eremita de Santo Agoſtinho, de que foy Provincial. = 18 Henrique Lobo, que tambem foy Conego em a Sé de Evora. = 18 D. Joanna de Noronha, Freira no Paraiſo de Evora, da Ordem de S. Domingos. = 18 D. Leonor de Noronha, Freira nas Chagas de Villa-Viçoſa, da Ordem de S. Franciſco. = 18 D. Marianna

de

DE NORONHA foy a primeira filha, casou com Fernando de Mendoça, Commendador de Alcairia Ruiva na Ordem de Santiago, Capitaõ mór das Naos da India; e tiveraõ, entre outros filhos, ⩶ 19 D. MAGDALENA DE MENDOÇA, que casou a primeira vez com Antonio de Mello de Sampayo; e a segunda com Joaõ de Mello de Castro. ⩶ 19 D. ANGELA DE MENDOÇA, que casou com D. Joaõ de Menezes, de quem naõ teve successaõ. E casou segunda vez D. Angela com Francisco de Mello de Castro, Commendador de Alcairia Ruiva na Ordem de Santiago, e de S. Thomé de Travaços na Ordem de Christo, Capitaõ mór das Naos da India, e Almirante da Armada Real, e foy sua segunda mulher, de quem teve ⩶ * 20 ANTONIO DE MELLO DE CASTRO, adiante. ⩶ 20 FERNANDO DE MENDOÇA FURTADO, que tendo servido na India com reputaçaõ, sendo General de Ceilaõ, foy morto em hum combate com os Hollandezes. ⩶ 20 D. MARIA THERESA casou com Joaõ Rodrigues de Sousa, Senhor do Morgado de Montijo, sem descendencia. ⩶ 20 D. THERESA DE NORONHA, que casou com Henrique Correa da Sylva, Alcaide-mór de Tavira, irmaõ do Conde da Castanheira Simaõ Correa da Sylva, sem successaõ. ⩶ 20 D. CATHARINA DE MENDOÇA, Freira, e Abbadessa do Mosteiro de Odivellas. ⩶ * 20 ANTONIO DE MELLO DE CASTRO, Commendador na Ordem de Christo, servio na guerra da Acclamaçaõ com distincçaõ, sendo Mestre de Campo

de Infantaria: foy depois Vice-Rey da India, donde voltou no anno de 1668. Casou com D. Anna de Mendoça, filha de Jorge de Sousa de Menezes, Copeiro môr; e tiveraõ estes filhos: ⩶ 21 FRANCISCO DE MELLO, que servindo na guerra de Alentejo, foy morto pelos Castelhanos. ⩶ 21 JORGE DE SOUSA, Religioso de S. Bernardo. ⩶ * 21 DINIZ DE MELLO DE CASTRO, adiante. ⩶ * 21 MANOEL DE MELLO DE CASTRO, de quem faremos logo mençaõ. ⩶ 21 JOSEPH DE MELLO DE CASTRO, que morreo servindo na India. ⩶ 21 CAETANO DE MELLO DE CASTRO, Vice-Rey da India, &c. e o seu casamento, e successaõ se póde ver a pag. 651 do Tomo IX. a que só devemos accrescentar, que sua nora D. Joachina Anna de Borbon morreo a 12 de Março de 1743, sem successaõ; e seu marido Antonio de Mello de Castro até ao presente naõ tem casado. ⩶ 21 D. VIOLANTE CAETANA DE CASTRO, Freira, e Abbadessa do Mosteiro de Odivellas. ⩶ 21 D. ANGELA DE MENDOÇA, Freira na Madre de Deos de Lisboa. ⩶ * 21 DINIZ DE MELLO DE CASTRO, que succedeo na Casa, e foy Commendador na Ordem de Christo. Casou com D. Violante Casimira de Mendoça, que faleceo a 16 de Dezembro de 1738, sendo Senhora de Honor da Rainha D. Maria Anna de Austria; e tiveraõ ⩶ * 22 ANTONIO DE MELLO DE CASTRO. ⩶ 22 PEDRO CAETANO DE MELLO DE CASTRO, que morreo sem estado. ⩶ * 22 ANTONIO DE MELLO DE CASTRO, que succedeo

cedeo

cedeo na Casa, e he Capitaõ de Cavallos. Casou em 7 de Janeiro de 1731 com D. Maria Bonifacia de Vilhena, filha de D. Rodrigo de Castro, como se disse a pag. 675 do Tomo IX.; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 23 DINIZ GREGORIO DE MELLO DE CASTRO, que nasceo a 11 de Abril de 1735, e D. JOSEFA LEONOR DE MELLO, que nasceo a 27 de Setembro de 1736.

* 21 MANOEL DE MELLO DE CASTRO, filho quarto de Antonio de Mello, foy Commendador de Santa Maria da Alcaçova de Elvas. Casou com D. Francisca de Tavora e Miranda, que faleceo de mais de oitenta annos a 26 de Abril de 1736, filha herdeira de Alvaro de Miranda, Commendador da Alcaçova de Elvas, Alcaide môr da Fronteira, que servio na guerra de Alentejo, e foy Capitaõ de Cavallos, e morreo das feridas, que valerosamente recebeo no combate do Forte de S. Miguel no sitio de Badajoz no anno de 1658; e de sua mulher D. Maria Lobo; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 22 ANTONIO DE MELLO DE CASTRO, Capitaõ de Mar, e Guerra. ⩶ 22 ALVARO CAETANO DE CASTRO E MELLO, Governador de Moçambique. ⩶ 22 DONA MARIA IGNEZ DE TAVORA. ⩶ 22 D. THERESA DE TAVORA, Freiras na Esperança de Lisboa. ⩶ 22 D. MARIANA DE TAVORA, na Encarnaçaõ da mesma Cidade. ⩶ 22 D. ANNA DE CASTRO em Odivellas.

* 18 LUIZ LOPES LOBO, filho de Antonio Lobo de Mello, e de D. Angela de Noronha, depois de

ter

ter ſervido na India, morreo na batalha de Alcacere no anno de 1578; deixando de ſua ſegunda mulher D. Ignez de Souſa, filha de Antonio Carvalho Caſtello de Porras, Guarda-Roupa delRey Dom Sebaſtiaõ, e de ſua mulher D. Maria de Souto, filha de Diogo de Souto; e tiveraõ ⩶ * 19 MARTIM LOPES LOBO, com quem ſe continúa. ⩶ 19 D. MARGARIDA LOBO mulher de Diogo de Mello, de quem naõ ſabemos geraçaõ. ⩶ 19 D. ANGELA DE NORONHA caſou com D. Jorge de Mello, Commendador de S. Pedro de Gulfar, Meſtre-Salla delRey D. Joaõ IV., e foy ſua ſegunda mulher, de quem naõ teve filhos. ⩶ 19 D. MARIA DE SOUSA, que tomando o habito de Santa Thereſa no Moſteiro de Santo Alberto de Lisboa, ſe chamou Maria de S. Joſeph; e vivendo em grande perfeiçaõ, acabou ſantamente a 6 de Agoſto do anno de 1626; e della tratamos neſte dia no Tomo IV. do Agiologio Luſitano. ⩶ * 19 MARTIM LOPES LOBO foy Commendador na Ordem de Chriſto, ſervio na India. Caſou com D. Sebaſtiana de Noronha, filha de Antonio de Saldanha, Commendador de Caſevel, e de ſua mulher D. Iſabel de Noronha; e teve, além de dous filhos, que morreraõ ſem eſtado, ⩶ 20 ANTONIO LOBO DE SALDANHA, que caſou com D. Joanna de Alcaçova, filha de Jeronymo Correa Baharem, e de ſua mulher D. Maria Joſefa de Alcaçova; e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⩶ * 21 MARTIM LOPES LOBO DE SALDANHA, com quem ſe continúa. ⩶ * 21 D.

MA-

Maria Josefa de Alcaçova, mulher de Joseph de Sousa Pereira, de quem adiante se tratará. ☲ * 21 D. Sebastiana Theresa de Noronha, mulher de Fernando Jaques da Sylva, de quem abaixo se fará menção. ☲ 21 D. Isabel, Freira em Santa Clara de Santarem. E illegitimos ☲ 21 Fr. Pedro de Saldanha, da Ordem dos Prégadores; Joseph de Saldanha, que morreo na India; D. Sebastiana Maria de Noronha, que casou com Manoel Pestana de Brito, de Estremoz; D. Margarida, e D. Rosa, Freiras em S. Bento de Evora, da Ordem de Cister.

21 D. Maria Josefa de Alcaçova casou com Joseph de Sousa Pereira, Collegial do Collegio Real de S. Paulo de Coimbra, de que tomou posse a 20 de Junho de 1668, Doutor em Leys, e Lente de Instituta, e Desembargador, Commendador da Dizima do Pescado da Ilha do Porto Santo na Ordem de Christo; e deixando a Beca, foy Secretario da Embaixada a Roma, de que foy Embaixador o Bispo de Lamego D. Luiz de Sousa, depois Arcebispo de Braga; e voltando ao Reyno, foy Fidalgo da Casa Real, Conselheiro da Fazenda de Capa, e Espada, e nomeado Enviado a Roma, que naõ aceitou, por naõ ser com o titulo de Embaixador. Faleceo em Lisboa a 23 de Dezembro de 1689; e teve os filhos seguintes: ☲ 22 Luiz Pereira de Sà, que nasceo a 20 de Janeiro de 1684; servio na guerra, e foy Coronel de Infantaria: morreo sem casar. ☲ 22 An-

tonio

TONIO LOBO DE SALDANHA nasceo a 23 de Dezembro de 1686, que depois de estudar em Coimbra, entrou no Seminario do Varatojo, onde professou. ⁝⁝ * 22 MARTINHO DE SOUSA, adiante. ⁝⁝ 22 D. JOANNA DE ALCAÇOVA, que nasceo em Dezembro de 1684; morreo sem estado. ⁝⁝ 22 D. CATHARINA DE SOUSA DE SAMPAYO, que nasceo em Outubro de 1687, e he Religiosa nas Capuchas da Madre de Deos de Lisboa, com o nome de Soror Catharina de Jesus Maria. ⁝⁝ * 22 MARTINHO DE SOUSA nasceo a 7 de Agosto de 1689, succedeo na Casa, he Commendador da Ordem de Christo. Casou com D. Maria Anna Josefa de Almada do Amaral Valente, filha de Domingos do Amaral Valente, Fidalgo da Casa Real, e Cavalleiro da Ordem de Christo, Tenente Coronel de hum dos Regimentos da Guarniçaõ da Corte; e de sua mulher D. Leocadia de Almada: e ella morreo sem geraçaõ.

* 21 D. SEBASTIANA THERESA DE NORONHA casou com Henrique Jaques da Sylva, e tiveraõ as duas filhas seguintes: ⁝⁝ 22 D. JOANNA CECILIA DE NORONHA, que foy herdeira, e casou duas vezes: a primeira com Manoel Jaques de Magalhaens, II. Visconde de Fonte Arcada, de quem em outra parte se tratará; e ficando viuva, casou segunda vez com D. Joaõ de Almeida, de quem fizemos mençaõ a pag. 850 do Tomo X. ⁝⁝ 22 e D. ISABEL MONIZ BARRETO DE ALCAÇOVA, que casou com Luiz Manoel Moniz Pereira; e tem a PEDRO JOACHIM MO-

NIZ

NIZ DE MELLO, que nasceo a 10 de Dezembro de 1717. Foy Moço Fidalgo com exercicio.

* 21 MARTIM LOPES LOBO DE SALDANHA succedeo na Casa de seu pay, foy Capitaõ de Infantaria na Provincia de Alentejo. Casou com D. Maria Henriques, filha de Luiz de Mesquita Pimentel, e de Dona Maria Henriques sua mulher; e teve ☰ * 22 JERONYMO LOBO DE SALDANHA, com quem se continúa. ☰ * 22 D. ISABEL IGNEZ DE SALDANHA, mulher de Joseph Salema Cabral e Paiva, adiante. ☰ * 22 JERONYMO LOBO DE SALDANHA casou com D. Francisca Luiza Margarida da Sylva, filha de Christovaõ de Magalhaens, e de D. Guiomar da Sylva; e tiveraõ os filhos seguintes: ☰ 23 MARTIM LOPES LOBO DE SALDANHA, Tenente de Infantaria, e CHRISTOVAÕ FRANCISCO DE SALDANHA, e D. MARIANNA THERESA DE NORONHA E ALCAÇOVA, que vivem solteiros em companhia de sua mãy em Estremoz; e D. MARIA JOACHINA DE SALDANHA, Freira em Santa Theresa de Evora.

* 22 D. ISABEL IGNEZ DE SALDANHA E NORONHA casou com Joseph Salema Cabral de Paiva, Padroeiro de S. Romaõ de Alverca, Fidalgo da Casa Real, e foy sua terceira mulher, de quem teve ☰ * 23 MIGUEL JOSEPH SALEMA, adiante. ☰ 23 JOAÕ DE SALDANHA LOBO, que passou a servir no Estado da India. ☰ 23 D. MARIANNA THERESA XAVIER DE NORONHA, ☰ 23 D. MARIA THERESA COUTINHO, ☰ 23 D. LUCRECIA DE SALDANHA, todas

tres Freiras em Santa Clara de Santarem. ⩶ 23 D. JOANNA SEVERINA DE ALCAÇOVA, recolhida nas Commendadeiras da Encarnaçaõ de Lisboa. ⩶ 23 D. IGNEZ CATHARINA DE SALDANHA, ainda ſem eſtado. ⩶ 23 JOSEPH DE SALDANHA, Religioſo da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho. ⩶ 23 MARTINHO, e ANTONIO, Religioſos da Santiſſima Trindade. ⩶ 23 LUIZ CASIMIRO DE SALDANHA. ⩶ 23 DIOGO FERNANDES SALEMA. ⩶ 23 JOACHIM SALEMA. ⩶ 23 MIGUEL JOSEPH SALEMA DE SALDANHA caſou com Dom Joachina de Souſa e Caſtro, filha de Alexandre de Souſa Freire, e de ſua mulher D. Leonor Maria de Caſtro, como diſſemos no Capitulo V. do Livro XII. pag. 510, de quem tem ⩶ 24 D. ANNA LEONOR DE SOUSA E CASTRO.

* 17 FERNANDO CABRAL, filho de Nuno Fernandes Cabral, foy Senhor de Azurara, Alcaide mór de Belmonte; achou-ſe no ſitio de Mazagaõ, ſervindo à ſua cuſta: pelo que lhe deu ElRey Dom Sebaſtiaõ a Commenda de S. Pedro de Cumideiras; e depois ſe achou com o meſmo Rey em Africa na batalha de Alcacere, em que foy cativo. Caſou com D. Joanna de Caſtro, filha de Jorge Cabral ſeu tio, Governador da India, e de ſua mulher D. Lucrecia Borges; e ficando viuva, caſou ſegunda vez com ſeu parente Chriſtovaõ Borges Corte-Real; e tiveraõ, entre outros filhos, ⩶ * 18 NUNO FERNANDES CABRAL, adiante, ⩶ 18 e D. MARIA DE NORONHA, mulher de D. Alvaro de Souſa, Capitaõ da Guarda

Real

Real Alemãa, Commendador de S. Salvador da Infesta da Ordem de Christo, de quem nasceo ⵞ 19 D. MARGARIDA DE NORONHA, que foy herdeira, e casou com D. Rodrigo da Costa, Commendador de Marmeleiro, e outra, na Ordem de Christo. Morreo valerosamente em hum combate na India com os Hollandezes, sendo Capitaõ môr do Norte, de quem nasceo unica ⵞ 20 D. MARIA DA COSTA, que foy herdeira, e casou com D. Antonio de Alcaçova seu primo com irmaõ, Commendador da Idanha na Ordem de Christo, e foy sua primeira mulher; e por falecer, casou elle segunda vez com D. Helena de Portugal, filha de D. Joaõ de Almeida: morreo de hum accidente a 4 de Agosto de 1657, sem successaõ. ⵞ * 18 NUNO FERNANDES CABRAL, que foy Senhor de Azurara, Alcaide môr de Belmonte, casou com D. Margarida de Menezes, irmãa de seu cunhado D. Alvaro de Sousa, e filho de D. Francisco de Sousa, Capitaõ da Guarda Alemãa delRey Dom Henrique; e de sua mulher D. Luiza de Menezes: e deste matrimonio nasceraõ, entre outros filhos, ⵞ * 19 PEDRO ALVARES CABRAL, adiante. ⵞ 19 D. LUIZA DE CASTRO, que casou com D. Pedro Fernandes de Castro, Senhor do Paul do Boquilobo, de quem nasceo ⵞ * 20 D. JOAÕ DE CASTRO TELLES, como se dirá adiante. ⵞ * 19 PEDRO ALVARES CABRAL, que foy o terceiro na ordem do nascimento, e foy Senhor de Azurara, Alcaide môr de Belmonte, que faleceo a 2 de Março de 1665, ha-

vendo ſido caſado com D. Leonor de Menezes, filha de D. Joaõ de Menezes, que foy Meſtre de Campo em Flandres, onde ſervio, e do Conſelho de Guerra; havida em Anna de Par, Flamenga; e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⩶ 20 JOAÕ RODRIGUES CABRAL, que foy Senhor de Azurara, e Alcaide mòr de Belmonte, que tendo ſervido na guerra, morreo ſolteiro. ⩶ * 20 FERNANDO CABRAL, com quem ſe continúa. ⩶ 20 FRANCISCO CABRAL, que caſou com D. Marianna de Sá e Menezes, filha de Luiz Gomes de Sá, e Menezes, e de ſua mulher D. Maria de Portugal; e naõ tiveraõ filhos. ⩶ 20 D. MARGARIDA DE MENEZES. ⩶ 20 D. FILIPPA DE MENEZES caſou com Gonçalo de Souſa de Macedo, Baraõ da Ilha Grande de Joanne, Alcaide mòr de Nomaõ, Commendador de Santiago de Souſelas, &c. de quem foy primeira mulher, ſem ſucceſſaõ. ⩶ * 20 D. MARIA MAURICIA DE MENEZES, de quem logo faremos mençaõ. ⩶ 20 D. MARGARIDA DE MENEZES caſou com Ruy de Figueiredo de Alarcaõ, Senhor do Morgado de Ota, Commendador de S. Pedro de Merim, S. Joaõ de Liſaens, e outras, na Ordem de Chriſto, Governador das Armas da Provincia de Traz dos Montes, onde conſeguio proſperos ſucceſſos às noſſas Armas; e teve ⩶ * 21 a PEDRO DE FIGUEIREDO, adiante. ⩶ 21 HENRIQUE DE FIGUEIREDO, que ſervio na India, ſendo General dos Galeoens no anno de 1711, e nomeado Governador do Eſtado; e voltando para o Reyno no anno de

de 1713, foy Governador, e Capitaõ General do Reyno de Angola: morreo a 5 de Abril de 1723. ⩵ 21 D. JOAÕ DE MENEZES, que morreo moço. ⩵ 21 D. MARIA DE MENEZES, Religiosa da Madre de Deos de Lisboa, onde se chamou Soror Maria da Purificaçaõ, de huma exemplar vida. ⩵ 21 D. LEONOR DE MENEZES, recolhida no Mosteiro de Santos. ⩵ * 21 PEDRO DE FIGUEIREDO DE ALARCAÕ foy Senhor de Ota, Commendador das Commendas de S. Pedro de Merim, S. Joaõ de Lisaens, S. Salvador de Castellaens, e Santiago de Besteiro, todas na Ordem de Christo: foy Enviado Extraordinario à Inglaterra, e Governador de Portalegre. Morreo em Abril de 1722, havendo casado com D. Francisca Ignez de Lencastre, filha de D. Miguel Luiz de Menezes, I. Conde de Valadares, e de sua mulher D. Magdalena de Lencastre, como se disse a pag. 523 do Tomo II.; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩵ 22 RUY DE FIGUEIREDO DE ALARCAÕ, que lhe succedeo na Casa, e Commendas, e casou com D. Luiza Joanna Coutinho, como fica escrito a pag. 831 do Tomo IX. ⩵ 22 MIGUEL DE FIGUEIREDO, que nasceo no anno de 1701, he Deaõ da Sé de Leiria. ⩵ 22 D. MAGDALENA LUIZA DE LENCASTRE, Dama do Paço, que casou com Dom Vasco da Camera; e a sua successaõ se póde ver a pag. 587 do Tomo IX. ⩵ 22 D. MARGARIDA ANTONIA LEONOR DE MENEZES, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria. ⩵ 22 D. ANNA THERE-

SA

SA DE LENCASTRE, que faleceo ſem eſtado a 5 de Dezembro de 1735. ⵘ 22 D. MARIA DE MENEZES, illegitima, que caſou com Franciſco da Coſta, Senhor de Pancas; e a ſua ſucceſſaõ referimos a pag. 235 do Tomo V.

* 20 D. MARIA MAURICIA DE MENEZES caſou com Franciſco de Brito Freire, Almirante da Armada Real, do Conſelho de Guerra, Commendador na Ordem de Chriſto; e teve os filhos ſeguintes: ⵘ 21 ANTONIO DE BRITO DE MENEZES, que lhe ſuccedeo na Caſa, e foy Commendador da Ordem de Chriſto; ſervio na guerra, e foy Coronel do Regimento de Caſcaes, Brigadeiro, e Governador do Rio de Janeiro, onde faleceo, ſem ter caſado, a 15 de Mayo de 1719. Teve natural a JOSEPH ANTONIO DE BRITO DE MENEZES. ⵘ 21 D. CATHARINA DE MENEZES, recolhida em Santos, que ſendo ſucceſſora dos Morgados, e Caſa de ſeu irmaõ, cedeo em ſua irmãa D. JOSEFA DE PAR E BRITO, que caſou a 27 de Fevereiro de 1720 com Joſeph Bernardo de Tavora, Commendador de Santa Maria de Midoens, e Santa Maria de Eſcalhaõ, na Ordem de Chriſto, Coronel de hum Regimento de Cavallaria da Corte, de quem tratamos a pag. 226 do Tomo V.; e ella morreo a 20 de Outubro de 1743, ſem ſucceſſaõ.

* 20 FERNANDO CABRAL foy XIV. Alcaide môr de Belmonte, Senhor de Azurara, Governador de Pernambuco. Caſou com D. Maria de Brito, filha de

de Antonio de Brito Freire, e de ſua mulher D. Iſabel Lobo; e teve os filhos ſeguintes: = * 21 PEDRO ALVARES CABRAL, adiante. = 21 D. LEONOR LUIZA DE MENEZES, caſou com Luiz Antonio de Baſto Baharem, Donatario da Villa da Praya, &c. de quem ſe trata a pag. 827 do Tomo X. e foy ſua primeira mulher, de quem naõ teve filhos. = * 21 PEDRO ALVARES CABRAL foy XV. Senhor de Azurara, Alcaide môr de Belmonte; ſervio na guerra, foy Coronel de hum dos Regimentos da Corte, e Brigadeiro; e no anno de 1729 foy mandado por Plenipotenciario à Corte de Madrid, onde aſſiſtio muitos annos com muito luzimento, e aceitaçaõ: foy generoſo, bem inſtruido, com partes de Cavalhero. Morreo a 15 de Março de 1744, havendo caſado com D. Cartharina de Borbon, filha dos II. Condes de Avintes, como ſe diz a pag. 840 do Tomo X. porém naõ deixou ſucceſſaõ; e a ſua Caſa paſſou a ſeu irmaõ CAETANO FRANCISCO CABRAL, que havia ſido caſado com D. Joſefa Maria Margarida Pereira, viuva de Diogo de Saldanha, como fica referido no Capitulo XIII. §. II. do Livro XI. pag. 243, a qual falecendo em Março de 1728, naõ deixou filhos; e eſtá contratado para caſar ſegunda vez com Dona Domingas de Saldanha, filha dos Morgados de Oliveira Joaõ Pedro de Saldanha, e Dona Ignez Antonia da Sylva, como eſcrevemos a pag. 245 do Livro XI.

CAPI-

CAPITULO III.

De D. Joanna de Castro, herdeira da Casa de Monsanto.

13 DO esclarecido thalamo dos primeiros Condes de Monsanto foy a primeira filha D. Joanna de Castro, a quem a pouca duraçaõ de seu irmaõ o Conde D. Joaõ, e o naõ deixar filhos, veyo a fazer herdeira da Casa de Monsanto. Casou com D. Joaõ de Noronha, a quem chamaraõ o *Dentes*, filho segundo de D. Fernando de Noronha, II. Conde de Villa-Real, por merce delRey Dom Duarte, com todas as rendas, e jurisdicções daquella Villa: foy feita esta merce a 7 de Setembro de 1434, e foy seu Camereiro môr, Varaõ excellente na paz, e na guerra, conseguindo immortal nome na guerra de Africa; e de sua mulher D. Brites de Menezes, filha herdeira daquelle esclarecido Heroe D. Pedro de Menezes, II. Conde de Vianna, e I. de Villa-Real, e da Condessa D. Margarida de Miranda sua primeira mulher. Naõ era D. Joanna de Castro herdeira da Casa de Monsanto, quando casou com D. Joaõ de Noronha, antes os Condes de Villa-Real com os de Monsanto, intentaraõ com esta uniaõ formar huma nova Casa, em que ambos segurassem as suas (que ambas tinhaõ successaõ) com esta nova linha: porém

naõ

naõ teve effeito na vida dos Condes de Villa-Real.

Passou depois a referida pratica a hum Tratado, que se celebrou em Lisboa em casa do Conde de Monsanto a 21 de Setembro de 1467, estando presentes o Conde, e Condessa D. Isabel da Cunha sua mulher, D. Joaõ de Noronha, e Diogo Rodrigues, Escudeiro do Conde de Villa-Real, D. Pedro seu irmaõ, (depois I. Marquez de Villa-Real) como seu Procurador, e da Condessa D. Brites sua mulher, em virtude do Contrato, que se havia tratado entre os Condes de Villa-Real D. Fernando, e D. Brites de Menezes seus pays; acordando-se, que todos os bens dotaes de huma, e outra parte, seriaõ vinculados. Dotou-se D. Joaõ com quatro mil coroas, que lhe dera para este fim a Condessa Dona Brites sua mãy, duas mil em dinheiro, e mil e quinhentas em prata lavrada, quinhentas em alfayas, e mais outras quatro mil coroas sobre certas terras. O Conde D. Pedro deu a seu irmaõ tres mil dobras, pelas quaes lhe deu em cauçaõ o Lugar de Alcoentre, com toda a sua jurisdicçaõ, e lhe prometteo mais tres mil dobras com certas condições. O Conde de Monsanto dotou a sua filha com doze mil coroas, na maneira seguinte: tres mil coroas na Cameraria môr delRey, a qual Dom Joaõ de Noronha haveria, com todas as liberdades, e privilegios do dito officio, em vida do Conde: porém com a reserva, que quando o Conde fosse à Corte, serviria o dito officio, conservando em sua vida o nome de Camereiro môr; o qual ficaria

pela ſua morte a D. Joaõ de Noronha, para o gozar na meſma fórma, que elle o tivera; com declaraçaõ, que ainda que o Conde o ſerviſſe algumas vezes, a tença, e mais gages do officio ſeriaõ de D. Joaõ, como ſe o ſerviſſe. Deulhe mais quatro mil coroas pagas na Alcaidaria, e Caſtello da Covilhãa, e mais duas mil dobras: pelo que lhe deu em cauçaõ a Villa de Caſtello Mendo com todas as ſuas juriſdicções, e em prata, e moveis de caſa duas mil coroas, e duas mil em tença, ou bens, que o valeſſem, ou em dinheiro, ao tempo que entraſſem na poſſe da ſua Caſa; com declaraçaõ, de que no caſo de morrer Dom Joaõ de Caſtro ſeu filho ſem ſucceſſaõ, paſſaſſe a Caſa à dita D. Joanna ſua irmãa; e o filho, que a herdaſſe, uſaria do appellido de Caſtro, em memoria da Caſa de Monſanto; e na meſma fórma todos os ſucceſſores, que a poſſuiſſem. D. Joaõ de Noronha deu de arrhas a ſua futura eſpoſa quatro mil coroas, com condiçaõ, que os ditos dotes, e arrhas, ficariaõ vinculados em Morgado com as clauſulas declaradas no Morgado do Conde de Villa Real ſeu irmaõ, com outras condições, que ſe verificaraõ, pois o Morgado ſe inſtituîo, e he o de Aramenha, que depois ficou unido à Caſa de Monſanto. ElRey D. Affonſo V. confirmou por huma Carta o referido Contrato: foy paſſada em Cintra a 27 de Setembro do referido anno de 1467.

Prova num. 12.

Succedeo D. Joanna de Caſtro pela morte de ſeu irmaõ o Conde D. Joaõ na Caſa de Monſanto, a tempo

tempo em que já tambem era falecido seu marido Dom João de Noronha; e foy Senhora da Villa de Monsanto, Castello Mendo, o Reguengo da Povoa delRey, junto a Trancoso, Villa-Franca, Bousa-Cova, com rendas, direitos, Padroados de Igrejas, Vinha, Reguengo de Medelim, Lourinhãa, S. Lourenço de Bairro, e a Villa de Cascaes, e o Reguengo de Oeiras, com todos os direitos, pescarias, jurisdicções, e os Morgados de S. Mattheus, com outras rendas, que lograva a Casa de Monsanto, excepto o Paul de Boquilobo, que por demanda lho tirou seu tio Dom Garcia de Castro, como varaõ a quem pertencia, em virtude da instituiçaõ, que havia feito D. Fernando de Castro do Paul de Boquilobo, que lhe havia dado em modo de sesmaria o Infante D. Henrique, para que lhe ficasse como bens proprios, e allodiaes da sua Casa; o que confirmou ElRey D. Duarte, e elle o vinculou, e instituîo Morgado por Escritura feita a 4 de Junho do anno de 1436, com obrigaçaõ de huma Missa para sempre em huma Capella do mesmo Paul, em que fez as vocações seguintes. A primeira da linha de seu filho D. Alvaro de Castro, e todos os seus descendentes varoens; e que faltando este, passasse à segunda linha de seu filho D. Garcia de Castro, e seus descendentes varoens; e acabando estes, fosse à de seu terceiro filho D. Henrique de Castro; (que morreo eleito Graõ Prior do Crato) e que extinguindo-se os varoens das tres chamadas linhas, havendo de herdar femea, seria da linha de

Prova num. 13.

ſeu primeiro filho D. Alvaro, que preferio às outras; e finalmente, que no caſo de ſe extinguir toda a ſua deſcendencia, então ordena ſe venda o Paul, e o ſeu valor ſe diſtribua em obras pias. De ſorte, que acabando-ſe a linha de D. Garcia em ſeu quinto neto D. Joaõ de Caſtro Telles, que faleceo ſem deſcendencia a 3 de Novembro de 1697, veyo depois a buſcar a de D. Alvaro, I. Conde de Monſanto, e ſe conſerva na Caſa de Caſcaes, a quem foy ſentenciado contra a Coroa, e D. Miguel Luiz de Menezes, Conde de Valladares, Oppoente no anno de 1702 a 11 de Março; e ſendo embargada pelo Procurador da Coroa, e o Conde de Valladares Oppoente, ſe confirmou a 5 de Julho de 1703; e pedindo viſta o Procurador da Coroa por reſtituiçaõ, naõ foraõ recebidos os Embargos, e ſe mandou dar à execuçaõ a referida Sentença a 17 de Agoſto de 1703, metendo-ſe de poſſe do referido Morgado D. Luiz Alvares de Caſtro, III. Marquez de Caſcaes, a quem foy julgado.

Naõ ſuccedeo D. Joaõ de Noronha ao Conde D. Alvaro de Caſtro no officio de Camereiro môr, que parece ſervio algum tempo em vida do Conde ſeu ſogro, em virtude da Confirmaçaõ, que ElRey havia feito do Contrato de Caſamento, em que o Conde D. Alvaro lhe havia dotado, e diz a clauſula da Confirmaçaõ o ſeguinte: *Primeiramente no Capitulo, em que ſe conthem, que o dito D. Joaõ em vida do dito Conde ſervirá o officio de noſſa Camararia môr, queremos que a nós fique reſguardado aver do ſervir do*

do dito D. Joaõ, podermos ordenar, e mandar o modo, em que haja de ser; e assim qualquer cousa outra, que àcerca dello ouvermos por nosso servisso. Porém he certo, que por morte do Conde de Monsanto lhe succedeo D. Lope de Albuquerque, depois Conde de Penamacor, de que se lhe passou Carta no anno de 1471, que foy o da morte do Conde, como deixamos referido a pag. 32 do Tomo III.; em recompensa delle lhe deu ElRey duzentos mil reis de tença, e a Villa de Sortelha, a qual naõ ficou a seus filhos. Servio D. Joaõ de Noronha na guerra com reputaçaõ no anno de 1460. Foy Capitaõ, e Governador de Ceuta, em ausencia que fez ao Reyno seu irmaõ o Conde de Villa-Real, Capitaõ hereditario daquella Praça, onde conservou o respeito dos seus mayores todo o tempo, que nella assistio. Na Praça de Alcacere se achou com seu tio o Conde de Vianna, como refere a sua Chronica, distinguindo-se em muitas occasioens nas entradas, que faziaõ nas terras dos Mouros; e depois de ter em Africa deixado do seu valor huma honrada memoria, voltou ao Reyno. Naõ havia ElRey D. Affonso V. regulado as precedencias entre os Titulos, e Senhores da Corte, o que fez depois no anno de 1472 quando D. Joaõ de Noronha pretendeo preceder a D. Affonso de Vasconcellos, Conde de Penella, da qual contenda nos dá noticia huma Carta do Duque de Bragança Dom Fernando, I. do nome, em que responde a ElRey, que lhe havia pedido o seu parecer sobre a questaõ, que

que havia entre eſtes dous Senhores, a qual inſtruirá melhor, e he a ſeguinte:

„ O Duque de Bragança, Marquez de Villa-
„ Viçoſa, Conde de Barcellos, de Ourem, e Dar-
„ rayollos, que muito de vontade dezeja fazer voſſos
„ ſerviſſos, e mandados emvio beijar voſſas maons, e
„ emcomendarme em voſſa merce, a quem praza ſa-
„ ber, que vi a Carta, que me Voſſa Senhoria eſcre-
„ veo, na qual mandava, que lhe eſcreveſſe de qual
„ devia de preceder ſe Dom Joaõ, filho do Conde de
„ Villa-Real, ſe D. Affonſo de Vaſconcellos, filho
„ de D. Fernando de Caſcaes; muito Alto, e muito
„ honrado, e muito poderoſo Senhor, eu ſempre ou-
„ vi dizer, que o direito naõ quitava linhagem aos
„ homens por melhores, ſenaõ por baixos; contarei a
„ linhagem de hum, e do outro; Dom Joaõ filho do
„ Conde de Villa-Real, he neto do Conde de No-
„ ronha, e biſneto delRey Dom Anrique; Dom Af-
„ fonſo filho de Dom Fernando de Caſcaquaes, he
„ neto de D. Affonſo de Caſquaes, biſneto do Infan-
„ te D. Joaõ, e treſneto delRey Dom Pedro, e por
„ aqui poderá Voſſa Senhoria ver qual he mais che-
„ gado à linhagem Real, e aſſim o que for voſſo ſer-
„ viſſo; porém ſe meu conſelho quizeres crer, nun-
„ qua em voſſos Reinos determineis eſte preceder, o
„ qual nenhum precede ao outro, onde for cauſa de
„ dadiva eſcuſai de vir ao exame o mais, que puder-
„ des, e quando for neceſſario toda via de vir, man-
„ day como vos parecer, e ſómente a determinaçaõ
„ fique

„ fique em vosso peito , daquelle que entenderdes,
„ que maes val, nem numqua maes ouçaes palavras
„ algũas, que vos sobre isso fallem, tirareis, e escu-
„ zareis escandalos de vosso Reino , e a vós de mui-
„ ta fadigua, na qual fadigua eu ficarei por vós em
„ vos isto aconcelhar, mas por bem, e da obediencia
„ póde homem trespassar a consciencia quanto maes
„ escandalos. Feita em Villa-Viçosa a 12 de Julho
„ de 1468.

O Duque.

Qual fosse a resoluçaõ delRey sobre esta precedencia, naõ pudemos descobrir; mas naõ pudemos deixar de reflectir, porque motivo o Duque naõ nomeou a D. Affonso de Vasconcellos com o titulo de Conde de Penella; porque já era revestido desta Dignidade no anno de 1465; e a Carta foy escrita no de 1468, se por ventura a data naõ está errada, ou se o Duque naõ quiz tratar mais, que do parentesco, que cada hum daquelles Senhores tinha com a Casa Real, entaõ reynante, para ser mais conjuncto a ella. Depois acompanhou D. Joaõ de Noronha ao mesmo Rey, quando entrou por Castella por causa do direito da Princeza D. Joanna sua esposa; e em toda esta guerra o servio D. Joaõ de Noronha, achando-se na batalha de Touro, donde tendo peleijado com valerosa constancia, foy prisioneiro, como refere Jeronymo Zurita. Depois naõ achamos outra memoria sua senaõ no reynado delRey Dom Joaõ II., a quem foy bem

Zurita, *Annal. de Aragon*, lib. 19. cap. 44.

bem aceito, e o encarregou do governo da Caſa da Excellente Senhora, como ſe vê de hum ſeu Alvará, em que diz eſtas palavras: *Fazemos ſaber, que por aſſentarmos aſſi por noſſo ſerviſſo, e bem da muy Excellente Senhora, minha Prima, &c. comfirando como D. Joaõ de Noronha meu muito amado Primo, neſta couſa nos ſaberá bem ſervir, e a bem da dita Senhora, &c.* o fez Governador da dita Senhora, e de toda a ſua Caſa, em que D. Joanna de Caſtro ſua mulher ha de aſſiſtir, para o que lhe fez merce de certa tença, e moradia: foy paſſado em Alcochete a 12 de Junho de 1484. Naõ ſabemos quanto depois ſe eſtendeo a ſua vida, nem quando foy a ſua morte; e ſó que fora enterrado no Convento de S. Franciſco de Santarem, junto a ElRey D. Fernando ſeu viſavô. Depois nas Obras, que ſe fizeraõ no Coro, naõ ſabemos ſe foraõ ſeus oſſos lançados no Capitulo onde eſtava ſeu pay, e o Marquez ſeu irmaõ; e depois os levaraõ para S. Franciſco de Leiria, com os mais Senhores daquella Caſa. Da uniaõ com D. Joanna de Caſtro ſua mulher teve os filhos ſeguintes:

Chancellaria do dito anno.

14 Dom Pedro de Castro, III. Conde de Monſanto, Cpitulo IV.

14 D. Simaõ ſervio em Tangere, e lá caſou como naõ devia, e lá morreo ſem ſucceſſaõ.

* 14 D. Jorge de Castro caſou com D. Maria da Sylva, filha de Gil Vaz da Cunha, e de ſua mulher D. Iſabel da Sylva, ſem ſucceſſaõ.

* 14 Dona Brites de Menezes caſou com Dom

Dom Diogo Pereira, II. Conde da Feira, §. I.

* 14 D. MARGARIDA DE NORONHA casou com Francisco da Sylveira, Coudel môr do Reyno, §. II.

* 14 D. GUIOMAR DE CASTRO casou com D. Henrique de Noronha, Commendador môr de Santiago, §. III.

§. I.

* 14 D. BRITES DE MENEZES casou no anno de 1486 com D. Diogo Pereira, II. Conde da Feira, por Carta feita em Almeirim a 2 de Janeiro de 1515. Alguns o contaõ por primeiro; porém foy o segundo, conforme o que dissemos a pag. 28 do Tomo II.; e tiveraõ esclarecida successaõ nos filhos seguintes: ⩶ * 15 D. MANOEL PEREIRA, III. Conde da Feira, com quem se continúa. ⩶ 15 D. MANOEL, outro, que morreo sem estado. ⩶ 15 D. PAULO PEREIRA foy Commendatario dos Paços de Sousa, e teve outros Beneficios de grande renda, e Capellaõ môr del-Rey D. Joaõ III. feito no anno de 1522; e teve bastardo a D. JERONYMO PEREIRA, que casando, naõ conserva descendencia. ⩶ * 15 D. JOANNA DE CASTRO casou com o Regedor Joaõ da Sylva, adiante. ⩶ 15 D. JERONYMO PEREIRA, que morreo sem estado. ⩶ * 15 D. LEONOR DE NORONHA mulher do Alferes môr D. Luiz de Menezes, de quem logo se tratará. ⩶ 15 D. FRANCISCA DE CASTRO mulher de D. Francisco de Castellobranco, Senhor de Villa-

Nova de Portimaõ, Camereiro môr delRey D. Joaõ III. ſem ſucceſſaõ.

* 15 D. JOANNA DE CASTRO caſou com Joaõ da Sylva, IV. Senhor de Vagos, Alcaide môr de Monte môr o Velho, Commendador de Meſejana na Ordem de Santiago, Regedor das Juſtiças, lugar que exerceo mais de quarenta annos com grande reputaçaõ; porque foy prudente, pacifico, e valeroſo, ſervindo na guerra de Africa com diſtinçaõ. Achouſe na tomada de Azamor com o Duque de Bragança D. Jayme, e em outras occaſioens, em que moſtrou valor, e preſtimo. No anno de 1530 vencia a moradia de Cavalleiro do Conſelho cinco mil e quinhentos reis por mez; e tendo logrado eſpecial eſtimaçaõ dos Reys de ſeu tempo, morreo em 11 de Agoſto de 1577; deixando a illuſtriſſima poſteridade, que eſcreveo D. Luiz de Salazar e Caſtro na ſua eſtimadiſſima Obra da Caſa de Sylva.

Salazar de Caſtro, *Hiſtoria da Caſa de Sylva*, tom. 2. pag. 271.

* 15 D. LEONOR DE NORONHA caſou com D. Luiz de Menezes, Senhor de Santa Comba de Pinhacos, Gramancos, e Teide, de que lhe fez merce ElRey D. Manoel a 7 de Abril de 1521, e foy ſeu Monteiro môr, e Alferes môr delRey D. Joaõ III. Servio com reputaçaõ, e valor na guerra de Africa, em que ſe diſtinguio em muitas occaſioens, e com tanta ſatisfaçaõ da vida militar, que ſeguio, que naõ houve Armada, ou expediçaõ de Africa, em que ſe naõ achaſſe. Paſſou ultimamente à India, donde voltando no anno de 1525 na Nao Santa Catharina, ſe naõ

naõ soube nunca o fim, que tivera, porque naõ appareceo; e desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: = * 16 D. JOAÕ DE MENEZES, adiante. = * 16 D. ANTONIA DE CASTRO, adiante. = * 16 D. MARIA DE CASTRO, de quem adiante se faz mençaõ. = * 16 D. FRANCISCA DE CASTRO, adiante. = 16 D. BRITES DE MENEZES, que estando desposada com D. Hilario Coutinho, naõ teve effeito o matrimonio, por o matarem em hum desafio; e casou com seu irmaõ D. Tristaõ Coutinho, filho herdeiro de D. Gonçalo Coutinho, Commendador, e Alcaide mór da Arruda na Ordem de Santiago; e de sua mulher D. Brites de Castro, de quem naõ teve filhos; e ella ficando viuva casou com Manoel de Sousa, Senhor de Podentes, &c. Alcaide mór de Arronches, &c. e foy sua segunda mulher, sem successaõ.

* 16 D. ANTONIA DE CASTRO casou com Antonio de Mello da Sylva, Alcaide mór de Elvas, de quem teve = 17 LUIZ DE MELLO, que morreo servindo na India. = 17 RUY DE MELLO, que foy Alcaide mór de Elvas, e casou com Dona Isabel de Menezes, que foy Dama da Rainha D. Isabel, mulher delRey D. Affonso V., e depois Camereira mór da Infanta D. Joanna, irmãa do dito Rey, como se vê na Chancellaria do anno de 1471, pag. 126; e era filha de Antonio da Sylva de Menezes, Senhor do Morgado de Xevora, e de D. Branca de Menezes; e por morte deste marido casou com Ruy Telles da Sylva, Alcaide mór da Covilhãa; e ficando viuva ca-

ſou com Ruy Mendes de Vaſconcellos, I. Conde de Caſtello-Melhor; e de ſeu primeiro marido Ruy de Mello teve os filhos ſeguintes: ⩶ * 18 ANTONIO DE MELLO, adiante. ⩶ 18 LUIZ DE MELLO teve hum Morgado, que ſe inſtituîo da herança, que lhe deixou ſeu tio Luiz de Mello da Sylva, Capitaõ de Malaca. Caſou com D. Antonia da Sylva, filha de D. Luiz de Souſa, Senhor de Beringel, e de ſua mulher D. Joanna de Caſtro, de quem naſceo RUY DE MELLO, que lhe ſuccedeo no Morgado, e foy Commendador de Santa Maria de Azeres na Ordem de Chriſto; e depois de ter ſervido nas Armadas, deixando o Mundo, entrou na Companhia de Jeſus. ⩶

* 18 ANTONIO DE MELLO foy Alcaide môr de Elvas, Senhor dos Reguengos daquella Cidade, e de Sagres, e Commendador das Commendas da Magdalena de Elvas, de Farinha Podre, na Ordem de Chriſto. Paſſou à Africa no anno de 1578, e foy cativo na batalha de Alcacer: morreo deſgraçadamente em huma briga de noite do tiro de huma eſpingarda. Caſou com D. Iſabel de Vilhena, filha de Fernando da Sylva, Commendador de Alpalhaõ, e de ſua mulher D. Brites de Vilhena; e tiveraõ unica D. MARIA DE VILHENA, Dama da Rainha D. Margarida de Auſtria, e caſou com Dom Sancho de Lacerda, I. Marquez de Laguna de Camero Velho, do Conſelho de Eſtado delRey D. Filippe III., e Mordomo môr da referida Rainha; e ficando viuvo Antonio de Mello, caſou ſegunda vez com D. Margarida da Sylva, filha

de

de Fernando da Sylva, Alcaide môr de Silves, e de sua mulher D. Magdalena de Lima, de quem teve, além de dous filhos, que faleceraõ de curta idade, ⵘ * 19 MARTIM AFFONSO DE MELLO, adiante. ⵘ 19 RODRIGO AFFONSO DE MELLO, que servio na India, e morreo perdendo-se o Navio, em que voltava para o Reyno. ⵘ 19 D. CATHARINA DA SYLVA casou com D. Fernando de Castro, filho herdeiro de Dom Diogo de Castro, II. Conde de Basto, Commendador de Almodovar, e Gravaõ, na Ordem de Santiago, Capitaõ de Evora, do Conselho de Estado dos Reys D. Filippe II. e III., Regedor das Justiças, Presidente do Desembargo do Paço, e Vice-Rey de Portugal, que faleceo ao primeiro de Outubro de 1618; e da Condessa D. Maria de Tavora: porem D. Fernando morreo em sua vida, deixando os filhos seguintes: ⵘ 20 D. FERNANDO DE CASTRO, que morreo em Flandres. ⵘ 20 D. ANTONIO DE CASTRO, que pretendeo succeder na Casa de seu avô, e foy Senhor de parte della, depois de largas contendas. Casou com D. Maria Francisca de Lima, filha de Francisco de Sá e Menezes, II. Conde de Penaguiaõ, Camereiro môr, e da Condessa D. Brites de Lima, viuva de Nuno Alvares Botelho, e filha de D. Luiz Lobo, Senhor de Sarzedas, e de sua mulher D. Joanna de Lima, de quem naõ teve successaõ; e ella ficando viuva casou com Francisco Barreto de Menezes. ⵘ 20 D. MARGARIDA DE CASTRO, Freira na Esperança: e sua mãy D. Catharina da

da Sylva casou segunda vez com Antonio Correa, Senhor de Bellas, de quem tambem foy segunda mulher; e teve entre outros filhos a MANOEL CORREA, que foy Senhor de Bellas, por casar com sua sobrinha D. Maria da Sylva, filha de seu irmaõ Francisco Correa, Senhor de Bellas, de quem naõ teve filhos; e ella veyo a ser Senhora de Bellas, e casou com Joaõ de Mello da Sylva. ⸗ * 19 MARTIM AFFONSO DE MELLO, que tendo servido na India com reputaçaõ, voltou para o Reyno, sendo hum dos escolhidos para a Acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV.: foy II. Conde de S. Lourenço, Senhor dos Reguengos de Elvas, e Sagres, Commendador das Commendas da Magdalena de Elvas, Santiago de Lobaõ, de Pantalvos, e Rio Torto, Védor da Fazenda, do Conselho de Estado, e Guerra, Gentil-homem da Camera do Principe D. Pedro, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, que por varias vezes exercitou com valor, prudencia, e singular disciplina, que no seu tempo fez executar; Varaõ grande, que conhecendo o Mundo, desistio de todos os póstos, e cargos, que occupava; e retirado em sua casa, morreo em Agosto de 1671. Casou duas vezss, a primeimeira na India com D. Francisca da Guerra, viuva de D. Gonçalo de Abranches, e filha de Duarte da Guerra, de quem teve ⸗ 20 ANTONIO DE MELLO, que estando em Castella no tempo da Acclamaçaõ, tanto que teve a noticia, passou para o Reyno, e naõ casou. Teve illegitima a D. FRANCISCA

DE

DE MELLO, Freira em S. Domingos de Elvas. ⩶ 20 RUY DE MELLO, filho segundo, foy Religioso de Nossa Senhora do Carmo. Casou Martim Affonso de Mello segunda vez com sua prima D. Magdalena da Sylva, filha de Pedro da Sylva, I. Conde de S. Lourenço, e da Condessa D. Luiza da Sylva, de quem teve ⩶ 20 PEDRO DA SYLVA, que morreo moço. ⩶ 20 LUIZ DE MELLO DA SYLVA, III. Conde de S. Lourenço, que casou com D. Filippa de Faro; e a sua illustrissima posteridade fica escrita a pag. 700 do Tomo IX. ⩶ 20 MANOEL DE MELLO, que servio na guerra com valor, e morreo muy maltratado de hum choque com os Castelhanos. ⩶ 20 JOAÕ DE MELLO DA SYLVA, que foy Senhor de Bellas, por casar com D. Maria da Sylva, viuva de seu tio Manoel Correa, como acima se disse, a qual faleceo sem successaõ a 29 de Setembro de 1699; e esta Casa passou ao Conde de Pombeiro. ⩶ 20 D. LUIZA, sem estado. ⩶ 20 D. IGNEZ, e D. FRANCISCA, Freiras no Mosteiro do Sacramento de Lisboa. ⩶ 20 D. ANNA DO SACRAMENTO, Freira no da Esperança da dita Cidade.

* 16 D. MARIA DE CASTRO casou com Duarte Brandaõ de Lima, Provedor das Capellas delRey D. Affonso IV., de quem naõ teve filhos; e casou segunda vez com Heitor de Mello, Commendador de Joanne na Ordem de Christo, Anadel môr dos Besteiros, de quem tambem naõ teve successaõ.

* 16 D. FRANCISCA DE CASTRO ultima filha do

Alferes

Alferes mòr D. Luiz de Menezes, caſou com Franciſco Barreto, General das Galés, e Governador da India, que morreo na Conquiſta do Monomotapa, de quem foy primeira mulher; e teve a RUY MARTINS BARRETO, que mataraõ em Moçambique, e LUIZ DA SYLVA BARRETO, que morreo em hum deſafio na India com Luiz Alvares de Tavora.

* 16 D. JOAÕ DE MENEZES foy Alferes mòr, e caſou com D. Maria de Mendoça, filha de Jorge de Mello Pereira, Commendador de Meimora na Ordem de Santiago, Capitaõ môr da Armada, que foy para a India no anno de 1512, Capitaõ de Cananor, e Meſtre-Salla da Rainha D. Leonor, e de ſua mulher D. Antonia de Mendoça; e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⩶ * 17 D. LUIZ DE MENEZES, adiante. ⩶ * 17 D. JORGE DE MENEZES, de quem logo faremos mençaõ. ⩶ 17 D. GONÇALO DE MENEZES, que foy Capitaõ de Ormuz; e teve natural a D. MARGARIDA DE MENEZES, que caſou com Garcia de Mello e Torres, Capitaõ de Sofalla, do Conſelho delRey D. Filippe II. e Vèdor da Fazenda da India, de quem naõ ficou ſucceſſaõ. ⩶ 17 D. LEONOR DE CASTRO caſou com Dom Simaõ de Menezes, Commendador de Penamacor, de quem naſceraõ, entre outros filhos, dos quaes naõ ſabemos eſtado, nem deſcendencia, ⩶ * 18 D. JOAÕ DE MENEZES, adiante, ⩶ 18 e D. MARIA DE MENDOÇA, que foy mulher de D. Pedro de Menezes, Senhor do Prazo de Alcanhoens, de quem naõ teve ſucceſſaõ. ⩶ 18 D.

JOAÕ

JOAÕ DE MENEZES servio em Flandres, onde foy Mestre de Campo, e do Conselho de Guerra: naõ casou, e teve de Anna de Par, Flamenga, a D. LEONOR DE MENEZES, mulher de Pedro Alvares Cabral, Senhor de Azurara, como fica referido. ⩶ * 17 D. LUIZ DE MENEZES foy Alferes môr del-Rey D. Sebastiaõ, e cativo na batalha de Alcacere, com tanto brio, que naõ querendo, que a bandeira Real, que estava a seu cargo, ficasse em poder dos Mouros, a resgatou: teve a Commenda dos Oitavos da Villa da Rainha da Ordem de Christo. Casou com D. Cecilia de Menezes, filha de Dom Pedro de Noronha, VI. Senhor de Villa-Verde, e de sua mulher Dona Violante de Noronha; e tiveraõ unica ⩶ * 18 a D. FRANCISCA DE MENEZES, de quem adiante se fará mençaõ. ⩶ 17 D. JORGE DE MENEZES foy segundo filho de Dom Joaõ de Menezes, Mestre-Salla da Rainha D. Leonor, veyo a succeder no officio de Alferes môr por seu irmaõ naõ deixar filho varaõ; foy General do mar, e Capitaõ de Sofalla. Casou com D. Filippa de Mello, filha de Affonso de Torres, e de D. Violante de Mello sua mulher; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 18 D. JOAÕ DE MENEZES, com quem se continúa. ⩶ 18 DOM JOAÕ TELLO, que passou à India no anno de 1596, e morreo valerosamente na empreza de Cunhale. ⩶ 18 D. VIOLANTE EUGENIA DE CASTRO, Senhora das Quintas de Garamanços, e Pinhanços, que El-Rey D. Filippe IV. lhe confirmou no anno de 1628.

Casou com D. Nuno Alvares Pereira, filho terceiro do Conde da Feira D. Manoel, que servio muitos annos na India, onde morreo, sem que deste matrimonio houvesse successaõ. ⩶ 18 D. Maria de Mendoça, D. Catharina de Menezes, e D. Francisca de Castro, Religiosas da Ordem de S. Bernardo em Arouca. ⩶ * 18 D. Joaõ de Menezes succedeo na Casa de seus avós, foy Alferes môr, Commendador da Arruda: achou-se na restauraçaõ da Bahia: foy Capitaõ môr da Armada da India no anno de 1627, e morreo no anno de 1630, voltando da India, junto a Lisboa. Casou com D. Maria de Castro, filha de Dom Fernando de Menezes, Senhor do Prazo de Louriçal, e Commendador de Menda Marques na Ordem de Christo; e de sua mulher D. Isabel de Castro, de quem naõ teve successaõ.

* 18 D. Francisca de Menezes, filha unica de D. Luiz de Menezes, foy sua herdeira, menos do officio de Alferes môr. Casou com D. Joaõ Coutinho, III. Conde de Redondo, do Conselho de Estado delRey D. Sebastiaõ, a quem acompanhou à Africa, e foy cativo na batalha de Alcacere; e tendo servido com reputaçaõ, foy nomeado Vice-Rey da India, para onde fez viagem no anno de 1617, que governou com prudencia, equidade, e acerto; porque foy ornado de excellentes virtudes. Morreo a 10 de Novembro de 1619, e foy XXIII. Vice-Rey da India, deixando os filhos seguintes: ⩶ * 19 D. Francisco Coutinho, IV. Conde de Redondo, com quem

Faria, *Europa Portug.* tomo 3. cap. 13.

quem se continúa. ⩶ 19 D. LUIZ COUTINHO, que casou com D. Maria Angel de Aragaõ, filha de Antonio Gomes Angel, de quem naõ teve successaõ. ⩶ 19 D. LOURENÇO COUTINHO, que foy Collegial do Collegio Real de S. Paulo, donde sahio a 20 de Junho de 1626, e Desembargador da Casa da Supplicaçaõ, de quem naõ ficou successaõ. ⩶ 19 D. MARIA DE MENEZES, Religiosa no Mosteiro da Esperança de Lisboa. ⩶ * 19 D. CECILIA DE MENEZES casou com D. Joaõ de Castellobranco, adiante. ⩶ * 19 D. FRANCISCO COUTINHO foy V. Conde de Redondo, Estribeiro môr da Rainha D. Luiza Francisca, e Caçador môr delRey D. Joaõ IV. Commendador de S. Cypriano, e do Banho, na Ordem de Christo. Casou duas vezes, a primeira com D. Helena de Castro, filha de Nuno Mascarenhas, Senhor de Palma, Alcaide môr, e Commendador de Castello de Vide, e das Commendas de Noza, Castello-Novo, e Alpedrinha; e de sua mulher D. Isabel de Castro, que morreo a 3 de Janeiro de 1679; e desta uniaõ naõ houve filhos. E casou segunda vez o Conde com D. Violante de Lencastre sua prima com irmãa, filha de D. Diniz de Lencastre, Commendador môr da Ordem de Christo, como se disse a pag. 69 do Tomo IX. ⩶ * 19 D. CECILIA DE MENEZES casou com D. Joaõ de Castellobranco, Commendador da Espada de Elvas da Ordem de Santiago, e das Commendas de S. Gabriel da Granja, de Ulmeiro, dos Casaes de Reliaõ, e Casa-Velha, todas na Ordem

dem de Christo; e desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: ⩶ * 20 D. Duarte de Castellobranco, abaixo. ⩶ * 20 D. Francisco de Castellobranco, de quem adiante se trata. ⩶ 20 D. Cecilia de Menezes, que casou com Thomé de Sousa, Senhor de Gouvea; e por este casamento veyo a recahir em seu filho Fernaõ de Sousa o Condado de Redondo, como se verá no Livro XIV. quando tratarmos da Casa de Sousa. ⩶ * 20 D. Duarte de Castellobranco, que foy VI. Conde de Redondo, (por sua mãy ser herdeira daquella Casa) Védor da Casa delRey D. Joaõ IV. Casou duas vezes, a primeira com D. Luiza de Mendoça, Dama da Rainha D. Luiza, filha de Dom Antonio Mascarenhas, Commendador de Castello-Novo, e de sua mulher D. Isabel de Castro, sem successaõ. E segunda vez com D. Marianna Josefa de Mendoça, Dama da mesma Rainha, filha de Francisco de Mello, Monteiro môr, de quem teve ⩶ 21 D. Joaõ de Castellobranco, que foy VII. Conde de Redondo, morreo menino. ⩶ * 20 D. Francisco de Castellobranco, irmaõ de D. Duarte, veyo a succeder em toda a Casa, e foy VIII. Conde de Redondo, Commendador da Espada de Elvas, e Mestre de Campo de hum Terço do Algarve, com que servio em Alentejo. Morreo no anno de 1686, havendo casado duas vezes, a primeira com D. Isabel de Castellobranco, filha de D. Affonso de Castellobranco, II. Conde de Sabugal; e a segunda vez com D. Magdalena de Tavora,

vora, filha de Bernardim de Tavora, Reposteiro mòr, e de sua mulher D. Luiza de Faro, sem successaõ; e a Condessa ficando viuva, foy Senhora de Honor da Rainha D. Maria Sofia, como dissemos a pag. 700 do Tomo IX. E de sua primeira mulher teve a D. JOAÕ DE CASTELLOBRANCO, que casou com Dona Magdalena Maria de Tavora, como se disse no Capitulo antecedente, §. II.

* 15 D. MANOEL PEREIRA, filho do Conde D. Diogo Pereira, foy Senhor desta grande Casa, e foy III. Conde da Feira, e do Conselho delRey D. Affonso V. Faleceo a 4 de Outubro de 1550. Casou duas vezes, a primeira com D. Isabel de Castro, filha de D. Joaõ de Menezes, I. Conde de Tarouca, feito em 24 de Abril de 1499, Mordomo mòr delRey D. Manoel, Graõ Prior do Crato, e hum dos insignes Capitaens daquelle tempo, cuja memoria he gloriosa na nossa Historia; e de sua mulher D. Joanna de Vilhena, filha de Fernando Telles de Menezes, I. Senhor de Unhaõ; e deste matrimonio nasceraõ = * 16 D. DIOGO PEREIRA, IV. Conde da Feira, adiante. = 16 D. RODRIGO PEREIRA, que depois de ter estudado, foy Clerigo, e tendo pingues Beneficios, com esperanças de que o seu esclarecido nascimento lhe seguravaõ grandes lugares, desprezou tu do, recolhendo-se à Congregaçaõ de S. Joaõ Euangelista, se chamou o Padre Rodrigo da Madre de Deos, onde seguindo a observancia religiosa, viveo exemplarmente no rigor das suas Constituições. Foy

muy

muy devoto da Virgem Santissima, e muy dado à Oraçaõ, a que ajuntava muitas penitencias. O Infante Cardeal Dom Henrique, Inquisidor Geral, o nomeou Inquisidor da Mesa do Santo Officio de Lisboa, de que tomou posse a 19 de Agosto de 1552, e naõ teve naquelle Tribunal outro lugar, como diz a Chronica da sua Religiaõ, fazendo-o do Conselho Geral. ElRey D. Joaõ III. o nomeou Bispo de Angra, Dignidade, que naõ aceitou, como dissemos no Catalogo dos Bispos desta Igreja, que anda na Collecçaõ da Academia Real da Historia do anno de 1722. Morreo no Castello da Feira a 6 de Mayo de 1553. ⵘ 16 D. DUARTE PEREIRA, que morreo na India, sem geraçaõ. ⵘ 16 D. BRITES PEREIRA, Abbadessa do Mosteiro de Vairaõ. ⵘ 16 D. JOAÕ PEREIRA, que servio na India, e foy Capitaõ de Malaca; naõ casou, e teve ⵘ 17 a D. MANOEL PEREIRA, que foy Prior de Ançãa, ⵘ 17 e D. MARGARIDA PEREIRA, que casou em Baçaim com Dom Manoel de Castro, ⵘ 17 e a D. ISABEL PEREIRA, Freira em Vairaõ. Casou segunda vez o Conde D. Manoel Pereira com D. Francisca Henriques viuva de Artur de Brito, Copeiro môr delRey D. Joaõ III., e filha de Antonio de Miranda, Senhor do Morgado da Landeira, e de sua mulher D. Ignez da Rosa; e tiveraõ estes filhos: ⵘ * 16 D. ANTONIO PEREIRA, adiante. ⵘ * 16 D. GUIOMAR DE CASTRO casou com Alvaro Peres de Andrade, adiante. ⵘ 16 D. IGNEZ DE CASTRO, que casou com D. Antaõ de Noronha,

Santa Maria, *Chronica dos Conegos de S. Joaõ Evangelista*, pag. 939.

Noronha, que tendo sido Capitaõ de Ormuz, e algum tempo de Ceuta, foy Vice-Rey da India, IX. dos que lograraõ este posto, que exercitou desde o anno de 1564 até o de 1568, que voltou para o Reyno, e morreo na viagem: era dotado de talento, e zelo, e conseguio no seu tempo gloriosas vitorias: naõ teve successaõ. ⩶ 16 D. GUIOMAR DE CASTRO casou com Alvaro Peres de Andrade, Commendador de Torres-Vedras da Ordem de Santiago, irmaõ da Condessa Dona Violante de Andrade, mulher de Dom Francisco de Noronha, II. Conde de Linhares, como deixamos escrito a pag. 256 do Tomo V. e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 17 MANOEL DE ANDRADE, que foy Religioso Eremita de Santo Agostinho, e Provincial diversas vezes da sua Religiaõ. ⩶ 17 ANTONIO DE MIRANDA, que veyo a ser herdeiro da Casa, e morreo na batalha de Alcacere, sem estado. ⩶ * 17 D. ISABEL DE CASTRO mulher de Dom Fernando de Menezes, adiante. ⩶ 17 D. FRANCISCA DE CASTRO, Freira na Annunciada de Lisboa.

* 17 D. ISABEL DE CASTRO casou com D. Fernando de Menezes, Senhor do Prazo do Louriçal, (irmaõ de D. Diogo de Menezes, I. Conde da Ericeira, Commendador de Alcacer da Ordem de Santiago, Gentil-homem de Boca delRey Dom Filippe IV., Governador do Algarve, que morreo, sem casar, em Mayo de 1635) e tiveraõ ⩶ 18 D. MARIA DE CASTRO, que casou com D. Joaõ de Menezes,

Alferes

Alferes môr de Portugal, sem successaõ, como se disse. ⩶ 18 D. HENRIQUE DE MENEZES, Senhor do Louriçal, Commendador de Santa Christina na Ordem de Christo, que casou com D. Margarida de Lima, filha de Joaõ Gonçalves de Ataide, IV. Conde de Atouguia, e da Condessa D. Maria de Castro; e tiveraõ ⩶ 19 D. FERNANDO DE MENEZES, II. Conde da Ericeira, do Conselho de Estado (herdeiro de seu tio D. Diogo, I. Conde da Ericeira.) Casou com D. Leonor Filippa de Noronha, de quem fizemos mençaõ a pag. 370 do Tomo V. donde se póde ver a sua illustrissima posteridade. ⩶ 19 D. DIOGO DE MENEZES, que foy Capitaõ de Cavallos, e se achou na batalha de Montijo, em que foy prisioneiro. ⩶ 19 D. ALVARO DE MENEZES, Doutor em Canones na Universidade de Coimbra. ⩶ 19 D. LUIZ DE MENEZES, III. Conde da Ericeira, de quem já tratámos a pag. 373 do Tomo V. ⩶ 19 D. MARIA DE CASTRO, fermosa, e entendida: estando aceita Dama do Paço, entrou no Convento da Madre de Deos de Lisboa, onde professou; e vivendo com vida exemplar, acabou santamente. ⩶ 19 D. FILIPPA DE CASTRO, morreo estando aceita para Dama do Paço. ⩶ 19 D. JOANNA DE MENEZES, D. GUIOMAR DE CASTRO, e D. ISABEL DE MENEZES, Freiras na Annunciada de Lisboa.

Teve o Conde Dom Manoel Pereira filhos illegitimos ⩶ * 16 D. JORGE PEREIRA. ⩶ * 16 D. LEONIZ PEREIRA. ⩶ 16 D. FRANCISCA PEREIRA,

Reli-

Religiosa em Vairaõ, donde foy Abbadessa. ⩶ * 16 D. JORGE PEREIRA servio na India, e lá casou com D. Filippa do Carvalhal, de quem teve ⩶ 17 D. FRANCISCA PEREIRA, que casou com Nuno de Andrade, ⩶ 17 e D. GUIOMAR PEREIRA, que morreo sem estado. ⩶ * 16 D. LEONIZ PEREIRA servio na India com valor, e foy Capitaõ de Malaca, que defendeo esforçadamente de hum apertado sitio no tempo do Vice-Rey D. Antonio de Noronha seu cunhado; e voltando ao Reyno, foy Capitaõ de Ceuta, onde morreo, sem ter sido casado.

* 16 D. DIOGO FORJAZ PEREIRA foy VI. Conde da Feira, casou com sua prima com irmãa Dona Anna de Menezes, filha de Joaõ da Sylva, V. Senhor de Vagos, Alcaide mór de Lagos, e de sua mulher D. Joanna de Castro, irmãa do Conde D. Manoel seu pay; deixando desta uniaõ os filhos seguintes: ⩶ 17 D. MANOEL PEREIRA, que sendo herdeiro desta grande Casa, morreo em vida do Conde seu pay, havendo casado com D. Joanna da Sylva, filha de D. Joaõ de Menezes, VII. Senhor de Cantanhede; e a sua esclarecida posteridade deixamos escrita a pag. 291 do Tomo V. ⩶ 17 D. NUNO ALVARES PEREIRA pretendeo succeder no Condado da Feira. Casou com D. Maria de Noronha, que em oito dias ficou viuva; e depois casou segunda vez com D. Manoel de Ataide, III. Conde da Castanheira, e era filha de D. Diogo de Sousa, Capitaõ de Sofalla, depois Governador do Algarve, e do Conselho

de Eſtado delRey Dom Sebaſtiaõ. ⩶ 17 D. JOAÕ PEREIRA, e D. PAULO PEREIRA, ſem geraçaõ. ⩶ 17 D. JOANNA DE CASTRO, Dama da Rainha D. Catharina, que morreo ſem eſtado. ⩶ 17 D. MARIA, e D. BRITES, Freiras em Vairaõ.

§. II.

* 14 D. MARGARIDA DE NORÓNHA foy a ſegunda filha de D. Joanna de Caſtro, e de D. Joaõ de Noronha: faleceo a 16 de Abril de 1531. Caſou com Franciſco da Sylveira, Senhor de Sarzedas, e Sovereira Fermoſa, do Conſelho delRey D. Joaõ III. Morreo a 25 de Novembro de 1534, e jaz no Eſpinheiro de Evora da Ordem de S. Jeronymo; e tiveraõ ⩶ * 15 FERNANDO DA SYLVEIRA, com quem ſe continúa. ⩶ 15 HEITOR DA SYLVEIRA, que depois de ſervir em Arzilla, paſſou à India no anno de 1527; embarcou muitas vezes ſendo Capitaõ de Mar, e Guerra; e tendo procedido com valor, foy morto de huma balla na Ilha de Bete no anno de 1531. ⩶ 15 MANOEL DA SYLVEIRA, que moreo cativo em Africa, JORGE DA SYLVEIRA na India, e D. BERNARDIM DA SYLVEIRA, que todos morreraõ ſem ſucceſſaõ. ⩶ * 15 D. VIOLANTE DE NORONHA, adiante. ⩶ 15 D. ISABEL, e D. FILIPPA, morreraõ meninas. ⩶ 15 D. CECILIA DE NORONHA, que naõ teve eſtado, e deixou a ſua fazenda a D. Catharina de Ataide, ſegunda mulher de ſeu ſobrinho D. Pedro de Noronha.

D.

* 15 D. VIOLANTE DE NORONHA casou com D. Pedro de Noronha, VI. Senhor de Villa-Verde, cuja Doaçaõ lhe foy confirmada no anno de 1526. Foy Mordomo môr, e Védor da Fazenda da Rainha D. Catharina. Fundou em Villa-Verde o Convento de Nossa Senhora da Visitaçaõ da Ordem Serafica. Servio, sendo moço, de Fronteiro de Nuno Fernandes de Ataide em Çafim, e com elle se achou naquella memoravel facçaõ do anno de 1513, em que destimidamente foraõ correr o Campo até ousadamente chegarem às portas da Cidade de Marrocos, com admiraçaõ dos Mouros. Desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: ⩶ 16 D. MARTINHO DE NORONHA, que morreo de tenra idade. ⩶ * 16 D. PEDRO DE NORONHA, com quem se contimúa. ⩶ 16 D. FERNANDO DE NORONHA, morreo moço. ⩶ 16 D. MARGARIDA DE NORONHA, que casou com Antonio GONÇALVES DA CAMERA, Caçador môr; e a sua descendencia fica referida no Capitulo VII. §. IV. pag. 711 deste Livro. ⩶ 16 D. CECILIA DE MENEZES casou com D. Luiz de Menezes, Alferes môr, como fica escrito. ⩶ 16 D. MARIANNA DE CASTRO, Freira no Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa, e huma das Fundadoras do de Sacavem. ⩶ 16 D. ISABEL DE CASTRO, e D. GUIOMAR DE ALBUQUERQUE, que naõ tomaraõ estado; e vivendo com muita honestidade, acabaraõ com opiniaõ de virtude. ⩶ * 16 D. PEDRO DE NORONHA, VII. Senhor de Villa-Verde, &c. Casou duas vezes, a

primeira com D. Anna de Castro, filha de D. Rodrigo Lobo, III. Baraõ de Alvito, e de sua mulher a Baroneza D. Guiomar de Castro; e tiveraõ estes filhos: ⵑ 17 D. RODRIGO DE NORONHA, que morreo moço. ⵑ 17 D. GUIOMAR DE CASTRO, que casou com D. Joaõ Pereira, Commendador do Pinheiro, como se disse no §. V. do Cap. XI. pag. 741 deste Livro. ⵑ 17 D. MARGARIDA DE CASTRO, Religiosa de S. Bernardo no Mosteiro de Arouca. Casou D. Pedro segunda vez com D. Catharina de Ataide; e a sua illustrissima posteridade fica escrita no Livro X. Capitulo IV. §. IV. pag. 644 do Tomo X.

* 15 FERNANDO DA SYLVEIRA foy III. Senhor de Sarzedas, e Sovereira Fermosa, que casou duas vezes, a primeira com D. Maria da Sylva, filha de Simaõ Fogaça, e de Dona Guiomar de Menezes, de quem se apartou por Sentença; e ella foy Freira, e Abbadessa perpetua de Chellas. Casou segunda vez com D. Grimaneza Mascarenhas, filha de Pedro de Ocem de Almeida, e de D. Isabel Mascarenhas, de quem nasceo unica ⵑ 16 D. MARIA DA SYLVEIRA, IV. Senhora de Sarzedas, &c. que casou com D. Rodrigo Lobo, Commendador de S. Joaõ de Trancoso, e de Santa Maria de Sarzedas na Ordem de Christo, que foy Pagem da Lança delRey D. Sebastiaõ, a quem acompanhou em ambas as jornadas de Africa; e tiveraõ a successaõ seguinte: ⵑ * 17 D. LUIZ LOBO, adiante. ⵑ 17 D. FERNANDO LOBO, que servio na India, e foy Capitaõ mór do Cabo de Comorim,

morim, taõ valeroso, que sómente com a Galé, em que hia embarcado, peleijou contra huma Armada dos Malavares, em que foy morto. Casou na India com D. Clara Jaques, filha de Alvaro Jaques, de quem naõ ha succeſſaõ. ⩵ 17 D. Diogo Lobo, que tambem servio na India, e se achou na peleija, em que mataraõ seu irmaõ; e voltando da India por Capitaõ da Nao S. Valentim, foy rendido pelos Inglezes, de que ficou taõ sentido, que naõ voltou mais a Portugal, e acabou a vida em Flandres. ⩵ 17 D. Francisco, e D. Joaõ, que morreraõ de curta idade. ⩵ * 17 D. Margarida de Noronha, mulher de D. Gil Eannes da Costa, adiante. ⩵ * 17 D. Luiza da Sylveira, mulher de Antonio de Moura Telles, de quem logo se tratará. ⩵ * 17 D. Antonia de Noronha, mulher de Francisco de Sousa, com a succeſſaõ, que abaixo se refere. ⩵ 17 D. Francisca de Noronha, Freira em Almoster.

* 17 D. Margarida de Noronha casou com D. Gil Eannes da Costa, Commendador de S. Miguel de Linhares da Ordem de Christo, Presidente do Senado da Camera de Lisboa no anno de 1599, em que a Cidade padeceo o terrivel mal da peste, e elle a ficou governando com tanto acerto, prudencia, e caridade, que morrendo duzentas, e trezentas pessoas cada dia, a pessoa alguma da sua casa tocou o mal, vivendo no meyo da Cidade: foy Presidente do Desembargo do Paço, e do Conselho de Estado

Estado delRey Dom Filippe II.: havia servido em Africa, e foy cativo na batalha de Alcacer, e resgatado entre os oitenta Fidalgos; e desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: ⩶ 18 D. ANTONIO DA COSTA, que foy Religioso da Observancia de S. Francisco na Provincia de Xabregas. ⩶ * 18 D. RODRIGO DA COSTA, com quem se continúa. ⩶ 18 D. GIL EANNES DA COSTA, Commendador de S. Miguel de Linhares na Ordem de Christo: servio em Africa, e morreo sem successaõ, havendo sido casado com D. Anna Henriques, filha herdeira de Pedro de Anhaya, Commendador da Gualva na Ordem de Santiago, que foy Capitaõ de Dio, e de sua mulher D. Isabel Henriques. ⩶ 18 D. ALVARO DA COSTA, Collegial do Collegio Real de S. Paulo na Universidade de Coimbra, Doutor em Theologia, Deputado do Santo Officio da mesma Cidade, lugar de que tomou posse no primeiro de Setembro de 1626. Foy Reitor da Universidade, e Capellaõ mór dos Reys D. Filippe IV. e D. Joaõ IV. Faleceo a 13 de Fevereiro de 1642, eleito Bispo de Viseu. ⩶ 18 D. JOAÕ DA COSTA, Cavalleiro de Malta. ⩶ 18 D. MARIA DE NORONHA casou com D. Pedro de Alcaçova, Commendador da Idanha na Ordem de Christo, Alcaide mór de Campo-Mayor, e Ouguella, de quem nasceo unico D. ANTONIO DE ALCAÇOVA, Commendador da Idanha, &c., que casou com sua prima com irmãa D. Maria da Costa, que foy sua primeira mulher, sem successaõ. ⩶ 18 D.

HELENA

Helena de Noronha, Abbadessa de Almoster. ⩶ * 18 D. Rodrigo da Costa foy Commendador de Marmeleiro, Fornos, Oitavos de Thomar, e de S. Braz na Ordem de Christo: passou a servir à India, onde morreo em hum combate com os Hollandezes; havendo casado com D. Joanna de Noronha, filha de D. Alvaro de Sousa, Capitaõ da Guarda, e de sua mulher D. Maria de Noronha, de quem nasceo unica, e herdeira D. Maria da Costa, que casou com seu primo com irmaõ D. Antonio de Alcaçova, como fica acima dito.

Faria, tom. 3. *Asia*, pag. 486, num. 14.

* 17 D. Luiza da Sylveira, filha de D. Rodrigo Lobo, Senhor de Sarzedas, casou com Antonio de Moura, Senhor da Povoa, e Meadas, Commendador de S. Miguel de Nogueira na Ordem de Christo, do Conselho delRey D. Filippe II.; e tiveraõ, entre outros filhos, que morreraõ, ⩶ * 18 a Ruy de Moura Telles, com quem se continúa. ⩶ 18 D. Maria de Noronha, que casou duas vezes, a primeira com D. Francisco de Lima, Commendador de S. Nicolao de Carrezedo na Ordem de Christo, Capitaõ de Ormuz, &c. Faleceo a 29 de Janeiro de 1623. Casou segunda vez com D. Diogo da Sylveira, Commendador de Sortelha; e de nenhum destes matrimonios teve filhos. ⩶ 18 D. Leonor, e D. Filippa, Freiras em Santa Clara de Evora. ⩶ 18 D. Margarida, D. Archangela, e D. Antonia, Freiras em S. Bento de Portalegre. ⩶ 18 Ruy de Moura Telles, foy Senhor da Povoa, e Meadas, Com-

Commendador de S. Miguel de Nogueira. Achou-se na restauraçaõ da Bahia no anno de 1625, e depois na Acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV. Foy Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ, Védor da Casa da Rainha Dona Luiza, e depois seu Estribeiro môr, do Conselho de Estado, Védor da Fazenda, e Presidente do Desembargo do Paço. Casou com D. Luiza de Castro, filha de D. Francisco Rolim de Moura, XIV. Senhor de Azambuja, e de sua mulher D. Cecilia Henriques; e desta uniaõ nasceo unica herdeira D. LUIZA DE CASTRO, que morreo no anno de 1659, havendo sido casada com Nuno de Mendoça, II. Conde de Val de Reys, como deixamos escrito a pag. 677 do Tomo X.

* 17 D. ANTONIA DE NORONHA, filha de D. Rodrigo Lobo, Senhor de Sarzedas, casou com Francisco de Sousa, e foy sua segunda mulher: foy Copeiro môr delRey D. Henrique, e dos Reys D. Filippe II. e III., Alcaide môr da Guarda, Commendador de Bornes, e S. Salvador de Lavre na Ordem de Christo. Foy dos Fidalgos de estimaçaõ do seu tempo; porque era muy déstro no manejo dos Cavallos; desorte, que naõ havia quem o excedesse, assim neste exercicio, como no da montaria: nella lhe succedeo hum caso, em que mostrou destreza, e promptidaõ. Era Vice-Rey deste Reyno o Cardeal Archiduque Alberto, e andando à caça grossa na banda de além de Lisboa, hindo correndo huma porca, cahio do Cavallo, e Francisco de Sousa lhe acodio taõ promptamente,

tamente, que matou a porca, que já estava sobre elle, de que o Archiduque lhe ficou muy obrigado. Depois se achou em humas justas na Corte de Castella, em que excedeo a todos. Desta uniaõ teve os filhos seguintes: ⩶ 18 ANTONIO DE SOUSA DE MENEZES, a quem chamaraõ o *Braço de Prata*: foy Capitaõ môr da Armada da India no anno de 1655, e depois Governador, e Capitaõ General da Bahia. Naõ casou, nem teve successaõ. ⩶ 18 D. MARIANNA DE NORONHA casou com Pedro de Sousa de Castro, Commendador de Rio-Mayor, Alpedroens, e Arruda, na Ordem de Aviz, de quem teve, entre outros filhos, ⩶ 19 a AYRES DE SOUSA DE CASTRO, Commendador das referidas Commendas, que casou com D. Marianna de Lencastre, filha de Simaõ de Sousa de Vasconcellos, como dissemos a pag. 245 do Tomo IX., de quem naõ teve successaõ: teve illegitimos a PEDRO DE SOUSA, e AYRES DE SOUSA DE CASTRO, que depois de ter servido na India, morreo sendo Capitaõ de Cavallos no sitio de Valença de Alcantara, de huma balla de artilharia no anno de 1705. ⩶ 18 D. MARGARIDA DE NORONHA, segunda filha de Francisco de Sousa, casou com Manoel Lobo da Sylva, a qual ficando viuva, foy Senhora de Honor da Rainha D. Maria Francisca; e teve unico ⩶ 19 a LUIZ LOBO DA SYLVA, que depois de ter servido na guerra, e conseguido reputaçaõ, foy Governador, e Capitaõ General do Reyno de Angola. Casou com D. Margarida da Sylva,

filha de Manoel Soares Ribeiro, e de ſua mulher D. Marianna da Sylva, de quem teve ⩶ 20 MANOEL LOBO DA SYLVA, que caſou com D. Maria Catharina de Tavoa, como ſe diſſe a pag. 637 do Tomo X.; e tiveraõ os filhos ſeguintes:. ⩶ 21 D. ISABEL JOACHINA DE GUADALUPE DA SYLVA, que naſceo a 15 de Mayo de 1716. ⩶ 21 LUIZ LOBO DA SYLVA naſceo a 17 de Junho de 1717, e he ſucceſſor da Caſa, e Morgados de ſeu pay. ⩶ 21 JERONYMO VICENTE LOBO DA SYLVA naſceo a 30 de Setembro de 1718. ⩶ 20 D. ROSALIA DA SYLVA, irmãa de Manoel Lobo, que caſou com Henrique Ventura de Moura Manoel, de quem naõ teve ſucceſſaõ. ⩶ 20 D. THERESA DA SYLVA caſou a 11 de Fevereiro de 1703 com Pantaleaõ de Sá e Mello, Senhor do Morgado da Amoreira, que foy Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira, e Governador de Caſtello de Vide, e faleceo no anno de 1724; e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⩶ 21 D. MARGARIDA ANTONIA DA SYLVA naſceo a 15 de Novembro de 1708, Religioſa no Moſteiro da Annunciada de Lisboa, da Ordem de S. Domingos. ⩶ 21 D. MARIA THOMASIA DA SYLVA, gemea com D. BERNARDA, que morreo menina, naſceraõ a 18 de Setembro de 1710. ⩶ 21 LOURENÇO DE MELLO DA SYLVA E SÁ naſceo a 7 de Agoſto de 1712, e he ſucceſſor dos Morgados da Amoreira. ⩶ 21 D. ROSALIA XAVIER DE MELLO naſceo a 2 de Dezembro de 1714, faleceo na flor da idáde. ⩶ 18 D. LUIZA DE NORONHA,

ultima

ultima filha do Copeiro mór Francisco de Sousa, e de sua mulher D. Antonia de Noronha, casou com Gabriel de Almeida, Secretario delRey em Madrid da repartiçaõ das Merces, e Expediente, cuja descendencia ignoramos.

* 17 D. LUIZ LOBO DA SYLVEIRA, V. Senhor de Sarzedas, e Sovereira Fermosa, Commendador de Santa Eulalia, e Santa Maria de Sarzedas, na Ordem de Christo, servio sete annos em Ceuta, e Tangere: erudîto na Historia, insigne na Genealogia, de quem fizemos mençaõ no Apparato desta Obra num. 50. Casou com D. Joanna de Lima, filha de Dom Diogo de Lima, Commendador de Vitorino na Ordem de Christo, Camereiro mór do Infante D. Luiz, e do Senhor D. Duarte, do Conselho delRey; e de D. Maria Coutinho sua mulher; e tiveraõ ⩶ 18 D. RODRIGO LOBO DA SYLVEIRA, I. Conde de Sarzedas, que casou com D. Maria Antonia de Vasconcellos, e Menezes, de quem tratámos no Livro VI. Capitulo V. pag. 238 do Tomo V., donde se póde ver a sua illustrissima posteridade. ⩶ 18 D. SEBASTIAÕ LOBO DA SYLVEIRA, que passou à India no anno de 1618, onde servio muito, e com distinçaõ: foy Governador de Macao, e vindo da India no anno de 1648 na Armada do Capitaõ mór Luiz de Miranda Henriques, morreo no naufragio, que padeceo no Cabo da Boa Esperança. ⩶ 18 D. LOURENÇO LOBO, que morreo na India. ⩶ 18 D. DIOGO LOBO DA SYLVEIRA passou à India no anno de 1622,

onde foy Capitaõ da Armada de Nuno Alvares Botelho, com quem ſe achou em diverſas occaſioens: depois foy mandado por Capitaõ mór da Armada do Cabo de Comorim: e finalmente hindo à reſtauraçaõ de Mombaça, foy morto peleijando, depois de ter com muito valor anticipadamente vingado a ſua morte. ☰ * 18 FERNANDO DA SYLVEIRA, adiante. ☰ 18 D. BRITES DE LIMA caſou com Nuno Alvares Botelho, inſigne General na India Oriental, do Conſelho de Eſtado, a quem as ſuas glorioſas emprezas collocáraõ no Templo da Heroicidade entre os eſclarecidos Varoens Luſitanos; e acabou em huma batalha naval, que teve com os Hollandezes na Coſta de Malaca, por fatal deſgraça, a 5 de Mayo de 1630, querendo ſalvar huma Galeota a tempo, que pegando fogo em huma Nao dos inimigos, rebentou para o arrazar, e ſubmergir a ſua. Foy ſentida a ſua morte do Eſtado, e Reyno. ElRey D. Filippe IV. honrou a ſua memoria com generoſa liberalidade; porque deſpachou a ſeu filho, dandolhe o titulo de Conde de S. Miguel, e a ſua mulher as honras de Condeſſa, e a Fortaleza de Moçambique, para ſatisfazer as ſuas dividas, e os bens que gozaſſe da Coroa perpetuos, e os das Ordens em quatro vidas; fazendo ainda mais brilhante eſte deſpacho as precioſas expreſſoens de huma Carta, em que mandou os pezames a ſua mulher, dizendo: *Que a naõ trazer luto pela Rainha de Polonia ſua tia, o havia de pôr por Nuno Alvares Botelho*; verdadeiramente benemerito da

Faria, *Aſia Portugueza*, tom. 3. part. 4. cap. 6. pag. 435, e 446.

da Real attençaõ. Sua mulher casou depois com Francisco de Sá e Menezes, II. Conde de Penaguiaõ, Camereiro môr delRey D. Joaõ IV., e foy sua segunda mulher; e de seu primeiro marido teve unico ⵘ 19 FRANCISCO BOTELHO, que foy I. Conde de S. Miguel, por Carta passada a 25 de Junho de 1633, e Commendador das Commendas de Santa Maria da Arruda, Santa Maria de Miranda, S. Miguel de Anriade, S. Juliaõ de Azurara, todas na Ordem de Christo. Casou tres vezes, a primeira com D. Isabel de Mendoça, que faleceo a 16 de Mayo de 1642, filha de seu padrasto o Conde Camereiro môr, e de sua primeira mulher a Condessa D. Joanna de Castro; e naõ teve successaõ. Casou segunda vez clandestinamente com Dona Ignez de Almeida, filha de Manoel Cardoso Castanho, de quem teve ⵘ 20 NUNO ALVARES BOTELHO, que casou com D. Luiza de Moura Pimentel, filha de Joaõ de Castanheda de Moura, e de D. Maria Pimentel sua mulher; e tiveraõ ⵘ * 21 D. FRANCISCO BOTELHO, adiante. ⵘ 21 D. LUIZ BOTELHO, que servio na guerra com distinçaõ, e foy Capitaõ de Cavallos, e Tenente Coronel da Cavallaria de hum dos Regimentos da Corte. Passou à India no anno de 1732 com o Vice-Rey Conde de Sandomil, e lá foy General do Norte; e voltando ao Reyno, morreo a 21 de Abril de 1743. ⵘ 21 D. JOSEFA BOTELHO, que casou com Victorio Barreto Perdigaõ. ⵘ 21 D. IGNEZ BOTELHO, Freira no Mosteiro de Santos de Lisboa. ⵘ * 21 D.

FRAN-

Francisco Botelho casou com D. Maria de Villasboas, irmãa de seu cunhado, filhos de Antonio Barreto Perdigaõ de Villasboas, Capitaõ môr de Goes, Cavalleiro da Ordem de Christo; e de D. Maria Barreto Borges de Castro, com successaõ. Casou o Conde Francisco Botelho terceira vez com D. Cecilia de Tavora, filha herdeira de Alvaro Pires de Tavora, e de D. Isabel de Castro sua mulher, filha de D. Joaõ de Alarcaõ, Alcaide môr de Torres Vedras; e tiveraõ ⩵ 20 Nuno Alvares Botelho, que morreo menino. ⩵ * 20 Alvaro Joseph Botelho de Tavora, II. Conde de S. Miguel, adiante. ⩵ 20 D. Brites de Lima, que nasceo no anno de 1656; faleceo sem estado. ⩵ 20 D. Margarida Juliana de Tavora, que foy segunda mulher de Francisco Barreto de Menezes, do Conselho de Guerra, &c. de quem fizemos mençaõ no Capitulo IV. pag. 457 do Livro XII. Casou segunda vez Dona Margarida Juliana com Pedro Mascarenhas de Carvalho, I. Conde de Sandomil, como adiante veremos. ⩵ * 20 Alvaro Joseph Botelho de Tavora, II. Conde de S. Miguel, Commendador das referidas Commendas, que faleceo a 22 de Abril de 1724, havendo casado com D. Antonia de Borbon, filha de D. Thomás de Noronha, e de D. Margarida de Borbon, III. Condes dos Arcos, de quem teve ⩵ 21 Thomas Joseph Botelho de Tavora, III. Conde de S. Miguel, que casou com D. Juliana de Lencastre, como deixamos escrito no Livro VIII.

VIII. Cap. II. §. I. pag. 81 do Tomo IX. ⩶ 21 Miguel João Botelho, que tendo servido na guerra com distinção, he Coronel de Infantaria da Praça de Olivença, e Brigadeiro dos Exercitos de Sua Magestade.

* 18 D. Brites de Lima, viuva de Nuno Alvares Botelho, casou segunda vez com Francisco de Sá e Menezes, II. Conde de Penaguião, &c. de quem tambem foy segunda mulher; e tiveraõ unica D. Maria Francisca Barreto de Sà, que casou com D. Antonio de Castro, herdeiro da Casa de Basto, sem successão; e ella foy Senhora de Honor da Rainha D. Luiza, e depois casou com Francisco Barreto de Menezes, Presidente da Junta do Commercio, de quem foy primeira mulher, com a successão, que deixamos em seu lugar referida.

§. III.

* 14 D. Guiomar de Castro, ultima filha do thalamo de D. Joanna de Castro, herdeira da Casa de Monsanto, e D. João de Noronha. Casou com D. Henrique de Noronha, Commendador môr da Ordem de Santiago, e Senhor de toda a Casa de seu pay, excepto Cadaval, que ElRey D. Manoel restituío ao Senhor D. Alvaro: foy Padroeiro do Mosteiro do Salvador de Lisboa; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 15 D. Pedro de Noronha, que foy Religioso da Ordem de S. Jeronymo, onde viveo, e acabou

acabou virtuosamente, chamando-se Fr. Pedro de Lisboa. ⵘ * 15 D. LEAÕ DE NORONHA, com quem se continúa. ⵘ 15 D. JORGE DE NORONHA, passou a servir à India, onde estava no tempo do Governador D. Henrique de Menezes, e com elle se achou quando destruío o Lugar de Panane. ⵘ 15 D. HENRIQUE DE NORONHA, que tambem foy a servir à India, e morreo na viagem. ⵘ 15 D. JOANNA DE CASTRO, Dama da Emperatriz D. Isabel, mulher de Carlos V., com quem foy para Castella, e morreo sem estado, empregando a sua fazenda em obras pias. ⵘ 15 D. MARIA DE NORONHA, que casou com Nuno Fernandes Cabral, Senhor de Azurara, e Alcaide môr de Belmonte, como dissemos no Capitulo XVII. §. III. deste Livro. ⵘ 15 D. N. . . . . . e D. N. . . . . . . Freiras no Mosteiro da Rosa de Lisboa. ⵘ 15 D. BRITES DE NORONHA, Religiosa no Mosteiro de Jesus de Aveiro, onde acabou com opiniaõ de virtude. ⵘ 15 D. LEAÕ DE NORONHA, taõ esclarecido por sangue, como pela vida, que observou, muy dado à oraçaõ, grande caridade com os pobres, que soccorreo largamente, e a si se maltratava com continuadas mortificações; de sorte, que perseverando na virtude, acabou santamente a 18 de Agosto do anno de 1572; e delle fazemos memoria no *Agiologio Lusitano*, como de Varaõ Santo; e deste esclarecido matrimonio nasceo unico ⵘ * 16 D. THOMAS DE NORONHA, com quem se continúa. ⵘ 16 D. ANGELA DE MENEZES, illegitima, que foy Reli-

Historia de S. Domingos, part. 2. liv. 4. cap. 17. pag. 190.

Agiolog. Lusitano part. 4. no dia 18 de Agosto.

Religiosa no Mosteiro de Jesus de Aveiro, da Ordem de S. Domingos, e se chamou Soror Angela do Paraiso, onde foy Prioressa, e do de Villa-Nova do Porto: morreo com opiniaõ de Santa. ⩶ * 16 D. Thomas de Noronha, que seguindo o methodo da vida de seu pay, foy igualmente herdeiro da sua Casa, e virtudes, desprezando as cousas do Mundo, pretendeo as do Ceo. Foy com seu tio Diogo da Sylva, herdeiro da Casa de Vagos, Embaixador ao Concilio de Trento; e voltando ao Reyno, o mandou ElRey Dom Sebastiaõ a França no anno de 1560 visitar a Rainha Catharina de Medicis, pela morte delRey Francisco II. seu filho, e a Maria Estuarda, Rainha de Escocia sua mulher; o que D. Thomás satisfez, como devia à commissaõ, que lhe fora encomendada. Casou com D. Helena da Sylva, filha de D. Gil Eannes da Costa, Embaixador ao Emperador Carlos V., e depois Védor da Fazenda, e do Conselho de Estado delRey D. Sebastiaõ; e de D. Joanna da Sylva; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 17 D. Marcos de Noronha, com quem se continúa. ⩶ 17 D. Gil Eannes de Noronha, que acompanhou a ElRey D. Sebastiaõ a segunda vez, que foy à Africa. No anno de 1584 passou a servir à India, onde foy Capitaõ de Baçaim; e tendo-se achado em muitas occasioens da guerra do Estado, em que conseguio muita honra, o mataraõ huma noite; havendo casado com D. Clara Coutinho, filha de Manoel de Sousa Coutinho, Governa-

Historia de S. Domingos, part. 2. liv. 4. cap. 22. pag. 198 vers.

Histor. da Casa de Sylva, tom. 2. pag. 279.

Nobiliario de Luiz Lobo, Senhor de Sarzedas.

dor que entaõ era da India, de quem naõ teve succeſſaõ. = 17 D. LEAÕ DE NORONHA paſſou tambem a ſervir à India com ſeu irmaõ; com igual valor ſe achou em muitas occaſioens, e ſe diſtinguio no ſitio de Ceilaõ, e em Melinde, quando foy com Lourenço de Souſa demolir aquella Fortaleza, por ordem do Governador Manoel de Souſa, e com elle morreo na Nao, que ſe perdeo, voltando para o Reyno. = 17 D. BERNARDO DE NORONHA paſſou à India com o Vice-Rey Mathias de Albuquerque: foy Capitaõ môr da Armada do Norte, e Capitaõ de Ormuz. Caſou na India com D. Iſabel Pereira, filha de Antonio Pereira, que havia ſido caſada com Diogo Corvo, Védor da Fazenda da India; e naõ teve ſucceſſaõ. = 17 D. GONÇALO COUTINHO, paſſou a ſervir à India, onde chegou no anno de 1591. Achou-ſe na tomada das Naos de Meca, no desbarate de Catamuca, e na empreza de Jafanapataõ, que os noſſos ganharaõ, e na do Morro de Chaul, onde foy ferido; e tendo em muitas occaſioens conſeguido nome, e reputaçaõ de valeroſo Soldado, veyo a ſer morto na Galé, de que era Capitaõ Dom Fernando Lobo, no combate que teve com a Armada do Malavar, que entregandolhe a proa, elle a defendeo de ſorte, que nella acabou, taõ honrado, como filho, e neto de taes avós. = 17 D. HENRIQUE DE NORONHA, que naſceo gemeo com D. Gonçalo, paſſou tambem à India com o Vice-Rey Mathias de Albuquerque no anno de 1591, onde fez grandes ſer-

viços;

viços; e voltando ao Reyno, tornou à India despachado com o governo de Ormuz. Ultimamente voltou para Portugal, e havia instituido hum Morgado na Cidade de Goa a 29 de Agosto de 1622 em seu sobrinho Dom Francisco de Noronha, filho segundo de seu irmaõ D. Marcos, que andasse separado naquella linha; e caducando, passasse ao filho segundo da mesma Casa, que he a de Arcos. ⩶ 17 D. MANOEL DE NORONHA passou tambem à India no anno de 1593, onde servio com o mesmo valor, que seu irmaõ, sendo Capitaõ de Navios, até que no anno de 1598 se achou na empreza de Cunhale com D. Luiz da Gama: foy morto da balla de hum arcabuz, mostrando em toda a occasiaõ, que imitava aos seus esclarecidos progenitores. ⩶ 17 D. TRISTAÕ DE NORONHA, morreo menino. ⩶ 17 D. MARIA DE NORONHA, mulher de Jeronymo de Mello Coutinho, Commendador de Punhete, e dos Dizimos do Algarve, e outras; e naõ tiveraõ successaõ. ⩶ 17 D. BRITES DE MENEZES, Freira em Odivellas. ⩶ 17 D. JOANNA DA SYLVA, Freira em Almoster. ⩶ 17 D. BRANCA DE CASTRO, que morreo sem estado. ⩶ * 17 D. MARCOS DE NORONHA, que foy herdeiro da Casa, acompanhou a ElRey D. Sebastiaõ à Africa, e foy cativo na batalha de Alcacere. Casou com D. Maria Henriques, filha de D. Francisco da Costa, Capitaõ de Malaca, e Embaixador delRey D. Filippe II. a Marrocos; e de D. Joanna Henriques sua mulher, de quem teve ⩶ * 18 D. THOMAS DE NORONHA,

III. Conde dos Arcos, com quem ſe continúa. ⩶ * 18 D. Francisco de Noronha, de quem logo ſe tratará. ⩶ 18 D. Gil Eannes de Noronha, que ſervio na India, e caſou quatro vezes, e teve geraçaõ: porém naõ ſabemos, que delle ſe conſerve. 18 D. Leaõ de Noronha foy Porcioniſta do Collegio de S. Pedro de Coimbra, aceito a 24 de Dezembro de 1628, Deputado da Meſa da Conſciencia, e Ordens, e Sumilher da Cortina delRey Dom Joaõ IV. ⩶ 18 D. Bernardo de Noronha foy Cavalleiro de S. Joaõ de Malta. ⩶ 18 D. Duarte de Noronha, morreo menino. ⩶ 18 D. Violante Henriques caſou com Dom Joaõ de Almeida, Commendador de Loures, de quem tratámos a pag. 805 do Tomo X. ⩶ 18 D. Joanna Henriques, D. Helena Henriques, e D. Catharina, que todas morreraõ moças no Convento do Salvador de Lisboa. ⩶ 18 D. Branca, Freira no Moſteiro da Madre de Deos de Lisboa. ⩶ 18 D. Henrique de Noronha, Frade Carmelita, Provincial da ſua Religiaõ, que morreo a 17 de Fevereiro de 1660.

* 18 D. Francisco de Noronha, que foy o filho ſegundo, ſuccedeo no Morgado, que ſeu tio D. Henrique inſtituío: achou-ſe com ſeu irmaõ na reſtauraçaõ de Portugal, e foy Coronel de hum dos Terços das Ordenanças de Lisboa. Caſou com D. Maria de Azevedo, filha de Joaõ Cayado de Gamboa, Capitaõ de Malaca, e Védor da Fazenda da India, de quem teve ⩶ * 19 D. Marcos de Noronha,

RONHA, adiante. ⩶ 19 D. HENRIQUE, e D. FILIPPA, que morreraõ ſem eſtado. ⩶ 19 D. BRANCA, Freira no Moſteiro de Santos. ⩶ 19 D. VIOLANTE DE NORONHA caſou com D. Pedro da Coſta, Armeiro mór, Commendador de S. Vicente da Beira na Ordem de Aviz; e tiveraõ ⩶ 20 a D. MARIA DE NORONHA, que foy ſua herdeira, e caſou com D. Luiz da Coſta, Commendador na Ordem de Chriſto, Tenente General da Cavallaria de Alentejo, de quem naſceo ⩶ 21 D. ANTONIO DA COSTA, Armeiro mór, de quem fizemos mençaõ no Capitulo IV. §. II. pag. 442 do Livro XII. ⩶ 19 D. MARCOS DE NORONHA foy Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ, do Conſelho de Sua Mageſtade, Governador da Fortaleza de S. Giaõ, Deputado da Junta dos Tres Eſtados, e Meſtre-Salla da Caſa Real. Caſou com D. Iſabel Coutinho, Dama do Paço, filha de D. Gonçalo da Coſta, Armeiro mór, Commendador de S. Vicente da Beira, e de D. Joanna Henriques ſua mulher; e tiveraõ, entre outras filhas, que morreraõ, ⩶ 20 a D. FRANCISCA IGNACIA DE NORONHA, que foy herdeira, bautizada a 22 de Agoſto de 1655, e faleceo a 5 de Fevereiro de 1730; havendo caſado com Bernardo Freire de Andrade e Souſa, Coronel da Marinha, como ſe diſſe no Capitulo IV. pag. 475 do Livro XII., ſem ſucceſſaõ. ⩶ 20 D. JOANNA DE NORONHA caſou com Gaſpar Freire, ſem ſucceſſaõ; e por morte de ſua irmãa foy herdeira do Morgado. ⩶ 20 D. THERESA DE NORONHA,

RONHA, morreo ſem eſtado; e vagando o Morgado por ſua irmãa, correo pleito entre D. Joſeph de Noronha, filho ſegundo dos V. Condes dos Arcos, e D. Joſeph da Coſta, Armeiro môr: ficou eſte excluido em virtude da inſtituiçaõ, que chamava na falta de deſcendencia o filho ſegundo da Caſa de Arcos; e aſſim lhe foy julgado por Sentença do Senado da Caſa da Supplicaçaõ a 19 de Dezembro de 1743; e ultimamente foy negada a Reviſta pelo Deſembargo do Paço a 12 de Outubro de 1744.

* 18 D. THOMAS DE NORONHA, ſervio huma Commenda em Tangere, ſendo Governador da Praça o Duque de Caminha D. Miguel de Menezes; e depois nas Armadas, que ſahiraõ a correr a Coſta no anno de 1617, e 1619. Foy hum dos Acclamadores da liberdade da Patria no dia primeiro de Dezembro de 1640, em que foy reſtituido ao Throno de ſeus avós o Grande Rey D. Joaõ IV. Foy Coronel de hum dos Terços das Ordenanças de Lisboa, Gentilhomem da Camera do Principe D. Theodoſio, Preſidente do Conſelho Ultramarino, e do Conſelho de Eſtado, e Guerra, delRey D. Affonſo VI.; e pelo ſeu ſegundo caſamento III. Conde dos Arcos. Havia caſado a primeira vez com D. Brites de Vilhena, como eſcrevemos a pag. 647 do Tomo X. Caſou ſegunda vez com D. Magdalena de Borbon, Dama do Paço, filha de D. Luiz de Lima, I. Conde dos Arcos, e da Condeſſa Victoria de Cardailhac, filha de Franciſco de Cardailhac, Baraõ de la Chapelle, e da Baroneza

Anſelme, *Hiſtor. Geneal. de la Maiſon de France*, tom. 1, pag. 370.

Baroneza Magdalena de Borbon, filha de Henrique de Borbon, Visconde de Lauvenden, Baraõ de Maulase; e tiveraõ os filhos seguintes. ⩵ 19 D. MARCOS DE NORONHA, IV. Conde dos Arcos, que casou com D. Maria Josefa de Tavora, como se póde ver no Liv. VI. Cap. V. pag. 234 do Tomo V. ⩵ 19 D. BERNARDO DE NORONHA casou com D. Maria Antonia de Almada, Senhora de Carvalhaes, Verdemilho, &c. de quem tratámos no Capitulo XIII. pag. 253 do Livro XI. ⩵ 19 D. AFFONSO DE NORONHA, que estudando na Universidade de Coimbra, morreo desgraçadamente em huma briga a 29 de Janeiro de 1686. ⩵ 19 D. LUIZ, D. MANOEL, e D. LEAÕ DE NORONHA, que morreraõ de tenra idade. ⩵ 19 D. VICTORIA DE BORBON casou duas vezes, a primeira com D. Manoel de Ataide, VII. Conde de Atouguia, sem successaõ, como se vê no Livro VIII. Capitulo V. pag. 461 do Tomo IX. Casou segunda vez com D. Joaõ Fernandes de Lima, XI. Visconde de Villa-Nova da Cerveira, como escreveremos adiante no Cap. XXVIII. Parte III. deste Livro. ⩵ 19 D. MARIA ANTONIA DE BORBON, Dama da Rainha D. Maria Francisca de Saboya, nasceo no anno de 1648, e faleceo a 19 de Janeiro de 1743. Casou com D. Antonio de Almeida, II. Conde de Avintes; e a sua illustrissima posteridade fica escrita no Livro X. Capitulo XIV. §. III. pag. 839 do Tomo X. ⩵ * 19 D. ANTONIA DE BORBON, de quem logo se tratará. ⩵ 19 D. HELENA DE NORONHA casou duas

duas vezes, a primeira com D. Eſtevaõ de Menezes, Senhor da Caſa de Tarouca, como eſcrevemos no Livro VIII. Capitulo XV. pag. 691 do Tomo IX.; e a ſegunda com Fernando Telles da Sylva, III. Conde de Villar-Mayor; e a ſua illuſtre poſteridade ſe póde ver a pag. 614 do dito Tomo. ⠶ 19 D. THERESA, e D. LUIZA DE BORBON, morreraõ ſem eſtado. ⠶ * 19 D. ANTONIA DE BORBON foy Dama do Paço, caſou duas vezes, a primeira com Fernaõ Maſcarenhas, Commendador de Aljuſtrel do Sal na Ordem de Chriſto: tinha ſervido na guerra da Acclamaçaõ, ſendo Meſtre de Campo de hum Terço, com que ſe achou na batalha do Ameixoal; e depois da paz feita com Caſtella, foy comprehendido no tratado do Conde de Humanes, Embaixador de Caſtella, pelo que foy degollado a 11 de Mayo de 1674: porém conſtou depois ao Principe Regente, que eſtava innocente: pelo que outros Fidalgos foraõ ſoltos, como diſſemos no Capitulo V. do Livro VII. pag. 680 do Tomo VII. A ſegunda com Alvaro Joſeph Botelho, II. Conde de S. Miguel, de quem atraz fizemos mençaõ. De ſeu primeiro marido teve ⠶ 20 PEDRO MASCARENHAS DE CARVALHO, que naſceo a 9 de Dezembro de 1670, I. Conde de Sandomil, creado por ElRey D. Joaõ V., de que ſe lhe paſſou Carta a 12 de Março de 1732, Commendador das Commendas de Santa Maria de Ala, dos Dizimos do Paul de Vicente de Fornellos, da Ordem de Chriſto, e da dos Fornos, e Feiras de Setuval, na Ordem

dem de Santiago. E ſendo pela innocencia de ſeu pay reſtituido a todas as honras, começou a ſervir com tanto brio, que ſempre ſe diſtinguio. Foy Capitaõ de Mar, e Guerra das Naos da Coroa, Meſtre de Campo do Terço do Algarve, com que paſſou a ſoccorrer a Praça de Ceuta no anno de 1695, em que deu naõ vulgares provas do ſeu valor, e talento; e voltando ao Reyno, acreditado de immortal gloria, como referem as Memorias daquelles annos, paſſou para hum dos Regimentos da Guarniçaõ da Corte. Na guerra do anno de 1704 ſervio na Provincia de Alentejo com o poſto de General de Batalha; depois foy General da Artilharia, e Meſtre de Campo General dos Exercitos de Sua Mageſtade, poſto que exercitou em Catalunha, aonde foy no Exercito, que mandou o Marquez das Minas no anno de 1706; o qual, quando voltou o Marquez para Portugal, ficou elle governando; depois foy Governador das Armas da Provincia de Alentejo, ſervindo todo o tempo, que durou aquella guerra; achando-ſe em todas as occaſioens, que houve de mayor gloria, em que elle ſempre teve muita parte, até o ſitio de Campo-Mayor no anno de 1712, que ſoccorreo com grande promptidaõ, e he o brilhante de tantas acções eſtimaveis, que faraõ eterna a ſua memoria; e temos, ainda que ſuccintamente, moſtrado algumas no Tomo VII., e VIII. deſta Hiſtoria, coroando o ſeu valor com a generoſidade, e prudencia; de ſorte, que elle ſe fez benemerito do reſpeito dos Militares, e univer-

ſalmente da eſtimaçaõ dos Póvos. Ultimamente foy nomeado Vice-Rey do Eſtado da India, para onde fez viagem a 25 de Abril de 1732; e depois de ter aſſiſtido ao Eſtado, quanto permittia o calamitoſo tempo, que durou o ſeu governo, voltou ao Reyno, onde chegou no fim do anno de 1742 muy opprimido de queixas, de que veyo a morrer a 3 de Agoſto de 1745. Caſou com D. Margarida Juliana de Tavora, filha dos primeiros Condes de S. Miguel, como fica referido, de quem naõ teve ſucceſſaõ, e naõ tornou a caſar. ⵌ 20 D. MAGDALENA LUIZA DE BORBON ſua irmãa caſou a 3 de Dezembro de 1702 com Luiz de Miranda Henriques, Commendador de S. Juliaõ, Santo André de Sever, de Santa Maria de Pena Aguia, e de Santa Eulalia de Balzar, todas na Ordem de Chriſto. Servio na guerra com diſtinçaõ, e foy Coronel do Regimento da Armada, e General de Batalha, poſto com que ſervio na guerra de 1704; e faleceo, deixando os filhos ſeguintes: ⵌ 21 D. ANTONIA LUIZA DE BORBON, que naſceo a 14 de Julho de 1704. ⵌ 21 D. HELENA DE BORBON. ⵌ 21 FERNANDO DE MIRANDA HENRIQUES, que lhe ſuccedeo, e caſou a 25 de Setembro de 1724 com D. Violante Maria Joſefa de Mello, como fica eſcrito no Capitulo III. do Livro VIII. pag. 625 do Tomo IX. Teve illegitimos o III. Conde dos Arcos Dom Thomás a D. PEDRO DE NORONHA, Eremita de Santo Agoſtinho, Religioſo grave, e de eſtimaçaõ, e a D. MARIA, que foy Carmelita Deſcalça em Santo Alberto.

CAPI-

CAPITULO IV.

De D. Pedro de Castro, III. Conde de Monsanto.

14 DEixámos dito, que por morte do Conde de Monsanto D. Joaõ de Castro succedeo em toda a sua Casa sua irmãa Dona Joanna de Castro, mulher de D. Joaõ de Noronha, de quem foy primogenito D. Pedro de Castro, III. Conde de Monsanto, Senhor de Cascaes, e mais Estados, que tivera sua mãy. ElRey D. Joaõ II. tanto que faleceo D. Joaõ de Noronha, mandou buscar a D. Pedro de Castro, e a seus irmãos, e os creou no Paço com grande estimaçaõ; porque entravaõ livremente na sua Camera, e por ella corria a despeza das suas pessoas, as quaes foraõ taõ estimadas delRey, que refere o Chronista Damiaõ de Goes, que muitas vezes foraõ vistos deitados adormir aos pés da sua cama na sua doença. Succedeo no Throno ElRey D. Manoel, e naõ lhe foy menos grata a pessoa do Conde de Monsanto; porque foy muy seu Valído, e delle recebeo honras muy distinctas, e particulares; porque nos divertimentos delRey o acompanhava sempre, e elle lhe fazia a honra, quando hia ao mar, de o hir buscar, e por terra de noite a cavallo esperava muitas vezes, que se vestisse, para o levar comsigo,

Goes, *Nobiliario*, pag. 118. vers.

e de hir viſitar a Condeſſa ſua mulher todas as vezes, que paria, como refere o meſmo Chroniſta. Foy Védor da Fazenda do meſmo Rey, e do ſeu Conſelho, Caçador môr, Alcaide môr, Fronteiro môr de Lisboa, Couteiro môr, Coudel môr, e Védor das obras de Lisboa, Cintra, Torres-Vedras, e ſeus Termos, Védor da Fazenda delRey D. Joaõ III.; e tendo conſeguido na Corte taõ diſtincta eſtimaçaõ, a teve na guerra ſendo moço, dando naõ vulgares moſtras de valeroſo, que bem moſtrava o ſangue, que o animava de taõ eſclarecidos progenitores. Faleceo em Lisboa a 5 de Fevereiro de 1529. Jaz em Penha Longa. Caſou duas vezes, a primeira com D. Joanna de Menezes, filha de D. Fernando de Menezes, a quem chamaraõ o *Narizes*, por lhos cortarem em hum encontro, que teve com os Mouros em Tangere, onde ſervio, e foy armado Cavalleiro por ElRey D. Affonſo V., e de ſua mulher D. Iſabel de Caſtro, de quem naõ teve ſucceſſaõ. Caſou ſegunda vez com D. Ignez de Ayala, filha de Dom Diogo da Sylva, I. Conde de Portalegre, Mordomo môr, e da Condeſſa D. Maria da Sylva, de quem teve os filhos ſeguintes:

Salazar, *Caſa de Sylva*, tom. 2. pag. 61.

15 D. LUIZ DE CASTRO, Capitulo V.

15 D. MARIA DE AYALA, que caſou com D. Fernando de Caſtro, Senhor do Paul de Boquilobo, §. I.

15 D. LUIZA DE CASTRO, mulher de D. Joaõ de Menezes, Senhor da Caſa de Tarouca, de quem adiante trataremos no §. II.

D.

15 D. LUIZA DA SYLVA casou com D. Pedro da Cunha, Senhor de Gestaço, e Panoyas, Alcaide mór de Terena, Commendador de Fonte Arcada, sem successaõ.

§. I.

15 D. MARIA DE AYALA casou com D. Fernando de Castro seu tio, primo segundo de seu pay: foy Senhor do Paul de Boquilobo, e Governador da Casa do Civel: morreo moço, sendo ornado de grandes partes, discreto, e prudente; de sorte, que universalmente se fazia amavel pela modestia, e trato das gentes: pelo que a sua morte foy sentida do Povo de Lisboa, como perda da Republica: tanto se confiava nos seus acertos. Desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes: ⌶ * 16 D. JERONYMO DE CASTRO, com quem se continúa. ⌶ 16 D. ALVARO DE CASTRO, que morreo solteiro. ⌶ 16 D. PEDRO DE CASTRO nasceo a 16 de Outubro de 1537. Entrou na Religiaõ dos Eremitas de Santo Agostinho, e se chamou Fr. Agostinho; professou a 7 de Abril de 1555, e seguindo a regular observancia com o ardor, que abraçara o Sagrado Instituto de seu grande Pay, se adiantou na virtude, e ao mesmo tempo nos estudos, que continuou com tanto aproveitamento, que foy consumado Theologo, e ornado de taõ excellentes partes, que naõ contava mais que vinte e seis annos, quando a Religiaõ começou a servirse do seu

talento

talento nos primeiros lugares da Ordem até o de Provincial, que exercitou com prudencia, zelo ſanto, e ſuave dominio; de ſorte, que elle mereceo ſer hum dos benemeritos Prelados, que regeraõ aquella eſtimadiſſima, e ſanta Provincia. Sendo Definidor paſſou a Roma ao Capitulo Geral: era conhecido o ſeu zelo, e letras, de ſorte, que uniformente foy eleito para reformar as Conſtituições; o que fez com tal acerto, que ſaõ as que porque ſe governa toda a Ordem. O Papa Gregorio XIII. o mandou por Vigario Geral de Alemanha, para que viſitaſſe aquella Provincia, de que ſe achavaõ relaxados os Conventos, para que os reduziſſe à regular obſervancia; o que fez com tanta religiaõ, que igualmente ſatisfez ao Pontifice, que o elegera para huma taõ ardua empreza, do que aos ſeus meſmos Religioſos, deixando-os contentes. A fama da ſua prudencia, e do ſeu theor de vida, lhe conſeguiraõ eſtimações muy diſtinctas do Emperador Rodolfo II., e da Emperatriz D. Maria, Infanta de Heſpanha: e voltando ao Reyno, o mandou ElRey Dom Filippe o Prudente a pacificar as diſcordias, que havia entre os Religioſos da Provincia de Aragaõ, que dividio em duas, para melhor ſe conſervar na obſervancia da Regra Eremitica de Santo Agoſtinho. O eſclarecido naſcimento de Fr. Agoſtinho de Caſtro, ornado de virtudes, e letras, era o memorial, para que o Prudente Monarca o nomeaſſe Arcebiſpo de Braga; e ſendo ſagrado a 3 de Janeiro de 1589, entrou a governar a Primacial

Igreja

Igreja de Heſpanha, de que foy verdadeiro Paſtor, e Pay; com ſanto zelo fez tudo, o que podia ſer conveniente à refórma dos coſtumes; porque com hum genio brando, e pacifico, uſando de meyos ſuaves, pode com eſtes conſeguir mais, do que ſe fora com rigor. Congregou Synodo duas vezes, em que fez excellentes refórmas, e Conſtituições, para o governo do ſeu Arcebiſpado. No anno de 1592 a 28 de Julho ſagrou a ſua Cathedral, onde collocou precioſas Reliquias, que ſe numeraõ em huma pedra no frontiſpicio daquelle Templo. No Palacio Archiepiſcopal mandou pôr os retratos de todos os ſeus Predeceſſores. Fundou, e dotou para a ſua Religiaõ o Convento do Populo na Cidade de Braga, em que lançou a primeira pedra a 3 de Julho de 1596. O zelo da Religiaõ Catholica o levou a Valhadolid, onde reſidia a Corte do Catholico Monarca, para ſe oppor com os Arcebiſpos o Senhor D. Theotonio, e D. Miguel de Caſtro, eſte de Lisboa, e aquelle de Evora, o Biſpo Capellaõ môr D. Jorge de Ataide, e outros Prelados, ao perdaõ geral, que pretendia a gente de naçaõ Hebrea. Tendo governado com zelo, e caridade a ſua larga Dioceſi, acabou ſantamente a 25 de Novembro de 1609 com geral ſentimento das ſuas ovelhas; porque perderaõ nelle o ſeu Bemfeitor, por ſer o Arcebiſpo Dom Agoſtinho de Caſtro ornado de virtudes ſantas, e de grande Senhor; porque era compaſſivo com os pobres, a que deu com tanta liberalidade, e aſſinou rendas para curarem

rem aos enfermos nos Hoſpitaes, amparando as viuvas, e dotando todos os annos hum grande numero de donzellas, ſoccorrendo liberalmente as Religioſas com largas eſmolas; de ſorte, que era o Bemfeitor geral de todos os neceſſitados, e de hum coraçaõ taõ generoſo, como ſanto; porque aos aggravos ſatisfazia com beneficios. Compoz diverſas Obras, em que ſe vê a ſua litteratura, e profunda erudiçaõ. O Arcebiſpo Dom Rodrigo da Cunha trata delle largamente na *Hiſtoria Eccleſiaſtica de Braga*, e outros muitos Authores. Jaz no ſeu Convento do Populo da Cidade de Braga da parte do Euangelho, onde o Senado Bracharenſe, em memoria de Varaõ taõ eſclarecido, lhe mandou gravar o ſeguinte Epitafio:

Illuſtriſſimo Domino D. Auguſtino de Caſtro, Auguſtinenſi, Archiepiſcopo, ac Domino Bracharenſi, Hiſpaniarum Primati, olim in ſuperiori Germania juſſu Cæſaris Rodolphi II. Eremiticæ Familiæ Reformatori, hujus Monaſterij Fundatori, Viro pietate, & prudentia inſigni, Magiſtratus Bracharæ Auguſtæ Paſtori ſuo clementiſſimo ob innumera beneficia libenti animo fieri curavit: anno Domini M.DC.XXVIII.

Illuſ-

Illustrissimo, & Reverendissimo Domino D. Roderico de Acunha Archipræsule. Obijt Bracharæ XXV. Novembris M.DC.IX. annos natus LXXII.

ⵈ * 16 D. IGNEZ DE AYALA, adiante. ⵈ 16 D. LEONOR DE CASTRO, que morreo sem estado.

* 16 D. IGNEZ DE AYALA E CASTRO casou com Joaõ de Mello, Porteiro môr, de quem teve os filhos seguintes: ⵈ * 17 CHRISTOVAÕ DE MELLO, com quem se continúa. ⵈ 17 MARTIM AFFONSO DE MELLO, Conego de Braga. ⵈ 17 HENRIQUE DE MELLO, sem successaõ. ⵈ 17 D. MARIA DE AYALA, que morreo menina. ⵈ * 17 CRISTOVAÕ DE MELLO, foy Porteiro môr, e Alcaide môr de Serpa. Casou com D. Helena de Callataiud, filha de Joaõ de Callataiud, Porteiro môr delRey D. Joaõ III., e de sua mulher D. Maria de Azevedo; e tiveraõ ⵈ * 18 LUIZ DE MELLO, com quem se continúa. ⵈ 18 JOAÕ DE MELLO, que naõ casou, ⵈ 18 e D. MARIA DE CASTRO, primeira mulher de Luiz Freire de Sousa, Commendador de Alfayates na Ordem de Christo, e tiveraõ os filhos seguintes: ⵈ * 19 ALEXANDRE DE SOUSA, adiante. ⵈ 19 CHRISTOVAÕ DE MELLO, que seguio as letras, e foy Desembargador dos Aggravos, e Vereador da Camera de Lisboa. ⵈ 19 ANTONIO DE SOUSA E MELLO casou com Dona Josefa Antonia de Moura, filha do

Desembargador Valentim da Costa de Lemos; tiveraõ ⫶ 20 D. MARIA THERESA DE AYALA, que casou com Sylverio da Sylva, Alcaide môr de Alfeizaraõ, de quem nasceo PEDRO DA SYLVA DA FONSECA, do qual fizemos mençaõ a pag. 825 do Tomo X., e neste Tomo a pag. 505. Agora accrescentaremos, que Pedro da Sylva, que foy casado com D. Angela Maria de Portugal, que morreo a 23 de Novembro de 1706, tiveraõ a SYLVERIO DA SYLVA DA FONSECA, que nasceo a 11 de Mayo de 1699, o qual havendo casado no anno de 1727 com D. Joanna de Tavora, de quem ficando viuvo, se ordenou, e disse a primeira Missa a 2 de Fevereiro de 1745: era filha de D. Alvaro Pereira, e de sua mulher D. Ignez Antonia Barreto de Sá; e tiveraõ os filhos seguintes: ⫶ D. MARIA DE JESUS nasceo a 13 de Mayo de 1728. ⫶ MANOEL DE S. PEDRO DA SYLVA DA FONSECA nasceo a 14 de Dezembro de 1729. ⫶ D. MARIA DAS CHAGAS nasceo a 9 de Setembro de 1731. ⫶ JOSEPH DE S. BERNARDINO nasceo a 11 de Mayo de 1736. ⫶ 20 D. IGNEZ DE AYALA, que casou com Antonio Saraiva de Sampayo, Capitaõ môr de Montemôr o Velho. ⫶ 20 D. CATHARINA MARGARIDA DE ARAGAÕ, que casou com Damiaõ Botelho Chacon. ⫶ 20 D. LUIZA, Freira em Alenquer. ⫶ 20 D. CECILIA, D. LEONOR, e D. ISABEL, que morreraõ sem estado. ⫶ 20 MANOEL DE SOUSA CARNEIRO, que morreo sem geraçaõ. ⫶ 19 D. IGNEZ MARIA DE AYALA, que foy segunda mulher de

de Sancho de Faria, que tendo servido na India, foy o primeiro Capitaõ mòr da Armada, que no anno de 1641 ElRey D. Joaõ IV. mandou à India; e naõ teve successaõ. Casou depois Luiz Freire segunda vez com D. Joanna de Tavora, filha de Bernardim de Tavora Tavares, Commendador na Ordem de Christo, e de sua mulher D. Mecia Mascarenhas; e tiveraõ ⩶ * 20 BERNARDIM DE TAVORA E SOUSA, de quem logo se fará mençaõ. ⩶ 20 D. MARGARIDA, D. MECIA, e D. LUIZA, sem estado. ⩶ * 19 ALEXANDRE DE SOUSA servio em Tangere Commenda, e depois na guerra: foy Governador, e Capitaõ General da Praça de Mazagaõ, e do Estado do Brasil, do Conselho de Guerra, e Védor da Casa da Rainha D. Maria Francisca de Saboya. Casou com D. Joanna de Lima, filha de Alvaro Pires de Tavora, Alcaide mòr de Caparica, e de sua mulher D. Maria de Lima, de quem teve unica ⩶ 20 a D. MARIA DE SOUSA, que foy sua herdeira, e casou com seu tio Bernardim de Tavora e Sousa. E illegitimo ⩶ 20 a JOAÕ DE SOUSA FREIRE, que passou a servir à India, onde casou com D. Luiza de Mendoça, filha de D. Filippe de Sousa, Capitaõ de Dio, e de sua mulher D. Anna de Lencastre, de quem teve ALEXANDRE DE SOUSA, D. ANNA, e D. MARIA, dos quaes naõ temos noticia. ⩶ * 20 BERNARDIM DE TAVORA E SOUSA, Senhor de Mira, Governador, e Capitaõ General da Praça de Mazagaõ, e depois do Reyno de Angola. Casou com sua sobrinha

brinha D. Maria de Souſa, filha de ſeu meyo irmaõ Alexandre de Souſa, como diſſemos no Capitulo V. pag. 507 do Livro XII.

* 16 D. Jeronymo de Castro foy Senhor do Paul de Boquilobo, e Governador da Caſa do Civel, como ſeu pay, e avô. Caſou tres vezes, a primeira com D. Leonor de Caſtro, filha do Grande D. Joaõ de Caſtro, IV. Vice-Rey da India, ſem ſucceſſaõ. A ſegunda com D. Cecilia Henriques, filha herdeira de Ruy de Mello, Alcaide mòr de Evora, e Alegrete, Commendador de Proença na Ordem de Chriſto, e Capitaõ de Ormuz, e de ſua mulher Dona Joanna Henriques; e tiveraõ = 17 a D. Joanna de Castro, que caſou com D. Antonio de Menezes e Noronha; e a ſua illuſtre poſteridade fica referida no Livro VI. Capitulo V. pag. 266 do Tomo V. Caſou terceira vez com Dona Joanna de Souſa, que depois foy mulher de D. Luiz de Souſa, Senhor de Beringel, e Sagres, Alcaide mòr de Béja; e era filha de D. Leonardo de Souſa, Commendador de Santiago de Torres-Vedras, Capitaõ mòr das Naos da India, e de Dona Ignez de Lafetá ſua mulher, de quem teve = 17 D. Jeronymo de Castro, que foy Senhor do Paul de Boquilobo, Alcaide mòr de Erveredo, e de Braga, que lhe havia dado ſeu tio o Arcebiſpo Primaz Dom Fr. Agoſtinho. Caſou com Dona Ignez, filha de Dom Diogo, (irmaõ primeiro do VII. Conde de Alva de Liſte) cuja Caſa naõ herdou, por morrer na jornada de Inglaterra no anno de

Salazar, *Caſa de Sylva*, tom. 2. liv. 8. cap. 9. pag. 286.

de 1588; e de sua mulher D. Leonor da Sylva, filha de Lourenço da Sylva, VII. Senhor de Vagos, Regedor da Justiça; e elles eraõ filhos de D. Fradique Henriques de Gusmaõ, Commendador de Alcantara, Mordomo mór delRey D. Filippe II.; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩵ * 18 D. PEDRO FERNANDES DE CASTRO, com quem se continúa. ⩵ 18 FR. AGOSTINHO DE CASTRO, Religioso da Ordem dos Prégadores. ⩵ 18 D. JOANNA, e D. LEONOR DE CASTRO, Freiras em Santa Martha de Lisboa. ⩵ * 18 D. PEDRO FERNANDES DE CASTRO foy Senhor do Paul de Boquilobo, e casou com D. Luiza de Menezes, filha de Nuno Fernandes Cabral, Alcaide mór de Belmonte, e Azurara; e tiveraõ ⩵ * 19 a D. JOAÕ DE CASTRO, adiante. ⩵ 19 D. MARGARIDA, e D. IGNEZ DE CASTRO, Freiras em Santa Monica de Lisboa. ⩵ * 19 D. JOAÕ DE CASTRO TELLES foy Senhor do Paul de Boquilobo, e de toda a mais Casa de seus pays. Faleceo a 3 de Novembro de 1697. Casou com D. Archangela Michaella de Portugal, que foy Camerista da Rainha da Grãa Bretanha D. Catharina, e depois Senhora de Honor da Rainha D. Maria Anna de Austria, e morreo a 4 de Outubro de 1723, sem deixar successaõ: e o Paul de Boquilobo teve reversaõ à Casa de Monsanto, que venceo por demanda o Marquez de Cascaes, como dissemos: era filha de D. Rodrigo Lobo, I. Conde de Sarzedas.

§. II.

§. II.

15 D. Luiza de Castro, filha dos III. Condes de Monsanto, casou com D. Joaõ de Menezes, que foy Senhor da Casa de Tarouca, XVII. Capitaõ da Praça de Tangere, Commendador de Albufeira na Ordem de Santiago; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 16 D. Duarte de Menezes, com quem se continúa. ⩶ 16 D. Pedro de Menezes, que acompanhou a ElRey D. Sebastiaõ à Africa, e foy cativo na batalha; e sendo resgatado, seguio ao Senhor D. Antonio, Prior do Crato, pelo que foy prezo, e mandado para Castella, onde morreo; havendo casado com D. Mayor de Almeida, filha de Antonio Lopes de Bulhaõ, e de D. Leonor de Almeida, sem successaõ. ⩶ 16 E D. Ignez de Castro, que se segue.

16 D. Ignez de Castro casou com Lourenço da Sylva, VII. Senhor de Vagos, Commendador de Mesejana na Ordem de Santiago, Alcaide môr de Lagos, Regedor das Justiças, que acompanhando a ElRey D. Sebastiaõ, morreo com elle na infelice batalha de Alcacere a 4 de Agosto de 1578; deixando esclarecida successaõ nos filhos seguintes: ⩶ * 17 Diogo da Sylva, VIII. Senhor de Vagos, adiante. ⩶ 17 Joaõ da Sylva, que morreo na batalha de Alcacere com seu pay. ⩶ 17 Luiz, e Ayres da Sylva, que servindo na India, morreraõ na

Salazar, *Casa de Sylva*, tom. 2, pag. 285.

na de Cunhale. ⁐ * 17 Pedro da Sylva, I. Conde de S. Lourenço, adiante. ⁐ 17 Jorge da Sylva, que morreo cativo em Africa, e se tinha achado na batalha de Alcacere. ⁐ 17 Erancisco da sylva, que tomou o habito do Carmo, e se chamou Fr. Joaõ da Sylva, Varaõ sabio, e virtuoso. ⁐ 17 D. Leonor da Sylva, que casou com D. Diogo Henriques, irmaõ primeiro do VII. Conde de Alva de Liste D. Henrique Henriques, e filho de Dom Fradique Henriques de Gusmaõ, Commendador môr de Alcantara, e Mordomo môr delRey D. Filippe II., e de sua mulher D. Guiomar de Vilhena, filha de André da Sylva Telles, Alcaide môr da Covilhãa, Mordomo môr do Infante Dom Luiz; e tiveraõ a D. Henrique Henriques, que morreo moço, sem estado. D. Ignez Henriques, que casou com Dom Jeronymo de Castro, Senhor de Boquilobo, como deixamos dito a pag. 922. ⁐ 17 D. Ignez, que naõ tomou estado. ⁐ 17 D. Antonia, Freira em Santarem, da Ordem Serafica. ⁐ 17 D. Maria, e D. Guiomar, Freiras em Odivellas, da Ordem de S. Bernardo. ⁐ 17 D. Luiza, morreo moça. ⁐ * 17 Diogo da Sylva, VIII. Senhor de Vagos, Alcaide môr de Lagos, Commendador de Mesejana, e Regedor das Justiças, passou à Africa em companhia de seu pay, donde depois de peleijar valerosamente, foy cativo; e voltando ao Reyno, resgatado à sua custa, entrou a servir de Regedor das Justiças, que lhe deu ElRey D. Henrique, sendo o sexto da sua linha, que tiveraõ

tiveraõ eſte grande lugar, e o ſetimo do ſeu appellido: morreo moço, contando trinta e ſete annos pelos de 1595. Caſou duas vezes, ambas igualmente illuſtres, a primeira com D. Brites de Mendoça, filha de D. Fernando de Menezes, Commendador, e Alcaide mór de Caſtellobranco, e de Dona Filippa de Mendoça ſua mulher; e tiveraõ ⩶ * 18 LOURENÇO DA SYLVA, IX. Senhor de Vagos, adiante. Caſou ſegunda vez com D. Margarida de Menezes, Senhora de Aveiras, filha herdeira de D. Joaõ Tello de Menezes, Senhor de Aveiras, Preſidente do Deſembargo do Paço, e hum dos cinco Governadores, que nomeou ElRey D. Henrique, antes de morrer; e deſta uniaõ naſceo ⩶ 18 JOAÕ DA SYLVA TELLO DE MENEZES, I. Conde de Aveiras, XI. Senhor de Vagos, do Conſelho de Eſtado, &c. que caſou com D. Maria de Caſtro, filha dos VIII. Senhores de Unhaõ, cuja eſclarecida deſcendencia deixámos referida a pag. 327 do Tomo V. ⩶ 18 D. ISABEL DE MENDOÇA, que caſou com Fernando Martins Freire, VIII. Senhor de Bobadella, &c. e a ſua ſucceſſaõ ſe verá adiante.

* 18 LOURENÇO DA SYLVA foy IX. Senhor de Vagos, ſendo moço perdeo a viſta: pelo que tendo a merce de Regedor das Juſtiças, naõ pode exercer eſte lugar. Caſou com D. Maria de Vilhena, filha de Henrique de Souſa, I. Conde de Miranda, e da Condeſſa D. Mecia de Vilhena, filha de Fernando da Sylva, Alcaide mór de Alpalhaõ; e tiveraõ ⩶ 19 DIO-

GO

GO DA SYLVA, que morreo de curta idade, = 19 e LUIZ DA SYLVA, X. Senhor de Vagos, Commendador de Mesejana, Alcaide môr de Lagos, que no anno de 1619 assistio nas Cortes, que ElRey D. Filippe III. convocou em Lisboa, para jurar herdeiro da Coroa Portugueza ao Principe D. Filippe seu filho. Nesta occasiaõ refere D. Luiz de Salazar de Castro, que perguntara hum Senhor Castelhano, quem era Luiz da Sylva ao Conde de Castanheira, e este lhe respondeo, que sobrinho do Conde de Miranda; e desconfiando Luiz da Sylva, de que o désse a conhecer por seus parentes, esquecendo-se da Casa, que representava, voltou para o Conde da Castanheira, e lhe disse: *Quem he filho de Lourenço da Sylva, e neto de Diogo da Sylva, naõ ha de mister ser sobrinho de ninguem.* Succedeo a Acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ IV. no anno de 1640: estando para entrar no lugar de Regedor, se passou para Castella, donde ElRey Filippe IV. o fez Conde de Vagos, dandolhe alguma subsistencia para se manter, e o nomeou Mestre de Campo de hum Terço de Infantaria, com que servio em Catalunha, e se achou na batalha, e soccorro de Lerida, sitiada pelas armas de França no anno de 1646; e tendo peleijado valerosamente, perdeo a vida, contando trinta e hum annos; acabando nelle a primeira primogenitura da Casa de Vagos, continuada por taõ largo numero de annos, de pay a filho; porque naõ teve successaõ, nem havia casado.

Hist. da Casa de Sylva, tom. 2. liv. 8. cap. 12.

* 16 D. Duarte de Menezes nasceo em Tangere a 6 de Dezembro de 1537: foy Senhor da Casa de Tarouca, e XVIII. Capitaõ de Tangere. Quando ElRey D. Sebastiaõ passou à Africa no anno de 1578 o nomeou Mestre de Campo General do seu Exercito, em que governava o Corpo dos Fronteiros das Praças de Africa, aconselhou a ElRey, que na noite désse de repente nos Mouros, que elle com a sua gente os desordenaria; porque os medrosos fogiriaõ, e os descontentes se passariaõ ao Xarife; e sendo de muitos approvado o conselho, ElRey o naõ admittio. Achou-se na batalha, donde tendo peleijado com valor, e acordo, foy cativo, e resgatado no numero dos oitenta Fidalgos, e depois Governador do Algarve, Vice-Rey da India, XV. dos que lograraõ aquelle posto: passou ao Estado no anno de 1584. ElRey entre outras merces lhe fez a de Conde de Tarouca, que elle naõ aceitou, por naõ ser de juro, e herdade, e lhe concedeo, que puzesse o Condado em seu filho, e a Commenda de Albufeira, e a do Sardoal, e vinte mil cruzados de merce para ajuda de pagar suas dividas; e que proveria todos os cargos da India de Feitorias para baixo, por huma só vez, nas pessoas, que quizesse, e seis habitos das Ordens Militares; e tendo governado com felicidade, e deixando o seu nome recomendavel à posteridade na Historia daquelle tempo, morreo no principio de Mayo de 1588. Casou com D. Leonor da Sylva, filha de Diogo da Sylva, Alcaide mòr de Lagos, Regedor

Couto, Decada 10. liv. 6. cap. 1.

gedor das Juſtiças, officio que ſervio por ſeu pay, e Embaixador ao Concilio de Trento, herdeiro da Caſa de Vagos, que naõ logrou, por morrer em vida de ſeu pay em 26 de Setembro de 1556; e de ſua mulher D. Antonia de Vilhena, filha de D. Diogo Lobo, II. Baraõ de Alvito; e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⵃ 17 D. JOAÕ DE MENEZES, que morreo no anno de 1578 na batalha de Alcacere. ⵃ * 17 D. LUIZ DE MENEZES, II. Conde de Tarouca. ⵃ 17 D. ANTONIO DE MENEZES, Capitaõ de Malaca, onde morreo. ⵃ 17 D. MARIA DE VILHENA, que foy primeira mulher de D. Franciſco da Gama, IV. Conde da Vidigueira, Almirante da India, &c. como ſe diſſe a pag. 565 do Tomo X. ⵃ 17 D. LUIZA, e D. BRANCA, Freiras em Santa Clara de Santarem. ⵃ 17 D. ANTONIO, que morreo menino. ⵃ * 17 D. LUIZ DE MENEZES foy II. Conde de Tarouca, Senhor de Penalva, Gulfar, e outras terras, Commendador de Albufeira na Ordem de Santiago, e da do Sardoal na Ordem de Chriſto, Capitaõ General de Tangere, em que entrou em Junho de 1614; e com poucos mezes de governo, morreo em Outubro do referido anno, havendo caſado duas vezes, a primeira com D. Joanna Henriques, filha de Sebaſtiaõ de Sá de Menezes, Capitaõ de Sofalla, e de D. Luiza Henriques ſua mulher; e deſta uniaõ naſceo unica ⵃ 18 D. JULIANA DE MENEZES, que caſou com D. Luiz de Noronha, e Menezes, VII. Marquez de Villa-Real, VI. Conde de Alcoutim, como deixá-

mos eſcrito no Livro III. Capitulo VIII. §. II. pag. 517 do Tomo II. Caſou ſegunda vez com D. Lourença Henriques, filha de Vaſco Moniz, Senhor de Angeja, Pinheiro, &c. e de D. Violante Henriques ſua mulher; e teve = 18 D. Duarte de Menezes, III. Conde de Tarouca, que caſou com Dona Luiza de Caſtro, de quem tratámos no Livro VIII. Capitulo XV. Parte IV. pag. 689 do Tomo IX. = 18 D. Joaõ de Menezes, que morreo ſem eſtado. = 18 D. Violante de Menezes, que caſou com D. Lopo da Cunha, Senhor de Aſſentar, Barreiro, Senhorim, &c. e da ſua poſteridade deixámos feito mençaõ a pag. 404 do Tomo IX.

CAPITULO V.

De Dom Luiz de Caſtro, Senhor da Caſa de Monſanto.

15 SUccedeo ao Conde Dom Pedro de Caſtro ſeu filho primogenito D. Luiz de Caſtro, e foy Senhor da Caſa de Monſanto, das Villas de Caſcaes, e mais terras, que tiveraõ ſeus predeceſſores, Alcaide môr de Lisboa, Coudel môr, e Couteiro môr, &c. Refere Damiaõ de Goes, que quando D. Luiz de Caſtro ſuccedera na ſua Caſa, ElRey D. Joaõ III. o chamara, e lhe perguntara, ſe era caſado, ou ſe ſua mãy, e parentes tinhaõ tratado alguma

Nobiliario de Damiaõ de Goes.

guma cousa sobre o seu casamento ; e dizendolhe, que naõ, ElRey com palavras de grande estimaçaõ, e honra lhe respondeo, que por quem elle era o queria casar, e prometterlhe cinco cousas, e disse: a primeira, darvos minha sobrinha D. Isabel de Lencastre por mulher, e com ella o titulo de Conde, a Alcaidaria môr de Lisboa, para vós, e vosso filho, quatrocentos mil reis de renda, que ella tem, duzentos de juro, e duzentos de graça, e merce, e vinte e cinco mil dobras em joyas de ouro, e prata: porém este casamento naõ teve effeito, por repugnancia da vontade de D. Isabel, a quem a Rainha estimava: depois casou com o Duque de Bragança D. Theodosio I. do nome, como dissemos a pag. 101 do Tomo V. Quando ElRey D. Joaõ III. soccorreo Ceuta, por entender que os Mouros sitiavaõ aquella Praça, mandou todos os successores das Casas a esta defensa, donde passou D. Luiz de Castro com muita gente à sua custa, e fez hum baluarte, a quem ficaraõ chamando depois *de D. Luiz.* Na occasiaõ em que o Principe D. Joaõ no anno de 1552 foy tomar as bençãos à Cathedral de Lisboa do seu casamento, o levou de redea D. Luiz de Castro, como Alcaide môr desta Cidade. Casou com D. Violante de Ataide, filha de D. Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira, e da Condessa D. Anna de Tavora; e tiveraõ os filhos seguintes: ⵘ 16 D. ANTONIO DE CASTRO, IV. Conde de Monsanto, Capitulo VI. ⵘ 16 D. PEDRO DE CASTRO, que morreo moço. ⵘ 16 D.

Nobiliario de D. Luiz Lobo.

16 D. ANNA DE ATAIDE casou com D. Alvaro de Castro, adiante, §. I. ⩶ 16 D. MARIA DE CASTRO casou com Joaõ Carvalho, Provedor das obras do Paço, §. II. ⩶ 16 D. IGNEZ DE CASTRO, que morreo sem estado. Casou segunda vez com Dona Joanna de Almeida, que era viuva de D. Fernando Coutinho, Senhor da Torre do Bispo, filha de Dom Antonio de Almeida, Provedor dos Armazens, Casa da India, e Mina, e Contador môr; e de sua mulher D. Maria Paes, de quem naõ teve successaõ. ⩶ 16 D. CHRISTOVAÕ DE CASTRO, illegitimo, que passou a servir à India.

§. I.

16 D. ANNA DE ATAIDE casou com D. Alvaro de Castro, filho do Grande Dom Joaõ de Castro, Vice-Rey da India, onde servio com seu pay com grande reputaçaõ, como refere a Historia daquelle Estado, e foy Capitaõ môr da Armada, que foy de soccorro a Dio, em cuja empreza se achou. Foy Senhor de Penedono, Conductor da Rainha, Védor da Fazenda, e do Conselho de Estado delRey D. Sebastiaõ, de quem foy muy valído, e seu Embaixador a Castella, França, Roma, e Saboya. Faleceo em Setembro de 1575, e jaz em Bemfica em magnifica sepultura; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 17 D. MANOEL DE CASTRO, com quem se continúa. ⩶ 17 D. FERNANDO ALVARES DE CASTRO, que foy Com-

Commendador de S. Miguel de Nogueira, e depois foy Religioso da Ordem dos Prégadores. = 17 D. FRANCISCO DE CASTRO nasceo em Agosto de 1574: foy Porcionista do Collegio de S. Pedro de Coimbra; no anno de 1592 graduado em Theologia: foy Reytor da dita Universidade no anno de 1605, em que succedeo à Affonso Furtado de Mendoça. No anno de 1611 passou a ser Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens; e sendo provido no Bispado da Guarda no anno de 1617, e confirmado pelo Papa Paulo V. a 18 de Setembro do dito anno, entrou na sua Igreja a 18 de Abril do anno seguinte. Achou-se nas Cortes, que ElRey D. Filippe III. celebrou em Lisboa, para jurar herdeiro do Reyno ao Principe seu filho; e depois na Junta, que por ordem do mesmo Rey se fez em Thomar a 7 de Outubro de 1621. Havia governado a sua Diocesi com prudencia, e vigilancia, quando foy promovido para o lugar de Inquisidor Geral destes Reynos, que vagara por D. Fernando Martins Mascarenhas; e sendo confirmado pelo Papa Urbano VIII. por Bulla de 19 de Janeiro de 1630, lugar que exercitou com authoridade, zelo, e respeito, sendo hum dos mais benemeritos, que occuparaõ esta grande Dignidade. Achou-se no anno de 1640 a 15 de Dezembro no juramento de fidelidade delRey D. Joaõ IV., que o nomeou a 20 do referido mez do seu Conselho de Estado; e depois no anno seguinte se achou no juramento do Principe D. Theodosio, e nas Cortes de 1646. Morreo no primeiro de Janei-

ro

ro de 1653. Jaz em Bemfica na Capella, que elle edificou para enterro dos seus mayores, que he hum eterno monumento da sua grandeza, como o será da sua memoria a authoridade, e zelo, com que tratava as cousas do Santo Officio. Os seus emulos o quizeraõ infamar de pouco fiel ao seu Reyno; e sendo prezo, o tempo logo mostrou qual era o seu amor à Patria, e ao seu Rey natural, pois naõ podia degenerar do alto nascimento, que o enchera das mais honradas idéas, e foy restituido aos seus lugares, que servio até à morte. ⫘ 17 D. VIOLANTE DE CASTRO casou com D. Affonso de Noronha, V. Conde de Odemira, e foy sua terceira mulher, como fica escrito no Livro VIII. Capitulo X. pag. 572 do Tomo IX. ⫘ 17 D. JOANNA DE CASTRO, e D. CATHARINA DE CASTRO, Religiosas no Mosteiro da Castanheira. ⫘ 17 D. JOAÕ DE CASTRO, que por seguir ao Senhor D. Antonio, Prior do Crato, passou a França. ⫘ 17 D. FERNANDO DE CASTRO, que foy Religioso da Ordem dos Prégadores, ⫘ 17 e D. GREGORIO DE CASTRO, Carmelita, todos tres illegitimos.

* 17 D. MANOEL DE CASTRO succedeo na Casa de seu pay, foy Senhor de Fonte Arcada, Commendador da Redinha na Ordem de Christo. Faleceo a 3 de Julho de 1604. Casou com D. Brites de Vilhena, filha de Dom Francisco de Menezes, Commendador de Proença na dita Ordem, Governador da Casa do Civel, e de sua mulher D. Maria de Noronha;

ronha; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 18 D. Alvaro de Castro. ⩶ 18 D. Luiza de Vilhena, que casou com D. Manoel de Portugal, como fica referido no Capitulo XIV. do Livro X. pag. 798 do Tomo X. ⩶ * 18 D. Alvaro de Castro foy Senhor de Fonte-Arcada, Commendador da Redinha. Casou com Dona Maria de Noronha, filha de Joaõ de Saldanha, Commendador de S. Martinho de Santarem, General da Armada da Costa, e duas vezes Capitaõ môr da Armada da India, onde passou segunda vez no anno de 1595; e na volta se perdeo, naõ se sabendo onde; e de sua mulher D. Maria de Noronha, filha de Fernando Telles, IV. Senhor de Unhaõ, de quem teve ⩶ 19 D. Manoel de Castro, que foy Senhor de Fonte-Arcada, e morreo sem casar. ⩶ 19 D. Marianna de Noronha de Castro, que casou com Dom Alvaro de Portugal seu primo com irmaõ, de quem fizemos mençaõ a pag. 799 do Tomo X.

§. II.

16 D. Maria de Castro, filha de D. Luiz de Castro, Senhor da Casa de Monsanto, casou com Joaõ Carvalho, Provedor das obras do Paço, Commendador de S. Pedro de Aguiar na Ordem de Christo: havia servido de Moço Fidalgo a ElRey D. Sebastiaõ, e com elle passou ambas as vezes à Africa, levando da primeira huma Nao à sua custa; e da se-

gunda, outra com duas Caravellas, tambem à sua propria despeza: tendo peleijado valerosamente, foy morto na batalha de Alcacere com seu filho mais velho, como refere Jeronymo de Mendoça; e sua mulher casou segunda vez com Dom Antonio Pereira, Commendador do Pinheiro; e de seu primeiro marido teve os filhos seguintes: ⵗ 17 PEDRO CARVALHO, que morreo com seu pay no anno de 1578 na batalha de Alcacere. ⵗ * 17 GONÇALO PIRES CARVALHO, adiante. ⵗ 17 RAFAEL CARVALHO, que morreo de curta idade. ⵗ 17 D. FRANCISCA, e D. ISABEL, Freiras no Mosteiro das Dónas de Santarem. ⵗ 17 D. VIOLANTE DE CASTRO casou com Dom Manoel Pereira, Commendador de Penella na Ordem de Aviz, Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira, e do Reyno de Angola: foy do Conselho dos Reys D. Filippe III., e IV. Achouse na batalha de Alcacere, donde foy cativo, e resgatado nos oitenta Fidalgos; e teve as filhas seguintes: ⵗ 18 D. FRANCISCA DE CASTRO, mulher de seu primo com irmaõ D. Francisco Pereira, filho unico de D. Antonio Pereira, Commendador do Pinheiro, e de sua mulher D. Maria de Castro, viuva de Joaõ Carvalho, Provedor das obras; e tiveraõ unica ⵗ 19 D. MARIA DE CASTRO, primeira mulher de Fernando da Sylva e Sousa, sem successaõ. ⵗ * 18 D. JOANNA DE CASTRO, que casou com Lopo de Sousa Coutinho. ⵗ * 18 D. MAGDALENA DE CASTRO mulher de Jorge Pessanha, adiante. ⵗ 18 D. RA-

Mendoça, *Jornada de Africa*, pag. 43 vers.

Rafaela, Freira nas Dónas de Santarem. ⩶ * 18 D. Joanna de Castro, ſegunda filha de D. Manoel Pereira, caſou com Lopo de Souſa Coutinho; e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⩶ 19 Gonçalo Vaz Coutinho, que ſervio na guerra da Acclamaçaõ, e foy Meſtre de Campo de Infantaria; e caſando com Dona Barbara de Vaſconcellos, filha de Diogo Lopes da Veiga do Algarve, naõ teve ſucceſſaõ. ⩶ 19 Luiz de Sousa Coutinho, que naõ teve eſtado. ⩶ * 19 D. Manoel Pereira Coutinho, adiante. ⩶ 19 D. Violante de Castro, que caſou com Luiz Gomes da Matta, IV. Correyo mór do Reyno, que faleceo no anno de 1674; e teve os filhos ſeguintes: ⩶ * 20 Duarte de Sousa da Matta Coutinho, adiante. ⩶ 20 Antonio de Sousa Coutinho, que eſtudou em Coimbra Canones, e morreo ſem eſtado. ⩶ 20 Manoel de Sousa Coutinho, que ſervio no Regimento da Armada algum tempo, e morreo ſem eſtado. ⩶ 20 D. Maria Magdalena de Castro, muy curioſa da pintura, que executou primoroſamente, e faleceo ſem eſtado. ⩶ 20 D. Joanna Margarida de Castro, que foy ornada de excellentes partes, diſcreta, muy dada à Poeſia, em que fez diverſas Obras, que correm com applauſo: foy muy favorecida da Infanta Dona Iſabel Joſefa, e eſtimada da Corte. ⩶ 20 D. Ignez de S. Joseph, ⩶ 20 e D. Francisca Xavier, Religioſas no Moſteiro da Eſperança de Lisboa. ⩶ * 20 Duarte de Sousa da Matta Cou-

COUTINHO foy V. Correyo môr do Reyno, e Senhor dos Morgados de ſeus avós: fez hum gyro por algumas Cortes da Europa. Caſou em Pariz com D. Iſabel Cafaro, que faleceo a 27 de Novembro de 1743 de idade de oitenta e dous annos: era filha do Marquez D. Thomás de Cafaro, Baraõ de Gray, General da Artilharia, e primeiro Senador na Cidade de Meſſina, no Reyno de Sicilia; e de ſua mulher D. Anna de Villadicans; e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⵞ * 21 LUIZ VICTORIO DE SOUSA DA MATTA COUTINHO, com quem ſe continúa. ⵞ 21 THOMAS CAFARO DE SOUSA naſceo a 10 de Agoſto de 1689. ⵞ 21 JOAÕ DE SOUSA COUTINHO, que ſeguio a vida militar, e he Capitaõ de Infantaria. ⵞ 21 D. ANNA ROSA CAFARO naſceo em 2 de Setembro de 1690, que naõ tomou eſtado. ⵞ 22 D. VIOLANTE DE CASTRO, que na Religiaõ ſe appellidou do Ceo, naſceo em 22 de Dezembro de 1691, D. MARIA DO AMOR DIVINO naſceo em 21 de Outubro de 1694, e D. JOANNA DE JESUS naſceo a 6 de Mayo de 1696, todas Religioſas no Moſteiro da Eſperança de Liſboa. ⵞ 21 E ſaõ ſeus irmãos illegitimos LUIZ DE SOUSA COUTINHO, que paſſou a ſervir à India, LOPO DE SOUSA COUTINHO, que ſeguio a vida militar, foy Capitaõ de Mar, e Guerra, e Governador de S. Thomé, e D. JOANNA MICHAELLA DE CASTRO, Freira no Moſteiro de Santa Anna de Lisboa. ⵞ * 21 LUIZ VICTORIO DE SOUSA DA MATTA COUTINHO naſceo a 26 de Outubro de 1688, ſuccedeo nos

nos Morgados da ſua Caſa, foy VI. Correyo mór do Reyno. Caſou no anno de 1717 com D. Joanna Catharina de Menezes, filha de Joaõ Gonçalves da Camera Coutinho, Almotacé mór do Reyno, como ſe diſſe a pag. 606 do Tomo X. Teve illegitimo a DUARTE DE SOUSA COUTINHO.

* 19 D. MANOEL PEREIRA, filho terceiro de Lopo de Souſa Coutinho, caſou com D. Antonia da Cunha, filha de Nuno da Cunha, e de D. Filippa de Menezes; e tiveraõ ⩶ 20 a D. JOANNA DE CASTRO, que foy primeira mulher de Heitor Mendes de Brito de Elvas, Fidalgo da Caſa Real, de quem teve os filhos ſeguintes: ⩶ 21 FRANCISCO DE BRITO COUTINHO caſou com D. Magdalena de Lencaſtre, filha de D. Franciſco Naper, Cavalleiro Inglez, Catholico, que ſervio neſte Reyno: foy Meſtre de Campo de Infantaria, Governador de Abrantes, e de ſua mulher D. Maria de Lencaſtre; e naõ tiveraõ ſucceſſaõ. ⩶ 21 D. MANOEL PEREIRA COUTINHO, que era filho ſegundo, ſuccedeo no Morgado, e Caſa de ſeu pay; ſervio na guerra de 1704, e foy Capitaõ de Cavallos, e Commiſſario da Cavallaria. Faleceo a 6 de Agoſto de 1717, havendo caſado com D. Maria Thereſa da Sylva e Tavora, filha de Pedro da Sylva, e de D. Catharina de Tavora, de quem teve os filhos ſeguintes: ⩶ 22 D. FRANCISCO JOSEPH COUTINHO E BRITO ſuccedeo na Caſa de ſeu pay, e morreo em Pariz, donde tinha paſſado a curarſe, ſem ter caſado. ⩶ 22 D. PEDRO DA SYLVA COUTINHO

TINHO ſuccedeo a ſeu irmaõ na Caſa: ſervio na guerra, e foy priſioneiro na batalha de Almança, e Commiſſario Geral da Cavallaria da Corte: naõ caſou, e morreo a 30 de Março de 1737. ⸬ 22 RUY DA SYLVA DE TAVORA, eſtudou na Univerſidade de Coimbra, e tomou o grao de Doutor em Canones, e foy oppoſitor às Cadeiras daquella faculdade; e por morte de ſeu irmaõ lhe ſuccedeo na Caſa, e Morgado. ⸬ 22 AYRES ANTONIO DA SYLVA tambem ſeguio a Univerſidade, e ſe graduou Doutor em Canones. ⸬ 22 D. CATHARINA DE TAVORA, D. JOANNA DO AMOR DIVINO, D. ANNA DOS SERAFINS, D. MARGARIDA DO CEO, e D. IGNEZ DA GLORIA, todas Freiras no Moſteiro da Eſperança de Lisboa.

* 18 D. MAGDALENA DE CASTRO terceira filha de D. Manoel Pereira, caſou com Jorge Peſſanha, Commendador da Povoa na Ordem de Chriſto; e tiveraõ os filhos ſeguintes: ⸬ 19 LUIZ PESSANHA DE CASTRO, Commendador da Povoa; ſervio na guerra, e foy Capitaõ de Cavallos no Exercito de Alentejo: naõ caſou, e teve illegitimos ANTONIO PESSANHA DE CASTRO, que foy Commiſſario Geral da Cavallaria, MANOEL PESSANHA, JOAÕ PESSANHA, FRANCISCO PESSANHA, que todos ſerviraõ na guerra, e morreraõ ſolteiros. ⸬ 19 JOSEPH PESSANHA DE CASTRO ſervio na guerra, foy Capitaõ de Cavallos na guerra da Acclamaçaõ, e depois Meſtre de Campo, e Governador de Eſtremoz, e ultimamente General de Batalha: foy morto na batalha de Almança

Almançá a 25 de Abril de 1707, depois de ter peleijado valerosamente, tendo succedido no Morgado da sua Casa. ⩶ 19 D. Bernarda de Castro, mulher de Gaspar Pereira, Senhor do Couto de Mazarefes, de quem teve, entre outros filhos, a Jorge Pereira Pessanha, que foy Senhor do Couto de Mazarefes, e casando com D. Ignacia de Vilhena, filha de Dom Lourenço de Sottomayor, morreo em Outubro de 1724, sem successaõ. ⩶ * 19 D. Maria de Castro, que casou com D. Miguel da Sylva, de quem adiante se tratará. ⩶ 19 D. Isabel de Castro mulher de Ruy Pinheiro de Lacerda, Senhor do Morgado dos Pinheiros de Barcellos, sem successaõ. ⩶ * 19 D. Catharina de Castro, ultima filha de Jorge Pessanha, que casou com seu sobrinho D. Fernando da Sylva, de quem logo se fará mençaõ.

* 19 D. Maria de Castro, a quem D. Luiz de Salazar de Castro, Diogo Gomes de Figueiredo, e outros, chamaõ Dona Violante: porém de huma Certidaõ tirada da Parochia do Salvador de Elvas, que vimos do Bautismo de seu filho, consta ser o seu nome D. Maria. Casou a 30 de Agosto do anno de 1624 com D. Miguel da Sylva, que nasceo no anno de 1597, descendente por varonía da antiga Familia de Sylva; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ * 20 D. Fernando da Sylva, com quem se continúa. ⩶ 20 D. Joaõ da Sylva, que foy bautizado na Parochia do Salvador da Cidade de Elvas a 7 de Abril de

Salazar, *Casa de Sylva*, tom. 1. liv. 6. cap. 10. pag. 47.

de 1630. Foy Commendador na Ordem de Chriſto, do Conſelho de Guerra, Tenente General da Cavallaria de Alentejo, poſto com que ſervio na guerra com grande valor, e ſciencia; de ſorte, que foy geralmente eſtimado, diſtinguindo-ſe em muitas occaſioens, que ſe deveraõ tanto ao ſeu valor, como à ſua prudencia, como refere largamente em muitas partes a Hiſtoria, que eſcreveo o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, e as Memorias daquelle tempo, que faraõ glorioſa a ſua memoria em todos os ſeculos, ornando a ſua illuſtre peſſoa com excellentes partes; porque foy dotado de juizo, e prudencia, diſcreto, e favorecido das Muſas, e hum dos eſtimaveis Cortezãos do ſeu tempo; dado à liçaõ dos livros, e ultimamente à da Myſtica, e vida eſpiritual, que ſeguio com prudentes dictames, para acabar chriſtãamente a 11 de Fevereiro de 1712. Naõ caſou, teve natural a Fr. MANOEL DA SYLVA, Religioſo da Ordem dos Prégadores, onde teve o grao de Meſtre em Theologia: foy douto, e eſcreveo hum Tratado ſobre a Bulla da Cruzada. = 20 D. ALVARO DA SYLVA, que paſſou a ſervir à India, e lá morreo. = 20 D. ISABEL DE JESUS, Religioſa no Convento de S. Domingos de Elvas. = * 20 D. FERNANDO DA SYLVA naſceo em Elvas, e foy bautizado na Cathedral daquella Cidade a 27 de Junho de 1627. Succedeo na Caſa dos Abreus, que venceo aos Condes de Villa-Flor: ſervio na guerra com o poſto de Capitaõ de Cavallos Couraças, e depois Governador da Praça de

Caſtello

Castello de Vide: faleceo no anno de 1695, havendo casado no primeiro de Mayo de 1657 com D. Catharina de Castro sua tia, irmãa de sua mãy; e tiveraõ os filhos seguintes: ⁐ * 21 D. Miguel da Sylva Pessanha, com quem se continúa. ⁐ 21 D. Joseph da Sylva, que foy Capitaõ de Infantaria, e morreo em Novembro de 1704, vindo embarcado em huma Armada, que se recolhia a Lisboa. ⁐ 21 D. Alvaro da Sylva, que nasceo a 27 de Novembro de 1660, e foy Religioso da Ordem dos Prégadores, que leo por muitos annos a Cadeira de Moral de Nossa Senhora da Escada, e morreo a 20 de Novembro de 1741. ⁐ 21 D. Joaõ da Sylva, tambem Religioso da mesma Ordem. ⁐ 21 D. Isabel da Apresentaçaõ, D. Maria da Annunciaçaõ, e D. Francisca Rosa da Conceiçaõ, todas Religiosas em S. Domingos de Elvas. ⁐ 21 D. Miguel da Sylva Pessanha nasceo em 5 de Setembro de 1658, succedeo em todos os Morgados, e Casa de seus avós, e no dos Pessanhas de seus tios. Foy Commissario Geral da Cavallaria na Provincia de Alentejo, Governador do Forte da Junqueira, Cavalleiro da Ordem de Christo: foy cortezaõ, ententendido, com applicaçaõ à Historia, e à Politica, que entendeo prudentemente, e com singular modo no trato, e amisade. Faleceo a 2 de Fevereiro de 1735, havendo casado com D. Antonia Luiza da Sylva, filha de Antonio Gomes da Sylva, de quem teve unico ⁐ 22 D. Joseph da Sylva Pessanha, que nasceo a 11 de

Abril de 1717, e foy ſucceſſor de todos os referidos Morgados; ⸬ 22 e illegitimo a FR. JOAÕ DA SYLVA, que naſceo a 23 de Junho de 1691, Religioſo Terceiro da Ordem de S. Franciſco, que foy Miniſtro no ſeu Convento de Santarem, e occupou outros lugares na ſua Provincia.

* 17 GONÇALO PIRES CARVALHO foy Provedor das obras do Paço, Commendador de S. Pedro de Aguiar na Ordem de Chriſto. Caſou com D. Camilla de Noronha, irmãa de Franciſco de Sá de Menezes, I. Conde de Penaguiaõ, Camereiro mór, filhos de Sebaſtiaõ de Sá de Menezes, Capitaõ de Sofalla, que depois de ter ſervido na India com reputaçaõ, morreo valeroſamente na batalha de Alcacere no anno de 1578, onde naõ podendo ſofrer a retirada, a que a multidaõ dos Mouros obrigava aos Portuguezes, com incrivel valor, e ouſadia, arremetteo aos Mouros, dizendo que o ſeu cavallo naõ voltava; e aſſim buſcando a morte, acabou honradamente; e de ſua mulher D. Luiza Henriques, filha de D. Franciſco Pereira, Commendador do Pinheiro; e deſta uniaõ naſceraõ os filhos ſeguintes: ⸬ 18 JOAÕ CARVALHO, que morreo moço. ⸬ * 18 LOURENÇO PIRES CARVALHO, com quem ſe continúa. ⸬ 18 D. CATHARINA DE MENEZES caſou com Pedro da Cunha, Alcaide mór de Terena, Commendador de S. Pedro de Sanguinedo na Ordem de Chriſto, e tiveraõ ⸬ 19 D. CAMILLA DE NORONHA, que morreo menina. ⸬ 19 TRISTAÕ DA CUNHA, que morreo

reo desgraçadamente em huma pendencia. ⵘ 19 GIL VAZ DA CUNHA, que herdou a Casa; servio na guerra com reputação, e foy Capitão de Cavallos, e Mestre de Campo de Infantaria no Exercito da Provincia do Minho: morreo moço em Agosto de 1665, sem ter casado. ⵘ * 18 LOURENÇO PIRES CARVALHO foy Alcaide môr dos Paços, e Casas Reaes; tinha passado a servir à India, donde voltou por morte de seu irmão para succeder na Casa: morreo no anno de 1641 em vida de seu pay. Casou com D. Magdalena de Vilhena, filha de Henrique de Sousa, I. Conde de Miranda, e da Condessa Dona Mecia de Vilhena; e tiverão os filhos seguintes: ⵘ 19 GONÇALO PIRES CARVALHO, que succedendo no officio da Casa de seus progenitores, não casou por morrer moço. Teve em Dona Marianna Coutinho, mulher nobre, a D. ANTONIO DE SANTA HELENA, Conego Regrante de Santo Agostinho, que foy bautizado na Igreja da Encarnação de Lisboa a 18 de Janeiro de 1656. Foy Prior de Grijó, e de S. Vicente de Fóra, e teve outros lugares na Religião: foy Consultor da Bulla da Cruzada; Religioso grave, e de hum candido coração, e huma natural affabilidade. Faleceo a 8 de Janeiro do anno de 1735. ⵘ 18 JOAÕ CARVALHO, que foy Religioso da Companhia. ⵘ * 18 HENRIQUE CARVALHO E SOUSA, com quem se continúa. ⵘ 18 LOURENÇO PIRES CARVALHO foy Porcionista do Collegio Real de Coimbra, em que entrou a 16 de Outubro de 1657,

Doutor em Canones, Chantre da Sé do Porto, e na meſma Cidade foy Deſembargador dos Aggravos, e Juiz da Coroa; e na de Lisboa Deſembargador dos Aggravos, e Arcediago de Santarem na Cathedral da meſma Cidade, Deputado da Meſa da Conſciencia, e Ordens, de que tomou poſſe a 15 de Mayo de 1676, Deputado da Junta dos Tres Eſtados, Sumilher da Cortina delRey D. Pedro II., que no anno de 1692 o nomeou Biſpo de Lamego, que naõ aceitou: encarregoulhe o Regimento dos novos direitos, e outros que fez: ſervio de Provedor das obras do Paço na menoridade de ſeu ſobrinho: foy Commiſſario Geral da Bulla da Cruzada, de que tomou poſſe a 27 de Novembro de 1694, em que trabalhou muito, como ſe vê nas Obras, que imprimio, em dous Tomos: *Quæſtiones ſelectæ duodecim de Bulla Sanctæ Cruciatæ*, impreſſo em Lisboa em 1698. *Epithome das Indulgencias, e Privilegios da Cruzada, com addicções*, impreſſo no anno de 1697. Compoz mais: *Enucleationes Ordinum Militarium, &c.* dous Tomos, impreſſos no anno de 1693. *Razoens offerecidas pelo Illuſtriſſimo Senhor Arcebiſpo de Evora, ſobre o naõ haver de applicar as penas pecuniarias, e as commutações de degredos, à Bulla da Santa Cruzada. Repoſta a ellas por parte da Cruzada*, impreſſo no anno de 1695; e deixou muitas outras Obras adiantadas, que ſe naõ imprimiraõ, e feraõ hum eterno teſtemunho da ſua litteratura, e applicaçaõ. ☰ 18 D. Mecia de Vilhena caſou com Chriſtovaõ de Mello,

lo, Porteiro mór da Casa Real, Capitaõ de huma das Companhias da Guarda Real, Alcaide mór de Serpa, Commendador de Algodres na Ordem de Christo, e da de Serpa na de Aviz: servio na guerra, e foy Capitaõ de Cavallos, e se achou no soccorro de Elvas no anno de 1659, Governador, e Capitaõ General de Mazagaõ; e tiveraõ os filhos seguintes: ⩶ 19 LUIZ DE MELLO, que foy Porteiro mór, e teve a mais Casa de seu pay: morreo sem casar, e teve illegitimo a FR. FRANCISCO DE MELLO, Religioso da Ordem dos Prégadores. ⩶ 19 FRANCISCO DE MELLO, que morreo moço a 23 de Agosto de 1667, sem estado. ⩶ 19 D. FRANCISCA DE VILHENA casou com D. Francisco de Castro, Almirante de Portugal, &c. e a sua illustre descendencia deixámos referida no Capitulo XV. do Livro XI. pag. 288. ⩶ 18 D. FRANCISCA DE VILHENA, Religiosa Carmelita Descalça no Mosteiro de Carnide, junto a Lisboa. ⩶ 18 D. CAMILLA DE VILHENA, Religiosa no Mosteiro de Santos, da Ordem de Santiago. ⩶ 18 D. IGNEZ DE VILHENA, Religiosa no dito Mosteiro, de que foy Commendadeira, nomeada no anno de 1692. Faleceo em Janeiro de 1722 com mais de cem annos de idade. ⩶ 18 HENRIQUE CARVALHO E SOUSA por morte de seu irmaõ succedeo na sua Casa, foy Provedor das obras do Paço, Senhor da Villa da Azambugeira, e dos Morgados de Patalim, Commendador de S. Pedro de Aguiar na Ordem de Christo: morreo infelicemente em huma pendencia.

dencia. Casou com D. Helena de Tavora, filha de Martim Affonso de Oliveira, Morgado de Oliveira, como dissemos no Capitulo XIII. §. II. do Livro XI. pag. 237.

CAPITULO VI.

De D. Antonio de Castro, IV. Conde de Monsanto.

16 COmo primogenito de D. Luiz de Castro, e de D. Violante de Ataide, Senhores da Casa de Monsanto, lhe succedeo D. Antonio de Castro, que foy IV. Conde de Monsanto por merce delRey D. Filippe II. de juro, e herdade para sempre, por Carta de 23 de Outubro de 1582. Padeceo este Senhor diversos contratempos na sua vida; porque no reynado delRey D. Sebastiaõ o mandou prender rigorosamente no Castello de Lisboa pelo culparem, de que queria entregar a Fortaleza de S. Juliaõ da Barra aos Francezes: porém averiguada a verdade, e conhecida a sua innocencia, lhe restituîo a sua honra, e preeminencias da sua Casa. Entrou em Portugal ElRey D. Filippe II., e foy D. Antonio hum dos seus servidores para conseguir o Reyno, e elle o attendeo, fazendo-o Conde, como dissemos: porém depois padeceo outro contratempo, semelhante ao que acabamos de referir, por o criminarem, que tinha determinado

Torre do Tomb. Chancellaria delRey D. Filippe II. liv. 6. pag. 207.

minado entregar a sua Villa de Cascaes ao Prior do Crato, pelo que foy mandado para Castella com sua mulher, e filhos, onde esteve algum tempo, e nelle se purificou, e foy restituido à sua liberdade. Voltou para o Reyno, onde morreo em o anno de 1602. Casou com a Condessa Dona Ignez Pimentel, com quem fundou o Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade da Villa de Cascaes no anno de 1594: foy Senhora de grande virtude, e della faz mençaõ a Chronica dos Carmelitas Descalços. Era filha de Martim Affonso de Sousa, Senhor do Prado, e Alcoentre, Governador da India, e de sua mulher D. Ignez Pimentel, filha de Arias Maldonado, Senhor de Avedilho, Commendador de Elches, e de D. Joanna Pimentel, irmãa do I. Marquez de Tavera; e tiveraõ os filhos seguintes: ⵌ 17 D. LUIZ DE CASTRO, V. Conde de Monsanto, que occupará o Capitulo VII. ⵌ * 17 D. MARTIM AFFONSO DE CASTRO, adiante. ⵌ 17 D. ALVARO DE CASTRO, que morreo em Castella. ⵌ * 17 D. MARTIM AFFONSO DE CASTRO foy Commendador da Alcaçova de Santarem, e de outras na Ordem de Aviz, General das Galés deste Reyno, e Vice-Rey da India, XIX. dos que tiveraõ este grande posto. Casou com D. Margarida de Tavora, Dama do Paço, filha de Alvaro de Sousa, Capitaõ de Chaul, Commendador de S. Pedro de Torrados, e de S. Joaõ de Sifaens na Ordem de Christo, e Senhor do Morgado de Alcube; e de sua mulher Dona Francisca de Tavora, irmãa do I. Marquez

Chronica dos Carmelitas Descalços, tom. I. liv. 2. cap. 18. pag. 334.

Faria, *Asia*, tom. 3. part. 2. cap. 8. pag. 166.

quez de Castello-Rodrigo, Vice-Rey de Portugal, do Conselho de Estado, Estribeiro môr, e Valído delRey D. Filippe II.; e tiveraõ os dous filhos seguintes: ⵘ 18 D. Jorge de Castro, que succedeo na Casa, e Commendas de seu pay, e morreo moço no anno de 1622. ⵘ 18 D. Francisca de Tavora, que casou com Fernando Telles de Menezes, IX. Senhor, e I. Conde de Unhaõ; e esta illustrissima uniaõ deixámos referida a pag. 317 do Tomo V.

CAPITULO VII.

De D. Luiz de Castro, V. Conde de Monsanto.

17 SUccedeo no anno de 1604 por morte do Conde D. Antonio de Castro em toda a sua grande Casa seu filho primogenito D. Luiz de Castro, e foy V. Conde de Monsanto, Senhor de Cascaes, Lourinhãa, Reguengo de Oeiras, Castello-Mendo, Povoa delRey, Villa-Franca, Boca, Cova, S. Lourenço do Bairro, e seus Padroados, do Reguengo delRey, e outras terras, Alcaide môr de Lisboa, Fronteiro môr, Couteiro môr, e Coudel môr. A representaçaõ da sua Casa, a prudencia, e partes, de que se adornava, dignas de hum taõ grande Senhor, o inculcaraõ para o Conselho de Estado, que exerceo com tanto acerto, que estando nomeado Presidente do Desembargo do Paço, morreo em Janeiro

Janeiro de 1612. Casou com D. Mecia de Noronha, que faleceo a 24 de Novembro de 1615, filha de D. Antonio de Noronha, que no anno de 1571 foy nomeado Vice-Rey da India, onde tinha feito grandes serviços, e de sua mulher D. Francisca de Noronha; e tiveraõ os filhos seguintes:

18 D. Alvaro Pires de Castro, VI. Conde de Monsanto, I. Marquez de Cascaes, &c. e da sua pessoa, e esclarecida posteridade deixámos feito memoria no Livro III. Capitulo VIII. pag. 540 do Tomo II., a que agora accrescentaremos, que Dom Manoel de Castro, III. Marquez de Cascaes, VII. Conde de Monsanto, faleceo a 29 de Agosto de 1742; e foy seu successor D. Luiz de Castro, que foy IV. Marquez de Cascaes, X. Conde de Monsanto, que casou a 20 de Setembro de 1738 com Dona Joanna Perpetua de Bragança, como escrevemos no Livro VII. Capitulo XIX. pag. 506 do Tomo VIII., o qual morreo a 14 de Março de 1745, sem que desta esclarecida uniaõ houvesse filhos. Teve o Marquez Dom Luiz illegitimo a D. Joseph Estanislao de Castro, pelo que a Casa de Cascaes passou a sua irmãa Dona Maria Joseph da Graça de Noronha de Castro, Marqueza do Louriçal, mulher de Dom Francisco de Menezes, II. Marquez do Louriçal, VI. Conde da Ericeira, filho de D. Luiz de Menezes, I. Marquez do Louriçal, V. Conde da Ericeira, &c. e de sua mulher a Condessa Dona Anna de Rohan, de quem tratámos a pag. 578 do Tomo V.,

a que agora accreſcentaremos, que ſendo o Marquez Dom Luiz mandado ſegunda vez por Vice-Rey do Eſtado da India, para onde partio de Lisboa a 7 de Mayo do anno de 1740, depois de huma dilatada, e trabalhoſa viagem, deſembarcou em Goa a 13 de Mayo do anno ſeguinte: e quando ſe via com o ſeu governo reſpirar o Eſtado dos grandes trabalhos, em que ſe vira; porque com felicidade reſtaurou a Provincia de Bardés, deſaſſombrando a Ilha de Goa, obrigou a lhe pedir a paz o Bonſuló, conhecido pelo nome de *Queima Santos*; elle lha concedeo por hum Tratado muy ventajoſo ao Eſtado, e de grande gloria do Marquez, que ſe aſſinou em Goa a 11 de Outubro de 1741: e quando ſe achava occupado nos importantes cuidados de rebater os inimigos do Eſtado, lhe fizeraõ eſtes huma entrada pela Provincia de Salſete, a cuja expediçaõ mandou o General Manoel Soares Velho, de quem tinha largo conhecimento, e bem merecido conceito, dandolhe as inſtrucções, do que havia de obrar, o qual felizmente triunfou dos inimigos, conſeguindo huma glorioſa vitoria. Achava-ſe neſte tempo o Marquez Vice-Rey com hum leve ataque da gotta, a qual ſe aggravou de ſorte, que em curta doença lhe tirou a vida, e morreo a 12 de Junho de 1742. Foy grande a conſternaçaõ daquella Cidade, e em toda a parte muy ſenſivel eſta noticia; porque foy o Marquez D. Luiz Varaõ grande, ornado de excellentes virtudes, que nos faraõ ſempre ſaudoſa a ſua memoria; porque à ſua grande peſſoa deve-

devemos por largos annos huma especial merce, livre dos rebuços da affectaçaõ; a affabilidade do seu genio soube fazer amavel, com leve trato, a sua pessoa, que agora vemos eternisada no Epitome da sua Vida, que com a admiravel eloquencia da sua estimadissima penna escreveo o Padre D. Joseph Barbosa, e se imprimio no anno de 1743.

⁐ 18 D. FRANCISCO DE CASTRO, que no anno de 1618 passou à Italia por se achar presente em Cascaes a huma cutilada, que se deu no Corregedor de Torres Vedras, a quem elle havia dado com huma bengalla, e lá morreo, sem estado, e naõ teve successaõ. ⁐ 18 D. RODRIGO DE CASTRO, que morreo moço. ⁐ 18 D. FRANCISCA DE NORONHA, que foy Commendadeira do Mosteiro da Encarnaçaõ de Lisboa, da Ordem Militar de S. Bento de Aviz, lugar em que succedeo a sua tia. ⁐ 18 D. JOANNA DE NORONHA, Freira no dito Mosteiro, onde foy tambem Commendadeira. ⁐ 18 DONA ANNA, D. GUIOMAR, e D. VIOLANTE, todas Freiras no referido Mosteiro.

F I M.

Freira em Lorvaõ. do Louro.

XII

I. D. Francisco de Eça, Embaixador delRey D. Manoel a Castella. Casou com D. Grimaneza Casco, filha de Nuno Casco. *Taboa XX.*

I. D. Christovaõ de Eça, Clerigo. *Taboa XX.*

I. D. Maria de Eça casou com Joaõ Fogaça, Védor da Casa delRey D. Joaõ II.

I. D. Jeronymo de Eça, do Conselho delRey D. Manoel; no anno de 1514 casou com D. Maria Tibao, filha de Affonso Tibao, Cidadaõ honrado de Lisboa.

XIII

Maria de ... D. Mecia ..., Freiras ... Mosteiro de ... de Lis-

D. Garcia de Eça, ✠ S. G.

D. Fernando de Eça, ✠ moço, S. G.

Dona Isabel de Eça casou com Lourenço de Sousa da Syl-

D. Catharina de Eça, Freira em Lorvaõ, da

D. Joanna de Eça, Freira na Esperança

D. Pedro de Eça casou com D. Maria de Sousa, filha de Vasco [illegible] Real, Vedor da Casa del Rey D. Manoel, [illegible] mór de Tavira.

D. Diogo de Eça casou com D. Leonor de [illegible], filha de D. Jeronymo de [illegible]. II. com D. [illegible] Henriques, filha de Joaõ de Mendoça Arraes. S. G.

D. Joanna de Sousa casou com D. Jeronymo de [illegible], [illegible] vedor foy Freira na Esperança de Lisboa.

D. N. N. [illegible]

I. D. Pedro de Eça, foy [illegible] de 1538 [illegible] Casou com D. Isabel de [illegible], filha de Joaõ de Mendoça.

II. D. [illegible] de 1538. S. G.

I. D. Maria de Eça casou com [illegible] de Mendoça [illegible] Arraes [illegible]

D. Pedro de Eça, filho terceiro de Dom Fernando, Senhor de Eça, e de [illegible] Alcaide mór de Moura, de [illegible] em 1494. Casou com [illegible] Castro, filha de [illegible]

D. Henrique de Eça, que [illegible] S. G.

[illegible] D. Fernando de Eça, [illegible] Senhor de Moura [illegible]

D. Fernando de Eça, [illegible] Governador de [illegible]

D. Francisco de Eça casou com D. Maria de [illegible], filha de Jorge [illegible] Commendador de [illegible] Ordem de [illegible]

D. Joaõ de Eça [illegible]

D. Anna de Eça [illegible] Manoel de Sousa.

D. Pedro de Eça [illegible]

D. Joaõ de Eça [illegible]

[illegible] Governador [illegible]

INDEX

DOS NOMES PROPRIOS, APPELLIDOS, e cousas notaveis.

O numero denota a pagina.

A

D.

D. An-

B

C

D

D. Dio-

Duarte

E

de

dor

G

H

D. Hen-

I

Dona

Lourenço

D. Isa-

lher

M

D. Mag-

Mala gon

D. Ma-

Robles,

Nasau

N

Epitafio,

D. Pe-

Requena

S

Sever

T

Vagos

U

X

Xysto

Erratas,

Pag.	lin.	*Erratas*,	*Emendas.*
138	21	*Pues asim me habla? fuera de Palacio*; tornou o Duque, lhe responderey	*Pues a si me habla? Fuera de Palacio* (tornou o Duque) *le responderè*,
186	6	Mottero	Mosteiro
208	15	D. Margarida de Menezes e Vasconcellos	D. Maria de Menezes e Vasconcellos.
339	15	Cogûla de S. Fernando	Cogûla de S. Bernardo
350	3	Purtugal	Portugal
394	no fim	Rinha	Rainha
436	1	Vincente	Vicente
442	24	Reliosa	Religiosa
452	24	Gonernador	Governador
462	18	Mayalde	Albayde.
470	6	Giomar	Guiomar
505	8	CAETANA MARGARIDA	CATHARINA MARGARIDA
740	4	FERNARDO	FERNANDO
813	10	D. Joanna de Menezes	D. Anna de Menezes
840	ult.		onde diz a pag. 387 se de deve accrescentar do Tomo X.
842	22	D. M ria de Castro	D. Maria de Castro do Rio
ibid.	27	D. Maria do Rio	D. Maria de Castro do Rio
845	22	Joaõ Fernandes de Vasconcellos	Joaõ Rodrigues de Vasconcellos
851	3	D. Rodrigo de Castro	D. Rodrigo da Costa
770	23	Cpitulo	Capitulo
881	11	D. Francisco Coutinho, V. Conde de Redondo	D. Francisco Coutinho, VI. Conde de Redondo
ibid.	22	D. Violante de Lencastre	D. Violante Henriques